4 vols.
2/VII/68 S/J/O

Borba Moraes, Bibl. Brasil I, 273
Inocencio I, 145
Pinto Mattos p. 277 "Raras vezes se encontram os 4 vols reunidos e bem conservados"
Azevedo Samodães 1288

Conforme

IMAGEM
DA
VIRTUDE
EM O NOVICIADO DA COMPANHIA
DE
JESUS
DO REAL COLLEGIO DO ESPIRITO
Santo de Evora do Reyno de Portugal.

Na qual se contem a fundaçam desta Santa Casa, a vida de seu Fundador, & mais pessoas de virtude, que nella [illegible] viveram, ou [illegible]

OFFERECIDA

A VIRGEM SENHORA
DOS
MARTYRES
NA SUA DEVOTISSIMA IMAGEM, QUE SE VENERA
na Capella grande do mesmo Noviciado de Evora, [illegible]
[illegible] Lanças.

PELO PADRE ANTONIO FRANCO
da Companhia de JESUS, que foy Noviço, & Mestre na mesma Casa.

LISBOA,
Na Officina Real DESLANDESIANA.

M. DCCXIV.
Com todas as licenças necessarias.

Miguel Osorio
Lisboa

IMAGEM DA VIRTUDE

EM O NOVICIADO DA COMPANHIA DE

JESUS

DO REAL COLLEGIO DO ESPIRITO Santo de Evora do Reyno de Portugal.

Na qual se contèm a fundaçam desta Santa Casa, vida de seu Fundador, & mais servos de Deos, que nella, ou foraõ Mestres, ou Discipulos.

OFFERECIDA

A' VIRGEM SENHORA DOS

MARTYRES

NA SUA DEVOTISSIMA IMAGEM, QUE SE VENERA na Capella grande do Santo Noviciado de Evora, copia da que pintou S. Lucas.

PELO PADRE ANTONIO FRANCO da Companhia de JESVS, que foy Noviço, & Mestre na mesma Casa.

Braga Mostr.º de Roriz.

LISBOA,
Na Officina Real DESLANDESIANA.

M. DCCXIV.

Com todas as licenças necessarias.

A' VIRGEM SENHORA DOS MARTYRES

NA SVA DEVOTISSIMA IMAGEM,

que se venera na Capella grande do Santo Noviciado de Evora, copia da que pintou S. Lucas.

SERIA ingratissimo, Virgem Mãy, se vos naõ apresentasse, & offerecesse este meu limitado trabalho, o qual sòmente pelas muytas imperfeyçoens, de quem o escreveo, he todo meu, no demais he todo vosso; pois as muytas, & grandes virtudes, que aqui se referem, naõ saõ outra cousa mais, que effeytos de vossas celestiaes influencias. Ao vosso bafo nacèram na Religiaõ, & neste paraiso ao vosso bafo se creàram estes, & outros muytos servos em tudo vossos. Nesse livro de vida, que tendes em vossos braços, aprendèram as heroicas virtudes, com que enriquecèram suas ditosas almas, acreditàram a Cõpanhia, santificàram esta morada de Santos, & propagàram vossas glorias, & as de vosso Santissimo filho, por quem muytos deraõ o sangue das veas, & o desejàraõ dar todos. Cõ razam vos damos o glorioso nome, & titulo de Senhora dos Martyres, nam sò porque de todos sois vòs a Rainha, mas porque esta vossa Imagem, em si tam primorosa, & de tam singular devoçam, foy pintada pelo ditoso Irmaõ Joaõ Mayorga, & dada a esta casa pelo bem afortunado Padre Igna-

cio de Azevedo, que ambos derramàram seu sangue, & deraõ suas vidas em testimunho da Fè, que hiam prègar ao Brasil. A' vossa sombra se creàram nesta casa tantos Martyres, quantos aqui vos offereço, & esperamos, que ainda se ham de crear muytos mais, para gloria immortal desta vossa escola, & magisterio. Por tanto Virgem Senhora com aquelles beneficos olhos, com que atè vedes, o que nam he tanto do vosso agrado, como foram estes vossos servos, aceytai esta offerta de hum Noviço da mesma casa, & discipulo da mesma escola, ainda que nam soube tomar as liçoens, que vòs lhe destes, como estes, cujas vidas vos offerece. Aquella benignidade, com que sofrestes os meus defeytos, em quanto andei nesta escola, espero, dissimularà os da obra, a quem eu nam quiz, nem era bem quizesse outro abrigo, & patrocinio mais que o vosso: os humanos todos saõ falidos, sem suco, & enganosos; o vosso sempre nos enche de bem fundadas esperanças, & eu as tenho muyto firmes, de q́ com a liçaõ destas vidas se haõ de mover muytos a vos amar, & servir, para experimentarem em si a efficacia do vosso magisterio: nem eu posso ter outro mayor, & melhor premio do meu trabalho.

Vosso inutil, & indigno escravo

Antonio Franco.

PROLOGO
AO LEYTOR.

SEguindo o costume de todos os Escritores, os quaes no principio de suas obras dam noticia, aos que as ham de ler, de tudo, quanto nellas ham de tratar, & apontam as razoens, que tiveram para as emprender, quero tambem informar ao Leytor. Dandome a santa obediencia a occupaçaõ de Mestre dos nossos Irmãos Noviços em o nosso Collegio de Evora, tomei por devoçam especial, gastar as horas, q̃ as obrigaçoens da occupaçam me deyxavam livres, em ajuntar vidas de homens virtuosos desta nossa Provincia, & as reduzir a hum corpo, para que se nam viessem a perder com os manuscritos, em que andavam dispersas. Tive nisto grande trabalho, & nam era o menor descobrir semelhantes papeis. Foy Deos mostrando, que se servia da minha diligencia, porque o trabalho começou a luzir, & a avultar mais, do que eu ao principio imaginàra, vindome à mam, quando menos o esperava, boa copia de noticias, & conhecimento de outras, que ou se perdèram, ou estam, se existem, sepultadas debayxo do pò em algum canto. Para mais segurar tam preciosas memorias, quaes sam em todas as Religioens as virtudes dos antepassados, mandava aos meus Noviços nas horas desoccupadas tresladar os manuscritos, q̃ eu hia ajuntando, & escrevendo, para que sendo muytos os manuscritos das mesmas vidas, ficasse mais firme a sua conservaçam; considerando tambem, que por este modo se poderia despertar a devoçam de algum Religioso, para as escrever, & dar a luz; porque quando a terra està cortada, & aberta, nunca falta, quem a queyra fabricar, & mais, quando entende, que he certo o fruto do seu trabalho, como sempre o he na liçam das acçoens virtuosas dos antepassados, que sam humas vivas exhortaçoens a todos os q̃ as lem, animando-os a ser, como elles foram, & reprehendendo-os de nam serem os que devem ser.

Com tudo vendo eu, o quanto tinha crecido, & hia crecendo, com o favor de Deos, o meu trabalho, me resolvi ao dispor em fòrma, que fosse de muyto agrado, & proveyto espiritual aos nossos Irmãos Noviços, dividindo em diversos tomos estas vidas pelos Noviciados, em que os servos de Deos, de que escrevia, tinham entrado na Companhia, ou passado alguma parte dos seus dous annos; para que vendo cada hum as virtudes dos santos varoens, que nas mesmas casas se tinham creado, lhes cobrasse a ellas amor, & á sua Religiam, & procurasse de ser em sua vida, quaes foram seus antepassados, confundindo-se muyto de nam ser santo, vivendo entre paredes tam santas, & santificadas por tantos homens de tam eminentes virtudes. Tomada esta resoluçam, dispuz a obra debayxo do titulo de Imagem da Virtude em cada hum dos tres Noviciados desta nossa Provincia, fazendo huma parte sobre o Noviciado de Evora, outra sobre o de Lisboa, & duas sobre o de Coimbra, que sam as mais avultadas em volume, & varoens assinalados, porque alèm de outras, contèm as vidas dos primeyros Padres, & Martyres desta provincia, por ser aquelle santo Collegio o

berço,em q̃ ella nasceo,& se creou,& o seu Noviciado o mais antigo,& numeroso. Expedi em primeyro lugar esta parte do Noviciado de Evora, porque a boa razam dicta, que cada hum se mostre agradecido,& pague em primeyro lugar,a quem primeyro,& a quem mais deve.

Nesta sãta casa me fez Deos o singularissimo favor de me cõtar entre os filhos desta sua amada Companhia. Nella fuy Noviço a mayor parte dos dous annos, nella companheyro do Mestre, & nella finalmente Mestre dos Irmãos dos Noviços. He no edificio, & numero dos habitadores o mais pequeno dos tres Noviciados, mas tem sido muyto fecundo de homens virtuosos, como se verà desta obra. Bem sei,que com naõ ser pouco, o que nella se refere,em comparaçam do que ouve, naõ imagino ser muyto,porèm o meu trabalho naõ pode ajuntar mais, & apenas sey,como ajuntei tanto,sendo geral em todas as Religioens o muyto descuydo em apontar,& conservar as santas memorias dos seus antepassados: digo isto,porque sempre,que leyo suas historias,acho como por frontispicio esta queyxa,de que a nossa Companhia,sendo em outras materias de letras, & sciencias tam perfeyta,sabia, & cuydadosa, de todo se nam pode livrar,como entre nòs he notorio,desculpando tal vez este descuydo, com o que o historiador Romano desculpou o dos seus antigos,dizendo, que sò tratavam de obrar as cousas,& nam de as escrever.

Divido esta obra em quatro livros. No primeyro se contèm a origem desta casa,o seu material,& o mais que nella ha digno de se saber, a vida do Cardeal Rey seu Fundador,& as de alguns Padres, que aqui tiveram officio de Mestres dos Noviços,pois elles foram em Christo pays dos outros, razam he, lhes demos o primeyro lugar. No segundo se contèm as vidas de muytos Padres,& Irmãos,que deram seu sangue pela Fè, padecendo martyrio glorioso, & tambem as memorias de outros, que feytos victimas da caridade morrèram servindo em contagios,& outras doenças malignas. Advirta o Leytor, que os outros Martyres da Companhia nossos Portuguezes,que naõ vam nesta,& nas outras partes, naõ foram Noviços nesta Provincia,ainda que sejam da mesma naçam,porque fiz em averiguar este ponto todas as boas diligencias. No terceyro, & quarto livro se referem as vidas de grandes servos de Deos, que com suas virtudes nos honràram, & edificàram. No fim do quarto livro ajunto hum como Catalogo de todos os Padres,que aqui foram Noviços, & compuzeram livros, & ainda algum breve tratado,que imprimiram. O mesmo faço nas outras partes, para que de algum modo se veja,quam illustre tem sido em virtudes, & letras esta nossa Provincia.

Quanto nesta obra escrevo,ou he recolhido de livros impressos,& he o menos,ou de manuscritos fidedignos,que se guardam em nossos cartorios, ou em cubiculos especiaes,das cartas,& relaçoens da India, & semelhantes papeis; ou he recolhido das noticias, que me deram homens veridicos, particularmente nas vidas,q̃ escrevo de homens do meu tempo,que todas sam trabalho meu,porque inquirindo dos que os tratàram, & conhecèram suas cousas, as ajuntei, & reduzi a hum corpo. Algumas destas vidas jà andam impressas em outros escritores, mas quem aqui, & nelles as ler, acharà estas totalmente diversas por muyto acrecentadas.

Resta agora pedir,a quem esta obra ler, que releve os defeytos do estylo,que para o intento,que tive de se lerem com edificaçam, & ficarem em memoria as virtudes de nossos Padres,& Irmãos,he o sufficiente, ainda que nam seja,o que ellas em si merecem.Os que à maneyra dos appetitosos, que sò se pagam nas iguarias de temperos, & adubos exquisitos, se

lembrem,

lembrem, que nos livros, que tratam de virtudes, se olha mais para estas, em que està a substancia, que para as palavras, com que se escrevem, q̃ nam passam de accidentes: pois vemos, que as historias mais sagradas, quaes sam os Evangelhos, estam escritas com huma santa chaneza, tratando o Espirito Santo, que as dictou, de referir sòmente as virtudes do Senhor com palavras, que nem abundem, nem faltem, deyxando modos enfaticos, fantesias, reflexoens, allusoens, ditos, pensamentos, & discursos, que tal vez sam mais historia de quem escreve, do que das cousas que se escrevem.

Bem sei, que o Espirito Santo, que dictou as historias sagradas, pode dar, & deo àquella santa chaneza hũa força, & virtude occulta, a que nam chegam nem ainda as eloquencias mais profundas dos Santos Padres, como o experimentam as bemditas almas, a quem Deos na liçam dos livros santos se cõmunica. O mesmo Senhor, cuja mão nam està abreviada, se sirva de dar a estas minhas palavras parte da piedade, & virtude, que deo àquellas, para q̃ se leam, & ouçam naõ com o espirito de quem as escreve, mas com aquelle, com que obràram os Padres, & Irmãos, de quem se escreve. Aos nossos Irmãos Noviços, a quem offereço o meu trabalho em reconhecimento da hospedagem, que por mais de vinte annos me tem dado em os seus tres Noviciados, peço muyto, roguem a Deos me faça digno Irmaõ de tam santos Irmãos, & com esta nova Imagem, ou com outras tantas, quantas saõ as vidas, que este paynel representa, procurẽ naõ sò ornar as casas, em que se criam, mas os templos mais amados, & estimados de Deos, quaes sam suas almas.

Entretanto a todos sirva esta parte, como do Noviciado mais pequeno, do que queria o outro pintor servisse o dedo meminho do gigante, que sò pintou em o seu paynel, para conjectura da sua grandeza, q̃ alli nam tinha lugar. Verà bem o Leytor, que nam fallo com encarecimento, quando as outras partes sairem a luz; o que nam poderà ser tam depressa, como o meu desejo, pelo grande custo, que em Portugal fazem as imprensas, & por sermos os Religiosos da Companhia os mais destituidos de subsidios temporaes para os gastos, assim por nos nam podermos aproveytar de tenças, que naõ podemos ter os professos, como nem de estipendios por Missas, & prègaçoens que naõ podemos levar: mas Deos, em quem sò esperamos, que acodio com o preciso para esta parte, nam faltarà para as outras, pois sam igualmente ordenadas a mayor honra, & gloria sua.

PROTESTO DO AUTOR.

A Santidade do Papa Urbano Oytavo por ſeus decretos prohibio imprimirem-ſe vidas, milagres, martyrios, &c. ſem approvaçaõ, & conhecimento do Ordinario Depois explicou que nam ſejam elogios de Santos, ou Beatos, que cayam abſolutamente ſobre a peſſoa, ainda que ſe podem admittir, os ꝗ cahem ſobre os coſtumes, &c. Declaro, que em tudo, o que eſcrevo, me quero ajuſtar com o ſentido, em que a Santa Madre Igreja conſente ſemelhantes narraçoens, & modos de fallar, & explicar.

INDICE

DAS VIDAS, QVE SE CONTEM NESTA obra, o num. significa a pag.

Joaõ

INDICE

PELOS DIAS DOS MEZES, DOS VAROENS Illustres que se contèm neste tomo do Noviciado de Evora. Os que tem este final ✠ foram Martyres. Os que tem este C. morrérão servindo em Contagios. Aquelles, de que naõ consta o mes de sua morte, vam juntos no fim. O numero significa a pagina.

ERRATAS.

O paragrafo vem muytas vezes da pagina antecedente.

Pag.	*Paragr.*	*Regr. do paragr.*	*Errata.*	*Emenda.*
14	6	13	Meſtres	Martyres.
17	13	11	aviam	avia
18	14	4	elle	ella
22	7	5	tinha	tinham
32	8	1	em	ſem
48	7	15	lho deo para q́ o.	lha deo para q́ a
54	3	14	genta	gente
60	3	12	caldo	cabo
63	8	9	menina	minima
67	7	9	grandade	grande
ibid.	7	15	demais	tireſe o de
97	3	15	fes cuido	deſcuido
104	em toda eſta carta em lugar de Reverendiſſima ſe diga Reverencia			
107	4	4	entregou	entrou
110	7	19	hia	hiam.
ibid.	8	23	multiplicares	multiplicareis
126	3	9	ao ſe tire	o a
152	7	6	cara	caſa
158	na margem		25	23
160	12	15	ſuccedeſſe	ſuccede.
164	4	6	a elle	a ella
166	9	4	dos	do.
167	10	6	paaticava	praticava
174	9	17	eſſas	ellas
177	15	2	aos	os
180	19	10	que elle	do que elle
181	3	3	ſe ſupra ſuccedeo que o Padre Reytor tiveſſe ordenado ao enfermeyro.	
ibid.	3	5	chegara	chegaram
ibid.	3	5	couſa	cauſa
183	5	7	nam ter	nam ſer.
ibid.	5	18	ſeculares	& ſeculares
ibid.	6	1	deſpertador	deſprezador
ibid.	6	16	de que	como de que
184	8	37	morre	morrer
198	1	16	podiam	pediam
204	1	6	ſetima	oytava
ibid.	2	7	reſplendor	eſplendor
209.	12	7	cauſa	couſa.
ibid.	13	9	do Reytor	de Reytor.
211	16	10	a gente	tire-ſe o a
ibid.	17	21	podem	pedem.
212	19	9	vam	nam.
ibid.	19	12	em 25	em 15.
224	4	3	vireo	virem.

**

225	1	9	ham	ha.
226	3	11	mortos	outros.
229	8	5	por diante	tirese por
232	4	6	preciza	precioſa,
233	5	21	eſcrevaſe	Biſpo?
ibid.	6	13	menos	menor
235	9	21	digaſe	Borba; bem.
244	10	5	veſſem	tiveſſem.
256	1	5	eſclarecidas	eſclarecida
269	3	20	maria	materia
290	no titulo do Capitulo		o dia	odio
ibid	10	22	ſignifica	ſignificam
300	13	1	coſtume	coſtumes.
304	25	3	Ratavia	Batavia,
ibid.	25	22	ſegurar	ſe curar
305	26	17	Tanquin	Tunquin
311	13	6	ſo	ſã
ibid.	14	1	maravilha	maravilhas.
317.	8	8	miſterios	miniſterios.
319	14	7	abraçar	abrazar
323	6	3	loducentos	lodacentos
327	1	2	que teve	tireſe o que
328	4	10	julgavam	julgaram
			ſua	de ſua
335	21	3	an	na.
341	12	9	1520	1580
342	1	na margem	cinco	quatro
349	4	2	a caridade	com a caridade
351	11	9	Anjo	o ſeu Anjo
357	1	4	Ferreyra	Ferrer.
369	no titulo do Capitulo		24 de Mayo	de 1596
ibid.	na margem ſe diga		algum	em algum
373	10	9	& porque	diz aſſim: & porq
ibid.	10	8	4	14
ibid.	9	5	eſpaciozo	eſpaçoſo
375	16	3	humide	humilde
376	18	4,& 7	teemos	termos
382	3	18	Arcebiſpo	Arcediago
421	11	3	mudaſſe	mandaſſe
422	17	4	o Arcebiſpo	ao Arcebiſpo
426	8	7	Que com	para que com
435	2	2	tinha	tinham.
437	9	11	eſcudos	eſtudos
449	5	8	aſſim	aſſima
456	2	9	cartar	carta
469	8	15	reſide	reſidia
473	6	3	podem	podiam
ibid.	7	2	diga-ſe	dava ſinal
476	7	3	eſcreveo	eſcrevo.
482	14	17	fortuna	a fortuna
483	20	3	prender	a aprender
489	16	2	miſſionario.	miſſionarios
492	7	3		

Pag.	Paragr.	Regr. do paragr.	Errata.	Emenda.
499	8	5	recebera	receber
5·6	1	2	defejava	deſeja.
5·9	10	2	como	como com
511	3	3	diga ſe	foſſe experimentado
ibid.	3	8	Deos	de Deos.
ibid.	4	2	deſte	deſta
517	12	4	riſque-ſe	os
518			na margem ſe diga	22 de Agoſto
ibid.	2	3	diga-ſe	quando entrou
519	5	6	adqueado	adequado
521	13	4	Brama	Brumà
ibid.	13	8	ajuntamos	ajuntarmos
522	15	12	Xive	Xiva.
527	7	7	cantar	canſar.
ibid.	7	19	nem	nam.
528	12	4	tinha	tinham.
534	13	3	dellas	delles.
536	20	10	Sacerdote	o Sacerdote
537	23	4	roupia	roparia
544	9	5	nellas	nelles.
563	5	7	que elle concupon	q́ nelle occupou
568	4	4	Inſinuava	enſinava
580	6	8	diaia	dizia.
590	15	14	com o	como o
592	19	6	mataro	matar
597	13	18	con'arv	contava
610	6	11	braçoa	braços
611	11	6	diſſo	diſſe
612	no titulo do Capitulo		nconteceo	aconteceo
619	10	1	viſto	iſto
631	3	5	certos	certas
654	9	5	diga-ſe	O Irmaõ Antonio Luis
656	2	7	diga-ſe	entraram em Religiam
ibid	3	7	converſam	converſaçam
657	4	17	vayle	vayſe
660	14	13	Lombardor	Lombardos.
662	No titulo do Capitulo		trabalhar	trabalha
ibid.	1	5	aos	os
671	8	2	allou	fallou
674	18	18	quem	que
679	1	4	filhos	filho
682	11	10	fear	ficar
685	17	10	minha	linha
686	20	3	nagora	agora
691	6	10	diverſos	diverſas
692	10	16	prezentou	prezente ou
695	6	7	os deus pontos ham de ſer antes da palavra Xarangandi, & naõ depois.	
696	9	14	manifſtar	manifeſtar
ibi	9	19	qetaçam	quietaçam
ibi	9	16	outrina	doutrina
698	15	10	roſtoa,legre	roſto alegre.

** 2

Pag.	Paragr.	Regr. do paragr.	Errata.	Emenda.
699	15	12	ai	ei.
ibid.	16	1	cobarram	cobraram.
ibid.	17	6	am	tam
ibid.	17	7	eſtudo	ſe tudo
712	3	10	canſavam	cauſavam
727	5	7	dous	os dous.
739	5	4	grades	grandes.
747	11	10	ſe diga	por minima que foſſe
762	9	14	proceder	por ceder
763	no titulo	do Capitulo	virtude	caridade
772	1	20	que devia	que naõ devia.
775	9	11	gaſtando	goſtando.
780	1	12	tireſe	ſe
791	14	12	obrarà	obraria
ibid.	15	10	Fundador	Fundadora
792	18	20	a ter	ter
796	2	7	vive	viveo
800	2	1	Porque	Pera
801	6	15	e	como
806	24	1	em ia	em dia
808	26	18	tinha	tinham
810	6	8	de que era	de que naõ era
813	7	11	encomenda	encomendava
828	16	7	devoçam	devera.
ibid.	16	16	& como	o como
835	8	6	perſuadindo	perſuadido.
ibid.	ibid,	14	parentes	preſentes
855	2	13	dizendo	dando.

ALGUNS LUGARES, QUE SE ACHARAM DEFEITUOSOS, ſe corrijam pelo modo ſeguinte para a boa certeza da hiſtoria.

PAg.2. §.2.reg. 17. & 18. *que eſtavam na rua da Meſquita, onde hoje he o Collegio da Madre de Deos*; ſe diga: que eſtavam, onde hoje he a Miſericordia. Porq iſto he o certo, como por papeis antigos ſem duvida, tenho na 1. part.do 1. ſeculo da Companhia neſta Provincia livro 5. tratando da fundaçam do Collegio de Evora.

Pag.21.§.6.regr.2. ſe diga: Aſſiſtente por eſtas Provincias de Portugal o Padre Antonio do Rego, que ſuccedeo ao Padre Franciſco de Almada.

Pag.98. §.3. no fim, tirem de todo eſtas palavras: *Logo deo ordem a ſe levantar huma Igreja com a invocaçam de São Paulo, por reſpeyto do novo Governador Paulos Dias.*

Pag.157.§.6.regr.5. ſe tirem eſtas palavras: *Bem conhecida pela grande victoria que junto della alcançàraõ as armas Portuguezas desbaratando a D. Joaõ de Auſtria, filho del-Rey Filippe Quarto de Caſtella.*

Pag. 881. ſe tire a repetiçaõ da memoria do Padre Sebaſtiaõ Gonçalves.

LICENÇAS
DA ORDEM.

MAnoel Dias da Companhia de Jesu, Preposito Provincial na Provincia de Portugal, por particular concessaõ, que para isso me foy dada do nosso muyto Reverendo Padre Miguel Angelo Tamburino Preposito Geral da mesma Companhia, dou licença para que se possa imprima o livro intitulado: *Imagem da Virtude no Noviciado da Companhia de Jesu do Real Collegio de Evora*, & cõposto pelo P. Antonio Franco da mesmir Companhia o qual, foy appro vado, & examinado por Pessoas graves, & doutas della; & por verdade dei esta assignada cõ o meu sinal, & sellada com o sello de meu officio. Dada em Lisboa aos 30. de Janeyro de 1709.

Manoel Dias.

Do Santo Officio.

APPROVAÇAM.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr mandado de Vossa Illustrissima li o livro intitulado, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesu do Real Collegio de Evora*, Author o Muyto Reverendo Padre Mestre Antonio Franco da mesma Companhia. He esta obra digna de toda a estimaçam, por ser a materia de que trata as vidas dos Homens insignes em letras, & virtudes, que neste Collegio tiveraõ, ou deraõ educaçaõ, dos quaes muytos tendo com virtuosos exemplos edificado os seus naturaes passáraõ a regioens estranhas, & depois de fazerem grandes serviços a Deos regàram com o seu sangue o ameno Jardim da Igreja, donde cortando gloriosas palmas para o seu triunfo, adornam ainda hoje com ellas a Casa donde foraõ filhos: de que tanto tem que se gloriar o Noviciado de Evora, que na verdade bem desempenha o titulo de Imagem da Virtude, porque foraõ seus filhos dotados de tam singulares virtudes, que podem naõ sò ser Imagem, mas passarem a ser Idea da perfeyçam Religiosa. Neste livro acharàm os curiosos algũas novidades, em que se entreter, adornadas dos santos exemplos dos Religiosos Missionarios da Companhia de Jesu; & acharàm os bem inclinados novos motivos com q̃ se desperte a sua devoçaõ, pelo q̃ não encontro nelle cousa algũa contra a nossa Santa Fè, ou bons costumes; antes me parece que seu Author naõ sò merece a licença que pede, pela utilidade que considero em semelhantes obras, mas ainda particulares louvores pelo claro estylo, & sem affectaçam com que descreve taõ heroicas virtudes; pois naõ he de menos estimaçam para os curiosos da historia Ecclesiastica, não saindo o exemplo da mesma Companhia, a do Padre Pedro de Ribadeneyra, pela clareza, & sinceridade do estylo; do que a do Padre Daniel Bartoli pela elegancia, & erudiçaõ. Lisboa 23. de Mayo de 1709 Na Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia.

D. Antonio Caetano de Sousa Clerigo Regular.

APPROVAÇAM.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

MAndame Vossa Illustrissima que dè o meu parecer sobre se haver de imprimir o livro de que esta petiçaõ trata, intitulado, *Imagem da Virtude no Noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio de Evora*, composto pelo Muyto Reverendo Padre Mestre Antonio Franco da mesma Companhia. Eu o vi, & li com toda a attēçāo, & se disser o que sinto da propriedade das Imagens da Virtude, vejo nelle mais que Imagens, porque os Varoens Apostolicos, de que faz mençam, nam sò tem o parecer de imagens, senão que tambem saõ originaes, mais prototypos, que imitadores; & porq he baldado trabalho, como querer ajuntar luzes ao Sol, querer authorizar cõ elogios Varoens insignes, que pelas suas obras, & virtudes, se estão elles a si mesmos engrandecēdo: *Snupervacanei laboris est commendare conspicuos, ut si in sole positis facem præferas: Simach. lib. 3. epist.* 48. posso adizer, que a obra he como de seu Author, mais nascida do fervor, & espirito de lucrar para Deos almas com as imitaçoens do exemplo, que da vaidade de ganhar para si fama com as duraçoens do prelo, & por esta razão quantas letras fòrma para historiar virtudes, vidas, & acçoens de filhos, & sugeytos veneraveis da mesma Companhia, tantos saõ os sacrificios de louvor, q́ a Deos offerece a sua douta, & pulida penna: *Quot literas debitè formas, tot Deo hostias laudis offers.* Nam lhe acho cousa que desdiga, ou encontre a pureza de nossa Santa Fè, nem que seja contra os bons costumes, antes he digno da licença que pede; Vossa Illustrissima mandarà o que for servido. Santa Clara de Lisboa 29. de Agosto de 1709.

Frey Miguel da Resurreyçaõ.

VIstas as informaçoens, pode se imprimir o livro de que faz mençam esta petição, & impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella naõ correrà. Lisboa 9. de Setembro de 1709.

Hasse. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barreto.

Do Ordinario.

POde se imprimir o livro de que faz menção esta petição, & depois de impresso torne para se conferir, & sem isso não correrà. Lisboa 15. de Outubro de 1709.

M. Bispo de Tagaste.

Do Paço.

APPROVAÇAM.

SENHOR.

O Livro intitulado: *Imagem da Virtude no Noviciado de Evora*: que Vossa Magestade me manda ver, não só he Imagem da Virtude, mas he original de homēs virtuosos, porq he hũ vivo retrato das sãtas, & exemplares

plares vidas daquelles glorioſos heroes, & valeroſos ſoldados da Companhia de Jeſu, que educados no Noviciado de Evora com as beneficas influencias da Sacratiſſima Rainha dos Anjos, & favorecidos com os benignos influxos dos Sereniſſimos Reys de Portugal, predeceſſores de Voſſa Mageſtade, dilatàrão a Fè Catholica, & acreditáram a piedade Portugueza em todas as quatro partes do mundo, a que glorioſamente ſe eſtende o dominio da ſua Coroa; regando todos com o ſuor, & muytos com o ſangue aquellas incultas brenhas, & vaſtiſſimas campinas, & obrigando as a pezar da ſua eſterilidade a dar à Igreja Catholica tantos frutos, quantos foram os convertidos, & à Coroa de Portugal tantos vaſſallos, quantos foram os bautizados.

Tirou das cinzas do eſquecimento eſte Retrato o Reverendo Padre Meſtre Antonio Frãco da minha Sagrada Religião a Companhia de Jeſu; o qual bebendo naquelle Noviciado as primeyras luzes da virtude, & os primeyros rayos da perfeyçam, ſendo Noviço, & diſcipulo, lhos reſtituhio com muytas ganancias ſendo companheyro, & Meſtre: ſemelhante em tudo aos rios, que agradecidos reſtituem primoroſamente os ſeus criſtaes ao Oceano, nam ſò inteyros, mas adoçados.

Muytas acçoens virtuoſas dignas de ſerem eſcritas obrou em quanto Noviço, & Meſtre, & muytas acçoens virtuoſas eſcreve, que obràram os outros Meſtres, & Noviços: & verdadeyramente nam ſei, qual he digno de mayor louvor, ſe o fazer tantas acçoens dignas de Chronica, ſe o ſer Chroniſta de tantas virtuoſas acçoens; & aſſim digo com Ovens, que ſe as obras inculcam a ſua virtude, a eſcritura nos perſuade a ſua ciencia. *Oven. lib. 1.*

Digna legi ſcribis, facis & digniſſima ſcribi;
Scripta probant doctum te tua, facta probum.

A'ſua zeloſa induſtria deve aquelle ſanto retiro, & pedaço do Ceo na terra o aſſeyo, & lindeza da fabrica, que hoje logra, porque ſendo Meſtre dos Noviços nam ſò attẽdeo à edificaçaõ, mas ao edificio, renovando-o, & ennobrecendo o com muytas obras, & para que eſtas nam acabaſſem com as injurias do tempo, que a tè contra os marmores ſe conjura: *Mors etiam ſaxis, nominibuſque venit*, lhe quiz levantar neſte livro hum padram immortal, em que a pezar das tyrannias dos annos ſe eternizaſſe a ſua memoria, podendo juntamente dizer com o Lyrico: *Horat. l. 3. od 30.*

Exegi monumentum ære perennius,
Regalique ſitu Pyramidum altius,
Quod non imber edax, aut Aquilo impotens
Poſſit diruere, aut innumerabilis
Annorum ſeries, & fuga temporum.

He o eſtylo do Livro, o da verdade; puro, & claro, deſpido elegantemente dos enfeytes Rhetoricos, & ornado de exquiſitas noticias indagadas com exceſſivo trabalho mais nos archivos das memorias, que nas memorias dos archivos, porque occupados os noſſos primeyros Padres em perſuadir o que ſe devia obrar, deyxavam de eſcrever o que ſe tinha obrado. A exhortaçam, & narrativa de tal ſorte eſtão hermanadas, que hiſtoriando de intento, inflãma, como de penſado; eſcreve o que fizeram os mortos, & perſuade, o que devẽ fazer os vivos: poem-nos diante dos olhos os exemplares, para que a todos demos bom exemplo; & para que diga tudo em huma palavra: Todo o livro, Senhor, inculca, move, incita, & perſuade firmezas na Fè, reforma nos coſtumes, emenda nos vicios, & augmento no ſerviço de Deos, & como eſte anda tam vinculado, & unido com o de Voſſa Mageſtade, não acho nelle couſa, que o encontre, & aſſim: *Ea mente ſum*, (fallo pela boca do noſſo inſigne hiſtoriador, o Illuſtriſſimo, & Reverẽdiſſimo Senhor

Osor. de Reb. Emmanuel. lib. 1.

nhor Dom Jeronymo Ozorio Bispo de Sylves) *Ea mente sum, ut vix quidquam arbitrer esse hac historia, vel ad prudentiam comparandam utilius, vel ad virtutem excitandam vehementius, vel ad sananda reipublicæ vulnera salutarius, vel ad oblectamenta vitæ jucundius*; & que nam só deve Vossa Magestade conceder de justiça a licença, que se pede por graça, mas ordenar que se dem a luz os outros tomos, que no Prologo se prometem. Este o meu parecer, Vossa Magestade ordenarà, o que for servido. Lisboa no Convento de Santo Antam da Companhia de Jesu, a 4. de Novembro de 1709.

Francisco da Fonseca.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Sãto officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà à Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso nam correrà. Lisboa 5. de Agosto de 1709.

Lacerda. Carneyro. Costa. Andrade. Botelho.

VIsto estar conforme com o seu original, póde correr. Lisboa 6. de Julho de 1714.

Hasse. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Barreto. Alancastre.

POde correr. Lisboa 7. de Julho de 1714.

M. Bispo de Tagaste.

TAxaõ este livro em dous mil reis. Lisboa 7. de Julho de 1714.

Duque P. Botelho. Pereyra. Baracho.

IMA-

IMAGEM DA VIRTUDE EM O NOVICIADO DE EVORA DA Companhia de Jesus.

LIVRO PRIMEYRO,

NO QUAL SE REFERE A ORIGEM, ANTIGUIdade, edificio, & mudanças deste Noviciado; a vida do sereníssimo Fundador, & de alguns Padres, que aqui foraõ Mestres de Noviços.

CAPITVLO I.

Da-se huma summaria noticia da fundaçaõ do Collegio de Evora, & principio do seu Noviciado.

1 AINDA que nesta obra naõ he o meu intento fallar de tudo, o que pertence ao Real Collegio de Evora, mas só do Noviciado, que he huma pequena parte deste grande Collegio; naõ he contra a minha determinaçaõ, dar huma qualquer noticia do material de todo o edificio, para que melhor se veja, como, & quando teve principio a quadra dos Irmãos Noviços.

2 No anno de 1551. sendo Arcebispo de Evora o Cardeal Infante D. Henrique, tendo visto os muytos frutos, que os Religiosos da Companhia tinhaõ feyto em seu Arcebispado, se determinou de nos fundar o Collegio de Evora, & pelos fins do dito anno vieraõ de Coimbra para este effeyto onze Religiosos da Companhia, & por Reytor o Padre Melchior Carneyro, que depois foy Bispo de Nicea em Ethiopia sobre o Egypto: partiraõ todos de Coimbra no primeyro de Outubro do sobredito anno. Tinha o Cardeal mandado fazer hum Collegio no sitio,

Chron 1. p.l.3.c.9

onde

onde hoje eſtá o noſſo, para nelle ſe crearem Collegiaes, & Clerigos, que foſſem depois Parochos das Igrejas do ſeu Arcebiſpado. Neſta caſa determinava accommodar os noſſos Religioſos, tendo penſamentos de a amplificar de ſorte, que os Seminariſtas ficaſſem em hum quarto do edificio, & no demais os Religioſos da Companhia. Quando chegàraõ a Evora, ainda a nova obra naõ eſtava capaz de habitaçaõ: por eſta cauſa foraõ hoſpedados em humas caſas, que eſtavaõ na rua da Meſquita, onde hoje eſtà o Collegio da Madre de Deos. Como a nova obra ſe foſſe dilatando, os fez mudar o ſereniſſimo Fundador para humas caſas detraz da Capella mór da Sé, na rua que chamaõ da Freyria, por terem alli morado os Freyres de Aviz. E porque nem alli eſtavaõ bem accommodados, no cabo de hum anno ouve licença delRey ſeu irmaõ, para que ſe apoſentaſſem em hum quarto do Paço Real, que era junto ao Convento de S. Franciſco, & delle ainda hoje ſe vem em pè muytas ruinas, & hum lanço que ſerve de armazem Real. Alli ſe recolhia tambem o ſenhor Dom Antonio, filho natural do Infante D. Luis, que em companhia de alguns Irmãos noſſos eſtudavaõ Theologia, ſendo Meſtre de todos o Santo Varaõ Fr. Bartholomeo dos Martyres, que depois foy Arcebiſpo Primàs de Braga, & exemplo de Arcebiſpos Santos. Alli nos Paços delRey começáraõ os noſſos Religioſos a enſinar Latim, & huma liçaõ de caſos de conſciencia: & tiveraõ ſeu principio eſtes eſtudos em Agoſto de 1553. dia de Santo Agoſtinho.

3 Neſte tempo, que ſe hia fazendo o novo Collegio, vindo a Evora o Infante Dom Luis, deo os parabens a ſeu irmaõ de fundar em Evora Collegio à Companhia; porèm naõ approvou os intentos, em que eſtava, de que no meſmo Collegio ſe creaſſem tambem os Seminariſtas, pois tinha iſto grandes inconvenientes para a quietaçaõ dos Religioſos. Por tanto o perſuadio, déſſe aos Padres todo o Collegio, & depois poderia fazer para os Seminariſtas habitaçaõ diverſa. Quadráraõ as razões do Infante ao Cardeal, & deo o Collegio aos Religioſos da Companhia. O primeyro, ou a primeyra parte deſte edificio foraõ as duas clauſtras da botica, & ciſterna, ſervindo de Igreja, a q̃ hoje he ſala da Univerſidade. Tambem mãdou fazer o Cardeal habitaçaõ para elle ſe hoſpedar, a qual ficava ſobre as que hoje ſaõ aulas das Theologias eſpeculativa, & moral, & quarto curſo da Philoſophia. Depois que aquellas duas clauſtras, & os ſeus apoſentos eſtiveraõ capazes de habitaçaõ, ſe mudáraõ os noſſos Reli-

Chron. 2.p.l.5.c. 14.n.11.

Religiosos do Paço Real para o seu Collegio no anno de 1554. no mez de Dezembro.

4 No mesmo anno em que os nossos Religiosos se mudàraõ para o Collegio, começou tambem a aver Noviciado. O livro das entradas dos Noviços, que se conserva no cubiculo do Padre Mestre, tem dous Noviços, que entráraõ, hum em Setembro, outro em Dezembro de 1553. & logo no anno seguinte aponta outros, que entráraõ, & já no fim do anno de 1554. havia os q bastavaõ para formar hum pequeno corpo de Noviciado. Donde se vè, que o seu principio foy, vivendo ainda nosso Patriarcha Santo Ignacio; & que atè Dezembro vivèraõ os Noviços no Paço Real com os mais. Formou-se este Noviciado sobre si. Nem acho viesse para isso Noviço algum de Coimbra, onde a separaçaõ dos Noviços, como digo em seu lugar, foy poucos mezes antes de começarem a entrar Noviços em Evora. E as Constituiçoẽs em Evora se publicáraõ primeyro, onde ficou ordem para se poderem admittir. Chron. 2.p.l.5.c. 48.n.1. Principia o Noviciado.

5 Por falta desta noticia, que carece de toda a duvida, & consta da Historia da provincia no lugar citado à margem, & dos livros antiquissimos das entradas dos Noviços de Evora; por falta digo desta noticia se discorreo com grande incerteza acerca do principio deste Noviciado em huma narraçaõ historica, que em Roma se fez no tempo do Reverendo Padre Thyrso Gonzales, por occasiaõ de se procurar a restituiçaõ dos Noviciados de Coimbra, & Evora. Dizia-se pois naquella narraçaõ, que este Noviciado, ou começára depois da erecçaõ da Universidade, fundando-se no lugar da Historia da provincia citado à margem, onde tem estas palavras: *Tambem acedio logo este benignissimo Fundador a fazer casa, que servisse de Noviciado, a qual faz por si outro Collegio*: & como esta descripçaõ do Noviciado se refere depois das outras obras, cuydouse, que entaõ se fizerá o edificio, & tivera seu principio o Noviciado. Sendo em verdade, como logo se dirá com mais clareza, que o Noviciado teve seu principio no anno, que o teve a habitaçaõ do novo Collegio, como fica dito; ainda que a quadra, em que hoje moraõ os Noviços, foy feyta em annos mais adiante, como se dirá, & atè os taes annos os Noviços se accommodavaõ em algũas casas grandes do Collegio das que ficaõ nos pateos da cisterna, & botica, que depois ficàraõ para enfermarias, & hoje tem outros usos. Chron. 2.p.l.5. cap.22. n.11.

6 A outra conjectura daquelle papel era, que devia come-

çar pelos annos de 1569. quando se despovoou o Noviciado de São Roque por causa da peste, que ouve em Lisboa, a que chamáraõ grande, reynando ElRey Dom Sebastiaõ, por quanto os Noviços, que em Saõ Roque havia, parte foraõ para Coimbra, parte para Evora. Esta conjectura alèm de se convencer com a Historia da Provincia, se desfaz com a Historia geral da Companhia nos lugares citados, onde se referem acontecimentos do Noviciado de Evora, o primeyro de huns Noviços, que peregrinavaõ, o segundo da morte do Padre Dom Francisco Mestre dos Noviços de Evora em o anno de 1561. A terceyra conjectura he, q̃ pelo menos já o Noviciado estaria feyto no anno de 1580. que foy o da morte do Cardeal Rey, & que para consolaçaõ do Fundador haveria jà nelle Noviços. A meu entender teve esta conjectura sua origem, em se referir na Historia da provincia a fabrica da casa do Noviciado, depois daquelle fermoso lanço de corredor, a que no Collegio chamaõ galaria; & como já o Cardeal Rey naõ vio de todo acabada esta parte do edificio, mediraõ por aqui pouco mais, ou menos o tempo, em que se fizera a claustra dos Noviços, sendo que esta foy muytos annos antes da galaria, como nos consta dos manuscriptos antigos, que se guardaõ no Collegio de Evora, & eu tenho diante de mim, quando isto escrevo.

Histor. Societ. l. 4. n. 147 & lib. 5. n. 33.

7 Pareceome naõ passar em silencio as incertezas deste papel, por quanto desfazia muyto da antiguidade deste Noviciado, que tem por huma de suas glorias ser instituido vivendo ainda nosso Santo Patriarcha; & todos sabem, que a antiguidade he parte da nobreza das familias; & sendo esta sem duvida, a que fica dita, naõ ha porque se lhe tire. O lugar da Historia da provincia diz assim: *E ainda que a fundaçaõ do Collegio começou no anno de* 1551. *não ouve porèm nelle Noviciado por causa do aperto da habitaçaõ atè o anno de mil quinhentos cincoenta & quatro.* Logo vay o Historiador fallando de alguns dos primeyros Noviços desta casa. Depois de feyto o edificio do Collegio, diz a Historia da provincia, que teve o Cardeal occasiaõ de ir a Coimbra, & vendo com seus olhos a grandeza, com que se fazia aquelle Real Collegio, ficou muy alcançado, pondo os olhos na pouquidade, que elle tinha feyto em Evora, que logo mandou fazer o pateo dos estudos com grandeza Real, muytas columnas de marmore, & no meyo com fonte de agua da prata. He esta obra em tudo grandiosa. Noutro lugar digo, em como naõ foy esta a causa da obra, pois já era feyta, quando o Cardeal foy a Coimbra,

2. p. l. 5. cap. 48. n. 1.

Coimbra, o certo he q́ ſe o Cardeal tivera antes viſto a obra de Coimbra, nunca ſe ataria ao pequeno edificio, que tinha feyto para os Clerigos, que eſta foy a cauſa das deſproporções com que eſte edificio ſe fez nos ſeus principios.

8 Como creſceſſem os moradores do Collegio, & foſſe eſtreyta a habitaçaõ, ſe começou no anno de mil quinhentos ſeſſenta & quatro a quadra dos Irmãos Noviços no mais alto do Collegio; & por ficar para a ſerventia da Cidade, pela porta, que chamaõ da Trayçaõ, & muy vizinha aos Paços do Conde de Baſto, ſe lhe naõ deo luz algũa para aquella parte. Para eſta obra ſe fazer com brevidade mandou Sua Alteza que correſſe, fazendo-ſe de feria em cada mez cincoenta mil reis; & vendo, q́ ſe naõ acabaria taõ depreſſa, como deſejava, mandou ſe deſſem cada ſomana para as ferias dos officiaes vinte & cinco mil reis. Com iſto ſe deo grande calor à obra, & no mez de Julho de mil quinhentos ſeſſenta & ſete ſe começáraõ a habitar os cubiculos de cima, & no anno ſeguinte de 1568. veſpora de Paſchoa ſe acabáraõ de aperfeyçoar os cubiculos de bayxo; com eſta nova obra ficàraõ mais bem accommodados aſſim os Religioſos do Collegio, como tambem os Irmãos Noviços com grande retiro, & baſtante cõmodo. Feyto depois computo ſe achou, que eſta obra cuſtaria até oyto mil cruzados, que ſe fora nos tempos de hoje, por ventura ſe naõ faria com vinte mil. *Quadra dos Noviços começa no anno de 1564.*

9 No principio do anno de 1575. no qual o ſereniſſimo Fundador ſendo eleyto ſegunda vez Arcebiſpo de Evora, ſe veyo morar neſte ſeu Collegio; tendo acabado a Igreja nova, quanto ao material, deo principio ao corredor, onde eſtà o refeytorio, & no Collegio chamaõ galaria, que he obra em tudo Real. Eſta foy a obra, que mandou fazer, depois de ter viſto com ſeus olhos, o que eſtava jà feyto do Collegio de Coimbra, para ella mandava dar cada mez mil cruzados. Naõ cortàraõ os Padres a obra taõ liberalmente, como a queria ſeu Fundador, & aſſim elle meſmo vendo ficaria o refeytorio pequeno, lhe mandou acreſcentar mais trinta & dous palmos no comprimẽto. Correo eſta grande obra com tanto fervor, que jà em Outubro de 1578. eſtava toda emmadeyrada, & cuberta de telha na fórma, que avia de ficar. No anno de 1567. a tempo que ſe andava com a obra do Noviciado, ſe deo principio à Igreja nova do Collegio, & naõ o anno antes. A occaſiaõ foy huma petiçaõ, que hũa das principaes ſenhoras de Evora em nome de todas as mulheres da Cidade, meteo na maõ ao Cardeal, pedindolhe, mandaſſe *Corredor da galaria.* *Obras da Igreja.*

fazer Igreja, na qual as mulheres pudessem entrar a ouvir as prègações, & receber os Sacramentos, por quanto atè aquelle anno naõ tinhaõ ellas entrado na nossa Igreja, por ficar dentro do pateo da Universidade, & se naõ permittia irem a ella mais que os homens. Agradou-se da petiçaõ, & logo deu ordem, a que se começasse a obra.

10 Nos principios foy seu intento fazer huma Igreja em nada inferior à dos Religiosos de Saõ Francisco de Evora, que he hum dos sumptuosos Templos de Portugal, obra delRey Dom Manoel. Porém os nossos Padres o dissuadiraõ, tendo por mais acertado, que a Igreja fosse em proporçaõ, que os ouvintes todos pudessem ouvir ao Prègador, & ella pudesse accommodar grandes auditorios. Vencidas algumas difficuldades, se lançou a primeyra pedra pelo Arcebispo Dom Joaõ de Mello no dito anno de 1567. em tres de Outubro. Correo a obra com notavel pressa, porque naõ faltava o dinheyro; & assim no mez de Outubro de 1572. se acabou de fechar a abobada. E na Paschoa do anno de 1574. disse nella a primeyra Missa o serenissimo Cardeal, mudando para ella o Santissimo, tudo com grande pompa, & solemnidade. Donde se vè, que em menos de sete annos se acabou taõ grande obra; porque foy grandissimo o calor, que lhe deo o serenissimo Fundador; do qual, quando neste tempo assistio em Evora, se pòde dizer, que de continuo andava com sua presença metendo fervor nos officiaes. Este he assim contado em summa o edificio, que em seus dias nos edificou este serenissimo Principe. Porèm nos annos seguintes atè os nossos tempos se lhe tem feyto tantos acrescentamentos, que o Collegio he muy outro; & tem obras, assim no aceyo, como na fabrica, dignas de seu primeyro Fundador. A mim me não pertence aqui escrevellas, por quanto só trato de huma pequena parte deste grande todo.

Chron. 2. p. l. 5. cap. 24. n. 5.

CAPITVLO II.

Descreve-se a quadra do Noviciado, & seu aceyo, em especial se faz mençaõ do cubiculo do Anjo, em que se hospedou S. Francisco de Borja.

1 NA parte mais alta do Collegio, que cahe para o Poente, na raiz do Castello antigo da Cidade, de que se vem ainda alguns vestigios, como tambem dos muros de pedra

pedra de cantaria, com que o famoſo Sertorio fortaleceo eſta ſua Cidade, eſtà a obra, em que moraõ os noſſos Irmãos Noviços. Corre toda ella em pouco mais de cem palmos diſpoſtos em quadra. Pela parte do Naſcente continua com o Collegio, pela do Poente lhe fica huma ſerventia da Cidade pela porta, q̃ chamaõ da Trayçaõ entre o Noviciado, & as caſas do Conde de Baſto. Pela parte do Sul cahia ſobre hum pateo, aonde depois ſe fez a ſacriſtia nova, & com ella continua. Pela face do Norte cahem as janellas para dentro dos cercados do Collegio. Tem eſta obra dous andares de cubiculos, cujas janellas cahem para o pateo, que fica no meyo da obra; no qual ha fonte perẽne da agua da prata, & muytos canteyros para flores. Nos cubiculos de bayxo moraõ os Irmãos, que chamamos do Recolhimento, & ſaõ os que acabàraõ o Noviciado. A ſeparaçaõ deſtes Irmãos por alguns annos do trato dos demais Religioſos do Collegio começou neſta Provincia no anno de 1601. & naõ foy couſa do principio da Companhia; mas os tempos enſináraõ os inconvenientes, que havia, em paſſarem de repente os Irmãos do eſtado de Noviços a viver com os mais no Collegio.

2 Atè o anno de 1698. em que ſe acabou a eſcada nova, ſe ſerviaõ os Irmãos Noviços por huma eſcada que deſte andar de cima hia ao de bayxo naquelle eſpaço, em que hoje eſtà a ſacriſtia da Capella, ſahindo para o Collegio aſſim Irmãos Noviços, como do Recolhimento pela meſma porta. Depois de feyta a nova eſcada, ſe tirou a communicaçaõ de hum, & outro andar, ſervindo-ſe os moradores por diverſas portas, as quaes ficaõ entre ſi com pouca diſtancia. He eſta nova eſcada muy aprazivel, aſſim por ter muyta luz, como por eſtar pelos lados guarnecida de azulejo. No meyo della, & da parede deſcanſa ſobre cachorros de pedra marmore hum grande, & fermoſo paynel de boa maõ, feyto em Londres, donde o trouxe com os mais da Capella o Padre Agoſtinho Lourenço. Repreſenta-ſe na pintura muy ao vivo o paſſo, de quando o Senhor depois de crucificado, foy levantado em alto com a Cruz. Recebe a eſcada luz de huma claraboya feyta no meyo da abobada, & tambem de huma porta, pela qual ſe ſahe para hum eyrado feyto ſobre as abobadas do corredor do Collegio. Pela outra porta mayor ſe entra nos corredores: defronte deſta fica a primeyra, & principal Capella dos Irmãos Noviços, de que logo fallarey com eſpecialidade.

3 Naõ he eſta quadra toda permeavel, porque no lado, que

fica

fica para o Collegio, lhe toma toda a largura a Capella principal. Os corredores saõ tres, & naõ muyto compridos, mas todos elles alegres; no topo do primeyro està no meyo da parede metida em hum nicho a Imagem de Saõ Francisco de Borja com seu diadema de prata, & coroa tambem de prata sobre a caveyra da Imperatriz; a Imagem he de bordo, estofada de ouro. No fim deste primeyro corredor se fórma hum retrete, que cahe para o Norte; nelle està o lavatorio dos Irmãos, todo de marmore branco, & bem lavrado; a cayxa he de figura ovada; ametade desta obra està metida na parede, assentou-se em Setembro de 1568. A porta do retrete, que antes era janella grande, he entrada de hũa varanda cuberta com seu telhado, rasgada em arcos para a parte do Nascente, porque pela parte do Poente cahe para à Cidade, por esta razaõ naõ tem deste lado janella algũa. Esta varanda fez à sua custa, para melhor commodo dos Irmãos Noviços, o Padre Luis Lourenço natural de Evora, que nesta casa fora Noviço.

4 No segundo corredor està no meyo da parede metida em seu nicho a Imagem do Senhor *Ecce homo*. E no retrete do fim correspondente ao do lavatorio fica a livraria dos Irmãos, cuja janella cahe para hum pequeno pateo da sacristia da Igreja; aonde se vé tapada de pedra, & cal a porta por onde se servia o sereníssimo Cardeal nosso Fundador. O terceyro corredor tem no topo tambem seu nicho, & nelle a Imagem de S. Antonio, da mesma madeyra, que a outra do Santo Borja, estofada de ouro com diadema de prata, & o seu Menino com coroa tambem de prata. No meyo deste corredor para a parte do Sul fica a Capellinha de N. Senhora da Modestia, depois que desta Capellinha se passou para a Capella grande a veneravel Imagem da Senhora de S. Lucas, atè o anno de 1700. esteve no Altar hum paynel da Senhora da Conceyçaõ. Em dous de Fevereyro de 1702. foy esta Capellinha dedicada a N. Senhora da Modestia, por parecer invocaçaõ propria para os Irmãos Noviços. Fez esta dedicaçaõ o Padre Provincial Miguel dias, dizendo alli neste dia Missa, & dando a Communhaõ aos Irmãos, depois da qual teve com elles sua conferencia espiritual, sendo a materia della: Porq se havia de dedicar aquella Capella a N. Senhora da Modestia em dia da sua Purificaçaõ. Esta nova dedicaçaõ se fez por occasiaõ de se renovar o material desta Capellinha, que estava muyto avelhentado, foy feyta de abobada, & pintada de novo.

Capella de Nossa Senhora da Modestia.

5 Sendo

5 Sendo a Capellinha atè aquelle tempo pobriſſima, depois ſe tem augmentado com muytas peças de prata, como alampada, caſtiçaes, & outras. Sobre todas na eſtimaçaõ huma Cruz de prata de bom feytio, & valor com o *Lignum crucis* da meſma, em que o Senhor foy crucificado; a reliquia fora parte de hum Irmaõ do Veneravel Padre Joaõ Cardim; a Cruz deo à Senhora hum Religioſo aqui Noviço, & ſeu devoto. Depois o bom Irmaõ Domingos Carrilho, que fora muyto tempo Sacriſtaõ deſta Capellinha, no teſtamento que ordenou, por ſua morte lhe deyxou huma boa eſmola, com que ſe lhe fez nos annos adiante hum retabolo de obra moderna lavrado com grande primor, & miudeza; & eſperamos, que de cada vez irá em mayores augmentos, riqueza, & perfeyçaõ. Fica no meſmo corredor hum cubiculo digno de reſpeyto, & eſpecial mençaõ. Chamaõ-lhe os Irmãos o cubiculo do Anjo, porque nelle appareceo o da ſua guarda aó ditoſo Irmaõ Noviço Miguel Alvres, como ſe dirà em ſeu lugar, quando referirmos ſuas virtudes. Sempre conſervou eſte nome; algũs lhe chamavaõ tambem o cubiculo de S. Miguel, por ſer eſte o nome do Irmaõ Noviço.

Do cubiculo do Anjo, onde ſe hoſpedou Saõ Franciſco de Borja.

6 Neſte ditoſo cubiculo ſe hoſpedou noſſo glorioſo Padre Saõ Franciſco de Borja, quando ſendo Geral da Companhia veyo a Portugal com o Cardeal Alexandrino. Quatro vezes veyo a Portugal Saõ Franciſco de Borja, & todas eſteve no Collegio de Evora. Primeyra no anno de 1553. à petiçaõ do Infante Dom Luis, na retirada no anno de 1554. paſſou por Evora onde era Arcebiſpo o Infante Cardeal; o qual lhe pedio prègaſſe o Domingo, que era o ſeguinte dia, na ſua Sé; & como ſe eſcuſaſſe, por naõ eſtar aparelhado, reſpondeo o Infante, que para Sermaõ baſtava verem ſuas ovelhas no pulpito à hum homem, que deyxàra tanto por Deos. E aſſim no dia ſeguinte prègou com notavel concurſo, & admiraçaõ de todos. A ſegunda vez foy no anno de 1557. por mandado de Carlos V. para em ſeu nome conſolar a ſua irmã a Rainha Dona Catharina, & mais peſſoas Reaes por cauſa da morte delRey D. Joaõ. Deſta vez adoeceo gravemente antes de chegar a Evora, por ſer o tẽpo de grandes calores, & o Padre ſe ter poſto a caminho com algũas indiſpoſições. A terceyra foy no anno de 1560. à inſtancia do Infante Cardeal, para lhe ver a ſua nova Univerſidade: a Quareſma deſte anno prégou as Domingas na Sé de Evora.

Chron. 2.p.l.5. c.15.

Hiſtor. Societ. 2.p.

7 A quarta, & ultima vez foy no anno de 1571. em companhia do Cardeal Alexandrino, Legado do Summo Pontifice; a

qual

qual vinda escreverey, como a tem as memorias daquelle tempo, que se conservaõ no cartorio do Collegio de Evora. Por ordem do Infante Cardeal o foy esperar atè Estremòs o Padre Leaõ Henriques com o Padre Provincial. Entrou o Santo Padre no Collegio aos 27. de Novembro de 1571. com todos os Padres seus companheyros, & D. Fernando de Borja seu filho, & o Conde de Lerma seu neto. Foy em todos grande o gosto, & alegria por terem ao seu S. Padre Geral em casa; logo nesse dia fez a todos huma pratica sobre as palavras: *Modicum, & jam non videbitis me: & iterum modicum, & videbitis me.* Com estas palavras os animou ao desprezo das cousas desta vida, & sofrimento nas adversidades, entendendo por tudo o *Modicum.* Logo ao outro dia se partio para Lisboa, & no mesmo dia à noyte entrou na Cidade o Legado, que vinha huma jornada atraz do Santo Padre. No mez de Dezembro voltou de Lisboa, & com elle os Padres Luis Gonçalves da Camara, Padre Miguel de Torres, Pedro da Silva, & Amador Rebelo. Chegou em hum Sabbado à tarde, & nessa tarde com os mais Padres visitou as classes, & ao outro dia pela manhã se partio, por ser assim necessario, pela muyta pressa que trazia o Cardeal Legado, que vinha atraz huma jornada.

Joann. 16.

8 Desta vez he, que o Santo Padre se hospedou neste cubiculo; por quanto das outras vezes ainda este edificio naõ estava feyto. Esta lembrança com o tempo, que tudo acaba, quasi de todo se acabou, nem avia della memoria no Noviciado. No anno de 1702. vindo do Brasil hum Padre velho, que aqui se creára, com occasiaõ de ver o Noviciado, disse ao Padre Mestre dos Noviços, em como diria à sua Reverencia huma cousa, na qual se achasse novo; & perguntado, que cousa fosse: respondeo, que era mostrarlhe o cubiculo, em que se hospedára Saõ Francisco de Borja; & disse, ser este do Anjo. Perguntoulhe mais o Padre Mestre, que principio tinha para esta novidade, da qual naõ havia lembrança em o Noviciado. A isto respondeo, que sendo elle Irmaõ do Recolhimento em tempo, que os Noviços todos estavaõ em Lisboa, morava com os mais em o Noviciado, & que era seu Prefeyto do Espirito o Padre Antaõ Gonçalves; o qual sempre mandava morar neste cubiculo alguns Irmãos mais modestos, & virtuosos, dizendo, que tinha aquelle cuydado por respeyto de se ter alli hospedado S. Francisco de Borja, & que referia Padres autorizados, a quem o tinha ouvido. Acrescentou o Padre, que estava disto bem lembrado,

do, por elle ser hum daquelles Irmãos que o Padre Prefeyto mandára para o tal cubiculo.

9 Estimou-se esta noticia, & tanto mais, porque sem a saber, considerando o Padre Mestre, que entre aquellas paredes teria andado o Santo Borja, mandára em obsequio de taõ grande hospede rasgar hum nicho no topo do primeyro corredor, para huma Imagem de vulto do mesmo Santo. O qual com esta noticia a tal tempo, parece lhe quiz pagar este bom affecto. Logo, porque se naõ cahisse no antigo esquecimento, se fez hum nicho da parte de fóra sobre a porta do mesmo cubiculo com Imagem do Santo, & no umbral de cima esta letra: *Sanctus Franciscus Borgia in hoc cubiculo quondam hospes.* O Padre Antaõ Gonçalves foy homem de muyta virtude, & verdade, entrou na Companhia neste Noviciado em vinte & cinco de Março de 1615. quarenta & tres annos, & alguns mezes depois que Saõ Francisco de Borja passou a ultima vez por este Collegio: donde se vè, que sem genero de duvida alcançou muytos Padres daquelle tempo. Além de outras occupações que teve o Padre Doutor Antaõ Gonçalves, foy a de Provincial, & assistente da Companhia em Roma, aonde faleceo.

10 No anno de 1701. se fez de abobada o primeyro corredor, os outros dous no anno de 702. com huma varanda sobre as abobadas do Collegio, guarneceo-se depois de azulejo a escada. Fizeraõ-se portas novas para as janellas dos corredores, & para algumas dos retretes, vidraças para os oculos, & janellas, & outras miudezas, que naõ ha porque as referir. Com as quaes obras ficou o Noviciado a mais aceada, & bem reparada habitaçaõ do Collegio, & huma das boas cousas, que elle tem que ver. Ha nesta pequena quadra quinze cubiculos, nem todos servem de habitaçaõ, mas saõ os que bastaõ para o numero ordinario dos moradores Noviços, que se revolve entre quinze atè vinte; ainda que acho em memorias antigas, que no anno de 1572. se contavaõ trinta & seis Noviços. Tambem alguns annos comèraõ em refeytorio à parte da mais Communidade, como se refere nas mesmas memorias antigas, aonde se diz, que por esta occasiaõ eraõ muytas as mortificações, que faziaõ, daquellas, que no refeytorio se costumaõ. Este mesmo costume de comer em refeytorio à parte tiveraõ os Irmãos Noviços de Coimbra, como digo em seu lugar.

CA-

CAPITVLO III.

Da Capella grande do Noviciado, Congregaçaõ Provincial, que nella houve, & das Imagens veneraveis, que a ennobrecem.

1 A Capella grande dos Irmãos Noviços he taõ antiga como a casa, ainda que nos tempos de hoje està no seu tanto ornada com grande custo, & riqueza. Em Dezembro de 1572. se teve nella a Congregaçaõ Provincial, hospedando-se os Padres Congregados em o Noviciado, & os Irmãos Noviços nestes dias, que aqui estiveraõ os hospedes, se accommodáraõ nas salas grandes do pateo da cisterna. Assistia neste tempo ElRey Dom Sebastiaõ com a Corte em Evora. Assim elle como o Cardeal desejáraõ muyto, & procuràraõ se fizesse a Congregaçaõ neste Collegio. Naõ eraõ os Padres deste parecer, por quererem evitar o reboliço da Corte. Porèm Suas Altezas mãdàraõ tantos correyos, & recados, q̃ se lhes não pode deyxar de fazer, o que pediaõ: ainda q̃ os Padres, q̃ estavaõ em Evora, fizeraõ, quanto esteve na sua maõ, por desviar esta pertençaõ.

2 Como o aviso da ultima resoluçaõ tardasse, & os Padres, que do Collegio haviaõ de ir à Congregaçaõ, estivessem certos da vontade do Padre Provincial, & se chegasse o tempo, cortando por taõ grandes respeytos, se partiraõ para Coimbra. Entre elles hiaõ os Padres Leaõ Henriques Confessor do Cardeal, & Luis Gonçalves Confessor delRey. Admirou-se toda a Corte, & edificou-se, de ver como os Religiosos da Companhia tinhaõ mais conta com a obediencia, q̃ com a vontade dos Reys. Hum dia depois de os Padres serem partidos, chegou aviso do Padre Provincial, em como ordenava, que a Congregaçaõ se tivesse no Collegio de Evora. Mandáraõ logo Suas Altezas hũ proprio, para que os Padres se voltassem. Doze legoas tinhaõ caminhado, quando este proprio os alcançou em o meyo de huma charneca, onde faziaõ entre si consulta, sobre o que deviaõ fazer; por quanto naquelle lugar se encontráraõ com os Padres, que de Coimbra vinhaõ por ordem do Padre Provincial para Evora, em ordem jà Congregaçaõ. Elles sem embargo disso determinavaõ continuar seu caminho atè Coimbra, por naõ terem aviso do Padre Provincial. Livrou-os deste trabalho o proprio de suas Altezas, que entaõ chegou. E assim todos se voltàraõ outra vez para Evora.

Eraõ

3 Eraõ os Congregados por todos trinta & tres; os vinte & cinco vieraõ dos outros Collegios. Começou a Congregaçaõ em 13. de Dezembro, & durou doze dias. Nella foraõ eleytos para ir a Roma com o Padre Provincial Jorge Serraõ, o Padre Miguel de Torres, & o Padre Luis Gonçalves da Camara. Quando ElRey soube da eleyçaõ do Padre Luis Gonçalves, mostrou notavel sentimento, mas fallandolhe os Padres, & pedindolhe, que naõ impedisse cousa de tanto serviço de Deos, em fim o concedeo pelo amor, que tinha à Companhia, ainda que depois se tomou outro acordo, indo o Padre Pedro da Fonseca em lugar do Padre Luis Gonçalves. No tempo da Congregaçaõ ElRey, & o Cardeal vieraõ ver os Padres, ElRey foy à Capella dos Irmãos Noviços a tempo, que nella estavaõ os Padres Congregados, entrou elle só, alli lhe beijáraõ os Padres a maõ. O Cardeal os vio na casa da livraria do Collegio, que hoje serve das disputas, & està detraz da sala da Universidade; & tomou a seu cargo fazerlhes todos os gastos, em quanto estivessem no Collegio.

4 Succedeo fazer-se neste tempo Auto da Fé, em que ouve muytos padecentes, dos quaes só hum se converteo, & morréraõ dezoyto. Boa parte do trabalho destas assistencias coube aos Padres que tinhaõ vindo à Congregaçaõ; & disse o Infante Cardeal, que parecia Providencia Divina ter sido a Congregaçaõ em Evora, porque sendo tantos os Padres, se pode cõmodamente acodir àquella necessidade, porque de outra maneyra não haveria Padres, que bastassem. Achàraõ-se nesta Congregaçaõ Padres de grande virtude, como foraõ os Confessores de Suas Altezas, o Padre Miguel de Torres, Padre Mauricio, Padre Cypriano Soares, Ignacio Martins, Manoel Alvres, & outros. Pareceome contar, o que aqui succedeo, para que de caminho se veja a obediencia cega daquelles nossos primeyros Padres, & o amor grande que taõ soberanos Principes tinhaõ, & mostravaõ à Companhia: & para que os nossos Irmãos, quando estiverem na sua Capella, considerem, que homens taõ santos nella se ajuntáraõ. Tambem he razaõ, passem pela memoria a devoçaõ, & piedade com que ElRey Dom Sebastiaõ sendo menino ajudava à Missa nesta Capella a seu Mestre, & Confessor o Padre Luis Gonçalves da Camara, como tem as memorias antigas.

5 Atè o anno de 1678. era o tecto desta Capella de madeyra pintada; & por estar já muyto avelhentado, se fez de abobada

por agencia de meu Mestre dos Noviços o Padre Antonio de Couto de Lisboa, que depois morreo sendo Reytor no Collegio de Setuval. Este mesmo Padre no dito anno em dia de Reys collocou na mesma Capella o Santissimo Sacramento, depois de ter comprado hum foro para o gasto, que avia de fazer a alampada. Nesse dia foraõ alli os colloquios, & despedidas daquella noyte, como se estila fazer em semelhantes noytes na Capella do Collegio. Para esta solemnidade ornáraõ os Irmãos do Recolhimento toda a Capella com muytos epigrammas, & poesias. Assim esteve annos esta Capella em pobreza com hum retabolo cousa muy ordinaria, que só tinha huma nobilissima pintura do mysterio do Nascimento, que hoje se vè na Capella dos Irmãos do Recolhimento. Depois o Padre Agostinho Lourenço, que aqui fora Noviço, estando em Londres no serviço da senhora Rainha Dona Catharina, filha delRey D. Joaõ o IV. tomou à sua conta ornar esta Capella em obsequio da Virgem Senhora, que se venerava em o Noviciado no devotissimo paynel, que estava na Capellinha pequena.

2 p. l. 4. c. 7. n. 7. item l. 5. cap. 22. n. 11.

Imagem da Senhora de Saõ Lucas.

6 Esta pintura, da qual se faz mençaõ na Historia desta Provincia, foy data do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo. Quando elle foy a Roma, ouve S. Francisco de Borja licença do Papa, para se copiar a Santa Imagem, que pintou S. Lucas. Esta copia como cousa de muyta estima, mandou o Santo à Rainha de Portugal Dona Catharina pelo Veneravel Padre Ignacio de Azevedo. Vindo elle de Roma, antes de a entregar à Rainha, mandou fazer por ella quatro payneis ao Irmaõ Joaõ Mayorga Aragonez, Pintor insigne, & que depois morreo Martyr com o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo. Destes reservou hum para si, dos outros deo hum ao Collegio de Coimbra, outro ao de Santo Antaõ, & este ao de Evora, onde sempre foy tido em grande estimaçaõ como reliquia de dous insignes Mestres, hum que o deo, outro que o pintou.

7 Esteve o devoto paynel atè este tempo na Capellinha, que agora he de N. Senhora da Modestia; era o lugar, ainda que devoto, muy apertado, nem se podia fazer nelle o ornato, que em obsequio da Senhora determinava fazer nelle o Padre Agostinho Lourenço, o qual requeria casa mais liberal: por tanto de Inglaterra pedio, que se mudasse a Imagem da Senhora de Saõ Lucas para a Capella grande, a qual elle à sua custa queria ornar, & enriquecer, por se ter creado nesta casa; & logo mandou boa summa, assim para começar a obra, como para se fazer

algum

algum rendimento para a mesma Capella. Sempre no Collegio se teve grande devoçaõ a esta Santa Imagem, especialmente por todos, os que nelle foraõ Noviços. Do bom Padre Leonardo Fuseyro, que renunciou huma Abbadia grossa, para entrar na Companhia, se conta, que todos os dias subia do Collegio ao Noviciado, a fazer oraçaõ diante desta Santa Imagem. Elle lhe mandou fazer a renda de prata, de que a Imagem está cercada.

8 Tambem encontro em papeis antigos, que por intercessaõ da Senhora foraõ muytos Noviços livres das indisposições, que padeciaõ. Nomeadamente se diz, que hum Noviço avia tempos padecia certa enfermidade: mandoulhe o Padre Mestre, que por nove dias rezasse diante desta Santa Imagem nove Ave Marias cada dia, & depois untasse com azeyte da alampada a parte enferma. Assim o fez, & quiz o Senhor, vendo sua fè, & obediencia, que por intercessaõ da Senhora ficasse saõ, & livre do seu achaque. Naõ approvavaõ muytos Padres velhos a mudança da Senhora, porque como somos naturalmente inclinados àquillo, com que nos creamos, diziaõ, que naquelle retiro, por ser sombrio, & ter hum certo modo de solidaõ, causava esta Imagem hum como horror sagrado, & que quando se accendiaõ duas vèlas nas novenas, que alli se lhe faziaõ, pór nella os olhos infundia inexplicavel devoçaõ, & respeyto santo; & na verdade tudo assim passava, como elles o diziaõ.

9 Naõ obstante isto, a Imagem se passou para a Capella grande, deyxando aquelle retiro, em que avia annos estava. Succedeo logo no anno de 1682. proximo a esta mudança, aver no Collegio humas febres malignas, que pareciaõ ramo de contagio; entre outros Padres, & Irmãos, que dellas morrèraõ, & dos primeyros, foy o Padre Mestre dos Noviços, que fizera a dita mudança. Daqui tomàraõ occasiaõ, os que a encontravaõ, para dizer, que as doenças pareciaõ ser significadoras do desagrado, que a Senhora tinha, em se lhe tirar daquelle lugar a sua veneravel Imagem; & que naõ era a primeyra vez, que semelhantes mudanças davaõ causa a castigos do Ceo: & o primeyro, que andava nestas praticas, era o Padre Mestre dos Noviços, que já era falecido.

10 Puderaõ tanto estas vozes, que a Imagem se tornou a repor na Capellinha: mas como as doenças não afroxassem, antes se continuasse o estrago, que faziaõ; se julgou prudentemente, que naõ avia porque fazer mysterio na mudança, pois a experiencia convencia a imaginaçaõ dos que eraõ de parecer contra-

contrario. Por tanto se tornou a Santa Imagem a repor na Capella grande, aonde ao presente està, sem a riqueza lhe diminuir a devoçaõ, que cuydavaõ os seus Noviços antigos lhes ficava toda, ou em parte nas sombras da Capellinha. Com a primeyra esmola, que o Padre mandou, se fez retabolo de novo; mas sahio taõ pouco a gosto, que escrevendo-se ao Padre ser cousa somenos, respondeo, que se puzesse em algũa Capella da Igreja, & he, o que hoje tem a dos Estudantes, & se fizesse outro sem reparar em custo, o qual fosse em tudo obra de satisfaçaõ. Este he, o que nella se vè, feyto de obra moderna, columnas salamonicas, & folhagens abertas na madeyra, como agora se costuma em semelhantes obras, & sahio muyto ajustado com o desejo de quem o mandou fazer, por ser o official grande mestre na faculdade. Fez de custo com o douramento acima de trezentos mil reis.

11 Alèm das duas Imagens do Beato Stanislao, & Beato Luis Gonzaga, que estaõ em dous nichos do retabolo, se fez huma devotissima Imagem do Senhor morto para debayxo do Altar; & tambem se pintou custosamente a Capella, & se fizeraõ algumas peças boas de prata, como banqueta para o Altar, & sanefa para o retabolo da Senhora nos dias de festa. Quando o Padre Agostinho Lourenço veyo de Londres, trouxe comsigo todos os payneis, que cingem a Capella. Saõ por todos dezasete, nove grandes, oyto pequenos. Nos grandes se contèm os passos da vida da Senhora. Nos pequenos, em quatro se representaõ alguns passos da vida de Santo Ignacio; estes jà naõ saõ aquelles, que o Padre trouxe de Londres, mas copias suas: porque vindo a Evora a serenissima Rainha D. Catharina no anno de 1699 entrando nesta Capella, como mostrasse agrado nestes quatro payneis, se lhe mandàraõ, ficando em seu lugar as copias, que os representaõ muy bem. Os outros quatro contèm algũs passos da vida de S. Francisco Xavier. Custàraõ os grandes em pano alèm de trezentos mil reis, & os pequenos setenta & dous mil reis, he obra fina, & de boa maõ. Os Pintores foraõ varios, entre elles huma mulher, a quem o desejo de ser Pintora, meteo em casa o ser Catholica. Era casada com hum insigne Pintor Catholico; como ella mostrasse desejos de aprender a arte, o marido a desenganou, que a naõ ensinaria, senão deyxasse a heresia. Aceytou o partido, & deyxando seus erros sahio taõ eminente na arte, como as suas pinturas o estaõ mostrando.

12 Todos estes payneis estaõ metidos em molduras bem

lavradas,

lavradas, & douradas. Quanto à grandeza da Capella tem cincoenta & quatro palmos de comprido, quasi dezasete de largo, he quanto basta para o cōmodo dos Irmãos Noviços. Em cada lado tem tres janellas, entre ellas estaõ os payneis grandes, & sobre ellas os pequenos; atè altura quasi de sete palmos estaõ as paredes guarnecidas de azulejo. Tem suas grades bem torneadas de pao vermelho do Brasil com pilastras de marmore branco. He toda muy ayrosa, & em dias de festa, que se empaveza com cortinados, & outros ornatos, estar nella, he assistir em hum novo Ceo. Tem duas portas por onde se entra, huma dellas era a serventia antiga da Capella, a outra era da sacristia. Depois esta sacristia, & serventia se mudàraõ em huma pequena sala, que està antes de entrar na Capella. Nesta casa se vè de marmores brancos lavrados com suas figuras, & tarjoẽs o lavatorio da sacristia, que he obra curiosa, & feyta com miudeza. Na mesma casa fica a porta da sacristia nova, que he per si outra como Capella. Os seus cayxões saõ de pao preto do Brasil ondeado com ferragens douradas nas gavetas, & almarios. No respalde, que corre encostado à parede por cima dos cayxões; que tambem he de pao preto ondeado, estaõ metidas quatro laminas de cobre feytas em Roma, & por isso de pinturas muy finas, duas dellas oytavadas, as quaes em Londres deo ao Padre Doutor Bento de Lemos huma senhora Portugueza em agradecimento da boa assistencia, que lhe fizera na sua ultima doença.

13 No meyo deste respalde està hum oratorio da mesma madeyra, & obrado com a mesma curiosidade. Dentro se vè hum meyo corpo da estatua do Cardeal Rey, que tem nos braços a Imagem de hum Crucifixo, pelo modo que se considera o tirou antigamente das chamas. He este acontecimento muy celebrado nas Historias, que trataõ das virtudes do Cardeal Rey. Succedeo pegarse o fogo por desastre no seu oratorio, em que estava esta devota Imagem; & sem reparar no seu perigo se meteo o Cardeal pelas chamas, & sahio dellas illeso cõ o Santo Crucifixo nos braços, deyxando arder as outras peças de preço, que aviaõ no oratorio. Em memoria de acçaõ taõ heroica se conservou sempre esta mesma Imagem em o Noviciado. No anno de 1700. com os muytos annos, que tudo consomem, & mais as cousas de materia corruptivel; tinha jà esta Imagem algumas faltas, & o caruncho a hia pouco a pouco moendo; acodioselhe com os reparos necessarios, & depois fazendo-se a sacristia se poz neste lugar, servindolhe de peanha a estatua do Cardeal, que

Chron. da Prov. 2 p. l. 5. cap. 34. n. 7. Vasconc. in vita Henrici. Dom Rodrigo da Cunha nos Arcebispos de Braga.

o tirou das chamas : no printo tem ſua letra ſignificadora deſte admiravel ſucceſſo.

14 Depois que ſe lhe fez eſte obſequio, poſſo dizer, como aſſim he, que parece lançou o Senhor ſua ſanta bençaõ a eſta caſa; pois daquelle anno atè o de ſetecentos & cinco, teve taõ bons ſubſidios, que eſtando elle toda a meſma velhice, & morada pouco appetitoſa, ſe renovou toda com abobadas, & mais obras, que a fazem grandemente alegre, & a melhor habitaçaõ de todo o Collegio. Tem a Capella muy boas peças de prata para o ſeu ſerviço. Tudo, o que ha na Capella, ſacriſtia, & antecapella, & os portados de marmores brancos, & pretos ſe fez com a eſmola do Padre Agoſtinho Lourenço, que foy grandioſa, & ſe fizera muyto mais, ſe parte do dinheyro, que ſe deo para rendimento, ſe naõ puzeſſe em mãos, onde ſe veyo a perder; com tudo ainda aſſim tem ſua fabrica ſufficiente, para ſe conſervarem as couſas feytas, & ſe irem pouco a pouco obrando outras de novo.

15 Eſta he ao preſente a caſa dos Irmãos Noviços do Collegio de Evora: toda ella eſtà influindo devoçaõ. Dos Noviciados da Provincia he aſſim no numero dos moradores, como edificio, a menor. Porèm logra a boa fortuna de nunca aver mudança no ſeu ſitio, porque ſempre os Noviços aqui ſe creáraõ entre eſtas paredes. Entre ellas começáraõ a vida Religioſa aquelles homens de tanto ſer, de que abayxo avemos de fallar. Eſtes meſmos ſaõ os cubiculos, em que moráraõ tantos homens, que deraõ ſeu ſangue pela fé; tantos Miſſionarios illuſtres, que a propagáraõ na gentilidade da Africa, da Aſia, da America; tantos homens inſignes em virtudes, & letras. Todos eſtes, & baſtava por todos noſſo Padre S. Franciſco de Borja, puzeraõ ſeus pès neſtes lumiares das portas, em q̃ pomos os noſſos: abriraõ cõ ſuas mãos, & tocàrão as meſmas portas de madeyra, que abrimos: ſaõ ellas taõ fortes, que como eſtaõ livres dos temporaes, quaſi promettem durar atè o fim do mundo. Todos muytas vezes fizeraõ oraçaõ nas meſmas Capellas, em que nòs a fazemos. Memorias ſaõ eſtas taõ deſpertadoras de Deos, q̃ ſó não faraõ abrir os olhos, a quem os tem prezos de algum profundo letargo, & deſcuydo do ſeu bem eſpiritual: para deſterrar tal deſcuydo, ſe acaſo o ouver em algum dos moradores de taõ ſanta caſa, lhes conſagro, & offereço eſte meu trabalho, ainda que pequeno, bem cuſtoſo.

CA-

CAPITVLO IV.

Breve noticia dos Noviciados desta Provincia, mudanças, que nelles ouve, & como algumas pessoas intentàraõ fundar em Evora Noviciado à parte.

1 ANtes, que entremos a referir as virtudes das pessoas, tocarey, o que tem passado de mudanças nesta casa no discurso dos annos depois que foy fundada até o anno de 1705. He de saber, que nesta Provincia teve a Companhia tres Noviciados diversos a mayor parte dos annos depois que entrou em Portugal. O primeyro, & mais antigo o do Real Collegio de Coimbra, donde se pòde dizer, q̃ os outros nacèraõ, como tambem daquelle Collegio a mais Provincia, por ser elle naõ só o primeyro da Companhia em Portugal, mas em todo o mundo. Atè o anno de 1553. no qual se publicáraõ as Constituições, & por força dellas começáraõ os Noviços a ter dous annos de Noviciado, tendo antes só hum, naõ avia nos Noviços aquella separaçaõ, & ordem, que hoje; daquelle anno por diante tomáraõ a fórma, que neste tempo guardaõ. O segundo Noviciado foy o de Evora, que, como fica dito, começou com o anno de 1554. O terceyro foy o de Lisboa na casa professa de Saõ Roque. Tomàraõ os nossos Religiosos posse daquella Ermida, & casinhas, que junto a si tinha, ao primeyro de Outubro de 1553. depois se mudáraõ para esta casa quatorze dos nossos, que estavaõ no Collegio de Santo Antaõ: não acho escrito o dia, & mez.

Histor. Societ. 1. p. l. 13. n. 54. Histor. da Prov. 2. p. l. 4. cap. 14. n. 9. & lib. 4. c. 39. n. 1. Histor. da Prov. 2. p. l. 4. cap. 23. n. 4.

2 Começou este Noviciado em Março de 1558. indo para isso alguns Noviços de Evora, & Coimbra: tudo me consta do livro dos Noviços, que entràraõ nesta casa, que tenho em minha maõ, & o ouve do cartorio de Coimbra, com o qual se tiraõ as incertezas, que tem nesta materia a Historia da Provincia, & o Padre Manoel da Veyga no seu Memorial da casa de S. Roque, os quaes falláraõ assim, porque naõ viraõ este livro, que na materia he texto. Este Noviciado de Saõ Roque se desfez no anno de 1569. por occasiaõ da peste grande, que ouve em Lisboa, & os Noviços se repartiraõ pelos Noviciados de Coimbra, & Evora; depois acabada a peste, tornou outra vez atè o anno de 1579. em que avendo a peste, que chamaõ segunda, se tornou a desfazer, & nunca mais alli ouve Noviciado por causa da po-

Histor. da Prov. 2. p. l. 4. cap 39. n. 11.

breza da casa, & se julgou ser mais do serviço de Deos sustentar operarios em lugar dos Noviços. Delle fallarey mais em especial em seu lugar.

3 Naõ ouve mais Noviciado em Lisboa atè o anno de 1597. Neste anno depois de ajustada a fundaçaõ com o senhor Fernaõ Telles de Menezes Fundador do Noviciado de Lisboa, começou a aver Noviços em Campo Lide em corpo de Noviciado com seu Mestre, dos quaes Mestres foy o primeyro o Padre Antonio Mascarenhas: para isso foraõ algũs Noviços de Coimbra, & Evora, & se fez a dedicaçaõ em 18. de Dezembro de 1597. O primeyro Noviço, que alli entrou, foy o Padre Antonio de Azevedo, natural de Lisboa, homem fidalgo, que ficou cativo em Africa na batalha delRey Dom Sebastiaõ, & tendo jà quarenta & sete annos de idade entrou aos cinco de Janeyro de 1598. Este Padre faleceo em a casa de Saõ Roque aos 22. de Julho de 1631. Continuou o Noviciado na quinta de Campo Lide algũs annos, onde parou para se dar mais calor à obra da casa do Monte Olivete, que começou a se habitar pelos Noviços no anno de 1619. Isto supposto, que he o que por hora nos basta; cessou o Noviciado de Evora quatro vezes do anno de sua fundaçaõ atè o anno de 1705. no qual aos cinco de Janeyro cessáraõ as entradas em todos os Noviciados desta Provincia, & por dous annos inteyros naõ entràraõ Noviços, por assim o mandar o Papa Clemente Undecimo, & assim o executou o Cardeal de Conti entaõ Nuncio neste Reyno, por causa dos Quindenios, que Sua Santidade pedia à Companhia, & ElRey Dom Pedro o II. naõ queria que pagassemos das Igrejas do seu Padroado.

4 Logo que ouve casa de Noviços de bastante grandeza em Lisboa, se lidou, em que naõ ouvesse mais que huma só casa na Provincia, onde elles se creassem todos juntos. No anno de 1619. estando já a casa de Lisboa com bastante habitaçaõ, mandou o Padre Geral Mucio Vitellesqui, que todos os Noviços assim de Coimbra, como de Evora fossem mudados para Lisboa, & deyxasse de aver Noviciado nos dous Collegios: em effeyto se executou esta ordem. Esta foy a primeyra mudança, que durou cousa de onze annos. Depois descobrindo a experiencia muytos inconvenientes, propostos estes ao mesmo Padre Geral Mucio Vitellesqui; no anno de 1630. concedeo, que os Noviciados se restituissem aos Collegios por espaço de seis annos, os quaes fossem como de experiencia, para se ver, se eraõ mais convenientes tres Noviciados, ou hum só. Era neste tem-

po

po Provincial o Veneravel Padre Diogo Monteyro, Meſtre que foy taõ celebre de Noviços, & de eſpirito neſta Provincia. A conceſſaõ ſe executou, & ainda que era ſó por ſeis annos, continuou por todo o tempo do Padre Mucio, & dos Padres Geraes ſeguintes. Naõ obſtante, que no tempo do Padre Geral Vicente Carraffa, ſendo aſſiſtente o Padre Nuno da Cunha, ordenou o Padre Geral ſe tornaſſem a unir os Noviciados: a eſta ordem replicou o Padre Pedro da Rocha Provincial, & ſe veyo a ſuſpender, principalmente por intervir a morte do meſmo Padre Geral em 8. de Junho de 1649. a tempo que eſte ponto andava muyto em quente.

5 No anno de 1653. aos 28. de Setembro ſe dividio em duas eſta Provincia, na de Portugal, & na de Alentejo, & como na de Alentejo entraſſe Lisboa, & nella ouveſſe dous Noviciados, ordenou o Padre Geral Goſuvino Nikel, que todos os Noviços de Evora foſſem para Lisboa. A tal ordem ſe deo à execuçaõ em Mayo de 1654. Eſta foy a ſegunda mudança, que durou como dous annos. Porque o meſmo Padre Nikel no anno de 1656. reſtituhio o ſeu Noviciado a eſte Collegio de Evora, & nelle tornou a começar em o primeyro de Dezembro do meſmo anno, ſendo Provincial da Provincia do Alentejo o Padre Bento de Sequeyra. Naõ perſiſtio muyto tempo, porque eſtando ainda as Provincias ſeparadas, ordenou o meſmo Padre Nikel no anno de 1660. que os Noviços de Evora foſſem todos para a caſa de Lisboa. Eſta foy a terceyra mudança, que durou por couſa de nove annos, & começou em Mayo do meſmo anno. No anno de 1665. ſe tornáraõ à unir em huma as duas Provincias, governando a Companhia o Reverendo Padre Joaõ Paulo Oliva. Eſte, ouvidas as razões, mandou ouveſſe Noviciado em Evora; ao qual ſe deo principio em Fevereyro de 1669. ſendo Provincial o Padre Antaõ Gonçalves, que depois morreo aſſiſtente em Roma. Aſſim perſeverou em todo o tempo, que viveo o Reverendo Padre Joaõ Paulo Oliva, & alguns annos de ſeu ſucceſſor o R. Padre Carlos de Noyele.

6 Eſte no anno de 1685. ſendo Aſſiſtente por eſtas Provincias de Portugal o Padre Franciſco de Almada, & Provincial o Padre Joſeph de Seyxas, mandou ſe reduziſſem a hum ſó Noviciado de Lisboa os tres da Provincia. Eſta ordem com ſummo ſegredo ſe deo à execuçaõ em Junho do meſmo anno depois de eſtar feyta a Congregaçaõ Provincial. Perſiſtio eſta mudança, que foy a ſegunda do Noviciado de Coimbra, & a quarta do

de

de Evora atè o anno de 1690. quando jà era Geral o Reverendo Padre Thyrso Gonçales. Na Congregaçaõ da Provincia sahio eleyto para ir por Procurador a Roma o Padre Bento de Lemos, & este negocio dos Noviciados era dos principaes, que a Provincia lhe encomendàra. Foy bem ouvido, & despachado, mandando sua Paternidade, se restituissem os Noviciados aos Collegios de Coimbra, & Evora. Esta disposiçaõ se começou a executar em Janeyro de 1691. sendo Provincial o Padre Manoel da Silva. Nella se persevera atè o dia de hoje. Parece que as paredes de hum, & outro santo Noviciado naõ podem acquietar, atè se naõ verem habitadas de seus innocentes moradores. Senaõ he, que as santas almas de tantos Martyres, & tantos homens santos, que nestas casas se creàraõ, lá diante de Deos se fazem agentes desta causa.

7 Naõ me toca apontar as razões destas mudanças; mas porque naõ cuyde, quem isto ler, que homens taõ maduros no seu obrar, como os Padres Geraes da Companhia sempre foraõ, nisto procediaõ menos acertadamente; basta entender, que estas mudanças de muytos em hũ só Noviciado tinha seu fundamento nos lugares das Congregações geraes, que vaõ citados à margem. Avia porèm razões muy forçosas na Provincia, para conservarem tres Noviciados. Quanto a este de Evora, além das outras razões, que saõ commuas ao de Coimbra, sempre fez grande pendor, o constar, que o sereníssimo Infante Cardeal mandàra fazer este edificio especialmente para os Irmãos Noviços nelle morarem; em que significou o gosto, que tinha de os aver no seu Collegio, a quem elle sempre desejou, & procurou tudo o que era de seu esplendor, & grandeza. Do mez de Janeyro de 1554. atè o mez de Janeyro de 1705. tem corrido cento cincoenta & hum annos. Destes só vinte & oyto por causa destas interrupções, mezes mais, mezes menos, tem deyxado de aver Noviciado em Evora. Nos cento & vinte & tres annos, que até o tal anno assistiraõ, foraõ os Noviços nelle mil setecentos & quarenta & hum, contando assim os que aqui entràraõ, como os que dos outros Noviciados aqui vieraõ, ou acabar, ou a continuar algum tempo. Destes grande numero foraõ para as missões, das margens dos livros das entradas consta terem ido mais de duzentos; & he certo naõ estaõ todos apontados, pois de muytos sey de outros papeis, que foraõ para as missoens, & naõ tem nos livros esta advertencia, que como isto só foy curiosidade dos Mestres, muytos faltàraõ em os apontar. O que mais espanta

Congreg. 1. decret. 127. Cõgregationis 2. can. 1.

panta he o numero de despedidos da Companhia, que acho apontado nas margens, serem quatrocentos & vinte & quatro, & me persuado foraõ mais pela mesma razaõ, que dey para serem mais os Missionarios. Assim purifica Deos em todos os tempos esta minima Companhia, & lhe deo este meyo taõ Divino, para sempre se conservar em santidade, cortando os membros podres, & ramos secos.

8 Antes de entrarmos a referir as vidas, & virtudes dos homens, que deraõ materia a este meu trabalho, & sahirmos do que pertence ao material da casa, naõ he contra o meu intento deyxar aqui em memoria os pensamentos, que teve D. Francisco de Bragança acerca de fazer em Evora hum Noviciado à Companhia. Este senhor foy filho de Dom Fulgencio de Bragança filho do Duque de Bragança D. Jayme, sobrinho do Arcebispo D. Theotonio, foy Conego na Sé de Evora, depois teve outros cargos no Reyno, como saõ Commissario da Cruzada, do Conselho de Estado em Madrid, & outras occupações competentes à sua pessoa. Antes de ir para Madrid fez seu testamento, nelle ordenava, que se falecesse fóra de Lisboa, fosse trazido seu corpo para o jazigo, que elle tinha mandado fazer na via sacra, por onde se sahe da sacristia de Saõ Roque para a mesma Igreja, & que alli se fizesse hum nicho no topo deste carneyro, em que se lhe dissesse Missa, & que se ornasse muy bem. Para esta obra applicava todas as peças do seu oratorio, & tambem o remanecente depois de cumpridos os seus legados. Dos intentos, q teve D Frãcisco de Bragança.

9 Disposto assim o seu testamento, voltando de Madrid para este Reyno, o alcançou a ultima doença em Coimbra, onde morreo; neste tempo fez hum codicillo, pelo qual se constituhio Fundador do Noviciado de Evora, para que nelle se creassem sugeytos, que pudessem depois ir para a India, & occupar-se na conversaõ dos Gentios. Assim tem estas cousas o Memorial da casa de S. Roque. Para esta fundaçaõ deyxou tudo, o que restasse de sua fazenda, & todas as peças do seu oratorio. Tomou o Collegio de Evora posse destes bens em ordem à fundaçaõ do dito Noviciado. Aquelle remanecente dos seus legados consistia em dinheyros, que se lhe deviaõ, & estavaõ mal parados. Aviaõse de cobrar com demandas, nas quaes por ventura se avia de gastar tanto, ou mais, do que se poderia recolher; & isso se julgava ser cousa taõ pouca, que naõ bastava para a fundaçaõ. Por esta causa os Padres de Saõ Roque moveraõ litigio aos de Evora, que pois se não podia effeytuar a fundaçaõ por serem limitados os

cabedaes,

cabedaes, ſe avia de cumprir a primeyra vontade do teſtador. Eſta controverſia que tinha boas duvidas, & naõ ha porque deter nellas, ſe arrezoou aſſim por parte do Collegio de Evora, como da caſa de Saõ Roque, & durou quaſi dez annos. O Padre Vicente Carrafa Geral da Companhia cõmetteo a final ſentença a tres Religioſos da Companhia grandes letrados, todos tres eſtrangeyros. Eſtes em 31. de Mayo de 1649. deraõ ſentença a favor da caſa de S. Roque. Tambem ſe diz tiveraõ penſamentos de fundarem aqui Noviciado à parte as ſenhoras, que depois fundáraõ na meſma Cidade o Convento de Religioſas de Santa Thereſa de JESUS; os quaes intentos ſe vieraõ a deſvanecer. Com iſto paſſemos a referir a vida do ſereniſſimo Fundador, como raiz donde naceo taõ frutuoſa arvore, & de tanta gloria de Deos, & bem das almas.

CAPITVLO V.

Vida do ſereniſſimo Cardeal Rey D. Henrique Fundador do Collegio, & Univerſidade de Evora, & deſte ſanto Noviciado, de ſeu naſcimento, & dignidades, que teve atè ſer Rey.

Em Almeyrim aos 31. de Jan. de 1580. às onze horas da noyte, tendo de idade 68 annos, de Reynado hum anno cinco mezes, & 5. dias.

1 O Sereniſſimo Cardeal Rey Dom Henrique, pay da Companhia, foy hum dos Reys, a quem ella mais deve, & a quem eſte Noviciado deve o ſer, que tem: nelle entrou muytas vezes, elle o mandou fazer para os Irmãos Noviços, & com ſua preſença, como homem de ſingulares virtudes, podemos dizer, que o ſantificou. Por eſtas razões me parece ſeria ingratidaõ, naõ fazer neſte lugar memoria de ſuas virtudes, pois foraõ taõ excellentes, que nellas tem muyto que venerar, & imitar naõ ſó os grandes Principes, mas os homens, que de veras trataõ de perfeyçaõ Como eſte primeyro livro contèm as vidas dos Padres, que foraõ aqui Meſtres de Noviços, eſcreveremos em primeyro lugar a do Fundador da caſa, como Meſtre de todos os mais, a quem com ſeus exemplos enſinou a ſer Santos. Ainda que ella por muytos anda eſcrita, cuydo que algũas couſas direy de novo, recolhidas das antigas memorias do Collegio de Evora, dentro de cujas paredes elle ſe dignou de morar com tanta familiaridade, como ſe foſſe qualquer Religioſo da Companhia.

2 Eſte ſingular Principe naceo em Lisboa nos Paços do Caſtello.

tello. Seus pays foraõ o feliciſſimo Rey D. Manoel, & a Rainha D. Maria filha dos Reys Catholicos Dom Fernando, & D. Iſabel. Foy ſeu nacimento no ultimo dia de Janeyro do anno de 1512. Neſte dia ſuccedeo cobrir-ſe de neve a Cidade de Lisboa, o que ſe teve por feliz annuncio da bondade do Principe, que nacia; & bem moſtrava aquella neve a de ſua virginal pureza, com que viveo, & morreo, & a candura de coſtumes, de que a graça o dotou. Foy o ſetimo filho, que tiveraõ eſtes feliciſſimos Reys. Dom Jorge de Almeyda Biſpo de Coimbra lhe deo o Santo Bautiſmo. Logo que a idade deo lugar, ſe applicou às letras; ſoube muy bem a lingua Latina; na Grega, & Hebrea teve por Meſtre a Nicolao Clenardo, que naquelles tempos foy neſtas linguas eminente. Aprendeo a Philoſophia, & tomou baſtante noticia das Mathematicas, em eſpecial da arquitectura. Depois eſtudou a ſanta Theologia; foy muy inclinado à liçaõ dos Santos Padres. Compoz hum livro de Meditações para o ſeu uſo, o qual depois fez imprimir em vulgar o Veneravel Padre Fr. Luis de Granada; & traduzido em Latim ſahio a luz por induſtria da ſua Univerſidade de Evora. Outras Meditações, que compoz ſobre o Padre noſſo, traduzio em Latim o excellente Hiſtoriador Jeronimo Oſorio Biſpo de Sylves, & as imprimio. No ſeu tempo foy tido por Principe ſabio, como na verdade era; & por fautor dos homens ſabios. Quando eſtava à meſa, mandava aſſiſtir homens doutos em diverſas faculdades, para que em ſua preſença diſputaſſem; o que aprendeo de outros grandes Principes, em eſpecial de ſeu pay ElRey D. Manoel.

3 Da grande eſtimaçaõ, que fez das letras, naceo dedicaremlhe muytos homens doutos os ſeus livros; deſtes vi alguns muy curioſamente eſcritos, que ſe conſervaõ no cartorio do Collegio de Evora. Elle verdadeyramente acreditou a naçaõ Portugueza buſcando homens doutiſſimos, que eſcreveſſem ſuas heroicas façanhas. Encomendou a Damiaõ de Goes, eſcreveſſe a Chronica delRey Dom Manoel; & tambem ao eloquentiſſimo Biſpo de Sylves Jeronimo Oſorio, que compuzeſſe a ſua Hiſtoria do meſmo Rey. Fez vir de Italia ao Padre Joaõ Pedro Maffeo da noſſa Companhia, para eſcrever as façanhas dos Portuguezes na India. Naõ contente com todas eſtas couſas, erigio a Univerſidade de Evora, como ſeminario de homens ſapientiſſimos: na qual tem florecido homens, nas faculdades, que profeſſáraõ, dos mais eminentes, que ouve nas Univerſidades. Tendo quatorze annos de idade ſe veſtio de habito Cle-

rical, & tomou Ordens menores. A primeyra dignidade, que teve, foy a de Commendatario, & perpetuo Administrador do Real Mosteyro de Santa Cruz de Coimbra, que nelle renunciou o Cardeal D. Affonso seu irmaõ. Reduzio os Conegos à sua primeyra observancia, & renovoulhes o edificio, que com os annos estava muyto danificado. Acrecentoulhes as rendas, tirando-as do que a elle lhe pertencia.

4 Foy tambem Abbade de Alcobaça, & reformou a Ordem de Saõ Bernardo: em Coimbra lhe edificou o Collegio, que alli tem; & lhe fez restituir tres Mosteyros, que estavaõ annexos à Ordem de Christo. Tambem se lhe encomendou a reforma das Ordens Militares de Christo, Santiago, & de Saõ Bento, & dos seus Freyres residentes nos Conventos de Tomar, Aviz, & Palmela. Ainda não tinha feyto vinte & hum annos de idade, quando vagando em Julho do anno de 1532. o Arcebispado de Braga, foy nelle provido. Naõ pode logo ir assistir em Braga; o que fez no anno de 1537. Em chegando mandou ajuntar Synodo, & ordenou as Constituições, pelas quaes se governa aquelle Arcebispado. Todas as vezes, que ha Synodo, tem os Arcebispos certo direyto, que lhe paga cada huma das Igrejas do Arcebispado; nada elle quiz para si, mandou, que com este dinheyro se casassem orfans, & se promovesse a obra das escolas publicas, que saõ as que depois se déraõ à Companhia. Visitou por sua pessoa quasi todo o Arcebispado; tambem para este ministerio buscou homens de conhecidas letras, & bons procedimentos, aos quaes remunerava seu trabalho com beneficios, & estipendios grossos.

5 Per si mesmo fazia sempre os officios das Endoenças com mostras de grande ternura, & piedade, a qual se via nas lagrimas que de seus olhos cahiaõ. Para com seu exemplo ensinar aos Parochos, quanto se devem dar por achados em administrar per si os Sacramentos, elle por vezes dava os Sacramentos do Bautismo, da Penitencia, & da Eucharistia, tendo grande consolaçaõ de a levar aos enfermos. Da gente honrada, que naõ pòde andar pedindo pelas portas, teve cuydado especial acodindolhe com esmolas. Como ouve grande esterilidade naquella Provincia, mandou vir muyto trigo de França, o qual aos pobres mandou dar de graça, & aos ricos pelo preço, que lhe custára; & assim remediou a todos. Ennobreceo com obras a Cidade, & a Sè com ornamentos de muyto custo. No anno de 1539. renunciando D. Diogo da Silva o cargo de Inquisidor Geral, foy nomeado

nesta dignidade o Infante Dom Henrique. Logo renunciou o Arcebispado de Braga em D. Diogo da Silva; & elle foy promovido à Mitra de Evora, a qual por seu respeyto subio a ser Arcebispado no anno de 1540.

6 No Arcebispado de Evora procedeo com o bom exemplo, que déra no de Braga. Como as rendas eraõ mayores, o eraõ tambem as esmolas; entre outras mandava repartir da sua botica mèsinhas a todos os pobres da Cidade. Quanto ennobreceo a esta Cidade, se deyxa bem ver pelas obras taõ Reaes, & proveytosas, que nella fundou, como foy a Universidade, & Collegio da Companhia, & o Real da Purificaçaõ, que entregou todo ao governo da Companhia, obras dignas de seu Autor. Edificou em Valverde duas legoas da Cidade hũ Mosteyro da Provincia da Piedade. Instituhio hum Collegio de meninos orfaons, para servirem de moços na Sè, & alli se crearem com boa doutrina, & aprenderem a solfa; a qual obra servio muyto, & serve para o esplendor, & aceyo do culto Divino, que elle procurou se fizesse na Sé com mayor apparato, & magestade, do que antes se costumava. Nas quatro festas principaes do anno, Pascoa, Natal, Espirito Santo, & Assumpçaõ, mandava repartir grande quantidade de dinheyro, & paõ aos pobres, viuvas, & a pessoas honradas. No inverno se davaõ muytos vestidos aos pobres, para se abrigarem das injurias do tempo. Attendia naõ só aos pobres da Cidade, mas aos dos outros lugares, repartindo todos os annos grande quantia de dinheyro pelas Misericordias do Arcebispado, segundo a grandeza dos povos, para que os pobres de cada terra fossem remediados. Alèm destes subsidios temporaes, procurou muyto o bem espiritual de todos, fazendo ir em missões por todo o Arcebispado homens de virtude conhecida. Para este ministerio se aproveytou muyto dos Religiosos da Companhia, & de ver o grande fruto, que faziaõ, se occasionou a fundaçaõ do nosso Collegio.

7 No anno de 1546. lhe mandou o santissimo Padre Paulo Terceyro o Capello de Cardeal com o titulo de Santa Cruz em Jerusalem, o qual conservou atè o anno de 1550. Depois teve o dos Santos quatro Coroados, o qual elle nunca mais quiz mudar: o Capello de Cardeal foy agenceado por Santo Ignacio. No anno de 1549. entrando os Cardeaes em conclave, para eleger Summo Pontifice, teve o nosso Cardeal muytos votos sem ninguem lhos agencear, que se nisso ouvera alguma diligencia da parte del Rey seu irmaõ, se tinha por cousa quasi sem duvida, *Chron. da Prov. 1. p. l. 2. c. 6. n. 5.*

ser elle o Summo Pontifice. Sahindo eleyto Julio Terceyro, no anno de 1553. o fez seu Legado à latere em Portugal, & mais terras sugeytas a seu dominio. Em onze de Junho de 1557. faleceo ElRey Dom Joaõ o III. seu irmaõ. Deyxou por Governadora destes Reynos a Rainha Dona Catharina, em quanto seu neto D. Sebastiaõ naõ tivesse idade para governar.

8 Logo a Rainha fez passar de Evora para Lisboa ao Infante Cardeal, para se ajudar delle no governo, em que sempre se ouveraõ com grande conformidade. No anno de 1562. estando a Rainha enfastiada dos cuydados do governo, & querendo viver só a si, ajuntou Cortes em Lisboa, & renunciou todo o governo no Infante Cardeal. Naõ pode elle resistir aos rogos da Rainha, nem às instancias dos povos, & cortando por seus commodos, & achaques, se sacrificou a este trabalho, attentando só pelo bem commum. Renunciou o Arcebispado de Evora em D. Joaõ de Mello, & por estar vago o de Lisboa, foy nelle provido. Governou este Reyno em lugar delRey D. Sebastiaõ até o mez de Janeyro de 1568. Administrou a justiça com grande zelo, & igualdade; tendo as entradas muyto faceis para grandes, & pequenos. Nas controversias, que avia entre a fazenda Real, & pessoas particulares, queria, que se désse o seu a seu dono, & que antes se cortasse pela fazenda Real, que pela dos particulares. A elle se devem as principaes fortalezas das melhores barras deste Reyno, como a de Saõ Giaõ na barra de Lisboa, & a que fecha a barra de Setuval, & outras, que deyxo por brevidade, & se podem ver na Historia do Padre Balthezar Telles da
2.p.l.5. cap.31. nossa Companhia. Acrescentou muyto as rendas delRey, & as aliviou das muytas dividas, em que estavaõ. Fazendo ElRey quatorze annos lhe entregou o governo, tendo desejo de viver fóra de trafegos, & de se retirar para a Cidade de Evora. Succedeo neste tempo vagar o Arcebispado por morte de D. Joaõ de Mello; ElRey entendendo o seu gosto lho offereceo, & elle o aceytou de boa vontade; porque naõ queria outra cousa mais, que viver em lugar, aonde pudesse tratar de Deos, & com gente, que só de Deos tratasse; por isso escolheo para sua morada o nosso Collegio, & nelle viveo no edificio, que alli tinha feyto para sua habitaçaõ, & onde se costumava hospedar, quando vinha a Evora, que era na parte onde hoje está a Capella do Collegio, & livraria.

CAPITVLO VI.

Como em seus principios foy pouco affeyçoado à Companhia, & como depois se mudou; & dous casos, que muyto o confirmàraõ neste amor.

1 FOy o Cardeal Rey pouco affecto aos Religiosos da Companhia nos seus principios, dando em varias occasioens significaçaõ desta sua desaffeyçaõ. Pondo ElRey em conselho, se avia de mandar para a India aos dous Padres Saõ Francisco de Xavier, & Padre Mestre Simaõ, o Infante D.Henrique foy de parecer, que os Padres fossem para a India, dizendo a ElRey seu irmaõ, que em Portugal eraõ escusadas Religioẽs novas; & que com a Companhia se devia ir muy attento, da qual se naõ sabiaõ por experiencia as cousas, que por fama se divulgavaõ: particularmente, que todos aquelles Padres eraõ homens, que tinhaõ andado pelas terras do Norte, que estavaõ inficionadas com heresias. Com tudo isso venceo o parecer de seu irmaõ o Infante Dom Luis, & ElRey mandou para a India a Saõ Francisco de Xavier, & deyxou no Reyno ao Padre Mestre Simaõ. O muyto zelo que tinha o Cardeal de conservar a fé em sua pureza, & receyos, de que o Padre Mestre Simaõ dissimulasse alguns erros, faziaõ com que o Cardeal naõ gostasse de o ver em Palacio, & o trouxesse como de vigia, desviando-se delle, & desviando-o de si. No anno de 1544. se lhe offereceo huma occasiaõ muyto à medida de seu desejo, de averiguar de huma vez a pouca lisura, que imaginava terem os da Companhia.

2 Prègava em Coimbra o Padre Francisco Estrada, com tanto espirito, que fez grandes mudanças de costumes na gente nobre, que frequentava a Universidade. Muytos tomàraõ os Exercicios de Santo Ignacio, davaõ volta a suas vidas, entravaõ nas Religioens, & muytos entràraõ na Companhia. Levavaõ isto a mal muytos dos mais graves da Universidade, & naõ sentiaõ bem dos Exercicios de Santo Ignacio, dizendo, se podia algũ veneno encobrir debayxo daquelles biocos, & dissimulaçoẽs de santidade, por tanto, que era bem se tirasse tudo a limpo. Para este effeyto formàraõ capitulos contra os da Companhia, & porque naõ seria facil ter bom successo este negocio, sendo os da Companhia bem vistos delRey, achàraõ, que por via do Cardeal, cuja desaffeyçaõ era notoria, sahiriaõ com seus intentos.

Enviáraõ a ſua papelada ao Cardeal. Eſte depois de a ver, pedio licença a ElRey, para mandar tirar informaçaõ ſobre os Exercicios da Companhia, & ſobre a doutrina do Padre Meſtre Simaõ. Veyo ElRey na licença, porque eſtava certo da innocencia dos accuſados.

3 Commetteo-ſe o exame ao Reytor da Univerſidade, que entaõ era Fr. Diogo de Murça, da Ordem de Saõ Hieronymo; com ordem, que em quanto ſe fizeſſe a diligencia, de nenhum modo communicaſſe o Padre Meſtre Simaõ com ſeus ſubditos. ElRey pelo amor, que tinha aos da Companhia, aviſou ao Padre Meſtre Simaõ, dizendolhe, naõ eſtranhaſſe a diligencia, a qual elle permittia por juſtos reſpeytos. Reſpondeo o Padre Meſtre Simaõ, que elle tinha tudo por eſpecial mercè de Deos, & lhe pedio, quizeſſe Sua Mageſtade, que elle entretanto eſtiveſſe prezo, para mayor ſegurança deſte negocio. Muyto edificou a ElRey taõ ſanta repoſta, nacida de conſciencia, que naõ temia. Se bem ſe encomendou ao Reytor a diligencia, elle melhor a fez, pondo nella toda a exacçaõ. Entrou no Collegio, tirou teſtimunhas com grande ſegredo, porq naõ ſe revelaſſe couſa alguma das que perguntava. Em eſpecial chamava, aos que de novo tinhaõ entrado na Companhia. Finalmente chegáraõ as perguntas ao Irmão D. Rodrigo de Menezes, que era fidalgo da primeyra qualidade, & cuja entrada déra muyto que fallar na Univerſidade.

4 Entre outros capitulos hum era, ſe nos Exercicios avia viſões? Reſpondeo o Irmaõ: *Sim ſenhor, & eu tive hũa grande viſaõ.* Cuydou o Reytor, que tinha dado na caça, & tornou a inſtar, que diſſeſſe chãmente, o que tinha viſto. *Naõ ha* (reſpondeo o Irmaõ) *porque encobrir a verdade, nem a viſaõ: vime ſenhor a mim meſmo, que atè agora me não tinha viſto, nem entrado no conhecimẽto de meus peccados.* Eſta repoſta atalhou a fogoſidade do Reytor, & deo a ſua diligencia por concluſa, remettendo a devaça ao Cardeal. Daqui por diante ſe foy o Cardeal esfriando nas ſuas deſconfianças, & pouco a pouco foy depondo aquella ſua deſaffeyçaõ. As primeyras moſtras, que deo da mudança, que Deos hia obrando em ſeu animo, foraõ no anno de 1550. no qual pedio Padres da Companhia, que diſcorreſſem em miſſaõ pelo ſeu Arcebiſpado, movido com o exemplo de ſeu irmão o Infante D. Luis, que os tinha pedido para o ſeu Priorado do Crato. Eſte Infante foy grande amante da Companhia, & naõ ceſſava em todas as occaſioens, que ſe offereciaõ, de a abonar

diante

diante do Cardeal seu irmão. Tambem o ajudou a esta mudança a santa conversaçaõ do Veneravel Padre Fr. Luis de Granada, que como homem santo, via as nossas cousas com olhos desapayxonados, & este seu sentir dizia ao Cardeal, que como tinha do Veneravel Padre o conceyto, que suas virtudes, & letras mereciaõ, muyto foy afroxando na tezidaõ, com que encontrava nossas cousas.

5 Acrescentou-se a isto, que intentando dar estado Clerical ao senhor D. Antonio, filho natural do Infante D. Luis, como tivesse estudado bem Latim, determináraõ estudasse atè a sagrada Theologia em Evora nos Paços Reaes, & fosse seu Mestre aquelle assinalado Varaõ, & depois santissimo Arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres: pareceo, que não podia ter por condiscipulos a outros, que mais o ajudassem em letras, & virtude, que a alguns Irmãos da Companhia. Todas estas cousas mudáraõ ao Cardeal, & lhe influiraõ desejos de fazer Collegio da Companhia em Evora. No anno de 1551. vieraõ para isto de Coimbra algũs Religiosos, & quatro Irmãos estudantes para condiscipulos do senhor D. Antonio, entre os quaes foy hum o sapientissimo Padre Pedro da Fonseca.

6 Começou o sereníssimo Cardeal a conhecer de veras os bons procedimentos dos Religiosos da Companhia, & toda a desaffeiçaõ se mudou em entranhavel amor. Vio com seus olhos o grande fruto, que a Deos faziaõ; & vio nelles virtudes de homens, que de veras tratavaõ de Deos, & do bem do proximo. No anno de 1554. lhe succedeo ver em o Provincial da Companhia, o que apenas cuydàra em qualquer Religioso particular: fora o Padre Diogo Miraõ, entaõ Provincial, fazer missaõ à Villa de Moura com o Padre Antonio de Quadros; alli adoeceo; & ainda que muytos dos nobres lhe offereciaõ suas casas, o Padre naõ quiz senão curar-se no Hospital entre os enfermos. Aconteceo então ir o Cardeal em visita à Villa de Moura; & como era taõ caritativo, foy com sua presença consolar os enfermos do Hospital; quando entre elles vio com seus olhos ao Provincial da Companhia, ficou como assombrado de tanta humildade: agradeceolhe o trabalho, que tomára em proveyto de suas ovelhas, & o mandou mudar para casa particular, aonde fosse tratado como sua pessoa, & virtude merecia. A esta caridade não pode resistir o Padre Provincial, mas ficou muy edificado do bom exemplo do Cardeal. Alèm disto, & outras cousas, pode tudo com elle, o que lhe aconteceo com o Padre Leaõ Henriques.

ques. Este Padre por ordem de Santo Ignacio passou de Coimbra a ser Reytor do Collegio de Evora. Foy isto em tempo, que o Cardeal estava em Lisboa para consolar a ElRey seu irmaõ, a Rainha, & a Princesa D. Joanna, que todos estavaõ cortados de dor com a morte do Principe D. Joaõ, unica esperança de Portugal, & pay delRey D. Sebastiaõ. Como foraõ taõ grandes os golpes da casa Real, ajuntando-se tambem no anno seguinte à morte do Principe a do Infante D. Luis, penetrou-se muyto o Cardeal destas feridas tam vitaes, & sobrevieraõlhe accidentes muy pezados de melancolia.

7 Sabendo isto o Padre Leaõ Henriques ordenou, que no Collegio se fizessem muytas penitencias, & orações pela saude de Sua Alteza. Assistindo o Padre Leaõ Henriques em fervorosa oraçaõ, deolhe Deos a sentir, que fosse visitar o Cardeal a Lisboa. Sahio do Collegio com seu Companheyro, dizendo hia fazer huma obra de caridade; caminhou para a parte do Mosteyro de Saõ Bento, que fica no caminho de Lisboa. Chegando a lugar, que lhe pareceo accommodado, disse a seu Companheyro, que se deyxasse alli ficar, em quanto se retirava a fazer oraçaõ naquelle lugar solitario. Naquelle breve tempo por modo superior foy o Padre levado a Lisboa, entrou no Paço, chegou-se à cama do Cardeal enfermo, na occasiaõ que mais affligido estava, & com rosto alegre lhe disse: *Naõ he isso nada, senhor, V. Alteza tenha bom animo, que por misericordia do Senhor serà livre deste mal, desorte que logo se possa levantar dessa cama.* Perguntoulhe, onde tinha a dor; & como dissesse, que no coraçaõ, lhe fez sobre elle o sinal da Cruz. De repente ficou livre, & como estava cansado dormio.

8 Espertando do sono se sentio em a sua affliçaõ; manda logo, que vaõ a Saõ Roque, & lhe chamem ao Padre Leaõ Henriques, que avia pouco o visitára, porque lhe queria dar as graças pela mercè, que por seu meyo Deos lhe fizera. Admirou-se muyto o seu Camareyro mòr, pois o Padre alli naõ entrára vendo-o elle, & tambem o Cardeal se admirava. Mandou-se recado a Saõ Roque; a reposta foy, que o Padre Leaõ Henriques estava governando o Collegio de Evora. A' vista de todas estas cousas entendeo o Cardeal, que a saude fora milagrosa. Daqui por diante cresceo nelle muyto mais o amor à Companhia, & subio de ponto a estimaçaõ da virtude do Padre Leaõ Henriques, a quem elle escolheo por seu Confessor; & totalmente se resolveo de nos fundar Collegio, & Universidade, porque atè

o tempo

o tempo, que ſuccedeo eſte caſo, hia o Cardeal como fazendo experiencia de nòs, ſem nos ter dado renda fixa, mas ſó huma preciſa ſuſtentaçaõ em trigo, & dinheyro. Foy taõ grande o amor, que teve à Companhia, que nenhumas palavras o podem explicar. Dizia elle, que tocar na Companhia, era tocarlhe nas meninas dos olhos. A ſeu irmaõ o Infante D. Luis dizia muytas vezes, que mais o amava pelo ver taõ devoto da Companhia, que por ſer filho do meſmo pay. Quem queria ter com elle bons deſpachos, lhe repreſentava as occaſioens, em que tinha ſervido à Companhia. Naõ avia negocio do ſerviço de Deos, que naõ fiaſſe dos noſſos Religioſos. Tendo poder muy amplo ſobre todas as Religioens, nunca ſe quiz meter nas couſas da Companhia, pela grande opiniaõ, que tinha do ſeu inſtituto, & virtude. Elle nas adverſidades, que no ſeu tempo padeceo, a defendeo, & amparou ſempre.

9 Além do Collegio, & Univerſidade de Evora, que nos fundou, & dotou, no tempo que foy Arcebiſpo de Lisboa, & governava o Reyno por ElRey D. Sebaſtiaõ, ſe fez Fundador do Collegio de Santo Antaõ, que atè aquelle tempo naõ tinha proprio Fundador. Deo, & alcançou muytos privilegios a todos os Collegios da Companhia de Portugal, da India, & do Braſil. Ao Collegio do Porto deu huma Igreja, que era do Padroado Real; ao de Braga deo o Moſteyro de Roris. Alcançou do Papa groſſas penſoens para eſtes meſmos Collegios: & outra penſaõ por vinte annos para o Collegio de Coimbra, de dous mil & quinhentos cruzados cada anno, com os quaes ſe perfizeſſe o dote do Collegio. Tambem acodio com boas eſmolas à caſa Profeſſa de Saõ Roque. Alèm deſtes, & outros muytos favores nos abonou muyto com ſuas cartas diante do Pontifice. No teſtamento deyxou por ſua morte a ElRey ſeu ſucceſſor muyto encomendada a Companhia, como a couſa, que muyto amára. Quiz, que depois de ſua morte hum Padre foſſe por ſua tençaõ viſitar os lugares Santos de Jeruſalem; como em effeyto foy o Padre Jeronymo Rodrigues com o Irmaõ Balthezar Dias, que foy por tençaõ delRey D. Sebaſtiaõ ſeu ſobrinho por mandado delRey Philipe II.

Chronic. 2. p. l. 5. cap. 32. Vaſconc. in vit. Henrici.

CA-

CAPITVLO VII.

Amor que teve ao seu Collegio de Evora.

1 AInda que o amor deste sereníssimo Rey foy taõ grande para com toda a Companhia, foy especialissimo para com o seu Collegio de Evora, como em toda a sua vida mostrou por obras, & palavras. Quando assistia em Lisboa, mandára elle fazer hum ornamento de brocado riquissimo para o Collegio de Evora; & como nesta occasiaõ lhe lembrassem o Collegio de Santo Antaõ, do qual tambem era Fundador, respondeo, que elle tinha dous filhos, hum primogenito, que era o Collegio de Evora, outro da velhice, que era o de S. Antaõ; que o deyxassem prover primeyro o seu primogenito, depois elle o faria com o outro, como com filho da velhice. Ainda que o Cardeal se hospedava no seu quarto, que no Collegio tinha, naõ era de incommodo algum; antes era todo o seu cuydado, que este se evitasse, & que o Collegio naõ fosse devaçado pela gente, que o servia; para isso fez portaria à parte. Muytas vezes tinha repouso com o Padre Leaõ Henriques, assentado elle em huma pedra da janella, & o Padre na outra. Hia pela cerca correndo as pollices dos Padres, & Irmãos, ora fallando com estes, ora com aquelles, tudo com agrado de pay.

2 A sua assistencia entre nòs taõ fóra estava de desenquietar o recolhimento dos Religiosos, que o acrescentava, a fóra a sua pessoa naõ consentia, que no Collegio dormisse outra de sua casa, excepto o seu Camareyro mòr. Quando hia dizer Missa à Igreja, por naõ desenquietar os Padres, naõ se queria revestir na sacristia, mas revestia-se em hum Altar da Igreja. No tempo, que sabia irem os Irmãos á cerca, mandava fechar hũa janella grande, que para ella cahia. Mandou pòr humas portas na janella de hũa varanda, para que os de sua casa naõ devaçassem a cerca. Na Quaresma de 1573. aqui se achava com ElRey, & ouvia as prègações no Collegio: queria que todos os dias à noyte se fizesse doutrina a toda a gente de sua casa, fidalgos, & naõ fidalgos, a que o Cardeal assistia secretamente ouvindo de huma varanda. Como alguns dias, por estar mal o Irmaõ, se interrompesse esta doutrina, encontrando-o elle acaso, lhe pergũtou, porque a naõ continuava, & encommendou, que dalli por diante naõ faltasse em a fazer. Nos seus criados avia grande reforma-

çaõ

çaõ, usavaõ de cilicios, & disciplinas; & fizeraõ entre si concerto, que jurando algum, o que o ouvia, o mandasse pòr de joelhos, & fazer certa reza; o que elles faziaõ, & assim se desterrou toda a sombra de juramento. Todo o seu contentamento parece, q̃ era este seu Collegio, andar pelos corredores, ir ver as fontes, andando só com o seu bordaõ, & com o seu Camareyro mòr, & às vezes cõ o Padre Provincial. Se encontrava os Irmãos varrendo, ou fazendo algũa outra cousa, & via q̃ se queriaõ retirar, por lhes naõ ser incõmodo lhes dizia, q̃ fossem por diante, & fizessem seus officios. Passando huma vez pelo coro da Igreja, & vendo ao canto delle huma tea de aranha, disse para hũ Irmaõ, q̃ alli estava: Irmaõ, dizey ao Padre Ministro, que mande tirar aquella tea de aranha: porque elle naõ se metia em mandar a algum ainda em cousas taõ tenues, como era esta. Outra vez estando à sua varanda, que cahe para a Universidade, vendo que os estudantes pequenos naõ podiaõ chegar à taça da fonte, que está no meyo do patio, lhe mandou fazer nos quatro lados do tanque os quatro supplementos de marmore, que tem, com que se acodio aos pequenos, que com este subsidio podem beber na taça, aonde antes não chegavaõ.

3 No anno de 1569. pedio licença a ElRey para chegar ao Collegio de Evora, porque tinha disso grandes desejos. Foy a jornada tanto pela callada, que nem os que o acompanhavaõ souberaõ o fim do seu caminho, senaõ no mesmo dia, em que chegou a Evora, porque a horas de jantar lho declarou. Pela tarde, que era hum dia de sueto, entrou no Collegio, & feyta oraçaõ na Igreja, sem descançar, o foy vendo todo, & as obras, que de novo se tinhaõ feyto. Depois de tudo se foy ao coro, & se poz em oraçaõ por largo espaço de joelhos. Ao sahir viraõ, que trazia os olhos arrazados em lagrimas, tudo pela consolaçaõ que tinha de ver aumentada hũa obra de tanto serviço de Deos. Pela manhãa antes de se levantarem os Religiosos, se foy ter oraçaõ ao coro: como déssem as horas de levantar, & naõ ouvisse tanger a campa, perguntou depois, que causa ouvera para aquella novidade. Respondéraõlhe, que fora por naõ desenquietar a Sua Alteza, pois estaria molestado do caminho. A isto respondeo, que por seu respeyto se não mudasse hum só ponto da ordem, que em casa se tinha.

4 Acabada a oraçaõ disse Missa aos Irmãos, & gastou a manhãa em ver a obra, & dar traças com o Padre Reytor nas suas melhoras. De tarde visitou as classes, aonde se lhe disseraõ

muytos

muytos epigrammas, & fizeraõ outras plausibilidades Academicas, quanto pode o tempo dar de si. Ao dia seguinte pela manhãa foy visitar a Senhora do Espinheyro, & na volta o sahiraõ a receber todos os estudantes, indo diante os meninos da escola com capellas na cabeça, & canas verdes na maõ, & detraz os graduados todos, chegando a estes se apeou, & assim acompanhado entrou na Igreja, aonde o Mestre da primeyra lhe fez huma oraçaõ feyta com grande elegancia. No fim della subindo ao Altar lançou sua bençaõ tres vezes ao auditorio. Pela tarde do mesmo dia se partio, dizendo, que naõ tinha licença delRey para mais se deter. Foy tanta a saudade, que levou, que se não fartava no caminho, & depois com os senhores, que o visitavaõ, de fallar da virtude, & letras do seu Collegio, que de tudo nelle avia muyto, sem algum encarecimento.

5 Offerecendo-se a occasiaõ da peste no mesmo anno, que foy aquella, a que chamaõ grande, pelo extraordinario estrago, que fez em Lisboa, ElRey com a Corte passou a morar em Evora, & se entendeo fora nisto muyta parte o Cardeal. Fez a Universidade huma entrada a ElRey, & ao Cardeal taõ pomposa, & grandiosa, que seria largo referilla. Entre outras plausibilidades se representou no patio da Universidade huma tragedia sobre o Rico Avarento, & o pobre Lazaro, vestida de tantas perspectivas, & variedades, que não cabia em si o Cardeal de ver cousa tão cheya. ElRey D. Sebastiaõ a via com tanto gosto, que quasi sempre esteve em pé, pela ver melhor, perguntando algumas palavras, mas poucas, ao Padre Provincial, que estava com elle dentro na cortina: assim o acho escrito nas memorias daquelle anno. O concurso, basta dizer, que em Portugal o naõ podia aver melhor, nem ainda fóra delle.

6 Na Quaresma de 1570. quiz ElRey, que a nossa Igreja servisse de Capella Real, & nella se fizeraõ todos os officios, procissoens, & solemnidades, com magestade, & apparato Real; do qual tocarey alguma cousa, do que acho escrito, para que se veja a grande piedade deste Rey. As procissoens se faziaõ à roda do patio da Universidade, porque entaõ a Igreja do Collegio era, a que hoje he a sala principal dos actos Academicos. A primeyra procissaõ foy dia de Ramos, no fim da qual hia ElRey, & o Cardeal, & todos os mais senhores com seus ramos nas mãos; prègou o Padre Marcos Jorge, depois se disse a Payxaõ a quatro vozes. Os Pontificaes fazia o Bispo Frey Amador. Na procissaõ de Quinta feyra levou as varas do Palio ElRey, o Cardeal,

Cardeal, o Senhor D. Duarte, & os mais outros grandes ſenhores. O mandato ouvio ElRey, & o Cardeal aſſentados no chaõ ſobre huns coxins razos.

7 Veyo a prociſſaõ da Cidade ao patio, & nella atè quinhentos diſciplinantes, & outros penitentes. De madrugada prègou a Payxaõ hum Religioſo de S. Domingos. O Cardeal a ouvio do coro, & mandou aſſentar aos Padres, & Irmãos, que eſtavaõ dentro. Neſtes dias ElRey andava veſtido de huma loba preta ao uſo do tempo. Na prociſſaõ do enterramento hia ElRey com ſua tocha na maõ, & o Cardeal com outra, & era tanta a ſua devoçaõ, que com hum lenço enxugava as lagrimas dos olhos; neſta fórma metèraõ o Santiſſimo no monumento, que era de marfim, no qual eſtavaõ lavrados todos os paſſos da Payxaõ, peça muy cuſtoſa, & precioſa. Alli eſteve o Senhor atè a Reſurreyçaõ com o meſmo apparato, que eſtivera expoſto. Ao dia de Paſchoa pela manhãa entre as tres, & as quatro amanheceo o patio da Univerſidade todo cheyo de arvores pequenas, que parecia hum boſque com a fonte no meyo; em cada arvore eſtavaõ tantas candeinhas aceſas, que tudo eſtava taõ claro como no meyo dia, & com taõ bella ordem, que fazia huma curioſa perſpectiva. O pavimento, & varandas tudo juncado, & cheyo de eſpadana.

8 No dia de Paſchoa de manhãa veyo ElRey, o ſenhor D. Duarte, & todo o bom da Corte. O Cardeal tirou o Santiſſimo do monumento, & o levàraõ em prociſſaõ pelas varandas à roda do patio. Diſſe logo o Cardeal Miſſa rezada no Altar mòr, deo a Communhaõ a ElRey, & logo a toda a ſorte de gente, aos moços do Collegio, & atè hum negro, que tinha a caſa, commungou da ſua maõ. ElRey ſe retirou para a Capella dos Noviços a ter de joelhos o ſeu tempo de dar graças a Deos. Ao Cardeal, em quanto dava a Communhaõ, cahiaõ as lagrimas dos olhos. Tanta era a ternura deſte grande Principe. Na Quinta Feyra Santa lavou ElRey no coro da Igreja os pès a doze pobres todos velhos, & cubertos de brancas, aos quaes tinha veſtido de novo. No tempo do lavapès cantavaõ os Capellaens o *Miſerere*. O Rey poſto de joelhos, lavando, alimpava com hũa toalha nova, que ficava para o pobre, & logo em huma ſalva lhe apreſentavaõ huma moeda, que dava ao pobre. Em hũa caſa do Collegio lhe tinha preparado hum jantar, aonde ſervia aos pobres o Veador delRey, & Repoſteyros. Aſſiſtia ElRey, o Cardeal, o ſenhor D. Duarte, & outras peſſoas grandes. Em quanto

comiaõ, lia liçaõ espiritual por hum livro da Payxaõ o Veneravel Padre Ignacio Martins. Tudo o que sobejou levàraõ os mesmos pobres, naõ só de iguarias, mas toda a roupa da mesa, facas, jarros, garfos, & as mais cousas.

9 Succedeo estar doente Quinta Feyra Santa o Padre Luis Gonçalves Confessor delRey, seis vezes neste dia lhe foy ElRey a fallar pela janella do seu cubiculo, que cahia para huma varanda. E quando se ouve de confessar, entrou no seu cubiculo, & pondo-se de joelhos sobre huma cortiça, que estava junto da cama, se confessou. Tambem o Cardeal o visitou, & esteve só com elle dentro no cubiculo por muyto tẽpo. Na Quinta Feyra da semana da Paschoa se despedio ElRey dos nossos Religiosos no patio, que está na quadra do Recolhimento, a todos fallou com agrado. E às oyto da noyte o Cardeal se despedio de todos no coro da Igreja, dizendo ao Padre Reytor: Perdoayme o trabalho que vos dey estes dias, & a desenquietaçaõ; eu a naõ quizera, mas naõ pude mais. Todas estas cousas, que me pareceo referir com mais miudeza, saõ evidentes mostras do muyto, que amava a este seu Collegio. Consolava-se muyto com o fruto, que se fazia a Deos nas missoens, perguntava por isso com especialidade. Pedia escritos os Sermoens, & orações dos que as faziaõ bem, para os ler, o que fazia mostrando singular agrado. Quando no anno de 1573. esteve em Evora, duas, & tres vezes no dia hia ver as obras da Igreja, & lhe dava todo o calor para a ver acabada. Elle mandou, que sobre as Capellas da mesma Igreja se fizessem varandas, assim para os Religiosos verem as procissoens, das q̃ cahiaõ para a Cidade; como para espayrecer, nas que cahiaõ sobre as escolas, & para os campos. Bem verdade he, que estas varandas naõ tiveraõ depois o tal uso.

10 No anno de 1574. estando a Igreja nova já capaz de se abrir, veyo de Lisboa para assistir a esta solemnidade. Chegou na semana antes de Ramos. Foy recebido do seu Collegio, & Universidade com todo o applauso. Ordenou que na semana Santa se fizessem os officios pelos da sua Capella, ajuntando-se os melhores musicos, que avia na Cidade. Acompanhou o Santissimo todos os dias sem se deytar em cama. Visitou as Igrejas da Cidade a pè, & de chorar, & naõ dormir trazia os olhos inchados. No dia de Paschoa com toda a solemnidade mudou o Senhor para a Igreja nova. Disse nella a primeyra Missa com muyta consolaçaõ de seu espirito, porque desejava grandemente ter este gosto; & pedio, que à sua Missa commungassem os

Irmãos

Irmãos de casa; depois deo a Communhaõ a toda a gente, que foy muyta. Logo fez o Arcebispo Dom Joaõ de Mello seu Pontifical cõ extraordinario apparato. Deteve-se o Cardeal no Collegio atè Domingo de Pascoela, & nesse dia à noyte se despedio dos nossos Religiosos, & no dia seguinte se partio.

CAPITVLO VIII.

De como se retirou a viver no Collegio de Evora.

1 A Mayor, & quasi ultima significaçaõ de seu amor foy querer acabar a vida neste Collegio de Evora, & nelle querer ficar depois da morte, no tumulo, que mandou fazer, em que seu corpo fosse depositado. Vagou por morte de D. Joaõ de Mello o Arcebispado de Evora. Entendendo ElRey D. Sebastiaõ o gosto de seu tio, lho offereceo, & elle o aceytou. Succedeo isto já para os fins do anno de 1574. Quando chegou esta nova a Evora, naõ cabia em si de prazer toda a Cidade. Os Conegos na Sè se abraçavaõ huns aos outros de contentamento, dando-se os parabens, & andavaõ como fóra de si do prazer, que tinhaõ da sua boa fortuna. Escrevendo ao Padre Reytor, entre outras causas, que apontava de aceytar o Arcebispado, huma era o desejo, que tinha de acabar algumas cousas, que pertenciaõ ao bem da Universidade. A fóra a reposta do Padre Reytor, lhe escreveo a Universidade huma carta em Latim, & em seu nome se lhe mandáraõ muytos epigrammas.

2 Antes de vir para Evora, no mez de Janeyro de 1575. escreveo de Almeyrim ao Padre Provincial, que pela obrigaçaõ, que tinha de seu officio de Arcebispo de Evora, estimaria, mandasse, quantos Prègadores pudesse ser, pelas Villas, & lugares, que elle, & o seu Provisor ordenassem. A nove Villas diversas foraõ Prègadores em missaõ com seus companheyros. Aos Domingos sahiaõ do Collegio a prègar nas Freguesias do termo, & Villas mais visinhas dezaseis Irmãos com seus companheyros. Prègava hum Padre as Domingas na Igreja de Santo Antaõ, outro na de Santiago. No Convento de Santa Monica prègavaõ os da Companhia às Quartas feyras. No nosso Collegio se prègavaõ Sestas, & Domingas da Quaresma. Estes foraõ os operarios, que na Quaresma daquelle anno divulgàraõ a palavra de Deos, & fizeraõ muy grande fruto, q̃ seria larga historia, se aqui o quizesse referir: tudo se devia ao bom zelo deste santo Prelado.

3 No mez de Fevereyro chegou o Cardeal a Valverde. Naõ quiz elle entrar com a ſolemnidade, que outras vezes, por ter novas, que eſtava a Rainha muyto doente. Depois de fazer alguma detença na Sé, ſe foy logo para o noſſo Collegio, entrando pela porta das eſcolas, aonde os Padres, & Irmãos lhe beijáraõ a maõ. Alguns dias depois entrou ElRey na Cidade. O primeyro dia, que veyo ao Collegio, o ſahio a receber a Univerſidade. Entrou pela Igreja nova, aonde ſe lhe fez huma elegante oraçaõ. Andou boa parte da tarde vendo as obras, & Collegio com o Cardeal. E cõ ficar o Paço Real longe do Collegio, (era elle junto ao Convento de S. Franciſco) vinha ouvir ſempre a prègaçaõ à noſſa Igreja, aonde prègava as manhãs o Veneravel Padre Ignacio Martins com extraordinarios concurſos; eſtando a Igreja chea todo o dia, pela manhãa por cauſa da prègaçaõ, de tarde por cauſa da doutrina, que então ſe começou a enſinar aos meninos, ajuntando-os primeyro pela Cidade. Depois ſe cantavaõ as Completas com excellente muſica. A todas eſtas couſas ſe achava preſente o Cardeal. Alèm de outras obras em que logo no mez de Fevereyro entendeo, foy huma, mandar abrir os alicerſes, para ſe fazer o refeytorio novo, & aquelle fermoſo lanço de corredor, a que no Collegio chamaõ galaria. No mez de Março mandou vir, para ſe pòr ſobre a ſua ſepultura, o paynel de S. Jeronymo, que hoje ſe vè na Igreja, obra da maõ de Micael Angelo, taõ excellente, que diſſe o Pintor, que andava pintando a Igreja, homem na faculdade muy perito, que era a melhor pintura, que avia em Portugal. Logo que os Padres, que acima diſſemos, no fim da Quareſma vieraõ das ſuas miſſoens, teve o Cardeal ſingular prazer: dos povos hũs por cartas lhe davaõ as graças, outros a iſſo enviavaõ peſſoas honradas. Elle lia, & fazia, que ſe lhe leſſem as cartas, que os Padres faziaõ, do fruto, que a Deos ſe tinha feyto nas miſſoens.

4 No mez de Mayo ſe celebrou a feſta do Eſpirito Santo com grande ſolemnidade, & exceſſivo numero de confiſſoens, & Communhões, pois ſe diz, que ſó hum Padre deo a Cõmunhaõ a ſeiſcentas peſſoas. Depois de cantadas ſolemnemente Veſporas, & Completas, foy bautizado na Igreja hum Mouro; eſte viera de Africa ſómente a ſe fazer Chriſtaõ. Mandou o Cardeal, que foſſe catequizado no Collegio, mandou-o veſtir muy bem de novo para o dia do bautiſmo. Ordenou, que eſte ſe fizeſſe com grande ſolemnidade, por aver na Cidade muytos Mouros,

que

que por ventura vendo esta estimaçaõ, se moveriaõ a deyxar sua maldita ley. Foy bautizado pelo Bispo de anel, assistindo de huma tribuna o sereníssimo Cardeal. Na ultima Oytava do Espirito Santo de tarde estando o Cardeal assentado em huma janella, que cahia para a cerca, se foy delle despedir o Padre Reytor, & mais Religiosos beijandolhe a maõ, porque no dia seguinte se hia desta Cidade; & como o Padre Reytor lhe significasse o trabalho, que nisto davaõ os Padres a Sua Alteza, respondeo com rosto alegre, que o naõ sentia, & que o encomendassem muyto a Deos. Antes de se ir mandou igualar o tecto da Igreja velha, & compolla, para servir, como serve, de sala principal da Universidade. Naõ se pode o Cardeal deter muyto em Lisboa, que naõ desejava outra cousa mais, que verse no seu Collegio.

5 No veraõ carregáraõ as doenças na Cidade. Acodiraõ os Padres assim com esmolas, como tambem a confessar os enfermos. Vendo os do governo da Cidade, quanto padecia a pobreza, & que poderia do seu desemparo seguirse dano mayor, déraõ ordem, a que se curasse à sua custa. Para isto pediraõ ao Padre Reytor alguns Padres, por cujas mãos se distribuissem as esmolas. Naõ rejeytou o Padre Reytor o fazer obra de tanta caridade. Depois de chegar o Cardeal, como logo direy, tomou elle à sua conta todas estas esmolas. Mandou por huma parte a hum Padre com seu companheyro, & por outra hia o esmoler do Cardeal com hum Irmaõ da Companhia, repartindo as esmolas. A outros Padres estava encomendado o cuydado de acodir às confissoens. As mésinhas se davaõ todas da botica do Cardeal. Era a mais desta gente de outras partes, que de suas terras vinhaõ buscar remedio à fome. Naõ refiro as lastimas, que nesta occasiaõ viraõ os olhos dos Padres, & as muytas caridades que fizeraõ, de que ouve muyta occasiaõ; porque como esta gente vinha de fóra, se agazalhava nas logeas, & lugares que lhe davaõ, entravaõ nelles, & alli se somiaõ cahindo à pura fome. Os Padres com sua muyta caridade os hiaõ descobrir, ou desenterrar. Furna ouve, em que entrando, acháraõ a mãy doente com tres filhos doentes, & hum para morrer; nem avia outra cousa, que comer, mais que hum pedaço de paõ de rala, que hũ filhinho saõ fora pedir de esmola. Noutra acháraõ mulher, marido, & filhos todos doentes, sem terem outra cousa, com que todos se cobrir, mais que a capa do pay. Destes casos foraõ muytos; porèm depois que os Padres os puzeraõ a rol, & se lhes

acodio, foraõ escapando: donde se vio, que as doenças nasciaõ em grande parte da fome. Entrou a caridade tanto na gente de Evora, que muytos tomavaõ à sua conta hũ doente para o curar. As esmolas se repartiaõ levando os mantimentos necessarios, por quanto a gente nem o podia ir comprar, nem tinha, quem isso lhe fizesse, & quando todos eraõ doentes, encomendavaõ a alguem, lhes assistisse com caridade.

6 Estando assim toda a Cidade, aos dezoyto de Agosto entrou nella o Cardeal, que na verdade foy exemplo de notavel caridade, & edificaçaõ. Antes de vir, assim o Padre Leaõ Henriques seu Confessor, como tambem os seus Medicos, o dissuadiaõ, que naõ sahisse de Lisboa, & que passar em tal occasiaõ para Evora, era expor sua Alteza a perigo de vida sua saude. A isto respondeo: *Que logo ao outro dia se avia de partir, porque no seu Collegio nunca se achàra mal, antes sempre com melhoria.* E como elle o disse, succedeo, porque chegando a Evora de saude bem, depois se achou melhor. Entrando na Cidade com grande recebimento, & na Sé, se foy logo para o Collegio. No lado da Igreja se apeou, esperando chegassem os Padres, & Irmãos a lhe beijar a maõ; & como lhe significassem o trabalho, que nisto tinha Sua Alteza, ainda que fizesse aquella graça à sua Universidade, respondeo: *Que o que fazia, naõ era senaõ à Companhia.* Dando nisto a entender, que a estimava mais, que a sua Universidade. Entrou no Collegio pela Igreja. Em quanto fez oraçaõ, se cantou o Psalmo, *Laudate Dominum omnes gentes*, a canto de orgaõ. Com elle parece, que entrou a saude em toda a Cidade, porque como os enfermos tiveraõ melhores commodos, como fica dito, foraõ livrando. Estando o Padre Reytor do Collegio doente, o foy visitar ao seu cubiculo o senhor Dom Duarte, & depois o Cardeal, & lhe fez muytos offerecimentos do que fosse necessario para sua saude. Consignou mil cruzados todos os mezes para a nova obra do refeytorio. Elle mesmo da janella, que no fim do Corredor cahia sobre a obra, com sua presença lhe dava grande calor.

7 Alèm das grossas esmolas, que fazia aos pobres da Cidade, todos os dias tinha certas horas, para ter oraçaõ mental: & na Igreja estando com as portas abertas, & com gente se punha de joelhos às tardes diante do Santissimo a rezar suas orações, sem estrado, nem encosto, nem criados, mais, que hum moço fidalgo, que lhe tomasse o livro. Em dia de todos os Santos no anno de 1575. edificou muyto a toda a Cidade na devoçaõ, com

que

que se ouve. He este dia solemne no Collegio, por nelle se celebrar com prestito a erecçaõ da Universidade. Depois de ter o Cardeal ouvido as Vesporas da Sé, mandou cantar outras na nossa Igreja, & depois Completas, achando-se elle presente. No dia dos Santos depois da nossa oraçaõ disse Missa no Altar mòr, deo a Communhaõ aos Irmãos, logo a todos os seus criados altos, & bayxos, a todos os seus officiaes, assim aos que o serviaõ actualmente, como aos aposentados, que todos tinha dado ordem se confessassem. Depois se abrio a grade do cruzeyro, & entrou toda a sorte de gente; andou o Cardeal dando a Cõmunhaõ mais de huma hora. Acabada a Communhaõ se foy para huma tribuna da Igreja com o Senhor D. Duarte, & ouvio huma Missa cantada com vagar, & solemnidade, na qual se tangéraõ a primeyra vez huns orgaons, que mandára vir para o coro da Igreja, obra naquelle genero, como dizem as memorias antigas, a melhor do Reyno. Significoulhe o Padre Leaõ Henriques o temor, que todos tiveraõ, que por seus achaques, & annos adoecesse do muyto trabalho, que tomára em dar a Cõmunhaõ por tanto tempo. A isto respondeo: *Que elle julgava, que antes para sua saude lhe avia de ser muy bom, porque o exercicio fazia bem aos velhos.*

8 Na vespora de Cinza do anno de 1576. se ajuntáraõ todos os Padres, & Irmãos à noyte a arear a louça da cozinha na crasta da cisterna: o Cardeal junto das dez horas sahio à varanda, que cahe na dita crasta, & por bom espaço esteve vendo este acto de mortificaçaõ, & humildade. Entaõ lhe disse o seu cubiculario: Repare V. Alteza no Padre Leaõ Henriques, que està às voltas com hum prato tamanho como elle. Achoulhe graça, & fez reflexaõ: & dahi a pouco se recolheo muy edificado de ver esta acçaõ, na qual assistiaõ, & esfregavaõ os Padres mais autorizados, & entre elles o seu Confessor. Avendo em Abril grande seca, sentio tanto esta calamidade, que gastava muytas horas em oraçaõ diante do Santissimo. Dizia todos os dias Missa, & atè se privou de huma pouca de recreaçaõ, que de quando em quando tomava no retiro de Valverde. Publicandose no mez de Mayo Jubileo do Papa, teve a nossa Igreja extraordinarios concursos de confissoens. Ouve Padre q ouvio cincoenta confissoens geraes, & outro quasi oytenta, porque toda a gente tinha consolaçaõ de se confessar com os da Companhia. Era disto tanto o gosto do Cardeal, que quando o soube levantou as mãos ao Ceo dando graças a Deos pelos frutos, que via se faziaõ a Deos no seu Collegio.

9 No

9 No mez de Julho ſoube acaſo, que o Collegio eſtava em neceſſidade, & tinha algumas dividas; logo lhe mandou dar mil cruzados, & trinta moyos de trigo de eſmola, que em anno eſteril foy couſa muy grande, & eſtranhou, naõ ſe lhe ter declarado aquella neceſſidade, & ſerem os Padres taõ encolhidos para com elle. E quando os Padres lhe fallavaõ da muyta mercè,que fazia ao Collegio, reſpondia: *Que bem ſe lhe pagava no agazalhado, que no Collegio tinha.* Chegou a tanto eſte ſeu amor, que atè com a recreaçaõ dos Religioſos tinha conta; porque coſtumando antes ouvir as muſicas no ſeu quarto, neſte tempo do veraõ hia para a horta, & alli ſe detinha todo o tempo do repouſo, mandando cantar hymnos, Pſalmos, & couſas pias, & ſantas, aonde os Religioſos ſahindo da meſa paſſavaõ aquella hora;tendo eſte Principe o ſeu alivio, em o terem os ſeus Padres, & Irmãos.

CAPITVLO IX.

Santa morte do ſenhor Dom Duarte.

1 NO mez de Novembro de 1576 teve eſte Collegio, & o Cardeal hum grande ſentimento na morte do ſenhor D. Duarte, do qual darey de caminho huma breve noticia em agradecimento da muyta devoçaõ, que teve à Companhia, & a eſte Collegio. O ſenhor D. Duarte, Duque de Guimaraens, decimo Condeſtavel deſte Reyno, foy filho do Infante D. Duarte, irmaõ inteyro do Cardeal, & da Senhora Infante D. Iſabel. Eſte Principe tratava com os da Companhia com grande familiaridade, como ſe foſſe hum Religioſo particular. Eraõ os ſeus coſtumes de homem ſanto, & tal foy a ſua morte, que pòde ſervir de exemplar a qualquer bom Religioſo.Eſtava elle hum dia no cubiculo do Padre Miniſtro, entrou acaſo hum Irmaõ Noviço com huma roupeta muy pobre; edificou-ſe, & fallando com o Noviço, alèm de outras couſas lhe diſſe: *Irmaõ com eſſa roupeta pobre tendes mais certo o Ceo, que eu com eſta minha capa.* Vio tambem acaſo algũas regras dos Irmãos officiaes da caſa, & nas do Sacriſtaõ louvou muyto a brevidade, & modeſtia, que ſe lhe manda ter no tomar os recados das mulheres.

2 Logo que adoeceo mandou chamar o Padre Gaſpar Gonçalves da noſſa Companhia, com quem ſe coſtumava confeſſar, & fez com elle huma confiſſaõ geral de toda a vida, dizendo,

que

que ainda q̃ a doença naõ parecia perigosa, se queria aparelhar, para o que Deos ordenasse. Dalli a oyto dias indo a doença por diante se tornou a confessar, & recebeo o Santissimo, o qual quiz, que lho administrasse o Cura da Sé, por lhe parecer, que assim compria melhor cõ a obrigaçaõ, q̃ todos os Christãos tem à Igreja. Neste dia com a santa Communhaõ teve tantas consolações do Ceo, que dizia, que ainda que a doença lhe naõ rendéra mais, que as consolações daquelle dia, a daria toda por bem empregada. Acabada a Communhaõ, quiz, que o seu Confessor ficasse com elle para fallarem de vagar das cousas de Deos, & do Ceo. Estando nesta pratica entráraõ na mesma camera o Duque de Bragança, & o Conde de Tentugal por diversas vezes; a cada hum delles recebeo o senhor D. Duarte, dizendo, que estava fallando de Deos cõ seu Confessor, & se quizessem levar por diante taõ boa pratica, se assentassem; o que todos fizeraõ por espaço de tres horas. Este desejo de fallar de cousas de Deos, & da outra vida se vio sempre no senhor D. Duarte, & pelo gosto que nisso sentia, detinha muytas vezes comsigo ao mesmo Padre.

3 Depois de receber o Sacramento da Santa Unçaõ, se lhe diziaõ, que era necessario repouzar hum pouco, mostrava nisso desgosto, pelo tempo que avia de estar sem fallar, ou ouvir fallar de Deos. Em trinta & oyto dias que a enfermidade durou, se confessou com o mesmo Padre sete, ou oyto vezes. Com o mesmo Padre fez o seu testamento. Quando ouve de commungar a segunda vez, duvidou o Cura da Sé, se consagraria para elle hũa formula mayor, que as que se daõ commummente aos que recebem o Senhor; & perguntando a hum Padre da Companhia, o que neste caso avia de fazer; ouvio o senhor D. Duarte a pergunta, & ainda que estava fraco, levantou a voz, & disse: *A mais pequenina formula, que ouver, essa consagray para mim, como fazeis para o mais pequeno homem do mundo.* Quando depois de receber o Senhor lhe quizeraõ dar o lavatorio de huma agua tocada com Reliquias; cuydando o Principe, que lhe queriaõ dar alguma agua exquisita, em que ouvesse particularidade, disse: *Padre, dayme da agua do cantaro.* Porque naõ queria em tal acto genero algum de singularidade. Assim mesmo tinha grande respeyto aos Sacerdotes, & se acontecia algumas vezes em sua doença tomarem os Religiosos hum prato, ou qualquer outra cousa, em que lhe traziaõ as mésinhas, naõ o consentia, dizendo: *Naõ he bem, que vòs me sirvais com as mãos, com que tocais o Santissimo Sacramento.* A's Imagens tinha tanta veneraçaõ, que

a todos

a todos os circunſtantes enternecia,& admirava. Em quanto no apoſento eſteve hum Altar, onde ellas eſtavaõ, ainda que eſtiveſſe canſado de jazer de huma parte, nunca ſe virou de ſorte, que ficaſſe com as coſtas para as Imagens. Da meſma ſorte naõ conſentia, que nenhum fidalgo dos que o viſitavaõ, ficaſſe com as coſtas para as Imagens; & porque niſto tinha lida, mandava levantar o Altar.

4 Depois da Santa Unçaõ, porque era neceſſario eſtar ſempre o Altar com as Imagens; mandou pendurar duas cortinas de ſeda na parede huma ſobre outra, entre as quaes eſtavão as Santas Imagens; & ſendo neceſſario, facilmente ſe deyxava cahir huma cortina, deſorte, que eſtando deſcubertas, ninguem ſe aſſentaſſe com as coſtas para ellas. Alèm diſto todas as toalhas, que ſerviaõ no Altar, & as de que elle uſava, quando recebia o Senhor, lhes mandava pòr ſinal, para que dalli por diante ſerviſſem ſó no culto Divino. Eſte reſpeyto às Santas Imagens ſe vio nelle mais, poucos dias antes de morrer. Ha no Convento de Santa Monica de Evora huma Imagem do Menino JESU tida em grande veneraçaõ, & o Senhor por ella tem obrado couſas prodigioſas. Quizeraõ trazer eſta Imagem ao ſenhor D. Duarte, para que em preſença della pediſſe ao Senhor lhe déſſe ſaude. Nunca o quiz conſentir, & diante do Cardeal inſiſtio com muytas razões, dizendo, que naõ convinha ſe fizeſſe tal couſa, & que naõ era elle digno, que o Menino JESU vieſſe a ſua caſa, que lá da ſua, onde eſtava, ſe foſſe ſervido, lhe podia dar ſaude: & mais que ſe Deos noſſo Senhor tiveſſe ordenado outra couſa, naõ queria elle, que por ſua occaſiaõ perdeſſe o povo algũa parte da fé, que com tanta razaõ tinha naquella devota Imagem. Reſpondeo-ſelhe, que pois o Santiſſimo Sacramento vinha à ſua caſa, podia tambem vir o Menino JESU. A iſto reſpondeo: Que o Santiſſimo tambem hia a caſa de hum ladraõ, & peccador, & que por iſſo tambem podia vir à ſua; mas que a Imagem do Menino JESU naõ eſtava neſſe foro, & que naõ queria dar exemplo, para que outros dalli por diante o quizeſſem fazer levar a ſuas caſas. Por tanto nunca conſentio que vieſſe a ſua caſa.

5 Paſſàraõ ſe dias, que ſe naõ fallou mais neſta materia. Couſa de hora, & meya antes que eſpiraſſe, dormio hum pouco, & acordou, dizendo: *Que do Menino JESU?* Cuydou-ſe que eſte ſono foy viſaõ, & que o Senhor naquelle tempo o recreára em premio do reſpeyto, que tivera à ſua Imagem. No tempo da doença moſtrou ſempre grande deſprezo deſta miſeravel vida,

como

como homem que tinha mais do Ceo, que da terra. Elle mesmo pedio a Unçaõ:& jà antes tinha dito a seu Confessor,que como visse, era tempo della, lha fizesse dar. A hum seu criado disse, que em o desenganar que morria, daria mostras do amor, que lhe devia. Ministrandolhe o Cura o Sacramento, como lhe naõ chegasse a agua benta, disse: *Padre, naõ chegou cà, tornayme a lançar outra vez agua benta.* E levantou a cabeça para a receber. No fim pedio perdaõ de suas faltas a todos, em especial a seus criados. Daqui por diante naõ queria que lhe fallassem senaõ da outra vida. Como hum Religioso de virtude lhe dissesse palavras de esperança de saude,& vida, respondeo o enfermo: *Padre, fallay de outra cousa.* A isto perguntou hum Padre da Companhia: de que queria, que se lhe fallasse? Respondeo: *Da morte:* & assim todos sem receyo algum lhe fallavaõ della, como de cousa,em que sabiaõ, lhe davaõ gosto. Tudo isto nascia da grande paz de sua conciencia, que a tinha muy ajustada com a vontade de Deos. Perguntoulhe o seu Confessor, se sentia alguma cousa, que o perturbasse: respondeo: *Que nada sentia.* Pouco antes que morresse, disse ao mesmo Padre, que tinha escrupulo de naõ agradecer a nosso Senhor tanto como devia, levallo taõ suavemente desta vida.

6 Para o animar naquelles ultimos transes, lembravalhe hum Religioso dos muytos, que o acompanhavaõ, algũas obras do serviço de Deos, que em sua vida tinha feyto. A isto acenou o enfermo com a maõ, que naõ fallasse em tal cousa; & olhando para hum Crucifixo disse batendo nos peytos: *Deus propitius esto mihi peccatori.* E olhando para a Imagem de N. Senhora disse: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ, Tu nos ab hoste protege, & hora mortis suscipe:* estendendo muyto na pronuncia estas ultimas palavras: *Et hora mortis suscipe.* Estas, & outras palavras, que elle para a hora da morte tinha tirado da sagrada Escritura, dizia muytas vezes; & quando naõ podia fallar, começando-as o seu Confessor, elle mal pronunciadas as acabava.

7 Na ultima hora, que teve de vida, deo hum grande exemplo de pureza, porque dizendo huma mulher, que lhe faria hũa mèsinha com que sarasse; pareceo aos Medicos, que ella lha applicasse. Disse a isto a mulher, que era necessario vello, & apalparlhe o estamogo. Naõ veyo em tal cousa o enfermo. Entaõ lhe disse seu Confessor, a quem foy sempre muyto obediente, que era bem se lhe fizesse aquelle remedio; consentio, pondo por condiçaõ, que fosse a mulher com o rosto cuberto. Tanta

era a modeſtia, & ſantidade deſte Principe, que antepunha a morte aos remedios da vida por ſe naõ deyxar tocar: nem o permittira ſenaõ fora o reſpeyto, & obediencia, que ſempre guardou a ſeu Confeſſor. Chegando-ſe já o tempo da ſua partida para o Ceo, pedio huma lamina, que tinha, muyto devota, & nella eſtava Chriſto crucificado entre Saõ Franciſco, & Santa Catharina de Sena. O Padre lho deo, para que o beijaſſe. Depois que o tinha beijado, quando o Padre lha tirava, diſſe: *Tres, tres.* E aſſim o beijou tres vezes: na ultima vez diſſe, que jà naõ enxergava as Imagens. Entaõ lhe meteo o Padre na maõ hũ Crucifixo, & repetindo muytas vezes o Santiſſimo nome de JESUS deo a alma a ſeu Creador aos 28. de Novembro de 1576. Tinha elle pedido ao Cardeal, que lhe déſſe huma cova aos pès da ſua ſepultura na noſſa Igreja; & ſobre ella ſe puzeſſe huma pedra raza com eſte letreyro: *Aqui jaz o Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, & da Infante D. Iſabel.* Em tudo ſe lhe fez a vontade, & hoje ſe lé eſte letreyro aos pès da ſepultura do Cardeal. Foy o ſenhor D. Duarte de vida ſanta, & muy apontada conſciencia, da Companhia grandemente affeiçoado; tratava com-noſco com lhaneza, & urbanidade de irmaõ. As ſuas virtudes em vida, bem ſe conjectura de taõ ſanta morte, quaes ſeriaõ, pois taõ ſanta morte naõ coſtuma eſtar ſem vida ſanta.

8 Deyxou ao Cardeal ſeu tio hum Relicario precioſiſſimo de dous palmos de comprido, & palmo, & meyo de largo, por fóra cuberto de veludo carmeſim, por dentro forrado de ſetim branco. Nelle ha muytas Reliquias exquiſitas, como a do Santo Lenho, da corda que atáraõ ao peſcoço de Chriſto, da camiſa da Senhora, & outras dos Apoſtolos, & outros Santos. Do Santo Lenho tem huma Cruz, & a fóra eſta outros pedaços do meſmo, tudo engaſtado em ouro. Hoje ſe vè eſta peça no Santuario do Collegio de Evora, a quem a deo o Cardeal. Na noſſa Igreja ſe lhe fizeraõ as exequias por ſeu tio com toda a grandeza, & piedade.

CAPITVLO X.

Continua-ſe o amor, que moſtrou à Companhia em quanto viveo no Collegio de Evora.

1 DE manhãa hia o Cardeal à Sè a pè aos Domingos, & quando de tarde hia fazer oraçaõ ao Santiſſimo

na Igreja, ſempre perguntava ao Sacriſtaõ, ſe de manhãa ouvera muytas confiſſoens. Nos principios do anno de 1577. apertou o Cardeal a maõ nas obras do Collegio, porque como ouve eſterilidade, foy neceſſario alargar mais as mãos para as eſmolas, que a eſtas eſtimava elle mais, que as obras de pedra, & cal. No tempo do veraõ, quando ceava na horta, & lá tinha os ſeus muſicos na hora de fallar, aſſiſtindo no fim da meſa da Communidade os noſſos Religioſos, elle apontava os hymnos, & Pſalmos, que aviaõ de cantar; mas era couſa digna de reparo, que logo que a campa dava ſinal a ſe acabar o repouſo, mãdava elle callar os muſicos, para que os Religioſos acodiſſem à ſua obediencia. Avia grande recato, em que nenhum ſecular entraſſe no Collegio, & aſſim que muytas vezes andava ſó por elle o Cardeal; & goſtava muyto, quando encontrava os Noviços veſtidos de pelotes trabalhando nas ſuas officinas. Pelotes eraõ certos veſtidos ruſticos, que nos primeyros tempos veſtiaõ às vezes os noſſos Religioſos para mayor humilhaçaõ, & deſprezo proprio; & deſta mortificaçaõ ſe faz frequente memoria na Hiſtoria da Provincia. Quando o Cardeal aſſim encontrava os Irmãos Noviços, ſe alegrava muyto perguntandolhes ſeus nomes, & que couſas faziaõ: tudo com amor, & benevolencia de pay. Tambem viſitava os noſſos enfermos, tomavalhes o pulſo, & dizialhes muytas palavras de conſolaçaõ; que he quanto ſe pòde dizer do amor deſte Principe para com os noſſos Religioſos, aos quaes tratava como filhos.

2 Em Junho de 1577. ſe partio o Cardeal para Alcobaça, & Lisboa, deſpedio-ſe dos Padres, & Irmãos, perguntando, em quanto ſe fazia eſta funçaõ, quantos eraõ por todos, & quantos os Prègadores. De Lisboa mandou pedir da fruta da horta do ſeu Collegio, & perguntar pelas obras; tudo ſinaes do muyto que delle ſe lembrava. Neſte meſmo mez, antes de ſe partir, lançou com grande ſolemnidade a primeyra pedra ao Collegio da Purificaçaõ, o qual dedicou a N. Senhora, por ter nacido junto deſte ſeu dia. De Lisboa eſcreveo ao Padre Reytor do Collegio, que os Padres, & Irmãos fizeſſem hum officio de nove liçoens pela Senhora D. Maria Princeza de Parma ſua ſobrinha; & que o Padre Gaſpar Gonçalves foſſe a Villa Viçoſa dar em ſeu nome o pezame ao Duque, & à Senhora Dona Catharina. Tambem eſcreveo ſe fizeſſe officio pela Senhora Infante Dona Maria ſua irmãa. A ſenhora Infante Dona Maria, ainda ſem eſta ordem do Cardeal, merecia muyto ao Collegio de Evora, porque acho

lhe deyxou de renda cada anno cem mil reis de juro. A Universidade por mandado do mesmo sereniſſimo em outro dia especial lhe fez ſeu officio a canto de orgaõ, ajuntando-ſe para iſſo todos os Clerigos, que eſtudavaõ nos geraes. Tambem a Univerſidade deve muyto a eſta Princeza, porque no ſeu teſtamento deyxou renda para doze Collegiaes, de porçaõ vinte & cinco mil reis em cada hum anno, & a apreſentaçaõ delles a ElRey. Naquelles tempos era, o que baſtava para o ſuſtento, depois eſtas couſas tiveraõ outras diſpoſições, que naõ faz ao meu intento referillas. E queria a ſenhora D. Maria, que os doze Collegiaes foſſem fidalgos, por quanto a Univerſidade naquelles tempos foy muy frequentada de gente illuſtre, que ſabiaõ dar niſſo grande contentamento ao ſereniſſimo Cardeal.

3 No principio de Novembro voltou o ſereniſſimo Cardeal para Evora. Naõ he neceſſario repetir as ſignificações de ſua grande benevolencia para com os noſſos Religioſos neſta ſua entrada, que fora como as referidas. Logo pedio ao Padre Reytor mandaſſe Prègadores a algũas Villas no tempo do Advento, & aſſim foraõ cinco Padres, cada hum com ſeu Irmaõ Noviço, a diverſas Villas, onde ſe fizeraõ muytos ſerviços a Deos. Na noſſa Igreja prègou o Advento o Padre Luis Alvres, com extraordinarios concurſos, quaes os tinha ſempre eſte celeberrimo Prègador, & muyto agrado do Cardeal. Fazendo-ſe pelo Natal hũ aceado preſepe em parte, onde ſem perturbaçaõ da caſa, ſe pudeſſe communicar à gente de fóra, o foy viſitar o ſereniſſimo: leo os epigrammas, que ſobre o myſterio eſtavaõ feytos; & vio muy de vagar todas as miudezas da obra, que tinha muytas, & era couſa eſpectavel. Em Janeyro de 1578 anno lamentavel para eſte Reyno, por cauſa da infeliz jornada delRey D. Sebaſtiaõ, cuja indiſcreta reſoluçaõ tanta pena cauſou a ſeu tio, que diſto a teve inconſolavel, chegou ElRey a Evora para o viſitar. Apoſentouſe junto do Collegio, dentro nelle gaſtou a mayor parte de dous dias, que em Evora ſe deteve; além de ver as obras com agrado, ordenou que o ſueto da Quarta feyra ſe paſſaſſe para a Quinta, por quanto na Quarta queria viſitar as claſſes, & aſſim o fez; deteve-ſe muyto nas lições de Theologia, dando moſtras da grande ſatisfaçaõ, que avia de Lentes, & Meſtres taõ ſabios; & certo, que nenhumas Univerſidades os teriaõ naquelle tempo taõ completos, & taõ ſabios nas faculdades, que enſinavaõ.

4 Neſte mez ſe aſſentou no cruzeyro da noſſa Igreja da parte do

do Evangelho a ſepultura, em que Sua Alteza determinava enterrarſe; porque na morte queria ficar entre aquelles, de cuja converſaçaõ tanto goſtàra em vida, ainda que com a ſua mudança ao trono naõ teve lugar eſte ſeu penſamento. Em Fevereyro partio o Cardeal para Lisboa, aonde foy taõ pouca a detença, que no meſmo mez voltou para o ſeu Collegio. Paſſando elle hum dia pela ſacriſtia a fazer oraçaõ ao Santiſſimo, como coſtumava todos os dias, eſtava o Sacriſtaõ dobrando os vèos, que naquelle dia tinhaõ ſervido, deteve-ſe elle vendo-os; logo diſſe aos ſeus criados, que o acompanhavaõ, que lhe foſſem buſcar os vèos, bolſas, & peças deſte jaez da ſua Capella. Vieraõ peças riquiſſimas de vèos, bolſas, & corporaes, & entre eſtas couſas huma pedra de ara com primoroſos lavores abertos na meſma pedra; a qual hoje ſe conſerva na ſacriſtia da Igreja do Collegio, & ſe moſtra como couſa de lavor muy ſingular: todas eſtas peças applicou logo à ſacriſtia.

5 Vindo o Duque de Medina Cæli a Portugal viſitar a El-Rey, recolhendo-ſe, paſſou por Evora, para viſitar o Cardeal, que lhe mandou fazer grandioſo recebimento; & elle o ſahio a receber à ſua varanda. Fez a ſua viſita, & como eſte ſenhor foſſe muyto da Companhia, deo as graças a Sua Alteza, beijandolhe a maõ pelos favores, que fazia à Companhia, & por lhe ter edificado aquelle Collegio, & Univerſidade, dizendo que tudo a Companhia merecia, porque em todas as partes, onde aſſiſtia, era eſcudo da fé. Eſtando quaſi para ſe deſpedir, depois de ver o Collegio, & ſem demora, continuar o caminho, lhe ſignificou o Padre Reytor o goſto, que teria o ſereniſſimo Cardeal, de que a ſua detença foſſe mayor, & deſcançaſſe mais. Aſſim o fez, deyxando-ſe ficar eſte dia no Collegio, onde vio mais de eſpaço as obras; foy tambem viſitar as claſſes, & ouvio hum bom pedaço da liçaõ de Veſpora de Theologia. Perguntou pelo Padre Ignacio Martins, dizendo, folgàra muyto de o achar no Collegio, por cauſa do conhecimento, q̃ com elle tomou, quando veyo de Flandres para Eſpanha. A' noyte ſe foy hoſpedar nos Paços da Sé, que para iſſo eſtavaõ ricamente preparados, onde ceou, & dormio aquella noyte. O Cardeal, poſto que todo o gaſto tomou à ſua propria conta, lhe mandou de preſente para a cea hũ barril de agua fria da ciſterna do Collegio, dizendo naõ tinha outra couſa melhor, que lhe mandar. O Duque eſtimou o preſente; paſſava iſto jà no mez de Abril, em que o Sol era eſperto, & fazia calor. Refiro eſtas, & outras miudezas, que nos grandes

Principes naõ ſaõ dignas de deſprezo, quando ſaõ ſignificadoras do ſeu affecto, como eſtas todas o eraõ, do que eſte ſenhor tinha às couſas deſte ſeu Collegio, que todas tinha em eſtimaçaõ, & mais aos Santos Religioſos, que o habitavaõ.

6 No mez de Mayo paſſadas as oytavas do Eſpirito Santo partio o ſereniſſimo Cardeal para Lisboa, & foy a ultima vez, que eſte ſeu Collegio o vio, porque ſuccedendo dahi a poucos mezes a ruina delRey D. Sebaſtiaõ em Africa, naõ pode mais voltar a Evora. De Lisboa foy paſſar o veraõ a Alcobaça, aonde o alcançou a nova triſtiſſima da perda dos Portuguezes em quatro de Agoſto nos campos de Africa. De Alcobaça paſſou a Lisboa, aonde foy acclamado por Rey mais com lagrimas, que com vivas. Em ſinal da ſua triſteza nunca quiz veſtir oppa Real ſegundo o eſtylo dos Reys Portuguezes. Em quãto elle he acclamado Rey, & começa a diſpor as couſas do Reyno chegadas ao ultimo da miſeria, refiramos o grande amor, que teve à ſua Univerſidade, & eſtudantes della, & as moſtras que em varias occaſioens deo deſte ſingular amor.

CAPITVLO XI.

Quanta eſtimaçaõ fez da ſua Univerſidade, dos Meſtres, & eſtudantes della.

1 FOy eſte ſoberano Principe muy favorecedor dos homens doutos, como acima fica dito. Quiz elle logo que tomou ſobre ſi a fundaçaõ do Collegio de Evora, fazer neſta Cidade huma Univerſidade, que entendia, avia de ſer para grande bem do ſeu Arcebiſpado, & de todo o Reyno: em quanto viveo ElRey D. Joaõ o Terceyro ſeu irmaõ, & Fundador da Univerſidade de Coimbra, naõ pudéraõ eſtes ſeus penſamentos ter effeyto: depois da morte delRey, como o Cardeal entraſſe no governo do Reyno, todas as difficuldades ſe aplainàraõ; & foy eregida a Univerſidade de Evora, & entregue à Companhia no primeyro de Novembro de 1559. com todas as ſolemnidades requiſitas, fortalecida com muytos privilegios, & izenções, & dotada com grãdeza Real. Naõ aſſiſtio elle em peſſoa a eſta funçaõ, por eſtar em Lisboa occupado com o governo do Reyno. Logo eſcreveo a Saõ Franciſco de Borja, que neſte tempo era Commiſſario geral da Companhia em Eſpanha, aſſim para que lhe proveſſe a ſua Univerſidade de Meſtres inſignes; & de caminho

Chronic. da Prov. 2.p.l. 5. cap. 19.

nho o convidava, para que em pessoa viesse elle mesmo ver a nova Universidade. Tudo fez o Santo Padre: mandoulhe para Mestres dous sapientissimos Doutores o Padre Fernaõ Peres, & Paulo Ferrer, dos quaes em seu lugar se ha de fazer especial mençaõ, porque alèm de serem abalizados nas letras, o foraõ na virtude, & por estas relevantes prendas ambos muy aceytos ao Cardeal.

2 No anno seguinte de 1560. pode Sua Alteza chegar à Evora, & cumprir com o desejo que tinha de ver a sua Vniversidade; no mesmo tempo veyo à mesma Cidade Saõ Francisco de Borja, com que se dobrou o gosto do Cardeal: pediolhe, pois era tempo de Quaresma, aceytasse o trabalho de prègar as Domingas na Sé, o que o Santo, por lhe fazer gosto, aceytou. Quiz o Cardeal visitar a Vniversidade, & dar della huma como vista ao Santo Padre. Para se fazer esta solemnidade, ordenou que todos os Doutores, Lentes, graduados, officiaes, & estudantes se ajuntassem no seu Paço. Dalli disposto o prestito em ordem, vindo nelle o senhor Cardeal, caminhou para a Vniversidade. Foy este prestito, como notou o Padre Balthezar Telles, o mais autorizado, que vio este Reyno, pois em nenhũ se achou pessoa da qualidade do serenissimo Cardeal, que com sua pessoa quiz honrar o prestito da sua Vniversidade. Saõ Francisco de Borja no tempo, que vinha andando o prestito, sahio à portaria do Collegio com alguns Padres, & Irmãos Coadjutores, & tanto que vio a Sua Alteza, se foy para elle, & se lhe lançou aos pès, dizendo q̃ elle, & aquelles Irmãos Coadjutores, por naõ professarem letras, naõ tinhaõ ido acompanhar a Sua Alteza, mas que alli vinhaõ a offerecer-se a seu serviço. Fezlhe o serenissimo Cardeal grande benevolencia dandolhe lugar junto de si. Logo foraõ visitar as aulas, & ouvir as lições dos Mestres, & Lentes. Tudo se fez com grande celebridade, como de si o estava pedindo a occasiaõ. Nos annos seguintes assim ElRey D. Sebastiaõ, como o Cardeal por vezes foraõ ouvir as liçoens, & visitar as classes; & era esta funçaõ huma das partes, que tinha o recebimento, que se fazia a taõ soberanas pessoas, quando vinhaõ a Evora; & alguns Principes, que visitavaõ o Cardeal, porque sabiaõ o contento, que lhe davaõ, em lhe ver a sua Vniversidade, naõ faltavaõ neste obsequio.

3 A esta Vniversidade dedicou o Veneravel Padre Fr. Luis de Granada hum livro, que intitula, Rhetorica Espiritual. Este Religiosissimo Padre foy muyto affeyçoado à Companhia, &

tambem por esta causa, alèm de sua grande virtude, & letras, fez delle o serenissimo Cardeal todas as estimações, que merecia. O concurso de nobreza na Vniversidade foy naquelles tempos grande, assim pela excellencia dos Mestres, que nella sempre florecèraõ, como pelo obsequio, que nisso faziaõ a seu Fundador. Revia-se este Principe nos bons procedimentos dos seus estudantes, que eraõ naquelles dourados tempos muy puros, & honestos; tanto que, segundo estylo, tirando no anno de 1569. hum Desembargador delRey, & o Conservador da Vniversidade huma devassa da vida, & costumes dos estudantes; como homens que sabiaõ as solturas de genta moça em outras Vniversidades, onde se achàraõ, vendo a honestidade, com que os desta procediaõ, pois nem hũ só sahio comprehendido na devassa, disseraõ ao Padre Reytor, que todos os estudantes da Vniversidade de Evora eraõ Santos.

4 Nem este dito o tenho por exagerativo sómente, por quanto nas memorias antigas se encontraõ muytas cousas, que o persuadem: pois avia classe, em que cincoenta estudantes se confessavaõ, & cõmungavaõ todos os oyto dias. De muytos constava usarem da disciplina. Outros hiaõ ao Hospital fazer as camas aos enfermos. Muytos dos ricos soccorriaõ com esmolas aos que eraõ pobres, para continuarem seus estudos. Ouve algum, que como por sua pobreza naõ tivesse, com que pagar aluguer de casas, hum homem rico de graça o recolheo em sua casa; porèm, como mào Christaõ, pertendeo, que o estudante por esta obrigaçaõ, em que lhe estava, lhe negociasse certa occasiaõ de peccado, quando naõ, que o poria na rua: a temorizado o honesto mancebo com tal novidade, quiz antes ficar na rua, que assistir em tal casa. Se eu ouvesse de descer a exemplos particulares da virtude dos estudantes, faria larga historia; basta isto assim em grosso, para que se entenda a muyta razaõ, que o Cardeal tinha em se rever nelles; considerando que tudo isto eraõ frutos da sua Vniversidade. Todo este bom processo se devia à muyta honra, que por vezes fizeraõ a esta Vniversidade visitando-a pessoalmente, entrando em seus geraes, ouvindo seus Lentes, & Mestres, além do Cardeal, ElRey D. Sebastiaõ, os senhores D. Antonio, & D. Duarte, & a melhor fidalguia de Portugal. Do anno de 1569. por diante foraõ estas visitas mais frequentes, por se passar a Corte para Evora por causa da peste, a que chamaõ grande, que em Lisboa fez inexplicavel estrago.

5 Quando ElRey veyo, se lhe fez hum notavel recebimento:

ſahiraõ fóra dos muros da Cidade todos os eſtudantes, graduados, & lentes como em prociſſaõ, por meyo da qual ſómente entráraõ ElRey, o Cardeal, & os ſenhores D. Duarte, & Dom Antonio. Dahi a alguns dias foy ElRey ver a Univerſidade, aonde da entrada do patio atè a Igreja, que hoje he a ſala principal, avia diverſos tabernaculos armados riquiſſimamente, & nelles varios eſtudantes em figuras de nymphas, que lhe diziaõ muytos epigrammas, & verſos em louvor de ſuas couſas, de que o Rey goſtava muyto, porque alèm das figuras fazerem os ſeus papeis com grande ar, ElRey entendia bem o Latim, & o que nos verſos ſe lhe dizia. Logo ouvio huma oraçaõ, que lhe fez o Prefeyto dos eſtudos. Viſitou as aulas, & na dos Theologos notou alguns pontos, dos que ſe diſcutiaõ, & depois fallava nelles com os Padres. Tinha ElRey ſuas partes de Santo Thomas, no qual lia varias queſtoens, & vindo ao Collegio fallando com os Padres punha as ſuas duvidas com tanta viveza, que os admirava. Iſto fazia muytas vezes vindo ao Collegio no tẽpo da ſéſta, tratando ſó com dous, ou tres Padres, por naõ deſenquietar aos mais. Dahi a alguns dias ſe lhe repreſentou no patio da Univerſidade huma tragedia, cujo argumento foy Lazaro, & o Rico avarento; a qual ſe fez com paſſos de tanta piedade, que o Cardeal naõ podia nelles reprimir as lagrimas.

6 No mez de Fevereyro de 1570. por ordem do Padre Provincial fez hum acto publico de Theologia para ſe formar Doutor o Veneravel Padre Ignacio Martins, preſidindo a elle o ſapientiſſimo Padre Pedro da Fonſeca. Foy eſte acto couſa muy celebre aſſim pelos dous ſuſtentantes, em tudo grandes Meſtres, como pela aſſiſtencia das peſſoas Reaes. Durou dous dias, no primeyro dia ſe puzeraõ dezaſeis argumentos principaes. Eſtando o Padre Domingos Cardoſo diſputando de huma queſtaõ da materia dos Anjos, occorrèraõ a ElRey certas inſtancias, com que o argumento ſe podia proſeguir, diſſe-as ao Padre Provincial, & o mandou, que as foſſe pòr em fórma. Aſſim o fez; & confeſſáraõ todos, que eraõ das boas duvidas, que na materia ſe podiaõ propor. Ficou o Rey contentiſſimo da ſatisfaçaõ do acto, & veyo no ſegundo dia, no qual a diſputa durou atè as ſeis horas da noyte. Por ordem delRey poz dous argumentos o Veneravel Padre Fr. Luis de Granada. O qual acabado o acto diſſe, que achando-ſe em varias Univerſidades, & a muytos actos Theologicos, naõ vira algum, que no eſplendor dos defendentes tiveſſe comparaçaõ com eſte, nem vira couſa ſemelhante. O meſmo

diſſeraõ

disseraõ muytos dos nossos Padres, que tinhaõ boa experiencia de semelhantes exercicios.

7 Na segunda oytava da Pascoa tomàraõ o grao de Doutor em Theologia os dous Padres Pedro da Fonseca, & Ignacio Martins. O Padre Fonseca depois de fazer o sobredito acto, começou a ler a cadeyra de Vespora em lugar do Padre Luis de Molina. A este doutoramento assistio ElRey, o Cardeal, & o senhor D. Duarte no coro da Igreja. Hum dos padrinhos foy o Veneravel Padre Fr. Luis de Granada, o qual no dia antes tinha feyto na nossa Igreja hum excellente Sermaõ com notavel doutrina, & agrado das pessoas Reaes, & mais ouvintes. Foy esta acçaõ em tudo gravissima, & chea de magestade: por serem taõ affamados os doutorandos, & as pessoas que assistiaõ das mais alteadas do mundo. Este he aquelle sapientissimo Doutor o Padre Pedro da Fonseca, que sendo Mestre nesta Universidade foy o primeyro Autor da sciencia Media, que imprimio na sua Concordia o Padre Luis de Molina, Mestre no mesmo tempo da mesma Universidade; a qual tem por hũa das suas mayores glorias ser o primeyro berço, donde se creou esta doutrina taõ celebre nas escolas de toda a nossa Companhia. Aos estudantes favorecia muyto, & dos fidalgos preferia aos outros os que continuavaõ na sua Universidade. Chamou para seu Camareyro mòr a hum estudante fidalgo, deyxando outros que tinhaõ esta pertençaõ; ainda que depois assim elle como ElRey, julgáraõ, que fosse continuando os seus estudos; a qual frequencia se naõ podia compadecer com o officio, que em sua casa lhe queria dar.

8 Em Novembro de 1572. visitou ElRey em pessoa a Universidade por varias vezes, detendo-se nas classes, & especialmente na Theologia, em que visitou a cada hum dos Lentes per si, detendo-se mais de huma hora a cada Lente; por naõ dar molestia aos ouvintes, com grande affabilidade os mandava assentar. Tambem no anno de 1571. passando por Evora o Legado do Papa Pio V. a quem acompanhava Saõ Francisco de Borja, voltou outra vez pela mesma Cidade, como elle disse, só por ver a Universidade, que à ida por causa da pressa naõ pudèra visitar. Os Lentes, graduados, & estudantes em corpo gesto o foraõ buscar aos Paços do Arcebispo. Veyo com muytas pessoas illustres, Arcebispo, Bispos, hum Patriarcha, & o senhor D. Constantino de Bragança, que por mandado delRey o acompanhava atè sahir de Portugal. Ouvio huma elegante oraçaõ, que

que se fez em seu louvor, & outras plausibilidades academicas, de que muyto se pagou. No tempo que a Corte assistio em Evora, se ennobreceo muyto a Vniversidade, porque vendo a gente illustre o caso, que ElRey, & o Cardeal faziaõ dos actos literarios, gostavaõ que seus filhos alli fossem vistos. O Cardeal por vezes mandava, q́ os estudantes tivessem disputas à sua mesa argumentando nas faculdades, que estudavaõ. Fazendo o Mestre de huma classe humas orações em louvor do Papa Pio V. mandou o Cardeal ao Padre Prefeyto, que lhas trouxesse; & elle mesmo leo huma oração em verso, & logo mandou aos seus musicos, que lhe cantassem alguns disticos devotos, que nella avia.

9 Do bom procedimento dos estudantes teve cuydado especial. Disselhe ElRey, como indo espayrecer a certa parte, vira hum mancebo andar tangendo em huma viola, & motejando muyto, que lhe disseraõ ser estudante; & que lhe tinha parecido mal tanta desenvoltura. Logo que o Cardeal se recolheo a casa, mandou chamar ao Padre Prefeyto, contoulhe, o que ElRey lhe dissera, ajuntando logo, que elle lhe respondèra, que lhe parecia, que aquelle mancebo naõ seria estudante; mas em caso, que o fosse, naõ era bem ficasse sem castigo; que examinasse o caso, & lhe deo todos os indicios, por onde se podia vir em conhecimento do sugeyto. Informando-se o Padre Prefeyto, achou naõ ser estudante; ficou disto muy contente o Cardeal, dizendo, que bem lhe parecèra a elle, que estudante da sua Universidade naõ faria tal cousa.

10 No mez de Julho de 1573 foraõ muy plausiveis os premios, que se repartiraõ aos estudantes, os quaes deo à sua custa o Deaõ da Sé Simaõ Mascarenhas. Representou-se antes a historia de Dionysio tyranno de Sicilia; ainda que ElRey nesse dia tinha outros desenfados, os deyxou, & veyo assistir à representaçaõ, & funçaõ dos premios; aonde se achou presente toda a Corte, & tudo succedeo com notavel applauso. As figuras fizeraõ seus papeis com tanta acçaõ, & tanto agrado de todos, que os examinadores julgàraõ, se lhe deviaõ tambẽ dar seus premios, como em effeyto se lhe déraõ, melhores ainda que aos estudantes, que por seus themas bem compostos os merecèraõ. Depois se déraõ aos das classes inferiores, fazendo dous meninos suas orações, & dizendo seus epigrammas, tudo acompanhado de excellente musica. Tambem se dèraõ seus premios aos meninos da escola; a estes que os levàraõ, mandou ir o Cardeal à

horta

horta, onde com muyto gosto seu os ouvio disputar entre si das cousas da santa Doutrina.

11 Em Março de 1575. ouve tambem muyta plausibilidade nos actos Academicos: já neste tempo o Cardeal estava de morada entre nòs. Visitáraõ as Theologias ElRey, & o Cardeal. Nas ultimas mesas da Philosophia assistio ElRey, & foy a primeyra vez, que sahio fóra depois do encerramento taõ notavel, que teve pela morte de seu Confessor, & Mestre o Padre Luis Gonçalves da Camera, que foy huma das raras significações de amor em hum Rey para com hum vassallo, que se referem nas Historias. Ella anda escrita por outros, nem faz ao meu intento determe em a repetir. Depois que este senhor se foy viver no Collegio, o seu mayor alivio era de vez em quando visitar as classes, & mais aulas, & ouvir os Mestres, & por vezes dava graças a Deos de chegar a ver com seus olhos o fruto, que na virtude, & letras se fazia a Deos na sua Vniversidade. Atè hia ouvir as declamações nas classes; & fazendo-se humas na primeyra sobre a prodigalidade, & avareza, as quaes duràraõ tres horas, as ouvio com agrado; & se diz nas memorias, donde isto recolho, que alèm da bondade das orações, & oradores, naõ era inferior ao demais a boa musica, com que estes actos se adubavaõ. Se ouvera de repetir por miudo as vezes, que este senhor, & outros em seu obsequio assistiraõ às funções literarias, alèm de ser identico, seria muyto diffuso. Basta dizer, que nem elle tinha cousa mais do seu agrado, nem se lhe podia fazer obsequio de mais gosto seu. Procurou a Companhia, como tinha de obrigaçaõ, proverlhe todas as cadeyras de Mestres nas suas faculdades excellentes; & assim era necessario o fossem todos, considerada a frequencia, & miudeza, com que as aulas eraõ visitadas de pessoas soberanas, em que muytas vezes aviaõ de ser as plausibilidades repentinas; o que requere grande promptidaõ, & presteza nos engenhos. E com isto voltemos agora ao que succedeo, depois de ser elevado ao trono.

CAPITVLO XII.

Do mais que succedeo atè seu falecimento, & exequias.

1 SUccedeo o Cardeal no governo em tempos taõ cansados, & attenuados com aquella geral fatalidade, que se naõ póde contar com palavras o miserando estado, a que chegou

gou este Reyno atè aquelles tempos florentissimo. Ficou toda a fidalguia, & mais exercito, ou morto, ou cativo; naõ avia casa em Portugal, a que naõ abrangessem as lagrimas, & tristeza. Procurava o Cardeal Rey consolar a todos. Logo mandou huma embayxada grandiosa ao Rey barbaro, na qual se fizeraõ muytos gastos, para conservar a opiniaõ, & nome Portuguez, cujo reyno com taõ grande golpe ficára ainda com tanta riqueza, quanta denotava a magnificencia da embayxada. Assombrado com ella o Rey Mouro lhe mandou logo oytenta dos principaes senhores cativos. Depois instou em tirar aos mais do cativeyro, no que fez immensos gastos. Ajuntou-se a esta grande afflicçaõ outro mal necessario, porque logo se começou a tratar da successaõ do Reyno; o qual negocio era cheyo de muytas difficuldades; & porque eu mais escrevo a vida deste Rey, em quanto Prelado Santo, naõ ha porque me deter em relatar, o que passou na pertençaõ, que tiveraõ ao Reyno, os Principes, que tinhaõ, & os que se persuadiaõ ter algum direyto. Estas cousas andaõ escritas por diversos Authores, nelles as podem ver os curiosos. O certo foy, que o Reyno veyo depois do cativeyro de Africa a parar no de Castella, debayxo do qual gemeo os annos, que a Deos para seu castigo parecèraõ bastantes.

Vasconc. in vita Henric. Duarte Nun. na Genealog. dos Reys. Portugal Restaur. tom. 1. liv. 1. P. Balt. Tel. na Chronic. 2.p. l.5. cap.35. n. 10.

2 Por causa da peste, que affligia a Cidade de Lisboa, se retirou para Almeyrim, aonde entre tanta perturbaçaõ de negocios se naõ esquecia do seu Collegio. As ultimas cousas, que em vida, acho, lhe mandára, foraõ duas Imagens, huma representa a Christo vivo crucificado na Cruz, q̃ cuydo ser, a que está em capella especial na Igreja do Collegio; a outra foy hũa pintura do *Ecce homo*, a qual toda he de penas de diversas cores, sem nella entrarem tintas algumas; era peça digna de singular estima, & por ser das ultimas prendas, q̃ do seu amor deu este Rey ao seu Collegio, devia tambem ser muyto estimada, como na verdade foy, atè que os tempos ajudados da incuria dos Irmãos que na sacristia a tinhaõ à sua conta, a gastàraõ, & danificàraõ de sorte, que hoje só conserva huns vestigios da sua fineza, & perfeyçaõ. Em Almeyrim carregado de annos, achaques, & molestias do governo, adoeceo. Para que se veja, quam lembrado vivia da Companhia, ainda entre tantas perturbaçoens apontarey aqui por suas palavras parte de huma carta do Padre Doutor Jorge Serraõ, que era hum dos Padres da nossa Companhia, que assistia com ElRey em Almeyrim, homem de quem o mesmo senhor sempre fez grande estimaçaõ. Foy escrita no primeyro de

Janeyro

Janeyro hum mez antes da morte delRey para o Padre Vice-Reytor do Collegio de Evora.

3 Sua Alteza (diz a carta) fica melhor, ainda que fraco de hum accidente, que teve os dias passados. Alguns temem o derradeyro dia deste mez de Janeyro, que he, o em que elle naceo,& faz sessenta & oyto annos, porque nelle vem hum eclipse grande da Lua. Mas nosso Senhor, & sua misericordia, & providencia he sobre os Ceos. Elle está com tantos desejos de ir a esse Collegio, que sonha nisto, & estas lembranças parece, que o sustentaõ. Disse publicamente, que esperava muyto cedo comer nesse refeytorio novo, & naõ no topo das mesas, mas debayxo do pulpito, porque alli ouviria a liçaõ da mesa, por ficar mais perto della, & que o seu comer, que lhe aviaõ de dar, avia de ser huma escudela de caldo de vaca, & seu carneyro com huma pouca de vaca, & no caldo hum pero, que isto lhe avia de saber bem, & fazer bem. Com a carta que Vossa Reverencia lhe mandou agora, do fruto espiritual, & confissoens, fez grandes festas, & se alegrou summamente alevantando as mãos ao Ceo; & a leo per si toda, naõ querendo, que ninguem lha lesse. Diz muytas vezes, que naõ tem outro mayor contentamento, q̃ cuydar nos Collegios da Companhia, & fruto, q̃ nelles se faz, & serviço a nosso Senhor para com os proximos, & creaçaõ dos estudantes em bons costumes; & cuydar nisto diz; que he o seu gosto agora, porque nenhum outro tem da vida; porque da musica de que gostava, com ouvir mal, naõ goza della. De maneyra que abertamente diz, que naõ tem outro gosto na vida, senaõ cuydar na Companhia. Vossa Reverencia por caridade, a elle, & a sua vida, & estas Cortes faça encomendar muy de proposito a Deos, para que elle seja servido, & este affligido Reyno tenha paz, & sossego, & seu mayor bem, & proveyto. Atè aqui parte daquella carta do Padre Jorge Serraõ, que neste tempo era Preposito da casa de Saõ Roque.

4 Em hum Domingo pela manhãa ultimo de Janeyro disse ElRey ao Padre Leaõ Henriques, depois de se confessar com elle, & receber o Santissimo Sacramento, como na sua doença fazia todos os oyto dias: disse pois, que de sua fraqueza entendia, chegarse sua hora, & por tanto seria bom, lhe dessem a Santa Unçaõ. Todavia por se temer com isso algum alvoroço no povo, naõ sómente por entaõ, mas tambem depois pedindo-a outra vez, se lhe dilatou. Finalmente às sete da noyte do mesmo dia (que era o tempo, em que o eclipse da Lua começou) tambem

bem ElRey começou a desfalecer notavelmente, & pareceo tempo de se lhe dar a extrema Unçaõ. Perguntou-selhe, quem queria, que lha désse: respondeo, que o Arcebispo de Lisboa, pois estava em seu Arcebispado. Indolha dando ajudava ElRey à dizer alguns versos, & respondia a algumas orações, que na administraçaõ daquelle Sacramento se dizem. E ou por temor de morrer antes de lhe acabarem de dar o Sacramento, ou para lhe ficar mais tempo para se aparelhar, avisou algumas vezes ao Arcebispo, se apressasse mais.

5 Acabado este santo ministerio, entendendo ElRey irse chegando ao fim da vida, disse a hum dos que lhe assistiaõ: *Dayme cà aquella Imagem de N. Senhora, de quem eu sempre fuy muy devoto.* Esta Imagem era da Senhora com o Menino no colo, em hum retabolo pequeno, mas feyta com grande aceyo, & perfeyçaõ; tendo-a nas mãos se encomendou a ella muy particularmente. Tambem lhe trouxeraõ hũ Crucifixo, o qual muytas vezes pedia, lho mostrassem, & o beijava. Como o Capellaõ mòr tivesse na maõ este Crucifixo, imaginando ElRey, que lhe dava nisso molestia, lhe disse, que o metesse no pè. Repetia muytas vezes o Santissimo nome de JESU. Rezandoselhe os suffragios, & orações, que a Igreja tem ordenadas para esta hora, a varios versos dos Psalmos mandava parar, dizendo, que o deyxassem considerar no tal verso. Chegando ao Psalmo 118. & neste ao verso, *Mirabilia testimonia tua*, disse, como fizera outras vezes, que lhe dessem lugar a considerar; & esta foy a ultima palavra que disse. Passado muy pouco espaço, no mesmo tempo, em que a Lua se acabava de despedir da sombra da terra, que a eclipsava, desassombrou tambem o corpo aquella alma, que despedindo-se da vida mortal foy, como piamente cremos, continuar diante de Deos a contemplaçaõ do ser Divino, que cà nesta vida começára. Foy sua morte em 31. de Janeyro de 1580. às onze da noyte, a doença foy tisica. Tinha de idade sessenta & oyto annos completos, porque morreo no dia em que nascèra. Reynou hum anno, cinco mezes, & cinco dias. Assistiraõlhe neste transe quatro Religiosos, homens todos de muyto ser, & virtude. Da Ordem de Saõ Domingos o Veneravel Padre Fr. Luis de Granada, da Ordem de S. Francisco o Padre Fr. Damiaõ Commissario geral da sua Ordem, da Companhia de JESU o Veneravel Padre Leaõ Henriques seu Confessor, & o Padre Doutor Jorge Serraõ Preposito da casa professa de S. Roque.

6 Aos tres de Fevereyro chegou esta triste nova ao seu Colle-

gio de Evora, em cujos moradores foy a tristeza igual ao amor, que lhe tinhaõ, & com que elle os amava. Despertavaõ este sentimento os lugares, onde este virtuosissimo Rey se assentava, onde comia, onde orava, & outras semelhantes cousas, & passos, que trazidos à memoria, faziaõ grandemente saudosa a falta, que sua morte lhes fazia. Este amor grande à Companhia em vida desejou se perpetuasse ainda depois de sua morte em seus successores. No seu testamento diz as palavras seguintes: *Encomendo, & peço muyto aos Reys legitimos successores destes Reynos, que tenhaõ muy particular lembrança, & por sua muy principal obrigaçaõ, defender, & favorecer as cousas de nossa santa Fé Catholica, & sua exaltaçaõ, & conversaõ da gentilidade nestes Reynos; & assim ter muy a seu cargo favorecer o Santo Officio da Inquisiçaõ, como cousa tão importante à conservação de noßa santa Fè Catholica. E assim mesmo queyrão amparar, & favorecer todas as Religioens, especialmente as dos Religiosos de S. Jeronymo, S. Francisco, S. Domingos, & a Religião da Companhia de JESUS, & seus Collegios, & Universidades, pois nelles se faz tanto serviço a nosso Senhor, & se crião tantas pessoas, que podem servir em todas as partes, & ajudão a conversão da gentilidade com tanto proveyto das almas, que està à conta da obrigação destes Reynos.* Atè aqui huma das clausulas do seu testamento.

7 Ainda que antes de ser Rey determinava enterrarse no Collegio de Evora, onde tinha mandado fazer o tumulo de marmore, que hoje se vé na Igreja, mudou esta disposiçaõ depois de Rey, por ficar junto das sepulturas dos outros Reys em o Mosteyro de Belem. Foy enterrado em Almeyrim. No anno de 1582. mandou ElRey Philippe de Castella, que lhe succedeo, abrir a sepultura, em ordem a se tresladar seu corpo para o Mosteyro de Belem. Achou-se o corpo inteyro, & incorrupto com admiraçaõ de todos; & bem merecia sua virginal pureza, & santidade de costumes taõ singular privilegio. Tinha elle ordenado em seu testamento, que alguma parte de seu corpo fosse tresladada para o tumulo do Collegio de Evora. Em comprimento desta sua vontade, indo o P. Leaõ Henriques, que ficára por hum de seus testamenteyros, a Almeyrim, tirou em presença de tres Religiosos de autoridade da nossa Companhia algũa parte de hum pè, o qual com a decencia devida remetteo ao Padre Pedro da Silva Reytor do Collegio de Evora, dizendo na sua carta, que o seu desejo fora mandarlhe o coraçaõ, ou a cabeça, mas que, por estar o corpo inteyro, se naõ atrevèra a de-

fraudallo de partes taõ principaes. Abrio-se a sepultura, & nella se meteo este deposito em hũa cayxa forrada de setim carmesim, resguardada com outra cayxa de madeyra.

8 Tendo chegado a nova da morte delRey ao Collegio em huma Quarta Feyra, na Segunda da seguinte somana lhe fez o Collegio humas aparatosas exequias, servindo de Eça o mesmo tumulo; prègou nellas o celeberrimo Prégador daquelles tempos o Padre Luis Alvres. Ouve na prègaçaõ muytas lagrimas, particularmente, quando louvando a ElRey de Protector de todas as Religioens, pedindo primeyro licença com palavras modestas, disse, que posto que elle fosse muy particular de todas, toda via esta da Companhia de JESUS, como menina, & mais pequenina, era o seu Benjamim, & por tanto naõ se admirassem de a verem toda cuberta de luto. Estes officios celebráraõ os nossos Religiosos. Naõ se fez Eça, porque conforme os decretos das Congregaçóes geraes, a naõ podiamos fazer, qual a gente esperava, & ElRey merecia; por isso servio de Eça o mesmo tumulo, porèm tudo guarnecido com grande custo. No officio, & na Missa assistiraõ ao Padre Reytor os Padres Jeronymo Rebelo, & o Padre Jorge Serraõ Preposito da casa de S. Roque, que avia pouco tinha chegado de Almeyrim com o Padre Doutor Pedro Martins, aquelle que depois foy Bispo de Japaõ.

9 Aos 10. de Março lhe celebrou a Universidade suas exequias. Entaõ se erigio huma Eça magnifica de quarenta palmos por lado com sua altura competente. Nas Vesporas, que foraõ em huma Quinta Feyra, fez oraçaõ em Latim o sapientissimo Padre Sebastiaõ Barradas, Autor da Concordia Evangelica, que neste tempo servia de Cancellario da Universidade. O Bispo de anel foy o que celebrou a Missa; officiáraõ os Clerigos da Universidade, & alguns Religiosos de S. Francisco, q̃ cursavaõ as escolas da mesma Universidade. Ouve Sermaõ no meyo da Missa. Em seu testamento deyxou ElRey algumas peças do seu oratorio ao Collegio de Evora, como castiçaes, pivetarios, & galhetas de prata, & dous calices dourados, & alguns ornamentos. Tambem ordenou, que o proprio chapeo, que de Roma lhe mandáraõ, quando foy eleyto Cardeal, se puzesse com todos os seus trocos, & cordoens sobre o tumulo da Igreja de Evora, o que tudo se cumprio, como no seu testamento dispuzera.

CAPITVLO XIII.

Dà se huma noticia das grandes virtudes do Cardeal Rey.

1 AS virtudes, com que Deos ornou a alma deste virtuosissimo Rey, foraõ em tudo grandes, & admiraveis, & que em qualquer Religioso particular seriaõ tidas em veneraçaõ, quanto mais em hum senhor taõ grande, nacido de Reys, creado entre as mayores delicias do mundo, aonde de ordinario tem mais lugar os vicios, que o exercicio das virtudes. A virtude da pureza taõ rara nos Principes, foraõ as meninas dos seus olhos; conservou-se virgem toda a vida. Estando elle doente, alguns dos aulicos, que gostàraõ de o ver menos casto, lhe metèraõ no mesmo aposento huma mulher donayrosa; porèm o virtuoso mancebo tanto que a vio, enfadado de tal atrevimento, a mandou logo apartar, & sahir para fóra. Naõ avia peccado que mais lhe aborrecesse, que o da luxuria. A nenhum homem de qualquer qualidade, ou estado que fosse, deyxou sem castigo, se acaso era convencido de concubinato. Mandava se tivesse especial cuydado das mulheres casadas, que tinhaõ seus maridos ausentes, & se acaso tinha noticia de desmanchos, naõ os deyxava sem castigo.

2 No tempo, que governou por ElRey seu sobrinho, inquiria dos ministros de Justiça, & outras pessoas, que tinhaõ officios publicos, se eraõ culpados nesta materia; aos que achava comprehendidos, ou lhes tirava os officios, ou os mandava multar em penas pecuniarias, que na verdade saõ as penas, que mais emendão, quando se lhe carrega bem a maõ. Aos ministros, que eraõ já velhos, em quem a culpa naõ era tanta, com pretexto de serem velhos os aposentava; ficando elles bem entendendo donde lhes vinha a pedrada, & procurando outros à vista destes desvios naõ cahir em semelhantes desmanchos de vida, porque tinhaõ por certo, lhes naõ faltaria, ou com este, ou com aquelle pretexto o castigo. Era este Principe de natureza pudico, & os aulicos o notavaõ de encolhido, & vergonhoso; mas todos estes recatos saõ muy necessarios para conservar a pureza, que com as poucas cautelas facilmente se desdoura. Foy homem que tratou de veras da perfeyçaõ, tendo tempos determinados para a meditaçaõ, liçaõ espiritual, & oraçaõ, & para fazer exame de sua conciencia. Muytas vezes o achavaõ

achavaõ os ſeus cubicularios arrazado em lagrimas orando diante de hum Crucifixo; outras ouviaõ, que ſe açoutava rijamente entre muytos gemidos, & ſuſpiros. No tempo, que os noſſos Religioſos tomavaõ diſciplina na Igreja, elle no coro tambem ſe açoutava acompanhando-os neſta mortificaçaõ.

3 A devoçaõ, & amor de Deos ſe vio nelle particularmente, quando pegandoſe o fogo no ſeu Oratorio, eſquecido do perigo a que ſe expunha, ſe meteo pelo meyo das chamas, & tirou por entre ellas a devota Imagem de hum Santo Crucifixo, ſem receber dano algum em ſua peſſoa; naõ ſe atrevendo as chamas a tocar, a quem deyxava abrazar tudo por ſe naõ conſumir aquella devota Imagem: a qual em memoria deſte prodigioſo ſucceſſo hoje ſe conſerva com grande veneraçaõ, & ornato na ſacriſtia da Capella dos Irmãos Noviços do Collegio de Evora. Reſplandeceo nelle de hum certo modo o amor à ſanta pobreza, porquanto ſe alegrava de uſar dos veſtidos já gaſtados, & ſendo neceſſario os mandava reparar. Nem depois de ſer Rey ſe quiz melhorar neſta materia, dizendo, que tinha eſcrupulo de fazer gaſtos ſuperfluos em veſtidos, eſtando tantos Portuguezes nas malmorras de Africa ſem terem com que ſe cobrir. Tirava quanto podia dos ſeus gaſtos particulares para acodir às neceſſidades dos pobres. Sendo Arcebiſpo de Evora, rendialhe a Mitra oytenta mil cruzados, deſtes unicamente trinta mil ſe reſervavaõ para os gaſtos de ſua caſa, os cincoenta ſe davaõ a pobres.

4 Ao Summo Pontifice, & Igreja Romana guardou ſempre grande obediencia, & ſubmiſſaõ. Todas as Dignidades Eccleſiaſticas, que teve, as attribuhia a merce, & favor do Sũmo Pontifice. Para teſtimunhar eſta ſugeyçaõ deyxou ordenado em ſeu teſtamento, que os Religioſos da Companhia, que em ſeu nome foſſem a Jeruſalem, indo por Roma beijaſſem em ſeu nome o pè ao Summo Pontifice. Foy grandemente zeloſo do bem publico, o que bem ſe vio na diligencia, com que procurou deſviar a ElRey Dom Sebaſtiaõ das inconſideradas emprezas, a que ſeus altos brios, & penſamentos o levavaõ. Determinando ElRey paſſar à India, para a ſugeytar toda a ſeu Imperio, o Cardeal procurou cõ razões efficazes diſſuadillo; & como viſſe a teyma, em que eſtava, com grande energia lhe diſſe, que jurava pelos Santos quatro Evangelhos, como Sua Alteza era enganado de liſongeyros, & que ſe hia perder a ſi, & ao Reyno. Com iſto o tirou daquella imaginaçaõ. Quando ElRey determinou paſſar a Africa, fez o Cardeal todos os esforços pelo perſuadir ao que

lhe convinha. O mesmo fizeraõ os Padres da Companhia seus Mestres, & muytos senhores avisados, & prudentes, amigos do bem commum; porèm o Rey por nada deo, & assim meteo o Reyno nas mayores calamidades, que nunca já mais padeceo.

5 Sendo o Cardeal Rey taõ severo no trato de sua pessoa, como fica dito, para com os outros foy de singular affabilidade. Os castigos eraõ com muyta consideraçaõ, & mais tiravaõ a emendar, que a outras razoens; por isso era igualmente amado, que respeytado. Com os Ecclesiasticos foy mais rigoroso, por quanto estes devem com suas vidas ser de bom exemplo aos seculares. Nunca sahio em palavras de ira, ainda que disso se offerecéraõ occasioens. Hum Ecclesiastico homem de autoridade trazia naõ sey que negocio no tribunal do Cardeal, & como ouvesse algumas dilações, que em demandas saõ ordinarias, enfastiado de demoras, determinou fallar ao Cardeal; estudou as palavras, & avendo de dizer: *Vossa Alteza he o mais mal informado Principe do mundo*: se perturbou de modo, que errando, o que tinha estudado, começou dizendo: *Vossa Alteza he o mais desarrezoado Principe do mundo.* Nada se alterou o Cardeal com esta prefaçaõ, nem deo outro sinal de estranhar este descomedimento, mais que dar com o bordaõ huma pancada leve no chaõ, erguerse, & recolherse para huma camera do palacio.

6 Hum seu Capellaõ fez taes delictos, que segundo diziaõ, merecia ser lançado nas galés; fez tirar devassa secreta pelo seu Capellaõ mòr D. Affonso de Castelbranco, que depois foy Bispo de Coimbra, & lhe ordenou que para tudo ser mais secreto, elle mesmo escrevesse os depoimentos das testimunhas. Naõ eraõ os delictos publicos, por isso julgou por bastante castigo, deytallo fóra de seu serviço, & de sua casa. Depois de assim o fazer, outro Capellaõ lhe disse: *Vossa Alteza botou a Fulano do seu bafo?* Respondeo o Cardeal: *Assim he; que dizeis a isso?* Acodio o Capellaõ: *Digo senhor, que agora fóra da casa de V. Alteza, & do bom exemplo dos mais Capellaens, com quem tratava, se farà muyto peyor, não tendo o freyo, que tinha. Agradeçovos muyto*, (disse o Cardeal) *pareceme bem o que dizeis, mandaylhe dizer, que venha, & dez cruzados para o caminho.* Com esta brandura, & bondade se ouve, & ganhou aquelle seu Capellaõ para que de todo se naõ perdesse. Aos Magistrados publicos tratou sempre com respeyto, em especial aos da Camera das Cidades. Nos autos publicos, & procissoens os fazia ir à sua maõ

direyta moſtrandolhes agrado de Principe, ſendo por iſſo mais eſtimado, & amado de todos. A ElRey D. Sebaſtiaõ ſeu ſobrinho, ainda quando era menino, tratou com grande acatamento para dar exemplo aos mais, ſempre diante delle eſtava com a cabeça deſcuberta.

7 Foy muy liberal, & amigo de fazer bem a todos, repartindo com muytos, porque nunca ſe entregou a privados, em quem alguns Principes tudo acumulaõ, deyxando aos outros ſem nada. Quãdo foy para Braga, o primeyro deſvelo da ſua caridade foy abrigar, & amparar a todos os criados do Arcebiſpo D. Diogo de Souſa ſeu anteceſſor. Dos ſeus pès ninguem ſe levantava deſconſolado; quando dava alguma couſa, ſempre acreſcentava, que ao diante ſe lembraria de lhe fazer mercè. Foy grandade eſmoler, & tinha eſmoleres de muyta cõfiança, pelos quaes acodia à gente honrada, & pobre com o ſuſtento, & abrigo neceſſario. Nunca deo ouvidos a liſongeyros, nem ſe ſugeytou a validos, obrando em tudo como ſenhor, a quem Deos fizera abſoluto. Eſtas boas prendas, & virtudes verdadeyramente Reaes o fizeraõ taõ amado, que quãdo hia de Lisboa para Evora, ſahia o Cabido ao eſperar fóra da Cidade de mais de meya legoa; o agazalhado, que neſtes recebimentos lhe fazia, era como a irmãos, lançandolhe os braços ao peſcoço, com hum roſto taõ alegre que enchia os corações de prazer. Nas meſmas occaſiões o povo ſahia mais de legoa ao eſperar, dandolhe muytos vivas como a pay commum de todos, & como tal ſempre, que entrava, mandava abrir o ſeu celleyro, & fazer muytas eſmolas.

8 Tambem grangeou notavelmente o amor de todos a facilidade, com que a grandes, & pequenos dava entrada. A ſegunda vez, que foy Arcebiſpo de Evora, & morava, como fica dito, no Collegio da Companhia, depois do jantar em dando huma hora, eſtava a ſua porta patente a todos, ſem ter pagem, nem quem levaſſe recado, dando a toda a hora audiencia; que he exemplo, que neſta materia com razaõ ſe póde contar entre os raros. Dos ſeus criados foy taõ amado, que o Reverendo Padre Vicente Guerreyro, Beneficiado na Sé de Evora, & homem de muyta autoridade, fazendo hum memorial das couſas do Cardeal Rey, diz, que todas as vezes, que com elle fallava, lhe parecia eſtar vendo hum roſto de Anjo; & que ſe o Cardeal tornàra ao mundo, & elle eſtivera em huma Mitra muy honroſa, & copioſa, a deyxàra ſó por ſervir ao Cardeal ſem outra nenhuma eſperança. Quando foy acclamado Rey ſegundo o coſtume de

muytos

muytos Principes, tomou por empreza huma nao à véla, com esta letra: *Tuber, & uber.* Na qual se significava, que ainda que o mar se inche, & empole com as ondas, tambem he proveytoso; ou que a nao, quando mais navega com vento em popa, he para mais commodo, & bonança dos navegantes: nem as bonanças dos Reys, & suas grandezas saõ mais, que para as utilidades dos Vassallos.

9 Sempre exercitou com grande piedade, & devoçaõ o officio de Sacerdote. Ainda depois de Rey, em quanto pode, dizia Missa no seu Oratorio. Depois da Missa se detinha tempo consideravel em dar graças a Deos. Quando entre nòs morava, depois de Missa subia ao coro a dar graças a Deos, & ouvia as Missas, que depois se diziaõ, tendo por cousa indecente retirarse depois que o Sacerdote consagrava. Foy nisto tanto seu fervor, & continuaçaõ, q̃ o Padre Reytor attentando a seus annos, & achaques, passou ordem, que depois de Sua Alteza dizer Missa, atè se naõ retirar do coro, ninguem sahisse a dizer Missa. Sendo Arcebispo, às vezes no celebrar os Divinos officios, ou assistindo a elles derramava muytas lagrimas, & succedia estar taõ absorto, & embebido na sua devoçaõ, que indolhe dar a beijar o livro, era necessario tirarlhe da roupa para que advertisse. No tempo da Quaresma estando em Evora hia amanhecer à Sé, ainda que os frios fossem grandes, & sempre hia a pè. A pureza de conciencia foy de homem em tudo ajustado com a vontade de Deos; por mais inclinado que estivesse a fazer alguma cousa, em lhe dizendo, quem disso entendia, que naõ era licito fazerse, logo desistia, dizendo: *Não he licito, pois não se faça.* E assim era dito entre os cortezaons muy vulgar, alludindo a esta flexibilidade do Cardeal: *Que não avia cavallo melhor arrendado, que o Infante D. Henrique.*

10 Na liberalidade para com Deos em fazer obras de grande serviço seu, & bem dos proximos pòde ser nomeado entre os Reys, que nesta materia foraõ mais insignes. Em Evora edificou o Real Collegio do Espirito Santo, & Universidade, que entregou à Companhia, da qual obra em todos os tempos se tem recolhido copiosissimos frutos; nella se tem creado homens nas faculdades, que professa, excellentes; daquelle Collegio tem sahido innumeraveis Missionarios da Companhia, que em todas as partes do mundo tem convertido almas sem conto, & muytos déraõ seu sangue em testimunho da verdade, que prègáraõ. Obra sua he o Real Collegio da Purificaçaõ na mesma Cidade, onde

onde se tem creado homens em tudo grandes, Parochos muy sabios, & virtuosos, & outros que andando o tempo foraõ Bispos. Entre todos merece lugar subido o muy virtuoso Padre Bartholomeu do Quental, que neste Reyno introduzio a Congregaçaõ do Oratorio de S. Philippe Neri, o qual neste Collegio estudou a Santa Theologia. Tambem he obra sua o magnifico edificio do Hospital dos estudantes da Universidade de Evora. Todas estas obras, além de serem magnificas, saõ dotadas com maõ Real. Os Mosteyros da Piedade em Evora, hum fóra dos muros, outro como duas legoas da Cidade no sitio chamado Valverde, tambem o reconhecem por Fundador. Assim mesmo instituhio o Collegio dos meninos do coro da Sè de Evora; sendo que o edificio que hoje tem, he obra do senhor D. Fr. Luis da Silva, acabada pelo senhor Dom Simaõ da Gama, ambos Arcebispos de Evora.

10 No anno de 1563. instituhio hum Collegio de Porcionistas em Evora nas casas de D. Duarte da Costa, o qual durou, em quanto elle viveo; aqui sustentava muytos Collegiaes à sua custa; outros a expensas de seus pays. Corriaõ com este Collegio, quanto ao espiritual, & bom governo, os nossos Padres, que nelle assistiaõ. Foy taõ numeroso, que chegou a passar de cem Collegiaes. Alèm do Collegio da Purificaçaõ, que fundou, teve aos principios pensamentos de fundar mais dous Collegios, onde se creassem os estudantes; que todo o seu cuydado era como aproveytaria a todos; porém depois se contentou só com fundar o da Purificaçaõ. O Collegio acima dito dos Porcionistas tambem foy algum tempo nos Paços del Rey junto ao Convento de Saõ Francisco. Por seu respeyto a senhora Infante D. Maria sua irmãa mandou em Evora edificar o Convento do Calvario, que he de Religiosas de Santa Clara, do seu primeyro, & mais austero rigor. As fontes de marmore da agua da Prata, & Porta nova na mesma Cidade, obra saõ deste grandioso Principe. Em Lisboa edificou, & dotou o Real Collegio de Santo Antaõ da Cõpanhia com estudos, & escolas Reaes. Em Dezembro de 1576. passando El Rey D. Sebastiaõ por Evora para Castella, quando foy a Guadalupe, chegando hum dia à tarde, & indo-se ao outro dia de manhãa, antes que partisse, foy ao nosso Collegio lançar agua benta na sepultura do senhor D. Duarte, correo o Collegio, & disse ao Cardeal seu tio, que apressasse a fabrica do Collegio de Santo Antaõ, porque queria tresladar para a nova Igreja os ossos do Padre Luis Gonçalves da Camera. Entaõ lhe disse o

Cardeal,

Cardeal, que ſe lembraſſe Sua Alteza da renda, que na Caſa da India lhe tinha dado para aquelle Collegio, que ſe naõ atraveſſaſſe alguem a pedilla. Reſpondeo ElRey, que a renda eſtava ſegura, que traçaſſe logo o Collegio.

12 Já diſſemos do muyto que deo aos noſſos Collegios de Braga, Porto, & Coimbra, que todos lhe devem boa parte do ſer, que tem. No dia que foy acclamado Rey, depois do jantar, ſem alguem niſſo lhe fallar palavra, applicou ao de Coimbra hũ conto de reis em cada hũ anno, por eſpaço de vinte annos, poſtos na Mitra daquella Cidade. Outro tanto fez aos Collegios de Braga, & Porto, carregados na Mitra de Braga; ainda que eſtes naõ tiveraõ taõ bom ſucceſſo, como os de Coimbra por cauſa dos Arcebiſpos. Naõ ha duvida, que os muytos Collegios, que nas partes ultramarinas ElRey D. Sebaſtiaõ nos fundou, & dotou, ſe devem em parte ao amor do ſereniſſimo Cardeal. Eſtando ElRey em Evora com a Corte concedeo a fundaçaõ dos Collegios da Ilha da Madeyra, & Terceyra, & deſpachou com grandeza ao Veneravel Padre Ignacio de Azevedo. Poucos, ou nenhũ Principe averà, a quem mais deva a Companhia, do que ao ſereniſſimo Cardeal Rey. A ſua liberalidade naõ ſe eſtreytou à Companhia. Suas tambem ſaõ as obras da Inquiſiçaõ em Liſboa. Hum Moſteyro de Arrabidos junto de Alcobaça. O Moſteyro das Freyras de Còs, que quaſi edificou de novo. Elle fez em Alcobaça as hoſpedarias com a clauſtra, que he obra Real. Reſtaurou os muros de Mazagaõ em Africa, que ficàraõ deſtroçados com o memoravel cerco do Xarife. Acima ficaõ apontadas outras obras, que ſaõ indicios grandioſos de ſeu Real animo, & liberalidade.

13 O zelo, que teve, em que ſe conſervaſſe em Portugal a pureza da fé Catholica, foy igual às outras virtudes. Elle poz em ordem o Tribunal do Santo Officio, & pertendeo, que os Religioſos da Companhia foſſem Inquiſidores; ainda que o naõ conſeguio, por naõ vir niſſo noſſo glorioſo Padre Santo Ignacio, por razões de grande pezo, com que deſviou eſta honra da Cõpanhia; querendo que ſeus filhos ſerviſſem aquelle Santo Tribunal, no que os occupaſſe, porèm ſem a honra de Inquiſidores; ainda que o Santo Padre tinha ſido em Roma o principal agenceador na erecçaõ deſte Santo Tribunal. Aproveytou-ſe muyto o Cardeal para dar boa ordem a eſtas couſas, aſſim das letras, prudencia, & virtude de ſeu Confeſſor o Padre Leaõ Henriques, como do Padre Doutor Jorge Serraõ.

Chronic. 2.p.l.4. cap. 1. n. 7.

14 Deſtes

14 Deſte zelo nacia ter grandiſſimo cuydado, & vigilancia, *Chronic.*
que as naçoens do Norte inficionadas com a hereſia naõ meteſ- *da Prov.*
ſem em Portugal os ſeus livros, que ſaõ as vèas, por onde os *1 p. l. 2.*
Hereges communicaõ o ſeu veneno. E neſta materia mandava *cap. 6.*
n. 4.
fazer nas naos eſtrangeyras taõ exquiſitas peſquizas, que os meſmos Hereges, que com Portugal tinhaõ cõmercio, puzeraõ nos ſeus Reynos prohibiçaõ, que nenhũ meteſſe os ſeus livros, ou couſas tocantes à ſua ſeyta, em Portugal. O deſejo da ſalvaçaõ das almas, & melhora dos coſtumes ninguem a procurou mais de veras. Avia notavel negligencia em receber os Sacramentos da Confiſſaõ, & Communhaõ, quando a Companhia veyo a Portugal: os que eraõ mais devotos, o faziaõ quando muyto huma vez entre anno; & tinha o demonio metido huma perſuaſaõ deteſtanda nos entendimentos dos homens, que o confeſſarſe a miudo era final de ſer mais peccador, quem o fazia, pois tantas vezes ſe aliviava da carga. A petiçaõ dos Padres da Companhia, como Legado do Papa, & Inquiſidor Geral, paſſou huma proviſaõ, que mandou ler por todas as Igrejas do Reyno, em que louvava o ſanto coſtume de confeſſar, & commungar a miudo, eſtranhando os abuſos contrarios; ameaçando com penas graviſſimas a qualquer peſſoa, q̃ ſe atreveſſe a enſinar o cõtrario.

15 Finalmente foy o Cardeal Rey hum vivo exemplo de todas as virtudes Chriſtãs, moraes, & politicas. Grandemente amador da verdade, homem de muyto ſegredo, inimigo de liſongeyros, & delatores, ſenhor de ſuas payxões, contrario às delicias, amiciſſimo da juſtiça, & que no apremiar ſó ſe governava pelos merecimentos, ſem attender a outras razoens, quando eſtas delles careciaõ. Eſta ſua bondade, & ſantidade todos a conhecèraõ, & veneràraõ, naõ ſó os Portuguezes, mas tambem os eſtranhos. Quanto às feyções do corpo foy de mediana eſtatura, cor branca, na mocidade de cabello louro, na velhice ſe cobrio de cans veneraveis, os olhos azuis, & alguma couſa ſahidos para fóra. Dos filhos delRey D. Manoel foy o que nas feyções mais o exprimio. Tudo o que deſte ſingular Principe tenho eſcrito recolhi aſſim dos livros impreſſos, que delle trataõ, como de hum manuſcrito antigo do Cartorio do noſſo Collegio de Evora, no qual ſegundo eſtylo daquelles bons tempos ſe hiaõ pelos mezes de cada anno apontando todas as couſas, que ſuccediaõ no Collegio, & dellas ſe mandava eſpecial carta todos os mezes aos Superiores mayores: por eſta cauſa tambem refiro muytas couſas no mez, & anno, que ſuccedèraõ.

16 Huma

Anton de Sousa in Lusitan. Liberata pag. 763. in Appendice c. 2. profet. 16.

16 Huma cousa muy notavel refere Antonio de Sousa, & Macedo na sua Lusitania Libertada no lugar citado à margem, que por lhe dar authoridade com as palavras deste virtuoso Rey gostaráõ de a ler os curiosos. Saõ as palavras do Autor allegado vertidas à letra em Portuguez, as seguintes: Ha tradiçaõ de muytos annos, por causa de hũ vaticinio de naõ sey quem, que ha de aver huma insigne batalha no Campo de S. Bras junto a Evora, Cidade de Portugal, distante seis legoas de Castella, entre o Rey de Portugal, & o de Castella, na qual o Portuguez alcançará huma memoravel vitoria. Acrescentaõ alguns, que alli se ha de achar outro Rey, (já vimos cousas mais incriveis) de modo, que haõ de ser tres Reys. O Cardeal Rey Henrique passeando huma vez naquelle Campo chorava amargamente; & perguntandoselhe a causa, respondeo: Naõ he justo chorar em hum Campo, no qual ainda que venceremos, morreráõ tantos Christãos? Atè aqui as palavras de Antonio de Sousa. A verdade deste dito só os tempos a podem segurar, como aos mais vaticinios, cujas verdades só descobrem os mesmos successos, que elles significaõ, quando naõ saõ profecias da Santa Escriptura, que estas antes do successo tem para com-nosco a certeza indubitavel. Nem a isto faz duvida dizer, que a Cidade de Evora dista seis legoas de Castella, pois he cousa sem duvida, que por linha recta pelas partes do Landroal essa he a distancia, que poderà ter das arrayas de Castella, como já por causa deste vaticinio examináraõ alguns curiosos; & tambem a medida das legoas naõ he toda huma, nem fixa em todos os Reynos.

CAPITVLO XIV.

Vida, & morte do Padre Dom Francisco Henriques, segundo Mestre de Noviços deste santo Noviciado, & do Padre Mauricio terceyro Mestre, & Confessor delRey Dom Sebastiaõ.

Em Evora 6. de Junho de 1561.

1 O Padre Dom Francisco Henriques de Navarra foy, cuydo, o segundo Mestre de Noviços, que teve este Noviciado; & logo entrou na occupaçaõ acabando de ser Noviço, porque naquelles primeyros tempos, como eraõ poucos os Religiosos, puxavaõ pelos que podiaõ fazer as occupações, sem attender a outras razões, a que tambem agora se attende. Naceo na Villa de Ablites, Bispado de Tarracona no Reyno de Navarra

Navarra. Era de nobre geraçaõ, sobrinho do celeberrimo Doutor Martim de Aspilcueta, & parente de S. Francisco de Xavier. Seus pays se chamàraõ D. Antonio Henriques, & D. Violante Garcia. Estudou D. Francisco em Paris, & naquella Universidade se doutorou em ambos os direytos Canonico, & Civil. Veyo a Lisboa, naõ se diz porque occasiaõ; alli o tocou Deos para se abraçar com a Cruz de Christo, deyxadas as esperanças de que as suas boas prendas, & letras o tinhaõ cheyo. Foy aceyto na Companhia, & nella entrou: o Padre Telles diz, que na casa de S. Roque, aonde nos principios ouve Noviciado; porèm o livro das entradas deste Noviciado de Evora, diz que foy admittido em Lisboa no Collegio de Santo Antaõ na primeyra provaçaõ, por ventura depois passou para a casa de S. Roque: foy sua entrada aos onze de Setembro de 1556. De Lisboa foy mudado para este Noviciado de Evora, & já cá estava aos 13. de Março de 1557. já neste tẽpo avia dous annos, & oyto para nove mezes, que aqui começára o Noviciado; quem entaõ fosse o Mestre, se naõ sabe, & por ventura he o unico de todos, os que o foraõ nesta santa casa, de quem se ignore pelo menos o nome.

2 Em acabando o tempo de Noviço, foy constituido Mestre delles. Neste tempo estudava tambem Theologia, sendo discipulo de seus dous Noviços actuaes o Padre Doutor Fernaõ Peres, & Pedro Paulo Ferrer, de quem a seu tempo se dirà, o que de suas grandes virtudes se sabe. Foy o Padre Dom Francisco homem todo de Deos; na sua presença andava actuado em todas as horas do dia meditando nos passos de sua Payxaõ. Da Santissima Trindade foy tambem especialmente devoto; em honra deste soberano mysterio prostrado tres vezes no dia em terra com profunda reverencia fazia larga oraçaõ. No principio de qualquer obra sempre a saudava com o verso *Gloria Patri.* Da Mãy de Deos foy, & se mostrou servo muy fiel, & obsequioso, todos os dias lhe rezava o seu Rosario, & a sua Coroa, & nos Sabbados alèm do Officio Divino rezava tambem o Officio da Senhora, escolhendo-a por guia em todos seus passos, & obras. Eraõ muytos os Santos, a quem fazia suas especiaes devoções, às quaes nunca faltava, & era de admiraçaõ, como o tempo lhe chegava às obrigações, & devoções; mas quando elle se aproveyta tam bem, como o aproveytava o Padre Henriques, Deos, a quem se dá, o faz luzir, & chegar a quanto queremos: esta sua devoçaõ se via mais para com a gloriosa Santa Anna

Mãy da Senhora, tendo por ſingular obſequio da Filha os ſerviços que elle fazia a ſua Mãy.

3 Na virtude da obediencia ſe vio neſte ſervo de Deos a exacçaõ que em ſeus filhos quer a Companhia: em teſtimunho, de que nada era ſeu, mas todo dos Superiores, ſendo jà Meſtre dos Noviços todos os dias dava de ſi a ſeu Superior taõ miuda conta, como ſe fora o mais principiante Noviço. Do muyto, que interiormente andava atado, & unido com Deos, lhe nacia em ſuas acções exteriores huma conſonancia taõ Divina, que nada tinha da terra: porque era muy compoſto no que obrava, & dizia, tudo denotava ſer primeyro bem pezado na balança da conſideraçaõ. Nunca ſe achou tratar de novas, ou negocios ſeculares: que couſa foſſe palavra de zombaria, nunca da ſua boca ſe ſoube, porque nunca della ſahio. Naõ avia couſa, que mais abominaſſe, que o pouco tento no fallar, a que elle com razaõ chamava rio de deſordens. E das couſas, que com mais encarecimento encomendava aos Irmãos, era a circunſpecçaõ nas palavras, & lhes advertia a tiveſſem em naõ contarem tudo, o que ouviaõ ainda a homẽs virtuoſos, porque como eraõ homẽs, podiaõ exceder no que diziaõ.

4 Todas as ſuas virtudes hiaõ fundadas em profunda humildade, por iſſo ſe retirava de miniſterios eſplendidos, ſendo muyto para todos elles; particularmente ſe occupava em confeſſar, o qual officio fazia com notavel zelo, & aproveytamento das almas. Em todas ſuas acções foy taõ miudo, que ainda hum leve defeyto lhe parecia couſa muy disforme. Succedeolhe nos primeyros annos de Religiaõ apreſſar em certa occaſiaõ algum tanto mais o paſſo, por chegar primeyro que os outros ao lugar, para onde todos hiaõ. Cahindo depois em ſi achou tanta deformidade naquella acçaõ, que em quanto viveo, ſempre ſe ſentio, & doeo della, como ſe tiveſſe cahido em algum execrando ſacrilegio. Adoeceo o Padre Henriques, & pela tezidaõ, & continuaçaõ da doença, veyo a ſe perſuadir, que ella era a ultima, por tanto ſe preparou com a exacçaõ, que o fazem os homẽs de Deos. Sentindo em ſi grandes deſejos de ver a Deos, lhe rogou inſtantemente por todo o tempo da doença, ſe ſerviſſe de lhe dar neſta vida o Purgatorio; para que em ſua alma ſahindo della pudeſſe logo gozar da viſta de ſua Divina eſſencia. Ouvio Deos a fervoroſa petiçaõ, & a deſpachou, revelandolhe claramente, que teria neſta vida o ſeu Purgatorio, como deſejava.

5 Logo que Deos lhe fez eſta mercè, chamou o doente a

ſeu Confeſſor: declaroulhe como Deos lhe tinha commutado o Purgatorio em alguma pena deſta vida, mas que naõ ſabia qual avia de ſer: porèm como as penas do Purgatorio eraõ taõ atrozes, que a q̃ em lugar delle lhe ſobrevieſſe, naõ podia deyxar de ſer alguma couſa fóra de todo o ordinario. Por tanto lhe rogava, que antes de elle entrar naquellas ancias, o encomendaſſe a Deos, & lhe aſſiſtiſſe nellas esforçando-o, para que com as agonias do corpo naõ desfaleceſſe o eſpirito. Iſto lhe rogou huma, & muytas vezes, como quem eſtava certo, que a tormenta ſeria em tudo deſmedida. Foy couſa notavel, que eſtando eſte ſervo de Deos em ſua cama com hũa doença lenta, que pouco a pouco lhe hia conſumindo a vida, ſubitamente deo ſobre elle huma tempeſtade de tormentos, taõ furioſa, & taõ desfeyta, que tudo, o que ſe diſſer, he pouco, para explicar o que ella em ſi foy. Parece, que o aſſaltáraõ de repente féras ſem conto, aceſas com a fome de muytos dias, & que todas à porfia o procuravaõ deſgarrar: ou que todas as dores na ſua mayor agudeza ſe tinhaõ conjurado contra elle. Feriaõ-no pontadas muy vitaes, picavaõ-no lançadas, & ſettas penetrantes. Já lhe parecia que cada hum de ſeus membros era cortado em pedaços miudos, como ſe lè o fizeraõ a Santiago Interciſo. Naõ avia parte no corpo, que naõ foſſe hum aggregado de diverſas dores, todas roedoras, & conſumidoras todas; cada huma capaz de acabar muytas vidas.

6 Neſta luta, & neſta lida tremia com todo o corpo, & quaſi tinha horror de ſi meſmo: já parecia arrepender-ſe, do que tinha pedido, repreſentandoſelhe que naõ poderia aver dores, que excedeſſem aquellas: mas ajudado do ſeu Padre Confeſſor, & das orações dos mais Padres, & Irmãos, que aſſiſtiaõ como teſtimunhas de viſta deſte deſafio taõ eſtranho, ſe alentava pondo-ſe todo nas mãos de Deos. Fora o Padre Henriques na vida homem grande ſofredor de moleſtias, mas neſta occaſiaõ ſe via, que as forças humanas eraõ muy inferiores a ſemelhantes combates: ſahia a natureza em moſtras extraordinarias do ſeu ſentimento; dava ays em Ceo, & em terra, taõ altos que ſe ouviaõ nos geraes da Univerſidade, & enchiaõ todo o Collegio, ſendo que eſtava taõ desfalecido que apenas podia lançar a palavra pela boca, mas a vehemencia das dores da mayor fraqueza tirava as mayores forças.

7 Deſta ſorte eſteve o animoſo lutador ſuſtentando o combate hum pedaço do dia, & parte da noyte; que devia ſer o tempo, que Deos julgou correſpondia ao eſpaço, que eſtaria no

Purgatorio, se lá fosse. Acabado este tempo, se acabou tambem o conflicto; ficou o Padre em bella paz, taõ alegre, & consolado, que já parecia sahir do Purgatorio para a gloria, & assim era; mostrando no rosto huma alegria do Ceo, & tendo na boca o Santissimo nome de JESU se despedio sua alma do corpo em demanda da vista de seu Creador. Foy seu transito neste Collegio de Evora aos 6. de Junho de 1561. tendo cinco annos de Companhia, & muytos no acrescentamento das virtudes. Foy enterrado na Igreja velha, que hoje serve de sala da Universidade. Chamamos-lhe com o appellido de D. Francisco, porque naquelle tempo ainda na Companhia naõ era prohibido ajuntar, quem a tinha de seus pays, semelhante palavra ao seu nome: assim se chamáraõ os Veneraveis Padres Gonçalo da Silveyra, & Leaõ Henriques. A vida deste Padre traz mais esprayada na segunda parte da sua Chronica o Padre Balthezar Telles. Tambem delle se faz huma breve memoria na segunda parte da Historia geral da Companhia, livro quinto, numero trinta & tres, a qual traduzida he a seguinte. Em Evora morreo o Padre Henrique Navarro Mestre dos Noviços, perfeyto exemplar de todas as virtudes, mas particularmente da paciencia, & obediencia, conforme o parecer de todos, os que o conhecéraõ.

Liv. 5. cap. 47.

8 O Padre Mauricio, nem na Historia desta Provincia, nem em os termos q̃ fez sendo aqui Mestre dos Noviços, tem outro algum nome, ou sobrenome, mais que o de Padre Mauricio. Nadasi no seu Annus dierum lhe chama Gaspar Mauricio Serpe; este sobrenome lhe dá tambem o Padre Tanner nos seus Martyres da Cõpanhia; o mesmo lhe dá o Catalogo antiquissimo do Noviciado de Coimbra; seus pays se chamáraõ Vasco Serpe, & Anna Vaz. Entrou elle nesta milicia de Christo, no anno de 1547. aos vinte & hum de Mayo. Sua patria foy a muy nobre Villa de Caminha no Arcebispado de Braga. Deo-se o Padre Mauricio de veras à perfeyçaõ, para a qual conduzio muyto o grande sofrimento, de que deo singulares exemplos. Ainda era Noviço, quando indo com outros em peregrinaçaõ, foy prezo com elles por ladraõ em huma cadea publica. Chegáraõ os peregrinos naõ sey a que terra, & vendo os naturaes aquelles trajes desacostumados, os olhos cahidos com a modestia, cuydando que tudo era dissimulaçaõ, déraõ com elles na cadea, começáraõ-nos a examinar; porèm elles para ter mais que padecer, naõ davaõ razaõ de si. Com isto se confirmavaõ de todo, cuydando que por comprehendidos naõ respondiaõ. Assim os tiveraõ dous

Em Africa 4. de Agosto de 1578.

dias,

dias, quando entre outros, que chegáraõ à cadea para ver aos ladroens, chegou hum estudante da Universidade de Coimbra, que sabia assim do modo, com que os da Companhia peregrinavaõ, como tambem conhecia ao Padre Mauricio; & vendo o desacerto, dá vozes à Justiça, & lhe declara, quem eraõ os ladroens, que tinhaõ prezo. Cahiraõ no engano; dèraõ liberdade aos peregrinos pedindolhes mil perdoens; edificando-se da modestia, & silencio, de que antes lhe tinhaõ feyto crime.

9 Huma das virtudes, que nelle resplandeceo mais, foy a da mortificaçaõ, porque se perseguio, quanto pode; naõ se lhe passaria hora, em que naõ fizesse alguma mortificaçaõ especial. As disciplinas eraõ muy frequentes, & rigorosas; o cilicio quasi continuo. Fez muytas missoens por diversas partes, em que fez a Deos muytos serviços; nellas andava os caminhos a pè, & se sustentava das esmolas, que pedia pelas portas, como o fazem os pobres mais necessitados. Ao compasso da sua mortificaçaõ foy nelle a virtude da humildade; inimigo por extremo de tudo, o que era honra propria. Temeo-se, & tinha para isso fundamento, de que o pertendiaõ fazer Superior: escreveo ao Padre Provincial todos os seus defeytos, exagerando-os muyto, & mostrando com elles, quam indigno era de qualquer occupaçaõ honrosa, para as quaes se requeriaõ virtudes, que elle naõ via em si. Naõ lhe valeo a traça, a qual a todo o juizo prudente era bom sinal de quanto era para as occupaçoẽs, em que a Religiaõ se queria servir dos seus talentos.

10 Foy o sexto Preposito da casa de Saõ Roque, & tambem Reytor dos Collegios, & Universidade de Evora: sendo nestes cargos muy amado de todos, porque era de natural amavel, sem genero algum de dobrez, de bellissimo coraçaõ para com os subditos. Vio-se a muyta virtude, que nelle avia, do pouco, que podiaõ com elle os respeytos do mundo, quando julgava, que se oppunhaõ aos de Deos. No tempo que o Cardeal Infante governava estes Reynos, por ser de menor idade ElRey Dom Sebastiaõ, se confessava com o Padre Leaõ Henriques: algum tempo, que este se achava ausente, quiz o Infante confessar-se com o Padre Mauricio, & para isso o mandou chamar: porèm elle resolutamente lhe respondeo, que o naõ avia de absolver, porque contra as leys da Igreja permittia, que se cobrassem tributos dos Ecclesiasticos. Ficou o Infante admirado da novidade, & confessou chãmente, que elle naõ sabia de tal cousa, mas que lhe estimava muyto o aviso, & que poria a devida emenda;

como em effeyto assim o mandou logo fazer: ficando-nos em duvida quem nesta occasiaõ se mostrou mais amante da virtude, se o Padre Mauricio na generosidade da sua reposta, se o Infante na diligencia da emenda.

11 Foy o Padre Mauricio obrigado, por assim ser vontade delRey D.Sebastiaõ,a ser Mestre dos meninos fidalgos,q̃ no Paço se creavaõ; o qual officio elle fez, como de sua pessoa se esperava. Pouco depois desviando-se o Padre Luis Gonçalves da Camera das confissoens delRey com pretexto de seus achaques, escolheo por seu Confessor ao Padre Mauricio. Bem desejou o humilde Padre eximir-se desta honra,mas foy preciso fazer o gosto a hum Rey, que era Pay da Companhia, & se tratava como seu filho. Nesta occupaçaõ taõ autorizada naõ sahio o Padre Mauricio dos limites da sua antiga humildade: ao Paço hia com o vestido taõ pobre, & remendado, como quem tinha pela mais preciosa gala tudo,o que no vestido cheyrava a pobreza, & nem por isso era menos estimado, antes muyto mais bem visto do Rey. Teve este grande Rey notavel amor a seus Confessores, como se vio nas demonstrações, que fez na morte de seu Mestre, & Confessor o Padre Luis Gonçalves da Camera; foraõ ellas taõ excessivas, que naõ faltou quem o advertisse daquelle excesso, a que elle respondeo: Que quereis que faça, se eu naõ conheci outro pay, nem outra mãy, senaõ ao Padre Luis Gonçalves? Retirou-se elle do seu Paço para o Convento de Nossa Senhora do Espinheyro,porque a Corte estava entaõ em Evora, continuando nas mesmas demonstrações de sua dor. Meteo-se nisto o Padre Mauricio, & procurou de lhas moderar com seus avisos santos; alguma cousa, por condescender com elle,afroxou ElRey, ainda que o sentimento naõ deo lugar, a quanto o Padre queria: porque só veyo em que abrindo-se huma janella da camera, em que estava,se apagasse a véla, com que atè alli unicamente de dia se allumiava.

12 Assim como huma das mayores penas, que teve, & ainda ajudou para sua morte ao Padre Luis Gonçalves, foy o naõ poder acabar com ElRey, que desistisse da empreza de Africa; assim mesmo essa foy huma das mayores lidas,que teve,mas sem fruto, o Padre Mauricio. Tem-se por cousa certa,que nos sacrificios da Missa, em que encomendava este negocio a Deos, o Senhor lhe significára,que naquella jornada avia de acabar. Naõ ha duvida,que quando sahio da casa de S. Roque para se embarcar, despedindo-se do Padre Amador Rebello, que fora Mestre
de

de escrever del Rey, lhe disse estas palavras: Meu Padre, ficaivos embora, nòs imos a morrer, no outro mundo nos veremos. Tratava o Padre Mauricio muy familiarmente com Simaõ Gomes, a quem chamaõ o Sapateyro Santo, & delle soube muytas cousas futuras, assim da perda do Reyno, como de sua prodigiosa restauraçaõ, & as declarava a seu Companheyro sendo ainda Irmaõ, que era o Padre Fernaõ Guerreyro.

13 Embarcou-se na armada em que hia ElRey D. Sebastiaõ, com mais doze Religiosos da Companhia. Na infausta batalha em que se perdeo ElRey, o Padre Mauricio com hum Crucifixo animava aos Catholicos contra os inimigos da fé. Já a vitoria declaradamente era dos Mouros; & se aprizionavaõ os cativos: neste tempo estava o Padre Mauricio ouvindo de confissaõ a hum fidalgo mal ferido, chegou hum Mouro com o alfange na maõ, & levado mais do odio da Fé, que do appetite do resgate, que fazendo-o escravo podia esperar, lhe disse: *Que fazes aqui cam Nazareno, que impiedade he essa?* & nestas palavras lhe deo huma grande cutilada na cabeça com o alfange, que tinha na maõ, & lha abrio em duas ametades. De todos os Religiosos da Companhia só o Padre Mauricio morreo nesta lamentavel desgraça. Delle como de Martyr falla entre os da Companhia o Padre Tanner, o Padre Nadasi o traz no dia de sua morte, que foy aos 4. de Agosto de 1578. Delle tambem faz alguma mençaõ o Padre Telles na Historia desta Provincia parte primeyra. O Padre Manoel da Veyga no Memorial manuscripto da casa de Saõ Roque, aonde traz a razaõ de se chamar só com o nome de Mauricio; diz que o tomàra entrando na Companhia, conforme ao que costumavaõ alguns naquelles primeyros principios, deyxarem os nomes proprios, & tomarem estrangeyros; parece que para mostrarem, que se desnaturalizavaõ, & com as patrias deyxavaõ tambem os nomes, em final da sua abnegaçaõ; porèm que este costume naõ duràra muyto; antes alguns, que tinhaõ mudado o seu nome, o tornáraõ a tomar, como o Padre Jorge Serraõ, que se chamou Maximiliano, ao principio, & depois se tornou ao nome proprio; mas o Padre Mauricio o conservou sempre. Atè aqui o dito manuscripto do Padre Veyga. Escreveo o Padre Mauricio huma Historia, que anda de maõ, porque se naõ imprimio, em que miudamente escreve a gloriosa morte do Padre Ignacio de Azevedo, & de seus Companheyros, & como ajuntou, & educou aquelle grande numero de Missionarios. Foy este bom Padre hum dos primeyros

1. p. l. 2. cap. 19.

meyros Meſtres de Noviços deſte Noviciado, & o primeyro, que nos termos dos que entraõ, começou a pòr o ſeu nome, porque atè alli ſó ſe achaõ nos termos das entradas os nomes dos que eraõ admittidos por Noviços, & naõ os nomes dos Meſtres; que depois do Padre Mauricio ſempre ſe foraõ eſcrevendo, & por iſſo ſe ſabe de todos, os que tiveraõ eſta occupaçaõ depois do Padre Mauricio atè o tempo de hoje.

CAPITVLO XV.

Vida do Padre Doutor Fernão Peres.

Em Coimbra 13. de Fever. de 1595.

1 AJuntamos neſte lugar entre os Meſtres dos Noviços ao Padre Doutor Fernaõ Peres, naõ porque foſſe de propriedade Meſtre dos Noviços, mas porque em algũa vacancia ſupprio, em quanto ſe provia a occupaçaõ; tambem porque ao diãte neceſſariamente aviamos de eſcrever a ſua vida, por ter aqui ſido Noviço, & naõ ſendo tantas as vidas, que pude aver dos que foraõ Meſtres, ficarà com a ſua, que tambem a eſte lugar de algum modo pertence, mais referto eſte tratado, em que ſó arrumo as vidas dos que foraõ pays em eſpirito de todos os mais, que aqui ſe creàraõ. O Sapientiſſimo Doutor Padre Fernaõ Peres, em quem competiraõ as letras, & a virtude, naceo dentro de Cordova na Andaluzia, de pays honrados, & ricos, eraõ ſeus nomes Luis Fernandes, & Joanna Fernandes: entrou na Companhia aos 23. de Dezembro de 1559. tendo 30. annos de idade. Sendo aqui Noviço era Meſtre na Theologia do Padre Franciſco Henriques ſeu Meſtre de Noviços, como fica dito acima.

2 Creàraõ-no ſeus pays com ſantos, & louvaveis coſtumes, & muyta devoçaõ à Senhora, a qual com hũ ſingular favor moſtrou, que eſte menino era couſa muyto ſua. Por deſgraça cahio Fernando no rio Guadalquibir, & ſe foy logo ao fundo: deo-ſe a triſte nova aos pays, que com o ſentimento, que ſe deyxa ver, corrèraõ ao rio, mais para recolher o cadaver do filho, que com eſperanças de o recuperar com vida. Perto de huma hora avia, que o menino ſe fora ao fundo, & lá eſtava afferrado a hũa mouta de juncos, como depois o diſſe. Chegàraõ os pays, chamàraõ pela Virgem Senhora, quando de repente deſpegando-ſe o menino dos juncos, ſahe direyto acima, apparece na face da agua; lançou o pay maõ delle, & logo o paſſa aos braços da

mãy

mãy com incrivel gosto de hum, & outro: dizendo o menino, que a Virgem o guardára com vida, & o trouxera acima da agua. Com este taõ estupendo favor cresceo nelle a devoçaõ para com taõ amorosa Senhora; & os pays vendo a sua boa indole o applicáraõ ao estudo das letras, & muyto mais ao da virtude, tendo nesta por Mestre aquelle incomparavel Varaõ o Padre Joaõ de Avila. Pelo affecto, que em si sentia, de que fosse honrada de todos a Conceyçaõ da Senhora, fez voto, sem alguem a tal cousa o induzir, de seguir sempre, & defender a immaculada Conceyçaõ da Senhora: assim o fez sempre com todo o empenho, & foy grande parte, para que esta doutrina ficasse mais seguida, & applaudida nas Universidades. Pagoulhe a Senhora estes serviços, com lhe alcançar graça, para se conservar, como se conservou, com a innocencia virginal, puro de qualquer nubecula, que pudesse pòr nodoa em vidro taõ cristallino: assim o testimunhou o Padre Jeronymo de Carvalho, homem de grande virtude, que o confessou geralmente.

3 Avultava muyto no mundo antes de entrar na Companhia o feliz engenho, & grande cabedal de sciencia, que avia no Padre Peres; eraõ as esperanças de valer a medida das suas singulares prendas. Naõ se deyxava elle levar da vaidade, como ordinariamente o fazem os mais, esquecidos da virtude: esta foy o seu mayor estudo na escola do Apostolico Varaõ o Padre Joaõ de Avila, a cujas direcçoens se sugeytava, como se tivesse feyto voto de lhe obedecer. Neste tempo o serenissimo Infante Cardeal Dom Henrique fundou em Evora a Universidade, que entregou toda à nossa Companhia: pedio a Saõ Francisco de Borja, que era Commissario gèral da Companhia em Espanha, lhe mandasse alguns Mestres insignes, que pudessem ensinar Theologia na sua Universidade. Vio-se o Padre S. Francisco em apertos com a carta, & petiçaõ do Infante, a quem era preciso acodir com o despacho, mas naõ via como pudesse, porque naquelles primeyros tempos naõ eraõ tantos os homens feytos, & algum que avia, se puxasse por elle, faria grandissima falta à Companhia na parte, onde os tinha occupados.

4 Allumiado pelo Ceo, escreveo ao Padre Mestre Avila o aperto, em que se achava, pedindolhe que se dos muytos discipulos, que tinha, ouvesse alguns de tantas letras, que pudessem satisfazer aquella obrigaçaõ, (explicoulhe toda a materia, & remetteolhe a carta do Infante) tendo vontade de servir a Deos na Companhia, lhos mandasse para primeyros Mestres daquella Univer-

Universidade. Encomendou o Padre Avila este negocio a Deos, considerando o grande serviço, que nelle se lhe fazia; depois chamou a dous de seus discipulos, que eraõ ambos Doutores em Theologia, & de prendas muy relevantes, & de virtude por elle muy experimentada. Vinhaõ estes a ser o nosso Padre Fernaõ Peres, & Padre Pedro Paulo Ferrer, de quem em seu lugar fallaremos. Propozlhe a occasiaõ que se lhes entrava pelas portas de fazerem a Deos hum grande sacrificio, em se consagrarem a seu serviço na Companhia: dizendolhes como encomendando este negocio a Deos, entendéra ser aquella a sua vontade, & que de todos seus discipulos os escolhia a ambos. Ouvidas as razoens, & conselhos de seu Mestre, a quem tinhaõ por oraculo do Ceo, se puzeraõ em suas mãos, para que dispuzesse de suas pessoas, como entendia ser para mayor gloria de Deos. Avia nesta resoluçaõ grandes difficuldades de pays, & parentes, que nestes seus filhos, por serem de tanto ser, tinhaõ fundado boas, & solidas esperanças do adiantamento de suas casas. Porèm elles metendo debayxo dos pès todos os respeytos, que os mundanos trazem sobre a cabeça, por conselho de seu Mestre se foraõ offerecer ao Padre S. Francisco de Borja: elle os recebeo naõ como a homens da terra, mas como a cousa do Ceo. Admittio-os na Companhia, & logo os mandou a Evora, para naquelle Collegio continuarem seu Noviciado, & ensinarem Theologia em a nova Universidade. Agora continuemos, o que em particular toca ao Padre Fernaõ Peres; que seu Companheyro adiante terà seu lugar.

5 Foy este insigne Doutor nomeado para ensinar Theologia na cadeyra de Vespora: logo que deo principio ao seu magisterio, se começou a divulgar a fama de sua sabedoria, com tanto credito seu, honra da Companhia, & gosto do Cardeal Infante, que escreveo a S. Francisco de Borja as graças, por lhe mandar homem taõ sabio por Lente da sua Universidade. Depois andando os annos, leo a cadeyra de Prima naõ só nesta Universidade, mas tambem no Collegio de Coimbra. Quasi quarenta annos gastou em ler Theologia, com notavel aproveytamento dos ouvintes, & honra da nossa Companhia. Era como hum profundo rio de sabedoria: consultavaõ-no os mais doutos das Universidades, & tribunaes; recorriaõ a elle em suas duvidas os Principes Christãos; as suas resoluções se tomavaõ como as de algum oraculo, & se tinhaõ por cousa sem suspeyta de fallencia. Tal era, & tam bem fundada a segurança da sua doutrina. Em aquietar consciencias escrupulosas naõ ouve quem tivesse mais felici-

felicidade, assim aclarava quaesquer duvidas, q̃ deyxava as consciencias sem genero algum de perplexidades; tudo em paz bella, & serena.

6 Com ter a sciencia de si, inchar aos que a tem: ella no Padre Peres só servia para mais se humilhar, porque estava muy radicado no conhecimento proprio deste ser humano, que temos. Todos o applaudiaõ por sabio, como elle na verdade o era: só o bom Padre se tinha pelo mais ignorante dos homens: por esta causa quando alguem lhe fallava em imprimir as suas postillas, se punha córado de purpura, como pejando-se de que tal cousa passasse pelo pensamento a quem tinha juizo. Dizia, que quem em tal cousa lhe fallava, naõ o conhecia, por quanto elle sabia de si, que era hum nescio, & a peyor creatura, que Deos neste mundo creára, & que sabia menos que hum jumento: com esta chaneza, & palavra se explicava. Sendo homem taõ buscado ainda de pessoas grandes em ordem a se aconselharem com elle, naõ avia quem dellas mais fugisse: retirava-se do Paço, podendo nelle ter grande entrada, pelo muyto que o estimava o Infante Cardeal; mas a sua humildade o obrigava a procurar de veras ser desconhecido. No tempo que a Corte estava em Evora, acaso hum dia, como o fazia muytas vezes, ElRey D. Sebastiaõ entrou em a nossa livraria do Collegio, aonde se encontrou com o Padre Peres, que elle muy bem conhecia, & de quem ouvia dizer, que era muy humilde, & retirado, & amigo de o naõ conhecerem. ElRey com desejo de ver o que lhe respondia, fingindo naõ o conhecer, lhe perguntou: Padre, que officio tendes? Senhor, respondeo elle, vou à cozinha: & assim era, que lá hia servir frequentemente. Replicou ElRey: E naõ fazeis outra cousa? Respondeo: Sim faço, senhor, tambem varro. Naõ se deo ElRey por satisfeyto com estas repostas, & como quem o queria obrigar a dizer a sua occupaçaõ de esplendor; terceyra vez o apertou, dizendolhe: E nenhum outro officio tendes? Nestes pontos, em que já eraõ poucos os effugios, respondeo o Padre Peres: Tambem, senhor, vou à Theologia, quando me mandaõ. Naõ proseguio ElRey as perguntas, edificando-se muyto dos rodeyos, que a sua humildade descobria, por naõ chegar a dizer, que era Lente de Prima da Universidade.

7 Desta profunda virtude nascia fazer-se discipulo dos outros nas materias do espirito; por esta razaõ, quando, conforme a regra, tinha os Exercicios de nosso Santo Patriarcha, pedia ao Padre Prefeyto do espirito, que naquelles dias o visitasse, &

dirigisse,

dirigisse, porque se naõ queria nestas materias fiar de si, delle queria receber as meditações, sobre que avia de ter naquelles dias a sua oraçaõ: & disse o Padre Jeronymo de Carvalho, que em Coimbra era Prefeyto do espirito, & homem verdadeyramente espiritual, como se vé da sua vida, que anda escrita: Que se por huma parte se confundia de ver tanta humildade no Padre Peres junta com tanta sabedoria; por outra se consolava de ver taõ singular devoçaõ em homem taõ abalizado. Duas cousas foraõ nelle de admiraçaõ, que vivendo tantos annos, lendo quasi quarenta, & sendo Superior muytas vezes, nunca ouve quem delle tivesse a minima queyxa; nem quem em suas obras, ou palavras divisasse genero algum de presumpçaõ. Nem eu sey, que se possa dizer mayor elogio, de quem tantos annos viveo em Communidades grandes, na flor das Universidades, & nas occupações, que fez o Padre Fernaõ Peres.

8 As virtudes nelle florecèraõ à porfia. Sendo Vice-Reytor em Coimbra, ouve grandes doenças de tabardilhos na Beyra, & concorreo àquella Cidade muyta gente pobre: ordenou logo o Padre Reytor ao Irmaõ Boticario, que désse, o que lhe pedissem para os pobres doentes na portaria. Tambem mandou, que todos os dias se déssem à portaria sete alqueyres de paõ cozido cõ sua carne. Ordenou, que nenhum pobre se despedisse da portaria sem esmola. Foy tanta sua liberalidade, que alguns temèraõ, faltasse ao Collegio, com que se sustentar; mas Deos confundio esta pouca fé com hum milagre, porque neste anno naõ minguou o celleyro de trigo. Em huma Sesta Feyra estando o Padre doente vieraõ pedir esmola de carne para hum enfermo, era isto a tempo, que lhe levavaõ a gallinha, que avia de comer; logo a fez levar ao pobre, & elle ficou passando com o mais. No mesmo tempo tendo dado licença, para darem hum barrete a hum Clerigo pobre, (naquelle tempo os barretes dos Clerigos eraõ os que hoje usa em Portugal a Companhia) dizendo o Irmaõ Roupeyro, que naõ achava barrete, que se pudesse dar, tomou o Padre o seu, & o mandou ao Clerigo, dizendo que lhe pedissem outro para elle ao Roupeyro, que elle o acharia.

9 Além de naõ aver diminuiçaõ no trigo, a fazenda do Canal deo tantos frutos, quantos nem antes tinha dado, nem se sabe, que désse ao depois. ElRey D. Sebastiaõ sabendo, o que o Collegio tinha feyto, lhe mandou dar de esmola dous mil & quinhentos cruzados. Taõ rendosas foraõ as esmolas, que nesta occasiaõ fez aquelle Santo Collegio; & nesta materia tem nelle

avido

avido em todos os apertos da pobreza grandissimas caridades, que em seus lugares se escrevem; & Deos por isso fez sempre àquella santa casa especiaes favores; tanto assim, que alli he já como proverbio nos annos de carestia, que se haõ de dar esmolas, para se acodir ao Collegio. Naquelle tempo do Padre Fernaõ Peres naõ semeavamos o Canal, mas só recolhiamos os dizimos, & quintos, & destes o trigo passou de cem moyos, & a cevada muyto mais. Assim o deyxou escrito o Santo Padre Christovaõ Gil. Para com os enfermos teve singular caridade. Todos os dias os visitava duas vezes fallando deDeos com muyto espirito, & fervor, & quando sahia, lhes lançava agua benta, outras vezes lhes rezava o Evangelho; & sempre nestas occasioens buscava o lugar mais bayxo,& nelle se assentava perguntando, se avia mais algum doente, para o visitar. Quando fazia algumas praticas publicas,sempre fallava da humildade,& caridade com tanto affecto, que parecia lhe saltava o coraçaõ fóra, tendo grande impulso de lagrimas. Nestas duas virtudes se assinalava muyto. Sempre trazia roupeta parda, & dizia de si fallando em Castelhano: *Que era una bestia.*

10 Hum Irmaõ por nome Antonio Joaõ,que morreo tisico, andando muyto doente naõ achou,quem fosse com elle à quinta, sabendo isto o Padre Fernaõ Peres, foy pedir licença para ir à quinta,& pedio por Companheyro ao dito Irmaõ. Era já neste tempo o Padre muyto velho,& cheyo de enfermidades; perguntandolhe,como se atrevèra a andar a pé caminho taõ comprido; respondeo, que fora por alegrar aquelle Irmaõ No mesmo dia servio à mesa na quinta, naõ avendo, quem o pudesse tirar desta mortificaçaõ. Sempre fallava das cousas do Ceo, as palavras, que trazia na boca, eraõ: Bemdito, & louvado seja Deos. A devoçaõ, que mostrava, fazia devotos, aos que o ouviaõ. Frequentemente fazia actos de amor de Deos,tinha com o uso tanto habito nisto, que os fazia diante de muytas pessoas, sem advertir, que os fazia. De cousas pequenas tomava occasiaõ para os fazer, humas vezes dizendo: Glorificado seja Deos; outras: exaltado seja Deos: louvado seja Deos, para sempre, quam bom Deos temos; & semelhantes modos de fallar.

11 O Padre Doutor Jorge Serraõ homem de grandes letras, & virtude, fallando das virtudes dos Padres Fernaõ Peres, & Manoel Alvres o Autor da Arte da Grãmatica, que ainda entaõ eraõ vivos, disse: Se os Santos se ouvéraõ de canonizar na vida, Fulano (nomeando hum dos dous) pudèra ser o primeyro; &

do ſegundo naõ ha que eſperar delle mais, que milagres. Naõ tem o manuſcripto, donde iſto recolho, qual punha em primeyro lugar, qual em ſegundo. Diſſe hũa vez, q̃ nenhũ goſto tinha na vida, ſenão o dizer Miſſa; & aſſim a celebrava com grandiſſima devoçaõ. Naõ ſómente fallava muyto de Deos, mas ſó o nome de Deos tomado na boca lhe parecia hum favo de mel. Tudo era dizer, Oh que bom Deos, que temos! Sendo por extremo amiciſſimo de agua, & fazendo huma pratica na Capella, trouxe a comparaçaõ do jarro de agua na boca de hum homem muy ſequioſo, & tudo era dizer: *No ſe harta de bever, y bever, y que guſto ſerà Dios?* Eſtando em Evora doente, & frenetico o Padre Antonio Carvalho, como lhe quizeſſem applicar na cabeça certo medicamento, elle o naõ conſentia, nem podia eſtar quedo para a cura. Rezoulhe o Padre Fernaõ Peres o Evangelho, & logo ſe aquietou, & ſofreo, ſe lhe applicaſſe a mèſinha.

12 Sendo ainda ſecular tinha por devoçaõ dizer Miſſa em varias Igrejas, por ſaber, que os Clerigos deyxavaõ muytas Reliquias nos corporaes, para aſſim as recolher. De ordinario eſtava chorando em todo o tempo, que durava a Miſſa. As mais de ſuas praticas eraõ da fermoſura de Deos. Tinha por devoçaõ fazer as camas aos enfermos, & ainda a hũ, q̃ ſe eſperava, paraſſe a doença, para o deſpedirem, hia fazer a cama. Em Evora ſendo Vice-Reytor teve hũa contenda com outro Padre antigo ſobre deſpejar o vazo de hum enfermo, pegando por eſpaço de tempo hum de huma parte, outro de outra. Procurava em todas as occaſioens de deſpertar os outros a louvar a Deos, por iſſo contando alguma couſa acreſcentava: Ora veja, quam grande he Deos, como o naõ amamos? & ainda bebendo hum pucaro de agua coſtumava muytas vezes dizer: Se Deos cá na terra tanto deo aos homens, que lhe terà lá no Ceo?

CAPITVLO XVI.

Continuaõ-ſe os exemplos de virtude do Padre Fernaõ Peres.

1 NA humildade deo tantos exemplos, que parecia hũ retrato deſta virtude. Se lhe fallavaõ, como já diſſe, em imprimir ſuas obras, com todos os geytos do corpo, que podia, ſe humilhava, reſpondia, que nada ſabia, que era para nada, que a gloria ſó era de Deos. Deſta humildade tambem lhe nacia, quando avia de refutar opiniaõ de algum Autor, fazer

iſſo

isso com palavras modestissimas. Na conversaçaõ estranhava tanto qualquer palavra contra o amor fraternal, que ninguem diante delle se atrevia nesta materia a dizer a minima palavra com menos consideraçaõ, porque logo a estranhava. Se lhe louvavaõ alguma cousa sua, por desprezo se ria de si mesmo, ouvindoselhe muytas vezes estas palavras: Eu sou hum ninguem, & hum vil bichinho. Tinha grande reverencia a qualquer Irmaõ, & lhe fazia muyta cortezia. Chegando ao Collegio de Coimbra, soube que hum Padre de pouco saber, tinha cuydado das cousas espirituaes, a este foy logo dar conta de sua consciencia, & de seus pensamentos, como se fora hum Noviço. Vendo que todos tomavaõ Exercicios, pedio ao mesmo Padre, que lhos désse. o Padre deyxando nelle o modo de meditar o visitava por demais; naõ se contentou elle disto, senaõ pedio ao Padre que lhos avia de dar, como a qualquer outro Irmaõ; & assim o ouve de fazer.

2 Por se desprezar, dizia suas faltas, a quem lhas queria ouvir. Dizia ter grande temor da conta, que avia de dar a Deos, de hum grande peccado, como o chamava, que commettéra no mundo, porque sendo menino fora nadar, pondo-se a perigo de se perder. Em achando lugar accõmodado para se desprezar, o fazia com obras, & palavras. A's vezes fazia algumas cousas que se entendia desejar o tivessem por homem sem juizo. E assim vinha algumas vezes da quinta comendo laranjas à vista de todo o mundo, de tal modo, & taõ mal entrouxado, que os que o viaõ no caminho, & o naõ conheciaõ, naõ podiaõ deyxar de o ter por algum velho, que em tudo andava fóra de seus eyxos. A' conta de andar mal disposto dos pès, andava por casa taõ mal vestido, & atado, que foy necessario avisallo o Superior, que naõ andasse naquella fórma, porque naõ parecia do numero dos outros Religiosos. Esta virtude do desprezo proprio louvava muyto, assim com a Santa Escritura, como com outros exemplos, & della fazia particular estimaçaõ. De seu Confessor se soube, que fazia estas cousas para mais se abater, & humilhar.

3 Nelle se viaõ aquellas duas virtudes raras, que Christo nosso Senhor encomendou a seus Discipulos, prudencia, & simplicidade. No tratar com o proximo tinha a simplicidade como de menino. Na prudencia era espantoso assim pela sciencia das letras, como pelo grande juizo, que mostrava assim nas suas glozas, como nas soluções, que dava de palavra. De tal maneyra,

& com tanta facilidade reconciliava os Doutores, q o q parecia difficultoso de resolver, explicado por elle ficava a mesma clareza. Antes de partir de Lisboa para Coimbra, (segundo elle disse dando conta de sua conciencia) lhe revelou Deos em hũa visaõ os trabalhos, que avia de ter em Coimbra. O que bem se cumprio, porque naquelle Collegio padeceo muyto; além de muytas occasioens de sofrimento, que alli teve, passou por grandes doenças, & enfermidades, & alli veyo finalmente a morrer.

4 Foy homem, que nunca se ouvio murmurar, nem queyxar, do que lhe faziaõ. Sendo Superior ouvio de noyte, que huns Irmãos estavaõ murmurando delle, & se ouve com tal sofrimento, que o naõ deo a entender. Nas consultas dizia o seu parecer, sem fazer caso algum de respeytos humanos, porque só tinha os olhos em agradar a Deos. Estando para morrer, & quasi nos ultimos apertos, huns Irmãos que estavaõ presentes diziaõ em voz bayxa: Quanto tomára hum Rey da terra ter huma morte taõ santa. Ouvindo isto o Padre como magoado se voltou para a outra parte dizendo algumas vezes: Naõ digaõ tal cousa, porque sou hum grande peccador. Em certa occasiaõ fallando a hum Padre, com quem rezava, da virtude do Irmaõ Antonio Joaõ, de que acima falley, o qual ajudava à Missa ao Padre Fernaõ Peres, disse, que estando elle dizendo Missa, vira junto ao Irmaõ hũ Anjo, & attribuhia isto à virtude do Irmaõ. O Santo Padre Christovaõ Gil deyxou escrito, que na Missa, especialmente do Canon por diante, chorava tanto, que era ordinario ficar o lenço taõ ensopado nas lagrimas, que naõ servia a outro Padre, se depois delle hia dizer Missa no mesmo Altar. Tinha tambem na Missa huma profunda reverencia, & humildade, que sensivelmente apparecia, principalmente, quando dizia o Pater noster, o qual pronunciava com grande affecto, que ainda na voz se enxergava, estendendo as palavras, & com esta profunda reverencia continuava, atè consumir.

5 A sua frequencia de visitar os doentes, parece, que lha quiz nosso Senhor de alguma maneyra galardoar na mesma moeda; & assim estava ordinariamente o seu cubiculo cheyo. O mesmo dia, que faleceo, ou hum antes, estando alli muytos, se alegrou tanto com ver a caridade dos Irmãos, que parecia saltarlhe a alegria pelos olhos: & o Padre Christovaõ Gil, de quem saõ estas cousas, diz lhe parecèra desuzada, & que com ella fizera a pratica da caridade, da qual digo em outro lugar. Era muyto mortificado em suas payxões, nem me lembra, diz o

Padre

Padre Gil, ver nelle alguma como demasia, senaõ quando lhe tocavaõ em cousas contra a caridade. Tinha costume de acodir por todos escusando-os, quando praticando, se tocava defeyto de algum: o que lhe nacia da grande caridade, & do grande conceyto, que tinha de todos, chamando aos Irmãos, que eraõ *Vnos Angeles, unos Santos.* Em Evora estando hum Padre doente, & commungando vomitou as especies consagradas com hum vomito muyto nojento, & asqueroso, & elle por reverencia do Sacramento, estandó todos duvidosos do que fariaõ, tomou o vazo, em que estava o vomito, & o levou todo. Isto ouvi por vezes. Pode-se dizer, como sempre trabalhou com grande intençaõ, porque ao principio leo por tempo em Evora duas lições, huma de Theologia, outra de casos, & no mesmo tempo prègava muytas vezes, & todos os Domingos hia confessar à Sè, por nòs naõ termos ainda Igreja, & vinha muyto tarde para casa. Estas cousas ouvi a elle mesmo.

6 Em Coimbra leo muyto tempo, com presidir aos casos de consciencia, ser Consultor, & Admonitor, Confessor dos Irmãos, Prefeyto do espirito; tendo outras occupações extraordinarias de resoluções de casos de importancia, que de muytas partes, assim Religiosos, como seculares, lhe mandavaõ perguntar, porque todos se aquietavaõ com seu parecer. Naõ tinha menos destreza em consolar, & aquietar almas escrupulosas, & inquietas. Elle era o commum refugio dos de casa, os mais delles se confessavaõ com elle geralmente: o que posto que lhe era trabalhoso pelas occupações, que digo, nunca se negava a ninguem. Muytas vezes estando pouco tempo antes da liçaõ com a pena na maõ, concluindo o que avia de ler, indo-se alguem confessar, ainda que se confrangia hum pouco, toda via sempre o ouvia.

7 Tambem se póde apontar sua grande simplicidade, & candura columbina, que nunca julgava mal, antes tudo lançava a bem. Sendo taõ letrado, dava-se taõ pouco a saber os costumes, & policias seculares, que lendo em Evora, & indo, cuydo que ElRey Dom Sebastiaõ, & o Cardeal Dom Henrique a ouvillo, acabada a liçaõ, se sahio primeyro, & depois vendo que os outros naõ vinhaõ, entendendo, que fizera mal, se tornou a meter no Géral. Outra vez vindolhe fallar huma pessoa, a que se devia Senhoria, & tornando-se, quando foy ao sahir, elle alevantou a guarda-porta, & disse: Vossa Senhoria tome, o que he mais honra, que eu o naõ sey. Elle mesmo dizia na doença, (que era

muyto trabalhosa, & de dores) que nada sentia, senaõ o naõ dizer Missa. Sendo secular gastava na Missa huma hora, ou hora, & meya; na Companhia por causa da regra, que disso ha, moderou este tempo. Disse huma vez, que tomàra ter muyto; & perguntandolhe, para que: respondeo, que para dar aos pobres, & às Igrejas.

8 Sendo Vice-Reytor, como viessem pedir huma pequena de pedra Bazar: perguntou, se era a pessoa pobre: respondendolhe, que naõ; disse, que lha naõ dessem, & que a comprasse nas boticas da Cidade. Replicandolhe, que a naõ avia nas boticas, & que nesta materia era a tal pessoa pobre, mandoulha dar. O mesmo aconteceo pedindose hũa purga para hum Cidadaõ rico, porque lha negou, por ser rico, & foy necessario capa de bemfeytor, para lha dar. Atè aqui as cousas, que delle escreveo o Santo Padre Christovaõ Gil. O Santo Padre Pedro Paulo Ferrer, que com elle veyo de Hespanha para Portugal, diz em hũa carta sua, que todos os dias se encomendava a Deos nas orações do Padre Fernaõ Peres. De sua caridade acho escrito, que era commum fallar, como por proverbio, na caridade do Padre Fernaõ Peres. Finalmente quiz o Senhor apremiar com a gloria os merecimentos deste seu grande servo, levando-o para si. Confessou-se geralmente. Pedio o Santo Viatico: estava já neste tempo muy fraco de forças: sentindo vinha já o Senhor para o seu cubiculo, levado de hum assombro santo se levantou de repente, cousa, que ninguem cuydava poderia já fazer, & esforçando a voz disse: A mim, Deos meu? A mim Deos do Ceo? A mim gloria minha? Vòs aveis de entrar em casa, de quem està para entrar na sepultura? Dizia estas palavras taõ arrancadas do coraçaõ abrazado em seu Deos, taõ acompanhadas de lagrimas, que desfaleceo; mas parando por algum espaço, & tomando de novo algum alento, feyta diante do Senhor huma firme protestaçaõ da Fé, em que vivéra, & morria, recebeo o Santo Viatico, & depois o Sacramento da Extrema Unçaõ.

9 Estava elle já nos ultimos fios da vida rodeado por todas as partes de Padres, que foraõ seus discipulos, quando pondo os olhos nos presentes à imitaçaõ de S. Joaõ Evangelista lhes encomendou a caridade com estas palavras: Padres, & Irmãos meus muyto amados em Christo, morro consoladissimo na Companhia de JESUS: nenhuma outra cousa vos encomendo nesta hora, senaõ a caridade, amayvos huns aos outros: com a caridade segurareis a mercè da vocaçaõ na Companhia: com a

caridade crescereis na perfeyçaõ: na caridade tereis certo sinal de vossa salvaçaõ: haja entre vòs, meus carissimos Irmãos, caridade, & esta só basta. Assim lhes estava fallando com a voz já quasi nos ultimos arrancos, & repetindo esta palavra, *Caridade, caridade*, se despedio sua bemdita alma do corpo, para entrar na felicidade immortal, aos treze de Fevereyro de mil quinhentos noventa & cinco, como tem o livro dos obitos, tendo sessenta, & cinco annos de idade, trinta & cinco de Companhia.

10 Deste homem em tudo grande disse depois de sua morte o Padre Jeronymo de Carvalho, que o confessára geralmente, assim dos annos, que vivèra no mundo, como dos que vivèra na Companhia, que nunca peccára mortalmente, & que morrèra com a graça, que recebèra no bautismo. Este foy hum dos primeyros Lentes da Universidade de Evora, hum dos antigos Noviços deste santo Noviciado, que se naõ tivesse outros muytos, este só bastaria para o santificar com sua assistencia, assim em quanto foy Noviço, como em quanto supprio a occupaçaõ de Mestre, & para santificar todo o Collegio, no qual tambem foy Vice-Reytor, como no de Coimbra. Deste singular Varaõ escreveo o nosso Padre Balthezar Telles na segunda parte da sua Historia, livro quinto, capitulo quarenta & tres, & quarenta & quatro; o Padre Alonso de Andrade no sexto tomo dos Varões illustres da Companhia. No que se diz, que quasi por quarenta annos ensinára Theologia, sendo que naõ teve tantos de Religiaõ, ou foy equivocaçaõ, ou leria alguns antes de ser da Companhia. A mayor parte destas cousas, que naõ trazem os livros impressos, que delle escrevem, recolhi dos documentos manuscriptos do nosso cartorio de Coimbra.

CAPITVLO XVII.

Vida do Padre Balthezar Barreyra Apostolo de Guinè, de como entrou na Companhia, & servio na peste grande de Lisboa.

1 ENtre os Religiosos de virtude, que com seu exemplo, & magisterio santificáraõ este Noviciado, foy como Sol entre astros de mayor esféra, o Padre Balthezar Barreyra, homem na verdade muy avultado em virtude, de zelo incansavel na salvaçaõ das almas, de espirito Apostolico, & como tal chamado ordinariamente Apostolo de Guinè. Natural da Cidade de Lisboa, diz o Padre Telles, que fora o Padre Barreyra,

Na Ilha de Santiago em Cabo Verde 4. de Junho de 1612.

rá,

ra; porèm o Agiologio Lusitano diz que nacèra na Villa de Sacavem, junto da mesma Cidade, & que por se crear em Lisboa, communmente tinhaõ os Authores ser della natural. Porèm o que diz o Padre Telles, he o que tem os nossos Catalogos antigos, a quem nisto se deve dar mais credito. Seus pays foraõ nobres, & bastava taõ virtuoso filho para os fazer muy illustres. Chamavaõ-se Rodrigo de Carmona, & Margarida Fernandes. Mandàraõ-no estudar à Universidade de Coimbra, & nella continuava. Em humas férias vindo a casa de seu pay, acertou a hospedar-se nella hum fidalgo, que hia para o Perù, & disse tantos bens daquellas terras diante do nosso estudante, que se resolveo a deyxar os livros, & passar ao Perù com os desejos de ver terras, & alcançar grandes riquezas. Chegou a Sevilha, aonde em hum Sermaõ, que ouvio, mudou de pensamentos, assentando comsigo trocar os desejos da riqueza pela pobreza Evangelica; para isso se voltou à sua patria. No caminho o desamparou hum homem, que o acompanhava, porèm encontrou-se logo com outro, o qual metendo com elle pratica, lhe disse grandes louvores da Companhia. A isto respondia o nosso peregrino: Que naõ lhe contentava muyto a Companhia, porque naõ deyxavamos aos nossos Religiosos fallar com seus parentes. A isto acodio o mancebo com o texto do Evangelho: *Qui non odit patrem, & matrem, non potest meus esse discipulus.* Que nisso se confirmava terem mais de Deos, porque eraõ menos dos homens.

2 Com tudo isto naõ venceo de todo aquella pouca propensaõ, porque lhe agradava mais a pobreza do habito de Saõ Francisco: assentou porèm comsigo de entrar em huma das duas, & avia de ser, na que primeyro o recebessem. Com este pensamento se tornou aos estudos de Coimbra, imaginando os pays, que era, para os continuar. Logo que chegou àquella Cidade, se foy pedir o habito ao Convento dos Religiosos de S. Francisco; mas dispoz Deos, que indo lá muytas vezes nunca achasse em casa ao Padre Commissario: enfastiado destas idas, & vindas sem fruto algum dos seus passos, porque queria Deos fossem por outro caminho, se foy ao nosso Collegio, do qual era Reytor o Padre Leaõ Henriques; & logo da primeyra vez achou, & fallou ao Padre Miguel de Torres Provincial; este vendo nelle, quanto desejava em hum pertendente da Companhia, o aceytou: & nella entrou em Coimbra aos 22. de Janeyro de 1556. tendo vinte & cinco annos de idade. Logo nos primeyros

dias

dias de Noviciado, se vio com o caso seguinte, quam grande espirito o trouxera. Tomou por bom principio os Exercicios de nosso Santo Padre; (este foy o estylo nos primeyros annos, o qual depois se poz, no que hoje està, por razoens muy prudentes, & santas) succedeo porèm, que o Noviço, que tinha a seu cargo levarlhe o sustento necessario, attendo-se a outro, se descuydasse da sua obrigaçaõ: tres dias se passàraõ, sem lhe levar alguma cousa de comer.

3 Persuadio-se o Irmaõ Barreyra, que a falta naõ era acaso, mas experiencia, que se lhe fazia; por isso callou, sem dizer huma só palavra do aperto, em que estava. No terceyro dia entrou o Padre Mestre dos Noviços no cubiculo, & lhe perguntou, como estava. Quando ouvio a pergunta, confrangendo-se respondeo com as palavras de Christo: *Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma.* Naõ entendeo o Padre Mestre o mysterio da reposta, mas considerando, que naõ era acaso, lhe disse, que se declarasse mais. Entaõ se explicou dizendo, que o corpo por naõ ter naquelles tres dias metido bocado na boca, estava debilitado, mas que o espirito estava taõ firme nos seus propositos, que antes morreria, que desistisse delles: entre estas palavras lhe saltàraõ as lagrimas pelos olhos fóra; & o Padre Mestre, & os mais, que soubéraõ do caso, ficàraõ admirados de taõ extraordinario sofrimento em taõ poucos dias de Noviciado; inferindo de acto taõ heroico outros muytos para os tempos adiante. E naõ se enganàraõ, nem elle deyxou de encher as grandes esperanças, que entaõ deo de si para os annos futuros. Depois do Noviciado se exercitou sempre muyto nas virtudes, em particular no zelo de salvar almas, & acodir aos proximos em suas necessidades, assim espirituaes, como corporaes. Depois de Sacerdote fez muytas missoens a varias Villas da Provincia de Alentejo, nomeadamente acho apontadas as Villas de Moura, Odemira, & Coruche. No anno de 1569. começou Lisboa a se consumir com a peste, a que déraõ o nome de grande os grandes destroços, que nella fez, morrendo gente sem conto.

4 Acodiraõ aos enfermos os nossos Religiosos assim da casa de S. Roque, como do Collegio de Santo Antaõ, repartindo entre si as Freguesias da Cidade. O Padre Barreyra, que morava em Santo Antaõ, se offereceo com espirito alentado, qual o seu era. Nos primeyros oyto dias teve à sua conta visitar os feridos das Freguesias da Magdalena, Saõ Nicolao, & Sè; outros Padres tinhaõ outras a seu cargo. Depois destes dias pediraõ alguns Religiosos

ligiosos de outras Religioens certas Freguesias, para nellas confessarem, & exercitarem sua caridade com os feridos. Por esta causa fazendo-se outra repartiçaõ, ficou o Padre Barreyra com o cuydado das Freguesias da Conceyçaõ, & da Sè. O modo, que nisto elle, & os mais tinhaõ, era, em dizendo Missa sahir por aquelle seu destricto confessando os feridos, & acodindo com esmolas aos pobres. Andando os Padres neste santo emprego, o primeyro, a quem ferio o mal, foy o Padre Balthezar Barreyra. Naceolhe hum inchaço pequeno, & sem febre no peyto: disseraõ os Medicos, que naõ era cousa de momento: assim andou alguns quatro dias atè que lhe sobreveyo frio, & febre, & se declarou o perigo. Acodioselhe logo com huma cura vehementissima, porque lhe déraõ muytos botoens de fogo, para que naõ lavrasse o carbunculo. Com ferros agudos, & feytos em braza assinavaõ a roda da opostema; & em cima della, q era grande, punhaõ humas pás de ferro em braza, & calcavaõ muyto, levantando a carne huma grande fumaça; o que se fez muytas vezes.

5 Cortando o Cirurgiaõ a carne podre atè chegar ao vivo, lhe arrancou della como huma libra, sem o Padre Barreyra nestes tormentos dar hum ay, como se a carne, que se cortava, naõ fosse sua. Pasmàraõ de tal fortaleza os Cirurgioens, sabendo o muyto, que gritavaõ, & se dohiaõ os outros enfermos deste mal ainda em curas de menos molestia. Os Padres imagináraõ, que a carne estava podre, & por isso naõ sentia. Perguntoulhe o Padre Reytor, se acaso sentira a dor de taõ estranha cura. Respondeo, que sim, & que a dor fora vehementissima. Entaõ se admiràraõ todos de tanta constancia, & alento. Este caso como cousa rara se conta na Historia géral da Companhia; aonde se diz, que foy como ensayo do muyto, que depois avia de padecer entre as nações barbaras. Logo que o Padre Balthezar Barreyra começou a convalecer, se tornou como animoso soldado a offerecer às balas. Delle diz assim em huma sua carta o Irmaõ Balthezar Dias: Tambem creyo, que já saberáõ, como o Padre Balthezar Barreyra depois de sua grande, & perigosa enfermidade, como se achou bem, logo se occupou com grandes espiritos, em curar aos que adoeciaõ, de maneyra, que andava com huma chaga aberta, & curando os enfermos. Eu lhe disse: Padre, naõ trabalhe V. Reverencia tanto, porque tornará a adoecer. Elle me respondeo: Se nosso Senhor me deo agora vida, que muyto he polla outra vez por amor delle? E assim dentro, como fóra tem tanto trabalhado, que a todos nos tem edificado muyto.

to. E assim quando jà se louva agora alguma pessoa, he commum dizer: A peste virà, & ella dirà, quem he cada hum. E a verdade he, que se vè nella taõ palpavelmente, quem he cada hum, que eu o naõ sey dizer. Isto he o que diz este servo de Deos nesta sua carta.

6 O Padre Francisco Henriques tem em huma sua para o Padre Provincial Leaõ Henriques: O Padre Balthezar Barreyra deo a vida a este Collegio com a superintendencia, & boa ordem, que dá a todas as cousas dos enfermos: nosso Senhor lhe deo a saude para por seu meyo a dar a todos, os que a recebèraõ, que saõ muytos. O Padre Cypriano Soares diz tambem em hũa sua carta para o mesmo Padre Provincial: O Padre Balthezar Barreyra ajuda tanto, & tam bem, q̃ o Medico de Sevilha, quasi com lagrimas nos olhos de edificado me disse, que nosso Senhor parece, que déra este mal ao Padre Barreyra, para que depois fosse a vida a Saõ Roque, & a Santo Antaõ. Tenho por cousa sem duvida, que se elle naõ fora, sem comparaçaõ fora mayor a perda. O Padre Antonio de Monserrate dando conta ao mesmo Padre Leaõ Henriques, do que passava no Collegio, diz assim: O Padre Balthezar Barreyra he muy desenganado obreyro, & com os de fóra trabalhou com muyto zelo, & fervor. Na doença mostrou sempre muyta alegria, & paciencia, & conformidade com a vontade de Deos, chegando quasi ao cabo; & depois que convaleceo se entregou todo no serviço dos doentes com a mesma alegria, com a boca cheya de riso; no que atè agora persevera com vivos desejos de tornar a visitar fóra. Refiro por suas palavras os testimunhos destes quatro Religiosos, porque todos foraõ homens de abalizadas virtudes, & andavaõ nos mesmos empregos.

7 Quando já a peste hia afroxando, escreveo o Padre Balthezar Barreyra ao Padre Provincial Leaõ Henriques. Nesta carta diz muytas cousas da terribilidade daquella doença, & que os Medicos Castelhanos, que tinhaõ vindo de Sevilha, & se tinhaõ achado em outras pestes, diziaõ, que todas eraõ cifra comparadas com esta, na qual a experiencia mostrava serem nella perniciosos os lugares altos, & açoutados do vento, sendo que nas outras este era hum dos bons remedios. Diz tambem ao Padre Provincial, que continuando a peste seria bem mandar os saons para outras partes, deyxando só os precisos para acodirem aos doentes de casa, & aos proximos; & ajunta estas formaes palavras: Para o qual eu me offereço de muyto boa vontade, antes

seria

ſeria para mim boa mortificaçaõ o contrario, porque me tem noſſo Senhor feyto muytas merces neſte miniſterio: & foraõ me bem neceſſarias, para moderar com ellas o ſentimento, que tive na doença, por ver ir meus Irmãos para o Ceo, & ficar eu (eſtando em tanto perigo como elles) por verde, & indigno de me colher noſſo Senhor para ſi. Iſto diz naquella carta, que bem ſignifica a muyta virtude, & fervor, que nelle avia. Em fim Deos o livrou, porque lhe tinha guardado grandes teatros, em que ſe viſſe a generoſidade de ſeu agigantado eſpirito.

CAPITVLO XVIII.

Parte o Padre Balthezar Barreyra para Angola, da occaſiaõ, que para iſto ouve; & de huma glorioſa vitoria alcançada por ſuas orações.

1 SEntia eſte bemdito Padre grandes deſejos de ſervir a Deos nas miſſoens, & converſaõ dos Gentios. Offereceolhe Deos huma bella occaſiaõ, & eſſa regulada pela vontade da ſanta obediencia, que ſempre he o Norte mais ſeguro dos homens Religioſos. Foy mandado a Angola, alguns annos depois que a ella voltou por Governador Paulos Dias de Novaes, neto de Bertholameo Dias de Novaes, deſcobridor do Cabo de Boa Eſperança. Para que eſta narraçaõ và mais corrente, ſerà neceſſario tomar a agua hum pouco mais acima. Angola he hũa Monarchia na nova Ethiopia: com eſte nome a chamáraõ os Portuguezes, accõmodando à terra o nome do Rey, que a dominava. Eſtavaõ aquellas regioens debayxo de varios Regulos, que elles chamaõ Sobas: hum delles tinha o nome de Angola: ſuccedeo herdar elle os eſtados de outro Soba vizinho ſeu, com a qual herança ficou tam poderoſo, que ajudado dos Portuguezes, que de Congo hiaõ comprar eſcravos às ſuas terras, começou a conquiſtar aos mais Sobas; acreſcentando ao nome de Angola o de Inéne, que monta tanto, como dizer, o grande Angola. Eſte nome Angola foraõ depois conſervando ſeus ſucceſſores, como entre os Egypcios o de Ptolomeo, & entre os Romanos o de Ceſar. Deſejando pois eſte Rey ter commercio com os Portuguezes, pelos proveytos que delle lhe acreſciaõ, pedio alguns Sacerdotes, que por duas vezes ſe lhe mandáraõ da Ilha de Saõ Thomè, os quaes com pouco, ou nenhum fruto, ou lá morrèraõ, ou ſe voltáraõ.

2 Fal-

2 Faltandolhe o commercio dos Portuguezes, & persuadido, que era por naõ ter nas suas terras Sacerdotes, pedio por seus Embayxadores a ElRey D. Joaõ o Terceyro, que lhos enviasse, que se queria bautizar. Quando esta embayxada chegou a Portugal, já governava a Rainha D. Catharina, a qual lhe mandou quatro Padres da Companhia, & por Embayxador a Paulos Dias de Novaes: quando chegáraõ a Angola, junto ao rio Coanza souberaõ dos naturaes da terra, em como era morto o Rey Angola Inéne, & governava em seu lugar Dambi Angola. Este ao principio recebeo bem aos Padres, & Embayxador; mas dahi a pouco tempo os mandou prender a todos, & roubarlhes, quanto tinhaõ: neste cativeyro, dos quatro Padres vieraõ a morrer dous, & passados seis annos deo o Rey licença ao Embayxador para voltar a Portugal; ficando lá o Padre Francisco de Gouvea como em refens: juntamente mandou dizer a ElRey, que elle se queria bautizar com todo o seu Reyno, & entregar as minas de prata, que alli tinha; dando além disto grandes desculpas do que tinha passado com os Padres, & em Embayxador.

3 Bem se entendeo, que o Angola fallava com fingimento; com tudo por attentar ao Padre, que lá ficára, & às esperanças de poder senhorear aquellas minas, pareceo a ElRey Dom Sebastiaõ mandar a Paulos Dias de Novaes com gente de armas, para que pudessem resistir às insolencias daquelles barbaros, em caso, que o pedisse a necessidade; & juntamente mandar com elle alguns Padres da Companhia para promoverem as cousas tocantes à conversaõ dos Gentios. Foraõ os Padres Garcia Simoens, Balthezar Affonso, & dous Irmãos Coadjutores. Morrendo o Padre Simoens, que era o Superior, foy mandado o Padre Balthezar Barreyra por Superior, & com elle o Irmaõ Fructuoso Ribeyro. Partiraõ de Lisboa a 20. de Outubro de 1579. chegáraõ a Angola a 23. de Fevereyro de 1580. Tudo consta de huma carta do Irmaõ Fructuoso, em que dá conta da jornada, & a tenho diante de mim, donde se vè o fez cuydo da Historia da Provincia, que tem que o Padre Barreyra fora com Paulos Dias, sendo que tal naõ foy, nem no anno que diz. Sabendo o Governador quando chegou, que Dambi Angola era morto, & que em seu lugar reynava Angola Quiloanje, lhe mandou seus Embayxadores, & hum presente da parte delRey D. Sebastiaõ. Ao principio festejou o Rey aquelle presente, & mandou apregoar por todo o seu Reyno, se tivesse boa correspondencia com os Portuguezes. Vendo o Padre Balthezar Barreyra, que as cousas

tomavaõ rumo favoravel, estendeo as vélas de seu espirito, & se começou a engolfar todo na conversaõ dos Gentios. Aprendeo a lingua da terra, & em breve tempo a soube. Logo deo ordem a se levantar huma Igreja com a invocaçaõ de Saõ Paulo, por respeyto do novo Governador Paulos Dias.

4 Seria cousa muy larga, se se ouvessem de dizer os Reynos de Angola em que entrou este novo Apostolo, os mares, que venceo, os innumeraveis Bautismos, que fez,& os muytos Regulos, que converteo: naõ sendo parte nem a intemperie dos climas, nem a immensidade de difficuldades para lhe atalharem os passos, que verdadeyramente eraõ mais que agigantados. Entre os Regulos, ou Sobas, avia hum tido, & avido pelo mais prudente; desejava o Padre convertello, para com o seu exemplo trazer outros ao conhecimento da Fè: cumpriolhe Deos estes seus desejos; porque passando o Padre Barreyra pela aldea, em que morava,& pondo-se com elle à pratica,o Soba lhe declarou, como avia dias, que desejava ser Christaõ: ficou contentissimo o Padre, & sem demora lhe explicou os mysterios da Fé, que elle brevemente repetio. Logo mandou arvorar huma fermosa Cruz, & se cantáraõ as Ladainhas com geral alegria de todos. Feyto isto,se veyo o Padre para Loanda,trazendo comsigo ao filho morgado do Soba,& a hum seu Irmaõ, & mais algũs parentes para serem instruidos na Fé; deyxando com o Soba a hum Portuguez, que mais devagar lhe fosse dando noticia dos mysterios, em quanto se dispunhaõ as cousas para o Bautismo, que o Padre Barreyra queria fosse com toda a solemnidade, por ser aquelle o primeyro fidalgo daquellas gentes, que recebia a Fé de Christo. O Governador Paulos Dias se alegrou tanto com estes bons principios, que chorava de consolaçaõ, & gosto.

5 Chegando o dia do Bautismo, foraõ padrinhos os mais ricos Portuguezes, fazendo-se tudo com a mayor festa,que puderaõ. Foy o Bautismo dia de Saõ Thomè. Toda esta celebridade se deyxa bem ver da clausula de huma carta do Padre Barreyra escrita em trinta de Janeyro de 1582. que diz assim: *Forão festejados com repiques, & outros tangeres, que na terra avia: puzemos por nome ao filho do Sanga,Dom Constantino,& ao irmão D. Thomè, a hum por ser o primeyro fidalgo, que se bautizava em Angola, & ao outro pelo Santo, em cujo dia se bautizava. Depois de os bautizar, & lhes dizer Missa, lhes fizemos a festa dentro de casa, para a qual tinhamos convidados todos os seus padrinhos, & o senhor de Loanda, com outros fidalgos vassallos del Rey de Congo: elles*

elles comèrão no chão, como he seu costume, assentados sobre esteyras, & os Portuguezes em outra mesa apartada, com a modestia, que entre os nossos se soe guardar, mas com muyta alegria de todos. Atè aqui a clausula daquella carta. Destes Bautismos fez muytos em quatorze annos, que esteve em Angola: as conversoens dos Gentios foraõ sem conto em todos aquelles annos, nos quaes incansavelmente sem perdoar a trabalho procurou levar as almas para Deos.

6 Das cousas mais notaveis, que nestes annos acontecèraõ, foy huma vitoria insigne, que alcançou dos negros o Governador Paulos Dias, que elle confessava dever-se toda às orações do Padre Balthezar Barreyra. Sofria mal ElRey Angola Quiloanje ver taõ adiantadas naquellas terras as forças dos Portuguezes, arreceando perder o seu Reyno, & vendo, que por traças naõ podia destruir aos Portuguezes, determinou de lhes fazer guerra às claras. Tinhaõ tambem os Portuguezes grande desejo de destruir aquelle barbaro, pelo odio que lhes tinha, & mostrava ter; mas como eraõ poucos, naõ se atreviaõ ao buscar em campo descuberto. Ajuntou elle hum exercito tam numeroso, que parece vence a fé humana; os que lhe daõ menos, dizem que constava de hum conto, & duzentos mil homens; assim o dizem as cartas do Padre Balthezar Barreyra: & sabe-se de homens fidedignos, ser nos principios daquella conquista taõ innumeravel o gentilismo daquellas terras, q̃ naõ ha duvida poder-se entaõ ajuntar ainda mayor numero, que o sobredito. Legoas, & legoas de terra estavaõ cubertas deste innumeravel exercito, o qual vinha sobre os Portuguezes; naõ passavaõ estes de trezentos; por huma parte estavaõ cercados do rio Coanza, & pela outra de toda aquella infinidade de barbaros. Os alaridos chegavaõ atè as Estrellas: o pavor nos poucos Portuguezes era muy grande, & sobejavaõ razoens para ser ainda mayor. Só naõ abrangeo este medo, nem ao Governador Paulos Dias, nem ao Padre Barreyra, o qual cheyo de hum alento do Ceo, & grande confiança em Deos, & na protecçaõ da Senhora, promettia a todos huma gloriosa vitoria. Dos Regulos Christãos, & amigos só hum por nome Dom Paulo com trinta mil negros se achou com os Portuguezes, que os mais com o medo se naõ atrevèraõ a sahir a campo. Deo-se àquelle Soba titulo de Capitaõ mòr do exercito, & elle em tudo o mereceo: tinha taõ firmes esperanças da vitoria, que dizia, ser impossivel, que Deos naõ acodisse naquella occasiaõ pelos Christãos.

7 Estava o nosso exercito em huma campina, & o do inimigo em humas grandes, & altas montanhas: já eraõ tres horas da tarde, sem o inimigo descer dos seus montes: entendeo Dom Paulo, que nos queria assaltar de noyte. Foy-se com esta suspeyta ao Governador, que estava com o Padre Barreyra: elles a estimáraõ, & sem mais demoras, deo o Governador sinal aos nossos de acometer; & no mesmo tempo o Padre Barreyra levantando as mãos ao Ceo, se poz em oraçaõ. Investiraõ os nossos appellidando o nome da Virgem Senhora da Vitoria, indo diante de todos o valeroso Christaõ D. Paulo. No mesmo tempo começáraõ os negros a vir abalando, & despedindo sobre os nossos chuveyros de innumeraveis settas. Porèm Deos, que he o Senhor dos exercitos, & dá as vitorias, fez com que as settas matassem aos mesmos, que as despediaõ, sem offenderem a algũ dos nossos. Havia muyto tempo, que durava a peleja, & conforme as boas novas, que repetidamente vinhaõ ao Padre Barreyra, dava já a vitoria por nossa, & a batalha por acabada: deyxa a oraçaõ, & se vay em busca do Governador, para lhe dar o parabem. Eys-que de repente afroxaõ as nossas gentes, & vendo os barbaros que perdiaõ os brios, se alentáraõ, & os vieraõ carregando fortemente, & nos matáraõ sete Portuguezes. Nestes apertos dá vozes o Governador ao Padre, que se torne à sua oraçaõ, em que tinha fundadas as suas esperanças. Assim o fez, levanta de novo as mãos ao Ceo, roga com instancia, que acuda aos seus, & renove as suas maravilhas.

8 Caso prodigioso! de repente, sem se saber a causa de tal novidade, se começáraõ os barbaros a perturbar entre si; hia-se já neste tempo pondo o Sol, & como os penetrasse muyto o medo, dèraõ em fugir desapoderadamente atropellando-se hũs aos outros, & tirãdo hũs aos outros a vida cõ mortandade inexplicavel. Como a fugida era denoyte entre immensos alaridos, foraõ os barbaros dar em hũa profunda barroca, q̃ parecia estar alli preparada para sepulcro de toda a negrajẽ de Angola; foraõ-se nella precipitando nuvens de negros hũs sobre os outros, & a enchèraõ atè cima, de modo, que os ultimos podiaõ já passar como por hũa estrada corrente, por estar o vaõ da barroca entulhado todo de corpos. Amanheceo o dia, & se viraõ os campos cubertos de cadaveres. Foraõ os que morrèraõ innumeraveis, porq̃ naõ fallando nos que engulio aquella espantosa barroca, no dia seguinte, diz o Padre Barreyra em huma carta sua, que vieraõ vinte negros nossos dos mais valentes, carregados com sacos de narizes,

que

que por ſua curioſidade tinhaõ cortado aos negros mortos; que na verdade naõ he pequeno teſtemunho, de quam grande foy aquella mortandade; conſiderando, que naõ he eſta gente tam bem provida de narizes, como ſaõ as gentes de Europa. Com eſta illuſtriſſima vitoria, tanto da maõ de Deos, & que ſem duvida foy a mais admiravel, que o Omnipotente tem dado aos Portuguezes na Africa, ficou o nome Portuguez temido, & reſpeytado naquelle gentiliſmo, as forças do Rey Angola desfeytas, & muy celebrado o Governador Paulos dias de Novaes: aſſim elle como os mais, que ſe acháraõ preſentes, attribuiraõ eſta milagroſa vitoria às orações do Padre Balthezar Barreyra. Succedeo eſta vitoria aos dous de Fevereyro de mil quinhentos oytenta & tres, dia da Purificaçaõ da Senhora, a quem ſe deve eſte ſingular ſavor: & por eſta razaõ ainda hoje em Maçangano, aonde entaõ eſtava o aſſento dos Governadores, ſe faz todos os annos feſta a noſſa Senhora da Vitoria no dia de ſua Purificaçaõ, em acçaõ de graças pelo muyto, que neſte dia favoreceo noſſas armas com aquella taõ aſſinalada vitoria.

CAPITVLO XIX.

Em como voltou a Portugal, & foy Meſtre dos Noviços em Evora, & deſta occupação ſe partio a fazer miſſão em Guinè.

1 CHegou a fama deſta vitoria a Portugal, & com ella a fama da grande virtude do Padre Balthezar Barreyra, acompanhada de outros muytos ſucceſſos maravilhoſos. De Portugal paſſou a meſma fama a Madrid a ElRey Philippe; dando-ſe naquella Corte, & na de Lisboa infinitas graças a Deos naõ ſó por taõ illuſtre vitoria, mas tambem pelos muytos Bautiſmos, que por meyo dos Padres da Companhia, & em eſpecial do Padre Barreyra ſe faziaõ naquelles Reynos. Movido de couſas taõ aſſombroſas, como deſte homem de Deos ſe lhe contavaõ, ordenou ElRey Philippe aos ſeus Governadores de Angola, que aſſim no governo da paz, como no da guerra, nenhuma couſa ſe aſſentaſſe, ſem primeyro ſer conſultado o Padre Balthezar Barreyra; perſuadindo-ſe, que aſſim ſeriaõ as diſpoſições em tudo muy ajuſtadas. Naõ parou ſó aqui a eſtimaçaõ, que delle fez ElRey Philippe, deſejou muyto ver com ſeus olhos, a hum homem de quem ſe diziaõ couſas taõ grandes, & de tan-

ta virtude; & tambem porque se queria inteyrar plenamente de Angola, cujos estados entendia, serem de grande conveniencia para o bem da sua Monarchia, assim pelas minas de prata, como pelo resgate dos negros, que dalli se embarcavaõ para as Indias de Castella, & por isso ainda hoje em Angola se chamaõ os escravos peças de Indias. Por todas estas razoens mandou, que o Padre Barreyra passasse a Europa. Muytos annos avia, q̃ estava nos Reynos de Angola, tendo feyto à Igreja infinitos serviços na conversaõ do Gentio; contava cincoenta & oyto annos de idade, & corria o anno do Senhor de mil quinhentos & oytenta & nove, quando o grande Padre Balthezar Barreyra entre innumeraveis saudades, assim dos brancos, como dos negros, chorando todos, porque de todos era pay, se fez a véla para Portugal.

2 Chegado ao Reyno, partio para Madrid, aonde foy por vezes ouvido delRey acerca das cousas de Angola, & respeytado como homem Santo. Deteve-se naquella Corte algũs annos, tendo a seu cargo os negocios desta Provincia, que se lhe encomendáraõ pela boa entrada, que tinha com ElRey, & com os do seu Conselho. Concluidas as cousas, porque alli se detinha, voltou a Portugal, & ficou por morador no Collegio de Evora, aonde o mandáraõ ser Mestre de Noviços, como já antes o tinha sido. E na verdade bem consideradas estas disposições da obediencia, naõ he pequeno testimunho da extraordinaria virtude do Padre Balthezar Barreyra, do seu recolhimento, & modestia, que depois de andar tantos annos entre negros de Angola, assistindo em exercitos, & batalhas, tratando com gentes taõ distrahidas, assim conservasse naõ só o essencial da virtude, mas ainda aquelles accidentes, de que ella traja, que pudesse ser delles Mestre, & ensinar com o exemplo aquella composiçaõ, que nos seus Noviços procura a nossa Companhia. Nem he de menos admiraçaõ, que vivendo tantos annos fóra do claustro da Religiaõ, & daquella ordẽ de exercicios regulada pelo som da campa, metido outra vez nos Collegios, assim se ouvesse, como se vivéra sempre Mestre dos Noviços. Virtudes saõ estas muy raras, & por taes se podem venerar com as admiraçoes, que o fazemos nas cousas prodigiosas, que obrou em sua vida.

3 Todo o Collegio de Evora tinha particular consolaçaõ de ter dentro de suas paredes homem taõ Santo; muytos o buscavaõ por se alliviarem com elle; & deolhe Deos especial graça para consolar a todos: a sua conversaçaõ era agradavel, porque como tinha corrido tantos Reynos, lidado com tanta variedade

de

de gentes, avia nelle muyto, que ouvir, assim como avia muyto, que venerar. Tinha tanto amor à missaõ de Angola, que pondo-se em consulta, se por ventura se avia de deyxar, porque sendo os climas taõ nocivos, & pestilenciaes, que quasi todos os Missionarios brevemente morriaõ, parecia, que o cultivalla naõ era mais, que matar Religiosos, o Padre Balthezar Barreyra com muytas lagrimas alcançou dos Padres, se naõ desemparasse aquella missaõ, em que elle trabalhára tantos annos; & foy de tanto pezo a authoridade deste Santo Velho, que se cortou por todos os inconvenientes, que eraõ grandes, por se lhe naõ dar este dissabor: tendo-se respeyto aos muytos serviços de Deos, que à custa de tantas mortes dos nossos se compravaõ, que o Padre Barreyra com seu fervoroso espirito representou aos Padres. Estava o Padre Balthezar Barreyra no retiro deste santo Noviciado creando os seus Noviços; contava sessenta & seis annos de idade, quarenta & oyto da Companhia, & estes em nenhum tempo poupados, os de menos trabalho eraõ estes em que se achava; quando de novo se lhe deo rebate para tomar as armas, & sahir outra vez a campo: que queria Deos nos ficasse aos vindouros hum dos mais heroicos exemplos, que se encontràraõ em vidas de homens Missionarios.

4 No anno de mil seiscentos & quatro, sendo Provincial o Padre Antonio Mascarenhas, ElRey Philippe lhe pedio, que mandasse Padres em missaõ às partes de Guinè, em especial à Costa da Ilha de Cabo Verde. Consultou o Padre Provincial este negocio com Deos, & depois com os Padres Consultores, propondo os inconvenientes, que eraõ muytos, & muy forçosos; por ser o clima taõ doentio, que entrar nelle, & morrer, distavaõ muy pouco: as gentes taõ barbaras, que parecia naõ se ter dado por achada com ellas a natureza humana, de que apenas mostravaõ ter humas feyções em tudo grosseyras. Pezados estes, & outros inconvenientes, naõ obstante serem todos grandemente forçosos, se resolvèraõ os Padres em aceytar a missaõ. Considerou logo o Padre Provincial a quem podia encarregar esta difficultosa empreza: occorreolhe fazer della prato ao nosso Padre Mestre dos Noviços Balthezar Barreyra; naõ fazendo caso, do que se poderia dizer, vistas estas cousas com olhos humanos, & o Padre Provincial só as traçava com os olhos em Deos. Escreveolhe a Evora, pondolhe nas mãos aquella missaõ, se a quizesse aceytar. O alvoroço, com que recebeo esta carta, o gosto, & espirito, com que se consagrou a missaõ taõ ardua

em

em si, & a respeyto dos seus muytos annos, com nenhumas palavras se pòde referir taõ cabalmente, como com as da sua carta, que toda ella està espirando santidade, & espirito Apostolico; he a seguinte.

5 Naõ posso encarecer com palavras a consolaçaõ, que em minha alma causou a significaçaõ, que V. Reverendissima me deo, de se querer o Senhor servir de mim na missaõ de Cabo Verde; pelo qual beneficio dou a sua Divina Magestade infinitas graças, & a V. Reverendissima agradeço, quanto posso, o pòr os olhos para esta empreza em mim taõ indigno della. O Padre Joaõ Correa me offereceo tambem outras missoens, tambem ultramarinas, & posto que eu para nenhuma me neguey, sempre pedi ao Senhor, que as desviasse, se avia outra de mayor gloria sua, em que quizesse servir-se de mim; & quanto mais via, que Deos hia dando desvio às outras, tanto me persuadia mais, que me guardava para esta, que eu estimo mais, que nenhuma de quantas tem a Companhia, porque quanto mais noticia tenho de Guinè, tanto tenho mayor magoa do desemparo de tantos milhares de almas, que nenhum conhecimento tem do inestimavel beneficio de sua redempçaõ, porq atè agora naõ chegou a elles a luz do Evangelho, estendendo-se cada vez mais por aquellas partes a maldita seyta de Mafamede. Eu pela bondade do Senhor tenho mais saude, que quando fuy a Angola, & vim de lá; mais que quando fuy a Castella, & torney, & tanto, que dá neste Collegio materia de louvar a Deos; ao qual ajunto, que me acho melhor no mar, que na terra, & nas terras quentes, que nas frias. Digo pois, respondendo ao que V. Reverendissima me pergunta, que estou prestes para esta missaõ, sem impedimento algum, & taõ alvoroçado, que qualquer tempo, que se dilatar, me parecerà muy comprido, confiando na bondade, & misericordia de Deos, que se ha de abrir alli huma porta de muyta gloria sua. Os Companheyros lembro a V. Reverendissima, que convem sejaõ homens de muyta confiança, zelosos do bem das almas, maduros, exemplares, mortos ao mundo, & ao amor proprio, & taes, que em todas as partes representem a pureza, santidade, & espirito da Companhia. Hum delles pelo menos deve ser exercitado em casos de consciencia, & de partes, que me possa succeder, se Deos fizer de mim alguma cousa. Os outros dous (se hemos de ser quatro) convem, que sejaõ Sacerdotes, porque como necessariamente nos hemos de dividir, bem he termos com quem nos confessar, & de

de quem nos ajudar para os ministerios da Companhia.

6 O titulo desta missaõ deve ser, ir ver a disposiçaõ da terra: & parecendo a V. Reverendissima, desejo, que se faça isto com o menos estrondo, que for possivel, & que V. Reverendissima me mande avisar do tempo, em que lhe parece, que se effeytuarà a ida, porque tem muytas cousas, que negocear, & em particular convem preparar alguns livros. Eu naõ tenho cousa, que me haja de deter huma só hora, & assim posso partir cada vez que V. Reverendissima me mandar recado. Cá ninguem sabe nada, nem saberà, senaõ quando V. Reverendissima o publicar. O que eu desejo he, que disponha Deos N. Senhor de mim por meyo de V. Reverendissima como for mayor gloria sua; porque ainda que estou taõ alvoroçado para esta missaõ, como tenho dito, todavia me faz Deos mercè de me dar tanta indifferença, que se fosse servido de escolher outro de mais partes, que as minhas, & que nesta empreza o houvesse de servir melhor, eu lhe daria muytas graças por isso, & ficaria taõ quieto como dantes. Mas como Deos para declarar seu poder, faz muytas vezes cousas grandes por instrumentos fracos, fico mais confiado, que ha de cumprir os desejos que tenho de o servir nesta empreza, ainda que seja taõ vil, & fraco instrumento, para que a elle se attribua todo o bem, que desta ida se seguir. Na bençaõ, & santos sacrificios de V. Reverendissima muyto me encomendo. Evora 16. de Março de 1604. Balthezar Barreyra. Atè aqui a sua carta, da qual se vè bem, quam alentado era seu espirito, & quam prompto para acodir aos acenos da santa obediencia cortando por quaesquer difficuldades; que para elle no serviço de Deos nenhuma avia.

CAPITVLO XX.

Parte o Padre Balthezar Barreyra para Guinè dà-se conta do que obrou, & lhe succedeo atè entrar na Serra Leoa, & missaõ, que nella fez.

1 TAnto que lhe chegou o aviso, se partio para Lisboa, & dahi para Cabo Verde. Foy a jornada em tudo feliz, porque dentro de quinze dias depois, que levantou ancora em Lisboa, chegou ao porto de Santiago em Junho de 1604. A Ilha de Santiago, que he a mayor daquelles mares, tem dezanove legoas de comprimento, & dez de largo: chama-se

de

de Cabo Verde por estar defronte como cem legoas de hum grande promontorio na Costa de Guinè, a que chamaõ Cabo Verde. He o clima pouco sadio, principalmente o da Cidade, por naõ ser lavado dos Nortes, que lhos impedem huns rochedos muy altos. Aos novos hospedes, particularmente se chegaõ em tempo de aguas, recebe de ordinario com huma forte doença de febre maligna, de que naõ escapaõ todos. Nesta Ilha entrou o Padre Balthezar Barreyra com mais dous Sacerdotes da Companhia, foy recebido com notaveis mostras de alegria, assim dos naturaes, como do Governador Fernaõ de Mesquita, que com todas as vèras lhe quiz, & procurou dar gazalhado em suas proprias casas, em quanto buscava sitio, para se fazer huma casa à Companhia. Porèm o Padre naõ veyo em receber esta offerta, mas elle, & seus Companheyros se recolhèrão no Hospital da Misericordia, aonde o Provedor lhes assistio com grande caridade.

2 Como o Padre Barreyra naõ hia descançar, mas trabalhar, logo no dia seguinte sahio a fazer a santa doutrina, & continuou nos mais dias doutrinando, prègando, & confessando com geral proveyto de todos. Naõ se estreytava o seu espirito a taõ poucas legoas, como eraõ as daquella Ilha; deo ordem a passar à terra firme de Guinè, que dista, como dissemos, cousa de cem legoas da Ilha de Santiago. Nesta resoluçaõ estava, porèm impediolhe os passos o Governador, fazendolhe presente o evidente perigo de vida, em que se metia, passando a Guinè, antes de pararem as chuvas, que alli só costuma aver em Agosto, Setembro, & Outubro; & nos taes mezes he o clima pestilencial, para quem de novo entra nelle. Consideradas razoens taõ forçosas, & que seria cousa escrupulosa naõ dar por ellas, deyxou passar aquelles mezes, & no fim delles se fez à vèla para Guinè; da qual, em quanto o Padre vay navegando, daremos hũa breve noticia para mayor clareza do que se ha de contar das cousas, que nesta missaõ obrou.

3 Esta parte de Africa, que com mais propriedade se chama Guinè, começa pela parte do Norte no rio Cenagà, & se vay estendendo para o Sul quasi cento & oytenta legoas, & se acaba na Provincia da Serra Leoa, a quem se deo este nome por causa dos muytos Leoens, que tem suas covas naquella Serra. Neste espaço de legoas ha muytas nações diversas, sugeytas a varios senhores, que as dominaõ. Tem estas Provincias rios muy caudalosos, como he o Gambiâ, que conserva suas aguas doces

ritnta

trinta legoas pelo mar dentro; com tanta força, & pezo de aguas ſe deſcarrega no mar. O Cenagà he navegavel por eſpaço de mais de cento & ſeſſenta legoas, a boca da ſua barra cinco legoas tem de largura. Tambem he celebre naquellas terras o rio de S. Domingos, por outro nome Jarim, aonde eſtà huma povoaçaõ, que ainda hoje he dos Portuguezes, chamada Cacheu. De todas eſtas regioens de Guinè, a melhor, mais freſca, mais ſadia, he a que toca à Serra Leoa; he muy abundante de frutas, particularmente das de eſpinho, que ſe daõ nella em grande copia, & bem creadas. Muytas madeyras, & paos de preço, muyta variedade de aves, de féras, infinidade de gados, de frutos, algodam finiſſimo, aſſucar quanto quizerem beneficiar, & outras drogas, & mercancias, todas de valor, naõ fallando no ouro, que vem do ſertaõ: dizem peſſoas, que eſtiveraõ neſtas terras, & no Braſil, que eſtas lhe fazem muytas ventagens nas couſas de preço, que em ſi tem. Iſto baſta, que naõ he meu o aſſumpto deſcrever miudamente, o que ha neſtas regioens, mas ſó dar eſta noticia em groſſo para melhor intelligencia da miſſaõ, que fez o Padre Balthezar Barreyra.

4 Da noſſa Ilha de Santiago emproou no Reyno de Bigubà, & deſembarcou no porto de Guinalà, que eſtà em hum braço do rio Grande; confeſſou, & commungou aos Portuguezes, que avia naquella povoaçaõ. Dalli ſe entregou logo pela terra dentro, cujo Rey eſtava enfermo; antes de lhe fallar, converteo, & bautizou a muytos dos Principaes, & os perſuadio a terem huma ſó mulher; que eſte impedimento da polygamia, he o mais difficultoſo de vencer na cõverſaõ dos Gentios. Aggravouſe a doença do Rey, entrou o Padre a viſitallo, applicou todas as diligencias para o converter, & naõ pode, pelo que brevemente veyo a morrer na ſua cegueyra. Porèm acabou com os Principaes, que na morte do Rey naõ mataſſem gente alguma, como entre elles era eſtylo, perſuadidos, que os que naquella occaſiaõ morrem, vaõ ſervir ao Rey no outro mundo. Partindo daquella terra chegou o Padre Balthezar Barreyra ao proprio porto de Bigubà, em què avia huma boa povoaçaõ de Portuguezes, fez alli muytos ſerviços a Deos; & depois paſſou ao ſertaõ, aonde converteo muytos Gentios, & bautizou alguns Reys, atè q offerecendo-ſe a occaſiaõ de paſſar à Serra Leoa, para ella ſe embarcou em treze de Junho de mil ſeiſcentos, & cinco; porque como aquelle ſitio era o principal de Guinè, nelle tambem queria o ſervo de Deos fazer os ſeus mayores empregos.

5 Sendo a navegaçaõ ordinariamente de sete atè oyto dias, nella gastou dous mezes, & meyo, pondo-se os tempos taõ contrarios, que parecia ter-se conjurado todos os elementos contra aquella tenue embarcaçaõ. O que lhe causou mayor susto, & cõ que se davaõ por perdidos, atè os que a governavaõ, foy o lançarlhe fóra huma tormenta o leme, & logo o enguliraõ as ondas, sem mais ser visto. Nestes apertos, que eraõ os ultimos, mandou o Padre Balthezar Barreyra pegar das escotas, obedeceo o barco, & vindo bordejando, entráraõ quasi por milagre no porto de Burè, o qual antes nunca pudèraõ tomar. Em quanto se refez a embarcaçaõ, naõ esteve ocioso o Padre Barreyra, vio-se com o Rey da terra, & o deyxou muy affeyçoado às cousas da ley Christãa, com promessas de fazer huma Igreja: depois na volta, que fez àquelle Reyno, o bautizou. Tanto que a embarcaçaõ se poz corrente, & o tempo deo lugar, se continuou a navegaçaõ; & na vespora do Apostolo Saõ Matheos chegàraõ ao primeyro porto da Serra Leoa, chamado Saõ Miguel. Naquelle lugar de Burè, diz o Padre Balthezar Barreyra em huma carta sua, & nas mais partes por onde passava, fez confissoens de Portuguezes de dez, vinte, & mais de trinta annos, que viviaõ espalhados por aquellas terras entre os Gentios, como se fossem taes como elles; & diz o Padre, que ainda, que os seus trabalhos naõ tivessem outros proveytos, estes bastavaõ para os dar a todos por bem empregados.

6 Vivia naquelle porto da Serra Leoa hum Portuguez por nome Bartholomeu Andrè muy pratico nas cousas daquellas terras, delle queria tomar plena informaçaõ o Padre Balthezar Barreyra; mas disseraõ-lhe, que se tinha passado para o Reyno do Fatemà, que he hum Rey poderoso, & que tem dominio sobre muytos Regulos. Resolveo-se o Padre a ir buscar o Portuguez, mas por deyxar affeyçoado ao Rey da Serra Leoa, lhe mandou recado, de q̃ o queria visitar. Fez-lhe todo o bom agazalhado, & disse aos Portuguezes, que estavaõ na terra, quanto desejava, que o Padre alli ficasse, para o instruir na Fé. Sabendo disto o Padre, lhe respondeo, que em voltando do Reyno do Fatemà, lhe cumpriria seus desejos. Dissellhe o Padre, que levantasse logo huma Igreja, & assinoulhe o lugar para ella: nada se deteve na obra, convidando tambem a seus Irmãos, & parentes, que moravaõ mais perto, declarandolhe o gosto, que sentia, de ter no seu Reyno ao Padre Barreyra. Naõ obstantes tantas mostras de affecto, & grandes instancias, assim do Rey, como dos

dos Portuguezes, para que se detivesse; se resolveo passar adiante, & em effeyto se embarcou: estando jà para levar ancora, lhe veyo taõ grande escrupulo de dilatar os desejos daquelle Rey, que entaõ eraõ taõ fervorosos, que se determinou a ficar, & se deter, quanto fosse necessario. Foy o gosto do Rey, quanto naõ cabe em palavras; as instancias, para que o fizesse Christaõ, eraõ muytas. Deyxou a multidaõ de mulheres, bautizou-se com outras pessoas dos principaes do seu Reyno: depois se casou com huma Princesa de igual nobreza, que tambem se bautizou. A este Rey da Serra Leoa se poz o nome de Dom Philippe, a contemplaçaõ delRey Dom Philippe de Castella. Para que se vejaõ os meyos, de que Deos usa, quando quer trazer as almas ao seu conhecimento, & que esta conversaõ naõ foy liviana, nem tanto à pressa como se pòde cuydar, quero apontar de caminho a sua origem. Entre as muytas mulheres, que este Rey tinha, era huma Christãa, a qual por occasiaõ da vinda do Padre entendendo o mào estado, em que vivia, determinou de se apartar delRey, dizendolhe as causas, que a obrigavaõ; & de caminho foy fazendo com elle officio de Prègador: davalhe o Rey muyto credito, & Deos por este meyo lhe meteo na alma hum grande desejo de se abraçar com a verdadeyra ley, como fez, cortando animosamente por todos os inconvenientes, que entrevinhaõ nesta resoluçaõ.

7 Bautizou mais os Reys de Tora, de Tarma, & outros, & a seus filhos. O Rey de Tora tinha mais de 130. annos de idade, mas taõ vegeto, como se fora de cincoenta. Por espaço de cinco annos, que alli trabalhou, foraõ os frutos immensos: destas conversoens taõ assinaladas lhe deo as graças ElRey Philippe, que entaõ governava o Reyno de Portugal, por carta sua, que lhe escreveo. Saõ as gentes daquelles Reynos muy dadas a feytiçarias, os idolos eraõ sem conto; logo que o Padre bautizava algum Rey, vinhaõ os idolos todos a publico, eraõ entregues aos meninos, para que os quebrassem, escarnecessem, & lançassem no fogo; assim para que vissem aquellas gentes o pouco poder, que nelles avia, pois se naõ podiaõ defender de meninos; & tambem para que estes se creassem com hum grande odio aos mesmos idolos. Deo o demonio a entender visivelmente o sentimento, que tinha das muytas almas, que o Padre Barreyra lhe tiràra das mãos. Ha huma Ilha chamada Camassóno, cousa de huma legoa affastada da terra firme: esta era como morada dos demonios, nella naõ permittiaõ entrar senaõ algum dos seus

mais confidentes, & se acaso, ou por curiosidade alli hia, appareciaõ pela praya taõ medonhas visagens, que cheyos os navegantes de pavor se voltavaõ a toda a pressa para a terra firme, fazendo muytos sacrificios aos demonios, porque naõ lhes viessem no alcance.

8 Succedeo pois ir o Padre Manoel Alvres, companheyro do Padre Balthezar Barreyra, confessar ao Rey da Serra Leoa, que estava enfermo: na volta pedio o Padre, ao que governava o barco, viesse costeando a Ilha Camassôno: vieraõ bem nisso os marinheyros, assim por colherem das frutas das arvores junto à praya, como tambem com alguma curiosidade de ver alguns daquelles fantasmas, se aparecessem. Hia-se já pondo o Sol, quando de repente viraõ o mar todo cuberto de embarcações cheas de demonios, os quaes chorando entoavaõ na lingua da terra huma letra, que na nossa vem a ser: *O Padre nos acaba aqui:* entendendo ao Padre Balthezar Barreyra. Pareciaõ todas estas embarcaçoens sahir da Ilha Camassôno, em cuja praya se vio logo huma horrenda figura, que representava hum triste velho, o qual com brados desentoados chamava aos que hiaõ nas embarcações: feytas estas visagens, de repente desappareceo tudo. Ouve grandissimo medo nos moradores das Ilhas vizinhas, persuadidos, que as embarcaçoens eraõ de gente de guerra. Estando nesta suspensaõ, entrou o demonio em huma Gentia; perguntoulhe hum dos seus Sacerdotes, que gente era aquella, que sahira de Camassôno. Respondeo o espirito maligno: *Eramos nòs, que vos queremos deyxar, já que o Padre nos açouta, & vivemos tão apertados por estas partes, que não ha já lugar para nòs, & se não multiplicares os sacrificios, todos aveis de pagar o mal, que este Padre nos fez.* Dahi a dous, ou tres dias veyo o Regulo da Ilha, em que esta Gentia morava, à aldea de S. Pedro, em que estava o Rey Christaõ, & gritando muyto sentido lhe diz: *Pay Rey, naõ sabeis, que os demonios de Camassôno nos tem tomado por inimigos, porque o Padre os açouta?* Daqui tomou occasiaõ o Rey, para lhe mostrar, quam fracos eraõ, pois hum só Padre bastava para os vencer, sendo elles tantos. De tudo isto se vè bem a guerra, que o Padre Barreyra naquellas terras fazia ao Inferno.

CAPITVLO XXI.

Da jornada que o Padre Balthezar Barreyra fez ao Reyno de Bena.

1 ENtre os Reys, que ha no sertaõ da terra firme de Guinè, he ElRey de Bena, ao qual obedecem sete, ou oyto Reys. Este ouvindo, que os Reys da Serra Leoa se tinhaõ feyto Christãos com muytos dos principaes dos seus Reynos, entrou tambem em desejos de receber a Fè de Christo. Ajudou muyto taõ santos intentos hum Portuguez, que nos seus Reynos contratava. Pedio repetidas vezes ao Padre, quizesse ir ao seu Reyno, por quanto era já velho, & se queria pôr em caminho de salvaçaõ, antes que chegasse a morte, que naõ poderia tardar muyto. Para mais obrigar ao Padre, mandou a hum filho seu de dezasete, ou dezoyto annos, para que o instruisse na Fé, & bautizasse; & este o fosse depois acompanhando. Consideradas taõ apertadas instancias, entrou o Padre em escrupulo de dilatar a jornada. Communicou-a com os amigos, & todos foraõ de parecer, a fizesse, porque della se podiaõ seguir grandes utilidades ao bem das almas.

2 No primeyro de Mayo se fez à véla para esta jornada. Logo naquella noyte sobreveyo hũa terrivel tẽpestade de vento, trovoens, & agua: todos tiveraõ a grande mercè de Deos, naõ se affundir a barca. A noyte se passou em véla, estando de contino lançando fóra agua. Na mesma viagem padeceo outras tormentas, mas estas naõ chegáraõ a hũa, que teve em terra, depois que chegou ao porto de outro Reyno, pelo qual se passa ao de Bena. Estava o Rey desta terra desgostado com o de Bena, & naõ queria, que pelo seu rio alguem levasse fazendas para Bena. Chegando àquelle porto, avisáraõ ao Rey de Bena, lhe mandasse carregadores. Entretanto o Rey da terra ajuntou secretamente gente de armas, para impedir a passagem. Tratou este negocio com os seus no mato, como alli he estylo, quando a cousa pede segredo. Resolvéraõ, que matassem a todos, mas com modo, que naõ perigassem suas pessoas. Tomado este conselho, dispoz o Rey a traiçaõ nesta fórma. Chamou a juizo, o qual se fazia sobre fazenda, que certo negro poderoso tinha furtado a hum Portuguez, que alli estava. Concorrèraõ tambem ao juizo os mais Portuguezes desarmados, como quem naõ sabia do engano,

& se imaginava entre amigos. Estavaõ os negros todos a ponto de dar sobre os Portuguezes, esperando sómente pelo sinal do Rey, tendo todos o sentido na preza. Impedio porèm Deos esta malicia por meyo de hum negro de respeyto, a quem outro Rey superior ao da terra alli tinha por olheyro, para espreitar, quanto no Reyno se obrava. Entendendo este os pensamentos dos outros, se levantou em pè com a espada nua na maõ, dizendo, que avia de fazer em postas ao primeyro, que fizesse mal aos Portuguezes. Logo disse tantas cousas em abono dos Portuguezes, que obrigou aos negros a deyxar as armas.

3 Mandou depois o Rey alguma desculpa ao Padre, & veyo aonde o Padre estava, mostrando-se innocente no caso. Deolhe o Padre a entender que o cria, por assim lhe servir entaõ. Fez-lhe alguns presentes, & ouve delle licença, para passar adiante, & tambem algumas embarcações capazes de nadar naquelles esteyros, que por terem pouco fundo, naõ admittiaõ em si os barcos, em que atè alli viera. Tinha o Padre mandado com aviso a ElRey de Bena o seu filho Christão. Quando o velho o vio vestido à Portugueza, naõ cabia em si de contente. Mandou logo com pressa fazer as casas, em que o Padre se havia de hospedar, & tambem, para conduzir ao Padre, mandou a dous filhos seus já homens, & mais de cincoenta negros para carregarem as fazendas dos Portuguezes, que hiaõ em companhia do Padre. Quando chegou esta gente, jà o Padre estava na primeira aldea do Reyno de Bena. Dalli foraõ caminhando para a principal povoaçaõ, que distava dous dias de caminho, o qual se fazia por matos muy espessos, & serras taõ fragosas, que o mais do caminho foy o Padre a pè, sem os caminhos darem lugar a outro commodo. Por onde quer que hiaõ, só divisavaõ montes cubertos de arvoredo, & valles cortados de ribeyras. Os penedos de cor de ferro, & dalli tiraõ muyto os naturaes para as suas ferramentas.

4 Chegando a huma aldea, que estava no meyo do caminho, encontràraõ com hum criado delRey, que trazia hum cavallo para o Padre: este lhe tinha vindo avia poucos dias de mais de cem legoas. Agradeceo o Padre o cuidado, & respondeo, que por taes caminhos se naõ atrevia usar de cavallo. E assim o deo ao filho mais velho do Rey, que nelle foy; mas era obrigado a porse de pè muytas vezes, por naõ poder romper algumas brenhas, nem vencer algũs barrancos. Logo que chegou àquella aldea, o Regedor por fama, que jà corria, que o Padre naõ tratava

tava com mulheres, as fez recolher todas em ſuas caſas. Como naõ ouveſſe quem proveſſe a gente de agua, & algumas couſas neceſſarias, que alli coſtuma ſer trabalho das mulheres; entendeo a cauſa da falta. Diſſe entaõ, que ſó queria naõ entraſſem na caſa, onde elle eſtava. Com iſto ſe deo logo o aviamento neceſſario. No dia ſeguinte chegou à povoaçaõ del Rey. Hoſpedou-o com affabilidade em humas caſas dentro de huma cerca de madeyra em ordem a naõ entrarem alli mulheres. Depois praticou largo tempo com o Rey ſobre as couſas da Fè. No dia da Aſcençaõ diſſe a primeyra vez Miſſa. Quiz o Rey achar-ſe preſente no meyo dos Chriſtãos, que eraõ por todos ſete. Iſto naõ conſentio o Padre, por elle naõ ſer ainda bautizado: acodio dizendo, que o bautizaſſe logo: reſpondeo, que naõ podia ſer, atè naõ eſtar inſtruido nos myſterios da Fé. Contentou-ſe com lhe conſentir, que eſtiveſſe em hũa cadeyra da parte de fòra da caſa, fazendolhe ſombra com o chapeo de Sol hum ſeu criado.

5 Na Miſſa fazia tudo, o que via fazer aos Chriſtãos: o exemplo do Rey imitavaõ os mais Gentios com ſinaes exteriores de grandes admirações. Antes da Miſſa prègou o Padre declarando alguns myſterios da Fé, & a cauſa de ſua vinda; a qual naõ era ouro, nem outras drogas, mas ſó o bem das ſuas almas. Ouvio o Rey tudo com attençaõ, por entender a lingua, em que o Padre fallava, a qual tambem outros entendiaõ; & aos que a naõ entendiaõ, ſe lhes explicavaõ aquellas couſas por interprete. No meſmo dia de tarde eſtando o Rey preſente, ſe deteve o Padre muyto em manifeſtar os erros da ſeyta de Mafoma, que já naquelle Reyno ſe hia propagando como erva roim, que facilmente povoa a terra, onde prende. Aſſim foy continuando; concorria de diverſas partes gente ao ouvir, & ſe lhe affeyçoava, contentando-ſe da doutrina ſanta, & deſprazendo-ſe dos erros, em que viviaõ. Deſejavaõ que o Rey ſe bautizaſſe, para elles tambem o fazerem.

6 Tambem acodiraõ alguns Reys ſugeytos ao de Bena, ou pela fama, que ſe divulgára do Padre, & couſas, que enſinava, ou porque elle os mandára chamar para fazer a ſeguinte oſtentaçaõ. Depois de juntos, ſahio hum dia pela manhãa veſtido ricamente à Portugueza, acompanhado dos mais Reys, & ſenhores, & dos Portuguezes, que alli eſtavaõ, tocando-ſe os inſtrumentos, de que uſaõ em ſuas feſtas. Chegando com eſta pompa a hum grande terreyro, depois de ſe aſſentar, mandou pòr diante de ſi muytas peças, que tinha de Europa, & varios

veſtidos, que os Portuguezes, que no ſeu Reyno cõmerciavaõ, lhe tinhaõ levado. Dando de tudo moſtra aos circunſtantes, fez huma falla em preſença de todos, engrandecendo-ſe ſobre todos os mais Reys dos Souſos, que aſſim chamaõ a eſta naçaõ; & ſobre todos os Farins, que ſaõ ſobre outros Reys: dizendo, que nenhum chegára a ter em ſua terra o Padre, que elle tinha, nem tivera taõ ricas peças dos Portuguezes. A iſto ajuntou, que elle queria ſeguir a ley de Chriſto, & que todos aviaõ de fazer o meſmo. Louvou muyto, & engrandeceo noſſa ſanta ley; reprovou a maldita ſeita de Maſoma. Logo fez zombaria das nominas, que lhe davaõ os Bexerins, que ſaõ os prègadores da ley de Maſoma. Para mais enganarem os triſtes negros, lhes daõ certas nominas, com as quaes, dizem, ficaõ ſeguros de morrer na guerra. Diſſe entaõ o Rey, que iſto ſó eraõ traças de lhe levar o ſeu dinheyro. Para confirmaçaõ, contou, em como certo Rey fez prova deſtas nominas no meſmo, que lhas vendia, atirandolhe com huma azagaya, com a qual o atraveſſou, naõ obſtante eſtar cuberto de nominas. Concluhio a falla com grandes louvores da ley de Deos, reſpondendo todos a grandes vozes, que ſe queriaõ abraçar com ella.

7 Eſtando as couſas em eſperanças taõ proſperas, ſe veyo tudo a deſvanecer brevemente com a vinda de hum Mouro, daquelles, que na terra ſe tem por oradores. He o eſtylo deſtes louvar os Reys, enchendo-os de vaidade, referindo em publico as vitorias, que alcançáraõ, & as obras inſignes, com que aſſombráraõ os povos. Da caſa, onde eſtava o Padre, o ouvia orar, gaſtando de cada vez quaſi duas horas. Como o Padre naõ entendia aquella lingua, imaginou eraõ tudo louvores do Rey, eſpecialmente por ſe querer fazer Chriſtaõ. Mas era tudo ao contrario, porque a ſua oraçaõ ſe empenhava em dizer mal da ley de Chriſto, & exaltar a de Maſoma, perſuadindo a todos, que perſeveraſſem nella. Ainda que o Padre naõ entendia a lingua do orador, pela frieza do Rey alcançou, que as couſas ſe hiaõ pondo muy outras. Tendo dado palavra ao Padre de queimar as nominas, idolos, & eſtatuas dos antepaſſados, como o Padre o apertaſſe, para cumprir a palavra, elle deo tantas eſcuſas, que bem moſtrava ſeu animo. Quanto às eſtatuas dos ſeus progenitores, reſpondeo, que a tal couſa ſe naõ atrevia, mas que as mandaria a huma mulher ſua, que eſtava noutra povoaçaõ. Naõ veyo niſto o Padre, entendendo, que naõ eſtava em propoſito de as naõ adorar, como alli fazem. A principal

contenda

contenda era ſobre as nominas, porque perguntava, que couſa em lugar deſtas avia de levar à guerra, para naõ perigar. Alèm diſſo punha grande difficuldade em perder tanto, quanto dinheyro lhe tinhaõ cuſtado. Já dizia ter medo do Concho, (aſſim chamaõ o ſupremo Rey dos Souſos) à quem o Bexerim mòr ſe queyxaria, & o faria vir ſobre elle com guerra. Tudo dizia ſe poderia atalhar, ſe mandaſſe as nominas, que tinha, ao Bexerim mòr, jà que delle as recebèra. Niſto vinha o Padre com certa condiçaõ, que o Rey naõ quiz aceytar.

8 Para mayor clareza deſtas couſas he de ſaber, que os mandingas he huma naçaõ de negros, que povoa o rio Gambià de huma, & outra parte,& entraõ pela terra dentro mais de duzentas legoas. Eſta naçaõ avia pouco tinha abraçado a ſeita de Maſoma, & tomado por empreza, que as outras nações a ſeguiſſem. Para iſto ſe ajudavaõ da mercancia, que tinhaõ com os outros Reynos: & tambem como eraõ cavalleyros inſignes, & ſerviaõ aos Reys nas guerras indo ſempre diante, eraõ delles muy eſtimados,& lhes davaõ grandes privilegios. Nas povoações tinhaõ ſuas meſquitas, & os Bexerins, que ſaõ os Meſtres, punhaõ eſcolas de ler, & eſcrever letra Arabiga, que deſta uſavaõ nas nominas. O Bexerim mòr, he como prelado deſtes inferiores; aſſiſte na parte, que julga ſer mais commoda: dalli manda ſeus viſitadores, & propagadores da maldita ſeyta. O Bexerim mòr, que era feyticeiro, tinha enſinado a eſte Rey certas palavras diabolicas para invocar os demonios, das quaes uſava, quando queria caſtigar algum, & o fazia, onde quer, que eſtiveſſe: por iſſo nenhum dos ſeus lhe fugia, porque ſabiaõ, que naõ lhe podiaõ eſcapar. Referiaõ-ſe diſto muytos exemplos. Preſumio o Padre, que os demonios ſómente ſerviaõ ao Rey de miniſtros para os caſtigos, & que para outros effeytos lhe appareciaõ em diverſas figuras.

9 Eſtando elle aſſentado no alpendre da Igreja, dando ordem à obra, lhe trouxeraõ huma cobra da groſſura de huma coxa, feyta em hum novello,ſem lhe apparecer cauda, nem cabeça, pintada, & lavrada de cores taõ engraçadas, & vivas,que diz o Padre Barreyra, naõ vira couſa igual em animal algum. Indo o Padre à Igreja o achou com ella nos braços,affagando-a. Correo o Padre a maõ por ella, & vio naõ ter alguma aſpereza na pelle,antes brandura grande. Diz tambem, que lhe parecèra, ſer eſta daquellas cobras, a que Chriſto queria ſemelhantes na prudencia os Diſcipulos. Deſtas naõ faltaõ por aquellas terras. O

Rey

Rey a levou para casa, & notou o Padre, que dalli por diante começára a sentir de outra sorte das cousas de nossa santa Fé. Donde presumio o Padre, que o demonio naquella figura lhe fallára, para que désse inteiro credito ao Mouro.

CAPITVLO XXII.

Como voltou do Reyno de Bena, & de alguns serviços, que fez, & conversoens na Serra Leoa.

1 FEz o Padre quanto esteve na sua maõ, para reduzir o Rey aos primeiros propositos, mas sempre o achou pertinaz na sua opiniaõ. Considerando, que a sua detença era sem fruto, pois nenhum abraçaria a ley de Christo, antes que o Rey o fizesse, por causa do medo, que lhe tinhaõ, pedio licença para se voltar, & carregadores; por quanto as ribeiras hiaõ engrossando, & ellas nem barcas, nem pontes tinhaõ, para se passarem. O Rey o foy entretendo, dandolhe boas esperanças. Vendo o Padre, que a sua retirada se hia difficultando, pondo sua confiança em Deos, determinou de partir só com hum negro, que o acompanhava. Antes de executar este pensamento, foy Deos servido, de que as cousas, quanto a este ponto, tomassem melhor feiçaõ. Chegou nova a ElRey, de que era entrado no porto certo navio, em que vinha hum Portuguez grande seu amigo. Logo lhe mandou carregadores. Este foy o libertador do Padre, porque tambem fora a causa de elle emprender a jornada, & por via deste homem tinha ElRey meneado a vinda do Padre. Estranhoulhe o Portuguez a mudança nos propositos, & o obrigou a dar carregadores ao Padre; o que elle fez, dando mostras da pouca vontade, com que o fazia. Naõ deo todos os necessarios, de que se seguio ficaremlhe lá algumas cousas, de que ao depois sentio a falta. O que mais estimou, foy acabar por meyo do Portuguez, trazer comsigo o filho delRey, que elle, como dissemos, tinha bautizado.

2 Finalmente o Padre se despedio dissimulando o seu aggravo, & dizendo a ElRey, que tirando os impedimentos, logo voltaria ao bautizar. Elle o prometteo, & sahio acompanhando ao Padre algum espaço, atè que o fez voltar. Deo principio à sua jornada, que estava com mayores difficuldades, que à ida, assim pelas ribeyras mais crecidas, como pelos carregadores obrigarem ao Padre ir a pè a mayor parte do caminho; que em annos

taõ

taõ cortados com idade, & trabalhos, era, como se deyxa ver, assás molesto. Na ultima jornada o consolou Deos, porque estando em huma choupana com toda a mais gente, por fugir hũa trovoada, a tempo que rezava Vesporas, sem o sentir, chegou à elle hum moço Portuguez, que deyxará na Serra Leoa, abraçando-o pelos pès, lhe entregou huma carta do Padre Manoel Alvres, em que lhe dava conta de sua vinda, & dos Padres, que ficavaõ na Ilha de Santiago. Porém este gosto brevemente se aguou. Chegando à povoaçaõ, entoou o senhor della hũ grande choro por hum negro principal, que morréra. Nestas occasioens costumaõ elles beber muyto vinho, & por estar sentido do Portuguez, em cujo navio viera o amigo do Rey de Benà, tinha dito, que a elle, & a todos os Portuguezes, que alli chegassem, avia de tirar a vida.

3 Fez logo o Padre aviso ao Portuguez, para que se desviasse daquella aldea em tal conjunçaõ: desencontrou-se o mensageyro, & chegando o Portuguez, aonde o Padre estava, este lhe descobrio o seu perigo. Tomou o homem o caso em graça, & naõ tratou de se acautelar. Quando mais descuydado estava, sahio o negro armado dando vozes aos seus, q̃ matassem a todos os Portuguezes. Arremetèraõ com grande impeto ao descuydado, & confiado Portuguez, & querendolhe o negro fazer tiro, hum seu irmaõ, & huma sua principal mulher se abraçàraõ com elle, & deste modo ficou livre da morte. O Padre Barreyra no tempo da revolta se aparelhou tambem para morrer; mas foy Deos servido, que tudo se atalhasse. O negro, depois de passar a furia do vinho, teve grande sentimento da sua desordem, procurou de se reconciliar com o Portuguez, dandolhe em ordem a este fim certa quantia de ouro. Daqui se embarcou o Padre com o Portuguez para o porto daquelle Reyno, em que na vinda corrèra igual perigo ao referido. Prometteolhe o Portuguez de o levar no seu navio à Serra Leoa; porèm naõ cumprio a sua palavra, dando por razaõ ser o tempo de ventos contrarios, & naõ ter experiencia da costa. Nestes pontos se resolveo o Padre confiado em Deos cõmetter o caminho parte por terra, parte por rios, & esteyros em almadias, indo de ilha em ilha. Neste esteyros padeceo muyto por serem intricadissimos, & se naõ fora a destreza dos negros, & experiencia que tinhaõ daquelles labyrinthos, naõ era possivel sahir delles.

4 Desejava o Padre fazer jà o caminho por terra, imaginando seriaõ menos os incommodos; mas enganou-se, porque

os

os achou mayores. Eraõ as chuvas continuas ; donde ſe ſeguia ir ſempre molhado. Encontrava grandes alagoas,as quaes paſſavà em hombros de negros. Em algumas ribeyras, onde ſe naõ tomava pè, achavaõ huns paos atraveſſados, pelos quaes ſe paſſava com grandiſſimo riſco. Outras vezes encontrava com brenhas taõ fechadas, que era neceſſario ir algum negro diante abrindo buraco, por onde pudeſſe colar ſem menos arranhaduras dos eſpinhos. Depois chegou ao Reyno dos Boulons, aonde o Rey, que o conhecia, lhe fez boa hoſpedagem. Naõ ſe deteve alli muyto,por naõ achar occaſiaõ de fazer emprego nas almas; mas deolhe o Rey boas palavras. Deſpedido delle,eſtando já apparelhado para partir, chegáraõ alguns criados delRey, & em ſeu nome deſculpáraõ com cortezia a limitaçaõ da hoſpedagẽ, & lhe offerecèraõ huma manilha de ouro para os gaſtos do caminho. O Padre lhe agradeceo a benevolencia; & ſe eſcuſou de aceytar o ouro, dizendo, que elle naõ viera àquellas terras buſcar ouro, nem riquezas, mas ſó as almas dos naturaes. Deſte lanço, & deſapego naõ uſado entre taes nações, muyto ſe admiráraõ, & edificáraõ.

5 Neſtes Reynos achou alguns Chriſtãos, que viviaõ como Gentios, & alguns taõ pagos da eſtancia, & vida depravada, que com nenhumas razões os pode tirar do ſeu lodo: porèm a outros poz em caminho de ſalvaçaõ Dous dias depois de partir do Reyno dos Boulons, acabou a ſua jornada com taõ boa diſpoſiçaõ,como ſe viera de alguma quinta de recreaçaõ, & allivio. Alli com a viſta do Padre Manoel Alvres cobrou novos alentos, vendo-ſe já com companheyro, & tambem por aver tres annos, que ſe naõ tinha confeſſado. Daquelle porto ſe foraõ pouco depois para Caracore, onde tinhaõ caſa, & Igreja;por ſer terra delRey D. Pedro, grande Catholico,ao qual viſitáraõ de caminho, & perſuadiraõ foſſe morar à ſua Ilha Caracore entre os Chriſtãos, pois elle tambem o era. Aſſim o fez; & por alli acodir gente de todo o Reyno a tratar ſuas couſas com o Rey, ſe fizeraõ muytas converſoens, & dellas algumas muy notaveis, como foy a de hum negro Meſtre de todos, & como tal reſpeytado: o qual ouvindo huma doutrina, ficou taõ outro, que depois de ſe bautizar,chovendo ſobre elle as adverſidades, nunca deſdiſſe hum ponto da Fé, que abraçára. Ria-ſe elle muyto de ſi meſmo, porque tinha mandado, que quando morreſſe o enterraſſem com ſuas armas, para ſe defender com ellas do diabo no outro mundo. Tal he a cegueyra daquellas gentes; as quaes

quanto

quanto ha na outra vida, medem, pelo que passa nesta. Por isso adoraõ as estatuas dos Reys, porque cuydaõ, que lá saõ poderosos, como cà o foraõ.

6 De mayor espanto foy a conversaõ de hum filho do Rey de Tora chamado Dom Pedro: era este homem muy cruel, & comedor de carne humana, terror, & espanto de todos; vivia já fóra do dominio do pay em terras, de que era senhor. Vendo este os Officios Divinos, & ouvindo por vezes as verdades da Fé, se resolveo a seguillas. O bautismo se fez com extraordinaria solemnidade, porque seu pay, que era finissimo Christaõ, convocou aos grandes, & senhores vizinhos, para fazer a solemnidade mais plausivel. Todos os negros tiveraõ esta conversaõ por cousa assombrosa. Era neste homem, ou féra, como tambem em seu pay ElRey de Tora, como natureza, o comer carne humana. Era gente estrangeyra naquelle país, o qual tinhaõ conquistado: por quanto certa naçaõ barbara naõ cabendo nas suas terras, sahio dellas em grande multidaõ, para buscar outras, em que viver; chamavaõ-se Çumbas, ou Manes. Seu comer, por onde hiaõ, era carne humana cozida com olhos de palmeyras; assim despovoavaõ a terra de gente, & de palmares, que saõ como as suas vinhas, & olivaes. Usavaõ de adargas, que lhes cobriaõ todo o corpo; & para fazer horror à gente, nenhum avia, que naõ levasse na boca, ou pè, ou maõ, ou algum pedaço de carne humana; a qual atrocidade fazia, que nenhuns exercitos lhe parassem diante. Estes depois de destruirem o Reyno do Congo em tempo, que governava em Portugal a Rainha D. Catharina, foraõ conquistando os Reynos pela costa junto ao mar, ficando huns em humas, outros em outras partes, atè chegarem à Serra Leoa, aonde paràraõ, por ser o clima mais amoroso.

7 Com a brandura da terra se foy tambem quebrando a fereza, & deyxando pouco a pouco o uso de comer carne humana. Mas no tempo do Padre Balthezar Barreyra naõ estava em todo esquecido este barbaro costume, porque ainda comiaõ, assim os que matavaõ na guerra, como tambem aquelles, a quem por delicto tiravaõ a vida. Dos Capitaens, que tinhaõ vindo com aquella gente, era só vivo ElRey de Tora D. Pedro, que tendo naquelle tempo mais de cento & trinta annos de idade, estava taõ vegeto, como hum homem de cincoenta. Contou ao Padre, que na jornada gastàraõ dez annos por causa da guerra, com que vinhaõ desbaratando as naçoens por onde passavaõ. Deos

nosso

nosso Senhor lhe conservou tantos annos a vida, pois era o unico, que restava, para lhe dar sua graça bautismal, & por seu meyo trazer outros ao conhecimento do verdadeyro bem.

8 Aquelle filho do Rey depois de convertido tinha por empenho trazer outros à fonte do Santo Bautismo: cada dia trazia à casa do Padre muytos, para que os instruisse. Magoava-se grandemente do que tinha gastado com os seus idolos. Pagou-lhe Deos este zelo, porque tendo-o deyxado grande numero dos seus vassallos, por ser taõ feroz, logo que souberaõ era Christaõ, de boa vontade o tornàraõ a buscar. O gosto, que nesta conversaõ teve o bom Rey velho, com nenhũas palavras se pòde explicar: dizia, que no dia do Bautismo o Padre lhe dèra aquelle filho; porque só tinha por seus, os que eraõ Christãos. Por todo o tempo, que o Padre assistio na Serra Leoa, foraõ as conversoens continuas, & as de gente principal, irmãos, filhos, & filhas de Reys muytas em numero, & de grande gloria de Deos. A destruiçaõ nos idolos era frequente, & à medida da multidaõ delles, pois atè as formigas alli os fabricaõ. Ha naquellas terras certa casta de formigas brancas, as quaes lavraõ humas como piramides, dentro das quaes vivem, sem sahir fóra, nem se saber, o que comem. A estas como piramides chamaõ os negros Chinas, & as veneraõ por deoses, fazendolhes suas cabanas, que saõ as ermidas destas divindades; & como as formigas naõ faltem, ha grande abundancia de deoses, & tudo està bem povoado desta roim fazenda.

CAPITVLO XXIII.

Parte da Serra Leoa para a Ilha de Santiago, arriba à costa de Guinè, & do que obrou atè chegar à dita Ilha.

1 DEpois de ter o Padre Balthezar Barreyra como hũ novo Sol allumiado as espessas trevas da Serra Leoa, feyto laboriosas peregrinações naquelles Reynos, das quaes recolheo copiosos frutos, lhe foy necessario voltar à Ilha de Santiago, que he a principal das de Cabo Verde, assim para dar algum fundamento às cousas da Companhia naquella Ilha, como para outras muytas cousas do serviço de Deos, que dependiaõ de sua presença. No caminho se lhe dèraõ cartas de seus Superiores, que o mandavaõ voltar a Cabo Verde; com isto se consolou muyto, por entender era esta jornada toda de Deos, por

por ser naõ só disposiçaõ sua, mas da santa obediencia, que he o norte dos homens Religiosos. Ao terceyro dia depois de sahir do porto, se tornou a recolher a elle, por lhe quebrar o mastro grande com a força do vento. Concertado o mastro, se fez na mesma viagem; & posto que os ventos eraõ pouco favoraveis, & as aguas os encaminhavaõ para huns bayxos perigosos, foy Deos servido, que livrassem.

2 Oyto dias depois lhe sobreveyo hum accidente repentino, duroulhe poucos dias, mas com grandes febres, & fastio. Naõ lhe applicou remedio humano, porque alli só avia o da confiança em Deos; esta lhe assistio, & por ella o livrou Deos de hum inchaço de estranha grandeza, que lhe tinha causado o accidente. Dezanove dias gastou em chegar atè a altura da Ilha; mas nem a de Santiago, nem alguma outra encontravaõ; porque a corrente das aguas os fez descahir para a parte do levante, ficandolhe as Ilhas atraz para a parte do Poente. Vendo os marinheyros, serem os ventos contrarios, & ir-se acabando a matalotagem, puzeraõ proa na terra firme, que corre do rio Cenagà para Cacheo. Em menos de vinte & quatro horas chegàraõ à vista della. Depois quando o Padre dahi a tempos chegou à Ilha, contando este desvio da jornada, lhe dissèraõ, que fora huma grande Providencia de Deos; por quanto naquelle tempo andava hum cossario à vista da Ilha, & se o Padre chegàra, sem duvida lhe cahiria nas mãos. Isto sentiraõ os naturaes da Ilha; porèm ao Padre lhe pareceo, que Deos o levàra à terra firme, para bem de muytas almas, como se vio do fruto, que nellas fez. Assim o diziaõ tambem os Portuguezes, depois que viraõ os proveytos, que se seguiaõ nas vidas, & costumes dos que negociavaõ na terra firme. Aquella costa he habitada de gente inficionada com a maldita seyta de Mafoma. Tem dous portos principaes, hum se chama Ale, outro Joala. Nelles commerciavaõ Inglezes, Holandezes, Francezes, & Portuguezes. Em Joala sahiraõ em terra. Festejàraõ muyto os Portuguezes a vinda do Padre. Deraõlhe casas junto a huma como Igreja, que alli tinhaõ. Hum delles tomou à sua conta prover o Padre; & o fez com tanta largueza, que lhe naõ custou pouco ao moderar.

3 Os dias que alli esteve, se occupou em confessar, prègar, & fazer doutrinas. Depois sabendo o Visitador do Bispado, que era hum Conego de Cabo Verde, & estava em Ale, ser chegado o Padre àquella costa, o mandou convidar, & pedir, se viesse a

L Ale,

Ale, porque se achava indisposto,& necessitava de sua ajuda para o bem dos Christãos. Sahio-o a receber com os Portuguezes,& tambem o Governador Mouro. Ao passar na praya por huma Cruz grande, que nella estava arvorada, ajoelhou, o mesmo fizeraõ os Christãos. Para mayor gloria da Santa Cruz, alli costumou dahi por diante ir fazer as doutrinas. Tambem por ser a paragem muy frequentada de toda a sorte de gente. Os hereges, & Mouros, que concorriaõ, eraõ mais, que os Christãos. Dizia o Padre muytas cousas na doutrina dos erros, assim dos Hereges, como dos Mouros. Todos estavaõ com tanta attençaõ, como se fossem Christãos devotos. Desejava o Padre formar procissaõ da santa Doutrina com solemnidade; a isto disse o Visitador, & os mais Christãos, que como o Rey, & naturaes eraõ Mouros, & avia na terra muytos Cassizes, podia isto ter algum effeyto encontrado aos seus desejos. Todavia assentiraõ, que a fizessem huma vez, & esta os ensinaria.

4 Sahio pois hum Domingo de tarde com a procissaõ da santa doutrina pela rua principal da povoaçaõ, levando diante a campainha, & depois hum Crucifixo de vulto acompanhado dos Portuguezes com suas luminarias em duas ordens Cantavaõ dous meninos a doutrina, & todos os mais respondiaõ. Hia por fóra das fileyras grande multidaõ de Mouros; & passando pela praça, as negras que estavaõ vendendo, recolhèraõ em suas gigas, tudo o que nellas trouxeraõ, & pondo-as à cabeça, foraõ seguindo a procissaõ. Fez a sua doutrina & voltou com a mesma solẽnidade, como se a terra fora de Christãos. Alegráraõ se muyto os Portuguezes com o bom successo contra o seu arreceyo. Depois fallou o Padre por vezes com os Mouros principaes. Estes lhe diziaõ, que só a ley de Christo era verdadeyra, que tudo quanto os seus Cassizes diziaõ, era embuste. Acrecentavaõ, que se naõ temèraõ perder as rendas, que ElRey lhes dava, todos se bautizariaõ.

5 Dahi voltou a Joala, como tinha promettido, & feytos muytos serviços a Deos, partio para Cacheo, que era porto muy frequentado. Os Christãos negros pouco se differençavaõ dos Gentios. Os enredos de consciencia nos contratos eraõ alli sem conto. Acodio o Padre com zelo incansavel ao bem das almas. Em cousa nenhuma, que fosse de seu proveyto espiritual, se poupou. Segundo diziaõ todos, a povoaçaõ parecia outra. Tal foy a mudança, que em todos causou. O mesmo Padre diz em huma carta sua estas palavras: *Posso dizer, que nunca estive em*

parte

parte, aonde a Divina bondade em taõ breve tempo tirasse tanto fruto dos ministerios da Companhia, & ouvesse taõ geral mudança nas vidas, & costumes: ouve muytas confissoens geraes, & outras de tanta importancia, que os penitentes se persuadiaõ, terme Deos levado àquellas partes só por amor delles, affirmandome, que se assim naõ fora, perseveráraõ, & acabáraõ a vida em peccados, sem os confessar. Entre estes achey alguns, que avia mais de trinta annos tinhaõ este estado; & pediaõ continuamente a Deos, que antes de sua morte lhes deparasse algũ Padre da Companhia, para se confessarem a elle, & concedeolho a Divina misericordia, & a hum levou logo para si. Até aqui as palavras da carta.

6 Saõ muy usados os feytiços naquellas terras, com que torcem os affectos humanos, & acabaõ com elles, quanto querem. Com estes teve para si estava enleado hum mancebo, o qual nem queria tomar na boca o Santissimo nome de JESU, nem o da Senhora, nem beijar as Imagens, nem consentir lhe puzessem ao pescoço Reliquias. Fezlhe o Padre os exorcismos, & tambem fez outras diligencias para investigar o principio daquella estranheza. Finalmente veyo a entender, que a causa era huma beberagem, que lhe deo certa mulher, da qual elle se queria apartar; cujo effeyto era, ficar o triste alienado de seus sentidos, & persuadido, que confessando a Fé, ou algum artigo della, ou fazendo reverencia à Cruz, ou a outra cousa santa, logo morria. Disse o Padre Missa por elle, & Deos o livrou daquellas occultas cadeas, com que estava enredado.

7 De semelhante principio se persuadio o Padre tivera sua origem, o que succedeo em Cacheo, quando alli estava. Cahiraõ as paredes da Igreja; abrindo pois os alicerses para outras, deo o que hia cavando com o corpo de huma mulher, que elle mesmo tinha enterrado avia quatorze mezes, taõ inteyro, & a mortalha taõ sãa, como se entaõ acabára de a enterrar. Poz os pès sobre ella para ir cavando por diante. Eysque a sente mover, & que o levantava para cima; salta fóra cheyo de medo, chama o pedreyro, & outros, mostralhes o corpo, contando o que lhe succedèra. Tornou a pòr os pès sobre o corpo, & elle tornou a fazer o mesmo. Foy dar conta ao Vigario, vio o corpo, & pedio ao Padre Barreyra, que elle tambem o visse, & assim o fez. Logo inquirio o Padre, que vida fora a daquella mulher, & achou della muy roins informações. Ficou entendendo, que Deos permittira, se achasse assim o corpo para terror de outras

 negras,

negras, que na terra avia, que tinhaõ ſemelhante trato com o demonio; & Deos lhe quiz moſtrar, que o inimigo aſſim como nellas morava em vida, aſſim morava depois da morte.

8 Vio alli o Padre as grandes iniquidades, que o Rey uſava com os Portuguezes; porque em tendo neceſſidade de dinheyro lho mandava pedir com imperio, como ſe foſſem ſeus eſcravos. Se algum morria, logo ſe metia de poſſe de tudo, ou foſſe ſeu, ou de auſentes. Se morto algum, chegava navio, ou couſa ſua, o Rey tomava tudo, como ſe tudo lhe pertenceſſe. Vendo os triſtes taõ frequentes eſtas injuſtiças, era tanto o appetite de viver à larga, & de ajuntar riquezas, que ſe deyxavaõ alli viver, ſem attender aos riſcos. Finalmente o Padre tendo feyto nos Chriſtãos grande reformaçao de coſtumes, no meſmo navio, em que alli aportàra, ſe embarcou para a Ilha de Santiago. Nella achou quatro da Companhia, que tinhaõ chegado de Portugal. Logo os diſtribuhio por outras terras, onde a vida naõ corria tanto perigo; & ſe podiaõ enſayar, para depois trabalharem em climas mais rigoroſos, ſem expor a vida a perigos evidentes, & de q̃ de ordinario naquellas terras ſe ſegue a morte, perdendo-ſe com eſta o proveyto eſpiritual dos proximos. Foy o Padre Barreyra recebido do Governador, & mais nobreza, & povo como hum Anjo do Ceo, pois avia annos, que delle naõ ſabiaõ. Todos olhavaõ para elle, como para hum Apoſtolo de Guinè. Admiravaõ as muytas jornadas, que tinha emprendido entre gentes barbaras, padecendo infinitos incommodos. Era de paſmo ver, como hum homem de tantos annos de idade, aſſim ſe avia, & tratava em tudo, como ſe eſtiveſſe nos annos mais vigoroſos. Elle foy o que fundou aquella miſſaõ da Serra Leoa, em que hoje exercitaõ ſeu zelo os Religioſos de outra ſanta Familia.

CAPITVLO XXIV.

Da morte do Padre Balthezar Barreyra, & alguns favores, que Deos fez por ſeu meyo.

1 AVia jà mais de hum anno, que o Padre Balthezar Barreyra voltando da Serra Leoa aſſiſtia na Ilha de Santiago na Cidade da Ribeyra grande, aonde ſe tinha recolhido por cauſa de muytos negocios do ſerviço de Deos, que dependiaõ da ſua preſença, aſſim por ſer Superior dos Religioſos da Companhia, como porque os Governadores ſe ajudavaõ

muyto

muyto do ſeu conſelho. Neſte tempo alèm de outras occupações enſinava Grammatica aos meninos. Tal era o deſejo, que tinha, de aproveytar por todos os modos ao proximo. Era jà de ſetenta & quatro annos de idade, com tudo tendo os olhos, & o coraçaõ nas miſſoens da terra firme, pertendeo paſſar a ella outra vez; porque dizia, deſejar muyto morrer entre os ſeus Chriſtãos, ou entre os barbaros a puro deſemparo, para aſſim imitar mais a ſeu Redemptor. Naõ quiz Deos cumprirlhe eſtes deſejos, porque faltando embarcações, naõ teve em que paſſar à terra firme; & ſobrevindolhe a doença, de que morreo, o levou Deos a gozar o premio dos ſeus trabalhos. Avia na Ilha mais dous Padres da noſſa Companhia, & corria o anno de mil ſeiſcentos & doze, quando na Quareſma deſte anno cahio com a força da doença o Padre Balthezar Barreyra, andando muy quebrado com o trabalho, ſem por iſſo deſiſtir dos jejuns, medindoſe mais pelos alentos do eſpirito, que pelas forças do corpo, atè que por mais naõ poder ſe ſugeytou à cama. Foy aſſiſtido com toda a caridade naõ ſó dos Padres, mas de todos os nobres da Cidade, que todos deſejavaõ ſua vida, como taõ proveytoſa que era ao bem commum.

2 Porèm ſe eraõ grandes os deſejos, que todos tinhaõ, que eſtiveſſe mais neſte mundo, eraõ ſem comparaçaõ mayores, os que elle ſentia de ſe ver jà no Ceo. Todo o tempo ſe lhe hia em colloquios com Deos, com ſuſpiros taõ abrazados, que os Padres lhe foraõ à maõ, & ainda meteraõ eſcrupulo de ſe canſar tanto, pelo dano, que daquella vehemencia vinha ao corpo enfermo. Eſtes deſejos em eſpecial ſe ateàraõ mais dia da Aſcenſaõ do Senhor, ſuſpirando por ſubir com elle ao Ceo: eſtava jà preparado com os Sacramentos, & na hora, que ſe celebra aquella, em que o Senhor ſubio, pedio a vèla aceſa, & com grande affecto lhe rogava, o livraſſe do corpo, & o levaſſe comſigo; mas paſſando a hora ſem ver deſpacho à ſua petiçaõ, ceſſou aquelle cuydado, mas naõ as anſias, que tinha, de ſe apartar deſta vida. Em dous de Junho ſe começou mais a declarar, que ſe avizinhava a morte, & ſer por iſſo mayor a alegria do bom, & Santo Velho. Chegàraõ-ſe a elle ſeus dous companheyros o Padre Sebaſtiaõ Gomes, & Antonio Dias, & com muytas lagrimas lhe pediraõ a bençaõ, que elle lhe lançou com moſtras de ſingular amor; dizendolhes, como os avia lá de encomendar a Deos, & a noſſo Santo Patriarca; accreſcentando palavras taõ ſaudoſas, & affectuoſas, que como ſentindo jà a falta, que brevemente lhes

avia de fazer, choravaõ os dous Religiosos muytas lagrimas.

3 Neste tempo assim praticava com os Padres das cousas do Ceo, & no tocante às Missas, que pedia se lhe dissessem, & à sepultura de seu corpo, como em outras occasioens o fazia, dispondo o governo de casa. Poucas horas antes de espirar pedio ao Padre Sebastiaõ Gomes, lhe escrevesse huma carta ao Padre Provincial Jeronymo Dias, que o bom velho ditou, & ao depois mandou ler, & emendar algumas palavras, tudo com tanto aviso, certeza, & prudencia, como quando estava saõ. Desta carta quando a remetteo ao Padre Sebastiaõ Gomes, dizia na sua ao Padre Provincial: *Esta carta nos deyxou admirados, por ser notada em tal tempo, indo misturando as palavras della com os arrancos da alma; nem eu cuydey nunca ver semelhante cousa, nem quando a comecey a escrever, cuydey que a tal cousa elle pudesse chegar; porque alèm de a notar, ma fez repetir por vezes, & elle mesmo emendava, o que lhe parecia.* Atè aqui as palavras da carta do Padre Sebastiaõ Gomes. Nos quatro de Junho, que entaõ foy huma Segunda Feyra, de mil seiscentos & doze, na infra octava da Ascensaõ do Senhor, junto às dez horas da noyte, encostado de huma ilharga, como quem queria repousar, com muyta paz, & quietaçaõ dormio o sono da morte, & se foy gozar da vista de Deos, tendo setenta & quatro annos de idade, & cincoenta & seis da Companhia.

4 Em se divulgando sua morte, ouve hum como pranto geral em nobres, & pebleos, em grandes, & pequenos, em brancos, & negros; porque de todos era Pay, & amado como tal: atè aos Gentios abrangeo este sentimento, taõ amavel era este santo homem. O Governador, & a mais nobreza todos se vestiraõ de luto em sinal da sua dor. Acodiraõ logo à Igreja, o Governador com a nobreza, o Cabido cõ a Clerezia, fizeraõ-lhe as exequias com a mayor solemnidade, que alli pode ser; celebrou a Missa do enterramento o Deaõ com Diacono, & Subdiacono, officiada pelo ceremonial novo, que atè entaõ se naõ tinha visto naquella terra. Foy taõ excessivo o pranto, & tantas as lagrimas, que o officio se naõ pode naquelle dia levar ao fim. Por tanto interrompendo-se se tratou de meter o corpo na sepultura: ao levar do esquife, esteve a cousa occasionada a algũa grande perturbaçaõ, por querer cada hum dos nobres ter a dita de o ajudar a levar; & como isto naõ pudesse ser, se consolàraõ, os que puderaõ, com ir pegados ao esquife: sendo as lagrimas tantas, foraõ mais, quando antes de o enterrarem, chegàraõ a lhe

beijar as mãos, o que se fez com taes mostras de affecto, que parecia naõ se poderem apartar delle, & senaõ ouvera guardas, sem duvida o despojariaõ, segundo todos queriaõ ter cousa sua por Reliquia. Foy enterrado na Igreja de N. Senhora do Rosario. No dia seguinte se tornàraõ todos a ajuntar, & se acabou o officio, que no dia antes fora interrompido com os excessos do pranto. No terceyro dia ouve tambem Missa solemne a canto de orgaõ, a que tambem se achou o Governador, & mais nobreza, & o Conego Rodrigo Anes Centêo, Provisor, & Vigario Geral, sem os nossos lhe terem fallado em tal cousa, se subio ao pulpito, & prègou das virtudes do Padre Balthezar Barreyra: renovando-se em todos as lagrimas dos dias antecedentes.

5 Este he hum breve compendio do discurso da vida do Padre Balthezar Barreyra, cuja vida foy toda Apostolica, o zelo de salvar almas ardentissimo. Homem todo de Deos, & nada do seu corpo, a este tratou sempre como ao mais vil escravo. No trato com Deos gastava naõ só muytas horas do dia, mas grande parte da noyte. Na mortificaçaõ, sendo velho, & com as forças debilitadas, se tratava como o faria qualquer, que estivesse com todas as forças em seu ser. Muytos annos avia que a sua cama era huma esteyrinha sobre a terra, alli se deytava vestido, prompto em todas as horas, que o chamassem para alguma obra do serviço de Deos. As disciplinas, que se lhe acháraõ, eraõ huns cordeis tecidos de fio de arame. O cilicio era taõ continuo, que com o uso lhe tinha gastada, & consumida parte da carne. A compostura exterior era de homem santo, & com este nome o chamavaõ. A sua pureza foy Angelica, & constou dos que por vezes o confessáraõ geralmente de toda a vida, que nesta materia nunca em sua vida fizera cousa, que se pudesse avaliar por peccado mortal.

6 Alguns favores muy especiaes fez Deos a varias pessoas, que se valéraõ do patrocinio deste servo de Deos. Hum Arcediago da Sé, chamado Sebastiaõ da Mota, era muy achacado da gota, que com dores intoleraveis lhe durava dez, & doze dias. Estando já doente o Padre Barreyra, este Arcediago estando dizendo Missa o encomendou a Deos, para que lhe désse vida, & saude. Acertou no dia seguinte virlhe o seu accidente de gota, & entre a lida com as agudissimas dores, disse estas palavras: *Bofé Padre Balthezar, já que hontem vos encomendey a Deos, bem me pudereis vòs hoje alcançar remedio para estas dores.* Dizendo isto adormeceo, & sonhou, que estava em Roma, & que alli se faziaõ

grandes

grandes festas ao Padre Barreyra por ser Santo, & particular advogado da gota, & q́ elle tinha alcançado perfeyta saude. Este foy o sonho; acordou logo sem dor alguma, como se nunca em sua vida tivera gota, nem ainda sinal della. Ficoulhe taõ affeyçoado, que estando já o corpo do Padre na sepultura se meteo nella, & lhe beijou as mãos, quasi sem poder apartarse deste seu divino Medico. O Padre Sebastiaõ Gomes deyxou escrito, que estando elle na Serra Leoa com o Padre Balthezar Barreyra, huma Gentia tivera taõ grandes dores de parto, que entrou em agonias mortaes; chegou de fóra neste tempo seu marido, que tambem era Gentio, mas porque tinha ouvido cousas prodigiosas do Padre Balthezar Barreyra, começou a gritar na sua lingua, dizendo a grandes vozes: *Padre velho, Padre velho*: lembrando à mulher, que tambem chamasse pelo Padre velho: tanto que assim o fez, pario logo hum menino, ficando sem perigo algum. Em reconhecimento deste favor de Deos por meyo da invocaçaõ do Padre velho, puzeraõ ao seu filho por nome o Padre, o qual dalli a alguns annos recebeo o Santo Bautismo.

7 Naõ foy menor graça alcançada de Deos por meyo de hũa veste sua. No mar da Serra Leoa navegava alguma gente em huma almadîa, que he hum genero de embarcações mais rasas, sobreveyolhe grande tormenta, & sendo a embarcaçaõ taõ fraca se davaõ por perdidos: hiaõ nella alguns moços pertencentes aos nossos Padres, & lembrandolhe, que levavaõ comsigo hũa veste, que servira ao Padre Barreyra, com grande fé a puzeraõ em huma haste, & arvoràraõ contra a furia da tormenta. Tanto que a veste appareceo levantada em alto, amaynou de repente a tempestade com assombro de todos, os que já se davaõ por totalmente perdidos. A vida deste excellente Missionario trazem o Padre Telles na segunda parte da Chronica, o Padre Alonso de Andrade no tomo quinto dos Varões illustres, Jorge Cardoso no seu Agiologio, o Padre Nadasi no Annus dierum em dous de Fevereyro, sendo que morreo em quatro de Junho. Da missaõ, que fez à Serra Leoa, trata o Padre Fernaõ Guerreyro da nossa Companhia na Relaçaõ das cousas que em 1604. obràraõ nas missoens os Religiosos da Companhia; delle se faz tambem mençaõ na terceyra parte da Historia geral da Companhia, aonde se diz, que foy hum dos primeyros Padres, que desta Provincia foraõ mandados fundar o Collegio da Cidade de Angra na Ilha Terceyra, aonde fez o officio de Prègador. Delle tambem dizem muyto os manuscritos antigos, & cartas dos nossos

L.v.6.do cap. 26. atè 34.

Religio-

Religiosos, que no tempo da peste grande de Lisboa escreviaõ ao Padre Provincial, as quaes tive na minha maõ.

CAPITVLO XXV.

Vida do Padre Francisco de Gouvea.

1 O Padre Francisco de Gouvea entrou na Cõpanhia sendo ainda vivo nosso Santo Padre Ignacio,& deste primitivo espirito participou grande parte,como mostrou o teor de sua vida,que em tudo foy de filho verdadeyro,& muy escolhido de S. Ignacio. Deste Padre faz já alguma mençaõ na segunda parte da sua Historia desta Provincia o Padre Balthezar Telles, mas, como elle mesmo diz, naõ he a plena, que demandaõ suas virtudes; & porque encontrey em hum manuscripto do Padre Manoel da Veyga, muyto mais cousas deste Padre, julguey por util reduzillas todas a hum corpo, porque assim se conservaràõ melhor, para edificaçaõ dos que as lerem. Lisboa 17. de Novembro de 1638.

2 O Padre Francisco de Gouvea foy natural de Lisboa; seus pays se chamàraõ Miguel da Mouta, & Anna Philippe; creouse no Paço,& serviço delRey D. Joaõ com o foro de moço da Camera: a todos os q̃ o serviaõ,dava ElRey Mestre,q̃ lhes ensinasse no Paço a Grammatica,& bons costumes,obrigando-os a se confessarem todos os mezes. Confessava-se elle na Companhia, & cõ o trato santo dos nossos se affeyçou tambem ao nosso instituto,& pertendeo entrar na Companhia,em q̃ foy aceyto:& expedita a licença para fazer o seu Noviciado em Coimbra,foy tanto o seu fervor, que quiz fazer o caminho a pè; & tambem porque naõ queria ser sentido dos que elle temia lhe poderiaõ impedir a jornada.

3 Mas como era de compreyçaõ delicada, & poucas forças, & menos exercicios de semelhantes jornadas,no fim do primeyro dia se achou taõ desfalecido, que naõ podia levar adiante o rigor de caminhar a pè. Naõ desistio por isso da empreza; recorreo a Deos, para que ajudasse seus bons desejos. Foy ouvida sua oraçaõ, porque alli appareceo hum homem, o qual compadecendo-se de sua fraqueza, com boa graça o animou, & se lhe offereceo por companheyro, & huma cavalgadura, em que fosse: assim o foy conduzindo atè chegarem à vista de Coimbra, & mostrandolhe a Cidade,sem querer paga do bem,que lhe fizera, desappareceo. Que com este, & semelhantes prodigios assiste

Deos ſempre,a quem de veras o buſca. Entrou na Companhia em Coimbra aos 15.de Fevereyro de 1556.& no Agoſto do meſmo anno foy mandado continuar o ſeu Noviciado em Evora, aonde no anno de 1554. começára a aver corpo de Noviciado; fez o caminho a pè vivendo das eſmolas, que pedia: procedeo ſempre com toda a ſatisfaçaõ, dando de ſi as grandes eſperanças, que pelos tempos adiante veyo a encher. No fim do Noviciado eſtudou as letras humanas, depois Philoſophia, & Theologia, & ſoube eſtas faculdades taõ conſũmadamente,como os que bem as ſabem. Logo no anno de 1567. começou a ler em Evora Theologia Moral, aonde acudiaõ tantos diſcipulos,que foy neceſſario ſerem dous os Lentes de Moral,que neſte anno começávaõ, ſendo o ſegundo delles o Padre Franciſco de Gouvea. Perſeverou neſta occupaçaõ por eſpaço de dez annos: adquirio grande nome de Letrado; & elle foy o primeyro, que nos fundou a doutrina Moral em principios Theologicos, com que ſe moderáraõ alguns apertos, que atè aquelle tempo corriaõ, por ſer muy ſeguida a doutrina do Doutor Navarro, que como Canoniſta, mais ſe accommodava ao texto, que à conſequencia da razaõ.

4 Sobre a Summa, ou Manual deſte grande Doutor fez o Padre Franciſco de Gouvea hũas Obſervações, que intituláraõ, Anti-Navarro, cuja excellente doutrina obrigou a retratar algumas das ſuas opinioens ao Doutor Navarro.Era taõ grande a eſtimaçaõ que ſe fazia da ſua doutrina,que os Theologos que curſavaõ no geral da Theologia eſpeculativa, que eraõ ſetenta, procuràraõ, que a liçaõ, que lia o Padre, foſſe mais tarde do ordinario, para todos a poderem ouvir, porque confeſſavaõ aproveytar mais com eſta liçaõ em poucos dias, que com as de outros Meſtres em muytos. Vendo o Sereniſſimo Cardeal Fundador da Univerſidade a curioſidade dos ouvintes, toda nacida da excellencia, do Meſtre, apremiava aos mais diligentes, mandando repartir por elles duzentos cruzados cada anno, alèm dos partidos de doze mil reis a cada hum dos Capellaens curſantes no geral dos caſos. Naõ ſe atava o ſeu eſpirito ſó à ſua cadeyra de Moral, na Quareſma fez miſſoens a varias partes. Da que fez à Villa de Santiago de Caſſem acho mais miudas noticias por cauſa de extraordinario fruto, que alli recolheo dos ſeus trabalhos, que em prègar, confeſſar, & doutrinar foraõ extraordinarios; prègava nos Domingos de manhãa, & de tarde, & nas Quartas Feyras; além das prégações lia aos Clerigos huma liçaõ

çaõ de Moral; avia naquelles tempos muyta falta desta sciencia nos Clerigos, por isso com a tal liçaõ se fazia a Deos muyto fruto. Nos dias, que naõ tinha prègaçaõ, ou liçaõ na Villa, sahia a prègar nas Freguesias do campo. O fervor de toda a sorte de gente foy grande, vinhaõ de tres, & quatro legoas pelo ouvir. Succedeo huma vez chover no tempo da prégaçaõ, em que a mais da gente estava no descuberto, estavaõ taõ embebidos na palavra de Deos, que ninguem deyxou o seu lugar por fugir da chuva. Ouve muytas confissoens geraes, amizades, mudanças notaveis de costumes, & vidas: entre ellas a de huma mulher muy dada a galas, & vaidades, com que era de escandalo na terra, trocou-se como outra Magdalena, & toda se reformou. Huma pessoa grave deo os parabens ao Padre, dizendo, que se naõ fizera no povo outro fruto mais que a conversaõ daquella mulher, isso bastava para dar todo o seu trabalho por bem empregado.

5 A hum homem, vendo na Villa ao Padre, lhe dizia o coraçaõ, que elle o avia de salvar. Todas as vezes, que ouvia a prègaçaõ, tinha grandes impulsos de Deos, que se confessasse com o Padre. Querendo por tres vezes fazer isto, o demonio lhe representava taes difficuldades, que o fazia tornar atraz, atè que vencendo Deos, se confessou geralmente com o Padre, & fez vida nova. Fez com os Clerigos, que rezassem o seu officio no coro, porque antes o faziaõ em hum lugar muy indecente, & escandaloso. Ensinavalhes as ceremonias da Missa. Em fim naquella Villa, & seu termo se vio notavel reforma. Quando se quiz voltar para Evora, todos o presenteavaõ; nada quiz o Padre aceytar, do que muyto se edificáraõ, por ser cousa pouco, ou nunca alli usada de outros Prègadores. Das escolas foy o Padre Francisco de Gouvea tirado para ser Reytor do mesmo Collegio, & Universidade de Evora; & porque alèm da muyta virtude tinha grande capacidade para os governos, foy duas vezes Preposito de S. Roque, duas eleyto a Roma, huma por Procurador da Congregaçaõ provincial, outra para a Congregaçaõ geral; foy hũa vez Provincial, & outra Vice-Provincial da Companhia nesta Provincia; todas estas occupações fez com grande satisfaçaõ, & honra da Companhia, & exemplo dos subditos, que governava.

6 Quando visitava a Provincia, elle era o que sempre ajudava à Missa a seu companheyro: & quando este fazia algũa visita em seu nome em os lugares, aonde naõ era conhecido, elle se

punha

punha à maõ esquerda, ordenando ao Padre o naõ tratasse como a seu Prelado, mas pelo modo, que o faria a qualquer Irmaõ, que lhe fosse dado por companheyro. Taõ amigo era de se humilhar, & de ser desconhecido. Sendo Provincial lhe succedeo em Evora entrar em huma enfermaria a visitar os doentes; disselhe hum, que as occupações do enfermeyro eraõ muytas, & que naõ tinha quem o ajudasse, por isso nos tempos ordenados se naõ varréra aquella enfermaria. Logo poremos a isso remedio, disse o Padre Provincial: fez vir vassoura, & varreo toda a enfermaria, que naõ era pequena; depois chamando ao Padre Ministro do Collegio, lhe estranhou haver falta no cuydado dos enfermos, mostrando com seu exemplo como a estas faltas aviaõ de acodir per si os mesmos Superiores, quando por outra via se naõ pudessem remediar. Por suas muytas virtudes, & letras o escolheo por seu Confessor, & da Marqueza sua mulher, o Marquez de Castel Rodrigo D. Christovaõ de Moura, quando veyo por Vice-Rey de Portugal. Nesta occupaçaõ se ouve o Padre com todo o desinteresse, & desapego, naõ se metendo em negocios, ou governos do estado, mas só tratando de dirigir as consciencias de que se tinha encarregado.

7 Algumas vezes, que usou do seu valimento, foy para cousas do serviço de Deos, & bem espiritual do proximo: como em huma occasiaõ, em que dous fidalgos se tinhaõ desafiado, & estavaõ preparados para no dia seguinte sahirem a satisfazer a sua furia, de que algum, ou ambos aviaõ de ser victimas: acodio a atalhar estas desgraças Dom Fernando Alvres de Castro, que depois foy Religioso da Ordem de S. Domingos. Foy-se este fidalgo de noyte só a cavallo à casa de S. Roque. Fez chamar ao Padre Francisco de Gouvea, descobriolhe o desafio, que estava ajustado, persuadio-o a que se puzesse no cavallo, que elle a pè o levaria pela redea, para irem fallar ao Vice-Rey, para se acodir àquelle infortunio. Era tal o negocio, & de tanta importancia, & tanta a autoridade de Dom Fernando, que facilmente veyo o Padre Preposito, em que ambos sós fossem ao Paço, como se fez, & o Padre Francisco de Gouvea fez com os criados, que despertassem ao Vice-Rey, & communicandolhe toda a causa de sua vinda em taes horas, deo logo ordem o Vice-Rey, a que ambos os desafiados fossem prezos; & por este meyo se occorreo às desgraças, que daquelle desafio se aviaõ de seguir; sem nunca se saber, quem obviára taõ funesto successo.

8 Naõ sómente o Vice-Rey fez delle grande estimaçaõ, mas

mas tambem o Tribunal do Santo Officio, & seu Inquisidor geral o Illustrissimo senhor D. Fernaõ Martins Mascarenhas Bispo do Algarve, que lhe deo lugar de Conselheyro na Mesa, & Tribunal supremo com todos os privilegios, & propinas, que tem os Conselheyros ordinarios daquelle Tribunal. Por todo o tempo, que na Companhia foy Superior, se mostrou sempre muy zeloso da observancia; nem avia respeytos alguns, ou dos de casa, ou dos de fóra, que fossem parte para que nesta materia se mostrasse menos severo. Aos de casa desenganava logo, quando assim era necessario; aos de fóra dava taõ prudentes escusas, & taõ cabaes, que naõ deyxava lugar a queyxas algumas: procurando por todas as vias impedir, que os seculares se metessem na mudança, ou estancia de algum de seus subditos, neste, ou naquelle lugar. Zelava muyto o prover-se a casa de S. Roque de bons obreyros, que acodissem cabalmente aos nossos ministerios. No provimento das prègações naõ era para elle razaõ, o dizer-se, que tal Religioso se consolaria mais em fazer esta, ou aquella; porque respondia, que mais importava a consolaçaõ de hum povo todo, que a consolaçaõ do Prègador com desprazimento de todo hum grande, & numeroso auditorio, qual costuma concorrer nas prègações de mayor expectaçaõ.

9 Se algum se mostrava descontente da sua occupaçaõ, respondia, que se naõ estavaõ a seu gosto, lhes averia licença, para se mudarem para outra casa, & lhes daria bom viatico para o caminho: com esta constante resoluçaõ se aquietavaõ, fazendo a occupaçaõ a que se naõ sentiaõ taõ propensos. No mais procurava sempre consolar a todos, & acudirlhes com o necessario. Com os subditos guardava grande primor, quando a elles se lhes mandava alguma cousa, como nominas, relicarios, & outras semelhantes a estas, nada tocava, por mais que o primor do subdito o apertasse, antes lhas mandava entregar, para que fizesse dellas, o que melhor lhe parecesse; só quando vinha alguma cousita, que naõ dizia tanto com o nosso decoro, lhe ordenava a naõ désse a Religioso algum da Companhia, mas só a pessoa de fóra com ordem do Superior. Sendo Preposito da casa de Saõ Roque sobreveyo peste no fim do anno de 1598 q durou atè Junho de 1599. & offerecendolhe o Padre Provincial Christovaõ de Gouvea, o sahir-se da Cidade, naõ quiz senaõ ficar com algũs Padres, & Irmãos, mãdando aos mais para lugares livres do contagio: & por todo este tempo se naõ faltou com Missas, Confissoens, & Communhoens a todos, os que acodiaõ à nossa

 Igreja,

Igreja, & ſe acodio às neceſſidades dos doentes, & dos pobres com toda a caridade.

10 Neſta peſte, que foy a terceyra, que naquelles annos ouve em Lisboa, pedio logo a Cidade com grande inſtancia ao Padre Franciſco de Gouvea, Prepoſito da caſa de S. Roque, quizeſſe nomear alguns Padres, que aceytaſſem a adminiſtraçaõ, & governo da Caſa da Saude, que faziaõ, para nella ſe curarem os feridos da peſte, allegando para eſta conceſſaõ a poſſe, em que eſtavaõ das peſtes antecedentes. Attendendo o Padre Prepoſito aos inconvenientes, q̃ avia na tal adminiſtraçaõ, ajudado de noticias das peſtes paſſadas, naõ aceytou o tal governo, dando boa ſatisfaçaõ à Cidade, & que naõ era niſto ſeu intento poupar-ſe a ſi, & aos ſeus ſubditos, dizendolhes, que daria os que foſſem neceſſarios para confeſſar aos feridos da Cidade, & tambem os que foſſem mandados à Caſa da Saude, deputandolhes hũ lugar no caminho, por onde aviaõ de paſſar, & que ahi eſtariaõ Padres para os confeſſar. Aquietáraõ-ſe os da Camera com eſta repoſta, dando-ſe por ſatisfeytos com os Padres andarem confeſſando pela Cidade os enfermos, que eſtavaõ pela mayor parte deſemparados, porque os mais dos Curas antepondo a ſua vida às obrigações do ſeu officio, ſe tinhaõ auſentado da Cidade; as vezes deſtes Mercenarios ſupriraõ os Padres de S. Roque, naõ ſómente indo pelas caſas, mas eſtando na noſſa Igreja manhãs, & tardes para ouvirem as confiſſoens. Pediraõ mais os da Camera, que jà que os Padres acodiaõ à gente da Cidade com o alimento eſpiritual, aviaõ de ſer ſervidos, correſſe por ſua conta acodiremlhe tambem com o do corpo, aonde viſſem era neceſſario, & que para iſſo dariaõ elles todo o dinheyro neceſſario. Aceytou o Padre Prepoſito eſte cuydado com condiçaõ, que elles aviaõ de eſcolher hum homem fiel, que lançaſſe em receyta, & deſpeza o dinheyro, que os Padres recebeſſem, & diſpendeſſem neſtas ſantas obras, para aſſim ſe attender ao bom nome da Companhia: aſſim ſe fez com toda a ſatisfaçaõ dos ſenhores do governo da Cidade, que com toda a liberalidade, & piedade, concorriaõ quando era neceſſario.

11 Mas para que alguem naõ eſtranhe rejeitar o Padre Frãciſco de Gouvea o governo da Caſa da Saude, & fique em lembrança a grande prudencia, que niſto moſtrou, para que offerecendo-ſe occaſiões deſtas ſe vejaõ os encargos, que comſigo trazem ſemelhantes adminiſtrações à Religiaõ que as toma ſobre ſi, direy os motivos que elle teve para naõ vir, no que ſe lhe pedia.

pedia Os Reverendos Padres de N. Senhora da Graça, que aceytàraõ o governo temporal da Casa da Saude, se arrependèraõ muyto de terem feyto tal cousa; porque falecendo no serviço do proximo hum seu Religioso, que tinha aquella administraçaõ, & a fazia com toda a inteyreza, lhe levantáraõ taès cousas, que se chegou a fallar em tirarem dellas devassa, quando o bom Religioso merecia todos os louvores, pois chegou a dar a vida no seu ministerio, & ministerio de tanta caridade. Os Reverendos Padres de S. Domingos aceytàraõ a administraçaõ das enfermas, & os de S. Francisco a dos homens; & huns, & outros pelo que viraõ, & experimentáraõ, se arrependèraõ, louvando aos da Companhia, porque se isentáraõ de tal cousa aceytarem, que só servia de que os seculares, que no fallar, & ajuizar saõ desembaraçados, desdourassem o bom nome, de quem por aquella obra tanto o merecia; & naõ ha obrigaçaõ de tomar semelhantes encargos com taõ molestos contrapezos.

12 Sem as obrigações que os outros tomáraõ sobre si, naõ fizeraõ menos o Padre Francisco de Gouvea, & os seus subditos. Soube elle como em alguns Conventos, em que os Religiosos estavaõ fechados sem cõmunicaçaõ dos de fóra, podia aver algũa falta; mandou Padres às suas portarias, saber, de que tinhaõ necessidade, para elle, & os mais Padres os soccorrerem, & servirem; porque para todos abrangia a liberalidade, com que os do governo concorriaõ. Naõ acodiaõ sómente os Padres aos pobres, que andavaõ pela Cidade, mas tambem aos que eraõ honrados, & estavaõ fechados em suas casas, a todos acodiaõ com o sustento necessario, em que tiveraõ trabalho excessivo; desde pela manhãa atè a tarde andavaõ a repartir estas esmolas, sempre alegres, porque o amor de Deos, & do bem do proximo lhes dava alentos entre lida taõ cançada. Avia na Cidade hũa Congregaçaõ de homens fidalgos, & nobres: o instituto do seu Presidente, q̃ sempre era das pessoas de mayor qualidade, vinha a ser visitar todas as somanas as matronas, & donzellas pobres, & darlhes esmolas para ajuda de sua sustentaçaõ. Com a peste se ausentáraõ os bemfeytores; & por naõ padecerem falta, tomáraõ à sua conta os Padres de S. Roque acodirlhes com esmolas, assim o fizeraõ por todos os oyto mezes, que durou o mal: o que depois lhe agradecèrão muyto aquelles senhores, que tinhaõ esta obra de caridade à sua conta. Nestes santos empregos déraõ a vida sete Religiosos nossos, subditos do Padre Francisco de Gouvea, com santa inveja de seu Prelado; cujos nomes dignos

 de

de eterna memoria, & de gloria immortal, não he bem deyxemos aqui em silencio. Foraõ estes, o Padre Lourenço Hortoge Flamengo, Padre Joaõ Olingo Irlandez, Irmaõ Christovaõ Pimenta, Irmaõ Manoel Lourenço, Irmaõ Belchior Dias, Irmaõ Diogo Dias, Irmaõ Sebastiaõ Gonçalves.

13 Para que se veja o grande amor, que com estas boas obras grangeáraõ os nossos Religiosos, referirey o voto de huma senhora principal; ausentando-se da Cidade por causa desta peste, fez voto a Deos de sustentar por hum anno tantos prezos da cadea, quantos Padres de S. Roque achasse vivos, quando acabada a peste voltasse para a Cidade; & como achasse a muytos, sabendo os Padres do seu voto lho quizeraõ commutar pelo menos em parte, attendendo ao muyto gasto, que demandava. Porèm a devota Senhora naõ quiz consentir em tal commutaçaõ, dizendo que naõ estimava ella taõ pouco ter achado aos seus Padres com vida; & assim o cumprio inteyramente com grande liberalidade. Naõ pomos aqui o seu nome pelo ignorar, mas lá estará escrito com letras immortaes no livro da vida. Mas tornando aos particulares do Padre Francisco de Gouvea, em seu tratamento foy muyto accommodado, & comedido: estranhava sendo Superior fazerselhe, o que se naõ faria a qualquer Irmaõ de casa. Por hum justo respeyto tendo já sido Provincial, aceytou ser Vice-Reytor do Collegio de Santo Antaõ, & recolhendo-se hum dia para o Collegio com huma indisposiçaõ naõ muyto grave, lhe acodiraõ logo com huma franga bem preparada para comer; disse entaõ o bom Padre, que só aceytaria aquelle prato, em caso, que a taes Irmãos velhos, que nomeou, & viviaõ no Collegio, se fizesse, em semelhantes indisposições à sua, outra tanta caridade, que elle à conta de ser Superior naõ queria ser mais bem tratado, que os mais inferiores de casa.

14 Confessando aos Marquezes de Castel Rodrigo, tomou a Marqueza em caso de honra, mandarlhe todos os dias da sua mesa huma iguaria com outras achegas para o jantar, & cea. Naõ admittio o Padre esta particularidade por mais instancias, que fez a Marqueza, desculpando-se, que a elle lhe sobejava muyto, do que para seu sustento se lhe dava em casa, & naõ convinha aver semelhantes exemplos. Tendo necessidade de huma capa, lhe mandou o Bispo de Ceuta Dom Jeronymo de Gouvea, seu Irmaõ, hum pedaço de pano preto, quanto bastava; feyta delle a capa, achando o Padre Preposito da casa, que o pano era muy

muy fino, ordenou que se lhe naõ désse, nem usasse della; recebeo a prohibiçaõ do Superior cõ muyta submissaõ, tendo-a por boa, & santa, & mais conducente à santa pobreza: & sabendo que dahi a algum tempo se mandára dar a mesma capa a outro menos antigo que elle, para que a tivesse no seu uso, passou por isso com naõ sey que dito galante, & discreto, que os tinha nas occasioens muy naturaes, & engraçados, sem offensa dos que os ouviaõ, nem desar da sua autoridade. Quando isto se lhe fez, tinha já o Padre Francisco de Gouvea sido Provincial desta Provincia. As propinas, que pelas tres Paschoas lhe dava o Tribunal do Santo Officio, applicava todas para os gastos da casa de Saõ Roque, que montavaõ trinta mil reis em dinheyro. Ouve assim dos Marquezes de Castel Rodrigo, como de seu irmaõ o Bispo de Ceuta, boas esmolas para a casa de S. Roque. Da segunda vez, que foy Preposito, deo principio à obra do refeytorio, & mais officinas novas daquella casa.

15 Sendo em tudo ajustada a vida do Padre Francisco de Gouvea, lhe quiz Deos acrecentar o merecimento com hũa prolongada doença, em que nos deo singularissimos exemplos de sofrimento. Em sete de Agosto de 1634. cahio entrevado na cama com grande falta de forças, vista, & ouvidos; & assim esteve atè dezasete de Novembro de 1638. Em todos estes annos foraõ notaveis os exemplos de virtudes, de que se via estar nellas muy habituado, especialmente na obediencia, devoçaõ, & paciencia. Mostrava grande respeyto aos Superiores, & quando queriaõ, que fizesse alguma cousa, em que sentia repugnancia, ou deyxasse alguma, a que tinha propensaõ para o bem de sua vida, o unico, & efficaz meyo era, dizeremlhe que assim o ordenava o Superior. Quando se lhe avia de dar alguma cousa para o seu uso, advertia sempre, viesse com licença do Superior. Tinha grande sentido nos dias de jejum, & nenhum se lhe passava sem jejuar, dizendo, que pelo menos lhe deyxassem fazer aquella penitencia, já que para as mais estava inutil. Nem desistia desta pia tezidaõ, senaõ quando o enganavaõ, com lhe encubrirem ser dia de jejum, ou o desenganavão, dizendo, era ordem do Superior, que naõ jejuasse; ainda assim recorria a elle, para que o desobrigasse daquella obediencia imposta. Na cousa em que naõ admittio dispensaçaõ algũa, foy no absterse de comer carne nos dias prohibidos pela Igreja; tendo causas taõ relevantes, como erão os achaques de hum homem por tantos annos entrevado em hũa cama; para confusaõ dos que nesta materia saõ tão pouco

difficultoſos. Já que não podia rezar pelo ſeu Breviario, a mayor parte do dia, & noyte ſe lhe paſſava em rezar Coroas, & mais Coroas de N. Senhora, applicando-as por diverſas tenções, & neceſſidades. Tinha eſpecial cuydado de perguntar pelas Coroas, & Roſarios, que no refeytorio ſe mandavão rezar pelos defuntos da Companhia. O meſmo tinha nos dias, em que os Irmãos ſe confeſſavão, & commungavão, para que ſe lhe naõ faltaſſe com eſtes Santos Sacramentos. No tempo da oração da Cõmunidade ſe applicava todo, recolhendo-ſe com Deos, tendo determinadas meditações para os dias da ſomana. O ſeu goſto era ouvir fallar de Deos, moſtrando neſtas praticas ſingular agrado, & devoção.

16 Na paciencia de que ſe lhe offereceo muyto exercicio em quatro annos, que eſteve entrevado, foy tão raro, que tudo, o que delle ſe diſſer neſta materia, he muy pouco a reſpeyto do q̃ obrou. Ainda que os Superiores vigiavão com grande cuydado, & caridade, para que nada lhe faltaſſe, não era humanamente poſſivel em tantos annos deyxar de experimentar algũas faltas; eſtas ſofria como ſe por elle não paſſaſſem, deſculpando ſempre aquelles, ſobre quem carregavão os deſcuydos, compadecendo-ſe do trabalho, que tinhaõ em o ſervir, agradecendo tudo quanto ſe lhe fazia com exceſſivas ſignificações de agradecimento. Conſolava-ſe muyto com ſe lhe dizer, que aquella cama era para elle o ſeu purgatorio neſta vida, em que Deos lhe queria commutar o da outra. Era muy cuydadoſo em ganhar as Indulgencias, & Jubileos, de que tinha noticia: & aſſim podemos piamente crer, que ſua alma purificada com tão penoſa, & dilatada enfermidade, da cama ſe paſſou para o Ceo. Morreo na caſa de S.Roque de Lisboa aos 17.de Novembro de 1638.tendo feytos noventa & oyto annos de idade, oytenta & quatro da Companhia. Ajuntamos neſte tratado a vida do Padre Franciſco de Gouvea, porque foy algum tempo ſubſtituto, como diſſemos, do Padre Fernão Peres.

CA-

CAPITVLO XXVI.

Vida do Padre Antonio Mascarenhas, de sua nobreza, entrada na Companhia, & do trato, que teve com Deos, & observancia nas regras.

1 GRandes saõ as obrigações que a Companhia tem à Illustrissima Familia dos Mascarenhas. Ella nos trouxe a este Reyno, ella nos abrigou em muytas occasiões. Deo-nos sugeytos, que muyto nos autorizáraõ; quatro delles irmãos inteyros, todos de excellentes virtudes. O Padre Pedro Mascarenhas, que morreo em Lisboa servindo aos feridos da peste. O Irmaõ Francisco Mascarenhas, que falleceo na casa de S. Roque, sugeyto de singulares virtudes, & esperanças. O Padre Nuno Mascarenhas, que acabou sendo Assistente em Roma; & o Padre Antonio Mascarenhas, de quem aqui hey de escrever. Tambem com razaõ podia dizer, que nos deo esta Familia ao Illustrissimo senhor D. Fernaõ Martins Mascarenhas, Bispo do Algarve, & Inquisidor geral, irmaõ dos ditos Padres, que no affecto foy nosso. Fundou-nos o Collegio de Faro, que teve principio no anno de 1598. Fez-nos outras muytas mercès, que seria largo referir. Por sua morte, que succedeo em vinte de Janeyro de 1638. ordenou ser enterrado na Igreja de S. Roque. Alli no cruzeyro se lhe deo sepultura; querendo ser nosso depois da morte, o que sempre o fora na vida. Lisboa primeiro de Setēbro de 1648.

2 Foy o Padre Antonio Mascarenhas o oytavo, & ultimo filho de D. Vasco Mascarenhas, senhor do Morgado de Estepa, Reposteyro mòr do Principe D. Joaõ, pay delRey D. Sebastiaõ. Sua mãy foy D. Maria de Mendonça, filha herdeyra de Antonio de Mendonça Furtado, senhor do Morgado de Estepa, irmão da Duqueza de Bragança D. Joanna de Mendonça, segunda mulher do Duque D. Jayme, de quem naceo D. Constantino de Bragança Camareyro mòr delRey D. Joaõ o Terceyro, Vice-Rey de grande nome na India; D. Fulgencio Prior de Guimaraens, & D. Theotonio Arcebispo de Evora Dizer todos os mais parentescos, seria revolver toda a fidalguia de Portugal. Naceo o Padre Antonio Mascarenhas em Montemòr o novo no Arcebispado de Evora, & alli se creou. Estudava na Universidade de Evora, & era estudante na setima classe, quando Deos o chamou para si. Entrou no mez antes de o receberem, seu irmaõ

Nuno Mascarenhas da oytava classe; & Antonio Mascarenhas que se via mais adiantado nas classes, sentio levarlhe seu irmaõ ventagem nesta boa dita. Naõ sahia da portaria do Collegio, desejoso de se ver já Noviço. Chegados os 2 de Fevereyro de 1578. se foy ao Collegio com resoluçaõ de naõ tornar a sua casa. Foraõ taes as instancias, que os Padres, supposta a pertençaõ antecedente, lhe ouveraõ de fazer a vontade. Por tanto naquelle dia consagrado à Purificaçaõ da Senhora, começou a ser da Companhia do Filho.

3 Os seus procedimentos sempre foraõ de homem santo, & aquella pureza de costumes, com que se creou em o Novciado, conservou por toda a vida. Irey dizendo, o que acho escirito de suas virtudes. Foy muyto dado à oraçaõ, & sempre pontualissimo nos seus exercicios espirituaes, ainda que sempre viveo em occupações de governo, & lida, depois que acabou os seus estudos. Foy Mestre dos Noviços em Evora, Coimbra, & o primeyro de Lisboa em Campo Lide, duas vezes Reytor do Collegio de Coimbra, duas Preposito da casa de S. Roque; tres vezes Provincial eleyto por Roma, quatro vezes Vice-Provincial nomeado por quatro Provinciaes estando para morrer. Foy Assistente em Roma, eleyto pela sexta Congregaçaõ geral, & depois Visitador da Provincia de Portugal. Nestes governos, que demandavaõ grande, & continuada lida de negocios, largas jornadas, & occasioens de se descuydar de si, foy sempre de admiraçaõ a todos, os que o tratavaõ, a pontualidade na observancia, a devoçaõ, & recolhimento, que tinha. Desorte que os que melhor o conheciaõ, affirmavaõ que sua vida se avia de compor pelas regras da Companhia, & seu trato pelas da modestia.

4 Oraçaõ, & exames tinha sempre de joelhos, ainda que era muy fraco; & nesta postura o achavaõ sempre no tempo dos taes exercicios. No tempo da liçaõ espiritual a ninguem dava audiencia, todo o quarto gastava em a ler, ou ouvir ler. Observou-se, que indo visitar ao Inquisidor geral seu irmaõ, sempre tinha o companheyro à vista, & comsigo. Todas as Quartas Feyras, & Sabbados hũa sua parenta lhe costumava mandar hũa gallinha, & duas perdizes; nunca consentio, que aquillo se lhe désse, mas que se repartisse na Communidade, atè onde chegasse. Sendo Provincial, & visitando o Collegio de Coimbra, deyxou o Irmaõ de lhe levar lume pela manhãa, pelo naõ espertar, logo o avisou, que naõ faltasse em o espertar, como aos mais. Na mesma

ma occasiaõ lhe levou o Sotoministro huma cadeyra com hum coxim, para usar della no cubiculo; mandoulhe, que logo a levasse, dando por razaõ, que era desedificaçaõ usar de tal cadeyra. Nas conferencias, que de suas virtudes se fizeraõ no Collegio de Evora, disse o Padre Francisco Cabral, homem de muyta virtude, letras, & autoridade, que o Padre Antonio Mascarenhas fora homem univoco; & declarando este seu dito, veyo a dizer, que tinha o seu tempo taõ repartido, que quem queria saber, onde elle estava, naõ tinha de saber mais senão que horas eraõ; porque se era no veraõ, às seis horas da manhãa estava dizendo Missa, a taes horas rezava as menores, ás cinco da tarde estava fazendo suas visitas encostado nos degraos do Altar mòr, & assim nos outros exercicios.

5 No celebrar a Missa foy taõ pontual, que nas muytas jornadas, que teve, & atè nas de Roma, todos os dias dizia a sua Missa. Tendo hum braço tomado do frio lhe mandáraõ fazer banho de bagasso de uva em Campo Lide: advertio o companheyro, que levára dous relogios de area, hum de quarto para medir o tempo dos exames, outro de hora, para regular o da oraçaõ, & que nunca fizera o medicamento, sem ter primeyro tido a sua hora de oraçaõ. Se tinha entre mãos expediçaõ de correyos, ou quaesquer outros negocios, & a campa dava sinal a exame, largava tudo, & feyto o exame, continuava. Se no tal tempo se achava com algũa visita de secular, logo o despedia, se a caso a pessoa naõ era tal, que dahi se pudesse seguir nota, como se era algum Bispo, ou Arcebispo, & semelhantes pessoas; nas quaes occasioens a observancia prudente naõ costuma ordenar o contrario. Se ouvindo liçaõ espiritual, o lente hia depressa, o mandava ler devagar; & se dizia alguma cousa, que elle naõ percebia, o mandava repetir; o mesmo fazia, se acertava a tocir, & por esta causa naõ entendia alguma palavra. Aos livros espirituaes era muyto affeyçoado, & como o Padre Antonio Mascarenhas era muy conhecido, & nomeado em toda a Companhia, os Padres estrangeyros, que o conheciaõ, & sabiaõ a sua propensaõ, os mimos que de ordinario lhe mandavaõ, eraõ algũ livro espiritual, que de novo tinha sahido a luz nas suas Provincias. E nesta Provincia se lhe dedicáraõ alguns.

6 Era ajustadissimo em rezar a seus tempos o Officio Divino, se alguem sobrevinha nos taes tempos com negocio, avia de esperar, que acabasse elle de rezar. Com as ceremonias, & rubricas era taõ confórme, que sempre as andava perguntando; por

por naõ diſcrepar. Quando o Papa Urbano mandou os hymnos novos, como eſtes chegaſſem em hum livrinho, antes de virem os Breviarios, pedio a ſeu companheyro, (era elle entaõ Meſtre dos Noviços,) que lhe foſſe emendando todos os hymnos por aquelles, que de novo ſahiaõ, & aſſim lhos emendou em todo o Breviario; o que fez o bom Padre, por ſe ajuſtar logo, que podia, com a vontade da Igreja. Ao Santiſſimo, de quem foy muy devoto, todos os dias o viſitava na Igreja por eſpaço de meya hora. A meſma devoçaõ aconſelhava aos ſubditos. Em obſequio do meſmo Senhor tinha feyto huma viſita, que nos dias de Communhaõ naõ ouveſſe ir à quinta. Foyſe-lhe pedir, que diſpenſaſſe em certo dia, por naõ aver outro. Reſpondeo, que na ſomana ſeguinte daria antes dous dias de quinta, que diſpenſar na ſua viſita: & acreſcentou com muyta graça: Feſtejemos hoje em caſa o paõ do Ceo, naõ faltaõ dias para o da terra. A meſma viſita, que fazia ao Santiſſimo, tinha com a Senhora. Eſtando hum Noviço dandolhe conta, ſendo elle Provincial, lhe diſſe, déra o tempo para a viſita da Senhora; a iſto reſpondeo: Ide dar conta à Senhora, & logo continuaremos. Querendo que ſe acodiſſe com pontualidade aos obſequios de tão Santa Mãy. Sempre à noyte, quando ſe avia de recolher, lhe hia tomar a bençaõ à ſua Capella. A ſua Coroa lhe rezava de joelhos.

CAPITVLO XXVII.

Apontaõ-ſe outras virtudes do Padre Antonio Maſcarenhas, & prudencia nos governos.

1 TOdas as virtudes, que ſe podem deſejar em hum perfeyto Religioſo da Companhia, ſe veneravaõ neſte bom Padre. A ſua modeſtia fazia reſpeyto, a quem nelle punha os olhos. A primeyra vez, que o nomeáraõ Provincial, diſſe hum Padre grave, que ſó pela modeſtia, que tinha, merecia ſer Provincial. Nunca o viraõ com as mãos cahidas abayxo do ourelo. Os olhos quebrados, & todo elle eſpirava ſantidade. Por nenhum caſo diria palavra, que reſultaſſe em ſeu louvor, nẽ fallava da ſua nobreza. As ſuas palavras, & fallar tinhaõ grande pezo, modeſtia, & prudencia. Foy homem de muyta caridade para com todos. Nunca negou eſmola, que ſe lhe pediſſe; a ſua repoſta era: Se o ha em caſa, dé-ſe. Algumas vezes ſe pediaõ méſinhas de muyto valor, & de que avia muy pouco, logo man-

dava

dava fazer a esmola, dizendo: Deos proverà; & assim succedia, chegar o provimento tal vez quando menos se esperava. Quando algum o tinha agravado, dizia ao companheyro, que tivesse cuydado, em que a reposta fosse branda, & que naõ parecesse aver lembrança do passado. Sendo já velho, se algũ se valia delle, ou pequeno, ou grande, hia logo fallar aos Superiores, para que aquelle Religioso ficasse consolado. Nunca se ouvio murmurar. Se alguma vez em sua presença se metia alguma murmuraçaõ, como tinha muyta autoridade, a divertia dizendo: Passemos a outra cousa. Naõ dizia palavras de encarecimento: o seu sim era sim, o seu naõ era naõ.

2 Ninguem já mais o vio agastado, nem alterado com algũa outra payxaõ, sempre parecia mar bonança, guardando em todas as acções, & palavras huma admiravel uniformidade. Nas licenças para si era miudo. Tendo sido muytas vezes Provincial, entrou huma vez no cubiculo do Padre Provincial, a pedir certas licenças; depois de lhas dar, & se ir, disse o Padre Provincial para o companheyro: Padre, que lhe parece a V. Reverencia este Noviço? Querendo nisto significar, que naquelles annos, & autoridade nas miudezas da observancia era como hum perfeyto Noviço. Disse em certa occasiaõ ao Padre Manoel Mascarenhas seu parente, que nunca ainda sendo moço comèra fóra de casa da Companhia, nem aceytára cousa de comer de parente algum para o seu aposento. Assistindo à morte do Inquisidor geral seu Irmaõ, que durou por alguns dias, nunca lá quiz comer bocado, nem a rogo do mesmo enfermo. Hia pela manhãa, vinha jantar a S. Roque, voltava, assistia atè a noyte se recolher a casa. De si era descuydado, nada requeria para os seus commodos, donde era preciso aver disso cuydado, de outra sorte se naõ remediava. Dos outros he que tinha vigilancia, em especial dos enfermos, a quem naõ queria se faltasse com cousa alguma.

3 Todos os dias tomava disciplina atè nos ultimos annos. E nos mesmos se levantava sempre de manhãa com a Cõmunidade. Hia muytas vezes lavar a louça à cozinha. Sahia ao refeytorio tomar disciplina nas costas pelas festas, conforme entre nòs he estylo. Este santo uso observou atè os ultimos annos. Sendo Provincial a ultima vez, estava determinado a tomar disciplina nas costas no refeytorio vespora do Nascimento da Senhora. Temendo o Padre seu companheyro, que lhe fizesse mal, se foy ter com elle, & lhe disse, que sua Reverencia tinha já tomado

assás disciplinas, visse, que era de oytenta & tres annos, & que aquella penitencia lhe avia de fazer mal. A isto respondeo sorrindo-se: Do mal, que me ha de fazer, eu me livrarey; & o bem, que perderey, naõ o ha V. Reverencia de restaurar. E assim a foy tomar, sem fazer caso do incõmodo, que dahi lhe poderia nacer. Todos os dias punha dous cilicios, os quaes tirava depois da Missa. No comer era muy parco, & por vezes comia paõ dos moços, para mais se mortificar. Nunca viraõ, que se cossasse; sendo assim que alguma vez se advertio no vestido interior, que mudava, tanta multidaõ de animalejos, que fazia admiraçaõ poder aquietar metido em tal tormento. Nos dias de festa, em que se dava antipasto, o naõ comia. Sendo taõ nobre era por extremo humilde. Em tudo se aconselhava, & tudo perguntava, ouvindo o parecer alheyo, como se fosse sempre melhor que o seu. A todos tratava, como se lhe fossem iguaes. Aos que tinhaõ para com elle algum modo de superioridade, mostrava grande sugeyçaõ, & respeyto. Isto guardou sempre depois de tantas vezes ter os principaes governos, & parecia, que nenhum governo tinha passado por elle.

4 No ultimo Provincialado achando-se em Coimbra no tempo das ferias, hia à cozinha, tomava seu avental, & fazia como hum Noviço, quanto lhe mandava o Cozinheyro. Neste tempo achando-o hum Padre escolhendo legumes, & outras vezes arroz para a Communidade, disse ao Irmaõ Cozinheyro, que désse ao Padre Provincial outra cousa, em que naõ cansasse a vista, por ser falto della. Advertindo nisto, chamou ao Padre, & lhe disse reprehendendo-o, que melhor era fazer, o que ordenava o Cozinheyro. Hum homem, que se fazia seu parente, lhe mandou hũ seu filho muy desprezivel ao visitar, sendo elle Reytor do Collegio de Coimbra. O Padre o levou por todo o Collegio, fazendolhe grandes honras, como quem se prezava muyto do tal parente. E isto entendiaõ todos o fazia com animo sincero. No dia em que seu irmão sahio por Reytor da Universidade de Coimbra, foy elle comer à portaria com os pobres, levando sua tigela debayxo do braço.

5 Sendo Provincial o convidou o Duque D. Theodosio pay delRey D. Joaõ o IV para que jantasse com elle à sua mesa. Escusou-se o humilde Padre, por ser honra naquelle Principe excessiva, & ver que a naõ avia de fazer a seus successores no officio. Das honras era inimigo. A primeyra vez, que o fizeraõ Provincial, quando o foraõ abraçar, & dar o parabem, o viraõ todos

todos chorar muytas lagrimas. Foy muy zelador da autoridade da Companhia, a qual defendeo em encontros muy trabalhosos, & com inimigos de grande poder. Do bem das almas era muy cuidadoso. Nos dias de confissoens era continuo no confessionario, naõ obstante ter tantas occupaçoens: succedialhe de puro cansasso, naõ poder retirarse do confessionario senaõ encostado. Sentindo muyto a morte do Inquisidor Geral seu Irmaõ, enterrando-se na vespora de hum dia de Jubileo, logo no dia seguinte se foy assentar no confessionario, & nelle gastou a manhã, como se tal magoa naõ fosse sua. Dos agonizantes era singularmente lembrado. Aos Prègadores encomendava applicassem por elles huma das Ave Marias. Procurou se fizesse, como fez, huma oraçaõ muy devota, para os encomendar a Deos, & se imprimio, por se divulgar mais facilmente.

6 Tinha grande cuidado das prègaçoens, confissoens, & Irmandades. Para o fim de se acodir ao bem das almas, nunca negou licença, que se lhe pedisse. Do Culto Divino foy muy zeloso, & aborrecendo cheiros, só os queria para os templos. Adiantou muyto a nova Igreja do Collegio de Coimbra, em tempos alcançados, & gastando nella muytos mil cruzados, nunca à Communidade faltou em cousa alguma. Para o governo, em que a Companhia tanto se servio delle, teve partes em tudo cabaes, acompanhadas de excellentes virtudes. Todos se admiravam delle no seu votar. Viase, que só tratava de acertar. Tinha dom de claridade, & brevidade Em duas palavras dizia a cousa de modo, que todos se inteiravam della. Naõ obstante ter elle creado a todos, os que assistiaõ na Consulta, assistia cõ tanto encolhimento, como se fora hum noviço, mostrando grande sugeiçaõ. Se contra elle se votava o contrario, já mais punha replicas, nem mostrava ser melhor a sua razaõ. Quando muyto pedia licença com muyta humildade, para dizer huma palavra, & a dizia simplezmente. Ordenando se alguma cousa contra o seu voto, naõ fallava mais nisso.

7 A mansidaõ era notavel, sendo assim que teve muytas occasioens de se exasperar, já mais sahio daquella sua paz, & sossego, tratando aos subditos sempre com cortezia, ainda quando se punhaõ mais fòra de razaõ. Pediolhe licença hum Padre para ir fóra, deulha, mas naõ o companheiro, que queria, mandoulhe outro; naõ o aceytou. Mandoulhe segundo, tão pouco o quiz. Entam lhe mandou o mesmo, que queria antes. Respondeo, que jà o naõ queria. O Reytor o mãdou chamar, & lhe disse: Padre

errei,em lhe naõ dar logo o companheiro,que me apontou,perdoe-me o erro,& vá. Ficou o Padre muy confuſo com tal exemplo de bondade, & lhe pezou de lhe ter dado moleſtia. Hum ſubdito por cauſa de huma penitencia, que lhe dava, foy ao ſeu cubiculo,& em ſua preſença deſabafou com palavras menos comedidas. O Padre depois de o ouvir lhe diſſe: Agora eu lhe perdoo,aſſim o que me diſſe,como o caſtigo da falta, com condiçaõ,que a ninguem diga o ſuccedido.

8 Sendo Viſitador, & Provincial,quando pedia conta, a todos mandava aſſentar,& cobrir. A hum Irmaõ,que fez inſtancia por lhe dar conta de joelhos, lhe diſſe:Em fim ambos eſtaremos aſſim. Aqui ſe rendeo o Irmaõ, por elle naõ paſſar adiante. Queyxandoſelhe hum ſubdito, que certo Superior immediato lhe dava moleſtia, para o conſolar lhe diſſe:O meſmo me fazia hum Reytor,que tive,ſendo artiſta, mas eu farei emendar agora,o que eu entaõ para mim deſejava: & aſſim o fez,conciliando entre ſi a ambos de dous. A qualquer hora,que lhe bateſſem á porta,mandava entrar. Diſſe ao Irmaõ ſeu companheiro hum dia,que a todos os que lhe vieſſem á porta, acabada a liçaõ eſpiritual, aviſaſſe, que ſe foſſem, porque elle ſe recolhia por razaõ de certo achaque. Veyo hum Religioſo, a quem era preciſo fallarlhe, bateo, & logo o mandou abrir. Achou-o de joelhos em oraçaõ no meyo do cubiculo com a candea quaſi apagada; & diſſe: Perdoe Deos,a quem quer que he,pois me inquietou em huma devoçaõ,que fazia;& lhe encomendou, naõ diſſeſſe, o como o achàra.

9 Era flexivel,& facilmente cedia do ſeu parecer. O ſeu modo foy cheyo de affabilidade, com que a todos cativava os coraçóes. Goſtava de meter nas praticas queſtoens de Moral, & Philoſophia conforme as peſſoas, para evitar outras praticas. Favorecia muyto as letras, dando premios,& livros,aos que via mais applicados,dizendo,que ſua obrigaçaõ era tratar de adiantar a virtude,& as letras. Quando algum ſubdito ainda de poucos annos(que eſtes ſaõ às vezes os mais confiados,porque conſideram menos) ſe hia ter com elle enfadado por razão de algũa penitencia,que lhe dava, lhe coſtumava dizer: Agora meu Padre,ou Irmaõ eſtá apayxonado,vá-ſe com Deos,acabado eſſe fervor,entam voltará. Voltando,os recebia com muyto agrado, & de ordinario arrependidos do ſeu deſvario. E quando naõ era bem tirarlhe a penitencia,lha moderava.

10 A hum falto de ſaude,que lhe pedia licença para ter hũs Exer-

Exercicios de Santo Ignacio, lha negou, dizendo com hum sorrizo, & boa graça, que naõ tinha saude, que outros avia em casa, que a tinhaõ, & que naõ pediaõ a tal licença. Ensinãdo com este dito a alguns dos presentes, que se deraõ por entendidos. Deu huma licença a outro, & retirando-se, disse a hum Padre, que com elle estava: Caheme em graça cuidar este Religioso, que o nam entendi. Elle com a licença, que leva, pertende tal cousa. Perguntarmehão, porque lha dei: bem pezadas as cousas, assim convem; & para que hei de descobrir fraquezas alheas, podendoas remediar? Deste modo dando nas occasiões suas quebras às cousas, as punha em seu lugar. Dizia, que o fazer justiça tinha sempre menos incõvenientes. Que os Reytores naõ havião de passar de tres annos, & tanto que passavam, eraõ como os Prègadores, que passavaõ de hora. Que na provincia naõ tivera grandes inimigos, porque naõ trouxera às costas amigos. Quando lhe louvavaõ os Reytores, que começavaõ, dizia: Esperemos pelos seis mezes, que então se conhecem os Reytores.

11 Indolhe hũ fazer queixa de se lhe ordenar certa cousa, em q̃ tinha razaõ de aggravo, q̃ o Padre, quãdo mãdou, naõ advertira, lhe disse: Padre Antonio Mascarenhas, q̃ razaõ ouve para Vossa Reverencia me dar este sentimento, & me fazer esta cousa? A isto respondeo: Padre, tem Vossa Reverencia dito? Digo Padre, que errei, que mais quer Vossa Reverencia que diga? Com esta bondade naõ avia subdito, que naõ desse as mãos, pois se via, que naõ errava por querer. Era homem de grandissimo segredo, por isso de ordinario respondia aos subditos por sua mão. Em huma consulta estando elle presente o culpou certo Padre por razaõ de huns contratos, tudo ouvio com os olhos no cham, sem dizer palavra, nem acodir por si. O mesmo lhe succedeo com outro, que o culpava, por cuidar, que era obrigado a reprehender a hum fidalgo seu parente, que dissera humas palavras contra a Companhia. De semelhantes occasiões teve varias, em que sempre se ouve, como se estas cousas se naõ encaminhassem à sua pessoa.

12 Disseraõ lhe, que hum subdito estava tentado na vocaçaõ por certa penitencia, que lhe dera justissimamente; ouvindo isto se fez branco como hum papel, temendo naõ ouvesse alli alguma culpa sua. Dos subditos fazia muyta confiança. Soube seu companheiro, sendo elle Provincial, de humas cartas, que avião de vir pelo correyo, naõ segundo o que era bem, aconselhárão-lhe, que as mandasse tomar. Respondeo, que nunca Deos qui-

quizesse,que elle desse a entender, que seus subditos falsificavão cartas, & escreviaõ, o que naõ cõvinha. Querendo Deos mostrar,que pagava esta confiança,& attẽtava ao governo,succedeo por erro,que o homem, que trazia as cartas para o subdito, as meteo na mão ao Reytor,& assim as ouve sem da sua parte fazer alguma diligencia, mais que estender a mão para as receber. Delle se costumava dizer,que ninguem fora Superior com menos queixas que elle, nem subdito com mais exemplo. Nestes seus governos sempre teve grande respeyto às ordens que lhe vinhaõ de nosso Reverendo Padre Geral. Quando se lhe escrevia alguma cousa de algum Superior,que via ser necessaria penitencia,para acodir a alguma satisfaçaõ,lhe escrevia dizendo,que se sua Reverencia tinha cahido naquelle descuido,lá taxasse, & fizesse a penitencia. Tinha singular dom de aquietar os animos alterados com alguma payxaõ. Hum Religioso confessou de si, que depois de fallar com elle, sempre viera livre destas desenquietações do animo. Quando julgava naõ ser conveniente sahirem a publico algumas faltas,por se exasperarem os subditos, naõ as metia nas reprehensoens, que se lem pela Renovaçaõ dos votos no refeytorio, mas no seu cubiculo as advertia, & remediava com suavidade.

13 Sendo Provincial tinha especial cuidado,que os que hião para as Ilhas,fossem bem accõmodados,& providos do necessario; que pois faziaõ viagens mais molestas, & perigosas, razam era,ouvesse com elles toda a caridade. Certo Religioso foy mandado pelo Padre Antonio Mascarenhas para hum Collegio, onde estava com pouco gosto seu. Sahio por Provincial o Padre Antonio de Sousa, ao qual o dito Religioso escreveo grandes queyxas do Padre Antonio Mascarenhas,dizendo, que só tinha cuidado dos seus sobrinhos, & dos homens fidalgos da Cõpanhia. Succedeo neste meyo tempo morrer o Provincial, & deyxar em seu lugar ao Padre Mascarenhas, a cuja mão veyo a carta para respõder: defferio à licença, que pedia, sem no mais fallar huma sò palavra, nem dar outra significaçaõ de sentimento.

CAPI-

CAPITVLO XXVIII.

Opiniam, que ouve de suas virtudes, cousas notaveis, que lhe succedèraõ, & de sua santa morte.

1 DE sua virtude ouve em todos a devida opiniaõ. Seu Irmaõ o Inquisidor geral dizia, que estimava mais a carta, em que o Padre Antonio Mascarenhas punha hũa interlinha, que a de muytos, & isto sò pela estimaçaõ, que tinha de sua virtude. ElRey Dom Joaõ o Quarto, tanto que em alguma cousa lhe fallavaõ no Padre Antonio Mascarenhas, logo se calava, em significaçaõ do muyto conceyto, que delle tinha. O Padre Doutor Francisco Soares Lusitano dizia, que no cubiculo do Padre Reytor do Collegio de Coimbra se avia de pòr hum retrato do Padre Antonio Mascarenhas, assim como no cubiculo do Padre Ministro do mesmo Collegio se puzera hum do Padre Jorge Rijo. Hum Conego de Coimbra, meyo anno antes de morrer o Padre, lhe escreveo huma carta, só para ter na reposta huma reliquia sua. O Padre Sebastiaõ de Moraes Bispo do Japaõ, como hum Padre lhe significasse o seu sentimento pela falta, que sua ausencia faria nesta provincia, respondeo: Pois eu me parto muy consolado, porque deyxo nesta provincia duas colunas della, que saõ o Padre Antonio de Moraes o cego, & o Padre Antonio Mascarenhas. O Arcebispo de Lisboa Dom Rodrigo da Cunha fallando com o Padre Antonio de Sousa, que depois foy Provincial, disse, que naõ avia barrete, como o Padre Antonio Mascarenhas; & que desta verdade eraõ testimunhas, Roma, & Madrid.

2 Muytos Padres nossos depois de sua morte trazião por reliquias as firmas das suas cartas. Hum dos mayores testimunhos que delle ouve, foy, o ser quatro vezes nomeado por Vice-Provincial em hora, q̃ estes Provinciaes estavaõ para morrer; & achavam, que sò desobrigavaõ sua cõsciencia deyxando o governo nas mãos de tal homem. Foraõ estes o Padre Antonio de Abreu, o Padre Luis Lobo, o Padre Antonio de Sousa, & o Padre Simaõ Alvres, ainda que este ultimo depois de o ter nomeado, escapou por entam da morte. Todos estes Padres foraõ nesta Provincia homens de grande ser, & virtude. Na Congregaçaõ em que foy eleyto Geral da Companhia o Padre Muscio Vitelleschi, levou o Padre Antonio Mascarenhas no primeyro escrũtinio cinco, ou seis votos para Geral. Nos seguintes

ſes que foraõ atè quatro,indo os votos carregãdo no Padre Mucio,ſempre hũ deo no Padre Maſcarenhas. Feyta a eleyçaõ,foy hum dos Vogaes fallar com o Padre Mucio,& lhe diſſe por modo de liſonja: Paſſa Voſſa Paternidade pela teima daquelle Portuguez, que ſempre eſteve ateimando em votar por Antonio Maſcarenhas, vendo que os votos hiam a Voſſa Paternidade,& a outros? A iſto reſpondeo o Padre Geral: Naõ foy Portuguez eſſe,que aſſim votou,eu fuy,o que ſempre nelle votey,& o fiz,por ſempre julgar,que elle era o mais digno para iſſo.

3 Iſto contou o meſmo Padre Geral ao Padre Manoel Maſcarenhas,quando foy a Roma. Ao meſmo Padre perguntou o meſmo Padre Mucio depois das boas vindas,que novas lhe dava daquelle Santo, Santo, Santo. Naõ entendendo o Padre Manoel Maſcarenhas de quem fallava, lhe tornou o Padre Geral a dizer: Que novas me dà daquelle Santo o Padre Antonio Maſcarenhas? E acrecentou: Chamolhe Santo, porque fuy muytos annos,em que fomos Aſſiſtentes, ſeu companheiro, em que o tratei familiarmente,& ſempre o tive por Santo; & o Padre Claudio de boa memoria lhe chamava ſempre o ſeu Aſſiſtẽte ſanto,ſendo aſſim que em trinta,& tantos annos, que governou,teve por Aſſiſtentes muytos homens inſignes, porém a nenhum deu o nome de Aſſiſtente ſanto, excepto ao Padre Maſcarenhas. Neſta meſma occaſiaõ diſſe o Padre Mucio, que ouvera hum Religioſo, q̃ reparára, em elle fazer tantas vezes Superior ao Padre Antonio Maſcarenhas: ao que elle reſpondéra, que quando entràra a ſer Geral, o achára jà feyto Provincial pelo Padre Claudio, & Aſſiſtente pela Congregaçaõ geral, & que tudo o que elle tinha feyto,era inferior a iſto; quanto mais, que muyto era fazello Superior de huma Provincia,quando elle o julgava pelo mais digno para Geral de toda a Companhia: & acrecentou,que bem ſe vira o ſeu acerto, pois na meſma Provincia fora eleyto por quatro Provinciaes à hora da morte. O Padre Jeronymo Vogado indo viſitar a Provincia, o deixou nomeado em carta fechada na mão de hum Padre em caſo,que morreſſe na viſita. Diſſe mais o Padre Mucio, que a ultima vez,que o obrigàra a ſer Provincial, ſervindo elle por nomeaçaõ do Padre Antonio de Souſa,que bem via, naõ eſtava o Padre para correr a Provincia,mas que o obrigára, porq̃ entendia, que com eſtar o Padre no ſeu cubiculo, podia governar a Provincia ſem falta,& aſſim lhe mandàra foſſe ſó a Evora, & a Coimbra, & com preceyto lhe mandàra, fizeſſe o caminho em liteyra.

4 Eſcu-

4 Escusou-se o Padre dizendo, que naõ convinha governar Provincia, que naõ podia correr, & menos convinha ir em liteyra, como o obrigavaõ. E acrecentava na carta, que sua Paternidade faria bem em convocar congregaçaõ para novo Geral, pois jà naõ podia governar per si. Tinha elle ja Vigario Geral, & o desejo de todos era, ouvesse Congregaçaõ, mas ninguem se atrevia nisto fallar ao P. Geral. Foy porèm escuso pelo P. Vigario Geral o P. Mascarenhas, & todos louvàraõ o santo desengano, cõ que fallava ao P. Mucio, a quẽ a carta se naõ leo, por estar já muyto no fim. Nesta occasiaõ se resolveo em consulta do Vigario Geral, & Assistentes, mandarem em branco assinada huma folha de papel ao Padre Mascarenhas, para que fosse Provincial, quem elle nomeasse. Ao depois se tomou outro conselho, por naõ poder o Vigario Geral innovar, nem mudar as cousas; & isto nunca o Padre Geral o fizera. Porèm na carta lhe dizia, que enviava a patente, mas que se a sua Reverencia parecesse, naõ fosse Provincial o nomeado, puzesse Vice-Provincial, & avisasse a Roma.

5 Quando faleceo em Roma o Padre Nuno Mascarenhas Assistente, o Padre Geral lhe escreveo, dizendo que pelo naõ molestar, o naõ chamava para ser outra vez Assistente; porèm sendo particular, a elle remetia a patente, em que era chamado para Assistente o Padre Joaõ de Matôs. Em huma palavra, o Padre Mucio nada fazia de consideraçaõ nesta Provincia senaõ ouvido por carta o parecer do Padre Antonio Mascarenhas, movido da grande opiniaõ, que tinha de sua prudencia, & virtude. O Padre Luis da Palma, que foy duas vezes Provincial da Provincia de Toledo, bem conhecido por seus livros, & virtudes; na setima Congregaçaõ Geral, em que o Padre Mascarenhas acabava de ser Assistente, vio nelle tal modo, & virtude, que lhe pedio, o quizesse trazer por companheyro na jornada atè Hespanha. Disse o Padre Palma, que elle o aceitàra com grande caridade; & que vindo com elle atè Madrid, que nunca vira Religioso tão composto, & modesto, nem taõ pontual nos exercicios espirituaes: que todos os dias dizia Missa, rezava as Ladainhas, lia lição espiritual, fazia exames, & mais exercicios espirituaes. Dizia mais, que viera com elle pelo caminho como se fora Noviço, & muyto Noviço; & acrecentava o Padre Palma, que quando se queria compòr, se lembrava do Padre Antonio Mascarenhas; & cõcluhia com dizer, que o retrato do Padre Antonio Mascarenhas se devia fazer pelas regras da modestia, & sua vida compòr pelas regras da Companhia.

6 O

6 O Veneravel Padre Jorge Rijo no memorial das orações, que fazia, como refiro na sua vida, entre as pessoas que nomeadamente encomendava a Deos, era o Padre Antonio Mascarenhas, por ser sua vida, & exemplo muy necessario a esta Provincia. Declarou Deos a santidade deste Padre com algumas cousas notaveis. Contou certo Padre professo, que se vira apertadissimo com huma tentaçaõ de luxuria, a qual o naõ deyxava nem cõ jejuns, disciplinas, cilicios, Missas, & orações; que de todos estes remedios usou. Vendo-se huma vez quasi perdido, tomou com grande fè huma carta, que tinha do Padre Antonio Mascarenhas, & a applicou a si, & no mesmo instante cessou a tentaçaõ, & ficou como se nunca tivera tão importuna molestia.

7 Foy muy nomeado o caso, que lhe succedeo sendo Reytor dos Noviços na casa de Campolide. Bebia a Communidade do poço, que està no fundo da quinta; secouse este poço em hum veraõ de grande seca. Indo là o Irmaõ Francisco Alvres, que servia de Soto-ministro, & hum Irmaõ noviço, achàraõ estar o poço seco. Voltàraõ a cara para perguntar ao Padre Reytor, onde aviaõ de ir buscar agua. Antes que fallassem nada, lhes disse o Padre Reytor: Vem-me dizer, que o poço està seco? E como respondessem, que sim: Pois tornem outra vez ao poço, disse o Padre Reytor, & se naõ tiver agua, façaõ o sinal da Cruz, que Deos a darà. Tornàraõ ao poço, & o achàraõ taõ seco, como o tinhaõ deyxado. Fizeraõ logo o sinal da Cruz, como o Padre lhes ordenàra, & feyto elle, foy cousa maravilhosa, que a agua começou a correr, & nũca mais, em quanto o Padre foy Reytor, se tornou a secar. O Irmaõ Francisco Alvres, testimunha deste prodigio, morreo em o Noviciado de Lisboa com nome de santidade, era homem de grandissimas penitencias, & que naõ dormia em cama. Vendo o Padre Reytor tam evidente mercè de Deos foy ao poço com os Noviços, & disse com elles o *Te Deum laudamus*, em acçaõ de graças. Algumas cousas disse antes de succederem, & como as tinha dito acontecèraõ. Fizeram do Conselho de Madrid ao Arcebispo de Evora; deo elle conta desta honra ao Padre Antonio Mascarenhas; elle lhe respondeo com pezames, dizendolhe, que antes o tomàra no seu Arcebispado, & que temia, q̃ brevemente se avia de desejar nelle, & que naõ poderia. O Arcebispo se rio deste dito, & fez delle festa. Mas em tres mezes vio a seu pezar tudo cumprido; porque sobreveyo a ditosa acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o Quarto,

to,& como o Arcebiſpo eſtava em Caſtella ſuſpirou,por ſe ver no ſeu Arcebiſpado,& fòra delle veyo a morrer.

8 O Irmaõ Mattheos Gonçalves,que foy muytos annos Sotominiſtro do Collegio de Coimbra,contou,q̃ por duas vezes entràra no cubiculo do Padre Reytor Antonio Maſcarenhas com huma grande affliçaõ interior, & antes de ſe abrir, lhe diſſera o Padre: Irmaõ,vem a tal couſa? nomeando a moleſtia. Và fazer eſte remedio. Ouvindo o Irmaõ aſſim a noticia do ſeu interior, que elle ſò,& Deos ſabia,ficou admirado, & ſem dizer palavra ſe voltou. Hum Clerigo eſtava em huma Igreja do Collegio de Coimbra,& nos fazia demanda ſobre certo ſalario, que lhe faziaõ pagar. Como andava acceſo contra os da Companhia, ſe os encontrava,lhes dizia injurias,em eſpecial ao Procurador dos Moſteyros. Fez o Procurador queyxa diſto ao Padre Antonio Maſcarenhas,o qual lhe diſſe: Padre, deixe-o Voſſa Reverencia andar,que elle virà a amanſar entre nòs. Aſſim aconteceo, porque entrou na Companhia, & nella morreo grande ſervo de Deos.

9 Todas as couſas referidas neſta vida bem moſtraõ a muyta virtude,que ouve neſte Religioſiſſimo Padre; mas ſobre tudo he,o que delle teſtimunhou o Padre, que por vezes o confeſſou geralmente,& foy,que em toda a ſua vida nunca fizera peccado mortal. Nos ultimos tempos,como quem ſe aparelhava mais de perto para a morte, paſſava grande parte das tardes na Igreja com Deos,ora de joelhos diante do Santiſſimo,ora por razaõ da fraqueza,recolhido,& aſſentado em hum confeſſionario. Andava encoſtado a hum bordaõ, & por naõ fazer eſtrondo, trazia embrulhada em hum trapo a ponta que firmava no chão. Finalmente cahio na cama tendo já alguns oytenta, & ſinco annos de idade. Vendo que eſtava de caminho para a outra vida, entrou em grandes temores da conta que avia de dar a Deos. Perguntandolhe hum Padre, porque ſe affligia, & que tinha que temer,quem eſtava taõ miudamente confeſſado, & tinha vivido ſetenta,& tantos annos na Religiaõ ajuſtado com ſuas regras? A iſto reſpondeo: Fuy tantos annos Superior na Companhia, dame pena que teria algumas condeſcendencias. Tornandolhe o Padre a dizer, que antes ſua Reverencia fora ſempre apertado; reſpondeo: Naõ me dà agora pena,o que apertei, ſenaõ o que condeſcendi.

10 O dia antes de morrer diſſe, que eſtava mais vizinho de dar conta a Deos,do que ſe cuidava. Aſſim aconteceo, porque naõ

naõ imaginando alguem,que morreria tão cedo, no dia seguinte deo a Deos seu espirito na casa de S. Roque de Lisboa ao primeyro de Setembro de mil seiscentos quarenta, & oyto. Sua vida recolhi de varios papeis soltos, onde estavaõ apontadas suas virtudes,de que se fizeram conferencias nas principaes casas da Provincia.

CAPITVLO XXIX.

Dos Padres Francisco de Araujo, Sebastiaõ Rodrigues, Bernardino de Sampayo, Simaõ de Almeyda, Sebastiaõ Gonçalves, Jeronymo Alvres, & Manoel de Matos.

Lisboa 18. de Dezembro de 1623.

1 A Cidade de Lisboa entre os sugeytos, que tem dado à Companhia,nos deo ao virtuoso Padre Francisco de Araujo,homem em sua vida muy exemplar. Entrou na Cõpanhia em Coimbra a 6. de Dezembro de 1555. depois de estudar as faculdades,que saõ ordinarias entre nòs,se occupou em prégar,& confessar: & em alguns governos,em que a Religiaõ o meteo,deo sempre a satisfaçaõ, que de sua virtude se esperava. Foy Reytor dos Collegios da Ilha Terceyra, Bragança, Santo Antaõ,Mestre dos Noviços em Campolide,& neste Noviciado de Evora,& companheyro de alguns Provinciaes. Foy homem de grande rectidaõ,& naõ faria cousa, em que achasse escrupulo de sua consciencia,por respeytos algũs humanos: o que mostrou bem,quando sendo em Evora Mestre dos Noviços, era Confessor de Dom Theotonio de Bragança Arcebispo da mesma Cidade, seguindo em tudo os dictames de sua consciencia, sem attençaõ a respeytos humanos,que o pudessem desviar do que entendia.

2 Era isto mais de admirar, considerando, que de seu natural era muy urbano,humilde, & flexivel,ainda para cousas, que estavaõ muyto abayxo da sua autoridade;como era,alèm de outras cousas,em tresladar estes,ou aquelles papeis,q̃ se lhe pediaõ, porque era bom escrivaõ: & como era taõ benigno, facilitavaõ-se muytos a lhe pedir estas graças,ainda quando jà era de annos provectos; & o bõ Padre por lhes dar gosto, em tudo cortava por si. A todas as cousas espirituaes,& de devoçaõ foy sẽpre propenso,& muy affecto. Sendo Mestre dos Noviços na quinta de Campolide em Lisboa,aonde então estava o Noviciado, ordenou pela quinta os Passos da rua da Amargura, q̃ Christo andou

dou com a Cruz, atè chegar ao monte Calvario, & os corria com os ſeus Noviços, fazendo muytos colloquios, acompanhados de grande ternura, & devoçaõ. Ainda hoje, iſto he no anno de 1705. ſe vem em partes alguns veſtigios dos lugares, em que ſe faziaõ as orações; & quanto ſe deyxa ver deſſe pouco, que reſta, eſtavão aquellas paragens obradas com aceyo, & curioſidade, que conduz muyto para fomentar a devoçaõ. Em quanto foy companheyro dos Provinciaes, naõ he crivel o ſegredo, que guardava ainda em couſas minimas, & atè nas que jà eraõ notorias por outras vias, lhe naõ ouviriaõ fallar huma ſò palavra, porque ſe naõ pudeſſe dizer, que tinhão ſahido da ſua boca. Na obediencia para com os Superiores teve ſempre, & moſtrou particular exacçaõ, nam ſe afaſtando hũ apice do que ſe lhe ordenava. Para com os iguaes tinha tal ſubmiſſaõ, como ſe foſſem ſeus Superiores: delle ninguem ſe póde queyxar, que lhe faltaſſe com pouco reſpeyto em couſa alguma.

3 A virtude, que nelle mais reſplandeceo, foy a da liſura nas ſuas palavras: o ſeu naõ, era, o que ſoava, & o ſeu ſim da meſma ſorte. Nem uſava dos rodeyos, de que alguns ſe valem, para occultar, o que tem dentro no peyto: parece que naõ eſtava na ſua mão dizer com a boca couſa que aſſim não foſſe, perſuadindoſe, que todos tinhão a meſma verdade, que elle, nas palavras, que diziaõ. Das ſuas devoções foy a principal a da Senhora, & por lhe fazer obſequio teve por curioſidade ajuntar hiſtorias de milagres, & favores que a Senhora fez a ſeus devotos. De S. Joſeph foy tão devoto, que naõ ſofria ouveſſe outro mais Santo que elle depois da Mãy de Deos. Andou ſempre preparado para a morte, a qual o aſſaltou de repente; no meſmo dia tinha dito Miſſa, & andado por caſa; deulhe hum accidente, de que Deos o levou recebendo antes o Sacramento da Unção. Quiz a Senhora em parte pagarlhe a devoçaõ, que eſte ſeu ſervo lhe tivera, em o levar para ſi no dia da Expectaçaõ aos 18. de Dezembro de 1623. de idade tinha mais de 83. annos, 66. de Companhia, de que era profeſſo de quatro votos. Sua morte foy na caſa de S. Roque, & ao Memorial della devemos eſtas poucas noticias, que nos conſervou do Padre Franciſco de Araujo. Entrou na Companhia, ſendo ainda vivo Santo Ignacio, & o chegou a ver canonizado no anno de 1622.

4 O Padre Sebaſtião Rodrigues naſceo em a Cidade de Bragança no Biſpado de Miranda, entrou na Cõpanhia de dezaſeis para dezaſete annos de idade no anno de 1575. procedeo ſempre

Liſboa 29. de Abril de 1642.

ſempre com bom exemplo em todas as partes onde reſidio: parecia ter recebido de Deos huma natureza inclinada a todo o bem, & contraria a todo o mal; dotado de huma ſimplicidade columbina; quem o viſſe,& trataſſe apontando para elle, podia com razaõ dizer,o que Chriſto bem noſſo de Nathanael: *Ecce verè Iſraelita,in quo dolus non eſt.* Naõ eſtava na ſua mão dizer mal de alguem, ou fazer alguma couſa, que offendeſſe aos outros: era iſto tão notorio,que hum Padre eſtrangeyro, que lhe naõ ſabia o nome, querendo-o nomear diſſe: Aquelle Padre, que a ninguem faz mal,& de ninguem diz mal. Sobre eſta bondade aſſentáraõ taõ naturalmente todas as virtudes, que o exercicio dellas,que a outros he tam cuſtoſo, nelle parecia propenſaõ natural: tanto ſe tinha habituado nellas pelos muytos actos, que frequentemente fazia de cada huma. Foy muytos annos em Roma Secretario da Aſſiſtencia de Portugal, & por iſſo tinha grandes noticias das couſas da Companhia. Voltando para eſta Provincia foy por algum tempo Meſtre de Noviços neſte Santo Noviciado de Evora,& Prefeyto do Recolhimento.Com ſer naturalmente tenue de forças, naõ ſe negava para qualquer trabalho,em que a obediencia o meteſſe. Foy tambem Companheyro do Padre Viſitador deſta Provincia,& duas vezes Vice-Prepoſitò da caſa de S. Roque,& nella finalmente veyo a morrer mais por defeyto do calor natural por ſua muyta velhice, que por doença:faleceo aos 29. de Abril de 1642. tendo 84 annos de idade. Eſta memoria recolhemos do meſmo manuſcripto,porque tambem morreo na caſa de S. Roque.

Em Liſboa aos 29. de Janeyro de 1654.

5 O Padre Bernardino de Sampayo teve mão muy ſingular para crear Noviços,por iſſo neſta occupaçaõ gaſtou annos,aqui em Evora,& depois na caſa de Liſboa. Sua patria foy a villa de Viana de Alentejo no Arcebiſpado de Evora: chamáraõ-ſe ſeus pays Gaſpar da Fonſeca,& Anaſtaſia Truſada: neſte Noviciado entrou na Companhia aos 25. de Dezembro de 1608. Em toda a ſua vida foy eſpelho de Religioſos perfeytos: por ſua grande prudencia, & virtude o fizeraõ Reytor do Collegio de Evora: depois entendendo a Companhia que perdia muyto em naõ ſer Meſtre dos Noviços pelo ſingular talento, que Deos lhe dera para eſte miniſterio; lhe ordenàraõ foſſe Reytor do Noviciado de Liſboa: ſignificou aos Prelados, como jà os ſeus annos, & forças naõ eſtavam para aturar o trabalho de tal magiſterio. Naõ foy ouvido, & tomando o pezo ſobre ſi com o meſmo zelo, que o fizera em outras occaſiões, a experiencia moſtrou,

que

que jà naõ podia com elle: pelo que veyo a enfermar, & morrer ſantamente naquella caſa. Dizẽ os que foraõ ſeus Noviços, que nas ſuas praticas, meditações, & conferencias tinha tanto pezo nas palavras, que ſe podia dizer delle, o que ſe diz de Chriſto, que fallava *tamquam poteſtatem habens.* A elle devemos a vida, que de ſi eſcreveo o Irmaõ Domingos da Cunha; porque ſabendo o Padre Bernardino o muyto que Deos ſe cõmunicava àquelle Irmaõ, lhe ordenou em virtude de ſanta obediencia, que eſcreveſſe tudo, o que de ſi ſabia, por naõ ficarem em ſilencio tantas mercès de Deos. Morreo em o Noviciado de Lisboa, ſendo Reytor daquella caſa, aos 29. de Janeyro de 1654. No parecer de quem o confeſſou geralmente, conſervou a graça bautiſmal atè o fim da vida. Por ſua grande prudencia, & virtude, quaſi ſempre o occupou a Religiaõ em governar. Foy Reytor do Collegio de Faro, do de Santarem, duas vezes Reytor do Noviciado de Lisboa, Reytor dos Collegios, & Univerſidade de Evora: & duas vezes Secretario da Provincia. Delle como de homem inſigne em virtude, faz memoria o Padre Manoel Monteyro no ſeu manuſcripto dos homens inſignes em virtude deſta Provincia.

6 O Padre Simaõ de Almeyda, conforme dizem, os que o conhecèraõ, de que ainda vivem muytos, foy verdadeyro Iſraelita, em que o engano naõ teve lugar. Aqui foy Noviço, & depois Meſtre de Noviços. Naſceo de pays nobres, & muy ricos na villa do Cano, que he no Arcebiſpado de Evora, bem conhecida pela grande victoria, que junto della alcançàraõ as armas Portuguezas desbaratando o exercito de Dom Joaõ de Auſtria, filho delRey Filippe Quarto de Caſtella. Chamàraõ-ſe ſeus pays Antonio de Almeyda Palha, & Julia Lopes. Entrou na Companhia de idade de quinze annos aos 18. de Dezembro de 1604. Na Companhia viveo ſempre com os olhos no Ceo, & grande desprezo de tudo o tranſitorio

Em Lisboa 8. de Março de 1666.

Andando os tempos morrèraõ ſeus pays, naõ ſendo elle ainda profeſſo do quarto voto; & veyo a ficar herdeyro univerſal de tudo quãto elles poſſuhiaõ, que como fica dito, era muyto. Tudo procurou de empregar em obſequio de Deos, & da ſua Religiaõ, a quem amava, quanto dizer ſe pòde. Fundoulhe o Collegio, que temos na Cidade de Portalegre, com dote competente aos Religioſos, que avia de ſuſtentar. Deo tambem esmolas ao Noviciado de Lisboa, na qual caſa paſſou os ultimos annos de ſua vida em ſanta velhice. Para abono ſeu naõ ſey ſe

O poſſa

possa dizer mais do que elle mesmo disse de si em hum colloquio, que pelo Natal fez na Capella diante de todos a Deos nascido: entrando em fervor, fallando com o Menino Deos, & derramando muytas lagrimas, lhe pedio se lembrasse delle, dizendo estas palavras: Meu Menino Deos, lembraivos de mim, pois bem sabeis, que nunca vos offendi mortalmente. Os circũstantes, que o ouviraõ, entendéraõ, que Deos quizera, lhe cahisse aquella palavra da boca; para se saber, quanto elle se revia naquella alma, que ainda conservava a graça bautismal: & a innocencia do Padre Simaõ de Almeyda era taõ conhecida, que naõ deyxava lugar a duvida, de que Deos lhe tivesse feyto mercé, que fez a muy poucos. Naquella santa casa o levou Deos para si aos 8. de Março de 1666.

Goa 25. de Março de 1619. 7 O Padre Sebastião Gonçalves natural de ponte de Lima no Arcebispado de Braga, tendo 17. annos de idade entrou na Companhia aos 29 de Março do anno de 1574. aqui foy Mestre dos Noviços, depois abrazado em santos desejos de converter almas, se embarcou para a India: là fez muytos serviços a Deos, & à Companhia, foy Companheyro de varios Provinciaes, Preposito da Casa Professa de Goa, & Reytor do Noviciado de Goa, no qual officio morreo santamente. Foy homem de grande candura, & naõ menor affabilidade; a ninguem offendeo com palavra alguma; se sabia cousa de louvor dos outros, essa abonava, & dizia offerecendo-se occasiaõ. Nos defeytos dos subditos teve, & mostrou grande caridade em os corregir; o que jà se tinha emendado, era para elle como se tal cousa naõ tivesse acontecido neste mundo. Sendo Preposito da Casa Professa mostrava bem a confiança, que tinha em Deos, quando mais necessitado, então estava mais satisfeyto. Fez grandes instancias para o absolverem de governar aos outros, em que naõ teve despacho, por serem os seus prestimos nesta materia muy proveytosos á Religiaõ.

8 Adoeceo finalmente, entendendo que a doença seria a ultima de sua vida. Convidárão-no, a que fosse curarse no Collegio, aonde eraõ melhores os cõmodos: respõdeo, que sendo pastor devia naõ deyxar as suas ovelhas a quem muyto amava, & de quem sabia, que era muyto amado, que queria morrer entre elles; & que se dava por satisfeyto, fazerselhe em ordem a cobrar sua saude, o que se fazia por qualquer dos seus Noviços: entre elles veyo a morrer com geral edificaçaõ, tendo-se preparado com todas as prevençoes, que costumaõ fazer os homens amigos

amigos de Deos. Foy ſua morte aos 23. de Março de 1619. tendo quaſi 63. annos de idade, & 45 de Companhia. Eſcreveo eſte Padre huma larga hiſtoria de todos os Varões Illuſtres Religioſos que florecèraõ na India em virtude, & letras, & eſpecialmente dos Religioſos da Companhia, que deram ſuas vidas por Chriſto padecendo martyrio. Eſcreveo mais tres tomos, do que na India tinhaõ feyto os da Cõpanhia em ſerviço de Deos. Delle trata a Bibliotheca da Companhia por cauſa deſtes livros, que compoz, os quaes atè o preſente naõ eſtam impreſſos. Naõ he elle ſò o Meſtre deſte Noviciado q̃ foy para as miſſões, pois tambem achamos na hiſtoria deſta Provincia parte primeyra livro 3. cap. 21. numero 6. que foraõ para a India os fervoroſos Padres Jeronymo Rebello, & Jeronymo Cotta.

9 Por dous titulos nos pertence o Padre Jeronymo Alvres, por Meſtre, & por Noviço deſte ſagrado retiro. Nelle entrou aos 15. de Fevereyro de 1578. cuydando-ſe ter quatorze annos de idade, mas depois ſe achou tinha ſó treze, & por eſta cauſa ſe lhe prolongou o Noviciado mais hum anno. Era natural da Cidade de Evora, ſeus pays ſe chamáraõ Franciſco Alvres, & Anna Rodrigues. Eſtudou neſta Univerſidade, & nella depois veyo a enſinar Filoſofia, a ſer Doutor, & Lente de Eſcritura. Foy homem de muyta virtude; antes de entrar na Companhia, o procurou impedir o demonio viſivelmente; ſinal que de ſuas boas prevençoens inferia, poderia vir a ſer grande ſervo de Deos, como em effeyto foy. Appareceolhe em viſagẽs feyas, & das que elle mais ordinariamente ſe coſtuma veſtir, por concordarem mais cõ a ſua fealdade: deulhe de bofetadas, dizendolhe, nam deſiſtiria de o perſeguir, ſe elle nam ſe deyxava de pertender entrar na Companhia; mas pode mais a conſtancia do eſtudante, que os ameaços do demonio. Evora 20. de Janeyro de 1624.

10 Depois de acabar o Noviciado, nos conſta lhe tornou o demonio a apparecer outra vez em figura de ſeu pay, que jà era defunto: aſſuſtou-ſe com a primeyra viſta, tendo para ſi, que era ſeu pay, q̃ ſabia ſer morto; porèm tanto q̃ abrio a boca, ſe vio, o q̃ ſe occultava debayxo daquella maſcara de piedade; começou a dizerlhe muytas razões em ordem ao esfriar na vocaçaõ, perſuadindolhe que acudiſſe a ſuas Irmãs; acompanhava o que dizia com muytas lagrimas promettendolhe montes de ouro. A repoſta, que a iſto deo o virtuoſo mancebo, foy perſignarſe com a Santa Cruz, tomando a Jeſu na boca: com iſto deſappareceo logo toda aquella viſagem. Mayor aperto foy, o em que o meteo

o demonio por meyo de huma mulher nobre, a qual esquecida do que devia a Deos, & à qualidade da sua pessoa, o solicitou a mal. Ouve-se elle tam generosamente neste aperto, com palavras tam cheas de Deos, que a peccadora atrevida cahindo em si, chorou de veras seu peccado; & o Padre Jeronymo se retirou victorioso, & conservou illeso entre os incendios. Por veneraçaõ da pureza nem sendo estudante, nem Mestre, quiz ler as Heroidas de Ovidio, nem os livros *de arte*, *& remedio amoris*; nem outros poetas profanos, que se metem em semelhantes materias.

11 Era o Padre Jeronyno Alvres de condiçaõ rispida, & propensa a sahir em palavras mais asperas, do que elle mesmo queria: mas se em alguma occasiaõ disse palavra offensiva levado daquelle impeto natural, depois buscava o Religioso, a quem lhe parecia ter aggravado, & posto de joelhos lhe pedia perdaõ, mostrando grande sentimento das palavras menos suaves, com que o tratára. Todos o conhecèraõ por homem sūmamente amante da santa pobreza, por esta causa nem ainda nas cousas de devoçaõ, quiz ter alguma, que parecesse superflua, por isso nunca trouxe veronica nas contas, julgando ser cousa escusada, & por essa razaõ injuriosa aos apertos da pobreza, que elle amava mais que todos os thesouros do mundo.

12 Com o grande cabedal de letras ajuntou huma innocencia Angelica de costumes; & pela desejar em todos os nossos Religiosos, verteo em lingua vulgar, & fez imprimir a vida do nosso Beato Luis Gonzaga, para que ficando mais familiar, a imitassem, quanto pudessem. Foy o Padre Jeronymo Alvres Reytor do Collegio de Santo Antam, & do Collegio de Coimbra. Neste de Evora sua patria se achava, quando lhe sobreveyo a doença de que morreo; foy ella hũ prolongado martyrio, em q̃ teve muyto, q̃ merecer, & offerecer a Deos. Acabou esta vida corruptivel aos 20. de Janeyro de 1624. tẽdo sessenta de idade, & 47 de Companhia, homem em tudo filho verdadeyro da Religiaõ, que professou; & como de tal faz delle mençaõ o Padre Nadasi no seu *Annus dierum*. Naõ cuydo foy elle Mestre dos Noviços de propriedade, mas em algũa vacancia se lhe encomẽdou tivesse cargo dos Noviços, como succedesse em semelhantes servirse a Religiaõ dos Padres lentes de mais edificaçaõ. Delle fazem mençaõ as Annuas da Companhia do anno de 1624. & o Padre Manoel Monteyro nas suas noticias breves dos homẽs insignes em virtude, que se conservam na casa de S. Roque.

O Padre

13 O Padre Manoel de Matos foy natural de Castello da Vide; estudava latins na primeyra classe desta Universidade, quando aqui entrou na Companhia a treze de Novembro de 1634. era Mestre de Noviços o Padre Luis Lopes, cujas virtudes elle procurou estampar em si. Foy Religioso de vida exemplar, & costumes inculpaveis, por tal o tivemos, & conhecemos. Além de ser Mestre dos Noviços neste Collegio de Evora, governou os Collegios de Angola, Portalegre, Elvas, & Porto; neste do Porto fez huma obra, que todos julgavão por cousa de grande animo, & de muyta virtude; porque sendo de muyto gasto para as posses do Collegio, era pouco appetitosa de se fazer, porque demandava enterrar grande soma de dinheyro em lançar alicerses ao frontispicio da Igreja. Nam poz elle os olhos mais que no que era necessario para se continuar aquelle edificio; por tanto encheo aquelles profundos alicerses; & naõ se vendo o que fez, por ficar debayxo da terra, todos confessaõ, que a elle se deve toda aquella obra, que he das boas que temos na Provincia

Evora 12. de Dezembro de 1683.

14 Sendo Prefeyto do espirito neste Collegio de Evora, me lembra, que no tempo proximo a irem ter seus dias de ferias na quinta os Filosofos, o P. Manoel de Matos se informava particularmente quem eram os mais amantes da pobreza, & que por esta causa naõ estavaõ providos de premios para ajuda da recreaçaõ daquelles dias: depois chamava a cada hum de per si ao seu cubiculo, & lhe dava algumas veronicas, & camaldolas, para gastarem nas suas recreações, & jogos, conforme entam o concedem os Superiores. Era elle muy affeyçoado à santa pobreza, & se via em tudo quanto usava. Nos dias mais solemnes ainda depois de velho nunca faltou em tomar disciplina nas costas no refeytorio, & desta penitencia se cré, se lhe accelerou a morte, porque naõ faltando a ella no dia do S. Xavier, (devia andar já abalado) lhe sobreveyo febre tam maligna, que lhe tirou a vida aos 12. de Dezembro de 1683. Homem tido, & avido de todos por justo, & por verdadeyro Religioso da nossa Companhia: & se quando morreo, se fizesse qualquer diligencia pelas acções santas, que obrou, sem duvida teriamos dellas hum grande numero de exemplos.

CAPITVLO XXX.

Vida do Padre Affonſo de Caſtilho.

Evora 29.de Março de 1659 1 NAſceo o Padre Affonſo de Caſtilho na Ilha Xemaica Biſpado da Cuba em Indias de Caſtella: ſeus pays ſe chamàram Affonſo de Caſtilho Hurtado, & Dona Maria Ferreyros. Nam acho eſcrito, porque cauſa vieſſe a Liſboa, ſalvo que por ſer entam eſte Reyno ſugeyto a Caſtella, vieſſem os pays morar a Lisboa;,aonde ſeu filho eſtudava Filoſofia nos eſtudos do Collegio de Santo Antaõ, quando alli foy aceyto,& entrou na Companhia aos dezaſete de Mayo de mil ſeiſcentos & trinta & cinco, tendo vinte annos de idade, ſendo Reytor da caſa o Santo Padre Simaõ Alvres, que no Padre Caſtilho teve hum Noviço,em que grandemente retratou o ſeu eſpirito, que foy muy agigantado, como eſcrevo em ſua vida.Logo ſe foy vendo,quam de veras ſe abraçava com o eſtudo da perfeyçam Evangelica,procedendo como ſanto. Nos annos adiãte depois de eſtudar,ſe occupou nos miniſterios da Cõpanhia; tambem foy Meſtre de Filoſofia. Fez varias Miſſoens; huma que fez à villa de Pinhel,acho eſcrita. Nella fez couſas de grande ſerviço de Deos. Na Quareſma, em que alli eſteve,prègou trinta, & ſete Sermoens, naõ fallando nas muytas doutrinas. Succedialhe ir do Confeſſionario para o Pulpito,& deſte deſcer para o Confeſſionario.Fez muytas amizades, compoz muytas demandas.

2 Em huma doutrina fallando na fòrma do Bautiſmo, no fim ſe chegou a elle huma mulher,dizendo, que ella, avia tempos,bautizára huma criança,& que ſò diſſera: Eu te bautizo em nome do Padre, & do Filho,cuydando baſtar. Logo o Padre deo ordem a ſe buſcar a criança, que eſtava em outra terra, & a fez bautizar; julgando,que quando naõ fizeſſe outro fruto,neſte eſtavam bem pagos os ſeus trabalhos. Avia hum grande abuſo de nam irem à Miſſa as donzellas, nem as viuvas, eſtas por razaõ do luto, aquellas com outro pretexto. Prègou muytas vezes contra eſte abuſo,& com ſeus olhos o vio remediado. Entre os que andavaõ em odio,& deyxou em bella paz,foy hum Clerigo,o qual tinha na juſtiça muy vexada a huma peſſoa, por certo nome,q̃ lhe chamára. Falloulhe o Padre, mas a repoſta foraõ juras blasfemas, de que avia de fazer tantos, & quantos. Eſtranhoulhe

nuoulhe o Padre as juras, ſendo homem, que todos os dias dizia Miſſa, & com roſto ſevero o deyxou. No dia ſeguinte encontrando-ſe de repente com o Padre na praça lhe diſſe muytas injurias. O Padre com a boca chea de rizo lhe pegou da mão dizendo que eſtava apayxonado, que em fim avia de fazer, o que lhe pedia. A iſto reſpondeo, como louco, que elle eſtimava mais ſua honra, que ſua ſalvaçaõ. Vendo o Padre tal deſatino, o deyxou, & recorreo a Deos com a oraçam. Foy eſta tam poderoſa, que o Clerigo ferido da inſpiraçaõ divina, veyo buſcar ao Padre, todo magoado da ſua culpa: pediolhe, o confeſſaſſe geralmente. Depois da confiſſaõ ſe abraçou com tres peſſoas, que o tinhaõ injuriado, dando ſatisfaçaõ ao povo do eſcandalo, que tinha dado.

3 Em hum lugar chamado Pereyra, diſtante huma legoa de Pinhel, eſtavaõ declaradas por excõmungadas vinte, & tres peſſoas; naõ tanto pela morte do Paroco, em que todo o povo ſe deo por culpado, por julgarem teriam juntos melhor livramento, quãto por naõ terẽ ſatisfeyto a cẽ mil reis de pena pecuniaria, & diligencias de Miniſtros. Todo o lugar eſtava enredado. Fez o Padre huma pratica aos excõmungados juntos, perſuadindo-os a ſatisfazer, por ſe tirarem de tam mao eſtado. Reſpondéram com as lagrimas nos olhos, que elles eraõ tão pobres, que naõ tinhaõ cem reis, quanto mais cem mil reis; por tanto, que ſe lhes naõ perdoavaõ, naõ tinham outro remedio, ſenaõ ir morrer no mato deſeſperados, pois os naõ deyxavaõ entrar nas caſas dos homens, nem na de Deos. Vendo o Padre que diziaõ verdade, eſcreveo ao Vigario Geral a pobreza da gente, & que ſe naõ os mandava abſolver, lhes avia de declarar, que em conſciencia naõ eſtavaõ excõmungados, viſta ſua impoſſibilidade; & quantas Miſſas deyxaſſem de ouvir, & mais detrimentos cahiriam ſobre quẽ ſabendo iſto os naõ mandava abſolver. Para eſte fim eſcreveo à huns Padres noſſos, que eſtavaõ fazendo Miſſaõ em Viſeu; logo veyo ordem, para que o meſmo Padre Caſtilho os foſſe abſolver; entrando no lugar foy recebido com repiques dos ſinos, & ouve em todos geral alegria. Aſſim do que os pobres homens deram, como de eſmolas, que o Padre alcançou de gente rica, ſe fizeram atè quinze mil reis, com que ſe acalentàram os Miniſtros, que niſto tinham intereſſe; & tudo ficou compoſto pela boa induſtria, & zelo deſte Padre, que onde punha a mão, punha Deos a virtude.

4 Eſte zelo do bem das almas moſtrava tambem ſendo Me-

ſtre de Philoſophia em Coimbra. A ſeus Diſcipulos fazia praticas todas as ſeſtas feyras; alẽ diſto nas explicações, avẽdo opportunidade, metia aviſos ſantos. Introduzio a Irmandade de Santo Ignacio, que he de penitencia, à imitaçam da que fez o Santo nas covas de Manreza: fazia vir a elle muytos eſtudantes fidalgos da Univerſidade, dos quaes era Confeſſor. Deſtes avia muytos virtuoſos por inſtrucçaõ do Padre Caſtilho, & ſe accõmodavaõ às ſuas direcções reſpeytando-o como ſanto. Hum dos ſeus aviſos era, que naõ aviaõ de ir a Conventos de Freyras. Succedeo, que hum delles teve niſto hum dia ſua miſeria, gaſtando algumas horas na grade de certo Convento. Sabendo iſto outro eſtudante dos devotos do Padre Caſtilho, lhe eſtranhou, & afeou o ſeu deſcuydo, concluindo com dizer, que elle faria ſabedor ao Padre Caſtilho. Deſta ameaça ſe doeo, & lhe prometteo, q́ ſe emendaria, com tanto que naõ diſſeſſe nada ao Padre Caſtilho. Tanto era o reſpeyto, que lhe tinham, & taõ de veras ſe aproveytavaõ da ſua doutrina. Suas praticas, & Sermões foraõ cauſa de muytos eſtudantes deyxarem o mundo, & ſe recolherem ao porto ſeguro da Religiaõ. Entre todos deu grande exemplo neſta materia Franciſco de Mello, aſſim em nobreza, como nas mais prendas tido, & avido por flor da Univerſidade de Coimbra. Eſte conhecendo a pouquidade das couſas da terra, ſe meteo Religioſo Capucho, dando a todos hum raro exemplo do deſengano, com que ſe devem tratar as vaidades do mundo. Depois foy o Padre Affonſo de Caſtilho feyto Meſtre dos Noviços em o Collegio de Evora, onde a ſua morte teve hum certo genero de martyrio; elle a mereceo tão ditoſa, com as muytas, & excellentes virtudes, que em todo o tempo de ſua vida exercitou, das quaes direy primeyro que falle de ſua morte.

5 Começando pela caridade, pois ella tem nas virtudes a primazia, a do Padre Affonſo de Caſtilho foy ſempre muy fervoroſa, & della nos deyxou repetidos exemplos. Por duas vezes deſpio a roupeta, para com ella amparar dous Noviços, que vinhaõ de fòra, & traziam as ſuas rotas, & naõ avia na rouparia, cõ que lhes acodir. A outro Irmaõ Noviço Coadjutor, que andava convaleſcendo, & naõ trazia veſte no Inverno pela naõ ter, deo a ſua, andando ſem ella, em quanto o Irmaõ naõ foy provido. Pela Quareſma lhe trouxeram huma porçaõ de ovos, por andar indiſpoſto: ſoube o Padre, que os naõ avia para hum Irmão do Recolhimento, que lhe ficava de fronte, mandoulhos, & ficou elle ſem porçaõ. Para com os doentes foy particularmente

mente caritativo, & teve grandes occasiões nas doenças graves, que ouve no Collegio de Evora, originadas da gente, que sitiou Badajoz. A todos acodia, & aos mais perigosos cõ mais especial cuydado, levandolhes mimos, que com licença aceytava de fóra, indolhes buscar o comer á cozinha, dandolho por sua maõ, & alimpando-os dos bichos, que os molestavam.

6 Indo huma vez pela Cidade de Evora, vio hum pobrezinho doente, & de cheyro peçonhento, que por se naõ poder bolir, naõ hia para o Hospital. Tomou-o nos braços, & vendo, que o companheyro naõ tinha forças para o ajudar, lhe entregou a capa, & elle ajudado de hum mancebo secular mais forçoso o foy levando pela Cidade, da Igreja de Sãtiago até o Hospital do Espirito Santo, q̃ he boa distancia. Pelo caminho o hia consolando com alguns doces, que lhe davão de esmola. No Hospital o ouvio de confissaõ geralmente, & o encomẽdou aos que alli tinhão superintendencia. Quasi todos os que morriam em casa, o tinhaõ à cabeceyra, para os ajudar a bem morrer. Com o Thesoureyro mór da Sé de Evora chamado Mathias de Faria assistio hum dia, & huma noyte, preparando-o para huma boa morte. Da continua assistencia, que fez no Collegio de Evora ao Irmão Antonio Martins, que no Collegio veyo a falecer, se crè, que se lhe pegou a doença, de que morreo, porque logo no dia seguinte o acometeo o mal, & brevemente o acabou. Com os Noviços doentes se esmerava muyto, dizendolhes, que o sangue do braço tiraria, se lhes fosse necessario para sua saude. Indolhe hum Noviço com huma mão inchada, elle desabotoou a roupeta, & lhe teve a mão metida no seyo por espaço de meya hora, atè que desinchou alguma cousa.

7 No dar das penitencias era muyto moderado. Se via, que o Irmaõ se podia desconsolar com a penitencia, lha dilatava. Depois de lha dar, o mandava chamar, & o abraçava com tanto amor, que parecia querello meter na alma. A hum Irmaõ chegou a dizer, que se para nam fazer faltas, & ser perfeyto, fosse necessario tomar quatro, ou cinco sangrias, o faria de boa vontade. Quam brando foy com os outros, tam rigoroso se mostrava comsigo. Meya hora depois da Communidade recolhida tomava huma aspera disciplina. No Refeytorio, alèm de outras muytas vezes, hia cada sesta feyra da Quaresma cõ quatro Noviços tomar disciplina nas costas. O cilicio parece que era nelle continuo, o certo he, que nunca ninguem lhe vio no cubiculo huma samarra de cilicio, senaõ na doença, que foy bom argumẽto,

to, de que a trazia ſempre. Sua mortificaçaõ era continua. Elle meſmo confeſſou, que na Companhia nunca comèra, nem bebèra fóra do tempo coſtumado: deſta ſua parſimonia por ventura naſceo em parte o nunca ſer doente, nem ſangrado na Companhia, mais que eſta ultima vez, de que morreo. Naõ queria que ſe lhe puzeſſe na meſa paõ inteyro, ſenaõ pedaços, como aos Noviços, & porçam tambem de Noviço, disfarçando, que melhor lhe ſabia a vaca, que o carneyro. Era couſa notavel, que ſe via, que em alguma couſa o differençavaõ dos Noviços, naõ tocava.

8 De particularidades era tam inimigo, que dando ſe nos quartos Domingos, como he coſtume, aos Padres hum antipaſto de mais, elle nunca o tocou, pondo o ao vizinho. O meſmo fazia, quando lhe punham alguma couſa, por ter ido prègar. Achou-ſe huma vez em Janeyro com dores de cabeça, & moimẽto de corpo, offerecendoſe-lhe hum Noviço para lhe fazer a cama, o naõ conſentio dizendo, que baſtava ficar ſobre as taboas da barra. Dahi a dous dias pedindolhe os Irmãós licença para tomar diſciplina no Refeytorio à honra de Santo Illefonſo, naõ lha concedeo, dizendo, que fazia frio, & elle ſó a foy tomar. Na manhã de Paſcoa, achando-ſe com frio, & grandes dores de cabeça, levantou-ſe com a Communidade, dando depois por razão a hum Irmão, que naõ quizera deſedificar os Noviços dormindo mais em tal dia. Na meſa, ſe obſervou, que nunca ſe encoſtava. A modeſtia nelle era tam innata, que ſendo menino ſua mãy lhe dizia: Filho has de ſer Theatino: aſſim nos chamão os Caſtelhanos. Sendo neceſſario na doença alimparem-lhe o ſuor, quando ſe lhe fazia a cama, encomendava, que foſſe com grande modeſtia. Quando aſſiſtia na tribuna com os Noviços às prègações, eſtava com a cabeça levantada, & olhos fechados; (quanto ſe entendeo) por naõ dar com os olhos no auditorio das mulheres.

9 A Santa pobreza amou como a mãy: ſempre trazia ſapatos remendados; huns novos, que lhe mandou dar o Padre Reytor, depois os deo a hum Noviço, que hia para Lisboa, ficandoſe elle com os dos Noviço, que eraõ muy velhos, & cheyos de remendos. Huma roupeta, que trazia comprida, mandou, que ſe lhe agorentaſſe, dizendo, que era contra a pobreza, trazer a roupeta arrojando-a pelo cham. Os calçoens, que ſe lhe acháram, eram cheyos de remendos, & ſem forro. Trazendolhe na doença hũs figados de gallinha, que naõ quiz comer, porque

que o Medico o naõ mandàra, ao outro dia disse, que lhos levassem, que ainda podiaõ servir. Teve profunda humildade. Por varias vezes hia com os Irmãos Noviços à cozinha a escamar o peyxe, & fazer o demais, que era necessario. Hia ajudar no serviço do Refeytorio, varrendo, & estando à obediencia do Irmão Refeytoreyro; & guardava silencio inviolavel, tanto, que indolhe hum Noviço perguntar huma cousa, elle lhe disse, que alli se nam fallava, que noutro tempo lha diria. Nas vesporas das festas de Nossa Senhora, dos Apostolos, & outras principaes servia á mesa, & beijava o chão defronte de cada Noviço, que nelle estava. Pedio no seu cubiculo as faltas a dous Irmãos Coadjutores, como se fosse hum Noviço. Alguma vez pedio a hum Irmaõ cursista, que lhe lesse huma Prègaçaõ, que avia de fazer, & lhe dissesse, se nella tinha alguma palavra, que se desviasse da propriedade da lingua Portugueza.

10 Sua obediencia foy á medida das mais virtudes. Disse em huma pratica, que sempre se achàra bem, & com successo atè nas cousas de lustre, deyxando-se levar da obediencia. A' primeyra badelada da campa, se levantava pela menhã da cama, sendo que esta mortificaçaõ era para elle grande, por ter muyta necessidade de sono. Prègava, & paaticava muytas vezes com notavel espirito, fruto, & devoçaõ acompunhada de engenho, & erudiçam, que nelle era muyta. O titulo que punha a suas prègações, era, *ad maiorem Dei gloriam* Praticou em Evora na Capella vespora do Espirito Santo, succedeo faltar o Prègador do dia seguinte, mandoulhe o Padre Reytor dizer no tempo da liçam espiritual da noyte, q̃ lhe avia de prègar no dia seguinte. Obedeceo sem replica. Pela menhã foy ter a oraçaõ costumada com os Noviços, disse Missa, mandou fazer colloquios, foy confessar á Igreja, depois subio ao Pulpito, & fez a Prègaçaõ com o successo desejado. Aos Noviços praticava com notavel zelo derramando muytas lagrimas, com que a todos enternecia, parecendo, que lhes queria meter na alma as virtudes, de que fallava. Mas que muyto fizesse as praticas, & prègações com tanto espirito, se era homem de muyta oraçaõ? A hora de menhã tinha toda de joelhos ao pé do Altar da Capella do Noviciado, & hum quarto antes tambem de joelhos ouvindo liçaõ espiritual com os Noviços, aos quaes do mesmo modo acõpanhava à tarde na meya hora de oraçaõ com tal postura, que parecia hum corpo immovel. Tinha tambem a visita da Senhora na sua Capellinha, & ado Santissimo no Coro, ou na Igreja, porque ainda neste tempo

naõ

naõ avia Sacrario com o Senhor na Capella dos Irmãos Noviços.

11 Nos tres dias, que precedem a Renovaçaõ dos votos, o tempo, que o Senhor està exposto, gastava todo de joelhos em sua presença. Antes de prégar, ou praticar na Communidade, tinha huma hora, ou meya de oraçaõ na Capellinha da Senhora. Além destes tẽpos gastava outros em oraçaõ diante do Senhor, & o sentiam ir pela porta, que do Noviciado sahe para a escada do Coro da Igreja. Quando algum Noviço lhe hia pedir alguma licença, ou consultar alguma cousa, levantava primeyro os olhos a huma imagem de Christo Crucificado, & entam respondia, dizendo, que assim o aprendéra de seu Mestre dos Noviços. Quando estava rezando, se alguem o vinha buscar, punhase de joelhos, & acabava primeyro o Psalmo. Da Virgem Senhora foy escravo devotissimo. Todas as noytes lhe rezava o Rosario de joelhos diante de sua Imagem, assim o achavam os Irmãos, que depois de visitarem, lhe hiam dar conta. Foy tambem devotissimo da Payxaõ do Senhor, a cuja memoria, alèm das disciplinas, que tomava nas costas pelas sestas feyras da Quaresma, como fica dito, ordenou, que se fizessem varios Passos duas vezes cada semana com nova perfeyçaõ, mandando fazer varios colloquios, sendo elle nisto o primeyro. Dizia Missa com grande perfeyçam, ajustando-se, quanto ao tempo, com a limitaçaõ, que nesta materia determina a nossa Regra.

12 A doença que costuma ser pedra de toque das virtndes, descobrio as muytas, que neste Religioso Padre floreciaõ. Logo antes de se confessar, disse ao Padre Confessor, que se declarava, que elle queria os Santos Sacramentos da Communhaõ, & Extrema Unçam. A Communhaõ recebeo na primeyra occasiam, tendo intẽçaõ, q̃ fosse por modo de Viatico, ainda que no exterior naõ se lhe fizeraõ por entaõ as ceremonias costumadas. Reconciliava-se muyto a miude. Guardou admiravel sugeyçaõ, & obediencia ao Medico, tanto, que chegou este a dizer, que se todos os doentes se ouveram daquelle modo, naõ teriam os Medicos trabalho, & elles seriam melhor curados. Logo ao principio lhe disse, que cortasse, por onde quizesse, que naõ reparasse em nada. Teve assás que merecer, por naõ ter experiencia de sangrias, & outros remedios penosos em todo o tempo da Religiaõ. Dava exacta conta de si ao Medico, nem queria nas dietas comer mais, que o que este expressamente ordenára, dizendo, que o Medico naõ dissera mais. Atè nesse nada, que comia, se morti-

ficava,

cava, naõ admittindo azeyte na alface cozida. Dandolhe hũ Irmaõ humas esfregações, depois de jà tresvariar, lhe disse, que se fastasse dalli. Replicando o Irmaõ, que o Medico mandava dar quellas esfregações, o Padre respondeo: Pois fazey, filho, fazey.

13 As lembranças de Deos eram continuas. Lançava muytas jaculatorias, fazendo muytos actos de amor de Deos, & das mais virtudes. Dizia, que quantos Santos ouve nos desertos, naõ tiveraõ o regalo, que elle tinha na doença. A sua pratica era de Deos, levava com paciencia todas as faltas, que na doença aconteciaõ. Indolhe hum Irmaõ perguntar, se queria que lhe trouxesse algumas flores; respondeo, que no cubiculo do Mestre dos Noviços nam se avião de ver flores. Atè depois de tresvariar, nam fallou cousas, que naõ fossem de Deos. Quando bebia, pedia a hum Noviço, que lhe nomeasse os santissimos nomes de Jesu, & Maria. Depois que cõmungava, indo alguns a visitallo, dizia, que estava bem, que o deyxassem ter o seu quarto do recolhimento. Mostrou sempre notavel conformidade com a vontade divina. A huns Noviços, que hiam peregrinar atè Nossa Senhora da Conceyçaõ de Villaviçosa, disse, que por nenhũ modo lhe pedissem á Senhora vida, senaõ o que fosse mayor gloria de seu Filho, & que se o avia de offender, tẽdo vida, antes logo lhe alcançasse a morte. Assim disposto o levou Deos para si na madrugada de huma sesta feyra aos vinte, & nove de Março de mil seiscentos sincoenta, & nove. A nova de sua morte foy muy sentida dos seculares atè ao longe, dizendo a gente, que falecéra aquelle Padre Santo de Evora Mestre dos Noviços.

14 Reparouse muyto neste Padre, que succedendo no seu tempo a mudança do Reyno, pela qual se separou de Castella, jámais se lhe ouvio palavra nesta materia; porque entre as suas virtudes foy huma o desapego de carne, & sangue, tanto assim, que nem antes de se levantar o Reyno, escrevia a seus Irmãos, que tinha nas Indias de Castella, senaõ obrigado dos Superiores. Sua vida recolhi de varios documentos, em especial dos apontamentos, que fez de suas virtudes o Religiosissimo Padre Joaõ Furtado, que era seu companheyro em Evora, quando faleceo. Delle falla largamente a carta Annua da Provincia de Alentejo, por serem duas naquelle tempo; & tudo he pouco para as muytas virtudes, que nelle ouve.

CAPITVLO XXXI.

Vida do Padre Christovaõ de Gouvea.

Lisboa 13. de Fevereyro de 1622.

1 ESte Padre foy hum dos mais autorizados desta nossa Provincia, homem de grande virtude, bondade, & prudẽcia. Nasceo na Cidade do Porto de pays santos, & nobres. Chamavão-se Hẽrique Nunes de Gouvea, & Beatris Madureyra. De Henrique Nunes fazẽ nossas Historias illustre mençam, como de homem insigne bemfeytor nosso, & que nos amou, quanto dizer se pòde. Suas casas foram o nosso primeyro Hospicio na Cidade do Porto. Mostrou bem seu amor nos filhos tão santos, & virtuosos, que nos deo, quaes foram os Padres Christovão de Gouvea, & Joaõ Madureyra, do qual em seu lugar se escreverá copiosamente. Foy o Padre Christovaõ de Gouvea o mais velho de seus Irmãos, tinha o pay tanta ansia de o ver entre nós, que quiz entrasse na Companhia no dia, em que fazia quatorze annos. Partio da Cidade do Porto Henrique de Gouvea a tempo, que nos oyto de Janeyro, em que seu filho fazia quatorze annos, estivesse em Coimbra. Foylhe porèm preciso deterse no caminho dous dias, por isso chegou a Coimbra aos dez.

2 Neste tempo tinhamos em Coimbra dous Collegios, o que chamavaõ das Artes, no edificio, que hoje he Carceres, & Tribunal do Santo Officio, & o de sima, no lugar, em que agora vivemos. Avia tambem dous Noviciados, & dous Mestres dos Noviços. No Collegio das Artes estavam os Noviços, que estudavam, destes era Mestre então o Padre Antonio Correa. No outro Collegio se creavaõ os Noviços, que ainda naõ hião ao estudo. Destes era Mestre o Padre Gonçalo Alvres. Entrando Henrique de Gouvea na Igreja do Collegio das Artes com seu filho, depois de ouvirem Missa, se deo aviso ao Padre Reytor Leaõ Henriques, que logo foy á Sacristia. Vinha Christovaõ vestido de Apostolo, que assim o trazia o pay. Entam lhe disse o Padre Leaõ Henriques: O Apostolo irá ás avessas de Christo, Christo primeyro obedeceo, & depois prègou, & o Apostolo agora préga com o seu exemplo, & depois obedecerá.

3 Logo entrou para dentro, & foy levado ao quarto dos Noviços, que estudavam, os quaes no presepe, que ainda estava armado, fizeraõ seus colloquios, & tambẽ epigrammas em obse-

quio,

quio do novo companheyro. Dalli foy com ſeu pay para o Collegio de ſima, onde entrou a ſer Noviço aos dez de Janeyro de mil quinhentos ſincoenta,& ſeis. Teve tres annos de Noviciado,porque ſe eſperava,que Sua Santidade approvaſſe as Conſtituições. Eſtas approvadas fez os votos do Collegio, com quarenta Irmãos, dos quaes muytos eſperavam pela meſma cauſa. Achouſe preſente ſeu pay Henrique Nunes, porque era a tempo,que paſſava por Coimbra, chamado pela Rainha Dona Catherina, para o mandar Embayxador ao Rey de Angola, de que ſe eſcuſou por conſelho do Padre Miguel de Torres, & lhe nomeou hum ſeu primo. Quatro annos eſtudou Latim começando pela nona. Depois ouvio hum curſo de Artes, em que teve por Meſtre ao grande Prègador daquelles tempos o Padre Luis Alvres,a quem em Aviz em odio da Fè matáram com veneno os Judeos. Tomou os graos de Bacharel, Licenciado, & Meſtre em Artes, ſegundo entam ſe uſava. No tempo, que ouvio Latim,& Artes,foy muyto enfermo, em eſpecial no tempo do Latim. Para cobrar ſaude foy mandado a caſa de ſeu pay no Porto duas,ou tres vezes.Nem iſto he muyto de reparar, por quanto nas meſmas caſas moravam os Padres da Companhia, & morou Saõ Franciſco de Borja Cõmiſſario, & o Padre Chriſtovaõ lhe ajudava á Miſſa.

4 Depois foy para o Collegio de Evora, onde tomou ordẽs de Miſſa,que lhas deo o Arcebiſpo Dom Joaõ de Mello. Quatro annos eſteve em Evora. No primeyro foy Reytor dos Collegiaes nos Paços del-Rey, onde então ſe hoſpedavam. A eſte Collegio chamavaõ tambem dos Porcioniſtas; porque tirãdo alguns que ſuſtentava o Cardeal D. Henrique, os demais ſe ſuſtẽtavaõ à cuſta de ſeus pays. Teria atè ſeſſenta Collegiaes,nos quaes avia muyta gente nobre, como Fernam Martins Maſcarenhas,que depois foy Biſpo do Algarve, & Inquiſidor Geral, D. Antonio Maſcarenhas Deam da Capella,& outros muytos. Dous annos foy tambem Meſtre dos Noviços em Evora, onde teve quinze Noviços dos que foraõ para o Braſil com o Padre Ignacio de Azevedo,& deraõ ſuas vidas pela Fè. Neſte tempo eſtudava Theologia. Mas porque o eſtudo ſe naõ compadecia bem com eſtas occupações,o alliviáram dellas,ficando por Confeſſor da Communidade.

5 No anno de mil quinhentos ſetenta, & dous tornou para o Collegio de Coimbra, onde por cinco annos fez officio de Meſtre dos Noviços. Adoecendo o Padre Reytor Manoel Ro-

drigues,& indo-se curar a Lisboa, ficou por Vice-Reytor o Padre Christovam de Gouvea, tendo entregado o Noviciado ao Veneravel Padre Vasco Pires. No tempo, q̃ o Padre foy Mestre dos Noviços em Coimbra, teve sessenta, setenta, & algumas vezes oytenta Noviços, nos quaes ouve homens de grande ser. Desta occupaçaõ o mandou a obediencia ser Reytor do Collegio de Bragança. No anno de mil quinhentos setenta, & sete o mandàram visitar a Ilha da Madeyra, & voltou a continuar o triennio de Reytor no Collegio de Bragança, por assim lho escrever o Padre Geral. Naquelle tempo ninguem qneria ir para aquelle Collegio, & atè hum Reytor se tinha ausentado delle; por esta causa avendo Congregaçaõ Provincial, tratáram os Padres de largar o tal Collegio à Provincia de Castella a velha, & todos vieram nisso. Disse em ultimo lugar o Reytor do Collegio seu parecer, & foy elle tam ponderoso, q̃ logo o Padre Leaõ Henriques se retratou, & o mesmo fizeram os mais. No Collegio meteo muytas reliquias, que o Padre Ignacio Martins trouxe de Italia, & Alemanha, em especial das onze mil Virgens. Para seu recebimento ordenou huma solemnissima Procissam, & huma famosa Tragedia. Ouve festas de cavallo, patos, argolinha, & canas. Acodio a tudo a Cidade; & a Camera ordenou, se fizessem todas as festas, que se costumavam na festa de Corpus Christi. O Bispo Pinheyro mandou ir de Miranda todo o Cabido, & Clerezia para mayor celebridade. O Padre os agasalhou a todos no Collegio com os Cantores, & charamelas; & tratou a contento de todos.

6 Vieram à Procissam todos os Abbades, & Beneficiados com suas Cruzes. O Alcayde mòr mandou vir todas as bandeyras, & soldadesca da Cidade, & do termo, que todos deram suas salvas de arcabuzaria. Sahio a Procissam de Saõ Francisco, & se recolheo na nossa Igreja. Teve muytos, & bem ornados andores, & ouve outras invenções de applauso. Mostrou em tudo o Padre grande generosidade, sendo para o Collegio os tempos apertados, porque estava muy pobre, & tanto, que o Padre Procurador, que entam era o Padre Francisco de Araujo, de quem em seu lugar escrevo, nam dormia senaõ em hum lançol, & muytos outros sentiam a mesma falta. Nam avia barras, nem vestes, senam para muy poucos. Quando foy à Congregaçam pedio esmola a elRey Dom Sebastião, que lhe mandou dar duzentos mil reis, que em segredo se lhe deviam. Tambem lhe deo este piedoso Rey huns moinhos, azenhas, & pizam

com

com todas as ſuas terras, que por dividas ſe tinhaõ confiſcado para elRey. Tambem acreſcentou muyto a quinta de rica Fè, fez ornamentos, & algumas peças de prata para a Igreja. Succedendo por eſte tempo a ruina del-Rey Dom Sebaſtiaõ em Africa, o Padre lhe fez no Collegio ſuas exequias como a taõ inſigne bemfeytor nam ſò da Companhia, mas do ſeu Collegio. Acabou eſte governo, & deyxou a caſa notavelmente melhorada, cõ o qual ſe foy tirando o horror, que avia, de ir alli viver.

7 Depois de governar o Collegio de Bragança, o fizeram Reytor do Collegio de Santo Antaõ em Lisboa, acabando de o ſer o Padre Amador Rebello, que fora Meſtre de ler, & eſcrever del-Rey Dom Sebaſtiaõ. Em tres annos, que o governou, fez couſas de grande utilidade. De ordinario naquella caſa de Santo Antaõ o velho tinha ſeſſenta ſugeytos. Alèm deſtes eſtavam em Val de Roſal, que he huma propriedade do Collegio, os Padres Doutores Fernaõ Peres, Gaſpar Gonçalves, & Diogo Ciſneyros, os quaes naquelle retiro por ordem de noſſo Padre Geral faziaõ huma Sũma de caſos; com elles eſtavaõ outros tres Irmãos, ǵ os ſerviaõ, & lhes eſcreviaõ. Eſte trabalho naõ acho porǵ depois ſe naõ imprimiſſe, ſe acaſo ſe acabou. Vou metẽdo neſta narraçaõ algũas couſas, ǵ parece as pudera eſcuſar, por ſerẽ noticias particulares, que o meſmo Padre Chriſtovam de Gouvea deyxou eſcritas em hum Cõmentario, que por ſua curioſidade foy fazendo das occupações, que teve, & do que nellas fez; & porque muytos dos noſſos Religioſos goſtaràm de as ſaber. Deyxàra o Cardeal Rey dous contos em cada hum anno no Arcebiſpado de Lisboa, que o Arcebiſpo Dom Jorge de Almeyda, grande amigo da Companhia, pagava pontualmente; & ainda que de Roma o aviſàram, que reclamaſſe, & que lhe averiam reſcrito, elle como fiel amigo, nunca deu ouvidos a taes couſas Com eſte rendimento; pode o Padre ir fazendo dote no Collegio, alèm de outro rendimento; elle comprou a quinta de Xabregas, porque atè entaõ hiam os Meſtres ter a ſua recreação a huma quinta, que o Collegio para iſto tinha arrendada.

8 Eſte Padre foy, o que deytou a primeyra pedra no Collegio novo de Sãto Antaõ no anno de mil quinhẽtos ſetẽta, & nove, reynando o Cardeal Rey Fundador, o qual com o ſeu arquitecto mòr chamado Balthezar Alvres fez a planta da obra, em tudo magnificentiſſima. Porèm como demandaſſe grandes gaſtos, morto elRey Dom Henrique, ſe encurtou a obra, & o noſſo Padre Sylveſtre Jorge, grande arquitecto, que era natural da

Nogueyra no Bispado de Coimbra,fez nova planta, por onde se fez.O PadreReytor mãdou atrazar a obra quarẽta palmos,para ficar lugar a pateo dos estudos,em quanto nam ouvesse outro,& este he,o que ainda hoje serve. Deyxou o Padre Christovam de Gouvea o Collegio na altura das janellas do corredor de bayxo. Os alicerses foraõ taõ profundos,que passavaõ do andar das hortas de bayxo,a que o Collegio fica sobranceyro. Deve=se nisto muyto à industria deste bom Padre,que em taes tempos foy ad=miravel. Naõ podia elRey dar dinheyro , porque a disgraça de Africa todo o puxava para os resgates. O Padre Christovam para aver dinheyro para as obras ,teve o favor de algumas Senhoras devotas da Companhia , as quaes lhe davam suas joyas, para sobre ellas pedir dinheyro. Entre estas foy Soeyra de Vasconcellos,mãy do nosso Padre Antonio de Vasconcellos Autor do Anacephaleoses dos Reys de Portugal. Esta fidalga, gran=dissima bemfeytora da nossa Companhia,per si,& por suas amigas ajudou muyto ao Padre Christovam de Gouvea.

9 Além de outras contradições teve o Padre muytas dos nossos velhos da Casa de Saõ Roque , assim por fazer os alicer=ses tam fundos,& largos,como por contemporizarem com o povo,que se queyxava de nós. Os da Camera se queyxàraõ a elRey,que nos dava muyto, & que naõ avia dinheyro para defẽder a costa do Algarve.A isto respõdia S.Magestade:Eu q̃ lhes dei?naõ lhes dei nada. Na verdade assim era,q̃ elle depois de Rey nada deu ao Collegio para as obras, mas sò a pensaõ de quarẽta mil cruzados no Arcebispado,cõ intençaõ, que della se cõprasse hum conto de rendimento , com que as obras se fizessem. Foy este calor,que o Padre deo às obras,de notavel importancia:porque vindo depois Philippe Segundo , nossos emulos lhe fizeram queyxa da obra , & pediram a mandasse parar . Elle perguntou, quanto tinha custado;& dizendolhe, que doze mil cruzados,respondeo:Vá por diante a obra, que eu naõ hey de pagar esse di=nheyro aos Padres. Saõ por certo bemafortunadas as obras , se quem as menea em seus principios,donde essas todas dependem, as sabe dispòr com grandeza; & tal foy este Collegio, que se a=caso se levar em algum tempo ao fim , será das cousas boas , ou melhores do Reyno; & tudo se deverà ao Padre Christovaõ de Gouvea.

10 Tambem no seu tempo mandou o Senhor Dom Antonio,que por espaço de hum anno assistissem doze Padres em Almeyrim com o corpo del-Rey Dom Henrique defunto.Aca=

bando

bando de ser Reytor do Collegio de Santo Antam, veyo de Roma feyto Provincial o Padre Sebastiaõ de Moraes, que fora Cõfessor da Senhora Dona Maria Princesa de Parma. Nosso Reverendo Padre Geral Claudio Aquaviva de novo eleyto, nomeou por companheyro do P. Provincial ao Padre Christovaõ de Gouvea; o qual o foy hum anno, em que visitando a Provincia, hia o Padre em besta, que naõ era de sella, levando diante de si huma canastra encourada. Esta humildade usàram os nossos Padres naquelles primeyros tẽpos, quãdo faziaõ a visita da Provincia. Diz o Padre Christovam de Gouvea, que o Padre Sebastiaõ de Moraes fora o mais bem aceyto Provincial, que nesta Provincia ouvera atè o seu tempo, por ser homem de muyta prudencia, brandura, & caridade. Nas cousas difficultosas sempre consultava a seu companheyro, & ordinariamente seguia seu parecer, & atè nas minimas; porque nos caminhos, & encruzilhadas, por onde o companheyro nunca fora, esperava por elle, & naõ hia, senaõ por onde ao companheyro parecia. Eram as entranhas, & prudencia do Padre Christovam de Gouvea tam conhecidas, que ostentados, & desconsolados se hiam ter com elle, antes que com o Provincial, & era tanta a bondade do Provincial, que elle mesmo lhos mandava; & por este modo se emendavam muytos.

11 Teve este Padre grande amizade com o Santo Varaõ Vasco Pires Mestre dos Noviços em Coimbra, por isso lhe ouve do Padre Provincial algumas cousas em favor dos Irmãos Noviços; & assim o Padre Vasco Pires lhe costumava dizer, que sua Reverencia merecia o titulo de Fundador dos Noviços. Cõservou na Companhia a muytos, que estavaõ no aperto da reclusaõ; o Padre Provincial costumava remeterlhe, o que tocava a estes. O modo, que nisto guardava, era, entender se com o Irmaõ, que os servia. Mandava, que os apertasse muyto no principio, que lhes tirasse a cama, ficassem com hum sò cabeçal, comessem pão de rala com hum caldo. Fazendo-se o Padre de novas os visitava, perguntavalhes com amor, como passavaõ, offerecia-se para fallar por elles ao Padre Provincial. Tanto que abrandavam, ajudando-se tambem das palavras de Deos, & cousas espirituaes, que lhes dizia, lhes fazia dar melhor cama, & melhorar no comer. Deste modo reduzio a muytos, & os conservou, sendo que estavam tam endurecidos, que julgavaõ naõ cõvinha à sua honra ficar na Companhia.

12 Estando o Padre Christovaõ de Gouvea companheyro do

do Padre Provincial, lhe veyo patente do Padre Geral Claudio Aquaviva, que fosse por Visitador do Brasil. Sentio isto tanto o Padre Provincial, que adoeceo de pena, porque naõ acharia, quẽ assistisse naquella occupaçaõ com igual talẽto ao do Padre Gouvea. Mas queria Deos, que tambem a Provincia do Brasil participasse tanto bem. Embarcouse na Capitania, em que hia por Governador do Brasil Manoel Telles Barreto; levava por companheyros ao Padre Fernam Cardim, & ao Irmão Barnabè Tello, que muyto lhe servio nas utilidades temporaes da Provincia. No tẽpo da viagem tinha por occupaçaõ ensinar a doutrina, & acodir aos enfermos, com os quaes repartia da sua matalotagem. Por ordem que levava do Padre Provincial visitou o Collegio da Ilha da Madeyra. Os nossos que nelle estavam, lhe cobráram tanto amor, que muytos, se tiveraõ licença, se iriam com elle para o Brasil. Da Madeyra em pouco mais de hũ mez chegàram á Bahia, Cidade principal do Brasil. Era então Provincial o grande servo de Deos o Padre Joseph de Anchieta, muy amigo do Padre Visitador. O primeyro assumpto da sua visita foy o augmento do Culto Divino. Dedicou á Igreja da Bahia hum corpo de prata, em que estava huma cabeça das onze mil Virgens. Levou muytas outras reliquias para as casas daquella Provincia. Para mais honra das santas reliquias fez ordenar huma solenne procissaõ, em que vieram da Sè atè o nosso Collegio, entre muyto apparato, & invenções plausiveis. Ouve festas de Touros, & canas. Para se perpetuar a devoçaõ às onze mil Virgens, ordenou logo huma grave Confraria, & Irmandade da sua invocaçaõ.

13 Para que se fizesse cõ aceyo o Culto Divino, & celebridades principaes, ordenou, que nas aldeas, de que os nossos tem cuydado, se ensinasse aos Indios canto de orgaõ, & tanger instrumentos musicos. Sairam os Indios tam destros, que vinhaõ às nossas Igrejas celebrar as festas com grande admiraçaõ dos Portuguezes. O que fez grande espanto, foraõ tres meninos de sò tres annos, que subiam em bancos sò para verem a solfa dos livros, & sem saberem ler, jà sabiam cantar. A primeyra noyte do Natal, que esteve na Bahia, indo à Igreja, a achou sem gente. Ficou disto magoado, & disse: Se Deos me dá vida, o Natal seguinte serà a gente tanta, que se naõ possa revolver na Igreja. Assim foy: porque os seus Indios fizeraõ taõ santo applauso, que toda a Cidade concorreo. Nas Missas os Padres cantavaõ o canto chão, diziaõ as Missas cõ Diacono, & Subdiacono, & os Indios ajudavaõ

vaõ no canto de orgam com os instrumentos. Fazia-se o Culto Divino com tal devoçaõ, que o mesmo Bispo vinha ouvir os Officios Divinos à nossa Igreja, dizendo, que a ninguem achava na sua Sé. Nosso Reverendo Padre Geral approvou tudo isto, por servir ao mayor augmento da Christandade.

14 Ordenou, que as prègações naõ passassem de tres quartos, donde se seguio vir a ellas mais gente. Tudo se melhorou de sorte, que o Padre Christovaõ de Gouvea se pòde chamar Fũdador daquella Provincia. Para collocar as reliquias, que levou, & outras que lá estavaõ, mandou concertar a Capella dos Irmãos. Estava o Collegio empenhado em alguns trinta mil cruzados, & por isso pouco para obras, mas a industria do Padre Visitador descobrio traça para tudo. Recebeo alguns officiaes, como pedreyros, & carpinteyros, & deolhes alguns escravos, que ensinassem, os quaes em pouco tempo sahiram destros nos officios. Cõ estes officiaes foy fazendo muytas obras, como a Capella das reliquias, o Refeytorio, que se fez sobre a cerca com janellas para o mar. Mudou a portaria. Fez a livraria; a casa dos Noviços, hum eyrado para o repouso com vista para o mar. Abrio hum poço junto ao Refeytorio, que considerado o lugar, se teve quasi por milagre acharse alli agua. Era o sitio levantado do mar algumas cem braças. Tinhaõ os Padres por cousa escusada buscar alli agua. Mandou o Padre dizer primeyro aos Padres muytas Missas, & aos Irmãos fazer muytas orações pelo bom successo da obra; & Deos lhe deo a sentir, que a emprendesse; & foy o Senhor servido, que a pouco mais de vinte braças achou agua muy doce, & copiosa. Era tanta, que della bebeo o Collegio, & toda a Cidade da Bahia, quando oyto, ou nove annos depois delle feyto, os Inglezes puzeram cerco à Bahia, & tomàraõ as fontes publicas. Forrou com isto grandes gastos ao Collegio.

15 Por ser o Collegio de Estudos, lhe fazia grande falta huma quinta para os Mestres, & aos nossos, que estudavaõ, irem a seus tempos tomar algum allivio. Logo deo ordem a fazer quinta. Como era tam executivo, elle em pessoa foy ao lugar, em que hoje he a quinta, com os seus officiaes, que eraõ muy destros. Em dous mezes acabou huma obra de pedra, & cal, que demandava muytos annos; Capella, corredor, Refeytorio, officinas, tudo tam bello, & capàz, que diz o manuscrito, donde isto recolho, que podia competir com as melhores quintas de Portugal. Naõ avendo alli arvores fructiferas, elle fez povoar o terrenho de sorte, que brevemente se tornou muy a-

prazivel,

prazivel,& proveytoſo. Fez lago de agua,em que ouveſſe muyto peyxe, entrando nelle dous ribeyros. Trouxe agua de fonte excellente ás caſas. O que em tudo realçou mais, foy em fazer todas eſtas obras ſem o Collegio gaſtar real:porque os officiaes eram os Irmãos com os eſcravos, os trabalhadores os Indios das noſſas aldeas,a quẽ ſe ſatisfazia o ſeu trabalho: mãdioca,que he o ſeu paõ,& os legumes davam os devotos do Padre, Senhores de engenhos de aſſucar; o peyxe peſcavaõ os Indios. A occaſiaõ de fazer eſta obra foy,que eſtando o Padre Viſitador na oytava da Paſcoa com os mais Padres do Collegio tratando de couſas devotas,ſe meteo pratica, em como a quinta era neceſſaria para a ſaude.Logo alguns ſahiram com difficuldades da falta de madeyra,cal,pedra,& outras.Entam diſſe o Padre: Eſtá bem,digam à manhã os Padres Miſſa, & os Irmãos tenhaõ oraçaõ por eſta tençaõ.No dia ſeguinte foy ao ſitio,todos o approváram de bõ, & logo no outro dia deo ordem a ſe meter mão à obra, na qual teve principal louvor o Irmaõ Barnabé Tello, que ſervira ao Padre Meſtre Simaõ;ſabia quaſi todos os officios,era pedreyro, oleyro,carreyro,alfayate,carpinteyro, & todos eſtes officios fazia bem. Quiz referir eſtas couſas com alguma miudeza, porque ſe veja a caridade deſte bom Padre, & ſaibam os noſſos Padres do Braſil,quam obrigados lhe vivem.

16 Depois foy viſitar as aldeas pertencentes ao Collegio da Bahia,em todas ordenou as couſas com tanta prudencia,que o Padre Geral mandou a ſeu ſucceſſor,que nada mudaſſe,do que elle tinha diſpoſto. Alcançou del-Rey, que os Indios nos primeyros quinze annos de ſua converſaõ naõ pagaſſem dizimos. Alcançou do Padre Geral licença para a Provincia ter hum navio,em que ſe viſitaſſe, & foſſem os Religioſos de huns para outros Collegios.Foy viſitar a Capitania dos Ilheos,onde achou a gente da terra amotinada contra a Companhia pelas imprudẽcias,com que hum noſſo ſe tinha avido em huma prègaçam, de que os principaes ſe moſtràram ſentidos.Caſtigou a deſattençaõ do Padre,& mãdou dar ſatisfaçaõ aos que eſtavam aggravados. Com iſto lhe ficàram todos muy affeyçoados, & ſe evitáram alguns inconvenientes, que juſtamente ſe temiam. Foy o Padre correndo outras Capitanias, em todas foy ſua viſita de grande conſolaçaõ para os Miſſionarios, & todas as couſas ficáraõ diſpoſtas com ſingular prudencia.

17 Quiz Deos dar a eſte ſeu ſervo materia de grande merecimento,quando voltou do Braſil. Foy cativo dos hereges Francezes,

cezes,que naquelles tempos,por fazer as partes do Senhor Dom Antonio contra elRey Filippe,infestavaõ os mares. Elles o tratàram com deshumanidade,como homens a quem os da Companhia eraõ por extremo aborrecidos; de huma vez,além de lhe terem furtado huma pobre capa , lhe deraõ de pancadas ; outra lhe tiràraõ com huma tigela de fogo á cabeça.De outra lhe quizeraõ fazer por força comer carne em huma sesta feyra , ameaçando-o com huma faca,que o matariaõ , se a naõ comesse. Finalmente no mar de Biscaya , tomando hum barco de pescadores,o metèraõ nelle,& a outros Religiosos nossos,& alguns Portuguezes,sem outro provimento, que hum barril de cerveja negra,& hum pouco de biscouto podre.Distavaõ como setenta,ou oytenta legoas da terra.Entre a morte , & a vida chegàraõ ao Porto de Santo Andre em Biscaya,mais mortos , que vivos , & dalli por terra vieraõ a Portugal.

18 Nos muytos annos, que este bom Padre foy subdito , & Superior,de huns,& outros pòde ser trazido por exemplar muy cabal. Todos o tiveraõ,como era , por homem innocentissimo, sem genero algum de refolho , pio, & devoto , dado de veras às cousas espirituaes; manso,pacifico,observante,calado,sofrido, & muy circunspecto ; eraõ estas virtudes tam conformes à sua propensaõ,que pareciam naturaes. Foy conhecido por amigo de fazer bem a todos , & que cortava muyto por si por naõ dar moestia aos outros. Sendo Reytor no Collegio de Evora, estava mortalmente enfermo , & já ungido o Padre Antonio de Sousa, que então era Noviço,& depois teve grandes cargos nesta Provincia,entrou o Padre Reytor ao visitar , & chegando-se ao enfermo lhe disse assertivamente: Filho,naõ haveis de morrer desta,aveis de viver muytos annos na Companhia : & assim succedeo. Nas obrigaçoens do seu officio em tudo se mostrou exactissimo. Nas cousas que em consulta, ou fóra della se determinavam, naõ avia quem fosse mais diligente , & animoso em as executar. Para com os subditos, que reconheciam , & emendavam suas faltas,tinha entranhas de pay; avendo emenda , eram para com elle os defeytos , como se nunca tivessem succedido.

19 Nas palavras era parco ; nas obras grandioso , inimigo de dissimulaçoens , caritativo igualmente para grandes , & pequenos,& por isso tido , & avido por Pay de todos. Quando a exacçam da disciplina Religiosa pedia rigor , sempre o teve sem excepçaõ de pessoas. Nem os poucos annos de huns o afoutavão,

vaõ,nem o acovardavaõ os muytos de outros. No acodir aos negocios ainda em cousas de repente foy tam acertado, que hũ Padre seu Secretario, sendo elle Provincial, asseverou, que muytas vezes se puzera a considerar, se em taes, ou taes negocios se podia responder melhor de cuydado, que elle o fazia de repente; & disse, que sempre lhe pareceo, que o que o Padre determinava, era o mais acertado. Por esta grande esfera, que nelle tinha conhecido nosso Reverendo Padre Geral, julgou naõ avia outro de mais ser, para sustentar o pezo das Christandades do Japaõ, por isso o propóz a elRey para Bispo de Japaõ, & Sua Magestade o aceytou, & nomeou; porém naõ teve effeyto, porque enfermou gravemente, & se entendeo naõ ter forças para jornada tão cõprida. Foy muytos annos Confessor dos Duques de Aveyro, & da mais gente do seu paço, que o respeytavam por Santo. Os cargos, que teve, foraõ, alèm dos assima apontados, Reytor do Collegio de Evora, Provincial, & Preposito da Casa de S. Roque, onde faleceo em santa velhice aos 13. de Fevereyro de 1622.

CAPITVLO XXXII.

Vida do Padre Luis Lopes.

Evora 1. de Março de 1676.

1 NAsceo o Padre Luis Lopes na Villa da Vidigueyra do Arcebispado de Evora: seus pays se chamàraõ Estevaõ Jorge, & Maria Lopes, da gente mais nobre, & mais rica daquella villa. Tendo quatorze annos de idade, aos vinte & quatro de Dezembro de 1611. entrou na Cõpanhia em o Noviciado de Evora, sendo Mestre dos Noviços o Padre Jacome Monteyro. Depois, que entrou na Companhia, por toda a vida fez grande estudo da perfeyçaõ religiosa; & se ajustou tanto com as regras, que muytos para explicarem esta exacta observancia, lhe chamavam, regra viva. Occasiam ouve, em que alguns Religiosos nossos estando praticando entre si excitàram questam, que cousa se podia fazer naquelle tempo, que fosse mais ajustada á regra; & entre outras se deo esta consideraçaõ, que aquillo, que no dito tempo fizesse o Padre Luis Lopes, seria o que nas taes circunstancias era mais conforme á regra: dito, que bem significa o conceyto, que se fazia da sua observancia.

2 Foy desde os primeyros annos tam inclinado á virtude, que sendo ainda estudante fez voto de castidade, & era tido por moço

moço Angelico, & assim o chamavaõ Entrando na Companhia tomou por exemplar do seu viver a nosso Santo Patriarca. Na observancia dos seus votos deo sempre grandes exemplos; na pobreza nunca se desviou do cõmum; tinha sómente alguns livros para ler liçam espiritual: a sua pobreza era aceada: sendo filho de pays ricos, se portou sempre, como se nacèra dos mais pobres, nam se aproveytando do que lhe offereciam. No seu cubiculo nem ainda teve hũa quartinha de agua, com que acodir á sede. Na pureza jà dissemos, que foy hum Anjo, ainda sendo estudante secular. Em todas as suas acções resplandecia, & viam todos grande candura de costumes. Para obedecer à risca, bastava qualquer insinuaçaõ da vontade dos Superiores; sem se escusar, o que podèrà fazer muytas vezes, em q̃ facilmente seria ouvido. Nos ultimos annos, em que teve grande falta de ouvir, tinha com licença hum Irmaõ estudante, que o avisava todas as vezes, que a campa dava sinal a alguma obediencia, á qual acodia logo sem demora alguma; & se era exame, ou oraçaõ, persistia atè que o Irmaõ o tornava a avisar, que se tinha acabado o tempo; & se alguma vez se esquecia, & por mais que tardasse, naõ acabava antes de vir.

2 Hum dia o avisou para ter exame do jantar, logo se pòz de joelhos, porèm quando deo a hora, lhe passou por alto ao Irmaõ chamallo para a mesa; esteve o Santo velho no seu exame de consciencia atè se acabar a primeyra mesa; & como o Irmaõ advertisse no seu descuido, andava junto da porta do Padre sem se atrever a entrar: passou neste tempo hum, & perguntando que fazia alli, contoulhe a sua inadvertencia, & o pejo que tinha de entrar no cubiculo. Vá-se, disse o Padre, que eu entro; & abrindo a porta achou ao Padre de joelhos, & dizendolhe que bastava de exame; que fosse á mesa: respondeo o Padre Luis Lopes: Valhame Deos, Padre, que depois que me entendo, nunca vi quarto de exame tam comprido.

3 Por se ajustar com a regra, sempre se deytava cõ a Cõmunidade, & se naõ levãtava antes della: nestes ultimos annos como nam ouvia, esperava na cama, atè entrar o despertador: succedeo o enfermeyro, q̃ a certas horas pela manhã dèsse algũa cousa de comer ao P. por cousa de sua muyta debilidade: chegàra, & passáraõ aquellas horas costumadas, & naõ apparecia o P. Luis Lopes: persuadindo-se o enfermeyro, q̃ podia aver alguma indisposiçam mais que a ordinaria em o Santo Velho, foy ao seu cubiculo, & o achou ás escuras, & abrindolhe a janella, disse o Padre Luis

 Lopes:

Lopes: Venha em boa hora Irmaõ, nunca vi noyte tam compri- da. Noyte? respondeo o enfermeyro, isto meu Padre he alto dia: & assim estaria atè a noyte, se o naõ fosse despertar o enfermey- ro; logo se levantou, & como fosse já o tempo de ir tomar o seu bocadinho, apertou com elle o enfermeyro, que assim o fizesse, mas naõ pode acabar isto; porque o Padre como se se levantá- ra a seu tempo, começou a ter os seus exercicios espirituaes pe- lo modo, que os fazia nos mais dias, & nelles gastou todo o res- tante da manhã.

4 Sempre procurou ser humilde: de todos sentia alta- mente, & só baxamente de si: frequentemente se exercitava em servir na cozinha, vestindo-se de roupeta parda. Sendo Vi- ce-Reytor do Collegio de Evora, escreveo a hum secular, que naõ era bem affecto à Companhia, & leo a carta antes de a mã- dar, a hum moço de menos annos, dizendolhe, que visse, se nota- va nella alguma cousa digna de se corrigir, que logo a emen- daria; & deyxava-se bem ver, que nestas occasioens fallava o Padre de coraçaõ. Por nenhum negocio, que tivesse, deyxaria hum ponto nos exercicios espirituaes: sendo já velho conser- vou o seu exame particular com as miudezas, que nos ensinam em o Noviciado, conservando-se sempre com grande pureza de consciencia. Deolhe huma vez hum desmayo ficando ainda al- guma cousa em seu juizo; naõ pedio confissaõ, de que teve de- pois escrupulo, quando tornou perfeytamente em si, dizendo ao Confessor: Naõ tratey da confissaõ, quando tive aquelle vágado, porque me naõ occorreo cousa de que me remordesse a consci- encia. Delle disse hum homem grave: *Erat vir justus, & sine dolo.* Affirmou o Padre que foy seu Confessor nos ultimos an- nos da sua vida, que o Padre Luis Lopes naõ tinha nas suas ac- çoens materia de absolviçam, senam era em algum leve defeyto da vida passada, que sempre exprimia, & dava por materia do Sacramento da Confissaõ. Hum nosso Religioso grave, que este- ve annos em Roma, & passou por outras Provincias da Compa- nhia, affirmou, que nunca encontràra homem mais observante, que o P. Luis Lopes, nẽ que mais tratasse da perfeyçaõ religiosa.

5 Era muyto devoto do Santissimo, inculcava com to- dos os encarecimentos sua devoçaõ, & o visitava muytas vezes. Só por causa de estar doente na cama deyxou al- gum dia de dizer Missa: quando sendo Provincial andava em visita, sempre nas jornadas celebrava este santo sacrificio: como tambem tinha com toda a exacçaõ a hora de oraçaõ, que se cos-

tuma ter de manhã, & para naõ ter nella diminuto cousa algũa, levava comsigo hum relogio de area. Rezava o Officio Divino com vòz intelligivel,& pausadamẽte, tendo tempo determinado para cada hora,como se dirá abayxo, quando referirmos a distribuiçaõ de tempos,em que fazia os seus exercicios espirituaes. Ordinariamente orava de joelhos, & examinava a consciencia, estando immovel com o corpo,& com huma postura, que me- cia devoçaõ. No cubiculo sẽpre o acharaõ lendo,orãdo,ou escre- vẽdo,& nũca ocioso: escreveo muytas cousas espirituaes,& dig- nas de se darem ao prelo; ainda que nenhumas se imprimiraõ. Rara vez sahia de casa, senaõ por causa de algum negocio urgentissimo, tanto,que aos nossos seculares que o conheciam, era como novidade vello sahir fòra da portaria. Nunca foy á sua patria, senaõ huma vez,que foy assistir á morte de sua mãy.

6 Sempre foy tido,& avido por despertador da honra pro- pria;por isso ellas o seguiram tanto, porque teve as mayores da provincia;antes de ser professo do quarto voto, foy Mestre dos Noviços em o Collegio de Evora:foy Reytor do Collegio, que temos na Ilha de Saõ Miguel; Preposito da Casa Professa de Villaviçosa; Reytor do Noviciado de Lisboa, & segunda vez Mestre dos Noviços em Evora;Secretario da Provincia do Bra- sil,Procurador eleyto na Cõgregaçaõ triennal a Roma;Reytor dos Collegios de Coimbra, & de Evora, & finalmente Provin- cial: em todos estes governos se ouve com geral satisfaçam,as- sistindo a todos os seus subditos com grande amor, & caridade. Sendo Provincial corria a Provincia em hum jumento,dizendo como por graça,que assim andava melhor,& que se cahisse,daria menor queda. Teve grande cuydado de conservar em sua intey- reza a observãcia religiosa;de prover assim o espiritual dos Col- legios,que governava, de que nunca faltassem provisoens neces- sarias para o cõmodo dos Religiosos: nestas materias se ouve com tanto zelo, que affirmou hum nosso Religioso, que sendo necessario,podia affirmar com juramento,que o Padre Luis Lo- pes nos seus governos nunca obrára, senaõ o que dictavam as leys da boa razaõ.

7 Daqui nacia,que quando ordenou alguma cousa,que fosse menos conforme ao gosto daquelle, a quem mandava, ninguem se persuadia,que a tal disposiçam nacesse de algum resabio de af- fecto sinistro;mas porque assim o julgava em o Senhor. De to- dos os subditos fazia confiança, de nenhum suspeytava mal:nas penitencias que dava,sempre tratou muyto do decoro daquel-

les, que as levavam: quãdo reprehendia algum, se via nelle sinaes de arrependimento, & de emmenda, o despedia de sua presença animado, & consolado, dizendolhe estas palavras: Daqui por diante seja fiel a Deos, & à Religiaõ. Quando via, que o castigo era necessario para as melhoras do subdito, naõ avia para elle genero algum de respeytos humanos, que o intimidasse. Hum nosso Religioso da primeyra nobreza deste Reyno confessou, que ao Padre Luis Lopes devia o ser Religioso da Companhia: por respeyto de sua nobreza algum Superior estrangeyro lhe tinha feyto algumas equidades, ou benevolencias menos proveytosas para a observancia, com que era bem se ouvesse: succedeolhe ser subdito do Padre Luis Lopes, & cuydava elle, que tambem o novo Superior dissimularia com elle em seus descuydos; mas achouse enganado; porque o Padre lhe deo logo em publico huma pesada penitencia, com tal reprehensaõ, que o Religioso dalli por diante mudou de estylo; perseverou na Religiaõ, nella foy professo do quarto voto, & veyo finalmẽte a morrer; dizendo muytas vezes que o Padre Luis Lopes com a sua severidade o ensinára a ser verdadeyro filho, & Religioso da Companhia.

8 Muytas vezes quando tinha oraçaõ no seu cubiculo, estava tam embebido em Deos, que nem ouvia bater à porta, ainda antes de ter falta neste sentido; nem sentia, que a abrissem, nem dava fè de quem entrava, nem do que lhe diziaõ, mostrando-se em tudo alienado de seus sentidos. Quando isto escrevia, me referio hum Padre grave, que o Padre Luis Duarte, que morreo com opiniaõ de virtude no Collegio de Evora, lhe dissera, que nos seus apontamentos, que tinha das virtudes do Padre Luis Lopes, tinha elle apontado, como alguma vez estando em oração o achàram levantado no ar. Succedia muytas vezes depois de aver muyto tempo, que se tinha acabado a oraçaõ da Communidade, sahir do cubiculo, & perguntar ao primeyro, que encontrava, se se tinha já acabado o tempo da oração. Todos os dias tinha meya hora de visitas do Santissimo, & da Senhora, como se costuma em o Noviciado. Na reza do Officio Divino sempre se accõmodou com a reza da Igreja, sem usar dos privilegios, que temos de rezar do Santissimo, da Cõceyçaõ, ou de outro algum. Succedeo acharse hum dia tam enfermo, que se naõ pode levantar da cama por todo o dia; no seguinte dia pela manhã se levãtou com a Communidade, teve a sua oraçaõ, & acabada ella o acháraõ ainda de joelhos, porèm tam debilitado, que foy necessa-
rio

rio metello outra vez dentro da cama.

9 Sendo Reytor de Coimbra lhe eſtava hum Irmaõ fechando as cartas, neſte tempo deo a campa ſinal a exame, & o Irmão hia lançando a mão à penna para pór hum ſobreſcripto em hũa carta para hũ Senhor titular do Reyno: então lhe diſſe o Padre Reytor: Irmaõ, a que tãgeo aquella campa? & reſpondendo, que a exame: & pois, diſſe o Padre Reytor, naõ deyxais logo tudo, o que tendes entre mãos? ide logo fazer exame, nem vos torne a ſucceder outra ſemelhante. No meſmo Reytorado lhe veyo às mãos huma carta, que vinha para hum ſeu ſubdito, em que outro largava a penna mais do que devera, por vẽtura fiado na ſegurãça da maõ por quem a enviava; abrio-a o Padre Reytor, & começava ella: Eſta ſim, que naõ irá à maõ de Luis Lopes. Deſta prefaçaõ bem ſe deyxa conjecturar, o que ſe ſeguiria; porèm de toda ella naõ diſſe mais que as ſobreditas palavras, acrecentãdo: Ninguem por mim ha de perder; & conſumio a carta, ſem della reſultar dano a alguem.

10 Em Coimbra foy hum dia com outros Padres ſeus ſubditos confeſſar ao Moſteyro de Santa Anna, depois de fazer muytas confiſſoens, quando ſe queria vir para caſa, vendo as Religioſas ſua preſença reſpeytoſa, lhe pediraõ, quizeſſe ſer ſua valia para com o Padre Reytor do Collegio em ordem a lhes conceder huma prégaçaõ, que lhes tinha negado; acrecentando, que o Padre Reytor devia ſer algum proluxo, & impertinente, auſtero, & de mà condiçam: tudo ouvia ſem mudar de cores o Padre Luis Lopes, & lhes reſpondeo, que elle faria, quanto pudeſſe com o Padre Reytor; ainda que ſendo elle, como o pintavaõ, temia, nam perſiſtiſſe na ſua teſidam. E Voſſa Paternidade como ſe chama? perguntàram ellas. Supponhaõ que me chamo Bras Joaõ, reſpondeo o Padre Luis Lopes; & voltando para o Collegio, diſſe ao porteyro: Trazeyme ao cubiculo huma carta, que aqui há de vir para o Padre Bras Joaõ: veyo a carta, & levada ao Padre Reytor, naõ reſpondeo por eſcrito; mas de palavra mandou dizer, a quem trouxera a carta, que diſſeſſe ás Religioſas, que o Padre Reytor concedia a prégaçaõ, que ſe negàra: ficàraõ ſobremaneyra contentes, & cõ grande opiniam dos valimentos do P. Bras Joaõ para cõ o P. Reytor; & cõ a curioſidade, que tẽ ſemelhãte gẽte, começáraõ a peſquizar tãto ſobre o P. Bras Joaõ, que vieram a deſcobrir, que elle, & o Reytor eraõ o meſmo: ficàram confuſas da pouca cautela, com que ſe aviam portado em ſua preſença; venerãdo o ſofrimento, cõ que levou tantos dicterios,

rios,& zombarias sem a minima mostra de sentimento. Vio-se bem a grandeza de seu animo na ruina da casa dos lavatorios de Coimbra; tinha elle feyto aquella obra, que he magnifica, com grandes expensas, quando huma noyte se veyo toda ao cham: derão-lhe a nova; levantou as mãos ao Ceo, dando graças a Deos, de que succedesse aquella ruina em tempo, que ninguem perigou com ella; & sem se alterar cousa algũa, mandou outra vez abrir os fundamentos, & levantar o edificio com tal firmeza, q̃ naõ pudesse desdizer: he esta casa hũa das mais fermosas, q̃ tẽ o Collegio de Coimbra, & digna do animo do P. Luis Lopes, & do magestoso Refeytorio daquelle Real Collegio.

11 Hum Sabbado passando no tempo do almosso junto ao Refeytorio, vio a porta fechada; perguntou ao Padre Ministro, porque naõ estava aberta. Respondeo, que era Sabbado, em que todos jejuavaõ em hõra da Senhora, por tanto era cousa escusada abrir naquelle tẽpo o Refeytorio. Por isso mesmo, disse o P. Luis Lopes, mande V. R. logo abrir o Refeytorio, & daqui por diante faça o mesmo neste dia; para q̃ naõ façamos de obrigaçaõ o jejũ, q̃ he só de võtade, & de devoçaõ de cada hũ; entaõ se deyxa ver melhor, quem he mais devoto da Senhora; & tambem porque póde aver alguns, cuja debilidade de forças se naõ possa accõmodar com o jejum, & para estes naõ he bem esteja fechada a porta do Refeytorio. Governando o Collegio de Evora, se chegou a elle hum Padre, pedindolhe licença para aceytar algum dinheyro, para comprar huma medicina muyto usual, & que naõ he daquellas, que manda dar a Religiaõ. Perguntoulhe o Padre Luis Lopes: Diga-me, meu Padre, a quem serve Vossa Reverencia? naõ serve á Religiaõ? pois essa o ha de prover; aqui tem Vossa Reverencia dinheyro para comprar, o que lhe for necessario, & em se acabando, com toda a confiança venha por mais dinheyro, que se lhe naõ ha de negar.

12 Sendo Mestre do quarto curso em Evora, tinha por discipulo a hum nosso Irmaõ do Recolhimento, o qual por ser de estatura grande, & andar ainda com as mangas vestidas, na fórma, que entre nós andaõ, & vaõ ao estudo, os que saõ daquelle estado; era materia de gracejar aos condiscipulos seculares; naõ fugia isto ao Religioso, & tinha sua pena, & dissabor; o que sabendo o Padre Mestre, para de hũa vez atalhar a ociosidade de hũs, & a penna do outro; huma tarde vestio as mangas da veste na fórma que andava o seu discipulo, & desta sorte foy pelo meyo do patio para a sua aula, aonde esteve daquella sorte atè se aca-
bar

bar o tempo da sua liçam: ficáram todos os discipulos admirados da novidade, & edificando-se muyto daquelle santo invento, dalli por diante cessáram todas as suas graças, & modos, ou significaçoens com que se davam a entender, & tambem se mitigou a pena do nosso Religioso. Mandou o Superior a hum Padre grave, que fizesse huma cousa, que se nam costumava ordenar aos da sua idade; nam se accommodava demasiadamente com a obediencia, & naõ faltava, quem lhe dissesse, que se queyxasse ao Padre Provincial: sabendo isto o Padre Luis Lopes, & fallando com aquelle Religioso, lhe persuadio que se ajustasse com a vontade do Superior, que o demais ficava á sua conta; logo tomou a penna, & escreveo ao Padre Provincial, o que era bem se fizesse naquella materia: o Padre Provincial o deo logo por alliviado; & por este caminho fez com que ficasse respeytada a obediencia, & aquelle Religioso fóra da molestia, que sentia.

13 Tinha huma donzella parenta do Padre Luis Lopes entrado em hum Convento de Evora para ser Religiosa; porèm desinquietada por hum secular, estava com pensamentos de mudar de estado, & para alcançar o consentimento de seus parentes, tinha o mesmo pertendente empenhado a hum Senhor deste Reyno, a quem sabia se naõ aviam de atrever a negar, o que se pedia: soube isto o Padre Luis Lopes, foy-se ao Convento, & fallando com a parenta sem lhe tocar nos propositos, em que andava, lhe fallou tam altamente dos bens, que avia no estado Religioso; & lhe trocou com isto de tal sorte o animo, que ella rompeo, dizendo, que por todas as cousas do mundo nem ainda por conservar a mesma vida, deyxaria de ser Religiosa; & com esta resoluçam começou logo o Noviciado: constandolhe àquelle Titular os effeytos, que tinhaõ causado as palavras do Padre Luis Lopes, desenganou o pertendente, dizendolhe, que naõ avia para que se cansar em cousa, que naõ avia de ter effeyto. Naõ sei se foy por esta, se porque occasiaõ, o buscou no seu cubiculo hum secular, para lhe tirar a vida, & porque sabia o cubiculo, se foy a elle, & abrindo a porta com a adaga feita, quando o quiz investir, vio no Padre tanta luz, & a elle lhe deo tal tremor, que ficou sem sangue, & sem saber onde estava; & desta sorte acodio Deos por seu servo.

14 Certos Religiosos naõ queriam obedecer a seu Prelado, & quasi o tinham prezo sem o deyxar sahir de casa: vendo-se nestes apertos assenta comsigo de commungar o Sacramento, que estava na Custodia do Sacrario, & fugindo como pudesse

exco-

excõmungar aos ſubditos:mas antes que executaſſe eſte ſeu penſamento, mandou aviſo ao Padre Luis Lopes, que buſcaſſe algum pretexto, com que o viſitar, que tinha que conferir com ſua Reverencia hum ponto de grande pezo: foy o Padre,& deſcobrindolhe o Religioſo tudo,o que tinha paſſado, & os penſamentos,em que eſtava;pedindo ſeu parecer ao Padre Luis Lopes,eſte lho deo tam cheyo de prudencia, que ſeguindo-ſe, baſtou para que o Superior,& ſubditos ſe compuzeſſem,& ficaſſem em bella paz: venerando todos a virtude do Padre Luis Lopes, de cuja fonte manára tam celeſtial conſelho. Sendo Superior foy ſempre liberaliſſimo para com os pobres, dizendo muytas vezes,que nas eſmolas que davam os Collegios, tinham mais bem fundadas as eſperanças dos ſeus acrecentamentos, porque a experiencia enſinava,que ſe dobravam as rendas, quando ſe dobravam as eſmolas. Eſtas ſuas eſmolas nam eram ſó á portaria, mas tambem as mandava a gente honrada,que vivia de portas a dentro,& as naõ podia negociar pelas portas alheas.

15 Hum anno foy tanta a abundancia de milho groſſo no Canal,que he hũa fazenda do Collegio de Coimbra,que o Padre Reytor pode dár a cada pobre a ſeis, & quatro alqueires de milho,& deſte modo lhe repartio grande quantidade. No meſmo Collegio diſſe muytas vezes, que a Senhora da Lapa lhe acrecentava a bolſa para os ſeus pobres de tal ſorte,que ſempre achava nella, que dar. Quando eſtava por alguns dias fóra do Collegio,ſempre deyxava aos porteyros dinheyro, que repartiſſem aos pobres.Tinha dado ordẽ aos porteyros,ꝗ a ninguem ſe negaſſe eſmola; & iſſo, ainda que os annos foſſem caros, & o Collegio eſtiveſſe alcançado, porque em quanto naõ faltaſſem as eſmolas,naõ avia de faltar Deos ao Collegio: iſto ſe vio claramente em hum anno,em que concorreo á noſſa portaria,além da grande multidam de pobres ordinarios, grande numero de ſoldados novamente aliſtados para a guerra,que por ſe lhes naõ dar o preciſo para ſeu ſuſtento,eraõ obrigados a mendigar;a todos ſe acodio com inceſſavel caridade ſem faltar, com que os ſoccorrer;o que todos tiveram quaſi por milagre.

16 No governo do Collegio de Evora ſe ouve para com os pobres com a meſma liberalidade,procurando ſaber,que peſſoas recolhidas neceſſitavaõ,para lhes mandar ſuas eſmolas: em poucos dias diſtribuhio muyta quantidade de trigo,alèm de muyto pão cozido,que tambem mandou repartir conforme a qualidade dos pobres. Em hum anno com eſpecialidade deo tantas eſ-

molas,

molas, que muytos nossos por causa da carestia do anno, temião grande falta no Collegio; & os mesmos pobres se admiravam, que em tal anno se desse tanto: todas estas esmolas recompensou Deos com dar ao Collegio hum anno dos mais prosperos, que teve; em que tudo se lhe augmentou com grandes acrecentamentos. Nem sendo Reytor, nem sendo Provincial permittio, que seus companheyros lhe fizessem mais, que fechar cartas, & porlhe os sobrescriptos; pelo que ainda sendo já velho elle varria o seu cubiculo, & se servia em tudo o mais que era necessario à sua pessoa.

CAPITVLO XXXIII.

Continua as mais virtudes do Padre Luis Lopes, & sua morte.

1 ACabando de ser Reytor de Coimbra lhe mandou perguntar o Padre Provincial, para que Collegio queria ir sua Reverencia. Respondeo, que para aquelle, que parecesse a sua Reverencia, ainda que fosse o de Bragança; apontou este por estar em huma terra das mais inclementes do Reyno: entam o mandou para o Collegio de Evora, aonde se tinha creado; para que quem tinha sido participante dos bons exemplos dos seus primeyros annos, lograsse tambem os dos ultimos. Alli visitava todos os dias os enfermos, & os consolava; por esta caridade, & pela autoridade de sua pessoa, lhe deram os Superiores poder para ter cuydado dos enfermos independente do Padre Reytor do Collegio, que nesta materia era censurado de alguns descuydos; & como a Companhia nella os naõ costuma sofrer, nem he bem, que sofra, se acodio a elles com a diligencia do Padre Luis Lopes.

2 Quando a Companhia tinha duas Provincias em Portugal, era Provincial de huma o Padre Antonio Barradas, & da outra o Padre Luis Lopes: pareceo a nosso Reverendo Padre que as duas se tornassem a unir em hũa sò; pelo que dos dous Provinciaes avia de ficar sò hum governando: ficou o Padre Antonio Barradas, & chegando ao Padre Luis Lopes, que entam visitava o Collegio de Coimbra, a carta dos Superiores, em que ordenavam a uniam das Provincias; no mesmo ponto se foy à Capella, & com grande paz de seu rosto, & alegria, que admirou a todos, intimou as disposiçoens dos Superiores, sem que a novidade lhe causasse algum abalo; & concorriam neste negocio

cir-

circunſtancias,que em outros de menos virtude,nam deyxariam de cauſar qualquer perturbaçaõ. Quando ſendo particular hia fòra,primeyro q̃ foſſe para o ſeu cubiculo depois de vir, ſempre hia ao do Superior a cumprir com a obrigaçaõ da conta. Em todas as ſuas acçoens fugio ſempre do louvor proprio, nem diſſe couſa,que reſultaſſe em honra ſua. Naõ ſoube, que couſa era murmurar:ſe ſuccedia em ſua preſença, que alguem mordeſſe a fama alhea,ou com o ſemblante carregado, ou com outro modo lançava agua na fervura, divertindo taõ nocivas praticas.

3 Foy homem,a quem naõ ouviraõ, que algum dia ſe queyxaſſe de aggravo,que lhe fizeſſem. Naõ faltou,quem o delataſſe diante do Padre Viſitador da Provincia,arguindo-o de defeytos mais ſonhados,& apprehendidos,que verdadeyros: eſcreveolhe o Padre Viſitador, que deſſe razaõ de ſi, & reſpondeſſe a taes, & taes couſas, de que o culpavam. Naõ lhe deo a repoſta muyto cuydado, & em breves palavras eſcreveo ao Padre Viſitador, que como naõ ſabia de taes couſas,naõ tinha que reſponder a ellas;& com eſtas breves palavras desfez todos aquelles caſtellos de vento,que naõ tinhaõ outro fundamento mais que apprehenſoens pouco conſideradas. Dahi a pouco tempo lhe veyo patente para ſer Provincial; entam diſſe:Boa penitencia tiveram todos os defeytos,de que me arguiram, nem para mim a podiam ter mayor. Como era homem de muyta experiencia,& naõ menor authoridade,era muyto conſultado dos noſſos, pela grande ſatisfaçaõ,que tinhaõ do ſeu conſelho: ſe alguma vez ſuccedia diſporem os Superiores em contrario do que a elle lhe parecèra,naõ eſtranhava a tal diſpoſiçaõ, mas ou dizia,que os Superiores ſempre ordenam o melhor, ou ſe remetia ao ſilencio.

4 No Collegio de Evora fez o officio de Admonitor com a inteyreza,que ſe eſperava de ſua virtude, ſem ter reſpeytos alguns humanos,que o retardaſſem na ſua obrigaçaõ: antes de admonir ao Superior ſe prevenia com a oraçaõ; por iſſo fallava, *tamquam poteſtatem habens*,& com grande modeſtia,& cortezia, fazia preſente ao Superior a couſa, que neceſſitava de emenda Se alguem lhe pedia,que advertiſſe iſto, ou aquillo ao Prelado,ſe via que naõ era conveniente,ou que niſso teriam as conſtituiçoens,ou ordens dos Superiores algum deſdouro, com boas razoens procurava diſſuadir, a quem lhe fazia o requerimento, & o deſpedia ſempre conſolado. Foy grande fautor das letras, cujo eſtudo alentava com premios, que repartia, aos que eram merecedores delles. Ainda nos ultimos annos, em q̃ ouvia muy-

-co pouco, assistia aos actos publicos dos nossos, como prègações, conclusoens, declamações, & exames, naõ faltando a ninguem com os parabens do esplendor com que se tinha avido. Quando ouvia fallar com credito dos nossos Religiosos ausentes, que faziam todas as suas acçoens litterarias com honra sua, & da Companhia, se deyxavaõ ver em seu semblante grandes mostras do gosto, que tinha de semelhantes praticas, nem lhe podiaõ dizer cousa de mayor seu agrado.

5 Por onde quer que andou, sempre deo mostras, de que era verdadeyro filho da Companhia. Navegando para as Ilhas Terceyras para ser Reytor no Collegio da Ilha de Saõ Miguel, obrigado de huma cruel tempestade, ou mais por disposiçaõ divina, foy levado à Ilha do Fayal, em que esteve quarenta dias atè se embarcar outra vez para a Ilha de Saõ Miguel: no tempo que esteve no Fayal, se empregou todo em exercitar os ministerios da Companhia, confessando, prègando, & fazendo doutrinas. Naõ se pòde explicar em poucas palavras o fruto, que alli fez, & a devoçaõ, que cobràram todos à Companhia. Entre os outros, especialmente o Senhor Francisco Dutra Quadros, & sua mulher a Senhora Dona Isabel da Silveyra, os quaes determinàram fundar alli hum Collegio à Cõpanhia, communicàraõ estes intentos ao Padre Luis Lopes, o qual louvando a sua piedade, escreveo aos Superiores o desejo destes nobres Insulanos: depois se tornou a embarcar para a Ilha de Saõ Miguel. Com a partida do Padre Luis Lopes naõ se esfriàram os santos desejos daquelles dous nobres casados; instáraõ com os Superiores da Companhia, os quaes finalmente annuindo a petiçam tam pia, estando já o Padre Luis Lopes no Reyno, o elegèram por Visitador das Ilhas com poderes de aceytar a fundaçam, que se offerecia na Ilha do Fayal: fazendo a sua navegaçaõ, & chegando àquella Ilha, aonde foy recebido com geral contentamento de todos, especialmente dos novos Fundadores, se aceytou a fundaçaõ do Collegio, que alli temos, cujos principios se devem todos aos bons exemplos do Padre Luis Lopes.

6 Foy desapegado disto, que chamamos carne, & sangue; & avia-se com parentes, como se os naõ tivera; ainda estando alguns na mesma Cidade, aonde vivia, apenas os visitava hũa vez no anno; nem os tomava na boca, a modo de quem gostava de os ter, sendo que, como fica dito, era gente rica, & nobre. Era Mestre dos Noviços em Evora, quando passou por aquella Cidade Andre Velho com sua mulher Dona Philippa, moradores

em

em Setuval, que hiaõ visitar a Imagem de Nossa Senhora das Brotas, & faziaõ o seu caminho por Evora: visitou-os o Padre Luis Lopes, como a gente conhecidamente bem affecta a nossas cousas, & na pratica lhes disse a Senhora Dona Philippa: E Vossa Paternidade, que faz aqui? que officio tem no Collegio? em que se occupa? Senhora, disse o Padre Luis Lopes, a minha occupaçaõ he crear Noviços, para que quando crecerem, povoem o Collegio, que vossa merce, & o Senhor Andre Velho daqui a alguns annos nos hão de fundar em Setuval. Tal cousa, respõdeo Dona Philippa, me naõ passou atè agora pelo pensamento; mas confessolhe a Vossa Paternidade, que agora me sinto com grandes impulsos de o fazer; nem Andre Velho deyxará de vir nisso: passáraõ alguns annos, & estes nobres Senhores de comũ consentimento fundàram o Collegio, que hoje temos em Setuval; querendo Deos por meyo da vóz deste seu servo significarlhes a elles, qual era a sua vontade.

7 Sendo Secretario do Padre Doutor Pedro de Moura Visitador do Brasil, hum dia sahio com outro companheyro a espairecer ao campo, entrouse por hum denso arvoredo, & a poucos passos perdeo assim o caminho, como tambem ao companheyro, & discorrendo de huma parte para a outra, de cada vez se foy perdendo mais, atè dar em huns lodaçaes grandes junto a huma alagoa; ficou metido no lodo, & naõ sabia de que modo poderia sahir: levanta os olhos ao Ceo, pede soccorro a Deos: logo vio junto de si hum mancebo de aspecto mais que humano, o qual lhe disse: Padre, como, & por onde se veyo aqui meter? Meus peccados me trouxeram aqui, disse o Padre. Tenha bom animo, disse o mancebo, pegue-se a este ramo, que lhe dou, & siga-me: assim o fez; & pondo-o fòra do perigo, & no caminho seguro, desappareceo; ficando o Padre Luis Lopes admirado de que Deos lhe fizesse tam grande favor por meyo do seu Anjo da Guarda; que esse, teve para si, era aquelle mancebo, que em lugar taõ escuso lhe deo a maõ; & feyto o favor desappareceo dos olhos. Hum anno sobreveyo no territorio de Evora tam grande praga de gafanhotos, que assolavam tudo, nam deyxando cousa verde que naõ consumissem; alèm disto corrompiam o mesmo ar com perigo de se gerar peste: indo o Padre Luis Lopes à nossa quinta de Valbom, se admirou do castigo de Deos, dizendo algũas vezes para os companheyros: Deos aparte daqui esta peste, & esta praga: á tarde quando vinha para o Collegio, apartava com o bordam aos gafanhotos do caminho, dizendo:

zendo: Apartayvos daqui: obſervăram os companheyros, que deſde aquella hora começou a deſapparecer aquella praga, & dentro de poucos dias ficáram os campos livres della.

8 Ver ao Padre Luis Lopes, era ver huma imagem viva da penitencia; ſendo de compleiçaõ tenue, gaſtou tanto ſeu corpo com a mortificaçaõ, que parecia naõ aver nelle mais que a pelle, & os oſſos: eram muytas as diſciplinas, & cilicios, & rigoroſas as abſtinencias. Vio hum noſſo Religioſo, que o Padre andava indiſpoſto; tanto que a doença ſe declarou, para lhe tirar a tentaçam de ſe mortificar com o cilicio, lhos tirou todos do cubiculo; porém naõ pode o bom velho aquietar, atè os naõ ver outra vez no lugar, de donde os tinhaõ tirado. Por cauſa deſta debilidade de forças notavelmente o penetravam os frios do inverno, mas para ſe mortificar, nunca ſe chegou nem ao Sol, nem ao fogo; confeſſando algumas vezes com muyta graça, que o ſeu calçado parecia ſer feyto de caramelo, & os calçoens feytos de frigidiſſima neve. Foy tam moderado no comer, & beber, que parecia ſuſtentarſe com o jejum; de carne, & peyxe tocava muyto pouco; quando jejuava de preceyto, ſe contentava com hum atè dous ovos. Teve neſta materia tanto excéſſo, que adoecendo algumas vezes, naõ davaõ os Medicos outra cauſa das ſuas enfermidades, mais que o defeyto de alimento.

9 Nunca fallou ſe as iguarias eſtavam bem ou mal adubadas, & temperadas. Doces nem ainda eſtando enfermo os tocava; dizendo, que naõ ſerviaõ mais, que de entupir o eſtamago; que eraõ de má digeſtaõ. Coſtumava dizer, que o homem verdadeyro Religioſo nam buſcava delicias na comida, a qual devia ſer ſempre, a de que uſa a Communidade; que iſſo era querer então ter os privilegios dos doentes, para os quaes ſe avião de procurar todos os mimos. Nas ſuas enfermidades a ninguem foy moleſto; antes dizia, que o tratavam com grande regalo, ſendo indigno, de que ſe tiveſſe tanto cuydado de ſua peſſoa; ſe acaſo ſuccedia nas medicinas alguma applicaçaõ deſordenada, nam dizia palavra com que taxaſſe o deſacerto. Quando tinha ſaude, como fazia tam apertadas abſtinencias, lhe davaõ algũs deſmayos de fraqueza, o remedio era ſó huma fatia de pão, que tomava, & logo ſe punha outra vez a continuar o ſeu trabalho.

10 Nunca por razaõ da muyta idade deyxou os jejuns da Igreja, nem as abſtinencias da Religiaõ. Tambem naõ foy poſſivel fazerem com elle os Medicos, que por ſua idade acompanhada de muytos achaques, comeſſe carne nos dias de peyxe;

R reſpon-

reſpondendo aos que o perſuadiam , que o comer carne em dias de peyxe,era ſò para os doentes de cama. Sendo , como era, tam velho,nunca ſe tirou do Refeytorio da Communidade , indo,como vaõ outros,ao das Enfermarias,& hia tambem ſempre á primeyra meſa. Em tudo buſcava eſte bom Padre a mortificaçaõ, & abnegaçaõ de ſi meſmo: ſendo já velho , & quaſi caduco,nunca o viram encoſtar , mas ſempre com o corpo direyto. Quando era Provincial, & andava em viſita,lhe aconteceo dormir muytas noytes ſobre a terra , com que ſe alegrava muyto, ſignificando , que aquillo era tributo,que ſe pagava à ſanta pobreza.

11 Deſta virtude foy amante ſobre maneyra;nem huma folha de papel,nem huma linha pedia ſem licença. Em quanto viveo,naõ teve mais que huma ſò capa, qual ella pudeſſe eſtar nos ultimos annos , ſe deyxa bem conjecturar da muyta idade do Padre Luis Lopes. Os calçoens de que uſava, ſe acháraõ depois de ſua morte tam cheyos de remendos, que ſe naõ podia conhecer,qual foſſe o primeyro panno, de que ſe fizeraõ ; & todos aquelles reparos eraõ cozidos por ſuas mãos. Os çapatos, de que uſava,tàmbem andavaõ cheyos de remendos. Quando veyo do Braſil,aonde foy Secretario do Padre Viſitador , como fica dito,naõ trouxe couſa alguma das muytas, que licitamente pudera;& aſſim voltou para o Reyno com a meſma pobreza de alfayas,com q̃ tinha ido para o Braſil. Quando foy por Procurador da Provincia a Roma,cõprou algũas laminas precioſas, das quaes mandou huma com outras couſitas de Italia ao Fundador do Collegio de Villanova no Algarve, & as outras applicou ás Capellas interiores do Collegio de Evora, ſem guardar para ſi couſa alguma de preço.

12 Com a continua mortificaçaõ eſtava o Padre Luis Lopes tão ſenhor de ſi,que nenhumas injurias o alteravam. Succedeo ir viſitar a hum enfermo em companhia de outros noſſos; eſte ſem advertir,que no ſeu cubiculo eſtava o Padre Luis Lopes,começou a murmurar delle , taxando-o de meticuloſo , & puſillanime,& outras couſas neſta fôrma ; nada ſe perturbou o Santo Varaõ,mas com a meſma paz, & ſoſſego foy continuando a viſita atè ſe deſpedir ; quando o enfermo advertio na imprudencia,em que tinha cahido , ficou grandemente confuſo da ſua pouca cautela,& edificado da paciencia do Padre Luis Lopes,que ouvia as ſuas afrontas , como outros podiaõ ouvir ſeus louvores. Quando pela doença eſtava incapàz de rezar o Of-

fici

ficio Divino, sempre mandava ao Irmão estudante, que lhe assistia, que fosse ao Padre Reytor pedirlhe commutaçaõ; & como este visse, que o bom velho estava em tal estado, que nem podia rezar sò a Magnificat, lhe dizia, que sua Reverencia se deyxasse destas commutaçoens; porém elle naõ descansava, atè o Irmão naõ ir ao Padre Reytor, & trazer a commutaçaõ, que ordinariamente era o Cantico da Magnificat; mas como a naõ podia rezar sô por sua grande debilidade, pedia ao Irmão, que o ajudasse, & começava o Padre a entoar o cantico, porém como fizesse isto com a vòz arrastada, & modo, que sem elle o pertender, provocava a riso; era tal esta payxão no Irmaõ, que sem se poder dominar, ria despregadamente, & por tempo consideravel; neste tempo o santo velho parava com grande serenidade esperando que esfriasse o riso, para fazer a sua devoçaõ: nestas, & semelhantes occasiões, que naõ foraõ poucas, notáraõ, os que lhe assistiaõ, que nunca deo o minimo sinal de enfado, nem mostra alguma de impaciencia, por mais tempo que durasse o riso importuno daquelle Irmaõ.

13 Em quanto ouvio bem, era o primeyro que acodia às Confissoens da Igreja, & o ultimo que se recolhia do confessionario. Na mesa tinha diante de si hum roteyro de como avia de passar o dia, & a que tempo avia de rezar, & ter oraçaõ: depois que morreo, hum Religioso, que lhe assistia, arrecadou este papel, & quando isto escrevo, o conserva no seu Breviario por reliquia, por ser da propria letra do Padre Luis Lopes: visto elle naõ ser muyto comprido me pareceo tresladallo aqui, para que melhor se veja a santidade, com que passava o dia: he pois o seguinte. Oraçaõ primeyra das cinco, & meya ás seis, & meya. Missa das sete às oyto. Horas menores das oyto atè os tres quartos para as nove. Oraçaõ segunda das nove, & meya até às dez, & meya. Exame no tẽpo ordinario. No tempo da mesa do jantar, varrer, & alimpar o cubiculo. A' huma, & meya vespora, & Completa. Das duas ás tres Rosario da Senhora. Das quatro ás sinco Matinas, & Laudes. Das cinco, & meya ás seis, & meya, oraçaõ terceyra. Aos tres quartos para ás sete, Ladainhas dos Santos, & da Senhora. Nos tempos entre meyos liçaõ espiritual cõm allivio. Acabada a mesa da noyte recolher ao cubiculo, fazer exame, passear, ler liçaõ espiritual, tomar disciplina, & deytar. Atè aqui o modo com que tinha repartidas as horas do dia.

14 Indo dando huma volta à quinta de Valbom, vio a

dous noſsos aſsentados junto de huma arvore, & porque os naõ conhecia,perguntou ao companheyro, quẽ eraõ aquelles dous, que elle naõ diſtinguia; & nomeandolhos, diſse o Padre ſò eſta palavra: Que aſſim me peza! O caſo foy,que daquelles dous nenhum perſeverou na Companhia. Outro dia indo tambem à quinta,em chegando diſse Miſsa,depois mandou ao Irmaõ, que o acompanhava, a tomar alguma couſa ao Refeytorio, dizendolhe,que acabado iſſo,vieſſe ao cubiculo aonde aſſiſtia o Padre; vindo lhe mandou, que lhe leſſe liçaõ eſpiritual, a qual durou por baſtante eſpaço de tempo; depois ſe foy pela quinta com o meſmo companheyro, & chegando outra vez ao cubiculo depois de ter dado huma grande volta pela quinta, o mandou jugar com os demais que eſtavam no jogo: naquella manhã ſe cõmetteo huma inobſervancia pelos demais que eram do eſtado do companheyro do Padre Luis Lopes, pela qual foram caſtigados ſeveramente, ſò aquelle ficou livre; que parece naõ quiz Deos,que padeceſſe aquella moleſtia, quem com tam boa vontade aſſiſtia ao ſeu ſervo;& o q̃ foy digno de reparo he, que nos outros dias de quinta naõ coſtumava o Padre Luis Lopes deter tanto ao companheyro,mas o expedia com brevidade, para ſe ir recrear com os demais. Depois de ter gaſtado ſeſſenta, & quatro annos na Cõpanhia, tendo de idade ſetenta,& oyto,mais por defeyto de calor natural,que por outra algũa doença,depois de muy bem preparado, & com todos os Sacramentos deo a alma nas mãos de ſeu Creador em o Collegio de Evora ao 1. de Março de 1676.foy enterrado na Capella,que hoje he do Santo Xavier,da parte do Euangelho.

15 Morou o Padre Luis Lopes no cubiculo do corredor novo do Collegio,o quarto depois do cubiculo do Padre Reytor, junto ao retrete, que cahe para o occidente. De ſuas pobres alfayas ſe recolhèraõ muytas por reliquias; ſeu Confeſſor, q̃ então era o P. Doutor Manoel Guedes,levou as diſciplinas.Fizeraõ-ſe cõferencias de ſuas virtudes;& ſò o P.Manoel Guedes,& o P. Diogo Lobo gaſtàraõ todo o tẽpo,q̃ ſe deo para ellas,em referir couſas de edificaçaõ deſte Santo Padre; depois vendo o Padre Reytor,que inſtava o tempo, em que avia acçaõ de obediencia, a que ſe naõ avia de faltar,pedio, que viſto ſerem tantas as couſas,& naõ dar o tempo lugar a ſe referirem em publico, cada hum,que as ſoubeſſe, lhas entregaſſe eſcritas. Depois de muytos annos,abrindo-ſe a ſepultura, para ſe enterrar nella outro Padre,ſe achou ſeu corpo ainda inteyro, & como myrrado, o

que

que se attribuhio naõ tanto á virtude do Padre, ainda que bem sabiam ser merecedora de outros favores mayores quanto ao terse elle tanto attenuado em vida, que naõ tinha mais, que a pelle seca sobre os ossos; & por isso naõ achàra nelle a terra que gastar. Quando se abrio a sepultura, assistia eu, que isto escrevo, & naõ faltou, quem recolhesse algumas partes de seu corpo, como reliquias de homem santo.

16 Algum assistia alli, o qual nam conheceo ao Padre Luis Lopes, por ser de menos annos na Religiaõ, mas por ter ouvido dizer delle muytas vezes, que era homem tam ajustado com as leys do estado Religioso, que lhe chamavaõ muytos, Regra viva; levado deste conceyto, persuadindo-se se naõ podia dizer cousa de mais perfeyçaõ de hum Religioso da Companhia, tomou tambem alguma parte da carne myrrada, & conservou como cousa santa. Nas conferencias, que se fizeraõ em Evora de suas virtudes, disseram dous Padres graves, que o confessáram geralmente de toda a vida, que nunca peccàra mortalmente. Faltandolhe o Padre, que o costumava confessar, se foy ao Padre Reytor, pedindolhe que sua Reverencia lhe assinasse hum dos quatro Confessores do Collegio, para se confessar dalli por diante com elle; porque naõ queria fazer per si esta eleyçaõ: de que o Padre Reytor se edificou notavelmente, & depois para abono da virtude do Padre Luis Lopes, & exemplo dos Religiosos de menos annos, contou diante de alguns esta obediencia, & sujeyçaõ do Padre Luis Lopes, que em hum homem de tanta autoridade, & em materia que sem offensa de regra, ou ordem alguma podia fazer a escolha de Confessor, era indicio do muyto que em tudo procurava ajustarse com a vontade do Superior.

17 Tudo o que fica escrito se recolheo da annua desta Provincia, que fez o Padre Mestre Joaõ Seco, & tambem das noticias, que me deram alguns Padres graves, que o conhecèram, & tratáram, & assistiraõ á conferencia, que se fez de suas virtudes em o Collegio de Evora; da qual conferencia recolheo o Padre Mestre Joaõ Seco tudo o que escreveo na sua carta annua. Depois de ter escrito estas cousas, me referio hum Padre velho, que foy seu Noviço em Lisboa, que indo á peregrinaçaõ, se hospedára com os companheyros em casa de hum Prior de grossa renda, que os hospedou com muyta grandeza, & com singular caridade, & dando aos Noviços as causas que tinha para assim o fazer, lhes disse, depois que se informou que eraõ Noviços do

P. Luis Lopes. Ao P. Luis Lopes, disse o Prior, devo tudo, o q sou; eu era moço do forno no Collegio de Evora, & este bom P. por me fazer bẽ, & caridade, tomou á sua conta ensinarme a ler, & escrever; & vendo q eu tinha geyto para o estudo, me accõmodou em casa de seus sobrinhos, que estudavam em Evora, à sombra dos quaes estudei Latim; dahi indo elles estudar a Coimbra, me leváraõ comsigo, estudei Canones, ordeneyme, & oppondome a este Priorado, que he bem rico, o levei: & dizendo estas cousas chorava, & abraçava aos Noviços, como se nelles tivera presente a seu bemfeytor, a quem mandou por elles as lembranças, que devia. E o Padre Luis Lopes, naõ para fazer ostentaçaõ do bem, que tinha feyto, mas para que todos se edificassem da humildade daquelle bom Prior, que assim se lembrava do que fora, & se confessava agradecido ao bem, que da Companhia recebèra, mandou ao Noviço contasse tudo diante dos outros. E nòs o apontamos aqui, para que se veja, quão bemfazejo era o Padre Luis Lopes.

CAPITVLO XXXIV.

Dos Padres Manoel de Sequeyra, Manoel de Lima, Quintino Cousino, Nicolao Gracida, & Gaspar Gomes.

Em Lisboa a 24 de Agosto de 1595.

1 O Padre Manoel de Sequeyra foy natural da Villa de Aguiar, que he na Comarca de Villa Real, Provincia de Tralosmontes, & hum dos Mestres antigos, que teve este Noviciado, fez varios governos nesta Provincia, porque foy hum dos primeyros, que deo principio ao Collegio do Funchal na Ilha da Madeyra, & nelle foy Superior, & ao depois Reytor dos Collegios, & Universidade de Evora, Vice-Provincial, & Preposito da Casa de Saõ Roque. Era muy dado ao trato com Deos por meyo da oraçaõ; de espirito verdadeyramente Apostolico, as suas prégaçoens sò se encaminhavaõ ao bem das almas, ordinariamente as acompanhava de copiosas lagrimas, provocadoras de semelhantes affectos nos seus ouvintes. Naturalmente foy amigo de fazer bem, & especialmente affeyçoado aos que tinham a mesma inclinaçaõ. Sendo elle Vice-Provincial, & visitando o Collegio de Santo Antaõ, se deo em culpa ao Irmaõ despenseyro, que era largo, & mais liberal, do que podiaõ as leys da pobreza, que convinha; porlhe moderaçaõ. Chamou-o o Vice-Provincial, & perguntoulhe, o que avia na materia

teria em q̃ o faziaõ reo: respondeo o Irmaõ: Padre, eu naõ dou mais q̃ as cousas q̃ me pedẽ, & dizem, q̃ tem licẽça para ellas; he certo, q̃ as dou cõ muyto boa võtade, & as melhores, que tenho, para os Padres, & Irmãos irem contẽtes. A reposta do Padre Vice-Provincial foy dizerlhe: Irmaõ, daqui pordiante o fazey assim, como até agora; que fazeis bem, & he o que se deve fazer.

2 Ajuntava com este espirito bemfazejo grande zelo nas materias tocantes à santa pobreza; por isso nas licenças examinava a necessidade, que avia: desejava muyto ouvesse nos subditos grande lisura nestas licenças, & que lhe dissessem, que tinhão necessidade da cousa, que pediam: & quando assim se explicavam, nam reparava em conceder, se acaso naõ encontrava alguma regra, ou estylo da Companhia, em que naõ era bem dispensasse, por nam afroxar a disciplina religiosa. Conhecendo os subditos, que tudo nascia da sua grande virtude, & que era homem sem dobrez, o amavam, & tratavam sem dissimulaçaõ alguma. Tendo 62. annos de idade morreo santamente na Casa de Saõ Roque a 24. de Agosto de 1595. Este pouco se deve ao Memorial da Casa de Saõ Roque.

3 O Padre Manoel de Lima nasceo em Lisboa, entrou aqui na Companhia a 8. de Abril de 1571. tendo 17. annos de idade. Leo hum curso de Artes em Braga, & outro em Evora. Depois de os ler foy algum tempo companheyro do Mestre dos Noviços no Collegio de Coimbra, & logo Mestre dos mesmos Noviços, officio que tambem fez em este Noviciado de Evora; & por muytos annos a Companhia o occupou na boa creaçaõ destes novos soldados de Christo, por ser muy edificativo, & dado ás cousas espirituaes. Foy companheyro do Padre Provincial Christovaõ de Gouvea, Reytor do Collegio de Evora, Visitador da Provincia do Brasil, de que trouxe bom nome. Depois esteve por breve tempo Vice-Preposito da Casa Professa de Villaviçosa; & dalli foy mandado ser Reytor do Collegio de Coimbra; neste governo lhe succedeo huma cousa, que denota a muyta virtude, que nelle avia. Foy o caso, adoeceo gravissimamente o Padre Joaõ Morato, que era hum dos moradores do Collegio; chegou a termos, que todos desconfiavam de sua vida, & faziaõ instancia ao Padre Reytor, que o mandasse ungir: respondeo o Padre Reytor, que quando fosse tempo, daria ordem á Santa Unçaõ; & passando isto á noyte mandou que a oraçaõ do dia seguinte se tivesse pelo enfermo; depois da oraçaõ o foy visitar o Padre Reytor,

Lisboa 22. de Fevereyro de 1620.

& per-

& perguntandolhe como se achava, respõdeo, que estava sam, & assim era: que parece conhecéra o Padre Reytor com luz sobrenatural, que naõ avia de morrer, & que as oraçoens de seus Irmãos lhe aviam de negociar diante de Deos a saude milagrosa.

4 Acabado o governo do Collegio de Coimbra se recolheo à Casa de S. Roque: alli lhe sobreveyo hum carbunculo, que lhe nasceo sobre o figado, & tomava parte das costas. Sofreo muyto, por serem as dores excessivas, & as curas violentas; delle veyo a morrer depois de recebidos os Sacramentos, a 22. de Fevereyro do anno de 1620. tendo 70. annos de idade. Tinha o Padre Manoel de Lima entrado na Companhia neste Noviciado de Evora, no tempo que era Mestre delle o Padre Nicolao Gracida.

Na viagem da India 3. de Junho de 1618.

5 Do Padre Quintino Cousino, que nesta Santa Casa foy Mestre, só acho esta breve memoria no Padre Nadasi: Que foy homem de rara modestia, & piedade, de zelo muy fervoroso do bem das almas de seus proximos, este o fez pedir a Missaõ da India, como a outros muytos Mestres deste Noviciado; já navegava para ella quando na viagem adoeceo gravemēte, na enfermidade mostrava grandes ansias de padecer: visinho; à morte rompeo nestas palavras: *Arcta via, quæ ducit ad cælum, arctior, arctissima*. O caminho para o Ceo he estreyto, muy estreyto, estreitissimo: as quaes palavras dizia de tal modo, que fazia pavor aos que as ouviam, & os fazia chorar. Logo pondo os olhos no Ceo com toda a paz deo sua alma a Deos com huma morte muy suave: foy homem tam exemplar, que se dizia delle ser Religioso de admiravel virtude: era Flamengo de naçaõ. Faleceo na viagem da India aos tres de Junho de 1618.

Em Evora 6. de Setembro de 1598

6 O Padre Nicolao Gracida nasceo na Cidade, & Reyno de Valença; chamáram-se seus pays Miguel de Gracida, & Maria del Colhado. Entrou na Companhia no Collegio de Coimbra aos 11. de Janeyro de 1551. Procedeo sempre como santo, & servio à Religiaõ com muyta honra. Hum anno leo Rhetorica em Lisboa, quatro Philosophia em Coimbra. Foy Mestre de Noviços nesta santa casa. Trinta, & dous annos prègou com grande aceytaçaõ na Corte, sendo Prégador del Rey. Tinha para esta faculdade todas as boas partes, que ella requere, muyta graça no dizer, & singular clareza: por ser pequeno de corpo lhe chamavam ordinariamente o Apostolinho. Sendo homem de tanta aceytaçam, & tam conhecido, era para admirar o quanto se retirava de todo o trato dos seculares, pois ninguem o visitava, nem elle fazia visitas algumas. Naõ escrevia a pessoa algũa,

& nin-

& ninguem lhe escrevia: 27. annos contava de Professo do quarto voto, sem se ver no seu trato mais que a pobreza de hum Noviço. Depois de sua morte cousa nenhũa de algum preço, & das que se permittem, se lhe achou no cubiculo, como saõ relicarios, ou outros premios.

7 Da pureza foy amantissimo, pois ainda nas prègaçoens, quando reprehendia o vicio contrario, era com palavras tam graves, modestas, & cerceadas, que parecia se naõ podia tratar de materia tam lubrica com mais cautela, & modestia. A seus Superiores respeytava como a Deos, obedecendo ás cegas. Hum dia lhe mandàram, que na prègaçaõ refutasse a doutrina, que certo Bispo tinha prégado diante del Rey. Obedeceo à risca, sem discorrer, o que de tal obediencia se lhe poderia seguir. Ajustava-se todo com as regras acodindo promptamente aos sinaes da obediencia. Nas prègaçoens era infallivel em naõ exceder o espaço de hũa hora, ainda que a gente o desejava ouvir por muytas. Na caridade foy tambem muy exemplar, visitando todos os dias os enfermos, a quem alegrava com praticas santas. Nam permittia, que se dissesse em sua presença palavra offensiva de alguma pessoa. Na conversaçaõ era homem de huma prudente, & santa singeleza, sem ser sobejo, nem molesto áquelles, com quem fallava. Nas Ceremonias da Missa, & rubricas da reza era o Padre Nicolao Gracida muy exacto, & miudo. Da Humildade foy muy amante, porque naõ se lhe ouvio palavra, que redundasse em louvor proprio: as suas perguntas mostravam o amor a esta virtude, porque perguntava algumas miudezas, que outros, que naõ tivessem humildade, se correriam de as perguntar, pelos nam terem por ignorantes.

8 Sendo homem estrangeyro teve singular amor às cousas de Portugal, & da India, & nas suas prègaçoens metia frequentemẽte cousas de louvor dos Portuguezes; & as suas novas boas as dava com grande gosto, porèm quando eraõ màs, as dissimulava sem nellas dizer palavra. O Padre Nicolao Gracida já era santo quando veyo à Companhia, pois sendo estudante era tam modesto, & composto, que os do seu tempo lhe começáraõ por esta causa a dar o nome de Apostolinho, que ao depois lhe conservavam os seus costumes, & tambẽ a estatura do corpo. Quãdo era de dez, ou onze annos, por vezes o chamavaõ os nossos Religiosos, & lhe mandavaõ contar em tom de prègaçaõ algũa historia devota da Santa Escritura, porque sabia algumas destas; elle o fazia com total energia, & piedade, que os ouvintes nam

podiam

podiam conter as lagrimas. Sempre fez por naõ dar molestia aos Irmãos; sendo velho, falto de vista, tendo quatro fontes, & outros achaques, nunca quiz usar de mãos alheas para o serviço de sua propria pessoa, como no fazer da cama, & semelhantes ministerios. A paciencia foy virtude muyto sua. Esses poucos dias, que teve da ultima doença, reprimia os gemidos, com que a natureza costuma desabafar; toda a noyte antes de morrer, sendo grandes as dores, naõ deu sinal dellas, por naõ espertar o enfermeyro. Atè nestes transes fugio o ser molesto, cousa que procurou evitar, em quãto viveo; nosso Senhor lhe quiz dar a consolaçaõ de cõservar atè a morte este bom proposito, porque a doença durou poucos dias, della faleceo em Evora com morte semelhante à sua religiosa, & santa vida, aos 6. de Setembro de 1598.

Em Evora anno de 1612. 20. de Mayo.

9 A Villa de Cabeça de Vide nos deo ao Padre Gaspar Gomes, que algum tempo substituhio na occupaçaõ de Mestre nesta Santa Casa. Este bom Padre foy sempre homem de vida exẽplarissima. As suas acçoens eram sempre ponderosas, & mostrava, que as fazia com circunspecçaõ de homem ajustado, & amigo de Deos. Sua perfeyçaõ foy notoria no fallar, sendo suas palavras todas pezadas, & medidas, dizendo só as precisas, quando era perguntado; se acaso lhe reperguntava a mesma cousa, dizia formalmente as primeyras palavras, com que tinha respondido a primeyra vez. Avia delle grande opiniam na Universidade, sendo lente de Theologia lhe chamavaõ todos o Predestinado; porq̃ viaõ nelle tal cõpostura, q̃ julgavaõ naõ estarẽ tantos sinaes de virtude sẽ prẽdas de ser hũ dos escolhidos de Deos. A sua pobreza foy muy exẽplar, via-se bẽ no seu cubiculo, & no seu vestido. No cubiculo usou muytos tempos de huma cadeyra tam velha, & taõ pouco accõmodada, q̃ naõ tinha taboa, onde se encostar. Indo à rouparia pedir ao Irmaõ hũ remendo para acodir ao seu vestido, como este lhe desse com liberalidade respondeo, q̃ lhe naõ era necessario mais q̃ dous dedos de pano para reparar a casa de hum gibam, levou sò aquella pouquidade, & com sua mão acodio a remediar o vestido.

10 Na ultima doença tendo hum pano de linho para escarrar, por causa das muytas materias que de continuo expellia, quiz o enfermeyro porlhe outro, parecendolhe naõ estava jà aquelle para servir; respondeo o Padre: Irmão, este ainda póde durar atè tal tempo, & as cousas da santa pobreza hão-se de resguardar, quanto puder ser; & assim deyxou ficar o pano, atè naõ

estar

estar para servir. Na obediencia era tam exacto, que sendo Consultor, hia antes do tempo esperar junto à porta do Padre Reytor, quando lhe tinhaõ dado aviso, que se avia de ter consulta; para que de nenhum modo se estivesse esperando por elle. Na observancia da regra era tal sua exacçam, que ninguem lhe notou nellas alguma falta em que por advertencia cahisse. Na ultima doença se duvidou, se consentiria que o sangrassem, por quanto nunca fora sangrado; como nisto o tentassem, respõdeo, q elle estava prõpto para quãto o Medico ordenasse, & dispuzesse. Tambem se observou, que nesta doença naõ pedia cousa alguma, mas perguntado, se queria isto, ou aquillo, respondia que tal, ou tal cousa era boa; deyxando ao arbitrio do enfermeyro, quanto ao darlha, fazer, o que melhor lhe parecesse.

11 Julgava-se por indigno de todo o bem, que se lhe fazia; donde nascia ser muyto agradecido a qualquer cousa, que se lhe fizesse, por minima que em si fosse. Aos Superiores dava conta exacta de sua consciencia, & atè das devoçoens, para ser delles encaminhado. Entre as outras que tinha, era singular a devoção à Santissima Trindade, a todos a encomendava muyto, como remedio para grandes apertos, & necessidades. Nos seus exercicios espirituaes guardava tal exacçaõ, que nẽ huma breve recõciliaçaõ de algum Irmão queria ouvir no tempo da oraçaõ sem especial licença do Superior. Hum dia na quinta lhe disse certo Religioso, que abreviasse a Missa; a isto respondeo: Muyto me espanto de Vossa Reverencia querer, que abrevie a Missa, pois as cousas de Deos se ham de fazer com muyta pausa, & uniformidade; nem se ha de cortar pela alma para cõprazer ao corpo.

12 A sua modestia foy espectavel, como cousa rara. Quando fallava com alguma pessoa, era sempre com os olhos bayxos, sem os pór no seu rosto. Nos actos publicos tambem o veriam sempre com os olhos cahidos. Os mais meneos do corpo todos os compassava conforme as leys da modestia da Companhia. Indo fóra levava as mãos recolhidas na capa, sem nunca deyxar cahir os braços. Nos ultimos tempos de sua vida, nos quaes por suas indisposiçoens naõ podia ler, frequentava muyto o confessionario com grande utilidade dos penitentes: nem a demasiada debilidade do corpo o retrahia desta continuada assistencia, até que o Padre Reytor vendo a grande molestia, que nisto tinha, lhe ordenou, que nam fosse mais ao confessionario. Morreo no Collegio de Evora tam santamente como vivèra: depois de sua morte, quando começáram a dobrar os sinos, acaso o fizeram

ram a modo de repique,donde resultou dizerem todos,que com razaõ lhe podiam antes repicar, que dobrar os sinos, pois fora em sua vida,& morte tam santo. Faleceo no anno de 1612. aos 20. de Mayo.

CAPITVLO XXXV.

Vida do Padre Nuno Mascarenhas, & dos Padres Manoel da Cruz, & Luis Duarte.

1 O Padre Nuno Mascarenhas foy illustrissimo no sangue,& nas virtudes,nasceo na Villa de Montemór o novo no Arcebispado de Evora. Seus pays se chamáram Dom Vasco Mascarenhas,& Dona Maria de Mendoça,ambos da principal fidalguia de Portugal. Tinha 16. annos de idade, era estudante da setima classe da Universidade de Evora, quando entrou na Companhia aos 8. de Janeyro de 1578. Foy admittido quãdo apenas tinha os principios da grammatica, attendendo-se ao muyto que com sua pessoa se autorizava a Companhia. Nella, como atraz disse na vida de seu Irmaõ o Padre Antonio Mascarenhas,vivèram,& morréram quatro Irmãos inteyros, todos de muyta honra para a Companhia.

2 O Padre Nuno Mascarenhas foy verdadeyro filho desta santa Mãy; deo-se de veras ao exercicio da perfeyçam. Teve grande zelo do bem das almas, por isso fez varias Missoens a terras diversas,onde causava grande mudança de costumes, & aballo nos ouvintes; compunha muytas, & graves dissensoens; tendolhe todos grande respeyto, & veneraçam,assim por suas virtudes,como pelo resplendor de seu sangue. Quando hia às Missoens,se avia em tudo como o Religioso mais humilde.Sendo do terceyro anno, foy pedido pelo Bispo do Algarve seu Irmaõ para fazer Missaõ no seu Bispado. Alli deo continuos exẽplos de seu muyto zelo,& caridade,todos os dias fazia doutrina aos pobres,antes de lhes repartir esmola. Aos Domingos a fazia na praça com grandes concursos, muytas lagrimas dos ouvintes,& fruto das almas. Algumas oyto, ou dez vezes levou esmolas aos prezos indo em corpo,acompanhãdo-o muyta gente honrada,que seguia seu bom exemplo. A todos os presos confessava fazendolhes praticas. Tambem acodia aos Hospitaes,cõsolava aos enfermos assim com mantimentos, que lhes levava, como com santas exhortaçoens. Fazialhes as camas, varria as enfer-

enfermarias, & outros ministerios humildes, & caritativos, com que muyto se edificavam todos assim grandes, como pequenos.

3 Dous homens hiaõ desafiados com tençam de pendenciarem; sabendo isto o Padre, se foy ter com elles, & assim os amolgou, que pondo de parte o odio se abraçàram, & fizeram amigos. Outros dous se infamáraõ em juizo cõ grande escandalo de todos, os que tal souberam, meteo-se nisto o Padre, & fez com que desistissem, & se compuzessem entre si. Tambem obviou grandes inconvenientes em huma grave pendencia, que ouve entre pessoas graves. Fora hum Desembargador tomar residencia ao Juiz de fòra de Tavira. Acaso se ajuntáram à noyte em casa do Desembargador o Juiz de fôra, & o Vereador mais velho, & tiveraõ entre si ruins palavras, & por naõ pararem nellas apagàram a vela, & deuse huma adagada ao Juiz. Ouve reboliço, acodio gente por huma, & outra parte, fizerão-se autos de parte a parte, que logo se despediram a el-Rey. Acodio o Padre Nuno Mascarenhas a apagar este incendio, que se começava a atear. Tudo pòz em bella paz, fizerão-se amigos os discordes. Logo se despediram pessoas, que alcançáram aos correyos, recolhèrão-se, & rasgàraõ-se os autos; dos quaes sem duvida resultariaõ grandes perturbaçoens, se se naõ atalhassem.

4 Punha Deos grande efficacia nas palavras deste Padre para abrandar os animos exasperados com o odio; prègando a Payxam na Villa de Arrayolos, foy tal o abalo, que fez nos ouvintes, que no fim da prègaçam os inimigos alli na Igreja se buscavam huns aos outros, & com muytas lagrimas se abraçavam, & perdoavam as injurias. No anno de 1598. tornou o Padre Nuno Mascarenhas ao Algarve tambem a petiçaõ do Bispo seu Irmaõ, tam amante da Companhia, que naõ podia estar sem Padres. Pousou o Padre com seu companheyro, que era outro Padre, em hũas casas defronte do Bispo, onde tinhaõ hum só criado, que lhes servia como de porteyro. O pulpito da Sè he dos Religiosos de Saõ Francisco. Logo o Guardiaõ lho offereceo, para nelle prégarem a Quaresma. A isto respondeo o Padre, que elle só faria as prègaçoens, que os seus Religiosos naõ pudessem fazer, porque os queria ajudar no seu trabalho. Entaõ disse, que as prègaçoens das Domingas lhe eram de mayor inconveniente, por quanto naõ podiam acodir a todos os lugares vizinhos, donde recolhiam esmola. Destas o alivіou o Padre, & dos dous hum prégava de manhã na Sé, & o outro de tarde so-

S bre

bre a Epiſtola do meſmo dia. Os concurſos eram muy numeroſos; & as prègaçoens todas encaminhadas ao bem das almas.

5 Alèm de prègar,eram continuos no confeſſionario, compunham diſcordias,acodiam aos Hoſpitaes, faziam doutrina aos pobres antes de ſe lhes repartir a eſmola,que o Biſpo lhes coſtumava dar. Deſta vez catequizou a hum Mouro, que avia annos eſtava em Portugal, ſem ſe converter,mas Deos o tocou de maneyra,que conheceo,& deyxou a cegueyra, em que vivia. Tambem introduzio tirarem-ſe os Santos em caſa do Biſpo no principio de cada mez,como he coſtume na Companhia. Eſta funçaõ ſe fazia precedendo antes a Ladainha a canto de orgam, aſſiſtindo as Dignidades da Sé,& todos tiravam o ſeu Santo. Em fim tudo era piedade,& devoção por onde eſte Padre andava. O Biſpo lhes tinha tanto amor, que os viſitava algumas vezes,quãdo eſtavam jantando, & naõ conſentia, que ſe levantaſſem das cadeyras,onde eſtavam, aſſentando-ſe elle ſobre os leytos; & quando faltava o criado, elle dava iſto, ou aquillo, que faltava; nem avia quem o pudeſſe tirar deſte exceſſo de amor, & caridade.

6 Era o P. Nuno Maſcarenhas de cõdiçaõ benevola, & amoroſa,por iſſo bemquiſto de todos. Algum tempo fez o officio de Doutrineyro na Caſa de Saõ Roque,& o autorizou muyto com ſua peſſoa,& virtude: como era da principal fidalguia do Reyno,& primo inteyro da mulher do Viſo-Rey Dom Chriſtovão de Moura, cauſava ſingular edificação ver peſſoa tam illuſtre enſinar frequentemente a doutrina pelas ruas, & praças aos meninos,& gente vil. Como a iſto ajuntaſſe hum modo agradavel toda Lisboa ſe hia ouvir as ſuas doutrinas. O mais tempo de ſua vida ſe ſervio delle a Companhia em governos, porque teve para elles grandes talentos. O primeyro governo, que teve,foy o da Caſa Profeſſa de Faro,que o Biſpo ſeu Irmaõ nos fundou. Em Madrid foy Procurador Geral,onde por ſeu reſpeyto ſe cõſeguiram couſas de grande bem para eſta Provincia, & para a da India,& Braſil. Os tempos que nam governou,trabalhava como qualquer dos outros em confeſſar, & prègar. Governou aſſim meſmo os Collegios de Santo Antaõ, & Coimbra, & foy Prepoſito da Caſa de Saõ Roque. Quando eſtava neſta occupaçam,morrendo o Padre Geral, foy o Padre Nuno Maſcarenhas hum dos eleytos para ir a Roma: aſſiſtio na Congregaçaõ em que foy eleyto o Padre Mucio Viteleſqui; o Padre Nuno

Mafcarenhas fahio eleyto por Affiftente das Provincias pertencentes a Portugal, fuccedendo a feu Irmão o Padre Antonio Mafcarenhas, que acabava de fer Affiftente. Fez efta occupaçaõ por mais de vinte annos.

7 Em Roma teve fingular aceytaçam com os Principes feculares, & Ecclefiafticos. Para efta Provincia alcançou algumas coufas de Graças, & unioens de Igrejas, que fe lhe pediram, & encomendàram. Em Roma era commum refugio de todos os Portuguezes, que alli concorriam a feus negocios. Com elles exercitou muytos actos de caridade. Nefte tempo fe confeguio a canonizaçaõ dos noffos Santos Padres Santo Ignacio, & S. Francifco Xavier; no qual negocio, que era de tanta expectaçam, teve grande parte o Padre Nuno Mafcarenhas; affim por fer muy cabido com o Papa, como com os mais Principes da Igreja, que de todos foy grandemente eftimado. Em Roma finalmente veyo a falecer aos 17. de Junho de 1637. tendo de idade 76. annos. Sua morte fe fentio geralmente de toda a Curia, á medida da eftimaçaõ, que fe fazia de fua peffoa. Foy algũ tempo Meftre dos Noviços nefta fanta cafa, que diffo com razam fe póde muyto gloriar, como tambem de ter aqui entrado na Companhia

8 O Padre Manoel da Cruz, ainda que quando ifto efcrevo, ha perto de 28. annos, que faleceo, vive muyto prefente na memoria de todos, os que o conhecèram; & pela grande eftimaçaõ, com que delle fallam, fem duvida foy Religiofo de fingulares virtudes: porèm como fuas coufas fe naõ efcreveraõ, quando eftavam frefcas, hoje apenas ha poder recolher dos que o tratáram, fenam aquelle conceyto em geral, de que foy homem fanto, & daqui paffam muyto pouco: mas para que de todo nam acabe effe pouco, que tanto vale, o deixaremos em memoria aos vindouros.

9 Nafceo o Padre Manoel da Cruz em o lugar de Efpite no Bifpado de Leyria; feus pays fe chamavaõ Domingos Joaõ, & Joanna Dias: tendo dezafeis annos de idade entrou na Companhia em Coimbra aos onze de Março de 1644 & nella fez a profiffaõ do quarto voto aos 2. de Fevereyro de 1665. Foy fempre homem de conhecido exemplo, de muyto trato com Deos por meyo da oraçaõ. Vio-fe nelle particular modo para crear Noviços; em Lisboa fendo Reytor do Noviciado o Padre Manoel Fernandes, como naquelle tempo o elegeffe por feu Confeffor o Principe Dom Pedro entam Governador deftes Rey-

nos, por meyo do Padre Manoel da Cruz seu companheyro satisfazia às obrigaçoens de Mestre dos Noviços, quando a occupaçaõ de Confessor lhe tirava o tempo; & elle enchia tanto o lugar do Padre Reytor, que nenhuma falta sentiam os Noviços.

10 No anno de 1669. por ordem do Padre Geral Joaõ Paulo Oliva, sendo Provincial o Padre Antam Gonçalves, se restituhio o seu Noviciado ao Collegio de Evora; & foy eleyto por Mestre dos Noviços de Evora o Padre Manoel da Cruz; occupaçam, a que satisfez tam cabalmente, que ainda hoje dura no Collegio o seu bom nome. Ensinou mais com o exemplo, que com a palavra: a sua compostura a influhia em todos. Nas cousas de piedade era muy terno, acompanhando-as ordinariamente com lagrimas, das quaes tinha dom especial de Deos; & nestas occasiões de piedade, quasi sem querer lhe cahiam dos olhos em grande copia. Em Evora hia muytas vezes de noyte a ter oraçaõ ao Coro da Igreja, pela porta que do Noviciado sahe para a escada do Coro; & o sentiam recolherse alta noyte: nam avia ainda naquelle tempo, como hoje ha, Sacrario com o Santissimo na Capella do Noviciado. Em huma doença, que teve, indolhe fazer a cama, lha achàram chea de cilicios, & estes eraõ os brandos lançoes, em que dava descanso a seu corpo.

11 Guardando tam grande rigor comsigo, era singular a affabilidade, que tinha com os seus Noviços, naõ ha mãy taõ amorosa, como elle o era para com estes seus filhos em Christo. Daqui nascia andarẽ todos sẽpre revestidos de hũa alegria santa. naõ lhe sofria o coraçaõ vellos trãsidos, & descorados: como qu[e] sabia, que o nimio rigor do corpo impede muytos bens espirituaes, & debilita as forças para cousas de mais serviço de Deos. Punha todo o esforço, em q̃ mortificassem bem as inclinaçoens & payxoens do animo, & os sentidos exteriores; conseguia tud[o] isto com a suavidade das suas instrucções em tanto grao, que n[o] estado seguinte do Recolhimento, os que foram seus Noviços se differençavam muyto dos outros, conservando aquelle ar d[e] Noviços na modestia dos olhos, & compostura nas palavras, & mais acçoens. Cuidavam os demais, que tudo isto nascia de medo, que tinhaõ ao seu Mestre dos Noviços, que como estava tã[o] perto, ainda que jà naõ eram seus subditos, se soubesse nelles alguns desatentos, os poderia chamar, & reprehender: por esta razaõ, quando o Padre Manoel da Cruz foy por Reytor do Collegio de Santarem, disse hum Irmaõ dos mais antigos do Reco-

lhimen

lhimento: Daqui por diante veremos se os que foram Noviços do Padre Manoel da Cruz, se conhecem entre os outros, como atè agora: mas a experiencia lhes mostrou, que aquelle affecto á virtude todo nascia de dentro, & naõ parava sò no que se via.

12 Mandava elle alguns Noviços mudados para o Noviciado de Lisboa; & por lhe conhecer bem as propensoens, lhes disse: Filhos, a obediencia vos manda para o Noviciado de Lisboa, adverti, que a casa he solitaria, & là os Noviços nam tem sobre si os olhos, que cá tem nos Collegios; por tanto cada hum de vós ha de tratar de andar sobre si, & fugir de faltas; quando naõ, vos heis de achar, aonde eu naõ quizera. Foy causa, que notáram os outros, que nenhum daquelles Noviços perseverou na Companhia. Queria grande decencia em todas as cousas santas, como nas Imagens, por isso lhes dizia, que toda a Imagem de Christo, ou da Senhora, ou de algum Santo, que topassem muyto tosca, & que naõ dizia com a decencia, que convinha ao significado: estãdo na sua mão, a soterrassem, ou reduzissem a cinzas; porque semelhantes Imagens mais movem a desprezo, que a devoçam. Hum Padre grave desta Provincia, que foy seu Noviço em Evora, referio, que voltando de huma peregrinaçam com o pè direyto aberto, como dizem, & por isso coxeando, mandàra o Padre lançar sal na agua com que lavou os pès: mas como no dia seguinte visse que coxeava como antes, o chamou ao seu cubiculo, & fazendo-o descalçar, lhe mandou pór o pè leso na cadeyra, em que elle se assentava, & deyxando-o estar assim, elle brevemente se póz de joelhos diante do seu Crucifixo, & voltando lhe fez sobre o pè huma Cruz com o dedo polegar, & o mandou se calçasse, dizendo: Isto naõ he nada, isto naõ he nada: calçou-se o Noviço, & se foy do cubiculo sem dores, & sem queyxa alguma. E dizia o Padre, que isto foy tam verdade, que elle, sendo necessario, o jurava in verbo Sacerdotis.

13 Outro Padre grave, que assim mesmo foy seu Noviço em Evora, disse que elle o vira levantado no ar, estando em oraçaõ na Capella menor do Noviciado, diãte da devotissima Imagem de Nossa Senhora, que hoje està na Capella grãde do mesmo Noviciado de Evora; a qual sempre foy tida em grande veneraçaõ, por ser data do Illustrissimo Martyr o Padre Ignacio de Azevedo, & pintada por hum dos seus companheyros tambem Martyr. Quando se divulgou no Collegio a nova de ter patente do Reytor do Collegio de Santarem, hum dos Irmãos, que fora seu Noviço, lhe foy dar o parabem da nova promoçaõ: elle

 o man-

o mandou assentar na barra, & chorando de pena lhe disse: Eu pedi ao Padre Provincial,que me deyxasse morrer com os meus Noviços, mas naõ fuy ouvido: eu vou para Santarem, brevemente ouvireis a nova da minha morte, & entam encomendaime a Deos. Cuidou o Irmaõ,que eram só palavras, de quem estava sentido,mas o effeyto mostrou outra cousa; porque indo para Santarem durou pouco naquelle governo, porque Deos o levou para si aos 8. de Janeyro de 1675.

14 No livro dos Obitos do Collegio de Santarem,depois de se dizer, anno, & dia de sua morte, se diz: que fora sepultado das antigas grades para dentro,no meyo da Capella antiga; que fora sugeyto de grande virtude;que a seu enterro concorrèram todas as Religioens da Villa,ás quaes se dera cera com abundancia;& ao depois de pezada se achára, naõ ter quebrado mais que sinco quartas. Atè aqui o livro dos Obitos do Collegio de Santarem. Naõ ha muytos annos, que tratando de prover de Mestre dos Noviços a hum dos Noviciados da Provincia, disse hum dos Padres que nisso intervinhaõ, que lhe parecia, se buscasse algum Padre dos que tinhaõ sido Noviços do Padre Manoel da Cruz,& se tinha creado com a sua doutrina, que como fora tam singular,seria de grande proveyto,se se conservasse em os Noviciados. O qual parecer se seguio; que naõ he pequeno testimunho do bom conceyto,que se tinha do Padre Manoel da Cruz.

15 Em Evora,quando era Mestre dos Noviços,tomou à sua conta governar o relogio do Collegio, no que foy muy util á Communidade:& dizem Padres daquelle tempo, que nunca o viram mais bem governado,& que no tempo, que os Religiosos tem de estudo nos seus cubiculos, o carregava para ir mais de vagar, & para isso em outros tempos,como saõ os de fallar, abbreviava os quartos;dando a todas as cousas o tempo,que os homens prudentes julgavam,era bem se lhe desse. Neste cuidado, que o Padre tomou sobre si,& teve todos os annos de Mestre de Noviços, que foraõ alguns quatro pouco mais,ou menos, nam podia deyxar de ter grande mortificaçaõ, assim pelo relogio ficar muyto fòra da maõ,& ser necessario ir temperallo em tempos inclementes de ventos,& frios; como porque para andar naquellas proporções,que eram uteis à Communidade, era necessario no dia ir ao relogio muytas vezes;mas o bom Padre por todos estes seus incõmodos cortava pelo bem, que delles vinha a todo o Collegio.

16 C

16 O Padre Luis Duarte foy natural de Lisboa, & lá entrou na Companhia aos 13. de Fevereyro de 1666. tendo de idade quinze annos. Acabado o Noviciado foy para o Collegio de Evora estudar; nelle aprendeo as letras humanas, & Philosophia, depois ensinou muytos annos Latins, & as Classes de Rhetorica; tudo o que estudou soube com perfeyçam. Porém fazendo muyto caso das letras, fez sem comparaçaõ muyto mais da virtude; as propensoens a esta pareciam nelle naturaes, porque se póde dizer, que era de casta de Santos; pois todos os seus Irmãos, & a sua gente foy a gente de Deos: na Companhia teve outro Irmaõ chamado Joseph Duarte, homem de virtude conhecida: huma Religiosa parenta sua em a Cidade de Beja foy tida, & avida por Santa; diziam ter muyto trato com Deos, espirito de profecia, & depois de sua morte esteve seu corpo exposto por muytos dias sem resabio algum de corrupçaõ. Em Evora 15. de Abril de 1683

17 Foy o Padre Luis Duarte ajustado em tudo cõ as obrigaçoens das suas regras, das quaes se naõ afastava; pio, devoto, & muy affeyçoado ás cousas de devoçam, especialmente ao santo exercicio da oraçaõ, em que alèm do ordinario a todos, gastava outros tempos, cortando pelo sono, & descanço do corpo. Em o Noviciado de Evora sendo companheyro do Padre Mestre, se hia muytas vezes de noyte ter oraçaõ na tribuna da Igreja, em que os Irmãos Noviços costumam ouvir as prègações: succedeolhe alli huma cousa extraordinaria, que elle referio a hum seu amigo, de quem se veyo a saber. Varias noytes tanto que o Padre se punha em oraçaõ naquelle silencio da noyte, lá da Igreja subia huma sombra a modo de vulto humano, & entrando pela tribuna passava por diante do Padre, sahindo pela porta da tribuna para o corredor, onde ella fica; succedeo isto algumas vezes, atè que o Padre Luis Duarte considerando, que a cousa naõ carecia de mysterio, perguntou, quando a sombra passava, que cousa era, & que queria: a esta vòz lhe respondeo: Acabe, Padre, de fallar, que isso sò esperava: eu sou fulano, & aqui venho por ordẽ divina fazer aviso para se pòr cobro em taes cousas, ás quaes por descuydo, & omissaõ minha se naõ tem acodido, quanto ellas podem. E dito isto desappareceo, & nunca mais alli foy vista. Entendeo, que aquelle Religioso estava no Purgatorio satisfazendo a pena, que merecia por aquelles defeytos, & descuydos, aos quaes por aviso do Padre Luis Duarte se acodio.

18 Das virtudes teve nelle as mayorias a caridade para com

os

os mais Religiosos, particularmente enfermos: a todos sem excepçaõ algũa acodio, & servio com notavel amor, & agrado dos mesmos doentes, a quem era jucundo pelo ser a todos na sua conversaçaõ. Sendo elle companheyro do Padre Mestre dos Noviços, lá alta noyte lhe batèram á porta do seu cubiculo; acordou com o golpe, mandou abrir, & como ninguem entrasse, se persuadio fora alguma pancada, que occasionalmente dèra a porta; mas logo tornou a ouvir os mesmos golpes: mãdou abrir segunda vez; tam pouco entrou alguem: & fazendo mais algũa demora, terceyra vez se lhe bateo á porta. Vendo entam que a certeza, & modo dos golpes na porta parecia cousa mais que acaso, se levantou, abrio a porta, & como nada visse, lhe pulsou decer às enfermarias do Collegio; assim o fez, & entrando em hũ cubiculo achou, que hum Religioso, em quem se naõ presumia tanto perigo, & por isso se lhe naõ assistia de noyte, estava espirando: fezlhe o Padre Luis Duarte os colloquios ajudando-o a bem morrer, & lhe acabou nas mãos; vindo a cõjecturar, que aquellas pancadas da porta, & o impulso de decer às enfermarias em tempo tam fòra de horas, avendo para isso de abrir duas portas, qual era a do Noviciado, & Recolhimento, porque entam por elle era a serventia do Noviciado, tudo foraõ agencias do Santo Anjo da Guarda do moribundo, que naõ queria que o seu enfermo acabasse sem aquella cõsolaçaõ. E de caminho nos deo hum abonado testimunho, de quanto agradava a Deos a caridade deste seu servo.

19 Teve elle grande theatro, em que a exercitar, sem sahir das portas para fóra. Porque no anno de 1682. ouve nos Religiosos deste Collegio de Evora febres malignas tam perniciosas, que se tiveram por ramo de contagio; dellas vieram a morrer muytos; assistiolhes o Padre Luis Duarte incansavelmente, dando nestas assistencias exẽplos de singular caridade a todos, até que no Abril de 1683. se lhe pegou a mesma febre maligna: cuyda-se, que teve revelaçaõ de sua morte, porque antes della, & naõ sei se andando ainda de pè, disse, que quando morresse, nam se lhe aviam de dobrar os sinos, nem avia de ser enterrado na Igreja: tudo se cumprio: morreo preparado com todos os Sacramentos aos 15. de Abril de 1683 no tal anno cahio em 25. de Abril quinta feyra de Endoenças, & por ser tal o dia se lhe naõ dobráraõ os sinos; porque na Igreja avia concurso, que naõ dava lugar a enterro; & tinha inconvenientes guardar esta funçam para o dia seguinte, o enterráram na Capella do Recolhimento

do

do arco para dentro da parte do Euangelho; & assim se cumprio o que tinha dito acerca de sua morte. Era quãdo morreo Theologo do quarto anno, & companheyro do Padre Mestre dos Noviços em Evora. Lembrame, que depois praticando o Padre Reytor do Collegio na Capella á sua Communidade, trouxe por exemplo de Religiosos perfeytos ao Padre Luis Duarte, que nam avia muyto era falecido, referindo muytos dos santos exemplos, que em sua vida tinha dado: eu que isto escrevo, estimára ter presente, quanto obrou para nossa edificaçam, & para me mostrar agradecido á boa, & santa doutrina, que delle recebi sendo seu discipulo na quarta classe da Universidade de Evora, & abayxo de Deos a elle devo em grande parte o ser Religioso da Companhia: em reconhecimento da minha obrigaçaõ lhe consagro este pouco trabalho, que tomey em escrever esta pequena memoria de quem a merece muy grande. Por morrer sendo companheyro do Padre Mestre dos Noviços, lhe quiz dar lugar entre os Mestres.

IMAGEM DA VIRTUDE EM O NOVICIADO DA COMPANHIA de Jesus do Collegio de Evora.

LIVRO SEGVNDO,

Em que se referẽ as vidas, & gloriosas mortes dos que morrèram dando seu sangue pela Fè, & daquelles que acabàram por caridade servindo em contagios.

CAPITVLO I.

Dos Martyres do Brasil. Dase summaria noticia da occasiam, que ouve, para muytos da Companhia padecerem martyrio na viagem do Brasil; & como se dispuzeram, atè chegar à Ilha da Madeyra.

No Mar aos 15. de Julho de 1570.

1 AVENDO de escrever os gloriosos martyrios dos filhos da Companhia, que neste Noviciado de Evora foram Noviços, & morrèram com o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, necessariamente se haõ de referir muytas cousas, que foram commuas a todo aquelle bemaventurado esquadram, a quem seu Capitaõ ensayou com muytos exercicios santos para esta sanguinolenta batalha. O Veneravel Padre Ignacio de Azevedo depois de fazer o officio de Visitador dos Religiosos, & Collegios da Companhia no Brasil, voltou a Europa a fim de conduzir novos obreyros, para trabalharem nas dilatadas regioens do Brasil. De Portugal passou a Roma, onde teve grande aceytaçaõ do Santo Papa Pio Quinto, dos Cardeaes, & de São Francisco de Borja. Do Pontifice alcançou grandes favores, & graças, que outros escrevem diffusamente. Entre os outros favores, que lhe fez São Francisco de Borja entam Geral da Companhia, foy hum, que de todas as Provincias da Companhia por onde passasse vindo de Roma lh

lhe dessem de cada huma sinco sugeytos, com tres condiçoens; primeyra, que elles pedissem; segunda, que o Padre Ignacio de Azevedo se contentasse delles; terceyra, que o Padre Provincial da mesma Provincia os julgasse por idoneos. Queria o Santo Padre, que nada se fizesse, senaõ a contento de todos,

2 Quando chegou a Portugal, trazia muytos, & excellentes sugeytos, porque por onde quer que passava, sua presença, & palavras ateavam fogo do amor de Deos, & do bem do proximo. Entre os mais destes sugeytos foy o Irmaõ Joaõ de Mayorga Aragonez, pintor insigne. Mandava São Francisco de Borja para a Rainha Dona Catherina huma copia excellente da Senhora, que pintou Saõ Lucas, & por graça especial do Pontifice, fora a primeyra, que se tinha pintado, por quanto atè aquelle tempo tal cousa naõ tinhaõ permittido os Pontifices, para mayor respeyto, & veneraçaõ de taõ santa imagem. Deste retrato fez quatro o Irmão Mayorga, hum que deo ao Collegio de Coimbra, outro ao de Evora, outro deo a Santo Antaõ, todos foraõ tidos em grande veneraçaõ, como reliquias de dous insignes Martyres, hum que as deo, outro que as pintou. O ultimo levou o Padre comsigo, & com elle nas mãos acabou, & hoje dizem se conserva como preciosa reliquia no Collegio da Bahia do Brasil. A primeyra vez, que em Portugal mostrou o Padre Ignacio de Azevedo a imagem que de Roma trazia, foy em Coimbra, onde muyto se afervoráraõ todos os moradores daquelle santo Collegio. Logo partio para Evora, por quãto estava então alli a Corte, que se tinha retirado de Lisboa por causa da peste, com que Lisboa era affligida. Chegou a Evora pela tarde, & depois do repouso da noyte se mostrou a devota imagem, que no dia seguinte foy apresentada à Rainha Dona Catherina, & a petiçaõ do Padre Miguel de Torres por sua morte a deyxou à nossa Casa de Saõ Roque de Lisboa.

3 O abalo que fez em Evora nos Religiosos da Companhia, nos estudantes da Universidade, & nos seculares da Cidade, & do termo, se refere como cousa rara nas memorias antigas, que tenho diante de mim, quando isto escrevo. Muytos seculares casados se offereciam para lá ir morar com suas familias. Dos Religiosos do Collegio de Evora merecéraõ quatorze a boa sorte de o acompanharem, depois de pedir com grandes fervores. De diversas classes da Universidade recebeo o Padre Ignacio de Azevedo dezoyto estudantes, Alèm destes se refere, que eraõ os estudantes, que pertendiam, vinte, & oyto; dos quaes tambem recebeo

cebeo muytos. Succedeo tudo isto no mez de Janeyro de 1570.

4 Naõ quero passar em silencio a pertençaõ de hum pastor do termo de Evora, que el-Rey Dom Sebastiam, o Cardeal, & o Senhor Dom Duarte muyto festejàram, & della fallàram por vezes. Fora hum Irmaõ Coadjutor ao campo, para comprar algumas ovelhas de boa lãa, que o Padre queria levar para o Brasil, em ordem a aver creaçaõ dellas. Encontrou o Irmaõ com hum pastor vestido de pelles, como de ordinario andam, homem ao que representava de quarenta annos, criado de hum lavrador. Hia elle rezando, ou lendo: travou o Irmaõ pratica cõ elle; perguntoulhe, que livro era aquelle; respondeo: Este trago eu na mão de ordinario: trago outro comigo, o qual abro em tendo alguma payxam, & sempre me falla ao coraçaõ, & me apaga qualquer desordem, que em mim sinta: dizendo isto, tirou hum *Contemptus Mundi*. Continuando a pratica achou nelle o Irmaõ grande innocencia de costumes. Contoulhe como pelos campos aprendéra a ler, pedindo aos que passavaõ pela estrada lhe dessem liçam; & tambem contou como ouvera aquelles livros. Disse mais, como naquelle dia seu amo tivera com elle huma payxaõ, levado da qual jurára, que o naõ avia de ter mais em sua casa, mas que passado o impeto, cahindo em si o amo, se arrependèra; porèm elle comsigo determinàra naõ estar mais em casa de homem, que assim jurava, nem servir tal amo.

5 Aqui lhe meteo o Irmaõ pratica do Brasil, & dos muytos, que de presente hiaõ para aquellas terras. Contentoulhe muyto; & lhe pareceo, que là serviria mais a Deos, o que grandemẽte desejava. Resoluto de fazer a jornada, chamou a seu amo, para que visse, se no seu pegulhal estava alguma ovelha, que lhe pertẽcesse. Depois vẽdeo as de lãa menos fina, & com o dinheyro se proveo de algumas cousas, que lhe podiam ser necessarias. Tudo isto fez depois de ter fallado com o Padre Ignacio de Azevedo. Quando avia de partir para Val de Rosal, se veyo confessar ao Collegio trazendo aos Padres hũ simplicissimo presente, (por esta palavra se explica o manuscrito donde isto recolho) & devia ser algum tarro de leyte, ou cousa deste jaèz. Logo se partio cõ o seu pegulhal de ovelhas escolhidas, & de lãa mais fina para Val de Rosal. Tinha o Padre Ignacio de Azevedo chegado a Lisboa sobre certos negocios, & voltando para Evorà com o Padre Provincial encontràraõ no caminho ao pastor muy suado, & cansado de andar toda a noyte antes defendendo o seu pegulhal dos Lobos, que lhe tinhaõ comido hum cordeyrinho;

disseraõ-

disseraõlhe, que offerecesse a Deos aquelle trabalho, que em chegando a Val de Rosal descansaria, & se confessaria com hum Padre, que lá estava. Respondeo: Certo que disso tenho bem necessidade, & de me confessar, porque todas estas noytes ando cõ grande payxaõ pelejando com os Lobos. Hia elle muy contente, dizendo, que lá serviria no Brasil aos Padres quanto, & em quanto quizessem, & que depois, sendo nosso Senhor servido, poderia ser o aceytassem por irmão.

6 De Evora chegou a Coimbra o Padre Ignacio de Azevedo em o mez de Janeyro. Neste mesmo partiram de Evora para Val de Rosal os Irmãos, Antonio Soares, Manoel Alvres, Baltezar de Almeyda, Sebastiam Alveres, Affonso Fernandes, Pedro Dias, Domingos Fernandes, Pedro de Couto, Jorge Caldeyra, Diogo Pinto, Francisco de Magalhães, Luis Rodrigues, & Joaõ Fernandes. Este Irmaõ Joaõ Fernandes avia pouco viera de Coimbra com outro Noviço, & he hum dos quarenta Martyres; mas como foram dous deste nome, hum de Lisboa, outro de Braga, nam ha clareza, qual dos dous fosse este, que aqui foy alguns dias Noviço. No mez de Março voltou a Evora o Padre Ignacio de Azevedo, aonde de novo recebeo na Companhia dous Irmãos, & partindo no mesmo mez para Val de Rosal os levou comsigo. Naquelle Santo retiro, que he huma fazenda do Collegio de Santo Antam, se ajuntàram todos, os que aviaõ de ir para o Brasil, alli foram notaveis os muytos exercicios de virtude, com que este Santo Capitaõ ensayou a esta sua gloriosa Companhia para a batalha, em que morrendo ficáraõ vencedores. Foy tanto o fervor, que o mesmo veneravel Padre nas cartas, que escrevia aos Collegios, dizia, consolarse muyto em ver, quanto Deos alli se cõmunicava àquelles servos de Deos; & de si dizia, nam esperava em toda a sua vida ter melhor tempo, que o de Val de Rosal. Via-se em todos grande espirito de oraçaõ, & mortificaçaõ: em colchaõ de lãa sò dormiaõ os doentes, os demais sobre feixes de carqueija com huma cortiça por cabeceyra. Os Irmãos, que tinhaõ officios, nelles se occupavam, obrando cousas, que pudessem servir no Brasil. Todos os tempos estavam repartidos, por naõ aver em alguem ociosidade. As conferencias espirituaes eram muy frequentes. Dalli fizeraõ peregrinaçoens a varios lugares de devoçaõ. Quatro, ou sinco mezes avia que estavam naquelle doce retiro, a quem santificàram com seus passos, & assistencia, quando se chegou o tempo de se embarcarem.

7 Fretára o Padre Ignacio de Azevedo na Cidade do Porto a metade da nao Santiago,& como está tardasse em chegar a Lisboa, determinou o Padre de nam esperar mais, que atè a partida da Frota, em que hia por Governador do Estado Luis de Vasconcellos;& como este tivesse as suas naos correntes, nellas se determinou embarcar. Logo passou da quinta de Val de Rosal para Lisboa, hospedou a todos no Noviciado da Casa de Saõ Roque,o qual estava entam vago, & os Noviços que alli antes se creavam,foram por causa da peste mandados parte para Coimbra,parte para o Noviciado de Evora. Quinze dias,que naquella casa moráram,os occupou pelo modo, que o fizera em Val de Rosal. Tinha o Padre grande dom de Deos para conhecer as vocações,que cada hum tinha, & assim em todo este tempo os observou,& provou seus espiritos. Aos que naõ achava espirito competente,ainda que tivessem bons dotes,& partes, os mandava para os Collegios donde vieram;por quanto entendia poderiam, servir na Provincia melhor,que no Brasil. Aos que estavaõ em provaçaõ,se naõ correspondiam,como era bem, mandava para suas terras,dandolhes ajuda de custo. Apontarei destes só o exemplo de hum,para que vejam todos, quanto este bom Padre estimava a exacçam na virtude da obediencia.

8 Hũ Noviço parecia ter boas partes,& talentos para servir a Cõpanhia,mas deyxava passar por si muytas faltas tendo-as em pouca cõta. As faltas,& descuydos na obediencia eraõ semelhãtes a esta. Mandàrão-no huma vez ajudar ao cozinheyro; a isto se applicou com negligencia. Reprehendido, porque naõ fazia,o que lhe mandavam, respondeo, que no Brasil elle faria aquillo,& muyto mais. Applicoulhe o Padre os remedios convenientes, & como vio o pouco caso,que fazia da perfeyçam da obediencia,o mandou para sua casa ajudando-o com o custo do caminho. Assim mesmo jà estando a Belem despedio dous Noviços,& outro a Santa Catherina. De sorte, que quando se partio,como outro Gedeam, tinha separado os de espirito menos forte dos alentados,& generosos. E nisto tinha o Padre Ignacio de Azevedo grande desengano,& resoluçaõ. Como as naos do Governador estavam jà de verga d'alto, nellas accõmodou as suas alfayas, & preparou os mais commodos necessarios para a viagem, & só faltava meterem-se nas naos. Eisque hum dia de tarde chega de Belem o Irmaõ Antonio Soares,dá por novas ser entrada pela barra dentro a nao Santiago. Foy incrivel a alegria do Padre;deu logo pela nova hum apertado abraço ao Ir-

maõ

maõ, mandou chamar aos mais, cõ elles foy á Capella dar graças a Deos por chegar a nao ainda a tempo, que pudessem ir nella. Naõ sey, que propensaõ occulta sentia o Veneravel Padre a ir mais nesta, q̃ nas outras naos; por isso em Val de Rosal sempre mandava fazer oraçaõ por esta causa; & o seu modo de responder era, quando lhe pediam alguma penitencia: Sim, & tambem a applicai pela vinda da nao Santiago.

9 Fez logo tirar tudo das outras naos, & nella se embarcou com trinta, & nove companheyros. Fez tambem embarcar ao Padre Pedro Dias com vinte, todos Irmãos, na nao do Governador. O Padre Francisco de Castro com dous Irmãos fez, se embarcassem na nao das orfans. Chamava-se com este nome, por levar muytos meninos, & meninas orfans, que ficáram desemparados por causa da peste; & el Rey os mãdava, para povoarem a terra do Brasil. A nao Santiago parecia hum bem governado Collegio da Companhia. O mesmo eram as outras, em que hiam os Padres, fazendo-se a campa tangida os exercicios da Communidade: procurando com liçoens espirituaes, & praticas santas levar a todos os passageyros para Deos. Constava toda a frota de sete naos, & huma caravela, todas hiam juntas em conserva, & quasi à falla humas das outras. Na nao Santiago quiz o Padre Ignacio de Azevedo, que a cozinha de toda a nao corresse por conta dos nossos Irmãos, nẽ lá entrava algum secular, mas por huma janellinha davam, o que cada hum queria, que se lhe preparasse, & por ella a seu tempo o recebia. Assim os exercitava em humildade.

10 Sete dias gastaram até á Ilha da Madeyra. Nella foram bem recebidos do Padre Manoel de Sequeyra, & mais Padres, & Irmãos da Companhia, que tinham ido fundar aquelle Collegio, & avia tres mezes tinham chegado à Ilha. Estavam os Padres ainda em casas de aluguel, & como naõ podiam hospedar a todos juntos, pediram ao Padre Ignacio de Azevedo lhos fosse mandando a quatro, & a cinco, & estando hum dia com os Padres, se hiam, & vinhaõ outros: por este modo todos participáram da caridade do Padre Manoel de Sequeyra, que os queria a todos meter no coraçaõ. Este bom Padre tinha sido Mestre de Noviços neste Santo Noviciado, & delle fica em seu lugar feyta mençaõ. Detiveraõ-se vinte, & quatro dias na Ilha da Madeyra. Aos Domingos, & dias Santos sahiam os Irmãos todos das naos, & hiam commungar à Igreja de Santiago. Concorria toda a sorte de gente, pasmavaõ de ver em todos tanta modestia,

& compoſtura;rogavaõ-lhes muytos bens,& felicidades. Neſte tempo o Irmaõ pintor eſteve no Collegio, ou caſa dos Padres,& lhe pintou huma Imagem de Noſſa Senhora tirada pela de Saõ Lucas, & hum Chriſto Crucificado com Saõ Joaõ, & Noſſa Senhora;& deyxou por acabar hum retabolo da Cea do Senhor, por nam dar o tempo lugar a deyxar eſta obra em ſua perfeyçaõ. Tambem o Irmaõ Antonio Fernandes Carpenteyro,& o Irmaõ Alonſo Baena fizeram algumas obras do ſeu officio. Mas como por todos tres eſperava a coroa do martyrio em companhia do Padre Ignacio de Azevedo,elle os quiz levar comſigo em lugar de alguns puſillanimes,que ſe naõ atrevèram ao ſeguir nos perigos,a que ſe expòz.

CAPITVLO II.

Como foy entrada a nao Santiago, & martyrizados o Irmaõ Bento de Caſtro,& o Padre Ignacio de Azevedo.

1 A Nao Santiago de neceſſidade avia de ir á Ilha da Palma,que he huma das Canarias, para nella deyxar parte da carga,que levava, & tomar outra para o Braſil conforme a ordem dos Mercadores, que nella metéraõ ſuas fazendas. Ouve grandes debates entre o Capitaõ da nao, & Governador,para ſe lhe dar eſta licença,porque ſe ſabia o evidente perigo,a que ſe expunha,por andar o mar cheyo de piratas Francezes da Rochela, que por ſerem hereges eram crueis inimigos do nome Chriſtaõ. Avida a licença, como o Padre Ignacio de Azevedo conhecia o perigo, fez que todos os da nao ſe preparaſſem com a Confiſſaõ,& Cõmunham para o perigo,em que ſe metiam. Aos ſeus companheyros declarou o grande riſco, dizendo, que quem ſe naõ achava com o animo de perder a vida, podia livremente ficar, & ir como Padre Pedro Dias. Os mais delles com roſto alegre, & grande jubilo de ſuas almas ſe offerecèram a todo o riſco;quatro porèm fraqueáram;em lugar deſtes tomou outros,& elles ſe ficáraõ na Ilha. Foy couſa notavel,que nenhum deſtes quatro perſeverou na Companhia. Votos ouve,que o Padre Ignacio de Azevedo naõ foſſe na nao,mas outro Padre em ſeu lugar, porèm tal couſa ſe naõ pode acabar com elle;por quanto naõ era daquelles, que metem aos outros nas tormentas,& elles ſe deyxam ficar na praya vendo os perigos de lugar ſeguro. Confeſſados aſſim os homens da nao, como os da

Com-

Companhia, lhes disse Missa o Padre Ignacio de Azevedo na Igreja de Santiago, & a todos deo a Cõmunhaõ em dia dos gloriosos Apostolos Saõ Pedro, & Saõ Paulo.

2 No mesmo dia se embarcáram. Ouve despedidas muy saudosas entre os da Companhia, que partiaõ, & que ficavaõ; particularmente entre os dous Santos Varoens Ignacio de Azevedo, & Pedro Dias, dizendo este ao Padre Ignacio entre muytos suspiros, & lagrimas: Ah, meu Padre, pòde ser, que jà nos naõ vejamos nesta vida. No dia seguinte deram á vela com a proa nas Ilhas Canarias. Hia toda a gente da nao tam reformada, que mais parecia nao de Santos, que de marinheyros. Nẽ praticas, nem cantigas profanas se ouviam da sua boca. Huma vez alta noyte os que vigiavam, persuadidos que ninguem os ouvia, se alargàram em algumas palavras pouco decentes. O Irmaõ Bento de Castro, que debayxo tinha o seu beliche, os ouvio, & logo começou a tomar huma disciplina, a cujo estrondo se calàram. Do mesmo modo o Irmaõ Domingos Fernandes em semelhante occasiaõ os póz em silencio, ficando elles admirados de tam estranho modo de reprehender. Depois que partiram da Ilha da Madeyra, nam saõ explicaveis os desejos, que o Padre Ignacio de Azevedo tinha de morrer, nem avia na sua boca palavras mais frequentes, que desejos da morte. Sete dias avia, que tinham navegado com vento brando, & com bonança. Estavam cousa de duas legoas, & meya da Cidade da Palma, quãdo sobreveyo hũ vẽto cõtrario, q́ os obrigou a se valerẽ de hũ surgidouro, q́ está detraz da Ilha, & se chama Terçacorte. Alli sahiraõ aquella tarde em terra, & se detiveraõ 5. dias esperando vento favoravel.

3 Alli achou o Padre Ignacio de Azevedo a hum fidalgo Framengo, com quem se creára na Cidade do Porto, que lhe fez notaveis cortezias, & liberalidades de refrescos, porq́ era magnanimo, bom Christaõ, & muy liberal, & amante dos Religiosos da Companhia. Davalhe todos os cõmodos para com seus companheyros ir por terra atè a Cidade, que distava tres legoas de caminho: trazendolhe à memoria o perigo do mar por causa dos Cossarios, & os vagares da jornada, por ser o vento contrario. Com estas, & outras razoens o persuadio a fazer a jornada por terra; para este effeyto mandou o Padre desembarcar todos seus companheyros, & algum fato. Logo com todos os Irmãos foy dizer Missa, deulhes a Cõmunhaõ. Na Missa lhe deu Deos a sentir outra cousa, do que tinha determinado: por tanto resolutamente disse, que a jornada avia de ser por mar, acrecentando

tando que assim o sentia em o Senhor, que os hereges naõ podiam outra cousa senam mandallos a todos mais depressa para o Ceo. Desta resoluçaõ tam pouco imaginada, se entendeo, que o Padre tinha algum motivo superior, que o guiava, & na Missa se lhe declarára, & dera a sentir.

4 Por tanto se tornàram aquella tarde a embarcar, & no dia seguinte, que era huma quinta feyra, pela manhã deram á vela. Fizeram hum grande rodeyo para vireõ descahir na Cidade, nelle gastàram até Sabbado de manhã, no qual se achàram como tres legoas do porto da Cidade. Neste tempo em que todos estavão alegres, bradou hum marinheyro, que via huma vela grande, & logo que via mais quatro menores. Ao principio se cuydou que era a armada de Dom Luis de Vasconcellos, que tinham deyxado na Ilha da Madeyra; mas brevemente conhecèraõ serem piratas Francezes. Era Cabo principal daquella esquadra Jaques Soria inimigo capital de Catholicos Romanos, & em especial o era de Jesuitas. Logo que os Portuguezes divisáram ser inimigo, ainda que o seu poder era tam inferior, determináram defender a nao atè morrer. Nam se meteo neste conselho o Padre Ignacio de Azevedo, por naõ ser cousa, que lhe pertencesse; mas tanto que elles tomàram a resoluçaõ, os animou, a que morressem, como bons Christãos, pelejãdo cõtra os inimigos da Fè Puzeraõ tudo leste para a peleja, depois de prepararẽ suas almas. O Padre com a Imagem da Senhora nas mãos, com poucas palavras, mas cheas de espirito animou aos Irmãos, & elles todos respondèram: Faça-se em nòs a vontade de Deos.

5 Entam os mandou o Padre a todos pór em oraçaõ, cada hum na sua estancia, onde costumava recolherse; & elle se pòz em oração junto do mastro grande da nao. Vendo o Capitaõ a pouca gente, que tinha, se chegou ao Padre, & lhe pedio alguns Irmãos mais fortes para o ajudarem a pelejar. Respondeo o Padre, que para pelejar, nam, mas que daria alguns para os animar. Entam lhes disse, como era necessario, que alguns andassem na peleja para esforçar aos que pelejavam; todos promptamente se offerecèram, & o pediam com grande instancia: escolheo porém o Padre os que eram mais homens para isso. Foram elles o Padre Diogo de Andrade, os Irmãos Manoel Alvres, Joaõ Mayorga, Gonçalo Henriques, Manoel Pacheco, Diogo Pires, Frãcisco Peres, Antonio Soares, Estevam Zurare, Joaõ de S. Martinho, & Joaõ Baeza. A estes onze com os seus Christos ao pescoço dispóz para animarem aos q̃ pelejavaõ, dizẽdolhes o modo,

lo,que aviam de guardar, animando-os a defender a Fè Romana,fallando em altas vozes, & protestando a mesma Fè:que aviāo de acudir aos feridos, & aos cansados,a huns com algum aalento de comer,a outros tirando-os da peleja, atandolhes as feridas,& ajudando-os a bem morrer.

6 Neste tempo chegando-se Jaques Soria deu sinal aos Portuguezes,que se rendessem; elles lhe respondèram com hũa carga de artilharia,alguma gente lhe matàram, de que fez pouco caso,por trazer o Galeaõ bem provido. Arremeçou o Galeaõ à nao para a ferrar,o que naõ pode fazer, porque com o encontro se desviou o Galeaõ:porèm saltou dentro na nao Joaõ Bocardo,que era a segunda pessoa depois de Jaques Soria, com mais dous Francezes muy bem armados, & quasi impenetraveis. Logo os carregou o Mestre Piloto,& o Calafate com mais alguma gente,& deram com elles no mar à vista de Jaques Soria,que sentio muyto a morte de Joaõ Bocardo. Mais duas vezes procurou abalroar a nao; & de huma alguns, que quizeram saltar dentro della,errando o salto cahiram no mar, & se afogàram. A quarta vez voltou Jaques Soria jà acompanhado das outras naos,que cercáram a nao Santiago, & Jaques Soria com o seu Galeam a ferrou pela proa,& vendo a pouca gente, que tinha,& mal armada lhe meteo dentro até sincoenta homens dos mais alentados;& com isto dando a nao por tomada,desaferrou, & se deyxou andar ao largo. Estando ainda a nao de Jaques Soria afferrada,& metendo gente dentro, vendo o Irmaõ Bento de Castro a muyta gente,que vinha sobre os nossos,os encomendava a Deos,& era muy importunado dos Irmãos, que lhes desse licença para sahirem a protestar a Fé. A nenhum deu licença, querendo elle ser o primeyro. Tomando nas mãos huma Cruz rompendo pelos hereges,& Portuguezes, que andavam acesos na peleja, subio ao Castello da proa,onde os hereges entravam, levando na mão as armas da Santa Cruz. Alli em altas vozes começou a confessar que era Catholico, & a reprehender os erros dos hereges. Vendo elles, que naõ pelejava por defender a nao,mas pela Fè,o passáraõ com alguns pelouros; mas como ainda continuasse,arremetèraõ a elle ás punhaladas,& meyo vivo o lançàram ao mar.

7 Em todo este tempo o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo estando junto do mastro grande naõ cessava no meyo da peleja de dar testimunho de sua fè. Os hereges o viam, & ouviam,& tambem lhe viam na maõ a Santa Imagem,que mostra-

va,deteſtando os erros dos hereges, animando aos Portuguezes, que morreſſem,como bons Chriſtãos. Andavam os hereges cõ grandes deſejos de lhe chegar, atè que vendo-ſe mais deſafogados,arremeteo a elle hum herege,& lhe deu na cabeça hũa grande cutilada, & logo lhe deram mais tres, ou quatro eſtocadas. Cahio logo o Veneravel Padre no meſmo lugar em que ſempre eſtivera. Succedeo aqui huma couſa eſtupenda, que quatro dos ſoldados,que o feriram,de repente ficáram cegos. Quizeraõ tambem tirarlhe das mãos a Santa Imagem, mas nunca o puderam fazer.

Petr. Poſſin. in ejus vita lib. 3. fol. mihi 340.

8 Caindo,diſſe com vôz esforçada.Todos me ſejaõ teſtimunhas como morro pela Fè Catholica, & pela Santa Igreja Romana. Ao cair nam cahio de todo,mas ficou encoſtado ao martinete. Acodiolhe o Padre Andrade, & ſe abraçou com elle; acodiram tambem outros Irmãos,& a ambos aſſim abraçados os levàram para junto do leme, ſem nunca o Padre largar a Imagem. Alli ſe reconciliou com o Padre Andrade. Acabada a reconciliaçaõ,o leváram para a ſua camera, que eſtava junto do leme. Acodiram a eſte lugar quaſi todos os Irmãos com os olhos arrazados em lagrimas; elle os abraçava a todos com hũa grande alegria entre aquellas ſuas doces affliçoens. Ao abraçar, todos lhe punham a cabeça nos peytos,& elle os apertava comſigo,& lhes dizia: Filhos nam temais,nam temais, esforçayvos meus filhos,que grande mercè he eſta de Deos: ninguem tenha fraqueza,nẽ puſillanimidade. Eſtava o ditoſo Padre todo cheyo de ſangue,cabeça,roſto,veſtidos,& tambem a Santa Imagem Os Irmãos, que o abraçavam,ficavaõ cheyos de ſeu ſangue. De todos foy grande o ſentimento,mas a todos venceo o Irmaõ Franciſco de Magalhaens,dizendo muytas laſtimas ſignificadoras da ſua. Entre outras palavras rompeo neſtas: Oh que ſerá agora de nòs ſem pay,& ſem paſtor? A eſtas palavras acodio o Veneravel Padre chamando-o a elle, & aos outros,lhes diſſe: Filhos meus,naõ tenhais pena,Deos me fez voſſo paſtor, bem he que o paſtor và diante das ovelhas: eu vou diante aparelharvos o lugar. Depois de dizer eſtas palavras, dalli a hum pouco eſpirou.

9 Como ſe foy exhaurindo de ſangue, acabou quaſi ſempre fallando,& com grande paz, & ſoſſego. Naõ ſe fartáram os Irmãos de beijar o ditoſo cadaver, & banharſe em ſeu ſangue,eſpecialmente o Irmão Magalhaens, que ficou com o roſto todo enſanguentado, & tam devoto do meſmo ſangue, que dizendo-

lhe

lhe depois os Irmãos, que se lavasse, respondeo: Nunca Deos tal queyra, que eu me lave do sangue do Santo Padre Ignacio, se a obediencia mo naõ mandar, nunca delle me lavarei.

CAPITVLO III.

Do mais, que succedeo atè se dar sentença, que morressem todos.

1 Logo que espirou o Veneravel Padre, os que alli assistião, se tornàram a meter na peleja acodindo a todas as partes; animando, & alentando a todos pelo modo, que o fizera seu Capitam. Huns tiravam da peleja os feridos, outros acodiam com alguns confortos aos que pelejavam, & todos eram muy bem conhecidos dos hereges pelos vestidos da Companhia. O Irmaõ Luis Rodrigues no tempo da peleja animava aos Irmãos a altas vozes cõ estas palavras: Irmãos, animemonos, & ajudemonos do Credo, porq o sangue de Christo na se haõ de perder. Andando a peleja em grãde calor, hũ herege, que muyto desejava chegar ao Irmão Diogo Pires, o alcançou com huma lança, & cahio morto. Este santo Irmaõ era natural da Villa de Niza do Bispado de Portalegre, seu nome antes era Diogo Mimoso, porque naquella villa ha familia, que tem este sobrenome; & naõ he a causa de assim se chamar, a que dá o Padre Possino, ainda que em verdade ella assente bem em a suavidade de seus costumes. O Irmão Joaõ Mayorga Pintor andava no Castello da proa fazendo o que a obediencia lhe encarregàra, & protestando em altas vozes sua fè, sem outras armas que as da palavra de Deos; depois de alli afroxar a peleja, quatro ou cinco hereges arremetèram a elle, & o lançàraõ em corpo, & alma ao mar. Com a mesma morte acabáram os Irmãos, Manoel Rodrigues, de Alcochete, Manoel Pacheco, de Ceuta, Estevaõ Zurare, Biscainho, & Gonçalo Henriques, do Porto. O Irmaõ Manoel Alvres andava no Castello da popa, & animava com tam fortes, & altas vozes, que sobrepujavaõ sobre o estrondo das armas, & naõ sò era ouvido dentro na nao, mas tambẽ nas naos dos hereges, que estavaõ jũto: dizia elle a grandes brados, Irmãos não vos deyxeis vencer destes filhos do demonio, defendei a Fé de Christo, pelejai pela Igreja Romana, morrei como bons Christãos: aos hereges dizia, serem inimigos de Deos, que andavaõ errados, que aviam de ir ao inferno, & cousas, que a este proposito lhe dictava o seu grande fervor.

2 Ven-

2 Vendo os hereges o muyto que este Irmão esforçava aos Christãos, o traziam de olho; & tanto que se viraõ alli sem oppressaõ, fizeram nelle estranhas crueldades, retalhàram-lhe a cara, quebràram-lhe com os canos das espingardas as canas dos pès, & dos braços, tudo com estranha fereza, & deshumanidade; & para mais padecer, o deyxáram ainda vivo. Os Irmãos logo que tiveraõ occasiaõ, o leváraõ para debayxo da tolda. Alli se consolava dando graças a Deos por lhe fazer merce tam singular, que elle havia muytos annos desejava. Os Irmãos lhe lavàram as feridas com vinho, & depois de lhas curar, o deytáram em hũ camarote, & muytos cõ elle assistiam consolando-se huns com os outros. Naõ acabou logo, mas ao depois, como abayxo diremos. Neste tempo o Capitaõ da Nao, que no Castello da popa tinha pelejado generosissimamẽte, sentindo-se cheyo de feridas mortaes, & desejando morrer entre os nossos Irmãos, se foy retirando para bayxo, onde os Irmãos estavam; os hereges o foraõ sempre seguindo, & querendo-se meter em huma camera, alli o acabàram de matar, & lançàram logo ás ondas. Morto o Capitam, & os que animavam aos defensores, se acabou tambem a peleja. Dos Portuguezes morrèraõ atè quinze, ou dezaseis, os menos no conflicto, os mais lançados vivos ao mar por estarem com feridas mortaes.

3 Logo que cessou a peleja, começàram a entrar pelas cameras da nao para roubar. Entràram alguns em huma camera, onde dos Irmãos estavam alguns em oraçaõ diante das Santas Imagens, cousa que os hereges tinhaõ por idolatria; concebèraõ de novo grande furia, ao Irmaõ Braz Ribeyro de Braga com os punhos da espada lhe deram tal golpe, que logo cahio morto. Ao Irmaõ Pedro Fontoura natural tambem de Braga lhe fendèram a boca de sorte, que lhe ficou o queyxo cahido, & a lingua cortada. O Irmaõ Antonio Correa do Porto levou na cabeça huma grande pancada, & sentio tanto naõ morrer della, que os mortos Irmãos o ouveram de consolar. Este ditoso Irmaõ foy Noviço em Coimbra, & alli entrou na Companhia ao primeyro de Junho de mil quinhentos sessenta, & nove.

4 Vendo os hereges a muyta agua, que a nao fazia, ajuntáraõ a todos os Santos Confessores de Christo, & os obrigàraõ a dar à bomba; chamavam-lhe nomes afrontosos de perros, Pretes Monas, isto he, Clerigos Monjes, patrulha do diabo, & semelhãtes injurias, dandolhes de bofetadas, & pescoçadas, & espaldeiradas com as espadas nuas, para os fazer trabalhar. Outros todavia

via revolviam huma,& outra vez os camarotes; & entrando naquelle, onde estava o Irmaõ Manoel Alvres, por vezes o lançàraõ de huma para outra parte com gravissima molestia do servo de Deos. Por esta causa tendo alguns Irmãos occasiaõ de se escapar da bomba, o foraõ buscar, & trouxeraõ para junto da bomba,& junto de si o lançàraõ sobre huma arca. Dizia este servo de Deos palavras de grande consolaçaõ, que nunca a Deos merecèra tal favor. Estando afflicto pedio lhe dessem hũa gota de agua; naõ avendo outro pucaro, lha deraõ por huma campainha. Confessou-se com o Padre Andrade: depois parecendolhe, era chegada a sua hora, pedio, que cada hum dos Irmãos lhe dissesse hum Credo. Naõ tardàraõ muyto alguns hereges, que frequentemente alli acodiaõ, a fazer perrarias aos santos Irmãos; chegando ao Irmão Manoel Alvres o conhecéram, & disseraõ: Este he aquelle Prete, que gritava lá de sima, toma, toma, bota, bota ao mar. Pegàram logo delle, & o leváraõ a rasto atè o bordó da nao,& deraõ com elle vivo no mar á vista dos Irmãos, que tinhaõ mais enveja a seu fim,& morte santa, do q̃ pena de o ver acabar. Vendo tambẽ ao Irmaõ Fontoura lhe fizeraõ o mesmo.

5 Depois de terem lançado ao mar todos os corpos mortos, que estavam no convès,& os feridos, que alli achàraõ, começàraõ a trazer, os que estavam por dentro da nao. Em primeyro lugar viraõ vir o corpo de seu Pay, Mestre,& Pastor o Padre Ignacio de Azevedo, trazido por seis, ou sete Francezes, todo interissado com os braços estendidos ao modo de Cruz. Assim vestido, & calçado diante dos olhos dos que estavaõ à bomba, o lançàraõ ao mar. Hia o ditoso corpo com a Imagem da Senhora, que nem ainda depois de morto lha puderaõ tirar das mãos. Caindo nas ondas, contra a natureza dos corpos mortos, que logo se vaõ ao fundo, ficou sobre ellas com o rosto para o Ceo, braços estendidos em Cruz, & na mão direyta o santo paynel. Viram esta estranheza muytos, que depois a divulgàraõ. Andando assim por muyto tempo o veneravel cadaver com a mão levantada, & nella o paynel da Senhora, chegada a noyte huma onda o chegou junto da nao,& hum Portuguez estendendo a mão pegou da Santa Imagem, que elle largou sem violencia. Occultou-a quãto pode por causa dos hereges;& depois na Ilha da Madeyra a entragou aos nossos Religiosos: da Ilha da Madeyra foy levada ao Brasil, & dizem se conserva no Collegio da Bahia, respeytada como pede memoria, & reliquia tam veneravel. Bem sey, o que diz nesta materia o Padre Simaõ

Liv.4. fol.419. col 2 & fol.429. col.1.

maõ de Vaſconcellos na hiſtoria da Companhia da ſua provincia do Braſil; mas entendo, que eſte Padre naõ eſcreveo neſte ponto com as noticias tam exactas, & apuradas como o Padre Pedro Poſſino da Companhia na vida, que imprimio em Latim, do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, & ſahio a luz annos depois, que o Padre Vaſconcellos imprimio a ſua hiſtoria. Allega neſta materia o Padre Poſſino teſtimunhos, de que nenhum prudente póde duvidar; & nelle ſe podem ver no lugar, que à margem vay citado. O meſmo tem o Padre Telles.

Pet. Poſſin. in vit. P. Ign. Azev. lib 3. c.4. Telles 1. part l.2. cap. 18. n.10

Cienfuegos na vida do S. Borja

Alegambe nas mortes illuſtres.

6 O Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, natural da Cidade do Porto, entrou na Cõpanhia em Coimbra. Foy homem de virtudes excellentes, & em todas ellas muy exemplar: andam eſcritas por varios Autores, nem faz por hora ao meu intento fazer dellas narraçaõ eſpecial; pois ſó me pertẽce fallar nelle, em quanto as ſuas couſas vam encadeadas cõ as dos glorioſos Martyres, que eſte Noviciado de Evora lhe deu por companheyros, pois de nenhum outro ſabemos tiveſſe mais. Eſtando muy cançados os Irmãos do trabalho da bomba, foy o Padre Andrade fallar com o Capitaõ, que eſtava na popa, & lhe pedio, mandaſſe dar alguma couſa aos Irmãos para tomarem alento. Era eſte homem ſobrinho de Jaques Soria, chamado Monſieur Merlim, & tal como ſeu tio na crueldade; logo que o Padre fez a ſua petiçam em Latim, a repoſta foy lançarſe como hum tigre ao Padre dandolhe de bofetadas; o meſmo fizeram os outros hereges, lançáraõlhe o barrete ao mar; & vendolhe a coroa, mais ſe enfurecèram dandolhe muytos empuxoens, couces, & bofetadas, até que o arremeçàraõ da Xareta abayxo: ficou o Padre todo pizado, & eſcalavrado lançando muyto ſangue pela boca, & narizes. Foyſe para onde os Irmãos eſtavaõ, dando graças a Deos por lhe dar que padecer.

7 Depois furioſos os hereges ſe foraõ contra os ſervos de Deos cõ as eſpadas nuas, levàraõ-nos para o Caſtello da proa, dizẽdolhes infinitas injurias, & dandolhes muytas eſpaldeiradas. Quando hiaõ paſſando da bomba para a proa, o Irmão Manoel Fernandes natural de Celorico hia por ſima de humas arcas, que eſtavaõ junto do bordo da nao, aqui arremeteo a elle hum herege, & vivo o lançou ao mar. Tanto que os metèram debayxo do Caſtello da proa, os começáraõ a deſpir das roupetas, continuando nas coſtumadas vexaçoens, & injurias, particularmente contra aquelles, que tinham coroas; & o Padre Andrade pela ter de Sacerdote, teve mais q̃ ſofrer neſta occaſiaõ. Cuidavaõ el-

les

les,que os deſpiam,para os lançar ao mar, & aſſim ſe prepara-vam todos para o ultimo conflicto. Porèm queria Deos darlhes mais que padecer. Aſſim deſpojados das ſuas roupetas, & barretes,os levàram outra vez para a bomba. Quando os hiaõ levando,tres,ou quatro hereges tomàram nos braços ao Irmão Aleyxo Delgado, que ſeria de quatorze para quinze annos de idade, & lhe deraõ muytas punhadas,hum delles o apertou comſigo,& lhe deo tantas punhadas na cabeça, & peſcoço, que lhe fez ſaltar o ſangue pela boca,& narizes. Aſſim enſanguentado ſe foy para onde os outros eſtavam. Conſolàraõno dizendolhe: Irmão Aleyxo,eſte he o tempo de ſofrer por amor de Deos, eſte o tẽpo de paciencia. A iſto reſpondeo,como ſentido,de que cuydaſſem q̃ elle eſtava deſconſolado: *Que he iſto Irmãos, iſto he alguma couſa? Omnia poſſum in eo,qui me confortat.*

8 Depois tratàram os hereges do ſeu jantar,tomáram muytas gallinhas,que acháram na nao,& enchéram huma caldeyra. Cozidas ellas,começáraõ a comer com grande feſta. Mandáram meya duzia dellas aos ſervos de Deos,para que comeſſem. Logo que o herege as pòz por diante do Padre Andrade,as tomou, & diante do Francèz,que as trazia,tirou com ellas ao mar, dizendo: *Nòs naõ comemos carne ao Sabbado.* O herege ſe foy muy indignado,dando em vòz alta muytas queyxas, do que ſe lhe tinha feyto. Cuydàram os Irmãos, que os hereges vinham ſobre elles;mas por entam nada fizeram. O Irmão Luis Correa deu volta ás camas da nao,para ver ſe deſcobria alguma couſa de comer;encontrou huma pouca de conſerva; repartio-a o Padre Andrade pelos Irmãos,poucos foram,os que comèram,porque eſperavam por momentos pela morte, couſa que unicamente deſejavaõ; & os hereges diziam nam tardaria muyto. Neſte tempo naõ ceſſavam as injurias,& palavras afrontoſas;que parece nam tinhaõ elles outro deſenfado mais que moleſtar aos Cõfeſſores de Chriſto.

9 Tanto que os hereges jantáram, deſpediram hum batel a Jaques Soria, que andava afaſtado como hum terço de legoa, para ſaber o que mais aviaõ de obrar; nelle metèram ao Piloto, & Calafate da nao,porque os tinhaõ notado,quando com o Capitaõ matàram a Joaõ Bocardo; juntamente com elles fizeram ir ao Irmaõ Simaõ da Coſta, imaginando ſer mercador, ou filho de algum mercador, rico, porque era bem apeſſoado; & como avia pouco fora aceyto na Companhia, andava em traje diverſo, como ainda ſe coſtuma na pri-

meyra provaçam. Chegados ao Galeaõ, dissimulou com elles Jaques Soria, querendo primeyro informarse bem das fazendas da nao. Tornou a despedir o batel: imaginando os hereges vinha dada a sentença de morte, tiràraõ os Irmãos da bomba, & os metéraõ todos no Castello da proa. Depois os vieraõ tirando hum a hum para fòra, contando quantos eram.

10 Apartàrão-nos de todos os outros, que naõ eraõ da Cõpanhia, & os puzeram em boa guarda, para que algum se lhe naõ escapasse, dissimulando-se entre os outros prizioneyros. Feita esta diligencia, tornáram a despedir o batel a Jaques Soria, & levar aos Irmãos para a bomba. Andavam os malditos hereges como rayvando, de naõ chegar a hora de dar com todos nas ondas. Aos mais rendidos faziaõ boa passagem, & tratavaõ com affabilidade, sò aos servos de Deos faziaõ multiplicadas afrontas. Vio-se alli em grãde trabalho hũ Portuguez, que hia morar ao Brasil, porque vendo-o com hum roupam, que tinha alguns lõges do vestido dos da Companhia, o tiveraõ tambem por hum delles, custoulhe bem a se livrar, por mais que gritava, que tinha mulher, & filhos; mas finalmente o soltàraõ, assim porque todos os mais passageyros affirmavaõ, ser verdade, o que dizia, como por verem, que nenhum dos da Cõpanhia deyxava de confessar que o era. Oyto, ou nove horas avia, que os Irmãos trabalhavam na bomba revezãdo-se entre si. De cõtinuo acodiaõ alli os hereges a molestallos, como se nisso ganhassem algumas indulgẽcias. A causa de tão excessivo odio era por serem Clerigos Jesuitas, de quem diziaõ, que em França eraõ os mayores inimigos, que tinhaõ contra as suas seytas, dizendo, que eram huns enganadores, & que mereciaõ ser desterrados de todo o mundo.

CAPITVLO IV.

Como foram lançados vivos ao mar, & se apontam nomeadamente os que aqui foram Noviços.

1 NAõ viam os hereges a hora de chegar o batel com a resoluçaõ, que desejavam. Estando neste desejo viram sobre a tarde que o Galeaõ de Jaques Soria se vinha chegando para a nao Santiago. Tanto que chegou á falla começou a bradar elle mesmo do Galeaõ: *Deyta, deyta ao mar esses perros Pretes Religiosos Jesuitas, que vam semear falsa doutrina*

ao

ao Brasil, & enganar aquella miseravel gente; vam todos ao mar, sem algum ficar com vida. Dizendo isto se afastou. Entam os hereges fazendo recolher ao Castello da popa alguns passageyros, que andavam no convès, de subito com grande alegria arremetèram aos Irmãos tirando-os quasi pelos ares, da bomba onde estavam, sem lhes dar lugar a dizer huma só palavra. O primeyro, a que arremetéram, foy o Padre Diogo de Andrade, & dandolhe de punhaladas, assim meyo vivo por huma portinhola o lançáram ao mar. Este Padre era natural do Pedrógam, entrou na Companhia em Coimbra aos sete de Julho de mil quinhentos sincoenta, & oyto. Feridos do mesmo modo foram ao mar meyos vivos os Irmãos Domingos Fernandes, & Antonio Soares Sotoministro. Aos grandes por lhe parecer eram Sacerdotes, & Prégadores davam primeyro de punhaladas, aos outros lançavam no mar sem os ferirem. Dous lugares avia por onde os lançavam nas ondas, hum junto da bómba, outro no meyo do convès; & assim os dividiram parte para hum, parte para outro lugar.

2 O Irmaõ Francisco de Magalhaens, a quẽ os marinheyros bem conheciam, porque era, o que lhes lia liçam espiritual pelo Flos Sanctorum, quando era lançado ao mar, hia com o rosto alegre, como sempre andava, & disse aos hereges estas palavras: *Irmãos, Deos vos perdoe isto, que fazeis.* Em todos estes servos de Deos se vio alegria, porque tinham conhecimento de sua boa sorte, & que aquelle fim era principio de vida feliz, & ditosa. O Irmaõ Gregorio Escrivano por ir muy doente, avia dias, que o Padre o obrigava estar de cama, tal estava, que apenas se podia ter em pè. Porèm tanto que soube dos maos tratamentos, que aos mais se faziaõ, levantouse da cama, descalço, & sem barrete se foy ajuntar com os mais, por naõ perder a coroa.

3 O Irmaõ Alvaro Mẽdes de Elvas foy toda a viagem quasi sempre de cama com o enjoamento; porèm logo que soube, como eram os Irmãos vexados, se levantou, vestio, & se ajuntou cõ os mais. Estes dous Irmãos assim como estavam, padecèram todas as vexações, que antes da morte se fizeram a seus ditosos companheyros. Trinta, & nove foram lançados ao mar; a hum que era cozinheyro, o reservàram os hereges, por lhes ser necessario; mas em seu lugar substituhio Deos outro com circunstãcias notaveis. Quando os hereges arrebatàram aos Irmãos da bomba, assistiam alli dous mãcebos; persuadirão-se, que tambem eram Jesuitas; por tãto os encaminhàraõ para o bordo da nao, hũ

delles ſe calou, & conſentio em ſua morte, o outro por mais que gritou, que naõ era Jeſuita, nunca lhe deram credito, & aſſim foy ao mar. Aquelle ditoſo, que prefez o numero de quarẽta, ſe chamava Samſoam, nome ordinario na Provincia de Entre Douro, & Minho. Era ſobrinho do Capitaõ da nao, querialhe muyto por ſeus bons coſtumes o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, & elle era muy frequente em aſſiſtir com os Irmãos nos exercicios eſpirituaes. Pedio ſer admittido na Companhia. O Padre lhe dilatou eſte deſejo, para quando chegaſſem ao Braſil.

4 Diz o Padre Poſſino, que por vezes procurando elle meterſe entre os Irmãos, ſempre os hereges o apartáram, atè que naquelle ultimo tempo metendo-ſe debayxo da proa, onde eſtavaõ às roupetas, que tiráraõ aos Irmãos, elle ſe veſtira huma, & ſe fora meter entre elles; & com eſte disfarſe ſanto ſe pode diſſimular, & alcançar a preciſa coroa do martyrio. Eſtavaõ os Portuguezes na popa da nao vendo com ſeus olhos eſte glorioſo eſpectaculo. Contavaõ depois, como muytos ſe hiaõ logo ao fundo, eſpecialmente os pequenos, que naõ ſabiaõ nadar. Os que ſabiaõ nadar andavaõ ſobre as aguas com as mãos levantadas, & os ouvião andar fallando alto huns com os outros. Succedeo eſtar então o mar muy ſereno, por iſſo os vião ir muyto abayxo. Cortou eſta crueldade o coraçaõ até a alguns hereges das outras naos. O Capitaõ de huma mandou gritar, aos que paſſavaõ junto da ſua, que ſe chegaſſem a ella para os recolher: o que nenhum dos bemafortunados naufragantes fez, ou pelos naõ entenderem, ou por imaginarem, que naõ avia que eſperar de tal gente, mais que a morte, com que lutavaõ. Toda eſta tragedia paſſou em hum Sabbado 15. de Julho de 1570.

5 No dia ſeguinte vendo Jaques Soria, que eraõ mortos todos os da Companhia, mandou vir diante de ſi aos tres, que diſſemos deyxàra ficar no ſeu Galeaõ. Aos dous Piloto, & Calafate deo ſentença, que morreſſem degolados, por terem concorrido na morte de Joaõ Bocardo, a qual Jaques Soria muyto ſentira. Ao Irmão Simaõ da Coſta perguntou, ſe era Prete Jeſuita: podia elle facilmente encobrirſe por cauſa do veſtido, mas declarou que elle era Prete Jeſuita, & da meſma Companhia dos que elle mandára matar. Tomoulhe Jaques Soria com eſta repoſta tão grande odio, que logo lhe mandou cortar a cabeça, & lançar nas ondas. Hum mez avia ſómente, que fora recebido na Companhia: era natural da Cidade do Porto. Todas eſtas mortes

mortes foram em odio da Fê, como depois confessavaõ os hereges, dizendo, que se naõ foram os da Companhia, todos os Francezes seriaõ da sua seyta, porque elles em França eraõ os que sustentavaõ a el-Rey, & aos outros Papistas na obediencia do Pontifice Romano. Hum delles estando praticando com os Portuguezes lhes disse: Se vòs naõ matareis a Joaõ Bocardo, a nenhum de vós aviamos de matar, senaõ aos Pretes Jesuitas; & mais perguntou: Quem era aquelle grãde diabo, que estava com a imagem de Santa Maria nas mãos, se era algum Bispo. Respõderaõlhe, que naõ; mas que era Provincial de todos os mais, & homem de nobre geraçaõ, & que se o nam matáraõ, el-Rey lhes avia de dar muyto dinheyro pelo seu resgate. A isto respondeo: Nam deyxariamos nós de matar aquelle, ainda que el-Rey nos dera, quanto dinheyro tem.

6 Destes gloriosos defensores de Christo os seguintes foraõ Noviços nesta santa casa. Irmaõ Francisco de Magalhaens natural da Villa de Alcacere do Sal no Arcebispado de Evora, entrou na Companhia em Evora aos 27. de Dezembro de 1568. sendo Mestre dos Noviços o Apostolico Varaõ o Padre Balthezar Barreyra. Era de gente nobre, seus pays se chamáraõ Sebastiaõ de Magalhaens, & Isabel Luis. Naõ entrou na Companhia para o Brasil, mas sendo ainda Noviço, foy sua pertençaõ com tanto fervor, que lhe ouveram de despachar sua petiçaõ. Delle fazia muyto caso o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, & repartia com elle o trabalho em ordem ao governo dos Irmãos, porque achava nelle especial talento, & boa administraçam. O Irmaõ lhe pagava este amor com outro naõ menos, como fica dito na morte do Veneravel Padre, a qual elle sentio mais que todos. Era estudante, & entrava com 19. annos de idade: foy lançado vivo ao mar. Seja o segundo o Irmaõ Marcos Caldeyra, nasceo na Villa da Feyra, que he no Bispado do Porto, seus pays se chamavaõ Pedro Martins, & Isabel Caldeyra. Vinte, & dous annos tinha de idade, quando entrou na Companhia aos dous de Outubro de 1569. sendo Mestre dos Noviços o Padre Christovam de Gouvea bem nomeado nas historias desta Provincia. Entrou indifferente, isto he, ou para estudante, ou para Coadjutor espiritual, conforme contentasse aos Padres, & pedisse a sua capacidade.

7 Dandolhe o Padre Reytor na Capella dos Noviços em vôz bayxa o aviso, de que avia de ir para o Brasil, como fòra de si de alegria, rompeo dizendo: Oh feliz de mim, que hei de ser

Martyr! & isto repetio com o mesmo fervor tres vezes,gritando tanto,que todos se espantàram cuidando que perdèra o juizo. Nos exercicios santos de mortificaçaõ, que em Val de Rosal faziaõ os Irmãos,se conta em como sahindo em certa occasiam o Irmão Marcos a dizer em publico suas faltas para mais humilhaçam propria; quando estava nesta acçam de virtude, por ordem do Veneravel Padre Azevedo, outro Irmaõ o interrompeo, estranhandolhe aquellas humildades, que pareciam ter mais hipocresia,que virtude:ajuntou a estas outras palavras mortificativas; todas sofreo cõ rosto alegre, & appetitoso de ser abatido,& afrontado. Foy hum dos que o Veneravel Padre designou,para animar aos que defendiaõ a nao. Seja o terceyro o Irmaõ Antonio Fernandes Coadjutor temporal; todos os que delle escrevem,dizem ser natural de Montemòr o Novo no Arcebispado de Evora:porèm o livro das entradas deste Noviciado tem ser natural de Lisboa; como era de officio Maceneyro, por ventura se creasse aprendendo o officio em Lisboa, & Montemôr fosse a sua patria. Seus pays se chamáraõ Gaspar Fernãdes,& Maria Lopes, tendo dezoyto annos de idade entrou na Companhia ao 1. de Janeyro de 1570. Atravessado a punhaladas foy lançado vivo ao mar. O quarto seja o Irmaõ Luis Rodrigues estudante natural de Evora,filho de Diogo Rodrigues, & Leonor Fernandes,entrou na Companhia aos 15. de Janeyro de 1570. Nos exercicios santos, que se faziaõ em Val de Rosal, se refere, em como por hũa falta de olhar pela mesa,se dera ao Irmão Luis Rodrigues de penitencia, que estivesse na hora de fallar,a que chamamos de Repouso,cõ os olhos tapados,& que sete Irmãos huns apòs outros lhe dessem cada hum sua reprehensaõ. Ferido de punhaladas foy lançado vivo ao mar.

8 O quinto seja o Irmaõ Joaõ de Safra Coadjutor temporal nascido em Xarès de Badajòz em Castella. Seus pays foram Joaõ Paes, & Isabel Rodrigues, foy aceyto na Companhia em Cuenca,& de là veyo entrar na Companhia em Evora aos 8. de Fevereyro de 1570. Foy lãçado vivo ao mar. O sexto seja o Irmaõ Joaõ de Saõ Martinho estudante natural de Juncos no Arcebispado de Toledo. Seus pays foram Francisco de S. Martinho,& Catherina Rodrigues. Estudava na Universidade de Alcalà, quando foy aceyto para a Missaõ do Brasil. Dalli veyo dar principio ao seu Noviciado em Evora aos 8. de Fevereyro de 1570. tendo vinte annos de idade. Foy hum dos que a obediencia determinou, para animarem aos que defendiam a nao. O

setimo

ſetimo he o Irmaõ Franciſco Alvres Coadjutor temporal, naſcido em Covilhãa no Biſpado da Guarda, filho de Antonio Afonſo, & de Brites Alvres, entrou na Companhia aos 21. de Dezembro de 1564. No livro das entradas ſe diz, em como foy cozinheyro no Collegio de Evora, & fora comprador, que ſe occupava em fazer panos, & cardar, arte que devia ter, antes de ſer Irmaõ da Companhia, & depois, ſem della ſe deſprezar, a exercitava. Foy lançado vivo ao mar.

9 O oytavo ſeja o Irmaõ Domingos Fernandes Coadjutor temporal, natural da Villa de Borba no Arcebiſpado de Evora, filho de Bento Fernandes, & Maria Cortés: entrou na Companhia aos 25. de Setembro de 1567. Morreo lançado vivo ao mar ferido de punhaladas. He de advertir, que ao Irmaõ Antonio Fernandes, a eſte, & aos dous ſeguintes nos Catologos, que deſtes Martyres ſe fizeram, ſe lhes aſſinam outras patrias. Ao Irmaõ Antonio Fernandes Montemòr o Novo, como fica dito; mas o livro das entradas diz, ſer de Lisboa: jà apontey a cauſa que iſto podia ter: nos livros lhe tiràram os antigos por devoçaõ a firma, & tambem a alguns dos outros; devoçaõ por certo bem eſcuſada, da qual ſó ſeguio, naõ aver hoje no livro a tal firma da ſua letra. Conſta-me de outros manuſcritos antigos, que eſtes Irmãos foram dos que no Collegio de Evora ſe deram ao Padre Ignacio de Azevedo, & tinham entrado para a Provincia; por iſſo todos eſtam nos Catalogos antigos, os quaes, aſſim dos que entràram em Coimbra, como em Lisboa, & Evora, todos tenho na minha mão quando iſto eſcrevo; & os examinei exactiſſimamente atè o anno em que eſtes bemditos Irmãos deram ſuas vidas por Chriſto. E nelles naõ ha Domingos Fernandes algum de Villaviçoſa, mas ſó eſte de Borbab; em ſe vè, que ficando huma Villa tam junto da outra, podia facilmente ſer tido por natural de Villaviçoſa.

10 O nono o Irmaõ Antonio Soares natural de Trancozo villa bem conhecida na Provincia da Beyra, filho de Vicente Gonçalves, & de Leonor Soares, entrou para Coadjutor temporal a cinco de Junho de 1565. Em Evora paſſou todo o Noviciado, ſervio nos officios de cozinheyro, refeytoreyro, & enfermeyro. Em a nao fazia officio de Sotominiſtro; & foy hum dos nomeados, para esforçar no conflicto aos que pelejavam. Nem obſta dizerſe no Padre Bertholameu Guerreiro, ſer eſte Irmaõ natural do Pedrògam; porque dos meſmos Catalogos conſta o contrario. Quanto entendo, a alguns deſtes ſervos de Deos ſe *Guerr fol. 354.*
deo

deo a patria, ſó pelo que ſe dizia, ſem ſe verem eſtes Catalogos, que neſta materia devem ter a mayor autoridade. Particularmente que nos Irmãos Coadjutores he facil eſta equivocaçaõ, porque ás vezes por cauſa do grangeo de ſua vida, vivem mais fôra de ſuas patrias. Ferido de punhaladas foy vivo ao mar. O decimo ſeja o Irmaõ Manoel Alvres Coadjutor temporal, cuja patria foy a Villa de Eſtremôs. Seus pays ſe chamàram Jeronymo Alvres, & Joanna Lopes: entrou aos 12. de Fevereyro de 1559. Deſte Irmaõ diz o Padre Guerreyro ſer natural de Evora, & o meſmo tinha hum manuſcrito antigo do Cartorio do Collegio de Evora, mas no meſmo achei emendado eſte defeyto, & poſto Eſtremòs em lugar de Evora. Nem os ditos Catalogos de todos os Noviciados tem algum Manoel Alvres de Evora atè eſte anno da ſua morte: ſendo que conſta ſer eſte Irmaõ jà de annos na Companhia. Teve elle outro Irmão, que no noſſo Collegio da Bahia fora quarenta annos cozinheyro, chamava-ſe Franciſco Alvres, & tambem aqui foy Noviço. Delle falla o Menelogio da Companhia em 10 de Abril de 1617. & diz que com o deſejo de morrer Martyr, como ſeu Irmaõ, fora para o Braſil.

11 Era eſte Irmaõ antes de ſer da Companhia Paſtor no Campo de Evora; & por ventura daqui naſceo o dizerſe, que era natural deſta Cidade. No Campo vivia com grande bondade, & ſingeleza; & com a meſma viveo na Companhia. Mereceo, que Deos lhe revelaſſe ſua morte muytos annos antes de a padecer. A revelaçaõ ſe guarda no Cartorio do Collegio aſſinada pelo Padre Pedro Luis Homem, grande Letrado, Lente na Univerſidade de Evora, & de muyta virtude, diante de quem o Irmaõ Manoel Alvres declarou, o que Deos lhe dera a ſentir. As palavras com que eſtà eſcrita ſaõ as ſeguintes. Acerca deſta morte do Irmaõ Manoel Alvres, aconteceo huma couſa digna de notar, & foy, que ſendo o Padre Pedro Luis ainda Irmaõ, & correndo com o Irmaõ Manoel Alvres familiarmente, encontrârão-ſe hum dia á tarde, & chamando o Irmaõ Manoel Alvres ao Irmaõ Pedro Luis duas vezes por ſeu nome, & dando de gume com a mão direyta na cana do braço eſquerdo, & depois com a mão eſquerda do meſmo modo na cana do braço direyto, & depois com a mão direyta nas canas das pernas, diſſe (aſſim como hia dando:) Aqui, aqui quebrado por amor de Deos, indo por eſſe mar para o Braſil; & dito iſto rindo cõtinuou para onde hia. Iſto contou o Padre Pedro Luis muytas vezes, & nunca

ca advertio ao acrecentar a esta historia, senaõ o dia abayxo assinado, & se lembra com tanta certeza, que o poderia jurar, salvantes o nomear Brasil; porque ainda que se acha com esta determinaçaõ do lugar para onde avia de navegar, naõ he com tãta certeza, como o mais. Isto se accrescentou aqui por ordem do P. Reytor Pedro de Novais, hoje 20. de Julho de 99. Pedro Luis. Atè aqui a margem de hum livro antigo, onde se refere o martyrio destes gloriosos homens. Significando o Irmaõ cõ aquelles gestos, & palavras as crueldades, que nelle usâram, & ficam assima referidas.

12 A estes dez podiamos ajuntar o Irmaõ Joaõ Fernandes, que tendo pouco antes de Março chegado de Coimbra com outro Noviço a este Collegio, neste Noviciado esteve por alguns dias. Mas como foram dous Irmãos do mesmo nome, & ambos entráram em Coimbra, naõ sey qual fosse dos dous. Tambem tenho muytos fundamentos para affirmar, que a fòra estes, aqui foram algum tempo, ou dias Noviços outros dos cõpanheyros do Veneravel Padre, mas como logo eraõ enviados a Val de Rosal, naõ se apontavam nos livros do Noviciado, como nem se apontou o Irmaõ Joaõ Fernandes, sendo que nelles acho o companheyro, com que veyo de Coimbra, porque ficou aqui continuando sua provaçam. O Padre Christovam de Gouvea, como disse em sua vida, deyxou escrito, que sendo em Evora Mestre dos Noviços, tivera alli por Noviços, quinze dos Martyres do Brasil. O Irmaõ Pedro de Fontoura natural de Braga, neste Collegio esteve alguns dias, naõ pude averiguar, se era Noviço, ou naõ; o certo he, que nam està seu nome nos Catalogos dos Noviciados.

13 O Padre Possino na vida do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo diz que lera em huma carta mandada de Evora, na qual se dizia, que o Irmaõ Simaõ da Costa passára em Evora os dous annos (supponho entende os de Noviço) entre os nossos; porèm como lançasse sangue pela boca, fora mandado para o Brasil, esperando, que com a mudança de clima teria melhora. Porèm como nam está no livro das entradas, & com tal achaque passar mares he cousa muy perigosa, por causa dos vomitos, que traz comsigo o enjoo, entendo que nisto ouve equivocaçaõ com algum dos muytos, que deste Collegio foram. No dia do martyrio destes gloriosos Confessores de Christo os vio Santa Theresa de Jesu subir ao Ceo com coroas de Martyres. Em toda a Europa foy muy fallada sua morte. O Irmaõ Joaõ San-

Lib. 4. c. 1. §. 4. fol. 404.

Sanches, a quẽ por ser cozinheyro deyxàram com vida, vindo da Rochela a Portugal por terra acabou o seu Noviciado, & feytos os votos viveo na Cõpanhia nove annos, depois foy della despedido; q̃ na verdade he exẽplo formidavel, & aviso aos Religiosos, que nunca se dem por seguros, pois hum homem que esteve nas mãos dos hereges para ser em odio da Fè lançado ao mar, faltandolhe a elle o martyrio, nam elle ao martyrio, veyo a faltar na sua vocaçaõ, & firmeza dos propositos santos, com que se abraçára na Religiaõ.

14 Depois de taõ grãde carnificina os hereges fizeraõ innumeraveis desacatos a todas as cousas santas, que avia na nao, & dellas levava o Padre grande numero. Pizáram as santas reliquias, queymáraõ o Lenho da vera Cruz, & fizeram outras abominaçoens, que bem se deyxam considerar em homens tam execrandos, & inimigos de Deos, & de seus Santos; & naõ ha, porque as referir miudamente. Dalli se foy Jaques Soria refazer á Ilha Gomeyra, aonde pelo bom tratamento, que lhe fizera o Conde, lhe largou cousa de vinte cativos dos da nao Santiago, levando comsigo os mais. E porque jà estava bem cheyo, se fez na volta da Rochela. A nao Santiago andou ás prezas na costa de Portugal, & Galiza, tomou varias embarcaçoens, entre ellas huma de Frãcezes Catholicos; meteràolhe dentro gente, hum Piloto, & hum predicante grande herege; vendo este no espelho da agulha de marear pintada huma Santa Maria Magdalena encostada na sua lapa com hum Crucifixo, se encheo de rayva, quebrou o espelho, lançando no mar os pedaços, & lhe póz outro. Brevemente foy castigado. Davaõ caça a hum pataxete Biscainho, o qual tinha huma só pecinha encuberta, & furtando a volta á nao, achando boa occasiaõ de se empregar, disparou, & com este tiro matou o Piloto, & predicante hereges, & fez em pedaços a agulha de marear. Donde bem se vio, que fora castigo do Ceo, pela injuria, com que tratàram a Imagem da Santa. O pataxete se acolheo, sem lhe poderem dar alcance. Entrou finalmente a nao Santiago na Rochela, onde era muy esperada, & depois de entrar abrio logo, & ficou quasi inutil; que parece nam queria Deos que nao tam regada com o sangue, & suor de tantos Martyres fosse covil de hereges.

15 Jaques Soria daquelle tempo a alguns annos acabou com morte infeliz rayvando como perro; ao que parece, em castigo deste nome, com que nomeàra aos gloriosos Martyres. Foy sua morte até entre os seus hereges tida, & avida por morte de homen

homem perverſo, & inimigo de Deos; impenitente, & abominavel. Quando chegou a Evora a nova deſte glorioſo martyrio de quarenta da Companhia, ouve no Collegio grande fervor, lembrando-ſe todos, de que eraõ Martyres aquelles meſmos, cõ quem avia tam pouco, tinham converſado. Teve o Irmaõ Antonio Pacheco huma oraçaõ diante da Cõmunidade aſſiſtnido o Padre Provincial Jorge Serraõ, na qual em nome de todos pede a Miſſaõ do Braſil, apontando alguns dos Irmãos, que morrèram, & tinhaõ ido de Evora, como o Irmaõ Manoel Alvres, Irmaõ Franciſco Alvres, Irmaõ Antonio Soares, & Irmaõ Pedro de Fontoura. E querendo encarecer a grande gloria, que deſtes Martyres reſultava ao Collegio de Evora, diz eſtas palavras: *Quanto mais, que outra auçaõ tem Evora, em que faz ventagem a toda a Provincia; que os dos outros Collegios, quaſi todos eſtam vivos, os deſte eſtam no Ceo, & deyxàram os ſeus lugares vazios. Pareceme, que ouço aquelles dous innocenteſinhos Aleyxo Delgado, & Pedro Nunes, bradar por ſeus Meſtres, cõdiſcipulos, & Irmãos, que neſte Collegio eſtam.*

16 Logo vay continuando a ſua oraçaõ, que he em lingua Portugueza, na qual foy feyta, & ſe guarda no Cartorio do Collegio de Evora. He couſa ſem duvida, que muy grande parte deſta Angelical eſquadra ſahio do Collegio de Evora, & da ſua Univerſidade. Daqui mandou o Veneravel Padre alguns para Coimbra, a dar principio ao ſeu Noviciado, para dalli ſe embarcarem na Cidade do Porto; ainda que a reſoluçaõ de ſe embarcarem no Porto, ao depois ſe mudou. Do Irmaõ Pedro Nunes tem as memorias do Collegio de Coimbra fora para alli de Evora ſendo jà Noviço. Porèm nem os livros do Noviciado de Evora, nem do de Coimbra fallam delle; entendo ſer, porque foy logo para Coimbra, para dahi ir para o Porto, como hiam outros.

17 Deſtes 40. acho foram Noviços em Coimbra o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo. O Padre Diogo de Andrade natural do Pedrógam grande entrou na Companhia aos 7. de Julho de 1558. Irmaõ Amaro Vaz Coadjutor temporal natural do Porto entrou ao 1. de Novembro de 1569. Irmaõ Antonio Correa eſtudante do Porto entrou ao 1. de Junho de 1569. Irmão Joaõ Fernandes eſtudante de Lisboa entrou aos 5. de Abril de 1569. Irmaõ Joaõ Fernandes eſtudante de Braga entrou em 5. de Junho de 1569. O Irmaõ Bento de Caſtro natural de Chacim, que fazia officio de Meſtre dos Noviços, entrou em o Novicia-

Noviciado, que no ſeu tempo avia na Caſa de Saõ Roque, aos 2. de Agoſto de 1561. Grande parte eram Noviços, a quem Val de Roſal foy o ſeu primeyro Noviciado: & ſegundo conjecturo das noticias que acho, muytos deſtes ſervos de Deos faziaõ ſeus Noviciados em Braga, & no Porto, por onde o Padre os tinha diſtribuido, & lhe ficavam mais à mão, ſegundo os primeyros intentos de ſe embarcarem no Porto. Seus nomes andaõ na terceyra parte da Hiſtoria geral da Companhia, na Hiſtoria da Provincia do Braſil, & em outros muytos, que delles eſcrevéraõ. E na vida do Padre Ignacio de Azevedo fallo de todos cõ mais eſpecialidade.

CAPITVLO V.

Dos Martyres aqui Noviços, que morréram como Veneravel Padre Pedro Dias. Refere-ſe o muyto, que padecèram atè ſer morto o Padre Pedro Dias, & outros quatro companheyros.

No mar aos 13. de Setembro de 1571

1 DEpois de referirmos a glorioſa victoria de quarenta ſoldados de Chriſto, dos quaes boa parte delles ſantificàram eſta ſanta caſa, he bem contemos os illuſtres triunfos de outros, que padecèram em companhia do Padre Pedro Dias, que ficou por Superior de todos por morte do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo. Depois da nao Santiago, como fica dito, ſe fazer na volta da Ilha da Palma, ficou na Ilha da Madeyra com as mais naos o Governador Dom Luis de Vaſconcellos, & neſtas naos ficou tambem o Padre Pedro Dias com os mais da Companhia, eſperando todos por tempo competente para ſahirem da Ilha. Logo que os vẽtos parecéraõ favoraveis, ſe fizeram as naos à vela. Hiam os noſſos Religioſos em duas naos, em huma o Padre Pedro Dias com a mayor parte delles, na outra o Padre Franciſco de Caſtro. Levavam na ſua diſpoſiçaõ a meſma ordem de exercicios ſantos que o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo na ſua nao Santiago. Todos à viſta do glorioſo martyrio de ſeus ſantos companheyros, do qual tiveram noticia na Madeyra pelos Portuguezes, que tinham vindo da Ilha Gomeyra, hiam abrazados em grandes deſejos de encontrar com ſemelhante fortuna: mas Deos lha queria dar comprada com huma immenſidade de trabalhos, doenças, navegaçoens, & tempeſtades.

2 Puze-

2 Puzeram proa nas ilhas de Cabo Verde, & chegando a ellas começàraõ as naos a encherse de doenças, por evitar estas, se fizeram na volta de Guinè. Nesta paragem se reforçáram as doenças, & as naos pareciam hospitaes. Tiveram bem os nossos, em que experimentar sua grande caridade; porque elles eram Parocos, elles enfermeyros, elles Medicos, & Cirurgioens. Naõ foram sò as doenças, as que os perseguiam, seguiram-se as tempestades, pelo meyo destas, & de temporaes muy incõmodos chegáram a avistar a terra do Brasil. Esta vista lhes fez pór em esquecimento os trabalhos passados; mas brevemente se lhes auguou todo este gosto. Sobrevieram ventos contrarios tam teymosos, & corrente dos mares tam furiosa, que por mais que fizeram por ir payrando, naõ só naõ pudéram persistir, mas foram obrigados a obedecer à corrente das aguas, & ventos, correndo a costa atè chegar à nova Hespanha.

3 O Padre Francisco de Castro, que na Madeyra se embarcou na nao de Dom Luis, foy aportar à Ilha de Saõ Domingos; o Padre Pedro Dias, que hia em outra nao, parou na Ilha Cuba no porto chamado Santiago. Dom Luis depois de refazer com presteza a sua nao, foy outra vez demandar o Brasil; porèm os tempos se puzeram tam rijos, & contrarios, que deram com a nao nas Antilhas; & depois de muytos mezes sendo os ventos sempre furiosos, & padecidos trabalhos immensos chegou á Ilha Terceyra. Alli como em terras de Portuguezes teve lugar de mais à sua vontade refazer, & prover a nao. Em quanto Dom Luis se occupou neste cuidado, chegou ao mesmo porto a nao, em que vinha o Padre Pedro Dias. Naõ era aquella, em que aportáram á Ilha Cuba, porque essa ficou tam desarmada, & destroçada, que naõ pode mais servir. Mas tendo noticia no porto de Santiago, que achariam navio em Habana, que he na mesma terra, passando a ella, se metèram em huma nao Castelhana, & chegàram á Ilha Terceyra.

4 Foy inexplicavel a alegria assim dos que já estavaõ na Ilha, como dos que chegáram de novo, saudando-se huns aos outros como homẽs resuscitados, & vomitados do mar. Determinou aqui o P. Pedro Dias voltar ao Brasil com D. Luis de Vasconcellos, o qual, naõ obstantes os infortunios passados, & ter alli de novo a triste nova de seu filho Dom Fernando ser morto no sitio, que os Mouros puzeram a Goa, tomou resoluçaõ de naõ desistir da sua empreza. Era Dom Luis homem de grande coraçaõ, & igual a todas as adversidades, com mais amor à honra, que à vida.

X

da. Com vinte, & oyto companheyros tinha o Padre Pedro Dias partido da Ilha da Madeyra, destes a parte por suas indisposiçoens, a outros por se enfastiarem dos trabalhos tinha mandado para as suas Provincias; a alguns Noviços, que achàra pouco idoneos para a Companhia, mandou para suas casas; ultimamente mandou alguns dos outros para Portugal, deyxando ficar só treze, & ao Padre Castro: todos faziam o numero de quinze.

5 Estavam as naos de Dom Luis muy danificadas, da gente tinha fugido muyta. Apenas pode reduzir toda a frota a huma sò nào de carga; nesta preparada o melhor, que pode, se embarcou para passar ao Brasil, & com elle os quinze da Companhia. Aos seis de Setembro de 1571. deram á vela com a proa nas Ilhas Canarias; em seis dias com vento prospero chegàraõ ao mar daquellas Ilhas. Aos doze de Setembro pela tarde se divisàram ao longe cinco velas, das quaes eram quatro Francezas, & huma Ingreza, o que se conheceo logo por virem com as bãdeyras desenroladas. Conjecturou a nao Portugueza, que eram piratas; porèm esfriou-se nesta imaginaçam, vendo que seguiaõ outro rumo, sem nella emproarem. Assim foram navegando em quanto durou o dia, & os seus crepusculos. Mas logo se vio, q̃ fora astucia militar, para que a nao se naõ dispuzesse para a peleja, & pela manhã cahissem sobre ella, & com a escuridade da noyte a buscassem mais à sua vontade. Com tudo as vigias da nao Portugueza estando sempre com os olhos para aquella parte, advertiam, que vinha para elles hum farol, o qual lançàram os Cossarios ás outras naos da armada, para que fossem em seguimento da Capitania.

6 Conheceo logo Dom Luis o aperto em que estava; animou os soldados, a que pelejassem valerosamente contra os inimigos de Deos, & da sua Igreja. Pòz logo toda a nao em tom, & ordem de guerra; & fez tudo o que podia em tal caso fazer hum valente, & experimentado Capitaõ, qual Dom Luis era. Confessou-se com o Padre Frãcisco de Castro seu Confessor; o mesmo fez toda a mais gente da nao: & nisto se lhe passou toda a noyte. Ao primeyro romper da manhã viram a tiro de bombarda hum fermoso Galeaõ, & era o mesmo, em que Jaques Soria tinha tomado a nao Santiago o anno antes; porèm o Capitaõ era Joaõ Cadavilho, nam menos herege, que Jaques Soria, o qual naõ podendo por outras causas sahir ao mar, fez preparar quatro naos, & por Cabo dellas ao dito Joaõ Cadavilho, o qual

ajuntou

ajuntou a si a quinta nao de Ingrezes. Com estas saqueou a Ilha Gomeyra, & começou a vigiar os mares para fazer prezas.

7 Chegando pois a tiro de peça, disparou duas sem bala, dãdo sinal, a que se entregassem. Vendo porèm, que a nao estava resoluta a se defender, a investio por tres vezes, & por outras tantas foy rebatido com morte de vinte homens, & com naõ pequeno perigo do seu Galeaõ, porque lho passàram com huma bala ao lume d' agua, com outra lhe quebràram o mastro grande, & outra lhe levou dez homens. Pelejouse com todo o calor, supprindo o animo dos Catholicos a pouca gente, que avia na nao, que estava cercada das inimigas, fortes, & de tudo abastadas. A quarta vez investio Cadavilho a nao pela proa, & mortos até cinco homens, que a defendiam, meteo por alli atè sessenta bem armados. Dom Luis passado com huma bala pelos peytos, & tendo as pernas quebradas com outra, posto de joelhos, assistido sò de sinco criados seus pelejava com valor incrivel, & animo mayor q̃ muytas mortes. Estava rodeado de corpos mortos dos Portuguezes, que na peleja cahiram; assim esteve brigando, atè que o atravessáram com huma lança, & cahindo morreo com morte honrada, & digna do seu grande valor, & inconquistavel animo. Morto o Capitaõ, & os soldados, os marinheyros se entregáram: mas desta entrega como tardia naõ fizeram caso os hereges, foram matando, & ferindo em quanto lhes durou a rayva.

8 O Padre Pedro Dias como Superior de todos os da Companhia os exhortou, trazendolhes à memoria os exemplos de seus gloriosos companheyros, & do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo; que se preparassem para o martyrio, para que Deos os tinha disposto com navegaçoens tam trabalhosas emprendidas por seu amor. Todos se confessàram como para morrer. Morto Dom Luis, pouco depois cessou a furia dos vencedores, dizendo, que perdoavam aos que ainda viviam. Lançàram os mortos ao mar, & começáraõ a vir sahindo dos escondrijos alguns marinheyros; os hereges os recebiaõ com bom rosto, & lhes punham a mão na cabeça em sinal de benevolencia. Logo descèram a fazer preza debayxo das cubertas da nao. A primeyra cousa, em que deram com olhos, foy no Padre Francisco de Castro, que estava confessando a hum official da nao ferido mortalmente, & metendolhe na mão huma Imagem de Christo crucificado.

9 Enchèram-se os hereges de furor, tendo ao Padre por atrevido em estar diante de seus olhos fazendo cousas, que elles tinham

nham por abominaçam; foram-se ao Padre, & lhe deram mais de vinte estocadas, & foy tanto o ódio, que ainda depois de morto, nam cessavam de o estoquear. Neste tempo o Padre Pedro Dias depois de ter confessado algumas mulheres, & meninos, sahio ao convès com o Irmaõ Gaspar de Goes, para ver se achavão algum ferido, que necessitasse de confissaõ. Encontraõ-nos os hereges, que matáram ao Padre Castro, & conhecendo pelo habito serem Jesuitas, imaginando que eram presbyteros os matáram ás estocadas. Aqui succedeo huma cousa muyto para temer, & venerar os occultos juizos de Deos. Gaspar Gonçalves se chamava hum destes Irmãos, o qual assim em Val de Rosal debayxo do magisterio do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, como nas molestas navegaçoens, dera sempre boa conta de si; & mereceo por isso, acabado o Noviciado, fazer os votos. Este vendo as crueis mortes destes tres servos de Deos, vencido da humana fragilidade, vendo que os marinheyros eram bem tratados, se meteo em hum canto da nao, tirou a roupeta da Companhia, & se foy meter entre os marinheyros fingindo-se hum delles.

10 Mas (oh juizos occultos de Deos!) cõ este artificio perdeo a coroa do martyrio, & naõ livrou a vida do corpo. Neste tẽpo mandou Cadavilho hum Cirurgiam, & alguns officiaes, que examinassem as feridas dos vencidos; & reservassem com vida, aos que as vessem leves, & curaveis; mas que, aos que estivessem gravemente feridos, os lançassem ao mar. Chegou o Cirurgiam estando juntos os Portuguezes, & vendo os primeyros como por ceremonia, disse aos officiaes: Esta canalha nam sô consumirà, se a curarmos, toda a botica das naos, mas tambem os mantimentos; nam he necessaria tanta gente para o meneo da nao. Bastou isto para que os hereges, sem mais esperar, lançassem ao mar como trinta homens, & entre elles foy o desgraçado Irmaõ, que por livrar a vida do corpo, despio a roupeta da Companhia. Viram isto os mais Irmãos com grande magoa de seu coraçaõ, mas serviolhes este exemplo de se confirmarem na constancia, & propositos de perder antes mil vidas, que fraquear hum sô ponto.

11 Parece substituhio Deos a fraqueza deste miseravel cõ o valor de hum dos orfaons, que hiaõ na nao; porque por mandado delRey Dom Sebastiaõ muytos orfaons eraõ levados para o Brasil a povoar a terra. Tinha-se este antes confessado com o Padre Pedro Dias, quando o Padre subia para o convès com o

Irmaõ

Irmaõ Gaspar de Goes,elle os acompanhou , por mais que lhe differam,se ajũtasse a outra gente da nao, a quem os hereges naõ faziam mal : quando vio que os hereges investiam ao Padre,podendo fugir,se abraçou com elle fortemente , & com elle foy atravessado,& lãçado ao mar. O P. Pedro Dias era natural da Arruda no Arcebispado de Lisboa, entrou na Cõpanhia em Coimbra;& naquelle Collegio foy muytos annos Procurador,vivẽdo com grande exemplo de virtude,grande humildade, muyta oraçaõ,& trato familiar com Deos. Por todas estas, & outras virtudes foy muy estimado do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo.

12 Depois disto abrindo os hereges algumas cayxas,em que hiaõ imagens,& outras cousas santas,lhes fizeram grandes desacatos. Os nossos Irmãos estavam em oraçaõ debayxo da cuberta,onde seu Superior lhes ordenára , assistissem. Como jà estivesse quieta a nao,& tudo em paz,determinàraõ sahir do seu cãto;no qual ainda que muytos hereges os tinhaõ visto,& a alguns molestado,no tempo que faziaõ pilhagem , nam dava esta lugar a attentarem , & a se divertirem muyto com elles. Logo que os servos de Deos subiram ao convès,se accendèraõ de novo os hereges,& os rodeàram, conhecendo pelas roupetas serem todos da Companhia. Naõ tem conto as injurias , que lhes disseraõ,chamando-os,perros, Papistas, peste do mundo,& cousas semelhantes. Tudo ouviaõ calados; só quando se dizia algũa palavra contra Deos,contra a Fê,& Igreja Romana , algum delles respondia contradizendo intrepidamente , como quem naõ temia morrer; mas logo vinha sobre elle grande soma de bofetadas. Assim estiveram feytos objecto de mil afrontas atè à tarde.Então mãdou o Capitaõ,q atassem a todos os braços atraz das costas. Quando atáram ao Irmaõ Miguel Aragonès , como tivesse os braços maltratados,deo alguns gemidos : irando-se o algós , & dizendo, que faz aqui este perro uyvando? & entre estas palavras pegando do Irmaõ , o lançou ao mar. Fizeram a isto grande festa os hereges. Quiz hum delles imitar a façanha, & tomando nos braços ao Irmão Francisco Paulo estudante Noviço tirou com elle ao mar. Estes foraõ mortos em treze de Setembro;nam fallando em Gaspar Gonçalves, o qual naõ foy ao mar em odio da Fè: mas como a sua falta , naõ foy deyxar a Fè,mas sò hum temor da morte,imaginando, que assim escaparia della;se nelle ouve culpa nesta sua fraqueza, de crer he , que antes de espirar , pederia perdam a Deos , cuja misericordia he

mayor que qualquer culpa, & em nòs avendo arrependimento de veras, he nelle certo o perdaõ.

13 O Irmaõ Miguel Aragonès era estudante Theologo natural de Guissona no Principado de Catalunha. Sendo estudante, & altercando com hum seu condiscipulo sobre huma questam, vendo-se o condiscipulo convencido, lhe deo huma grande bofetada; então elle com invencivel paciencia se póz de joelhos offerecendolhe a outra face. Entrou na Companhia em Valença aos 26. de Agosto de 1567. Do Irmaõ Francisco Paulo nam achey a patria, era Portuguez: o Padre Francisco de Castro era Hespanhol, & Sacerdote. Do Irmaõ Gaspar de Goes, direi no fim desta narraçaõ, & dos mais, que nesta casa foraõ Noviços.

CAPITVLO VI.

Das muytas injurias, que os hereges fizeram aos mais Irmãos, & de sua constancia.

1 MOrtos estes cinco, restavaõ nove, cujos nomes eraõ Affonso Fernãdes, a quẽ os mais reconheciaõ por Superior, Andre Paes, Joaõ Alvres, Pedro Dias, & Fernando Alvres; estes cinco jà eraõ mais que Noviços, mas nenhũ era Sacerdote. Pedro Fernandes, Diogo de Carvalho, Sebastião Lopes, & Diogo Fernãdes, estes quatro ainda naõ tinhaõ acabado os annos do Noviciado. Quando lançàraõ ao mar o Irmão Frãcisco Paulo, nenhũ deyxaria de morrer logo, segũdo estavam appetitosos de dar cõ todos nas ondas; mas chegou alli hum Capitaõ Francès, homẽ de menos mao natural, q̃ cõ sua autoridade deteve o furor dos soldados hereges. Metèraõ-nos toda aquella noyte no aposento, q̃ fora de D. Luis, sem lhe darem cousa algũa de comer, sendo q̃ aos mais prisioneyros acodiraõ cõ a cea. Enterneceo-se à vista desta crueldade hum herege; & por hum postigo da porta lhes lançou dentro hum pouco de biscouto, do qual cada hum tomou seu bocado, nem elle dava para mais.

2 Puzeram guardas à porta da camera, onde estavaõ presos com as mãos atadas atraz. Esta noyte se animàraõ huns aos outros, em especial de como aviam de responder aos hereges, acodindo pela honra de Deos. Alèm de outras palavras disse o Irmaõ Affonso Fernandes: *Pois Irmãos, que avemos de morrer, morramos defendendo a Fè de Christo.* A isto respondéram os outros muyto alegres: *Pois se nòs nam morrermos por Christo, por amor* d...

de quem morreremos? Disse entam o Irmaõ Pedro Fernandes: *Irmãos, como ha tanto tempo que andamos pelo mar, & arribamos com tantos trabalhos, agora nos quer Deos pagar tudo, quanto temos passado por seu amor, & o premio, que nos quer agora dar, he por amor delle a morte, pois, Irmãos, esforcemonos, & morramos aqui todos por amor de Deos.* Isto dizia o bemdito Irmaõ com hum rosto cheyo de prazer, significador da alegria de seu animo.

3 Pela noyte foram visitados de muytos, & diversos hereges, que hiam fazer delles zombaria; huns vendolhes as coroas, lhes davam nellas, outros lhes punham as espadas nuas nos pescoços, outros punhaes nos peytos, & muytas vezes chegavaõ à carne, & a feriam. Tudo os bemditos Irmãos levavam com alegre paciencia. Outros sem entrar dentro, dando pãcadas na porta diziam innumeraveis injurias: *Descansai perros, à manhã vos espera o baraço: ainda aqui estais Jesuitas infames? se entro dentro, vos hei de fazer em postas com esta espada.* A este tom eram as injurias, que lhes faziam, & diziam. Depois que os hereges quebràram esta primeyra furia, & deram lugar a responder; os Irmãos o faziam sem temor acodindo pela Fè, pela Igreja, & Pontifice Romano. As repostas eram como azeyte, que cahia no fogo: porque os hereges diziam, que bem se via, que os Jesuitas eram huns grandes enganadores, q em França, em Alemanha, & no Brasil a todos enganavam; se elles naõ foraõ, jà naõ averia guerras em França, & todos seriaõ Calvinistas: todas estas arengas concluhiaõ com cuspir nelles, & arrenegar de tal gente, dizendo, que nem huma só hora os aviaõ de deyxar viver. Era nelles tal odio, que logo na mesma noyte estiveram determinados aos enforcar a todos da verga do mastro grande.

4 Tendo-se nisto passado a mayor parte da noyte, deram lugar, a que os Irmãos tomassem algum descanço. Antemanhã sentio o Irmão Pedro Dias grande estrondo, & desenquietaçam, como de gente, que fazia alguma cousa á pressa; & entendeo pelo que observou, que os hereges dispunham as cousas para os enforcarem. Entaõ o Irmão Pedro Dias despertando aos mais, lhes disse: *Meus Irmãos, cuido, que he chegada a hora; aparelhemonos para morrer, porque vejo a esta gente muy determinada com cordas, & espadas nas mãos.* Respondèram os outros: *Venha o que vier, pois vem tudo da mão de Deos, & pois elle he servido que morramos, morramos puramente por amor delle, & defendendo sua santa Fè.* Nam se enganou o Irmão Pedro Dias, porque ao nascer do Sol, entráram de tropel na camera muytos hereges, & trouxeram

ram aos Confessores de Christo para junto do mastro grande no convès da nao. Alli estava o Capitam, que Cadavilho puzera na nao cativa, & os soldados com os seus arcabuzes postos em ala; sendo levados os servos de Deos pelo meyo, ficáram diante do Capitaõ; entaõ disse elle com vòz assanhada: *Para vòs, ò Jesuitas impios, Clerigos, inimigos das verdades da nossa Religiaõ, Caens do Papa, enganadores dos simplices, autores de todas as guerras, & dissensoens, que ha tanto padecemos; para vòs digo, naõ ha, nem he bem haja clemencia, nem perdam. Escusada cousa foy nam vos ter jà tirado a vida.* E voltando para os soldados disse: *Logo, logo os enforcai a todos, & depois lançai no mar.* Sem detença alguma se avançam aos servos de Deos, levão-nos para os lugares destinados, metem a cada hum a cabeça em seu baraço, para os levantarem á pancada.

5 Neste tempo chegou junto á nao o Galeaõ de Cadavilho, & com a maõ fez Cadavilho sinal, que sobstivessem, dizendo: *Certo, que bem merecẽ a morte, mas eu por usar com elles de piedade, lhes concedo a vida, com tanto, que digam, onde vay o dinheyro, que sei, lhes deu el-Rey para fazer huma Igreja no Brasil, & se nam apparecer, nam falta agua no mar.* A esta vôz lhes tiráraõ as cordas do pescoço, desatáram as mãos, tornàram a dar as roupetas, dandolhes largas, que fossem por onde quizessem, & trouxessem alli o dinheyro. Muyto sentiram elles esta indulgencia, & retirando-se ao interior da nao postos de joelhos se animavaõ huns aos outros. Passada huma hora, vendo os hereges, que nam appareciam, foy hum delles, aonde estavam, & lhes perguntou, se tinhaõ jà o dinheyro, porque o Capitaõ estava esperando. A reposta foy: que alguma pobreza, que levavam para os seus gastos, fora roubada o dia antes nas suas cayxas; que mais dinheyro nem o tinham, nem delle sabiam. Naõ se desenganou de todo Cadavilho; mandou, que todos, excepto dous, fossem passados para o seu Galeam, imaginando, que delles assim divididos poderia tirar alguns indicios do que desejava. Ficou na nao o Irmaõ Pedro Dias com o Irmaõ Diogo de Carvalho. Os mais foram levados para o Galeam de Cadavilho.

6 Em entrando os rodeàram, dizendolhes muytas injurias: *Aqui vem a peste do mundo, destruiçam da verdadeyra Religiam. Tudo quanto padecem os da nossa seyta, he por causa destes ladrões, destes perros, desta gente de Satanas, gente malaventurada, nascida para destruiçam dos bons.* Apòs isto lhes viam, & davam nas coroas, & tambem de bofetadas. Enfastiados de os afrontar, & es-

friando-

friando-se este fervor com a muyta paciencia,& silencio dos Irmãos: hum doutorilho da sua seyta querendo mostrar a sua sciencia,& eloquencia,fallou nesta fórma : *Na verdade eu me admiro, Jesuitas,que sendo vòs tidos por homens doutos, segundo dizem,adoreis ao Papa,que he o Antichristo , & idolatreis nas imagens,& ossos dos mortos;digais Missa, que he huma grande superstiçam,propondo paõ em lugar do Corpo de Christo, para ser adorado. Que andeis defendendo a Igreja Romana, que he huma sentina de toda a maldade.* Nesta pratica o interrompeo o Irmaõ Affonso Fernandes em lingua Hespanhola,que sabiam os mais dos piratas. Desfez animosamente, quanto dizia o Predicante ; acrecentando,que tudo o que affirmava,era verdade;que os hereges eram os enganados,& a sua seyta o mesmo engano. Perguntáram-lhe os que assistiam , se morreria por aquellas cousas , que confessava:respondeo, q̃ naõ só elle,mas quãtos cõ elle estavaõ. A isto disse oFrancez: *Pois esperai, que todos vòs heis de ser degolados , & lançados no mar.* Aqui disseram todos: *Faze,o que quizeres,que todos estamos aparelhados.*

7 Como alguns hereges viam a promptidam , com que o Irmaõ Affonso Fernandes desfazia todos os argumentos do seu Predicante ,deram alguns sinaes de quem favorecia o seu partido,como succede em semelhantes conflictos. No tempo , que isto passava com o Irmaõ Affonso , & mais companheyros,a gente vil da nao deo bem que sofrer ao Irmaõ Noviço Pedro Fernandes. Quando os Irmãos foraõ entrando successivamente no Galeam , este foy o ultimo ; por isso o puxàram a si os marinheyros,para com elle se entreterem , em quanto os mais graves o faziam com os outros. Era este bom Irmaõ modestissimo, o seu grao de Coadjutor temporal. Puzeram-no no meyo , & lhe começàraõ a dizer palavras inverecundas. O bom Irmaõ a nada lhes respondia,estando com grande modestia , & com profundo silencio. Queriam elles, que lhes respondesse , para o seu desenfado ser mais gostoso. Como viraõ o seu modo, persuadiram-se,que o fazia , dedignando-se de lhes responder. Saltàram nelle ás bofetadas,hum lhe lançou o barrete por esses ares,outro lhe tirou o ourelo,com que se cingia,& outros a roupeta.Foraõ grandes as rizadas,quando o viraõ sem a roupeta , chacoteando muyto da sua figura. Aqui entrou em ancias o bom Irmão,temendo que tirada a roupeta , naõ seria tido por Jesuita: por esta causa forcejou,quãto pode,por se livrar das suas mãos,& tanto lidou,atè que rompendo por meyo delles,se foy ajuntar cõ

os

os mais Irmãos: servindolhe de divisa a sua modestia, pois naõ tinha roupeta, que o desse a conhecer.

8 Quando se afroxou a disputa, hum herege lançando mão delle, lhe disse: *Quem es tu, porque te ajuntas a estes, pois não es delles?* A isto respondeo o Irmão: *Eu tambem sou Jesuita, ainda que o não mereço, quem me tirou a roupeta, não me tirou o ser eu da Companhia de Jesu.* Fizeram-lhe todos festa, & achando boa occasiaõ de se alegrar, hum delles o pôz no meyo de todos, & começou a entender com elle nesta fòrma: *Para que estàs com essa cabeça, & olhos bayxos? desperta do sono, olha para nòs; por vẽtura não somos huns homens honrados dignos de ser vistos?* Após isto hiam ás bofetadas dizendolhe, que levantasse os olhos. Como o Irmão perseverasse calado, & modesto, hum dos hereges se foy a elle, & com as mãos lhe abria os olhos; outro lhe póz hum pao debayxo da barba, para naõ abayxar a cabeça, & se molestasse, querendo abayxalla. Tudo sofria com notavel paciencia, dizendo: *Senhor, douvos as graças; donde fuy eu digno de padecer tanto por vosso amor no dia da Santa Cruz?* Até horas de jantar, todo o tempo se passou em dar que sofrer aos Confessores de Christo, fazendo delles passatempo.

9 Dous dias avia, que nada comiaõ, excepto aquelle bocado de biscouto, que a noyte antes lhe lançàra hum delles mais humano pelo postigo da camera. Cadavilho com os mais graves se foy jantar, dizendo, que os apalpassem atè a tarde, & se naõ apparecesse o dinheyro, que então iriam ao mar. Neste tempo ficáraõ os Irmãos livres das insolencias dos hereges, & huns com outros se animavaõ. Particularmente o Irmão Pedro Fernãdes, a quem as molestias tinhão feyto mais forte, dizia aos Irmãos palavras de grande animo; que isto he, o que buscáraõ pelos mares, & tempestades; que naquelle dia aviaõ de ter o premio de seus trabalhos, & entrar no Ceo. Estas, & outras cousas dizia cõ tanto espirito, que a todos muyto consolava, & esforçava. O Irmão Affonso Fernandes como Superior dos mais nesta occasiaõ cumprio bem com seu officio. *Meus Irmãos,* lhes disse, *soframos com paciencia as injurias, que nos restam; jà o mais he passado. Ainda não resistimos atè derramar o sangue. Não devemos confiar nas nossas forças, nem darnos por seguros, porque num momento, o que Deos não permitta, podemos perder, quanto temos ganhado. Confiemos em Deos, & descõfiemos de nòs: porque assim se inclina Deos a nos assistir; & o diabo perde seus brios. Este odio dos hereges he as armas, com que o demonio nos acomete. Armemos nosso peyto*

para

ara o ultimo conflicto com a constancia na Fè, & amor de Deos. Nam ha que guardar para outras occasioens, porque neste dia, quã- o cuydo, avemos de morrer.

10 Nesta fòrma passàram o tempo, que os hereges gastà- am em jantar. Era nelles tanto o fervor, que naõ sentiam a fo- ne. As ancias de morrer eram grandes. Choravam huns com os utros de consolaçaõ. Logo que os hereges acabâram, tornàraõ o seu desenfado. Vinhaõ tres, & quatro, entendiam com elles llando mal das cousas dos Catholicos. Os Irmãos respondiam nimosamente sem medo algum. Hião-se estes, vinham outros; : assim estavam como postos à barreira, como dizem, feytos lvo de quanto queriam dizer, & fazer os hereges.

CAPITVLO VII.

De como nove foram lançados no mar, & delles morrèram sete, & o mais que succedeo. Apontam-se os que aqui foram Noviços.

1 SObre a tarde se encarniçàraõ mais, & ajuntando-se muytos, tomando a cousa de veras, se insurecèram cõ- ra a invocaçaõ dos Santos; & como os Irmãos a tudo respon- essem animosamente, hum dos principaes hereges fallando cõ oberba disse: *Brutos animaes, ainda nam vedes, o que entra elos olhos, & a experiencia està ensinando? Nam he doudice dizer, ue os mortos, que estam no Ceo, ouvem, o que vós aqui no mar fal- ais em voz bayxa, quando naõ ha vòz por mais q̃ grite, q̃ possa ven- er a distancia, que vay da terra ao Ceo? Isto nam he evidente? Mas jà que sois teymosos, eu vos convenço, com o que vòs mes- nos fazeis. Hoje ouvi as vossas ladainhas: dizeyme, que vos fez a Virgem Maria, que vos fizeraõ os Sãtos? por ventura tiràram-vos as nossas mãos? Que he isto? estam dormindo, & por isso vos naõ codem? Nam he por outra causa, senam porque tanto sabem el- es, o que vòs dizeis, & tanto o ouvem, como os homens que vivem o Brasil, nos ouvem agora a nòs.* A isto respondeo o Irmaõ Af- onso Fernandes fazendo pouco caso do seu argumento: Se isto, que dizes, tivesse alguma força, com o mesmo provarias, que ambem Deos naõ ouve, a quem o invoca, pois elle nem sempre az, o que se lhe pede. Sabeis, porque Deos, & os Santos nos naõ livraõ das vossas mãos? porque nos amão com amor de pay; : como sabem, que naõ nos podem fazer mayor bem, que deyxar-

No mar aos 14. de Setembro de 1571

deyxarnos padecer, & morrer por ſeu amor, por iſſo nos deyxam nas voſſas mãos,dandonos hum grande deſejo de dar todo o ſangue das veas,& mil vidas, ſe as tiveramos, em defenſaõ da Fé Catholica.

2 Como o Irmão diſſeſſe eſtas couſas com grande fervor de eſpirito,reſpondeo hum dos Calviniſtas: Se aſſim he, hoje com eſtes perros teus companheyros acabaràs a vida;eu te empenho minha palavra, que com eſta eſpada vos hey de cortar a todos as cabeças. Dizendo iſto deu as coſtas, & ſe apartou. Reſpondeo o Irmão: Faça-ſe a vontade de Deos; eu, & meus companheyros eſtamos aparelhados para qualquer genero de morte. Neſta fòrma ſe paſſou a tarde, & pondo-ſe o Sol deram os hereges ſinal a cear;& ficàram os Irmãos livres das ſuas importunidades,paſſando o tempo como o tinhaõ feyto pelo meyo dia. Eſtando ceando chamàraõ por ſeus nomes aos Irmãos Diogo Fernandes,& Sebaſtiam Lopes;foraõ elles, & os hereges lhes deraõ alguns ſobejos para comerem,ſem dos outros fazerem caſo. Ficáram admirados da novidade, & o fim moſtrou o ſegredo,que niſto avia;& que fora mais diſpoſiçaõ divina, que outra couſa.

3 Pouco tempo avia,que tinhão começado a ſe aproveytar daquelles ſobejos, quando ouvem no convés grandes eſtrondos, & aos Irmãos,que appellidavaõ o ſanto nome de Jeſu,& ouvem logo o eſtrondo dos corpos, que cahiram no mar. Imaginando, o que na verdade era, que os hereges lançavaõ no mar aos Irmãos,ſe vieram logo meter entre elles. Depois de os deſpojarem de ſua pobre roupeta, pegando delles os arremeçáraõ ás ondas, quam longe podiaõ do Galeaõ. Dos ſete o Irmaõ Pedro Fernandes,& Joaõ Alvres ſe foram logo ao fundo, porque naõ ſabiaõ nadar. Como foraõ lançados longe huns dos outros, & a noyte eſtiveſſe eſcura,andâram por algum tempo nadando,para onde a fortuna os levava. Succedeo cahir huma pancada de agua, & acalmar o vento. Aſſim das vozes dos marinheyros, como do vulto,que mal diviſava,entendeo o Irmão Diogo Fernãdes,que as naos eſtavam perto,foyſe chegando,& pode ſubir, & entrar ſem o ſentirem; miſturouſe com os paſſageyros, & eſcapou;o que naõ conſeguiria, ſe naõ tiveſſe pouco antes tomado algum ſuſtento;eſte lhe deo alento para poder nadar.

4 Os outros quatro andando algum tempo nadando, ouvindo-ſe gritar huns aos outros,ſe ajuntàram para a meſma parte. Puderam fazer iſto,por eſtar o mar leyte, como hum tan-

que

ue ſoſſegado, & quieto. Aſſim andáraõ juntos animando-ſe uns aos outros, & pedindo-ſe perdaõ. Entam o Irmaõ Affon-o Fernandes entoou o Pſalmo, *Miſerere mei Deus*; os outros rmãos juntos lhe reſpondiaõ: aſſim foraõ continuando atè o erſo, *Tibi ſoli peccavi*: neſte ponto começou a desfalecer, & os rmãos o animáraõ com o *Credo*, & outras palavras ſantas, aca-ando ſe foy logo ao fundo. Aſſim acabou eſte ditoſo Irmão, uja memoria foy por muyto tempo muy ſaudoſa no Collegio e Evora, onde ſe criou, & ſempre foy Religioſo ſanto. Dahi a ouco tempo o Irmão Andre Paes deyxou de fallar, & do meſ-no modo ſe foy tambem ao fundo. Reſtavão os dous Irmãos ernando Alvres, & Sebaſtiaõ Lopes; andàraõ eſtes nadando erto de huma hora depois da morte dos outros, repetindo ver-os dos Pſalmos, o Credo, os Kirios, & outras palavras ſantas, atè ue o Irmaõ Fernando perdeo a falla, & eſpirou. Vendo o Irmaõ ebaſtiaõ Lopes, que lhe naõ reſpondia, ſe chegou a elle, & o a-alpou, & lhe bulio com a cabeça, & com as mãos, & vendo que s tinha jà derribadas, & a cabeça debayxo da agua, conheceo laramente, que eſtava jà totalmente morto, & aſſim elle neſmo o meteo debayxo da agua, para que ficaſſe ſepulta-o.

5 Andou depois o Irmaõ Lopes nadando pelo mar atè de-ois da meya noyte, eſperando tambem pela ſua hora. A nao a-ia muyto, que eſtava em calmaria; nadando atè chegar a ella radou. Logo que do Galeaõ foy ſentido, (era eſte o de Cadavi-ho) lhe reſpondèraõ em Heſpanhol, que o aviam de alancear, ſe e chegaſſe ao Galeaõ; o meſmo diſſeraõ os que eſtavaõ na lan-ha da nao. Aſſim andou entre as naos atè que hum herege, que ſtava no batel de huma das naos, o chamou para ſi em Heſpa-hol, & o meteo dentro: para vomitar alguma agua, que tinha ebido, o lançou ſobre os remos encruzados, & o cobrio com uma capa. Logo q̃ o Irmão foy recebido no batel, começou a azer vento, & as naos ſua viagem, que parece ſó por iſto eſpera-aõ; porque queria Deos ficaſſe viva huma tam abonada teſti-munha da glorioſiſſima morte deſtes ſeus ſervos. O dia ſeguinte foy levado á nao Portugueza, tudo com diſſimulaçaõ, & ſe mi-ſturou com os mais cativos. Pondo nelle acaſo os olhos hum dos piratas, pergũtou, quem foſſe: acodio huma das orfans Por-tuguezas, que era ſeu Irmaõ. Aſſim ficou livre daquella vez; mas depois conhecendo-o os hereges, andavaõ para o lançar ao mar, dizendo, que era Prete, iſto he, Sacerdote, & que confeſſava. En-

Y tam

tam ſoube como os dous que ficàraõ na nao Portugueza Irmão
Pedro Dias,& Irmaõ Diogo Carvalho,na meſma noyte, que os
outros,foraõ ao mar vivos: & que o Irmaõ Pedro Dias, quando
o deſpiaõ,fallava com grande fervor engrandecendo a Fè, & de-
teſtando os erros de Calvino.

6 Agora ſe acaba de ver a grande providencia de Deos,pois
he couſa ſem duvida, que o Irmaõ Sebaſtião Lopes naõ poderia
aturar tanto tempo a nadar, ſenaõ tivera pouco antes tomado
algum ſuſtento. Em fim Deos o conſervou para referir toda
eſta tragedia,de que elle foy boa parte. Foy eſte glorioſo triun-
fo em 14. de Setembro de 1571. dia da Exaltaçaõ da Sãta Cruz.
As naos de Cadavilho tendo feyto preza em huma caravela
Portugueza na coſta do Algarve,ſe fizeram na volta da Roche-
la; junto a Bayona de Galiza lançáram em terra os priſioney-
ros;& os dous Irmãos Noviços Diogo Fernandes, & Sebaſtiam
Lopes paſſàram à noſſa Reſidencia de Sam Fins, aonde foram
conhecidos,& providos. Dalli foram para Coimbra, & o Irmão
Sebaſtiaõ Lopes foy chamado para o Collegio de Sãto Antão.
Saõ muy profundos os juizos de Deos, & naõ ſe podem ſondar.
eſte Irmão Diogo Fernandes, que padeceo tanto dos hereges,
que foy lançado ao mar em odio da Fé, depois veyo a ſer deſpe-
dido da Companhia. Do Irmão Sebaſtiaõ Lopes naõ pude aver
noticias delle,mais que o referido.

7 Joaõ Cadavilho acabou deſeſtradamente,porque eſtando
em Salies patria ſua,como tiveſſe naõ ſei que deſgoſto com ou-
tro homem,eſte lhe fendeo a cabeça,& cahio morto. Outro he-
rege muy groſſo de corpo, que foy o que ſe moſtrou mais deſ-
humano para com os ſantos Irmãos,& depois ſe prezava muyto
deſta ſua fereza contra os Jeſuitas,eſtando ſobre o bordo do Ga-
leam de Cadavilho,lhe eſcapou o pè, & cahindo no mar, como
era tam pezado,logo ſe foy ao fundo.

8 Agora digamos brevemente,o que mais ſabemos de tres
Irmãos deſtes,que neſta caſa de Evora foram Noviços. Seja o
primeyro o Irmão Gaſpar de Goes,que morreo em primeyro
lugar. Eſte ditoſo Irmaõ teve por patria a Villa de Portel no
Arcebiſpado de Evora,ſeus pays ſe chamàram Joam Vagueyro
& Maria Alvres. Foy Irmaõ inteyro do celeberrimo Padre Ma-
noel de Goes Autor do Curſo Conimbricenſe. Entrou eſte Ir-
mão na Companhia em Evora aos 19. dias de Julho de 1562
tendo 14. annos de idade: ſendo Meſtre dos Noviços o Venera-
vel Padre Mauricio. Veſpora de Santo Ignacio tomou a roupe-
ta

No mar aos 13. de Setẽbro de 1571.

ta. Logo no principio esteve doente alguns dias. Servio no primeyro anno em varios officios de casa ajudando ao Refeytoreyro, & despenseyro. No segundo anno estudou. Passou aqui todo o seu Noviciado sempre com edificaçaõ, & depois fez os seus votos aos 23. de Julho de 1564. quatro dias depois daquelle em que entrára, por alguma razaõ, que se naõ aponta; mas quanto tenho notado, naõ avia entaõ grande reparo em ser isto dalli mais a hum, dous, ou tres dias. Este Irmaõ pertendeo a Missaõ do Brasil com grande fervor sendo já Theologo, & por seu fervor mereceo taõ boa fortuna, como a que fica referida.

9 Seja o segundo o Irmaõ Pedro Dias, estudante, natural de Souto no Bispado de Viseo Seus pays se chamáraõ Alvaro Pires, & Maria Gonçalvet. Entrou na Companhia em Evora tendo mais de 18. annos de idade, aos 30. de Novembro de 1560. onde passou os dous annos de Noviço, & teve por Mestre ao Veneravel Padre Mauricio. No tempo de Noviço foy exercitado em officios bayxos. Por sua virtude mereceo, que o Veneravel Padre Ignacio de Azevedo o aceytasse para a sua Missaõ do Brasil, em cuja viagem conseguio a gloria do martyrio. No mar em 14. de Setembro de 1571.

10 O terceyro, & ultimo he o Irmaõ Affonso Fernandes natural de Viana no Arcebispado de Evora, filho de Custodio Gõçalves, & Bertoleza Cansada: 19. annos tinha de idade, quando entrou na Companhia em Evora aos 22. de Janeyro de 1567. Antes de ser da Companhia, & ainda algum tempo de Noviço, se chamou Antonio Cansado; este sobrenome se lhe mudou; & certamente naõ cahia bem em homem de espirito infatigavel, qual foy este santo Irmaõ. No primeyro anno servio nos officios de casa, na despensa, & na cozinha. No segundo estudou. Em tudo deo boa conta de si. Nos estudos foy excellente Philosopho, & Theologo; hia ao Brasil para ensinar estas sciencias. Foy grandemente por suas boas partes, & virtude amado, & estimado do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo. Na nao fez sempre officio de Sotoministro, por isso depois da morte dos Padres era respeytado dos mais, como Superior de todos. Como era de vivo, & acre engenho disputava com os hereges, & os cõfundia. No Collegio de Evora esteve por muyto tempo fresca a memoria deste bom Irmaõ, porque foy de genio suave, & amavel. No mar aos 14. de Setẽbro de 1571.

11 Destes doze tres foraõ Noviços em Coimbra. O Padre Pedro Dias entrou na Companhia aos 28. de Março de 1548.

O Padre Franciſco de Caſtro, Heſpanhol, natural de Monte Molim Priorado de Saõ Marcos de Leaõ Comarca de Chari, entrou aos 29. de Agoſto de 1560. Irmaõ Fernam Alvres Coadjutor, natural de Viſeu, entrou aos 28. de Mayo de 1560.

CAPITVLO VIII.

Vida do Padre Bento Fernandes, & ſua glorioſa morte pela Fè.

Em Nāgazaqui aos 2. de Outubro de 1633.

1 HUma das grandes glorias deſta caſa, & grande de toda a noſſa Companhia foy o Veneravel Padre Bēto Fernandes, columna firmiſſima das Chriſtandades de Japaõ, a quem alentou com ſua ſanta vida, & fortaleceo com ſua glorioſa morte: que huma, & outra foy muy eſclarecidas. Naſceo eſte ditoſo Padre na Villa de Borba no Arcebiſpado de Evora. Seus pays eram da gente nobre daquelle povo. Chamavam-ſe Miguel Fernandes, & Iſabel Affonſo. Dous filhos deram á Companhia, ambos do meſmo nome, & ſobrenome, & o que mais he, ambos Sãtos. O primeyro foy o inſigne P. Bento Fernandes Expoſitor do Geneſis, naõ menos virtuoſo, que douto. Eſte entrou primeyro na Companhia, & já nella eſtava, quando naſceo o noſſo Martyr, a quem os pays deram o meſmo nome de Bento; ou por verem quam bem lhe tinha ſuccedido com o primeyro; ou para com eſte filho, que queriam em tudo ſemelhante ao outro, abrandarem as ſaudades, que delle tinham; porque o amavam ternamente.

2 Suas acçoens moſtràram, ſer filho de bençaõ. He ſama, que antes deſte menino entrar na Cõpanhia, lhe puzera a mão no hombro o Veneravel, & devotiſſimo Padre Vaſco Pires, homem de excellentes virtudes, & lhe diſſera, que avia de ſer Martyr. O effeyto veyo a moſtrar, que Deos fallava por ſua boca. Iſto devia ſer no anno de 1587. em que acho eſcrito que o Padre Vaſco Pires recolhendo-ſe de Lisboa para Coimbra, fizera ſeu caminho por Evora, para ver aquelle Collegio. Tendo dezaſete annos de idade, aos vinte, & dous de Março de mil quinhentos noventa, & ſeis, entrou neſte ſanto Noviciado de Evora; ſendo Meſtre dos Noviços o muyto illuſtre naõ menos em virtude, que no ſangue o Padre Antonio Maſcarenhas. Aſſim no tempo do Noviciado, como depois delle, procedeo como homem, em quem Deos tinha poſto o dedo para couſas grandes. Em Evora eſtudou letras humanas, & Philoſophia, faculdades,

des,que soube com primor,porque era de feliz engenho.

3 Neste tempo hum Religioso de mais annos, mas naõ de tanta virtude,como elle era,vendo as boas prendas, de que Deos o dotára,& que ao seu parecer demandavaõ nome mais pomposo, do que era o de Bento Fernandes, lhe disse, que mudasse o nome,& sobrenome, & tomasse outro de mais esplendor. Respondeo a isto com toda a gravidade, & virtude: Com este nome me veyo a graça bautismal na Igreja de Nossa Senhora do Soveral, Matriz da Villa de Borba,patria onde eu nacì & com este nome espero na graça divina, fazer obras em serviço deDeos, com que o nome, & sobrenome de si humilde fique santamente avultado. Nas obras vay tudo,em nomes, & sobrenomes luzidos vay muy pouco,ou nada. Começou com grandes instancias a pertender a Missaõ da India, para onde Deos o tinha escolhido. Depois de repetidas petiçoens alcançou o fim de suas ancias. Contava sete annos de Companhia, quando no anno de mil seiscentos,& dous se embarcou para Goa em companhia do Padre Alberto Laercio. Foy esta huma das mais gloriosas Missoens,que deste Reyno se embarcou para a India; constava ella de cincoenta,& oyto Religiosos da Companhia,os vinte,& cinco Portuguezes,os demais Italianos. Nestes,além de outros homens de grande espirito,hiam sinco, que padecèram martyrio; saõ seus nomes,o Padre Sebastiaõ Vieyra,o Padre Antonio Rubino,o Padre Joaõ Bautista Zola, o P. Miguel Carvalho,& o nosso Padre Bento Fernandes.

4 Quatro annos se deteve em Goa,para acabar os estudos de Philosophia,& Theologia; depois no anno de mil seiscentos,& seis,passou ao Japaõ, que naquelles tempos era a Missaõ mais gloriosa,que avia nas regioens Orientaes. Della foy tam amante,que ao sobrenome de Fernãdes,accrescentou o de Japaõ,dizendo-se vulgarmente Bento Fernandes Japam. Vinte, & sete annos viveo em Japam, acodindo aonde o pedia a necessidade, sem attender a perigos,nem discõmodos. Discorreo sem cessar pelas Christandades animando a todos nos seus trabalhos, & sendo nas affliçoens companheyro tambem dos que as padeciaõ. De dia humas vezes se embrenhava no despovoado, outras se escondia em casa de alguns Christãos. De noyte discorria de humas em outras partes. As fomes,sedes,& sobresaltos, que padeceo nestes tempos,nam cabe em penna escrevellos, nem em palavras explicallos. Quem ler as grandes tormentas,que padeceo aquella Igreja,poderà entender, quanto padeceo o Padre Bento

Fernandes,que nellas se achou lidando, & forcejando contra os ventos, & mares desenfreados. Só acho escrita em particular a Missaõ,que fez no anno de mil seiscentos, & vinte, em que a Christandade foy muy perseguida, discorrendo por varios Reynos,& padecendo os trabalhos, que de sua narraçaõ se deyxam bem ver.

5 Yendo era a Corte,onde naquelle tempo residia o Xogun Senhor de todo o Japam, dista do Meaco para a parte do Leste como oytenta legoas Portuguezas. Avia nesta Cidade muytos Christãos,assim moradores,como outros muytos,que de todo o Japaõ alli concorriam. A estes,& a outros,que ha naquellas regioens,foy visitar o Padre Bento Fernandes, & animar com sua presença,& mais com os Sacramentos, a estarem firmes na Fè, & fazer rosto á tormenta, que o demonio levantára no Meaco, & dalli hia diffundindo por todo o Japaõ.

6 Começou o Padre a sua visita pelos Christãos do Reyno de Omi, & dalli passou ao de Mino; sacramentados,& consolados aquelles Christãos, entrou no de Oari, aonde visitou os Christãos do lugar Jeli,que eram conhecidamente os mais cõstantes na fè;por quanto em nenhũs tempos mostràraõ medo âs perseguiçoens; antes aos Domingos se ajuntavam em huma casa,que tinham ornada como Igreja,& em vòz alta cantavaõ suas devoçoens com desprezo da gentilidade. O Senhor da terra, ainda que queria,nam se atrevia a entender com elles, por estarem apostados a sofrer desterros, & mortes, antes que largar a Fé;& de perder tantos vassallos, se lhe seguiam nas rendas consideraveis detrimentos;por isso tinha por melhor a dissimulaçaõ, que o satisfazer ao seu odio.

7 Visitou, consolou, sacramentou alguns Christãos dos Reynos de Ixi,Micava,& Totomi,que se puderam ver com elle: em particular foy à hum lugar, aonde estava hum lazaro, que avia pouco tempo se bautizàra,nem avia outro Christão em todo o lugar. Naõ era a visita sem perigo, por serem gentios assim pays como irmãos do Lazaro, & assistirem na mesma casa. Fingio-se o Padre Medico;com este disfarce entrou na casa do Lazaro, & o ouvio de confissaõ;era a primeyra,que fazia, acompanhou-a com muytas lagrimas,& ficou muy animado com tam celestial visita; admirando-se da grande caridade do Padre,por vir de tam longe só a fim de o consolar,& confessar. Os parentes naõ sabendo o que era,ficáram muy alegres de lhe ver o seu enfermo,sem por isso querer paga alguma.

8 Daqui

8 Daqui passou ao Reyno, & Cidade de Surunga, aonde Dayfu Senhor de Japam, já defunto, tivera a sua Corte. Confessando no caminho a alguns Christãos, chegou á Cidade, na qual se deteve tres dias, exercitando com os Christãos da Cidade os mesmos ministerios. Visitou tambem os pobres lazaros, que moravam fóra da Cidade, & quasi todos eram Christãos; dos quaes eram cabeças dous illustres Confessores de Christo, a quem Dayfu em odio da Fè tinha mandado cortar os nervos, & dedos dos pès, & mãos, & pòr com fogo na testa o final da Santa Cruz. Todos os Christãos lhes tinham grande respeyto, & veneraçaõ: & elles faziam muytas conversoens nos gentios; & davam grande animo aos Christãos. Ao Reyno de Surunga se seguem os Reynos do Quantô. O primeyro delles se chama Idzu, & o primeyro lugar Mixima, onde achou trinta Christãos, que viviam em boa paz, porque os gentios naõ eram desafectos à nossa Ley, por isso sendo tempo de perseguiçam, viviam alli, como se a naõ ouvesse. Consolados os Christãos do Reyno de Sangami, chegou o Padre a Yendo, que era o termo da Missam, & Corte do Xogun, metropoli do Reyno de Musaxi.

9 Avia nesta Cidade muytos Christãos assim dos que nella assistiam de morada, como dos que alli vinham grangear sua vida. Cincoenta dias se deteve alli o Padre, fazendo muytos serviços a Deos. Atè muytas mulheres Christãs, que assistiam no paço do Xogun, tiveram modo para se ver com o Padre, & receber delle os Santos Sacramentos. Foy aqui o trabalho excessivo, porque eram necessarias extraordinarias cautelas, por aver na Cidade muytos malsins. No mais escuso da noyte administrava os Sacramentos, assim por elle nam ser sentido, como tambem para os Christãos se poderem retirar a seu salvo. Aqui reduzio a vida santa a alguns fidalgos Christãos, que avia quinze, & dezaseis annos, viviam como gentios. Soube como huma mulher nobre, avia cinco, ou seis annos, vivia na observancia da Ley de Christo, guardando os mandamentos com toda a exacçam, sem poderem com ella cousa alguma as continuas batarias da sua familia, & parentes gentios. Nam era possivel, humanamente fallando, verse com o Padre, para a bautizar: por tanto instruhio muy bem a huma Christãa na fòrma do bautismo, & por meyo della foy aquella devota Senhora bautizada, & instruida nas obrigaçoens de boa Christã.

10 Logo que o Padre animou, & fortaleceo os Christãos de Yendo junto ao mar do Sul, atravessou dalli a outras regioens do

do Japam da parte do Norte , que elles chamaõ Foccocu. Em hum lugar chamado Numata no fim dos Reynos do Quantô avia alguns Christãos, que no principio da perseguiçaõ foram bautizados por hum Catequista secular, & nunca tinhaõ visto Sacerdote; a estes foy visitar, & entre elles se deteve treze dias. Cobráraõlhe tanto amor, que fizeram todas as instancias porque ficasse naquella terra; mas como vissem, que isto naõ podia ser, todos os dias faziam oraçam a Deos, para que mãdasse tanta agua das nuvens, que o Padre naõ pudesse partir. Ouvio Deos esta piedosa rogativa, & quãdo o Padre estava de caminho choveo tanto, que foy obrigado a se deter mais seis dias. O que tudo foy huma altissima providencia de Deos, porque muytos gētios, que naquelles dias ouviram as prégaçoens do Catecismo, se bautizàram. Ouve aqui huma cousa muy notavel, & foy, que o dono da casa, pessoa honrada, & grave, quando chovia, por ver, que o Padre se nam partiria, entam se achava bem de huma cōprida enfermidade, que tinha avia muyto tempo; & quando nam chovia, & fazia bom tempo, por cuydar o contrario, se achava mal.

11 Ao partir foy o pranto de todos, qual dizer se nam pode em poucas palavras; consolou-os o Padre com a esperança de os tornar a visitar. Entre outras conversoens foraõ de grande consolaçam para o Padre tres mancebos fidalgos da casa do Tono, ou Senhor da terra. Instando estes, que os bautizasse, respondeolhes, que vissem bem o perigo, em que se metiam, sendo os tempos tam trabalhosos; & que deviam estar preparados para dar antes as vidas, que deyxar a Fè, em caso que seu Senhor os procurasse perverter. Respondèram tam animosamente, & deraõ taes mostras deste seu fervor, que o Padre os bautizou; & por seu meyo, & bom exemplo suas familias se affeiçoàram a seguir a Ley de Christo.

12 Partio finalmente de Numata para o Reyno de Yetchu, hum dos Reynos das regioens do Norte. Para chegar a elle avia de passar pelo Reyno de Xinano: era o caminho muy infestado de salteadores, & trabalhoso; a tudo acodiram assim os fidalgos Christãos de Yendo, como os de Numata. Escrevéram muytas cartas de recomendaçam aos senhores gentios daquelle Reyno. Estes lhe assistiram com tudo o necessario para a segurança, & cōmodos da passagem, que em Gentios, & em tempo de perseguiçam foy grande favor de Deos. E assim pode chegar sam, & salvo ao Reyno de Yetchu, como desejava; atravessando

primey

primeyro o Reyno de Yechigó, onde avia alguns Chriſtãos viſitados pelos Padres, que aſſiſtiam no Oxù.

13 He o caminho deſte Reyno para o de Yetchu muyto fragoſo, & tal que em algumas partes he neceſſario paſſar por ondas do mar, entre precipicios altiſſimos, & muy ingremes; por caminhos tam eſtreytos, que cauſam medo, & eſpanto. Dous, ou tres lugares ha deſtes neſte caminho muy perigoſos, & por iſſo nomeados em todo Japam. E como ſaõ taes, quando ha ondas, ou ventos, em que conſiſte o perigo, naõ ha, quem os poſſa paſſar: & ſe a neceſſidade força a iſſo, eſperam, q̃ a onda ſe recolha ao mar, & neſſa conjunçam paſſam de corrida, & ſe metem em humas tocas, que ha na penedia, atè paſſar aquella onda: & paſſada ella dam outra carreyra, & ſe metem em outras tocas: & aſſim de duas, ou tres carreyras, por ſerem compridos, paſſam eſtes perigoſos, & formidaveis paſſos: & ſe ſe deſcuydaõ, ou ſam pouco ligeyros os caminhantes, no paſſar ſaõ arrebatados das ondas, & levados ao mar. Succede às vezes por cauſa da braveza do tempo, eſtarem quatro, & cinco dias metidos nas tocas da rocha, ſem poderem ir nem para traz, nem para diante, & alli perecer à pura fome, & frio.

14 Conforme o vento ſam às vezes tam grandes as ondas, que chegam atè o alto do rochedo, metendo-ſe pelas meſmas tocas, que os caminhantes eſcolhem por refugio no ſeu perigo. Chamaõ a eſtes perigoſos paſſos, Caxirazu, que monta tanto como dizer, lugar onde nem o pay ſe lembra do filho, nem o filho do pay; porque como a paſſagem he tam apreſſada, & perigoſa, nam dá lugar mais, q̃ a cuidar cada hum, como ſe ha de pór em ſalvo. Deſtes trabalhoſos paſſos, & de outros caminhos eſtreytos, & arriſcados livrou Deos ao noſſo Miſſionario, que os paſſou com belliſſimo ſucceſſo, & tẽpos favoraveis: & aſſim chegou em paz ao Reyno de Yetchu, para onde fazia jornada.

CAPITVLO IX.

Continua a meſma Miſſam. E da ſua prizam, & morte.

1 TAnto que o Padre chegou ao Reyno de Yetchu, ſe foy a hum lugar, aonde avia alguns Chriſtãos, que foram criados de Juſto Ucondono, o qual morrèra do deſterro, a que o condenáram por cauſa da Fè. Depois de os ſacramentar, & esforçar, partio para a Cidade de Canazava Metropoli do Reyno

Reyno de Cangà,aonde reside o Senhor daquelle Reyno, & de outros dous. Alli por aver muytos Christãos se deteve o Padre mais de tres mezes. Naõ ficou Christaõ, a quem nam confessasse,& desse a Santa Communham. Até às mulheres mais recolhidas,& que serviaõ a Senhoras grandes, tiveram modo para sahir dos seus retiros,& receber os Santos Sacramentos, que avia seis annos nam tinham recebido.

2 Reduzio a alguns, a quem o medo da perseguiçam fizera retroceder na Fè;fazendo primeyro, que dessem aos mais a devida satisfaçaõ do seu escandalo. Tambem alli bautizou alguns adultos. Achou nesta terra grande disposiçam nos gentios para receberem o Santo Euangelho; por viverem muy escandalizados da ruim vida,& maos costumes dos seus Sacerdotes, & daqui entenderem nam aver salvaçaõ em seytas, cujos Mestres saõ de costumes tam desenvoltos. Mas o medo da perseguiçam os retardava: com tudo alguns,em quem pode mais o amor da vida eterna,que os perigos temporaes, ouviram o Catecismo, & se bautizáram. Entre outros abraçou aqui a Fè hum mancebo muyto nobre primo com irmaõ do Senhor daquelles tres Reynos,& o que mais era, do Senhor universal do Japam. Hum anno avia que este fidalgo desejava ser Christão;pedindo muyto aos Christãos,que avendo, quem prégasse a Fè, lho fizessem a saber, para ouvir o Catecismo. Tendo o Padre noticia destes desejos,& como achava serem de coraçaõ, determinou de lhos cumprir: animando primeyro aos Christãos para que naõ temessem a grande tormenta, que se podia originar desta conversaõ; dizendolhes,que o negocio era de Deos, que elle acudiria & se permittisse a tormenta, seria materia de grande merecimẽto para todos. Muyto os sossegou dizer o mancebo, que faria porque o Tono o naõ soubesse; & se acaso disso tivesse noticia que elle largaria as rendas que delle tinha, & ainda se desterraria por ser Christão;& posto o negocio nestes pontos, pouco avia que temer,quando o rayo sò nelle se empregaria.

3 Desassustados com esta resoluçaõ os Christãos, veyo o fidalgo sò com hũ pagem,de quem se fiava,a ouvir o Catecismo. Para o Padre o provar mais lhe disse, que por hora bastava ser instruido nas cousas da Fè,& que o bautismo se dilatasse para tempos mais quietos,& opportunos. Naõ se aquietou com estas razões o mancebo,antes resolutamente lhe disse, se naõ avia de partir sem o bautizar: dizendo,que os seus desejos eraõ de muyto tempo. Consolou-se grandemente o Padre com tam fervoro

so Neophito, & lhe deo o santo bautismo, pondolhe o nome de Ignacio. Tambem foy notavel a conversaõ de huma mulher nobre, a qual por mais que se tinha lidado com ella, nunca se quiz inclinar a receber nossa Santa Fé. Era esta da seyta dos Jecoxus, que dos sectarios de Japam saõ os mais obstinados nos seus desatinos. A sua dureza era muy notoria na terra; quiz o Padre tentar esta dura pedra; teve disso occasiam; mas por entam nada se amolgou. Porêm Deos, que a queria para si, lhe affeyçoou a vontade, & considerando de vagar as verdades que o Padre lhe propuzera, resolveo comsigo, que atè aquelle tempo vivera enganada.

4 Mandou chamar o Padre, dizendo, se queria fazer Christã. Sabendo isto os Christaos, naõ podiam crer, fallasse de veras; & o Padre para a experimentar lhe dilatou a reposta: sentio tanto a demora, que veyo a adoecer; então lhe mandou hum Catequista para a instruir; tanto que cobrou algumas forças, foy ouvir o Catecismo do Padre; & depois de bem ensinada nos mysterios da Fè, foy bautizada com geral admiraçaõ dos Christãos, que supposta a sua dureza, tinhaõ esta conversaõ por hum grande milagre da misericordia de Deos. Costumava ella dizer, que duas cousas em especial a tinham movido a se fazer Christã. A primeyra ser tempo de perseguiçam, & ver andar os Padres disfarçados no vestido, discorrendo em huns, & outros lugares para esforçar os seus Christãos, sem repararem nẽ em discõmodos, nem em perigos. A segunda ver, que mandando huma pessoa ao Padre certo presente, o nam quizera aceytar, & o tornàra, a quẽ lho mandou; muy contra o que costumavam os seus Bonzos, que tudo appeteciaõ, & quanto mais lhe davam, mais queriam, & procuravaõ aver. Por tanto ponderando a grande differença, que hia de huns a outros Sacerdotes, assentàra comsigo, que a Ley de Christo, pois tinha ministros tam santos, era sem duvida a verdadeyra, & que se devia seguir.

5 Singular foy a dita de outra mulher gentia: esta se viera da sua terra, onde nam avia Christãos; chegando a esta Cidade, se abrigou na casa de hum gentio seu parente casado com huma Christã. Esta boa Christã fazendo officio de Apostolo, persuadio a gentia, abraçasse a Ley de Christo, na qual sò avia salvaçaõ. Deyxou-se penetrar das verdades, que se lhe diziam. Neste tẽpo lhe deo huma doença mortal: & pois os apertos naõ permittiam mais miudas instrucçoens, pedindo o santo bautismo, depois de o receber, espirou; dizendo antes, que a mayor pena que

tinha, era morrer ſem ter aprendido as oraçoens.

6 Cauſou grande admiraçaõ a todos a ſingular providencia com que Deos acudio a hum Chriſtão. Dez annos avia, que eſte ſe nam confeſſava, por naõ ter cõmodo para iſſo. Era elle natural do Ximo, onde a perſeguiçaõ contra a Fè tivera ſeu principio. Gaſtou os dez annos em andar de hũas em outras terras: finalmente veyo a parar em Canazava, & ſe hoſpedou em caſa de hum ſeu parente gentio. Adoeceo de enfermidade incuravel, & q̃ o hia por annos conſumindo. Cinco annos eſteve em caſa deſte parente, ſem declarar, que Religiaõ era, a que ſeguia. Poſto jà nos ultimos dias de ſua vida, lhe perguntou o gentio que ſeyta era a ſua, para conforme ella, ſe lhe dar ſepultura. A iſto reſpondeo, que até aquelle tempo por cauſa da perſeguiçaõ, ſe naõ tinha declarado, mas viſto eſtar em tal eſtado, lhe dizia, em como era Chriſtam.

7 O Gentio, que era homem de bons reſpeytos, fez logo ſabedor a hum Chriſtão ſeu amigo, para que em eſpirando o enterraſſe ao modo dos Chriſtãos. Na caſa deſte Chriſtão ſe achava o Padre Bento Fernandes; o qual lhe ordenou viſitaſſe ao enfermo, & lhe perguntaſſe ſe ſe queria confeſſar, que lhe traria hum Padre. Ficou por eſtremo alegre, por nam imaginar, averia na terra Sacerdote. Reſpondeo, que naõ deſejava outra couſa. Logo na noyte ſeguinte o Padre ſe fingio pagem do Chriſtão, & com eſte disfarce entrou aonde eſtava o enfermo, & o confeſſou com grande conſolaçaõ de hum, & outro. Foy tam ſenſivel o goſto, que teve o enfermo, que ficou delle admirado o gẽtio; & indo viſitar ao Chriſtaõ lhe contou a extraordinaria alegria, que da ſua pratica tivera o enfermo; & que ſendo iſto couſa muy nova, lhe perguntára, donde naſcèra tal mudança, & que o doente reſpondèra, que como elle por ſer gentio, naõ poderia entender a ſua grande ventura, por iſſo lha naõ contava. Dahi a poucos dias morreo, & foy enterrado pelos Chriſtãos: dando todos graças a Deos pelo cuidado, que tem dos ſeus. Do Reyno de Cangâ foy o Padre ao de Noto, que com elle confina. Alli fez, como nas outras partes, muytos ſerviços a Deos, nam perdoando a trabalho algum por acodir a todos, & os conſolar. Eſta foy a Miſſam, que fez o Padre Bento Fernandes no anno de mil ſeiſcentos, & vinte, contando como em groſſo o muyto, que nella obrou; & por eſte teor de vida, gaſtou todos os annos, que viveo no Japam.

8 Era o Padre Bento Fernandes muy celebre no Japam ai

da entre os gentios. Sabiam os Ministros da perseguiçam, que elle era como alma de todos os Christãos, porque a todos dava alento para resistirẽ aos idolatras. Por esta causa eraõ exquisitas as diligencias, que se faziam pelo aver às mãos. Porém se a sua diligencia era grande, naõ era menor a santa astucia com que o Padre lhes escapava. Algumas vezes vendo-se nos ultimos apertos, se dava á confiança, metendo-se com os mesmos, que o buscavam; tecendo com elles praticas sobre Xeryemon, que era o sobrenome Japam, de que usava. Occasiam ouve em que se fingio Medico, que acodia a hum enfermo, & com este disfarce passou por entre os mesmos que o buscavam, sem delles ser conhecido; & a este tom se revestio de outras apparencias, que a sua santa industria lhe descobria, para assim pòr em seguro a sua vida, de quem dependia a salvaçaõ de tantas almas.

9 Porèm querendo jâ Deos apremiar seus immensos trabalhos, permittio, que em Nangato fosse prezo, por quem com tantas ancias o buscava. Foy incrivel o gosto, que disso tiveram os barbaros, & a prizaõ muy celebre, por ser de hum homem de grande fama entre os Japoens, & a quem os principaes ministros desejavaõ conhecer de vista. Trouxèraõ-no prezo a Nangazaqui, vindo elle sò a cavallo entre grande numero de soldadesca. Concorria a vello todo o povo. As janellas das ruas por onde passava, estavam cheas de gente, tam ansiosa de o ver, como se fosse algum triunfo grandioso de Emperador de Japaõ. Enlevavão-se todos na autorizada presença do Padre Bẽto Fernãdes, tam alegre entre aquellas, que tinhaõ por disgraças, como elles o poderiam estar no meyo de suas mayores venturas.

10 Esperavam-no os Governadores em o seu tribunal com grande alvoroço nacido do antigo desejo, que tinham, de ver hum homem, de quem se fallava com tanto credito, & honra. Logo que o Padre entrou em sua presença, os saudou, & lhes fallou com tanta cortezia, & termos cheyos de autoridade taõ aprazivel, & tam amavel, q̃ rendeo os corações de todos, julgãdo ser elle em tudo mayor, que sua grande fama. Nem a tam boa graça, & cortezania tiveraõ que responder, senaõ confessar todos, q̃ devia ser filho de algũ grande Senhor de Europa, pois naquelles apertos se mostrava tam generoso. Sorrio-se a isto o P. Bẽto Fernãdes, & respõdeo com muyta graça: Que bẽ se via, quẽ era, do grande acõpanhamento, q̃ trazia comsigo, para visitar a suas Senhorias. Alludindo nisto á soldadesca, q̃ alli o trouxera.

11 Logo o começàram a persuadir, que deyxasse a Ley de

Christo,assegurandolhe, que o Emperador se daria nisso por bẽ servido,& lhe faria as mercès, que a tam honrada pessoa se deviam,por lhe fazer hum obsequio tanto do seu agrado, & de todo o Japam.E para mais o attrahirem,lhe disseraõ muytas cousas em seu abono, da sua nobreza,fama,& grande sabedoria; accrecentando,que com esta nobre acçam as qualificaria todas. Ouvindo o Confessor de Christo razoens tam fòra de caminho,revestindo de autoridade severa toda a urbanidade,que at aquelles pontos mostràra, respondeo,que a Xeryemon naõ s lhe fallava em semelhantes materias,nem offereciam taes parti dos. Antes,para que suas Senhorias vissem mais de vagar, quan bem fundada era a doutrina,q̃ ensinava, & professava, lhes offe recia hum memorial de toda ella. Logo tirou o memorial, & lho meteo nas mãos; acrecentando estar prompto para dar mi vidas pelas verdades,que nelle se continham.

12 Ficáram suspensos os Governadores com reposta taõ des enganada; & dando sinaes, de que tinham compayxam de su pessoa,o mandàram para o carcere com algumas esperanças d que se dobraria. Mostravam elles ter gosto de o livrar da morte obrigados do seu bom modo, & autorizados termos; que este atè costumam abrandar penhas,por mais duras q̃ sejaõ. Mas cõ siderando, que perdiam tempo em se deter nesta causa, por da rem comprimento á Ley do Emperador,o condenáram à mor te em o tormento das covas. Foy este tormento hum dos ma horriveis,que a crueldade inventou contra os Confessores d Christo. Dayfusama tyranno do Japam foy seu primeyro au tor. A sua traça vinha a ser,atar,& cingir com cordas fortemẽ te o corpo do santo Confessor,pelo modo,que nas naos cinger os mastros feytos de pedaços. Depois o dependuráram de hũ trave cabeça abayxo,metido em huma cova atè a cintura. Aond pouco a pouco revolvendose-lhe as entranhas,& mudando seu sitios,& lugares as partes interiores do corpo, com excessiv tormento davam fim a suas vidas os Santos Martyres.

13 Neste tormento puzeram ao Padre Bento Fernandes & nelle esteve pendente vinte,& seis horas. Tinham delle tant estimaçaõ os Governadores,q̃ naõ perdendo de todo as esperan ças de o fazer mudar seus propositos, usáram com elle hũa par ticularidade,que naõ fizeram a algum outro. Estando já o Padr mais morto,que vivo,mandàram,que o tirassem do tormento, que em casa dos guardas fosse curado, & se lhe assistisse para cura com tudo o necessario. Em quanto assim o fazem os guar

da

das, he bem, refiramos, o que passava no mesmo tempo com o Padre Paulo Saytó de naçaõ Japonez, & da nossa Companhia, Missionario illustrissimo da sua patria, & amicissimo do nosso Padre Bento Fernandes, companheyro seu no horrivel tormẽto das covas, em que ambos juntamente foram postos, que foy entre tanta molestia huma grande consolaçam para hum, & outro.

14 No tormento disse o Padre Saytó, que nam avia de acabar, senaõ com o Padre Bento Fernandes. Sete dias viveo o Padre Saytò no seu tormento sem comer cousa alguma; o que naõ foy sem grande prodigio, de que pasmáram os guardas, como de cousa incrivel, pois a crueldade do tormento naõ permittia sem milagre viver tanto. Neste tempo se tratava em casa dos guardas, de restituir a vida quasi perdida ao Padre Bento Fernandes, desejando elle sũmamente de a entregar nas mãos de seu Creador. Logo que o Padre Saytò acabou de espirar, disseram os guardas ao Padre Bento Fernandes, em como seu companheyro no tormento era falecido. Aqui o Padre Bento levantando os olhos, & mãos ao Ceo, entre estas palavras: *Por Paulo esperava:* deo sua feliz alma a Deos, & se foy com seu fiel companheyro lograr o premio do seu martyrio.

15 Succedeo depois huma cousa estupenda. Mandáram os Governadores, que os dous corpos fossem queymados na mesma fogueyra. Tanto que foram lançados no fogo, & se tocàraõ, como se hum fosse alma, & vida do outro, se saudáraõ entre si fallando na lingua Japoneza, & Portugueza, como se estiveram vivos, dando-se mutuamente o parabem da felicidade, em que já se viam. Outros escrevem, que no meyo das chamas se levantáraõ em pè, abraçàram, saudáram, & depois se encostáram nas chamas. Foy seu martyrio na Cidade de Nangazaqui aos dous de Outubro de mil seiscentos trinta, & tres, aos sincoenta, & quatro de sua idade, de Companhia trinta, & oyto, Professo de quatro votos, imperando em Japam Toxogunzama, presidindo Denxiro, & Mataza Yemon: tendo gastado com incançavel zelo na conversaõ dos gentios vinte, & sete annos.

16 Saõ na Cõpanhia muy celebres tres Religiosos nossos todos do nome de Bento, naturaes da Villa de Borba, & todos parentes, dos quaes foy hum o nosso ditoso Martyr Bẽto Fernandes, outro seu irmão do mesmo nome, & sobrenome; o terceyro o Padre Bento Pereyra bem conhecido por seus livros, particularmẽte pela Prosodia. Elle em obsequio de sua patria fez o poe-

ma seguinte, sobre estes tres do mesmo nome, que por ser tam elegante, o naõ quero passar em silencio.

Inclyta tres celebres Benedictos Borba tulisti,
Sanguine conjunctos, Religione pares.
Interpres Genesis senior Benedictus, ubique
Laudibus immensis docta per ora volat.
Pro Christo nuper Japonia sæva secundum,
Crudeli extinctum misit in astra nece.
Tertius est author Pereria Palladis, armis
Indutæ horrendis, pacificaque toga.
Hic mores scripsit populorum, & carmina Horati
Fecit Apollinea lucidiora face.
Illius indoctos divina Prosodia vates
Edocuit certis pangere metra modis.
Si tot Palladios flores in flore juventæ,
Uberis ingenii tot monumenta tulit:
Quot reddet fructus matura ætate? Minervæ
Cuncta voluminibus scrinia plena dabit.
Fertilitate soli dudum inclyta Borba fuisti:
At nunc es celebris fertilitate virûm.
Ergo sume novum nomen, Benedicta *vocare:*
Sic tribus his natis ter benedicta manes.

CAPITVLO X.

Vida, & morte gloriosa do Padre Luis Cardeyra.

Em Ethiopia aos 13. de Abril de 1640

1 O Padre Luis Cardeyra nasceo na Freguezia de Noss Senhora das Neves no termo da Cidade de Beja Arcebispado de Evora: seus pays se chamàram Cosme Verme lho, & Branca do Monte, ambos da gente nobre, & bẽ afazenda da daquella terra. Mãdáraõ a este seu filho aos estudos de Evo ra: alli o tocou Deos para entrar na Companhia; o que elle fe tendo 15. annos de idade aos 25. de Dezembro de 1600. nascẽ do á Religiaõ no mesmo dia, em que Deos nasceo para nòs em mundo. Dia de Reys se vestio da roupeta da Companhia, & co meçou a ser em Evora verdadeyro filho de tão santa mãy nella passou todo o tempo do Noviciado, & depois estudou La tim, & Philosophia. Naõ sei porque occasiam foy mudado par Coimbra, aonde estudou a sagrada Theologia; & neste tempo chamo

chamou Deos para as Missoens.

2 Elle as pertendeo com singular fervor, & as mereceo alcançar. No anno de 1611. se embarcou para a India com outros muytos Missionarios da Companhia; tiveraõ todos a boa fortuna de chegarem a Goa com vida; cousa que naõ he muy ordinaria em grande numero de Missionarios, porque cõmũmente os trabalhos da navegaçaõ os consomem, & acabaõ a algũs delles. Na India esteve doze annos occupando-se nos ministerios da Companhia de confessar, & prégar aos Christãos, & cathequizar aos gentios; assistindo á boa educaçaõ dos Seminaristas, para a qual teve muy especial modo, & direcçam. Depois offerecendo-se occasiaõ de passar a Ethiopia, naõ a quiz perder: navegou para aquelle Imperio em companhia do Padre Manoel de Almeyda, hum dos grandes Missionarios de Ethiopia, & escritor muy ajustado, & culto das cousas daquelle Imperio. Na viagem padecèram todos os incómodos, que em huma navegaçaõ infausta se costumam experimentar; já tempestades, já ventos contrarios, jà falta do necessario; que parecia terem-se conjurado contra esta jornada todas as miserias, que no mar padecem os disgraçados.

3 Em Dofar porto, & Cidade de Arabia foram obrigados a estar escódidos no poram da sua Galeota oyto mezes, & meyo; valendo-se deste escondrijo por naõ serem vistos dos Arabios, que vinhaõ à embarcaçaõ, os quaes sem duvida pelo menos lhe impediriam passar aos Reynos de Ethiopia. Todos estes sobresaltos, & apertos deraõ por bem empregados, quando por meyo de immensos perigos se viraõ metidos nas terras, que buscavaõ. As ancias, com que se entregáraõ a grangear almas para o Ceo, sam mais para se considerarem com o entendimento, que para se escreverem com a penna; que nunca, por mais que voe, as poderá alcançar. Dezaseis annos trabalhou neste campo inculto o Padre Luis Cardeyra, dando-se a todas as industrias, que o podião ajudar a elle, & aos demais Missionarios no seu trabalho. Além dos empregos cómuns a todos os que se occupavaõ na salvaçaõ das almas, tomou á sua conta ensinar aos Ethiopes a sua propria lingua. Teve o Padre Luis Cardeyra singular facilidade em aprender varias linguas. Na India tinha aprendido com todo o primor a lingua, que chamão do Norte. Na Ethiopia soube com suas perfeyçoens a lingua propria da Corte, & tambem a lingua dos seus livros, que tem diversidade entre si: & nesta materia se fez tam destro, que com admiraçaõ dos naturaes da terra,

compòz Arte, & lhe reduzio a sua lingua a preceytos. Outra Arte, com que tambem os assombrou, foy a da Musica, que ell sabia cabalmente, tocando com excellencia todos os instrumen tos musicos, de que usa a Igreja nos seus còros.

4 Para que o Culto Divino se fizesse, & tratasse com a ma gestade, & devoçaõ, que na Europa, procurou ensinar a alguns Abexins, que vio mais geytosos, assim a Musica, como a tocar o instrumentos Ecclesiasticos, & em breve tempo formou sua Ca pella, com a qual se celebravam mais apparatosamente os offi cios divinos. Servirão-lhe tambem muyto as Mathematicas, qu elle sabia; porque dando nellas suas liçoens, entre o ensino desta faculdades explicava aos Scismaticos as verdades solidas da I greja Romana: conciliando propensaõ a as abraçar, com veren por experiencia quam virtuosos, & sabios Mestres as autorizà ram; virtudes que elles naõ viaõ nos Mestres da sua ley.

5 Nesta conformidade com grande zelo se occupou em pro mover por todas as vias, que estavaõ na sua mão, as cousas d nossa Santa Fè; atè que o Emperador Scismatico de Ethiopi mandou sahir della ao Patriarca Affonso Mendes, & mais Pré gadores da Fè Romana. Ficáraõ alguns escondidos, & entre el les por Superior, & companheyro o nosso Padre Luis Car deyra. Dividiram se pelas terras de alguns Senhores grande que os quizeram occultar debayxo do seu patrocinio. Ma pode com os mais delles tanto o medo, & promessas do Empe rador, que os tratàram muy mal faltando à sua palavra. O nos so Padre Luis Cardeyra com o Padre Bruno Bruni, ou Brun de Santa Cruz natural de Roma, ficáram debayxo da protecça de hum Abexim chamado Zarà Joannes, o qual levado de su grande ambiçaõ, naõ só lhe tomou o Caliz, & mais alfayas, & ornamentos sagrados, & o q̃ nelles achou, mas os ouve a ambo por seus escravos, & como senhor se apossou de suas liberdades neste cativeyro estiveraõ, atè que Zá Mariam grande Catholico os resgatou, & tomou muyto à sua conta defender suas vidas, & pessoas; assim o fez com tanta fidelidade, que naõ reparou en perder fazenda, & vida nesta demanda.

6 Era este Principe Senhor de Temben huma das boas co marcas do Reyno de Tygrè, nellas ha hum monte chamad Ambà Salamà, que quer dizer, monte Santo, & de paz, muy for te por natureza. Alli se recolheo com os Padres, & muyto Christãos: nelle se fizeraõ grandes serviços a Deos, ouve grand frequencia de Sacramentos. Sabendo o Emperador, que aquell

fidalg

fidalgo tinha em seu poder aos Padres, usou todos os artificios que pode para que lhos entregasse: porèm nem as suas promessas, nem as suas armas o puderam vencer. Mandou cercar, & investir o monte, mas sempre com perda sua. Teve o fidalgo varias, & milagrosas victorias de seus inimigos, que o eraõ tambem da Fè: atè que veyo a ser morto pelo modo, que o Padre Telles refere no livro sexto da sua historia de Ethiopia.

7 Como a sua morte fosse depois de huma batalha, em que ficou vencedor; mas os seus fazendo-o morto, tratassem de se pôr em cobro, naõ se soube por espaço de tres mezes dos que ficáram no monte, que feyto fosse de Zá Mariam; atè que finalmente se certificàraõ, como, & por quem fora morto. Como elle era o unico amparo dos Padres, ouve muyto dalli por diante que padecer: a falta da agua os chegou a tantos apertos, que por naõ aver jà agua espremiam a lama de huma cisterna, para beberem, o que della se tirasse. Obrou nesta occasiaõ notaveis acções a caridade de alguns Christãos por naõ faltar agua aos Padres, decendo do monte com perigo evidente de cahirem nas mãos dos inimigos, que o rodeavaõ. Depois de terem padecido rigórosas sedes, offerecendoas ao Senhor em honra da que por nòs padeceo na sua Cruz; se dignou de lhes acudir com hũa copiosa chuva, & ficâram nesta parte remediados.

8 Semelhantes apertos tiveram na falta de vestidos, & foy necessario tirar o forro aos frontaes para se cobrirem; & como isto naõ bastasse, tratavam de se aproveytar dos pergaminhos, de que eram os livros do canto, que alli tinha o Padre Luis Cardeyra, & os intentavam desfazer. Nesta miseria tambem lhes acodio o Senhor cõ parte da esmola de roupa, que se lhe inviàra de Dio, & se lhe meteo no monte, pasmando todos, de que naõ viesse às mãos dos inimigos, que de continuo o rodeavam, & vigiavam.

9 Ainda que ouve muytos Catholicos leaes, naõ faltáraõ outros, imitadores de Judas, que intentáram meter no monte aos inimigos; mas foy Deos servido de os sentirem, quando elles no mayor silencio da noyte se quizeram introduzir. E com a boa repulsa que tiveram, ficando della muytos feridos, & maltratados, se desvaneceo a sua pertençam. Anno, & meyo se detiveraõ no monte depois da morte de seu protector Zá Mariam; fazendo nesse tempo o Emperador todas as diligencias, para decerem daquelle lugar: offerecendolhe grandes partidos, & segurança de suas pessoas, & mais Christãos, que com elles assistiaõ.

10 Me-

10 Meteo-se neste negocio o Irmão mais velho de Zà Mariam;& por grangear o agrado do Emperador persuadio aos Padres a decida, mostrando cartas do mesmo Emperador, em que lhes promettia debayxo de grãdes juramẽtos, ficariaõ em Ethiopia, vivendo elles, & os Christãos em lugar seguro. Bem viaõ os Padres, que naõ avia nestas promessas segurança, pois o Irmaõ do seu defensor era nos costumes taõ diverso delle, como na ley, por ser Scismatico, & o Emperador naõ tinha palavra de Rey. Com tudo vendo que da India lhes naõ viria soccorro de soldadesca com que os Christãos cobrassem algum alento; & que humanamente fallando naõ poderiam aturar muyto na altura daquelle monte, porque a falta do necessario, dia mais, dia menos, os acabaria de consumir: se resolvèraõ aprovar fortuna, que nunca por trabalhosa que fosse, o poderia ser mais que aquella, em que se viam, & esperavam ver.

11 Decéram pois daquelle alcantilado monte, & logo se vio, que todas as promessas foram palavras fingidas: porque chegou carta do Emperador, em que os mandava ir para huma provincia chamada Bur: & dalli a pouco chegou outra, que ordenava os levassem presos ao arrayal: naõ tardou muyto, que naõ viesse terceyra carta, que ordenava ao Irmaõ de Zá Mariam, por cujas persuasoens os Padres tinhaõ deyxado o monte, que os entregasse a Lussano criado do Emperador. Ficou com isto assustado aquelle Scismatico, temendo, naõ viessem sobre sua cabeça os juramentos, & excõmunhoens, com que elle se tinha obrigado à segurança dos Padres, que elle via ir de todo perdida: mas como a ordem era de quem era, nam teve outro remedio senaõ entregallos a Lussano.

12 Fingio Lussano encaminhar os Padres para a Corte, sendo que na verdade endireitou a jornada para hum lugar, que não distava muyto, em que avia huma celebre feyra, para lhes dar a morte naquella publicidade, porque assim seria ella mais infame. Entendeo esta disposiçaõ hum sobrinho Catholico do seu antigo protector; & o significou aos Padres, dizendo que Lussano tinha tençaõ de os enforcar no meyo daquella grande feyra. Deram os Padres graças a Deos pela mercè, que lhes queria fazer, & se confessáram hum a outro.

13 Naõ tardou muyto, que naõ chegassem a elles os algozes industriados por Lussano: despiram-nos de seus vestidos, deyxãdolhes sô os calçoens: atàram-lhes as mãos atraz, & nesta fórma os foram levando pelo meyo da feyra para o lugar do supplicio.

cio. Foy innumeravel o povo que cõcorreo a este espectaculo: pondo nelle os olhos o Padre Luis Cardeyra disse em vòz clara,& alta: Ouvime todos: Bemdito seja Deos, que nos dà tam gloriosa morte no meyo desta feyra publica, diante de tanta gente, assim como seu Filho Jesu Christo foy morto em hum lugar publico diante de toda a Cidade de Jerusalem. E logo disse a Lussano: Ouvime,& dizeynos, porque razaõ nos manda elRey matar, sendo nós Christãos que cremos, & prègamos a verdadeyra Fè de Christo verdadeyro Deos,& homem, que nasceo da Virgem Maria Mãy de Deos, morreo em hũa Cruz, resuscitou glorioso, subio aos Ceos, deyxou em seu lugar a Saõ Pedro por cabeça da Igreja?

14 Nesta fôrma hia o servo de Deos continuando em vòz alta, mas Lussano o interrompeo dizendo: Vós hoje nos prègais? hoje naõ he tẽpo de ouvirmos prégaçaõ, senaõ de executarmos o que elRey nos manda. Disse entam o Padre Bruno: Dizeis bem; porque hoje he dia de prégarmos a Fè com nosso sangue,& com nossa vida morrẽdo por ella, & pela verdade da doutrina, que ensinamos: eu ha vinte, & dous annos, que ando buscando este dia: mil graças vos dou, Deos,& Senhor meu, por me deyxardes chegar a esta hora taõ ditosa: aceytai, Deos,& Senhor meu, nossa morte pela confissaõ de vossa santa Fé, & satisfaçaõ de nossos peccados.

15 Acabando de dizer estas palavras, se virou para o Padre Luis Cardeyra,& lhe pedio como a seu Superior, lhe benzesse a corda, em que elle avia de ser dependurado na forca: Porque cõ a bençaõ de vossa Reverencia (dizia elle) possa morrer por obediencia como Christo: *Obediens usque ad mortem.* Disse entam o Padre Luis Cardeyra: Deos nosso Senhor benza esta corda, benza este lugar, benza todo este Reyno de Tygrè, & todo este Reyno de Ethiopia regado com o sangue de tantos Martyres: venham sobre elle do Ceo todas as bendiçoens do Psalmo sessenta,& quatro: *Campi tui replebuntur ubertate:* & foy repetindo todo o Psalmo na lingua do seu livro, causando nos Catholicos grande devoçaõ, & admiraçaõ nos hereges, por verem quam bem pronunciava as palavras.

16 Depois os Ministros daquella crueldade subiraõ em primeyro lugar ao Padre Bruni no alto da escada,& metendolhe o baraço no pescoço, o deyxàram cahir, & morreo brevissimamẽte. O mesmo fizeram logo ao Padre Luis Cardeyra com o mesmo successo, repetindo em quanto teve alento o Santissimo Nome

me de Jesu. Deste modo sahiram daquella feyra para a gloria mais ricos, que quantos nella tinhaõ feyto os melhores avanços, & empregos. Nẽ essa pouquidade de vestido, q̃ lhe tinhaõ atè alli permittido, lhe deyxàram os algozes, ficando os ditosos corpos todos do Ceo, por naõ terẽ sobre si cousa algũa da terra.

17 Desta sorte estiveram dependurados naquelle lugar por espaço de quatro dias, até a Dominga da Payxaõ, em cuja tarde cortandolhes os baraços, os levâram a rasto a hum outeyro vizinho, aonde os deyxáram sem sepultura, para que as feras os comessem: estando de vigia ao largo alguns soldados, para que tendo lugar de chegarem as feras, o naõ tivessem os Catholicos para os recolher. Mas que cousa podem as diligencias dos homens contra as disposiçoens de Deos? No dia seguinte nem corpos, nem vestigios, de que alli estivessem, se puderam descobrir: prodigio que mostra bem o cuidado que Deos tem de quem o serve. Os Scismaticos attribuiram esta maravilha a feytiços; pois estavaõ certos, que homens os naõ tinhaõ tirado, & se as feras os comessem, deyxariam grandes vestigios. Naõ se deo por satisfeyto o odio, que Lussano tinha à nossa Santa Fè, com ver mortos os Mestres, que a ensinavam. Fez vir todo o fato dos Padres, livros Sagrados, ornamentos, & hum Crucifixo de marfim, obra muy perfeyta, que lhes deyxára o Patriarca Affonso Mendes. E feyta huma grande fogueyra, quebrou com hũa pedra o Santo Crucifixo, lãçou-o no fogo com todas as mais cousas que achou no fato dos Padres, para que delles nenhuma memoria ficasse em Ethiopia.

18 Foy o P. Luis Cardeyra devotissimo do Sãtissimo Sacramento, & da Virgem Senhora; em suas acçoens tam composto, & modesto, que o P. Telles q̃ o conheceo Theologo em Coimbra, diz q̃ lhe parecia imagem de homem santo: no seu trato foy por estremo amavel, de hũa prudẽcia sem dobrez, a cõdiçaõ toda aurea, dotado de prendas naturaes muy singulares, que todas empregou em servir a Deos, & ao proximo; & com estes serviços mereceo a Coroa do martyrio. Naquelles quatro dias, que os corpos estiveram no patibulo, se naõ sentio sinal algum de corrupçaõ, antes cheyro muy suave, como do mais precioso holocausto nos olhos divinos. Acabàram estes dous Confessores de Christo aos treze de Abril de mil, & seiscentos, & quarenta, como tem em huma carta sua o Patriarca Affonso Mendes. O Agiologio Lusitano os traz em vinte de Fevereyro: nam teve neste particular as noticias tam certas, como o nosso

Padre

Padre Balthezar Telles na sua historia de Ethiopia, da qual recolhi, o que aqui fica escrito do Padre Luis Cardeyra. Cuja vida traz, mas muyto abreviada, o Padre Alonso de Andrade no sexto tomo. Delle tambem o Padre Mathias Tañer nos Martyres da Companhia, & Padre Alegambe nas Mortes illustres.

CAPITVLO XI.

Do Padre Gil de Abreu, & Irmaõ Manoel Lobo.

1 O Padre Gil de Abreu, como vulgarmente o trazem os livros, ainda que no segundo das entradas deste Noviciado, aonde se conservaõ duas firmas suas, elle se escreve Gil da Breus, nasceo em Campo Mayor, huma das melhores villas da Provincia do Alentejo no Bispado de Elvas: seus pays se chamáram Balthezar Alvres, & Brites Lourenço: ponho sempre nestas vidas os nomes dos pays de tam gloriosos homens, por fazer esta pequena honra, que he a que só posso, a quem nos deu filhos, que com suas vidas, & mortes nos authorizàram. De seus primeyros annos se creou na Cidade de Elvas em casa de hum seu tio Conego daquella Sè, por nome Gil Fernandes de Abreu. Este o creou em bons, & santos costumes, livre dos desconcertos, em que dam às vezes os primeyros annos mal disciplinados. Tinha elle pensamentos de renunciar a prebenda em seu sobrinho; porèm o menino se mostrava muy alheyo destas honras, & proveytos, com que o mundo nos procura fazer seus. Significoulhe, que a sua propensaõ o levava a servir a Deos em o retiro de alguma Religiaõ; por tanto lhe pedia por mercè, o mandasse estudar a Evora, para com os estudos se habilitar á execuçaõ dos intentos, que dentro em seu coraçaõ sentia. Nam era o tio daquelles que o queria para o mundo; por isso em tudo se accommodou com a vontade do sobrinho.

Na nova Batavia anno de 1622.

2 Estudou em Evora atè os 18. annos de idade, em que entrou na Companhia aos 13. de Julho de 1611. sendo Mestre dos Noviços o Padre Jacome Monteyro. Em Evora teve todo o seu Noviciado, & depois estudou as faculdades, que costumamos; sempre com os olhos nas missoens, para as quaes queria elle ir jà habilitado nos seus estudos. Procedeo sempre como verdadeyro filho de Santo Ignacio. Pertendeo, & alcançou a ditosa sorte de ser Missionario de Japam; ainda que naõ chegou ao termo de seus intentos: porque passando a Goa, & dalli na

primeyra

primeyra mossaõ fazendo-se à vela para o Japam, no estreyt
de Sincapura foy tomada a Galeota, em que hia, de huma na
Olandeza.

3 Conhecido por Sacerdote, foy levado a Batavia na Ilh
Java mayor, que he a Cidade principal dos Olandezes, & cabeç
do estado, que tem na India. Meteraõ-no dentro do Castello d
Cidade em hum apertado carcere, no qual esteve fechado dou
annos padecendo infinitas miserias; rarissima vez o deyxavam sa
hir ao Castello; sendo que ainda que quizesse, naõ lhe era poss
vel fugir delle. Naõ eram estas permissoens, para que o Padr
tivesse algum alivio nas suas molestias, mas para lhas acrecẽtar
fazendo delle objecto de innumeraveis ludibrios. As fome
que alli padeceo, foram inexplicaveis, apenas lhe davaõ com qu
ter mão na vida, que elles queriam durasse para padecer mais

4 Fez o Padre naquelle lugar de morte muytos frutos d
vida eterna: estavam tambem com elle prezos alguns Catholi
cos, a quem com suas palavras animava, ensinando-os a fazer d
necessidade virtude, & daquellas miserias degrao para o Ceo
Para mais os consolar, visto nam poder dizer Missa, represent
valhes os sagrados mysterios, formava seu altar, benzialhes agua
& por este modo fez daquelle carcere lobrego casa de devoçaõ
& aos companheyros em tudo verdadeyros Catholicos.

5 Naõ se occupava o seu zelo sò no bem dos Catholicos
prezos, procurou reduzir aos hereges declarandolhes as verda
des da Igreja Romana, & de como sô nella avia salvaçaõ; & co
mo huma, & muytas vezes lhes persuadisse, que a abraçassem, s
enfurecéram contra elle, & sobre as injurias que lhe disseram
descarregáram nelle tal tempestade de pancadas, que dellas em
breve tempo veyo a morrer, & daquelle lugar triste, & tenebro
so passou à gloria immortal no anno de 1622. tendo onze de
Companhia, & de idade vinte, & nove; o dia, em que morreo, s
naõ sabe.

No mar da India aos 28. de Outubr de 1568.

6 O Irmaõ Manoel Lobo nasceo em Evora. Seus pays s
chamàram Francisco Lobo, & Isabel Gonçalves. Tendo vint
annos de idade, aos 27. de Dezembro de 1557. entrou na Compa
nhia, & aqui passou os annos de Noviciado. No anno de 156
passou à India com desejo de salvar almas, q̃ saõ as unicas rique
zas q̃ là vaõ buscar os filhos da Companhia. Passavaõ de Cochin
para Goa o Padre Francisco Lopes, em sua companhia hiam o
Padres Antonio Dinis, Diogo de Carvalho, & Irmaõ Manoe
Lobo, todos da Companhia de Jesu.

7 En-

7 Encontrouse a sua nao com quinze fustas de Mouros,que andavam a corço naquelles mares. Conhecendo ser nao de inimigos,a investiram.Ella as desviava cõ a artelharia fazendo grãde estrago.No calor da pendencia,por disgraça cahio huma faisca na polvora da nao,com o qual incendio voou logo o tabulato,que estava sobre a polvora,& a nao se começou a resolver em chamas. Nestes apertos considerando os Padres,q̃ ou aviam de perecer abrazados do fogo,ou engolidos do mar; concebéram algumas esperanças,de que lançando-se às ondas,poderiam evitar a morte,ou fazendo-se na volta da terra, que naõ estava longe,ou valendo-se das fustas inimigas , que estavam perto. Por tanto se entregàram às ondas fazendo cara a diversos rumos. O Padre Diniz,que fiava mais da sua arte de nadar, demandou a terra,sahio na praya,foy cativo dos naturaes , & dalli a alguns tempos resgatado.

8 Os demais forcejàram por chegar às fustas dos Mouros. Abordando a huma dellas o Padre Francisco Lopes foy recolhido pelos Mouros,os quaes pela coroa conhecendo ser Sacerdote,fizeram muytas instancias, para que deyxasse a Fè. Vendo que se naõ dobrava,lhe deram muytas lançadas,& arremeçàraõ às ondas. O mesmo fizeraõ ao Padre Carvalho , & Irmão Manoel Lobo. Bem sey,que na Historia da Provincia de Goa, que está para sahir a luz , se diz aver duvida destes dous, se foram mortos em odio da Fè,ou da naçam. Que foram em odio da Fé,ha disso testimunhos,ou memorias,que o dizem.O Catalogo antigo,onde se lançaõ os Missionarios, que de Portugal vam para a India,o nota cõ o final,que aos mais, que padecèraõ martyrio. O Padre Alegambe no Catalogo dos Martyres da Companhia,que traz no fim da sua Biblioteca, conta entre elles ao Irmaõ Manoel Lobo. Na Capella do Collegio de Evora entre os outros payneys dos Martyres da Companhia, está hũ do Irmaõ Manoel Lobo por morrer em odio da Fè; & he paynel antigo. Foy sua morte aos 28. de Outubro de 1568. Este Irmaõ ainda que entrou para estudante, depois quanto infiro das noticias,que delle acho, passou para o estado de Irmaõ Coadjutor temporal.

CAPITVLO XII.

Vida do Bispo D. Apollinar de Almeyda; de seus primeyros annos, occupaçoens na Companhia atè ser eleyto Bispo.

Em Ethiopia 9. de Junho de 1638.

1 AInda que este Santo Noviciado naõ tivesse sido morada de outros varoens excellentes, bastava para se ter por feliz, o ter vivido nelle parte do seu Noviciado o Illustrissimo Bispo, & Martyr D. Apollinar de Almeyda, homẽ em vida, & em morte grande; escolhido com sinaes evidentes do Ceo para a gloria do martyrio, com que Deos o honrou a elle, & a toda a Companhia. Nasceo este excellente homem em Lisboa, aos 22. de Julho de 1587. dia da gloriosa Magdalena, a cuja Freguesia pertence a rua do Principe, em que moravam seus pays: chamavaõ-se estes Joaõ Gomes de Coimbra, & Maria Jorge. Como tiveram este filho nas vesporas de Santo Apollinar Bispo, agradoulhes este nome, & ordenàram se lhe puzesse no bautismo: na pia da Paroquia da Magdalena foy bautizado dia de S. Ignacio; & pòde por esta causa fazer aquella Igreja a estimaçaõ da sua pia, q̃ faz a Sè da mesma Cidade daquella em q̃ recebeo a primeyra graça o nosso Portuguez S. Antonio. Foram seus padrinhos o celeberrimo Arquitecto Filippe Terço, & D. Maria filha de hũ gentil-homẽ da chave dourada do Cardeal Alberto, que era Vice-Rey de Portugal. No tempo, que o baptizado chegou a casa de seus pays, foy celebrado com trombetas, & charamelas, que sem serem convidadas para tal funçam, se acháram alli presentes; significando o Ceo tacitamente por aquellas vozes, que aquelle menino seria huma esclarecida trombeta do Euangelho. Deo isto muyto que murmurar na visinhança, que por ser cousa desusada, devia de o attribuir, como em semelhãtes he estylo do mundo, ou a liviandade, ou a outra alguma razaõ digna de se censurar: nam entendendo, que muytas vezes por estas cousas, nos olhos dos homens accidentarias, explica Deos o seu particular agrado.

2 Referia sua mãy, que foy mulher muy prudente, & virtuosa, que antes de nascer este filho, & depois que veyo a luz, tivera acerca delle muytos sonhos mysteriosos, significadores do estado que avia de ter, & dos serviços, que avia de fazer a Deos. Especialmente contava, que huma noyte dandolhe o peyto para mamar, chegára a elle hum menino muy fermoso, vestido de

verm

ermelho,& por duas vezes lhe dissera claramente estas pala-
ras: *Ora sus, aparelhate para o martyrio.* Aconteceo, que neste
empo,que a mãy o creava,com enfermidade muy penosa lhe ca-
iram os bicos dos peytos, de que padeceo grandes dores: en-
am se persuadio,que este era o martyrio, para que o menino dis-
era se aparelhasse,& que as suas vozes se dirigiam à mãy, & naõ
o filho. Nacerão-lhe depois outros bicos nos peytos, mais do
eu agrado,que os primeyros; o que ella teve por milagre evi-
ente,& particular favor do Ceo. Vivendo nesta opiniaõ, mu-
ou della, quando nos tempos adiante vio ao seu Apollinar fey-
o Bispo para servir a Deos entre inimigos de sua fè;entam aca-
ou de entender as palavras,que o menino dissera, & que a ella
em lhe lembravaõ,& que sem duvida queria dizer, que Apol-
inar seria martyr,como o veyo a mostrar o tempo.

3 Cinco annos contava de idade, nos quaes naõ sabẽdo ain-
a nem ler,nem escrever,fez perfeytamente o seu nome no prin-
ipio de hum livro; & diz o Autor do Agiologio, que por esta
ausa se guardava com respeyto o tal livro. Depois sendo man-
ado à escola,dẽtro de tres annos aprẽdeo a ler,escrever,& cõtar;
tambẽ as artes de dançar, & tanger, que soube com excellen-
ia;para tudo tinha na sua habilidade singular promptidam.Era
menino Apollinar de cores muy alvas, & por esta causa se
eyxava ver melhor na fonte direyta huma perfeyta mitra de
eas azuis,que ou a natureza,ou a graça alli pintàra como sinal
e que avia de ser Bispo.Porèm estava esta mitra com as pontas
ara bayxo,& as estolas para sima: como a cousa nada tivesse de
õmua, & vulgar,entrou a curiosidade a levãtar figura ao me-
ino,& disseraõ algumas pessoas, que aquelle sinal denotava,
ue avia de ser Bispo, mas em partes muy distantes: o effeyto
anonizou o seu dito,como tambem o seguinte do Conde Dom
Antonio de Ataide,que foy Governador deste Reyno.

4 Andava o menino Apollinar brincando em huma sala do
aço deste Conde,com hum seu filho de iguaes annos: acaso
entrou certa pessoa de fóra, & imaginando que Apollinar era o
ilho do Conde,lhe começou a fallar por Senhoria; & como hũ
riado de casa advertisse ao hospede,que o outro, & naõ aquelle
era o filho de seu Senhor;chegando neste tempo o Conde,& en-
endendo a advertencia,que se fazia ao hospede,disse: *Bem dada
està a Senhoria, porque primeyro Apollinar ha de ser Bispo, que
Bernardo.*

5 Mandàram-no seus pays ao estudo da Cõpanhia no Col-

legio de Santo Antaõ; & em breve tempo se foy descobrindo a felicidade de seu engenho, memoria, & singular talento: entre os condiscipulos notoriamente se adiantava no saber. Ajuntava cõ estas excellentes prendas da natureza, as da graça, que as fazem mais subidas, & estimadas. A compostura, & modestia de todas suas acçoens, tam postas todas em seu lugar, o faziaõ parecer mais Anjo, que homem: daqui nacia levar apòs si todos os affectos dos Religiosos que ensinavaõ naquelle estudo, tendo todos singular agrado em verem tantos dons do Ceo no menino Apollinar. Deos, que com elle queria hõrar a Companhia, o affeyçoou a se abraçar com seu instituto; ficàram os Padres por extremo alegres com tam boa resoluçaõ. Naõ sey, se no tempo, que pertendia entrar na Religiaõ, se sendo já Noviço, pondo nelle os olhos o grande Doutor Francisco Soares Granatense disse para os nossos Religiosos: *Padres meus, façam muyto caso deste menino, que ha de ser homem grande.* Naõ deraõ os Padres noticia alguma a seus pays dos intentos de Apollinar; deviaõ temer, naõ o apartassem de propositos taõ santos, como fazem muytas vezes, cuidando que perdem os filhos, quando os metem nas mãos de Deos.

6 Tinha de idade quatorze annos, tres mezes, & meyo; era estudante da quarta classe dos estudos do Collegio de Sãto Antaõ, quando entrou na Companhia aos cinco de Novembro de 1601. em o Noviciado de Lisboa, que entaõ era na quinta de Campolide; era delle Vice-Reytor o Padre Francisco de Araujo; alli passou a mayor parte do seu Noviciado, como consta do livro das entradas, pois ainda em vinte de Mayo de 1603. estava na mesma casa. Depois foy mandado para Evora, aonde fez os seus votos. Nem obsta a isto dizer o Padre Balthezar Telles na sua Historia de Ethiopia, que o Padre Apollinar de Almeyda tivera o seu Noviciado em Evora, antes naõ pòde ser, tivesse mais, que os ultimos mezes, pois o livro das entradas de Lisboa deve nesta materia ter mais credito. Elle nos de Evora se nam acha; succede este descuydo muy de ordinario nos que aqui vem acabar o seu Noviciado. O Agiologio diz, que fora mandado para o Collegio de Evora, & que nelle tivera a mayor parte do seu Noviciado.

Hist. de Ethiop. liv 6. c. 29.

7 Os procedimentos do Padre Apollinar em todos os tempos foram de homem da mão de Deos. Ainda depois de ser Bispo, nam parecia ter deyxado de ser Noviço; tal era a sua modestia, tal o recolhimento, & recato que se via nas suas acções. E

tudo

udou letras humanas,& Philoſophia em Evora , ſahindo muy
abal neſtas faculdades. Logo enſinou por ſeis annos as letras
umanas atè a primeyra claſſe na meſma Univerſidade; depois
mãdârão enſinar Rhetorica a Coimbra,& começando pela ſe-
ũda claſſe,della paſſou à primeyra: tres annos foy alli Meſtre,
todos tres a fio orou da Rainha Santa Iſabel, que he hũa das
cçoens mais luzidas,que ha naquella celeberrima Univerſida-
e;couſa foy eſta tam particular , que depois do grande Meſtre
e Rhetorica,& afamado Orador Pedro de Perpinhaõ,a nenhum
utro ſabemos ſuccedeſſe,mais que ao Padre Apollinar de Al-
neyda: no qual concorriam todas as partes , que ſe requerem
ara formar hum excellente orador: porque alèm de ter grande
loquencia, a voz, & o meneo da acçam em tudo era plauſivel,
cheyo daquella graça roubadora dos affectos,& q cõ hũ parti-
ular ſegredo aſſim os apriſiona,que os enleva , ou para melhor
izer,os encanta. Na poeſia Latina era de eſtylo ſublime , em
udo aureo,& poeta ſingular. No Collegio de Santo Antaõ en-
nou Philoſophia;em todos eſtes magiſterios os applauſos eram
guaes,porque o era elle no aceyo,com que os fazia.
8 Depois o promovèraõ a ler Eſcritura em a Univerſidade
e Evora,na qual ſuccedeo ao Patriarca Affonſo Mendes. Na-
uelles tempos naõ ſe fazia o provimento deſta cadeyra pelo
nodo que ha poucos annos ſe introduzio ; porque a cadeyra de
Eſcritura nam era como degrao para as outras; mas quem a lia,
nam paſſava della. Fazia a tal occupaçaõ os annos,que a obedi-
encia ordenava: eſcolhião-ſe para ella homens em todas as fa-
culdades,que profeſſamos,eminentes;grandes nos latins , & no-
ticioſos das outras linguas,que ſervem para expoſiçaõ das divi-
nas letras,de talentos ſingulares para os pulpitos,em huma pala-
vra,homens,que pudeſſem ſer prototypos de Prègadores. Daqui
veyo a aver em tempos paſſados lentes de Eſcritura na Univerſi-
dade de Evora,tam feytos nas letras divinas , como ſe vè dos eſ-
critos,& livros cheyos de immẽſa doutrina,que imprimiram : a-
penas creyo averà Univerſidade, que os tiveſſe neſta faculdade
mais eminentes: bem conhecidos ſaõ o Padre Sebaſtiaõ Barra-
das,Franciſco de Mendonça,Bras Viegas , & outros que nam ha
porque referir,dos quaes hum ſó baſtava para autorizar huma
Univerſidade,quanto mais huma ſò cadeyra. Para eſta occupa-
çaõ foy eleyto o Padre Apollinar , porque as ſuas prendas en-
chiam muy bem o lugar,que tinhaõ occupado taes homens , &
acabava de occupar o Patriarca Affonſo Mendes taõ grande por

ſuas letras,& virtude,como todos ſabem,os que tem noticia de ſuas couſas.

9 Neſta cadeyra ſe graduou Doutor em Theologia aos 19. de Junho de 1624. & enſinou as divinas letras, atè que a ſanta obediencia ſe quiz ſervir delle em miniſterios mais altos, quaes ſam os de ſalvar almas. Foy eleyto Biſpo de Nicea, para ſer em Ethiopia futuro ſucceſſor do Patriarca Affonſo Mendes, a quẽ ſuccedéra na cadeyra. Em Evora foy ſagrado por Dom Joſeph de Mello Arcebiſpo da meſma Cidade; & por Dom Frey Manoel dos Anjos Biſpo de Fez,& Dom Frey Thomè de Faria Biſpo de Targa;a qual ſolemnidade ſe fez na Igreja do noſſo Collegio.

CAPITVLO XIII.

Do que lhe ſuccedeo atè chegar a Ethiopia.

1 DE Evora paſſou o novo Biſpo a Lisboa para ſe a- preſtar para a viagem da India. Tinha elle por re- petidas vezes,& ainda com cartas de ſangue pedido aos Superiores,o deyxaſſem ſervir a Deos nas Miſſoens da India; o que nam alcançou,porque para ſugeytos de tal esfera, ſempre eſtas petiçoens tiveram os deſpachos difficultoſos; porèm o que elle naõ conſeguira com as ſuas cartas de ſangue, lhe entrou pelas portas,quando menos o imaginava,& ſó lhe pezava vieſſe o deſ- pacho junto com a honra de Biſpo, que elle de nenhum modo queria.

2 Em Lisboa morou na caſa de Saõ Roque,em quanto nam chegou o tempo de ſe fazer à vela;vivendo em tudo como ſe ainda foſſe ſubdito dos Superiores da Companhia. As manhans ſe lhe hiam todas no Confeſſionario, de tarde acodia ás viſitas dos Senhores da Corte,porque de todos era buſcado. O veſtido foy ſempre preto,como o da Companhia; reparou niſto o Ar- cebiſpo de Lisboa Dom Affonſo Furtado, eſtranhandolhe,que naõ veſtiſſe de roxo:deſculpouſe com toda a modeſtia,dizendo: *Senhor,uſo de negro por me nam eſtranharem os Ethiopes.* Paſſava elle de Lisboa a Palmela, para ſagrar a Dom Jorge de Mello Prior mòr dos Freyres de Santiago, o qual era promovido ao Biſpado de Miranda. Diſſelhe ſua mãy,que levaſſe hum rochete cuſtoſo,& de preço,que no dia da ſagraçam lhe dera o Arcebiſ- po de Evora;reſpondeo-lhe: *Minha mãy, he muyta renda para* *tan*

am pouca;basta-me hum dos que ella me fez, o qual por ser das suas mãos, estimo muyto mais. Naõ era a humildade do Padre Apollinar para semelhantes concertos ; mas o appetite da mãy naõ se dando por contente, imaginando, como assim era, que seu filho, no que dizia, obrava levado da boa creaçaõ, que tivera na Companhia, lhe replicou: *Ora filho, levai o rochete bom, & nam sejais desse modo, que jà nam sois filho da Companhia.*

3 Palavra foy esta, que chegou muy ao vivo ao Padre Apollinar, encheo-se de huma santa colera, contra o seu natural, que era brando, & batendo com a mão na cadeyra, disse com voz de quem estava sentido: *Senhora, muyto me desconsolou vossa mercè agora; eu sou filho da Companhia, & filho della hei de morrer.* E logo acrecentou palavras, em que significava, que naõ aceytaria honra alguma deste mundo, se por isso ouvesse de deyxar o ser filho da Companhia.

4 Chegàram finalmente os 20. de Abril de 1628. em que o Padre Apollinar de Almeyda se avia de entregar aos mares. Ouve nesta despedida muytas lagrimas dos amigos, & parentes, & muytas de seus pays, que se dohiam pela certeza, que tinham de o naõ tornar a ver: sò os olhos do Santo Bispo se viam enxutos: a todos consolava, especialmente a seus pays, aos quaes tomando a bençam por despedida lhes disse: *Que descansassem porque Deos nam lhes avia de faltar, em quanto tivessem vida.* Assim o experimentàram, vivendo muy honrados, & ricos dos bens da terra, & dos bens do Ceo.

5 No dito anno de 1628. com huma gloriosa esquadra de Missionarios da Companhia, pois passavam de 40. se fez à vela sahindo pela barra de Lisboa. Na mesma occasiaõ hia por Viso-Rey da India Dom Francisco Mascarenhas, porèm os tempos corrèram tam contrarios, que foram obrigados a arribar outra vez ao Reyno. No anno seguinte se tornou a embarcar em a nao Capitania, cujo nome era o de Sacramento; nella hia tambem por Viso-Rey Dom Miguel de Noronha Conde de Linhares, porque assim como a viagem de Dom Francisco se tinha malogrado, se malogrou tambem da mesma sorte o seu governo. Fez o Conde de Linhares toda a estimaçaõ da pessoa do Bispo, & toda mereciam os santos exemplos de virtude que deo naquella viagem: porque elle sem excepçaõ de pessoas a todos acodia, consolando os tristes, pacificando os discordes, assistindo aos enfermos, & confessando a todos.

6 Aos 21. de Outubro deo a nao Capitania fundo em Goa.

Quan-

Quando chegou,avia Sé vacante;rogoulhe o Cabido com o go-
verno daquella Igreja,fazendolhe grandes instancias,& naõ me-
nores partidos; a nada deo o Bispo ouvidos, porque tinha os o-
lhos,& o coraçaõ na sua Ethiopia. No tempo,que se deteve em
Goa,exercitou os ministerios de Bispo. Sagrou tambem em Bis-
po ao Padre Joam da Rocha da nossa Companhia, que fora do
Reyno com o Patriarca;& este Padre era, o que avia de ir para
succeder ao Patriarca,conforme o que se tinha disposto.Porèm
estavam as cousas em taes alturas, que o Bispo Dom Joaõ da
Rocha naõ podia partir naquella monçaõ para Ethiopia.

7 Offereceo-se o Bispo Dom Apollinar para aquella jor-
nada,que estava á porta, & avia de ser no mez de Novembro.
tam valente,& alentado era o espirito deste santo homem, que
depois de huma viagem tam trabalhosa,como he a da India, em
menos de hum mez se meteo noutra, que naõ era de menores
trabalhos;mas como elle se hia em demanda destes,descansar e-
ra para elle padecer mais. Aos dezoyto de Novembro proxi-
mo se fez à vela para a Cidade de Dio, aonde aportou em vinte,
& sinco de Março. Levava comsigo ao Padre Joseph Giroco
Neapolitano da nossa Companhia ,& a hum Sacerdote Capel-
laõ do Patriarca, que se chamava Manoel Magro. De Dio se
fizeram na volta do Estreyto do mar Roxo; atè às portas delle
os favoreceo o vento,alli se póz contrario; & foram obrigados a
deyxar Suaqhem, que he a escala de Ethiopia,para cujo Gover-
nador levavam os passaportes correntes;& tomar porto na Ilha
Camaranè,que cahe nas partes de Arabia,aonde nada lhe valiaõ
os seus passaportes.

8 Foram com tudo bem recebidos , pelos lucros,que os da
terra esperavam; presenteàram ao Baxá, que estava ausente ; o
qual se alegrou por extremo, quando soube vinham alli Padres,
por ter para si,que eram muy ricos,& dizia, em como os annos
antes achando-se em Alexandria,foram alli tomados quatro da
Companhia que passavam a Ethiopia, sem se fazer caso dos pas-
saportes,por quanto se julgou, que eraõ espias, que com aquel-
le pretexto hiam tomar noticias da terra. E dizia, naõ sahiram
da prizam,senaõ resgatados por dez mil patacas ; ainda que na
verdade, só tinhaõ custado seis mil. Com tudo dizendolhe os
Turcos,que levavaõ o presente, que os Padres eram pobres , &
que aportáram alli fiados nos formoens do Baxá de Suaqhem,
& que por seu respeyto se faziaõ boas passagens aos mercadores
Turcos, que negociavam em Dio,se pòz de melhor condiçaõ,
&

& mudou seus pensamentos.

9 Deo licença aos Padres para cõtinuarẽ a sua derrota; elles se embarcàraõ em huma Gelva para Maçuà aos doze de Julho; por serem os ventos pouco favoraveis, gastáram quatorze dias em passar aquella travessa, a qual ajudando os ventos ordinariamente se vence em dous, ou tres dias. Chegado a Maçuà, que he a terra maritima por onde se entra no Sertaõ da Ethiopia, como levavaõ correntes os passaportes assim do Baxà de Suaqhem, como tambem do de Arabia, naõ ouve impedimento algum que interrompesse a jornada. Por tãto sahindo de Maçuá aos dez de Agosto, aos vinte entráram na povoaçaõ de Fremonà, que era dos filhos daquelles Portuguezes, que em companhia de Dom Christovaõ da Gama tinham militado em Ethiopia.

10 Tinha o Emperador avisado a hum seu genro, cujas terras, & dominio ficava para Maçuà, que recolhesse ao Bispo em chegando, & que lhe viesse fazendo escolta com sua gente de guerra, atè o pór em lugar seguro; assim o fez aquelle Principe, que era bom Catholico, & em sua companhia, & de hum Padre nosso chegou o Bispo a Fremonà. Nesta povoaçaõ se deteve tres mezes atè passar o Inverno, que naquellas terras acaba em Setembro: tambem nos dous mezes seguintes de Outubro, & Novembro se naõ póde ir adiante por respeyto de hum deserto de dezoyto legoas, no qual por aquelles mezes he tam pestilente o clima, & tam abrazado com os rayos do Sol, que nam dà lugar a passagem. Em o permittindo o tempo, que foy pelos fins de Novembro, bem acompanhado se partio o Bispo para Dambeá, que he o Reyno, aonde ha huma grande alagoa, em que o Nilo entra, & sahe, a qual os Abexins chamaõ mar de Dambeà, & tem de comprimento mais de trinta legoas, cõ muytas Ilhas pelo meyo.

11 Huma jornada antes do Dancáz, aonde estava o arrayal do Emperador, veyo o Patriarca Affonso Mendes esperar ao Bispo: entráram no arrayal aos 16. de Dezembro de mil seiscẽtos, & trinta, sahindo toda a gente, que alli se achou, a receber o novo Prelado. No mesmo dia foy visitar ao Emperador, que o recebeo com sua costumada affabilidade, que era muyta, deolhe as cartas del-Rey, & do Viso-Rey da India, & tambem o presente, que este lhe mandava, que constava de muytos brincos, & peças da India; de tudo fez a devida estimação. Quinze dias se deteve no arrayal, depois se retirou para a casa do Patriarca, que ficava na Comarca de Anfras, quatro legoas distãte do arrayal.

CAPI-

CAPITVLO XIV.

Do que lhe aconteceo em Ethiopia, & como foy desterrado.

1 TEmos ao Bispo metido na sua Ethiopia, na qual Deos o queria aperfeyçoar com excessivos trabalhos, para o coroar depois com a laureola de Illustrissimo Martyr. Entre outros Breves, que o Bispo trazia do Summo Pontifice, vinha hum do Jubileo plenissimo, q̃ no anno de mil seiscentos, & vinte, & cinco se tinha ganhado em Roma, o qual Sua Sãtidade estendia para os Christãos da Ethiopia Estimou-o muyto o Emperador, em cujo arrayal, que he a Corte destes Emperadores, o publicou o Patriarca, & dalli se cõmunicou às mais Christandades do Imperio com grande utilidade das almas, devoçaõ de todos, & muyta rayva dos Scismaticos, particularmente dos seus Monges, que eraõ os capitaes inimigos da Fè Romana. No Inverno de mil seiscentos trinta, & hum anno, em que o Patriarca se esteve em sua casa compondo, & vertendo na lingua da terra hum livro muy proveytoso para as cousas daquelles tempos, o Bispo assistio na Corte fazendo suas vezes no governo das cousas Ecclesiasticas. Explicava os lugares difficultosos da santa Escritura. Antes da festa da Assumpçaõ da Senhora fez huma solemne novena, a qual se veyo a acabar com huma grande procissaõ.

2 Com estes, & os mais exercicios de nossa santa Religiaõ, se procurava a reducçam dos Scismaticos, & adiantava a devoçam dos Catholicos; assistindo a piedade do Emperador Seltam Segued, (este era o seu nome) com o seu Real patrocinio, como Catholico Romano, que era; atè que o cõmum inimigo por meyo de seus ministros, aproveytando-se de toda a variedade de occasioens, lhe meteo na alma hum grande medo de perder o Imperio, senaõ permittia aos seus viverẽ nos costumes, & ley de seus antepassados, que he a crença dos Alexandrinos no Egypto. Tomada esta resoluçaõ, & lançados varios pregoens, em que ella se declarava, ficou muy descahida nossa santa Fé; & começàraõ a ir despojando aos nossos Padres das suas Igrejas. Todavia o Emperador sempre disse, que era Catholico Romano; & que quanto tinha permittido, era por remir as vexações, em que se via. Veyo finalmente a morrer, tendo dito muytas vezes antes, quando andava mais pensativo, que por conservar o Reyno da

terra

erra, perdéra o da terra,& do Ceo.

3 Succedeo-lhe no Imperio seu filho Faciladàs, homem em udo mao,& perverso. O qual vendo, que os Padres eram as co- umnas da Fé na Ethiopia,foy apertando com elles; logo tirou o Patriarca & Bispo as terras, que lhe estavaõ cõsignadas para seu sustento, deyxandolhes congrua muy limitada. Depois os nandou para Fremoná, viagem que fizeram com incriveis tra- alhos,os quaes se referem diffusamente no livro sexto da histo- ia de Ethiopia,em huma comprida carta, que destas cousas es- reveo o Patriarca Affonso Mendes. Nem alli os deyxou aquie- ar o tyranno,ainda que já os tinha bem longe da Corte;nem os Monges Scismaticos,& o novo Abuná,(assim chamaõ ao Prela- o de todo o seu tal, ou qual Ecclesiastico) o qual lhe viera do Patriarca de Alexandria,de quem era o provimento,se dava por eguro de todo,em quanto o Patriarca, & Bispo Romanos esti- essem dentro de Ethiopia. Mandou Faciladás a hum seu Mi- istro,para que os fizesse despejar de Fremoná, & os levasse até mar,& os entregasse aos Turcos,que saõ Senhores dos portos naritimos de Ethiopia.

4 Tinha este Ministro ainda no coraçaõ o amor da Fè Ro- nana,& deo esperas aos Prelados,& Padres, para que pudessem epresentar ao Emperador as razoens,que lhe offereciam, para e naõ effeytuar esta execuçaõ. Bem sabiam elles,que era perder palavras,mas tambem entendiam, que nos negocios as demoras descobrem muytos caminhos, que antes eraõ occultos. No en- tretanto consultando entre si o ponto, lhes pareceo por mais a- justado seguirem hum costume, de que em grandes apertos se valem em Ethiopia as pessoas principaes. Quando alguma se vé perseguida do Emperador,se vale do abrigo, & protecçaõ de al- gum senhor grande,o qual se a recebe debayxo do seu patroci- nio,a defende; & no tal caso naõ se estranha tomar as armas cõ- tra o Emperador.

5 Pareceo aos Padres ser muy a proposito para esta determi- naçaõ o Bahar-Nagays, Joannes Akay, q̃ he hum dos grandes Senhores do Imperio; & naquelle tempo andava desgostoso cõ o Emperador;& nenhumas terras eram mais accõmodadas, as- sim por ficarem mais vizinhas ao mar, como por terem serranias muy altas, & fortes; & por todas estas razoens era aquelle Se- nhor respeytado no Imperio. Mandàram-lhe dous Padres com a embayxada,aceytou, & prometteo de os defender.

6 Veyo aviso da Corte em como Faciladàs se exasperára cõ

a pro-

a propoſta, & mandava outro Miniſtro com ordens apertadiſ-
mas: tendo noticia deſta reſoluçaõ o primeyro, que dera as eſp-
ras, receoſo do caſtigo, com gente de armas ſe veyo a caſa d
Padres, para por bem, ou por mal os fazer partir. Tendo pond-
rado, & conſultado, & quaſi previſto eſta determinaçaõ, que c
à noticia avia de tomar eſte homem, tinha aſſentado comſigo
Patriarca, de naõ ir, ſenam por força, & em ferros. E aſſim qu
do lhe entrou pelas portas, & lhe deſcobrio ſeus intentos, lh
diſſe o Patriarca a reſoluçaõ, em que eſtava, de naõ ſahir, ſena
por força, & em ferros; & ſobre iſto diſſe palavras de tanto pez
& tam ſentidas, que os animos do Miniſtro ſe quebráram: & c
mo naõ ſe atrevia a fazer tal violencia ao Patriarca, & tem
grandemente a indignaçaõ do Emperador, elle meſmo deo eſ
côrte em negocio tam apertado: Que aviſaria ao Emperad
da reſoluçaõ, em que eſtava o Patriarca, mas que logo o Biſp
& alguns Padres ſe partiſſem para a Provincia de Seraoè; pa
poder dizer ao Emperador, que a ſua ordem ſe começára a exe-
cutar, & que na peſſoa do Patriarca ſe naõ tinha executado, pel
contumacia, em que ſe tinha poſto.

7 Chegâram o Biſpo, & Padres que com elle hiam ao ter-
mo da jornada com vida, mas com muytos, & grandes trab-
lhos. Foram tam mal hoſpedados do Senhor da terra, que ſe v
raõ obrigados a paſſar para huma aldea junto á de Baroà, aond
tinhaõ ido diante os dous Padres tratar com o Baha-Nagays
negocio, que diſſemos. Alli eſtiveram menos mal accom-
modados, conſolando as fomes que padeciaõ, com o Diviniſſim
Sacramento, que recebiaõ, tendo lugar de dizer Miſſa. Neſte tẽ-
po eſtava com boa guarda o Patriarca, o qual tinha aviſos oc-
cultos, do que acerca de ſua peſſoa ſe determinava na Corte; &
ſabendo em como o Emperador mandava hum Viſo-Rey ho-
mem cruel, para que em ferros, & quando naõ, a raſto levaſſe
Patriarca, & o entregaſſe aos Turcos; tẽdo já repoſta do Bahar
Nagays em como os tomava debayxo do ſeu amparo, & vend
que o bom fim deſte negocio conſiſtia no ſegredo, & preça d
retirada para o Bahar-Nagays, lhe mandou aviſo, que em cert
paragem lhe tiveſſe gente de armas, que o conduziſſe; aſſignan-
do a noyte em que aviam de fazer por ſe ſahir de Fremonà. Aſ-
ſentadas aſſim as couſas, huma noyte o Patriarca, & os Padres ſ
eſcapáraõ por huma porta traveſſa; & ſeguindo o ſeu caminho
ſe encontràraõ com a gente do ſeu protector, que os foy condu-
zindo atè ſe meterem nas ſuas terras.

8 Tinh

8 Tinha o Patriarca avisado ao Bispo da noyte, em que a-
ia de sahir de Fremoná; para que na mesma elle, & os mais com-
anheyros se fossem para as terras do seu protector, pelos nam
r a prender a gente do Emperador. Naõ lhes succedeo tam bem
omo ao Patriarca, porque foraõ sentidos; & logo se disse ao Se-
hor da terra, de como intentàram fugir. Mandou este, que
ossem para o lugar, aonde elle morava; nelle lhes assignou por
abitaçaõ hum curral de gado, que estava no meyo do lugar; &
orque se partia a certo negocio, deyxou ordem, que alli os a-
osentassem em outro, que era peyor, como se fez; nem bastàraõ
ogos dos Padres, que só pediam, os naõ metessem em tal lugar
ntes de algum delles fallar com o Senhor da terra; para os naõ,
brigarem a mudar de pousada.

9 Teve com tudo modo o Padre Jeronymo Lobo para
uscar ao barbaro, levoulhe naõ sei que cousa de presente, &
ãdose-lhe aviso de sua chegada, o ouvio; & recebẽdo a peça que
e offertava, concedeo-lhe que pudessem tornar para o pri-
neyro curral: que desta fabrica saõ os palacios Episcopaes, que
os seus Bispados achaõ os filhos da Companhia, semelhantes
o que para seu nascimento elegeo nosso Redemptor. Estando
esta prizaõ, tiveraõ aviso do Patriarca em como vinha o Viso-
Rey de Tigrè cõ ordem de os levar logo ao mar, & entregar aos
Turcos, por tanto fizessem, o que estivesse na sua mão por se es-
aparem: chegoulhe este aviso pela Dominga in Albis, a qual
s Abexins celebraõ com muyto comer, & beber; daqui nasceo
uma profunda modorra nas vigias; & puderam os Padres sem
er sentidos embrenharem-se pelos matos, caminho das terras do
eũ protector. Fizeraõ esta jornada cercados sempre de perigos
ssim de homens, como de feras, de todos os livrou Deos: cahi-
am nas mãos do Senhor de hum lugar, que pertendeo despojal-
os atè de alguma pobreza, com que cobriam os corpos: deyxou
le o fazer, por lhe prometterem, dada para isso fiança, algum
ouro em se vendo com o Patriarca. Deste modo os tor-
nou Deos nosso Senhor a ajuntar outra vez, & se abraçàraõ hũs
os outros, como homens qne tinham tantas vezes sahido das
mãos da morte.

10 Naquelle curral, ou em outro semelhante devia o Bispo
Dom Apollinar escrever a carta, que traz o Agiologio Lusita-
no, que era para o Serenissimo Duque de Bragança Dom Joaõ,
que depois foy Rey de Portugal; foy esta carta escrita
dous annos antes de sua ditosa morte. Parece-me referir

aqui alguns pedaços della, pois só com suas palavras se explicam melhor os seus trabalhos: saõ ellas as seguintes: *Inda ao fazer desta fico meyo vivo, correndo ha tres annos rija tempestade nesta Ethiopia, perseguido, roubado, & tiranizado por hereges, & Mouros, sentẽceado à morte pelos Scismaticos, & seu Rey escapando pela Divina Providencia atè hoje de sua furia, como, po[...] vezes da dos elefantes, tigres, leoens, lobos, & outras feras pelos de[...] sertos, achãdo-as inda mais mãsas, q̃ estas gẽtes, depois que deyxàram a Deos, & a sua Fè, precipitando se nos erros, & vicios com mayo[...] impeto, que o seu rio Nilo.* Logo contando algumas cousas acerca dos outros Missionarios, ajunta fallando de si: *Nem Vossa Excellencia queira saber mais deste lastimoso naufragio, nem eu posso c[...] extraordinaria fraqueza, acompanhado sò de hum bordam, que b[...] toda minha familia, roubado de tudo muytas vezes, & atè do aparelho para escrever, que o presente he emprestado.* As peças, qu[...] huma por hũa vay apontando, como o tinteyro, salva delle, alca[...] tifa, sam tam humildes, que bem significa a mayor penuria, & desemparo, que considerar se pôde.

CAPITVLO XV.

Dos grandes trabalhos, que o Bispo Dom Apollinar padeceo, com[...] foy entregue aos Scismaticos, & morto em o dia da Fè.

1 POuco tempo durou a estes varoens do Ceo o gost[...] de se verem outra vez juntos na terra. Sabendo [...] Emperador o patrocinio, de que se tinham valido; & que as sua[...] armas seriaõ de pouco effeyto, quando por força os quizesse ave[...] às mãos, usou de armas mais fortes, que sabia naõ podia ave[...] força, que as rebatesse: foraõ estas, grandes adiantamentos, & naõ menores promessas delles, que fez a Joannes AKay: este lhe mandou fazer pelo Viso-Rey de Tigrè, se lhe entregasse o[...] Padres, ou pelo menos os puzesse nas mãos dos Turcos de Ma[...] çuà. Naõ pode aquelle homem á vista de tantos lucros guarda[...] inviolaveis as leys da hospitalidade tam sagradas na Ethiopia. Naõ veyo em entregar os Padres ao Emperador, porèm vey[...] em os meter nas mãos dos Turcos; julgando que assim naõ fica[...] va tam gravada sua consciencia, como se os enviasse prezos a[...] Emperador, que tanto os desejava.

2 Bem entendèraõ os Padres aonde tiravaõ os tratos do Viso-Rey com o seu protector, & procuràraõ de os contramina[...] dividindo-se por varias partes, para ver se encontravaõ a lealda[...]

d

e em que faltava o seu protector. Offereceo-se hum Senhor oderoso para recolher, & guardar em suas terras a dous dos Pares: pareceo acertado, que se aproveytasse o Bispo deste offerecimento, & se dividisse do Patriarca; porque em caso, que hum osse entregue aos Turcos, pudesse ficar o outro em Ethiopia ara acodir aos Catholicos: por tanto o Bispo levando comsio ao Padre Jacinto Francisco, se foy para as terras daquelle enhor, cujo nome era Casá Mariám. Os Padres Luis Cardey-a, & Bruno de Santa Cruz se valérão de outro, que os recolheo. Naõ ouve tempo para fazer mais divisoens. O Patriarca, & ouros mais tendo padecido muyto foraõ entregues aos Turcos de Maçuà, & finalmente por meyo de immensos perigos, & trabaos chegàram a Goa; aonde os deyxamos, por seguirmos o rumo, que tomou o nosso Bispo; que as cousas do Patriarca sò nos ertenciam, em quanto estavam encadeadas com as do Bispo Dom Apollinar, & sem noticia daquellas ficavam estas pouco laras.

3 Naõ pode o Bispo, & mais Padres ficar em Ethiopia de modo, que o naõ soubesse o Emperador, porque os hereges andavam nisto muy vigilantes. Escreveo ao Viso-Rey de Tigrè artas cheyas de ira, & ameaças, senaõ procurava de entregar s Padres aos Turcos, como lhe ordenàra; & quando naõ quiessem ir, que os levasse a rasto, ou os matasse. Para dar comrimento á võtade Real, tratou o Viso-Rey com Casá Mariàm, que lhe entregasse o Bispo, & a seu Companheyro, que tinha em eu poder: resistio aos principios por razaõ da sua palavra; mas ogo que o Viso-Rey o começou a bater com promessas, & faores do Emperador, começou elle tambem a dar de si, & a esriarse na protecçam, de que se encarregàra.

4 Com tudo nam lhos quiz meter nas mãos; & querendo-se ivrar do susto em que se via com elles em casa, os levou ao mar, que cahe para a parte de Dafaló; naquella paragem os deyxou mbrenhados em huns profundos valles, em tudo medonhos, ercados de altissimas serranias; encomendando aos Mouros, que naõ muy longe tinhaõ huma grande povoaçaõ, que de quãdo em quando lhes acodissem com alguma pouca de cevada: este foy naquelle ermo o seu sustento, & agua de hum triste ribeyro, que corria entre aquellas fragosidades. Neste tempo correo fama entre os hereges, que o Bispo, & seu companheyro eram mortos: porèm ouvindo o Padre Francisco Rodrigues dizer, que naõ foraõ mortos, nem levados a Maçuà; entendendo o

que podia ser,mandou a hum Portuguez honrado,que sabia ber
daquelles escondrijos,para q visse,se podia encõtrar com os Pa
dres. Fez todas as diligencias,& por fim dellas os achou sepulta
dos vivos,ou meyos mortos naquelles profundos valles,tam de
bilitados,que parecia milagre, terem mão na vida. Tres meze
avia,que estavam naquelle desemparado ermo , & depressa aca
bariam de todo;porque a farinha de cevada já estava no fim , &
ella comida,naõ avia que esperar dos Mouros, lhe levassem ou
tra;que nam saõ as obras de misericordia moeda , que corra en
tre elles.

5 Logo que o Portuguez os descobrio, buscou ao Cafâ Ma
riám,disselhe o estado em que achára o Bispo, & estranhoulhe
desemparo,em que os deyxàra. Entaõ foram ambos juntos , &
os trouxeraõ com bem trabalho, porque os Mouros os tinham
já vendidos aos Turcos de Defalõ. Recolheo-os Cafâ Mariân
em sua casa , mas naõ podendo caber nella com tal assombra
mento de portas adentro, temendo por momentos a ira do Em
perador sobre si,se tal cousa lhe chegasse á noticia. Mandou ao
Padres,que buscassem outra casa,que na sua naõ aviam de estar
Offereceo-se hum Catholico da mesma Comarca para escon
der ao Padre Jacintho , & o teve por hum anno inteyro metid
em huma palhoça,sem sahir a tomar algum ar, senaõ à noyte,&
isso com grandes cautelas, comendo huma só vez no dia tam li
mitadamente,que era favor do Ceo muy particular poder vive
com tam pouco alimento tanto tempo.

6 O Bispo se foy logo para as terras do Bahar-Nagays,dan
do ordem a isso o Padre Francisco Rodrigues,que nellas assistia
& depois se ajuntou no mesmo lugar o Padre Jacintho Franci
co. Dalli sahia o Bispo , & Padres a sacramentar os Catholicos
& com suas cartas animava, aos que estavam na Corte ; que s
com terem noticia, que todavia estava em Ethiopia , cobravam
alentos,& se confirmavaõ na fè. Naõ cessava o Emperador d
escrever ao Protector dos Padres, fazẽdolhe grandes promessas
& perdoandolhe as culpas passadas,se lhos entregasse , acrescen
tando,que lhe promettia,naõ fazer mal algum ao Bispo,nem ao
Padres seus companheyros.

7 Com tantas batarias nam podia deyxar de se render ; &
mais vendo,que naõ vinha soccorro de soldados Portuguezes d
India;porque a esperança de se fazer Senhor do Reyno de Ti
grè , se os Portuguezes,como elle esperava,viessem, o hia entre
tendo,para naõ fazer logo a vontade ao Emperador. Mas com
vio

io,que da India nada apparecia, tratou de fazer o seu negocio. Entregou ao Bispo, & aos Padres aos criados do Emperador, ue no caminho os naõ tratáram mal; puderaõ elles escaparse ara casa de Zà Mariàm,que era hum Senhor bom Catholico, ue tinha debayxo de sua protecçaõ aos Padres Luis Cardeyra, & Bruno de Santa Cruz, & lhes mandou offerecer a sua casa. Os Padres agradecèram o offerecimento, mas naõ o aceytàram, desejosos de dar a vida o mais depressa, por quem a elles lha tinha dado.

8 Assim os foram conduzindo até à Corte, & pouco antes ella os carregàram de ferros. Apresentados em juizo, foram condenados á morte,por desobedecerem ao Emperador, & nam ahir de Ethiopia, & se valerem de Joannes AKay, que andava levantado contra seu Senhor. Esta sentença de morte, como he ordinario em Ethiopia, se lhe commutou em desterro. Para isto foram entregues a hum homem em tudo deshumano: carregou-os bem de ferros, davalhes a todos tres para sustento hum sò pam do tamanho dos nossos ordinarios: a cama era a ura terra debayxo do mesmo catre,em que elle dormia; como e a sua melhor cama fossem as dores daquelles tres pobres: as injurias,& mais vexaçoens,que lhes dizia,& fazia,se deyxam ver o seu odio, & desejo de vingar os açoutes, com que no tempo o Emperador morto fora publicamente afrontado por perseguir a Fè Romana Servia esta lembrança de hum agudo estimulo,que lá na alma o picava,& o fazia sahir em mil crueldades,& tudo (dizia elle) era por fartar o seu odio.

9 Tendo noticia o Emperador deste mao tratamento, de que a elle lhe naõ pezava,mas temendo,que perdessem com elle a vida antes de chegarem ao desterro, mandou que logo fossem levados para a terra dos Agaus.Tiveraõ alli a prizaõ mais larga, & podiam acodir aos Catholicos.Sabendo disto os Scismaticos, se foram ao Emperador, contandolhe os inconvenientes que aviaõ de os Padres estarem naquella terra;& o persuadiraõ, que os desterrasse para huma ilhota da alagoa do Nilo, aonde sò moravaõ dos seus Monges,que os tomariam à sua conta. Consentou o alvitre; para ella foraõ passados, estiveram quasi por hum anno sofrendo daquelles Scismaticos huma Iliada immensa,& inexplicavel de trabalhos, injurias, & molestias sem conto.

10 Cousas eraõ estas excessivas,porèm o odio dos Scismaticos,em quanto os via viver,naõ podia acabar.Muytas vezes gritàram

tàram ao Emperador,que os mandasse matar, porque em quan-
to os conservava com vida, sempre cuidariaõ, que os guardava
para em avendo occasiaõ, fazer mudança na fé. Apòs isto se se-
guio hum grande motim no povo, clamando todos, que se lhes
naõ tirava a vida, todos se aviaõ de ir para os alevantados de
Lastà,que eraõ gentes, que naquelle tempo davaõ com a guerra
grande cuidado ao Emperador, & jà o tinhaõ dado a seu pay,
persuadindo a hum,& ao outro os Monges Scismaticos, que os
de Lastà se tinhaõ unicamente levantado,por se introduzir no
Imperio outra crença diversa da de Alexandria.

11 No meyo desta confusaõ do povo, sem esperarem reso-
luçaõ do Emperador,levantàram huma forca no lugar chamado
Oinadegá junto ao arrayal, aonde logo trouxeram os Padres
para os dependurarem: abraçáram-se os ditosos Confessores de
Christo,deram-se o parabẽ;cõfessáram-se, animàraõ,se huns aos
outros;deraõ graças a Deos por lhes fazer tam assinalada mercè.
Tanto q̃ os dependuràraõ daquelle espinheyro,(q̃ deste genero
de arvore era a forca) se amotinou de novo o povo, & despedi-
ram sobre os corpos pendentes hum chuveyro de pedras; huma
das primeyras, que se atiràram, acertou dar ao Bispo em hum
dos olhos,& lho vasou, ensaguentando aquelle rosto amorteci-
do. Nunca por certo mais bem visto de Deos, que quando sem
olhos,rubricada sua face com o sangue,que a esmaltava.

12 Este foy o glorioso fim a que se encaminhàram jornadas
tam compridas,como as que fez o Bispo Dom Apollinar; a es-
te se dirigiam os excessivos trabalhos, com que Deos o dispóz
para lhe fazer a mayor mercè, que cá faz na terra aos seus esco-
lhidos.Depois tirando os preciosos corpos da forca,os lançàraõ
em lugares,aonde pudessem ser pasto das feras; parte destes ri-
quissimos despojos recolhèraõ os Catholicos; porque estavam
de vigia os Scismaticos,naõ ouve occasiaõ de porem todas as re-
liquias em cobro;acodiram elles como feras famintas, & tomã-
do dos corpos,o que achàram, enterràram esses fragmentos em
lugares immũdos,fartando desta sorte seu insaciavel odio contra
os gloriosos Confessores da Fé Romana. Parece, q̃ via com seus
olhos este fim,porque em sua eleyçaõ para Bispo, tomou por
empreza, *Hum coraçam cercado de resplandores, no meyo do qual
estava o Santissimo nome de Jesu*,cõ esta letra: *Esca populis Æthio-
pũ:* Iguaria para os povos de Ethiopia. Elle lhes quiz meter a Jesus
no coraçaõ,& lhe chegou a dar como em iguaria seu corpo, da
qual sò gostàraõ,quãdo o viraõ cruelmẽte morto,& afrõtado. O

Padre

Padre Nadaſo diz, que ſeus corpos foram lançados às feras, mas que eſtas os naõ tocáram, moſtrando-ſe para com os ſervos de Deos mais humanos que os homens.

13 Foy o Biſpo Dom Apollinar Religioſo de grande perfeyçaõ, & della deo grandes exemplos ainda antes de ſer Biſpo: era em ſeu trato, & coſtumes puriſſimo, muyto retirado de ſeculares, & amigo do ſeu cubiculo, & dos ſeus livros. Com todos tratava igualmente, ſem aver nelle inclinaçaõ mais a huns, que a outros. Foy Religioſo humilde, fòra de toda a liſonja: o ſeu querer era, o que os Superiores queriam. Depois de Biſpo ſò ſe differençou de ſi em ter mais oraçaõ, & ſer mais humilde. Dizia-ſe por couſa certa, que tinha firmiſſimo propoſito de nem murmurar, nem dar ouvidos à murmuraçaõ; por iſſo nunca eſta ſe vio em ſua boca; nem em ſua preſença algum ſe atreveo a murmurar dos ſubditos, ou Superiores, porque já ſabiam que aviaõ de ficar fruſtrados com o ſeu ſilencio, ou reprehendidos com o ſeu deſvio. Finalmente coroado com as tres laureolas de Virgem, Doutor, & Martyr ſubio glorioſo aos Ceos em nove de Junho de mil ſeiſcẽtos trinta, & oyto. A vida deſte ſingular Heroe traz o noſſo Padre Balthezar Telles na ſua hiſtoria de Ethiopia, miſturada com toda a variedade de ſucceſſos, que entaõ tinham as couſas aſſim politicas, como da Fè naquelle Imperio; & como naõ eſtá reduzida a hum ſò corpo, naõ ſe deyxa ver tam claramente o teor della. Tambem recolhi muytas couſas, que naõ traz o Padre Telles, do Agiologio Luſitano, que por fallar com os pays, & Irmãos do Biſpo, alcançou noticias mais particulares dos ſeus primeyros annos, que nenhum outro. Tambem o Padre Euſebio no ſeu primeyro tomo traz a vida do Padre Apollinar, mas, em comparaçaõ do que ella he, muy apanhada. Teve o Padre Apollinar de Almeyda hum Irmaõ Clerigo da Congregaçaõ de Saõ Joaõ Euangeliſta, que neſte Reyno chamamos Loyos, cujo nome era, Padre Gregorio dos Anjos, o qual foy o primeyro Biſpo do Maranhaõ. E porque nos naõ fique nada do que ſabemos do Padre Apollinar, conſta que ſendo ſeus Irmãos homens de corpo agigantado, elle era pequeno de eſtatura; dahi naſceo o dito dos Ethiopes da Corte: *O Biſpo he pequeno do corpo, mas grande na ſciencia:* tinhaſelhes dito antes de chegar, que era homem de grande doutrina, & ſabedoria, & como a preſença dèſſe diminuiçoens à fama; tanto que o ouvíram diſcorrer, & obrar, alcançàram, que Deos naõ ata aos corpos grandes os homens avultados.

CAPI-

CAPITVLO XVI.

Vida, & morte pela Fè do Padre Joaõ de Sequeyra Missionari[o] de Tunquin.

Tunquin 21. de Agosto de 1696

1 O Padre Joaõ de Sequeyra teve por patria a Villa d[e] Cabeça de Vide no Bispado de Elvas. Seu pay er[a] natural de Normandia em Frãça, & sua mãy de Cabeça de Vide Villa junto a Portalegre: chamava-se o pay Estevaõ Sem, & po[r] este respeyto se chamava seu filho Joaõ Sem, ainda q̃ na Companhia mudou este sobrenome em o de Sequeyra: o nome d[a] mãy era Anna Dias: estudou Latim em Portalegre, & alli foy aceyto na Companhia, na qual entrou em o Noviciado de Evora aos 24. de Outubro de 1680. no mesmo dia entrou tambem outro da mesma patria, que naõ perseverou na Companhia.

2 Começou o seu Noviciado em Evora com grande fervor, via-se bem no seu modo a virtude, que nelle avia; era em todas as acçoens muyto modesto, & composto; & assim como a graça o tinha formado hum retrato da virtude, o fez tambem a natureza, unindo nelle com a fermosura da alma a do corpo; era de semblante aframengado, como dizemos no Portuguez, que sam aquelles, que nas feyçoens dam hum certo ar das naçoens de Flandres. A vôz era tambem muyto engraçada: digo isto, porque me lembra, que sendo Noviço em Evora o ouvi cantar em huma noyte de Natal na sua Capella do Noviciado, com agrado geral da Cõmunidade, que assistia aquelle seraõ aos colloquios dos Irmãos Noviços, como se costuma na Companhia.

3 De Evora passou a continuar o seu Noviciado em Lisboa, aonde Deos o queria, para o levar mais depressa para as Missoens do Oriente. Alli se foy adiantando sempre na virtude, para a qual o levavaõ todas as suas propensoens, porque verdadeyramente era daquelles, que *Sortitus est animam bonam.* Em Lisboa começou a inspiraçaõ de Deos a apertar com o nosso Irmaõ Noviço, para que pedisse a Missaõ da India: servindo em Saõ Roque, como por exercicio, & prova da virtude costumaõ os Noviços de Lisboa, foy por varias vezes, & com grandes instancias pedir ao Padre Provincial, q̃ entam era o P. Doutor Joseph de Seyxas, lhe desse licença para ir para a India.

4 Louvavalhe o Padre Provincial os bons desejos, & encomendava a perseverãça nelles. Mas como visse, que naõ acquietava,

tava, antes era nesta materia importuno, lhe disse: Que se desenganasse, que em quanto fosse Noviço, lhe naõ daria tal licença, por tanto, que naõ tinha mais porque ir ao seu cubiculo com tal petiçaõ, nem là tornasse com ella. A esta resoluçaõ do Padre Provincial respõdeo o Noviço estas formaes palavras: Obedecerei ao que Vossa Reverencia me ordena, naõ tornarei a lhe fazer esta minha petiçaõ; porèm esteja Vossa Reverencia certo, que eu neste anno hei de ir para a India, & Vossa Reverencia mesmo me ha de mandar, ainda que agora naõ tenha essa vontade.

5 Naõ fez o Padre Provincial entam caso destas palavras do Noviço, parecendolhe que procediam sòmente do seu demasiado fervor: succedeo porém, que na vespora da partida da nao da India vieraõ a faltar dous Missionarios, q aviaõ de ir naquelle anno para a Provincia de Japam, & cõ notavel dano da mesma Provincia, que lhe tinha feyto os gastos das matalotagens, & lugar em que aviam de ir. Represemtou o Padre Balthezar da Rocha Procurador do Japam este damno ao Padre Provincial, instando, para que em lugar dos que faltavam lhe concedesse hum Mestre do Collegio de Santo Antaõ, que pedia actualmente as Missoens da India. Como porém a Provincia de Portugal estava falta entam de Mestres, naõ quiz o Padre Provincial largar este; instava porèm o Padre Procurador que ao Mestre, ou a qualquer outro sugeyto lhe avia de conceder, mas que fosse algum Noviço. Respondeolhe o Padre Provincial, que naõ tinha nenhum outro sugeyto, q lhe pudesse dar naquellas angustias de tempo, (eram ja 24. de Março) salvo hum Noviço, que o tinha importunado muyto para ir para a India.

6 Instou o Padre Procurador que lhe concedesse ao menos esse Noviço. Concedeolho o Padre Provincial, & o mandou logo avisar para ir no mesmo dia com os mais Missionarios beijar a mão a el Rey, & embarcarse na nao da India, que avia de partir ao outro dia. Entam se lembrou o Padre Provincial das palavras assima referidas que o Noviço lhe tinha dito, das quaes antes naõ tinha feyto caso, & entam achava, que eraõ verdadeyra profecia, & por tal a tiveraõ logo os Padres, que souberam as circunstancias della; dependendo o seu cumprimento das vontades livres dos que faltàram, do Padre Procurador, que instou, & do Padre Provincial, que cõcedeo a licença para vir o Noviço, cuja grande virtude acreditava mais a profecia. Dizia-se tambem que o Santo Xavier, a quem o fervoroso Noviço tinha

tomado

tomado por interceſſor, lhe apparecèra, & o certificâra da ſua ida naquelle anno para a India; ainda que ſe naõ ſoube a certeza deſte favor do Santo, com tudo parece muyto veroſimil, ſuppoſto tudo, o que ſe tem dito, & dirá deſte bemaventurado Miſſionario. E foy voz commua, & fama neſta Provincia de Portugal, ſegundo me lembra ouvir naquelle tempo, que eſte Irmaõ ouvira huma vóz do Ceo, que o certificava, de que conſeguiria aquelle anno a ſua petiçaõ; creceo eſta fama mais, por cauſa de aver algum reparo, em que ſe concedeſſe tal deſpacho a hum Noviço, que fora aceyto para a Provincia, couſa que os Superiores naõ coſtumam fazer, naquelle eſtado, aos que entram para a Provincia; mas ſó pelos tẽpos adiante, depois de terẽ feytos os votos, ſe pertendẽ cõ fervor. Mas quiz Deos, q̃ por eſte caminho ſe manifeſtaſſe, que aqui avia mais que diſpoſiçaõ humana.

7 Embarcado eſte ditoſo Noviço Miſſionario, por toda a viagem procedeo com ſingular edificaçaõ de todos. Era muyto pontual nos exercicios eſpirituaes, obſervante em todas as miudezas do ſeu eſtado como ſe eſtiveſſe em o Noviciado de Evora, ou Lisboa: adiantãdo-ſe em todas as virtudes, eſpecialmente na caridade: porque enfermando quaſi todos os Miſſionarios, elle os ſervia de dia, & de noyte: a qualquer hora, que algum doente dava algum ay, lhe acodia logo cortando pelo ſeu deſcanço para dar alivio ao enfermo. Duráraõ as doenças quaſi dous mezes, & neſtes ſe ouve ſempre com a meſma aſſiſtencia, & caridade; & aſſim era vôz commua de todos, que fora eſpecial providẽcia de Deos vir Irmaõ tam ſanto, & caritativo naquella nao, para com ſua aſſiſtencia dar a ſaude, & vida aos enfermos. Antes que os outros adoeceſſem, teve tambem o Irmão Sequeyra ſua doença, em que ſe ouve como em tudo o mais; querendo Deos com ella, que ſe preparaſſe para ſaber por experiencia quam moleſtas eram aos que navegam as doenças, & com quanta caridade he bem que ſe lhes acuda.

8 Acabada a ſua viagem chegou a Goa ſendo ainda Noviço, por eſta cauſa ſe foy a morar ao Noviciado, no qual era hum grande exemplo, & eſtimulo a todos para a virtude, com a qual ſe fazia notavelmente amado, & reſpeytado de todos os outros Irmãos Noviços; eſpecialmente ao Padre Reytor do Noviciado o Padre Sebaſtiam de Almeyda, q̃ como tinha mais particular conhecimẽto da ſua virtude, o amava por eſta cauſa cõ muyta ſingularidade: & quãdo fallava em particular cõ os outros Noviços, lhes propunha para imitarẽ ao Irmaõ Joaõ de Sequeyra.

9 Acabados os dous annos de Noviço paſſou para o Colle-
io de Saõ Paulo,& nos eſtados todos atè o de Theologo obſer-
ou ſempre o teor de vida,que tivera no Noviciado, adiantãdo-
e de cada vez mais ; naõ ſò era pontual nos exercicios eſpiri-
uaes da regra,mas todo o tempo que lhe ſobejava do ſeu eſtudo
aſtava em oraçaõ; & quando eſtudava , eſtava com ſentido em
Deos,a quem acodia cõ o entẽdimento,& a võtade muytas vezes;
& por ſeu amor ſe applicava ao eſtudo. Seguioſe deſte trato cõ
Deos ſahir igualmente aproveytado nas letras, que na virtude,
pois naõ ſò era o mais virtuoſo,mas hum dos melhores eſtudan-
es daquelle Santo Collegio.

10 Nas penitencias era neceſſario , que o moderaſſem os
Superiores para naõ dar em exceſſos; vendo-ſe nelle huma ſede
nſaciavel de ſe mortificar , & padecer por amor de Deos. Iſto
moſtravam as ſuas obras,& tambem as ſuas palavras,em que ſa-
ia muytas vezes quaſi inadvertidamente,vindolhe á boca,o que
à tinha neſta materia dentro do coraçaõ. Todas as ſuas prati-
as eraõ de Deos ; obſervava todas as regras com tanta perfey-
aõ, que era hum vivo retrato da obſervancia Religioſa. E o que
todos era de admiraçaõ , era o modo que tinha na guarda da
egra, que nos manda dar conta das faltas dos outros , ſem por
ſſo aver algum ſentimento em os outros. Se em ſua preſença
queriaõ alguns Irmãos fazer alguma falta,os aviſava , dizendo
que elle avia de dar conta aos Superiores;& como todos ſabião ,
que a ſua conta ſó era por amor,que lhes tinha em o Senhor,
& por caridade,naõ ſòmente ſe naõ aggravavam , mas ſe lhe re-
conheciaõ agradecidos.

11 Tinha o ſeu Padre Meſtre de Philoſophia permittido
nam ſei que muſica no curſo, & foy por iſſo aſperamẽte cenſura-
do pelo Padre Reytor do Collegio: tomou diſſo o Padre Meſtre
grande ſentimento, & recolhendo-ſe da aula para o Collegio cõ
os diſcipulos,ſe moſtrou muyto agaſtado contra quem dera cõ-
ta daquella muſica ao Padre Reytor:acodio logo o Irmaõ Se-
queyra com grande paz,& bondade , dizendo ao Padre Meſtre:
que ſua Reverencia naõ tornaſſe a culpa a nenhum dos outros,
porque elle fora,o que dera conta,por julgar , que aſſim era o-
brigado. E o meſmo foy dizer iſto , que depòr o Padre
Meſtre todo o ſeu enfadamento,& com ſemblante alegre diſſe:
Huma vez que elle foy, o que deo conta, naõ tenho que dizer,
ſenam que eſtà muyto bem dada , & que naõ tornarei mais a
permittir ſemelhantes feſtas.

12 Se

12 Se algum dos ſeus contemporaneos ſuſpeytava, ĝ o Pa-
dre Reytor ſabia alguma falta ſua, ſe hia ter com o Irmaõ Se-
queyra,& lhe perguntava,ſe fora elle dar conta daquella falta.E
ſe o Irmão a tinha dado,com toda a ſinceridade dizia, que ſim;
& tudo o mais que tinha dito ao Superior; ficandolhe por iſſo
muyto agradecido, o que fizera a falta, porque lhe ſervia a
noticia,para evitar,ou em tudo,ou em parte a penitencia, & de
pòr as ſuas couſas em boa feyçam. Ainda que dava conta das fal-
tas que via,naõ andava em buſca das faltas alheas, para dar cõtá
dellas;antes ſe abſtinha de ir àquellas recreações, aonde ſe cõ-
mettiaõ algũas faltas ſò por naõ ter obrigaçaõ de dar cõta dela
las: & muytas vezes alguns, que intentavam fazer aquel-
las diſtracçoens,lhe pediam,que naõ foſſe áquella recreaçaõ; &
elle ſe abſtinha,ou porque julgaſſe, que naõ era obrigado deſta
ſorte a impedir os defeytos ordinarios; ou por outras razoens
ſantas,que para iſſo excogitava a ſua caridade.

13 Com eſta candura de virtudes, & coſtume ſe fazia gran-
demẽte amado de Deos,& dos homẽs; & muyto aborrecido dos
demonios,os quaes o açoutáram muytas vezes cruelmente; da-
va diſto conta como de todas as mais couſas ao ſeu Confeſſor;o
qual naõ ſe acabava de perſuadir, que aſſim era, julgando ſeria
ſonho,ou illuſaõ;mas para que ſe certificaſſe deſta verdade per-
mittio Deos,que diante do meſmo Confeſſor o açoutaſſem os
demonios. Naõ vio o Confeſſor aos demonios,mas vio os ver-
goens,& ſinaes dos açoutes que lhe davam: aſſim o affirmou o
meſmo Confeſſor, que por ſer homem douto, & virtuoſo he
digno de todo o credito.

14 Procedendo neſta fórma ſe ordenou de Sacerdote, diſſe
a primeyra Miſſa com grande piedade,& devoçaõ,& neſta con-
tinuou toda a demais vida. Acabada a Theologia, ſe embarcou
para Macào,aonde ſe empregou na ſalvaçaõ das almas por mais
de tres annos,ſendo incanſavel no pulpito, & Confeſſionario. E
ainda que ſentia grandes deſejos de ſe empregar na converſaõ
dos gentios,ſempre ſe moſtrou indifferente para o que os Supe-
riores diſpuzeſſem delle: ſò lhes repreſentava, ĝ goſtaria ir para
aquella Miſſam, que foſſe de todas a mais deſemparada. Para a
China o queria mandar o Veneravel Padre Franciſco Noguey-
ra,quando era Viſitador, porém deſiſtio deſta reſoluçaõ por al-
guns impedimentos, que ſe offerecèram; porque o tinha Deos
deſtinado para Martyr da glorioſa Miſſam de Tunquin.

15 Sendo Provincial o Padre Franciſco Nogueyra em o
anno

nno de 1694. levou comsigo a Tunquin ao nosso Padre Se-
ueyra com outros Religiosos da nossa Companhia, dos quaes
lguns ás escondidas se metèram pela terra adentro, ficando só
o navio o Padre Provincial, & os Padres Diogo Vidal, & Joaõ
e Sequeyra, para irem manifestos à Corte. Tinha o Rey o
nno antecedente dado algumas esperanças ao Padre Noguey-
a, de que o deyxaria viver publicamente no seu Reyno, de que
e seguiriam grandes utilidades nos Christãos, & afroxaria a te-
idam, com que os perseguiam os gentios; para melhor fazer o
eu negocio se deyxou manifesto com os dous Padres, & com os
nais officiaes do navio foraõ à Corte fazer reverencia a el-Rey,
ue ao principio mostrou agrado da vinda dos Padres, & os oc-
upou em lhe concertarem huns Relogios de area, assistindo
or sua ordẽ a esta funçaõ algũs Eunucos, para aprenderẽ a arte.

16 Passados alguns mezes, hum Eunuco Governador da
rovincia do Sul mandou chamar aos Padres, & lhes disse, que
Rey os tinha entregues na sua maõ para determinar, se aviam
e ficar, ou naõ em Tunquin, porèm que naõ queria el-Rey, que
s Padres ensinassem no seu Reyno a ley dos Portuguezes; que
ssim chamão alli os gentios à Ley de Deos; donde o mesmo he
ntre elles deyxar a ley dos Portuguezes, que arrenegar da de
Christo: por tanto, que lhes mandava a naõ ensinassem sob pena
e grandes trabalhos. Tambem os avisou, que aviam de ir mo-
ar a Hien, que he o lugar onde residia este Eunuco; que se
nham algumas cruzes, contas, & cousas destas, as tornassem a
nãdar para Macao, porq em indo para Hien avia de mãdar bus-
ar o fato, & tudo o q deste genero achasse, o avia de queymar.

17 Era este Eunuco respeytado atè do mesmo Rey, & avia
uarenta annos era Governador da Provincia do Sul, que he a
rincipal do Reyno: tinha grandes partes para o cargo, por ser
omem incorruptivel por peytas, amigo de fazer justiça, & fó-
a dos vicios, de que os outros saõ notados. Sò era por extremo
oberbo, pois nem aos parentes mais chegados do Rey se preza-
a de pagar visita. Foy este homem sempre o flagello daquel-
as Christandades, em q fez notaveis destragos, açoutãdo Chris-
ãos, queymando Igrejas, & cousas sagradas, & atè mãdou quey-
nar aos Inglezes huma bandeyra da nao por trazerem nella a
livisa da Cruz. A este Ministro do Inferno sugeytou el-Rey
os Padres, & elles com esperanças de algum lucro espiritual, &
nelhora das cousas se sugeytáram á sua jurisdiçam.

18 Logo mandou a hum seu Escrivaõ, que levasse os Padres
 a Hien,

a Hien,& os metesse em huma casa com boa guarda, & vigias
vendo muyto bem o fato,que levavam; occultàram os Padres o
ornamento da Missa,que lhes servio de grande consolaçaõ : atè
quizeraõ tirar as contas ao Padre Vidal, mas como por nenhu
mas instancias as quizesse dar,nem ainda a repetidos mandado
do Governador;dizendo=se-lhe,que o Rey bem sabia as tinham
os Padres, que elle permittia no seu Reyno, condescendeo
com os Padres,em que tivessem contas,mas logo publicou hum
cruel decreto cõtra quaesquer Christãos do Reyno,que se achas
sem com veronicas,cruzes,ou contas, & dizem, que ainda pro
mettéra premio aos delatores.

19 Estiveraõ os Padres mez, & meyo na dita casa de vigia
com grande aperto,impossibilitados a dizer Missa,& tratar com
os Christãos;depois passàraõ a outra casa, que para isso se fez
rodeada de muytas vigias; & além destas mandou fazer huma
casa tambem de vigias defronte da porta dos Padres,com ordem
que naõ deyxassem entrar pessoa alguma,& de noyte fechassem
a porta por fóra,que nem sahisse, nem entrasse pessoa alguma.
Tambem intimou aos Padres, que naõ fossem a parte alguma
sem sua ordem,& sinete.

20 Era tanto o rigor das sentinellas,que nem permittiaõ,que
os pobres chegassem a pedir, & receber esmola: a muytos estrã
geyros,como Inglezes,& outros que os vinhaõ visitar, algumas
vezes lhes fechàraõ a porta por fóra. Era tal o aperto,que atè ás
mesmas guardas causavaõ compayxão;mas por medo do Gover
nador vigiavaõ tudo, & visitavaõ muy bem a casa,naõ ouvesse
alguma fresta,ou buraco,por onde pudesse entrar alguem, sem
que dessem elles fè disso: dizendolhes o Governador,que se ou
vesse alguma cousa,el=Rey o avia de aver com elle; & por esta
causa elle com elles todos o avia de aver.

21 Bem se deyxa ver deste aperto, o que alli padeceriaõ
morreolhes hũ moço, que trouxeraõ de Macao;outros dous es
tavaõ quasi sempre doentes,donde lhes era preciso cozerem el
les hum pouco de arróz,com q se sustẽtavaõ,padecendo grandes
faltas do necessario. Duas sò consolaçoens avia, huma poderem
alli occultamente dizer Missa, a outra communicarem-se por
cartas com os Christãos,& Padres escondidos pelas Provincias
valendo=se para isto da casa de huma catecumena, que em che
gando a Hien,se lhes deo a conhecer, & ao depois se bautizou
com seu marido,& hum filho.

22 Por oyto mezes estiveram quatro da Cõpanhia nesta casa
a sabe

a ſaber o Padre Provincial, Padre Diogo Vidal, Padre Joaõ de Sequeyra, & Irmaõ Ignacio Martins. Sendo inutil a detença do Padre Provincial,& perigo de vida neſta prizam, puxando por elle os mais negocios da Provincia; por tanto ſe reſolveo a pedir licença para ſe retirar por terra com hum Inglez mercador, que tinha jà licença para ir aos confins da China levar as ſuas mercadorias. Alcançou a licença aſſim do Governador, como do Rey,& tambem o Padre a pediria para os companheyros, ſenaõ entendeſſe,que niſſo avia utilidade dos Chriſtãos, gozando as Chriſtãdades de paz,em quãto os Padres aſſiſtiam deſcubertamente,como quer que foſſe,em Tunquin; perſuadindoſe todos,que os Padres aſſiſtiam no ſerviço del-Rey,a quem todos os annos hiam cortejar tres vezes, detendo-ſe de cada huma quinze dias na Corte tratando com os Mandarins das Provincias,& ganhandolhes a vontade; com que naõ perſeguiaõ aos Chriſtãos.

23 Por eſtes motivos,& boa vontade, com que ficavaõ os Padres em Tunquin, ſe deſpedio delles o Padre Provincial aos 15. de Abril de 1695. partindo para Macao,levando comſigo os dous moços que trouxera;em lugar delles concedeo o Governador dous moços Tunquins aos Padres. Naõ podiaõ os dous Padres fazer officio de Miſſionarios em Hien, mas aproveytavam-ſe do tempo, que eſtavaõ na Corte tres vezes no anno,de cada vez quinze dias,livres das vigias de Hien.

24 Aproveytando-ſe da occaſiaõ os Chriſtãos da Corte concorriaõ em grande numero a receber os Sacramentos, & era pouco o tempo para lhes acodir, por iſſo ſe naõ podia attender tanto á converſaõ dos gentios; mas ainda aſſim tiveraõ o goſto de ſe converterem noventa,& ſeis gentios, que bautizáraõ atè o anno de 1695. Fóra os tempos ſobreditos naõ permittia o Eunuco,que os Padres ſahiſſem da ſua prizaõ; deo porèm licença ao Padre Joaõ de Sequeyra,que ſe foſſe curar á Corte; porèm elle levado do ſeu fervor tratava mais da ſalvaçaõ dos proximos,que da ſua ſaude. Adminiſtrou os Sacramentos a grande numero de Chriſtãos,& bautizou a outros noventa, & ſeis gentios adultos;atè que a enfermidade que ſe aggravou cõ o trabalho,ſobremaneyra o impoſſibilitou a fazer as funçoens de Miſſionario. Neſte eſtado ſe achava, quando ſe levantou contra a Fè a perſeguiçam, de cujos trabalhos morreo o Santo Padre Joaõ de Sequeyra,& ſuccedeo pelo teor ſeguinte.

25 Como era muyto arriſcado levarem os Padres comſigo

a Tunquin premios para darem aos Christãos, se resolvèran
mandar por via de Ratavia hum cayxote delles; o mesmo que
Padre Manoel Ferreyra tinha trazido de Europa; porque ind
por via dos Hollandezes seria mais facil passar pela Alfandeg
de Tunquin sem o abrirem, ou cobrarem-no os Padres occulta
mente antes de entrar na Alfandega, como outras vezes tinhar
feyto. Naõ succedeo porèm assim nesta occasiaõ; porque po
mais diligencias que os Padres fizeraõ, nam puderaõ tirar occu
tamente o cayxote do navio Hollãdez, & assim entre outro fa
foy levado à Alfandega, aonde o Mãdarim despachador o abri
& vio que constava de Veronicas, & outras cousas de devoçar
que vinham para os Padres, aos quaes tinha o Rey prohibid
prègarem no seu Reyno a Fè de Christo, & repartirem aquell
cousas, que eram indicios, & finaes da mesma Fé. Mandou log
o Mãdarim levar para sua casa o cayxote, & ao outro dia que e
o ultimo de Julho de 1696. dia do nosso Patriarca Santo Ign
cio, deo aviso ao Rey, o qual se enfureceo notavelmente, & ma
dou que fossem logo presos os Padres, & os Cathequistas, &
desse busca às Igrejas. Estava entaõ o Padre Joaõ de Sequey
na Corte, aonde tinha ido com licença do Governador do S
para segurar de huma doença que lhe sobreveyo; & foram log
os Ministros do Rey á casa, onde estava, para o prenderem; p
rém elle estava em tal estado, que apenas se podia mover na c
ma, em que jazia; & ainda assim o queriam levar em huma re
para o carcere; desistiraõ porèm deste intento, por entendere
qne qualquer movimento bastaria para o matar logo, & a res
luçaõ de tudo foy deyxarem-no ficar preso na cama, onde est
va, com vigias de dia, & de noyte. Prendèram tambem algu
Cathequistas, & Christãos, & os metèram em grilhoens, cepo
& cangas, que vem a ser huns madeyros grãdes, & pezados ao
de metem, & fecham o pescoço do delinquente. A alguns dell
açoutàram tambem cruelmente, & os martyrizavam dandolh
fortes pancadas nos joelhos com hum martello que para i
tem. Fechàram as portas, & puzeram vigias às duas Igrejas
Corte.

26 Entretanto mandou tambem o Rey chamar ao Gove
nador do Sul, & que trouxesse em sua cõpanhia ao Padre Di
go Vidal, q̃ estava na casa, ou prisaõ de Hien para se averiguar
ta causa, ou (para melhor dizer) para que visse o Padre co
seus olhos o odio, que o mesmo Rey tinha á nossa Fè. Tan
què o Governador de Hien recebeo esta ordem, mandou lo
diz

dizer ao Padre Diogo Vidal, se partisse em companhia de hum seu official para a Corte, aonde chegàram aos dous de Agosto, & logo foy o Padre chamado a Palacio, & sahio o Valido a perguntarlhe da parte do Rey, como tendo elle prohibido nossa Santa Fè, agora no navio Hollandez lhe mandavam tantas Veronicas, Imagens, & tantas outras cousas deste genero. A esta pergunta julgou o Padre devia dar alguma reposta moderada, para ver se podia aplacar com ella a ira do Rey, & evitar a furia daquella perseguiçaõ; & assim a reposta foy, que aquellas cousas que lhe mandavam, eram de Europa, aonde ainda se naõ sabia, que elle estava em Tunquin, nem que em Tãquin eraõ prohibidas aquellas cousas, que em todo o mundo costumavamos repartir aos Catholicos, & que os Hollandezes em Batavia, conforme a cortezia, que com=nosco usavaõ, naõ abriram o caxote, & por isso o trouxeram a Tunquin. Naõ disse o Padre, que vinha o caxote de Macao, porque nem isso lhe perguntou o Valido, nem convinha (salva sempre a verdade) descobrir isso.

27 Neste tempo chegou de Hien o Governador do Sul, & o Rey chamou ao Valido, o qual deyxou hum seu Escrivaõ que tomasse por escrito a reposta que o Padre tinha dado; escrevendo primeyro a patria do Padre aonde tinha estado antes de vir a Tunquin. Feyto isto avisàraõ ao Padre que fosse para a casa, que o Governador do Sul tem na Corte, a esperar alli suas ordens. Deteve-se o Governador do Sul em Palacio com o Valido, & outros Mandarins desde pela manhã atè quasi junto da noyte, & em sahindo, sem entrar em casa, se foy para Hien, dando ordem que trouxessem ao Padre Joaõ de Sequeyra para casa de hum seu official, aonde jà estava o Padre Diogo Vidal, & que este official, & outro que tinha acompanhado ao mesmo Padre Vidal, de Hien o avisariam, & levariaõ a Palacio, quando fosse chamado, & fariaõ o demais que lhe ordenassem, & que depois em tendo ordẽ do Palacio, voltariaõ ambos os Padres para Hien. Estava o Padre Sequeyra tam prostrado da febre, que se persuadio o Pàdre Diogo Vidal acabaria logo a vida naquella casa, ou prisaõ para onde o trouxeram, & aonde se viaõ destituidos do necessario para seu remedio, & alivio.

28 Passados dous dias, aos dous de Agosto mandou o Valido aos sobreditos officiaes, em cujo poder estavam os Padres, que levassem ao Padre Diogo Vidal a huma praça publica dentro da Corte, que fica defronte de hum templo de Idolos; & estando lá esperando veyo o mesmo Valido com dous Governa-

dores da Cidade acompanhados de ſoldados com lâças, eſcudos
& catanas,no meyo dos quaes vinha em hombros de quatro ho
mẽs o caxote dos premios,que tinha vindo de Batavia,& vinha
tambem alguns ceſtos de livros,taboas de eſtampar imagens,tre
ferros de hoſtias,& outros premios , que tinham apanhado en
caſa de hũ Chriſtão principal. Puzeraõ tudo no meyo da Pra
ça,& o Valido com os Governadores ſe recolhèram á ſombr
do alpendre da antiporta do templo dos Idolos (cujas porta
eſtavam,& eſtiveram ſempre fechadas)aonde lhe tinham jà poſ
tas as ſuas eſteyras,que ſaõ os thronos deſtes grandes tribunaes
& alli em pé virados com as coſtas para o templo,chamáram a
Padre Diogo Vidal,& eſtando o Padre tambem em pê,o Vali
do da parte do Rey lhe fallou da maneyra ſeguinte : Jà vós ſa
beis,& vos tinham aviſado por varias vezes , que neſte Reyn
era prohibida a Fé de Chriſto. Tinhavos o Rey permittido fi
car em Hien com o Governador,para que nos tempos determi
nados vieſſeis a cortejallo á Corte com os mais. Agora porèn
tendo apanhado eſtas couſas , & eſtando jà informado de tudo
ſegundo as leys do Reyno vos devia mandar matar; mas como
ſeu animo he grande,& compaſſivo ,vos perdoa , & vos mand
reſtituir as couſas que tinha tomado de prata,& de valor; porèn
tudo o que era pertencente à Ley de Deos , manda queymar
voſſa viſta.

29 A eſta pratica do Valido reſpondeo o Padre Diogo Vi
dal as palavras ſeguintes:Quanto aos premios, que ſe tinham a
panhado,jà tenho reſpondido,& ſatisfeyto: quanto á benignida
de de ſua Mageſtade em me perdoar , & conceder a vida,lhe a
gradeço o beneficio , porèm ſe por eſta cauſa de prégar a Fé m
quizer mandar matar , eu goſtarei muyto de morrer por ella
porque em toda a parte diante dos Reys,& dos Mandarins he
de dizer ſempre , & confeſſar a verdade da ley,que profeſſo ,
quãdo vim a Tunquin, jà vim offerecido a morrer por eſta cau
ſa. Atalhou o Valido eſta pratica,dizendo que jà o Rey lhe t
nha perdoado,& convinha agradecerlhe o beneficio ; que ſena
foſſe eſta tam grande piedade do Rey,ꝙ figura era o Padre pa
eſcapar com vida; & o mandou logo afaſtar para huma band
& ſe aſſentou com os demais Mandarins. Mandáram acende
fogo,& foram lançando nelle as Veronicas,Cruzes,& Imagen
que vinham no caxote,tirando cada couſa por ſi. Lançàram tam
bem no fogo o meſmo caxote,com os livros, & mais couſas qu
tinham apanhado,quebrando primeyro os ferros das Hoſtias,

as cinzas de tudo mandàram que se lançassem no rio. Entre tanto chamáram ao Padre outra vez à sua presença, & lhe mostràram a bolsa de patacas que vinham para elle, que tinham juntamente apanhado, & logo abrindo a bolsa lha entregàram juntamente com alguns espelhos, oculos, canoculos com o ornato de alguns relicarios que tinham fios de prata. E feyta esta entrega, mandáram ao Padre acompanhado de oyto, ou dez soldados para a casa aonde estava o Padre Joaõ de Sequeyra, com ordem que logo partissem para Hien, para executarem as ordens que o Governador do Sul lhes desse.

30 Chegando os Padres a Hien se fez logo aviso ao Governador, & elle lhes mandou dizer que estivessem promptos para se partirem, porque por ventura viria ordem para isso, & em ella chegando naõ teriam tempo. Aos sete de Agosto lhe mandou o Governador este aviso, & logo ao dia seguinte mandou dizer ao Padre Diogo Vidal, que jà tinha ordem do Rey para que sahisse de Tũquin com o Padre Joaõ de Sequeyra, & que ao outro dia (que era aos nove de Agosto) pela manhã aviam de partir. Mandou tambem a hum Mandarim com quatro escrivaens para tomarem a rol tudo, o que os Padres aviam de levar; & nam custou pouco ao Padre Diogo Vidal esconder o ornamento da Missa. Leváram os escrivaens ao Governador os rois, & elle vendo naõ avia nelles cousa pertencente ao Culto Divino, mandou por duas vezes avisar ao Padre, que se tinha alguma cousa deste genero, a entregasse; porque se nos outros lugares por onde havia de passar, lha achassem, lhe succederia mal.

31 Partiram finalmente os Padres de Hien aos nove de Agosto fazendo a viagem por rios em huma barca, em a qual vinha com elles de guarda hum official do sobredito Governador do Sul, & junto da mesma barca vinha outra de soldados para sua guarda. Chegando á Provincia do Leste os entregou o official ao Governador daquella Provincia com huma carta, que trazia para elle do sobredito Governador do Sul. Aqui se detiveram os Padres tres para quatro dias por falta de barca; & algumas boas Christãs com licença das guardas os vieram ver offerecendolhes alguma cousa de refresco. Tambem o mesmo Governador do Leste mandou visitar ao Padre Diogo Vidal, mandandolhe dizer, que se compadecia muyto delle, porèm que era ordem do Rey, & naõ podia deyxar de executalla. Em achãdo barca foram os Padres proseguindo sua viagem da mesma sorte, que o tinhaõ feyto atè alli, acompanhados ao principio

com

com huma, depois com quatro barcas de ſoldados com grand
trabalho,& diſcomodo.

32 Antes de chegar aos confins de Tunquin, morreo feliz-mente o Padre Joaõ de Sequeyra,como agora diremos.Quand ſe paſſou o decreto de ſerem lançados fòra do Reyno os Prégadores do Euangelho,ſouberam o Rey, os Governadores, & o demais Mandarins o grande riſco de vida, que corria o Padre ſahindo da Corte, aonde, quando ſe excitou a perſeguiçam,eſtava gravemẽte enfermo,& aonde tinha Medicos que o curavaõ cõ grandes eſperanças de recuperar a ſaude. Porèm nam obſtant iſſo,ſem piedade o obrigàram a ſahir naõ ſó da Corte, mas d Reyno,deſterrãdo-o por ſer Meſtre, & Prègador da Fè de Chriſto. Quando ſe embarcou para comprir eſte deſterro,além da febre padecia graviſſimas dores de flatos. Depois na barca, em que vinha já deſterrado com o Padre Diogo Vidal, lhe deram huns curſos, ą o enfraquecéraõ mais.Depois lhe ſobreveyo hum tal eſtupor de membros que atè para eſtender hum pè,& para ſe virar de huma para outra parte era neceſſario ajudallo. Vendo-o o Padre Vidal neſte eſtado,ainda que avia grandes difficuldades para dizer Miſſa no barco,tratou de dizella para lhe da o Santo Viatico;& eſtando já preparando para dizer Miſſa aos 19 de Agoſto,o meſmo enfermo o chamou, & lhe pedio lhe adminiſtraſſe antes a Extrema-Unçaõ,porque receava,que nam chegaria ao fim da Miſſa com vida. Tinha-ſe já neſta doença cõfeſſado duas vezes geralmẽte, tornou a fazer outra Confiſſam geral,porèm ſummariamente, logo recebeo a Extrema-Unçaõ & depois da Miſſa recebeo o Santo Viatico com ſingular devoçaõ,reſpondendo a tudo o que o Padre Diogo Vidal lhe pergũtavá,fazendo fervoroſos actos de amor de Deos, Fè, Eſperança & conformidade com a vontade divina. Pouco depois de receber o Santo Viatico diſſe ao Padre Vidal,que elle naõ podia fazer naquella hora muytas couſas, porèm que interiormente ſe abraçava cõ Deos, aſſim como hũa arvore ſe abraçava cõ outra Aſſim unido,& abraçado cõ Deos, paſſou aquelle dia,a noyte,& manhã ſeguinte,& pela tarde dos 20.de Agoſto dia de S.Bernardo pedio ao P.Diogo Vidal lhe fallaſſe de Deos,& neſtas praticas ſantas, & devotas paſſou aquella tarde, & grande parte da noyte,até que conhecendo o Padre Vidal que hia jà chegando ao ultimo extremo da vida,lhe perguntou ſe interiormente no ſeu coraçaõ amava a Deos; & reſpondeo: Amo; ſe eſperava em ſua divina miſericordia, que pelos merecimentos de noſſo Redemptor

demptor Jesu Christo o avia de salvar; & respondeo: Espero; se cria tudo o que crè, & ensina a Santa Madre Igreja de Roma? Respondeo: Creyo; & repetindo duas vezes o nome de Jesu ficou sem falla, & dahi a pouco como quẽ descança em hum sossegado sono entregou seu espirito a Deos, da huma para as duas depois da meya noyte, aos vinte, & hum de Agosto de 1696.

33 Meteo o Padre Diogo Vidal ao bemdito cadaver em hũ cayxam, & o levou comsigo na barca atè chegar a huma aldea de Christãos chamada Honèm, & com licença do Mandarim o enterrou aos vinte, & quatro de Agosto do mesmo anno naquella aldea; aonde o cadaver deste ditoso Martyr assim frio está dando calor à Fè, & animando aos Christãos, & com mudas vozes rogando a Deos, que mande Missionarios, que levem adiante tam gloriosas emprezas. A vida, & morte do Padre Joaõ de Sequeyra escreveo nas Annuas da Missam de Tunquin o Padre Diogo Vidal da nossa Companhia, companheyro dos trabalhos, & desterros deste glorioso Martyr: em cujas mãos espirou com nam pequena inveja a tam santa morte, & naõ pequenas saudades de tam fiel companheyro.

CAPITVLO XVII.

Vida, & ditosa morte do Padre Joseph Carvalho; sua virtude antes de ser da Companhia; vay para o Malabar; do que obra em Madurè.

1 HE na verdade o gosto de quem escreve vidas de homens virtuosos muyto grande, quando a penna se occupa em referir as virtudes daquelles homens, com quem tratou, & cõversou familiarmẽte; & tanto mais crece este gosto, quanto mais indubitaveis saõ os comprincipios, que temos para crer, que estam gozando da vista clara de Deos. Isto me succede, escrevendo a vida, & santa morte do bemdito Padre Joseph Carvalho, a quem conheci estudante, & com quem algum tempo vivi depois de acabar o Noviciado; & fuy testemunha da sua grande modestia, & compostura assim em secular, como em Religioso. Em Tanjaor aos 14. de Novembro de 1701

2 Nasceo este bem afortunado Padre na Cidade de Portalegre. Seus pays se chamàraõ Domingos Fernandes, & Antonia Carvalha: estes o mandàram estudar à Universidade de Evora. Sendo estudante trajava com grande honestidade, & a sua compostura

poſtura nas acçoens, & modeſtia dos olhos era como de Reli
gioſo modeſto, & ſeſudo. Sẽdo eu naquelle tẽpo de bẽ poucos an
nos, me lembra muyto bem, que pondo os olhos neſte eſtudan
te, ou ao ſahir, ou ao entrar nas aulas, reparava na ſua modeſtia
como em couſa rara; pela naõ ver em algum outro de tam nu
meroſo concurſo.

3 A virtude da pureza foy nelle Angelical ainda no eſtado
de ſecular, no qual padeceo alguns contraſtes, & em todos ſ
ouve como grande Santo. Huma famula de caſa ſe lhe affey
çoou, & o perſeguio com grãdes inſtancias, porèm elle ſe ouv
como o caſto Joſeph, & o glorioſo Santo Thomàs, & outro
Santos, que neſta materia nos deyxàram ſingulares exemplos
Entrou na Companhia em Evora aos 13. de Mayo de mil ſeiſ
centos ſetenta, & cinco, ſendo Meſtre dos Noviços o Padre Mi
guel Dias, que quando iſto eſcrevo, he Aſſiſtente da Cõpanhi
em Roma. Aſſim em Noviço, como depois de fazer os ſeus vo
tos, ſempre procedeo ſantamente. A ſua virtude, & modeſti
era entre nós muy notoria. Alguns imperfeytos nam goſtavan
delle, por quanto em ſua preſença nam conſentia ſe fizeſſem diſ
tracçoens, & faltas contra a regra; nas quaes materias elle a nin
guem fazia coſtas, porque ſinceramente dava cõta ao Superior
para que os emendaſſe.

4 Com grande eſpirito pertendeo a Miſſam da India. N
anno de mil ſeiſcentos oitenta, & hum com outros quinze Reli
gioſos da Companhia ſe embarcou, & com feliz jornada che
gou a Goa. Depois foy para a Provincia do Malabar, que avia d
ſer o emprego de ſeus ditoſos trabalhos, dos quaes direi eſſe pou
co, de que pude ter noticia; que conforme ao que diſſer foy tod
o teor de ſua ſanta vida. Depois de aprender a lingua da terra
que he o primeyro trabalho de todos os Miſſionarios, & naõ h
pequeno, o mandou a obediencia trabalhar na Cidade de Madu
rè, que dà o nome ao Reyno. Muytos annos avia, que neſta Ci
dade nem avia Igreja, nem podia alli aſſiſtir Padre, por naõ te
lugar, ou caſa. Foy Deos ſervido de o deſcubrir ao Padre Joſep
Carvalho no anno de mil ſeiſcentos oytenta, & ſete. Tudo refe
re o meſmo Padre em carta ſua pelas palavras ſeguintes.

5 Para acodir a eſta Chriſtandade me foy neceſſario funda
Igreja neſta Cidade de Maduré, como em effeyto fundey em
bayrro della fòra da fortaleza alèm do rio. Eſte bayrro go
verna hum Principe chamado Caſturi, ao qual para eſte effeyto
mandei viſitar pelo Catequiſta Clemẽte, que lhe fallou tam al
tamente,

ramẽte da Ley de Deos,& de seus Prègadores, que elle lhe concedeo facilmente a licença, que lhe mandava pedir para a fundaçam da Igreja; & assim logo sem mais demora assinou o lugar para ella. E Deos nosso Senhor parece, que assim foy servido,& que lhe agrada o lugar, pelas maravilhas, que de continuo nelle obra, & se veram claramente no discurso desta relaçaõ.

6 Neste lugar em que agora està a Igreja, morava antigamente hum feyticeyro tam diabolico, que com suas artes magicas tinha tirado a vida a sete pessoas,que alli intentavaõ morar, & por esta causa já ninguem se atrevia a habitar em tal lugar. Tanto que elle soube,que queriamos alli fundar a Igreja, intentou fazernos o mesmo,que tinha feyto aos sete;& assim fez,que huma noyte apparecesse o Diabo a Clemente em figura de Urso,& de Leaõ, com cuja visaõ elle ficou logo tolhido de pès, & mãos,& sem poder fallar hũa sò palavra: mas tanto que em seu coraçaõ disse as de *Verbum caro factum est*,logo (caso raro!)ficou livre,fazendo o sinal da Cruz para afugentar ao inimigo infernal,que à vista daquelle sinal da nossa Redempçaõ se nam atreveo a estar mais em sua presença.E naõ foy só Clemente,o q̃ por meyo deste sinal afugentou o diabo, mas tambem muytos outros,que delle se valèram contra os feytiços daquelle malvado homem. Destes foy hum Christaõ chamado Xavier, que tinha ajudado muyto a fundaçaõ da Igreja, & lhe appareceo o diabo em figura de Elefante, & elle armando-se logo com o sinal da Cruz,o fez desapparecer a toda à pressa.

7 Depois destes successos me parti,para acodir á Christãdade de Utamapaleam tres dias de caminho desta Cidade, aonde deyxey dous Catequistas para acabarem esta Igreja. Succedeo pois,que hum delles,que he Mariadazen, cançado do trabalho, se encostou hum pouco a dormir;mas depois de acordar,pertendendo levantarse, o naõ pode fazer, por sentir, que fortemente lhe atavam os pès,& lhe prendiam as mãos. Vendo pois que de nenhum modo se podia levantar, nem fazer o sinal da Cruz, bradou por hum seu irmaõ, o qual vendo,o que passava,foy correndo à Igreja,& trazendo agua benta lha lançou, & logo ficou livre daquellas prisoens;& fez o sinal da Cruz,ficando com tão grande fé,& confiança em Deos,& na Virgem Senhora,de quem se professava servo no nome, que tinha tomado no bautismo, que disse publicamente, que ainda que se ajuntassem todos os feyticeyros,que avia nestes Reynos, & lhe puzessem feyticos,

que

que lhe naõ poderiam fazer cahir hum cabello da cabeça. O que tudo foy Deos servido cumprir; pois naõ só o livrou a elle no caso passado, mas ainda em outros, que o diabolico feyticeyro obrou; fazendo, lhe apparecesse o diabo em varias figuras, & fòr- mas, para o matar, de que o Catequista ficava livre, logo que fa- zia o sinal da Cruz.

8 Quando se lançàram as paredes da Igreja, mordeo hum Escorpiaõ a hum Gentio, que alli trabalhava; eu posto que lhe appliquei huma mesinha, os Christãos á honra das chagas de Christo rezàraõ cinco Padre nossos, & cinco Ave Marias, como lhes ordeney, para que Deos lhe dèsse saude. Foy elle servido de lha dar logo tam perfeyta, que continuou o serviço como de antes com grande admiraçaõ de todos. A mesma admiraçam causou aos gentios verem-se livres de hum diabo, que lhes ap- parecia em huma horta, que fica junto da Igreja, porque depois que esta alli se fez, nunca mais lhes appareceo.

9 O feyticeyro assima dito, vendo que suas artes, & feytiços naõ succediaõ, quiz ir por outro caminho armando demandas sobre aquelle lugar, que elle dizia era como morgado, & nam podia ir a outro. Esta demanda começou a tratar em presença daquelle Principe, que nos deo licença, para fazermos alli a Igre- ja; mas elle mostrando, que tinha palavra de Rey, mandou ao feyticeyro, que se fosse embora, & o reprehendeo gravemente, por lhe fallar em tal cousa. Nam levou o feyticeyro esta repre- hençaõ em capelo, & tratou logo de se vingar delle pondo fey- tiços a hum filho seu de pouca idade, fazendolhe dentro de pou- cos dias vir tal febre, que o menino parece ardia em hum for- no.

10 O pay lhe applicou, quantas mesinhas se podem exco- gitar, mas sem effeyto algum; o que visto, se confirmou serem feytiços, que aquelle mao homem tinha feyto, & assim se resol- veo mandar aqui o filho, para que eu lhe desse a bençaõ, & o cu- rasse. Encomendey aos Christãos este negocio, para que pedis- sem a Deos, desse saude àquelle menino, pois abayxo de Deos, áquelle Principe era, o que nos favorecia, para estarmos naquel- le lugar; & eu confiado em o Senhor appliquei huma mesinha ao enfermo, com que em breve tempo cobrou a saude desejada, com grande alegria do pay, que louvando a Deos nosso Senhor, dahi por diante nos cobrou mais affeyçaõ, & a cada passo me vi- nha aqui visitar, tratando-me sempre cõ tanta cortesia, & amor, que mais parecia Christam, que gentio. Isto he, o que succedeo

no

na fundaçaõ desta Igreja,agora segue-se referir o mais que suc-
cedeo dalli por diante.

11 Nesta Cidade Madurè mora huma devota Christã cha-
mada Maria , casada com hum gentio, o qual nam guardando a
fidelidade,que devia a sua mulher,andava mal encaminhado avia
annos com huma gentia. A ambos reprehendeo Maria; & a gẽ-
tia sahindo fòra de si com esta reprehençam,lhe disse: Veremos,
se ao diante vosso marido vive. E depois de a ameaçar desta
sorte,para se vingar no marido , se foy ter com hum feyticeyro,
para que com feytiços o matasse. Usou o feyticeyro de suas ar-
tes diabolicas,por meyo das quaes fez vir àquelle pobre homem
huma doença,que o póz às portas da morte. Estando elle des-
confiado dos Medicos,chamou Maria a hum Catequista , para
que lhe desse bons conselhos, que tratasse de sua salvaçaõ , para
viver eternamente no outro mundo, pois avia jà poucas esperã-
ças de viver neste. O Catequista o persuadio, assim como a mu-
lher o desejava , & depois de o catequizar , lhe deo o sagrado
bautismo , com o qual naõ sò cobrou a saude espiritual, mas
tambem a corporal com geral admiraçaõ de toda esta gentilida-
de,grande alegria dos Christãos, & particular consolaçaõ de sua
mulher, que juntamente com o marido fizeram a festa do San-
to Natal , dando tudo o necessario para a celebridade de tam
grande dia.

12 Na segunda sahida , que fiz a Utamapaleam , achei que
naquelle lugar,como nos mais daquella provincia,obrava Deos
cada dia muytos milagres por intercessaõ de nosso Santo Patri-
arca. Encomendouse a elle huma gentia,pedindo, lhe alcançasse
de Deos fruto de bençaõ , por cuja falta os parentes a injuria-
vam. O Santo se lembrou della , alcançandolhe o despacho de
sua petiçaõ, quando os parentes menos o esperavaõ , & ella ale-
gre trouxe à Igreja a offerta,que tinha promettido ao Sãto.Tam-
bem outro gentio, que era tocado de lepra , tanto que se untou
com o azeyte da alampada do Santo,ficou totalmente livre da-
quelle mal. O mesmo succedeo a outro gentio,a quem puzeram
huma pouca de cinza benta em nome de Santo Ignacio , cujos
milagres demandavam mais larga relaçaõ, mas por identicos os
deyxo.

13 Nam saõ menores, os que Deos obra por intercessaõ de
Saõ Francisco Xavier,dos quaes tambem brevemente referirei.
Huma Christã chamada Maria cahio enferma de febre conti-
nua. Desta sorte foy trazida á Igreja vespera do Glorioso Apos-

tolo,a quem devotamente se encomendou.Ella veyo enferma
Igreja,mas voltou só para sua casa.

14 Tambem Deos faz maravilha pela fè destes Christão
como veremos nos casos seguintes. Naquella mesma Provi
cia de Utamapaleam, estando eu em huma povoaçaõ succede
que hum Christão foy visitar a huma gentia sua parenta, a q
tinhaõ posto feytiços,& naquella occasiaõ achouse com pouc
alentos de vida, & jà para espirar. Disse elle entam para os ci
cunstantes cheyo de fé,& confiança em Deos: Vòsoutros na
choreis,que eu vou tomar a bençam do meu Padre, & recebe
do da sua mão cinza,& agua benta,venho logo a toda à pressa,
a enferma sem duvida cobrarâ saude. Ouvindo os parentes is
lhe encomendáram a pressa. Chegando pois aquelle Christa
me referio,o que passava; & eu conhecendo sua fé,& virtud
lhe dei a cinza,& agua benta, com tam bom successo, que
mesmo foy pòr elle a cinza na testa da enferma, & lançarl
agua benta,que ella com admiraçam de todos levantarse sãa,
valente sem lesaõ alguma dos feytiços.

15 A este mesmo Christam perguntou o Governador d
quella povoaçam, que dizia o seu Padre acerca da chuva, po
que avia entam grande falta della. Respondeo o Christam: S
nhor,o meu Padre,& todos os seus discipulos ha tres,ou quat
dias,que pedem a Deos se compadeça deste Reyno conceden
huma chuva,que he necessaria para as searas, que por falta del
se vam secando todas, & vossa mercé verà, que hoje infallive
mente chove.O Christaõ o disse,& a divina misericordia o co
prio á risca,fazendo que chovesse naquelle mesmo dia.Por es
& semelhantes maravilhas, que Deos costuma obrar naquel
& mais lugares, aquelle Governador cobrou grande concey
da Ley Santa de Deos; & logo me veyo visitar,dizendo,que
daria outro lugar naquella povoaçaõ,em que eu fizesse a Igre
pois aquelle em que està,nam era tam decente. Deos assim c
mo lhe deo este conhecimento, lhe dè os auxilios para abra
sua santa Ley,que muyto poucos sam os que a abraçam; sen
que pelas maravilhas, que Deos obra, muytos conhecem se
verdadeyraLey.Por isso o numero dos bautizados este anno n
passou de duzentos,& sincoenta, & seis. Atè aqui a carta de
bemdito Padre, que bem mostra, quanto o demonio se offen
desta sua primeyra Igreja.

CA

CAPITVLO XVIII.

Do que obrou em outras Residencias.

1 TEndo o Padre Joseph Carvalho a seu cargo a Residencia de Cornapatû, se queyxa de naõ correspon der a seara ao seu trabalho, porque sendo este grande, o fru o nam era muyto por causa das continuas guerras, com que ar ia aquelle paiz: as quaes nem davam à gente lugar a pôr a vi a em cobro. Aqui bautizou o Padre huma menina, em quem o anto Xavier tinha obrado huma rara maravilha. Nascèra esta riança com duas cabeças: bem se vê como ficariam desconsola os os pays com tam insperada monstruosidade. Valeo-se o pay a protecçam do Santo Apostolo, fazendolhe certo voto. Foy uvida sua petiçam, porque a deformidade se tirou, ficando a riança sem aquelle defeyto. O Padre dando graças a Deos pe as maravilhas, q̃ sempre obra por este seu Sãto, no bautismo poz criança o nome de Francisca Xavier, em honra do Glorioso postolo.

2 Vio-se a especial assistencia, que Deos fazia a este seu ser o no castigo, que deo a hum insigne feyticeyro. Quiz este pro ar a força das suas artes no bẽdito Padre; porẽ foy Deos servido e o livrar, permittindo que o Demonio matasse os filhos do ito feyticeyro em castigo do seu atrevimento. Seguio-se daqui o feyticeyro hum grande medo, que nam fizesse com elle outro anto o demonio: mas foylhe o medo de grande proveyto, por que elle, & sua mulher, & hum sò filho, que lhe ficàra, ouviraõ Catecismo, & instruidos se bautizáram. Em dous annos, que ssistio naquella Residencia, bautizou duzentos, & noventa, & ete, & sem duvida seria a colheita mais copiosa, se as guerras do Mogor, & as injustiças do Rey de Ginja deyxassem aquietar a erra, & viver a gente em paz.

3 Por causa das guerras se recolheo a gente para escapar da norte, huma aos Reynos de Mayssur, & Tanjaor, outra aos ma os de Ureàr, para os quaes se retirou tambem o Padre Joseph Carvalho, tratando dos Christãos, que alli acodem; que como udo andava perturbado, eram poucos em numero. Ainda assim aquelles matos bautizou até sessenta, & sete, vivendo porèm empre em hum continuo sobresalto.

 4 Aos

4 Aos mefmos matos veyo no entretanto morar hum G
vernador,em quanto paſſava a furia da guerra, com que as ſu
terras eram aſſoladas. Conſiderando o Padre, que eſte home
podia ſer util à propagaçaõ da Fè, quando voltaſſe ao ſeu g
verno,determinou de o mandar viſitar, & preſentear por hu
ſeu Catequiſta. Teve o Governador noticia deſta honra, que
lhe queria fazer;& por ter algum divertimento, preparou alg
Bramanes,Pandarás,& Jogues para diſputarem com o Catequ
ſta. Succedeo a diſputa com hõra da Fè; porque os Gentios na
tiveram que dizer ás verdades com que o Catequiſta os conve
cia.

5 Moſtroulhe o Governador agrado; & ſegunda vez em
verſa occaſiaõ, ouve ſemelhante diſputa em ſua preſença co
igual ſucceſſo. Ficou o Governador entendẽdo aver ſó hũ De
& a multidaõ delles ſer couſa fingida. Logo fallou á parte
Catequiſta,dizendolhe em como de noyte padecia formidave
ſonhos,& repreſentaçoens funeſtiſſimas; que tinha por cou
ſem duvida,naſcer tudo iſto de feytiços; por tanto,que lhe pe
algum remedio, com que ſe livrar deſtas moleſtias. A iſto re
pondeo,que daria de tudo parte ao Meſtre, & elle diria, o q
ſe devia fazer. Tudo referio o Catequiſta ao Padre. O remed
foy meter o Padre em hum canudinho de prata eſcritas as pal
vras: *Verbum caro factum eſt.* Logo mandou eſta prenda ao G
vernador,dizendo, que ſemelhante remedio tinha elle com g
de utilidade applicado a muytos Principes; mas que adve
tiſſe que para tam celeſtial meſinha ter effeyto, era neceſſaria
adoraçaõ a hum ſò, & verdadeyro Deos Creador de tud
& que ſe queria ſalvarſe,era neceſſario ouvir o Catecifmo, ba
tizarſe,& guardar a Ley de Deos. Ouvido iſto tomou o Gove
nador a dadiva com grande eſtimaçam, & logo a atou na cab
ça. Foy couſa maravilhoſa,o que ſuccedeo; porque ficou tot
mente livre dos feytiços,ſem mais padecer as coſtumadas mol
tias. Ficou tam agradecido a eſte favor de Deos,q̃ prometteo
edificar huma Igreja de pedra à ſua cuſta,logo que voltaſſe pa
as ſuas terras.

6 Tambem outro fidalgo ſe vio muy atrabalhado co
feytiços, que ſe lhe deram. Inchouſelhe todo o corpo,
chegou ao fim da vida. Conſultou na materia a hum feitice
ro. Eſte o aconſelhou, que o remedio infallivel era ir l
go buſcar ao Sacerdote do Senhor de tudo, (que aſſi
nomeam naquellas terras aos Sacerdotes Chriſtãos) q
fize

izesse, o que lhe ordenasse. Era tanto o amor da vida, & medo da morte, que pela meya noyte veyo a casa do Padre. Recebeo-o com toda a benevolencia, & pondolhe hũa pouca de cinza benta sobre a testa, & peytos, logo se sentio livre dos feytiços, & inchaçaõ do corpo. Ficou contentissimo, mas nem o milagre, nem o que disse o Padre para se salvar, bastou para o tirar do seu gentilismo.

7 Foy grande a mercè, que o Padre, & Christãos reconhecèraõ dever a Deos, no tẽpo que o Mogor esteve sobre hũa fortaleza, a cuja sombra estava o paiz. A mais da gente com o precioso de suas casas se retirou àquelles matos; bem sabia isto o Mogor, & intentou muytas vezes penetrar os matos, para se aproveytar da preza; mas Deos pela intercessaõ do Arcanjo Saõ Miguel, & oraçoens do Padre Joseph Carvalho, sempre desviou aos Mogores da invasaõ. Tinha elle tomado por Padroeyro naquella afflicçaõ ao Santo Arcanjo, promettendolhe huma Missa solemne, que se celebrou com grande gosto de todos, & naõ menor devoçaõ.

8 No anno de 1695. assistia o Padre Joseph Carvalho na Igreja do lugar chamado Cunampati. Està entre matos, lugar muyto accommodado para latrocinios, de que a terra he fecũda; mas entre aquelles ladroens acham os Missionarios menos incõmodos, que entre outras gentes ao parecer mais pacificas, & cultas. De que se segue fazerem-se Christãos muytos daquella gente perdida, & aver cõmodo para mais desafogadamente exercitar os mysterios Apostolicos; fomentando com os Sacramentos aos Christãos, & convertendo aos gentios. Tudo alli fez o nosso Missionario. Aonde tambem o favor do Arcanjo Saõ Miguel pelas oraçoens do Padre, & Christãos foy muy evidente; porque entrando o exercito del Rey de Tanjaor pela terra, & chegando junto ao lugar onde o Padre assistia, prometteo o Padre huma Missa ao Santo Arcanjo, se os livrava de tam proximo perigo. Foraõ ouvidas suas oraçoens; & Deos desviou ao inimigo daquelle lugar, aonde todos se davam jà por perdidos.

9 Tinha o Padre Joseph Carvalho grande noticia de mesinhas, & virtude das hervas curativas. Serviolhe isto muyto para a cõversaõ das almas; porque fazendo os seus remedios aos gentios, & sarando-os, de caminho convertia a muytos delles; a outros affeyçoava, para naõ impedirem a prègaçaõ Euangelica. Neste lugar teve algum cõmodo, para tambem se adiantar na

noticia da virtude das hervas, que tam proveytosa lhe era. No mesmo sitio bautizou cento, & quarenta, & hum; que para a opressaõ dos tempos naõ foy pequena colheita, quando por huma sò alma dam todos por bem empregados os trabalhos de toda a vida. Do grande Padre Sebastiaõ Barradas da nossa Cõpanhia, Autor da Concordia Euangelica, se diz, que pondo os olhos nos seus livros tam cheyos todos de espirito, como o estava seu Autor, dissera com as lagrimas nos olhos a modo de quem suspirava: Oh que dita seria a minha, se todos estes meus livros tivessem por premio a conversaõ de huma sò alma!

10 A Residencia, que nesta Missaõ se chama da Serrinha, foy muytos annos cultivada pelo Padre Joseph Carvalho. Deulhe o nome huma pequena serra, junto da qual està a Igreja, he o sitio pouco sàdio, mas pelo retiro, & brenhas, em que està, he accommodado para concorrerem alli os Christãos cõ menos perigo. Nem o exercitar os ministerios Apostolicos em lugares publicos, he cousa segura; antes tem a experiencia mostrado, que dahi se originam grandes perseguiçoens.

11 Trabalhou o Padre nesta Residencia com o zelo, que nas outras, acompanhando sempre Deos a sua prègaçaõ com maravilhas, com as quaes muyto se alentaõ os Neofitos, & os Gentios se confundem. Na povoaçaõ da Serrinha desappareceo certo gado, cuja perda causou grande pena aos moradores, & tambem ao Padre, por ver afflictos os seus Christãos: valeo-se de Santo Antonio, promettẽdolhe huma Missa. Naõ se descuydou o Santo, porque no mesmo dia da promessa, & jà de noyte o gado tornou para a povoaçam, com grande gosto dos Christãos, que jà o davaõ por perdido.

12 A hum Christaõ, foy o Padre de grande soccorro com suas oraçoens em hum aperto grande, em que se vio. Era este antes feiticeyro, & a sua grangearia eram varias curiosidades, que fazia por arte do demonio. Teve dor grande outro feiticeyro seu Mestre, que o Discipulo se fizesse Christaõ. Fez quanto pode pelo perverter, mas sem fruto. Costumam os feiticeyros naquellas terras impedir com suas artes, que se nam possaõ levantar do cham certas moedas de prata, & cobre, & se alguem as levanta, por traça do demonio lhe fazem muyto mal. Deu pois ordem o feiticeyro, a que o cõvertido com o mais povo em certo dia se achasse diante do Governador, querendo alli enfeytiçallo. Logo que o Neofito entendeo o aviso, se foy ao Padre pedir remedio. Disselhe, que naõ temesse; & quando fosse obrigado a

levan-

levantar as moedas, rezasse as oraçoens, & fizesse sobre ellas o sinal da Cruz, porque sahiria victorioso; assim o fez; & levantou as moedas sem receber damno algum. De que ficou muy alegre, & os feiticeyros cheyos de confusaõ, por verem seus embustes sem applauso. Nos primeyros mezes, que aqui assistio o Padre, bautizou sessenta, & quatro pessoas, & fez outros muytos serviços a Deos.

13 Nos annos de mil seiscentos noventa, & seis, & novẽta & sete foraõ os bautismos que fez o Padre Joseph Carvalho quinhentos, & quarenta, & seis. Ouve grandes perseguiçoens dos gentios contra os Christãos. Em certa povoaçaõ foy terrivel a perseguiçaõ, originada de huma Igreja, que o Padre levantou naquelle lugar. Queriam os gentios queymar a nova Igreja; tendo o Padre disto noticia, mandou por hum seu Catequista visitar o Senhor da povoaçam, foy bem recebido, disputou, & convẽceo aos Bramanes, & o Senhor poz as devidas cautelas para que a Igreja naõ tivesse lesam.

14 Fundou outra Igreja em Minampali. Contra ella se armou o gentilismo da terra; mas quando já lhe queriam pòr o fogo, Deos acodio por meyo de hum Sacerdote gẽtio, que desviou estes maos intentos. Mas brevemente tornáram a resuscitar suas indignações, vendo que dando o fogo no lugar, & ardendo toda a povoaçaõ, sò ficàraõ sem damno algum a Igreja, & casas dos Christãos. Em quanto o Padre alli assistio, ainda que por vezes quizeram abraçar com fogo a Igreja, sempre a cautela do Padre desbaratou seus perversos intentos. Mas logo que o Padre se ausentou, puzeram em execuçaõ sua malignidade. Mas do seu lhe veyo a custar; porque o Padre por via da Corte poz tal cobro neste negocio, que foraõ obrigados os gentios da povoaçaõ a reedificar a Igreja á sua custa.

15 Muytas vezes procuràram os gentios fazer mal aos Christãos com feytiços; mas era tudo sem effeyto. A hum homem principal, & a dous seus filhos trazia o demonio atormentados; logo que o Padre os instruhio na fè, & lhes deo o bautismo, ficáram livres. Huma menina de quatro annos muyto achacada em recebendo o bautismo ficou totalmente sãa. Saõ nesta terra muy continuos os feytiços, mas a virtude do Euangelho os enfraquece com pasmo da gentilidade.

16 No anno de seiscentos noventa, & oyto era já o bemdito Padre Superior dos nossos Missionarios, & trabalhava no destrito, que està à conta do Padre, que tem a seu cargo a Missaõ da Serrinha

Serrinha,que he dilatada em terras. Chegando á Igreja de Minampali,como dissemos,reedificada pelos gentios,o Governador ordenou aos moradores, que lançassem fòra o Padre, & desfizessem a Igreja. Elles amedrontados com o successo passado se naõ atrevèram a tanto. Para quebrar o orgulho daquelle gentio,se valeo o Padre em primeyro lugar de Deos, & do Arcanjo Saõ Miguel,a quem prometteo huma Missa;depois inteyrando da injustiça, que se lhe queria fazer, a hum Governador de algumas Provincias,este mandou chamar ao gentio, & severamente o reprehēdeo; & elle com o medo ficou tam trocado,que dalli por diante vinha visitar ao Padre.Tudo o Padre attribuhia à protecçam do Arcanjo Saõ Miguel.

17 De outro naõ menos aperto o livrou Deos. Estando na Igreja da Serrinha,se adunàram varios Regulos,para saquearem aquelle Reyno; & na invasaõ padeceriam muyto os Christãos, & seriam destruidas as Igrejas. Valeo-se o Padre, & os Christãos da protecçam da Senhora por meyo do seu Rosario, & os Regulos se ausentáram, sem fazerem damno algum. Maravilhoso foy o effeyto do santo bautismo em huma criança de quatro mezes,a qual de dia,& de noyte chorava por causa dos feytiços, com que a tinhaõ enredado; logo que o Padre a bautizou, de todo ficou livre. Attonitos com este prodigio os pays tambem se convertèram,& bautizáraõ. Quinhentos,& vinte,& hum foram aquelles, que no sobredito anno recebèram o santo bautismo por maõ do Padre Joseph Carvalho.

18 No anno de noventa & nove fundou o Padre Igreja em huma povoaçaõ chamada Xava Dupati, que confina com as terras do Palami, em que ha muytos Christãos. Para lhes acudir assistio naquella Igreja,aonde o vieraõ visitar dous tios do Principe da Comarca. Ainda que se naõ convertèram,foraõ de sorte affeyçoados à nossa santa Ley,que promettèram de sempre conservarem a Igreja, & favorecerem aos Prègadores do Santo Evangelho. Succedeo alli, ter contendas hum mancebo gentio com outros tambem gentios;estes se valèram dos feytiços,& cō elles fizeram grande mal áquelle mancebo, que alèm de padecer muyto, varias vezes cahia em terra como morto. Vendo isto seu pay,& parentes o trouxeraõ à Igreja;prometteo o Padre dizer huma Missa á Senhora se o livrava, & os Christãos fizeram por elle tambem oraçaõ à Senhora, que lhe alcançou inteyra saude assim no corpo, como na alma, porque recebeo o santo bautismo. Deyxo outros muytos casos prodigiosos, porque o

bom

bom Padre sempre q os escrevia para as Annuas,como he costume santo dos Missionarios,os attribuhia ás oraçoens dos Christãos,remetendose, no que podia tocar em sua pessoa,ao silencio, que he o secretario mais fiel dos homens santos,& humildes,como este era. A quinhentas trinta, & cinco pessoas deu este anno o santo bautismo.

CAPITVLO XIX.

Prisam do Padre Joseph Carvalho, & mao tratamento, que nella teve; & da sua morte, & virtudes.

1 COm muytos annos de trabalhos continuos tinha Deos apurado a este seu servo, quando se dignou de lhe dar por premio hum ditoso fim cõ a occasiaõ seguinte. Sendo o Padre Joseph Carvalho Superior da Missam, se principiou a levantar huma perseguiçam na Residencia de Coatur, por causa de hum fidalgo gentio dizer ao Regulo muytas mentiras cõtra os Christãos. Visitou-o o Padre Joseph Carvalho, & convenceo ao fidalgo de mentiroso. Por tanto o Rey para lhe restituir o seu bom nome,mandou, que os Padres Joseph Carvalho,& Miguel Bertoldo fossem honrados. Deulhes a cada hum seu pano de seda. Depois ordenou,que ambos acompanhados de Cantores,& instrumentos musicos,passeassem em Palanquim, o Padre Carvalho na Cidade Metropoli, o Padre Bertoldo em Coatur; por ser este o modo, com que os Principes naquellas terras ennobrecem a seus vassallos.

2 No anno de 1701. em que o Padre Joseph Carvalho era Superior das Missoens de Madurê, se levantou no Reyno de Tanjaor huma horrivel tormenta contra os Christãos. Teve esta sua origem no pejo grande, que padeceo hum Bramane vendo-se convencido por hum Catequista. Concebeo tam entranhavel odio contra os Christãos, que por meyo de seus amigos persuadio ao Regulo,desse fim à Ley de Deos. Mas vendo os amigos naõ concebia o fogo, que queriam aceso, & que dava pouco por suas persuaçoens, ordiraõ huma traça,com que lhe dessem a ver com seus olhos, quanta razaõ tinham no que lhe aconselhavam. Deram ordem a se representar em Palacio huma Comedia, na qual introduziam figuras de Catequistas,& Sacerdotes Christãos,fazendo mil escarnios, & afrontas aos Deoses.

Com

Com esta Comedia se accẽdeo o Regulo tanto em ira, que logo passou ordem para serem prezos, & vexados todos os Christãos sem differença de sexo, nem estado, nem idade. Começou a perseguiçam em 22. de Outubro de 1701.

3 Naõ he explicavel o estrago, que se fez com estas prizões, & roubos, que se cõmetteraõ. Fez a crueldade retroceder a muytos neofitos, outros deyxàram suas casas por nam largar a Fè. Viaõ-se carceres cheyos, & tambem as ruas, onde os metiam em cepos. Neste tẽpo se achava o Padre Joseph Carvalho em Xirru carambur na Provincia de Xolomandalam distante duas legoas ao poente da Fortaleza de Tramgabar, q̃ he dos Dinamarquezes. Alli adoeceo gravemente. Foy-o visitar o Padre Miguel Bertoldo, para o consolar, & lhe administrar os Sacramentos, sendo assim necessario.

4 Quando o Padre Bertoldo chegou a Xirru Carambur, o achou muyto melhorado, & totalmente livre do perigo. Passava esta visita em 21. de Outubro. Aos 23. Sol posto, tiveram noticia da perseguiçaõ, & na mesma hora, que o soubéram, foraõ cercados de soldadesca, que o Governador da Provincia mandára para os prender, & levar a Tanjaor, Cidade que dà o nome ao Reyno. Foram presos os Padres, & alguns famulos domesticos, despojados de tudo, excepto os vestidos. No dia seguinte ao rõper da Aurora foram levados para outra povoaçaõ chamada Perumaley, mais desviada de Tramgabar; porque temèram, que os Dinamarquezes como Europeos, sahissem da Fortaleza, & viessem livrar aos Padres. Facil era pór em execuçaõ este arbitrio, & naõ se duvida o fizeram a respeyto de acudir pela honra dos Europeos. Mas os Padres nam quizeram mandar aviso á Fortaleza, assim por se naõ furtarem ao merecimento, como por naõ serem tidos por Europeos, que he naquellas terras cousa de grande infamia.

5 Em Perumaley estiveram tres dias com boa guarda de soldados, & o Capitam intentou metellos em grilhoens, para mais os assegurar; mas por lagrimas de alguns, dos muytos Christãos, que alli estavam prezos, revogou este seu decreto. Nos tres dias, que alli se detiveram, disputáram alguns gentios com o Padre Bertoldo. Vendo-se convencidos, tomàram outro caminho, tentando-o com varias perguntas sò a fim de saberem, se eram, ou nam eram Europeos. Estas perguntas declinou o Padre com boas industrias, por nam se expor ao perigo de mentir.

6 Aos 26. foram os presos obrigados a fazer viagem para

Mayáburam Cidade principal da Provincia, onde assiste o Governador. Como era Inverno, os caminhos estavam muy lodacẽtos, & cheyos de agua, onde muytas vezes atolavaõ atè o joelho. Faziam o caminho a pé, & descalsos sem a taimarica, de que usaõ ordinariamente, conforme o traje, que vestem. Particularmente o Padre Joseph Carvalho padeceo muyto, por naõ estar bem convalecido. Este rigor foy causa de lhe repetirem os accidentes da enfermidade. Tres vezes desmayou mortalmente neste caminho, & outras tantas se alentou com a consideraçam das cahidas do Senhor, quando hia para o monte Calvario. Ajuntavão se muytas injurias, assim contra elles, como contra nossa Santa Fè, & destas se dohiam elles mais.

7 Proseguindo a viagem, ao pór do Sol entráram na Cidade de Mayàburam, com grandes algazaras, & vivas do povo, como se viessem prezos dous insignes ladroens. Foraõ logo apresentados ao Governador, que por ser muy sagàz os tratou com cortezia de palavra, & obra. Mandou-os assentar junto de si, & explicar a ley, que prègavaõ. O Padre Joseph Carvalho, como mais perito na lingua Tamul, declarou sũmariamente os principaes mysterios da Fé. Ouvio tudo com attençam, depois disse para os Bramanes, & Fidalgos em vòz alta: Nesta ley tudo he santo, & conforme á razaõ, & justiça, naõ vejo aqui ignorancias que desfazer, nem erros, que emendar. Depois disse aos Padres, estivessem com bom animo, q el-Rey os naõ mandava prender por odio, senaõ por desejo de os tratar familiarmente, & alcançar do Supremo Deos hum filho por meyo de suas oraçoens, & sacrificios. Com este refolho de palavras os tratou em presença, & secretamente deo ordem, que os puzessem a bom recado, para que nam se escapassem.

8 Obedecèram os soldados, & metèram os Padres em hum carcere de aboboda taõ quente como huma fornalha, sem janellas, nem caminho algum para respiraçaõ. Nesta aboboda, como disse o Padre Bertoldo, morriaõ infallivelmente os Padres dẽtro de duas horas, se o carcereyro movido das lagrimas, & rogos dos criados dos mesmos Padres, naõ concedesse licença, para ficarem à porta do mesmo carcere. Alli passáraõ a noyte, & a manhãa do dia seguinte, sem mais refresco, que hũ pucaro de agua. Com este rigor enfraqueceo tanto o Padre Joseph Carvalho, que no dia seguinte nem a pè, nem a cavallo podia caminhar: porèm os soldados ameaçando-o com lanças, & espadas nuas o obrigàram aquelle dia a caminhar quatro legoas. No outro dia

foy

foy levado em hum andor atè à Cidade de Pavanajam , lugar d
presidio de soldados , aonde o Governador o recebeo como He
rodes a Christo.

9 Ao Sabbado 29 de Outubro chegáraõ os prezos á Cidad
de Tanjaor , que os esperava como teatro da sua fortaleza, &
paciencia. Tres horas estiveraõ ás portas da Cidade, esperand
ordem del-Rey,para se saber,como queria,que os accommodas
sem. Foy notavel o concurso da gente , que concorreo aos ver
como a cousa estranha. Todos lhes diziaõ muytas injurias. De
pois de tres horas por ordem de hum Valido del-Rey foram me
tidos em hũ carcere tenebroso,aonde os esperavam trinta Chri
stãos prizioneyros, que os recebèram com muytas lagrimas d
consolaçaõ. O tecto era tam bayxo, que os prezos escaçament
cabiaõ assentados , & tam estreyto , que naõ tinhaõ lugar de s
estender.

10 Aos 30. de Outubro Domingo pela manhãa lhes lançà-
raõ grilhoens nos pès. O Padre Bertoldo recebeo os grilhoens
com muyta devoçaõ,beijando-os primeyro , que nelles metess
os pès. O Padre Joseph além de os beijar, os pòz sobre a cabe-
ça,dizendo na lingua Tamulica,que os estimava mais que huma
preciosa coroa. Logo que os metéram em grilhoens,chegou hũ
decreto del-Rey , em que prohibia aos Christãos prizioneyros
tratar com os Padres , & os de fòra levarlhes de comer , como
querendo morressem às mãos da fome ; por quanto estes Indios
tem grande horror a derramar sangue humano , especialment
de Bramanes,& Religiosos,quaes eraõ os Padres.

11 Naõ obstante esta ordem del-Rey,huma devota matrona,
que estava preza debayxo de fiança,& hum Christão,que anda-
va livre,por ser pagem do cunhado del-Rey , peytando as guar-
das cõ dinheyro,visitavaõ todos os dias aos Padres , & às escõdi-
das lhe levavaõ leyte,& frutas,com que o Padre Bertoldo tinha
mão na vida,& o enfermo apressava a morte;porque assim o ley-
te, como as frutas eram contrarias à sua doença de cursos de sã-
gue,que cada dia mais se lhe hia aggravando com as molestias
da prizaõ,humidade do tempo chuvoso,falta de cama,abrigo,&
mezinhas necessarias.

12 Entendendo o Padre Bertoldo, que se avizinhava o tran-
sito de seu ditoso,& amado companheyro , mandou pedir licen-
ça aos ministros del-Rey para lhe tirar os grilhoens. A isto res-
pondèram,que já estava determinado em conselho darlhes mor-
te violenta,& assim que pouco importava,que morresse com os
gri-

grilhoens calçados. Receberaõ os Padres esta nova com summo gosto, & dando a Deos muytas graças por tam alto favor, se offerecèram em sacrificio, & confessandose hum com o outro, se dispuzeraõ para o martyrio. Porèm ainda que o Padre Bertoldo mereceo o padecer as penas dos Martyres, naõ foy Deos servido concederlhe a palma do martyrio, como desejava, & para que se tinha preparado.

13 Esta ditosissima sorte coube ao Padre Joseph Carvalho, que vendo se chegava o tempo de ir gozar de Deos, recebeo outra vez o Sacramento da penitencia. Fez oraçaõ publicamente pelos inimigos da Fè, & por el-Rey, & por seu primario Ministro. Acabada a oraçaõ entrou em huma doce agonia, que durou por espaço de meya hora, & inclinada a cabeça nos braços do Padre Bertoldo, deytado o corpo na terra fria, padecendo a puro desemparo de todos os auxilios humanos, entregou seu ditoso espirito nos braços de seu Creador. Faleceo como Martyr glorioso em testimunho da Fè Catholica, terminando com tam illustre morte huma santa, & innocente vida; porque tem para si o Padre Simaõ Carvalho insigne Missionario de Madurè, q̃ lhe escreveo a morte, & o Padre Bertoldo, que o confessou, & testimunhou, que nunca em sua vida cõmetteo peccado mortal.

14 Certificado el-Rey da morte, temèram os Neofitos, que mandasse queimar o corpo defunto conforme o rito da gẽtilidade. El-Rey porèm espontaneamente deo ordem, que se tratasse do corpo nas acçoens funebres conforme o estylo da Ley, que professava, & ensinàra. Dada esta ordem, foy amortalhado, & sepultado com bastante decencia fòra dos muros da Cidade; donde alguns Christãos, que andavam livres, o desenterràram no silencio da noyte, & foram enterrar junto à nossa Igreja de Cunampati; & nam se enterrou dentro da Igreja, porque naquella terra se tem por cousa abominavel enterrar os corpos defuntos dentro dos templos, & este he hum dos costumes, que tem feyto odiosos aos Europeos entre os Asianos da India.

15 Tinha este ditoso Padre, quando faleceo, quarenta, & tres annos de idade, & dezanove da Missam de Madurè, em cuja lingua foy muy versado, & pontualmente observante dos costumes dos Missionarios, que saõ muy arduos, & difficultosos; que requerem homens em tudo despidos do amor proprio, & mortos a si proprios, & a tudo o que chamamos delicias, & alivio.

16 Era o Padre Joseph Carvalho homem de mediana estatura, mas bẽ proporcionada, de rosto cheyo, barba larga, olhos

graves,& severos,os cabellos pretos,a cor trigueyra, & por esta
partes naturaes muyto amado dos Neofitos , porque nam po
diam os gentios definir certamente se era , ou nam era Europeo
Foy dotado de muytas virtudes moraes , de hum natural cand
do,& cõversaçaõ sincera sem engano, nem refolho de palavras
magnanimo,liberal,& muyto acautelado;de coraçaõ intrepido
& capaz de emprẽder cousas arduas;& assim por mais desgostos
& adversidades,que lhe succedessem , sempre estava alegre , &
constãte;& costumava repetir o de Horacio: *Si fractus illabatu
orbis,impavidum ferient ruinæ.*

17 Nas virtudes Christans, & Apostolicas fez grandes pro
gressos,deque confessa o Padre Simaõ Carvalho ser boa test
munha,porq o conheceo em secular,& Religioso; já fica dito
seu procedimento no estado de secular ; em todos os da Rel
giam,Noviço,do Recolhimento , Philosopho , & Theologo
sempre os seus contemporaneos o tiveram por homem justo,&
virtuoso.Foy dotado de huma singular simplicidade de coraçaõ
& grande conformidade com a vontade divina. Era muyto hu
milde,sofrido,& paciente;tanto mais para admirar nesta virtude
quanto a condiçaõ era naturalmente colerica,mas por meyo d
huma estremada mortificaçaõ se venceo de sorte, que sofria ao
Indios com huma rara paciencia , & tratava com elles como
fosse hum cordeyro de mansa, & suave condiçam;& por isso d
ziam os Indios,que o Padre nam parecia homem da terra , ma
Anjo do Ceo.

18 Todo o tempo,que foy Missionario , viveo com grand
abstinencia,usando sempre de comeres quaresmaes , sem mistu
ra de paõ , nem peyxe , nem ovos , mas sòmente arroz
leyte coalhado,& legumes; & isto huma sò vez no dia ao janta
A'noyte depois de acabados os seus exercicios espirituaes , cos
tumava beber hum pucaro de agua sobre huma raiz de gingi
bre amargoso. Teve grande fortaleza em buscar a mayor glo
ria de Deos,& fazer aquillo,que julgava ser de mayor gosto ,&
vontade divina;& porque as suas acçoens tiveram sempre es
alvo,padeceo alguns desgostos, & mortificaçoens na Religiam
em quanto subdito,& Superior ; porque tambem entre os Reli
giosos se acham às vezes contradiçoens da virtude ; persuadido
os que a encontram,que nos taes, o que elles julgam , he o qu
mais diz com a prudencia da virtude.

19 No zelo de salvar almas(virtude propria de Missionarios
foy muyto ardente,& fervoroso. Deste zelo lhe nascia o ser in
ca

ncansavel no Confessionario; & muyto diligente em acodir aos moribundos, sem reparar no longe das viagens, nem nas inclemencias do tempo. Para melhor poder disputar com os gentios, & dar bons conselhos aos Christaos, se esmerou em saber de raiz a lingua Tamulica, gastando no estudo della mais de quatro annos com insano trabalho, & admiravel paciencia; & na verdade alcançou a perfeyçaõ da lingua, que he muyto difficultosa aos estrangeyros, & sahio nella Mestre consũmado. Costumava elle dizer, que o seu desejo era viver quarenta annos na Missam de Maduré, ensinando os Neofitos, & convertendo os gentios, & depois de quarenta annos dar a vida pela Fè. Comprio lhe Deos os desejos quanto à parte principal de dar por elle a vida, tendo só dezanove annos de Missionario, que por serem bem empregados, valèram naõ sò por quarenta, mas por innumeraveis seculos.

20 A virtude da pureza foy nelle Angelical, pois acabou a vida tendo sempre conservado illesa esta virtude com a sua flor, & graça virginal; sendo que lhe naõ faltàram cõtrastes terriveis; já dissemos o valor, com que se ouve nesta materia, sem ser ainda Religioso. Depois de ser Religioso duas, ou tres vezes foy solicitado por mulheres atrevidas, & licenciosas; porém com a graça de Deos sempre sahio victorioso. Com estes actos heroicos mereceo alcançar de Deos tanta paz, & tranquillidade de espirito, que já nos ultimos annos de sua vida naõ sentia pensamentos, nem estimulos sensuaes. Estas, & outras virtudes lhe merecèram diante de Deos a grande felicidade de dar a vida por seu amor. Aconteceo seu ditoso transito no carcere da Cidade de Tanjaor, q̃ dà o nome a hũ dos Reynos do Malabar na India, aos 14. de Novẽbro de 1701. Atè aqui os Noviços desta casa q̃ foraõ mortos em odio da Fé; daqui em diante cõtarei as virtudes dos que morrrèam feytos victimas da caridade em contagios pestilenciaes.

CAPITVLO XX.

Da cruel peste, que ouve na Cidade de Evora, & do muyto, que nella serviram alguns Religiosos aqui Noviços, & como morrèram quatro, feytos victimas da caridade.

1 NO mez de Mayo de 1580. & sendo Arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança, que teve muyto, que chorar a Cidade de Evora, & grande materia a caridade

dos Religiosos da nossa Companhia,porque a Cidade começo
a ser ferida de peste, que nella fez extraordinario estrago. Nell
morrèram quatro da Companhia, que todos aqui foraõ Novi
ços,& empregàram suas vidas em servir aos empestados. Ven
do pois o Padre Provincial,que entam se achava em Evora, qu
o mal hia começando a lavrar, em primeyro lugar acodio ao
remedios divinos,mandando expor o Santissimo na Capella d
Collegio,& algumas Reliquias de Santos:tinha-se muyta ora
çaõ:faziam os Padres,& Irmãos cõtinuas penitencias, & morti
ficaçoens assim particulares,como publicas,das que entre nós
costumam. Vespora do Espirito Santo se fechàram as escolas,&
deram ferias aos estudantes,para que cada hum se retirasse a sua
terras.

2 Porque muyta gente já ferida se vinha confessar à noss
Igreja,sem descobrir o seu mal,ordenou o Padre Reytor, que
Igreja se fechasse, porque o incendio naõ pegasse no Collegio
Mas tratou logo com a caridade,que a Cõpanhia sempre costu
mou,de prover nesta materia de sorte, que os feridos naõ mor
ressem sem confissaõ, & se acudisse aos necessitados da Cidad
De todos os que se queriam consagrar a este genero de marty
rio cahio a sorte sobre alguns Padres,& Irmãos. Os Padres par
acodirem ao espiritual,os Irmãos ao temporal.

3 Para a casa da saude foy destinado o Padre Francisco Ro
drigues,& o Irmaõ Martim Alveres estudante. Para confessa
os feridos na Cidade foy determinado o Padre Antonio Pire
com o Irmão Andre Alveres. Os Padres Jorge Pereyra, & Frã
cisco Soares com o Irmaõ Martim Alveres Coadjutor acodiaõ
aos que na Cidade naõ eram feridos.Todos estes Religiosos mo
ravam fòra do Collegio em casas,que para isso se buscàram.

4 Para serem curados os nossos Religiosos, a quem o ma
ferisse,se destinou a quinta de Loredo;para là tratarem delles,
offereceo com grande fervor o Padre Gaspar Rodrigues, & Ir
mão Belchior Correa, & logo para là passàram levando a hu
Irmaõ já ferido. Para doenças dos nossos que naõ fossem conhe
cidamente peste, se designàram as classes da Universidade co
seus enfermeyros,& mais serviço necessario,sem terem commu
nicaçaõ com a gente do Collegio. Alguns adoecèram sem ser
peste,mas pondo-se nisso cuidado,& diligencia,cobravam saud
Vendo os Padres, que a peste lavrava muyto na Cidade, julg
vam,que convinha despovoar o Collegio,ficando sò nelle,que
tivesse cuidado da casa, & acodisse à Cidade em muytas occ
sioen

fioens,q́ fe offereciam. A mayor parte dos Religiofos, & os Irmãos Noviços foram mandados para a quinta de Val de boim dos Duques deBragança. Outros foram para a herdade chamada Gibalaceyra, que o Collegio tem no termo de Montemór o novo. Outros foram para huma quinta junto de Alborninha. No Collegio ficàram atè trinta; entre elles o Padre Reytor, & Padre Miniftro.

5 Como a pefte era na Cidade tam grãde, foraõ feridos algũs Religiofos do Collegio, q́ parece permittio Deos fuas doẽças, para manifeftar nelles fua gloria. Hũ Padre fe fentio cõ hum inchaço, & dores agudas; antes de dar conta ao Superior, lembrandolhe, que tinha no feu cubiculo hum pouco de unguento do Menino Jefu de Santa Monica, o tomou com fè viva, & fez huma Cruz fobre o inchaço, o qual fe refolveo, & ficou fam. Outro Padre teve tambem hum inchaço, & com muytas pintas em varias partes do corpo; temendo elle, que a fua doença prejudicaffe aos mais, fe recolheo no feu cubiculo, & pondo-fe em oraçam pedio a Deos o livraffe, & com viva fé lançou fobre o inchaço agua benta. No mefmo ponto paràram as dores, & continuando na oraçaõ, o inchaço fe foy desfazendo até defapparecer; fó ficáram as pintas. Veyo-lhe grande defejo de dizer Miffa, reveftio-fe, & depois de confagrar, movido de hum impulfo fuperior, que de outra forte o naõ faria, tocou com a hoftia as pintas, que tinha nas coftas das mãos, & logo defapparecèram, ficando de todo fam.

6 Hũ Irmaõ, logo q́ a pefte começou, começou elle tambẽ a fazer todos os dias cerra devoçaõ a noffa Senhora do Rofario. Paffadas algumas fomanas, hum dia amanheceo com tam grandes dores, que naõ podia andar fenaõ com muyto trabalho. Perfeveravam as dores, & elle na fua devoçaõ; acordou huma noyte com as dores muyto mais intenfas em certo lugar, & apalpando fentio ter alli hum inchaço, temendo morrer fe encomendou deveras á Senhora, & adormeceo; quando defpertou, fe achou livre das dores, & tambem do inchaço.

7 Mas tornando aos noffos Religiofos que andavam no incendio da pefte, foram grandes os ferviços, que fizeram a Deos. O mal fe ateou muyto á preffa em toda a Cidade. Paffâram-fe alguns dias primeyro, que fe puzeffe ordem em apartar os feridos, fepultar os mortos, & remediar os impedidos, que cõmummẽte eraõ muyto pobres. De todas eftas neceffidades ouve muytas, por ferem naõ poucos, os que cada dia adoeciam, os quaes

a desemparo,& falta de medicinas brevemente,& muytas vezes de subito acabavam os dias de sua vida. Huns querendo-se assentar,espiravam,outros estando assentados cahiam mortos:& dos mortos avia muytos,que estavaõ quatro,& cinco dias por enterrar Os pobres,que adoeciam, muytas vezes passavam tres, & quatro dias sem comer,& morriaõ à pura fome,& sem os Sacramentos: tendo filhos,irmãos, & parentes,nenhum em tam extrema necessidade lhes negociava nẽ ainda o remedio espiritual dos Sacramentos. Faltando tanto o amor da caridade nos filhos para com os pays,nas mulheres para com os maridos,sobejava o amor do interesse em muytos, que por limitado estipendio expunham sua vida a todo o perigo.

8 Alguns,que viam o grande desemparo, com que seus vizinhos morriam,& extincta a caridade dos que lhe tinham mais obrigaçaõ,escolhiaõ antes ir morrer no campo entre as paveas do trigo,ou ao pè de huma mouta, que em suas casas à vista de seus filhos,& parentes,de que tantos escandalos recebiam. Por tanto em adoecendo se sahiam de suas casas, huns cahiam mortos antes de sahir da Cidade, outros entre os vallados, & semelhantes lugares,onde depois os achavam meyos comidos dos caens,& dos corvos;& desta sorte se achàram muytos. Estando a Cidade neste desemparo,& na miseria,que elle de si está dizẽdo,mandou o Arcebispo Dom Theotonio pedir ao Collegio hum Padre,cujo cuydado especial fosse, inquirir estas necessidades,& prover nellas, para tudo o Arcebispo concorreo com toda a liberalidade. Para esta obra se offereceo o Padre Lourenço de Freytas,o qual assistio com tanta caridade a todos os miseraveis,que depois de Deos o levar para si,diziaõ,os que o acompanhavam á sepultura,que morrèra o Pay dos pobres.

9 Começou logo o Padre Freytas a entender na sua occupaçam com os mais companheyros,que estavam na casa da saude,& divididos pela Cidade; & todos obráraõ grandes caridades corporaes. Elles avisavam de tudo ao Arcebispo,para que desse ordem á disposição de muytas cousas; & porque os Padres nam era possivel acudir a todos,& a tudo,avisáram ao Arcebispo dos muytos,que morriam sem Sacramentos. Mandou logo chamar os Parocos, & Beneficiados à Sè, & os exhortou a comprirem com suas obrigações,pois para isso a Igreja lhes dava o seu pão: a esta exhortaçaõ ajuntou outros meyos efficazes,que aos Prelados naõ faltaõ,se tem o zelo, & actividade, que tinha Dom Theotonio.

10 Significáraõlhe as necessidades temporaes, que tinham assim os da casa da saude, como os pobres da Cidade; pedio-lhes o Arcebispo, que pois elles as sabiam melhor que ninguem, tomassem á sua cõta remediallas, que elle mandava dar tudo, o que fosse necessario. Aceytàram os Padres o trabalho, porque em taes apertos naõ averia, quem melhor o fizesse, nem com tanto zelo. Por ser tam grande o numero dos feridos, que se hiam morrer ao campo, pediram os Padres ao Arcebispo alguns Sacerdotes, que tivessem por officio andar por fòra da Cidade buscando os feridos para os confessar. Designou o Arcebispo alguns, q̃ de sua propria vontade se tinhaõ offerecido, imitando a caridade dos Padres; porẽ creceo tanto o numero dos enfermos, que naõ bastavam os Sacerdotes para os confessarem a todos; & tambem era muyto trabalho andarem na força das calmas todo o dia pelos campos buscando os enfermos. Posto que andavam a cavallo, quando hiam por huma parte, se lhe morriam os enfermos na outra sem confissaõ. A isto acudiram os Padres com negocearem homens, que discorressem pelos campos, & achando doentes, dessem aviso aos Sacerdotes, para que os fossem confessar. Deste modo ficou remediada aquella falta.

11 Depois sabendo os Padres, que os Sacerdotes, que na Cidade tinhaõ obrigaçaõ de administrar os Sacramentos a seus freguezes, arreceavaõ entrar nas casas dos enfermos, procuràraõ, que os feridos tivessem a cama ás portas de suas casas, & na rua se armassem os Altares em que se avia de pòr o Santissimo. Deste modo se obviàraõ os taes inconvenientes. Naõ foy menor o cuidado, que se teve dos cõmodos temporaes dos feridos. Como nem os doentes da Cidade, nem os da casa da saude tivessem Medico, nem sangrador, nem mesinhas, nem esquifes para levar os feridos, nem ainda mortalhas, com que os enterrar; a tudo acudio a caridade do Arcebispo por meyo dos Padres. He cousa digna de admirar, o excesso a que chegou nestes tempos a cobiça, pois muytos, que levavam a sepultar os mortos, lhes furtavaõ a mortalha, & a outros os vestidos, & assim os metiam na terra. Foy logo provida a casa da saude de dous esquifes, & hum carro com a gente necessaria para conduzir os feridos; de roupa de linho para os curarem, & de camas para dormirem. Deo-se Medico, sangrador, mesinhas, & mantimentos, tudo em abastança.

12 Os filhinhos dos feridos, que hiam para a casa da saude, foraõ tambem remediados; porque aos que estavaõ por criar,

se

se lhes buscàram amas, pagandoselhes as criaçoens. Aos mayo-res se dava o necessario de comer,& vestir. Huma vez entre ou-tras sahiram da casa dos Padres mais de sincoenta meninos ves-tidos de novo. Continuando a peste foram tantos os mortos, que faltava,onde os enterrar;pediraõ ao Arcebispo,acodisse,cõ-prando hum campo junto da Cidade;logo o fez assim , & elle mesmo em pessoa o foy benzer.

13 Eram as necessidades tantas, que parecia , se lhe naõ po-deria abranger com as esmolas,de que se necessitava ; represen-táram isto os Padres a muytas pessoas ricas , que como bons Christãos concorrèram liberalmente. Pessoa ouve , que deo trinta moyos de trigo ; outra deu cento,& vinte,& quatro mo-yos de trigo,& dava de salario a hum Medico quarenta mil reis, fazendolhe promessas de grande proveyto,para que se obrigas-se a curar a Cidade. Estas duas esmolas acho individuadas , que bem se vè,quam grandiosas sejam. O que deo os cento,& tantos moyos de trigo, foy Dom Diogo de Menezes, que tinha sido Governador da India.

14 Sendo tam grande o açoute de Deos,nem por isso de to-do cessavam as abominaçoens. Impediram-se neste tempo gran-des maldades,infamias de donzellas,mortes de pessoas,& outros escãdalos. Atè vinte pessoas,q̃ viviam em mao estado, se tiraraõ delle,ou apartando-se,ou casãdo-se cõ as occasioẽs da sua culpa tudo pelas exhortaçoẽs destes Padres. Alguns homens andavam para se matar por causa de huma moça honrada ; estando hum delles huma noyte para a tirar por força de sua casa,foy disso a-visado hum Padre, que logo acodio ; o qual com hum honesto engano o impedio,& a fez recolher em hum Mosteyro; & com isto se evitáram os grandes males, que de certo se aviam de se-guir,se a tal malicia se effeytuasse.

15 Fizeram-se muytas confissoens geraes,& nam poucas re-stituiçoens;impediram-se os furtos,que se faziam aos feridos da peste ; porquanto , quando os queriam levar à casa da saude, primeyro lhes roubavam , o que tinham em casa. Depois logo que sahiam com o ferido da Cidade,o despiam,& deyxavam no cãpo;os quaes por irem tam fracos,como muytas vezes naõ po-diaõ chegar á casa da saude,tal vez morriaõ, onde os tinhaõ dei-xado. Sabendo estas deshumanidades hum dos Padres , fez que se restituissem as roupas, & mortalhas furtadas, & ouvesse nisto emenda para o futuro.

16 Acaso entrou hum dos Religiosos em certa casa ; achou

nella

nella hũa pessoa que n.o1 èra ao desemparo. Cortoulhe o coraçaõ,& deo logo ordẽ aos do esquife,ꝗ a fossem enterrar. Quando foram a meter o corpo no esquife, estava em fòrma corrupto, que por qualquer parte,que lhe pegavam, a deyxava nas mãos, despegando-se logo do mais corpo, de sorte que em pedaços foy levado á sepultura. Destes casos horrorosos ouve muytos, que diz o manuscrito donde isto recolho, os deyxa em silencio pelo escandalo,& deshumanidade, que nelles se estava vendo. Depois que os Padres,& Irmãos tinham nestes empregos de excessiva caridade servido a Deos assim na casa da saude, como na Cidade,& na quinta de Loredo,quiz o Senhor a alguns delles pagarlhes o seu trabalho. Os primeyros foram, o Padre Francisco Rodrigues,& Martim Alveres,ambos naturaes da Villa de Alcochete, falecéram ambos no mesmo dia,que foy o setimo de Junho de 1580.

17 O Padre Francisco Rodrigues entrou na Companhia no Noviciado da Casa de Saõ Roque aos 19. de Novembro de 1562. Em Evora passou algum tempo do seu Noviciado. Era muy fervoroso,& bom letrado; offereceo-se para curar os feridos com tanto alvoroço,& alegria, que disse delle Dom Diogo de Castro Capitam de Evora; que com mayor alvoroço se lhe offerecèra para curar os feridos de peste, do que os Romanos costumavam ter,quando aviam de ir ao seu Capitolio em triunfo. Logo que o avisàram, foy dar as graças a Deos diante do Sãtissimo pela mercè,que lhe fazia. Adoeceo elle sem algum inchaço. Da casa da saude, onde assistia, foy levado para a quinta do Loredo, que era a enfermaria dos nossos Religiosos feridos. Hum dia antes de sua morte disse, que no dia seguinte se descobriria o mal que tinha, & que nelle morreria. O dia seguinte levantando-se hum pouco em a cama, com as mãos levantadas ao Ceo,& olhos arrazados em lagrimas, disse: ***Pater in manus tuas commendo spiritum meum:*** & pedio o Sacramento da Santa Unçam; o qual recebido,repetindo muytas vezes o Santo nomé de Jesu, lhe entregou seu ditoso espirito. Evora 7 de Junho de 1580.

18 O Irmaõ Martim Alveres Coadjutor entrou na Companhia em Coimbra aos tres de Novembro de 1574. parte do seu Noviciado passou em Evora. Da casa da saude foy levado para Loredo. Sofreo as grandes dores, que tinha, com singular paciencia,& obediencia em tudo, o que era necessario para sua cura. Chegada a hora da morte,lhe disse hũ Irmaõ, ꝗ cõ elle estava,quanta razaõ tinha de se consolar, pois acabava em obra Evora 7 de Junho de 1580.

tam

tam ſanta,como era morrer por amor de Deos,& dos proximos. A iſto reſpondeo com o roſto cheyo de lagrimas: Cariſſimo, couſa era eſſa para conſolar muyto, a quem a tiveſſe feyto com caridade; o que a mim muyto me conſola,he acabar a vida na Companhia. Depois pedio q̃ o ſepultaſſem junto de hũa Cruz, que alli eſtava. Tendo recebido os Sacramentos, eſtando com as ſuas contas na mão, & na boca com os Santiſſimos nomes de Jeſus, & Maria, ſahio ſua ditoſa alma do corpo para ir receber o premio de ſua grande caridade.

Evora 26 de Junho de 1580.

19 O terceyro,que faleceo, foy o Padre Gaſpar Rodrigues, era natural de Meſſejana no Arcebiſpado de Evora, onde entrou na Companhia aos 25. de Março de 1561. tendo 28. annos de idade,& ſendo já Sacerdote. Aſſiſtia na quinta aos noſſos Religioſos feridos. Eſtando curando a hum Irmaõ ſe lhe pegou o mal,que de ſi deo moſtras em duas horriveis nacidas, que em tres dias lhe tirâram a vida. Neſte tempo vizinho à ſua morte dizia muyto ſentido: Ah triſte de mim, quam pouco tenho feyto por amor de Deos! Pedio a hum Irmaõ Noviço, que lhe aſſiſtia: que quando viſſe os Irmãos Noviços, lhes pediſſe por elle perdam,& beijaſſe a terra,onde elles tiveſſem os pès. Em adoecendo diſſe, que daquella doença morreria; & encoſtado na cama,levantadas as mãos ao Ceo,& poſtos os olhos em hũa Cruz, que tinha diante,paſſou aquelle tempo rezãdo algũas oraçoens, & dizendo muytas palavras de contriçam,& dor dos peccados: recebeo os Sacramentos, & eſtando proximo a eſpirar, como humilde,que ſempre foy,pedio perdam ao Irmaõ Noviço, que o acõpanhava. Faleceo aos 26.de Junho de 1580. Eſtes tres ſervos de Deos foram enterrados na quinta de Loredo. Seus oſſos dahi a annos foram trazidos para a Igreja do Collegio,& metidos na abobada da Capella de Saõ Domingos, que hoje he de Sam Franciſco Xavier.

Evora 28.de Junho de 1580

20 O quarto foy o Padre Lourenço de Freytas. Eſte Padre era natural de Lisboa. Aqui entrou na Companhia aos 16. de Agoſto de 1557. Leo dous curſos de Artes em Coimbra,enſinou em varias partes Theologia Moral, & eſpeculativa com opiniam de doutrina,& credito de virtude. Antes de entrar a ſervir aos empeſtados,ſe confeſſou geralmente, como quem ſe diſpunha para morrer. Fez grandes obras de caridade neſta ſanta empreza. Foy ferido do mal com duas nacidas, & ſeis carbunculos. Na doença ſe tornou a confeſſar geralmente. Vendo que ſe chegava a ſua hora,pedio humas contas,& rezou a Noſſa Se-

nhora

nhora hum terço do ſeu Roſario: o qual acabado pedio hum Crucifixo, & começando a fallar com o Senhor lhe pedia perdaõ de ſeus peccados,& ajuda para aquella hora. Diſſelhe hum Irmaõ,que ſe conſolaſſe,pois acabava em miniſterio tam ſanto, & tendo vivido tantos annos na Companhia. Reſpondeo,que o que mais o conſolava,era ter feyto tudo por obediencia, & que o ſentimento,que levava,era nam ter feyto mais. Dizia,naõ ſentir couſa,que interiormente o moleſtaſſe.Com as mãos,& olhos no Ceo,para onde eſtava de caminho,começou a dizer: *Paratum cor meum Deus,paratum cor meum. Cantabo, & pſallam tibi gloria mea.* Mandou pedir aos Irmãos perdam de ſuas faltas, ſendo que elles lhe naõ ſabiam mais,que edificaçoens.Invocando o ſanto nome de Jeſus,ſe foy a gozar da gloria aos 28. de Junho de 1580. Tinha pedido,que o ſepultaſſem no adro da noſſa Igreja,para ficarem ſeus oſſos vizinhos aos de ſeus Irmãos. Por ſe nam poder alli abrir cova,o foram enterrar na Igreja do Hoſpital. Acompanhàram-no alguns Sacerdotes da Sé, & peſſoas ſeculares com muytas lagrimas, & todas as merecia.

21 Da ſua morte a hum anno eſtando jà a Cidade livre, & as eſcolas frequentadas, lembrando-ſe os Caſuiſtas da Univerſidade ſua ſuave memoria,&doutrina de ſeu virtuoſo meſtre o Padre Lourenço de Freytas, pediram licença ao Padre Reytor para em agradecimento lhe fazerem na noſſa Igreja humas exequias. Ajuntàram-ſe todos os Sacerdotes dos caſos, & Theologia,que ſeriam atè trinta, & lhe fizeram hum ſolemne officio com ſua Capella a canto de Orgam. Os outros Religioſos, que ſerviraõ neſta peſte, ainda que foram feridos, foy Deos ſervido, que eſcapaſſem, para lhe fazerem outros ſerviços.

CAPITVLO XXI.

Da peſte grande de Lisboa,& dous Irmãos,que nella morrèraõ ſervindo aos feridos.

1 HE a peſte hum dos mayores açoutes, com que Deos caſtiga os peccados dos homens,& hum dos que mais aſſombra,pelo grande eſtrago,que faz, & eſpanto em que pôem a grandes, & a pequenos. No anno de 1569 começou a grande Cidade de Lisboa a arder em peſte,a qual tendo ſeu principio pelos 24. de Junho, durou atè Outubro fazendo tal aſſolaçam, que ſe conta morrèram nella couſa de oytenta mil peſſoas.

2 Enten-

2 Entendeo-se que esta peste fora mais castigo de Deos, c
que effeyto de causas naturaes. Logo no principio meteo De
hum pavor em toda a gente da Cidade, naõ sò na do povo, m
em muyta gente de conta, de que a Cidade em certo dia de J
lho se avia de soverter, & que o monte do Castello se avia c
ajuntar com o do Carmo. Naõ se dava em principio algum de
te vam temor, mas nam avia persuadir o contrario. Os noss
Religiosos, que já neste tempo andavam acodindo aos empest
dos, porque foram os primeyros, que sahiram a campo, com r
zoens nenhumas podiam tirar esta imaginaçam; a qual poc
tanto, que a Cidade quasi se despejou, & ficou tam erma, q
indo hum Padre pela rua nova, só vio nella tres, ou quatro pe
soas, sendo que ordinariamente he alli tanto o concurso com
em huma feyra.

3 Servio este medo de se fazerem innumeraveis confissoe
dispondo-se a gente para a morte. A confusam era tal, que p
recia estar chegado o dia do juizo. Depois que passou o dia, se
a Cidade se soverter, muyta da gente, que sahira para fòra, & e
tava desaccõmodada nòs campos em barracas, & choupanas af
gadiças por ser o tempo de si calmoso, voltou a se meter na C
dade, ou para melhor dizer na sepultura, pois Lisboa nam par
cia neste tempo outra cousa.

4 Ouve pareceres entre os Medicos que a doença proced
de humidades frias, & que apertando as calmas cessaria; outr
diziam, que eram humores quentes, & humidos, que vindo fri
secos, cessaria a peste. Vio-se, que nenhuma destas era a caus
pois sobrevindo calores ferventes, o mal se assanhou mais;
depois quando já desistiam da opiniam de serem boas as calma
desejando ventos frios, assopràram os nortes bem como os des
javam, mas com elles a peste se enfureceo mais. Tomàram ou
tro acordo dizendo, que só com chuvas se apagaria este fog
mas elle entam cobrava mayores alentos. Donde se persuadira
que a causa principal eram os peccados de Lisboa, a qual co
tantos annos de felicidade, & tanta opulencia se tinha entreg
muyto aos vicios.

5 Baste esta summaria noticia para saber a occasiam, que ou
ve para acabarem dezaseis Religiosos da Companhia servinc
aos feridos da peste, afora vinte, & oyto que foram feridos c
mesmo mal, a quem Deos conservou a vida, que nas aras da ca
dade lhe tinham consagrado. Destes que morrèram acho q
dous Irmãos foram Noviços nesta santa casa, o Irmaõ Luis Br

o Coadjutor, & o Irmaõ Gonçalo Barreyra. O Irmaõ Luis Bravo foy natural da Cidade de Tavira no Algarve; antes de entrar na Cõpanhia seguio as armas por espaço de cinco annos; seis esteve cativo entre Mouros. Livre da escravidam se consagrou a Deos na Companhia em Florença, no primeyro, ou segundo de Agosto de 1557. veyo continuar seu Noviciado a Evora.

6 No tempo, que começou a peste, era companheyro do P. Procurador da Provincia; acodia aos feridos levandolhes conservas, & outras esmolas na fòrma, que os outros Religiosos da Companhia o faziam. Andando nestas caridades foy ferido da peste. Era hũa terça feyra vinte, & sete de Julho, quando à noyte sentio debayxo do braço huma ingua muyto pequena, a qual nem lhe dohia, nem fazia febre. Contou isto a outro Religioso que o disse logo ao P. Gaspar Alveres Reytor do Collegio de Santo Antam. De manhã o mandou mostrar aos Medicos, que zombàram da cousa, como de nenhum momento. Disseraõ-lhe que comesse dieta, & naõ bebesse vinho. Chegando o tempo do jantar, nam pode o Irmaõ comer cousa alguma; recolheo se ao cubiculo, & começou a vomitar, dar ays, & torcerse com as dores. Disse a hum Irmaõ, que lhe acodio, que todo o corpo lhe dohia, que se lhe hia o lume dos olhos, & que se nam podia ter em pè. E assim foy levado para a casa grande dos Casos, porque as escolas serviam de enfermarias, aonde sentindo grandes afrõtamentos de coraçaõ, depois de se confessar, recebeo o Sãto Viatico, logo a Sancta Unçam.

7 Depois de estar ungido dizia cõsigo: Este he Luis Bravo, este he Luis Bravo, acabouse: pedio hum Crucifixo, & huma lamina devota, & dizia palavras de muyta devoçaõ, & piedade: esteve sempre em seu juizo; & jũto da morte disse ao Irmaõ q̃ lhe assistia: Irmaõ já vos naõ vejo. Todo se cobrio de pintas. Faleceo cõ morte de justo no Collegio de S. Antaõ aos 29. de Julho de 1569. Como esta morte foy a primeyra no Collegio de S. Antaõ, causou em todos pavor a força do mal; entam o Padre Reytor ordenou, que se nam fallasse da morte, por quanto a tristeza nos taes tempos era muy occasionada a meter em cada hum, & fomentar o mal: acrecentou, que assim como o Irmaõ Luis Bravo fora sempre bom Religioso, muy humilde, & obediente, assim nosso Senhor o quizera levar para si, & pagarlhe os serviços, que lhe tinha feyto.

8 O Irmaõ Gonçalo Barreyra natural de Ecija no Arcebis-

pado de Sevilha tendo 24 annos de idade,aqui entrou para estu-dante aos 13 de Novembro de 1561. servindo aos feridos no Collegio de Santo Antam; foy elle tambem ferido na peste de 1569. nam acho o dia em que faleceo, o mez entendo ser o de Agosto,conforme hum manuscrito donde recolho esta breve noticia,que quando nam ha outras,basta huma morte tam santa como foy a do Irmaõ Barreyra,para o fazer muy virtuoso;pois sem grande amor de Deos ninguem se costuma meter em taes perigos de vida;estudava neste tempo moral. Esta peste se cha-mou grande para distinçam de outras menores, em que o mal nam fez o destroço, que obrou nesta occasiam, na qual ouve cousas tam extraordinarias,que seria larga historia, se as escre-vesse neste lugar,& noutros fallo della mais de espaço.

CAPITVLO XXII.

Vida do Irmaõ Andre Anes Coadjutor temporal, & memoria dos Padres Lourenço da Fonseca, & Luis Henriques.

Lisboa 3 de Abril.

1 MOstrouse a graça divina muy poderosa no Irmaõ Andre Anes assim antes,como depois de ser da Cõ-panhia,em o trazer a estado tam santo, & em o conservar nella. Foy sua patria a Aldea de Sam Mansos no termo da Cidade de Evora. Seus pays se chamavam Joam Ayres,& Catherina Lou-renço,lavradores honrados,& ricos. Seu filho Andre Anes era moço de grandissimas forças, & em todos aquelles contornos por esta causa muy affamado. Dellas fazia ostentaçam em varias occasioens publicas,como foy na praça de Evora ter mão em touros pelas pontas,ou pela cauda. Levantar hũ saco cheyo de trigo com os dentes. Pondo as mãos no cham, & pondoselhe em cada palma hum homem em pè,os levantava nas palmas ambos juntos.

2 Destas, & outras valentias vivia elle muy pago quando Deos o chamou para si por modo especial. Sahiram do Colle-gio de Evora os Padres Fernam Carvalho, & Pedro Dias, que depois foy insigne Martyr,& Capitam de Martyres na viagem do Brasil,a prégar na Villa de Moura. Era o tempo de grande chuva. Chegàram á Aldea de Sam Mansos trespassados do vẽ-to,frio,& chuva. Corrèram todo o lugar,sem achar,quem os a-gasalhasse.Determinàram ir adiante, quando chegando à ulti-ma porta,lhes sahio ao encontro Andre Anes, & vendo-os tam

cort

cortados do rigor do tempo lhes offereceo agasalho em casa de sua mãy, porque o pay já era morto.

3 Aceytàram-no os Padres. Tanto que elle entrou com os hospedes por casa, ficou a mãy muyto enfadada. Recolheo-se para outra casa mais interior, & indo là o filho darlhe conta dos hospedes, a lavradora se foy a elle ás bofetadas, dizendolhe muytas injurias, por lhe trazer aquella gẽte a casa. Naõ era isto tãto pela calada, que os Padres naõ ouvissẽ a desenquietaçaõ; & reparáram, que sendo moço tam forçoso, se avia com grande submissam, sofrendo com paciencia as bofetadas, & palavras asperas da mãy. Quando sahio para fòra, tudo dissimulou, como se nada ouvesse. No rosto mostrou muyta alegria, fez grande fogueyra, póz a mesa, servio-os, fezlhe camas, em que descançáram.

4 Os Padres lhe ficáram notavelmente obrigados pela sua caridade, & bom modo. Depois que o Padre Fernam Carvalho proseguio o caminho, começou a magoarse comsigo, por nam pagar áquelle mancebo tal caridade, com lhe persuadir, que deyxasse o mundo, & servisse a Deos na Companhia em estado de Irmão Coadjutor. Deliberou de assim o fazer, quando voltasse; porèm naõ ouve acabar com o almocreve, quizesse tornar por tal caminho. Consolou este desgosto, com aver de passar pela Igreja da Vera Cruz, & adorar alli o Santo Lenho. Porèm Deos ordenou outra cousa contra o querer do almocreve; porque sobreveyo naõ sei que inconveniente, pelo qual foy obrigado a voltar pelo mesmo caminho, & Aldea de S. Mansos.

5 Chegando alli já noyte se hospedàraõ em casa de Andre Anes, que os recebeo com mayor alegria que a vez passada. A mãy já estava mais humana. Falláram-lhe os Padres de Deos, ella os ouvia cõ gosto, & attençam. Nesta pratica disse o Padre Fernaõ Carvalho a Andre Anes: Se queria servir a Deos, deyxando o que tinha, & ir com elles para o Collegio de Evora. Teve elle seu comprimento com a mãy, a qual lhe naõ fez resistencia, antes lhe disse, que já tinha idade para saber, o que lhe estava bem, ou mal.

6 Com isto respondeo aos Padres, que queria ir com elles, & seguir o seu conselho. Em effeyto se poz a caminho para Evora, nam sem grandes indicios, de que a vocaçaõ era toda de Deos, por ser em tempo, que estava desposado muyto a contento de seus parentes, tinha dos bens da fortuna, era estimado, & se achava na flor da sua idade.

7 Pelo fim de Janeyro de mil quinhentos sessenta, & tres tẽ-

do vinte nove annos de idade entrou a ſer Noviço em Evora. Mouſtrou o demonio ſentir muyto eſta reſoluçaõ, & ſe poz em campo contra o Noviço. A primeyra luta foy com a fome, como era homem tam corpulento,& de tantas forças, & que antes comia por tres,& quatro homens,ficou aſſombrado, quando ſe vio com a regra da communidade. Tres dias ſe foy tendo contra a fome,paſſando ſòmente,cõ o que ſe dava aos mais. No fim vendo,que naõ podia,mandou dizer ao Padre Reytor Leaõ Henriques, que ſe naõ atrevia a viver na Cõpanhia com tam eſtreita dieta. Ordenou o Padre Reytor,que ſe dobraſſe o ſuſtento,nem ainda aſſim podia aturar.

8 Mandou ao Padre Reytor ſegundo recado, que ou lhe deſſem o ſuſtento neceſſario,ou o deyxaſſem ir para ſua caſa.Entam o Padre Reytor lhe fez dar o ſuſtento ſem taxa, & pòr meſa como de lavrador. Cõ iſto aquietou. Foy elle vendo como os mais paſſavam,& aſſim com a graça de Deos ſe ſoube ir cerceando,que em breve tempo podia paſſar com o ſuſtento ordinario, & ainda eſte lhe creſia. Vendo-ſe o demonio por eſte lado vencido,tomou outro caminho, & armou outra bateria. Deſpertou nelle grandes lembranças do mundo, & da eſpoſa,que deyxàra,trazendolhe muytas ſaudades dos cõmodos temporaes, & goſtos de que podia gozar. Tudo elle deſcobria a ſeu Meſtre,& reſiſtia a eſte tropel de penſamentos com muyta generoſidade. Deſta gnerra interior paſſou o demonio á guerra exterior. Appareceolhe em huma figura medonha,mas elle entre o ſuſto fazendo o ſinal da Cruz afugentou de ſi ao inimigo.

9 Pouco tempo depois de tomar a roupeta,andava o Irmão na cozinha varrendo,& ſervindo, foylhe neceſſario ir a hũa caſa,que junto eſtava, alli lhe appareceo o demonio em figura de ſua eſpoſa,chorando, porque a deyxàra, dizendolhe muytas caricias. Eſpantando-ſe o ſervo de Deos de tam pouco imaginado encontro,fogio logo,& foy dar conta a ſeu Superior, como fazia ſempre com grande ſingeleza, porque eſta lhe era muy natural.

10 Por vezes o inimigo lhe deo de bofetadas diante dos Irmãos,que com elle dormiaõ na meſma caſa defronte da cozinha. Alli de noyte o tomava o mao eſpirito em pezo, & lançava para o ar dando cõ elle no tecto, & deyxando-o dar no chão grandes baques. O ſeu remedio era acodir a Deos,irſe pòr diante do Santiſſimo. Outras vezes ſe hia meter no cubiculo do Padre Reytor Leaõ Henriques,o qual o fazia levar para alli a ſua

cama

cama,& assim o animava, como quem tinha padecido tantos combates semelhantes,aos que o Irmaõ padecia, & nam era novo nestas pelejas.

11 Para o animar,lhe contou em como o mao espirito muytas vezes o mohia com pancadas,&que o remedio unico era,acodir á oraçaõ. Com os avisos,& palavras do Padre Leaõ Henriques se foy o Irmaõ desassustando,que andava como assombrado com tam continuada perseguiçaõ. Huma sesta feyra á noyte sahindo o Irmaõ da pratica, que se fazia á Communidade, se foy à adega do Collegio de Evora,de que era dispenseyro,tirar vinho para a mesa. Tanto que abrio a pipa,lhe deo o demonio huma valente bofetada, cahio no cham como amortecido, tendo na maõ o torno. Foy cousa notavel, que ficou o vinho parado sem correr,em quanto o Irmaõ naõ tornou em si; porem tanto que se recobrou,pondo o vazo debayxo da torneyra,começou a correr,atè que se encheo,& tapou a pipa.

12 Depois desta perseguiçaõ durar por alguns annos, sem della tirar o demonio mais que exercitar a paciencia deste bom Irmaõ,o deyxou totalmente de perseguir. Era de grande prestimo,muy humilde, fazia no Collegio muytos officios. Era dispenseyro,tinha cuydado do forno, amassava o pam, matava as rezes,& mais carne necessaria. Se lhe sobejava tempo, hia ajudar os outros Irmãos nas suas officinas, sempre com muyta alegria,& boa vontade. Assim trabalhou annos no Collegio de Evora,depois em Lisboa no de Sãto Antam,& an casa de Saõ Roque.

13 Estando aqui no anno de mil quinhentos setenta, & nove ouve peste na Cidade,logo o Irmaõ Anes se offereceo para servir aos feridos. Andando em tam santo ministerio, & continuando a peste atè o seguinte anno, della faleceo aos tres de Abril de mil quinhentos, & oytenta. Neste dia o traz o Agiologio Lusitano. Tambem delle se falla na segunda parte da Historia desta Provincia. Mais que todos delle trata o nosso Padre Alvaro Lobo na segunda parte da sua historia manuscrita,que se conserva no Cartorio de Coimbra.

14 Nesta mesma peste faleceo servindo aos feridos o Padre Lourenço da Fonseca natural de Fronteyra no Bispado de Elvas. Entrou na Companhia aos 6. de Mayo de 1564. Faleceo em 1579. aos 24. de Mayo;delle nam achey outra cousa mais que esta ditosa morte,que he bom indicio da sua santa vida, & do muyto que amou ao proximo por amor de Deos.

Lisboa anno de 1579. 24 de Mayo.

Lisboa 1.de Abril de 1580.

15 Nesta mesma peste acabou o Padre Luis Henriques natu-
ral de Samora em Castella, filho de Dom Lourenço Henriques
& de Dona Anna da Fonseca; foy sobrinho do Bispo de Bejar
& parente muyto chegado de S. Francisco de Borja, & tamben
hum dos Mestres deste Santo Noviciado em Evora entrou n
Companhia aos 30. de Março de 1560. de idade de trinta anno
Era de gente illustre. Morava no Collegio de Santo Antam
Entrou neste incendio com incrivel fervor, sem usar de outro
defensivos, mais, que da agua benta, que sempre trazia em hũ
redomazinha, com ella fazia o final da Cruz, quando entrav
aos feridos. Era geralmente chamado o Pay dos pobres. Sei
mezes andou nestes empregos.

16 Querendo os Superiores tirallo deste trabalho para des
cansar, dous ou tres dias antes foy ferido da peste. Logo pedi
os Sacramentos dizendo, que queria morrer armado cavalleyr
Christam. Em sesta feyra da Payxam primeyro entam de Abri
pedio hum Crucifixo, & que o deyxassem sò. Com elle nos bra
ços o achàram pouco depois morto. Sabida sua morte, foy no
tavel o concurso, & lagrimas dos pobres, que o tinham por se
pay; quando o quizeram meter na cova, parecia desejar todos
que os sepultassem com elle. Foy este Padre Noviço do Sant
Padre Dom Fràcisco de Navarra, cuja vida escrevi no primeyr
livro desta obra. Faleceo em Lisboa no primeyro de Abril d
1580.

CAPITVLO XXIII.

Do Irmaõ Alexandre Coelho, & outros Religiosos que morrèran servindo em contagios. E de dous que falecèram no Algarve.

Lisboa 27.de Fevereyro de 1520.

1 O Irmaõ Alexandre Coelho foy singularmente fa-
vorecido de Deos logo que nasceo, pois o livrou
de hum evidente perigo. Nasceo elle na Villa de Arrayolos n
Arcebispado de Evora, de pays incognitos. Sua mãy expoz a cri
ança, logo que a deo a luz, envolvendo-a em alguns panos; suc
cedeo passar pelo lugar, onde estava, hum rafeyro, que tomou n
boca aquelle envoltorio, & se hia sahindo com elle: adverti
nisto huma Senhora nobre, & sem saber, que cousa fosse no en
voltorio, mandou a toda a pressa hum criado, que lho tirasse d
boca. Largou a preza, & desenrolando os pannos, se achou den
tr

tro huma criancinha,nacida de pouco,& quaſi eſpirando.

2 Compadecida a piedoſa Matrona, deo ordem a que logo foſſe bautizada,nem ella permittia muytas demoras, ſegundo moſtrava nam eſtar longe da morte;depois eſcapando o menino Alexandre,o tratou como ſe fora filho ſeu.Sendo ainda de poucos annos o livrou Deos de outro perigo, porque lhe cahio em ſima huma caldeyra de agua fervendo, com a qual ficou huma chaga viva;ainda que eſcapou, por toda a vida lhe duráram no corpo os ſinaes deſta diſgraça. Sendo jà de annos mais crecidos aprendeo o officio de cuteleyro na Cidade de Evora: mas como o ſeu animo aſpiraſſe a couſas mayores, & o inclinaſſe ás armas,aſſentou praça de ſoldado; & no anno de 1571. ſe achou na batalha de Lepanto, em que Dom Joaõ de Auſtria filho de Carlos Quinto desbaratou aos Turcos.

3 Succedeolhe depois deſta batalha hum caſo de edificaçaõ admiravel em hum ſoldado moço,& no fervor da ſua idade.Tinhão huns ſoldados cativado a huma moça, doeo-ſe da miſeria em que cahira,pelas offenſas de Deos, que dalli ſe aviam de originar: fez diligencias o noſſo Alexandre por lha tirar do poder, & em effeyto a tirou do cativeyro, dando pelo ſeu reſgate as proprias armas,que eram os cabedaes,com que ſe achava; logo entregou a moça em mãos de huma peſſoa nobre, & virtuoſa, para que debayxo do ſeu amparo paſſaſſe a vida livre de offenſas de Deos.

4 Nam ſe achando Alexandre com dinheyro para comprar outras armas,deyxou a guerra, & ſe tornou a Evora,aonde póz tenda de Cuteleyro,que era a arte,que elle tinha aprẽdido.Tratava com elle por occaſiam do ſeu officio hum Irmam da noſſa Companhia chamado Franciſco Pires, que era comprador do Collegio:era aquelle Irmaõ de virtude,& cõ os ſeus bons conſelhos de tal ſorte penetrou o coraçam de Alexandre Coelho,que ſe reſolveo a entrar na Companhia,como o póz em execuçam. Foy admittido neſte Noviciado aos 7. de Outubro de 1572.tendo de idade trinta annos. Oyto annos, que lhe reſtáram de vida, ſervio na Companhia ſempre com bom exemplo de virtude, a qual Deos lhe apremiou com morte glorioſa. Porque ardendo a peſte em Lisboa,ſe offereceo o Irmaõ Alexandre para ſervir nella aos feridos do mal. Sendolhe deſpachada a ſua petiçaõ, morreo em Lisboa naquelle ſanto emprego,ferido do contagio, com que os ſeus doentes acabavam. Foy ſua ditoſa morte aos 27 de Fevereyro de 1580. delle faz mençaõ o Padre Alegambe nos

ſeus

ſeus Heroes,& victimas da caridade, & o Padre Manoel Mon-teyro da noſſa Companhia no ſeu manuſcrito, que intitul Martyres,& Varoens illuſtres da Cõpanhia,& o Padre Nada

Coimbra aos 18.de Junho de 1599

5 O Irmaõ Luis Antunes natural de junto a Lorvam Bi-pado de Coimbra,filho de Alexandre Dias,& Antonia Dias,en-trou na Companhia aos 26. de Julho de 1555. ſeus pays era gente nobre; viveo na Companhia 44. annos ſempre com bo exemplo,tido,& avido por Religioſo de grande humildade, ſer-vindo nos officios bayxos, como ſe fora eſcravo de todos; ſe grao era de Coadjutor temporal. Ardendo em peſte a Cidade d Coimbra no anno de 1599 ſe offereceo com todas as inſtan-cias para ſervir aos empeſtados, & conſeguida a licença ſe em-pregou todo no ſerviço dos contagioſos atè ſe lhe pegar o meſ-mo mal, de que morreo ſantamẽte em Coimbra aos 18. de Ju-nho de 1599. Advirto que o manuſcrito donde iſto recolho, di a patria,dia,anno da entrada,& q̃ fora em Evora,& revẽdo os li-vros antigos o acho cõ o ſobrenome de Dias,por onde ſupponh tomou ao depois o de Antunes, como ſuccede muytas ve-zes.

Coimbra 2.ou 3.de Agoſto de 1580.

6 O Padre Antonio Mendes Coadjutor eſpiritual, filho d Miguel Eſtevens,& de Joanna Mẽdes,naſceo na Villa de Mou-ra do Arcebiſpado de Evora; entrou na Companhia aos 18. d Mayo de 1574. tendo 28. annos de idade. Foy homem d ſingular caridade, a qual moſtrou bem no anno de 1580.por que ardendo em peſte a Cidade de Coimbra,elle ſe conſagrou ſervir os feridos do mal, & neſta occupaçaõ deo ſua vida aos 2 ou 3. de Agoſto de 1580. eſtà enterrado junto à Ermida de Saõ Sebaſtiam alèm de Santo Antonio dos Olivaes, tem na ſepultu-ra ſua campa com letreyro,que a Cidade lhe mandou pòr en ſignificaçaõ do agradecimento que tinha ao muyto ſerviço que lhe fez. Delle ſe faz mençam na quarta parte da Hiſtoria geral livro oytavo.

No mar anno de 1571.

7 O Padre Fernando Navarro natural de Burgos em Caſ-tella,filho de Garcia Navarro, & de Maria Gonçalves,entrou na Companhia em Evora aos quinze de Mayo de mil quinhentos & ſeſſenta,tendo de idade vinte,& hum annos. Paſſou à India com grandes deſejos de gaſtar a vida na converſam das almas. No anno de mil quinhentos ſetenta, & hum,ardendo a nao em doenças contagioſas,o Padre Fernando ſe conſagrou ao ſerviço dos enfermos,& pegandoſe-lhe o mal,morreo pia,& ſantamente em o Senhor. Nam nos conſta o dia de ſua morte.

8 O Pa-

8 O Padre Francisco Fernandes sendo jà Sacerdote entrou neste Noviciado aos 4. de Junho de 1586. o seu grao foy de Coadjutor espiritual; era natural de Trancoso na Beyra. Ardendo em peste a Cidade de Angra na Ilha Terceyra, se cõsagrou a curar os feridos desemparados; neste ministerio fez grandes serviços a Deos, todos o respeytavam como a pay. Deos lhe pagou todas estas caridades com morrer ferido da mesma peste, de que curava aos outros. Foy seu falecimento em 30. de Agosto de 1599.

Angra 30. de Agosto de 1599.

9 O Irmaõ Diogo Dias Coadjutor temporal faleceo servindo em Lisboa na peste do anno de 1598. era natural de Barcelos; aqui entrou na Companhia aos 10. de Fevereyro de 1583. O Agiologio Lusitano traz sua morte aos 6 de Março.

Lisboa 6. de Março de 1599.

10 Grande foy na Cidade de Faro no Algarve a caridade do Padre Fernando Martins, & teve bom teatro, em que dar mostras de si na peste, que no anno de 1601. consumio aquella, & as mais Cidades do Algarve. Nasceo este ditoso Padre na Villa de Olivença, tendo vinte, & cinco annos de idade; entrou aqui na Companhia aos 13. de Fevereyro de 1567. O seu grao foy de Coadjutor espiritual, nelle servio sempre como singular obreyro, homem sem amor proprio, & que sò quiz a sua vida para a consumir, como fez, no serviço de Deos.

11 No anno de 1601. se achava este bom Padre na Cidade de Faro. Ateouse nella huma cruel peste, que por cinco mezes a affligio. Nesta occasiam se vio muyto o fervor de todos os da Companhia, que na casa, que alli temos, assistiaõ, dos quaes era hum o Padre Fernando Martins. A Cidade quasi se despovoou. Começàram os nossos a confessar todos os doentes, no principio entravam nas casas dos enfermos, porque o mal nam parecia tam furioso; porem depois que se declarou de todo, se mandàram para fòra da Cidade alguns dos nossos, que se podiam escusar.

12 Em casa ficou o Superior com os que eram necessarios, para acudir à Cidade. Logo o Superior se foy offerecer aos Vereadores, & ao Bispo para confessarem todos os doentes da casa da saude, & da Cidade. Edificàram-se de tam santa resoluçam; & ordenouse, que todos os doentes, que se levassem à casa da saude, se confessassem primeyro; para isto se dava aviso aos nossos Padres. O Superior com outro Padre discorriaõ pela Cidade confessando os enfermos, & alentando aos sãos.

13 Os que muyto padecèram, foram os presos, por lhes faltarem

rem as esmolas;a esta necessidade acodiram os Padres com es-molas todas as somanas,para que esta miseravel gente nam pe-recesse. O mesmo se usou com muytos doentes,que sem duvida acabariam a puro desemparo, se a caridade dos Padres os nam soccorresse. Deo nesta occasiam grande exemplo o Senhor Bis-po Dom Fernando Martins Mascarenhas;nam quiz elle deyxar as ovelhas no perigo,& porse a si em cobro. Ficouse na Cidade, recolheo-se em nossa casa,mas depois que alli faleceo o Padre Fernando Martins,passou para outras casas desempedidas. Ro-gou aos nossos , que o avisassem para prover de tudo o necessa-rio aos enfermos,& pobres , que nam tinham , em que ganhar hum pedaço de pam com que se sustentar. O mesmo Bispo em pessoa,que he exemplo digno de grandes louvores,por vezes hia com o nosso Superior á casa da saude,para consolar os feridos,& levarlhes doces,& outros refrigerios.Outras vezes acompanha-va pela Cidade ao mesmo Superior , quando sahia a confes-sar os doentes; com elles dispendeo muytos mil cruzados;& em tudo mostrou , que era verdadeyro Pay , & Pastor de suas ove-lhas,& nam mercenario.

14 Aos cinco mezes da peste succedéram outros cinco de doenças geraes. Como a gente,que se retirou ao campo , vivesse em cabanas,& as calmas fossem grandes, ao recolher para a Ci-dade,quasi todos adoecèram. Os nossos andavam pela Cidade a mayor parte do dia confessando. O Bispo era tam solicito , que elle em pessoa visitava todos os dias os doentes de toda a Cida-de,levava comsigo aos nossos Padres para os fazer confessar , & dous Capellaens com mimos de doentes, & huma bolsa de di-nheyro,provendo a todos de tudo.

15 Neste tempo adoecèram todos os nossos Religiosos,ex-cepto o Superior,& hum Irmaõ ; com tudo isto assim succeder, o Padre com hum espirito verdadeyramente de gigante acodia a confessar na Cidade,& na Igreja. De todos estes trabalhos re-sultou grande gloria a Deos , & bom nome à Companhia. Foy tanta a devoçam,que a gente lhes cobrou,que quando passavaõ, se punham de joelhos,dando graças a Deos pelos trazer em tal tempo áquella terra para geral remedio de todos.

16 O bom Padre Fernando Martins trabalhando incansa-velmente nos mezes,que ouve peste,andando fazendo confissoẽs pelas casas,& indo à da saude , nam se poupando em tempo al-gum,foy ferido da peste , & della veyo a falecer com edificaçam do Senhor Bispo,& de toda a Cidade de Faro , que vio , & vene-

rou,

rceu,a muyta virtude,que avia neste servo de Deos. Por premio della,acabou na mesma peste aos sete de Junho de 1601.

17 Na mesma Cidade,ainda que deste tempo, em que faleceo o Padre Fernando Martins,a muytos annos, teve igual fim nacido tambem da peste,o Irmaõ Antonio Vaz Coadjutor temporal natural da Villa de Niza no Bispado de Portalegre, aqui entrou na Companhia aos cinco de Agosto de 1646. Acabou o seu Noviciado no Collegio de Faro, & no mesmo pôz fim aos dias de sua vida no glorioso emprego de acompanhar nas confissoens aos Padres, que as hiaõ ouvir aos empestados na Cidade. Em Abril de 1649. se começou a atear a peste na Cidade de Faro;tiveram bẽ,em que mostrar sua caridade os nossos Religiosos,que entam se achâram naquelle Collegio;dos quaes foraõ os principaes o Padre Andre de Moura, que depois foy Lẽte de Prima na Universidade de Evora, & morreo sendo Reytor do Collegio de Santo Antam; & o Padre Manoel Fernandes, que faleceo sendo Confessor del-Rey Dom Pedro o segundo deste nome;sobre estes dous Padres carregou principalmente o grande pezo de acodir às confissoens dos feridos, & obrâram cousas muy assinaladas,que nam pertencem a este lugar, aonde só trato da morte do Irmaõ Antonio Vaz. Em Faro aos 16.de Janeyro de 1650.

18 Na casa da saude curava hum Francès herege Calvinista;logo q̃ o mal o ferio, o Surgiam mòr avisou ao Padre Manoel Fernandes do perigo,em que estava aquelle herege. O Padre levando comsigo ao Irmaõ Antonio Vaz por companheyro, foy buscar o retiro, para onde eram levados os feridos,que curavam na casa da saude. Era este mancebo, ainda que herege, alèm de sua boa indole,muyto exemplar em sua vida; nam se lhe notava falta alguma de deshonestidade,muyto limpo de mãos, & caritativo nas curas;partes, que quanto se entende, lhe montâram muyto,para que Deos nelle puzesse os olhos de sua misericordia.

19 Conheceo o Padre os erros em que tinha vivido, & com boas razoens o fez capaz das verdades de nossa Santa Fè,que elle abraçou, & todo se póz nas mãos do Padre Manoel Fernandes,para que o encaminhasse.O Padre indo àquelle lugar varias vezes o instruhio nas cousas necessarias, & depois com licença do Ordinario, que em tal caso a podia dar, o absolveo. Teve o Padre,& com razaõ,grande alegria de ver tam bem logrados os seus passos;& o nosso bom Irmaõ para mostrar mais o seu gosto deo hum abraço,& com elle o parabem ao ferido.

20 Deste

20 Deste abraço se presumio, teve origem a morte deste Irmão, porque poucos dias andados começou de se queyxar da cabeça, depois da verilha, carregume de costas, corrimẽto do pescoço, tolheraõse lhe os braços, & ensanguentàraõse-lhe os olhos; sinaes todos do mal da peste. Depois se lhe foy a dor da verilha, que lhe tinha dado sem ingua: por esta causa, ainda que o Cirurgiam o teve por empestado, o Medico foy de parecer contrario. Para mòr cautela o apartàram no dia, em que morreo, para huma casa dos moços, onde acabou sua vida aos 16. de Janeyro de 1650. Tinha recebido em seu juizo perfeyto os Sacramentos da Communham, & Unçam, que o Padre Reytor Miguel Brandão lhe administrou. Depois da Unçam pedio lhe rezassem o officio da agonia; pareceo ao Padre Manoel Fernandes, ser devoçaõ anticipada, & de que ainda nam avia necessidade; mas o effeyto mostrou ser conhecimento da morte, a qual foy dahi a meya hora. Antes pedio a todos perdam, & de todos se despedio com muytas lagrimas. Esses poucos annos que viveo na Companhia, servio sempre com edificaçam, & bom exemplo; & acabou com morte de homem amigo de Deos.

21 Com este sò da Companhia se contentou Deos nesta occasiam; & por ventura considerando elle que a vida dos Sacerdotes era mais necessaria, offereceo a Deos a sua, para que os conservasse a elles. Assim o imaginou, & escreveo o Padre Manoel Fernandes, grande operario nesta calamidade; o qual notou, que nenhum dos que immediatamẽte servio a este Irmaõ, morreo neste mal.

CAPITVLO XXIV.

Vida do Padre Aleyxo Alveres Noviço.

Evora 20. de Julho de 1585

1 Cinco grandes servos de Deos nos levou para si o exercicio da caridade, em que contrahiram doenças contagiosas, de que morrèram; tres eram actualmente Noviços, os dous jà com annos de Religiaõ, todos aqui tiveram a boa fortuna de entrarem na Companhia. O primeyro, que acabou a vida, foy o Padre Aleyxo Alveres, era natural da Cidade de Bragança no Bispado de Miranda. Seus pays se chamàram Gonçalo Rodrigues, & Cecilia Lopes. Criàram-no em costumes santos. Estudou atè se ordenar de Sacerdote, & ser Confessor approvado. Dava com sua vida bom exemplo, era muy devoto

to da Companhia, com cuja doutrina se criara.

2 Teve alguns pensamentos de ser da Companhia; quando jà estes lhe tinham esquecido, veyo visitar o Collegio o nosso Padre Provincial; como Aleyxo Alveres era tanto da Companhia na devoçaõ, foy dar as boas vindas ao Padre Provincial. Disselhe este, que fazia no mundo, & como estavam os seus antigos propositos de ser da Companhia. Deo elle suas escusas. Despedindo-se do Padre Provincial, como se as palavras, que lhe disse, fossem settas, que lhe penetrassem a alma, nam podia aquietar comsigo, nem apartar os impulsos, que lhe vinham de que fosse pedir a Companhia. Toda aquella tarde, & noyte seguinte teve esta lida comsigo, procurando, sem poder, tirar dali o pensamento. Foy tam forte a inspiraçam, que o nam deyxou dormir.

3 Finalmente se resolveo comsigo, que a sua salvaçam estava em ser da Companhia, & que se perdia a occasiam presente, tarde, ou nunca teria outra. Determinado nisto firmemente, logo que amanheceo, foy pedir ao Padre Provincial, que o aceytasse na Companhia. Feytas as provas ordinarias, lhe ordenou, que fosse ter o seu Noviciado a Evora. Deo logo ordem à jornada, para que nem amigos, nem parentes, nem huma Irmã com quẽ estava, o impedissem, de ninguem se despedio. Sahio-se de noyte da Cidade, por nam ser sentido. Eram tantos seus desejos de se ver na Companhia, que nenhuma cousa, para conseguir este fim, lhe parecia difficultosa, que iria nam a jornada de Bragança atè Evora, que he de grãde distancia, mas atè o fim do mũdo, se assim fosse necessario.

4 Entrou em o Noviciado aos treze de Julho de mil quinhentos oytenta & cinco, tendo vinte & seis para vinte & sete annos de idade. Em hum anno, & sete dias que sò viveo na Cõpanhia, soube aproveytarse, quanto o puderam outros fazer em largos annos. Neste anno tomou trinta dias de Exercicios de Santo Ignacio, todos continuados; onde alcançou grande conhecimento de Deos, & da vaidade do mundo, tinha muytas consolaçoens, & chorava muytas lagrimas de devoçam. Passavam-se dias, em que tinha seis, & sete horas de oraçaõ mental, todas de joelhos com grandes favores, & mimos do Ceo.

5 Continuou todos estes tempos com grandes penitencias, de jejuns, cilicios, & disciplinas. Nisto era tam fervoroso, que muytas vezes era necessario irlhe à mão. Destes exercicios sahio muy outro, com grande amor de Deos, muy amigo da Cruz,

& trabalhos, desejoso da propria abnegaçam, & mortificaçam
Dizia todos os dias Missa, ordinariamente com abundancia d
lagrimas. Alèm do officio, que rezava por obrigaçam de su
ordens, avia muytos annos, que sentia devoçam em rezar a Co
roa a Nossa Senhora. Era muy amigo da oraçam, & nella ta
visitado de Deos nosso Senhor, q elle mesmo pasmava das me
cès, que delle recebia. Na quinta de Valbom foram huma ve
dar com elle ao pè de huma arvore orando, & banhado tod
em lagrimas.

6 Era muyto humilde, manso, & alegre A todos, ainda a
Noviços de pouca idade, & pouco tempo de Religiam, tratav
com amor, & respeyto. Seu desejo era mortificarem-no, & h
milharem-no; & assim pedia ao seu Padre Mestre, que o fizess
quando lho concedia, entam se alegrava. Quanto mais bayx
eram os officios, em que o punham, mayor consolaçam se
tia.

7 Foy a peregrinar por duas vezes, & de ambas, por on
foy deyxou bom nome de modestia, humildade, & edificaçan
Huma vez foy ao campo de Ourique em tempo, que lá av
grande fome, o pam que comiam era feyto de bolotas, & pad
ciam algumas vezes tanta fome, que de fraqueza lhe saltava
as lagrimas dos olhos. Passando por Alvito, querendolhe faz
grande gazalhado Dom Luis irmaõ do Baram, o Padre o na
aceytou. Fazendolhe camas na Misericordia para elle, & s
companheyro, nam se quiz deitar nellas senam sobre o cham.

8 As suas praticas foram todas de Deos. Duas horas pra
cou a Dom Luis sobre a morte com tanto espirito, que fic
hum Clerigo, que tambem esteve presente, tam movido, que
outro dia amanheceo á porta da Misericordia banhado em l
grimas, desejoso de ouvir o Padre mais tempo. Dom Luis
cou tam edificado, que se foy com o Padre a pè hum bom ped
ço de caminho, por gozar de sua pratica, & dizia, que de b
vontade o seguiria toda a peregrinaçam. Escreveo huma carta
hum Padre do Collegio de Evora, na qual engrandecia cõ mu
tas palavras a virtude do Padre Aleyxo Alveres.

9 Tinha grandes desejos de servir aos pobres, por vezes p
dia com instancias, que o mandassem ao Hospital. Comprioll
Deos estes desejos nos ultimos dias de sua vida. A causa foy, q
alguns Irmãos Noviços hiam acabando os dous annos, sem ai
da terem comprido com a experiencia, que os Noviços faze
de ir aos Hospitaes. Tratou isto com o Padre Reytor o Pad
Fra

Francisco de Araujo Meſtre dos Noviços, & aſſentàram , que
foſſem,ſe là nam ouveſſe doenças contagioſas,& encarregouſe
o Padre Meſtre dos Noviços,ſe informaſſe, ſe as avia , ou nam
via. Perguntou ao Cirurgiaõ do Hoſpital, que lhe diſſe , què
nam avia doenças mais,que de febres,& eſſas leves.

10 Com iſto mandou ao Hoſpital o Padre Aleyxo Alveres
com outro Noviço. Sua caridade foy alli tanta , que fez admi-
raçam,aos q alli aſſiſtiam. Elle ſervia,elle toſquiava, elle lavava
os enfermos,elle varria a caſa,elle fazia as camas, elle os conſo-
lava,ajudava a bem morrer,& defuntos os amortalhava , & pe-
dia licença para lhes dizer Miſſa pela alma. Edificavam-ſe to-
dos,quando viaõ , que ſendo Sacerdote fazia com tanta alegria
couſas de tanta humildade,os doentes lhe rogavaõ mil bens.

11 Entre os doentes acertou eſtar hum de eriſipela: co-
mo eſtava mais enfermo , o Padre o curava com mais carida-
de,ſervindo-o em quanto lhe era neceſſario. Sarou elle da ſua
enfermidade,& querendo o Senhor pagar ao Padre Aleyxo eſte,
& os mais ſerviços,que lhe tinha feyto , permittio , que ſe lhe
pegaſſe a meſma doença em huma quinta feyra onze de Julho.
No principio naõ ſe conheceo ſua doença por eriſipela, antes
parecia febre ordinaria;por tanto o viſitavaõ, & tratavam todos
a caridade , que na Companhia ſe coſtuma ter com os doen-
tes.

12 Depois que a doença moſtrou o que era,mandàraõ logo
os de pouca idade , que naõ lhe entraſſem no cubiculo. A-
lem dos Superiores,que frequentemente o viſitavam , & do Pa-
dre Pedro de Novais que ajudava ao Meſtre dos Noviços,
& Padre Antonio de Sequeyra Noviço , ficàram tres Noviços
dos mais robuſtos para o ſervirem;deſte era hum o ditoſo Irmão
Miguel Alveres:ainda a eſte tempo a doença ſe naõ tinha por
tam contagioſa como em ſi era. Vendo o Padre Reytor , que a
doença do Padre Aleyxo hia crecendo , & o fogo ſe ateava em
outros,que o ſerviraõ,& que os Medicos julgavaõ a doença por
peſtilencial, poz toda a diligencia aſſim em ſe acodir aos enfer-
mos,com em atalhar o mal. Direy,o que aqui ordenou o Supe-
rior com mais miudeza , para que melhor ſe veja a caridade da
Companhia,& as prevençoens dos antepaſſados nos ſirvam a
nós em ſemelhantes de direcçaõ. Mandou chamar os melhores
quatro Medicos da Cidade , & os melhores dous Cirurgioens,
estes vinham cada dia duas,& tres vezes viſitar os enfermos.

13 As meſinhas,que ordenavam,ſe lhes applicavaõ com to-

da a diligencia. Do comer dos doentes nam sò em casa se tinha particular cuydado, mas tambem fòra em casa de duas viuvas graves muy devotas da Companhia, cujos nomes eraõ, Dona Maria de Larcam,& Dona Angela; em sua casa se estillavam as gallinhas,& faziam as mais cousas, que tinham necessidade de particular perfeyçaõ.

14 Alẽ disto se ajũtàram os remedios divinos,dizẽdo-se Missas por esta tẽçaõ,fazendo-se oraçoẽs devoçoẽs para q̃ nosso Senhor conservasse a vida aos enfermos. Entre outras devoçoens,que se fizeram, foram alguns Padres dizer Missa ao Menino Jesus do Mosteyro de Sãta Monica,& lhe offerecéram por parte do Collegio hum vestido de veludo verde muy bem feyto, & asseado; porque depois de alguns mortos, huma pessoa encommendando ao Menino Jesu os doentes do Collegio, sentio, que se desse hum vestido verde ao Menino, & cessariam as doenças, por isso lho mandou dar o Padre Reytor,& quiz o Senhor, que dalli por diante nam adoecesse outro algum de novo. Com estas diligencias se procurava a saude dos enfermos com remedios divinos,& humanos.

15 Para que se atalhasse o mal, mandou o Padre Reytor despejar a provaçam, & passar os Noviços para as casas onde el-Rey Dom Henrique morava,quando sendo Cardeal vinha a este seu Collegio. Ficàram os Noviços alli bem accõmodados, porque ficavam apartados do Collegio,& junto da Capella dos Irmãos,de que se serviam para as Missas,praticas, & mais exercicios. Em sima nas casas da provaçaõ ficàram sòmente os doentes,& o Padre Fernam Coutinho como Prefeyto da saude, & das cousas espirituaes,para os ajudar no corpo,& alma; com elle assistiam os Irmãos Francisco Vaz, & Gonçalo Alveres,ambos Coadjutores,& de boas forças,que já tinhaõ curado feridos de peste,& doenças contagiosas,sem nunca se lhes pegarem.

16 Todos os mais nenhuma communicaçam tinham com os doentes: para que nada faltasse aos que estavam em sima na casa da provaçam, alèm do muyto cuidado, que os Superiores tinham,de ir saber miudamente, como estavam, se poz hum Irmão no topo da escada, que nunca dalli sahia com huma campainha,a que acodiam os que estavam com os doentes, & lhe dava,& negociava tudo o necessario. As casas onde estavam os doentes,eram muytas vezes regadas com vinagre rosado, & outros defensivos;o corredor em bayxo,que està á porta da provaçam,estava todo alastrado de alecrim, pelo alto de todo o dormitori

mitorio eſtavam dependurados ramos de freyxo, por conſelho dos Medicos, que diziam, ſerem bons para os ares ſe purificarem.

17 Na Cidade reynavam as meſmas doenças, tam malignas, que em qualquer pequena ferida, ou arranhadura faltava a eriſipela. Até as ſangrias ſe enchiam deſta peſte. Feridas, que antes ſe curavaõ com huma tea de aranha, ſe malignavaõ. Deſtináram-ſe Padres, & Irmãos, que nam cõmunicaſſem com os mais, para acodir a toda a hora às confiſſoens dos enfermos da Cidade.

18 Foy neceſſario tirar da caſa da provaçam ao Padre Fernaõ Coutinho, aſſim por ſer Confeſſor de muytos Padres, & Irmãos do Collegio, como por fazer falta no Collegio para outros preſtimos. Offerecèram-ſe muytos Padres, & Irmãos, para ſervir os enfermos, alguns deram ſeus nomes aſſinados ao Padre Prefeyto das couſas eſpirituaes, para que intercedeſſe com o Padre Reytor, que os admittiſſe. Foy exemplo de ſingular edificaçam, que propondo em cõſulta o Padre Reytor, & perguntando aos Padres, quem poria em lugar do Padre Fernam Coutinho, todos os Conſultores votàraõ por ſi, dizendo cada hum que dava o ſeu voto a ſi, & offerecendo-ſe para obra de tanta caridade.

19 Tornando ao noſſo enfermo, donde naceo eſte contagio, por cauſa do qual ſe fizeram as diligencias, & caridades referidas, de cada vez foy empeyorando mais o Padre Aleyxo, & dando continuados exemplos de virtude. Por ter a garganta muy inchada, & abrazada por dentro, & a boca da meſma maneyra toda aſſada, lhe era muy penoſo comer alguma couſa; porém eſtava tam habituado na obediencia, q̃ em lhe dizendo, que ou ſeu meſtre, ou o Padre Reytor mandava que comeſſe, logo ſe fazia força, & ainda que com trabalho comia.

20 Os ſeus treſvalios eram tudo ſantidade. Tinha tanto amor à mortificaçaõ, que ſe lhe naõ enxergou outro ſentimento, quando ſoube, que morria, ſe nam de ſe lhe acabar o tempo da mortificaçam. Recebeo os Sacramẽtos. Com o da Unçam, que lhe deraõ o dia antes de morrer, ſentio muyto alivio, & eſteve em ſeu juizo. A'tarde lhe levou o Padre Franciſco de Araujo hum menino Jeſu, com o qual muyto ſe alegrou; para o ver, fez força por abrir os olhos, o q̃ fez cõ muyto trabalho, por eſtar todo muy inchado cõ a eriſipela. Vendo o Menino, cheyo de alegria lhe fez muytos colloquios, nem ſe podia deſaferrar delle. Pouco antes q̃ morreſſe tomou a conta benta, & nomeou

muytas vezes o Santiſſimo nome de Jeſus; & aſſim com muy- ta paz, & alegria deo a alma a ſeu Creador aos 20. de Julho de 1585. Foy enterrado na Capella de Santa Catherina, que hoje he da Annunciada,& Confraria dos eſtudantes.

CAPITVLO XXV.

Vida do Padre Antonio de Sequeyra Noviço.

Evora 24.de Julho de 1585.

1 O Segundo, a quem arrebatou eſta peſtilencial doen- ça,foy o Padre Antonio de Sequeyra tambem No- viço,era natural de Arronches no Biſpado de Portalegre, filho de Bento de Sequeyra Cabral,& de Maria Valente. Eſtudou na Univerſidade de Evora,& cõtinuou atè ſer Bacharel em Theo- logia. Foy Prior da Igreja de Saõ Mamede em Evora,& depois da de S. Lourenço na Cidade de Portalegre. Deo ſempre muy- to exemplo com ſua vida.

2 Deſde pequeno foy affeyçoado á devoçam. Quando era eſtudante,& na Cidade ſe corriam touros,ou faziaõ feſtas deſta qualidade, elle com outros eſtudantes ſeus amigos ſe hia á noſſa Igreja,& tinha oraçam de joelhos diante do Santiſſimo Sacra- mento. Em quanto teve commodidade, ſempre tratou com os Padres da Companhia. Depois que eſteve em Portalegre, onde ainda nam avia Padres, pelo bom coſtume, que tinha de tratar com peſſoas Religioſas, hia-ſe ao Moſteyrinho dos Capuchos, alli ſe conſolava.

3 Acertou hum dia de encontrar com hum daquelles Re- ligioſos,que tinha conhecimento, & experiencia do inſtituto, pobreza, & obediencia da Companhia. Levando-os a pratica a eſta materia,o frade com muytas palavras engrandecia as couſas da Companhia,& dizialhe, que ſe naõ enganaſſe com ver os da Companhia calçados,& veſtidos, & os ſeus Padres deſcalſos,& cubertos de burel,porque lhe certificava, que a pobreza da Cõ- panhia era mayor que a ſua, & que no dia do juizo ſe avia de ver,que eram mais pobres os da Companhia,que os frades deſ- calſos.

4 Com eſta pratica do Padre, & com o que elle tinha viſto nos da Companhia, nacèram nelle grandes deſejos de deyxar barcos,& redes,& entregarſe de todo a Deos na Companhia. Aſſim o executou tendo de idade quarenta,& dous annos. Sen- do actualmente Prior da Igreja de S. Lourenço,pertendeo ſer d

da Companhia, & nella entrou em Evora aos vinte de Novembro de mil quinhentos oytenta, & tres, dando muytas graças a Deos pelo ter desembaraçado dos laços do mundo, que nam eram pequenos, porque era bom prègador, bemquisto de todos, tinha bom patrimonio alèm da renda da sua Igreja, & vivia virtuosamente.

5 Depois que começou a gostar do modo de viver da Cõpanhia, affeyçoou-se tanto a ella, que a sua consolaçam era fallar em suas cousas, & engrandecer os meyos, que tem para ajudar no espirito a seus subditos. Dizia, que desejava desenganar a seus amigos, & dizerlhes, que naõ avia na Companhia os escarceos, que elles imaginavaõ. Que era muy suave a vida do espirito, depois que huma pessoa se entrega de verdade a ella; provava isto comsigo, porq antes sua idade, & enfermidades lhe punhaõ medo, & o desviavam de entrar na Companhia, & agora via, que com tudo podia com facilidade, alegria, & consolaçam.

6 Como nosso Senhor lhe tinha dado grande conhecimento da mercè, que lhe fizera, de o pór em sua perfeyta liberdade, & o trazer á Companhia, trabalhava por alcançar as virtudes, que tal vocaçaõ requerem. Toda a sua vida tinha conservado a graça da pureza. Na Religiaõ buscava, & folgava com o peyor de casa, & tinha singular amor à santa pobreza. Desejava muyto de se ver desapossado de tudo. Antes de morrer confirmou doaçoens, que tinha feyto de cousas, que no mundo possuira. Depois de confirmar a doaçaõ, vio-se nelle hum espirito grande de pobreza, & desejo de naõ ter nada. Ordenandolhe, que passasse para outro cubiculo, folgou muyto, para que no em que estava, lhe ficassem livros, & o mais, de que usava, & morresse, onde não ouvesse cousa alguma. Atè hum gibaõ, & hum colete, de que atè entam usava, despio, & com a veste sobre a camisa se foy, por especial amor, que tinha a se ver sem nada.

7 Na obediencia foy tam pontual, que disse hum Superior, que era de admiraçaõ ver a perfeyçaõ, & cuidado, com que fazia todos os officios, em que o punham. Mandáram-no na Quaresma do anno, em que morreo, prègar a huma Freguesia do campo. Nesta experiencia deo muyta edificaçam. Confessava atè subir ao pulpito, depois da prégaçaõ tornava ao Confessionario. Naõ lhe pedia escravo, nem moço do monte confissam, que elle o nam consolasse. No Collegio tambem se occupava em ouvir confissoens, a que acodia com muyta promptidam, quando o chamavam; nem faltou, quem se lhe metesse no Confessionario,

nario,para ſob capa de cõfiſſaõ lhe fallar ſobre a renũciaçam da ſua Igreja, & diſtribuiçaõ do ſeu patrimonio;a eſtas couſas naõ dava ouvidos,remettendo tudo aos Superiores,dando por razaõ, que já nada tinha de ſeu.

8 Com ſua humildade edificava a todos. Com ter a idade, & letras,que tinha,entre os outros Noviços parecia o menor de todos;ainda aos de pouca idade tratava com tanto reſpeyto, como ſe lhe foſſem ſuperiores. A ſeu Meſtre dava conta com tanta chaneza,& humildade,como ſe naõ tiveſſe nem tantos annos, nem foſſe letrado. Procurava com muyta diligencia a propria abnegaçaõ,& mortificaçaõ. Huma vez o reprehendeo hum Superior diante de hum Sacerdote de fóra, mais pelo mortificar, que por elle o merecer. Recebeo com muyta humildade a reprehenſam,& depois foy ao cubiculo do Superior pedir perdam da culpa,& remedio para naõ cahir em outra ſemelhante. Levando hum dia de comer aos preſos com outros Noviços em corpo,como he coſtume, tornando para o Collegio, deo volta pelas ruas,onde era mais conhecido, levando o caldeiraõ ao hombro. Elle era,o que incitava aos outros para as penitencias publicas nas veſporas dos Santos. Além deſtas fazia outras muytas ſecretas de diſciplinas, & cilicios. Cada ſomana jejuava às ſeſtas, & Sabbados. Seus deſejos eram paſſar ás Miſſoens, & gaſtar a vida na converſaõ da gentilidade. Com ter eſtes deſejos muy vivos,todo ſe reſignava nas mãos de Deos, querendo ſò o que foſſe ſua divina vontade.

9 Sendo Prefeyto da Capella dos Noviços alcançou licença,para do que tivera no mundo fazer huma armaçaõ de ſeda para ornar a Capella. Para os Irmãos terem na quinta de Valbom melhor cõmodidade, deo eſmola com que nella ſe abriſſe hum poço,como ſe fez, & he o de que hoje ſe ſerve a quinta, & bebem os Religioſos, por ſer de boa agua. Enxergava-ſe neſte Padre muyta piedade, & devoçaõ, em eſpecial na liçaõ eſpiritual,quando ſe lia alguma couſa devota; como lendo-ſe a vida do Santo Xavier,ou outra couſa da Companhia, todo ſe banhava em lagrimas, & interrompia o comer. Neſte tempo de Noviço tomou por eſpaço de trinta dias cõtinuados os Exercicios, em que recebeo muytas mercès da mão do Senhor. Além da oraçaõ ordinaria tinha todos os dias antemanhã cõ licença do Superior hora,& meya,& às vezes duas, levantãdo-ſe para eſte fim às duas,& tres depois da meya noyte. Eſte coſtume guardou em todo o tẽpo do Noviciado.Fazialhe Deos tãtos mimos, & dava-

lhe

lhe tantas consolaçoens, que elle mesmo pasmava, & dizia, que nam sabia, que Deos queria delle, pois tanto o animava.

10 Era muyto caritativo, como mostrou no Hospital, onde servio, & na doença do Padre Aleyxo Alveres, de quem se lhe pegou. Adoeceo no mesmo dia, em que morreo o Padre Aleyxo Alveres. Estava no Confessionario, quando lhe começou a doer a garganta, sahiose logo, dizendo, o fazia, porque se fosse aquillo algum mal, naõ o pegasse aos meninos, que confessava. Era Sabbado, foy ainda ao refeytorio jantar, & comeo dieta. De tarde se começou a descobrir o mal em modo de esquinencia. Ainda que elle dizia, ter febre pequena, se teve logo roim sospeyta da doença, porque a lingua se lhe inchou muyto, & poz tam negra, que os Medicos cuidavaõ ter nella herpes, logo o sacramentàram. Naõ se lhe via ter desejo de vida mais, que para padecer muyto por amor de Deos, & para acabar os dous annos, & fazer os votos da Companhia. Consolava-se de morrer nella ainda q̃ Noviço. Vendo q̃ se hia chegãdo para a morte, contava ao Irmaõ, q̃ o servia, hũa historia, q̃ tinha lido de hum Noviço, q̃ antes de morrer, foy arrebatado, & tornando em si muy alegre, disse, q̃ lhe acontecèra, o q̃ acõtece a homẽs q̃ vam à praça, & com pouco dinheyro compraõ muyto: assim elle com pouco de Religiaõ achava, q̃ tinha cõprado a gloria eterna. Esta historia contava, & com ella se consolava muyto. Estando ceando entrou em artigo de morte, & espirou aos vinte, & quatro de Julho do anno de mil quinhentos oytenta, & finco, durando sò tres dias depois que lhe deo o mal. Foy enterrado na Capella de S. [illegible]ras, que hoje he de Santo Ignacio.

CAPITVLO XXVI.

Vida do Angelico Irmaõ Miguel Alveres estudante Noviço.

1 A Doença do Padre Aleyxo Alveres se cõmunicou aos que o serviram, dos quaes foy hum o Irmaõ Miguel Alveres tambem Noviço, & Noviço santo, merecedor, de que lhe apparecesse o Anjo. Este Irmaõ era natural de Villa Viçosa no Arcebispado de Evora. Seus pays se chamáraõ Antonio Fernandes, & Brites Alveres. Sendo estudante da terceyra classe da Universidade de Evora, entrou para estudante no mesmo Noviciado aos quatorze de Novembro de mil quinhentos oytenta, & tres, tinha de idade dezoyto annos. Viveo na Cõpanhia

Evora 27. de Julho de 1589.

panhia hum anno,& oyto mezes.

2 Deo sempre grandissima edificaçaõ assim a antigos,como aos Noviços. Tinha grande singeleza, & candura, & particular gosto de descobrir sua consciencia a seu Mestre; era muy amigo da mortificaçaõ, incansavel em pedir penitencias, alegre no trabalho,nunca se escusava,nem mostrava cansasso, nem tomava refrigerio; seu estudo era importunar o Padre Mestre,que o mandasse servir nos officios bayxos. No tempo,que lhe ficava do officio,que lhe fora encõmendado,pedia,que o mandassem ajudar aos outros, allegando para isso, que cansariam, ou que eram pequenos.

3 Nunca mostrou mao rosto; sendo reprehendido, por mais aspera q̃ a reprehensaõ fosse, sempre mostrava no rosto humildade,& alegria. Na obediencia era muy apostado. Dizia seu Mestre,que nesta virtude a todos os mais Noviços levava conhecida ventagem. Via-se nelle grande amor, & reverencia às cousas da obediencia,ainda minimas. Bem mostrou na doença, quam habituado estava,porque sendolhe muy penoso comer alguma cousa,por ter a boca toda inflãmada com a erisipela, em lhe dizendo, que mandava a obediencia que comesse, logo comia,& tomava as mais mesinhas,que lhe ordenavam, ainda que estava muy desen ganado,que morria.

4 Sua caridade para com os enfermos era muy grande, em quanto andou saõ, sempre os servio com alegria, & diligencia. Elle importunou ao Padre Mestre, que o deyxasse servir ao Padre Aleyxo Alveres,allegãdo, q̃ jà o anno atraz tinha servido a hum Irmaõ da mesma doença,& q̃ nada se lhe pegára. Alcançada a licença, servia ao Padre com maravilhosa caridade. Elle lhe fazia a cama,& o voltava,& concertava,elle o alimpava; permittio o Senhor,que se lhe pegasse a mesma doença,para lhe remunerar tanta caridade.

5 Tanto que adoeceo, logo se confessou, recebeo o Santo Viatico,& pedio a extrema-Unçaõ. Aparelhouse muy de proposito para a conta, que avia de dar a Deos. Visitando-o o Padre Reytor,& entrando no seu cubiculo,elle de subito lhe disse: Padre veyo agora aqui hum Anjo,& disse-me,que avia de morrer daqui a alguns dias. Perguntoulhe o Padre, quantos dias aviam de ser. Respondeo elle: Nam me disse, quantos,mas disse-me,que hei de estar no purgatorio poucos dias, & que estes seràm mais,ou menos conforme as Missas,que cà me disserem. O fim,que isto teve,mostrou ser verdade, porque elle morreo, &

ainda

inda a este tempo os Medicos nam desconfiavam de sua saude.

6 Huma quinta feyra à tarde, que era o setimo dia da doença, dous dias antes da morte, teve hũ accidente grande, q̃ lhe tirou a falla por espaço de duas horas, & meya, de maneyra, que nem a ventosas, nem a outros tormentos acodia. No fim deste tempo, como quem acordava de hum profundo sono, começou a chamar pelo Padre Prefeyto da saude, que com elle estava. E dizia: Padre meo, Padre meo, fique-se embora, querome ir ver a Deos, que com os braços abertos me está esperando Nossa Senhora, o Arcãjo S. Miguel, S. Gabriel, q̃ trouxe a embayxada a Nossa Senhora. (Dizendo isto, fazia meneos, como que via entrar, ou ir em procissaõ os Santos, que nomeava.) Fiquem-se embora, lá os encomendarei a Deos, jà naõ saõ necessarias mesinhas, nem ha já que fazer com este corpo, atè agora naõ conhecia o mundo, agora jà o conheço; & repetia isto muytas vezes.

7 Perguntoulhe o Cirurgiaõ, que presente estava, se o conhecia. Respondeo: Vossa mercè he o Cirurgiaõ, que me curou, bem sei que levou muyto trabalho comigo, eu o encomendarei là no Ceo a Deos. Dizia, que no Ceo rogaria a Deos pelos Noviços, pelos Superiores, & por toda a Companhia. Disselhe o Padre, que se naõ apressasse tanto, que esperasse hum pouco, ainda que nisso tivesse pena, pois assim o queria Deos, & que melhor era por obediencia viver em trabalhos, que sem obediencia morrer em descanso. Respondeo o Irmaõ: Padre, eu por obediencia desejo morrer, & assim peço muyto a vossa Reverencia, que me diga: Em virtude da obediencia, alma, sahete desse corpo miseravel, vai ver a Deos; apertava muyto, que lhe desse licença para morrer; & dava por razaõ, que era tam grande o tormento, que sentia a alma, que desejava ver a Deos, em o nam ver, que se naõ podia declarar por palavras.

8 Instando sobre esta licença, disselhe o Padre, que lhe queria mostrar com razoens, que era mayor merecimento deterse mais nesta vida. Disselhe o Irmaõ: Vossa Reverencia he Theologo, eu naõ cheguey mais que à terceyra, & nella andei poucos dias, mas eu responderei a isso. Entam disse o Padre: Quanto mais vos deteverdes nesta vida padecendo as penas, & dores, que sentis, tanto mais acrecentareis a coroa da gloria com mayores merecimentos: logo deveisvos naõ sòmente consolar, mas folgar, & desejar de vos deterdes nesta vida.

9 He verdade Padre, (respondeo elle) que quem mais padece neste

neste mundo por amor de Deos, mais merece: mas que com
paraçaõ tem isso agora com o grande tormento, que a alma sen
te em naõ ir logo ver a Deos? He tam grande cousa ver a Deos
q̃ por logo alcançar tanto bem, se podẽ deyxar todos os outro
bens. Isto dizia cõ tanta efficacia, q̃ bem mostrava, quãto pena
va sua alma, por se ver ainda preza no carcere deste corpo.

10 Importunava, que lhe dessem licença para morrer; & c
Medicos, quando o viaõ importunar tanto por esta licença, d
ziaõ, que lha dessem, por ver se morria, como quem naõ enten
dia o amor, que a Religiaõ tem aos seus, & quanto deseja de o
conservar em si. Consolava o Padre Fernaõ Coutinho ao Irmã
com lhe dizer, que esperasse, & se deyxasse estar mais nesta vid
que commungaria. Elle respondeo: Padre, cõmungar he recebe
a Deos no Santo Sacramento; pois naõ he melhor illo ver clara
mente? Todas estas cousas mostraõ bem, que aquelle accident
tivera muyto de extasi soberano, em que Deos se lhe descobrio
quam amavel era em si.

11 Depois que lhe vieram frenesis, seus tresvalios eraõ de
sejos de ver a Deos, atè que o Senhor lhos cumprio. O dia em
que faleceo, que foy Sabbado de manhã, lhe assistia hum Irmaõ
Ouvio tanger, perguntoulhe, a que tangiaõ. Disselhe o Irmaõ
que tangiaõ a levantar. A'meya hora tangendo á oraçaõ, lhe tor
nou o Irmaõ a dizer, que tangiaõ à oraçaõ, & se poz de joelho
no meyo do cubiculo, para a ter. O Irmaõ Miguel Alveres com
estar tam no cabo, levantou as mãos, & cobrio-as com o lan
çol, & toda a hora teve de oraçaõ com as mãos alevanta
das, & muyta quietaçaõ, estando antes muy inquieto por razan
das dores, que padecia. Acabada a oraçaõ, na qual parece, qu
meditou em seus peccados, dizia: Este he Miguel Alveres? ben
merecia eu por meus peccados fazer mais penitencia, do que fe
S. Joaõ Bautista; este he Miguel Alveres? ay que nunca me co
nheci, mas bemdito seja o Senhor, que me trouxe á Companhia
E como espantado da mercè recebida, dizia: Sou da Companhia
Respondialhe o Irmaõ, que lhe assistia: Sim, Irmaõ, sois da Cõ
panhia. Com isto se consolava muyto.

12 Depois disto lhe levou o Irmaõ huma gema de ovo, di
zendolhe, que a tomasse. Respondeo elle, que morria, que j
naõ tinha necessidade de cousa alguma. Mãda a obediencia, lh
disse o Irmaõ, que tomeis isto para vos esforçardes. Logo sen
mais fallar, nem tardar, tomou a gema, q̃ lhe davaõ. Nisto da o
bediencia poz a todos espanto, porque se lhe diziaõ, dormi, qu
H

he vontade da obediencia; agazalhava-se, & dormia: se lhe diziaõ, sofrei as dores, que tendes, sem gemer, elle as sofria com tãta quietaçaõ, como se as naõ tivesse: se lhe diziaõ, que comesse, ou tomasse algũa mezinha, elle o fazia logo. Atè os Medicos se admiravaõ de tanta obediencia, & quando queriaõ alguma cousa, nomeavam-lhe a obediencia, & sem demora obedecia.

1 Nas suas dores consolava-se com as de Christo, com pòr os olhos num Crucifixo, se refrigerava. Pouco antes de sua morte com as lagrimas nos olhos pedio perdaõ aos Irmãos de suas faltas, & imperfeyçoens. Dizia, que em quanto hum vivia, nam conhecia a morte, que se todos a conhecessemos, que de outra maneira viviriamos. Pedio hũa conta benta, & nomeando o Sãtissimo nome de Jesus acabou sua vida em sũma quietaçaõ. Foy sua morte no Collegio de Evora aos vinte & sete de Julho de 1585. Ficou tam alegre, & bem assombrado seu rosto, que duvidavaõ, se era morto. Foy o primeyro, que no Collegio de Evora se enterrou com roupeta, porque antes naõ era assim; deraõlhe sepultura na Capella de S. Bento.

14 O cubiculo, em que faleceo, he em o Noviciado de especial devoçaõ, & se chama o cubiculo do Anjo, por nelle ter apparecido a este bemdito Irmaõ. No mesmo cubiculo se hospedou S. Francisco de Borja, quando sendo Geral da Companhia, passou por Evora com o Cardeal Alexandrino, como mais largamente refiro em seu lugar. Cõgreg. gen.4. decret.

CAPITVLO XXVII.

Vida do Irmaõ Balthesar Gonçalves estudante, & do Irmaõ Francisco Vaz Coadjutor temporal, & do Padre Joaõ da Costa.

1 Refiro neste lugar as virtudes do Irmaõ Balthesar Gõçalves, naõ porque elle aqui em rigor pertença, segundo a ordem que vou seguindo, mas porque de caminho vou dando conta da grande afflicçam, que teve nesta occasiam o Collegio de Evora com esta pestilente doença, & nella faleceo este Irmaõ, ainda que a naõ contrahio, como os outros, de servir aos contagiosos.

2 O mesmo dia, em que faleceo o Irmaõ Miguel Alveres, se achăram de novo abalados dous Irmãos, que o serviam. Vendo o Padre Reytor, que a calamidade se hia de cada vez mais assanhando, fez despejar o Collegio. Para a quinta de Valbom foy

o Padre Meſtre dos Noviços. Outros, q naõ eram neceſſario
no Collegio, foraõ para a quinta de Loredo. Na Cidade anda
va a meſma doença, aſſombrouſe a gente cõ as mortes do Col
legio, porque como eraõ ſó em huma caſa, ainda que grande, &
muyto junto humas das outras, fizeraõ mayor abalo, que muy
tas na Cidade. Ouve, quem diſſe ao Juiz, puzeſſe niſto cobro, &
fizeſſe as diligencias devidas. Reſpondeo como homem pruden
te, que os Padres da Companhia eraõ tam virtuoſos, que ſe o
mal foſſe contagioſo, elles meſmos per ſi ſe dariam por impedi
dos.

3 Ouve na Cidade grande compayxão de nòs, porque ſ
perſuadiraõ ſerem mais os mortos, & que os enterravamos às eſ
condidas. Homens fidalgos, & de toda a ſorte ſe vieraõ offerece
ao Collegio, para nos curar os doentes. O Irmaõ Baltheſa
Gonçalves, q neſte tẽpo eſtava tiſico na enfermaria, & em quen
deo a meſma eriſipela, que levou aos mais, era natural da Cidad
de Evora. Seus pays ſe chamàraõ Antonio Gomes, & Brites Go
mes, em ſua patria entrou na Companhia aos dous de Junho d
mil quinhentos ſetenta, & oyto, tendo dezaſeis annos de idade

4 Todo o tempo de ſua vida deo ſempre grande exempl
em todas as virtudes. O meyo por onde Deos noſſo Senhor
trouxe á Companhia, foy morrerlhe ſeu pay fòra de Evora; quã
do lho diſſeraõ, reſpondeo elle, que bom, & virtuoſo pay perde
ra, mas que elle buſcaria outro melhor, que nunca lhe morreſſe
& logo determinou de entrar na Companhia. Sendo Noviço
dizia o ſeu P. Meſtre, que elle levava vẽtagem em tudo a todos o
outros Noviços. Depois no Collegio viram-ſe nelle perfeyta
as virtudes, que moſtràra em flor no tempo de Noviço.

5 Era muyto humilde: a mais frequente petiçaõ, que
Deos fazia, era, que lhe deſſe proprio conhecimento, & deſpre
zo de ſi. Tanto mais niſto inſiſtia, quanto mais ſeu bom enge
nho lhe dava occaſiaõ, que ſe entonaſſe. Era amigo da peniten
cia; alèm dos cilicios, diſciplinas, & jejuns, com que de ordinari
ſe macerava, queria fazer outras muytas penitencias extraordi
narias, & as fizera, ſe o naõ impediſſem. Tinha ſingular purez
de conſciencia, nunca fazia coſtas a imperfeyçoens alheyas. N
oraçaõ, a que era muyto dado, recebia grandes mercés de Deos
No tempo, em que eſtava doente, em lugar da oraçaõ tinha ou
tros exercicios eſpirituaes, como era dizer certas coroas do no
me de Jeſu acompanhadas cõ algumas jaculatorias, & offereci
mentos de ſi a Deos. Em lugar dos exames dizia: *Deus propitiu*

eſt

sto mihi peccatori. Pagava aos Irmãos, que o serviaõ, com lhes ensinar algumas devoçoens.

6 Como estava tisico confirmado, quando lhe sobreveyo a erisipela, naõ ouve lugar para mesinhas, & assim pode o mal irse fazendo de todo senhor da casa. Quando lhe deraõ a nova, que seus dias se hiaõ acabando, mostrou tanto animo, & alegria, que fez admiraçaõ. Respondeo ao Padre que lhe deo a nova: Folgo muyto, & alegrome, com se fazer em mim a vontade de Deos, e essa he, faça-se: hontẽ gastei a tarde em me offerecer a Deos, para que em mim fizesse o que fosse mais seu serviço; se me quer levar, cumpra-se sua vontade.

7 A hum Irmaõ, que o quiz consolar, respondeo: Naõ cuide Irmaõ, que he a morte serpe, he branda, he alegre principalmente aos Religiosos. Na obediencia foy sempre este Irmaõ muyto perfeyto; em quanto teve saude, nem se escusou, nem murmurou de cousa, que se lhe mandasse, ainda que fosse difficultosa, & repugnante ao seu natural. Na doença, & a tempo, que já nam era senhor de si por causa dos frenesis, se vio bem, que habitos tinha adquirido nesta virtude. Qualquer cousa, que lhe diziaõ ser ordẽ do Medico, ou Superior, logo a cumpria. Com a força do mal levantava-se, & sahia da cama; dizia-lhe o Irmaõ, que lhe assistia: Irmaõ Balthesar, em que està a perfeyçaõ da Religiaõ? Na obediencia, respondia elle. Pois, dizia o servente, a obediencia ordena, que se torne á cama, que se deite nella, que esteja muyto coberto, & agasalhado. Em ouvindo isto, logo se tornava á cama, sem dizer palavra, deytava-se, & concertava a roupa.

8 Deram-lhe a extrema-Unçaõ a tempo, que ainda estava em si, pedio perdaõ aos Irmãos com muyta humildade, disse, que morria muy consolado por morrer na Companhia. Mandou ao Padre Reytor hum rol dos Santos, a que tinha particular devoçaõ, pedindolhe muyto, quizesse dar licença, para lhe dizerem Missas àquelles Santos, que o ajudassem na hora da morte; o que o Padre Reytor lhe concedeo de boa vontade. Daqui por diante sò se ouvia em sua boca o santissimo nome de Jesus: dizia por vezes: O' amantissimo Jesus, quem tivera mil vidas, para todas as dar por vosso amor? mas jà que naõ tenho mais que huma, essa vos dou de boa vontade.

9 Na tarde dos vinte, & nove de Julho foy o Senhor servido de o levar para si. Antemanhã o enterràram na Capella de S. Vicente, que hoje he do Santo Christo, dous Padres, & algũs Irmãos, & logo lhe fizeraõ todos hum Officio de tres liçoens. A

causa,porque o enterráraõ desta maneira,foy,porque cõmũmen-
te dos outros enterramentos,por causa do fogo , & ar do corpo
morto,sahiaõ sempre ora dous, ora tres com febre , outros com
outros achaques. Andava o ar tal,que os Irmãos,que o levàraõ,
com serem Coadjutores bem dispostos, & irem com toalhas de
vinagre por defensivo,se acháraõ combalidos, hum delles esteve
quasi de todo cahido. Depois o Padre Reytor , por se naõ faltar
aos suffragios, ordenou,que os Irmãos rezassem os outros dous
Nocturnos,& os Padres,ou os rezassem, ou em lugar delles dis-
sessem huma Missa.

Eovora 10. de Agosto de 1585.

10 O Irmaõ Francisco Vaz Coadjutor temporal nasceo em
Grijò no Bispado de Miranda. Seus pays se chamáraõ Pedro
Vaz,& Domingas Jorge , entrou na Companhia em Evora aos
vinte,& oyto de Janeyro de mil quinhentos setenta,& nove, tẽ-
do vinte & seis para vinte & sete annos de idade. Era sua virtu-
de muy singular,porque era exemplar de Irmãos Coadjutores,
& confusaõ de estudantes ; espelho da caridade,& pobreza: no
trabalho o primeyro,na mortificaçaõ continuo, na obediencia
prompto,na conversaçaõ affavel,na pratica recolhido, no silen-
cio devoto. Em tudo para todas as cousas,que a obediencia que-
ria delle.

21 Tres cousas em especial nelle resplandeciam. A primey-
ra a resoluçaõ,& contentamento,que tinha em seu estado; nun-
ca o ouviraõ queyxar dos Irmãos estudantes,nem dizer,que tra-
balhassem elles,que levavam boa vida , que o trabalho todo ca-
hia sobre os Coadjutores : naõ eraõ isto palavras , que se achas-
sem na sua boca,como na dos que saõ imperfeytos , & cuydaõ,
que vem á Religiaõ a comer,& levar boa vida.

12 Tinha muy bem entendido,que a sua obrigaçaõ era aju-
dar o corpo da Companhia, servindo nos officios bayxos. Pro-
curava de os fazer com toda a perfeyçaõ. Sò comsigo tinha cõ-
ta,deyxava os outros. Dizia elle (porque tinha por costume a-
judarse no espirito com algumas comparaçoens) que a sua vida
na Religiaõ era plantar,& cultivar huma vinha,que lhe desse de
comer no outro mundo,& que como,os que plantaõ vinha , es-
cavaõ,& sempre trabalhaõ,assim avia elle de trabalhar , se que-
ria vinha para a outra vida. Desta consideraçaõ se ajudava muy-
to. Quando fazia por obediencia alguma cousa trabalhosa,dizia:
Que eraõ aquillo cepas,que de novo plantava na sua vinha.

13 A segunda cousa era , que nunca o viraõ medir o seu
trabalho pelo dos outros,para dizer , q̃ lhe davaõ a elle mais,ou

qu-

que o seu era mayor, com tudo lhe parecia, que podia. De si naõ tinha compayxaõ, dos outros era muy compassivo. Avendo peste na Cidade de Evora no anno de 1580. mandàram-no ter cuidado de hum Irmaõ, que no Collegio se ferio de peste, & depois mandàram-no á quinta de Loredo, curar os que lá estavaõ feridos. Assim a huns, como aos outros curou com notavel caridade. Servia-os com alegria, na hora da morte os ajudava cõ palavras devotas, elle os amortalhava, & os enterrava.

14 Na occasiaõ presente mandando-o servir aos doentes, naõ ouve nelle escusa, antes desejava, que o achasse a morte servindo a seus Irmãos. Elle, & o Irmaõ Gonçalo Alveres traziaõ grande competencia sobre quem avia de ir primeyro, & tratavaõ esta questaõ tão religiosa, & generosamẽte, q̃ aos sãos edificavaõ, & aos doentes causavaõ alegria. Em todo este tempo nunca se escusou de cousa alguma, antes, quanto trabalho podia furtar a seu companheyro, tanto furtava. Elle amortalhou os tres primeyros, & só acompanhava os defuntos com muyta consolaçaõ. Perguntoulhe hum Padre, se tinha medo de estar com os corpos mortos. Elle sorrindo-se respondeo, que naõ tinha medo dos que morriam na Cõpanhia, porque se persuadia, que logo hiaõ para a gloria.

15 Terceyra cousa notavel, que nelle se via, era a devoçam, sendo assim, que esta com as muytas occupaçoens se diverte; elle de tal sorte concertava as cousas, que nem as occupaçoens lhe tiravaõ a devoçaõ, nem a devoçaõ o fazia vagaroso no trabalho. Do habito, que tinha de andar com o pensamento em Deos, em todo o discurso da doença, como ouvia quartos, ou horas, ou campainha, levantava o pensamento a Deos.

16 Entre as suas devoçoens tinha duas muy particulares. A primeyra era agua benta, onde quer que entrava, logo a buscava. Na casa da portaria do carro, onde era porteyro, a tinha; & a quantos entravaõ, ou lha deytava elle, ou avisava, que a tomassem, & fizessem oraçam. E assim na doença, em quãto teve falla, que foy atè tres, ou quatro Credos antes de morrer, sempre a tomou. A segũda devoçaõ era a das almas do purgatorio, era incansavel em rezar coroas, & tirar almas pela conta benta. Ajudava-se para esta devoçaõ com a comparaçam, de que usava outras vezes; dizia, que a conta benta era como huma parreyra, & assim como quem vindima, colhe muytos cachos, assim elle quando chegava á conta, avia de tirar, quantas almas pudesse. Nesta devoçaõ gastava ordinariamente meya hora cada dia.

17 Sentia muyto ſuas faltas, qualquer que lhe advertiaõ aſ-ſim a chorava, que era neceſſario conſolallo. Tinha-ſe por eſcra-vo de todos. A caridade para cõ os pobres na portaria, era muy engenhoſa. Dava mil razoens aos Superiores, para lhes provar que ſe deviam acrecentar as eſmolas. Concertava-ſe com o hor-telam, para que ſe naõ perdeſſe a hortaliça, que lhe ajuntaſſe to-da, a que naõ ſervia para os Irmãos; della fazia ſua panela, que a-lèm da ordinaria ſe dava aos pobres. E aſſim diziaõ elles, que à-quelle porteyro ſempre lhe crecia a eſmola. Ajuntava cõ o tem-poral o eſpiritual, tinha muyto zelo de lhes enſinar a doutrina Chriſtã, de que elle era taõ curioſo, q atè os capitulos das pergũ-tas ſabia. Por iſſo era tam amado dos pobres, que todos á porta-ria o choràram, quando morreo.

18 Na obediencia era pontualiſſimo, na penitencia muy ſe-vero comſigo, era neceſſario, que neſta o moderaſſem os Supe-riores. Servindo elle aos enfermos de eriſipela, no meſmo dia, em que faleceo o Irmaõ Miguel Alveres, ſe ſentiraõ abalados os Irmãos Gonçalo Alveres, & Franciſco Vaz. O Irmaõ Gonçalo uſando de alguns remedios eſcapou. O Irmaõ Franciſco Vaz co-mo mais valente naõ fez caſo do que ſentia, quando veyo a tar-de tinha jà boa febre, & cahio de todo com dor de garganta. Fez no Collegio grande abalo ſua cahida, por ſer robuſto, & ter jà ſervido na peſte, amortalhado, & enterrado os feridos, ſem elle ſer tocado do mal. Foy tam cruel eſta doença, & ſe aſſanhou tanto com o nimio calor da canicula, que na peſte, que tinha a-vido annos antes na Cidade, naõ ouve tantos ſobreſaltos em os noſſos, como ouve com eſta peſtilencial doença.

19 Sendo preciſo alliviar ao Padre Henrique Gomes, que em lugar do Padre Fernaõ Coutinho aſſiſtia aos enfermos, ſe poz em conſulta, quem lhe avia de ſucceder. Aqui ſe renováraõ os fervores dos Padres da conſulta, advogando cada hum per ſi, & dando razoens, para que elle, mais que os outros, avia de ſer mandado. O Padre Martim de Mello allegava, que ſervira já na peſte, & ainda que fora ferido, toda via eſcapàra. O Padre Fer-naõ Coutinho dizia, que tinha fontes, & por iſſo eſtava ſeguro. O Padre Franciſco de Araujo allegava, q jà eſtivera com os pri-meyros, ſem o mal ſe lhe pegar. O Padre Luis Alveres, cuja vi-da, & morte em odio da Fé eſcrevo em outro lugar, dizia, que os Medicos o aſſeguravam da eriſipela por razaõ de ſuas humi-dades. Inſiſtia tanto niſto, que o Padre Reytor ſe naõ podia li-vrar da importunaçaõ, com que lho pedia. Cahio a ſorte no Pa-

dre

dre Pedro de Novais,cuja vida em outro lugar escrevo, o qual
logo foy para a casa da provaçaõ,onde era a enfermaria.
20 O Irmaõ Francisco Vaz logo foy estendendo os olhos
para a eternidade,todo se conformou com a divina vontade, em
tudo deo mostras do grande cabedal de virtude,que na Religiaõ
tinha ganhado. Eralhe de singular consolaçam ver, que morria
na Companhia. Perguntandolhe o Padre Novais, que Santo a-
via de visitar logo entrando no Ceo, respõdeo, que os primey-
ros seriaõ S. Francisco, S. Joaõ Chrysostomo, & o Padre Mes-
tre Francisco,ainda entaõ naõ era o Santo Xavier canonizado,
por isso o nomeava nesta fòrma. Tinha diante de si huma ima-
gem de Christo Crucificado,com elle fallava docemente vezes
repetidas.
21 Como estava com a erisipela na garganta, que lha cin-
gio a modo de cobràm,eralhe penoso comer, ou buliremlhe cõ
a boca;mas quando o Irmão,que o servia, lhe queria dar de co-
mer,dizialhe,que era necessario tomar alguma cousa, porque de
outra maneyra na hora da morte naõ teria forças,para nomear
o nome de Jesu. Com isto logo comia. Se o Irmaõ lhe queria
lavar a boca com zaragatoa,dizia, que era necessario,porque de
outra maneyra, secarselhehia a boca, & naõ poderia nomear o
nome de Jesu. Logo consentia,que lha lavassem;tudo sofria,por
poder nomear o nome de Jesu, de que era muyto devoto. To-
mou hum Crucifixo nas mãos, & abraçando-o, & beijando as
chagas,com muyta devoçaõ morreo em bella paz na tarde dos
dez de Agosto de mil quinhentos oytenta & cinco. Foy enter-
rado na mesma tarde,& pelo modo que dissemos do Irmão Bal-
thesar Gonçalves,na Capella de S. Domingos, que hoje he de S.
Francisco Xavier.
22 Com estes cinco se contentou o Senhor,os mais recupe-
ràram saude,& lha pediriam lá diante de Deos tam santas almas,
como as destes servos seus; cujas mortes deyxáram em todos
os Religiosos do Collegio grandes invejas, pela santidade, que
em si tiveraõ;& pela fama, que na Cidade espalhàram os Me-
dicos,foram a todos de singular edificaçam. A relaçam deste
trabalho escreveo o nosso Padre Simaõ Martins,cujo manuscri-
to se guarda no Cartorio de Coimbra.
23 No anno de 1581. ardendo em peste a Cidade do Porto, Porto
se offereceo com grande fervor para servir nella o Padre Joaõ em A-
da Costa,natural de Tavira no Algarve, que aqui entràra na bril de
Companhia aos 18. de Setembro de 1561. servio na peste den- 1581.
tro

tro da Cidade,depois querendo os Superiores dar algum descan-
so a outro Padre,que servia aos feridos no lugar, que chamavam
Degredo,se offereceo o Padre Joaõ da Costa,para lhe substituir.
Foy para là em sesta feyra da Payxaõ, & dahi a dez dias, sendo
ferido,morreo no mez de Abril. Foy enterrado no adro da Igre-
ja de Maçarelos. Era homem de grande mortificaçam, & cari-
dade.



MAGEM DA VIRTUDE
EM O NOVICIADO DA COMPANHIA de Jesus do Collegio de Evora.

LIVRO TERCEIRO,

No qual se referem as vidas de alguns Religiosos, que nesta Casa foram Noviços.

CAPITVLO I.

Dos Padres Antonio de Araujo primeyro Noviço deste Santo Noviciado, & Pedro Paulo Ferreyra, & do Irmam Balthesar Dias.

1 O Padre Antonio de Araujo teve a boa dita de ser o primeyro, que entrou neste santo Noviciado, & o seu bom procedimento nos merece, que demos por sua vida principio à narraçaõ de tantos homens de virtude, com que Deos enriqueceo este ditoso retiro. Nasceo o Padre Araujo na Cidade de Leyria, seus pays se chamáram Sebastiam Velho, & Brazia de Antas; foy admittido neste Noviciado aos 13. de Fevereyro de 1554. & aos 24. de Março tomou a roupeta de Noviço para ser estudante da Companhia. Aqui passou anno, & meyo, & depois de estar bem provado na virtude, & ter dado boa satisfaçaõ de si, foy mãdado continuar o tempo, que lhe faltava, em o Noviciado de Coimbra: fez o seu caminho a pé com outro companheyro, ensinando a doutrina nos lugares por onde passavam, & vivendo das esmolas, que pediàm pelas portas.

No Porto 2. de Iunho de 1618.

2 Em Coimbra fez os seus votos, estudou Latim, & depois casos de consciencia, naõ ficou em memoria a causa, porque entrando para estudante, como se diz no livro da sua entrada, depois passasse a ser Coadjutor espiritual. Ordenado de Sacerdote, por espaço de 42. annos servio muy bẽ nos mi[illegible]erios proprios

do

do ſeu grao. Trinta annos fez officio de Procurador, & tinh grãde mão para tratar os negocios daCõpanhia,ajũtãdo cõ a de treza,que para elles tinha,tam ſingular modeſtia,& edificaçan que cõ o ſeu exemplo ſe aproveytavam as peſſoas,q̃ o vinham tratar por couſa,que trazia entre mãos.

2 Attendendo o Padre Geral aos ſeus grandes preſtimos, & procedimentos,lhe ordenou fizeſſe a profiſſaõ de tres votos ſo lemnes. Jà neſte tempo eram muytos os annos do Padre Arau jo,& as forças para aturar as lidas das procuraturas muy pou cas;deſtas lidas o alliviou a ſãta obediencia; mas o ſeu fervor to mou ſobre ſi outras naõ menores: todo ſe conſagrou ao Confeſ ſionario,nelle gaſtava dias inteyros: acodia a confeſſar, & a aju dar a bem morrer os enfermos; para eſtes miniſterios ſempre o achavaõ prompto,ou o chamaſſem de dia,ou de noyte; porqu de nenhum trabalho ſe eſcuſava;antes o ſeu allivio era tomar ſo bre ſi o trabalho,para que os outros tiveſſem deſcanſo.

3 Paſſou os ultimos annos de ſua vida no Collegio do Por to, ſendo geralmente amado de todos, por ſer amigo de fazer bem. Na Cidade lhe tinhaõ ſingular reſpeyto,por ſer como pay de todos os affligidos;& como era tam continuo no Cõfeſſiona- rio,ſempre que ſe queriaõ conſolar,o faziaõ, ſem terem neceſſi- dade nem de o mandar chamar, nem de ſe enfadar com eſperas. O tempo,que lhe crecia do ſanto exercicio das Confiſſoens, gaſ- tava em oraçaõ, porque foy a ella muy inclinado. Finalmente cheyo de merecimentos, & tendo-ſe preparado por toda a vida com boas obras,& na doença com os Sacramentos da Igreja, a- cabou ſeus dias no Collegio do Porto aos 24. de Mayo de 1596. Toda a gente da Cidade ſentio ſua morte,& os que eraõ ſeus fi- lhos de confiſſaõ, derramàraõ nella muytas lagrimas, como ſe lhe morrèraõ ſeus pays. Os Religioſos de S. Franciſco ſem ſe- rem convidados concorrèraõ a lhe fazer os officios da ſepultura; & tambem concorreo outra muyta gente pelo bom conceyto, que tinhaõ de ſua virtude,aſſim para o ver,como para tomar al- guma couſa ſua por reliquia. Digo ſer eſte o primeyro Noviço, porque o aponta por tal a Hiſtoria da Provincia, aindaque no livro das entradas ſe acham dous primeyros que elle.

Em Liſboa 2. de Junho de 1618

4 Com razaõ ſe queyxa o Padre Alonſo de Andrade nos ſeus Varoens illuſtres eſcrevendo a vida do Padre Doutor Pedro Paulo Ferrer, que vivendo eſte Padre tantos annos, & ſendo naõ menos eminente na virtude, que o foy na ſabedoria, nos deyxaſſem tam pouco de ſuas couſas, os que dellas eſcrevèraõ: queyxa

ıeyxa he esta, que sempre a ouve, & ha de aver nas Religioens, n que muytas vezes de homens avultados na virtude apenas cou em lembrança o seu nome, & humas palavras geraes, signicadoras da grande virtude, em que florecèram, sem descer a usas particulares, que saõ as que fazem as vidas, vendo-se nos los, successos, & ditos, que se referem, o modo com que pratiıvaõ as ideas da perfeyçam Evãgelica. Mas deyxada esta queyı, pois lhe naõ podemos applicar remedio; digamos esse pou-, que do Padre Ferrer nos ficou escrito.

5 Sua patria foy a Cidade de Málaga no Reyno de Granaı: seus pays se chamàram Jacobo Ferrer, & Luiza Segado. Sen- moço de singular engenho se entregou ao estudo das scienas, em que sahio consũmado, & se graduou de Doutor na Sarada Theologia. Ainda que fez grande caso das sciencias, maor o fez do estudo da virtude; nesta teve por Mestre ao celebermo Varaõ o Padre Joaõ de Avila. Na vida do Padre Fernaõ eres fica dito o modo, com que Deos o chamou a esta minima ompanhia de Jesu, para naquelles principios a illustrar com ıa virtude, & sabedoria.

6 Foy-se elle com o Padre Fernaõ Peres, sendo já Sacerdote, fferecer ao Santo Padre Francisco de Borja, para que o admitisse na Companhia. Nella entrou em o Collegio de Alcalà aos . de Julho de 1559. tendo de idade trinta annos, & logo foy ıandado com o Padre Fernaõ Peres para este Noviciado de Evora, assim para continuarem nelle, como para serem lentes da ıova Universidade. Lentes eram, & juntamente Noviços, ensiıando as letras, & aprendendo a virtude, em que da escola do P. Avila sahiram tam consũmados, que a podiam ler de cadeyra. O Padre Paulo Ferrer foy mãdado ler a Cadeyra de Escritura, occupaçaõ que fez por vinte annos sem interrupçaõ: nelle concorriaõ prendas em tudo relevantes assim para as mais cadeyras, como em especial para esta: porque, como traz o Padre Telles, foy homem muy noticioso, Doutor muy conhecido por sua muyta Religiaõ, admiravel doutrina, & espantosa erudiçaõ em todas as letras assim divinas, como humanas. Nelle foy quasi igual a noticia das tres linguas Latina, Grega, & Hebraica. Era de memoria tam fecunda, tam prompta, & presente em tudo, o que tocava à Escritura Sagrada, & erudiçaõ de Chronicas antigas, conhecimento de historias, Cosmografia de terras, computo de seculos, annaes de Autores, noticias Chronologicas, & successos de tempos, que cõ razaõ lhe chamavaõ Bibliotheca viva.

7 Depois

7 Depois de ler Escritura os annos,que ficam ditos,foy p
muytos Cancellario da Universidade. Sendo jà velho , & mu
cansado o mandàram para a casa professa de Saõ Roque co
occupaçaõ de Revedor , & Qualificador do Santo Officio
nella viveo por mais de 18. annos com singular inteyreza
costumes , & aceytaçaõ dos Inquisidores , que o respeytava
muyto por sua sabedoria,& mais por sua virtude: foy esta com
esmalte da profunda sabedoria deste admiravel Doutor ; o qu
sendo tam eminente,de si teve conceyto tam bayxo,que o sign
ficava claramente nas suas palavras,desfazendo sempre em si,
em suas cousas. A sua humildade nos privou de seus doutissimo
escritos;desejàram,& procuràram os Superiores, que os desse
imprẽsa,pela grande honra, que delles se seguiria à Companhi
& proveyto ao bem publico ; mas como delles tinha formad
conceyto muyto ao contrario,sempre desviou estes designios.

8 A singeleza nelle parecia ser a do estado da innocencia
nam sabia que cousa fossem fingimentos ; a verdade nelle era
quanto se pòde dizer em abono seu desta virtude. Daqui nasci
persuadirse a tudo,o que lhe diziaõ , por naõ cuydar , que nest
mundo avia enganos, medindo a todos por si;imaginando, qu
ninguem diria,o que a elle lhe naõ ouvesse de sahir pela boca
& que nam teria huma cousa no coraçaõ, & outra nas palavras
Parecia em tudo hũ daquelles Doutores Santos da Igreja: mu
austero comsigo,& penitente ; para com os outros a mesma be
nignidade: assim se compadecia das affliçoens alheyas,como ou
tros sentiràm as proprias. Aos enfermos visitava,& consolava
miudo. Em huma palavra , o Padre Paulo Ferrer era homem
todo de Deos , & isso mostravam todas as suas acçoẽs. Qui
Deos coroar suas virtudes com longo sofrimento de dous an
nos , que esteve entrevado na cama , dando nelles os mesmos
indicios de Santidade , que dera em quanto nam enfermou.
no fim deste penoso martyrio foy Deos servido de o levar para
si na casa de Saõ Roque aos dous de Junho de 1618. que no ta
anno foy vespora do Espirito Santo. Estas poucas cousas, ou lõ-
ges do muyto cabedal de sabedoria,& virtude , que ouve neste
servo de Deos,se recolhèram parte do Padre Telles na Chroni-
ca parte 2. cap.43.n.3. parte do Memorial da Casa de S. Roque
tratado 4. cap. 24. Porèm he de advertir , que o Padre Telles
diz falecèra aos dous de Julho , que se equivocou pondo hum
mez pelo outro. Aos dous de Junho o traz o Agiologio Lusita-
no , & diz que esteve entrevado mais de dez annos , sendo que

no

o dito Memorial, a quem algũas vezes allega o mesmo Agio-
ogio, só se diz mais de dous annos; bem se vè, quam facil em tã-
o excesso podia ser a equivocaçaõ pela affinidade de palavra
ous, & dez.

9 O Irmaõ Balthesar Dias Coadjutor temporal, no seu es-
ado foy hum dos Irmãos insignes em virtude, que teve a nossa
Companhia em Portugal. Foy sua patria a Cidade de Braga;
eus pays Alvaro Dias, & Margarida Affonso. Dezasete annos
inha de idade, quando aqui entrou na Companhia aos 4. de Ou-
ubro de 1562. sendo Mestre dos Noviços o Veneravel Padre
Mauricio, em cuja companhia andando annos o Irmão Balthe-
ar, passou com el-Rey Dom Sebastiam a Africa. Sò dous dias
steve vestido de secular, porque aos 16. do mesmo mez tomou
roupeta de Noviço. A mayor parte do Noviciado servio nas
fficinas de casa, porque neste tempo foy cozinheyro, enfermey-
o, & tambem alguns tempos fez o officio de Sacristam da I-
reja: & se diz no livro das entradas, que tendo dado satisfaçam
o seu aproveytamento, se lhe deram os votos Nem se deve ter
or indicio pequeno de sua virtude, & capacidade meterem lhe
as mãos estas officinas, sendo nelle tam poucos os annos de ida-
e, & dar em todas inteyra satisfaçam de si a contento de todos:
mas quando a virtude, & a prudencia sam grandes, ellas dão aos
poucos annos a madureza, que às vezes nam trazem os muytos.

10 Succedendo no anno de 1569. a peste, que em Lisboa
hamáram grande, da qual jà toquei, o que bastava, nas memo-
...que fiz do Irmaõ Luis Bravo, se meteo neste incendio o Ir-
... Balthesar, & nelle servia a Deos, & ao proximo com gran-
...idade, & fervor. Em huma carta, que nesta occasiaõ escre-
..., depois de referir a ditosa morte do Irmaõ Luis Bravo, que
por ser no Collegio a primeyra, & muy vehemente, & apressa-
da, assustou algum tanto aos mais; & porque a imaginaçaõ nam
fizessẽ algum pusillanime impressoens, ordenou o Padre Reytor,
que ninguem fallasse da morte, mas que todos alentadamente
desprezassem os perigos: como viesse o Medico, & contasse, que
naquelle dia tinham morrido na Cidade noventa pessoas, o Padre
lhe significou a resoluçaõ, em que todos estavaõ, de naõ fallarem
da morte, mas antes de servir a Deos sem attender a perigos.

11 Depois de referir o Irmaõ tudo isto, diz de si estas pala-
vras em huma carta para hum Padre, que estava em Val de Ro-
sal. Sayba vossa Reverencia, que em todos os Irmãos vi grande
sentimento, & desejos de contentar a nosso Senhor, & tambem

me parece,que aquelles,que escaparem deste impeto,naõ tera
necessidade de exercicios, para fazer as cousas de obedienc
bem feytas. Eu da minha parte digo, que se nosso Senhor me d
vida, que tenho feyto huma boa determinaçaõ, a qual peço
nosso Senhor,que me dè graça para a cumprir, & que tambe
se a naõ hey de cũprir, que agora me leve desta vida. Ainda q
agora me parece, que todo o tempo,que gastey na Companhi
foy com muytas faltas,& imperfeyçoens,& agora desejava,
nosso Senhor fosse servido,viver mais algũs dias, para nelles m
aproveytar, já que tam pouco me soube atè agora aproveyt
destas cousas: estou desejando de fazer, o que nosso Senhor o
denar. Peço a Vossa Reverēcia,& a todos os Padres,& Irmãos,
nessa quinta estaõ,me perdoem minhas faltas.& desedificações
lhes tenho dado,& provera a nosso Senhor, q̃ de joelhos lhe p
dera pedir isto,para mais mover seus corações ao fazer, &tamb
lhe peço a cada hũ sua Ave Maria, & que em suas devotas or
çoens se lēbrem de mim miseravel peccador, porq̃ duvido,se
verey mais nesta vida presente. Atè aqui a clausula desta cart

12 Fizeraõ ao Irmaõ Balthesar Dias cozinheyro dos enfe
mos,que estavam feridos;aonde era tanta a lida, como elle con
fessa,que de dia, & de noyte apenas podia acodir ao muyto,q
tinha entre mãos, & quando outros souberam, que estava nes
occupaçaõ,o deram por falecido,& ferido do mal, por ser a do
ença de tal qualidade,q̃ cõ o muyto exercicio vinha facilment
Dous dias depois de ir para a cozinha o começou a picar o ma
Huma sesta feyra doze de Agosto levantando-se pela manh
para ir fazer algũa cousa,q̃ almoçar o Padre Balthesar Barreyr
descendo huma escada, sentio dor, & apalpando naquella part
lhe dohia mais.

13 Vindo o Medico, disse que o Irmão estava ferido. Log
se poz em cura,preparando-se para morrer. Sobreveyo-lhe grã
de fome,& sede. Dia da Assumpçaõ da Senhora teve grandes a
frontamentos do coraçaõ, mas nunca o tiràram de seu juizo
Tinha grande consolaçaõ considerando que morreria naquell
dia. Este dia,(diz em huma sua) este dia, & noyte todos cuidà
ram,que me partia,mas parece,que nosso Senhor naõ me acho
aparelhado. Elle me dè graça para o servir estes poucos,& mao
dias,que me ficaõ emprestados,para nelles fazer,o que atè agor
me faltou no caminho da virtude, onde sempre fuy muy negli
gente,& descuidado.

14 No dia de Nossa Senhora pela tarde se foy achand
melhor

nelhor, porque lhe ſahiram os inchaços para fóra, & dentro de
ete dias ſe tornou a levãtar da cama. Eſta melhoria attribuhio o
rmaõ a favor eſpecial da Virgem Senhora. Ainda que a peſte
onſumia toda a Cidade, & o açoute de Deos a todos alcançava,
aõ ſe eſqueceo o meſmo Senhor de dar algum alivio entre tan-
as calamidades. Em Santo Eſtevam de Alfama abrindo hum
licerſe junto do Altar de Noſſa Senhora ſahio agua, cõ a qual
avando muytas peſſoas os inchaços, eſtes ſe abayxavaõ. Os
ue naõ podiam aver agua por ſer pouca, & a gente muyta, uſa-
am do barro do meſmo alicerſe, & com elle ſe achavaõ bem.
Creceo tanto eſta devoçam, que a gente andava pela Cidade cõ
s fontes da cabeça embarradas.

15 Eſtando o Irmaõ Balthesar Dias muy affligido com hum
nchaço no ſovaco do braço, ao qual naõ podia mover, hum Pa-
re lhe trouxe deſte barro, & como o puzeſſe no inchaço, logo
omeçou a bolir o braço, & melhorar. Eſtas, & outras experien-
ias, & principalmente ſua grrãde caridade o fizeraõ ſingular en-
ermeyro. Quando elRey Dom Sebaſtiaõ fez aquella infauſta
ornada, em que ſe perdeo a ſi, & ao ſeu Reyno, levou comſigo
ſte Irmaõ por ſer inſigne Boticario; o qual pela muyta ex-
eriencia era tam ſingular Medico, que el-Rey nas ſuas curas ſe
iava mais delle, que da ſciencia dos ſeus Medicos. Perdida a ba-
alha em 4. de Agoſto de 1578. ficou eſte Irmaõ cativo. Foy le-
ado a Tituam, onde padeceo grandes miſerias, & trabalhos, até
que ſendo reſgatado voltou para o Reyno.

16 No anno de 1579. ſe ateou peſte em Lisboa, a qual pa-
ece queria extinguir eſtas reliquias, que avia da naçam Portu-
gueza. Aqui teve eſpacioſo teatro a caridade do Irmaõ Balthe-
ar Dias em companhia do Veneravel Padre Pedro Maſcare-
nhas, illuſtre por ſeu ſangue, illuſtriſſimo por ſua virtude, & mor-
e, que lhe veyo, acodindo aos feridos. Neſtes ſantos empregos
aleceram dez Religioſos da Companhia. Era o Irmaõ Balthe-
ar Dias o principal enfermeyro, com ſuas curas livrou a muy-
os da morte. A piedade del-Rey Dom Henrique mandou ſe
proveſſe liberalmente de tudo o neceſſario aſſim para os enfer-
mos, como para os que delles tratavam. Além de mantimentos
ordinarios, & quotidianos, mandou dar muytos defenſivos, & pe-
dras de bazar de grande preço. Entre as pedras, diſſe o Irmaõ
Balthesar Dias, ſe dera huma de bom tamanho, & de tam efficaz
virtude, que todos os feridos, a quem della deu alguma couſa, eſ-
capáram da morte. Foy Deos ſervido de conſervar a vida ao Ir-

maõ Balthesar Dias, porque se queria servir ainda delle por mais annos.

17 Morrendo o Cardeal Rey deyxou em seu testamento que fosse em seu nome hum peregrino visitar os lugares santos de Jerusalem. El-Rey Filippe ordenou fosse outro por el-Rey Dom Sebastiaõ. Em comprimento disto foram a esta peregrinaçam o nosso Padre Jeronymo Rodrigues natural do Porto, & o Irmaõ Balthesar Dias. Puzeram-se a caminho para Roma em cinco de Dezembro de 1581. chegando àquell a Santa Cidade beijáram o pè ao summo Pontifice, visitáram as Estaçoẽs, & outros lugares de devoçaõ. Depois passáram a Veneza, onde se embarcàram para Jerusalem. Chegáram á Terra Santa, & com singular consolaçaõ de suas almas, viram com seus olhos, & veneràram as suavissimas memorias, que alli ha de nosso Redemptor. Desta sua longa peregrinaçaõ compoz hum Diario o Irmão Balthesar Dias, o qual temos, & li em o nosso Cartorio de Coimbra.

18 Voltando desta comprida viagem, em premio dos muytos actos de virtude, que em sua vida tinha exercitado, quizeraõ os Superiores fazerlhe graça de o promover ao estado de Sacerdote: porèm o verdadeyro humide estava muy longe destes autorizamẽtos, agradecendo o favor, de que se tinha por indigno: rogou aos Superiores que o deyxassem acabar sua vida no estado humide, em que atè aquelle tempo tinha vivido. Retirouse ao Collegio de Evora, em que gastou o restante de sua vida servindo de enfermeyro; officio, em que pòde ser exemplar a todos os Irmãos, que o fizerem, porque a caridade, com que assistia, & curava os enfermos, era toda, a que se podia desejar.

19 Ao santo exercicio da oraçaõ foy este servo de Deos muy inclinado: nella gastava naõ só o tempo, em que o podia fazer de dia, mas cortava muytas horas pelo somno, em que se dava à santa contemplaçaõ dos divinos mysterios, em especial dos da Payxaõ do Senhor, que na alma lhe ficàram impressos, depois que vio os lugares, em que se obráram. Acabando de jantar, se naõ avia cousa do seu officio, que o impedisse, todos os dias hia à Igreja, & alli fazia oraçam por todos, os que nella estavam enterrados, huns dias por huns, outros dias por outros: para este effeyto tinha escritos todos os Padres, & Irmãos, que na Igreja estavam sepultados, & nomeadamente orava hum dia por estes, outro por aquelles, conforme a distribuiçam, que tinha no seu papel; miudeza que bem denota sua muyta caridade para com as

lmas santas, a quem depois da morte assistia com oraçoens, co-
no assistira aos corpos em vida com medicinas. No exercicio da
aridade nam punha os olhos tanto nas pessoas, quanto nas ne-
essidades, em que se viam, acodindo a todos sem excepçam de
essoas. Tendo assim empregado sua vida em obras do agrado
e Deos, apremiou o Senhor suas virtudes levando-o para si no
Collegio de Evora aos 14. de Abril de 1618.

CAPITVLO II.

Vida do Padre Luis Lobo.

1 EScrevo a vida do Padre Luis Lobo, naõ sem pesar de naõ me virem às mãos mais largas noticias del-a; pois acho se fizeram conferencias de suas virtudes, que he certo foram muy aventajadas, como se verá, do que aqui deyxa-remos em memoria, em quanto naõ temos, nem apparecem as mais cousas, que obrou. Nasceo este Religioso em tudo illustre na grande Corte de Lisboa; seus pays foram os Baroens de Al-vito Dom Joaõ Lobo, & Dona Leonor Mascarenhas, a qual Se-nhora era irmã inteyra de Dom Vasco Mascarenhas, pay de quatro Religiosos nossos, todos quatro grandes em virtude, co-mo o eraõ no sangue. Na infausta jornada del-Rey Dom Sebas-tiam o acompanhou entre a mais fidalguia do Reyno Dom Luis Lobo; & correo a fortuna que abrangeo a todos, ficando cativo em Africa.

Em Evora 4. de Janeyro de 1635

2 Depois de resgatado, voltando à sua patria, dahi a alguns annos tomou resoluçaõ de imitar a seus primos os Padres Mas-carenhas, servindo a Deos na Companhia. Antes de entrar nel-la, indo tres Noviços nossos em peregrinaçaõ a Alvito, onde el-le era Provedor da Misericordia, como naõ aceytassem a hos-pedagem em sua casa, lhes mandou levar por seus criados tres camas ao Hospital; & chegando com ellas à porta, as fez des-carregar, & huma por huma as levou às costas para dentro, & lhes fez as camas. Vinte, & oyto annos contava de idade quando se animou a desprezar o mundo, cortando por tudo, o que elle cos-tuma offerecer a hum fidalgo na flor dos annos, & mais, se he da primeyra nobreza, como era Luis Lobo, valente de forças, & de capacidade para grandes empregos, como elle tambem o era. Cousas saõ estas que se naõ vencem sem mão especial de Deos,

todas com o seu favor venceo Dom Luis. Entrou na Companhia neste santo Noviciado de Evora aos 6. de Outubro de 1588. sendo Mestre delle o Padre Gonçalo Simoens. Aqui passou os dous annos accommodando-se em tudo aos mais Noviços, como hum dos que entram de menos annos, & cõ os olhos ainda quasi fechados para as cousas do mundo.

3 Em Evora se diz, que estudára Latim, Philosophia, Theologia, & que tomàra as Ordens sacras: recebidas estas se empregou todo nos santos ministerios de prègar, & confessar, em que foy hum dos insignes operarios, que ouve nesta Provincia, & dos Religiosos mais exemplares, com que Deos nella nos honrou. Foy muy devoto do bemavẽturado Padre Gonçalo da Sylveira, & tomou muyto a peytos imitar suas grandes virtudes. Foy raro o desprezo, que teve de sua pessoa; estudando Artes, & Theologia, varias vezes sahio em corpo fòra com o Irmaõ cõprador, & trazia em seus hombros as cousas, que se compravam. No mesmo tempo servio em quasi todos os officios de casa, pedindo ao Superior licença para assim o fazer, em ordem a se abater, & mortificar. Sendo Preposito da casa de Villaviçosa, succedeolhe por vezes, indo prègar fòra da Villa, trazerem-lhe besta naõ de sella, para elle ir ao lugar, onde era a prègaçam. Nestas occasioens triunfava de prazer a sua humildade, & podendo fazer o caminho por vias menos frequentadas, o fazia pelo terreyro do paço dos Serenissimos Duques de Bragança, que assim o viram ir, & voltar muytas vezes para casa, entendendo, que estas, & outras humildades, que nelle se viam, naciam todas de hũ solido desejo de se desprezar.

4 Em ouvir cõfissoens ninguem foy mais zeloso, nem mais incansavel. Nos dias de Jubileo se levantava duas horas antes da Communidade para ter a sua oraçaõ, dizer Missa, & se expedir para o Confessionario; ao qual acodia em se tangendo a campa a levantar a Communidade; & nelle estava sem levantar cabeça oyto, nove, & dez horas continuas, & isto frequentemente: o qual exemplo se faz mais singular considerados os muytos Jubileos da Casa de S. Roque. Repetia muytas vezes o celebre dito do seu devoto o Padre Gonçalo da Silveyra: Prègar atè enrouquecer, confessar atè naõ aver penitentes, & mortificar atè morrer. Em todas estas tres maximas foy grande o Padre Luis Lobo, & as observou atè os ultimos dias da vida.

5 Sendo Reytor do Collegio de Santo Antaõ, tendo muytos hospedes, faltava huma cama. Elle poz a sua em certo lugar; & fazen-

zendo-se encontradiço com o roupeyro, lhe perguntou como
stava com os hospedes. Respõdeo, que bem, só lhe faltava huma
ama, que seria necessario pedilla fóra: entam disse o Padre: Ir-
maõ, ide a tal parte; que eu alli vi huma. Foy o Irmaõ, & nella
ccõmodou ao hospede, & suspeytando o que era, entrou por
ezes no cubiculo do Reytor, & sempre vio a cama levãtada. De
uma vez se pode chegar, apalpou, & achou ser huma canastra
ebayxo do cobertor, em modo que parecia ser o colcham enro-
ado. Em Villaviçosa prègando na Esperança em huma procis-
aõ por causa da seca, disse: Naõ hei de acabar o Sermaõ, sem cho-
er. Assim foy, que sem aver entam mostras de agua, cahio ella
opiosa, antes de se acabar a prégaçam.

6 Foy dos singulares doutrineyros, que ouve na Casa de S.
Roque, & por isso bem ouvido de todos nas doutrinas, que fazia
pela Cidade: neste honradissimo officio succedeo ao Padre Nu-
no Mascarenhas seu primo. Concorria muyta gẽte às suas dou-
trinas, assim pela virtude, que nelle todos reconheciaõ, como
porque tinha ditos muy avisados; & sem offẽder a modestia, hũa
graça, cõ que se fazia plausivel, & ouvido sem enfadamento. Pe-
as Quaresmas avisava nas doutrinas aos pobres mendigos, &
aos negros, que se fossem confessar com elle a S. Roque, assinan-
do os dias da somana, em que o teriam no Confessionario. Nam
he explicavel o gosto, que este bom Padre tinha, quando se via
rodeado desta gente vil, & abatida; estes eram os seus mayores
devotos, & de que fazia particular estimaçaõ; como quem só pu-
nha os olhos nas almas, que muytas vezes saõ nos olhos de Deos
mais agradaveis, que as dos grandes senhores da terra.

7 Era o Padre Luis Lobo de natureza rija, & forte; todas
estas forças sò as queria para o trabalho, & para as empregar
em se mortificar a si. As disciplinas eram muytas, & largas. Em
hum manuscrito daquelles tempos se dà deste servo de Deos a
seguinte noticia breve em palavras, mas em tudo muy cheya,
que he a que se segue. O Padre Luis Lobo desde que entrou na
Companhia atè que morreo, sempre edificou muyto aos nos-
sos, & espantou aos de fòra com suas muytas, & solidas virtudes,
que mostrou em quasi infinitas occasioens, principalmente estas:
verdadeyro desprezo do mundo, & de sua gloria; da propria pes-
soa, & nobreza: humildade cordeal, & sugeiçam a todos: morti-
ficaçaõ, & severidade comsigo: pobreza em tudo, & castidade: o-
bediencia aos Superiores, & ás regras da Companhia: amor a
seu instituto, & zelo da sua guarda, & perfeyçam: paciencia, cari-
dade,

dade,& beneficencia com todos : ſede ardente da ſalvaçaõ do
proximos: finalmente piedade com Deos, oraçaõ,& perfeyçan
no culto Divino. Tudo iſto provàra com exemplos notaveis, ſ
me naõ mandàram abreviar. Logo aponta parte do que aſſim
fica eſcrito;& continua neſta fòrma:Veſtia velho , & remenda
do: rara,& difficultoſamente aceytava peça nova: comia dos co
meres mais groſſeyros da Communidade : nam comia fóra d
caſa,ſenaõ caminhando,& entam mais pobremente,que em caſa
Diſciplinava-ſe cada dia,tirava do ſomno neceſſario : nenhum
allivio,nem goſto corporal tomava: fazia as prègaçoens ſome
nos. Confeſſava homens inferiores : nos dias de muytas confiſ
ſoens era o primeyro;& o derradeyro , que ſe recolhia. Nos ca-
minhos fazia exactamente os exercicios eſpirituaes da Compa-
nhia,& dava eſmola,a quantos lha pediam, & confeſſava aos que
queriam: fallava a todos de Deos. Por vezes foy a Lisboa , & a
Madrid tratar couſas da Companhia:vivendo em Lisboa tratou
outras,& todas com grande ſucceſſo,& amor à Religiaõ,animo,
& valor , & edificaçaõ das peſſoas,com quem negociava. Atè
aqui o dito manuſcrito,em que ſe diz, ſer hum paragrafo da car-
ta,que ſe eſcreveo de ſua morte;conforme o que naquelles bons
tempos ſe coſtumou , quando morriam homens de virtu-
de.

8 Em toda a vida nem os ſeus muytos , & gaſtados annos;
nem as prelaſias,que teve muytas;nem a toſſe, que o canſou tã-
to nos ultimos annos,que o tiveraõ por etico,lhe deraõ occaſiaõ
a diſpenſar comſigo em rigores,& trabalhos;porque aſſim ſe tra-
tava,como ſe nenhũ achaque ouveſſe em ſua peſſoa,ſendo infal-
livel em todas as obrigaçoens da Communidade,com a qual ſe a-
juſtou ſempre,ou foſſe Prelado , ou ſubdito;que nas Religioens
he huma virtude,que leva muytas comſigo. Sete vezes foy Su-
perior: a primeyra Reytor do Collegio de Braga : a ſegunda
Prepoſito da caſa profeſſa de Villaviçoſa: a terceyra Reytor do
Collegio de Santo Antaõ : a quarta Reytor do Collegio de
Coimbra: a quinta Vice-Reytor do Collegio de Santo Antaõ:
a ſexta Reytor do Collegio de Evora hum anno: a ſeti-
ma Provincial dous annos,porque ſendo Reytor do Collegio de
Evora o fizeram Provincial , & viſitando o meſmo Collegio a
ſegunda vez , nelle deo ſua alma a Deos, morrendo tam ſanta-
mente,como tinha vivido,aos 4. de Janeyro de 1635.

9 No ſeu enterro,& officio dos defuntos aſſiſtio toda a no-
breza de Evora,ſeculares,& Eccleſiaſticos,& Religioſos,o Mar-
quez

uez de Ferreyra, o Conde do Vimioso, as quatro Dignidades mayores da Sè: os Ministros del-Rey, os estudantes da Univer- dade, seus dous Conservadores, & os Collegiaes de ambos os Collegios da Purificaçaõ, & Madre de Deos, os Superiores das Religioens com alguns seus subditos: estes cõ os da Companhia zeram o officio solemnemente. Toda Evora, & todo o Reyno mostrou grande sentimento de sua morte, dizendo, & escreven- o por cartas mil louvores de suas virtudes, & confessando as o- rigaçoens, que lhe tinham, pelo bem, que delle recebèram, o qual fazia sempre de boa vontade, & facilmente; com que do- rava os beneficios. Foy enterrado na Capella de S. Vicente, em que tambem jazem os dous Veneraveis Padres Manoel Fernan- les, primeyro Martyr da Companhia em Europa, & o Padre Luis Alveres, Prègador Apostolico, morto em odio da fè com veneno pelos Judeos.

CAPITVLO III.

Vida, & virtude do Padre Gaspar de Miranda.

1 O Muy exemplar, & douto Padre Gaspar de Miran- da teve por patria a Villa de Alegrete no Bispado de Portalegre, seus pays se chamáram Joaõ Rodrigues, & Isabel Rodrigues; eram dos principaes da terra; puzeram-lhe na pia do bautismo o nome de Mamede, & com este viveo Noviço na Companhia, depois o mudou pelo de Gaspar. Era estudante da segunda classe desta Universidade, contava de idade quinze an- nos, & quatro mezes, quando aqui entrou na Companhia aos 20. de Dezembro de 1578. sendo Mestre o devoto Padre Jero- nymo Cotta, que depois foy servir a Deos nas Missoens da In- dia. Em Evora 19 de Mayo 1639.

2 Em o Noviciado, & nos mais annos de sua vida sempre mostrou o Padre Miranda ser homem, que tinha muyto de Deos. Viveo mais de sessenta annos na Companhia, & todos el- les, excepto hum, viveo no Collegio de Evora, por cousa rara se diz isto no livro dos obitos do Collegio. Grande parte destes annos passou no Collegio da Purificaçaõ, supponho, que sendo delle Vice-Reytor; & tambem se refere por cousa estranha, que em todos esses annos nunca fora á quinta a recrearse, como en- tre nòs he estylo, para com este allivio continuar o trabalho, ou

ter

ter em seu ser a saude para o poder levar.

3 Em Evora estudou Latim, Philosophia, & Theologia, & tambem por sua curiosidade alcançou bastantes noticias da Medicina, com que podia fallar com segurança entre aquelles qu a professaõ, Sẽdo Mestre de Grammatica notou muytas miudezas daquella faculdade, apontando as observaçoens, que fazia destas se aproveytou depois o Padre Antonio Vellez para o seus doutissimos Commentarios, que dispoz sobre a Arte do P Manoel Alveres. Foy o Padre Miranda singular Philosopho & Theologo: quasi por vinte annos ensinou Theologia moral na qual faculdade foy hum dos homens consũmados do seu tempo, as suas opinioens se tinham por muy seguras, & tambem a suas resoluçoens: das suas postillas se diz, eram tidas em grande estimassam, & para seu abono basta dizer, que o grande Padre Doutor Francisco Soares Granatense as mandou copiar, para se aproveytar dellas; o que tal homem nam mandaria fazer, se ellas em si naõ fossem excellentes. Por esta causa lhe mandou o Padre Geral, que as desse a imprensa; mas ou as suas indisposiçoens, ou a sua humildade nos privou de hoje as teemos impressas; porque em effeyto naõ vieraõ a luz, sendo que tanto a mereciam.

4 Fazendo o Padre Miranda tanto estudo das sciencias, foy sem comparaçaõ mayor o estudo, que fez da perfeyçam religiosa. Por toda a sua vida guardou o teor de costumes innocentes, que aprendèra em o Noviciado. Amigo por extremo da humildade, nunca se vio nelle genero algum de propensaõ a cousas de honra sua; daqui nacia estimar em pouco sua pessoa, & suas singulares prendas, & fugir de trato com pessoas de mayor conta, procurando tratar, & conversar com os mais humildes, & abatidos. Era homem de muyta, & muy elevada oraçaõ; nem dores, que padeceo muytas, nem negocios alguns o desviàraõ deste santo exercicio, por meyo do qual em todas as occasioens sabia buscar a Deos.

5 Teve particular dom para encaminhar, os que se queriam chegar a Deos pelo santo exercicio de orar, & de meditar nas cousas divinas: assim mesmo teve grande mão para dirigir aos que se viam affligidos com tẽtaçoens, & para remediar as securas, que sentiam nos seus exercicios de virtude. Quando tratava com os proximos, as suas praticas eraõ todas espirituaes, persuadindo-os ao amor das virtudes, & ao odio dos peccados; exhortando-os a fazer confissoens geraes de toda a vida, como quem sabia, quanta paz costumaõ com ellas adquirir as almas

dos

dos que as fazem: & fazia estas persuaçoens com razoens tam efficazes, que penetrava as almas, & as levava para Deos.

6 Nacia esta pureza de consciencias, que desejava em todos, da que elle em si tinha; porque foy homem, de quem se diz, que nunca se lhe vio acçam, que de si fosse peccado venial. O seu sim era sim, & o seu nam era naõ: quando era necessario dizerem-se as verdades, nisso tinha toda a liberdade, que de si dam as leys de hum Religioso modesto, que tem mais conta com Deos, q̃ com os homens: nem nesta materia o intimidava a razaõ de Superior, se o era seu a pessoa, a quem se devia dizer, o que julgava ser justo; guardando porèm sempre o rendimento, & modestia, que nestas occasioens para com taes pessoas costumam ter os homens, que sò fallam com zelo da virtude; que estes a sua primeyra advertencia he naõ offender a virtude, quando sò pertendem, que se adiante. Tinha singular estimaçaõ dos homẽs de virtude, ou fossem da Companhia, ou fòra della; & pela estimaçam, que de todos fazia, o buscavaõ, & lhe abriam seus coraçoens: a todos dirigia com o seu bom conselho, guardando exactissimo segredo em tudo quanto se lhe manifestava.

7 Com sua pessoa guardava grande rigor: todos os dias de manhã se disciplinava tam fortemente, que quasi fazia estremecer as paredes do cubiculo. O cilicio largava muy raras vezes, o seu dormir era ordinariamente vestido. Na caridade para com todos deo continuos exemplos, em quanto viveo; esta se via mais para com os enfermos; acudia a lhes fazer as camas; & como sabia da medicina, serviam-lhe muyto as suas visitas para as melhoras da saude; por fazer se lhes applicassem os remedios nas conjunçoens, que podiam ter mais certo o seu effeyto. Quãto podia, lhes assistia, quando eram visitados dos Medicos; & tinha cuydado se lhes naõ faltasse com o que pediam os seus achaques: assim mesmo fazia por lhes assistir na ultima hora da vida, & os ajudar a bem morrer, com aquella piedade, & devoçaõ, que na Companhia costumamos; mas no Padre Miranda por sua singular virtude, era esta piedade tambem muy especial.

8 Por muyto, q̃ o agravassẽ, nunca da sua boca se ouvio palavra, em q̃ se queyxasse da molestia, q̃ se lhe dera. Palavra de murmuraçaõ tãbẽ naõ ouve, quẽ delle em occasiaõ algũa a ouvisse; nẽ lhe ouvisse fallar de defeytos alheyos, ainda q̃ fossẽ jà notorios, & publicos. Mostrava notavel caridade, particularmente em desterrar discordias, procurando quanto era em sua mão, que todos vivessem em paz, & com grande uniam de animos entre si. Vio-

se

ſe neſte varaõ de Deos eſpecial dom para dar hum conſelho em
tudo acertado : o ſeu voto nas materias , que ſe propunham na
conſultas,ou congregaçoens,era ſempre dos que mais feriam o
ponto. Tendo noticia deſta certeza no votar noſſo Reverendo
Padre Geral,ſe aproveytou muytas vezes do ſeu parecer para o
bom governo deſta Provincia. Deſte ſeu bom conſelho ſe apro
veytáram tambem os tribunaes, & delle faziam todas as eſtima
çoens,por experimentarem , quanta ſegurança nelle avia. Era
couſa admiravel ver como ajuntou com tam particular pruden
cia huma ſanta candura,& ſabia ſimplicidade. Tudo nelle eſpi
rava virtude; a compoſtura de ſuas acçoens , a modeſtia de ſeus
olhos,& ſemblante, era qual ſe venera nos homens ſantos.

9 No veſtido,& na habitaçaõ do cubiculo tudo era a meſma
pobreza:naõ receberia,nem daria ſem licença couſa alguma por
mais leve,& miuda,que foſſe,como huma pena, hum quarto de
papel,& ſemelhantes miudezas. Sendo aſſim,que teve occaſioẽs
de diſpor,como quizeſſe,de grandes quantias de dinheyro , que
ſeus devotos,& amigos liberalmente lhe offereciam , nunca ſe
pode acabar com elle,que aceytaſſe hum ſò real. Cuidando hum
deſtes ſeus affeyçoados, que eſte deſapego naceria em parte por
naõ ir pedir licença aos Prelados;pedio elle todas as licenças ao
Padre Reytor para aſſiſtir cõ hum mimo ao P. Miranda, quãdo
já andava enfermo: mandoulho,ſignificando, em como todas as
licenças eſtavam correntes , pois elle pelo livrar deſſe trabalho
as pedira ao Padre Reytor, que liberalmente as dera. Nam ad-
mittio o enfermo o tal mimo,antes foy eſta a ſua repoſta : *Que
ſe ſua mercè tinha licença para o mandar,elle nam tinha obrigaçam
de o receber.* Vendo-ſe o devoto aſſim atalhado nos ſeus deſig-
nios,negociou nova ordem,com que o Padre Reytor lhe orde-
nou o recebeſſe: aqui nam teve outro effugio, ſenam tirar algũa
parte, a qual ſendo que em outros naõ ſeria mais que para hum
ſô dia, a ſua parſimonia a fez chegar a muytos mezes.

10 Finalmente foy o Padre Gaſpar de Miranda exemplar
de Religioſos perfeytos da Companhia,& hum dos muytos , cõ
que Deos a tem honrado. Eſtas virtudes o fizeraõ reſpeytado
dos Arcebiſpos,& de todas as mais peſſoas Eccleſiaſticas,de to-
dos os nobres,& plebeos da Cidade de Evora, que univerſalmẽ-
te o tinham por homem ſanto. Aos 70. annos de idade cahio
enfermo da ultima doença , a qual por ſer dilatada, & acompa-
nhada de dores intoleraveis,foy mais purgatorio neſta vida, que
doença.Preſume-ſe,q̃ Deos lhe tinha declarado o dia em q̃ avia
de

e espirar: porque andando o Padre Ministro dous dias an=
es com algum cuidado, se naquella noyte acabaria; lhe disse o
Padre Miranda: *Que desistisse de tal pensamento, porque elle tinha
lcançado de Deos, o nam levasse de noyte.* Com isto sossegou o P.
Ministro, como quem entendia, que o doente naõ diria cousa,
ue assim naõ fosse. Amanhecéram os 19. de Mayo, & no tem-
o das sete horas do dia se deu sinal, a lhe assistir toda a Cõmu-
idade com as oraçoens ordinarias nestas occasioens: estando ro=
eado de seus Irmãos deo sua alma a Deos com morte de ho-
iem santo. Foy sua morte aos 19. de Mayo de 1639 com 76.
nnos de idade, 61. de Companhia. Foy enterrado na Capella
e S. Vicente da parte do Evangelho, a qual parece teve por sor=
e ser Cemeterio de homens assinalados, pois nella foram enter=
ados, como assima dissemos, os Padres Manoel Fernandes, Luis
Alveres, Luis Lobo, Gaspar de Miranda, & tambẽ o Padre Joaõ
Alveres tam celebre nesta nossa Provincia. A vida do Padre
Gaspar de Miranda escreveo Manoel Severim de Faria Chan=
re da Sè de Evora, que por espaço de trinta, & sinco annos o tra=
ou familiarmente, & foy seu filho espiritual; delle a ouve o Au-
or do Agiologio Lusitano, que diz a conservava em seu poder
hea de casos maravilhosos, que deyxava para os Chronistas da
Companhia. Atè agora eu a nam vi entre nòs, nem por ventu=
a existe; là andarà entre os manuscritos do Autor do Agiolo-
io, queyra Deos haja, quem os ponha em ordem, que sem du=
ida farà hum grande serviço a toda a naçaõ Portugueza, quem
ompuzer os outros seis mezes, que seu Autor por lhe faltar a
ida, nam pode acabar. Elle nos deo, quanto aqui escrevemos,
ariando sómẽte no estylo, para q̃ todo corra igual; algumas cou-
as se tiráram do livro primeyro das entradas do Noviciado, &
utras do livro dos Obitos do Collegio de Evora.

CAPITVLO IV.

Dos Irmãos Andre de Sà, Francisco Coelho, Sebastiam Barreto, estudantes. Do Padre Thomè Vaz Professo, & do Irmaõ Diogo Dias Coadjutor.

1 O Irmaõ Andre de Sá em poucos annos de Religiam
alcançou tantas virtudes, quantas denota a santa
morte, cõ que Deos as coroou: nasceo na Villa de Cascais jun=

to à barra de Lisboa, & por esta equivocaçaõ disse o Autor d
Agiologio,que nascèra em Lisboa;seus pays, que eram honra
dos,se chamáram Joaõ Tavares, & Ignes Manoel; neste Novi
ciado entrou na Companhia aos 2. de Julho de 1605. tendo d
idade 14. para 15. annos,& aqui passou os dous annos, vivend
estes dous,& os mais como santo.

2 No Collegio de Coimbra se achava,no tempo, que o fer
voroso Padre Manoel Rodrigues da nossa Companhia adoece
da ultima enfermidade;tinha estePadre servido com singular ca
ridade aos feridos de peste,como se refere nas Annuas da Cõ
panhia do anno de 1612. & era homem de grandes virtudes
Teve o Irmaõ Sà revelaçaõ da sua morte, a qual como quem
sempre vivera todo da obediencia,queria tambem fosse por obe
diencia;para isto pedio ao Padre Reytor lhe desse licença de i
para o Ceo com o Padre Manoel Rodrigues, que estava para a
cabar dentro de breves dias, segundo a força do mal o hia po
momentos consumindo.

3 Tanto que morreo o Padre Manoel Rodrigues, cha
mou o Irmaõ Sâ ao enfermeyro,disselhe, que preparasse tudo o
que fosse necessario para o seu enterro;& que lhe chamasse o P.
Reytor para lhe lançar a sua santa bençaõ, & dar licença para
morrer: a grande virtude deste Irmaõ nam deo lugar a se terem
estas cousas por delirio,estando como estava tanto em seus sen
tidos. Chegou o Padre Reytor,pediolhe a sua licença para assim
morrer por santa obediencia,& tomando na mão huma vela ac
cesa,dando suavissimos osculos a hum Santo Crucifixo, arque
jando com a respiraçaõ apressada, como quem suspirava por a
cabar,entregou sua ditosa alma a Christo Crucificado; pasman
do todos os circunstantes de cousa tam rara,& inopinada, lou
vando juntamente a Deos pelos grandes favores,que faz a quem
de veras o serve. Foy sua santa morte aos 16. de Mayo de 1612.
Na carta Annua do tal anno se faz delle esta lembrança; & o
traz neste dia o Agiologio Lusitano: o Padre Nadasi o refere
no dia 22. de Junho; tinha 23. annos de idade pouco mais, ou
menos,& sete de Companhia,porèm muytos de excellentes vir
tudes.

Em Evora 27. de Mayo de 1567.

4 Quasi semelhante ao Irmaõ Sá foy o Irmaõ FrãciscoCoelho
natural daCidade de Viseu,entrou Noviço em Lisboa dia de S.
Catherina de 1562. de là veyo para este Noviciado,em q̃ viveo,
& procedeo,assim nelle,como no Collegio santamente,& com
exemplos de Religioso perfeyto. Muy amigo da oraçaõ,& tam

mor

mortificado, que parecia neſtes ſeus fervores fazer couſas ſobre as forças humanas. Foy nelle tam ſingular a pureza de conſciencia, o recato de ſuas obras, & palavras, que ninguem nellas vio, nem ouvio couſa, que pudeſſe ſer tida por culpa venial. Sendo Theologo veyo a morrer de tiſica, tendo ſete annos de Companhia. Poucos dias antes de ſe ir para o Ceo, entrando no ſeu cubiculo o Padre Doutor Jorge Serram, Reytor entam do Collegio, com outros Padres para conſolarem o enfermo, elle a modo de quem acorda do ſomno, em que eſtà, perguntou? Quẽ me diſſe agora, que eu hey de ir gozar de Deos aos 27. de Mayo? E dizendo elles, que ninguem, ſe calou. O effeyto moſtrou, que o dito nam fora de enfermo, que delira; porq̃ aos 27. de Mayo com huma morte de homem innocente eſpirou no anno do Senhor de 1567. Na margem do livro do Noviciado ſe diz, que o ſeu Anjo lhe diſſera o dia, em que avia de morrer. Delle falla o Agiologio em 28. de Mayo, ſendo que morreo aos 27. como conſta do livro do Noviciado, & em 17. o traz o Padre Nadaſi. Tambem ſe referem eſtas couſas pelo Padre Saquino na 3. parte da hiſtoria geral da Companhia livro 3. numero 218. ſua ditoſa morte foy no Collegio de Evora.

5 O Irmaõ Sebaſtiaõ Barreto, que antes ſe chamava Sebaſtiam da Vide, póde ſer com os dous Irmãos, que ficam aſſima, exemplar de eſtudantes Religioſos da Companhia: naõ he muyto, o que delle ſabemos, mas deſte pouco, bem ſe vè, quanto agradou a Deos. Sua patria foy a Villa de Fronteyra no Biſpado de Elvas, eram os nomes de ſeus pays Manoel Pinto, & Catherina Guardada. De quinze annos entrou neſte Noviciado aos vinte, & ſinco de Março de mil quinhentos, & noventa & tres. Deo-ſe de veras a Deos: quando tinha oraçaõ, via-ſe nelle grande recolhimento, ſinal de quanto interiormente ſe entregava a Deos. A modeſtia exterior foy nelle tam aſſinalada, que jantando em o noſſo Refeytorio o Arcebiſpo Dom Theotonio de Bragança, & lançando os olhos pelo Refeytorio, dando hum dos pratos que ſe lhe offereciam ao ſervente da meſa, diſſe, que lho levaſſe àquelle Irmão modeſtiſſimo: com eſte nome chamou ao Irmaõ Barreto: tam grande era a ſua compoſtura, que entre tam grave, & tam modeſta Communidade, merecia elle nos olhos daquelle virtuoſo Prelado o nome de Modeſtiſſimo. Deſejou muyto ir para as Miſſoens da India, & diſſe, que a ſua morte ſò lhe era cuſtoſa, por ella impedir a execuçaõ deſtes ſantos deſejos. Tinha feyto voto de procurar com todas as ve-

Em Evora 24. de Abril de 1598.

ras, que a obediencia lhe desse licença para servir a Deos nas Missoens. Sete mezes esteve tisico, & de cama, muy chagado, tudo sofria com inexplicavel paciencia. Entre os condiscipulos sempre procurou uniam. Os desejos de ver a Deos eraõ nelle tam ardentes, que na doença, de que morreo, naõ fallava de outra cousa. Estando proximo á morte, alguns Irmãos para o recrearem, lhe cantàram huma cançam pia, & devota da felicidade da bemaventurança; ouvindo cousa tanto do seu agrado pedio a vela, dizendo que queria morrer; deo-selhe pelo consolarem, naõ porque se persuadissem a tal cousa, & logo como impaciente sua alma de mais se deter nesta vida, se foy gozar da vista de Deos aos 24. de Abril de 1598. cõ cinco annos de Companhia.

6 O Padre Thomè Vaz natural de Viana de Alentejo, era estudante da primeyra classe desta Universidade, de idade contava 17. annos, quando entrou na Companhia neste Noviciado aos 6. de Fevereyro de 1646. Em Março de 1654 se embarcou para a India; delle diz a carta da Provincia de Japam, que contèm as cousas desde o anno de 1692. até o de 1698. o seguinte. O Padre Thomé Vaz, de Portugal veyo destinado para a Provincia de Goa, & nella fez muytos serviços a Deos nos rios de Cuama, & depois em Goa, aonde com grande zelo fez o officio de pay dos Christãos; atè que por ordem de nosso Reverendo Padre Geral passou para a Provincia do Japam; foy Reytor do Collegio de Macao, & depois Provincial, & actualmente, quando morreo, era Vice-Provincial da mesma Provincia. Foy sempre operario indefesso, assistia quotidianamente ao Confessionario, & frequentemente servia ao pulpito. Além da oraçam ordinaria gastava muytas horas de noyte diante do Santissimo sempre de joelhos, ou postrado com a cabeça no cham. Foy rara a sua penitencia, & abstinencia. Jejuava todos os dias naõ comendo mais que ao jantar, & tomando à noyte huma muyto limitada collaçam. Dormia sempre sobre huma taboa com hum pedaço de pao por cabeceyra; & alèm de outros cilicios trazia continuamente ao peyto huma Cruz, de fòra de pao, & por dentro com agudas pontas de ferro. Nem bastàram os achaques, que nos ultimos annos o affligiraõ muyto, para afroxar hum pouco destas suas extraordinarias penitencias. Finalmente abraçado desta sorte com a Cruz de Christo, o levou Deos, como esperamos, a gozar de sua vista no Ceo, em premio de seus grandes merecimentos. Atè aqui a dita carta, na qual nẽ o dia,

nem

nem o anno de ſua morte ſe dizia, por iſſo delle nam faço menção.

7 O Irmão Diogo de Moura Coadjutor temporal naſceo na Villa de Eſtremoz: tendo 17. para 18. annos, em 17 de Março de 1561. entrou neſte Noviciado: no Memorial da Caſa de Saõ Roque ſe falla delle como de Irmaõ exemplar, & o moſtráram as ſuas obras. Tinha eſte ſervo de Deos feyto voto particular, de nunca ſe eſcuſar das couſas, que lhe mandaſſem, nem das occupaçoens, em que o puzeſſem; na obſervancia deſta obrigaçaõ, que elle ſe impôz voluntariamente, era tam exacto, que muytas vezes fazia ainda as occupaçoens, de que eſtava eſcuſo. No tempo da terceyra peſte, que ouve em Lisboa no anno de 1598. & parte do anno de 1599. ſervio aos enfermos de peſte com tanta caridade, que a mayor parte do dia gaſtava em lhes agencear o neceſſario para ſeu ſuſtento; nem lhe ſofria o coraçaõ ver neceſſitado algum, a quem naõ remediaſſe: fez neſta occaſiam grandes obras de caridade, & andando no meyo dos perigos foy Deos ſervido, que ſahiſſe illeſo. Em Liſboa 24. de Março de 1624.

8 A ſua modeſtia era muy conhecida, & reſpeytada em Liſboa, & por meyo della vieraõ muytos bens á Caſa de S. Roque. Era tam agradecido aos que faziam bem à caſa, que os apontava em hum rol para aver memoria delles, & iſto naõ ſò aos de fòra, mas aos noſſos Religioſos, & aos que faziam bem à caſa, nomeava eſpecialmente por Padres, & Irmãos de Saõ Roque; aſſim os differençava dos outros, que morando na meſma caſa, não lhe adquiriam eſmolas, eſtes nomeava ſó por Padres, & Irmãos, que viviaõ em Saõ Roque. O ſeu officio era ſer ajudante do Padre Procurador; mas verdadeyramente elle era o melhor Procurador, que tinha a pobreza daquelles Padres. As ſuas palavras eraõ em tudo muy maduras, & edificativas; com huma humilde diſſimulaçaõ dava paſſagem a todas as occaſioens de ſofrimento cortando ſempre por ſi, procurando que nem de obra, nem de palavra ſua pudeſſe aver em alguem qualquer razaõ de ſe queyxar. Era muy devoto, & amigo de naõ dar trabalho algum a ſeus Irmãos; & por ventura em comprimento deſte deſejo, quiz Deos noſſo Senhor, morreſſe quaſi em pè, por naõ dar com a doença enfadamento algũ: foy ſua morte na Caſa de S. Roque aos 24. de Março no anno de 1624. tendo 82. de idade, & de Companhia 62.

CAPITVLO V.

Vida do Padre Bertholameu Guerreyro.

Em Lisboa 24. de Abril de 1642

1 DEzaſete annos, dos que teve de ſua vida, gaſtou
Padre Bertholameu Guerreyro em Miſſoens, q
fez a varias partes deſte Reyno, de que recolheo immenſos fr
tos,& ſe vio,que era homem de grande eſpirito , porque faz
grandes mudanças nas terras onde prègava. Sua patria foy a Vi
la de Almondouvar no Campo de Ourique; ſeus pays ſe cham
vam Antonio Fernandes,& Maria Guerreyra. Entrou na C
panhia em Evora aos 7. de Dezembro de 1578. tendo dezoyt
annos de idade. Procedeo ſempre como homem ſanto. Em Ev
ra enſinou letras humanas,& foy Prefeyto da Univerſidade. O
Duques de Bragança fizeram delle grande eſtimaçaõ , por eſt
cauſa aſſiſtio muytos annos em Villaviçoſa.

2 Do muyto que obrou nas Miſſoens ſe pudera fazer larg
hiſtoria, direi o pouco,que me veyo às mãos,que he bom indici
do muyto que obrou ſeu fervoroſo eſpirito. Sendo Arcebiſpo d
Evora Dom Theotonio de Bragança,em 14. de Julho de 159
entrárão os Hereges na Villa chamada Villanova de mil fon
tes,que he porto de mar. Fizeraõ alli innumeraveis,& execran
das inſolencias,roubàram aos moradores, profanárão as Igreja
deformàram as Santas Imagens : levàram publicamente pela
ruas a Imagem da Senhora atada ao peſcoço de hum vil jumen
to,depois que lhe deram muytas punhaladas. Em fim obravam
naõ ſò como homens ſem Deos , & ſem fé , mas como homen
ſem entendimento.

3 O Arcebiſpo pedio ao Padre Reytor do noſſo Collegi
lhe mandaſſe là hum Padre , que conſolaſſe aos moradores en
tam grandes affliçoens. Cahio a ſorte no Padre Bertholam
Guerreyro,que tinha para eſtas couſas mão eſpecial,& elle me
mo ſe offereceo. Chegou a huma Freguezia,que eſtà no campo
& diſta duas legoas de Villanova. Soube do Cura o eſtado da
couſas,& no dia ſeguinte,que era Domingo , prègou naquell
Freguezia: quando chegou a fallar dos deſacatos , que ſe tinha
feyto às Santas Imagens,foy tal o pranto,que parecia naõ cabe-
rem os coraçoens no peyto aos ouvintes.

4 Diſſe,que na terça feyra ſeguinte,dia da Senhora das Neve
averia prègaçaõ,& prociſſaõ em Villanova. Leo o Cura a Pro-
viſaõ

visaõ do Arcebispo, na qual os consolava, & dizia levar o Padre todos os seus poderes, & se desculpava de naõ ir em pessoa, por se achar entam doente. Chegou o Padre à Villanova, achou a Igreja cousa lastimosa, retabolos quebrados, Imagens feytas em pedaços, & outras indecencias. Varreo o Padre a Igreja, compoz o retabolo, enramou toda a casa, & poz a Imagem da Senhora com decencia; tudo com o aceyo, que a occasiaõ dava de si. Estas cousas fez de manhã, & ouvio confissoens atè à noyte. Estava a Villa quasi erma, por causa das muytas vezes, que fora roubada; & nos tempos de hoje tem pouco mais que o nome de Villa.

5 Prègou o Padre dia da Senhora das Neves com grande moçam nos ouvintes. Deo muytas contas, Rosarios, & veronicas. Logo dispoz huma procissaõ, na qual a Imagem da Senhora foy levada debayxo de hum pallio pelas mesmas ruas, por onde antes os Hereges a tinham levado com vituperio: por falta de Clerigos, & Cantores, hia o Padre com o Irmaõ Luis Lobo seu companheyro solemnizando com seu canto a procissaõ. Foy esta funçaõ de consolaçaõ grande para todos aquelles affligidos Christãos. Para mayor culto da Mãy de Deos lhe instituhio huma Confraria com titulo de Nossa Senhora da Piedade; nella se alistàraõ logo os mais principaes da terra, & se tirou huma boa esmola para o seu ornato.

6 Repartio aos moradores roubados a esmola, que o Arcebispo lhes mandára; a qual o Padre acrecentou com vinte cruzados, de trinta, que o Arcebispo lhe dera para o seu viatico. No dia seguinte ouve prègaçaõ, & procissaõ de Santo Amaro, por quanto a sua Imagem fora grandemente afrontada. Depois por naõ ter que fazer em Villanova se retirou para a Freguezia, onde fez muytas confissoens, & muytas amizades. Nada quiz aceytar, do que todos de sua pobreza lhe offereciaõ. Depois se partio a pè, & peregrinando para Evora, fazendo doutrinas, & ouvindo confissoens nas terras, & Freguezias, por onde passava. Era tanta a devoçaõ da gente, que lhe sahia ao caminho para se confessar, & no caminho os confessava. Este era o modo de caminhar, que este bom Padre tinha nas suas peregrinaçoens a pè, & vivendo de esmolas, como usaõ os Irmãos Noviços.

7 Na Villa de Castello de Vide no Bispado de Portalegre fez tambem huma Missaõ, cujo fruto he inexplicavel. Deo singulares exemplos de Missionario Sãto. Os Vereadores em corpo gesto do seu Senado pediraõ muyto tempo antes da Quaresma

alguns

alguns Padres.Concedeolhes o Padre Reytor a petiçaõ. Foy if-
to tam anticipadamente , que quando o Padre Bertholameu
Guerreyro chegou a Caſtello de Vide,eſtava o governo muda-
do, ſendo diverſos os officiaes,os quaes , ou por naõ terem noti-
cia de ſer pedido o Padre, ou por amizade com Religioſos , que
ha naquella terra,tinhaõ eſcolhido Prègador , & lhe tinhaõ da-
do o ſalario da Quareſma de antemaõ.

8 Achouſe novo o Padre , & de novo ſe fizeraõ tambem os
do Senado. Depois de dous dias,mandáraõ ſaber delle a que vie-
ra,& que intentava. Diſſe o Padre a cauſa da ſua vinda, & acre-
centou,que viſto ſe naõ quererem ſervir delle, correſſem com o
Prégador,que tinhaõ;que elle prègaria em outra Igreja, & con-
feſſaria,a quem ſe quizeſſe confeſſar com elle . Agaſalhouſe o
Padre em caſa de hum devoto da Companhia,de poucas poſſes,
mas de boa vontade.Fez o Padre huma,ou duas prègaçoens , a-
codiolhe tanta gente , que o outro Religioſo prègava ás lagens
da Igreja. E o povo enfadado de terem excluido o Padre , nam
queria dar aos Frades a eſmola, que coſtumavaõ pedir pela Vil-
la. Vendo-ſe neſtes apertos o Guardiam , quiz levar ao Padre
para o ſeu Convento , para aſſim amolgar o povo Já que o Pa-
dre naõ vinha niſto,lhe rogou,que aceytaſſe o pulpito,em que o
ſeu Frade prègava, por lhe naõ faltarem as eſmolas , de que vi-
viam,& que niſto a fazia elle ao ſeu Convento.

9 Os da Camera excluiraõ ao ſeu Prègador , & pediraõ ao
Padre,que prégaſſe na Matriz. Naõ veyo niſſo ; & por lhe dar
contentamento,veyo em prègar,com tanto, que ſeria alternada-
mente huma Dominga o Padre,outra o ſeu Prègador. Logo ſe
paſſou a outra caſa,por naõ dar oppreſſaõ ao ſeu hoſpede; alli ſe
ſuſtentou das eſmolas , que as peſſoas devotas lhe mandavaõ.
Duas vezes prègava na ſomana cõ notaveis cõcurſos. A's quintas
feyras tinha huma hora de conferencias de caſos de conſciencia,
a que aſſiſtiam todos os Clerigos da Villa. No que fez grande
bem áquelle povo,& deſterrou muytos abuſos , por aver muyta
ignorancia nos que tratavam das almas. Nos penitentes era eſ-
tylo,naõ ſe accuſarem , ſenaõ do que lhes pergũtava o Confeſ-
ſor. Davam ao Confeſſor paga , & avia Confeſſor , que
dizia,renderlhe mais o Confeſſionario , que o beneficio. Nos
Confeſſores avia grande ignorancia , ordenando as penitencias
ao ſeu intereſſe ; porque davaõ de penitencia, a quem nem ler
ſabia,os Pſalmos Graduaes;& que pois os naõ podiam rezar,da-
riam dous toſtoens , a quem em ſeu lugar os rezaſſe ; que era o
meſmo Confeſſor.

10 Naõ se prezavaõ os graves de levar as tochas,quando sa-
ia fóra o Senhor,tomou o Padre á sua conta,sempre que o Se-
hor sahia,levar elle huma,& o Irmaõ seu companheyro outra.
Com este exemplo os mais autorizados se prezavam dahi por
iante de levar as tochas em honra do Senhor. Nas sestas feyras
noyte depois de huma devota pratica, avia disciplina na Mise-
cordia. Advertio o Padre o pouco cuidado, que se tinha com
s ossos dos finados,pois estavaõ lançados pelo adro da Matriz,
omo se fossem ossos de brutos animaes.O Padre os fez ajuntar,
meter com huma procissaõ na Igreja,onde se enterràraõ, di-
endo-se primeyro huma Missa solemne pelas almas dos defun-
os.

11 Duas vezes levou de comer aos presos,indo em corpo; o
ual exemplo imitáram os mais graves, que assim mesmo em
orpo o acompanhavaõ ajudando a levar a esmola, & ficàram
am edificados desta obra pia, que ficàraõ de a fazerem todos os
nnos. A doutrina se fazia tres vezes na somana com grandes
oncursos: a qual acabada, todos os que se achavam presentes,
iam acarretar pedra para hum calvario,que se fazia,trazendo-a
s mais graves ás costas.Tanta era a devoçaõ,que este bom Pa-
dre infundia nos coraçoens de todos.

12 Fez tirar tres casas de jogo,que avia na terra. Evitáram-
se por industria sua sete mortes, & huma era de peçonha, que
certo prezo queria tomar por evitar morte afrontosa. Hum gẽ-
ro tinha dado de bofetadas, & afrontado as barbas a seu sogro,
que era hum velho de respeyto,& pessoa grave. Fallou o Padre
ao velho,& elle como bom Christão respondeo,que naõ podiaõ
com elle tam pouco suas prègaçoens, que naõ ouvesse de dar as
mãos a quanto lhe ordenasse; por tanto deo os braços ao gen-
ro,& se fizeraõ amigos.

13 Vinte & seis pessoas,q̃ avia oyto,& dez annos viviaõ escãda-
losamẽte, deyxàraõ as occasioẽs de sua ruina, & reformáraõ suas
vidas. Hũ peccador avia trinta annos,q̃ se naõ cõfessava,pelo naõ
obrigàrem a fazer certa restituiçaõ: as prègaçoens do Padre o
obrigàraõ a sahir deste atoladeyro;confessouse,& se cõpoz tudo
com a santa industria deste Padre. Outro desesperado da sua sal-
vaçaõ se determinava enforcar;confessouse com o Padre,o qual
de tal sorte lhe acquietou o animo, que o fez reconhecer,& cho-
rar o seu desatino.

14 Avia naquella terra hum barbaro costume,& era,que as
donzellas só huma,ou duas vezes no anno hiam á Igreja. Bata-
lhou

lhou o Padre contra este abuso,& com suas exhortaçoens effey
tuou,que cõprissem com o preceyto de ouvir Missa todos os di
de obrigaçaõ. Finalmente naquella Quaresma se fez tal mudan
ça naquelle povo,que a gente parecia outra,porque tudo era cõ
punçaõ. Acabada a Quaresma quizeraõ os homens graves tira
pela terra o folar(este he o seu nome) que costuma dar o pov
aos Prègadores da Quaresma. Tal cousa naõ consentio o Padr
nem ainda aceytou alguns presentes, que para o alforje se lh
mandàraõ,dando por razaõ, que nam tinha onde os accommo
dar. Depois da Pascoa,elle, & o Irmaõ seu companheyro a pè
& com os bordoens na mão se recolhèram ao Collegio, vind
peregrinando,& ensinando a doutrina nas terras,por onde passa
vam.

15 Destas Missoens fez muytas este Padre,nas quaes se vi
seu grande espirito,& singulares virtudes, dando edificaçaõ a to
dos para o Ceo. Dos livros,que compoz, se dirá em seu lugar
Faleceo em santa velhice cheyo de virtudes,& merecimẽtos n
casa de S. Roque em Lisboa aos 24. de Abril de 1642.

CAPITVLO VI.

Vida do Padre Doutor Paulo Carvalho.

15. de Mayo de 1621.

1 O Padre Doutor Paulo Carvalho nasceo em a Ci
dade de Evora, seus pays se chamáram Antoni
Carvalho,& Maria de Moraya;tendo quinze annos de idade en-
trou na Companhia em o Noviciado de Evora aos 7. de Mayo
de 1591. Foy homem de muy escolhido engenho,& de naõ me
nor virtude;de ambas,creyo,nasceo aquella graça, que lhe fazi
o Sapientissimo Padre Christovam Gil, de cujas singulares vir-
tudes o Padre Paulo Carvalho foy huma das mais abonada
testimunhas, & as escreveo, como refiro na vida do mesmo Pa-
dre.

2 Ainda que neste Padre foy singular o engenho, as forças
do corpo naõ eram muytas, & essas sugeytas a indisposiçoens;
por esta causa nos principios o desviàraõ das cadeyras, para as
quaes sobejandolhe tudo,sò faltava a saude do corpo: ouve po-
rèm occasiaõ, em que por falta de lentes,alguem o inculcou aos
Superiores;& como naõ tinha ido por esta ordem de cadeyras,
que entre nòs se costuma,fez algum reparo,duvidando se no Pa-
dre averia o cabedal de sciencia,que demandava a cadeyra, que
se

avia de prover. Mas como o q̃ o inculcava, q̃ era homem, de
uem se podia fiar, segurasse ao Superior, que o Padre avia de
ncher a occupaçaõ; o avisáram para ella, quãdo menos tal cou-
lhe vinha ao pensamento.

3 A experiencia mostrou, quam acertada fora a eleyçam:
rmouse de Doutor em Theologia na Universidade de Evora,
nde era Mestre, em 11 de Janeyro de 1615. & continuou com
eral applauso dos ouvintes da casa, & dos de fòra, atè que Deos
e deo huma occasiaõ de se humilhar, & conhecer, de quam
ouca monta saõ todos os esplendores desta vida. Ditou elle naõ
y que questam, & a corroborou com tam solidos fundamẽtos,
razoens tam agudas, que naõ tinha sosobro, de que lente al-
um, por mais sabio que fosse, o tirasse dos seus eyxos: avia nesta
outrina naõ sey tambem que cousa, que parecia ter sua defor-
idade, por esta causa se começou a embicar, em que tal opi-
iaõ se seguisse: depois, de varios dares, & tomares, quaes costu-
a aver nas novidades: a questam se remetteo por ordem dos
uperiores ao Padre Soares Granatense, para que desse seu pare-
er: este depois que a ponderou, dizem, respondèra, que elle bem
ia as razoens, mas que se naõ atrevia approvar tal doutrina.

4 Por esta causa mandàram ao Padre Paulo Carvalho, nam
eguisse aquella sẽtẽça, antes a riscasse das suas postillas: a isto não
eve mais, que obedecer: mandou a todos os seus ouvintes, trou-
essem os cadernos, & lhes mandou riscar aquella opiniaõ, por-
ue naõ era vontade de seus Superiores, que nas nossas escolas
e seguisse. Feyta esta diligencia, se despedio da cadeyra, á qual
aõ tornou mais: & para se entregar de todo a Deos, & à salva-
aõ das almas, que he o instituto da Companhia, pedio passar
ara as Missoens do Brasil, & o conseguio no anno de 1619. Atè
qui o que por tradiçaõ disseram homens antigos, aver sido a
ausa, ou occasiaõ, que Deos tomou para se servir do Padre Pau-
o Carvalho nas Missoens do Brasil, nas quaes ainda que nam
iveo muytos annos, naõ deo poucos exemplos.

5 Quando navegou para o Brasil, durou a jornada 52. dias;
& diz elle em huma carta para o Padre Gaspar de Miranda, que
de 74. entre marinheyros, & passageyros, quasi todos foram bem
provados com enjoos, & outras molestias; & que elle sendo de
saude, & forças taõ debeis, nada tivera: por hũa das causas apon-
ta, que em quanto o Sol, ou o fumo do fogam naõ impedia, esta-
va sempre fòra do camarote muytas vezes até alta noyte, ora re-
zando, ora encomendando-se a Deos, ora tratando espiritualmẽ-
te

te cõ algum marinheyro,ou paſſageyro:& continua cõ eſtas pa-
lavras: Com eſte ſucceſſo fico provado, & approvado para na
vegar toda eſta coſta,ir atè o Maranham, & ainda muyto mais
longe. Seus fervores, & ſantos exemplos ſe eſcrevem na carta
Annua da Provincia do Braſil do anno de 1621. & ſaõ os ſe-
guintes.

6 Dizia de ſi eſte humilde Padre: O pouco,que ſey,tenho ſe-
pultado,& metido debayxo dos pès; no que naõ tenho materia
de vaidade, pois conheço, que eſte conhecimento he dom de
Deos. Em todas as occaſioens de honra procurou abaterſe: no-
tava-ſe,que nos actos publicos, em que a inſignia de Doutor o
podia fazer mais conhecido, ſendo obrigaçaõ aſſiſtir com ella
no barrete,a ennovelava lançando-a toda para as coſtas,de ſorte
que quaſi ſe naõ via. Quando tomou o grao de Doutor, eſcre-
vendo a hum Padre ſeu amigo em Coimbra, & dandolhe conta
do ſeu doutoramento, todas as vezes, que na carta era preciſo
nomear eſte nome Doutor,lhe lançava huma riſca por ſima; ſi-
nal como do pejo,que tinha,de fallar em couſa, que foſſe honra
ſua.

7 Reparàram os Padres do Braſil, que ſendo tam ſabio, de-
pois que poz o pè entre elles,naõ ſe lhe ouvio palavra, que to-
caſſe a letras,mas ſò tocantes à lingua Braſilica,& ao mais que a
ella pertencia. Dos da Companhia que ſe occupaõ nas Miſſoẽs
ultramarinas, tinha grande conceyto; dizendo que a ſeu pare-
cer naõ avia na Companhia mais glorioſo emprego, nem que
tanto a illuſtraſſe, como a converſaõ dos infieis. Por iſſo nada
eſtimou mais,que offerecerſelhe occaſiaõ de ſe deſpedir das ca-
deyras,& luſtres das Univerſidades; daqui naſcèram as inſtan-
cias que fez com os Medicos,& Superiores: com aquelles para
q̃ os ſeus achaques naõ impediſſem a jornada; cõ eſtes para que
puzeſſem o cumpra-ſe a ſeus deſejos.

8 Logo que chegou ao Braſil, ſe viram os grandes fervores,
que tinha,de ſe occupar na ſalvaçaõ dos Indios, & com elles a-
fervorou a muytos dos noſſos Religioſos. Naõ obſtante ſuas
indiſpoſiçoens, negociou, o mandaſſem para alguma aldea, em
que trabalhaſſe;& cahiolhe huma, em que avia bem que fazer,
por ter à ſua conta outra, aonde ſe vay dizer Miſſa todos os oy-
to dias caminhando por hum outeyro bem enfadonho, & com-
prido. Porèm vendo, quam neceſſario lhe era,para ajudar aos
que alli trabalhavam na cultura das almas, ſaber a lingua da ter-
ra,ſe applicou ao eſtudo della: naõ ſe pòde dizer em poucas pa-
lavras

vras a curiozidade com que o fazia; para prova desta, basta di-
er, que dous dias antes de acabar a vida, estando jà ungido, &
erto que morria, fez chamar o Padre Mestre da lingua, & gas-
u com elle tempo notavel sobre duvidas, que nella lhe occor-
am.

8 Em menos de hum anno fez taes progressos, que se vio
scerem mais de favor do Ceo, & intercessaõ do Santo Padre
oseph de Anchieta, a quem nesta materia com especialidade
màra por protector, que das industrias humanas. Assim o re-
nheceo dizendo: O Santo Padre Joseph, a quem de coraçaõ
nho pedido me ajude a sahir com este intento da lingua, me
m alcançado do Senhor particular conhecimento della; & as-
n alcanço duvidas, para as quaes conheço, naõ era bastante o
mpo, que tenho dado a este estudo. Para com o Santo Padre
nchieta teve grande devoçaõ, & atè com a sua Arte, que fez
lingua, quiz morrer á cabeceyra. Confessou, que nunca estu-
ra Philosofia, & Theologia com tanto gosto, & desejo de sa-
r, como se dava ao estudo da lingua Brasilica; tanto lha sabo-
ava o seu fervor, & ansias de ser util aos pobres Indios.

9 Accenderamselhe estes desejos com o successo seguinte:
ora o Padre Superior visitar outra Aldea, & neste tempo dan-
hum accidente a huma India, chamàraõ a toda à pressa ao P.
aulo Carvalho para a confessar; era isto logo nos principios
ando tinha ido; & por nem elle, nem o companheyro sabe-
m a lingua, a absolveo como pedia o caso, & assistio atè espi-
r. Depois triste, & desconsolado se recolheo para casa, & me-
ndo-se no cubiculo, parou em pè diante de hum Crucifixo,
m saber fazer outra cousa mais, que chorar, & suspirar: chegada
hora de comer, vendo o companheyro que tardava, foy ao seu
ibiculo, & achando-o na fórma sobredita, lhe perguntou a cau-
; a que elle entre as mesmas ansias respondeo: Ah Irmaõ, de
am boa vontade trocâra eu agora toda a Theologia, que estu-
ei, por huma pouca de lingua Brasilica, com que na hora da
orte pudesse ajudar aquella alma! E mãdando o companhey-
perseverou atè o dia seguinte sem comer bocado, sendo tam
ebil, & fraco por suas indisposiçoens; mas a pena naõ dava lu-
r a attender pelos cõmodos do corpo.

10 Naõ he explicavel o gosto, que teve, quando indo para a
ldea se vio em huma choupana pobre, & desabrigada, cuberta
palha. Neste como desemparo se tinha por mais ditoso: muy-
s vezes o achavam diante do seu Christo com o rosto abra-

zado,& lagrimas nos olhos. Os seus desejos eram entrarse pel
Sertaõ a buscar almas, & a morrer por obediencia ao pè de hũ
arvore,como elle dizia. Foy de grande edificaçaõ ver a hum h
mem de tam poucas forças,& tantos achaques, offerecerse sem
pre para os mais difficultosos trabalhos; & o que deyxàra as ca
deyras das Universidades, procurar com todas as veras ensina
huma escola de negrinhos na Aldea. Dizia,que se fora pela su
todo se occuparia em officios da cozinha,& refeytorio; acrecen
tãdo, que isto nelle naõ era virtude, mas sò inclinaçaõ natura

11 Estando avisado por ordem da obediencia para ir diz
Missa a outra Aldea,se toldou o Ceo com nuvens de sorte,que a
meaçava diluvios de agua. Vendo isto o Superior o desaviso
mas como passado algum tempo se fosse o Ceo pondo de outr
ar,tornou a ser mandado, & logo se poz ao caminho. E temp
depois de partir,se desfizeram em tanta agua as nuvens, que
Superior se começou a doer, tendo para si,que quando lhe na
trouxessem ao Padre morto, lho trariam de todo doente. Vo
tando o Padre com a disposiçaõ com que fora,se admirou o Su
perior,& metendo pratica da tempestade, & immensa chuv
lhe perguntou como escapàra. A isto se achou novo o P.Paul
Carvalho,& respõdeo: Padre,nem a mim,nẽ a meu cõpanheyr
chegou essa tẽpestade,porque Deos naõ costuma fiar de mim tr
balhos.

12 De si tinha muy bayxo conceyto, & que naõ era pa
governar a outros,nem ainda por breves horas; quando algum
vez,como a homem,lhe occorria, que o poderiaõ fazer Sup
rior, sacodia de si este pensamento com aquella sentença da E
critura: *Durissimum judicium iis,qui præsunt, fiet.* Pedia ao I
maõ,que assistia com os Padres, o avisasse de toda a falta, q
nelle visse:& quãdo o Irmaõ por saber,que nisso lhe dava gost
o advertia de alguma cousa, o ouvia com grande humildade,d
zendo: Assim he,tem razam,tal sou; se como fraco tornar a ca
hir,nam se esqueça de me avisar.

13 Teve grande mão para consolar, & aquietar escrupulo
sos:este dom por muyto singular reconhecèraõ nelle os nossos
porque todos os que com elle se abriam, ficavam quietos. A su
modestia,& cõposiçaõ exterior dava muyto q ver,& venerar ao
nossos,& aos seculares, os quaes assim em vida, como depois d
morte lhe chamavam o P. Santo; q este bõ nome lhe merece
a sua modestia, indicio das muytas virtudes, que se encobriam
aos olhos. Ouve Padre seu amigo, que com muyta curiosidad
observo

obſervou ſuas acçoens,a ver ſe alguma deſdizia do bom concey-to,que delle ſe tinha;& naõ encontrou com alguma, que naõ concordaſſe com a opiniam, que geralmente avia da ſua virtu-de.

14 Ou eſtiveſſe na Aldea,ou no Collegio, quando a elle vi-nha,ſempre era o meſmo,guardando os meſmos eſtylos; ſahin-do do ſeu cubiculo ſò nas occaſioens preciſas. Celebrava o San-to Sacrificio da Miſſa com eſpecial devoçaõ, & do Canon por diante acompanhava eſta devoçaõ com muytas lagrimas, & fa-zia ternura aos q a ouviam.Depois della tinha como meya hora de recolhimento, poſto de joelhos tam immovel,que todo eſta-va em Deos; nem o deyxava por reſpeytos humanos; acaban-do de dizer Miſſa lhe deram recado,de que o chamava hum Ca-pitaõ,homem igualmente nobre,& rico; a que reſpondeo, que acabava de dizer Miſſa,& naõ era tempo de deyxar a Deos pe-los homens:de cuja repoſta ſe edificou muyto o Capitaõ, & cõ-firmou no bom conceyto,que delle tinha.

15 Da Santiſſima humanidade de Chriſto foy devotiſſimo; & em ſe fallando nella,ſe abrazava tanto, que no roſto viam os circunſtantes reverberar os affectos do animo. Nas feſtas prin-cipaes de Chriſto ſe deſoccupava das couſas, que tinha entre mãos,& gaſtava aquelles dias em oraçaõ, & parte das noytes, como por vezes notàram, os que aſſiſtiam com elle. A meſma devoçaõ tinha,& moſtrava para com a Santiſſima Trindade, & ſempre que a Igreja rezava da feria,lhe dizia huma Miſſa votiva; o que fez com mais eſpecialidade, depois que paſſou ao Braſil, por lhe ter poſto nas mãos aquella ſua glorioſa Miſſam.

16 Na obediencia ſe moſtrou ſempre pontual; & na ſanta pobreza foy tam miudo, que nam uſaria de huma linha,ou agu-lha ſem licença do Superior,dizendo por vezes,que nas materias da pobreza tinha as mãos prezas,& atadas. No amor dos paren-tes ſe ouve,como ſe os naõ tivera: muytos, & muy chegados ti-nha em Evora,porèm já mais os tratou,nem viſitou, nem ſe deſ-pedio delles,quando ſe partio para o Braſil;& muyto menos lhe eſcreveo,ou fallou delles nas ſuas praticas;ſó á Companhia cha-mava muytas vezes Mãy,& a eſta amava, & tinha em lugar de todos os conſanguineos.

17 Dous mezes antes de morrer, fallando com hum noſſo lhe diſſe,que tinha certa tentaçam; & perguntandolhe em que materia, reſpondeo ſorrindo-ſe, que deſejava prègar, para re-prehender vicios,& peccados;& acrecentou: porèm tenho mais

obrigaçaõ a lingua, para ajudar as almas deſtes pobres Indio
Vendo os Superiores,que a ſebre etica o conſumia, ordenàra
para ſe lhe acudir com a caridade da Companhia, que deyxad
a Aldea,ſe foſſe para o Collegio, & aſſim ſe ouve de recolher
elle,& ſugeytar ás medicinas; as quaes todas aceytava ſem
deſviar hum atomo da vontade dos que as applicavam. Perſua
dido,que era chegada a ultima hora, ainda que toda a vida fo
apparelho para ella;agora, como coſtumaõ os Santos,fez eſpe
ciaes diligencias; dando todos graças a Deos por verem a al
gria,com que eſtava, que naõ parecia de quem avia de morre
mas ſò de quem paſſava a tomar poſſe de huma grande felicida
de.

18 O tempo gaſtava em colloquios, offerecendo a Deos
võtade ǭ tinha de ſalvar almas; naõ acabando de lhe dar graça
por morrer na Companhia, & tambem na Provincia do Braſi
& tudo dizia com taes affectos, & palavras, que nam eſtava n
mão dos que as ouviam, conter as lagrimas. Avizinhando-
mais a morte,pedio a extrema-unçam, & a recebeo em ſeu ju
zo perfeyto,porque ſempre o conſervou;a tudo reſpondeo, ten
do as mãos levantadas ao Ceo, & os olhos em hum Crucifixo
ǭ fora do P.Meſtre Simaõ Rodrigues;ao qual nunca largou da
mãos,em quanto lhe durou a vida. Acabada a extrema-unçam
com os olhos cheyos de lagrimas, & poſtos no Santo Crucif
xo,fez hum breve colloquio, em que diante da Communidade
ǭ aſſiſtia, pedio tres couſas. Primeyra,perdaõ a todos das falta
& mao exemplo,que com ellas tinha dado. Segunda, que e
quãto Deos foſſe ſervido de o ter naquella cama,pedia encareci
damente a todos que com ſuas oraçoens o ajudaſſem diante d
Deos. Terceyra,que tambem o ajudaſſem a dar as graças a Deo
pela grande mercè,que lhe fazia em o levar para ſi em ſua ſant
Companhia: neſte tempo choravam de devoçaõ, & confuſaõ o
preſentes,atè que com huma bella paz acabou eſta vida mort
para dar principio à eterna,aos quinze de Mayo de 1621. dou
annos menos dous mezes & meyo depois de chegar ao Braſi
tendo quarẽta & cinco annos de idade,& trinta de Companhia
na qual foy profeſſo do quarto voto.

19 Bom teſtimunho he da virtude deſte Religioſiſſimo Pa
dre,a geral opiniam, que delle avia neſta Provincia, & ſe deyx
bem ver,do que eſcreve acerca delle o Veneravel Padre Joa
Cardim em huma ſua repoſta para o Padre Antonio Cardim
ſeu Irmaõ,que vivia no Collegio de Evora, no eſtado que cha
mamo

mamos do Recolhimẽto,em tempo, que o Padre Paulo Carva-
ho era Prefeyto dos Irmãos: diz pois assim.

20 Muyto me consoley de ter na ausencia do Padre Sebas- Na vida
tião Rodrigues ao Padre Paulo Carvalho em esse Recolhimen- do Padre
o,porque desejo eu muyto, que elle aprenda de suas muytas João
virtudes,& ainda que nunca,que me lembre,falley com elle,com Cardim
udo pelo que dellas tenho ouvido, o amo em Christo cõ muy l.5.carta
rdente amor,pelo que muytos Irmãos, que conheci, & tratey 27.
no Collegio de Coimbra,me diziam delle, & todos os que eram
eus confessados,saõ de muyta virtude,& exemplo. Este o testi-
munho,que por ser de tam santo homem, he huma grande abo-
naçaõ do Padre Paulo Carvalho.

CAPITVLO VII.

Vida do Padre Doutor Leaõ Henriques, & do Padre Manoel Duarte.

1 O Padre Leaõ Henriques, naõ o Confessor do Cardeal Rey Dom Henrique,mas outro da mesma familia,& nome,seu sobrinho, foy na virtude grande imitador de seu tio. Nasceo este bemdito Religioso na Villa das Alcacevas no Arcebispado de Evora. Seus pays se chamàraõ Henrique Hẽriques,& D. Maria de Aragaõ,Senhores da dita Villa,& de sãgue muy illustre. Puzèram a seu filho por nome Pedro, & o conservou atè entrar na Companhia; aonde tomou o nome de Leaõ por memoria de seu Religiosissimo tio o Padre Leaõ Hẽriques Confessor do Serenissimo Cardeal Rey.

2 Criàram-no seus pays como Senhores virtuosos com grãde amor à virtude,& santos costumes. Teve antes de entrar na Companhia huma valente tentaçam sua virginal pureza,em que se vio,quanto amor tinha a esta Angelical virtude. Sahira elle acompanhado de seus criados a espayrecer atè huma das hortas da Villa. Retirouse delles algum tanto por lugares,onde naõ era visto,de quem o acompanhava;quando se acha com huma muchacha muy especiosa, & carinhosa,que o incitava a deshonestidade. Ficou assombrado o virtuoso mancebo, & como sem sangue,& despavorido soltou a correr,para onde deyxàra seus criados. Como todos se assustassem, & lhe perguntassem a causa da novidade,elle com a falla cansada do correr, lhes descobrio, o que passàra. Cheyos de furia vam apressadamẽte àquelle lugar,

 para

para castigarem tal atrevimento,deram huma,& outra volta,fizeram exquisitissimas diligencias, sẽ descobrirem a muchacha que em tal lugar naõ era possivel occultarselhe:& ficàram entẽdendo,que o demonio tomando tal figura, intentára fazer cahir a seu Senhor.

3 Foy Dom Pedro estudar à Universidade de Evora, aonde com os bons exemplos dos nossos Religiosos seus Mestres se affeyçoou tanto á Companhia, que pertendeo ser hum de seus filhos. Teve sua mãy noticia desta pertençam, & para o esfriar nella,& ò divertir,o mandou retirar para as Alcacevas, que dista como cinco legoas de Evora. Ouve-se Dom Pedro com dissimulaçaõ,para que a mãy entendesse, nam avia, quanto se lhe dissera;& vivia dentro de si com grandes ansias de ser da Companhia. Passáram por aquella terra muy acaso dous Religiosos da Companhia: às escondidas se foy a elles,pedindolhes,o levassem comsigo a Evora: assim o fizèram, & elle em chegando se meteo em o Noviciado da Companhia, porque a sua vocaçaõ era muy conhecida,& provada.

4 Entrou aos 17. de Dezembro de 1590. tendo 15. annos de idade,mudando,como fica dito,o nome de Pedro Henriques,em o de Leaõ Henriques. Foy esta vocaçaõ tam assinalada,que della se faz mençaõ nas Annuas da Cõpanhia de 1590. Em Evora passou todo o seu Noviciado,& estudou as sciencias, leo Philosophia,casos de consciencia, & se formou Doutor na Sagrada Theologia. Foy homem de grande caridade,a qual parece sò tinha refrigerio,quando andava pelos Hospitaes, & pelas cadeas, acodindo a toda a sorte de miserias.

5 A hum livrou da morte, quando já se andava tangendo à campainha da Misericordia para convocar os Irmãos,q̃ aviaõ de acõpanhar atè á forca a hum moço condenado á morte jà segũda vez. Foy mandado o Padre Leaõ Henriques ao carcere para fallar de Deos ao condenado, a quem avia de acompanhar no seu supplicio. Era isto hum Domingo à tarde,& na segunda feyra se avia de executar a sentença. O Padre Leaõ Hẽriques fallãdo cõ o moço achou ser de menor idade. Voltou a casa, fez huns embargos, & pela meya noyte tornou ao carcere,para se inteyrar mais do negocio.

6 Logo que amanheceo,foy ter com o Desembargador,para que lhe aceytasse aquelles embargos; depois de muytas replicas,disse que lhos trouxesse. Foy fallar com o letrado da Misericordia,para q̃ em seu nome os assinasse. Respondeo, q̃ tal naõ faria,

aria, por ferẽ fegundos embargos. Entam fe valeo do Provedor
a Mifericordia, & lhe pedio, que fe aſſinaſſe ao pè daquelles
mbargos: aſſim o fez, com mais oyto, ou nove Irmãos da Meſa,
que o Padre foy bufcar a fuas cafas. A efte tempo, que o Padre
ndava nefta diligencia, foava pelas ruas a campainha da Mife-
icordia. A praça eftava cheya de gente, & tambem as ja-
ellas das ruas, por onde o condenado avia de paſſar. Todos
inham por efcufados os paſſos, que o Padre dava.

7 Porèm elle feyta a fua diligencia, levou o papel ao Def-
mbargador, o qual fe ajuntou com os mais Julgadores. Viraõ,
& recebèram os embargos, & mandàram dizer ao Padre, que
visto ter tido tanto trabalho em livrar fegunda vez ao condena-
o, que o eftava por voto de todos, & ferem de receber os embar-
gos, que elles os aviam por bons, fe fe provaſſem. Ficou a gente
fpantada, quando vio fahir ao Padre da cafa da Camera, & ven-
er coufa, que fe tinha por naõ imaginada, antes todos fe riam
le o ver andar empenhado em femelhante cuidado. Jà o algoz
ftava na cadea com alva, & cordas, quando o Padre defceo a dar
nova. Foy tal o contẽtamento dos prefos, que a huma voz gri-
àram dizendo: Vivam os Padres da Companhia de Jefu, q̃ naõ
ò nos acodẽ ás almas de dia, & de noyte, mas tambẽ aos corpos.

8 Depois mandou o mefmo Defembargador á cufta da Mi-
fericordia fazer diligencia pelo Juiz de fòra de Beja, donde era o
prezo, acerca da fua idade. O Cura perfuadido tinha mais de 24.
annos, fonegou o livro do Bautifmo. Valeo-fe entaõ o Juiz de
teftimunhas, & do Inventario da mãy do mefmo prezo, que to-
dos diziam paſſar dos 24. annos; mas o Padre fez com o Vigario
Geral, que obrigaſſe ao Cura dizer, o que o livro tinha, & paſſar
diſſo certidaõ por Tabelliaõ em modo, que fizeſſe fè; & por fim
de tudo fe achou, fer de menor idade; por iſſo foy condenado a
galès, depois de fe darem os embargos por provados: dando o
Padre todos os feus paſſos por bem empregados por livrar da
morte, a quem jà a tinha em cafa.

9 Nos ultimos dez annos de fua vida fe occupou em enfinar
a doutrina Chriftã aos Meninos com grande fruto, & utilidade
publica, perfuadindo-fe, que entam fazia mais o officio de Dou-
tor, que quando fe empregava no magifterio das cadeyras; bufca-
va efmolas com que acodir ás neceſſidades dos prezos, levando-
lhes elle mefmo, o que comprava com o dinheyro, que fe lhe ti-
nha dado. Huma vez comprou huma peſſa de pano, para acodir
ao abrigo dos prezos, & tomando-a às coftas, pelo meyo da pra-
ça

ça de Evora a levou à cadea, com geral edificaçaõ dos que
viam,& conheciam bem ſua nobreza. Achando que hum prez
dormia ſobre a fria terra,por naõ ter outra cama, elle em peſſo
foy comprar huma eſteyra, tomando-a ſobre ſeus hombros lh
levou,& entregou.

10 Sendo tam nobre, era tam humilde, que ſe tinha pel
mais vil de todos, & aſſim ſe coſtumava elle chamar bichinh
vil da terra,& outros nomes, com que moſtrava o conceyto
que de ſi formava. Hum mancebo,a quem o Padre Leaõ Hen
riques confeſſou algumas vezes na ultima doença, apparece
depois de morto a huma ſua Irmã, dizendolhe as muytas ſila
das,que o demonio lhe armára na hora da morte, mas que d
todas fora livre por meyo do Padre Leaõ Henriques; acrecen
tando,que era homem muy agradavel a Deos,& temido dos de
monios. Era homem de mortificaçaõ, pois aquellas acçoen
que fazia tam cheyas de humildade, naõ eſtavam ſem elle pel
mortificaçaõ eſtar morto ao mundo. Todos os dias ſe diſcipli
nava rijamente duas vezes,& dous dias cada ſomana jejuava.

11 Hum homem nobre das Alcacevàs padecia extrema ne
ceſſidade, porèm a ſua qualidade o fazia calar: eſcreveo o Padr
Leaõ Henriques a ſeu Irmaõ Senhor da Villa, que ao tal hom
ſoccorreſſe com huma boa eſmola. Logo que recebeo a carta
o mandou chamar,& lhe diſſe: He poſſivel,que eſtejais neſtes a
pertos,& naõ me declareis nada? Senhor, reſpondeo o homem
tudo iſſo he verdade,mas a minha anguſtia ſò eu,& Deos a ſabia
mos: & donde teve voſſa Senhoria noticia tam occulta? Entan
lhe leo a carta de ſeu Irmaõ; & ficáram entendendo, que Deo
revelàra àquelle caritativo Padre a extrema penuria daquell
homem,para por eſte meyo lhe acodir,como em effeyto acodio

12 Eſte ſeu Irmaõ eſtando por duas vezes doente de eſqui
nencia,pondolhe o Padre Leaõ Henriques a maõ arrebentáran
as empolas. Hum homem trazia em Evora demanda com ſe
ſogro ſobre o dote,que ſe lhe promettèra;deſcõfiado de a pode
vencer,determinou deyxar a mulher, & irſe para Caſtella. Ind
jà de Elvas para Badajoz, lhe appareceo o Padre Leaõ Henri
ques levando por companheyro ao Irmaõ Bertholameu Lourẽ
ço;ſabendo delle o Padre a cauſa do caminho,lhe diſſe, que tor
naſſe para Evora, que elle lhe negociaria os papeis. Voltou o
homem,& contando a ſeu Confeſſor o ſuccedido, teve diſto no
ticia o Padre, & foy de joelhos pedir ao Confeſſor, tal naõ diſ
ſeſſe,em quãto elle foſſe vivo. Eſte meſmo caſo referio o Padre a
ſeu

eu Confessor antes de morrer. Por este tam admiravel modo emediou Deos aquella desordem. Avendo no Collegio de Evo- a humas graves doenças , quiz o Senhor apremiar as virtudes este seu servo,& o levou para si naquelle Collegio aos doze de Novembro de 1621. Nos ultimos dias de sua vida dizia cada dia rezentos actos de contriçaõ pelas contas,& nos extremos fazia ctos de fé, esperança , & caridade. Antes da Missa vestia hum ilicio,& dizia as Ladainhas do Santissimo Sacramento.

13 O Padre Manoel Duarte nasceo na Freguezia de Saõ Evora Manços do termo de Evora. Na mesma Cidade entrou na Cõ- 14. de anhia aos 6. de Março de 1598. tendo quatorze annos de ida- Feve. reyro de e. Foy em toda a sua vida homem de costumes santos , & vida 1634. nnocente. A estes dotes da graça se ajuntàram muytos da natu- eza;porque foy de engenho felicissimo. Ensinou Philosofia na Universidade de Evora ; & continuaria no magisterio das mais sciencias,se o naõ carregassem os achaques. Os dotes da nature- a,que a outros fazem entonados, lhe serviam de mais se humi- har.

14 No Collegio de Santo Antaõ servia muytas vezes na co- inha. No de Evora por muyto tempo fez officio de porteyro om singular edificaçaõ de todo o Collegio, que venerava gran- emente esta sua humildade;& foy isto por tanto tempo , que omo cousa de especial edificaçaõ se refere no livro dos Obitos. Os de casa,& os de fòra olhavam para elle,como para hum vivo etrato da santidade. Neste officio fazia aos pobres repetidas aridades,pedia esmolas aos Superiores;& quando lhe davaõ al- guma repulsa,dissimulãdose fazia noutra volta,& espreitãdo me- hor conjunçam,tornava a solicitar a esmola,para que ninguem e fosse da portaria desconsolado.

15 Esta propensaõ a fazer bem era no Padre Manoel Du- arte como herdada de seus pays , que foram muy virtuosos. De seu avò constava,que toda a cera,q̃ no seu officio,& Missa de de- funtos depois de morto ardera,nada diminuira no pezo. Tam- bem he boa prova de sua virtude, o que lhe aconteceo , quando avia de estudar Theologia:quiz o Padre Provincial, q̃ a fosse es- tudar a Roma;porèm o Padre Reytor encontrou esta determi- naçam,dando por razaõ,que de nenhum modo cõsentiria,que o seu Collegio,& Theologia carecesse do raro exemplo de virtu- de,& modestia do Padre Manoel Duarte , & neste pensamento insistio tam de veras, que o Padre Provincial mudou de pare- cer.

16 Na oraçaõ foy tam fervoroſo, que hum homem de aut ridade affirmou, o vira levantado da terra, quando orava. Tod os dias ſe diſciplinava rijamente, ſem os achaques darem alg mas tregoas ao rigor. Quando jà obrigado da enfermidade, por ſe nam poder ter nos pés, o metèram na cama, deſpindoo vestido o achàram apertado com hum aſpero cilicio. Delle póde dizer, que todos os dias jejuava, por ſer parciſſimo na me No veſtido, & mais alfayas do ſeu uſo todo era a meſma pobr za. Tido, & avido de todos por homem de vida inculpavel; por ſer geral a boa opiniam de ſua ſantidade, della ſe fizeram c ferencias, & eſcriptura mais larga que eſta, a qual me naõ vey ás mãos, ſe acaſo exiſte ainda. Faleceo no Collegio de Evo aos 14. de Fevereyro de 1634.

CAPITVLO VIII.

Vida do Arcebiſpo Dom Franciſco Garcia. Das occupaçoens, q teve até ſer Arcebiſpo.

Em Cranganor 3. de Setembro de 1659

1 O Arcebiſpo Dom Franciſco Garcia exemplo de Sã tos Prelados, & de Religioſos Santos, naſceo n Villa de Alter do Cham, que pertêce ao Biſpado de Elvas. Seu pays ſe chamàram Joaõ Garcia, & Catherina Gomes. Dezoyt annos tinha de idade quando ſe conſagrou a Deos neſte Nov ciado aos doze de Junho de mil quinhentos noventa, & oyto ſendo Meſtre dos Noviços o Padre Nuno Maſcarenhas. N anno de mil ſeiſcentos, & dous paſſou á India para ſervir a Deo nas Miſſoens. Neſte anno ſe embarcáraõ para o Oriente ſinco enta, & oyto da Companhia, indo por Superior de todos o Pa dre Alberto Laercio.

2 Depois de acabar os ſeus eſtudos em Goa, foy mandado en ſinar Philoſofia na Cidade de Cochim. Deſejava muyto gaſta a ſua vida, ganhando almas para Deos nas Miſſoens, que foram os penſamentos, que o tinham deſterrado de Portugal. Acaba do o Magiſterio da Philoſofia, lhe compriraõ os Superiores ſeu deſejos, & foy mandado à Coſta da Peſcaria, aonde por muyto annos exercitou os miniſterios Apoſtolicos na converſaõ da almas.

3 Mas como os ſeus talentos tinham grandes preſtimos para as cadeyras, & Magiſterio das ſciẽcias, lhe ordenou a obediencia voltaſſe a Goa, aonde por muytos annos enſinou a Sagrada

Theo

Theologia, ſendo a todos os noſſos, & aos de fòra hum vivo exemplo de virtudes Religioſas. Naõ ſe atava a ſua esfera nem ſó às Miſſoens, nem ſò ás cadeyras, tinha muyta prudencia, & acerto para os governos. Foy Reytor do Collegio de Baçaim, do de Saõ Paulo em Goa, da Caſa Profeſſa, & ultimamente Provincial. Em todas eſtas occupaçoens ſe ouve com aquelle zelo, & inteyreza, que a Companhia quer nos ſeus Superiores. Nas vacancias, que tinha entre huns, & outros governos, ſe retirava ás Ilhas de Salſete occupando-ſe na converſaõ das almas. Alli aprẽdeo com grande perfeyçaõ a lingua Canarim, & nella foy Meſtre inſigne.

4 Bem deſcuydado eſtava o Padre Franciſco Garcia de governos fòra da Companhia, quando lhe chegou carta del-Rey, em que o aviſava da eleyçaõ, que tinha feyto em ſua peſſoa, para Coadjutor, & futuro ſucceſſor do Arcebiſpo da Serra. Com a nova, que o tomou em Salſete, teve hum grande accidente, indicio da pena, que tinha de ſe ver honrado. Semelhante accidẽte teve tambem em Goa, quando o nomeáram Provincial. Quãdo por morte do Arcebiſpo Dom Eſtevam de Brito, entrou na poſſe do Arcebiſpado, teve igual accidente & quando o ſagràraõ em Biſpo, vendo trocado o ſeu barrete pela Mitra.

5 Tanto que teve a noticia, que avia de ſer Prelado dos Malavares, & Surianos, logo mandou trazer de Cranganor huma arte da lingua Suriana, que he a que nos officios divinos uſam os Chriſtãos da Serra, & a começou de veras a eſtudar. Depois aperfeyçou eſte eſtudo em Cranganor. Finalmente lhe chegáram as letras de Urbano Oytavo com titulo de Biſpo de Aſcalona, Coadjutor, & futuro ſucceſſor do Arcebiſpo da Serra. Sagrouſe em Goa na Igreja da noſſa Caſa Profeſſa, pelo Arcebiſpo Primaz da India Dom Franciſco dos Martyres, & pelo Patriarca de Ethiopia Dom Affõſo Mendes, & Biſpo de Hierapoli Dom Joaõ da Rocha; eſtes dous ultimos ambos da noſſa Companhia. Eſta ſolemnidade ſe fez em dia de todos os Santos do anno de mil ſeiſcentos, & trinta, & ſete.

6 Logo ſe embarcou para Cochim, & dalli para Cranganor, aonde foy recebido do Arcebiſpo Dom Eſtevam como alivio da carga, com que já naõ podia por ſeus muytos annos, & achaques. Morava o noſſo Biſpo de Aſcalona em Cranganor no Collegio da Companhia, com tanta exacçam na obſervancia religioſa, como ſe foſſe hum dos ſubditos mais comedidos. Mas como o Arcebiſpo já nam podia ſahir a viſitar as Chriſtandades, o Biſ-

o Biſpo ſe lhe offereceo, para o aliviar neſte trabalho. Por tanto tomou à ſua conta viſitar as Chriſtandades, que ficam ao Sul de Cranganor. Eram eſtas as mais neceſſitadas, & tambem a viſita muyto mais trabalhoſa; aſſim por eſtarem os Chriſtãos em diverſos Reynos de Reys gentios, que tinham pouco, ou nenhum cõmercio com os Portuguezes, & por iſſo guardavam menos reſpeyto á peſſoa do Biſpo; como tambem por ſerem aquelles Chriſtãos muy feytos à ſua vontade, & mais affeyçoados ao ſeu Arcediago, & por iſſo faceis em ſe rebellarem contra o ſeu Prelado.

7 Por todos os inconvenientes cortou o zelo do Biſpo, & andando de huma em outra Igreja, & Chriſtandade chegou atè á Corte do Reyno de Travancor, onde eſtá a ultima Igreja. Nam ſe pòde explicar o muyto que neſta larga, & trabalhoſa viſita obrou em ſerviço de Deos, & o muyto, que padeceo; aſſim por razaõ dos caminhos, que por ſerem fragoſos, era obrigado muytas vezes andar a pè; como tambem pelas moleſtias, que lhe davam alguns Chriſtãos rebeldes, & pouco amigos da ſugeyçam aos ſeus Prelados. Os Reys gentios lhe eraõ de naõ pequeno eſtorvo, tal vez induzidos por alguns maos Chriſtãos, era neceſſario com dadivas comprar a paſſagem pelos ſeus Reynos. Tudo deo o Biſpo por bem empregado, pelo grande fruto, que recolheo dos ſeus trabalhos. Ficáram todos os Chriſtãos daquellas terras confirmados na obediencia ao ſeu Prelado, & à Igreja Romana.

8 Recolhido o Biſpo a Cranganor continuava na exacçam da vida religioſa em o noſſo Collegio, onde, como fica dito, era a ſua habitaçaõ. Aperfeyçoou-ſe na lingua Suriana. Aſſiſtia ao Confeſſionario, como qualquer dos Religioſos da caſa, ſem ſe izentar das penſoens da Communidade. Morreo finalmente o Arcebiſpo Dom Eſtevaõ de Brito de huma apoplexia aos dous de Dezembro de mil ſeiſcentos, quarenta, & hum. Logo entrou no governo do Arcebiſpado Dom Franciſco Garcia, ſendo reconhecido, & obedecido de toda aquella Chriſtãdade, & atê do Arcediago dos Chriſtãos da Serra. Eſte no principio poz algumas replicas, para nam obedecer, mas finalmẽte por ſantas induſtrias do Padre Jacinto de Magiſtris da Companhia, ſe ſugeytou, & veyo a Cranganor com grande acompanhamento de Chriſtãos, & Sacerdotes, a que elles chamam Caſſanares, & rendeo obediencia ao novo Arcebiſpo.

9 Mas porque eſtes Chriſtãos da Serra, & eſte Arcediago, foram

ram materia de grandes revoltas, & deraõ grandes occaſioens
e ſofrimento ao Arcebiſpo. Serà bem ſayba de caminho quem
r eſta hiſtoria, quem ſam os Chriſtãos da Serra, & quaes eram
s ſeus Prelados, & o motivo que tiveram para ſe rebellarem
ontra o Arcebiſpo. Tudo ſe farà com a brevidade, que puder
r, para irmos deſcahindo com a narraçaõ nas couſas do noſſo
rcebiſpo, a cujo cargo eſtavaõ eſtes Chriſtãos.

CAPITVLO IX.

Dà-ſe noticia dos Chriſtãos da Serra, de ſeus Arcebiſpos, & Arcediagos.

1 ESta Chriſtandade da Serra no Malavar he muyto antiga, & do tempo do Glorioſo Apoſtolo Saõ Thomè. Conſta aſſim dos Chriſtãos, que o Santo fez nas erras junto a Cranganor; como daquelles, que converteo a Cidade de Meliapor onde foy martyrizado. Eſtes de Meliapor, vendo-ſe ſem abrigo algum, & perſeguidos dos gentios, deyxando ſua patria, ſe vieram a morar nos lugares da Serra. Eſtiveraõ eſtes Chriſtãos muyto tempo ſem Prelado depois da morte do Santo Apoſtolo. E finalmente lhe vieram Arcebiſpos de Babylonia, os quaes como eſtavam inficionados com os erros e Neſtorio, & Dioſcoro, tambem os pegáram aos Chriſtãos, de quem eram paſtores.

2 Aſſim ſe governáram atè o tempo, que os Portuguezes ntráram na India. Mas como ſe entendeſſe, que eram hereges ſtes Arcebiſpos, prendèram os Portuguezes aos dous ultimos, que ſe chamavam Mar Joſeph, (Mar he o meſmo q̃ Senhor) & o outro, que foy o ultimo, que veyo de Babylonia, Mar Abraham. Mar Joſeph veyo preſo para Portugal, & cà morreo. Mar Abrahaõ vindo em ferros, como a nao aportaſſe a Moçambique, teve traça para fugir, & ſe foy a Babylonia. Mas como entendeſſe, que naõ poderia viver na Serra, ſenaõ vieſſe mãdado pelo Pontifice Romano, paſſou a Roma, aonde ſe fingio reduzido ao gremio da Santa Madre Igreja Romana. O Papa o mandou ordenar, porque atè àquelle tempo naõ tinha ordens algumas, tal era eſte Arcebiſpo; depois o mandou ſagrar por hum Biſpo, & lhe deo bullas, para que ſe voltaſſe a governar a ſua Igreja de Cranganor, aonde era a reſidencia deſtes Prelados.

3 Chegando a Goa com as letras do Summo Pontifice, o

Viso-Rey,& o Arcebispo Primás temẽdo naõ fosse tudo ficção o retivéram como em custodia no Convento de S. Domingo de Goa,atè se informarem de Europa. Porèm elle em hũa quinta feyra Santa se pode escapar do Convento, & passando-se terra firme,deo comsigo no Malavar, onde foy bem recebido dos Christãos da Serra,& continuou como antes ensinãdo seus erros. Tendo noticia disto o Papa Clemente VIII. ordenou ao Arcebispo de Goa Dom Frey Aleyxo de Menezes,se informasse,& achando,que Mar Abraham continuava em seus antigos erros,lho mandasse a Roma; & no entretanto puzesse naquella Igreja algum Governador Latino.

4 Neste meyo tempo morreo Mar Abraham tam herege como sempre fora. Quiz o Arcebispo de Goa pòr naquella Igreja Governador Latino,mas nam lhe foy possivel. Por tanto fazendo,como dizem,do ladraõ fiel, fez Governador ao Arcediago,que era a segunda Dignidade daquella Igreja, mandando-lhe primeyro fazer profissaõ da Fè Romana;a qual elle fez fingidamente, ficandolhe no coraçaõ o veneno das suas heregias. Depois vindo á Serra Dom Frey Aleyxo sugeytou de algum modo este Arcediago, & a sua Christandade á Igreja Romana. Os tempos vieram a mostrar,que esta obediencia naõ era de coraçaõ. Porque vindo depois Dom Francisco Roz da Companhia de Jesu por Arcebispo da Serra,(& foy o primeyro da Igreja Latina,que teve esta dignidade) sempre teve cõtendas com o Arcediago,& com os seus sequazes. Mas como tinha por si o favor dos Viso-Reys da India, & Capitaens de Cochim,os sugeytou alguma cousa mais,quanto á apparencia;que na realidade sempre o Arcediago foy o mesmo.

5 A Dom Francisco Roz succedeo no Arcebispado Dom Estevam de Brito tambem da Companhia; & com ser hum homem de condiçaõ affavel,& manso, quanto dizer se póde, sempre o Arcediago,& os seus o perseguiram, escrevendo delle ao Papa,& a el-Rey,quãtas mentiras lhes dictava a sua malicia. Vẽdo-se este bom velho assim vexado, & tendo para si, que dando algumas largas ao Arcediago na materia de poderes,o abrandaria,& poria em razaõ, lhe concedeo algumas izençoens, de que ao depois muyto se arrependeo; porque alèm de naõ tirar dellas o fruto,que pertendia, o Arcediago se entonou mais, tendo-se quasi por administrador absoluto sem dependencia do Arcebispo. Assim o permittio Dom Estevaõ,vendo que mais naõ podia. Morreo este Arcediago, & lhe succedeo outro, que ainda

na

naõ tinha de idade trinta annos, & era homem de roins costumes,& além disso idiota: nem as letras destes Ecclesiasticos se adiantam a mais,que a saber a lingua Caldea em que administram os Sacramentos,& celebraõ os Officios Divinos,como nòs a lingua Latina.

6 Morrendo D. Estevaõ lhe succedeo no Arcebispado D. Francisco Garcia. O qual vendo como naõ podia largar a sua jurisdiçam a hum homem moço, idiota, & de roins costumes, foy apanhando as velas,& cerceando as izençoens em que o Arcediago se queria conservar, com afronta da dignidade Arcebispal, & detrimento das almas.Sofreo o Arcediago tam mal esta resoluçaõ do Arcebispo, que nos primeyros tres annos andou quasi sempre alevantado contra o Arcebispo;& ao tempo, que avia de receber certa congrua, que se lhe dava, se congraçava com elle; mas em a recebendo se tornava a seus desatinos. Como este Arcediago era natural da terra, tinha grande autoridade com os Sacerdotes,& Christãos; & delles era obedecido, & amado como cousa muyto sua,& do seu agrado.Para elles eraõ seus ditos, & ordens,como para outros saõ os Euangelhos, & Concilios; por isso os Arcebispos andavam como à mercè do Arcediago.

7 A causa desta Dignidade se aver nesta fórma,& tomar tanta mão,& atrevimento, era naõ terem os Arcebispos com elle força coactiva, por residir em terras sugeytas a Reys gentios,os quaes nestas discordias tinhaõ grãdes lucros;& o Arcebispo para effeytuar algũa cousa avia primeyro de grangear cõ dinheyro a vontade dos Reys;&o Arcediago para contraminar os designios do Arcebispo tambem se valia do dinheyro, & nisto por ter por si aos Cassanares,& Christãos podia mais que o Arcebispo. Alèm do dinheyro naõ lhe faltava manha,& malicia com que enganava a mayor parte dos Christãos; & ainda malquistava ao Arcebispo,& Missionarios da Cõpanhia. Escrevia cartas cheyas de mil calumnias,& mentiras aos Viso-Reys da India, Arcebispo de Goa,& aos Inquisidores;dizendo que naõ queria na Serra aos da Companhia;pedindo humas vezes estes, outras aquelles Religiosos;os quaes se insinuavam com o Arcediago,& eram os paracletos das cartas.

8 A causa de muytos se quererem meter nas Missoens da Serra,se entendeo,cuydarem,que os da Companhia recolhiam dalli grandes emolumentos temporaes;mas finalmente vieram a conhecer,que os proveytos, que dalli tiravam os da Cõpanhia,

eram andar a pè,& descalsos por lamas,atoleyros,espinhos,d
mindo no chaõ,comendo mal,& padecendo muytas injurias c
rebeldes ao seu Prelado. Naõ costumavaõ os da Companhia
Vigarios das Igrejas da Serra,por quanto os seus Parocos saõ
Sacerdotes naturaes da terra,que como dissemos fazem os O
cios Divinos na lingua Caldea. O seu ministerio era andar
Missam de humas em outras terras convencendo os erros,
que os tinham;& confirmando na fé,& uniaõ da Igreja Ron
na aos que a ella se tinham agregado.

9 Tambem os fautores, que o Arcediago tinha em Cochi
ou por emulaçam ao Arcebispo, & aos da Companhia, ou p
outras razoens mal fundadas,lhe davam ousadia, para continu
em suas rebeldias,com grande detrimento da Christandade,

CAPITVLO X.

Causa da total rebelliam do Arcediago, & diligencias, que po
Arcebispo,para as atalhar.

1 NOs primeyros onze annos, que o Padre Francis
Garcia foy Arcebispo,sempre tiveram pouca fo
ça as rebeldias do Arcediago;porque ainda que humas vezes
rebellava,& outras se sugeytava, & nunca se presumia nelle fi
meza,com tudo a mayor parte da Christandade esteve semp
muy sugeyta, & obediente ao seu Arcebispo. Os Padres and
vam em Missam, & eram bem recebidos, nas Igrejas, com b
nevolencia,& amor. No anno de mil, & seiscentos & sincoe
ta,& dous, se achava esta Christandade nas melhores altura
que nunca teve,assim pela vigilancia do Arcebispo, como pel
incansaveis trabalhos dos filhos da Companhia.

2 Nam deyxava o Arcediago pedra, que naõ movesse pa
abalar o edificio daquella Igreja,que se hia confirmando na ob
diencia a seu Prelado,& à Igreja Romana,mais do que elle qu
zera,& o demonio,de quem era singular ministro. Como tinh
no coraçaõ os ritos Babylonicos, & propensaõ áquelles Arc
bispos;entendendo, que vindo de lá algum Anti christo ficar
o seu partido mais adiantado, escreveo repetidas cartas, & fe
muytas diligencias secretas para conseguir este intento;& final
mente tiveram effeyto suas negoceaçoens.

3 Porque no sobredito anno appareceo em Meliapor hun
Armenio,que dizia ser Patriarca de Damasco, & que vinha a
governar os Christãos de Saõ Thomè, por causa das muyta
cartas,

artas, que tinha escrito o Arcediago; doendo-se da miseria, & stado a que tinha chegado aquella Christandade sendo doutrinada por Sacerdotes Latinos, & tendo Prelado tambem Latino; ndo que aquella Igreja sempre fora administrada por Arcebisos de Babylonia, & só a elles, dizia, que queriam por seus Prelaos.

4 Por esta causa o Patriarca Babylonico lhes mandou a este rmenio com todos os seus poderes, & instruçoens. Só lhe falou a boa instruçam da viagem; porque podendo muyto a seu alvo vir a Calecut, & dalli por terra meterse entre os Christãos, or quem era chamado; veyo a Surrate, & por terra foy a Meliapor: por ventura imaginando, que por se chamarem aquelles Christãos de Saõ Thomè, averia naquella Cidade om numero delles, & dos que o queriam por seu Prelado. osse levado de que motivo fosse, tanto que soube sua inda o Padre Reytor da Companhia, dando conta ao Governador do Bispado, & ao Cõmissario do Santo Officio, reteve no Collegio ao Armenio, para dalli o enviar a Goa, sem tocar Cohim.

5 Boa diligencia foy esta, se tambem se evitàra fallar com essoa alguma dos naturaes, para que nem noticia de tal monstro e divulgasse. Succedeo naquelle tempo, que elle chegou a Saõ Thomè, virem alli em romaria dous Seminaristas dos que estudavam lingua Suriana no nosso Seminario de Vaypicota, & cõ apa de fazerem a tal romaria, tinham fugido do Seminario. Cõ stes teve modo para fallar o Armenio, & por elles escreveo ao Arcediago varias ordens, que elle ao depois allegou nas desordens, que fez.

6 Voltáram os Seminaristas à sua terra com as cartas, & enchèram toda a terra com a fama da chegada do novo Arcebispo, dizendo delle ser muy Santo, & ainda fingindo milagres, que diziam ter feyto. Tanto que o Arcediago recebeo as cartas, & por boca dos Seminaristas ouvio, o que se usava com o seu novo Arcebispo em Saõ Thomè, sendo tam Santo como era, & mãdado de Roma pelo Papa, escreveo a todas as Igrejas as tyrannias que os Padres com elle usavam. He de saber, que o mesmo Arcediago, ou tinha escrito a Babylonia, que o novo Prelado dissesse ser mandado do Summo Pontifice Romano, ou que elle agora assim o fingio; porque os mais dos Christãos desenganados pelos Missionarios, de que sò a fé Romana era a verdadeyra, não o reconheceriam facilmente, constandolhes vir de Babylonia.

7 Com as cartas do Arcediago se amotinàram todas as Igrejas,& Cassanares contra os Religiosos da Companhia, dizendo que eram hereges,& scismaticos, por terem preso a hum homẽ Sãto mãdado pelo Papa. Entráraõ muytos em tal furia, q̃ armados se metèram em barcos, & andavam nos rios para matarem qualquer da Companhia, que lhe cahisse nas mãos. Estavaõ neste tempo os Padres Missionarios no Collegio de Cranganor para sahirem em Missam, como era seu costume. Ordenou o Arcebispo nam sahissem, pelo risco, a que se expunham, em quãto aquella tempestade nam amaynasse.

8 Os Seminaristas de Vaypicota, excepto dous, os demais todos se foram do Seminario. Esperavam estes amotinados de entronizarem o seu idolo, quando voltasse a armada do Cabo de Comori, que suppunhaõ avia de entrar no porto de Cochim, & nella sem duvida avia de vir o Armenio prezo. Para conseguirem este seu desejo, metèram por valia a Rainha de Cochim promettendolhe cento,& sincoenta mil fanoens, que vinham a fazer a summa de quinze mil Xerafins: cada Xerafim corresponde á nossa moeda de tres tostoens.

9 Prevendo o Arcebispo Dom Francisco, & os Padres da Companhia todas estas negoceaçoens, fizeram com o Capitam mòr da Armada Tristam da Sylveyra, naõ entrasse no rio de Cochim, por evitar os petitorios da Rainha. Antes de chegar a Armada, se avizinhou a Cochim o Arcediago com alguns dezaseis mil Christãos,& muyta parte dos Cassanares da Serra, para receberem como em triunfo ao seu novo Prelado; persuadindose, que teria effeyto a petiçaõ da Rainha, em que unicamente se fiavam. Fez a Rainha suas instancias com o Capitaõ, & Vereadores da Cidade, para que o Armenio desembarcasse; porém elles se desculpàram com dizer, que elles naõ tinhaõ poder sobre o Capitaõ mór da Armada: nem este se deteve fòra da barra de Cochim mais de dous dias,& dando á vela para Goa deyxou frustradas todas as esperanças dos amotinados, com lhes levar o seu Patriarca, sem nem ainda lho deyxar ver dos olhos.

10 Nestes dias entrando alguns em Cochim, & encontrando nas ruas ao nosso Arcebispo lhe fizeraõ algumas descortezias, faltandolhe com o devido respeyto, sendo que muy bem o conheciaõ. Sentiram isto muyto alguns zelosos, como era razaõ;& os que tinhaõ obrigaçaõ de as castigar, pois o podiaõ fazer,& deviaõ, em tudo dissimuláraõ. O Arcebispo tudo levou com o sofrimento, & paciencia Christã à imitaçaõ de seu Redemptor.

11 Tan

11 Tanto que a Armada desferio as velas para Goa, & os amotinados perdèram as esperanças de entronizar o seu idolo, sahio o Arcebispo em grandes exorbitancias. Vio elle, que o tempo estava para tudo, pois tinha grande sequito dos naturaes, persuadidos ser o Armenio mandado de Roma; & que os Padres, & Arcebispo o desviàram contra todas as Leys Divinas, & humanas.

12 Convocou hum Conciliabulo, no qual declarou ao nosso Arcebispo por deposto da dignidade, & absolveo a todos da obediencia, que lhe tinham dado. E com o parecer dos letrados, que lhe assistiam, tam idiotas, como elle, tomou para si o poder da jurisdiçaõ Arcebispal, dizendo, que ao depois tomaria o poder de dar ordens. Este assento mandou ler, & publicar por todas as Igrejas, que foy recebido muyto à medida do seu desejo. Retirouse para o Reyno, & Igreja de Mangate, aonde ordio as mais desordens, com que foy sahindo.

13 Recolheo-se o Arcebispo para Cranganor, & dalli fazia excessos por reduzir estas ovelhas perdidas. Em primeyro lugar negoceou com Deos, que he Senhor dos coraçoens humanos; mandou dizer muytas Missas, & fazer muytas oraçoens por esta tençaõ. Depois negoceou com os homens, já promettendo dinheyro aos Reys Gentios, em cujas terras viviaõ estes Christãos, para que os fizessem obedecer; já pedindo soccorro ao Capitaõ de Cochim para os sugeytar por força, visto que nada podia com elles a brandura. Nenhumas diligencias aproveytàraõ, porque Deos naõ foy servido ouvir suas oraçoens. Os Reys gẽtios naõ lhe deferiram, porque se o Arcebispo promettia quatro, o Arcediago promettia oyto, & como o patrocinio era de quem mais dava, tinha partido muy inferior a causa do Arcebispo. O Capitaõ de Cochim, & os mais Ministros del-Rey naõ quizeram occupar suas armas em tal negocio. Com ver frustradas tam boas diligencias, chegou a causa do Arcebispo a grande desemparo.

14 Com tudo nem elle, nem os Padres perdèram totalmente as esperanças de algumas melhoras. Fundàram-se estas, em que o Arcediago só se tinha constituido Governador, & naõ podia dar ordens: por tanto cuydouse, que a rebelliam esfriaria com esta dependencia, sem a qual nam podiaõ subsistir; & esta foy sempre a mayor coacçam, que o Arcebispo teve para os cõservar na sugeyçam, quando outras vezes intentàram rebeldias. Tem elles grandes lucros nos exercicios da Igreja, naõ sò os Sacerdotes,

cerdotes,mas ainda os que o pertendem ser, & para isto estudam estes na sua lingua se dizem Chamazes. E como estes lucro abrangem ás familias de huns,& outros ; daqui nasce,que todo sam dependentes;nem o Arcebispo ordenava algum sem que toda a familia se sugeytasse.

15 Esta tanta,ou quanta esperança se cortou sinco mezes depois de partir a Armada,em que hia prezo para Goa o seu Antichristo. Ajuntou o Arcediago na Igreja de Mangate grand multidam de Christãos,& muytos Cassanares , ou Sacerdotes Leo a todos huma carta,que dizia , lhe escrevèra de Saõ Thomè o seu novo Prelado; na qual lhe dizia , que em lhe constando,que estava impossibilitado para vir à Serra , ajuntasse doze Cassanares dos mais graves,& anciaons , & com elles se fizesse ungir,& sagrar por Bispo. Ficàram muy satisfeytos da carta; & no dia de Pentecostes foy sagrado na Igreja de Mangate. Logo começou a dar ordens , & a estes ordenados fazia Vigarios das Igrejas, aonde estavam verdadeyros Sacerdotes collados pelo Arcebispo, de que se seguia a nullidade de Sacramentos, & Missas,que bem se deyxa ver.

16 Com o novo Bispo ficàram mais desafogados os rebeldes,& mais confirmados na sua teyma:& o nosso Arcebispo vio fechadas todas as portas à reducçam desta gente. Escreveo hum Padre Missionario a certo Cassanar dos mais autorizados , & doutos,que delle tinha recebido alguns favores, estranhandolhe a mudança de Prelado:foy a reposta: Meu Padre,os Portuguezes ha pouco em Portugal tiràram hum Rey,& puzeram outro;assim fizemos nòs agora , tiramos hum Bispo, & puzemos outro. Em Cochim naõ faltàraõ fautores a esta desordem,que depois o pagàram muy bem em Goa no Santo Officio. Algum , quando ouvio a sagraçam do Arcediago,disse,que era tam Bispo , como Dom Francisco dos Martyres Primás da India.

17 Vendo o Arcebispo este negocio perdido de remate , & que na India naõ avia porque lhe buscar remedio , pois de tantos,que lhe tinha applicado, nenhum tivera effeyto , determinou recorrer ao Pontifice Romano, para que mudasse seus Cõmissarios Apostolicos com bullas autenticas, os quaes declarassem aos Christãos da Serra o engano em que viviaõ: pois o Armenio naõ viera de Roma,como o seu Arcediago lhes tinha persuadido;nem o tal Arcediago era verdadeyro Bispo. Entendia-se ser este o unico remedio desta grande chaga ; porque os Christãos viviam na boa fè,de que o Armenio naõ era de Babylonia

onia,nem ſeguia os erros daquelles ſciſmaticos,que elles muy-
o reprovavaõ; & ſe os deſenganaſſem,deſempararíam ao Arce-
diago.

18 Por tanto ſe reſolveo o Arcebiſpo a dar conta a Sua San-
idade,mandando a Roma ao Padre Jacinto de Magiſtris , por
ſer muy intelligente daquella Chriſtandade, em que por muy-
os annos tinha feyto officio de Miſſionario com nam poucos
rutos do ſeu trabalho. Em quanto o Padre foy,& veyo de Ro-
ma,continuou Arcebiſpo,& Miſſionarios em applicar as diligẽ-
ias,que o ſeu zelo,& prudencia lhes ditava, para amolgar a du-
eza daquellas pedras. Naõ deyxou de ſe ir vendo algum effey-
o deſte trabalho ; & começou o eſcrupulo a entrar em alguns
Caſſanares;mas retardava-os , temerem muyto o ſer afrontados
do povo , & lançados fòra das Igrejas , de que ſe ſeguia a perda
dos intereſſes,de que viviaõ.

19 Com hum que era dos principaes,& aſſiſtira na Sagraçaõ
do Arcediago entre os doze,que fizeram a ſolemnidade , pode
mais o temor de Deos,que os outros reſpeytos. Veyo pedir ao
Arcebiſpo perdam,& penitencia do ſeu erro.Eſte abrio caminho
a outros,que fizeram o meſmo; & muytos ſe ordenàram de no-
vo com o Arcebiſpo,tendo, como eram,por nullas as ordens re-
cebidas do Arcediago. A todos o Prelado recebeo com entra-
nhas de pay. Tornouſe a povoar o Seminario de Vaypicota.
Como por eſta cauſa lhe faltavam os beneſſes das Igrejas, o Ar-
cebiſpo com inexplicavel caridade acodia a todos com eſmolas.
Algumas Igrejas , que naõ quizeram encoſtar ao rAcediago,
mas ſe puzeram como indifferentes a ver de fóra, onde parava o
jogo,tambem tomáram a voz do rAcebiſpo. Deſte modo con-
tra o que ſe eſperava,hiam as couſas tomando outras cores ; &
pouco a pouco reſuſcitavam as eſperanças com bom fundamen-
to de ſe reduzirem os Chriſtãos à obediencia do ſeu Paſtor.Mas
brevemente ſe tornáram a perturbar as ondas , que hiam ſoſſe-
gando; & a chaga,que começava a melhorar,tornou a reverde-
cer com as meſmas meſinhas.

CAPI-

CAPITVLO XI.

Do que obrou hum dos Commiſſarios,& ſofrimento do Arcebiſpo.

1 QUeria Deos provar bem, & por muytos modos eſte ſeu ſervo, como antigamente provou tamben a outros ſantos,& excellentes Prelados. E nos Padres Cõmiſſarios,que elle procurou de Roma para comporem eſtas deſordẽ do Arcediago,trouxe ao ſeu Arcebiſpado,quẽ lhe apuraſſe a paciencia,ſem proveyto algum dos Chriſtãos rebeldes. Mandou Summo Põtifice dous Religioſos com bullas,em que lhes ordenava deſenganaſſem aos Chriſtãos, que nem o Armenio vier de Roma,nem o Arcediago era Biſpo, por tanto fizeſſem toda as diligencias,para que ſe ſugeytaſſem ao ſeu Prelado.

2 Hum deſtes Cõmiſſarios veyo por terra pela Perſia, chegou a Calecut, dalli ſe foy a Repelim,no qual Reyno aſſiſtia en tam o Arcediago. E como a ſua cõmmiſſaõ a elle ſe dirigia, fe logo diligencia por lhe fallar,& dar noticia do fim, a que viera Dilatou o Arcediago por alguns dias a viſita, no fim quando o admittio,declarou, & proteſtou, os naõ recebia como enviado do Papa,mas como a huns Religioſos. Depois diſto eſcreveo todas as Igrejas,que aquelles Frades vinham para o matar; qu traziam muyto dinheyro,para peytar aos Reys Gentios contr elle;que os breves,que traziam,eram falſos, & feytos em Goa que tinham roubado caſtiçais, alampada, & cayxa das eſmola da Igreja de Repelim;& a eſte tom acrecentou outras falſidade & mentiras para os deſautorizar.

3 Chegàram a Cochim os Religioſos, aonde foram recebi dos,& tratados com reſpeyto;& como os rebeldes, que vinhan a Cochim,viſſem o bom tratamento,que ſe lhes fazia,foraõ en tendendo,que de verdade eram Cõmiſſarios do Pontifice. Fiad neſta opiniam o Padre Cõmiſſario ſe tornou a ver em Repelin com o Arcediago diante de muytos Chriſtãos,& Caſſanares,di ante dos quaes declarou,naõ ſer o Arcediago Biſpo. Pergũtàraõ lhe,ſe trazia poderes do Papa,para o fazer Biſpo; & como reſ pondeſſe,que nam, gritàram logo todos com grande confu ſaõ,que naõ trazia poderes de Roma: & com a meſma confuſaõ & com palavras afrontoſas deſpediram ao Cõmiſſario.

4 Naõ deyxou de fazer fruto eſte deſengano; porque muy-

to

os,dos que foraõ ordenados pelo Arcediago,recorrèraõ ao Ar-ebispo,para de novo os ordenar;o que elle,sendo capazes, fazia om muyto amor,& desinteresse ; mandando tambem aos que aõ sabiaõ bem a lingua , aprendella , & juntamente o moral ara poderem ser Parocos;cousas de que fazia pouco caso o seu Arcediago;pois para se ordenar algum bastava darlhe por cada uma das ordens cem fanoens,que por todas as ordens vinham a er quatrocentos fanoens, que montam quinze mil reis na moe-da Portugueza. Em avendo estes, logo tinha as ordens seguras, inda que o saber naõ excedesse o de hum pao,ou de hũa pedra.

5 Diminuido deste modo o sequito do Arcediago , teve ugar o Commissario,já reconhecido por tal,de convocar huma unta assim do povo,como dos Cassanares , para ouvirem ler os Breves do Papa,& saber o que nelles se lhes ordenava. Concor-ēraõ a este chamamẽto os principaes Christãos de vinte,& tres grejas com os seus Sacerdotes. Esperava-se a conclusaõ do ne-ocio com a liçaõ dos Breves; mas o Commissario se contentou om os mostrar,& fazer reconhecer pelos sellos pendentes,sem querer ler,o que nelles se continha. Instáram muytos , que os esse,porque estavaõ promptos para lhes obedecer em tudo , o que dispuzessem. A isto respondeo o Commissario , que ainda aõ era tempo,sendo que nunca o tiveram melhor , nem mais a roposito.

6 Desta resoluçaõ se começou logo a entender , que o Cõ-missario nam obrava com sinceridade, & que hia ordindo algu-ma tea,que avia de dar cuidado a desenrolar. E como se foy vẽ-do,tudo se dirigia a privar o Arcebispo da sua dignidade , & aos Religiosos da Companhia da Missaõ da Serra , em que tantos annos tinham incansavelmente trabalhado , & posto a Christã-dade nas alturas,em que estava.

7 Duas cousas perguntou o Commissario nesta junta,ambas escusadas. A primeyra,se davam todos obediencia á Igreja Ro-mana. Digo ser escusada esta pergunta , porque elles sò desobe-deciam ao seu Prelado, por cuydarem,que este naõ obedecia ao Pontifice,pois dera traça,com que se prendesse o Armenio, que o Papa,como imaginavaõ,lhes mandàra,para os governar.E ne-ste caso sò o Arcediago,& algũs seus confidentes , que tinham solicitado a vinda do Armenio,se tinhaõ rebellado cõtra a Igre-ja; ainda que para serem cridos do povo,só lhes servia o pretex-to,que fingiram.

8 Em segundo lugar perguntou aos da junta,se o reconhe-

ciam,

ciam a elle por ſeu Paſtor. Os pobres naõ fazendo diſtincçaõ
Paſtor a Delegado,reſpondèram,que ſim;ainda aquelles,que a
eſte tempo nada ſe tinham afaſtado da vontade do ſeu Prelad
Com iſto ſe desfez a junta , ficando o Commiſſario muy pag
de ſi,& dando-ſe dalli por diante por unico Paſtor , & Prelad
deſta Igreja. E em conſequencia diſto eſcreveo logo o Arcebi
po,que ſe abſtiveſſe de toda a juriſdicçam da ſua Igreja,nem de
ſe ordens ſem ſua licença , por quanto o povo ſe entregàra e
ſuas mãos,& ſe ſugeytàra ſò ao ſeu governo. Deo eſta eſtranh
reſoluçaõ muyto que fallar aos Chriſtãos , & Caſſanares be
entendidos,vendo que nada corria a favor do Prelado ; nem
deſenganàra o povo,que era todo o alvo deſta cõmiſſaõ, & po
que o Arcebiſpo fizera vir de Roma os Commiſſarios. Ant
foy tal a ſequidaõ, cõ que ſe tratou a cauſa do Arcebiſpo , q
atè ſe prohibio aſſiſtir na junta hum Caſſanar de autoridad
que elle mandára em ſeu nome.

9 Ficou com iſto muy abatida a autoridade do Arcebiſp
& o Arcediago cõ os ſeus triunfava pelo ver deſautorizado. A
qui realçou a paciencia,& ſofrimento do Arcebiſpo , que fo
quanto ſe naõ pòde explicar com algumas exageraçoens. V
que o remedio ſe tornàra veneno ; via que hum mandado unic
mente para autorizar a ſua Dignidade , a avilitava,excedend
manifeſtamente os poderes,que os Breves lhe concediam.

10 Era o Arcebiſpo homem grande letrado , & muy dou
no direyto Canonico ; naõ ſe lhe eſcondia, o que em direy
podia obrar contra os deſacertos do Commiſſario. Mas julg
ſer mais prudencia accommodarſe á vontade das ondas ; con
derando,que o Cõmiſſario,como eſtrangeyro,& mandado pe
Papa,que elle dizia ter no peyto,tinha grande ſequito em C
chim;porque lho grangeava tambem a emulaçaõ , que muyt
tinham ao Arcebiſpo, & à noſſa Companhia. E ſe entam fize
ſe,o que diſpoem o direyto contra os que excedem ſuas commi
ſoens,ſem duvida naõ ſeria obedecido, & a tempeſtade ſe emp
laria mais ſem fruto algum. E quanto obraſſe o Commiſſ
rio,ſeria applaudido,& bem aceyto.

11 Conſultou o Arcebiſpo eſte ponto com o Provincial
Companhia,& com outros homens doutos , & ſantos;& tod
julgáraõ q̃ a paciencia era o melhor remedio deſtas feridas.
carta do Commiſſario reſpondeo,que conſentia na reſoluçaõ
ſua Paternidade,entendendo,que por alguma razam convenie
te ao bem de ſua Igreja,ſeria aſſim neceſſario. Mas paſſado hu
me

mez, como visse, que as cousas do Commissario hiam avante, sendo tempo de dar ordens, teve seu comprimento com o Commissario: a reposta foy, que dava por suspensos a todos, os que ordenasse, & que mandava, que elle mesmo assim o intimasse. Chegado o negocio a estas alturas, julgou o Arcebispo, que Deos se naõ servia já de tanta paciencia, pois della sò se seguia empeyorarẽ as cousas. Por tãto julgãdo ser obrigado a defender a jurisdiçaõ da sua dignidade, cõtinuou o exercicio della sem mais tratar de comprimentos escusados, & nocivos, & de que se avia de seguir passarem para o Arcediago, os que lhe obedeciam.

12 Tinha o Commissario assentado outra junta mais universal em Mangate, tres legoas distante de Cochim. Mandou lá seus companheyros, mas o Arcediago faltou à sua palavra, & ninguem veyo à tal junta, por assim o ter mandado o Arcediago. Vendo-se o Commissario assim enganado, publicou outra junta em huma Igreja pegada aos muros de Cochim; tam pouco acodio alguem, excepto os que obedeciaõ ao Arcebispo. E com isto deo a sua diligencia por acabada, ficando tudo no ar. E se voltou a Roma, dizendo em Goa grandes adiantamentos, em que ficava a Christandade da Serra, & todos entam imagináram estar reduzida, mas ao depois souberam o contrario.

CAPITVLO XII.

Do muyto, que padeceo a Companhia.

1 NAm se deo o Cõmissario por satisfeyto com o que fica referido. Por despedida escreveo ao Padre Francisco Barreto, que entaõ era Provincial da Companhia no Malavar, que naõ consentisse, que algum da Companhia entrasse na Missam da Serra; que assim o deyxava em regimẽto ao seu subdelegado; & que o Cõmissario, que se esperava, & vinha por mar, assim o havia de prohibir com graves penas. Foy esta disposiçaõ de grande dano para os Christãos, por naõ aver outros, que os doutrinassem; porque os companheyros do Cõmissario, que ficavaõ, o naõ podiaõ fazer, por naõ saberem as linguas Malavar, & Suriana, que ambas saõ difficultosas, & as devem saber os Missionarios da Serra. Tambem declarou com isto o seu animo, & confirmou, o que por vezes tinha dito, que a Missam da Serra naõ avia de ser dos Religiosos da Companhia; constando a todos, que avia mais de noventa annos, que nella tinhaõ trabalhado

lhado incansavelmente, & com edificaçaõ.

2 Tudo isto era dar esforço ao Arcediago, & enfraquecer ao Arcebispo. Muytas vezes vinhaõ os Cassanares, que seguiam as partes do Arcebispo, pedir Padres da Companhia para prègarem, & confessarẽ nas suas Igrejas; & o Cõmissario lhos negava. Sendo este Religioso trazido à Serra a petiçaõ da Companhia, fundou o bom successo da sua empresa em elle, & seus companheyros se alienarem totalmente do trato dos Padres da Companhia; por ventura o faziaõ por naõ cuydar o Arcediago, & os seus sequazes, q̃ elles tinhaõ inclinaçaõ ao Arcebispo, & os tivessem por suspeytosos neste negocio, que requeria indifferença, em quem obrava, para affeyçoar melhor os animos à verdade. Porẽ o certo he, que intervieram muytas cousas, que mostravaõ desaffeyçaõ; & naõ ha, porque as referir em particular.

3 Muytos seculares, muytos Ecclesiasticos, & o que mais he para sentir, muytos Religiosos mal affectos à Companhia, com esta occasiaõ disseraõ della tantas calumnias, tantas falsidades, & mentiras, que julgàram os Padres ser esta hũa das mayores perseguiçoens, que teve a Companhia. O remedio foy a paciencia, que he o escudo com que a Companhia sempre quebrou, & vẽceo a furia de seus inimigos. O Padre Provincial mandou em virtude de santa obediencia a todos seus subditos, que nesta materia naõ fallassem huma só palavra com pessoas seculares, antes fallassem em toda a parte bem de nossos inimigos.

4 Com tudo por naõ padecer detrimento o bom nome da Companhia, de que tanto dependiam aquellas Christandades, pareceo conveniente justificar seus bons procedimentos; pois bastava para seu abono, que de setenta mil Christãos, de que constava a Christandade, & naõ de cento sincoenta mil, como os Cõmissarios disseraõ em Roma, naõ seguindo hum só a Igreja Romana antes de virem os Padres, depois a seguiram todos, detestando os erros de Nestorio, em que eram creados.

5 Mostráram pois os Padres seus merecimentos, & bons procedimentos da Companhia nesta Missam em todo este tempo, pelos testimunhos jurados, & autenticos, que disso deram o Cabido de Cochim na Sè vacante, o Senado da Camera, dous Capitaens de Cochim, dous de Cranganor, & dous Vigarios Geraes da mesma Diecesi; afora outras pessoas de qualidade, com que se desvanecèram as calumnias dos inimigos. Causou esta revolta grande escandalo nos Cassanares, & Christãos, que seguiam ao Arcebispo; pois conhecèram muy bem a desaffeyçam

do

o Cõmiſſario. O qual fazendo perguntas aos Chriſtãos,ſe que-iam Padres da Companhia,nunca fez eſta pergunta aos que ſe-uiam as partes do Arcebiſpo , mas ſò fazia eſta diligencia com s que ſabia,que aviaõ de reſponder nos naõ queriaõ;ou por lhes allar á vontade,ou por ſerem parciaes do Arcediago. No tem-o,que o Cõmiſſario fazia eſta inquiriçam , vieraõ alguns Caſ-anares da parte do Sul a reconciliarſe com o Arcebiſpo , & co-no de caminho ſe viſſem com o Cõmiſſario , eſte os fez aſſinar m hum papel,no qual elles naõ ſabiaõ,o que ſe continha ; mas nferiram ſer couſa contra o Arcebiſpo.

6 Por ſer eſte homem eſtrangeyro,como fica dito, alèm de er deſconfiado,era muy credulo , & cria de ligeyro o que ſe lhe izia contra os da Companhia,& Arcebiſpo;donde muytos ho-nens de coſtumes muy perverſos tiveram occaſiaõ para vomi-ar ſua peçonha contra nós muyto a ſeu ſalvo : pudera,ſenam uizera evitar prolixidade, referir couſas fòra de toda a razam, ue ſe obráram em deſcredito da Companhia , ſó por informes e homens abominandos , & intereſſados nas noſſas afrontas. Para as ſuas diligencias ſerem mais autenticas pedio certidoens o Cabido de Cochim;eſte ſe comprometeo no Vigario Gèral, ue entendèram diria verdade; porque fora da Companhia , & e vẽdia a ella affeyçoado;pois ainda,que expulſo,ſempre os Pa-res o favorecéram ; mas elle deſvanecido com as promeſſas do Cõmiſſario , paſſou quantas certidoens elle quiz , & todas em ome do Cabido,ſem o Cabido de tal couſa ſaber, como ao de-ois diziam os meſmos Conegos. Mas naõ tardou Deos nuyto com o caſtigo ao Vigario Géral , porque huma noyte ſtando à ſua janella, o paſſáram com huma bala pela boca , de que cahio logo morto,ſem ter lugar nem ainda de tomar na bo-a o nome de Jeſus.

7 O ſubdelegado,que o Cõmiſſario deyxou em ſeu lugar,era verſiſſimo à Companhia, & della fallava com todo o deſcoco, porque era homem de lingua muy ſolta , & com quem nem o Cõmiſſario ſe entendia. Logo ſe foy ao Cabido,monindo-os, que mandaſſem intimar ao Padre Provincial da Companhia, naõ deyxaſſe ir Religioſo algum ſeu, nem de Cochim , nem de Cranganor,à Miſſam da Serra. Em ſegundo lugar requereo ao Cabido, metendolhe grandes medos do Pontifice ; ſe paſſaſſem em Cabido alguma certidaõ em abonaçaõ do Arcebiſpo , ou Padres,que encontraſſe , as que tinham paſſado ao Cõmiſſario; as quaes foraõ feytas pelo modo , que diſſemos. Em quanto o

Cõmiſſario vay carregado de papeis para Roma, com os quae
effeytuou,quanto quiz, & volta da meſma Cidade feyto Biſp
Governador dos Chriſtãos da Serra, refiramos o muyto, qu
deo ą padecer ao Arcebiſpo, & Padres o principal Cõmiſſari
que chegou depois de eſte partir,& ſe aviſtáram em Goa.

CAPITVLO XIII.

Chega o ſegundo Commiſſario,& dà muyto que ſofrer ao Arcebiſpo.

1 ESTando o negocio nas alturas,que ficam apontada chegou a Cochim o outro Commiſſario, que vie por via de Portugal, tambem Frade Italiano. Aos principio pareceo homem de coraçaõ lavado,& ſincero,& em poucos di alcançou a precipitancia, com que obrára o outro Cõmiſſari & por vezes eſtranhou as informaçoens ſiniſtras, que em Go lhe dera da Companhia, dizendo, que lhe temia algum caſtig & deſcredito á ſua Religiaõ por ſua cauſa, notando-o de affect ſer Biſpo;mas que em Roma ſe naõ avia de tomar aſſento neſ negocio,ſem elle primeyro dar tambem a ſua informaçam.

2 Com tudo veyo poſto no meſmo principio de evitar trato total dos Religioſos da Companhia,de que teve ſeu com primento com o Padre Provincial,mandandolhe ſignificar, q era mais conveniente naõ ſe verem. Como ſe deſviou eſte cõ mercio,tiveraõ os mal-affectos lugar, para lhe irem dãdo as ti tas,com que o queriam. Tudo ſe foy vendo brevemente. Vi ram logo muytos Caſſanares da Serra pedirlhe,fizeſſe com o P dre Provincial,lhes mandaſſe Miſſionarios,porque depois deſt revoltas eſtavaõ as ſuas Igrejas faltas de doutrina. Reſponde com boas palavras,que ſim;mas ao depois ſe mudou falland com quem nelle influhia;& reſpondeo ultimamẽte,que por e tam naõ convinha.

3 Por parte do noſſo Provincial ſe lhe fez preſente,que ce to Clerigo preto,homem notoriamente de maos coſtumes, p los quaes fora privado de ſer Paroco,inimigo declarado da Cõ panhia,parente dos principaes cabeças da rebeldia, nam conv nha,que o tiveſſe por interprete; por quanto ſe ſabia, que na perguntas aos Chriſtãos,ainda que diſſeſſem bem dos da Com panhia,ſempre interpretava mal. Reſpondeo o Cõmiſſario, qu aſſim o faria,mas depois que là communicou o ponto com hu

ſe

eu companheyro,que era grande amigo do negro Clerigo, fez udo pelo contrario.

4 Trabalhava o Commissario por effeytuar a reducçaõ,mas odo o trabalho era sem fruto. Entam alguns malevolos homens sem Deos,lhe metéram na cabeça,que o Arcebispo,& Padres da Companhia impediam a reducçam, tendo para isso tratos particulares com o Arcediago. Resultou daqui sahir com hum papel,que mandou fixar nas portas das Igrejas de Cochim, & Cranganor,pelo qual prohibia com pena de excommunhaõ, ue ninguem impedisse a reducçam, & que se alguem soubesse e pessoa,que tal intentasse, debayxo da mesma pena lho fosse enunciar;& dava a entender em algumas palavras, que jà este mpedimẽto se puzera. Foy isto muy estranhado de todos,principalmente, porque os companheyros do Cõmissario diziam or se aquelle papel a respeyto do Arcebispo,& Padres da Companhia,que impediam a reducçam. Este era o premio,que tinha Arcebispo de ter solicitado a vinda dos Cõmissarios. Todos s remedios, que applicava, se convertiaõ em refinado veneo.

5 Como visse a contumacia do Arcediago, & com elle tiesse o Arcebispo usado todos os meyos de brandura sem algũa tilidade,applicou a este incuravel os ultimos remedios, depondo-o da dignidade,& excõmungando-o. Proveo a dignidade em hum Cassanar, que conforme o uso daquella Igreja avia de succeder no Arcediagado a seu tio,porẽ quando este faleceo, estava mpedido com doença,que vulgarmente se dizia ser de feytiços, que o Arcediago actual lhe dera, para o fazer incapáz. Por causa do alevantamento do Arcediago, á instancia do Rey de Cochim,& do Rey de Caturte, de cujo patrocinio muyto necessitaõ os Arcediagos, elegeo o Arcebispo a este Cassanar, que jà estava saõ. Porèm como a mayor parte da Christandade estivesse addicta ao Arcediago,naõ teve o elegido, applauso, nem sequito bastante, para tornar com decoro para a sua terra. Por tanto esperando alguma boa moçaõ, se retirou a viver em hũas casas do Arcebispo junto a Cochim; & alli esteve dous annos sem sahir fòra,tendo nisso grandes incõmodos, atè que morrendo hum seu parente de grande autoridade em Caturte, os parentes o vieram buscar,para assistir aos funeraes,como he estylo inviolavel destas gentes,que todos os parentes haõ de assistir em semelhante acto.

6 Foy esta retirada do Cassanar,sem o Arcebispo o saber, &

depois por mais que o persuadio a voltar, nunca elle quiz, enfa tiado jà, & bem enfastiado de tanta clausura. Neste mesmo tem po lidava mais o Cõmissario na reducçam, & o Arcediago co fingimentos o hia entretendo, & illudindo. Por occasiam de para Caturte o Cassanar, disse o Cõmissario, que o Arcebisp era a causa de se naõ reduzir o Arcediago; porq irritado com mandar seu competidor para Caturte, nunca mais tratàra de r ducçam. A isto acodio o Arcebispo escrevendo ao Cõmissario que reduzindo-se o Arcediago, podia ser restituido, & ao outro daria a devida satisfaçaõ. E escreveo ao Cassanar carta abert metida na do Cõmissario, para que a lesse, na qual lhe ordenav se voltasse para Cochim, o que elle, como fica dito, nunca qui fazer.

7 Huma boa occasiaõ de desenganar aos Christãos, & o fazer obedecer, deyxou o Cõmissario fugir dentre as mãos, c que tambem se seguio grande materia de sofrimento ao Arc bispo, que nisto vinha parar quasi tudo quanto se obrava, & su cedia. Estavam as cousas dispostas para huma grande mudanç em bẽ da Christandade por meyo do Capitaõ Geral Ignacio Sa mento de Carvalho, o qual com grande despeza da sua fazend se empenhou com El-Rey de Cochim, para que obrigasse toda as Igrejas do seu Reyno, que eram muytas, a obedecer ao se Prelado. Veyo o Rey em tudo, o que se lhe pedia; & para iss mandou passar ordens. E tudo o Capitaõ tinha disposto, & aju tado com o Cõmissario. Mas este, quando o negocio estava ta bem parado, como se tivesse por caso de menos valer, effeytua se tam grande cousa por meyo do Capitaõ, nem se pode dar ou tro furo a resoluçaõ tam pouco acertada, se foy meter no Man gate, aonde estava o Arcediago, para com elle tratar da reduc çam.

8 O Arcediago lhe mandou dizer, que elle por hora naõ po dia tratar tal negocio, por naõ estar alli certo Cassanar, por qu elle se governava; & era homem diabolico, & grandissimo inimi go da Fè Romana, & do Arcebispo, de cuja obediencia se tinh izentado, por elle naõ querer dar huma Igreja a hum seu disci pulo, que naõ tinha prestimo para a tal administraçam. Dizi mais o Arcediago, que tinha negocios em certa Igreja, onde s deteria dez dias precisos, & depois voltaria: esperou o Cõmis sario dez dias, esperou outros dez, & outros dez, atè que se enfa dou; & o Arcediago naõ appareceo. Nem o Cõmissario se aca bou de desenganar, que zombava delle, como tinha zombad outras vezes.

9 Aqu

9 Aqui meteo,ou o Arcediago,ou o demonio outro enredo; orque ouve quem disse ao Cõmissario,que certo Cassanar gra-e,que assistia em Mangate,& era da parte do Arcebispo, disse-a,que o Capitaõ Ignacio Sarmento viera a Cranganor, para de epente dar no Mangate, & prender ao Arcediago, & que assim ho tinha dito hum Padre do Collegio de Cranganor. Tudo reo o Cõmissario, & disto formou hum processo. E que tendo oticia o Arcediago,quando estava para se concluir a reducçaõ, e ausentára.

10 Aceso com esta noticia o companheyro do Cõmissario ncheo todo Cochim de queyxas contra o Arcebispo,& Padres a Companhia,de que impediram a reducçaõ do Arcediago, & ue o Commissario os avia logo de declarar por excõmunga-os. Admiráram-se os mais bem entendidos da credulidade dos strangeyros,& cada hum julgou della o que lhe pareceo.

11 Sentio o Arcebispo,& os Padres, como era razaõ, que elles se divulgasse tal fama, tam alheya de homens Christãos, uanto mais de Missionarios virtuosos, que deyxando os es-lendores das Universidades, & Magisterios na Europa, & os Collegios Reaes, & abastados onde viviam,se tinham desterra-lo a viver entre matos para salvar almas. Naõ era justo em tãta, tal afronta calar,fez o Arcebispo, & Padres todas as diligen-ias para se apurar a verdade. Foy perguntado juridicamente o Cassanar,se tinha dito que o Capitaõ viera a Cranganor para rrender o Arcediago,& as mais cousas, q̃ ao Cõmissario se dis-eram. Jurou aos Santos Euangelhos pondo nelles as mãos, que al cousa naõ dissera, nem a ouvira dizer a alguem da Compa-hia,nem fòra della: sobre isto fez juramentos, & execraçoens remendas. Foy-se ter com o Cõmissario,& lhe disse, que estava restes para meter a mão no azeyte fervendo, em prova de que al causa naõ dissera,nem ouvira: he este modo de jurar entre Malavares muy ordinario em prova de cousas graves; como an-tigamente o era na Europa andar sobre o ferro em braza.

12 O Rey de Mangate tambem passou sua certidam jurada ao seu modo; em que affirmava, que o Arcediago se retiràra naõ por medo,que tivesse de alguem, mas por naõ se meter no negocio da reducçam. Acrecentava o Rey, que o Arcebispo an-tes tinha tratado com elle sobre a reducçam do Arcediago, & de toda aquella Igreja,& que para isso lhe tinha promettido cin-co mil fanoens,se tivesse effeyto a reducçam, mas que avia tem-pos,que lhe naõ fallava neste negocio. Tudo assim passava, & o

Arce-

Arcebiſpo naõ continuou, porque os Cõmiſſarios o inhibiram que naõ trataſſe daquella reducçam, querendo elles eſte negocio todo para ſi, ainda que os Breves naõ lhe davaõ tantas lar gas.

13 Muyto deveo eſta reducçam ao Capitaõ Ignacio Sar mento, que com zelo verdadeyramente Chriſtam a procurou com grande diſpendio da ſua fazenda, & poder das armas. Tinh muyto obrigados com grandes favores a alguns Reys, como a de Cochim, & outros; & por remuneraçaõ ſò lhe pedio, que o brigaſſem aos Chriſtãos dos ſeus Eſtados a dar obediencia a ſe legitimo Prelado. Aſſim o fizeram os Chriſtãos de alguns Rey nos em tempo, que o Arcebiſpo eſtava enfermo da doença, d que morreo. Recebeo-os com amor de pay. Ouve niſto algun deſgoſto com o Cõmiſſario por razaõ dos Chriſtãos do Reyn de Paru; esfriou muyto aquella reducçaõ, com elle querer, que obediencia ſe lhe deſſe a elle, tendo a Rainha ficado com o Ca pitaõ de que ſe avia de dar ao Arcebiſpo.

14 Neſte tempo morreo o Cõmiſſario, & deyxou por ſub delegado a hum ſeu companheyro de naçam Polaco, que con tinuou na meſma fórma, atè vir o outro Cõmiſſario de Rom feyto Biſpo, & Governador dos Chriſtãos da Serra, com Breve para depór ao noſſo Arcebiſpo: porque em Roma perſuadio, qu a reducçam ſe naõ effeytuaria ſenaõ deſte modo; & teve os deſ pachos, como os quiz; mas a experiencia lhe enſinou, quam inu teis eram os ſeus arbitrios, porque nada fez. Nem o Arcediago nem os ſeus ſe reduziram, nem Deos permittio, que elle gover naſſe muytos annos o Arcebiſpado. Porque tomando os Olan dezes a Cochim, & Cranganor, o Biſpo ſe meteo pela terra a gum tanto afaſtado da Cidade: & por fim de tudo ſagrou po Biſpo a hum Caſſanar da terra, homem de bons coſtumes, & ell por via dos Olandezes ſe retirou muyto a ſeu ſalvo, & naõ qui nada mais de tal governo.

15 O Arcediago depois trouxe outro Biſpo Babylonic para o governo, com o qual fez, o que delle ſe eſperava; & nar pertence mais a narraçaõ deſtas couſas ao intento preſente, qu ſó foy moſtrar com eſta ſummaria relaçaõ, & muyto pelo gro ſo, quanto Deos provou a paciencia deſte grande Prelado. Nar permittio porèm, q̃ eſtiveſſe vivo, quando ſe leo em Cochim Breve da ſua depoſiçaõ; porque jà o tinha levado a melhor vid a gozar os frutos da ſua paciencia, & das ſuas virtudes, que fora em tudo excellentes.

CAP.

CAPITVLO XIV.

Virtudes, & morte do Arcebispo Dom Francisco.

1 FOy o Arcebispo homẽ doutissimo assim nas Theologias moral,& especulativa,como no Direyto Ca-onico. Das linguas,alèm da Portugueza , & Latina , soube as inguas Grega,Hebrea,Caldaica,Siriaca,Tamul, Canarina , & ndustana,que por todas sam nove. Tambem soube Solfa : aos neninos de sua casa mandava naõ só aprender a Lingua Latina, nas tambem a Solsa,& arte de dãçar conforme o estylo da tera,para que as procissoens,& funçoens do Culto Divino se celerassem com particular asseyo,& perfeyçaõ.

2 Em ordem a este fim tinha composto dialogos muy bem eytos , que com as representaçoens de cousas santas se inflãnassem mais os animos na virtude, & se augmentasse a piedade. Para em si despertar o amor à virtude , & conservar na sua dignidade as virtudes religiosas, dependurou nas paredes da sua reamera as effigies de todos os da Companhia , que ou foram Cardeaes,ou Bispos , & à sua imitaçam governava todas as suas cçoens.

3 Sendo tam estendido o seu Arcebispado,& em terras de diersos Senhores gentios , varias vezes per si o visitou sem peroar a trabalhos,nem fadigas ; provendo as Igrejas de Imagens agradas,& ornamentos Sacerdotaes,para que em todas ouvesse sseyo,& decoro,& parecessem casas de Deos.

4 He grande virtude nos Prelados a esmola , que dam aos pobres,pois os bens da Igreja sò saõ para fazer morgados,& theouros no Ceo. Foy o Arcebispo muy esmoler. Dessas tantas ou quantas rendas,que tinha,fazia continuas esmolas. Dotou,& casou muytas donzellas pobres. Naõ avia povoaçam de Christãos,onde a sua caridade nam abrangesse. Sobre todas a povoaçaõ,& fortaleza de Cranganor,onde residia, experimentou a sua liberalidade para com os pobres. Poucas casas avia naquella fortaleza,que naõ pudessem dizer , que as sustentava o Arcebispo. As mais dellas tinham esmola certa cada mez , no fim do qual logo dava ordem,a que no principio do mez seguinte se lhe desse a sua esmola costumada.

5 Quando estava para morrer,se lhe ouvio dizer,que o mayor sentimento que o acompanhava,era deyxar cá tanta gente

desem-

desemparada,a quem avia de fazer falta a sua esmola. Mas para se naõ ir desta vida com esta desconsolaçaõ, mandou fazer hum rol das pessoas necessitadas da fortaleza,& nelle pór certo numero de fanoens, que a cada pessoa se avia de dar todos os mezes;& deyxou na mão do Padre Reytor da Companhia quatrocentos Xerafins,para nos dous annos seguintes à sua morte se distribuirem conforme o rol que se fizera. Deyxou mais na mão do Padre Reytor dinheyro para dotes de algumas orfans, que apontava.

6 Para se acodir á pobreza deyxou hum monte de piedade, cuja ley era,que quem delle levasse emprestimo, sò tivesse obrigaçaõ de dar a seu tempo outro tanto, sem mais alguma pensaõ; porèm se no tal tempo naõ satisfizesse, dalli por diante inviolavelmente se lhe naõ emprestasse cousa alguma do tal monte. Se chegando à janella de sua casa via pobres, elle com sua mão lhes lançava a esmola da janella abayxo.

7 O zelo com que governava a sua Igreja foy muy semelhãte aos Bispos mais Santos, & zelosos, & pode ficar por exemplo aos vindouros. Dezoyto annos governou o Arcebispado, & sempre lhe assistio com toda a vigilancia. Assim tratava de cada huma das Igrejas,como se naõ estivesse outra a seu cargo. Eram continuas as suas instancias com o Padre Provincial, para que lhe provesse a Missaõ de muytos, & bons Missionarios,porque naõ faltasse doutrina ás suas ovelhas. Para que estas com a liçaõ santa se adiantassem,fez compor hum Flos Sanctorum na lingua Malavar,com tençam de o imprimir; o que se naõ pode effeytuar,por naõ aver là quem soubesse fazer as matrizes, para se formarem as letras.

8 No castigo dos rebeldes,ou culpados,por se naõ queyxar à justiça,era compassivo,mas efficaz. Porém como naõ tinha poder coactivo para obrigar como assima fica já referido, quando era occasiaõ de algum parente do delinquente tomar ordens,ou pedir dispensaçaõ para casar,ou tinha outro algum negocio,em que dependesse do Prelado, naõ deferia a elle, sem primeyro virem os culpados a dar satisfaçam do delicto, que se naõ podia castigar,senam com pena pecuniaria. Esta mandava recolher, & algumas vezes a dispendia em sustentar pobres, & casar orfans nas mesmas povoaçoens dos que pagavaõ a pena;para que vissem com seus olhos,que o levarlha,era para satisfaçam da culpa, & naõ por cubiça do seu dinheyro.

9 Outra vez para fazer vir á sugeyçaõ dous homens ricos,
naõ

õ quiz despachar certo negocio, sem que primeyro fizessem
nitencia de sua contumacia, que na verdade tinha sido grande.
o hum em castigo quinhentos, & sincoenta fanoens, & o ou-
mil; estes, & outros que ajuntou, empregou logo em hum ri-
ornamento para servir nas Missas novas, & festas dos Chris-
os. Por estas, & outras acçoens tinham bem conhecido todos,
am zeloso era do bem das almas, & quam pouco appetitoso
s seus dinheyros. Tambem gastou muyto com os Reys gen-
s, por ser assim necessario, para ter aos Christãos com mais
geyçam; porque vendo q̃ naõ tinha abrigo nos Reys, pelos ter
mprado o Arcebispo, nam ousavam os desenquietos a fazer
voluçoens; & este meyo se achou sempre o mais efficaz, aven-
dinheyro, que o pudesse aturar.

10 Nam se atava o zelo do Arcebispo sò ao bem de suas
elhas, acodia ao estado das cousas temporaes, & serviço de seu
ey, quando o pedia a necessidade. Veyo sobre Cochim o ini-
go Olandez com huma poderosa Armada. Foy a perturbaçaõ
praça extraordinaria, porque estava desprovida. Nos Reys
ntios avia desuniam, & hum delles tinha convidado ao Olan-
z. Alèm de tudo isto nam avia Governador, porque tinha en-
uquecido, o que nesta occasiaõ o era, & estava totalmente inu-
. Nestes apertos, q̃ eram os ultimos, pediram ao Arcebispo,
uizesse tomar sobre si o governo das armas, & acodir em tanto
esemparo. Naõ permittia a occasiam escusas, porque dellas se
guiria a infallivel perda da praça. Fiado o Arcebispo mais em
eos, que em si, por serviço de Deos, & del-Rey aceytou o Go-
erno. Valeo-se do Ceo com oraçoens, na terra fez todas as dili-
encias, a que naõ faltaria hum bom Governador. Pacificou os
egulos gentios, & poz em razaõ ao que tinha convidado os O-
ndezes; & como elles vinham fiados em grande parte naquel-
Regulo, vendo que estava de outro acordo, desconfiàram da
mpresa, & por entam a deyxáram.

11 Porèm como Deos queria castigar aquella Cidade, ain-
a que o inimigo se retirou desta vez, & de outras; pelos tem-
os adiante naõ se seguindo a boa disposiçam do Arcebispo, che-
áram as cousas á ultima ruina; que Deos naõ permittio, visse o
rcebispo, por ser já falecido. Logo que o inimigo levantou an-
ora, & se fez á vela, deyxando a Cidade desassustada, o Arcebis-
o depoz o Governo, ainda que se lhe pedio o continuasse, atè
e prover de Goa: mas como elle sò o aceytàra por acodir à pre-
ente necessidade, & esta se tinha remediado, naõ deo lugar a sua
humil-

humildade a ſemelhantes honras.

12 Ainda que diz o ditado, que as honras mudam os co
mes,naõ ſe verificou no Arcebiſpo; porque a ſua vida na dig
dade,foy a meſma, que na Religiaõ; & ainda a diſtribuiçaõ
dia ſe ajuſtava,com a que ſe uſa nos Collegios. Morava elle j
to do Collegio da Companhia, & ſe governava pela meſ
campa da Communidade no dormir, no comer, no eſpertar,
oraçaõ,& nos exames da conſciencia. Aſſim ſe expedia logo
ſinal da campa, como o coſtuma fazer, quem lhe obedece á
ca.

13 Infallivelmente dizia Miſſa todos os dias,ainda que e
veſſe mais que ordinariamente achacado; & quando na ulti
enfermidade ſe vio, que por cauſa da doença naõ podia di
Miſſa,logo ſe entendeo,que era mortal. Coſtumava elle diz
que de nenhum modo deyxaria de celebrar, porque ſe podi
juſtamente queyxar delle as almas do Purgatorio,por lhes fal
com aquelle ſubſidio nas ſuas penas;ſinal de que ſempre di
Miſſa pelas ſantas almas. Em acabando a ſua Miſſa, ouvia ou
de joelhos em acçam de graças. Porque os negocios lhe naõ
raſſem o tempo da ſua oraçaõ, ſe levantava cedo ainda depois
velho,& cumpria com eſte ſanto exercicio,antes de poder ſob
vir qualquer divertimento.

14 Aos Superiores da Companhia conſervou ſempre ta
reſpeyto,que ſe eſcrevendo a algum delles, no rever da ca
achava alguma palavra,que lhe pareceſſe mais aſpera, logo r
gava a carta, & fazia outra,ou mudava as palavras. Todos
dias rezava o Roſario da Senhora. Afóra eſta devoçaõ, cor
muytas vezes o Roſario com varias jaculatorias,como à San
ſima Trindade,ao Santiſſimo Sacramento,de Actos de Con
çaõ,& outro Roſario,dizendo algum verſiculo pelas almas
Purgatorio; como ſe a cada conta diſſeſſe o verſiculo *Requi*
æternam,ou ſemelhante deprecaçaõ. Tambem tinha muyta
voçaõ ás onze mil Virgẽs,como a Protectoras na hora da m
te,& todos os dias lhes rezava a ſua Coroa de trinta, & tres A
Marias.

15 Junto da morte diſſe,que avia muytos tempos, dizia ſe
pre Miſſa com a conſideraçaõ, de que aquella era a ultima v
que avia de commungar. E que todas as couſas, que fazia, e
conſiderando,que no fim de cada huma,Deos lhe avia de pe
conta do que obrava. Antes da ultima doença tinha manda
preparar o eſquife,em que avia de ſer levado à ſepultura, & h
roupe

roupeta nova da Companhia , a quem ſempre chamou com o nome de Mãy,para que depois de morto ſe lhe veſtiſſe, & nella foſse enterrado.

16 Alèm do que jà diſsemos,que deyxàra para ſe diſtribuir aos pobres,ordenou,que toda a roupa de linho,que ſe lhe achaſſe,ſe repartiſse pela pobreza;& a cada pobre,que aſſiſtiſse ao ſeu enterro,ſe lhe deſſe de eſmola hum toſtam.Dizia elle ,que as tochas,& velas do ſeu enterro,eram as eſmolas,que em ſua vida tinha feyto. Aos ſeus eſcravos deo liberdade,& boas eſmolas,com que os ajudar a viver. Na doença todas as ſuas palavras eram de Deos,tudo actos ſantos , & deſejos de ſe ver na bemaventurança.

17 Eſtando no fim da vida,dizia , que a mayor pena que tinha,& levava comſigo,era naõ deyxar ao Arcediago reduzido. Quãdo jà a doença parece naõ dava lugar mais,que a tratar de ſi, mãdou chamar eſcrivaõ cõ papel,& tinta, & lhe ditou hũa carta para o Arcediago , na qual com palavras amoroſas ſe dohia do ſeu eſtado ſacrilego , & por ultima deſpedida lhe pedia pelas Chagas de Chriſto,ſe reſtituiſse ao gremio da Igreja,de que eſtava apartado; que aſſim eſpirando ſe faria lá levar,ſe elle julgaſse ſer neceſsario para a ſua reconciliaçam ; & que para elle ſeria a motre mais conſolada,ſe deſse os ultimos arrancos , tendo elle dado o primeyro ſinal de arrependimento. Muytas outras palavras lhe dizia cheyas de ternura,que podiã quebrar penhaſcos. Foy eſta carta dada ao Arcediago já depois da morte do Arcebiſpo,& nelle nenhum abalo cauſou , porque eſtava mais endurecido que os bronzes.

18 Aſſim preparado para o caminho da eternidade , recebẽdo os Santos Sacramentos , & feytos muytos actos de piedade, paſſou á mais deſcanſada vida em Cranganor aos 3.de Setembro de mil ſeiſcentos ſincoenta,& nove, tendo de idade ſetenta , & nove pouco mais,ou menos,de Companhia ſeſſenta & hum, dos quaes dezoyto foy Arcebiſpo. As lagrimas na ſua morte foram como na de hum pay de todos. O ſeu enterro foy com toda a pompa,que pode aver naquella terra aſſim de ſeculares , como de Eccleſiaſticos;cõcorrèraõ muytos Caſſanares, ou Sacerdotes aſſim ao enterro,como às exequias, que ſe lhe fizeram dahi a hũ mez. Por trinta dias ſe lhe diſſeram Miſſas no rito Caldaico, que he,como diſſemos,o de que uſam os Chriſtãos da Serra.

19 Eſte he hum raſcunho da vida do Padre Franciſco Garcia,homem entre nòs de grande exemplo na ſantidade dos ſeus

coſtumes. E na adminiſtraçam da ſua Igreja Prelado conſum-
mado em tudo;a quem Deos amartelou com o ſofrimento , &
paciencia,com que ordinariamente provou aos Prelados mai
Santos da ſua Igreja; aos quaes pelo meyo de muytas tribula-
çoens meteo no Ceo,& coroou com gloria immortal.

CAPITVLO XV.

Vida do Padre Duarte Vaz.

Em Liſboa 8. de Novembro de 1636

1 O Padre Duarte Vaz,hum dos grandes Miſſionarios que a noſſa Companhia teve nos Reynos de Angola,foy natural da Cidade de Beja;neſte Noviciado foy admittido aos ſeis de Dezembro de 1602. tendo 24. annos de idade. Era já eſtudante Theologo na Univerſidade; logo que entrou na Companhia, foy em ſeus procedimentos dando moſtras , d que avia de ſer grande ſervo de Deos. Na oraçaõ era muy continuo,na penitencia , & mortificaçaõ para comſigo em tudo rigoroſo,nos mais exercicios do Noviciado exactiſſimo : tam amigo de trabalhar , que entrando mancebo muy robuſto, & de grandes forças,ſe attenuou,& conſumio de ſorte, que foy julgado por tiſico. Chegáram os Padres a entrar em penſamentos d o mandarẽ para caſa de ſeus pays ; porèm naõ acabáram de ſe reſolver,attendendo ao muyto exemplo,que dava ; conſiderando que poderia ter melhora,ſe lhe moderaſſem os rigores ; & em effeyto a veyo a ter,tanto que lhe puzeram modo nas mortificaçoens com que ſe attenuava. No fim do Noviciado fez o ſeus votos com grande conſolaçaõ ſua , & dos mais,que o deſejavam na Companhia pelas bem fundadas eſperanças, que de ſ dava.

2 Pouco tempo depois o mandáram enſinar Latim em Braga. Eſtando neſta occupaçaõ foy chamado para a Miſſam d Angola, a qual aceytou com toda a reſignaçaõ na vontade d Deos,& de ſeus Superiores. Deolhe licença o Padre Provincial para antes de ſe embarcar,chegar a Beja,a ſe deſpedir de ſeus parentes,& amigos; nam quiz uſar della , porque era muy deſapegado de carne,& ſangue;ſòmente chegou ao Collegio de Evora a ver,& a ſe deſpedir dos Padres , & Irmãos ſeus conhecidos d tempo do eſtudo,& Noviciado.

3 Feyta eſta deſpedida,paſſou a Liſboa,& no anno de 1605 ſe embarcou para Angola. Foy eſta ſua viagem tam chea de pe-

rigos

rigos, que sempre os trouxèraõ diante dos olhos, os que hiam naquella nao; contra a qual parecia terse conjurado o inferno, como prevendo as muytas almas, que o Padre Duarte Vaz lhe avia de tirar das mãos. Ella anda impressa nas relaçoens tocãtes aos annos de 1604.& 1605.pelo Padre Fernaõ Guerreyro; & he bem naõ passemos em silencio as cousas mais principaes, que nella acontecèram.

4 Depois de alguns dias de viagem, em treze de Fevereyro foram obrigados a arribar à Ilha da Madeyra, para pòr em alguma feyçam o navio, o qual hia muy aberto; bastava isto sómente para levar sempre assustados aos passageyros, pois sendo tam comprida a navegaçaõ, esta se começava a fazer em tal nao. Aos dezoyto do mesmo mez partiram da Ilha; sobreveyo-lhes logo huma rija tormenta, que durou tres dias, indo nelles sempre a Deos misericordia. Ao passar da Linha se detiveram vinte dias, sendo tam intenso o Sol, que andavam ardendo como em hum Purgatorio; assim hia Deos ensayando a este seu servo, para sofrer as calmas de Angola.

5 Vencida a Linha, foraõ lidando assim com os ventos, que eram contrarios, como com os mares, que eram grossos, fazendo a destroçada nao tanta agua, que com duas bombas continuas a naõ podiaõ vencer. Em dezasete de Março se davaõ quasi por perdidos: neste tempo levavaõ jà o navio cingido com quatro calabres apertados a toda a força, por se naõ acabar o navio de abrir. Em tanta miseria naõ avia mais que morte diante dos olhos. O pranto era continuo. O Padre Duarte, & seu companheyro o Padre Francisco de Goes hiam dispondo a gente para os ultimos transes da vida. Porèm era tal a perturbaçaõ, tanto o cuidado em acodir ao navio, que naõ dava lugar a se ouvirem com sossego os avisos santos.

6 Chegou a noyte, & esta diminuhio as lidas do dia; ajuntàram-se todos, fez o Padre Goes huma exhortaçaõ, persuadindo-os a que todos se confessassem, pois a morte estava tam proxima. Logo deram ordem a isso; tinha-se confessado o primeyro, & entravam pelo segundo, quando Deos se dignou de pór seus olhos de piedade naquella gente affligida, que parece sò estava esperando este geral arrependimento o Pay das misericordias. O Mestre, que governava o leme, o deyxou a toda a pressa, & ás escuras se foy debayxo da cuberta, & a primeyra cousa, com que acertou, foy com huma greta por onde a nao fazia muyta agua: bradou logo cheyo de alegria dizendo, naõ temessem, que

tinha achado a rotura por onde os mares entravam. Todos atri
buiram isto a favor especial do Ceo, & effeyto como milagros
das confissoens , por quanto todo o dia se tinha buscado em
nao aquella fenda,& nunca se tinha acertado com ella.

7 Foram depois navegando menos desassustados por sete,o
oyto dias, quando huma noyte estando o mar bonança , & pra
ticando hum dos Padres à gente,das cousas do Ceo, subitamen
te começaõ a bradar: Leme fòra, leme fòra. Acodio-se logo a
recolher, porque já as ondas o hiam levando. Todos se persua
diram,ser aquillo effeyto do espirito maligno , que quiz pertur
bar o fruto,que com a pratica santa se fazia nas almas;pois nan
apparecia causa alguma , porque o leme ouvesse de saltar fòra
estando o mar bonança , sendo que nunca com as tempestade
passadas , elle corrèra perigo de sahir dos seus eyxos. Mas foy
Deos servido de os consolar , porque sem se tornar logo a mete
o leme,foy o navio com cinco velas abertas navegando toda
noyte com tanta segurança,como poderia ir , levando o seu le
me.

8 Nos dias mais solemnes,que occorriam , era tambem ma
yor a solemnidade,com que os celebravaõ,para despertar em to
dos a devoçaõ. No dia da Ascensaõ do Senhor representàram
mysterio no meyo da nao com sua nuvem , & modo com que
Imagẽ do Senhor fosse subindo;& assim passáram todos aquel
la hora com a devoçaõ , que se faria em terra em qualquer Igre
ja. Nestas naos de Angola vay ordinariamente a gente mais re
voltosa do Reyno ; por isso avia muytas pendencias na nao , &
por vezes estiveram a ponto de se matarem huns aos outros ; &
o fariam,se os Padres os naõ puzessem em razaõ: este sobre to
dos era o seu mayor trabalho;nem avia cousa, que mais os affli
gisse , que ver com seus olhos tantas offensas de Deos. Porèm
pode tanto o seu bom zelo,que viram logradas todas as suas san
tas diligencias,metendo em toda a nao tal amizade , que nam
parecia ter avido nella dissensoens. Tanto pòde huma pacien
cia santa,& desejosa de aproveytar a seus proximos.

9 Indo continuando,jà que estava a nao em paz,se alterou o
mar com hum temporal muy trabalhoso : para remedio deste
apertos,fizeram todos hum voto á Senhora do Rosario ; & im
mediatamente abrandou o mar,& abonançou o tempo. Depois
tomando-se o Sol , para ver as alturas, em que estavam , ouve
diversos pareceres acerca da distancia, que avia dalli atè a terra;
errando huns quinhentas,outros trezentas,& tantas legoas; por

espaço

eſpaço de vinte dias foraõ em demanda della, atè que aviſtáram coſta, & começando a decer junto della emproando em Loanda, quando jà ſe queriam como dar o parabem do fim deſejado, entràram em novos trabalhos.

10 Junto a horas do meyo dia diviſáram dous navios, hum grande, outro menor. Eram Coſſarios Olandezes; começáraõ logo a dar caſſa ao noſſo navio; ſeguiram-no o reſtante daquelle dia, toda a noyte, & todo o dia ſeguinte, no qual ſobre a tarde chegãdo hum mais perto, lhe tirou quatro peças, mas foy Deos ſervido, que nenhuma acertaſſe: fugiram atè à meya noyte, & neſte tempo lhe deo alcance a ſegunda nao, diſparando ſobre ella muyta artelharia. Vendo-ſe perdidos, bradáram ao Olãdez, que paraſſe, que elles eſtavam rendidos. O ſeu cuidado neſtes trabalhos foy diſpòr os paſſageyros com a confiſſaõ, para que a morte os naõ achaſſe deſapercebidos. Os Padres, & Irmaõ ſe preparáraõ para o martyrio; porque era voz de todos os da nao, que ſe o inimigo era herege Olandez (até eſte tempo nam ſabiaõ, que naçaõ foſſe) eſtavaõ certos, que matariaõ aos Padres por cauſa do grande odio, que lhes tinhaõ. Finalmente foram paſſados os Padres para a nao do pirata, & achàram-ſe entre hereges Olandezes, o Capitaõ delles ſe criára em Lisboa, & nella fora cayxeiro de Mercadores, por iſſo ſabia a Lingua Portugueza, como os que ſe criam com ella. Diſſelhes, que naõ temeſſem, que ſe naõ avia de fazer mal a ſuas peſſoas: a iſto reſpondèram os Padres, que diſpuzeſſe dellas como lhe pareceſſe, que eſtavam apparelhados para a morte, & para a vida.

11 Como tudo iſto paſſava junto de Angola, pois naõ diſtavam mais que ſete legoas pouco mais ou menos, ſahiram algumas embarcaçoens do porto em demanda dos piratas, os quaes cheyos de medo ſe fizeraõ na volta do mar, porque em ambas as ſuas naos naõ avia mais, que vinte, & dous homens, no pataxo ſete, & os outros em a mayor, & deſtes alguns doentes, & outros eraõ meninos. Mas como traziaõ artelharia com que jugavam ao longe, & quem vinha contra elles, naõ ſabia que poder averia dentro, & ſempre finge ſer grande, daqui nacia a ſua ſegurança; & aſſim a tiveram neſta occaſiaõ, porque ſe o pirata teve grande medo, naõ o teve menor o noſſo Capitaõ, que o vinha demandar; por tanto ſe voltou logo para o porto, deyxando fóra de todo o ſuſto, a quem jà ſe dava por perdido.

12 Cinco dias teve o pirata em ſeu poder aos dous Padres, & mais prizioneyros. Ouve nelles muytas diſputas nas mate-

 rias

rias da Fè, de que sempre o pirata sahia sem lhe occorrer repo[s]
ta; & quando naõ sabia, que dizer, escarnecia, & dava huns ris[i]
nhos, como mofando. O que os Padres tiveraõ de mayor pen[a]
foy, ver com seus olhos o desprezo, cõ que tratáraõ todas as cou
sas de devoçaõ, que achàraõ em a nao, como reliquias, & ima
gens.

13 Passados os cinco dias meteo o pirata 25. pessoas em
batelinho da nao, que tinha tomado; & segundo se entendeo,
seu desejo era, que se fosse com a gente ao fundo; naõ lhe deo v[e]
lame algum, cõ que se ajudassem, & estavaõ taõ apertados, que a
penas se podiam valer dos remos. Quando os Padres hiam d[e]
çendo da nao para o batelinho, hum herege tirou a capa ao Pa
dre Goes: quiz o Padre Duarte Vaz tornar atraz, & fallar co[m]
o Capitaõ, para que a capa se restituisse; pegou entam delle ou
tro herege, tendo na mão hum traçado, & lhe disse: Naõ te ca[n]
ses pela capa do companheyro, antes põem alli tambem a tu[a]
entam o começàram a despir, & ir buscando todo: & achand[o]
lhe o cilicio mostràraõ grande alvoroço, porque vendo que er[a]
cousa dura, cuydàraõ q̃ estava cheyo por dẽtro de moedas de ou
ro; porèm depois que descobrindo, viram o que era, o deyxàra[õ]
passar sem fazer mais pesquizas.

14 Indo jà navegando o batelinho como quatro legoas af[a]
stado dos piratas, endireytou a elle hũa disforme balea, & ch[e]
gou com a cabeça junto á ponta dos remos. Ficàraõ todos e[n]
fiados, & sem sangue; aqui o Padre Goes levantando nas mã[os]
hum Crucifixo, que junto ao corpo livrou dos hereges, disse e[m]
vòz alta: Jesus valeynos: o mesmo disseraõ com elle os mais. N[o]
mesmo ponto a balea se meteo por bayxo do batel, & persuad[i]
dos todos, que o voltaria, nunca mais foy vista. Entre estes per[i]
gos se temia sobre todos, que as ondas se levantassem com algu[m]
vento, porque como a embarcaçaõ era cousa tam tenue, que
com a gente se hia alagando, se o mar se despertasse, seria inevit[à]
vel o perigo. Tinhaõ escapado da balea, quando se empolàraõ
ondas, que enchiaõ de agua a pobre naveta, recorrèram a Deo[s]
& se livràraõ de os sorver o mar. Mas logo, porque nem hu[m]
momento fossem sem sobresaltos, endireytou a elles outra gra[n]
de balea: valeraõ-se como a primeyra vez do Sãto Crucifixo, e[n]
tam aquelle assombroso monstro se sepultou de hum mergulh[o]
nas ondas sem mais ser visto.

15 Hiam neste tempo costeando tam perto da terra, que n[aõ]
distava mais, que hum tiro, & muytos eraõ de voto, que desen[...]

ba

barcassem,& depois fizessem o seu caminho por terra; mas como naõ soubessem, se os negros daquella costa eraõ amigos, ou inimigos dos Portuguezes, se resolveram fiarse antes das ondas, esperando, que Deos os levaria a salvamento, pois até alli os livrára naõ de huma, mas de muytas mortes. Neste tempo sobreveyo a noyte, & crecèram os horrores, por serem as ondas grandes; metiam tanta agua no batel, que quatro homens naõ bastavam para a lançar fóra, hum destes quatro era o Padre Duarte Vaz; varias vezes entrando as ondas por onde elle estava, o cobriram; com esta lida se passou a noyte, & parte do seguinte dia. Por dous dias, & huma noyte, entre estas ancias, o comer foy paõ, do tamanho de hum dedo, com hum trago de agua, porque naõ avia mais, & ainda que o ouvesse, era tal o assombramento, que tirava o appetite, & a lembrança do comer.

15 Passada aquella formidavel noyte, se achàraõ, & viram todos pela manhã molhados, & como tolhidos com o frio da noyte, mas alegres por ter escapado tantas vezes da morte, quantas u os pode engolir o mar, ou as pedras lhe podiaõ desfazer o batel. Era cõ tudo este gosto muy aguado, porq̃ naõ sabiaõ se hiam bem, ou mal; naõ davam as intensas nevoas lugar a ver a terra, & quanto della distavaõ, atè que desfazendo-se os nevoeyros viraõ com seus olhos estarem como tres, ou quatro legoas da Cidade de Loanda, para onde era a sua derrota. Com esta vista, que para elles foy a mais alegre, tiràraõ todos forças da fraqueza, apertáram com os remos, revezando-se ora huns, ora outros, atè chegarem a poder desembarcar huma legoa da Cidade. Sahiraõ os Padres em terra, mas tam fracos, que querendo ir a pé, naõ puderam dar paço, por tanto se tornáraõ a meter no batel, que hia remando junto de terra; nelle chegàram á Cidade: com geral alegria foram recebidos, como homens resuscitados, & que no espaço de cinco mezes, que durou a viagem, padecèraõ trabalhos immensos. Este foy o Noviciado, que Deos deo ao Padre Duarte Vaz, dos muytos annos, que avia de servir nas Missoens de Angola.

17 Do que obrou naquellas terras, que foy muyto, nam temos tam miudas memorias, como as desejàramos; mas essas, que nos ficáram, bem denotam, que o seu espirito era de marca mayor. Chegando a Angola, assentou comsigo morar, & viver naquellas terras, em quanto Deos o tivesse neste mundo. Neste proposito esteve sempre tam constante, que mandando duas vezes ordem o Padre Geral, para que viesse para o Reyno, sempre

replicou

replicou fazendo por naõ voltar. Nem menos que vinte, & set
annos residio nos climas de Angola , experimentando todos o
effeytos,com que elles costumam hospedar os estranhos.

18 Em nenhum tempo o Padre Duarte Vaz se poupo
para os trabalhos.No ouvir confissoens foy tam aturador,quan
to se pòde encarecer : sendo neste santo ministerio tam aceyt
por sua brandura,& boa graça,& naõ menor paciencia, que to
dos o buscavam,& se queriaõ confessar com elle. Prègava com
tanto zelo,& fervor,que o nomeavaõ por hum Saõ Paulo.Com
sua industria , & boa diligencia tiveram effeyto as Missoens d
Congo,Benguela,& Bengo , de que se recolhèram grandes fru
tos,nas quaes se bautizàraõ muytos daquella inculta gentilida
de. Saõ estas terras de ares em tudo nocivos para as gentes d
Europa ; & esta he a principal causa de serem sempre muy peri
gosas as Missoens pelo Sertaõ dentro , porque poucas vezes o
Missionarios,se escapaõ da morte,deyxaõ de cahir em doença
que chegaõ com elles as ultimas. Por causa destas Missoens,qu
fez,as teve gravissimas o Padre Duarte Vaz, consta que passára
de trezentas as sangrias , que levou : porèm nada disto bastav
para que desse tregoas a seu cansado corpo ; naõ sendo as doen
ças,que contrahira em huma Missaõ,parte para se escusar de ou
tras,em que sabia avia de cahir em semelhantes perigos : todo
dava por bem empregados,por levar huma sò alma para Deo

19 Na Cidade de Loanda , em que a Companhia tem o se
Collegio,naõ he facil de explicar,quam bem aceyto foy a todo
assim por seu amavel trato,como pelo bem que fazia a toda
sorte de gente. O material do Collegio promoveo tanto assi
em Reytor,como em subdito,adiantando de tal modo as renda
que saõ o sustento dos Religiosos , que diziam os mais Padre
que tudo se devia ao Padre Duarte Vaz. A sua autoridade assi
entre os mais graves Portuguezes,como entre os Sobas(que a
sim se chamaõ os Regulos, que tem mando entre os negros)fo
sempre muy proveytosa,por ser para com elles de grande pez
a mesma teve para com El-Rey de Congo. Fez por esta cau
muytos serviços a Deos,& ao Estado de Angola , compondo
dissensoens, que avia entre os Regulos,Rey,& Portuguezes ,
que se podiam seguir disgraças , se elle as naõ atalhára. Acod
tambem por vezes a pacificar as discordias, que aconteciaõ no
presidios Portuguezes entre os soldados, & Capitaens , porqu
como era respeytado de todos,nenhum tinha mais destreza,qu
elle,em aquietar estes motins.

20 A

20 Até os ſenhores gentios davaõ muyto por ſua autorida-
e,& tendo algumas vezes em ſeu poder a alguns Portuguezes,
quem queriam tirar a vida, lha concedèram a petiçaõ do Pa-
re Duarte Vaz. O que mais he de venerar,& o teſtimunhàram,
s que o conhecéram, he,que em tanta variedade de Miſſoens,
ue fez;em tantos labyrinthos de negocios do ſerviço de Deos,
n que ſe meteo,converſando, & tratando com toda a ſorte de
ente,maos,& bons,grandes,& pequenos, nunca ſe lhe vio cou-
,que foſſe offenſa de Deos:em tudo foy ſempre a meſma mode-
ia,& Religiaõ,dando em todas as occaſioens exemplos de ſua
ngular virtude. O Padre Luis Brandam affirmou que em nove
nnos, q̃ no Collegio de Angola foy Superior do Padre Duarte
'az nunca lhe mandou couſa, por mais arriſcada, ainda a peri-
o de vida,de que elle ſe eſcuſaſſe: porque huma vez que a obe-
encia o mandava, naõ avia difficuldade inſuperavel para eſte
rvo de Deos.

21 Como no Reyno ſabiam os Prelados,quanto padecia o
adre Duarte Vaz em Angola, & eſtimavam em muyto ſua
rtude, deſejavam, que vieſſe para Portugal, aonde eſperavam,
ria algũa melhoria. Alèm das ordens do Reverendo P. Géral,
ue elle com as ſuas replicas tinha obviado, pedio o Padre Pro-
ncial Franciſco Pereyra ao Padre Doutor Gaſpar Fernandes,
ue foy Lente de Eſcritura na Univerſidade de Evora,& era Ir-
aõ do Padre Duarte Vaz, apertaſſe com elle,para que ſe vieſ-
de Angola: aſſim o fez, mas ſem fruto algum. Tinham os
haques carregado tanto ſobre elle,que o tornáraõ inutil para
s noſſos miniſterios,que ſem ſaude, ſe naõ podem fazer. Entam
endo o bom Padre,que a ſua vida alli ſervia de pouco, & que
s Medicos diziam voltaſſe à patria, aonde ſó poderia ter algũa
elhoria, deyxouſe ir com a vontade dos que o queriam vivo.
mbarcouſe para o Reyno,aonde chegou mais morto, que vi-
o, depois da larga navegaçaõ de Angola.

22 Fizeram os Superiores com ſua coſtumada caridade to-
as as diligencias,para que cobraſſe ſaude. Algum tanto melho-
ou,mas não de todo, ficãdolhe muyto que ſofrer nas reliquias
os achaques paſſados. Porèm eſſa pouca ſaude, que Deos lhe
eo,ſó a quiz para o ſervir,confeſſando,& prègando, como o fa-
ia,quando eſtava com todas as ſuas forças. Viveo eſtes annos
a Caſa de Saõ Roque, na qual fez tambem o officio de
'rocurador: alli lhe chegou a ultima hora de vida, para
qual andava preparado avia muytos annos; & agora ſe
diſpoz

dispoz com os Sacramentos,que recebeo com toda a devoçam
depois com morte de justo acabou esta vida temporal aos 8. d
Novembro de 1636. sendo professo de 4. votos,tendo de idad
58. annos. Foy sua morte muy sentida dos de casa , & da gen
de fòra,que o conhecia , por ser tido de todos por Santo. Da su
boca nunca se ouvio palavra, que offendesse a pessoa viva , sin
evidente de sua rara perfeyçam. Vio-se a grande estimaçaõ, q
em vida fez da santa pobreza, porque sò se lhe achou huma l
mina ordinaria,que se deo a hum Irmaõ : tam desapegado viv
de tudo,o que he de algum preço nos olhos dos homens.

CAPITVLO XVI.

Vida,& morte do Irmaõ Joaõ Rozado.

Em Evora 21. de Junho de 1584.

1 O Irmaõ Joaõ Rozado nasceo em a Villa de Merto
la do Arcebispado de Evora. Seus pays se cham
vam Domingos Rozado,& Brites Nunes: da boa educaçaõ, q
deram a seu filho,se deyxa ver,que eraõ virtuosos. Desde os pr
meyros annos foy sempre inclinando-se aos exercicios de virt
de,& gostava de tratar com aquelles, que a tinham. Nas Qu
resmas assistiam alguns Padres da nossa Companhia fazend
Missaõ em Mertola; o virtuoso estudante lhes assistia , & qu
se naõ podia apartar delles ; sendo companheyro de algum q
hia doutrinar aos Camponezes nos lugares proximos, ou neg
ciandolhes na Villa aquillo,que os Padres naõ podiam fazer p
suas pessoas,em ordem ao meneo domestico ; sempre com ta
singular prudencia,& modestia , que mais parecia a todos os
Villa Religioso,que estudante secular.

2 Os Padres que alli hiam prègar , & confessar nas Quare
mas,quando voltavam para o Collegio de Evora , diziam not
veis louvores da innocencia , & virtude que nelle resplandeci
os quaes todos se viram ser bem fundados, quando veyo estud
á Universidade de Evora , em que o Padre que lhe escreveo a v
da,o confessou muytas vezes,& pelas noticias , que de suas co
sas teve na confissaõ,achou a muyta razaõ, que tinhaõ todos e
o avaliarem por estudante de virtude muyto escolhida.

3 Em Evora entrou no Collegio dos Porcionistas.Este Co
legio instituhio o Infante Cardeal depois da erecçam da Un
versidade,nelle se criava muyta gente nobre, & pagava o seu su
tento,por isso se chamava dos Porcionistas.O governo espiritu
deo o Cardeal à Companhia , o temporal corria por pessoa
fór

ora: acabouse com a morte do Cardeal Rey. Entre os que esta-
am no Collegio se adiantava tanto Joaõ Rozado, que disse o
adre, entam Reytor do Collegio, que de cento, que nelle esta-
am, nenhum dava iguaes esperãças, às que elle promettia nas le-
as. Nem por isso se via nelle algum genero de soberba, antes
rande sumissaõ, & respeyto a todos, & por isso geralmẽte bem
uisto, & amado. Frequentemente se confessava, & cõmungava
reparando-se para estes Sacramentos com a miudeza, que o
ria hum perfeyto Religioso: temia grandemente cõmetter
ualquer peccado venial, por isso vigiava sobre si cõ tantas cau-
elas, que admirava ver a hum estudante tam bem inclinado à
irtude, & tam contrario aos vicios. O Padre que o confessava,
isse, que tratando a este ditoso estudante, ou na Confissaõ, ou
ora della, entendia, fazerlhe Deos especiaes favores, particular-
nente na virtude da pureza, a qual conservou como se fora
njo.

4 Deste teor de vida se deyxa ver claramente, que este servo
e Deos veyo jà Santo á Religiaõ, para a qual Deos o inclinou;
elle obedecendo á inspiraçaõ, que o chamava, começou a
ertender a Companhia: avia nisso algumas difficuldades da
arte de seus pays, & Irmãos, que todas com a graça de Deos,
ue o queria, se vencèram; & elle entrou na Companhia em o
Noviciado de Evora a 8. de Janeyro de 1579. tendo dezaseis an-
os de idade. Com o novo estado subiram de ponto nelle as vir-
udes: dizia muytas vezes, que naõ queria saber mais, que o que
via de fazer, para o pór por obra, & se ajustar com suas obriga-
oens; & assim dizem, os que sempre o conhecèram na Compa-
hia, naõ viram nelle falta, nem cousa que com ella se pare-
esse.

5 A virtude da modestia tam propria dos Religiosos, & mais
los da Cõpanhia, parece q̃ nasceo cõ elle, & cõ elle hia crecẽdo:
naõ sò no estado de Novico era a todos de singular exemplo;
mas tambem acabado o Noviciado: muytos do Collegio
para seu aproveytamento nesta virtude o propunhaõ a si mes-
mos por exemplar, & à vista delle como de espelho compunhaõ
suas acçoens, como elles mesmos o confessàram: sentiram esta
utilidade mais particularmẽte seus condiscipulos nos escudos, os
quaes pelo terẽ presẽte nas disputas, & classe cerceàraõ naõ pou-
cas vezes algũs distrahimẽtos, de q̃ se offerecia occasiaõ. Seis an-
nos tinha jà de Companhia, & por verem nelle tanta modestia
os estudantes de fóra, perguntavam, se aquelle Padre era ainda
Noviço

Noviço. A perſeyçaõ, com que guardava eſta virtude em ſ
ſemblante,ſe via tambem nas ſuas palavras; nunca de ſua bo
ſe ouvia palavra,que por algum modo foſſe offenſiva, ou offe
deſſe a alguem. No argumentar, & reſponder, ainda que era
grande habilidade,ſe moſtrava inferior a todos. Em todo o ten
po,que ouvio Artes,a palavra que ſahio de ſua boca mais deſo
denada,ſe aſſim nos podemos explicar, foy dizer a hum condi
cipulo,que lhe argumentava: *Non probatur intentum.* E iſſo p
occaſiam de o arguente lhe dizer, que naõ reſpondeſſe fòra
fórma.

6 No ouvir tinha comſigo particular recato; & ſentia gr
de moleſtia,quando indo fòra ouvia praticas,que naõ quizera;
podia ſem nota,tapava os ouvidos de ſorte,que naõ entraſſe p
elles palavra alguma das que faziam diſſonancia ao ſeu recolh
mento. Diſſeram alguns noſſos Religioſos, que ſendo eſtudan
tes foram condiſcipulos ſeus,& o tratavaõ frequentemente, q
as ſuas praticas, & palavras eram ſempre tam ſeſudas, & com
poſtas, como as de hum pudico Religioſo;& que muytas vez
querendolhe fallar,ſe naõ atreviam, levados do reſpeyto, q
concebiam pondo nelle os olhos. Vio-ſe mais eſpecialmen
eſta ſua grande honeſtidade na ultima doença, que foy terrivel
porque em quanto eſteve em ſeu juizo, nunca deſcobrio p
nem mão, nem ſe moveo com deſenvoltura;antes fazia todas
acçoens com aquelle dominio,que as fizera, ſe eſtiveſſe livre
violencia do mal.

7 Amava tambem muyto a virtude do ſilencio, como qu
tratava mais com Deos,que com as creaturas: ninguem o ve
pelos corredores,nem deterſe em outros lugares publicos,ſena
quando a neceſſidade,ou a obediencia o obrigavam, excepto n
Coro aonde tinha muyta oraçam. Nam fallava nem ainda
caminho ſenaõ de couſas neceſſarias, & entam brevemente re
pondia ao que ſe lhe perguntava,& ſempre reſpondia em Latin
Era inimiciſſimo de contar couſas ſeculares, nem ſe ouvio algũ
vez nos ſeus repouſos contar couſas de fóra,ſó huma, que cert
homem lhe tinha dito,& cedia em vituperio, & deſprezo de ſu
peſſoa. Hum Religioſo do ſeu tempo fazendo eſtudo eſpecial d
modo,que tinha em tratar com os de fóra, para o imitar, diſſ
que huma ſó vez o vira fallar com hum eſtudante de fòra, & qu
ſegundo entendèra, fora porque aquelle eſtudante lhe viera cõ
municar os deſejos que tinha de entrar na Companhia. No re
pouſo o ſeu fallar era ſendo perguntado,ou quando claramen

lh

lhe davam os outros lugar, nam se entremetendo, nem fallando primeyro. Nascia esta circunspecçam do recolhimento interior, que conservava em todas as occasioens, considerando, que tinha junto a si a Christo nosso Senhor, a Virgem Mãy, & outros Santos, de quem era devoto, & eram como testimunhas de vista de tudo, o que fazia, & fallava.

8 De todos tinha grande conceyto, mas em presença nunca louvou a algum, por naõ dar com isso occasiaõ, a que lhe pudesse vir vaidade. A graça de Deos, que o queria assim retrahido, de tal sorte adubava o seu trato, & conversaçaõ, que a todos era jucunda, & sendo de natural melancolico, era tido, & avido por alegre, & aprazivel: quando no repouso se metia alguma pratica, que naõ era conforme a lista de materias, & cousas, que se permittiam fallar, com grande queda, & destreza metendo cousas da lista dava hum còrte, que naõ era penoso, á pratica, & a metia a caminho, & isto às vezes com modo tam suave, que naõ se advertia ser de proposito; porque o fazia metendo alguma pergunta, com que vinha como naturalmente a descair na pratica, que queria. Notouse, que estava tam habituado a fallar cõ cautela, que nem ainda quando na doença tresvaliava, dizia palavra alguma, que tivesse, ou em que mostrasse menos decoro.

CAPITVLO XVII.

De outras virtudes do Irmaõ Joaõ Rozado.

1 NA humildade deo não menores exemplos; dizia elle, que a humildade era, o que menos se achava na honra, por isso fugia toda a estimaçaõ propria: algumas vezes lhe perguntou hum Padre quem de seus condiscipulos sabia mais; nunca delle pode tirar outra palavra senaõ que todos sabiam bem, & que elle era, o que menos sabia. Alegrava-se muyto quando se fazia pouco caso de suas cousas, como quando lhe diziam, ou que naõ argumentàra bem, ou que naõ dera soluçaõ ao argumento, que se lhe tinha posto. A hum Irmaõ, que por graça lhe disse, que naõ fosse hypocrita, agradeceo tanto o conceyto, que mostrava ter delle, que dalli por diante se lhe mostrou affeyçoado, offerecendo-se ao servir, & servindo-o com especial amor, & alegria. Por ser tam bom estudante, se lhe deram as conclusoens, que na Universidade se aviaõ de defender

na Solemnidade do Eſpirito Santo; dellas ſe eſcuſou com toda
as veras dizendo,que ſò ſeus condiſcipulos,& naõ elle,eraõ pa
fazer aquelle acto com eſplendor da Religiaõ: naõ vieram niſſ
os Superiores;& todos os condiſcipulos ſignificáram o grand
goſto,que diſſo tinhaõ,para ſe ver,quam bem ſabia o Irmaõ Ro
zado;que tanto com ſua humildade procurava encubrir os ſeu
dotes.

2 Para ſe adiantar neſta virtude deſejava muyto,que todos
deſprezaſſem,& que o meteſſem em occupaçoens, em que nan
tendo tempo para eſtudar liçaõ, lha perguntaſſe o Meſtre n
claſſe,& naõ a ſabendo,o reprehendeſſe diante de todos,& o cõ
fundiſſe. A ſua conſideraçaõ era imaginarſe hum contemptive
leproſo,de que todos tinhaõ horror,& aſco;dizendo, q ſe os Ir
mãos fallavaõ, & tratavaõ com elle,era ſò por ſua caridade, &
por ſe mortificarem: & que ao leproſo convinhaõ ſó officio
bayxos,& abatidos,& no veſtir o mais pobre, & peyor de caſa
daqui naſcia alegrarſe incrivelmente com as couſas uſadas, &
velhas,que lhe davaõ para ſeu uſo.

3 Sendo tanta a ſua humildade,para a conſervar,na ſua repu
taçaõ ſe tinha por ſoberbo,& como ſe o foſſe,ſe perſeguia de ve
ras:ſe lhe faziaõ alguma couſa ainda de pouco momento, qu
foſſe de honra ſua,como ſe lhe davaõ hũa roupeta nova, & cou
ſas ſemelhantes,logo recorria a Deos, que o naõ deſemparaſſe
& que ouveſſe delle miſericordia,com tanto eſpirito, & fervor
como ſe eſtiveſſe em alguma grave tentaçaõ. Deſta humildade
com que ſe julgava indigno de qualquer bem, que lhe faziam
naſcia o ſer muyto agradecido, ou foſſe aos Irmãos Noviços
que o ſerviam na doença, ou a algũ Irmão Coadjutor; para iſſo
ſe conſiderava como cativo, & eſcravo do Senhor de todos, di
zendo,que aſſim como o eſcravo reſpeyta,& ſe moſtra agradeci
do ao bem,que lhe fazem os filhos de ſeu Senhor, aſſim elle de
via a todos grande reſpeyto,como a filhos de ſeu Senhor.

4 A todos deſejava,& procurava ſervir; ſe algum ſe muda
va de hum para outro cubiculo,elle meſmo pedia licença ao Su
perior para o ajudar, tomando ſempre à ſua conta, o que era
mais trabalhoſo. Vendo elle,que hum Irmaõ ajuntava para lan
çar fóra o junco do cubiculo, ſe foy ao Superior para lhe pedir
licença para o ajudar,mas conſiderando que no entretanto o le
varia o Irmaõ á cerca,voltou do caminho,& eſtendeo o lançol á
porta,para que o Irmaõ o lançaſſe nelle, como fez; entam o Ir
maõ Rozado o tomou a ſeus hombros, & o levou ao lugar de
ſemelhantes deſpejos.

5 Or-

5 Ordinariamente pedia aos Irmãos, rogassem a Deos lhe desse conhecimento de sua vileza,& perdam de seus peccados;& tambem,que elles lhe perdoassem suas desedificaçoens; & isto mesmo pedio a todos na ultima enfermidade. Cada quarto de hora tinha por costume fazer alguns actos de virtude,por quem o humilhasse,& mortificasse;& de certo em certo tẽpo rezar algũas oraçoens,comer paõ dos pobres,& no chaõ,pedir reprehẽsoens no refeytorio,& cousas semelhantes. Ao compasso das demais virtudes era a da mortificaçaõ:occupando-o muytas vezes no tẽpo do estudo, nunca deo algũa queyxa, de q̃ em tal tẽpo o occupasse. Pouco depois de entrar na Cõpanhia tomãdo os exercicios de nosso Sãto P. deytava agua fria sobre a carne,para a fazer desenxabida ao gosto. De ordinario deyxava de comer o mais appetitoso,pegando daquillo, a que sentia mayor repugnãcia. Antes de descobrir o guardanapo fazia actos de desejar lhe cahisse por sorte o peyor, que avia no refeytorio. Quando no veraõ se dava agua fria,a lançava logo no copo, para que alli tomasse algum calor,& assim perdesse daquella sua frieza,& ficasse menos suave. Succedeo morar em hum cubiculo com outros dous Irmãos estudantes;avia nelle só duas cadeyras, & sendo o Irmaõ Rozado mais antigo no estudo,& na Companhia, nunca se assentou em alguma dellas,sò para que os outros naõ tivessem discommodo.

6 Servindo à segunda mesa era o ultimo, que sahia do refeytorio,gastando alli quasi todo o tempo do repouso; & dizendolhe muytas vezes o refeytoreyro,que se fosse;dava a isso muytas razoens,todas excogitadas por sua caridade, & mortificaçaõ. Assim mesmo sendo o que avisava, aos que por seu turno aviam de lavar a louça na cozinha,faltando, ou naõ podendo algum,era elle o substituto de todos;& se lhe diziam, porque lavava tantas vezes a louça,respondia, que roim era o officio,que naõ rendia a seu dono. Indo a peregrinar, se lhe aconteciam alguns incomodos,& falta do necessario,se alegrava,dizẽdo: *Dominus regit me, & nihil mihi deerit.* Em huma palavra,basta dizer, q̃ em quanto podia,se punha contra o seu appetite,& contra seu corpo: era isto tam notorio,que logo desde o Noviciado lhe começáram a ir á mão nas mortificaçoens,& depois sempre os Superiores andàram com vigilancia sobre elle em ordem ao moderarem.

7 Com este desejo de se mortificar conservava huma grande sugeyçaõ aos Superiores,tendo a vontade delles por regra da

ſua. Quando lhe perguntavaõ, ſe poderia fazer eſta, ou aquell
couſa, a repoſta era, que nam avia porque lhe perguntarem, ſ
podia; porque elle podia tudo, o que lhe ordenaſſe a ſanta obe
diencia. Em toda a vida deo grandes exemplos deſta virtude, &
mayores na doença, de que morreo. Todos os medicamentos
que ſe lhe mandavam tomar, & mandàram muytos difficultoſo
de levar, os aceytava, & tomava como ſe foſſem de grande ſabor
ſem niſſo moſtrar repugnancia, porque ſe tinha bem enſayado
quando eſtava ſaõ. Nas primeyras noytes de ſua doença por lã
çar muyto ſangue pela boca, foy preciſo darem-lhe alguma
ſãgrias, & por ſer a taes horas, aproveytarem-ſe de hũ Irmaõ ſan
grador, que naõ era tam deſtro, nem tam grande na arte, como
neceſſidade, em que eſtava o doente; & o effeyto o moſtrou
cuſta de quem o ſofreo: nem menos que tres lancetadas lhe deo
& de bom tamanho, para acertar com a vea: todas levou o do
ente ſem mover o braço, ſem dar hum ay, nem com o roſto da
moſtras de quem ſentia: ficando todos admirados de tanto ſofri
mento.

8 Com duas conſideraçoens ſe alentava a padecer, & ven
cer as repugnancias da natureza: a primeyra era imaginar, que a
mortificaçaõ, & vencimento de ſi era morgado, que Deos lhe de
ra, & juntamente bençaõ; por iſſo quando a natureza acudia cõ
a repugnancia, que coſtuma vir em occaſioens que a diſgoſtam
ſe irava ſantamente, & ſe envergonhava dizendo contra ſi meſ
mo: *Calicem, quem dedit mihi Pater, non vis, ut bibam illum?* A ſe
gunda conſideraçaõ era ſuppor como couſa certa, que por ſeu
peccados tinha jà lugar no Inferno, & que Deos por ſua infinita
miſericordia lhe cõmutàra aquelle caſtigo eterno por eſta
mortificaçoens temporaes; as quaes, para ſatisfazer a eſta mercè
aceytava, & devia aceytar com boa vontade, ainda que foſſem
tam difficultoſas, que por cauſa dellas ouveſſe de lançar os bofe
pela boca; era palavra, com que o ſervo de Deos ſe explica
va.

9 Na caſtidade diz o Padre que o confeſſou muytas vezes
antes, & depois de entrar na Companhia, que era como hum
Anjo, & a conſervou ſempre com aquella inteyreza, que he
poſſivel a homem mortal. Com ter neſta materia recebido tan
to de Deos, deſconfiava nella grandemente de ſi: punha todos os
ſeus cuidados em applicar remedios para naõ dar fé de repreſen
taçoens, que naõ eſtavaõ na ſua mão; & ſe recatava de toda a oc
caſiam, em que lhe pudeſſe occorrer alguma couſa menos pura,
por

por isso tinha singulares cautelas nos olhos, & nos ouvidos; & sentia grande molestia em ir fóra, por se naõ expor, ou à ver, ou a ouvir, o que naõ quizera. Cada quarto de hora fazia certas petiçoens a Deos acerca desta virtude, & para a conservar fazia especiaes devoções á Senhora, ao seu Anjo da guarda, a Santa Catherina do Monte Sinai, a Santa Catherina de Sena, a Santa Ursula, & mais Virgens suas companheyras, & a Saõ Bernardo.

10 Na pobreza foy a todos de grande exemplo: se lhe davaõ cousa nova para vestir, se entristecia, & em secreto se punha de joelhos pedindo a Deos tivesse delle misericordia, & que o naõ desemparasse; como se o daremlhe cousa nova fosse indicio de que Deos o queria castigar. Costumava naõ pedir cousa, que pudesse escusar: daqui nascia aver nos Superiores grande cuidado em attentar por elle, por ser notorio o descuido, que tinha de si. Tratava bem todas as cousas de que usava, considerando, que eram de Christo nosso Senhor, & as resguardava como alfayas, & joyas muyto prezadas de tam grande Rey. Na ultima doença achando-se com hum relicario, & algumas contas bentas à cabeceira pedio instantemente lhas tirassem dalli, & levassem o Superior, para que dispuzesse dellas, como lhe parecesse, porque queria morrer sem cousa alguma desta vida.

CAPITVLO XVIII.

Das mais virtudes deste bemdito Irmão, & de sua morte.

1 QUam exacto fosse na obediencia mostra bem o cōceyto, que tinha formado de seus Superiores, & era, que quando elles o mandavam, o mandava, o mesmo Deos em pessoa, & o que se lhe ordenava era expressamente ordem sua: daqui nascia nam esquadrinhar, nem ajuizar sobre o que se lhe mandava, & tinha disso grande temor, porque se persuadia, que era julgar, & esquadrinhar os juizos de Deos. Naõ esperava, nem sofria, que a mesma cousa se lhe mandasse duas vezes, porque a ordem que se lhe dava, & a sua execuçaõ vinha a ser quasi o mesmo. Imaginava ser escravo ferrado da santa obediencia, & que as suas obras estavam marcadas cō o mesmo ferro. Tambem se considerava como hum pedaço de ferro na mão do official, que faz delle, quanto lhe parece; & como hum corpo morto, dizendo que assim como este naõ póde fazer obra huma-

na por naõ ter alma,assim elle a naõ podia fazer; daqui tirava
que pois nam tinha alma, para fazer o que a obediencia lhe or
denava, avia de pedir a Deos lhe desse espirito,o qual movesse
a seu corpo morto para obrar: & que este avia de ser espirit
Angelico de obediencia; pois assim como o corpo morto entrã
do nelle hum Anjo,& movendo-o, nam avia de cansar, nem en
fastiarse do trabalho,ainda que fosse continuo; assim elle co
trabalho nenhum se avia de enfadar. Desta profunda considera
çaõ resultava, naõ ter genero algum de vaidade das obras boa
q̃ fazia por obediencia;dizendo, q̃ o que alli avia de bõ,tudo e
do espirito,q̃ governava o corpo morto. Outras vezes se imag
nava com hũa corda ao pescoço,a qual estava na mão dos Sup
riores,para com ella arrastarem como quizessem o seu corp
ainda que fosse muyto á sua custa por lugares asperos, & com
muyto quizessem.Destas santas consideraçoens se ajudava pa
fazer por obediencia todas as obras,ou fossem de recreaçaõ, o
de mortificaçaõ.

2 Na ultima doença foram continuos os exemplos, q
deo nesta virtude, obedecendo aos que tinhaõ delle cuidado c
toda a exacçam. A noyte em que começou a lançar sangue pe
boca,lhe disse o Irmaõ que tratava delle, que nem bolisse, ne
fallasse: guardou isto tam pontualmente,que sò aos Superiore
& Medicos perguntado respondia, & dava o braço para tom
rem o pulso;com os mais se avia como se fora morto sem bol
comsigo,nem fallar; & o que mais he, dandolhe as lancetada
que assim dissemos, nem se queyxou, nem moveo com a do
mais que se estivera sem sentido. Tinha tãta resignaçaõ na v
tade dos Superiores, & Medicos,que bastava significarem-lh
era ordem sua, para vencer quaesquer difficuldades, que se
tisse em tomar estes, ou aquelles remedios. Perguntandol
muytas vezes os Superiores,se desejava alguma cousa,respond
sempre,que nada lhe faltava;& como fosse taõ continua esta r
posta,o Superior lhe mandou, que dissesse determinadament
que cousa de comer appetecia; vendo que já aqui naõ tinha l
gar a sua ordinaria reposta, nomeou chãmente a cousa que d
sejava,que logo lhe foy dada; depois de a comer, ficou ta
corrido,que disse a hum Irmaõ, que se estivera com saude, fo
para elle de grande mortificaçaõ darselhe, o que elle appet
cia.

3 Nesta doença lhe sobrevieram frenesis,& sò os naõ tinh
no que tocava á santa obediencia: ouvindo tanger a campa
exam

xame,se retirou com grande sossego, para huma parte da ca-
na a modo que se examinava,chegouse a elle hum Irmaõ, que-
endolhe dizer certa cousa, a que o frenetico acodio dizendo-
he: Irmaõ,he tempo de exame. Dandolhe algumas colheres de
aldo,que lhe custavam muyto a levar,lhe disse,quem lhas dava:
rmaõ carissimo, naõ levareis por obediencia mais huma co-
her? A reposta do frenetico foy: Meu Irmaõ,por obediencia le-
arei duas panelas cheyas. Foraõ as palavras formaes, com que
nostrou o grande amor,que tinha à santa obediencia.

4 Tinha grandes tremores de mãos, & com estar fóra de si,
& naõ estar na sua mão acquietallas;em lhe dizendo o Superior,
ou o enfermeyro,ou alguem da parte do Superior, que estivesse
com ellas sossegadas,logo se acquietava. Estando junto à morte
com o tresvalio se hia levantando da cama; dissielhe entam hum
rmaõ Noviço,que lhe assistia,que o Padre Reytor dissera, que
e naõ levantasse; em ouvindo esta palavra se recolheo logo, &
cquietou. Perguntoulhe hum Padre,que virtude pedia todos os
dias a Deos com mais efficacia;respondeo com grande seguran-
ça, que a obediencia aos Superiores,& sugeyçaõ aos Irmãos. De
tudo isto se deyxa bem ver,quam radicado estava nesta virtude,
quem ainda nos tresvalios tinha nella tam grandes acertos.

5 Na virtude da oraçaõ se pòde dizer era continuo o seu
exercicio, porque na classe, nos corredores, na quinta,nos re-
pousos, & recreaçoens era o seu modo, & compostura como de
quem tinha sempre a Deos presente. As suas devoçoens tinha
escritas em hum papel,que lhe servia de registo no livro porque
à noyte lia a meditaçam para o dia seguinte; & examinava se as
tinha cumprido: se achava aver faltado em alguma, a cumpria
logo. Todas as vezes,que ouvia o relogio,fazia reflexam sobre si
dirigindo a Deos todas as obras, que avia de fazer. Cada quarto
pedia a Deos algumas virtudes especiaes. Visitava amiudadamẽ-
te ao Santissimo Sacramento, a quem tinha singular devoçaõ,
& diante do mesmo Senhor tinha cada dia hora,& meya de ora-
çaõ: isto afòra a hora, que tem toda a Communidade pela ma-
nhã,& o exame,& outras devoçoens,que eraõ muytas. Por mais
que tivesse que fazer,naõ cortava cousa alguma pelos seus exer-
cicios espirituaes. Fallava com grande fervor, & devoçaõ do
Santissimo Sacramento,especialmente nas vesporas, & nos dias
de communhaõ,em que os Irmãos fervorosos se accendiam com
as praticas deste servo de Deos,& amigo seu muyto querido.

6 No livro de que usava na classe, tinha huma Imagem da
Senhora,

Senhora, em que punha frequentementeos olhos, & os affectos que os condiscipulos liam no semblante amoroso, com que contemplava: & se acaso advertia, que era observado, como er muytas vezes, dissimulava indo correndo as folhas, como quem buscava alguma cousa. Os tempos das ferias, em que naõ ha es tudo, quasi todos se lhe hiam em communicar na oraçaõ com Deos, & ordinariamente diante do Santissimo Sacramento; & entendiam todos, que com o muyto exercicio, a oraçaõ nam era para elle obra de pena, mas de singular gosto. Se o nam achavaõ no cubiculo, já era vóz commua, que o fossem buscar ao Coro diante do Santissimo, que là era certo, se a obediencia o naõ ti nha occupado em outra cousa. Sendo ainda Noviço, cõmettendo hum dos Irmãos certa falta, foy o Padre Mestre dizendo aos Noviços, que cada hum dèsse áquelle Irmaõ, que cõmettèra a falta, a penitencia, que julgava merecia aquelle defeyto; chegando ao Irmaõ Rozado, disse este, que lhe dava de penitencia hum quarto de oraçaõ, em a qual procurasse o conhecimento da sua falta; como quem sabia que diante de Deos he que ellas se vem melhor.

7 Deste trato, que elle tinha com Deos, nascia sentir em si grandes desejos, de que todos o tratassem familiarmente pelo santo exercicio da oraçaõ. A seus Superiores descobria miudamente toda sua consciencia, manifestando quanto nella passava com todas as circunstancias, que avía; como se a conta fosse confissaõ, & elle em ordem à fidelidade a punha no mesmo andar. Aceytava as suas repostas como se fossem immediatamente de Deos. Na ultima doença, ou antes, ou nos tresvalios tudo era trato com Deos: em quanto teve juizo, de Deos eram as suas praticas; & quando já estava fraco, & naõ podia levar ao fim as palavras de Deos, pedia o ajudassem a pronunciallas. Ditou hũa Ladainha dos Sãtos, a que tinha devoçaõ, & pedio a seu Confessor, que quando a elle lhe faltasse a memoria, ou jà naõ pudesse pronunciar por causa da fraqueza, o fosse elle ajudando. Os colloquios santos, & jaculatorias amorosas a Deos, & à Senhora eraõ continuos. Era tam grande o sentimento que tinha de suas culpas, & dava taes mostras delle, que os presentes choravam muytas lagrimas de consolaçaõ, por ver a hum moço tido, & avido de todos por Angelico, doerse como se tivera sido o mayor peccador do mundo: vendo elle chorar aos outros chamou a hum Padre que o confessàra, & com palavras jà desfalecidas lhe disse: Veja Padre, quam seco sou, pois chorando todos, só eu

nam

am posso lançar huma lagrima pelos olhos.
8 Depois que começàram os frenesis, em que os enfermos m culpa sua sahem em palavras desconcertadas, nunca da sua oca sahio alguma, que mostrasse, avia nelle especies de cousas rofanas,& seculares; tudo eram devoçoens, & cousas de Deos. e algum Padre começava algum Psalmo, ou hymno, elle o ontinuava atè o fim: pedia q̃ o ajudassẽ a fallar cõ Deos. Abra- ava-se com hum Crucifixo,& lhe dava muytos osculos cheyos e ternura,& affecto. Mandou o Superior vir alguns, que can- avam, & perguntando ao santo Irmaõ, que queria entoassem: espondeo que lhe cantassem o Psalmo: *In exitu Israel de Ægyp-* . Tudo isto succedia, quando estava com os tresvalios, nos uaes respondia tanto a proposito nas cousas santas, & espiri- aes, que se persuadiam muytos, estava para ellas em seu per- yto juizo.
9 Perguntoulhe hum Padre no dia antes de morrer, que ousa naquella hora lhe dava mayor alegria: respondeo com si- aes de grande consolaçaõ; que a esperança, que tinha de ver á Deos. Perguntoulhe mais, qual era a segunda cousa, que depois esta o alegrava: respondeo, que o ver que morria na Companhia:& isto repetio dahi por diante muytas vezes, como uem nisso se saboreava todo. E porque estas repostas eram no empo, que estava fòra de seu juizo, quiz o Padre certificarse, se oram acaso,& em diversos tempos tornou a repetir as mesmas erguntas, & sempre o santo Irmaõ acodio com as mesmas re- ostas. Perguntoulhe tambem, que cousas pedia com mais ins- ancia a Nossa Senhora: & respondeo, que lhe pedia lhe alcan- asse castidade, & pureza de vida. Pouco antes de morrer lhe isse hum Irmaõ, que se alegrasse, pois aquella era a hora, pela ual entrára na Companhia,& que dèsse a Deos as graças pela nercè, que lhe fazia: alegrouse ouvindo isto, & esforçando a òz, disse, que desejava, que todas as creaturas presentes, passa- as,& futuras louvassem, & servissem a nosso Senhor por tam rande favor, como era aquelle.
10 No tempo desta doença descobrio a hum Irmaõ, antes q̃ doecesse, pedia a Deos amiudadamente, o levasse para si naquel- e tempo,& assim o alcançou. No dia antes de morrer lhe disse um Padre: Consolaivos carissimo, que hoje vos vereis cõ Deos o Ceo: respondeo logo com grande segurança: Hoje naõ, á ma- hã sim. O que tudo se cumprio; & desta reposta, & de outras conjecturas, ou indicios, collegiram muytos, que Deos nosso Se-
nhor

nhor lhe revelàra o dia de ſua ditoſa morte.

11 Em quanto viveo eſte ſervo de Deos, ſempre teve gran-des temores deſte ultimo tempo da vida, receando grandemen-te nelle as tentaçoens do demonio,& de que perdendo a falla, as naõ pudeſſe deſcobrir a ſeus Confeſſores,& Superiores,para lhe applicarem, & elle fazer os remedios cõvenientes; & tambẽ,que perdendo o uſo de ouvir, naõ percebeſſe os Santiſſimos nomes de Jeſus,& Maria,nem ouviſſe as outras palavras ſantas:por cau-ſa deſtes ſantos temores poz em toda a ſua vida todos os ſeus cui-dados em grangear para eſta hora a amizade de Deos,& abayxo de Deos a da Senhora,& dos Santos, para que o naõ deſempa-raſſem na hora da morte. E em premio deſtes temores, & ſervi-ços,quiz Deos,que em todo o tempo deſta doença percebeſſe ſempre o que lhe diziam; & reſpondeſse ao que lhe pergunta-vam. E atè parece foram premio os treſvalios, tirando eſtes ao demonio as occaſioens de o tentar.

12 Em a noyte dos vinte de Junho tornou a ſeu perfeyto juizo,& neſte perſeverou todo o dia ſeguinte,que naquelle anno era quinta feyra,ſempre com couſas ſantas, & com Deos na bo-ca,como quem nam tinha outra couſa no coraçaõ : huma ale-gria,& paz,qual Deos neſta hora coſtuma dar,aos que todos fo-ram,& ſaõ ſeus amigos de coraçaõ. Na quinta feyra à noyte pe-las oyto horas fez a doença alguns termos daquelles, que coſ-tumam ſer ultimos. Concorrèram os noſsos Religioſos, como ſe eſtyla,para o ajudar com ſuas ſantas deprecaçoens, & collo-quios,& no quarto depois das oyto da noyte deo ſua feliz alma nas mãos daquelle Senhor, a quem tam fielmente ſervira. Mor-reo aos vinte,& hum de Junho de mil quinhentos oytenta, & quatro no Collegio de Evora. Foy ſua morte de grande conſo-laçaõ a todos por ſer tam ſanta; & de grande ſentimento, por lhes faltar tam bom Irmaõ, & tam exemplar. Eſte ſentimento naõ foy ſò em os de caſa,mas em todos os eſtudantes da Univer-ſidade, que todos naquelles dias nam fallavam mais que de ſuas virtudes,referindo cada hum,o que nelle tinha notado. De to-das as claſses ſahiram a ſeu enterramento, que ſe fez com igual devoçaõ ao ſentimento.

13 Eſta he a ſanta vida, & ſanta morte do Irmaõ Joaõ Ro-zado,que em pouco mais de ſinco annos de Religiaõ alcançou tantas virtudes,quantas em ſincoenta, & mais annos nam con-guem muytos,porq̃ ſe naõ dam a ellas como fervor,com q̃ eſte ſanto Irmaõ o fez. Devemos eſtas memorias, que ſaõ precioſiſ-

ſimas

nas, a hum manuscripto antigo de cousas de edificaçaõ, que se
nserva em o cubiculo do Padre Mestre dos Noviços do
ollegio de Evora; & do modo com que falla, quem as escre-
o, se deyxa ver, ainda que naõ põem o seu nome, que era Con-
ssor deste servo de Deos. No livro dos Obitos do Collegio se
z foy enterrado na Capella de S. Sebastiaõ. Faz mençaõ delle
Agiologio Lusitano no dia de sua morte.

CAPITVLO XIX.

*ida do Bispo Dom Luis de Cerqueyra. Dà-se noticia de sua pa-
tria, estudos na Companhia, como foy eleyto Bispo de Japam,
para onde se partio, & huma breve noticia do estado da-
quelle Imperio, & chegada do Bispo.*

1 O Padre Doutor Dom Luis de Cerqueyra, columna firmissima da Religiaõ Catholica nos Reynos de Em Nangasaqui 26. de Fevereyro de 1614.
paõ, nos quaes foy Bispo, teve por patria a Villa de Alvito no rcebispado de Evora. Seus pays se chamáram Pedro de Cerqueyra, & Antonia Souda, da gente de bem daquelle povo. Mãram-no estudar á Universidade de Evora. Contava de idade atorze annos, & meyo pouco mais, ou menos, quando entrou Companhia neste Noviciado aos 14. de Julho de 1566. sen- Mestre dos Noviços o Padre Gonçalo do Rego. Os dous anos procedeo como verdadeyro Noviço da Companhia, passan- por todas as experiencias, que se fazem aos daquelle estado, rvindo nas enfermarias, cozinha, Sacristia; indo varias vezes Hospital da Cidade servir aos pobres enfermos. Em tudo o mostras do grande espirito, que nelle descobriram os tempos.

2 Nos fins do Noviciado, antes de acabar, estudou letras humanas, naõ devia isto naquelle tempo ter as difficuldades, que oje. Depois de feytos os votos, levou adiante os estudos, que tre nòs se costumam: nos quaes sahio tam consũmado, que eyo a ser dos aventajados Mestres, que ouve na Universidade e Evora. Nella se graduou de Doutor na Santa Theologia, & y Mestre insigne desta faculdade por muytos annos. Antes de graduar foy nomeado Bispo, & logo tomou o grao de Douor, sendo seu padrinho o Senhor Dom Alexandre filho dos Duues de Bragança; assistio Dom Theotonio Arcebispo de Evo-a, & ao dar do grao, tirou o seu anel do dedo, & o mandou, para

ſe meter no do novo Doutor,& Biſpo.Eram neſtes tempos grã
des em Japaõ as perſeguiçoens contra os Chriſtãos; & neceſſi
tavam,de que ſe lhes acodiſſe, para que os naõ ſorveſſem as o
das,que andavam fòra de ſeus limites.

3 Já os annos antes ſe tinha mandado por Biſpo do Japaõ
Padre Dom Pedro Martins da noſſa Companhia,tambem le
te daUniverſidade deEvora.Pareceo ſer neceſſario mãdar out
Biſpo,q foſſe ſeu Coadjutor, & futuro Succeſſor. Pedio ElR
Dom Philipe o Segundo ſe lhe dèſſe para eſta occupaçaõ ao P
dreDoutorLuis de Cerqueyra,decujos preſtimos,& letras eſt
va bem informado. Veyo o Padre Geral da Companhia e
petiçaõ tam ajuſtada com as leys da caridade; & á inſtancia
Rey o Papa Clemente Oytavo em virtude da ſanta obedienc
mandou ao Padre que aceytaſſe o Biſpado. Naõ ſaõ eſtes
Biſpados,que a Companhia regeyta, porque elles ſó trazem p
honra,& renda trabalhos, & mais trabalhos. Com tudo indo
filhos da Companhia ſervir nas Miſſoens de tam boa vontad
lhes cuſta muyto, que o ſeu trabalho tenha huns longes de pr
mio temporal,qual elles julgam ſer eſta honra de Biſpo, ain
que tam acompanhada de fadigas;& por iſſo, abraçando as fad
gas, ſaõ neceſſarias eſtas obediencias para ſe ſugeytarem a eſ
tanta,ou quanta honra.

4 Naõ quero aqui paſſar em ſilencio,o que lhe ſuccedeo e
Evora.Rezava elle Matinas huma noyte de Inverno à candea,
o Padre Leaõ Henriques o velho Confeſſor do Cardeal Re
Quando a candea com mão inviſivel ſe tirou do ſeu lugar,
começou a andar pelo cubiculo, teve o Padre Cerqueyra ta
to medo, que fugio pelo cubiculo fòra; porèm o Padre Leaõ
ſeguio,& dizendolhe, que naõ fugiſse, nẽ tiveſse medo, que
quillo fazia hum deſaforado, & que elle tornaria logo a cand
a ſeu lugar;animouſe,voltou ao cubiculo, & já a candea eſta
quieta;continuáram a reza. Teve o Padre Leaõ Henriques grã
de dominio ſobre o Demonio,como ſe diz na ſua vida.

5 No anno de 1594. foy o Padre Cerqueyra ſagrado Biſp
Tibiriecenſe na Cidade de Evora. Teve niſto grande devoçaõ
Senhor D. Theotonio Arcebiſpo. Pedio aos Biſpos vizinho
que vieſsem aſſiſtir,para iſto lhes fez os gaſtos,á vinda,eſtada,
ida. Para mayor ſolemnidade mandou fazer cadeyras novas
tèla para os Biſpos: ao novo Biſpo deo à ſua cuſta todas as i
ſignias,& tambem o ſeu Pontifical. No dia que ſe ſagrou,jant
o Arcebiſpo com os mais Prelados no noſso refeytorio,corrẽd

toc

todo o gasto por conta do Arcebispo. No tempo que durou a mesa, ouve oraçoens em varias linguas; a ultima foy em Portuguez, & nella se tratou como a Companhia sò aceytava dignidades, cujos rendimentos erão trabalhos; & o orador fez isto com tal energia, q̃ muytos dos presentes choráraõ de devoçaõ. Chegado o tempo da navegaçaõ, o Arcebispo lhe mandou fazer toda a matalotagẽ assim de mãtimẽtos, como de roupas, & lhe deo muytas peças ricas, que levasse comsigo para Japaõ. Tanta devoçaõ lhe tinha este virtuoso Prelado. Pelos fins de Março do mesmo anno se embarcou para a India na Armada, em que foy por Capitaõ mór Ayres de Miranda Henriques, a qual constava de dez naos. Os gastos da jornada, & todos os mais, que tocavam ao necessario para authorizar a dignidade de Bispo, fez liberalmẽte El Rey D. Philippe, como em semelhãtes occasioens o costumavaõ fazer os Serenissimos Reys de Portugal seus antecessores. Do que lhe succedeo, depois de se embarcar em Lisboa atè chegar a Macao, nam pude aver noticia que o relate. Em Macao se achou com o Bispo Dom Pedro Martins, que cõ outros Padres fora desterrado de Japaõ pelo Tyranno Taycosama. Assim os dous Bispos, como o Padre Alexandre Valignano Visitador da nossa Companhia, assentáram entre si, que o Bispo Dom Luis, & o Padre Alexandre passassem a Japaõ, como em effeyto passáram, detendo-se em Macao sómente, em quanto amaynava alguma cousa a tempestade da perseguiçam, que em Japaõ se tinha levantado. Em avendo moçaõ competẽte o Bispo, & o Padre Visitador com mais quatro da Companhia se fizeram á vela para Nangasaqui, Cidade, aonde era o principal cõmercio dos Portuguezes em Japaõ. Em quanto vão pelo mar, naõ serà fòra de caminho dar aqui huma breve noticia do estado, em que naquelle tempo se achava a Religiaõ Catholica naquelle vasto Imperio.

6 He Japaõ, como sabem, os que tem noticia das Regioens do Oriente, hum vasto Imperio, que consta de mais de sessenta Reynos: saõ estas terras todas cingidas de mar, & cortadas entre si com muytos braços do mesmo elemento, & por isso he hum agregado de Ilhas. Neste tempo era Senhor absoluto daquelle grande Imperio, Taycosama, homem verdadeyramente da fortuna, & tam vil, que os seus principios foram servir a hum lavrador de lhe trazer do mato lenha ás costas. Era muy vivo, em tudo dava de si satisfaçaõ, & com agrado, dos que delle se serviaõ. Os brios, & generosidade natural demandavam cousas grandes.

Em fim por varios degraos , & caminhos o ſubio a fortuna a ſe
eſtimado do Emperador Nobunanga. Fez delle confiança em
couſas de grande ſer , & ninguem ſe ſahia dellas melhor , qu
Taycoſama. Succedeo,que ſendo mandado por General de hũ
guerra,outro Capitaõ de Nobunanga tomou as armas contr
ſeu Senhor , & lhe tirou a vida , fazendo-ſe Emperador de Ja
paõ.

7 Sabendo Taycoſama eſtas revoltas,voltou ſobre elle par
vingar a morte de Nobunanga; & em effeyto ſe tirou a vida ac
intruſo Emperador. Depois como Taycoſama eſtava tam adi
antado na potencia,ſe fez Governador de Japaõ, dizendo , qu
tomava aquelle cargo, em quanto naõ tinha idade hum neto d
Nobunanga,que era o legitimo herdeyro.Imaginando todos ſe
rem eſtes os ſeus penſamentos , ſe acquietáram; & Taycoſam
diſpoz as ſuas couſas de ſorte,que ſe apoderou dos ſeſſenta , &
ſeis Reynos de Japaõ , couſa que avia mais de trezentos annos
naõ pudera fazer outro algum Emperador. Deo logo ao net
de Nobunãga hum eſtado,em que viveſſe; & elle ſe tratou com
ſupremo , & abſoluto Senhor ; & uſando antes de outro nome
dalli por diante ſe chamou Taycoſama, que quer dizer,grande
& ſupremo Senhor. Eſtava elle tam apoſſado, & temido de tu
do,& de todos , que naõ ouve, quem ſe atreveſſe a tomar a vo
do neto de Nobunanga,& encontrar tam atrevida reſoluçam.

8 Nos principios do ſeu governo fez boas paſſagens ao
Padres,lembrado das que lhe fizera ſeu Senhor Nobunãga, Deo
patente,& licença ampla , para que nos ſeus Reynos ſe fizeſſ
Chriſtaõ,quem o quizeſſe ſer. Com eſta occaſiaõ ſe convertè
raõ muytos Senhores grandes. Naõ durou eſta bonança muyt
tempo. A cauſa de ſe voltarem de repente as couſas,foy a muy
ta incontinēcia deſte Tyranno.Tinha elle miniſtros , q̃ por to
do o Japaõ ſem reſpeyto a razoens,nem leys algumas lhe buſca
vam para o ſeu vicio as donzellas mais eſpecioſas;& como hun
Bonzo principal miniſtro deſtas vilezas , vieſſe aos Reynos d
Arima,& Omura,& procuraſſe conduzir para a Corte alguma
Chriſtans ; eſtas abominando tal maldade , ſe occultàram , & ſ
ouveram de modo,que nem huma ſó,das que elle pertendeo,po
de levar. Cuſtoulhe muyto iſto,& tendo-o por grande deſprez
do Emperador,ſe lhe queyxou contra os Padres, dizendo , qu
por ſua doutrina aquellas Chriſtãs tinhaõ deſprezado a ſua Ma
geſtade.

9 Era Taycoſama homem arrebatado, & colerico,& tend
po

por cousa indigna, que alguem se atrevesse a encontrar os seus appetites. Logo mandou publicar crueys edictos cõtra os Christãos, & desterrar os Padres, dando por causa que a Ley de Deos era destruiçaõ dos antigos Deoses do Japaõ, com cujo patrocinio tantos annos se tinha conservado aquelle Imperio. Ouve por esta occasiaõ muytos, & gloriosos Martyres, grandes victorias da Fè, que se podem ver nos que de proposito tratam esta materia.

10 Tendo este tyranno sessenta, & quatro annos de idade, & avẽdo dezaseis, que usurpára o Imperio: nos ultimos dias de Junho de 1598. lhe sobreveyo hũa enfermidade, q̃ pouco a pouco o veyo a consumir de modo, que perdeo as esperanças de viver. Ainda que a doença lhe tirou as forças do corpo, nam lhe tirou os espiritos altos, que mostrou em toda a sua vida, antes agora os descobrio mais. Tinha hum filho de cinco annos, ao qual desejava deyxar o Imperio; para conseguir este intento, mandou chamar a hum dos Reys mais poderosos do seu Imperio, & o fez governador de todo, em quanto o seu filho nam tinha idade, & para mayor segurança o casou com huma neta do mesmo Rey filha do seu filho morgado. Depois tomou juramento aos grandes de fidelidade, & fez varios Governadores, porèm subordenados áquelle Rey. Mandou tambem, que depois de sua morte o contassem entre os seus deoses, & por tal o adorassem.

11 Estes eraõ os cuidados de Taycosama, & o seu estado, quando em cinco de Agosto de 1598. chegou o Bispo, & mais Padres a Japaõ. Neste dia teve o Tyranno taõ terrivel accidente, que todos cuidáram, morria delle; mas como cousa mà dura mais do que se cuida, viveo ainda atè os dezaseis de Setembro. Logo que chegou a nao, o Capitaõ della o mandou visitar com hum bom presente, indo por interprete o Padre Joaõ Rodrigues da nossa Companhia. Chegáram a Meaco nos 4. de Setembro, & dando-se recado a Taycosama, mandou levar diante de si o presente, que se lhe trazia. Depois de o ver, ordenou entrasse sò aonde elle estava, o Padre Joaõ Rodrigues, que era bem conhecido de Taycosama. Achou ao enfermo lançado sobre huma colcha de seda, & entre huns coxins de veludo, tam attenuado, & consumido, que apenas tinha figura de homem. Fez chegar junto de si ao Padre, agradeceolhe a visita. Naõ quiz o Padre perder a occasiaõ, & começando a meterlhe pratica da vida eterna, & salvaçaõ da alma, que podia conseguir, se abraças-

ſe a ley verdadeyra;nam deo ſua obſtinaçaõ lugar a tam impor
tantes aviſos. Por tanto ſe deſpedio o Padre com a magoa d
ver a hum homem de tanta capacidade, & juizo, tam cego na
ſuas miſerias, que tendo naquelle tempo tanta advertencia pa
acautelar as temporalidades futuras,ſó nam ſoube diſporſe pa
o bem eterno. Morreo eſte Tyranno em 16. de Setembro d
meſmo anno de 1598. acabando tam brutalmente, como viv
ra.

CAPITVLO XX.

Do que ſuccedeo atè ſe aquietarem as perturbaçoens do Imperio.

1 COm a morte de Taycoſama,& com a vinda do Bi
po ſe alegrou ſũmamente toda a Chriſtandade d
Japaõ. Julgouſe com tudo, ſe procedeſſe neſtes principios co
muytas cautelas, por naõ offender os Governadores, & que
Biſpo eſtiveſſe occulto, & ſó aſſim,& naõ publicamente exerc
taſſe o ſeu officio. Era o Padre Viſitador muy conhecido no J
paõ,& por alguns deſtes Governadores, que deyxou Taycoſ
ma, a eſtes deo razaõ da ſua vinda,delles ſe valeo, & Deos fo
ſervido,de que elles a approvaſſem, & foſſẽ contentes,de que o
Padres ficaſſem em Japaõ. Foram innumeraveis as converſoen
que ouve neſte tempo, pois ſò nos ultimos ſeis mezes do ann
de 1599. ſe fizeram paſſante de quarenta mil Chriſtãos: q
neſta copia de frutos ſahio o muyto ſangue dos Martyres, q
na perſeguiçaõ ſe tinha derramado,& tam fecundo coſtumou ſ
ſempre na Igreja de Deos.

2 Era notavel o fervor de todos,& mayor,o de Dom Agoſt
nho Rey de Fingo,hum dos grandes Reys de Japaõ, eſte acod
com eſmolas a todos, & ao noſſo Biſpo acodio com huma d
quinhentos cruzados em arroz,que em tempo que eſte Princip
voltava empenhado da guerra do Coray, foy eſmola grandioſ
Nas terras deſte Dom Agoſtinho ſuccedeo huma couſa mu
rara: porque no dia de S. Marcos indo huns meninos fazer ora
çaõ a huma Cruz,que eſtava no Cemeterio, vio hum delles po
nome Marcos,junto daquella Cruz outra muy reſplandecent
& dando-ſe aviſo aos Chriſtãos da povoaçam,concorrèraõ, &
viram o meſmo. Divulgouſe mais a fama, ouve mayor concu

ſe

ſo;huns viam huma Cruz,outros duas, outros mais, & outras appariçoens,que cauſavaõ,alèm da admiraçaõ, devoçaõ, & dor dos peccados. Era couſa myſterioſa,que nem as Cruzes,nem as outras appariçoens ſe viam logo; mas depois que faziaõ oraçaõ: & os que depois de eſtarem eſpaço,nam viam logo; que faziam Acto de Contriçaõ, & ſe dohiam dos peccados,& rezavam com devoçaõ, viam as Cruzes, & mais appariçoens. Duràraõ eſtes apparecimentos quaſi tres mezes. Sobre elles naõ quiz o Biſpo declarar couſa algũa, julgando que era melhor deyxar correr o povo com eſta ſua devoçaõ,& boa fè, atè que Deos deſcobriſſe os fins deſtes portentos. Foram elles ſem duvida a converſam de muytas almas, porque com elles os moradores da Cidade de Jateuxiro,que eraõ gentios,ſe movéram tanto, que deſta Cidade,& ſeu deſtricto ſe convertèram, & bautizàram couſa de vinte,& cinco mil almas. Aſſim hia Deos conſolãdo a eſte virtuoſo Prelado.

3 Teve muyto,em que exercitar ſua caridade cõ os Chriſtãos de Firando. Levantouſe naquelle Reyno hũa terrivel tormenta,por ſer o ſeu Rey hũ dos mayores inimigos,que a Fè tinha em Japam. No tempo que aquelle barbaro ſe achava em Meaco,para dar obediencia ao filho de Taycoſama,ordenou aos Governadores do ſeu Reyno, intimaſſem aos Senhores Chriſtãos, que nelle avia, deyxaſſem a Fè de Chriſto; pois nam era vontade ſua a conſervaçaõ. Divulgouſe o edicto, foy grande o ſentimento dos Padres,que reſidiam em Firando,& naõ menor o do Biſpo;eſcreveolhes,animando-os, & juntamente offerecẽdolhes toda a ajuda em caſo, que os deſterraſſem de Firando. Faziam os Governadores todas as diligencias,porque deyxaſſem a Fè,querendo ter feyto eſte ſerviço ao ſeu Rey, quando chegaſſe da Corte. Mas os bons Chriſtãos ſe reſolvèram perder antes vidas,& fazendas,que tornar atraz em ſeus propoſitos. Avia nelles homens de grande nobreza, & eſcolhidos Capitaens; temiam-ſe perturbaçoens, & tambem naõ queriam ficaſſe o Reyno ſem taes columnas;por iſſo andava tudo muy revolto:& os Governadores fizeraõ exactas diligencias por ſaberem, em que determinaçam eſtavam: alcançando,que era ſahiremſe do Reyno, & deſterrarem-ſe para outra parte, diſſimulàram com o negocio,& os deyxàram.

4 Conſiderando elles, que vindo o Rey, por ſer homem terrivel,ſeriam mayores os apertos, todos pela calada diſpuzeram a ſua partida com tanto ſegredo, que ſó ſe ſoube, depois de

ſe partirem ; embarcáram-ſe aquelles Senhores principaes co
as ſuas familias , que por todos faziaõ atè ſeiſcentas peſſoas , &
tendo bom tempo chegáram a Nangaſaqui , deyxando ſu
patrias,dignidades , & fazendas , por ſe naõ meterem em pe
rigo de perder a Fé. Tal era o fervor deſtes Chriſtãos. Co
ſua chegada foy ſingular o goſto do Biſpo , que logo de
ordem aos prover , aſſiſtindolhes aſſim com ſuſtento , com
com alfayas de caſa. Quaſi dous annos lhes acodio elle , & o
mais Padres da Companhia com a ſua pobreza,reſplandecend
neſta occaſiaõ muyto ſua caridade em ſoccorrer, ſendo tam po
bres , aos que por Chriſto ſe tinham reduzido a miſeria. Viera
depois fugindo outros Chriſtãos de Firando,& chegou o num
ro a oytocẽtos. Até q̃ vendo o Rey a perda que niſto recebia;
o diſgoſto,que dava a ſua nora , que era Chriſtã , & muy amad
de ſeu filho , & que eſtava em reſoluçaõ de tambem ſe ſahir d
Reyno , ſe mais lhe fallavam em deyxar a Fè ; deſiſtio dos ſeu
depravados intentos,deyxando de perſeguir aos Chriſtãos.

5 Dayfuſama , que era o principal Senhor de Japaõ , ſe hi
moſtrando propicio às couſas dos Chriſtãos, chamando por ve
zes a alguns Padres da Companhia,que procuravam de lhe ga
nhar a vontade. Succedèram logo grandes perturbaçoens n
Imperio , porque deyxando Taycoſama dez Governadores d
Imperio ſubordinados a Dayfuſama , eſte ſe tratava como Se
nhor abſoluto : por eſta cauſa ordiraõ contra elle huma terriv
conjuraçam , & ſe puzeram em armas;porèm vindo às mãos f
càram vencidos por Dayfuſama , & elle com eſta ſó batalha Se
nhor de todo o Japaõ. Ouve grande ſobreſalto em todos o
Chriſtãos,& mais no Biſpo,& Padres,que ſentiam por extrem
as oppreſſoens deſtes ſeus Neophitos. Na conſpiraçaõ cont
Dayfuſama entràram muytos Principes Chriſtãos,& nelles D
Agoſtinho Rey de Fingo , homem que era a columna da Fè e
Japaõ,& hum dos mais alentados,& nomeados Capitaens , q
avia no Imperio, cuja amizade ſempre antes procurára Dayf
ſama. Eſte na perda da batalha fora preſo , & publicamente d
golado. Por tanto ſe temia,que Dayfuſama tomaſſe fogo cont
todo o nome Chriſtão com mais odio,que Taycoſama, pois t
nha para iſſo mais cauſas.

6 Porèm Deos noſſo Senhor lhes moſtrou brevemente,qu
neſta mudança de governo , lhes traçava a ſua mayor paz , &
quietaçaõ. Em nome dos Padres de Nangaſaqui foy viſitar
Dayfuſama o Padre Joaõ Rodrigues ; recebeo-o com beneve
lenci

lencia, a qual ſobio de ponto no meyo da viſita; porque hum criado de Dayfuſama, que ſe achava preſente, & no tempo das revoltas tinha ido a Nangaſaqui com negocios de Dayfuſama, lhe diſſe entam: Senhor, eſte Padre, & os mais de Nangaſaqui, quando lá fuy, me fizeram muytos favores, & em todo o tempo da guerra, fazendo ſempre as partes de Voſſa Mageſtade, & ajudando a eſte ſeu criado, por ſer couſa ſua; ſendo que aquellas terras eſtavam pela mayor parte contra o ſerviço de Voſſa Mageſtade. Foy o dito deſte homem como huma voz do Ceo: porque Dayfuſama moſtrou particular contentamento, acrecentando que tudo cria ſer aſſim, & que naõ eſperava elle outra couſa de homens tam primoroſos como eram os Padres.

7 E porque o ſeu agrado naõ paraſſe ſó em palavras, logo mandou deſpachar proviſoens, pelas quaes os confirmava nas tres principaes caſas, que tinhaõ antes em Japaõ, que eram as de Meaco, Ozaca, & Nangaſaqui, para nellas poderem morar ſem offenſa de peſſoa alguma. Favor foy eſte, que depois que no anno de 1587. foraõ deſterrados de Japaõ pelo Tyranno Taycoſama, nunca o puderam alcançar; nem alcançariam ſe continuaſſem os Governadores, aſſim por muytos delles ſerem inimiciſſimos dos Chriſtãos, como porque tinhaõ jurado de fazer guardar as leys de Taycoſama; os quaes inconvenientes ceſſáram todos com o novo Senhor, & governo de Japaõ. Antes o mais que puderam alcançar, foy, que certo numero de Padres pudeſſe reſidir em Nangaſaqui, mas a licença ſó fora de palavra, & naõ eſcrita.

8 Tambem os livrou Deos de outro ſuſto. Veyo a Nangaſaqui Ximondono, muy amigo del-Rey de Firando, o qual ſentira muyto a retirada dos Chriſtãos de Firando para Nangaſaqui; & já antes fizera inſtancias, para que obedeceſſem a ſeu Senhor natural, accõmodando-ſe aos ritos gentilicos, que elle queria fizeſſem; no que os bons Chriſtãos naõ quizeram vir por reſpeytos alguns. Temia-ſe, que com eſta nova vinda a Nangaſaqui tornaſſe a meſma pertençam; era muy poderoſo, & bem viſto de Dayfuſama, & os receyos todos bem fundados; & que tomaria mal a vinda do Biſpo, que atè aquelle tempo eſtava encuberta. Logo que chegou a huma ſua fortaleza nam longe da Cidade, da parte do Biſpo, & dos Padres o foy viſitar o Padre Joaõ Rodrigues, que por ſer muy conhecido, & verſado nas couſas de Japaõ, era o Mercurio de todas eſtas embayxadas. Por elle lhe eſcreveo o Padre Viſitador, dizendo na cartar em como

por

por morte do Bispo Dom Pedro, que elle mandára para Macao lhe succedèra no officio outro Padre da nossa Companhia, qu viera de Europa, & estava em Japaõ, que lhe pedia o quizesse fa vorecer. Nesta mesma conformidade lhe escreveo tambem o Bispo. Tem Deos nas mãos os coraçoens dos homens, elle o troca, quando he seu serviço: assim o fez agora; porque Xi mandono, ainda que os teve por alguns dias suspensos sem respõ der, depois respondeo ao Bispo, & Padre Visitador, ficando muy satisfeyto com aquella visita, & cartas: depois vindo a Nangasa qui, tratou ao Bispo, & Padres com cortezia, & sendo duas veze convidado em casa dos Padres, & huma na do Bispo, se agradou muyto do recebimento, que lhe fizeram; & prometteo de os fa vorecer, no que pudesse; o que lhe era agora mais facil, por se Dayfusama mais flexivel, que o Emperador passado, & naõ ave já a multidam de Governadores, que por serem muytos, tinham nesta materia opinioens encontradas.

9 Por estes caminhos poz Deos entam as cousas de modo que os Padres, & Bispo ficàram desassustados, & expeditos para exercitar os seus ministerios. Avendo grande fome na Comarca de Nangasaqui, acodiram os Portuguezes à pobreza com huma grossa esmola, dando nesta materia o Bispo exemplo muy par ticular a todos, porque soccorreo com toda a liberalidade, quan to estava nas suas posses. No tempo, que as cousas se hiam pon do em modo de se revolverem com a guerra, se retirou o Bispo a Xiqui, que he huma daquellas Ilhas, em que a Companhia tinha casa, alli se deteve cousa de hum anno crismando, & exercitando no mais o officio pastoral. Naquella terra o visitàram alguns Reys Christãos.

10 A devoçaõ destes Senhores, & dos mais Christãos se acres centou muyto com os exercicios da Somana Santa. Benzeo o Bispo os Oleos, & o fez com grande pompa, & solemnidade, & foy a primeyra vez, que em Japaõ se fez este solemne officio. De pois elle mesmo fez tambẽ o lavatorio dos pès na Quinta Fey ra Santa, pelo modo, que se usa em Europa: este devoto acto se acompanhou com muytas lagri s dos Christãos, que se enter neciam de ver tanta piedade, & humildade á imitaçaõ do Se nhor.

11 Em Xiqui se deo entam principio a huma nova festa en tre os Christãos, para a qual he necessario saber o uso de Japaõ: costumaõ elles celebrar o primeyro dia do seu anno novo cõ bã quetes, & outros diversos contentamentos, aos quaes misturam

alguns

alguns ritos das ſuas idolatrias. Retiravam-ſe os Chriſtãos deſtas feſtas por cauſa das ceremonias gentilicas. Seguia-ſe daqui que os gẽtios tinhaõ por muy rigoroſa a Ley de Deos, pois prohibia as devidas corteſias em dia tam ſolemne; impedia-ſe por eſta cauſa naõ pouco a converſaõ dos gentios. Conſiderado, & conſultado bem o ponto, determinou o Biſpo inſtituir naquelle meſmo dia alguma feſta, que celebraſſem os Chriſtãos por principio do anno novo de Japaõ. Por tanto ſe inſtituhio a feſta de Noſſa Senhora da Protecçam; publicouſe entre os Chriſtãos a ſolemnidade, & modo, que nella ſe avia de guardar, para ſe alegrarem, ſem fazerem rito algum gentilico. Com iſto ouve em todos huma geral alegria; & ſe tirou aquelle impedimẽto à converſaõ dos gentios. Remedio he eſte, com que a Igreja tinha já acodido a outras profanidades, como as que ſe faziam no dia da Purificaçaõ, & no dia de Saõ Pedro ad Vincula, pondo-as em eſquecimento com as ſolemnidades, que nos taes dias mandou celebrar.

CAPITVLO XXI.

Da viſita, que fez o Biſpo ao Emperador de Japaõ, & como foy delle recebido, & dos mais Senhores.

1 Corria o anno de 1606 jà neſte tempo Dayfuſama, mudado eſte nome, ſe chamava Cuboſama, que quer dizer, Capitaõ univerſal de toda a milicia de Japaõ, & por eſte o nomearemos, quando delle fallarmos, pois aſſim o chamam as relaçoens. Ainda que elle por ſuas proviſoens tinha cõcedido aos Padres viverem nas tres Cidades, que diſſemos, & dalli diſcorriam pelas Chriſtandades, hiam muyto attentos, por nam dar alguma occaſiam de diſgoſto a elle, ou a ſeus Miniſtros. O Biſpo eſtava como prezo em Nangaſaqui, que era Cidade toda de Chriſtãos; nem atè aquelle tempo tivera occaſiaõ de fallar, & viſitar a Cuboſama.

2 Neſte anno lha offereceo Deos pelo modo ſeguinte: veyo a Nangaſaqui hum privado de Cuboſama, chamado Iquiam, para dar ordem ao negocio da nao dos Portuguezes. Tomou o Biſpo grande conhecimento com eſte gentio, de que reſultou amizade entre os dous. Entendeo o gentio os deſejos, que tinha o Biſpo de viſitar a Cuboſama, & ſe lhe offereceo para pòr corrente a entrada, em voltando para a Corte. Aſſim o fez, como o

pro-

prometteo: fallou a Cubosama, disselhe, quem era o Bispo, &
sua dignidade, o poder sobre todos os Christãos nas cousas d
salvaçaõ: particularmente lhe declarou, quam proveytoso er
para a conservaçaõ do cõmercio entre Japoens, & Portuguezes

3 Ouvindo isto Cubosama, veyo facilmente, em que o Bisp
o fosse visitar. Deoselhe aviso de tudo, & logo se poz a caminh
para Ozaca, que dista de Nangasaqui como quatorze jornadas
Chegado a Ozaca, soubese logo na Corte da sua vinda, & algun
privados do Emperador, o mãdàram visitar, dandolhe o parab
da chegada. Iquiam, q̃ tinha tomado este negocio muyto à su
cõta, lhe mandou logo hũa embarcaçaõ de rio bem esquipad
com muytos dos seus principaes criados, para nella o trazerem
& juntamente mandava as alfayas necessarias ao modo de Ja
paõ para o bom trato de sua pessoa. Nesta embarcaçaõ foy o Bis
po pelo rio assima atê Meaco, que distava como doze legoas
No caminho lhe sahiram ao encontro muytas embarcaçoen
dos Christãos de Meaco, que o vinham receber, mostrando to
dos grande alegria de verem na Corte ao seu Pastor. Desembar
cou huma legoa da Cidade, onde os principaes Christãos o es
peravam com seus refrescos, como na terra he costume. No di
seguinte foy aquella legoa por terra acompanhado dos Chris
tãos; na Cidade se hospedou na casa da Companhia, onde tam
bem o esperavam muytos Christãos, que todos mostravaõ gran
des desejos de o ver.

4 Chegado o dia, em que avia de fallar a Cubosama, foy ao
paço vestido com o trajo ordinario de Bispo em hũas andas ao
modo de Japaõ, levadas em hõbros de homẽs, como he estylo na
quelle Imperio. Como o Emperador estava bẽ informado d
grãdeza da sua dignidade, & de como era cabeça dos Christão
em Japaõ, querendo o honrar mais particularmente, mandou, q̃
nas mesmas andas, em que hia, entrasse pelo paço, & sem se a
pear, fosse nellas atè certo lugar, onde nenhum Senhor de Japaõ
tinha chegado naquella fòrma; que foy honra, & grande privile
gio, que só com o Bispo se usou.

5 Estavaõ no mesmo tempo alguns Senhores no paço com
seus presentes para verem a Cubosama, esperando occasiaõ d
entrar. Porèm o Emperador ordenou fosse em primeyro luga
o Bispo. Entrou na sala, onde Cubosama vestido pelo modo, q̃
usava nos actos publicos, o recebeo cõ benevolencia, fazendo-o
chegar muyto perto de si, atè certo lugar honroso, que tinh
mostrado ao Padre Joaõ Rodrigues, que por ser interprete en

tro

rou com o Biſpo. Agradeceolhe o Emperador o trabalho, que
omàra em o viſitar; eſtimou o preſente, que lhe offertou, por ſer
e couſas que em Japaõ por ſerem novas, ſempre ſaõ do agrado
e quem as aceyta. Foy eſte recebimento de muyta honra para
Biſpo, por ſe uſar com elle, o que ſò ſe pratica neſtas viſitas
om algumas poucas peſſoas do Japaõ.

6 Depois mandou aos ſeus principaes, lhe foſſem moſtrar
s ſeus paços, & fortaleza de Fuximi, em que ordina-
amente reſide. Aſſim meſmo deo ordem ao Governador de
leaco, lhe moſtraſſe todos os templos daquella Cidade, que
õ os mais grandioſos, que ha em todo Japaõ. Foram tam par-
culares eſtas couſas, que como as vio a Corte, & os grandes do
nperio, ſe admiravam de couſa tam nova, & cobrāram muyto
onceyto da peſſoa do Biſpo, & da ſua dignidade. Os Chriſtãos
aõ cabiaõ em ſi de prazer, vendo na peſſoa do ſeu Prelado tam
onrada a ley, que ſeguiam.

7 Viſitou tambem o Biſpo a alguns Senhores da Corte, dos
ue mais podem cõ o Emperador. De todos recebeo honra: dous
ſpecialmente dos mais validos ſe offerecèram para ſerem pro-
ectores dos Chriſtãos, graça que o Biſpo eſtimou, quanto de-
ia. Em todo o tempo, que ſe deteve na Corte, foy viſitado nam
ò dos Chriſtãos della, mas de outros, que de longe concorriam,
os quaes deo o Sacramento da Confirmaçam. Na partida ſe
eſpedio de Cuboſama, & mais Senhores, de quem tinha recebi-
o honra, deyxando-os bem affectos ás couſas dos Chriſtãos, &
om grande conceyto da peſſoa, & dignidade do Biſpo: que tudo
ervio muyto para dar credito, & autoridade á Religiaõ Catho-
ica entre os gentios. Por todas as terras por onde paſſava nam
ie explicavel o concurſo, & alegria dos Chriſtãos. Chegando a
huma Cidade do Reyno de Bugem, de que era Senhor Jecun-
lono, o qual ainda que gentio, tivera por mãy huma Senhora
Chriſtã, eſte recebeo ao Biſpo com todas as moſtras de affecto,
ratando-o com toda a liberalidade, & grandeza. Diſſe, tinha
goſto de lhe ouvir huma Miſſa, achouſe a ella com tanta reve-
rencia, como o pudera fazer o mais devoto Catholico. Na deſ-
pedida ſe offereceo ao Biſpo, para ſer protector daquellas
Chriſtandades; & lhe diſſe, em como em ſeu coraçaõ era Chriſ-
tam, & que o trataſſe como a hum ſeu ſubdito; & que ſò naõ ti-
nha recebido o Santo Bautiſmo por reſpeyto de Cuboſama; que
naõ era contente, ſe fizeſſem Chriſtãos os grandes Senhores do
ſeu Imperio. Deo o bom ſucceſſo deſta viſita occaſiaõ a lhe

fazer

fazer outra o Padre Provincial da nossa Companhia,da qual e
le se deo tambem por muy pago,& lhe fez honra ; & dalli po
diante se deo lugar a correrem os nossos ministerios com men
sosobro. Bem verdade he que nestes, ou naquelles Reynos ou
ve algumas perseguiçoens; por quanto os Reys nos seus distr
ctos tem mando absoluto, & sò huma reconhecença ao Supr
mo Senhor do Imperio;o qual se naõ mete nas disposiçoens d
governo de cada hum dos Reynos da sua Monarquia.

CAPITVLO XXII.

Do zelo,& mais virtudes deste exemplar Prelado, & de sua morte.

1 PAra acodir melhor ás suas ovelhas,ordenou de Sa
cerdotes a sete Japoens, & deo ordens menores
sinco da mesma naçaõ. Estava a Cidade de Nangasaqui, que to
da como dissemos era de Christãos , dividida em sinco Parc
quias; em tres dellas fez Curas a tres dos Sacerdotes Japoen
que foram os primeyros,que na sua patria tiveram este minist
rio. Faziam-se nesta Cidade todas as solemnidades da Igrej
Catholica com tanto aceyo, perfeyçam,& devoçaõ, que muy
tos gentios,que alli concorriam aos seus contratos, sò de as v
rem,se convertiam;porque aquelle culto santo de si he huma vo
muy penetrante,& por seu meyo infunde Deos naõ poucas v
zes nas almas cegas a luz de que necessitam, para se abraçare
com a verdade,como tem succedido, & succedia frequentemen
te em Nangasaqui.

2 Desta Cidade,em que assistia, sahia o Bispo a exercitar
seu officio , & visitar suas ovelhas. Indo à Ilha de Goto pa
chrismar, foy notavel a honra,com que o hospedou o Tono(a
sim chamaõ aos Senhores das terras) sendo que era gentio. A
lèm dos banquetes,que elle, & os seus nobres lhe deram,ord
nou se lhe fizessem mutas representaçoens publicas, & hum
solemne caça de Veados,para a qual se ajuntou muyta gente d
pè,& de cavallo,que os corria em huma larga devesa ; estand
vendo tudo o Bispo,& os da sua comitiva de certo lugar, send
nestas cousas o Tono o principal, celebrando a vinda do Bisp
a suas terras,como se em pessoa viesse o Senhor de Japaõ. Assi
autoriza Deos a seus servos, & autoriza a sua Fé em quẽ a nar
ten

em. Tudo aceytou o Bispo com agrado exterior, como convi-
ha, sendo que o interior estava bem longe destas estimaçoens.
Dellas se seguio naõ pequeno proveyto das almas, porque os
Christãos se confirmàraõ, & consolàraõ, & os gentios concebè-
am grande conceyto da Fè, vendo, que o Senhor da terra hon-
ava tanto ao Prelado dos Christãos; & depuzeraõ algum temor,
ue tinhaõ do seu Tono, em ordem a abraçar a verdade.

3 Conduzio muyto para a moçam dos animos verem os
entios a solemnidade, & santas ceremonias, com que celebrava
s Officios Divinos, & a decencia de ornamentos, & ministros,
ue tudo de si espirava, o que era. Crismaria nesta visita como
es mil Christãos, aos quaes edificava muyto ver com seus o-
os os incõmodos, q̃ padecia; por quanto por naõ dar molestia
alguem nas hospedagens de sua pessoa, & das de sua familia, de
a sahia a fazer seu officio nas aldees, que estavaõ de ordinario
nto da praya, & de noyte se recolhia a dormir na embarcaçaõ.
Tudo se lhe fazia suave com ver a extraordinaria devoçaõ dos
Christãos, a piedade, com q̃ os meninos o sahiaõ a receber cãtan-
o Psalmos, & oraçoens. Antes de se despedir desta Ilha alcan-
ou do Tono licença, para que no principal lugar da Ilha, em
ue elle reside, pudesse assistir hum Padre, para com mais cõmo-
o cultivar a Christandade: esta concessaõ foy para o Bispo de
rande gosto, por ficarem mais bem servidos os seus Christãos.

4 Depois que o Bispo enrrou em Japaõ atè o anno de 1614.
m q̃ morreo, respirou muyto a Christandade de Japaõ, & diz o
Padre Antonio Francisco Cardim, nas advertencias que faz no
rincipio dos seus elogios, que nestes annos se escrevèram nas
stas de Christo cento sincoenta, & dous mil, & novecentos, &
ove Japoens. Parece, que com este bom Prelado entrou a bo-
ança em Japaõ, & com elle se acabou; pois morrendo elle em
Fevereyro de 1614. em o Novembro do mesmo anno foram
mandados sahir de Japaõ por ordem de Daysusama todos os
Ministros do Sagrado Euangelho. Desviava este solicito Pastor
odas as occasioens de ruina nas suas ovelhas. Aos Portugue-
es prohibio com censuras levar por escravos aos Japoens, por-
que o costumavam fazer com grande offensa de Deos, & da li-
berdade, em que nacèram. Alèm das esmolas com que soccorria
os Christãos, que por naõ perder a Fè, tinham deyxado as pa-
rias, & fazendas, lhes applicava as penas pecuniarias, q̃ se reco-
hiam de alguns culpados; & tambem os dinheyros, que de di-
eyto se lhe davaõ por razaõ de alguns despachos no seu officio.

5 Todas as virtudes como em espelho se viam neste Sant
Prelado; especialmente grande pureza de consciencia, que nell
nam parecia de homem, mas de Anjo. Pela naõ offender aind
em cousas minimas, nunca determinava negocio algum, que na
pezasse antes, o que podia fazer, & era bem, que fizesse. Daq
nascia nelle grande veneraçaõ aos decretos dos Summos Pont
fices, & aos Concilios. Ainda aos Superiores da Companhia, e
pecialmente ao Padre Gèral, sendo que jà naõ era seu subdit
respeytou sempre como se o fora. Na pureza de seu corpo fo
tam recatado, como na do seu espirito; dizia, que tudo, o que e
contrava a perfeyçaõ desta Angelical virtude, lhe aborrecè
sempre.

6 Nas suas acçoens se via em tudo gravidade Episcopal, qu
demãda este cargo. As palavras eraõ pezadas, naõ se lhe ouvir
huma ociosa, & menos palavra, que desdourasse a seu proxim
porque delles sò dizia, o que se devia louvar. Se era necessari
consolar, a quem estivesse em afflicçam, cortava por qualqu
negocio, que tivesse entre mãos, para como pay amoroso dar
livio aos affligidos. Sendo homem tam sabio, & tam acertado r
que dispunha, tinha de si tam bayxo conceyto, que antes de p
blicar algum decreto, o sugeytava aos pareceres alheyos; pedi
do naõ perdoassem por respeyto algum à censura, que merece
se. Com sua particular modestia se fazia Senhor dos coraçoen
naõ só dos Religiosos da Companhia, mas das outras Religiõe
que se achavaõ em Japaõ.

7 Na dignidade conservou o mesmo teor de vida, que tive
nos Collegios da Companhia. Em sua casa, como nas Cõm
nidades Religiosas, estavaõ repartidos os tempos, & se dava co
a campa para este, ou aquelle exercicio. Aos Clerigos lia hun
liçaõ de casos de consciencia; outras vezes pelos nam molesta
lhes explicava algum livro desta materia. Dezaseis annos avi
que entràra em Japaõ, quando lhe sobreveyo a doença de q
morreo, originada de ver as perseguiçoens, que em diversas pa
tes padeciam as suas ovelhas, causadas do odio, que alguns Re
gẽtios tinhaõ á nossa Sãta Fè. Tres mezes lhe durou a enferm
dade; depois de entrado nella, lhe começou a picar hũa excessi
dor entre as espadoas, o effeyto della foy, arrebentaremlhe du
postemas na mesma parte, quinze dias antes que acabasse. T
dos os remedios, com que se acodio a tam preciosa vida, fora
de nenhum effeyto. Recebeo devotamente os Sacramentos,
dizia amiudo, que avia muyto tempo tinha grandes desejos

e ver com seu Redemptor na gloria: mas que sò lhe estava muy presente o cuydado, em que andava de reformar a sua Igreja de Japaõ com novas disposiçoens, sobre as quaes tinha escrito ao Summo Pontifice. Conservou sempre seu perfeyto juizo, fazendo muytos actos de piedade, & devoçaõ, entre os quaes se desatou sua alma do corpo aos 16. de Fevereyro de 1614. tendo 62. de idade, & de Companhia quarenta, & oyto, na Cidade de Nangasaqui. O sentimento em sua morte foy igual ao amor, que se lhe tinha em vida, que era grande. As suas exequias se fizeram com aquella pompa, & apparato, que se poderiam fazer em Europa, com immenso concurso de gente, que acodia, os Christãos levados da dor, & os gentios da novidade; pois foram estas as unicas exequias de Bispo, que vio Japaõ; em tudo apparatosas, por se fazerem em Nangasaqui, Cidade toda de Christãos, de cõmercio, & muy populosa. Esta vida se recolheo assim das Relaçoens das cousas de Japaõ, como da que compendiosamente traz no seu primeyro tomo dos Varoens Illustres o Padre Eusebio. Nadasi o traz em 20. de Fevereyro no seu Annus dierum.

CAPITVLO XXIII.

Virtudes, & santa morte do Padre Jorge de Contreyras, & do Irmaõ Antonio Alveres estudante.

1 DO Padre Jorge de Contreyras acho escrita com especificaçam a morte, que foy indice de huma santa vida. Nasceo este bom Padre na Villa de Monte-mór o novo no Arcebispado de Evora, teve por pays ao Doutor Diogo de Contreyras, & Margarida Coelha; entrou na Companhia em Evora aos trinta de Novembro de mil quinhentos oyrenta, & dous, tendo dezoyto annos de idade. O demais de seus bons exemplos direy com as palavras do Padre Antonio de Abreu, que nesta Provincia foy hum Padre muy autorizado, & morreo sendo Provincial, o qual diz assim, escrevendo a outro Padre.

2 O exemplo, com que o Padre Jorge de Contreyras viveo na Companhia, a todos he notorio, resguardando-se sempre de faltas ainda muyto leves, para o que Deos lhe deo huns santos escrupulos; & ainda que os da reza excedèram, permittindo-os o mesmo Senhor, para nesta vida purgar a algumas culpas

da fraqueza humana,em outras materias nasciam de muyta m
dureza,& entendimento,& ponderaçaõ em cousas espirituaes.

3 Eu como com elle particularmente tratei, fiz alguma
vezes reflexam para consolaçaõ, & emenda minha, da muy
cautela, com que este bom Padre fallava em cousas alheyas;
notey,que nunca lhe ouvi palavra, que fosse em diminuiçaõ
virtude,ou talento de seus Irmãos, antes com huma inclinaça
misturada da boa natureza, & espirito,em todos achava, q
louvar. Tinha particular affeyçaõ, aos que sentia affeyçoad
ao trato espiritual, sobre o que lhe ouvi algumas palavras, q
referira,se meu intento fora escreverlhe a vida.

4 Da morte direy alguns pontos mais notaveis. Parecem
que lhe deo Deos sciencia de bẽ morrer;& disse bem hũ,espãt
do dos actos de amor,& contriçaõ,que lhe via fazer, & das bo
meditaçoens, que naquella hora tomava que morria como h
mem naõ sò Santo,mas douto. Em caindo na cama na segund
ou terceyra exacerbaçam da febre,que teve, se lhe represento
que Deos o chamava para si;& logo entendeo com seu Confe
sor,& dispoz a consciencia,para acodir apercebido com o vaz
cheyo de oleo a qualquer toque,que à porta se lhe dèsse.

5 Ouviram-lhe dizer, que seu grande amigo o Padre Ped
de Mariz, lhe negociára esta passagem para melhor terra, don
conjecturamos, que lhe pedira com instancia esta mostra
amizade,quando com Deos se visse. Sentio hum de seus disc
pulos nelle notavel mudança de rosto,& fastio à vida, & estu
no dia da morte do Padre; & assentando-se em sua cadeyra di
se,que já que Deos assim queria, que gastasse o restante da vi
sobre os livros,que pelo menos com particular affecto offer
cia a Deos aquelle trabalho: & na morte do Padre Pedro S
moens communicou com a pureza da alma que tinha, ao me
mo discipulo: q̃ tinha particular desejo,que Deos o levasse des
vida, & pelo que logo contarei, se verá,que nasciam estas se
tenças de coraçaõ. Assim como descobrio esta võtade a seu di
cipulo, assim com os demais fallava outras vezes á sua porta
matèrias muy espirituaes, em especial da bemaventurança,
conhecimento dos bens eternos; & isto com tantos affectos
que hum delles me disse,que por vezes á vista do fervor, & e
pirito de seu Mestre naõ podia ter as lagrimas.

6 Continuou na cama cinco somanas, & ainda que com t
da a exacçam comprio, o que importava para a restauraçaõ
saude,muytas vezes se me represẽtou, como homem leva
e

n pensamentos muy altos, que para o outro mundo, & saude
erna pertenciam. Nem me pareceo nelle cousa nova, no gest
mostrar a vehemencia da boa meditaçaõ, porque em saõ o fa-
a. Por graça lhe dizia eu, que estando elle á mesa, no modo
comer, ouvir, & ver, parecia, que compunha groza, todo enle-
do em pontos metafisicos; hum dia me respondeo, que nunca
e lembrava argumento, nem soluçaõ naquelle tempo; mas
e o gosto, que tinha de ouvir a liçaõ da mesa, o levava àquel-
s mostras exteriores, de que elle, porque naõ dava fè, naõ fazia
so.

7 No cabo das cinco somanas enfraqueceo de todo, atè que
desconfiou de sua saude, & o avisàram, que morria; que to-
asse o Sacramento da Santa Unçaõ; tomou-o elle com tam
traordinaria devoçaõ, pregados os olhos sempre no Ceo, apa-
lhando as palmas das mãos com tal alegria, que antes de fallar
lavra, já muytos dos que estavam presentes, choravam; assim
rque o amavam muyto, como porque o modo de receber o
cramento era efficaz para causar esta piedade. Pedio logo o
rucifixo, & em voz bayxa se offereceo nas mãos do Senhor,
e nas suas tinha, agradecendolhe as mercès, que delle recebè-
, mostrando a esperança, que tinha, & elle lhe dava, de o ir ver.
lgumas vezes parava, outras se abraçava com Christo; & co-
o do mysterio da Encarnaçaõ era devotissimo, muytas das pa-
vras, que aqui disse, tocavam na uniam, & encorporaçaõ, que
eos com-nosco fez.

8 Tiràram-lhe o Crucifixo dentre os braços para descan-
r, entam fallou com os Irmãos pedindolhe muyto, o encom-
endassem affectuosamente a Deos, que isto era, o que impor-
va, que de sua morte tinham pouco, que se entristecer, & as-
m o pedia. Acrescentou estas palavras, se bem me lembro:
luyto tenho de que dar conta a Deos, mas tambem me consor-
na memoria das mercès, que com meu espirito usou. O que
qui mais me atormenta, dilohey, se a Vossa Reverencia pare-
r, (isto fallando cõ o P. Reytor) para que os Irmãos saybam,
que aqui magoa muyto. O que mayor pena dà, he a frieza, &
nperfeyçaõ, com que fiz meus exercicios espirituaes de oraçaõ,
exames, Missa, & o mais, que pudera ter comprido com
ande fervor; mas quanto tivera ganhado, se me apostàra, cui-
que se agora Deos me prolongára a vida hum anno, em ne-
huma cousa mais me esmerára, que no trato intimo, & fervo-
so com meu Deos.

9 Porèm tambem me consolo,que me perdoará elle as fri
zas,que por mim passàram,& ou assim , ou assim,là estam est
tissoadas no Purgatorio : saõ estas suas palavras : & he muy
para ponderar,que vendo-se sempre nelle nas palavras , & rost
em quanto andava saõ,sinaes de muyta devoçaõ interior,da fa
ta della se dohia na hora derradeyra; està claro,que o amor,q
a esta virtude tinha,lhe mostrava , como pouco, & imperfey
tudo,o que fizera.

10 Continuou à pratica,atè que chamou por mim, pedin
licença ao Padre Reytor,para eu em algumas cousas correr
elle,como para o consolar,& ajudar a morrer, & que me quer
fazer certas lembranças para aquella hora , que elle chama
trabalhosa, pelo muyto,que o demonio nella negociava para
quando via que a alma lhe fugia das mãos. Chegueime eu á c
ma,& declarandolhe a inveja,que todos lhe tinhamos pela qui
taçam,com que morria,& edificaçaõ , que de sua vida nos de
xava,começou de se rir com tanto gosto , com quanto o faz
em saõ em algum passo de seu contentamento ; & disse com
mesma alegria,& rizo: Aqui naõ ha, que arrecear , nem que e
tristecer,para tal fim entramos todos na Companhia,dou mu
tas graças à Deos,que nella me meteo, graça seria , se nos na
alegrassemos com a vontade de Deos ; eu agora,outros irám d
pois,& todos juntos nos veremos no CeoDiz S.Chrysostom
que somos como naos,que partem de hum para o outro port
humas chegaõ mais tarde , &c. mas eu que me ponha agora
prégar,por caridade,que se vaõ deitar;& se eu morrer,se lemb
de com grande affecto me encõmendar a alma.

11 Confesso a Vossa Reverencia que já vi alguns festeja
a nova da morte,como nesse Collegio me lembra,que a receb
o Padre Fernaõ Coutinho com estas palavras em Latim : *Ni
mihi lætius,nihil gratius,nihil dulcius poterat nuntiari*; com outr
sinaes de gosto da alma, mas rizo tam verdadeyro , & delasson
brado,outros o teriam, naõ me acharia a tal passo. Assim tod
os que com elle estavamos , que ainda eramos em grande num
ro,huns para os outros nos espantavamos deste animo á vista
seu santo rizo,derramãdo nossas lagrimas;& a alegria , que ac
começou,lhe durou em hũs tres dias,que ainda viveo,nos qua
atè meya hora pouco mais,antes que espirasse , esteve em
perfeytissimo juizo,repetindo Psalmos ; & algũas vezes pa
vencer o sono,que no dia derradeyro lhe carregou,explican
nelles algũs versiculos difficultosos cõ tãta clareza , & agudez

q

que me maravilhou: tinha elle particular inclinaçaõ à Escritura sagrada.

12 Fiquei sò com elle hũ pedaço daquella noyte, em que o ungiraõ, & me instruhio, no q̃ queria, q̃ lhe repetisse, & trouxesse à memoria, quãdo chegasse seu transito, & como a aquella alma, de Deos tam amiga, parece, naõ atormentava tãto a memoria de peccados, (bem sabemos, de quam pouca idade entrou na Religiaõ) a memoria, com que se mais consolava, era dos mysterios da Santissima Trindade, aquella essencia divina, como elle muytas vezes repetia, da Encarnaçaõ, Payxam, & Resurreyçaõ de Christo nosso Senhor, a qualquer cousa destas, ainda que estivesse com accidentes, acodia muy pontualmente. Alli naquelle tempo nos consolavamos ambos, & elle tam quieto, como se a partida sò fosse de hum Collegio para outro.

13 Gastou toda a noyte em colloquios suavissimos, perguntando algumas vezes pela marê, cuidando, que nella iria. Mandou por vezes chamar seu Confessor, com quem esteve na mesma noyte por espaço de tempo. O dia seguinte mostrou alguma melhoria, a qual toda empregou em fazer actos de amor de Deos muy intẽsos, & assim dizia: Jà meu Confessor me disse, que nam avia para que me reconciliar mais vezes, que amasse muyto a Deos, vejaõ agora, & ajudemme a amar aquella divina essencia, que espero de ver, a Santissima Trindade, Padre, Filho, & Espirito Santo. O' Deos, quem chegára em amar ao ponto, que vós mereceis! A continuaçaõ neste exercicio creyo lhe seria de grãde merecimento diante de Deos, porq̃ teve muyto tẽpo, & perfeytissimo juizo para o fazer. Dia de Santa Margarida à tarde entrou em ultimo artigo, conhecendo bem, quam perto estava da outra vida, pouco antes disse alguns Psalmos com particular affecto, como aquelle, *In te Domine speravi.* E se alguem lhe hia diante, para que com a muyta advertensia nam cansasse, dizia: Eu direi, & repitamos outra vez, deyxeme dizer, q̃ tenho especial gosto; outras vezes lẽbrava, que o ajudassem. Muytos Irmãos assim porque por sua virtude, & boa condiçaõ o amavam muyto, como porque se alegravam de ver morte taõ insigne, horas inteyras estiveram no seu cubiculo esta tarde, ora de joelhos, ora assentados ao redor da cama, esperando pelos acordos espirituaes, com que de quando em quando sahia. Deolhe hum accidente, em que parece, que perdeo a operaçaõ dos sentidos por breve tempo. Perguntàramlhe se queria dizer o Credo, & como a esta oraçaõ era muyto devoto, aqui tornou sobre si, &

como

como se para outra cousa naõ tivesse sentido, cõ hũa profunda consideraçaõ elle per si, ainda q̃ fraco, dãdolhe o espirito forças, o repetio. Quando chegava a palavras, em q̃, quando saõ, mais se exercitava, as repetia duas, & tres vezes, como, *Crucifixus, Crucifixus, mortuus, mortuus, & Verbum caro factum est.* Disse mais a Cõfissaõ cõ a mesma devoçaõ. Era tanta a alegria, nos q̃ o viaõ morrer, quãdo viam as mercès, q̃ o Padre nesta hora recebia de Deos, que nos naõ pareceo este acto de morte, mas principio de vida. Dahi a pouco espirou ficando seu rosto todo alegre.

14 Notei, que com este Padre naõ ser ainda dos antigos na Religiaõ, assim levou apos si nesta morte a todos, como se tivesse sido Reytor neste Collegio, tanto póde a virtude. Os mais lhe beijàram os pès, & mãos depois de morto; & alguns acabada a Unçam, se despediraõ, & o abraçàraõ, aos quaes recebeo com grandes mostras de amor, dizendo, que bem desejava levallos comsigo. Deraõ nesta materia grande exemplo seus discipulos, que em sua doença muyto vigiàraõ, & com lagrimas na morte o acompanhàraõ. Tudo lhes merecia pelo ensino que lhes deo. Como a edificaçaõ estava tam fresca, que se naõ fallava em outra cousa, senaõ naquella bem assombrada morte, naõ foy necessario ao Padre Reytor na pratica, que fez o dia, que o enterramos, gastar muyto tempo em seus louvores, só repetio, que bem viramos tal morte, & que folgára elle de poder dizer as faltas minimas, de que o Padre Contreiras fazia caso naquella hora, para que daqui se conhecessem suas grandes virtudes. Escreveo estas particularidades a Vossa Reverencia, porque sei, se consolarà com ellas, & he bem, que nos lembremos dos nossos Santos.

15 Esta a relaçaõ, que deste servo de Deos fez o Padre Antonio de Abreu escrevendo a naõ sei que Padre, ella se guarda no Cartorio de Coimbra, donde a ouve: & certo, que a morte deste servo do Senhor he huma das que tenho lido cheyas de grandissima piedade. Aconteceo em Coimbra aos 20. de Julho de mil, & seiscentos.

Braga 1. de Novembro de 1662.

16 Basta a resoluçaõ do Irmaõ Antonio Alveres, em entrar na Companhia, sendo dos annos, que era, & criado com as larguezas de soldado bravo, & guerreiro, para que lhe demos lugar entre os homens de virtude, que nesta casa deram principio ao exercicio da perfeyçaõ Evangelica. Nasceo na Villa do Landroal no Arcebispado de Evora. Seus pays se chamáraõ Gregorio Alveres, & Maria Vaz. Estudou letras humanas, & Matematicas

maticas em Evora , & Salamanca. Na ditosa acclamaçaõ del-Rey Dom Joaõ o Quarto assentou praça de soldado. Nas guerras, que sobrevieraõ, mostrou sempre grande valor. Serviraõ-lhe muyto as Matematicas, & o fizeraõ homem de ser, & de singular intelligencia nas formaturas, & fortificaçoens.

17 Era Sargento mòr de hum terço de gente paga, com esperanças bem fundadas de lograr os premios do seu esforço, & de se adiantar nos cargos, & postos militares. Considerando a pouquidade de todas estas cousas caducas, se resolveo a deixallas, por seguir a milicia de Christo na sua Companhia. Tendo quarenta annos de idade entrou nella para Sacerdote em Evora aos 9 de Outubro de 1659. Tomada a vestidura de Christo, começou a ser menino entre os meninos, & lhe deraõ, quem o instruisse nos costumes da Religiaõ.

18 Contam se cousas muy plausiveis, que lhe acontecèram com o Instructor. Naõ podia o Irmaõ Antonio Alveres desfazerse dos modos militares, & sotaques no fallar dos soldados, em que estava habituado. Chamavalhe seu camarada. Tinha o Instructor, como criança, grande trabalho, em ter mão no rizo, & dava, por desasepilhar aquelle tronco rijo, & forte. A tudo fazia por se accõmodar com o trabalho, que bem se deyxa considerar. Das cousas, que mais lhe custavam, foy assentarse no chão sobre huma cortiça, com a postura, que usaõ os nossos Irmãos Noviços. Forcejava cõtra si mesmo, por naõ discrepar em cousa alguma dos avisos, & direcçoens do Instructor.

19 Neste tempo foraõ mandados para Lisboa todos os Noviços desta casa. Alli procedeo cõ a mesma vontade de se aproveytar. Por ser de mais forças, lhe deraõ o officio de refeytoreyro. Naquella casa foy achado muytas vezes de joelhos entre as mesas fallando com Santa Maria Magdalena, que estava pintada em hum paynel, dizendo com grandes soluços, & muytas lagrimas: Minha Santa peccadora, rogay a Deos por mim, bem sabeis, que eu fuy, como vòs, homem perdido, & sem Deos. Estas, & outras cousas dizia, significadoras do seu sentimento, naõ cuydando, que se dava fé destas suas lagrimas.

20 De Lisboa foy mandado para o Collegio de Braga, para estudar Filosofia, aonde sua modestia, & silencio era cousa espectavel aos estudantes. Alli estava bem descuydado, de que fortuna o tornaria a embaraçar com a guerra; quando chegou carta ao Padre Reytor do Conde do Prado General da Provincia do Minho, ordenando em nome del Rey ao Padre Reytor, lhe

en-

enviaſſe ao Irmaõ Antonio Alveres, que avia neceſſidade
ſua peſſoa no exercito, por ter entrado o inimigo com grãde p
der, & conhecer elle bem os preſtimos do Irmaõ. Sentio o N
viço eſte golpe, mas ouve de obedecer.

21 Chegado ao campo, lhe entregou o General o cuidado
artilharia. Vio o Irmaõ algumas faltas, que avia na diſpoſiça
& alojamẽto do noſſo cãpo, & como o inimigo ſe achava aqua
telado com grandes ventagens. Logo fez novas diſpoſiçoen
mandou guarnecer novos ſitios, dos quaes os noſſos com a ar
lharia fizeram tam má vizinhança ao inimigo, que todo
deſinquietou. Vendo o General Caſtelhano, que as couſas t
mavaõ outro rumo, diſſe aos ſeus, que algum homem de gran
intelligencia militar tinha entrado em o noſſo campo. Da
por diante foy a noſſa gente tendo melhor partido, & o inimi
depois de receber muytas perdas, ſe retirou. E fora totalmen
desbaratado, ſe o General em tudo ſeguira as direcçoens do N
viço.

22 Com eſta lida tam alheya daquelle eſtado, referveo
ſangue ao Irmaõ Antonio Alveres, porque por huma parte
cargo, que lhe deraõ, pedia de ſi braveza de ſecular alentado, qu
elle fora; por outra as leys de Noviço diziam encolhimento, &
Irmaõ ſempre teve deſte o mayor cuidado. Por eſta cauſa l
ſobreveyo huma febre podre, & recolhendo-ſe ao Collegio
Braga, depois de bem preparado, brevemente acabou eſta vi
com ſinaes de muyta piedade. Foy ſeu falecimento ao prime
ro de Novembro de 1662.

CAPITVLO XXIV.

Vida do Padre Antonio Franciſco Cardim.

Macao 30. de Abril de 1659.

1 DItoſa por certo foy a caſa dos Cardins da Villa
Viana no Arcebiſpado de Evora, toda ella foy
gente Santa. Os pays Santos, & Santos os filhos. O Veneravo
Padre Joaõ Cardim algumas vezes como filho mais velho e
tranhãdo algumas meninices de ſeus Irmãos, lhes dizia o de To
bias: *Filij Sanctorum ſumus:* Lembrayvos, que ſomos filhos d
Santos, & que devemos proceder como taes. O Padre Antoni
Cardim, que depois que foy para as Miſſoens por devoçaõ d
Saõ Franciſco Xavier ſe chamou Antonio Franciſco Cardim
naſceo em Viana de Alentejo. Seus pays, que eram da principa
nobrez

nobreza daquella Villa, se chamavaõ Jorge Cardim Froes, & Dona Catherina de Andrade, ambos elles de muyta virtude, por isso com a mesma creàram a seus filhos.

2 O Doutor Jorge Cardim servio muytos cargos honrosos e judicaturas, & todos com grande satisfaçaõ. Tivera elle tres irmãos na Companhia; por isso lhe tinha singular affeyçaõ. De quatro filhos Varoens que teve, os tres foraõ tambem da nossa Companhia: seus nomes foraõ o Padre Joaõ Cardim, homem de tanta santidade quanto diz a vida, que delle imprimio o Padre Doutor Sebastiaõ de Abreu; Antonio Cardim, de quem escrevo; Diogo Cardim, que embarcando-se duas vezes para a India, como de huma arribasse a nao, & da outra os ventos nam favorecessẽ a viagẽ, os Superiores o naõ deyxàraõ mais embarcar. Foy homẽ de muyta caridade, oyto annos se occupou em ter cuidado dos carceres, padecentes, & acodir aos desẽparados.

3 O Padre Antonio Cardim entrou na Companhia em Evora aos 24. de Fevereyro de 1611. tendo quinze annos de idade. Foy Noviço fervoroso, & depois Religioso de santos costumes. Era debil de forças; as quaes por alguns tempos foram causa de os Superiores lhe naõ concederem a navegaçaõ para as Missoens da India. Sete annos andou nesta pertençaõ, fazendo nisso os excessos, que denota esta santa tezidam, pois com tantas repulsas se naõ esfriava. Finalmente teve despacho esta sua petiçaõ. No anno de 1618. se embarcou para a India em Companhia do Padre Diogo Valente Bispo de Japaõ. Por todos eram trinta, & hum da Companhia, os que hiam nesta Missaõ: delles alguns padecèraõ glorioso martyrio.

4 Ouve muytas doenças em a nao, nenhum dos nossos Religiosos deyxou de adoecer, excepto o Padre Cardim; que parece quiz Deos mostrar, escolhia a sua debilidade de forças, para confundir o juizo daquelles, que attendendo a estas, lhe negavam as Missoens. O que muytas vezes se tem visto em outros Religiosos nossos, que sẽdo quasi avaliados por tisicos, partindo-se para as Missoens fizeram tanto, que mais pareciaõ homens de bronze, que de carne. Nestes tem lugar o Padre Cardim, pois fez viagens tam compridas, & trabalhosas, que as dos Argonautas, & as de Ulysses ainda que fingidas naõ chegaõ a parte das que em verdade navegou este fervoroso Missionario. Nas doenças da nao elle foy o alivio, & refugio dos doentes, a quem com todo o desvelo acodia.

5 Acabou os seus estudos em Goa, depois se fez à vela para

Ma-

Macao com intentos de entrar nos vastissimos Reynos do Japaõ. Naõ puderaõ ter effeyto estes designios, porque jà as portas daquella Missaõ estavaõ quasi fechadas; lastima que sempre chorará a Companhia, pois era o mimo das suas Missoens. Vista a difficuldade daquella empreza, se occupou o Padre Cardim em outras de grande gloria de Deos. Entrou na China, & em Cantam fez grandes serviços a Deos. Depois passou ao Reyno de Siaõ, aonde esteve quasi tres annos, soube a lingua, & letras daquella gente; que dos gentios, conforme dizem as Relaçoens dos nossos Religiosos, saõ os mais obtusos para as cousas do Ceo, & verdades do Evangelho, naõ por falta de percepçaõ, mas por cegueyra como innata nas suas idolatrias. Foy o Reyno de Siaõ hum dos primeyros, onde nas partes mais Austraes da India se levantou templo ao verdadeyro Deos. Nelle tiveraõ commercio os Portuguezes desde o tempo del-Rey Dom Manoel, & este mandou seus Embayxadores ao Rey de Siaõ. Com ajuda dos Portuguezes dilatou muyto seu Estado conquistando outros Reynos. Reconhecido a estes serviços deo ampla licença para se prègar a Fè, & levantarem templos ao verdadeyro Deos.

6 Sendo tam segura esta licença, em nenhum Reyno do Oriente entrou a fè, no qual fizesse menos progressos. A causa desta dureza pode ter muytos principios, dous parecem os principaes. O primeyro, ser esta gente muy rude, em que parece naõ ha appetite innato, que os homens tem de saber. Por isto naõ só se naõ cansam de saber as cousas pertencentes á salvaçaõ, & da outra vida, mas tambem fazem pouco caso de cousas curiosas, como pinturas, relogios, mapas, & semelhantes curiosidades, de que outros gentios gostam, & com esta occasiaõ se lhes inculcam os mysterios da Fè.

7 O segundo impedimento he, o grande respeyto, que estes gentios tem aos Telapois, que saõ os seus Sacerdotes, & Religiosos, que saõ muytos em numero. Huns vivem de rendas, outros de esmolas, outros fazem grandes penitencias; & todos professaõ guardar castidade, nem podem ser casados. Todos desde ElRey atè o mais infimo plebeo tem a estes seus Telapois como por oraculos: gozaõ elles de grandes privilegios, & tem grandes interesses; por isso ainda que às vezes alcancem as verdades, as naõ abraçam, por naõ largar a honra, & lucros: para os demais a unica, & firme razaõ he, ser, o que seguem, doutrina dos Telapois, nem ha que lhes argumentar nesta materia.

8 Passando dous Religiosos da Companhia por Malaca, que ain-

inda era de Portuguezes, lhes pedio o Bispo, a cuja Dieceſi per-
encia Siaõ, quizeſſem tentar a diſpoſiçaõ, que avia neſte Reyno
ara dilatar a Fè. Naõ pudèraõ elles entrar em Siaõ, porque a-
ia nelle algumas perturbaçoens contra os Heſpanhoes de Ma-
ila, por cauſa de hum Galeaõ de Caſtelhanos, que alli brigando
entro no porto ſe perdéra. Por iſſo os Padres paſſàraõ a Com-
oja, & dahi a Manila, onde negociáraõ huma embayxada para
lRey de Siaõ, em ordem a ſe comporem eſtas deſavenças. A'
ombra deſtes Embayxadores pode entrar o Padre Antonio
ardim com hum Irmaõ Japam, com a ajuda do qual podia tam-
em aſſiſtir aos Japoens, que reſidiam em Siam.

9 O principal cuidado do Padre era ſacramentar os Portu-
uezes, que alli moravaõ para os ſeus contratos, & bautizar al-
uns gentios de outras naçoens, que concorriaõ a Siam. Eſcre-
eo o Padre Cardim para moſtrar a cegueyra daquelles idola-
as, que em alguns tres annos, que alli eſtivera, nunca pudera
onverter a hum ſò adulto natural da terra, & que iſto naõ era
ò em ſeu tempo, mas que nem em todo o tempo atrazado ſe
autizára naquella terra algum adulto natural de Siam; ſendo
ue paſſava de cem annos, que a Ley de Deos ſe prègava naquel-
Reyno: que he quanto ſe pòde dizer de dureza, & cegueyra.
autizou o Padre alguns meninos Sioens, & outros gentios de
açoens alli reſidentes, como Pegùs, & Cochinchinas, & ſe fize-
m muytos ſerviços a Deos nos Chriſtãos.

10 Tres annos avia, que o Padre eſtava em Siam, quando os
leſpanhoes de Manila vieram àquelle porto para pelejar com
Olandezes; como os naõ achaſſem, queimáram dous juncos,
ue eſtavam no porto, hum de Japoens, outro delRey de Siam;
ido por deſordem dos ſoldados, ou perſuadidos ſerem Olande-
es, porque tinhaõ inſignias daquella naçam. Enfadados com
to os Mandarins intentàram perſuadir a El-Rey, que mandaſ-
queymar aos Padres, & aos Portuguezes, por ſerem amigos
os Heſpanhoes, & entam vaſſallos do meſmo Rey. Coſtuman-
o ElRey de Siam governarſe ſempre, ſem diſcrepar, pelo que
Mandarins entre ſi aſſentam, neſta occaſiaõ foy Deos ſervido
eſviallo deſte parecer, dizendo, que os Padres, & Portuguezes
tavaõ no ſeu Reyno debayxo de ſua fè, & palavra, & que nam
nham culpa das deſordens dos Heſpanhoes.

11 Com eſtas perturbaçoens, & ſobrevindo a morte delRey,
endo o Padre Antonio Cardim o pouco fruto, que podia fazer
aquelle Reyno, ſe partio para Maçao a dar conta aos Superio-

res do estado da Missaõ. Ficou nella o Padre Julio Cesar, com o Irmaõ Japaõ,tendo cuidado dos Christãos,que alli moravam hum dos quaes levando mal a reprehençaõ, que o Padre lhe de ra por sua mà vida,o matou com peçonha. Por esta causa fico aquella Missaõ sem Padres da Companhia alguns trinta annos tendo cuidado dos Christãos alguns Clerigos, & Religiosos d S. Domingos,que alli de ordinario residiaõ.

12 No anno de 1631. entrou o Padre Antonio Cardim n Reyno de Tunquim. Tinham os Padres desterrados de Japan aberto esta Missaõ, & nella teve a Fè bons fundamentos; po rèm levantando-se huma cruel perseguiçaõ,foraõ os Padres de sterrados para Macao. Mas o mesmo Rey dentro de hum ann mandou pedir Padres a Macao;& por esta occasiaõ foy o Padr Cardim,com mais dous da Companhia,que eraõ os Padres An tonio de Fontes,& Gaspar de Amaral. Foraõ bem recebido do Rey. Alcançàraõ ter Igreja publica na Corte, & entrada li vre em Palacio. Alli por muytos annos trabalhou incansavel mente;naõ tenho noticia das cousas particulares,que obrou,qu sem duvida foraõ muytas.

13 Com a noticia destas Missoens adquiriram os Padre tambem noticia de Reynos,aonde nossa Santa Fè se nam tinh prègado, em particular do Reyno dos Laos, que fica muyto n terra adentro do Reyno de Siaõ, & Tunquim Deciam daquel le Reyno os moradores ora por causa de seus cõtratos,ora por ra zaõ das embayxadas aos Reys vizinhos.Informàraõ-se os Padre da disposiçaõ daquellas gentes,para abraçar a Fè;& pareceo o bra muyto do agrado de Deos tomar esta empreza, de si mu difficultosa,por ser dentro no Sertaõ,onde os Portuguezes nan tinhaõ cõmercio.

14 Coube esta sorte ao Padre Antonio Cardim. Logo Padre Visitador Jeronymo Rodrigues o mandou passar a Siaõ onde jà estivera,para tomar noticia dos caminhos,& segurar o passos,& jornada para o Reyno dos Laos:pois avia de ser atra vessando o Reyno de Siaõ. Naquelle Reyno dissimulou o Pa dre Cardim seus intentos, espreitando dissimuladamente todo os meyos,& caminhos,que podiaõ favorecer esta empreza, sem que os naturaes alcançassem seus pensamentos.

15 Depois de explorar outros meyos,lhe pareceo o mais a certado,darse a conhecer a El-Rey de Siaõ,procurando ter com elle entrada por meyo dos Mandarins. Em breve tempo se in troduzio no seu agrado,& se prometteo bom despacho, no qu

perten

ertendia. Meteo huma petiçaõ, em que declarava ſeus intentos. nganouſe porèm, no que cuidava, porque El-Rey nam deſe-io; antes prohibio, ſe lhe fallaſſe mais em tal couſa. Entendeo o adre, ſer tudo temor de ſeu Reyno ſer devaſſado por eſtran-eyros; ou levado da cobiça, com que atraveſſa todas as drogas, ue vem dos Laos, ſem admittir neſte commercio companhia em ainda dos naturaes; & por ventura receava, naõ deſcobriſ-m os eſtrangeyros algum caminho de as deſviar de ſeu Rey-o.

16 Poſto o negocio neſtes termos, ſe applicou o Padre a-rēder a lingua dos Telapois, que para a empreza lhe era de ande utilidade. Viſto naõ poder diſpòr a jornada pelo Reyno e Siam, determinou fazella pelo de Tunquim. Logo ſe partio ara Tunquim, aonde chegou muy doente; por eſta cauſa, & itras novas difficuldades foy o Padre obrigado a ſe retirar a acao, para cobrar a ſaude que lhe faltava. E por entam ſe de-tio deſta empreza, que na verdade era cheya de grandes fadi-s; todas as previo o generoſo eſpirito deſte Padre, & abraçou affecto, ainda que os impedimentos, que ſobrevieram, deſvià-õ por entam eſta empreza. Depois ſe meteo nella o Padre aõ Maria Leria Italiano, homem de grandes eſpiritos, & a à lpou com exceſſivos trabalhos, & nenhum fruto; porque na-ellas gentes predomina muyto a dureza dos de Siam com em confinam; & tem tambem Telapois.

CAPITVLO XXV.

à-ſe hũa breve noticia do Reyno dos Laos; & do mais que o Pa-dre Antonio Cardim padeceo atè ſua morte.

1 NAõ ſerà fòra do noſſo intento tocar aqui huma ſũ-maria noticia deſte Reyno, pois não he couſa vul-r, por ficar elle muy retirado pela terra dentro, cercado de al-ſſimas ſerras, q lhe ſervẽ de muros bẽ ſeguros. Corre de Norte a l deſde quatorze atè vinte, & dous graos, & meyo de altura; o paſſa ſincoenta legoas de largo pela terra adentro. Confi- no Leſte com Sumtum, no Sueſte com Cochinchina, & hampá; no Sul, & Suduēſte com Camboja; no Oeſte com Siaõ, Pegù; no Noroeſte com parte do Pegù, & Ava; no Norte m as Provincias de Velù. Além dos montes ingremes, com e a natureza o cingio, o fortaleceo com as peçonhas, que tem

activiſſimas para inficionar as aguas; deyxando ſò para o uſo do
naturaes algumas , de que os inimigos não ſaibam. Sem outr
mais prevençam derrotàram os Laos hum exercito de Tur
quins,que os invadio;& ſem morte de hum ſó natural conclui
ram de tal ſorte com elles,que apenas ouve,quem voltaſſe com
nova.

2 He eſte Reyno todo playno,cortado de rios,muy fertil, &
abaſtado de frutos. A gẽte he immenſa,pois ſendo neceſſario,po
deria El-Rey pór em armas atè quinhẽtos mil homẽs. Nos rio
ha peyxes de grandeza tam deſmedida, q̃ dez homens gemem c
o pezo de hum , & de ſomenos ſaõ os rios abundantiſſimos. A
drogas eſpeciaes ſam muyto beyjoim , que he leyte de cert
arvores montezes, cujas flores ſam ſemelhantes às de larangey
ra: as fruytas deſtas arvores não ſe comem por ſerem deſabr
das ao goſto,mas ſaõ em ſi muy ſuaves ao cheyro. Ha tambe
alli muyto marfim: as pontas da Abada ſam tidas entre elles e
grande eſtimaçam. Geralmente he todo o Reyno de ares ſádio
& clima excellente. Das carnes ſó não comem vaca , nem gal
nha,ſò em caſo de neceſſidade ſe comerem galinha,a matam da
dolhe com hum pao na cabeça de modo , que não lhe façaõ ſa
tar fóra o ſangue,que iſſo ſeria peccado.

3 Não ſe acharà em todo o Reyno hum ladrão : ſe acont
ce ,ou furto,ou morte de homem,não ſe achando o autor , fica
conta das Aldeas por eſpaço de tres legoas,& das caſas por eſp
ço de cem braças , buſcallo,ſob pena de pagarem os Aldeoens
furto,& a cabeça do morto, por iſſo nas Aldeas não ha homic
dios,nem furtos. O Rey he muy abſoluto,porque não ha vaſſa
lo,que tenha de ſeu hum palmo de terra;nem as dignidades ,
nobrezas andaõ annexas a ſangue,tudo depẽde delRey. A inſi
nia deſte he huma fita de ouro cingida na cabeça, & huns bur
cos larguiſſimos nas orelhas , cuja carne da parte inferior l
chega atè os hombros. Deſde menino lhas abrem com hum c
nudo de ouro , pondolhe cada mez hum mais groſſo,atè cheg
rem aos hombros;cujo vam ſe eſtivera cheyo de carne , parec
riam orelhas de elefante. Quando ſahe fóra,que he raras vez
leva comſigo muy numeroſo,& luzido acompanhamento.

4 Na materia de Religião he El-Rey o poder ſupremo. A
ſeytas ſam tantas,q̃ nẽ os mais ſabios, & letrados as ſabẽ deſli
dar. Os ſeus Religioſos,& Sacerdotes ſe chamão Telapois.T
das as Luas aos 14. ſe cõfeſſaõ em publico.O modo da ſua cõf
ſaõ he: Accuſome ſe furtey; Accuſome,ſe fiz eſta,ou aquella m

lici

icia,& assim as vam nomeando em vòz alta. A absolvição saõ certas palavras pronunciadas por entre os dentes. E logo tornaõ suas liberdades, porque estas confissoens naõ se cansam om proposito de emenda, ainda que El-Rey as inventou ara pòr algum freyo a suas solturas. Isto he o que em grosso basta para ter qualquer noticia desta gente, a quem o Padre Antonio Cardim queria trazer a Deos; mas já que não pode por lta de saude continuar este descobrimento,tentou os meyos,& s facilitou aos Padres,que depois os proseguiram.

5 Recolhido pois a Macao o occupou a obediencia em ministerios domesticos. Duas vezes fez o officio de Mestre de Noiços. Por espaço de quatro annos foy Reytor do Collegio de Macao. Ultimamente a Congregaçaõ Provincial o elegeo por Procurador dos seus negocios a Portugal, & a Roma, aonde assou,& se achou presente na Congregaçaõ geral, em que foy eyto o Muyto Reverendo Padre Vicente Carrafa; & nella te-e suffragio como Procurador geral da sua Provincia. Em Roma se deteve alguns annos com negocios de grande serviço de Deos,& das Missoens. Alli compoz algumas das obras, que imrimio Elle foy a causa do Padre Bertholameu Guerreyro cõor a Coroa dos Martyres da Companhia; & de que o Padre ertholameu Pereyra fizesse o seu livro de ouro, que intitula, aciedos, que na poesia Latina he obra excellente, & cultissia.

6 Voltou de Roma a Portugal. Persuadiam-se muytos,que epois de immensas navegaçoens, em annos cortados com idae,& trabalhos se deyxaria ficar na patria,passando em descan o ultimo quartel da vida; mas o seu fervor naõ permittia reouso,& sò nas fadigas tinha alivio. Em Portugal fez, com que Serenissimo Rey Dom Joaõ o Quarto desse todos os annos il cruzados de renda para sustento dos Missionarios da sua rovincia. Saõ os Reys de Portugal como Pays das Missoens, ue a Companhia tem nas suas Conquistas,nas quaes se tem reolhido frutos immensos,& todos os dias se recolhem. O que no Oriente obrou o Grande Apostolo S. Francisco Xavier,& á sua nitaçaõ os gloriosissimos Missionarios da Companhia,que saõ ousas taõ raras,& tãtas,q̃ parecẽ inexplicaveis,tudo se deve á liberalidade, & piedade dos piissimos Reys de Portugal, q̃ assistiaõ,& assistem sempre liberalmẽte aos Missionarios cõ os gastos, ue naõ póde fazer,quem professa pobreza,& nada dos bens da erra grangea com os seus ministerios.

7 Em treze de Abril de 1649. ſe tornou a embarcar o P. An
tonio Cardim cõ dous cõpanheyros, tẽdo nos annos antes envi
do grandes levas de excellentes Miſſionario. Em 15. de Abril ſ
fez à vela, & ſahio pela barra de Lisboa o Galeaõ S. Lourenç
com outra nao feyta de novo, chamada Noſſa Senhora do Bo
Succeſſo. O Capitaõ mór da viagem era Diogo Leyte Pereyr
natural da Cidade do Porto. O Capitaõ da Almirante era Va
co de Azevedo. Levava o Galeaõ atè ſeiſcentas & oytenta pe
ſoas, a nao atè quinhentas. A mais da gente carregou no Galea
por ſer muy forte, & jugar oytenta peças, & neſte hiaõ os Pa
dres.

8 Antes que o Galeaõ deſſe à vela adoeceo o Capellam d
nao Bom Succeſſo. Viſto iſto, & que naõ era bem foſſe a na
ſem Sacerdote, ordenou o Padre Provincial ao Padre Antoni
Cardim, que o Padre Joaõ Cardozo, hum de ſeus companhey
ros, avia de paſſar para a nao. Replicou o Padre Cardim, que t
nha ordem expreſſa de noſſo Reverendo Padre Geral, para qu
peſſoalmente o acompanhaſſe o Padre Joaõ Cardozo, po
que ſe acaſo morreſſe, pudeſſe antes entregar ao Padre as not
cias dos negocios da Provincia. Naõ pareceo mal a repoſta,
a preſſa das naos naõ dava lugar a outra couſa. As naos part
raõ com vento tam favoravel, que em duas horas ſahiraõ pe
barra fóra. Aos 19. aviſtáram a Ilha da Madeyra, & aos 30.
Ilhas de Cabo Verde.

9 Neſta paragem, & na Coſta de Guinè ſe gaſtâram oy
dias. Teve a nao falla com a Capitania, pediram-lhe Capella
deram-lhe o ſeu, & ficàraõ os Padres fazendo eſte officio no G
leaõ. Paſſou o Galeaõ S. Lourenço o Cabo de Boa Eſperanç
no fim de Julho, porque os ventos ponteyros, que neſte me
curſavam, lhe retardavam a paſſagem. Fez junta dos Officiaes
Capitaõ mor, para ſe reſolver, ſe fariam viagem por fóra da Il
de S. Lourenço: por ſe acharem faltos de mantimentos, reſo
véram navegar por entre a Ilha, & terra firme. Avia alguns e
fermos de febres malignas, de que adoeceo o Padre Joaõ Ca
dozo aſſiſtindo a hum doente de maligna: ainda que o mal pri
cipal ſe atalhou, ſe lhe inchou muyto huma perna, por lhe t
car o Sangrador o nervo com a lanceta, por eſta cauſa chegou
Padre a eſtar deſconfiado da vida.

10 Em 4. de Agoſto ſe levantou grande tempeſtade, q
durou o reſtante do mez, porèm dos ſeis por diante com mayo
furia, em que por eſpaço de huma hora naõ obedecendo ao l

m

ne o Galeaõ, ſe deram todos por perdidos. Cortáram hum dos maſtros,& alijando algũa fazenda ao mar foy obedecendo ao leme. O Ceo nàõ ceſſava com relampagos, & na noyte dos 8. do mez deſpedio hum rayo, junto da proa o viram cahir,& conhecèram a mercè de Deos, em naõ abrazar a nao. Entaõ abonançando o tempo, conhecèram eſtar defronte da terra do Natal, or onde a outra nao paſſou ſem tormenta, por ir mais cozida om a terra,& nam tanto ao mar.

11 Naõ valeo o averſe o Galeaõ afaſtado tanto da terra para ſcapar do dano, que lhe cauſou a corrente das aguas: pois ſem mbargo de irem tres dias vendo a Ilha de S. Lourenço, & ſe uererem deſviar dos bayxos, que chamaõ de Joaõ de Noroha,chegando ao Cabo das Correntes, ellas os lançàram perto a terra firme,que diſta da Ilha oytenta legoas. Navegando cõ odo o pano ſolto tocou o Galeão com o leme em huma pedra os bayxos de Monzicale,& o deſpedio com a força da pancada. caſo repentino,& o eſcuro da noyte meteo a todos em grane confuſaõ,& horror; mais ao Padre João Cardozo, que por oente ſe não podia bolir, & levantandolhe a força do balanço camarote em que jazia,ſe vio em grande perigo.

12 Paſſou o Galeão ſem ſe quebrar, & jà nadava. Pareceo nçarſe ancora,tardouſe com eſte remedio,por nenhuma ir apaelhada;& ſem acordo a amarràram não ao maſtro, mas ao careſtante da proa, & tornou com a força a tocar o Galeão nas edras,& logo começou a fazer muyta agua Ao amanhecer tẽo os Officiaes viſta de terra, determináram varar nella o Gaão,como fizerão,mas encalhou quaſi huma legoa ao mar. Deois de ſe cortarem os maſtros,& lançar fòra o batel,aſſentouſe, ue a primeyra gente,que nelle foſſe,aviaõ de ſer ſoldados para egurarem a praya,& defenderem a gente dos Cafres,cujo ordiario mantimento he carne humana,& dos Mouros, que nella abitam. Foy o batel, mas como os mares eram groſſos, & a raya cheya de pedras, ficou tam maltratado que não pode torar: por eſta cauſa foram obrigados a armar jangadas das taboas lo Galeão,em que muytos ſe ſalváram: a alguns que quizeram alvarſe a nado,comeo o mar,que era rijo. Neſtas jangadas ſahio Padre Antonio Cardim,& Padre Antonio Franciſco, que eſavam ſaons,logo deram ordem a concertar o batel,em que queiam trazer ao Padre Joaõ Cardozo,que eſtava doente.

13 Quando o batel chegou á nao, acodio tanta gente, que am teve o Padre lugar, nem ſe o ouvera, ſe pudera alar para

deſcer

descer a elle. Moſtrou Deos neſta occaſião, que queria ao Padre com vida, porque muyta gente do batel ſe afogou; & o Padre, ſe nelle foſſe, provavel he, teria a meſma diſgraça. Depois diſto amarrando o doente, o puzeram na jangada, & fizeram aſſentar ſobre hum barril, que nella hia prezo, dandolhe a agua atè os hombros: aſſim chegou à praya com grande trabalho, & encalhando em huma pedra, ſe lançàram os mais à agua, & ſahiram em terra: ao Padre Cardozo tirou em ſeus hombros hum marinheyro: aonde o conſolàram os dous companheyros. O Padre Cardim contou, que ao deſcer do Galeão para a jangada cahira na agua, & tivera entam, & atè alli chegar, grandes perigos.

14 Diſtava aquella praya vinte legoas de Moçambique, estas paſſou com grande trabalho a gente, que ficou com vida; o Padre Cardozo, por nam poder ſeguir aos mais, ficou encõmendado a hum Xeque Mouro, & com elle quiz por ſua caridade ficar hum ſoldado de Lisboa, que com ſua induſtria o ſoccorreo atè chegar embarcaçaõ de Moçambique, que os levou. Avendo alli invernado ſeis mezes paſſáraõ a Baçaim em hum pataxo de Dio, & de Baçaim ſe fizeraõ à vela para Goa, onde chegàram tendo padecido os trabalhos, que comſigo trazem ſemelhantes naufragios, os quaes ſofridos em ſerviço de Deos, como os ſofria o Padre Antonio Cardim, & ſeus companheyros, bem ſe vè, quanta virtude denotem, & quanto a acrecentem.

15 De Goa ſe embarcou para Macao. Neſta viagem ainda teve mais que padecer o Padre Antonio Cardim; porque o navio foy tomado dos Coſſarios Olandezes, em cujo poder eſteve cativo dous annos, & ſete mezes, que foy hum penoſo martyrio para hum homem velho, conſumido com trabalhos, & navegaçoens tam pouco favoraveis. Sendo reſgatado deſte laborioſo cativeyro, paſſou o reſtante de ſua velhice na Cidade de Macao, aonde ſantamente faleceo aos 30. de Abril de 1659. com ſeſſenta, & tres de idade, & 48. de Companhia, os mais delles gaſtados em Miſſoens, & navegaçoens, todos no ſerviço de Deos, & bem das almas.

CAP

CAPITVLO XXVI.

Dos Padres Manoel Dias, & Bento Fernandes.

1 O Padre Manoel Dias acabou ſua vida a puros trabalhos por aumentar, & exaltar a gloria de Deos em naçoens aonde era deſconhecido. Naſceo eſte bemdito Padre em Alpalham, Villa do Biſpado de Portalegre. Teve na Companhia hum tio do meſmo nome, que foy grande Miſſionario, & Viſitador da Companhia em China, & Japaõ. Eſte, de q̃ fallamos, entrou em Evora na Companhia aos 19. de Janeyro com dezaſete annos de idade, & acabados jà os eſtudos da Filoſofia no anno de 1608. Em Oacho 13. de Novembro de 1630

2 Era de ſantos coſtumes, & Deos o queria para ſeu ſerviço nas regioens do Oriente; para ellas partio no anno de 1614. deſtinado para a Provincia do Malavar. Em Cochim enſinou Filoſofia, & Theologia, & foy Reytor do Collegio que a Companhia tinha naquella Cidade. Além de outras Miſſoens, em que trabalhou, emprendeo a jornada do deſcobrimento de Tibet, que naquelles tempos foy couſa muy celebre, por aver noticias, que naquelle Reyno era conhecida a Fè de Chriſto: era a viagem cheya de infinitos perigos, & trabalhos: elles ſe referem na vida do Padre Antonio de Andrade, & ſaõ taes, que parecem ſobre as forças humanas; a todos ſe offereceo o Padre Manoel Dias, ainda que Deos ſe contentou com os ſeus bons deſejos.

3 Partio pois o Padre da Cidade de Ogolim em Bengala para o Reyno do Potente em companhia do Padre Joaõ Cabral, que de là tinha vindo buſcar algumas couſas neceſſarias. Chegàraõ ambos ao Reyno do Cocho, onde no fim de tres dias, depois que aviam tomado terra daquelle Reyno, ſe rõpeo guerra entre o Rey, & hum ſeu primo: eſte ſe ajudou dos Mogores, & de tal ſorte apertou o Reyno, que dentro de hum anno ſe impedio, aos que nelle eſtavam, a ſahida para qualquer outra parte. Alli eſtiveraõ atè a chegada do Padre Eſtevam Cacella, que ſahindo de Vçangue do Reyno do Potente veyo a Bengala em buſca do Padre Joaõ Cabral; naõ o achando, o foy demandar ao Cocho, aonde lhe diſſeram o acharia com o Padre Manoel Dias. Depois de chegar alli aſſim elle como o Padre Manoel Dias, ſe puzeram a caminho para o Reyno de Nepal no Potente: acometèram hum caminho novo, & nam ſeguido; ſó habitado, &

trilha-

trilhado de Tigres, Abadas, & de ladroens.

4 Alèm destes temores, que o faziam medonho, a mayo parte delle era alagadiço; pelos fins do Inverno empren déram a jornada; caminhavam de ordinario com a agua atè joelho, & algumas vezes atè os peytos. Contavaõ depois os mo ços, que os acompanhavam, que foram tantas, & taes as incõmo didades, que com o rigor dellas espirou o Padre Manoel Dias em huma aldea chamada Oacho no Reyno de Morange aos 13. d Novembro de 1630.

5 Delle diz a Relaçaõ, que refere sua morte, as cousas se guintes: Era este bom Padre assaz conhecido na India por su grandes partes, & muyto mais por suas mayores virtudes: era re catadissimo em sua pessoa, tam exacto em seus exercicios espi rituaes, que por nenhuma occasiaõ deixaria de cumprir com el les: era manso, benigno, & affavel em extremo. Affirmaõ os mo ços, que assistiram á sua morte, que o viram depois della tam bẽ assombrado, que parecia cousa mais que ordinaria. Hum delle passa avante, & acrescenta, que lhe vio resplandecer o rosto; & naõ duvido, que isto tenha fundamẽto; porq̃ razaõ era, que huma alma tam pura, & adornada de tantos resplandores de graça, co mo a sua, ao sahir do corpo, como em paga da boa hospedagem que lhe avia feyto, lhos communicasse a seu modo. Sentio o P Estevam Cacella sua morte, como era razaõ, & dandolhe sepul tura em hum lugar decente, & com o apparato, que o tempo, & occasiaõ de si davam, foy continuando seu caminho. Até aqu as palavras do Padre Joaõ Cabral naquella narraçam. Este pou co, bẽ dà a ver o muyto espirito deste servo de Deos. O Padre Es tevaõ Cacella, de que aqui se faz mençaõ, era natural de Aviz, & tambem fora Noviço em Evora. Morreo nesta empreza d Tibet; delle naõ pude aver mais noticias.

Vida do Irmaõ Basto l. 2.22.

6 O P. Bẽto Fernãdes homẽ de singularissimas virtudes, & muyta sciencia, especialmente doutissimo nas divinas letras, nas ceo na Villa de Borba no Arcebispado de Evora; sendo estudan te da terceyra classe da mesma Universidade, & tendo quinze annos de idade entrou na Companhia aos 20. de Janeyro de 1578. Foy Irmaõ inteyro do Veneravel Martyr Bento Fernan des, cuja vida, & martyrio em seu lugar referimos. Foy este Pa dre muy sabio nas faculdades, que estudou. Em Evora ensinou letras humanas, & Filosofia. No tempo, que os seus discipulos se examinàram de Bachareis, foy elle em Missaõ à Cidade de Elvas.

Lisboa 7. de Dezembro de 1630.

7 De-

7 Depois de ensinar Filosofia, deyxadas as Universidades se ntregou á perfeyçam propria, & bem espiritual do proximo. ;onfessava incansavelmente horas, & horas, sem já mais se ver elle genero algum de enfadamento. Concorriaõ ao seu Conssionario innumeraveis penitentes, assim pela paciencia, com ie os ouvia, como por ser tido por santo, & bom letrado. Prègava de continuo, fazendo com o mesmo gosto as prègaçoens de pectaçaõ, & as que naõ eraõ de applauso. Naõ tinhaõ os Supeores genero algum de molestia com elle acerca de aceytar ègaçoens, porque sempre para este ministerio o achavam de om rosto, & muy prompto. Alèm disto tomou à sua conta ser outrineyro da Casa de S. Roque; & assim pelo menos tres ves na somana ensinava a santa doutrina nas praças publicas.

8 Por muytos annos exercitou sua caridade em ser pay dos bres, & prezos de Lisboa, assistindo aos que hiaõ ao supplicio, odindo tambem aos Judeos, & Mouros, que se cõvertiaõ, para catequizar. Com nenhuns trabalhos abafava seu agigantado pirito: a sua grãde esfera abrangia, aonde naõ chega a de muys juntos. O que põem admiraçaõ he, que em tam continuo abalho, achasse tempo para compor tam excellentes livros, tão eyos de sagrada erudiçaõ. O seu primeyro dos tres tomos, ie compoz sobre o Genesis, escreveo, & acabou dentro de an,& meyo. Naõ parece isto tanto estudo humano, quanto sinlar assistencia da Senhora, de quem foy devotissimo. Fazialhe uytas devoçoens, a ella dedicou todos os seus livros. Nas suas oras se naõ acha secçam, em que naõ se espraye nos louvores Mãy de Deos, a quem chamava sempre com o nome de ãy.

9 Andando entre mãos com o segundo tomo lhe sobreveyo haque, que o obrigou a desistir. Valeo-se da Senhora, & alnçou tanta saude, que pode levar ao fim aquelle tomo, & o rceyro. Pedio à Senhora lhe alcançasse de seu Filho, que o lesse desta vida em algum dia, que lhe fosse dedicado, pelo meos em algum Sabbado: assim o conseguio, porque morreo vesra da Conceyçaõ aos sete de Dezẽbro de mil, & seiscentos, & nta, q naquelle anno cahio em Sabbado. Muytos pela devoçaõ, ie teve à Senhora, julgàram, se avia de pintar com ella nas ãos, ou diante dos olhos. Faleceo em Lisboa na Casa de S. Roie aos 7. de Dezembro de 1630.

CAPITVLO XXVII.

Vida do Irmaõ Antonio de Vasconcellos Noviço, sua santidad antes, & depois de ser da Companhia.

Portalegre 29. deMayo de 1607

1 COm razaõ podemos dizer deste bemdito Noviço que foy nos costumes, & innocencia mais Anjo d Ceo, que homem da terra; imagem dos verdadeyros Noviço da Companhia, & do Santo Irmaõ o Beato Estanislao. Nasce de pays nobres, & ricos na Cidade de Portalegre, seus nome eram Diogo Sovral de Almeyda, & Leonor de Sousa. Veyo luz vespora da Ascençam do Senhor. Seus pays o criáraõ e muyta virtude, & o seu bom natural só para a virtude o chama va.

2 Por estes tempos foram a Portalegre os primeyros Reli giosos da Companhia, que hiam dar principio ao Collegio, qu alli temos. Logo o menino Antonio se affeyçoou tãto aos no sos Religiosos, que se naõ podia apartar delles. Naõ faltava prègaçaõ, nem à doutrina dos Padres. Todos os dias lhes hia a judar às Missas, & só nas cousas pias, & santas tinha a sua recrea çam. Naõ tendo ainda quatorze annos, já se apertava com o c licio. Tinha grande mansidam, & bondade natural, por ella e de todos amado em especial de seus pays, que nelle se reviaõ; & dos tres q̃ o Senhor lhes dera, a este amavaõ mais, & nelle tinha a mayor parte do amor paternal, & tençaõ de acumular assim c bens de sua casa, como de hum tio, & duas tias, a quem Antoni roubava os affectos.

3 Tudo isto elle via bem, mas sabia conhecer, quam pouc era todo o mundo comparado com os bens eternos. Por tant se determinou ser da Companhia. Naõ tinha outros cuydad senaõ assistir em nossa casa. Eraõ os pays muy affeyçoados no sos, defenderam-nos em muytos encontros de nossos emulo ainda que por isso ficàram mal com elles alguns de seus naturae Os filhinhos nos cobràram todos tanto amor, que naõ nos s biam outro nome senaõ o dos Santos Apostolos.

4 Quando os pays de Antonio, que moravam defronte c nòs, nos mandavaõ algum mimo, & o faziam muytas vezes, menino Antonio o avia de levar, & esse era o seu gosto, naõ so fria, que isto se mandasse a moço algum de casa. Em voltand pedia aos pays o mandassem aos Padres com algum recado, par

im estar quasi sempre em nossa casa, como esperando idade
ra ser da Companhia. Elle tinha cuidado das chaves da nossa
reja, elle queria ser o Sacristam; assim vigiava sobre tudo, co-
o se fora de casa. Fazia trabalhar os homens, ajudava aos Pa-
es a varrer a Igreja. Com este seu exemplo moveo a outros
oços nobres, fizessem o mesmo, & os exortava a ser da Com-
nhia.

5 Confessava-se amiudo com os Padres. Nestes, & outros
ercicios de devoçaõ foy crecendo atè idade de quatorze an-
s, pedindo sempre com fervor, ser admittido na Companhia.
nha isto as difficuldades, que ficam apontadas, & serem seus
ys tam devotos da Companhia, que nos principios atè o co-
er se nos fazia em sua casa; & se lhe recebessemos o filho con-
sua vontade, pareceria ao mundo, sermos ingratos, a quem
ito bem nos fizera, & fazia. Porèm esperar consentimẽto dos
ys, era cousa, moralmente fallando, impossivel.

6 Considerado bem o fervor do pertendente provado por
itos annos, & que Deos o queria para si, & para nòs, o Padre
ovincial Antonio Mascarenhas o mandou receber, & ir a E-
ra para tomar a roupeta de Noviço. O ponto estava fazerse
o de modo, que quando os pays o soubessem, já naõ esti-
sse na sua mão, impedir a seu filho. Por tanto elle mesmo bus-
u traça, & modo, com que fugio da casa dos pays, & chegou a
vora, onde entrou no Noviciado aos dezasete de Setembro de
l seiscentos, & cinco, tendo quatorze para quinze annos de
de.

7 De tam bons principios facil he de ver, quaes seriam os pro-
essos; deo logo taes mostras de si, que era voz commua dos
e o tratavam, que delle se podia dizer, que a piedade, & devo-
õ nascèram com elle na Religiaõ. O primeyro dia, que to-
ou a roupeta, levantava tantas vezes os olhos com as mãos
ra huma Imagem do Ecce homo, que estava, onde os Irmãos
nham repouso, & com tal alegria, que fez reparo o Irmão,
e delle tinha cuidado, & lhe perguntou depois a causa no cu-
culo a que respondeo, que dava graças a Deos por se ver; jà
tre os Irmãos, & ser hum delles.

8 Foy logo mostrando singular devoçaõ à Virgem Senho-
fazia muyta assistencia na sua Capellinha. Estando doente, se
e diziam, que comesse por amor da Senhora, se fazia força, &
ava contra a repugnancia. Nas vesporas de Cõmunhaõ era
ande o fervor, com que fallava do Senhor, que avia de rece-

ber. Efte fogo pegava nos outros Irmãos,que com elle eftavan
Dizia,que era bom remedio para as tentaçoens , & motivo
muyta devoçaõ,quando hum fe fente perfeguido , acolherfe a
Diviniffimo Sacramento,& pedirlhe licença para fe meter de
tro nelle.

9 Para mais à fua vontade gozar defte Senhor, avia licen
do Padre Meftre para nos dias de communham ir ao coro ,
vifitallo muytas vezes. Depois, quando paffou para o Novici
do de Lisboa,fervindo na Cafa de S. Roque, o achavam por v
zes na tribuna com o rofto banhado em lagrimas de devoçar
fallando docemente com o Senhor. Eftas lagrimas lhe era
muy ordinarias nos colloquios,que fazia. Vendo o Padre Re
tor do Noviciado de Lisboa efte exceffo de lagrimas,fe perfu
dio , que dellas lhe naciaõ as dores de cabeça , que de contin
o moleftavam,por iffo lhe mandou , que dalli por diante na
choraffe. Affim o fez por obedecer à rifca.

10 Vindo o dia do Beato Eftanislao , de quem era devotif
mo,parecendolhe,que naõ poderia ter mão nas lagrimas, & p
outra parte querendo obfervar a ordem , que tinha de naõ ch
rar,pedio ao Padre Reytor licēça,para no tal dia poder chora
Concederam-lha,& nelle defabafou o coraçaõ pelos olhos ,
naquelle dia chorou por muytos , que tinha reprimido as lag
mas. Na mefa fe defcuydava de comer enlevado na liçaõ,em
pecial fendo efta da Payxaõ do Senhor; viam-no todos desfazer
em lagrimas, quando naõ tinha a prohibiçaõ. A docilidade pa
todas as coufas de Deos era grandiffima , como fe vio tanto q
veftio a roupeta,pois affim fe accommodou a tudo , como
fora muy antigo naquelles exercicios. O mefmo Irmaõ , que
inftruhia,fe admirou dando conta ao Padre Meftre, do que v
no feu inftruido.

11 Nas coufas fantas moftrava efpecial agrado,nem o o
viram no tempo de fallar,ter outras praticas,fenaõ de Deos ,
nellas tal alegria de efpirito,que a devoçaõ nadava em fuas p
lavras. A efte efpirito ajuntou o de mortificaçaõ, de que deo c
tinuos exemplos. Toda huma Quarefma comeo o peyxe,qua
quer que foffe, fem azeyte,nem vinagre. Outras vezes com di
fimulaçaõ mifturava no comer algumas folhas de oliveyra,
coufa de cafca de laranja, em honra do fel , com que o Senh
foy atormentado eftando na Cruz. Neftas mortificaçoens
mefa ufava de grandes traças , para naõ fer advertido , como
porçam ajuntando o comer para huma parte do prato , q
par

arecesse, comera, o que faltava. Era na mesa muyto regrado. Pelas festas naõ tocava doce, que na mesa se puzesse. Neste tẽ-o de ordinario tinha hum pé no ar, & quando de cansado se he hia abayxo, o tornava logo a recolher.

12 Este espirito de mortificaçaõ o fazia ser muyto amigo o trabalho. Em S. Roque, com elle andar fraco, & mal dispos-o, nenhuma Missa os outros lhe levavaõ de mais. Ajudavalhes tanger o sino, varria igualmente com elles, de tal sorte, que s outros Irmãos se dohiaõ de o ver trabalhar tanto. Contando um exemplo de hum Padre, que dizia, desejar, se dissesse delle; règou hõtem, & morreo hoje; acrescentou, que desejava, se dis-ra delle: Mortificouse hontem, & morreo hoje. Significando om isto, que se avia hum de mortificar atè morrer. Por vezes y visto, indo-se cossar, tornar a encolher, & retirar a mão. As enitencias nas confissoens, lhe pareciam muy pequenas, & disse om singeleza, que quando entrãdo se confessára geralmente, o adre devia fazer a penitencia por elle, por lhe ter dado huma uyto pequenina.

13 Na obediencia era muy exacto: nada queria fazer sem li-nça do Irmaõ, que era da obediencia, quando peregrinava. Ti-ha o Irmaõ Sacristam de S. Roque dito, que nenhum dos Ir-ãos fosse ajudar sem sua licença, vindo hum Padre, lhe disse, ie lhe ajudasse á Missa; estando já preparado, lhe veyo escru-ulo, por ir contra a ordem do Sacristam, & naõ foy sem pri-eyro ir pedir licença a o Sacristam. Seguindo-se na peregri-açaõ para fazer doutrina, dizia, que elle naõ era para isso, mas ue se o mandassem, logo iria. Nesta perfeyçaõ de vida tinha assado a mayor parte do seu Noviciado. Sobreveyolhe doen-nha, que o hia levando a tisico. Estava o Padre Provincial An-nio Mascarenhas, & mais Padres tam cativos da sua virtude, ie se dohiaõ muyto de ver, como se hia debilitando. Mandá-m-no, sendo ainda Noviço, a Portalegre, por ver, se com os es patrios, & vizinhança, & trato dos pays, & Irmãos tornava a brar a saude.

CAPITVLO XXVIII.

Da edificaçam, com que se ouve na doença, morte santa, & sua[...] cheyro de seu corpo, opiniam de sua virtude, confirmada com huma appariçam notavel.

1 QUando foy enviado para Portalegre escreveo hu[...] Padre ao Padre Estevaõ de Castro, que era hum d[...] que alli estavam da Companhia, dizendolhe a sa[...] tidade do Irmaõ, & pedindolhe, que ás mais occupaçoens aju[...] tasse a de enfermeyro, dizendo neste passo: *Non grave pond[...] erit, quid enim puer iste gravabit?* Que o pezo naõ seria pezo, se[...] do o Irmaõ tam Santo.

2 Chegado a Portalegre, onde viveo cousa de dous meze[...] foy hospedado, & curado dos Padres com toda a caridade, [...] amor. Em todo este tempo fazia por naõ ser molesto; ainda q[...] fraquinho todos os dias se alevantava, dizendo, se achava assi[...] melhor, & ouvia Missa. Nos Domingos, & mais dias, que co[...] tumam os nossos Irmãos, se confessava, & commungava. Mu[...] tas vezes depois de jantar estava ora diante do Santissimo, o[...] diante da Senhora, rezando, humas vezes de joelhos, outras e[...] pè, ou arrimado ao seu bordam. Escolhia este tempo, por se na[...] encontrar com a gente de fòra, da qual muyto se retirava.

3 Muytas vezes estava a mayor parte do dia no seu cubic[...] lozinho, sem dalli querer sahir, sò por nam ter os taes encontr[...] nem o ver a gente de fóra. Ainda que o mandavam sahir a hu[...] quintalinho das casas, o fazia de modo, que o nam vissem secu[...] res. Tendo licença para tratar com o pay, mãy, & Irmãos, se[...] via com tal modestia, & compostura, como se naõ fossem cou[...] sua. Quando lhe contavam as particularidades de casa, & outr[...] cousas indifferentes, estava calado; & apenas sahia às vezes co[...] hum sim carregado. Porèm se o metiam em praticas de De[...] fallava correntemente sem cessar, nem se enfastiar.

4 Tanto que os pays lhe conhecèram o humor, nunca m[...] tratáram de outras praticas, quando fallavam com elle. Nas d[...] res, que tinha agudas, mostrava grande sofrimento, nas quaes [...] muyto, quando dava hum gemido. Accõmodava-se, ao que l[...] diziam, comendo cousas que aborrecia, & deyxando as gosto[...] quando quem delle tratava, lhe dizia, que comesse aquellas, [...] deyxasse estas. Nada queria tomar da mão de sua mãy, ou [...]

ou[...]

utra pessoa de casa, sem o Padre Castro lho mandar. Esta obediencia guardou, em quanto alli viveo

5 Indo-se attenuando em casa, veyo ordem do Padre Provincial, para que seu pay o pudesse levar para hũa herdade, & que là espayrecesse, & fizesse por tomar forças cõ a vista, & desogo do campo. Quando foy, disse, que nam sabia, onde hia; significando com esta palavra, naõ ter daquillo, senam o gosto de cumprir, o que a obediencia lhe ordenava. Como eraõ tam poucos os nossos, naõ pode algum delles assistir em sua companhia. vendo-se em ausencia dos Padres, tam fòra esteve de se alegrar, que os primeyros quatro dias lhe enfraquecèram muyto a vida.

6 Foyse o pay ter com os Padres, contandolhes, como por definhando, era necessario trazello para a Cidade. Entam ordenou o Padre Reytor ao Padre Estevaõ de Castro, o fosse ver, acompanhar. Com a vista do Padre se encheo de prazer; perguntoulhe como estava: respondeo, que agora bem, pois via a a Reverencia, sem cuja vista atè alli se imaginava espirando, como o Padre Mestre Francisco em hum monte á vista da China sem ninguem da Companhia.

7 Nisto entrou o pay, & a mãy dando queyxas ao Padre de naõ querer consentir, que sua propria mãy se chegasse a elle, para o ajudar a levantar, & dar hum apisto. Nestas occasioens tirando forças da fraqueza, se encostava à parede, ou a hum seu Irmaõ, por nam o fazer nos braços da mãy. Disselhe o Padre, que pois era Domingo se confessasse, q̃ estava em perigo, & perto de gozar os bens eternos. A isto respondeo, que muytos dias via, que esperava por aquella hora ditosa; que se aparelharia para se confessar, posto que se sentia muy fraco, mas que sua Reverencia o ajudasse. Confessou-se com notavel consolaçaõ do Padre, por ver na Companhia alma tam pura, & santa, que lhe pareceo mais Anjo, que homem.

8 Mandou o Padre vir o necessario para lhe dar a Santa Unçam, & lhe dizer Missa para o Santo Viatico no dia seguinte, em caso, que lá chegasse. Quiz o Senhor, que com alguns remedios, & fomentaçoens, que se lhe applicàram, pode ir passando atè o dia seguinte. Disse o Padre Missa, & o Irmaõ da cama lhe foy ajudando, tres, ou quatro horas antes de morrer, com a vòz tam clara, & com tanta quietaçam, como se estivera livre de dores, & fòra dos taes apertos. Quando foy ao tomar o Santo Viatico, lhe disse a Confissaõ geral, & acabada ella renovou os votos da Companhia, que já tinha feytos; o que fez com muytas la-

grimas,& disse ao Senhor outras palavras de devoçaõ.

9 Deolhe o Padre o Santo Viatico, & na Santa Unçaõ elle respondia,& se voltava,& accõmodava, para ser ungido. Ficou contentissimo, quando se vio com os Sacramentos. Sofria com grande paciencia as dores,sem gemer,nem dar hum Ay; do que admirados os pays lhe diziaõ,Filho gemey,& desabafay, que em casa de vossos pays estais. Porém elle sem fazer caso de si, tu do era doerse da molestia,que tinha o Padre,em lhe assistir.

10 Querendo a mãy darlhe hum apisto,& que se encostasse no seu braço,mostrou nisso pena, & repugnancia, tanta, que o pay disse ao Padre Castro,fizesse aquella caridade; logo que se chegou a elle,ficou quieto,& encostando-se no Padre tomou o apisto. Entam lhe disse a mãy: Dizey meu Anjo, nam sois vó meu filho? A isto respondeo: Senhora,a Companhia de Jesu h minha mãy,& mais mãy que vossa mercè. Aqui a devota ma trona lhe lançou mil bençaons, & chorou de consolaçam. Es tando o Padre com elle lhe perguntou, se tinha cousa, que lh dèsse pena.Respondeo,que por entam nam tinha cousa, que lh dèsse pena,que sò no coraçaõ sentia grandes dores, mas que nel le tinha a Jesus,que todas lhas tirava. Pondo os olhos fitos, lh pergũtou o Padre se tinha algũa tristeza.Respondeo, que estav cuidando em nossa Senhora,& fazendolhe huma devoçaõ.Dah a pouco esfregou os olhos,& disse ao Padre,que jà naõ via.

11 Aqui o Padre Castro lhe disse,offerecesse a Deos a vista & dissesse com Santo Agostinho emmendando a Moysès: *Mo riar,ut te videam Domine*. A este intento lhe foy dizendo outra palavras santas,& de consolaçaõ; como parasse, por naõ moles tar o enfermo, lhe disse: Falle-me Vossa Reverencia mai disso,que estranhamente me consola. Continuou o Padre, & enfermo se voltou sobre o outro lado,pondo a mão esquerda de bayxo da face,como que queria dormir. Vendo porèm o Padre que se hia enfiando,lhe meteo a vela na outra mão, & elle a to mou,& sustẽtou só por si. Aqui repetindo cõ o P. Jesus em vossa mãos encomendo meu espirito,vòs me remistes,& creastes, co mo Deos de verdade, & misericordia, entre palavras tam doce se despedio a alma do corpo, ficando com a mão debayxo da fa ce com tanta quietaçam, como se dormira. Sua morte foy ao vinte,& nove de Mayo de mil seiscentos & sete.

12 Os presentes vendo morte tam suave, choravaõ de con solaçaõ. O Padre o amortalhou com a sua roupeta,capa,& ba rete, mãos postas com huma Cruz,que para isso fez. Logo po

poz sobre huma alcatifa. Estava seu rosto tam ayroso, que parecia de Anjo. Dalli sendo noyte foy levado em huma tumba por quatro homens para a Cidade, & com quatro tochas acesas. Morrèra elle pelas dez horas do dia, & às sinco da tarde, quãdo o quizeram meter na tumba, sentio o P. hum cheyro grande, & muy suave, admirado disse para o pay que o ajudava: Jesus como cheyra este Anjo! Respondeo o pay: Muyto ha, que eu queria dizer isso; que tambem vou pasmado.

13 Pareceo aos Padres, que fosse posto em huma sala da casa do pay, por estarem là seus tios, & parentes, & ter mais capacidade a casa, que a nossa, & dalli, por ficar de fronte, poderia ser trazido á nossa Igreja. Tanto que se divulgou sua morte pela Cidade, foy notavel a devoçaõ da gente, que concorreo ao ver, & venerar. Beijavam seus pès, & mãos, como de Santo. Tocavam nelle suas contas, & lenços, que todos ficavam cheyrosos. Querendo o Padre Castro certificarse mais do cheyro, que delle sahia, & todos sentiam, lhe poz outra Cruz mais accõmodada nas mãos, atandolha com huma linha, & como sobejasse huma ponta, se abayxou a lha cortar com os dentes, & achou, que cheyrava; & o mesmo Padre Castro de pegar nelle ficou tambem cheyrando. Recolheo-se o Padre para casa em ordem a preparar a sepultura, & hum ataùdesinho em que o enterrassem.

14 Toda aquella noyte naõ fizeraõ outra cousa mais, senaõ pôr lenços, & toalhas, & alimparlhe o rosto, & mãos, & todos se tiravam com notavel cheyro, tanto, que nem Ambar, nem Algalia, nem Balsamo, se podiam com elle comparar, porque os vencia a todos. Mandando o pay dizer isto ao Padre Castro, lhe perguntava, se seria bem, se fizesse diligencia com o Provisor, & mais gente. Mandoulhe dizer o Padre, que aquillo era mimo, que o Ceo costumava fazer à pureza virginal, que nam havia, porque se tratar de mais, que o Senhor era maravilhoso em seus Santos.

15 Chegada a hora do enterro, assim a casa do pay, como a rua, & a nossa Igreja se encheo de infinita gente. Vieram dous Conegos da parte do Cabido, dizendo, que ainda que tinham feyto assento de naõ enterrarem a alguem, excepto Conegos, que isto se naõ entendia nos da Companhia, & menos naquelle Santo, q̃ vissem os Padres como queriaõ que viessem. Aceytàram os Padres a honra, mas que os ajudassem como Clerigos particulares, & naõ em Communidade; assim o fizeraõ todos, & a Irmandade da Misericordia.

16 Vie-

16 Vieraõ todos os Clerigos da Cidade, toda a musica da Sè. O Padre Castro, Chantre, Provisor,& dous Conegos Dou-toraes o levàram no esquife do Cabido,acompanhado de toda a nobreza da Cidade, & muyta outra gente, que com notave devoçaõ tocava nelle as contas, & lenços, & beijavam o cada-ver. Todos louvavam a peſſa do pano,de que sahira tal amostra dizendo mil louvores da Companhia; pois em hum anno, & meyo fizera hum Santo,como aquelle Anginho, que viam, & veneravam; dizendo,q sem duvida eraõ os outros grandes Mes-tres de Santidade, pois eram taes os Noviços.Dobràram-se to-dos os sinos da Cidade,começando os da Sè, tudo isto por de-voçaõ dos particulares, sem da Companhia se menear nada. O Clerigos,& musicos da Sè lhe fizeram Officio solemnissimo. O pays,& parentes do defunto, que muyto tinhaõ sentido sua en-trada na Companhia,& tambem a sua doença, ficáram notavel-mẽte alegres,de aver na sua casa tal fortuna;& muy affeyçoado à Companhia.

17 Succedeo em breve huma cousa,que mais declarou a vir-tude deste servo de Deos. Avia muytos annos,que certa mulhe andava douda,& sahia nas desordens, que este desconcerto tra comsigo. Pondo na cabeça huma das peſſas tocadas no Irmão dormio,& entre sonhos lhe appareceo o Irmão como hum Cle-rigosinho,o qual lhe disse,que jejuasse ás sestas feyras,& se con-fessasse,que logo sararia. Assim o fez, & cobrou seu juizo con admiraçam de quem a conhecia. A vida deste bemdito Irmã recolhi de huma Relaçaõ,que della fez o Padre Estevaõ de Ca-stro,& se conserva no cubiculo do Padre Reytor do Noviciad de Lisboa.

CAPITVLO XXIX.

Vida do Irmaõ Andre Jorge estudante.

Evora 14. de Agosto de 1608

1 AS virtudes deste servo de Deos foraõ as que no seus estudantes desejava ver á nossa Companhia Sua patria foy Viana no Arcebispado de Evora, a qual he hum das terras menores neste Reyno, que tem dado a nossa Compa-nhia mais sugeytos de conhecida virtude, que muytas Cidade grandes. Delles pudera fazer hum bom catalogo, mas como s podem ver em toda esta minha obra, onde refiro suas vidas, & virtudes,naõ ha, porque os nomear aqui. Os pays deste Irmaõ s

cha

chamárão Antonio Fernandes, & Resposta Jorge. Criaram-no em muyta modestia, & virtude.

2 Foy mandado estudar em Evora, onde nas Classes era o exemplo dos mais. Todas as somanas se confessava, & commungava. Huma vez o mandou seu Mestre açoutar não sei porque travessura, das muytas que os estudantes costumaõ. Elle se calou, foy tomar o castigo. Depois veyo a saber o Mestre, que Andre Jorge nam entràra na travessura; chamou-o, perguntoulhe, porque naõ acodira por si nem antes, nem depois do castigo. Respondeo, que lhe ouvira dizer em hũa pratica, como Christo Jesu levára cinco mil, & tantos açoutes sem dizer hũa sò palavra, sendo que naõ tinha culpa, & que elle pelo querer imitar, sofrèra, & calára. Ficou o Mestre espantado de tal reposta, quando experimentava as diligencias, que outros faziaõ por se livrar dos açoutes, quando mais os mereciam.

3 A sua modestia era tal, que compunha aos que nelle reparavam: assim o confessou hum nosso Religioso, que sendo ainda secular, disse, que poucas vezes olhava para elle, que nam fizesse bons, & santos propositos, movido da compostura, que nelle via, & venerava. Tendo já de idade quinze annos, entrou em Evora na Companhia aos dez de Janeyro de mil seiscentos, & tres.

4 Logo se foy vendo, que era moço escolhido por Deos, pois se achou, que atè aquelle tempo tinha conservado a graça bautismal, com a qual se teve por certo, que morrèra. O que constou dos Padres, que o confessáraõ geralmente. O mestre dos Noviços o punha em ausencia aos mais por exemplo de virtude, como na verdade o era. Nos annos depois de Noviço conservou em seu ser o cuidado dos seus exercicios espirituaes, & devoçoens. Succedialhe andando compondo alguma poezia de seu gosto, porque era bom Poeta Latino, dar o tempo para exercicio espiritual, deixava o verso no meyo, & acodia á obediencia. A sua postura na oraçam era sempre de joelhos, nem algum dia o viraõ de outra sorte, ainda estando indisposto. Querendo seus condiscipulos afervorarse neste tempo, olhavaõ para elle, & a sua compostura os fazia devotos, & obrigava a recolher o pensamento.

5 Nas vesporas de communhaõ à noyte se punha de ordinario á janella com os olhos no Ceo, fazendo muytos actos de amor de Deos com a lembrança no Senhor, que avia de receber. Dizia muytas jaculatorias da Escritura Santa, como aquella:

Quem

Quemadmodum deſiderat cervus ad fontes aquarum,& outras ſe melhantes. Ferindo-ſe acaſo em hum dedo lhe veyo grande de ſejo de ſer Martyr,logo eſcreveo com o ſangue no ſeu oratori eſtas duas letras: *Miſerere mei Deus ſecundùm magnam miſeri cordiam tuam. Magnificat anima mea Dominum.* Na primeyr ſignificava o deſejo do martyrio, na ſegunda o amor á Senhora junto de cuja Imagem tinha tambem eſta letra: *Te ſine nihil ha beo.* Nada tenho ſem vòs.

6 Por naõ faltar aos ſeus exercicios eſpirituaes, & ao eſtu do,tinha o tempo repartido de tal ſorte, que ſe naõ impedia humas couſas às outras. Fazia muyto por trazer a Deos pre ſente;& porque nem quando eſtudava,ſe eſqueceſſe delle, tinh por reſiſtos dos livros Imagens devotas com ſentenças pias e critas nellas,das quaes tomava occaſiaõ de ſe lembrar de Deo quando revolvia os livros. Quando acabou o tempo de eſtar n Recolhimento,pedio aos Superiores, o deyxaſſem continua ſendo ſua tençaõ,como declarou, viver em tudo, como os ou tros do meſmo eſtado.

7 Sendo fraco de compreiçam nada tinha de mimoſo, na perdoava ao cilicio,& diſciplina, açoutava-ſe tam fortement que parecia quererſe desfazer. Cauſava admiraçaõ aos que ſentiam;por ſe occultar eſte rigor, buſcava diverſos lugares e cuſos, onde ſe naõ dèſſe fé, de que ſe açoutava. As diſciplina eram de corda de viola tecidas com arame,& andavam bem en ſanguentadas. Alegrava-ſe muyto com a falta do neceſſario, co mo nas peregrinaçoens, ſe naõ lhe davaõ eſmola. Nas injuria era muy ſofrido. Sendo, como era,dos melhores eſtudantes d ſeu curſo,lhe diſſe hum em publico,que naõ ſabia nada. Reſpô deo com modeſtia,& grande ſoſſego: Aſſim he,falla verdade, e naõ ſei nada. Dizendolhe hum Irmaõ, que os Superiores o eſt mavaõ,reſpondeo: Pois eu deſejo muyto ir para a India, ou par onde a ſanta obediencia me mandar, para là ſer deſprezado d ſorte,que ninguem faça caſo de mim.

8 Tinha notavel amor à ſanta pobreza. Huma vez,que lh quizeraõ dar huma roupeta, que eſtava em melhor uſo, que que trazia,lhe ſaltàram as lagrimas pelos olhos de pena, & ſen timento. Quando hia peregrinar, fazia diligencia por lhe cahi o peyor aſſim no comer, como nos outros cômodos. Dos pre mios,que levava em compoſiçoens,ſe desfazia logo, por naõ te amor a couſa alguma caduca. Se lhe davaõ alguma couſa,por le ve que foſſe,dizia,Tenho feyto propoſito de nada aceytar ſen

licen

icença,& dizendoſelhe,que a pediſſe,reſpondia: Eu naõ peço li-
cença para o que naõ hei miſter, nem me he neceſſario.

9 Os eſtudantes lhe tinham tanto reſpeyto, que quando na ala eſtavaõ nos actos fallando com algum deſenfaſtiamento, vendo ir para onde aſſiſtiam ao Irmão, diziam huns para os outros: Vamos attento, que vem cà o Padre Andre Jorge. Tinha elle ſingular deſtreza em deſviar praticas eſcuſadas, ficandolhe todos, como dizem, devendo dinheyro. A ſua converſaçaõ era religioſamente deſabafada, donde ſe ſeguia ſer de todos bem quiſto. Davalhe notavel pena ouvir praticas, que tocaſſem em terreyro; ſe neſtas occaſioens ſe achava entre os do ſeu eſtado, dizia logo: Deixemos iſſo. Nunca lhe ouviram palavra alheya de homem Religioſo.

10 Era muy affeyçoado a praticas de Deos, de que procurava fallar em todas as occaſioens aſſim com os de caſa, como os de fóra. Nellas tinha modo agradavel, por iſſo todos ſe chegavão para o ouvir. Numa peregrinaçaõ encontrou vindo para caſa huns moços nobres, falloulhes de Deos com tam bom modo, que os enlevou, & cativou em feyçaõ, que quando á porta da Cidade ſe ouveram de deſpedir, ſe apeàram, & o abraçáram moſtrandolhe grande amor, & devoçaõ. Os noſſos depois delle morrer, tinham ſaudades das ſuas praticas nos repouſos, pelo aproveytamento, que dellas tiravam. O amor, & reſpeyto aos Superiores he ſobre todo o encarecimento. Naõ ha filhos, que mais amem a ſeus pays. Se acaſo cahia em ſua preſença alguma murmuraçaõ delles, todo ſe magoava, & coſtumava dizer; q̃ neſtas occaſioens lhe parecia, eſtar vẽdo dar bofetadas em Chriſto noſſo Senhor. Vio-ſe eſte reſpeyto à obediẽcia na ultima doença eſtando jà fora de ſi com os freneſis, q̃ ſó para ella moſtrava eſtar muyto em ſeu ſer.

11 Perguntandolhe o Medico, por ver ſe eſtava em ſeu juizo, ſe queria, que lhe deitaſſem huma ventoſa na cabeça, reſpõdeo: *Nihil recuſo.* Em lhe dizendo, que o Superior, ou enfermeyro ordenava iſto, ou aquillo, parava com o impeto frenetico, por naõ ir contra a tal ordem. Neſte tempo ſahia a natureza com os bons habitos, que tinha adquirido; porque ſe era á noyte, o freneſi lhe dava em ſe preparar para a oraçaõ, confiſſaõ, & communhaõ do dia ſeguinte: ſe era de dia, pedia, que contaſſem hiſtorias ſantas, & fallaſſem de Deos. Se comia, logo dava graças a Deos com as mãos poſtas. Se lhe moſtravam huma Imagem, beijava-a, alegrava-ſe, punha nella os olhos cõ ſinaes de devoçaõ.

Huma vez achando-o o Medico com a Imagem do Beato Luis nas mãos, & vendo a sua devoçaõ se enterneceo, dando graças a Deos por ver no seu doente frenetico tal piedade, & com as lagrimas nos olhos naõ acabava de louvar taes mostras de santidade, em quem estava fóra de seu juizo.

12 Antes de morrer tornou em seu juizo, reconciliou-se, pedio a bençam a seu Superior, & oraçoens a seus Irmãos. Pedio perdaõ de suas faltas aos presentes, & ausentes. Depois pedio hum Crucifixo, foy correndo, & beijando huma por huma as chagas, & assim veyo a acabar *in osculo Domini* no Collegio de Evora a quatorze de Agosto, vespora da Assumpçaõ da Senhora do anno de mil seiscentos, & oyto, no dia em que faleceo o nosso Beato Estanislao, cujo imitador foy na innocencia de sua vida, & santos costumes. A vida deste bemafortunado Irmaõ escreveo o Padre Jeronymo Alveres, ella se conserva em hum manuscripto do cubiculo do Padre Mestre dos Noviços em Lisboa.

CAPITVLO XXX.

Vida do Irmaõ Manoel Gomes Coadjutor temporal.

Evora 19. de Dezembro de 1658.

1 ESCrevendo o Padre Affonso de Castilho a vida do Irmaõ Manoel Gomes Coadjutor temporal começa assim. Pastor innocente, & muy agradavel aos olhos de Deos, por nome Abel, foy o segundo filho, que teve Adam. Pastor semelhante a elle, & segundo filho espiritual, que Deos mandeo neste Noviciado, foy o Irmaõ Manoel Gomes, natural da Villa do Redondo, de tam pura, & innocente alma, que quando se confessava, lhe dizia o Paroco: Filho, vòs sois bom para Apostolo, ide a Evora, procurai entrar na Companhia.

2 Como se conservasse em pureza, & innocencia, estando huma vez em huma Ermida de Nossa Senhora, encomendando-se a ella, o acometeo o inimigo infernal com hum pensamento contra a castidade, que sempre guardàra perfeytamente, teve com esta representaçaõ grandissimo horror, como se visse diante de si alguma Serpente medonha. Logo entrando em novo fervor, por mais quebrar a cabeça ao inimigo, offereceo a Deos seu corpo com voto de perpetua castidade. Por se livrar das occasioens, que no mundo ha, tratou de pór em execuçam o conselho do seu Paroco.

3 Foy

3 Foyse a Evora, & pertẽdeo ser da Cõpanhia. Vẽdo o Pro-
incial,q̃ naõ avia, quẽ delle tivesse conhecimẽto, assentou cõ a
õsulta,q̃ antes de ser admittido,& experimentado no Collegio.
Mandou-o vir para casa,& que tivesse cuidado de varrer os cor-
edores,& de prover,& alimpar as alampadas, com aviso ao Ir-
mão Sotoministro, que o naõ tivesse ocioso. Nesta occupa-
aõ foy descobrindo seu bom talento para o estado,que escolhia;
muyta inclinaçaõ ás cousas Deos. Antes de se tanger á ora-
am,estava de joelhos na Igreja,onde gastava huma hora,depois
uvia Missa,continuava na devoçaõ do Rosario da Senhora, a
uem tinha grande affecto. Confessava-se, & commungava to-
os os oyto dias,dava conta de sua consciencia ao P. Mestre dos
Noviços com tanta chaneza,como se jà fora Noviço; elle se
onsolava muyto,vendo quanta razaõ tivera o Paroco, no que
he aconselhava.

4 No officio,que se lhe encomendou, o fazia com notavel
uidado,& aceyo, a contento de todos. Depois deste experien-
ia entrou a ser Noviço, & a primeyra provaçaõ foram oyto
ias de Exercicios de Santo Ignacio. Elle os teve com muytos
entimentos espirituaes. Dalli por diante procedeo tam justa-
mente, que em todos os dous annos do Noviciado naõ ouve,
uem lhe notasse mais falta,do que foy, que sendo refeytoreyro
issera tres, ou quatro vezes alguma palavra, que parecia ser
menos necessaria. Por esta causa jà o Padre Mestre lhe naõ mã-
ava notar as faltas, temendo naõ lhe viesse alguma vaidade,
ois nem em particular,nem em publico avia,que lhe notar. Em
odo o Noviciado lhe naõ achou o Mestre culpa nas confissoẽs,
ue chegasse com certeza a ser venial. Desta innocencia lhe na-
ia huma grande paz,que se via em todas suas acçoens. A tudo
codia com singular modestia,& advertencia. A bondade do seu
ntendimento alèm de outras cousas se vio nas conferencias es-
pirituaes, onde as suas consideraçoens eram sempre muy põde-
osas. No fallar de Deos tinha grande modo, & accommodava
muyto ao natural á pratica as meditaçoens,exemplos, & passos
a Santa Escritura,que ouvia ao Padre Mestre.

5 Em hum caderno hia apontando alguns avisos, de que se
proveytar. Acháram-lhe escritos estes: Se queres guardar
impeza de coraçaõ,& ter devoçaõ,has de ser cego,surdo,& mu-
o. Se queres saber fallar, cala primeyro. David cahio, porque
disse, Naõ serei mudado deste estado. Humildade tem tres graos:
primeyro,ter se hum em pouco. Segundo, desejar ser tido em

pouco. Terceyro, tendo grandes virtudes, & sendo estimado po ellas, attribuir tudo a Deos. Tem mais esta virtude tres Irmãos que muyto a ajudam: primeyro, pensar, quem fuy. Segundo, pẽ sar, quem sou. Terceyro, pensar, quem serey. Tinha tamber aqui escrito os propositos dos ultimos exercicios, que erar dous: primeyro, todas as cousas, que me succederem bem, naõ a attribuirei a mim, senaõ a Deos. Segundo, naõ desmayar, por m mandarem cousas difficultosas, ou me succeder o contrario, d que queria.

6 Duas consideraçoens trazia impressas na alma, com qu muyto se afervorava em ordem à mortificaçaõ ainda em cous minimas. Era huma, dizer: Se nos viesse á mão huma reliqui da Cruz de Christo nosso Senhor, por pequena que fora, a nar aviamos de deyxar cahir, & que a mortificaçaõ era a Cruz, qu o Senhor nos encomenda, levemos em seu seguimento, & nam Cruz de pao. A segunda de S. Bernardo, que naõ sò avia Mar tyres de sangue, senaõ tambem de suor derramado, por tãto qu avia de trabalhar pelo amor de Deos, para ser Martyr do suor, que o naõ era do sangue. Daqui nascia, andar mais desejoso c trabalhar, do que os imperfeytos de levar boa vida. Em acabar do o seu officio, logo levava ao Noviciado quartas de agua pa beber, & outras para o serviço da casa, sem ser necessario, que mãdassem. Para mais trabalhar, desejava saber todos os officio em que pòde servir hum Irmaõ Coadjutor, & todos fazia ben Hum mez pouco mais ou menos antes de acabar o Noviciad foram tantos os enfermos no Collegio, que necessitáram de ci co enfermeyros, repartindo a cada hum quatro, ou cinco doer tes. Ao Irmão Manoel Gomes deram hum Irmaõ, que ardia e febre maligna com huma parotida, & frenesis tam furiosos, q pediam assistencia de dia, & de noyte. Elle lhe assistia de cont nuo com perigo evidente de se lhe pegar o mal, que era tam cõ tagioso, que ordenavam os Medicos, que ninguem fosse ao c biculo deste enfermo.

7 Quiz Deos, que o doente depois de muytos dias livro pelo cuydado, que com elle teve o seu enfermeyro. Neste ten po, em que o Irmaõ avia de tomar algum allivio, por naõ ave outro Irmaõ, os Superiores lhe encomendàram outro enferm tal como o primeyro. Além dos frenesis de dia, & de noyte, e necessaria muyta invençaõ para comer alguma cousa, porq tudo cuspia no rosto do Irmaõ, que lho metia na boca. Elle co hũ rizo modesto, & sereno se alimpava, sem disto tomar enfada

ment

ento Teve tanto cuidado ſobre elle, que cobrou ſaude. Logo
ſervo de Deos entrou nos ultimos Exercicios do Noviciado,
ra fazer os votos. No meſmo dia, que os fez, diſſe a hũ Irmaõ
ẽte, Eu me ſinto abalado, ſe agora me levar Deos para ſi, depois
s votos, goſtarei muyto. Logo naquella tarde lhe deo huma
zam forte. Nella eram as ſuas palavras: Seja Deos louvado,
ça-ſe a ſua vontade.

8 No terceyro dia, por ſer Domingo, recebeo o Senhor, & ntes fez hum ſuave colloquio, com que enterneeo os Noviços. lo dia ſeguinte lhe mandou o Medico tomar o Viatico, nam idando com tudo, que a morte eſtava tam vizinha; porque o frimento do enfermo, com que ſempre dizia, que eſtava bem, ganava a todos. Pedio ao P. Meſtre, dilataſſe o Viatico para outro dia, por ſer dedicado a noſſa Senhora da Expectaçam. onfeſſou-ſe geralmente, & diz o Padre Affonſo de Caſtilho, e o pudera fazer na praça com mais perigo de vaidade, que nfuſaõ. No dia da Expectaçam recebeo o Santo Viatico. Fez tro colloquio, & continuou ſempre com affectos amoroſos Senhor, dizendo, ſe fizeſſe nelle ſua vontade. Dizia muytas culatorias à Senhora das Brotas, a quem ſendo ſecular viſitàra r vezes. Quando lhe davam de comer, ou applicavam algum medio, dizia: Muytas graças vos dou meu Deos por tanto mi-o, como me fazem, merecendo eu penar no Inferno: noſſo Se-nor lho pague meu Padre, ou Irmaõ, que tanto trabalho toma r amor de mim. Sendo a ſede ardentiſſima, ſe contentava ſó m beber, o que o Medico mandàra, comendo, quanto lhe mã-va, ſendo o faſtio grande: entam dizia: Qnantas vezes fiz mi-a vontade comendo, pois agora hei de fazer a de Ceos, em co-er contra minha propria vontade.

9 Depois da huma hora da noyte tomou huma dieta, deo aças a Deos, & ao P. que lhe aſſiſti a, & diſſe q̃ o deyxaſſe, deſ-nçar. Fechou os olhos, & ſem fazer alguma alteraçam, eſpi-u ſuaviſſimamente em o Noviciado de Evora aos dezanove Dezembro de mil ſeiſcentos ſincoenta, & oyto. Sua vida eſ-eveo o Padre Affonſo de Caſtilho ſeu Meſtre dos Noviços, com muyta razaõ o chama Martyr da caridade.

CAPITVLO XXXI.

Vida do Padre Doutor Sebaſtiam de Couto.

Em Mõtes Claros 21. de Novembro de 1639

1 O Padre Sebaſtiam de Couto foy homem em tu grande, & hum dos mais celebres do ſeu temp Naſceo em a nobiliſſima Villa de Olivença do Biſpado de E vas, ſituada alèm do rio Guadiana, & huma das praças de He panha mais bem fortificadas, & de campos muy abundantes. (pays deſte Padre, que eraõ dos mais nobres daquelle grande p vo, ſe chamavam Joaõ Lobo, & Catherina Vaz de Couto. Te do quinze annos de idade, & ſendo eſtudante da quinta claſſe Univerſidade de Evora, foy recebido na Companhia aos oy de Dezembro de mil quinhentos oytenta, & dous.

2 Eſtudou o Padre Couto, & tudo ſoube como os que n quellas faculdades merecem os primeyros applauſos, & eſtim çoens. Enſinou com grande eſplendor as letras humanas. Paſſ do o eſtudo da Santa Theologia, leo Filoſofia em Coimbra. N fim deſte magiſterio paſſou a Evora a tomar hum curſo de A tes, que eſtava ſem Meſtre, & o continuou os ultimos dous a nos. Depois enſinou por muytos annos Theologia em o no Collegio de Coimbra; o qual magiſterio depois exercitou ta bem na Univerſidade de Evora, aonde ſe graduou de Doutor Theologia. Foy lente de Prima daquella Univerſidade, & d pois Cancellario.

3 No ſeu tempo foy tido por hũ oraculo de ſabedoria: m conſultado de todos os grandes Senhores do Reyno, aſſim ſec lares, como Eccleſiaſticos, eſpecialmente do Sereniſſimo Do Joaõ entam Duque de Bragança, depois Rey de Portugal. Te dom particular para o magiſterio. Viam-ſe nelle todas as b prendas, que conſtituem hum Meſtre adequado, & excellente ſua esfera naõ ſe limitava ſò às cadeyras, porque ſendo lente, depois de o ter ſido, prègava muytas vezes com igual acey çam àquella, que tinha no magiſterio: para huma, & outra co ſa parecia ter naſcido. Governou ſendo Reytor o Collegio Braga. Atè agora dei huma breve noticia das prendas, com q a natureza ornou, & engrandeceo ao Padre Sebaſtiam de Co to. Agora direi, o que de ſuas virtudes encontrei em hum m nuſcripto, que ſe conſerva no Cartorio do Collegio de Evo compoſto pelo Padre Gaſpar Correa Contemporaneo do

re Couto,natural da mesma terra, & cuido que parēte do mes-
no Padre. O qual falla delle pelo modo seguinte.
4 Posto que a morte pode tirar a vida ao Padre Sebastiam
e Couto,naõ lhe póde tirar a fama , que o fez conhecido no
eyno proprio,& estrangeyros , por hum dos homens raros do
u seculo. Foy Religioso de muyta , & muy provada virtude,
largo exercicio de paciencia,cujo exemplo vivo confirmou a
uytos, & ainda depois da morte sua memoria ensina , quanto
ais caso se ha de fazer de hum sofrimento,que da propria esti-
açaõ.
5 Na compayxam dos afligidos foy tam admiravel , que os
randes cabedaes de entendimento , juizo ,prudencia, grandeza
e animo para emprezas , tudo ordenou a favor dos pobres sem
xcepçaõ de pessoas. Vieram estes ao officio de corpo presente,
com muytas lagrimas,& suspiros solemnizáraõ suas exequias.
creditou Deos as suas esmolas,& bemfazer , com hum caso es-
anho. Na Igreja do Collegio de Evora se chegou a elle huma
obre mulher pedindo remedio para sua pobreza com tantas la-
rimas,& vozes tam sentidas,que a ouviram muytos dos nossos
adres , que se achavam no Cruzeyro da Igreja. Naõ pode a
ompayxam do Padre deyxar de fazer suas diligencias por acu-
ir àquella pobre mulher. Encontrou na Igreja ao Irmaõ Pedro
ffonso da nossa Companhia; perguntoulhe se acaso tinha al-
um dinheyro,que lhe emprestasse. Respondeo o Irmaõ, que sò
inha na sua mão hum deposito de trinta mil reis , que era de hũ
noço de casa.
6 Deste dinheyro tirou o Padre,quanto lhe pareceo bastan-
e para fazer a esmola;dizendo,que passados dous dias , o torna-
ia a repor no deposito. No fim dos dous dias foy buscar ao Ir-
naõ,para lhe entregar o dinheyro : respondeolhe este , que sua
Reverencia nada devia; por quanto pedindolhe o moço os trin-
a mil reis,elle os achàra sem diminuiçaõ alguma,& lhos entre-
gára. Entam admirado o Padre , disse: Irmaõ , demos graças a
Deos,que quiz,que esta esmola fosse toda sua.
7 Ouve naquelle tempo em Evora huma mulher de conhe-
cida virtude ,& de espirito,a quem acreditàram algumas profe-
cias;chamava-se Leonor Rodrigues. Assistia esta na nossa Igre-
a dia da Immaculada Conceyçaõ da Senhora , era Prégador da
festa o Padre Sebastiaõ de Couto. Subitamente Leonor Rodri-
gues como enlevada,disse: Jesus, Jesus, que vejo? Entam per-
guntandolhe huma sua irmã,que cousa via;sem advertir,respon-

deo: Naõ vedes ao Padre Sebastiam de Couto entre S. Fra
cisco o Patriarca, & Santo Ignacio? Logo cahio, no que tinh
dito,& pedio à Irmã naõ contasse, o que tinha ouvido.

8 Alèm de o provar Deos com muytas occasioens de sofr
mento,o amartelou com huma penosa doença, que lhe cons
mio o corpo, sendo que era robusto de forças. Compadecida
tam molesta,& prolongada pena huma mulher devota, affe
çoada à virtude do Padre Couto, rogou a Leonor Rodrigue
pedisse a Deos pelas melhoras da saude do P. Sebastiaõ de Cou
Respondeolhe a santa mulher: Deyxai Senhora obrar a Deo
porque assim como cõ esta doença o vai dispondo para a mort
assim lhe vay lavrando huma coroa para a gloria, tal, & tam ex
cellente, que se nós o virmos, apenas o conheceremos por mu
alevantado sobre nós. Assim explicou, o que Deos lhe dava
entender da muyta virtude deste Padre. Em tempos incleme
tes sahio este bom velho a fazer missaõ pedanea por divers
partes do Alentejo, de que contrahio a doença, de que mo
reo.

9 Andando affligido das quartans, que o tinham gastado,
retirou para a herdade de Montes Claros, distãte de Evora cou
sa de cinco legoas. Alli o carregou o mal de sorte, que naõ de
lugar a se recolher para o Collegio. Recebeo os Santos Sacr
mentos, & feytos muytos actos de Religioso Santo, morreo a
vinte,& hum de Novembro de mil,& seiscentos, & trinta,
nove. Foy seu corpo trazido ao Collegio, aonde os Religios
de Saõ Francisco lhe celebráram as exequias com solemnidad
& a canto de Orgaõ, assistindo toda a nobreza,& fidalguia de E
vora, que naquelle tempo era muyta, & da principal do Re
no. Quem nam cuydaria, que hum homem tam apurado com
purgatorio de huma dilatada, & molesta enfermidade, avia d
evitar as penosas chãmas do Purgatorio? mas deo Deos a enten
der, que naõ livrou dellas este seu servo.

10 Quando chegou a nova de sua morte à Residencia d
S. Fins, que he junto ao Minho, hum Religioso nosso, que al
assistia, prometteo huma novena de Missas, Coroas, disciplinas
Officios Divinos,& dos defuntos, & todas as mais obras penae
que naquelles dias fizesse. A tençaõ mais era fazer estas obras
para q̃ a alma do Padre Couto as applicasse pelas almas do Pur
gatorio, que mais lhe parecesse; porque comsigo julgava naõ te
ria dellas necessidade pelo muyto, que nesta vida penára.

11 Succedeo porèm, que na noyte do ultimo dia da nove
na

a, estando dormindo, se lhe representou em sonho, que o Padre Couto lhe entrava pela porta do cubiculo, indo em direytura ara a janella: rosto desfigurado, roupeta muy pobre, as mãos ompostas como atadas, a barba crecida, o barrete metido atè as obrancelhas. Nesta figura parou no meyo do cubiculo, & quasi oltando para o Religioso lhe disse estas palavras: E bem, meu Padre (nomeando por seu nome) & jà Vossa Reverẽcia acabou? dito isto se sahio pela janella. Acordou subitamente o Religioso, & chamando pelo Padre Sebastiaõ de Couto, lhe disse: Pare, q̃ mais quer, q̃ faça por sua alma? diga, diga, que tudo farei. esolvendo comsigo, que o defunto tinha necessidade de mais uffragios, lhe prometteo outra novena, & depois da promessa ornou a adormecer.

12 Apenas tinha começado a dormir, quando em sonhos se chou no corredor das tribunas da Igreja do Collegio de Evora; & parando em huma dellas, vio que o Padre Sebastiam de Couto sahia da Capella da Igreja os que estava debayxo da tribua, vestido ao nosso modo; mas a barba feyta o rosto alegre, chaeo na cabeça, & capa aos hombros, como quem hia de caminho. Alvoroçado o Religioso com a vista, deo fè que em huma as janellas rasgadas, que cahem para Universidade, estavaõ hũs eninos sobremaneyra especiosos, vestidos de hum branco pussimo, encrespado, & cingidos com cintas verdes; a estes convisou com a vista do Padre Sebastiaõ de Couto, perguntandolhes, o queriam ver; ao que elles com o rizo na boca, & alegrissimos, respondèram, que sim; & correndo para o Padre Sebastião e Couto, o abraçàram; & nestes pontos desappareceo a visaõ. ficou della entendẽdo o Religioso, que supposto succeder no m da novena, lhe significava Deos, em como as obras, que fiera pelo defunto, lhe tinhaõ sido uteis, & necessarias, & que no m dellas passára em companhia dos Santos Anjos a gozar da ista clara de Deos. Foy enterrado na Igreja do Collegio de vora, na Capella de Saõ Braz, que hoje he de Santo Ignacio. oy hum dos Autores, que compuzeram o Curso Conimbriense, como se dirà em seu lugar.

CAPI-

CAPITVLO XXXII.

Vida do Padre Manoel Martins Missionario de Madurè de caminho se dà alguma noticia daquella terra, & de seus Deoses.

Em Tricherapali aos 21. de Agosto de 1656.

1 CONfesso, que de nenhum dos Padres, cujas vidas es crevo, sinto mais a falta de noticias, que do venera vel Padre Manoel Martins; porque o pouco, que delle me vey à mão, denota tantas, & tam illustres obras, que podiam forma huma larga vida chea de muytos documentos, & successos ad miraveis: mas quem nesta minha obra ler as admiraveis vida dos Veneraveis Missionarios de Madurè, entenderà, que daquel le teor foy a do Padre Manoel Martins nos muytos annos, qu viveo em Madurè, & bem cuido, que poucos, ou nenhum Mi sionario nella viveo mais annos.

2 Nasceo este ditoso P. na Villa de Alvito do Arcebispad de Evora; seus pays se chamáram Jorge Affonso Giraldo, & Do mingas Martins. De idade contava 17. annos, quando na Cõ panhia em Evora aos 25. de Março de 1615. No anno de 162 sẽdo Mestre de Latim se embarcou para as Missoẽs do Orient cõsagrando-se a servir a Deos, & ao bẽ das almas, na Missaõ d Madurè, q̃ he sem duvida a mais penitente, & mortificada, qu ha. Na aspereza, com que se tratam seus Missionarios, nenhum se póde com ella comparar. Todas as Religioens, que na Euro pa se tem por asperas saõ muy suaves a respeyto dos rigore que comsigo usaõ estes veneraveis Missionarios; homens que to dos parecem mais espiritos Angelicos, que homens em corp mortal.

3 Madurè he hum dos Reynos do Malavar pela terra adẽ tro alguns dias de caminho afastado da Costa da Pescaria. N Cidade, que deo o nome ao Reyno, & á Missaõ, assistia antiga mente hum Padre da Companhia no vestido ordinario de qu usamos, para administrar os Sacramentos aos Portuguezes, qu alli concorriam a seus contratos, & a outros Christãos das co tas de Travancor, & Pescaria. Ha naquellas naçoens certas di visoens de castas muy semelhantes aos Tribus, que avia entr os Judeos, & muytos se persuadem, que dos Judeos tiveraõ esta divisoens sua origem: porque os de huma casta naõ podem ca sar com os da outra. Nem as riquezas alteram a fortuna de no

br

bre,ou vil,em que cada hum nafceo.

4 Affim como na Europa o fer rico nam tira o labeo de fangue infecto,que deram os pays,affim naquellas terras a boa, ou mà fortuna nam altera a qualidade da cafta, em que cada hum nafceo. Dizẽ eftes gentios,que todas as caftas nafcèram de Brumà,que he o primeyro dos feus tres deofes principaes. Da cabeça,dizem,nafceram os Bramanes, que entre elles he o deftillado da nobreza, dos hombros os Reys, das coxas os Chetins, cafta de gente naquella terra:dos pès as mais caftas plebeas; & da parte mais immunda do corpo,os Europeos;que elles tem pelo nõ plus ultra da vileza,por gente infame, & indigna do trato humano. Nafceo efta opiniaõ entre as naçoens daquellas Provincias,porque os Europeos comem carne de vaca,que he mais que entre nòs comer carne humana. Por efta caufa aquelle Padre, que differmos affiftia em Madurè na roupeta da Companhia,nenhum fruto fazia nos gentios, porque como o tinhaõ por coufa viliffima,por tal reputàram tambem a ley,que feguia.

5 Vendo eftas difficuldades o Apoftolico Varaõ Padre Roberto de Nobili Romano de naçaõ, & de fangue muy illuftre, tomou novo modo de vida,& veftido, fingindo-fe no trato politico Bramanè Saniaz;que monta tanto como Religiofo penitẽte,que naõ tem mulher. Efte eftado feguiram por muyto tempo os Miffionarios de Madurè, mas ainda naõ era adqueado para acodir á converfaõ dos gentios; porque eftes Bramanes naõ podem tratar com todas as caftas de gente fob pena de ferem tidos por profanos: & affim os Padres eraõ obrigados a guardar as mefmas continencias defviando-fe tambem das caftas vis, para affim fe confervarem na feveridade de Bramanes.

6 Pelos tempos adiante pareceo nam fer efta traça tam proveytofa,por quanto os das caftas inferiores eraõ os que mais fe convertiam á Fè. Por tanto fe foy deyxando o eftado de Bramane Saniaz,& fe tomou o de Pandára,que fó differe do primeyro, em que efte naõ he de cafta Bramane,mas fò Religiofo penitente,que nam tem mulher,por outro nome fe chama Rajo. O povo geralmente, & ainda os grandes lhe dam o nome de Saniaz, mas os que faõ de Bramanes,lhe naõ querem chamar fenaõ Pãdàras;porque o Saniaz dizem fer fó o penitente,que he de cafta Bramané.

7 O modo,com que fe tratam eftes penitentes, quanto ao comer,he na verdade auftero,porq naõ ham de comer carne, nẽ peyxe;que eftas duas coufas naõ tem lá a diftinçam, que cà em Europa.

Europa,porque o peyxe se avalia por carne, o mesmo saõ os c
vos. Naõ bebem vinho: andam vestidos de huma sotana alm
grada,trunfa,ou touca na cabeça,bordam na mão, & pès delca
sos: só usaõ de taimanca, a qual naõ tem outra prezilha mai
que hum cravo de pao, o qual metem entre o dedo pollegar d
pè,& assim a governam,& se servem della com muyta facilid
de. Bem creyo eu,que se cá na Europa ouvesse noticia de tal g
nero,& modo de taimanca,a usariam por mais rigurosa,os Sa
tos homens, que introduziram este genero de calçado nas su
reformas.

8 Sendo esta penitencia com outras achegas,que tem, ta
austera;entre aquelles gentios nam he cousa de admiraçaõ, po
que ha alli penitentes do diabo, que vencem aos Anacoretas
mayor espanto. Huns toda a vida passaõ sem genero algum
reparo sobre o corpo, nem ainda o que pede o natural pudor
natureza humana. Outros professaõ inviolavel silencio, &
fallaõ por acenos. Outros se sustentam unicamente com folh
de arvores: outros bebendo sò hum trago de leyte. Outros i
ventam modos exquisitissimos de penitencias,que se fossem fu
dadas na verdadeyra Fè,seriam tidas,& avidas por assombrosa
& sinaes de extraordinaria santidade.

9 Com estes obsequios honram aquelles penitentes aos se
deoses,& se persuadem que feytos certos annos da sua penite
cia,dalli por diante ficaõ impeccaveis, ainda que façaõ quanto
vontade lhes pedir. Porque nesta obra necessariamẽte fallo mu
tas vezes desta Missaõ, naõ he fóra de meu intento dar hum
summaria noticia dos deoses, que adora aquella gentilidade,
contra quem he a guerra dos Missionarios.

10 Naõ fallando nos deoses de menor porte (cujo numer
dizem as suas historias,que chega a trinta,& tres milhoens)tr
saõ principalmente os que alli se veneram, que saõ como a fo
te dos demais. O primeyro delles se chama Brumá; o segund
Vixnù; & o terceyro Xivà. Estes tres se diz ser hum sò, mas c
tanta incoherencia,que pelas historias,que delles contam, log
se lhes prova,que nam saõ senaõ tres realmente distinctos; po
que dizem que cada hum destes deoses assiste em seu lugar dive
so,nem hum sabe do que passa no lugar,onde o outro està. De
tes sò Brumá naõ tem templo algum, tendo cada hum dos o
tros innumeraveis templos. A causa disto (segundo contaõ al
guns de seus annaes) dizem que he por causa deste successo, qu
brevemente refiro;anda celebrado entre elles com tomos inte

ro

os de patr anhas,& fingimentos.

11 Vixnù,que tambem ſe chama Perumal, gerou de ſi meſmo a Brumá. Depois de o gerar fez huma jornada muy longe, nde ſe deteve largos annos. Voltando della para ver a ſeu filho rumà;eſte o deſconheceo, & negou ſer ſeu pay. Levantando-ſe mayores,dizia: que como podia elle ſer filho de outrem,ſendo Creador de todas as couſas, & ainda do meſmo Vixnù, que dizia,ſer ſeu pay. Ouve niſto varias razoens de parte a parte, & hegàram quaſi às mãos puxando cada hum por ſeu direyto, & nayoria.

12 Neſte comenos acodio a Deos Xivá, que tambem ſe chama Rutren,a apartar a bulha, por naõ chegar a effuſaõ de ſãgue; vendo que os naõ podia ſoſſegar, aſſentou com elles, que elle Xivà ſe eſconderia, & aquelle que dos dous lhe viſſe os pès,ou a abeça,eſſe ſeria o mayor. Aceytáram o partido, & eſcondeo-ſe Xivà. Tomou Vixnù por empreza verlheos pès,& cuydando, ue os teria poſtos debayxo da terra, ſe transformou em porco, tanto foſſou para atinar com os pes de Xivà, que esfolou de orte a tromba,que ficando em chaga viva, naõ pode continuar ſua lida. Brumá tomou a fòrma de Ciſne,voou tanto por eſſes res,que canſando as azas,ouve de tornar atraz.

13 Quando eſtava para ſe voltar do alto, vio que hũa flor, que chamam Cardeyra, vinha decendo pelo ar em figura de ulher; perguntandolhe donde vinha, reſpondeo ella, que dá abeça de Xivà. Pois aveiſme de fazer eſta graça, diſſe Bramà, veiſme de levar com-voſco a ver Xivà, porque me importa uyto. Reſpondeo a flor Cardeyra: Xivà eſtá daqui mais de inte milhoens de legoas,& naõ podeis voar tam longe. Pois ao enos,diſſe Brumá,quando nos ajuntamos a juizo,ſede vós miha teſtimunha,de como eu vi a Xivà, eſtando elle dormindo, pelo naõ acordar,me vim embora ſem fazer eſtrondo.

14 Eſtà bem,diſſe a flor,por vos fazer graça,direy eſſa menira;mas lembraivos de me agradecer a fineza. Veyo-ſe Brumà ara bayxo. Sahio Xivà do ſeu eſcondrijo, & chamou a juizo os itigantes. Vixnù chãmente confeſſou, que por mais que neſa empreza ſe canſára,ſò tinha recolhido trabalhar de balde. Enam ficou muy vanglorioſo Brumá, & diſſe para Xivà: Pois eu os fuy deſcobrir na regiaõ do ar, quando eſtaveis dormindo;& oa teſtimunha he a flor Cardeyra, que aqui eſtá preſente, & ntam eſtava ſobre voſſa cabeça. Naõ ha duvida, acodio a flor Cardeyra, que aſſim paſſou em real verdade.

14 Sen-

15 Sendo o teſtimunho tam abonado, eſtava Xivá para de- cidir a cauſa em favor de Brumà. Porèm Vixnù ſahio com eſte arrezoado, dizendo para Xivà: Como póde ſer, que Brumá vos viſſe a vós, & vòs o nam viſſeis a elle? por ventura ha couſa eſ- condida a voſſos olhos? ou vòs aveis de confeſſar, que dormin- do tanto a ſono ſolto naõ ſois Deos; ou ſe o ſois, & naõ ſe vos encobre nada, que Brumà mente no que diz, & que a Cardeyra teſtimunha falſo. Cahindo Xivà no ſeu deſatento, & o mais que lhe hia no caſo, convenceo de mentiroſos a Brumá, & a Car- deyra; & lançoulhes eſta maldiçaõ: Que Brumá ficaſſe ſem tẽ- plos, & que a flor Cardeyra dalli por diante naõ tiveſſe lugar nos templos de Xive. Eſta he a razaõ, porque Brumá naõ tem na- quellas terras templo algum.

16 A Brumà atribue eſta gentilidade o crear, a Vixnù o cõ- ſervar, a Xivá o deſtruir. A Xivà pertence a ſeyta do Lingam, que he tam obſcena em o ſeu idolo, & no ſeu principio donde ſe originou, que naõ ha porque a referir. Trazem eſtas figuras obſcenas pendentes ao peſcoço em ſinal da ſua crença, & ſeyta; & ſaõ eſtes ſectarios dos mayores inimigos, que tem alli os Chri- ſtãos. Baſte eſta breve noticia para ſaber as gentes, & deoſes contra quem os Miſſionarios batalham naquellas regioens do Malavar.

17 O Padre Manoel Martins ſeguio em tudo o modo do Padre Roberto Nobili, que era de Bramanè Saniaz, obſervando o rigor de vida, que os taes penitentes profeſſaõ, & retirando-ſe tambem de tratar com gente de caſta inferior, & bayxa. E por- que ſe veja o recato, que niſto avia, direi o que ſuccedeo ao Pa- dre Manoel Martins com hum Catacumeno. Era eſte ſendo gẽ- tio de profiſſaõ Pandàra, Meſtre da Ley, & de caſta Pareà, que he naquellas gentes caſta muy vil, & bayxa, & tam aborrecida dos Bramanes, que nem ainda conſentem, que paſſem pelas ruas das povoaçoens onde moram Bramanes.

18 Eſte Pandàra tinha muytos diſcipulos, que lhe eraõ ren- doſos, & ainda elRey, por ſer eſte penitente de grande fama, lhe tinha dado renda particular. Dous dos ſeus diſcipulos abra- çáram a Ley de Deos; eſtes foram os Apoſtolos de ſeu Meſtre, porque lha communicàram; como eſte homem tinha bom en- tendimento, aſſiſtindolhe a graça de Deos, ſe deyxou penetrar das verdades da Fè. Quebrou o idolo Lingam, que trazia ao peſ- coço. Deyxou o magiſterio, que profeſſava. Como era homem tam celebre, o perſeguiram terrivelmente os Jogues, que ſaõ c[...]

n[...]

no os seus Ecclesiasticos, & o espancàram, porque pergunta-
o,porque deyxàra o Lingam,respondeo, o que merecia a per-
unta,& a sordidez do idolo.

19 Por se livrar deste motim, se retirou para o Reyno de
Tanjaor,& depois se tornou para Tricherapali com desejo de
r bautizado. Alli foy bautizado em muyto segredo pelo Pa-
re Manoel Martins. A causa das cautelas era a distancia na no-
reza,que avia de hum Saniaz Bramanè, que o Padre professa-
a ser,á de hum Pareà vil,qual por casta era Matureyan, que as-
m se chamava o Catecumeno. Mas a fé do Catecumeno fez
ortar por estes inconvenientes, que naquella terra saõ muy
randes.Como o Catecumeno naõ podia,por ser de tal casta,en-
ar na casa dos Padres,foy bautizado de noyte em hum templo
os idolos,que estava junto á ponte de hum rio. Triunfando as-
m dos vaons deoses,que adoràra; & pizando-os no mesmo lu-
ar,onde lhes dobràra o joelho.

20 Foy Matureyan grande instrumento da gloria de Deos,
omeçou a prègar aos da sua casta, converteo tantos em nume-
,que para os bautizar, & cultivar, entrou na Missaõ o Padre
althezar da Costa tomando o estado de Pandara; por quanto
aõ era licito aos Padres Bramanes tratar com os Pareás. Che-
ou este bom Christão a ver com seus olhos a mais de cinco mil
areàs bautizados,tudo fruto da sua prègaçaõ. Foy homem de
da muy santa. Passou a melhor vida em idade decrepita com
orte de justo ao 1. de Abril de 1664. Seu corpo foy enterrado
om grande solemnidade em fòrma, que nunca Tricherapali
o entre Pareás tal enterro,nem tam apparatoso.

21 Era o Padre Manoel Martins de condiçaõ muy affavel,
amorosa, a qual o fazia por extremo amado aos Christãos.
oy isto em tal fórma,que pelos tempos adiante depois da mor-
deste Padre,quando os Christãos queriaõ significar, que a-
avam muyto a algum Missionario, diziam que o amavaõ co-
o ao Padre Manoel Martins. E tambem quando queriam ex-
icar a affabilidade de algum Padre,diziam,que era como o Pa-
e Manoel Martins. Porque na verdade elle era mãy amorosa
ra com todos. Trinta, & hum annos viveo naquella Mis-
õ: guardando tam inviolavelmente a abstinencia dos Bra-
anes Saniazes, de naõ comer carne, nem peyxe, nem
ber vinho,que a isto se obrigou com voto especial, dandolhe
Superiores licença para o fazer. O seu sustento era hum pou-
de arroz,algumas hervas, ou lacticinios. Toda a sua vida se

póde dizer,que foy hum continuado martyrio,passando muyt
vezes sò com algum milho torrado. Os caminhos, que era
muytos, ,& muy frequentes,fazia a pè descalso. As noytes p
sava deytado na terra fria,ou sobre huma pelle, como para e
fim,& para comer,& se assentar trazem sempre alli os penite
tes. Era muy dado à contẽplaçaõ,foy visto quãdo orava estar
vantado da terra em extasi.Sẽdo taõ aspero o genero de vida q
professava,lhe acrecẽtou outras mortificaçoens,como era aço
tarse todos os dias com rigorosas disciplinas. As payxoens
ve tam sugeytas,que foy de admiraçam aos mesmos gentios,
do que entre tantas occasioens de pouca paciencia, que se l
offereciam,nunca se lhe ouvio huma sò palavra, que denota
pouco sofrimento.

22 Quatro vezes foy prezo pela Fé,que prègava, & du
tam cruelmente açoutado, que o sangue lhe saltou por var
partes do corpo. Outras quatro vezes foy desterrado pela Fè
exposto à zombaria, & ludibrio do povo. Pasmavam os gent
de ver a alegria, que nestes seus vituperios mostrava. Soube
tres linguas daquellas regioens, para poder aproveytar a to
o genero de pessoas. Alguns annos foy Superior dos Mission
rios de Maduré, mais para os aliviar no trabalho, que para l
acrecentar.

23 Finalmente consumido com trabalhos cahio enferm
de huma aguda febre. Em casa se naõ achou, em que reclina
cabeça:tanta he a pobreza, com que alli se tratam aquelles P
dres. Dizendolhe os Padres, que despisse a tunica exterior, r
pondeo,que de nenhum modo, porque avia trinta annos, q
nunca tiràra o vestido,senaõ quando era preciso mudallo por
tar já consumido com o uso. Tres dias esteve sempre com os
lhos postos em hum Crucifixo, & com os braços abertos
Cruz,fazendo ao Senhor continuos colloquios, estando semp
em seu perfeyto juizo. Nestes colloquios sem alguma outra ag
nia, com grande paz, & suavidade se despedio seu espirito
corpo em Tricherapali,aonde avia 16. annos fora açoutado,
afrontado por seu Deos. Foy seu ditoso transito aos 22. de
gosto de 1656. Era professo de quatro votos. As riquezas, q
se lhe achàraõ, foram unicamente huma veronica de Nossa
nhora,huma Cruz de pao, o Breviario velho, & muy gasta
hum fuzil para accender fogo, & os livros que tinha compo
na lingua da terra para encaminhar para Deos aos Neofitos:
quaes fallarei em seu lugar.

24 Fo

24 Foy o ſentimento em ſua morte igual ao amor, que todos lhe tinham em vida. Fez Deos por ſeu meyo alguns favores, como foy dar filhos a hũ Chriſtam, que os naõ tinha, & por ſer caſado avia jà annos vivia em grande deſconſolaçaõ: he naquellas terras, como o era entre os Hebreos, afronta, & vituperio ſerem os caſados eſtereis. Huma noyte em ſonhos vio ao Padre Manoel Martins, que já era falecido, o qual fallando com o Chriſtão, lhe dizia, que rezaſſe tres Roſarios a Noſſa Senhora, porque infallivelmente alcançaria, o que tanto deſejava. Acordou o Chriſtam tam certificado, do que vira em ſonhos, que dando credito á viſam, ſe poz logo a rezar os tres Roſarios. Viose em effeyto, que a viſam fora mais que ſonho, porque a ſeu tempo teve hum filho, que alèm de ſer alegria de ſeus pays, foy admiraçaõ a todos, os que tiveraõ noticia da viſaõ. Do Padre Manoel Martins faz mençaõ a Biblioteca da Companhia, & o Padre Nadaſi no ſeu *Annus dierum* aos 22. de Julho.

CAPITVLO XXXIII.

Vida do Irmaõ Antonio Homem Coadjutor temporal, de ſua patria, entrada na Companhia, & occupaçoens, que nella teve.

1 O Irmaõ Antonio Homẽ naſceo em a Villa de Fronteyra, que he do Biſpado de Elvas na Provincia do Alem-Tejo: ſeu naſcimẽto foy em dez de Agoſto de 1579. ſeus pays foram gente honrada, & ſe chamàram Antonio Homem, & Margarida Cardoza: nada ſabemos dos ſeus primeyros annos. No anno de 1599. indo o Padre Luis Lobo em Miſſam á Villa de Alter do Cham, achou nella ao Irmão Antonio Homem, occupado em ajudar a hum Sacerdote no officio da Theſouraria de huma Igreja daquella Villa. Em Liſboa 13. de Ianeyro de 1663.

2 Era eſte Irmaõ de natural propenſo á piedade, & virtude; & ſe moveo muyto com a doutrina, & bom exemplo do Padre Luis Lobo: & juntamente, como diz o meſmo Irmaõ em hum ſeu apontamento, conhecendo os perigos dos que vivem no mũdo, ſe reſolveo a entrar na Religiaõ; & inclinando-o Deos à Cõpanhia, communicou eſte ſeu deſejo ao Padre Luis Lobo, & lhe pedio, quizeſſe ſer ſua valia para conſeguir eſta ſua pertenſaõ.

3 Deolhe o Padre boas eſperanças, & o deyxou conſolado

com ellas, voltando para o Collegio. Naõ eram passados muy-tos dias, quando escreveo ao Padre Luis Lobo, que se lembrass da sua pertençaõ; estando o Padre muyto satisfeyto das suas par-tes para o estado, que pertendia, deo noticia aos Superiores d boa vocaçaõ, & mais prestimos de Antonio Homem; & com se beneplacito o avisou, que podia vir a Evora.

4 Ficou contentissimo com a nova, logo se poz a caminho sem reparar na peste, que no mesmo tempo fazia grande estrag em muytas Villas da Provincia de Alẽ-Tejo, como tambem er todo o Reyno. Chegando a Evora dilatàram os Superiores su entrada em ordem a provar a capacidade, que nelle avia para estado de Irmaõ Coadjutor; & como satisfizesse, particularmer te ao Padre Reytor Manoel de Lima, & Padre Mestre dos No viços Lopo de Castanheda, o admittiram na Companhia cor extraordinaria alegria do pertendente.

5 Entrou em o Noviciado, que a Companhia tem em Collegio de Evora, aos 9. de Outubro de 1599. Tomou logo peytos, & com grandes desejos de aproveytar, o estudo da pe feyçaõ: todos os exercicios, em que se occupam os Irmãos No viços, lhe eram muyto suaves: à oraçaõ ordinaria acrecentav outros tempos, como tambem fazia mais devoçoens, que as co muas. Era estremado na mortificaçaõ, tendo para si que lhe er necessario mais exercicio desta virtude, por ter vivido mais ar nos em o mundo, que os Noviços, que entraõ de menor idad na Religiaõ. Por isso naõ perdia occasiaõ de se mortificar, busca do com mayor ancia aquellas, a que sentia mayor repugnan cia.

6 Tinha já anno, & meyo de Noviciado, em que se ad antou tanto na perfeyçaõ, & estava delle taõ pago o Padre Me tre dos Noviços, q̃ sendo Irmaõ Coadjutor, o mandou cõ do Irmãos estudantes à peregrinaçaõ até a Cidade de Beja, levã o Irmaõ Antonio Homẽ encarregado o cuydado, & direcça dos companheyros. No fallar de Deos tinha dom muyto esp cial, com que afervorava a todos os com quem fallava, & es foy tambem huma das razoens, porque o Padre Mestre o ma dou com os outros em peregrinaçaõ. Passàraõ por Agua de pe xes, que he huma casa de campo dos Marquezes de Ferreyr hoje Duques do Cadaval, & foy isto a tempo, que alli assistia Marqueza, que com grande amor, & caridade os hospedou, co solando-se muyto de os ouvir fallar de Deos, especialmente a Irmaõ Antonio Homem.

7 Nes

7 Nesta quinta lhe aconteceo hum caso, em que Deos o li-
vrou de hum grandissimo desastre. Recolhidos os Noviços a
hum aposento, debayxo do qual morava hum dos principaes
criados de casa, como este se recolhesse tarde, & naõ tivesse noti-
cia dos novos hospedes, sentindo alguns sinaes, de que estava
gente naquelle aposento, aonde ninguem morava; presumin-
do, que seriam ladroens, sem se cantar com mais exames to-
mou na mão esquerda huma lanterna, & hũ estoque na direyta;
subio assima, bateo à porta, a qual veyo logo abrir o Irmaõ An-
tonio Homem; tanto que a abrio, o criado lhe correo huma es-
tocada, porèm advertindo logo com a lanterna, que aquelle a
quem tiràra a estocada, naõ era ladraõ, mas Noviço da Compa-
nhia, ficou assombrado, persuadindo-se, q̃ sem duvida o atraves-
sàra; mas conhecendo, que o naõ ferira, creceo muyto sua admi-
raçam, nem vendo como sem milagre podia ser o naõ ferisse;
pois correo a estocada estando rosto a rosto com o Irmaõ; & o
que mais he, sem este se desviar, nem fazer declinaçaõ alguma
com o corpo: dalli por diante todas as vezes, que este homem
referia este successo, o contava como cousa milagrosa, nem se
persuadia ao contrario. Continuou o restante da peregrinaçaõ,
& se recolheo ao Collegio, mostrando em tudo, que o Padre
Mestre se naõ enganára na eleyçam, que fizera, & particulari-
dade, que com elle usàra.

8 Acabado o Noviciado, tendo-se grande satisfaçaõ dos seus
talentos para os ministerios do seu estado, o fizeraõ logo os Su-
periores companheyro do Padre Procurador do Collegio, ajũ-
tandolhe com esta occupaçaõ a de Mestre da Escola de ler: aco-
dia a ambas estas occupaçoens com grande promptidam; fazen-
do as obrigaçoens da procuratura depois, ou antes de cumprir
com as da escola: era tanto o gosto, que tinha de trabalhar, &
servir, que depois de satisfazer às suas occupaçoens, & devoções,
se lhe crecia algum tempo, recorria ao Superior, pedindolhe li-
cença para ajudar em seu officio a algum Irmaõ, que o tinha
mais pezado, & trabalhoso.

9 Nestas duas occupaçoens continuou por nove annos de-
pois de acabar o Noviciado, sem nunca se escusar dellas, atè que
o mandàram para o Collegio de Santo Antaõ por companhey-
ro do Procurador Geral da Provincia: fez esta occupaçaõ por
espaço de cinco annos, & tambem por algum tempo a de Soto-
ministro do mesmo Collegio, tudo com aquella inteyreza, & sa-
tisfaçaõ, que tinha feyto as demais cousas. Naquelle tempo, em

que o Reyno estava unido com o de Castella, tinha a Comp
nhia em Madrid hum Procurador das Provincias, que tocavam
Coroa de Portugal; para companheyro deste Procurador ma
dàram os Superiores ao Irmão Antonio Homem, por ser o I
maõ de mais porte, & capacidade, que tinha a Provincia, & n
qual podia descansar o Procurador.

10 Fez este officio por espaço de vinte, & tres annos, no
quaes foy companheyro de nove Procuradores, que naquell
annos fizeraõ successivamente aquella occupaçaõ: a todos a
sistio sem aver nelles a minima razaõ de queyxa; & algum ou
entre elles de natural aspero, & tam pouco suave, que elle me
mo confessava confundirse muytas vezes do exercicio, que da
à paciencia de seu santo companheyro: & certo, que naõ he p
quena prova de sua singular virtude experimentar tantos, & ta
diversos genios, accõmodando-se a todos sem offensa de algu
delles.

11 Era particular o conceyto, que de sua virtude se tin
em todo o Collegio; porque entre tantos negocios naõ falta
ao muyto trato, que sempre teve com Deos por meyo da or
çaõ: fallava-se delle, & de suas cousas como se costuma fall
dos homens santos. O mesmo respeyto lhe tinham os seculare
assim Ministros, como outras pessoas de qualidade daquella gr
de Corte; os quaes tinhaõ occasiaõ de o conhecer por acomp
nhar aos Padres Procuradores, quando hiaõ tratar os seus neg
cios; & viaõ nelle huma grande modestia, & rara humildade;
quando se chegava a fallar, humas palavras, que tinhaõ muy
do Ceo, & muyto pouco da terra.

12 Ainda que este Santo Irmaõ tinha tanto trato com Deo
nem por isso se esquecia cousa alguma das obrigaçoens, que est
vaõ a seu cargo, acodindo a todas com grande exacçam: desca
savaõ nelle os Procuradores, assim pela satisfaçaõ, que tinha,
seus prestimos, como tambem pelo grande escrupulo nas ma
rias da pobreza. Trazia os livros das suas contas tam ajustado
que sendo ellas naõ só com os Collegios da Provincia de Port
gal, & com todas as ultramarinas; mas tambem pelas depende
cias das Provincias com outras muytas, & diversas pessoas; e
nove dias depois de o avisarẽ para voltar para o Reyno, se exp
dio de todas ellas, sem que ouvesse materia para a minima duv
da; que em contas de vinte, & tres annos, & com tanta varied
de de cousas; he quanto nesta materia se pòde dizer em louv
de sua virtude.

13 Voltando de Madrid o mandàraõ para o Collegio de Santo Antaõ: & como era ſabido o ſeu talento para as procuraturas, lhe fallàraõ os Superiores para adminiſtrar huma no Collegio; de que o bom Irmaõ com razoens humildes, & efficazes ſe eſcuſou, & ſem prejuizo da opiniaõ, que ſe tinha de ſua virtude, lhe admittiraõ a eſcuſa, & o fizeraõ Sotominiſtro, ajuntandolhe a eſta outras occupaçoens; entre ellas foy a de ter cuydado da Capella do Collegio, em que eſtà o Santiſſimo: eſta occupaçaõ foy tanto do ſeu agrado, que ainda quando os achaques o inutilizàraõ para outras occupaçoens, nunca largou eſta de ſervir ao Senhor na ſua Capella: nem os Superiores ſe atreveraõ a tirarlha, em quanto viveo.

14 Tambem teve por alguns annos a ſeu cargo a portaria de cima, pela qual ſe entra no corredor do Collegio; eſtá á conta de quem faz eſte officio deferir ás peſſoas, que vem da portaria de bayxo a fallar com os Religioſos, ou que lhe trazem alguma carta. Neſta occupaçaõ guardava à riſca, o que ordena a noſſa Regra, acerca de dar primeyro parte ao Superior, & depois chamar o Religioſo, ou entregar a carta, que ſe traz de fóra. Eralhe eſta occupaçaõ muyto moleſta, por ſerem muytos os achaques, grande o concurſo dos de fóra, & naõ pequenas as diſtancias do Collegio; mas nem por iſſo ſe eſcuſou della; nem deſcanſava atè deſcobrir o Superior. E tanto que alcançava a licença, tambem naõ parava atè deſcobrir o Religioſo, a quem avia de chamar: quando eſte moſtrava difficuldade em ir à portaria, o bom Irmão com grande ſummiſſaõ lhe propunha varias razoens de caridade para com o proximo, para que o naõ deſpediſſe deſconſolado: & quãdo, ou o naõ achava, ou naõ podia effeytuar vieſſe à portaria, com taõ ſanto modo temperava tudo, que os ſeculares ſe deſpediaõ ſem reſabio de aggravo.

15 Por mais que foſſem os ſeculares, que concorriaõ, nenhũ ſe foy deſcontente, ou da urbanidade do Porteyro, ou ſentido da falta de diligencia em chamar as peſſoas que ſe buſcavaõ. Cõmummente era conhecido pelo nome de Porteyro Santo; & muytas peſſoas vinhaõ ſó pelo communicarem, & ouvirem fallar de Deos. Continuou neſte officio, atè que a falta de forças, pela qual era obrigado a andar encoſtado em huma moleta, & tambem a que tinha em ouvir, obrigàraõ aos Superiores a avello por eſcuſo do officio de Porteyro, deyxãdo-o ſó com o cuidado da Capella; a qual ſempre trouxe aceada, quanto lhe lhe foy poſſivel. Neſtas occupaçoens viveo o Irmão Antonio

Homem

Homem na Companhia atè o principio de Janeyro de 1663. tẽ
do entrado já em oytenta,& quatro de sua idade, & mais de se
senta,& tres de Companhia: mas antes que fallemos de sua san
ta morte, refiramos os santos exemplos de virtudes, que no
deyxou.

CAPITVLO XXXIV.

De sua oraçaõ,& trato com Deos, mais virtudes,& santa mort

1 ALèm dos tempos,que a Regra mãda ter oraçaõ,d
va a este santo exercicio todo o que lhe sobejav
das suas occupaçoens: se por algum negocio urgente naõ tinh
algum santo exercicio de Regra no tempo determinado,no pr
meyro,que avia expedito,satisfazia àquella obrigaçaõ: & se po
ventura succedia naõ ter para isso tempo entre dia, cortava pe
sono da noyte para cumprir com o seu exercicio espiritual;& e
te estylo observou inviolavelmente por espaço de trinta, & se
annos,que andou nas procuraturas,carregãdo sempre estas qua
todas sobre o Irmaõ Antonio Homem.

2 Depois que viveo expedito de negocios, todo o temp
que tinha entre dia, & muyta parte da noyte gastava diante d
Deos na Capellinha de Santo Antaõ. Quando seus achaqu
naõ davaõ lugar a sahir do cubiculo,ou se levãtar da cama,estav
sempre em oraçaõ;esta parecia ser o seu ordinario sustento, q
quanto o do corpo era parcissimo. Conheciaõ todos este tra
familiar,que tinha com Deos, & assim se valiaõ muytos de su
oraçoens para conseguir de Deos alguns despachos de suas pet
çoens. Foy cousa notavel a que aconteceo a hum nosso Rel
gioso com este Irmaõ: desejava elle ser Missionario da India,p
rèm offereciamse-lhe algũas grandes difficuldades no consegu
a licença: pedio ao Irmaõ Antonio Homem tomasse á sua con
encomendarlhe este negocio a Deos, & alcançarlhe de sua Div
na Magestade a licença,que pertendia.

3 Naõ se pode negar o Irmão a petiçaõ tam justa; & depo
de ter solicitado o negocio diãte de Deos,se foy a cõsolar o pe
tendente dizendolhe,estivesse certo,iria para a India, & que na
seria em nao de Portugal. Esta ultima clausula o deyxou susp
so,porque naõ entendia como partindo de Lisboa fosse em na
estrangeyra,pois lhe constava, que depois do descobrimento d
India nenhuma nao senaõ Portugueza tinha partido de Lisbo
pa

para aquellas partes: mas brevemente vio cumprida esta profecia; porque no anno de 1662. veyo a Lisboa huma nao Ingleza, na qual se embarcou Antonio de Mello de Castro para governar a India, & juntamente fazer entrega aos Inglezes do porto de Bombaym conforme o capitulado no casamento da Infante Dona Catherina com Carlos Segundo Rey de Inglaterra. Nesta nao passou tambem à India o dito Missionario, cumprindo-se à risca tudo, quanto lhe tinha assegurado o Irmaõ Antonio Homem; porque naõ obstante as difficuldades conseguio a sua pertençam, & foy em nao estrangeyra, para que se visse, que o Irmaõ naõ fallava acaso.

4 Outro nosso Religioso authorizado tinha huma sua cunhada enferma, a quem desejava muyto a vida; pedio ao Irmão Antonio Homem, que lha encomendasse a Deos: assim o fez; & vindo hum dia o Padre de casa da cunhada com alguma consolaçaõ por lhe parecer ficava com melhoria, lhe disse o Irmaõ: Padre, eu fiz o que pude, conforme-se Vossa Reverencia com a vontade de Deos. Destas palavras entendeo o Padre, que sua cunhada era falecida, & assim o disse logo a alguns Padres; & depressa se confirmou sobrevindolhe aviso, de que espiràra.

5 Hum nosso Padre Reytor de hum dos Collegios do Reyno escreveo ao Irmaõ Antonio Homem, pedindolhe o encomẽdasse a Deos, & a hum negocio apertado, & de porte, que tinha entre mãos, sem lhe declarar, que negocio era. Respondeolhe o Irmaõ, que pelo negocio, que sua Reverencia lhe encomendàra, fizera huma novena; que estivesse de bom animo, que o negocio teria bom successo; & juntamente lhe individuava o negocio que era. Ficou o Padre assombrado, porque sò elle, & Deos sabia, que negocio era aquelle; & o bom successo, que brevemente se vio, acabou de confirmar, quanto podiam com Deos as oraçoens deste seu servo.

6 Huma pessoa de respeyto lhe escreveo, pedindolhe, quizesse fazer a Deos hũa novena, para se effeytuarem tres cousas, sem explicar, que cousas fossem: começou a novena, & ao quinto dia respondeo àquella pessoa, declarandolhe o fim que avia de ter cada huma das tres cousas, nomeandoas; & como aquella pessoa as naõ tivesse descuberto a outrem, ficou entendendo, que Deos as communicára ao Irmaõ Antonio Homem.

7 Na Corte vivia hum homem de qualidade, todo entregue a huma occasiaõ proxima, que alèm da consciencia, lhe estragava a fazenda, & o bom nome: tudo via o miseravel, mas eram tam

tam fortes as prisoẽs,q̃ todos os muytos meyos q̃ se applicàraõ
as naõ puderaõ rõper: queria elle sahir do lodo,em que estava
mas os roins habitos,que se tinhaõ apoderado, o naõ deyxava
surgir: foy-se ter cõ o Irmaõ Antonio Homẽ,pedelhe instãteme
te lhe alcance de Deos graça efficaz para sahir da sua miseria
teve o Irmaõ por este respeyto muyta oraçaõ, fez muytas pen
tencias,chorou muytas lagrimas;& foraõ ellas taõ poderosas d
ante de Deos,que o homem ajudado da divina graça, sahio d
fogo,em que se abrazava,& com a emẽda de sua vida resarcio o
maos exemplos,que tinha dado:attribuindo estas suas melhor
ás oraçoens deste servo de Deos.

8 Estando o Irmaõ Antonio Homem em perigo de vida e
huma das enfermidades,que teve, lhe trouxeraõ o Santo Viat
co;depois de o receber,sabẽdo o P.Reytor os grandes favores
Deos fazia ao Irmão,lhe disse, que referisse alguma cousa n
quella hora,que fosse de consolaçaõ,& edificaçam à Cõmunid
de, que estava presente: ouvindo isto o humilde Irmaõ se co
frangeo,& perguntou ao Padre Reytor, se sua Reverencia
mandava; & dizendolhe o Padre Reytor,que sim mandava: r
ferio diante de todos, que estando hum dia naCapella em
raçaõ diante do Santissimo,abrindo-se a porta do Sacrario vira
Christo Senhor nosso em figura de menino, que lançàra hum
bençam àquelle Collegio. No modo, com que o servo de De
referio este favor, reconhecèraõ todos a repugnancia, que s
humildade tivera em satisfazer a esta obediencia: & naõ falto
quem discorresse,que a mesma humildade lhe fizera interpret
ser sobre o Collegio a bençaõ, que com mayor fundamento
podia dizer,que a lançava sobre elle. O mesmo Religioso, q
escreveo a sua vida,diz que assistia nesta occasiaõ,& ouvira ref
rir ao Irmaõ Antonio Homem este favor especial de Deos.

9 No fallar de cousas santas teve este Irmaõ dom especia
vivendo entre tantos negocios, & tendo por razaõ delles tan
trato com seculares, naõ perdia occasiaõ de os aproveytar co
estas praticas do Ceo,que logo introduzia, & dava seu geyto
que viessem com cadencia. Era tam conhecida esta graça
fallar de Deos,que em Madrid em o vendo hũ Secretario muy
autorizado,& homem pio,na sua secretaria;deixando as pesso
com quem estava,& os negocios,que tinha entre mãos, o ch
mava para hum lugar à parte, para conversar com elle sobre
cousas do Ceo;o que fazia com tanta utilidade de sua alma, q
dizia naõ fazer escrupulo de interromper os despachos; porq
dest

destas praticas sahia elle com novas forças para acodir com mais satisfaçam às obrigaçoens do officio.

10 Este mesmo Ministro teve tanto respeyto ao bemdito Irmaõ, que vindo de Madrid para o Reyno depois de acclamado por Rey o Sereníssimo Senhor Dom Joaõ o Quarto deste nome, achando ao Irmaõ Antonio Homem por Porteyro no Collegio de Santo Antaõ, mandou a dous filhos, que comsigo trazia, lhe beyjassem a mão: & disse depois a alguns Padres, lhe mãdára fazer isto, porque o Irmaõ Antonio Homem sempre fora venerado por homem santo na Corte de Madrid, & que elle o teve sempre por tal.

11 Sendo Porteyro em Santo Antaõ, vinhaõ muytas pessoas a tratar com elle, sò para se aproveytarem de suas santas, & fervorosas praticas. Quando jà andava sobre huma moleta, & por causa do achaque, que tinha em huma perna, lhe era penosissimo subir, & decer escadas; no tempo do veraõ decia ao patio das obras da Igreja, quando os officiaes tẽ a sua hora de sésta, & entam lhes fallava de Deos, & adubava estas praticas cõ taõ bom modo, ꝗ elles de boa võtade cortavaõ pelo descãso, & pelo sono, sò para o ouvirẽ fallar: em hũa destas occasioẽs se chegou tambẽ hum Padre nosso para o ouvir; & o Irmaõ em advertindo nelle, se callou; & como o Padre o convidasse para fallar, elle se escusou dizendo, que naõ era bem que hum Irmaõ Coadjutor ignorante abrisse boca diante de hum Sacerdote: que sua Reverencia devia ser, o que com sua doutrina consolasse aos presentes. Porém neste seu fallar de Deos foy sempre tam recatado, que nunca excedeo os termos, & esfera de Irmaõ Coadjutor.

12 Foy amantissimo da santa pobreza: trinta, & sete annos foy companheyro de Procuradores, & correndo por elle assim despezas, como cobranças, de qualquer real fazia tanto escrupulo, como o fizera de muytos cruzados. Naõ lhe faltáraõ occasioens para ter muytas cousas de devoçaõ, daquellas, que se permittem ainda aos Religiosos exemplares; mas o Irmaõ Antonio Homem se contentava com ter em o cubiculo huma Imagem de papel, ou huma Cruz de pao. Atè as suas disciplinas eraõ indices do affecto, que tinha a esta virtude; estando elle enfermo, lhas vio hum Religioso, alèm de muyto gastadas, cheyas de nòs, com que atava os pedaços, que se quebravaõ, huns aos outros; & edificado da pobreza lhas tomou, & conservou por reliquia preciosa.

13 O vestido sempre era do mais pobre: usava de huns sapa-

tos

tos tam velhos, & remendados por ſuas proprias mãos, que
roupeyro vendo a inutilidade dellas, já que por vontade lh
naõ podia tirar, lhos tirou por força, eſtando o Irmaõ na cam
& lhe deo huns novos; teve diſto grande pena; & dava muyt
queyxas ao roupeyro, até que veyo a concerto com elle, em q
lhe mandaſſe reparar os velhos, & recolheſſe outra vez os n
vos: por ſe livrar da ſua importunaçaõ, & moleſtia, que via t
lhos ouve de reſtituir; com que o Irmaõ ficou ſobre maneyra c
tente, dizendo que o contrario nam tinha geyto, porque eſtr
nharia a Communidade ver a hum Religioſo velho com ſapat
novos; & que para a jornada da outra vida lhe ſerviaõ mais
ſeus velhos.

14 Na materia da pureza baſta dizer, que foy como hu
Anjo, naõ ſe vio nelle acçam que de longe cheyraſſe a liviand
de: era ſobre maneyra recatado em a guarda dos ſentidos, eſp
cialmente dos olhos; nunca ſe deo por ſeguro de ſi neſta mat
ria, ainda que vivia tam mortificado. Na obediencia deo ſemp
grandes exemplos; em toda a ſua vida ſò ſabemos, ſe eſcuſaſſe
huma Procuratura, quando voltou de Madrid, aſſim porque e
honroſa, como por outra razaõ, que deu áos Superiores tam c
bal, & juſtificada, que o ouveraõ de eſcuſar, ſem por iſſo ter m
nos conceyto da ſua obediencia.

15 Naõ avia, que fallarlhe, em diſſimular com a obſervanc
de alguma ordem dos Superiores por mais leve, que pareceſſ
que niſſo era inflexivel. Foy neſta materia ſingulariſſimo, o q
huma vez lhe ſuccedeo; tinha elle ido huma tarde fòra, & d
pois do exame foy ao Superior para lhe dar conta, como ent
nós ſe pratica, & batendo á porta, lhe reſpondeo o Padre Re
tor de dentro, que eſperaſſe; devia eſtar occupado; porèm tota
mente ſe eſqueceo de mandar entrar, acabado o que fazia; &
recolheo: o Irmaõ ſem ſuppor eſquecimento no Superior, ne
buſcar outras interpretaçoens, que eſtavam muyto à mão, ſe f
cou eſperando toda a noyte em pè á porta do Padre Reytor; a
que eſte pela manhã abrindo a porta, & achando-o junto dell
lhe perguntou, que queria: a que ſem alteraçaõ alguma reſpo
deo: Padre, hontẽ de tarde fuy fòra com hũ P. & acabado o ex
me da noyte vim ao cubiculo de Voſſa Reverencia para d
conta, & Voſſa Reverencia de dentro me mandou eſperar, & a
ſim que eſtou aqui eſperando. Ficou o Padre Reytor admirad
de tam raro exemplo, & dando graças a Deos pela grande vi
tude com que tinha enriquecido ao Irmão Antonio Homem.

16 N

16 Na virtude da paciencia tambem nos deyxou muyto,
ue imitar: em todo o tempo, que viveo na Companhia, nin-
uem se lembra ver nelle a minima indignaçam, ou qualquer le-
e impaciencia, sendo que teve disso innumeraveis occasioens
os ministerios, em que gastou a vida. Esta mesma igualdade de
nimo conservou nas enfermidades, & achaques, que padeceo,
ue foraõ muytos; particularmẽte nos annos mais cançados, em
ue perdeo o sentido de ouvir, & apenas se podia arrastar enco-
ado a huma moleta. Ninguem algum dia o ouvio queyxar
as suas dores; nem das faltas do enfermeyro, ou das medicinas
seu tempo.

17 Varias vezes tentou o demonio perturbar aquella sua
gualdade de animo, apparecendolhe em diversas vizagens, quã-
o fazia suas devoçoens: outras vezes de noyte lhe espalhava
elo cubiculo os papeis de devoçaõ, para que entre dia lhe desse
nfado em os recolher. Huma noyte estando o Irmaõ na en-
rmaria o pertendeo afogar o demonio: deu vozes, & acodiraõ
ous Padres, que moravaõ no corredor de sima, & hum que des-
o primeyro a escada vizinha á enfermaria, em que o Irmaõ es-
va; naõ sendo nada medroso concebeo tal pavor, que se naõ a-
eveo ir por diante: chegou o segundo, & levando rolo aceso,
uas vezes se lhe apagou, accendeo terceyra vez, & entrando cõ
outro Padre no cubiculo, o acháraõ taõ infecto de mao chey-
, que bem se inferia a malignidade do hospede, que alli tinha
tado: o que declarou logo o bom velho aos Padres, dizendo
ue o demonio o quizera afogar, & que ainda que logo se valeo
os Santissimos nomes de Jesus, & Maria, se naõ quizera despe-
ir.

18 Tinha grande respeyto a todos, especialmente aos Pa-
res; quando passava por elles naõ se contentava com descobrir
cabeça, muyto antes de chegar aonde vinham, mas quando se
izinhava a elles, parava, fazendolhes huma grande reverencia.
ambem tinha muyto respeyto aos Irmãos estudantes; & atè
s do seu estado, posto que inferiores nos annos, & Religiaõ,
atava como se lhe fossem Superiores: porèm ainda que a todos
speytava, fazia sua differença de estados, & cõforme elles eraõ
tas submissoens exteriores.

19 Desta sua humildade deo singular exemplo; ordenàram
s Superiores, que os Irmãos Coadjutores temporaes, que de
ovo entrassem na Companhia, trouxessem huma barreta ajus-
da com a cabeça, para distinçam dos Sacerdotes, que usaõ nes-

ta Provincia de barrete redondo,do qual antes uſavam tamben os Irmãos Coadjutores;porèm nam ſe entendia a tal ordem, c os que já tinham feyto os ſeus votos acabado o Noviciado:nan obſtante iſto,o Irmaõ Antonio Homem deyxou logo o barret redondo,& ſe poz na fórma, que ordenavam os Superiores par os que de novo entraſſem: & iſto fez ſem inſinuaçam alguma d Prelados,mas ſó por mais ſe humilhar,& mais concordar com vontade da Companhia.

20 Obrigado da obediencia apontou alguns mimos eſpe ciaes,que Deos lhe tinha feyto,mas para que ſe veja ſua humil dade,acrecentou,que as taes viſoens, podia ſer naſceſſem da for ça da ſua imaginativa. Ajudando à Miſſa na Capella do Colle gio,como era já velho,& lhe tremiam as mãos, dellas lhe cahi o prato,que era de barro fino, & as galhetas, que eraõ de vidr & dando tudo no cham donde naõ avia alcatifa,nada ſe quebrou & o que mais he,nem agua nem vinho ſe derramou,levantand o meſmo Irmão as galhetas providas como de antes; acaband Sacerdote a Miſſa,admirado do que vira, começou a fallar co o Irmaõ ſobre o caſo,o qual ſe poz de joelhos pedindo ao Sace dote, naõ fallaſſe em tal couſa,porque aquelle ſucceſſo ſe devi attribuir ao Santo Sacrificio da Miſſa.

21 Huma noyte o aſſaltáram ancias mortaes, & chamand pelo Padre Miniſtro que morava ſobre o ſeu cubiculo,acodind elle lhe pedio, que lhe deſſem os Sacramentos: foy-ſe o Padr Miniſtro dar conta ao Padre Reytor, dizendolhe, que o Irma eſtava frio,& com ſuores de morte,que era bem ſacramentall como elle pedia: com tudo iſto, o Padre Reytor lhe diſſe, q da ſua parte diſſeſſe ao Irmaõ Antonio Homem, que rezaſ huma Ave Maria a Noſſa Senhora,que lhe tiraſſe as dores, dormiſſe atè pela manhã, para nam deſinquietar naquelle tem po a Communidade. Aſſim lho diſſe o Padre Miniſtro,a que Irmão reſpondeo: O Padre Reytor ordena-me iſſo? & dizendo Padre Miniſtro,que ſim, levantou logo as mãos, rezou a A Maria,& dormio atè pela manhã livre das dores.

22 Ficou muyto agradecido ao Padre Miniſtro,por lhe acc dir,& lhe prometteo,q em ſe vendo no Ceo,o avia de encom dar a Deos noſſo Senhor; & ficou iſto tam impreſſo na mem ria do dito Padre,que depois de morrer o Irmaõ, todos os di ſe encomendava a elle; para que lá no Ceo conſervaſſe a lem brança,que lhe promettèra.

23 Eſtando na cama já entrevado,pedia lhe deſſem algum

couſ

ousas,que fazer,& assim lhe davam Cartilhas do Mestre Igna-
io,para as dobrar em ordem a se encadernarem; os escarpins da
oupia para os dispor em ordem a se remendarem ; & se neste
empo algum Religioso entrava no seu cubiculo, fallava alta-
nente de Deos,edificando a todos,sem se divertir, do que tinha
ntre mãos. Quando era obrigado a responder a alguem, que
he escrevia,& o faziam muytos por ter cartas suas, sempre co-
neçava a sua reposta: A graça do Espirito Santo seja na alma
e Vossa Reverencia: as cartas eram de poucas regras, mas em
odas as palavras,se deixava ver o espirito, de quem as escrevia.
Nesta uniformidade de vida santa continuou, atè que Deos foy
ervido de o levar para si, que foy em Janeyro de 1663. tendo
ntrado já em oytenta,& quatro de sua idade,& sessenta, & tres
e Companhia; vendo-se inutil para a servir nos ministerios do
eu estado,começou a desejar com mayor ancia verse já cõ Deos
m o Ceo; para isso o dispoz o Senhor com huma doença,& elle
onhecendo,que era a ultima,se preparou com mais fervor para
jornada;recebeo o Santo Viatico com grande devoçaõ, & pie-
ade : depois pedio logo com instancia a Extrema Unçam ; &
endo sofrido com grande paciencia as molestias da doença, en-
re suaves colloquios deo a alma nas mãos do seu Creador.

24 A seu enterro concorrèram muytos de todas as nossas
alas,como quem vinha assistir às exequias de hum homem san-
o; o Padre Provincial, & todos os mais lhe beyjàram os pès cõ
rande veneraçaõ. De fóra concorreo muyta gente assim do po-
o,como Religiosos,& Fidalgos, & todos lhe beyjàram os pès,
rocurando aver algumas reliquias suas com tãta ancia, que foy
ecessario defender com força o cadaver, para que naõ ficasse
escomposto por causa dos piedosos furtos, que se faziam em
eus vestidos. Foy enterrado em hum cayxaõ contra o nosso es-
ylo,mas julgàram os Superiores, que a virtude do Irmaõ An-
onio Homem por privilegio era digna de se exceptuar da re-
ra commua,& de seu cadaver se depositar com mais algum de-
oro,do que se costumam depositar os dos outros Religiosos.
Tambem depois de morto o mandàram retratar; & este retrato
e poz no corredor do Collegio de Santo Antaõ em hum lugar
onde està outro do Veneravel Padre Joaõ de Almeyda.

25 Morreo no Collegio de Santo Antaõ, no cubiculo se-
undo,que està depois do retrete, que vindo do fim do corredor
e o primeyro retrete da parte esquerda ; cahe o dito cubiculo
ara a portaria do carro;& fica debayxo do cubiculo do Padre

Miniſtro,que mora no corredor de cima. Serve eſta eſpecifica
ção,para que os que morarem naquelle cubiculo,ſe lembrẽ,q
vivem entre quatro paredes , aonde viveo hum homem de co
nhecida ſantidade,& o procurem imitar.

26 Faleceo eſte aos dezoyto de Janeyro de mil ſeiſcentos,
ſeſſenta,& tres. Foy enterrado na Igreja nova no cruzeyro d
parte do Evangelho,na cova do numero dezaſeis; & quando iſ
eſcrevo,eſtam ſeus precioſos oſſos metidos em huma cayxa n
coro da Igreja velha. A vida,que aqui fica recopilada, lhe eſcr
veo o Padre Adriam Pedro , que foy Reytor do Collegio d
Coimbra,& tambem do de Santo Antaõ,& conheceo,& trato
aò Irmão Antonio Homem,que lá do Ceo lhe pagará eſte cu
dado,que teve em o honrar; & nòs lhe eſtamos muyto obrig
dos,por nos conſervar eſtas memorias de tam ſanto,& Religi
ſo Irmaõ.

CAPITVLO XXXV.

*Do Irmaõ Braz Alveres, Padre Manoel do Valle, Irmaõ M
noel Soares.*

1 DO Irmaõ Noviço Braz Alveres mais eſcrevo
morte,q̃ a vida, mas bõ ſinal he de ſua vida ſua d
toſa morte. Eſte bom Irmaõ naſceo em Evora, entrou na Com
panhia aos 25 de Março de 1615. tendo 16. annos de idade.P
dio cõ ſingular fervor ſer admittido na Companhia , duas vez
foy rejeytado por ſuas poucas forças,mas foy tal a tezidaõ cõ
inſtou,que ſe entendeo,ſer a ſua vocaçaõ couſa muyto de Deo
porq̃ era de coſtumes ſantos,& de vida exemplar.Quãdo entro
ſe tinha formado de Bacharel na Filoſofia.

2 Os tres mezes,que ſó teve de Companhia, foram de vid
ſanta,& edificativa. Nem iſto he de admirar , quando antes d
ſer da Companhia era tam caritativo cõ os pobres,que todos o
dias repartia com elles do ſeu jantar , & muytas vezes lho dav
todo: para fazer iſto mais à ſua vontade,recebendo , o que ſeu
pays lhe davam para comer , decia para a logea de ſua caſa ,
alli banqueteava ao primeyro pobre , que batia à porta. A ſe
pay tinha tanto reſpeyto,que fazendo, naõ ſey que puerilidade
como ſe iraſſe , foraõ muytas as lagrimas que chorou , dizend
lhe naõ dava cuidado o caſtigo,mas a pena que dera a ſeu pay.
ſeus Meſtres naõ ſó honrou ſempre,mas nam ſofria, que outro
lh

he fizeſſe algũ aggravo. O veneravel Padre, & Martyr de Chri-
ſto Apollinar de Almeyda, que foy tres annos ſeu Meſtre no
Latim, refere, que entrando na claſſe hum eſtudante a pedir li-
cença para outro, & elle lha negaſſe, eſte como aggravado, em
deſprezo do Meſtre, ao ſahir para fòra, no meyo da claſſe pozo
barrete na cabeça; naõ pode o menino Braz ſofrer tal deſcorte-
zia, levanta-ſe do ſeu lugar, chega-ſe ao eſtudante, & por lhe naõ
poder chegar à cabeça, deo hum ſalto para ſima, & tirandolhe
da cabeça o barrete, lhe deo com elle no patio, & ſe voltou ſem
dizer palavra para o ſeu lugar. E diz o Padre fizera iſto com tal
deſtreza, que elle o naõ advertira, ſenaõ pelo applauſo, que lhe
fez toda a claſſe. O meſmo Padre confeſſa, fora dos diſcipulos,
que tivera mais virtuoſos, & bem enſinados.

3 Adoeceo mortalmente, & quando o aviſáram, diſſe com
voz alegre: Oh feliz de mim, que morro na Companhia entre
tantos Anjos! Deſejou muyto que ſua morte foſſe no dia do
Beato Luis Gonzaga, dando por razam, que tinha aſſentado em
ſeu animo, imitar de veras ſuas virtudes. Deos lhe cumprio eſ-
tes deſejos, ſendo que os Medicos lhe davam mais tempo de vi-
da. Duas horas eram depois do meyo dia, quando o Meſtre dos
Noviços lhe perguntou, ſe deſejava alguma couſa. Reſpondeo,
que ouvir cantar os Irmãos. Fez logo o Meſtre vir alguns, que
cantàram; com eſta muſica ficou muy afervorado, dizendo: Que
serà na gloria! que muſicas tam doces ſeram as daquella ſanta
Cidade! Logo entrou em agonia, deram-lhe à preſſa a Santa Un-
çam, & depois de a receber, com grande paz, & ſoſſego eſpirou
aos 21. de Junho, dia do Beato Luis Gonzaga do anno de 1615.
Na ſua doença foy lançar ſangue pela boca, & jà o Padre Meſtre
tinha ordem para o mãdar para caſa de ſeus pays em melhoran-
do alguma couſa; mas Deos, que o queria para ſi, naõ permit-
tio, que elle tiveſſe eſta pena, que lhe cuſtaria mais, que a mor-
te.

4 O Padre Manoel do Valle naſceo na Villa de Serpa do Arcebiſpado de Evora, tendo 19. annos de idade entrou na Cõ- (Evora anno de 1612. aos 30. de Abril.)
panhia aos 17. de Setembro de 1563. Foy homem de muytas
letras, & virtude, dotado de huma ſingeleza tam ſanta, que pare-
cia hum menino ſem letras. No tempo de fallar ordinariamente
ſe ajuntava com os Irmãos Coadjutores, ou com alguns Irmãos
eſtudantes, a quem cõtava muytas hiſtorias ſantas, dizendolhes,
as referiſſem àquelles, com quem fallaſſem. A opiniam de ſuas
letras era grande entre os noſſos, & os ſeculares. O Arcebiſpo

DomTheotonio tinha mandado,que na ſua Relaçaõ ſe naõ d
ſe ſentença ſem primeyro ſe ouvir,& ſaber o parecer do P. M
noel do Valle;delle ſe fazia tanto caſo , que ordinariament
ſeguiam,& diziam,que o parecer do Padre Valle era de pedra
cal: com iſto ſignificavam a firmeza da ſua opiniam. Era inin
go de opinioens largas. No Tribunal da Inquiſiçam , a qu
muyto ſervio,tambem as ſuas letras foram de grande provey
nas occaſioens de importancia. Com ſer tam ſingular a eſtim
çaõ,que delle ſe fazia,nunca moſtrou preſumpçaõ alguma, p
que era humilde de coraçaõ. Nem permittio,que alguem o ſ
viſſe,ainda nos annos canſados com a idade,& com os achaqu
ſendo que goſtava muyto de ſervir a todos.

5 Na guarda dos ſeus votos foy ſempre muy exacto,& m
do;de ſeus Confeſſores ſe ſoube , que guardou illeſa por tod
ſua vida a pureza virginal. A miudeza nas couſas de ſua conſ
encia foy rara,pois alèm de ſer homem muy circunſpecto
fallar,era ſingularmẽte vigilãte em ſuas acçoens;todos os dias
cõfeſſava de eſpaço,& as mais das vezes ſem materia de abſol
çam. A ſua pobreza foy eſtremada. Morou muytos annos
hum cubiculo , cujo pavimento era de tijolo , & como os Sup
riores attentando aos ſeus annos , & achaques lho mandaſſe
forrar de taboado,ſe foy ter com o Padre Reytor , pedindolh
que tal couſa ſe naõ uſaſſe com elle. Feytas muytas inſtanci
como naõ foſſe ouvido,entrou em eſcrupulo de ſer deſobedie
te,ſe acaſo cõtinuaſſe na repugnancia.Muytos annos avia an
de ſua morte,q̃ naõ tinha em ſua eſtante mais q̃ hum Crucifi
de chumbo,dos q̃ ſe davaõ nas doutrinas aos meninos.As rep
ſtas dos caſos q̃dava,eſcrevia em themas , & pelo meyo das r
gras,ou em coſtas de cartas. Os livros , que tinha para ſeu uſ
eram muy velhos,& gaſtados. Queyxãdo ſe hũa vez a hũ Irm
do frio,que padecia nos pès , o Irmaõ lhe diſſe,que pediſſe hu
eſcarpins de baeta. A iſto reſpondeo,que veria,ſe acaſo podia
paſſando com os de linho,por ſe naõ deſviar do uſo ordinari
& para ſe naõ ver obrigado aos pedir,obſervouſe, que metia p
peis nos ſapatos;fugindo de ter couſas,das quaes lhe parecia,q
podia carecer. Os veſtidos interiores trazia rotos , & remend
dos, & quãdo o Padre Miniſtro lhe offerecia algũa couſa deſta
era a ſua repoſta: Que qualquer couſa baſtava para hum velh
cuja vida cà fazia pouca,ou nenhuma falta.

6 Na obediencia era tam pontual , que tanto que acabava
tempo,q̃ chamamos do repouſo , logo ſe calava ſem mais diz
hum

ma sò palavra. O sinal da vontade do Superior bastava para e obedecer. Disselhe certo Irmaõ, que sua Reverencia avia de solver hum caso, por assim o ordenar o Padre Reytor. Esque- o-se o Irmaõ de lhe ir declarar o caso. Naõ pode o P. aquie- r, & sahio a buscar o Irmaõ. Andando neste cuydado, outro eligioso, que suspeytou, o que podia ser, lhe disse: Nam se mo- ste Vossa Reverencia, que o caso naõ deve ser cousa de porte, is o Irmaõ se esqueceo. A isto acodio o Padre Valle: Irmaõ, õ digais isso, basta saber eu ser vontade do Superior, para naõ der aquietar, antes de lhe dar comprimento. Este homem taõ bediente, & taõ grãde em virtude, & letras fugio sempre de go- rnar; & tiveraõ sempre effeyto as suas diligencias em ordem a desviar destas honras.

7 Entre outras devoçoens a teve muy especial ao Santo, que o mez lhe cahia por sorte. Lia sua vida, fallava de suas virtu- s. A todos exhortava, tivessem grande devoçaõ ao Santo do ez. Quando na Missa tinha lugar, sempre delle fazia especial ōmemoraçam. Tendo este Padre passado sua vida dando sem- re exemplos singulares, faleceo com morte digna de vida tam ustada no anno de 1612. no Collegio de Evora aos trinta de bril.

8 O Irmaõ Manoel Soares faleceo no ditoso estado de No- Evora 16. de Novẽbro de 1597. ço, & em pouco tempo de Religiaõ deo grandes mostras do uyto, que seria, se vivesse. Nasceo em Viana no Arcebispado e Evora, entrou na Companhia aos 4. de Junho de 1596. tendo 5. annos de idade. Com o Superior tinha muyta clareza, des- obrindo com chaneza, quanto passava dentro de sua consciẽn- a. Fugia dos defeytos leves, como se fossem culpas graves. No mor da pureza sendo ainda estudante secular foy exemplo aos ais castos; tinha nesta materia grandes cautelas, como em cou- , que todas as pede, & em que todas sam poucas. Quanto po- ia, esculsava as faltas dos Irmãos. Gostava na enfermaria, se lhe esse sempre o peyor, & quando se lhe dava alguma cousa, que osse melhor, se podia sem nota, dava seu geyto, para que se desse outros. Com ser fraco, sempre tinha a sua oraçaõ de joelhos, e se acaso o mandavam assentar, o fazia com modo tam morti- icativo, que nisso tinha mayor molestia, a qual buscava no mes- no alivio.

9 Era modestissimo, & muy sofrido, por mais occasioens, ue lhe dessem, nunca mostrou nem em palavra, nem em obra ouco sofrimento. Tendo grandissimas cezoens nem se quey-

xou,nem deo hum sò ay,ou gemido, levando tudo com admir
vel tolerancia. Naõ tinha na boca outra palavra mais que d
zer,Faça-se a vontade de Deos. Ainda que sentisse grande dif
culdade em levar os medicamentos, os tomava todos sem de
xar nada. Como nam pudesse levar humas pirolas, que lhe m
dàram tomar, as acompanhava com os dedos pela boca dentr
atè onde elles podiam chegar. Disselhe o Padre companheyı
do mestre dos Noviços, que comesse huma pera de conserv
à qual sentia ter gravissima repugnancia sem; demora a tomo
com ambas as mãos,& meteo na boca, saltandolhe as lagrim
pelos olhos fòra,pela fotça que a si se fazia,& sendo tal a repug
nancia,a levou para bayxo.

10 Em suas acçoens mostrou sempre mais madureza,do q
seus annos demandavam. Avia delle bem fundadas esperãças,
que seria pelos tempos adiante homem de grande ser, por is
foy muy sentida sua morte, a qual foy de predestinado. Falece
no Collegio de Evora aos 16. de Novembro de 1597.

CAPITVLO XXXVI.

Vida do Padre Lourenço Ribeyro,entra na Companhia, & com se entregou à virtude; & de sua penitencia, & devoçaõ.

Goa 2. deDezẽbro de 1615.

1 OS fervores deste Religiosissimo Padre foram sem
pre mayores que suas forças, & o amor á Compa
nhia tam grande,que naõ podia viver fóra della. Nasceo na Ci
dade de Evora. Seus pays se chamàraõ Francisco Fernandes, &
Maria Ribeyra. Em sua patria entrou na Companhia aos sei
de Novembro de mil quinhentos noventa, & nove. Era elle fra
co de compreyçam;com a estreyteza, que de si traz a mudanç
de estado,adoeceo gravemente;& por se entender, que naõ teri
saude na Companhia, o tornàram a mandar para casa de se
pay.

2 Sentio elle muyto o deyxar o bem,que tanto amava. Ain
da que despio a roupeta,naõ deyxou os costumes de Noviço.Fa
zia vida tam religiosa, que a todos causava admiraçaõ. Voltou
a continuar os estudos na Universidade, onde sua modestia, &
santidade de costumes grandemente edificavaõ. As suas ancia
eram tornar para a Companhia. Foraõ tantas as lagrimas, qu
chorou na sua pertençaõ,tal a santidade,com que viveo fòra,qu
cobrando saude, foy segunda vez recebido, tendo nisto gosto
inexpli

nexplicavel. Pouco lhe durou a ſaude, mas era tal o ſeu exem-
lo,que mereceo o conſervaſſem.

3 Tinha já, quando eſta ſegunda vez entrou,vinte annos, & ndava no ſegundo curſo, ao qual tornou algum tempo antes e acabar o Noviciado. Aos Irmãos Noviços era exemplo de odas as virtudes. Quando cõmungava, as lagrimas de devoçam ram continuas em ſeus olhos. Hum Irmaõ, que por vezes lhe eo o lavatorio, affirmou, que neſtas occaſioens lhe parecia o oſto deſte bemdito Noviço mais de Anjo,que de homem. Deois dos dous annos ficou por Sotominiſtro dos Irmãos Noviços,depois o foy tambem dos Irmãos do Recolhimento, ſendo nda daquelle eſtado.

4 Neſta occupaçaõ era o primeyro que os ajudava nos offi-os humildes,como de varrer, & nos mais. Tinha grande deſe-, de que todos foſſem perfeytos. Era mais affeyçoado aos de ais virtude,naõ para lhes fazer mais favores, mas para lhes dar ais occaſiaõ de ſeu aproveytamento. E aſſim dizia, que os ami-os eſpirituaes o aviam de moſtrar, em deſejar a ſeus amigos bens interiores, como os outros deſejam os bens exteriores á-uelles amigos,que o ſaõ conforme o mundo.

5 Tinha engenho claro, applicava-ſe com muyto cuidado eſtudo, em quanto verſou as aulas, era hum retrato da mo-eſtia. Trazia perpetuamente os olhos bayxos,o aſpecto com-unćto,& humilde. Todos o reſpeytavaõ como a Santo, vendo ue nunca ſe deſviava daquella compoſtura tam divina. Deolhe eos particular modo para ajudar aos outros na virtude, naõ ſò s de caſa,mas tambem aos de fóra, com quem tratava. Sendo heologo morou no Collegio da Purificaçaõ. Paſmavam os ollegiaes da ſantidade,& prudencia,que nelle viam, & modo, m que os procurava encaminhar para Deos. Quando ſabia, ue alguns eſtavaõ deſavindos, ou neceſſitavaõ de alguns aviſos, etia-ſe com elles,& com grandes moſtras de benevolencia, fa-a delles,quanto queria. Deo naquelle Collegio tanto exem-o,que por muytos annos durou nelle ſua memoria, & lem-ança das aſperas diſciplinas,que lhe ouviaõ tomar.

6 Depois de eſtudar algum tempo Theologia,foy mandado ra o Collegio de Coimbra. Alegrouſe com eſte aviſo, por atar muytos homens de virtude,que alli viviaõ,& ſe aprovey-r com os exemplos daquella ſanta Communidade. No dia, ue chegou a Coimbra,por celebrarem a feſta de Corpus Chri-i,eſtava o Senhor expoſto na Capella dos Irmãos. Ainda que

vinha

vinha cansado do caminho, gastou todo o dia de joelhos diant
do Senhor,agora rezando suas horas,& devoçoens,agora medi
tando,& tendo oraçaõ.

7 Por ser jà nomeada sua virtude, se alegráram muyto n
Collegio com sua vinda;& alguns confessáram, que sabendo e
tava em casa,antes de o ver, sentiram em si novos desejos de
adiantar em seu espirito. Ordenoulhe o Padre Reytor, que
aposentasse no Recolhimento, para que os Irmãos se afervora
sem com suas praticas, & melhorassem com seu exemplo. Po
rém elle,que de si cuidava muy pouco,tomou por favor, para
melhorar a si em companhia de tam Santos Irmãos. Quanto
eram os Irmãos, tantos Mestres lhe parecia, que o Senhor lh
tinha dado,para se aproveytar.

8 Deram-lhe hum cubiculo,que tinha a janella alta, & ma
parecia feyta para ver o Ceo, que para olhar para a terra. Al
grouse com a morada,porque lera em alguns Padres,que o apo
sento da Virgẽ Santissima tinha huma sò janella tam alta, qu
por ella se naõ via mais que o Ceo. E tal julgava elle ser a su
habitaçaõ, & esta queria, porque sò punha seus olhos no Ce
onde tinha o coraçaõ.

9 Logo em acabando a Theologia,se ordenou de Sacerdo
te. Desejou muyto á imitaçam do Santo Xavier, recolherse
ter quarenta dias de Exercicios antes de dizer a primeyra Miss
Isto lhe naõ foy possivel, mas recolheo-se por oyto dias, a t
Exercicios em o Noviciado. Nellas era tal a força da devoçaõ
que se esquecia de acodir à mesa, & era necessario ao Padre M
stre dos Noviços tirallo do cubiculo, para ir tomar o susten
preciso. Com esta preparaçaõ disse a primeyra Missa em o N
viciado com extraordinario gosto de seu espirito.

10 O novo estado lhe meteo em casa mais obrigaçaõ de s
perfeyto Religioso, como em verdade o foy. Punha especi
cuidado em rezar com a devoçaõ, & attençaõ devida o Offic
Divino;& costumava dizer, que disto se avia de prezar muy
qualquer Sacerdote,pois qualquer official se prezava de ser pe
feyto no seu officio; & que por isso as Horas Canonicas se ch
mavam officio,porque se aviaõ de empregar nelle os Sacerdote
bem como o official em seu officio de ordinario o rezava sò,p
se deter à sua vontade na ponderaçaõ de algumas clausulas, e
que sentia mayor devoçaõ. O lugar era o coro diante do Sa
tissimo,ou o cubiculo,sẽpre de joelhos,ou em pè, direyto,sem
encostar. Se batia alguem à porta do cubiculo, quando rezav

ó respondia, *Aperi*,& continuava o Psalmo atè o fim.

11 Em tangendo a campa a levantar, se começava a prepa-
ar de mais perto para a Missa. Logo cingia o cilicio, nenhum
a lhe succedia chegar sem elle ao Altar. Tambem tomava hu-
a rigroosa disciplina. Depois da oraçaõ, quasi todos os dias se
onfessava. Tinha muyto na memoria as palavras do Exodo:
*acerdotes, qui accedunt ad Dominum, sanctificentur, ne percutiat
s Dominus.* Depois da Confissaõ gastava em oraçaõ hum pou-
o de tempo despertando em si os affectos de humildade, & a-
or.

12 A Missa dizia pausado,& com singular devoçaõ. O tem-
o de dar graças era meya hora, quando as occupaçoens davam
gar. De tarde todos os dias gastava bom espaço de tempo no
oro da Igreja em oraçaõ. Nos dias, que o Senhor estava ex-
osto, ou na Igreja, ou na Capella do Collegio, de ordinario não
ntava, por assistir mais tempo ao Senhor, diante do qual se lhe
a o dia todo. Todas as obras, que fazia, o estudo no cubiculo,
r na classe, comer no refeytorio, fallar no repouso, tudo era à
sta deste Senhor, parecialhe, que naõ tinha para que se lẽbrar
o Ceo, mas só do Sacrario, aonde estava todo o bem, ainda que
cuberto. Huma Missa lhe servia de aparelho para a outra.

13 Todos os dias tomava duas rigorosas disciplinas, huma
la manhã, quando se levantava, outra à noyte, quãdo se reco-
ir. O cilicio trazia todos os dias até depois de dizer Missa,
mbrando-se da zona, sem a qual naõ entrava o Sacerdote no
nctuario. Dormia muyto de ordinario no cham sobre as ta-
as; & quando na cama, era sem lançoes. Se algum dando fé
ste rigor lhe dizia, que tratasse de sua saude, respondia por gra-
, que se naõ cançasse com isso, que tinha carne de cam, & que
ormia tam bem sobre pedras, como em camas brandas. Jejuava
Quaresma muytas vezes a paõ,& agua, para dissimular esta
ortificaçaõ, comia nesses dias no chaõ, & de esmolas. Jejuava
do o Advento,& pelo anno todo às quartas, sestas, & Sabba-
os. Quando na mesa se punha a primeyra vez alguma fruta,
õ a tocava. Varias vezes se queyxava a algumas pessoas do
ouco, que seu Confessor lhe permittia, como se todos estes ri-
ores fossem poucos em comparaçaõ dos muytos, que dese-
va.

14 Estas penitencias eram ordinarias, porém quando vinha
guma festa da sua devoçaõ, acrecentava outras, como deyxar
melhor iguaria na mesa, comer no chaõ de esmolas, tomar dis-

ciplina

ciplina publica no refeytorio, servir na cozinha, & outras hu
milhaçoens, que sempre conservou, & serviraõ a muytos de exẽ
plo. De noyte se levantava muytas vezes a ter oraçaõ, em qu
gastava duas, & tres horas, & às vezes se detinha nella atè ama
nhecer. Quando julgava, que naõ convinha cortar tanto pel
sono, se assentava na cama, a ter oraçaõ, & depois se deyxava do
mir.

15 Todos os mezes tomava hum dia especial, que todo ga
tava em oraçaõ. Das creaturas, ou estando na quinta, ou sahind
a esparyecer, levãtava frequentemente o pensamento a Deos, d
zendo, Se isto he no desterro, que serà na patria? Dizia, que er
cousa proveytosa, & assim o experimentava, trazer algumas v
zes sentenças da Sagrada Escritura, que ensinassem verdad
claras, de que a alma pudesse lançar mão, como de taboas e
naufragio, quando hum se fosse sumindo debayxo do pezo d
tribulaçoens, ou occupaçoens. Taes eram para elle: *Mihi mu
dus crucifixus est, & ego mundo. Omnia arbitror ut stercora,*
Christum lucrifaciam, & outras muytas, que tinha prompta
para se aproveytar a seus tempos.

16 Era devotissimo do mysterio da Cruz, & sentia em o m
ditar particular doçura; ainda quando entrava seco nesta cons
deraçam, em breve se achava em muyta suavidade espiritua
Christo Crucificado era para elle o seu livro. Em seu obsequi
jejuava todas as sestas feyras. No tal dia naõ se assentava e
cadeyra. Isto mesmo fazia na Quaresma, & Advento. Além d
cilicio ordinario, nestes dias cingia os braços, & cintura atè
peytos com huma corda de sedas asperas. Neste dia dava part
cular tormento a cada sentido, parecendolhe fazia trayçam
Christo, se em tal dia quizesse ter algum alivio, quando Chris
Jesus nenhum tinha cravado em hum madeyro.

17 Da Senhora foy especial devoto. Em quanto naõ fo
Sacerdote, nunca deyxou de lhe rezar o seu Officio. Gastav
meya hora em a visitar. Nos Sabbados, & vesporas de suas fe
tas, ainda que naõ fossem de obrigaçaõ, sempre jejuava. Apar
lhava-se com especial cuydado para as suas festas. Os nove dia
antes rezava na sua Capella nove vezes o Cantico de Magnifi
cat, pedindo aos nove Córos dos Anjos, q̃ lho offerecessẽ, & e
seu nome a louvassem, & lhe dessem o parabem de sua glori
Outras vezes lhe fazia outras devoçoens segundo seu affecto lh
ensinava. Huma vespora do seu Nascimento lhe deo os para
bens do gosto, que o mundo por ella recebia, rezando de joelho
mil

nil,& feifcentas, & vinte, & fete vezes a antiphona : *Nativitas ua Sancta Dei Genitrix*, que a Igreja lhe canta naquelle dia. Efte umero rezou em honra dos annos do Nafcimento da Senhora, ue tantos avia naquelle prefente anno, que efta Senhora nafèra.

18 Todas as fomanas deftinava os Sabbados em efpecial obequio feu, tendo oraçaõ fobre algum paffo de fua vida, offerecendo em honra fua todas as obras, que no tal dia fazia. Cada vez tomava hum dia, em que renovava as devoçoens da Senhora, examinando as negligencias, que nellas cõmettèra, & renovano os propofitos de a fervir. Animava-fe a ifto, pelo que aconceo a hum devoto da Senhora, & elle o referia muytas vezes. pparecialhe fermofiffima hum, dia a vio fem aquella graça, & rmofura coftumada. Efpantãdo-fe da mudança lhe diffe a Sehora: Affim me ves, como eu em teu coraçaõ me vejo. Reprendendo defte modo a frieza, em que hia cahindo na fua devoaõ; & por naõ cahir em femelhante o Padre Lourenço Ribey, tantas vezes coftumava renovar os feus propofitos.

19 Do filencio foy muy amigo, ninguem lhe vio quebrar a gra, que delle temos. As horas deftinadas para fallar, gaftava n tratar de coufas de Deos, tendo para fi naõ era aquelle tem para fallar de eftudos: dizia, que pois as letras levavaõ no dia gumas dez horas, nam era muyto, que o efpirito fe recreaffe tempo, que avia para fallar. Contou hum Irmaõ, que tres nos tivera repoufo com elle, & que em todos elles naõ differa ıma fò palavra da Filofofia, que entam eftudava.

20 Fallava de boa vontade da Payxaõ de Chrifto, & amor, ie nella nos moftrára. Huma vez no tempo de fallar excitou ta duvida: Em que palavras nos moftrára o Senhor mayor aor, das que differa no tempo da Payxaõ. Teve fundamento a uvida em huma coufa, que elle contou acontecèra a Santa Gerudes. Andava a Santa muy folicita, por alcançar alguma Requia do Santo Lenho, que ferviffe de defpertar nella o amor de hrifto bem noffo. Diffelhe o Senhor, que fe naõ affligiffe, por cançar, o que defejava, que mais lhe agradava o foffego, com ie orava, occupada em o amar, que aquelle cuydado, ainda que nto; & que lhe ferviffem de reliquia as palavras em que mais nor moftrou aos homens, quando por elles padecia; ao modo, ffe o mefmo Senhor, que hum amigo, quando outro, que uyto ama, fe aufenta, cõferva, & tem em memoria as palavras, ie em defpedida lhe deo, em que mais lhe fignificou, que o a-

mava, servindolhe de brazas ao coraçaõ, & de escudo contra
esquecimento.

21 Sobre esta materia deram consideraçoens piissimas. H
disse, q̃ aquellas foraõ de mais amor, quãdo guardando para si
tormentos, pedio aos que o prendiaõ, q̃ deyxassem ir livres
companheyros: *Sinite hos abire.* Outro disse se vira mais em p
decer com gosto, o que significou a palavra, *Sitio*; pois er
para elle os tormentos como a fonte fresca ao sequioso. Out
dizia, que as palavras, com que o Senhor em Saõ Joaõ nos e
comendou à Senhora: *Ecce filius tuus.* Outro julgava pel
palavras, com que o Senhor pedio perdaõ para os inimigo
pois sendo o mayor amor dar a vida pelos amigos, claro he, q
dalla pelos inimigos he mais. O Padre Lourẽço depois de outr
dizerem outras cousas, disse que a elle lhe parecia, que aquell
se podiam conservar por reliquias daquelle amoroso coraçar
em que nos encomendou a seu Eterno Pay, chamandonos
pirito, & alma: *Pater in manus tuas commendo spiritum meu*
Pay, em vossas mãos encomendo minha alma, que saõ os h
mens, supremo, & ultimo encarecimento do amor. Nesta fô
ma eraõ as praticas, & repousos deste servo de Deos, todas chey
de Deos, de quem elle estava cheyo.

CAPITVLO XXXVIII.

De sua humildade, pobreza, & obediencia, caridade, & san- ta morte.

1 NAõ parava o amor, que este bom Padre tinha
Deos, sò em palavras, procurava, de que se visse e
suas obras. Tinha hum entranhavel amor à humildade, a qu
elle mais que nenhuma outra virtude, considerava em todos
passos da vida de Christo. Sentia bayxamente de si, & se ente
dia, que algum tinha bom conceyto delle, procurava muy
proposito, de lhe fazer crer o contrario, trazendolhe para is
todas as razoens, que seu humilde desejo lhe descobria.

2 Quando esteve em Evora, todos os dias fazia oraçaõ
Igreja a Santo Antonio visitando a sua Capella, pedindo, lhe a
cançasse a virtude da humildade; em particular, em naõ quer
descobrir os talẽtos, q̃ de Deos recebêra, senaõ quãdo assim fos
conveniente para gloria do mesmo Senhor; antes folgar de na
verem os outros nelle cousa, que estimassem. Tinha grãde ca
tel

tela, em que pela boca lhe naõ sahisse palavra, que pudesse redundar em algum credito seu. Frequentemente trazia na boca aquellas palavras de David: *O Domine, ego servus tuus, & filius ancillæ tuæ.*

3 Era devotissimo do nosso Beato Luis Gonzaga, procurava de se fazer hũ retrato seu; & todos os que cõ elle tratavam, diziam, naõ ser a sua vida mais que huma imagem da vida do Beato Luis. Particularmente o imitava, em buscar, como o Santo fazia, muytas occasioens de desprezo. Depois q̃ estudou Theologia, vendo, que lhe naõ ficava lugar, para se exercitar em officios humildes, como desejava, & antes fazia, alcançou dos Superiores, que o deyxassẽ servir dous dias na somana na cozinha. Muytos dias de quinta ficava em casa, para ter lugar de servir á mesa, & fazer outros officios humildes.

4 Em quanto os Irmãos do Recolhimento lavavaõ a louça na cozinha huma vez por seu turno, fazia elle o mesmo officio de humildade tres, & quatro vezes. Por este amor, que tinha à humildade, achava particular devoçaõ na meditaçaõ dos annos, que Christo passou em silencio servindo a sua Mãy, & a S. Joseph, tendo os homẽs tam pouco conhecimento de sua sabedoria, que ainda os que mais o tratáram, julgavaõ, q̃ sahira fóra de si, & endoudecèra, quãdo souberaõ, que prègava, & determinàraõ tallo em prisoens como a homem sem sizo. Assim contemplava a humildade do Senhor, & a desejava imitar.

5 Em todas as suas obras achava muyto, que reprehender. Deste modo fugia o perigo da vangloria. Dizia, que naõ aviamos dar sé dos serviços, que a Deos faziamos, mas sò das offensas, com que o aggravamos, para que esta lembrança, & àquelle esquecimento nos humilhasse. Dizia mais, que todas suas obras eram diante de Deos, como hum pero podre, o qual só deyxa o trabalho de o aparar, a quem o queria comer, sem lhe ficar na mão cousa, que se possa gostar. De suas obras sentia tam bayxamente, que dizia, ser bastante premio o perdaõ das culpas, que no exercicio dellas cõmettia; por isso naõ se movia com os louvores, que lhe davaõ, dizendo, que Deos julgava muy differentemente suas obras: naõ tinha por cousa de preço, senaõ o que o era diante de Deos.

6 Aproveytava-se desta consideraçaõ, & dizia algumas vezes: Se hum homem fosse muyto conhecido em Roma, Madrid, Lisboa, Pariz, & Londres, & nas mais Cortes dos Reys, & senhores do mundo, sem duvida, que faria muy pouco caso de não

ser conhecido numa pobre aldea, que està entre quatro currae
de ovelhas là ao pè da serra da Estrella; pois porque farà cas
hum Religioso de ser cà na terra conhecido, se o for na Cort
do grande Rey da gloria, principalmente, quando o melho
meyo para ser conhecido na Corte do Ceo, he ser pouco esti
mado nesta aldea da terra?

7 Aproveytava-se das faltas, em que cahia; para crecer n
humildade, dizia, que de cada huma aviamos de tirar tres ga
nhos. O primeyro, desconfiança de nós mesmos. O segundo, des
credito para com os homens, gozandonos de em seus olhos fi
carmos humilhados. Terceyra, cautela para ao diante procede
cõ mais vigia. Nos seus olhos todas as faltas eram graves. Passa
por huma Cruz, sem tirar o barrete, olhar em tal occasiaõ, di
zer tal palavra, era para elle materia de suspiros. Muytas veze
se queyxou a hum Padre de passar o tempo de fallar em prati
cas indifferẽtes, por naõ poder nas taes occasioens ter, as que el
le costumava.

8 Ouvia com muyto gosto as palavras, que mais o humi
lhavam, & dizia: Se atirassem a hum homem pedradas com do
broens, certo nam as sentiria muyto, antes folgaria, que chove
sem sobre elle tam preciosas pedradas, pois com ellas se enrique
cia: assim imagino eu, quando me dizem injurias, que me atiran
com pedras de ouro, com as quaes posso ficar rico em pacien
cia, & humildade. Tinha tambem grande amor á santa pobreza
da qual a humildade faz gala. O seu vestido ordinariamente er
muyto pobre. Remendava-o muytas vezes, para escusar outr
novo. Naõ lhe viraõ sapatos novos, lá buscava sempre os mai
remendados. Esta mesma pobreza se via nos seus cartapacios
cadeyra, & meza, tinha sempre no cubiculo das alfayas mais ve
lhas, & peyores.

9 Respeytava muyto os apices da santa obediencia, suas or
dens eraõ para elle, como as proposiçoens da Fè, dizendo, qu
assim como estas eraõ sem discurso, assim aquellas sem discurs
se aviam de executar. Abraçava com mais gosto, as que eran
mais repugnãtes á natureza. Dizia, que entre as obras de Chri
sto aquella lhe parecia de mayor preço aos olhos de seu Eter
no Padre, em que se offereceo no primeyro instante de sua Con
ceyçaõ, para executar todas as obediencias, q̃ seu Eterno Padr
lhe mandasse, conforme o de David: *In capite libri scriptum e*
de me, ut facerem voluntatem tuam: Deus meus, volui, & lege
tuam in medio cordis mei.

10 Daqu

10 Daqui lhe nascia huma grande conformidade com a võ=
ade divina em tudo, porque em tudo lhe estava sugeyto. Era
lle muyto enfermo, humas vezes com tosses, & estillicidios, ou-
ras cõ dores de cabeça, & outros achaques, mas só em se persua=
ir, que Deos disso se servia, levava tudo com alegria. Por isso
m todos os successos sentia em si huma paz, & igualdade muy-
o ao divino. Todas as suas obras procurava sellar com aquella
arca, com que nosso Santo Patriarca sellava as suas, *Ad maio-
em Dei gloriam*, Para mayor gloria de Deos.

11 Hum dia de Nosso Santo Padre fallando com outros de
uas virtudes, acodio com este meyo, para se afervorarem: disse,
ue cada hum tomasse huma virtude do Santo Padre, que mais
eséjasse, na qual por aquelle anno seguinte se exercitasse com
pecial cuidado, procurando de a ter alcãçado para a festa do an-
o seguinte. Tomando huns esta, outros aquella, o Padre Lou-
enço Ribeyro escolheo huma purissima intençaõ sò da gloria
ivina, em tudo o que fizesse, & dissesse, acrecentando, que nisto
e, que mais se desejava parecer com nosso Santo. Nunca dey-
ou de fazer cousa, que julgasse ser boa em o Senhor, ainda que
e parecesse, naõ seria tida por tal nos olhos dos homens; por-
ue naõ fazia caso de respeytos humanos, quando estes em al-
uma cousa encontravam os divinos.

12 Nenhum desgosto chegava, ao que tinha, em cuidar, que
conversaçaõ magoàra a algum de seus Irmãos, logo buscava
ccasiaõ, em que mostrasse, quam fóra estivera de tal cousa in-
ntar. Quando sendo Ministro do Recolhimento, adoeciam al-
ns Irmãos, muytas vezes elle per si os servia, & lhes fazia as
mas. Alegrava=se grandemente com o bom successo, que seus
mãos tinham nos actos publicos. Os seus parabens eram com
lavras humildes, & religiosas, fòra de adulaçoens.

13 Se achava algum meyo efficaz para alcançar a virtude,
go o cõmunicava, para que outros se aproveytassem delle. Era
nto o zelo, que tinha do bem alheyo, quanto era o do seu pro=
io. Buscava mil invençoens de levar os Irmãos para Deos.
uando sahia algum do Noviciado para o Recolhimento, ou
Recolhimento para o Collegio, procurava de se encontrar
m elle, dizialhe, o que lhe cõvinha, & o encomendava a alguns
mãos devotos, para que o conservassem. Offerecia muytas o-
çoens, Missas, & disciplinas pelos necessitados da Igreja. Era
votissimo do Confessionario, nelle gastava as manhãs, & tar-
s, quando outras occupaçoens de precisa obrigaçam o naõ

impediam. Aconteceolhe hum dia de Jubileo estar confessando atè a primeyra mesa, & porque estavam muytos para se confessar, deyxouse para a segunda mesa; & como neste tempo naõ pudesse ouvir a todos, se deyxou ficar atè a tarde, sem tomar algum sustento naquelle dia. Lembrouse neste acontecimento, do que Christo dissera, quando convertèra a Samaritana: *Ego alium cibum habeo manducare.*

14 Este zelo do bem do proximo se vio em especial sendo Mestre do Latim, no cuidado, que punha em aproveytar os discipulos. Tomava do Martyrologio o Santo mais illustre, de que naquelle dia se fazia mençaõ; lia algum exemplo, que pudessem imitar os estudantes, & depois de lhe passar a liçaõ da classe, lhes dizia: Tomay agora a liçaõ da virtude; hoje he dia de tal Santo, delle se conta tal virtude, que podeis imitar desta maneyra.

15 Trazia-os ensinados a lãçar jaculatorias ao Ceo. Quãdo lhes pergũtava liçaõ, lhes dizia depois della: Dizei algũa cousa ao Ceo. Nestas jaculatorias breves andavaõ tam exercitados, que sahindo da classe as hiam repetindo pelas ruas. Com este cuidado os trazia tam doutrinados, & tam apurados em suas consciencias, que diziam os Confessores, que os seus discipulos se conheciam pelo bom modo, que tinhaõ em se confessar. Alèm das confissoens de cada mez, a que eraõ obrigados, os fazia confessar pelas festas de Christo, & da Senhora, & elle nestes dias lhes dava a Sagrada Communhaõ.

16 Com estas virtudes ajuntava grande desapego de carne & sangue. Procurava no Collegio de Evora com muyta chaneza aver esmolas para huma pessoa muyto de sua obrigaçam que padecia grande pobreza; mostrou com tudo, que o fazia movido da caridade, & naõ do affecto natural, porque deyxando certa pessoa huma esmola, para que se desse a huma viuva pobre daquella Cidade, qual parecesse a certo Padre da Companhia, em cuja mão ficava; offereceo o Padre a esmola ao Padre Lourenço Ribeyro para aquella pessoa. Elle respondeo, que julgava, que jà naõ tinha tanta necessidade, por tanto que a desse a outra viuva irmã de hum Padre nosso. Instandolhe o Padre, que aceytasse a esmola, pois avia assaz necessidade, naõ quiz vir nisso; & finalmente se veyo a dar a outra pessoa.

17 Creceo nelle sempre o desejo de salvar almas, & de dar a conhecer o nome de Deos em todo o mundo. Sò para isto, & para fazer penitencia, desejava ter muytos corpos, que pudesse

empre-

mpregar em andar pelo mundo, aſſiſtir em diverſas partes pu-
licando a gloria de Deos. Sete, ou oyto annos pedio a Deos, & a
eus Superiores a Miſſaõ da India, até que a veyo a conſeguir.
ſtava prègando a Quareſma em Beſteyros, quando lhe foy o
viſo, de que era contado entre os Miſſionarios da India. Nam
e explicavel o goſto, com que leo eſta carta; deo a Deos repeti-
as graças por tam ſingular mercè. As cartas, que neſte tempo
ſcrevia a diverſos Religioſos, todas eram ſignificadoras de ſeu
xceſſivo goſto. Dellas acho huma para hum Irmaõ no Colle-
io de Evora, a qual por ſer breve, a quero lançar aqui, & diz
ſſim.

18 Irmaõ Cariſſimo em Chriſto Jeſus, doce vinculo de noſſa
mizade, conforme-ſe com a vontade divina, porque naõ he ain-
a chegada a ſua hora; a minha, ſeja Deos louvado, chegou a tem-
o, que eu menos eſperava, para que entendeſſe, que ſò vinha de
eos, & contra o parecer de quaſi todos; mas Deos he, o que
overna: tenha confiança, cariſſimo, nelle, naõ fazendo por deſ-
erecer tanto bem; mas ainda que ſe tenha por indigno delle,
nime-ſe, com ver a mercé, que me fez; porque ſe elle tirou os
lhos de meus peccados, & os pôz em ſua bondade, para me fa-
er tam grande beneficio, naõ ha, quem ſe poſſa já arrecear. Nẽ
prenda, cariſſimo, couſa alguma, porque naõ ha que, tudo o
e cà he vẽto, a vida breve no melhor falta, as obrigaçoens muy-
s, as occupaçoens frequẽtes; buſquemos a Deos, por onde mais
vontade o podemos achar, & aonde elle mais liberalmente ſe
ommunica.

19 Imos doze, ſeis Italianos, & ſeis Portuguezes, muy boa
ente, praza a Deos naõ ſeja eu Judas com meus defeytos, para
ue eſta barquinha naõ perigue, como diz Santo Ambroſio, que
fez aquella, em que dormia o Senhor, por ir nella Judas. Atè
qui a principal parte daquella ſua carta. No anno de mil ſeiſ-
entos, & quinze ſe embarcou para a India. Em quanto durou a
agem, ſe ouve com grande eſpirito, acodindo a todos. Nos ul-
mos tempos antes de chegar a Goa, lhe ſobrevieram crueis fe-
res, as quaes ſofreo com muyta paciencia, depois em terra o foy
onſumindo o mal, atè que em dous de Dezembro de mil ſeiſcẽ-
os, & quinze deo ſeu eſpirito a Deos no Collegio de Goa.

20 Quero apontar aqui parte de huma carta do Padre Jaco-
e de Medeyros, Provincial de Goa, do qual ſe vé bem o con-
eyto, que tinha de ſua virtude. Diz aſſim. Ontem levou Deos
oſſo Senhor para ſi o Padre Lourenço Ribeyro, o qual chegou
com

com perto de hum mez, & meyo de febres, & sempre foy des
falecendo por mais remedios, que se lhe applicàraõ. Chamou-
para si, quem o trouxe à India. Morreo no dia de nosso Padr
Saõ Francisco Xavier, do qual foy sempre devotissimo, & po
cuja devoçaõ pertendeo tanto vir a estas partes. Tinha pedid
aos Irmãos do Collegio de S. Paulo, que lhe fizessem huma no
vena ao Santo, a qual se acabou no seu dia, & elle com ella a vi
da. Deyxounos a todos muy consolados, & edificados. Morrec
como viveo, & soube o dia, em que avia de morrer, como ache
em pratica neste Collegio de S. Paulo, vindo ajudar ao enterra
por me naõ avisarem, que estava elle ungido, deixei de me acha
á sua morte, o que senti muyto. Até aqui parte da dita carta.
vida deste bemdito Padre recopilei de huma narraçaõ, que dell
se conserva em o nosso Cartorio de Coimbra.

CAPITVLO XXXVIII.

Vida do Padre Diogo Monteyro, de seu nascimento, entrada n Companhia, & progressos, atè Deos o chamar a mais particular perfeyçam.

Em Coimbra aos 27. de Mayo de 1634.

1 O Padre Diogo Monteyro foy dos homens grande em espirito, que teve a nossa Companhia, & hum dos excellentes Mestres de Noviços, que ouve em toda ella Nasceo de pays honrados, & que viviam abastadamente de su fazẽda, o anno de 1562. na Freguesia de Nossa Senhora da Graça, termo da Cidade de Evora; chamavam-se os pays, Francisco Banha, & Brites Lopes; & por esta causa se nomeava tambem este seu filho Diogo Banha, atè que na Companhia se lh poz o sobrenome de Monteyro.

2 Seus pays o mandàram estudar Latim á Universidade d Evora: & como era bẽ inclinado, chegãdo às classes de Rhetorica tratou de entrar na Companhia: estavaõ correntes as licença para o receberem, quando o demonio lhe representou tam vivamente o perigo de o despedirem, que se esfriou na sua vocaçam & para se desviar mais della, se retirou para casa de seus pays na quelles dias, que eraõ feriados. Estava bem longe do seu antig desejo, quando chegou á porta dos pays hum Sacerdote Religioso da Companhia, que parecia ir peregrinando: travou pratica com o nosso estudante das cousas de Deos, & da salvaçaõ com ella despertou em seu pensamento, & vontade os seus dese-
jos,

os, que ſe tinham esfriado, mas declaroulhe a difficuldade, que entia em entrar em huma Religiaõ, que ainda depois de muyos annos deſpede, aos que em ſi tem criado.

3 Tiroulhe o Sacerdote eſtes temores com boas razoens, ſſegurandolhe a perſeverança com taes palavras, que lhe trou o coraçaõ. Logo ſe veyo a Evora, & declarou, o que lhe aontecèra, dando por teſtimunha o Padre, que em tal dia paſſàra ela ſua Freguesia. Feyta diligencia, ſe achou, que nenhum Pare da Companhia fora naquelles dias por tal terra: donde ſe onfirmou mais, que a ſua vocaçaõ era do Ceo. Por tanto aos . de Janeyro de 1577. tendo de idade quinze annos, & oyto mees, andando no primeyro curſo, entrou na Companhia neſte nto Noviciado de Evora, ſendo Meſtre dos Noviços o Padre onçalo de Souſa. Ficou tam pago deſta mercè, q̃ Deos lhe fez n dia de Reys, que toda a vida celebrou eſte dia com eſpecialiade, acrecentando nelle mais oraçaõ, & na ſua vigilia fazendo arias penitencias; & tomando ſempre diſciplina nas coſtas no efeytorio, ainda depois de velho, Prepoſito de Saõ Roque, & rovincial.

4 Pouco mais de ſeis mezes ſe deteve neſte Noviciado, porue o mandou a ſanta obediencia continuar em o de Coimbra, nde foy Noviço daquelle excellente varaõ em virtude o deotiſſimo Padre Vaſco Pires, & prezava-ſe muyto o Padre iogo Monteyro de ter ſido ſeu diſcipulo na eſcola do pirito. Depois do Noviciado continuou os ſeus eſtudos de atim, Artes, & Theologia, no terceyro anno deſta foy mandao enſinar letras humanas à Lisboa; & as enſinou oyto annos, orque as ſoube com perfeyçaõ; foy Meſtre da primeyra de Eora, & da de Coimbra. Em todos eſtes tempos procedeo reliioſamente: era de natural alegre, naõ faltava nas quintas, & reeaçoens, que dá a Religiaõ aos da idade, & occupaçoens, que nha: cantava muyto bem, & como era affavel, todos goſtavam tratar com elle. Eſte ſeu trato ſendo deſenfaſtiado era ſem ltas, & defeytos, que deſdiſſeſſem da ſingular vocaçaõ, com ue Deos o chamàra à Companhia.

5 Quiz o Senhor entre a eſtimaçaõ, que delle, & ſuas boas rendas ſe fazia, mortificallo, & por eſte caminho darlhe luz, ara ſe abraçar mais com a virtude, & fazer della eſtudo eſpeal. Era Meſtre da primeyra de Rhetorica em Coimbra, quan- o deo ordem à huma tragedia, a qual ſe avia de repreſentar na la das noſſas eſcolas. Entravaõ nella peſſoas da primeyra no-

breza,

breza,que depois occupàram os mayores lugares Eccleſiaſtic
do Reyno. A ſala ſe armou ricamente,convidouſe o bom da
niverſidade,& Cidade ; em huma palavra , eſtava tudo a pon
quando no dia antes da feſta,pareceo aos Superiores,que ſe na
fizeſſe;aſſim o ordenáram ao Meſtre. Neſte tempo era Reyt
do Collegio o Padre Doutor Nicolao Pimenta,& Provincia
Padre Joaõ Alveres. Eram os inconvenientes graviſſimos ;
gaſtos que eſtavaõ feytos,& eſte ſe tinha pelo menor, o aggra
das peſſoas ſeculares,que hiam intereſſadasem ſe fazer a feſt
materia , que ſe dava aos diſcurſos livres de toda huma tam n
meroſa Univerſidade;indo todos ferir ao Author da obra , p
nenhum bem entendido ſe perſuadiria,que os Superiores imp
diriam couſa tam adiantada ſem grandiſſimos fundamentos.

6 Naõ faltou o demonio com ſuas coſtumadas diligenci
trazendolhe à memoria por meyo de alguns , o que ſe diria
Collegio,Univerſidade,& em toda a Provincia,& no Reyno,
qual aquella Univerſidade he hum como compendio;que nun
a outro Meſtre ſe tinha feyto tal injuria,nem era bem , que el
ſem a merecer , a ſofreſſe. Foy tanta a luta que teve comſig
ſenſivel da natureza,que na noyte depois do aviſo lançou mu
ta copia de ſangue pela boca , tudo effeyto da pena , que con
homem naõ podia deyxar de ſentir. Naõ faltou, quem lhe aco
ſelhava,que deyxaſſe a Religiaõ , pois em nenhum tempo pod
eſperar ſer honrado, de quem aſſim o deſcompunha , & afront
va,ſem nem ver cauſa no ſeu procedimento , que mereceſſe e
deſcredito,nem na ſua obra , que mereceſſe tam aſpera cenſu
Algum ſecular ouve bem illuſtre , & que na feſta hia muy int
reſſado,que para eſte intento de ſe ſahir da Religiaõ lhe trou
logo boa quantidade de dinheyro , fazendolhe grandes offere
mentos.

7 Eſteve o Padre Diogo Monteyro tam longe de aceytar ſ
melhantes offerecimentos,que os eſtranhou,dizendo,que nell
ſe lhe fazia mayor aggravo , que em ſe lhe ter impedido a ſ
tragedia;ainda que tiveſſe ſido ſem cauſa,& com mao animo ,
que elle naõ cuidava. Logo acrecentou grandes bens do eſta
Religioſo,dizendo ſer nelle tal a quietaçam, que difficultoſam
te,quem a profeſſa com goſto,ſe pòde lembrar , que naõ te
vontade propria,ſe lhe naõ vem por caſa alguma occaſiaõ eſp
cial,que lha encontre ; & que tragando os ſeculares tantos di
goſtos graves contra o ſeu querer,ſem merecimento algum,na
fazia elle muyto em ſofrer eſte por amor de Deos , eſtando ce

to

o,de quanto para com Deos se merece nestas molestias. Com stas,& outras razoens desenganou àquelle fidalgo; & mostrou, ue amava a sua Religiaõ mais, que a todo o mundo ; & que a onra propria era a primeyra cousa,que elle metia debayxo dos ès. Succedeolhe esta occasiaõ de tanto merecimento,tendo deaseis annos de Companhia, no anno de 1593.

8 Estes foram os alicerses, em que Deos começou a fundar grande edificio de virtudes , que levantou no Padre Diogo Monteyro. Procurou logo de se retirar do trato com os homẽs, se recolheo a ter huns Exercicios de Santo Ignacio , sem attender,a que se podia dizer , lhos mandavam tomar os Superiores, ou que os fazia por assim cozer comsigo a sua desconsolaaõ. Estes Exercicios foram como o fogo,em que se consumio a coria,& se purificou o ouro. Delles sahio tam firme na vocaaõ,que daquelle tempo atè o fim da vida,logo que pela manhã levantava,posto de joelhos , dava graças a Deos pelo conserar aquella noyte na Companhia,pedindolhe perseverança para futuro: o mesmo fazia à noyte, dando as mesmas graças pelo r conservado aquelle dia,& fazendo a mesma petiçaõ.

9 Deteve-se o Padre Monteyro naquelles exercicios mais as,que os ordinarios ; & delles sahio tam outro, que sendo a a vida neste teor cômum de bem procedido , avultou notavelente sobre si mesmo , & viam-se nelle tam conhecidamente as rtudes,que em poucos mais annos julgáraõ os mesmos Supeores,que o tinham antes mortificado ; avia nelle os requisitos ra ser Mestre dos Noviços no mesmo Collegio de Coimbra, nos olhos da mesma Universidade , diante dos quaes tinha decido tam grãde mortificaçaõ. O seu terceyro anno de Nociado passou nesta mesma casa de Evora , em que entràra na ompanhia : deolhe principio aos 10. de Abril de 1595. & no vro onde està a tal memoria , se diz,ensinára hum mez a dou-ina à portaria;que peregrinàra oyto dias. A sua profissaõ fomne dos quatro votos fez em Evora dia da Ascençaõ Senhor de 1597. Depois que se entregou de todo a Deos, em restante de sua vida foy hum maravilhoso exemplo de perfeyõ religiosa, desta iremos agora dando alguma noticia. Viveo guns annos no Collegio de Evora , onde leo curso de Filosofia hum anno, Escritura Sagrada dous mezes, Theologia esculativa,& moral dous annos , & foy hum anno Prefeyto dos studos. Depois foy por tres vezes Mestre dos Noviços em oimbra; duas o tiràram da occupaçaõ por queyxas ; de que

criava

criava mais os Noviços para vida eremitica,que para a commua
da Companhia: a primeyra o mandáram ser Reytor de Braga,
na segunda Prefeyto das cousas de espirito em Coimbra: porèm
o effeyto veyo desenganar aos zelosos, de que a criaçaõ do Padre Monteyro era a que queria a Companhia, porque os que a
tiveraõ,perseveravam sem no meyo dos estudos se esfriar, por
tanto quarta vez foy Mestre dos Noviços, & Reytor da casa de
Lisboa, depois Preposito da Casa de Saõ Roque, & Provincial.

CAPITVLO XXXIX.

Do seu trato com Deos,& presença quasi continua do mesmo Senhor.

1 DO trato,& familiaridade com Deos nascem como
de fonte todas as mais virtudes;pode-se dizer,que
nos ultimos trinta, & sete annos, que viveo, a mayor parte do
tempo se lhe foy em oraçaõ, naõ se contentando com os dias
que nella gastava inteyros, muytas vezes lhe dava tambem a
mayor parte das noytes:andava tam bem embebido em Deos, &
nas suas cousas, que cõ ellas sonhava,como os outros com as li-
das que trazem entre mãos: & assim acordava com estas mes-
mas cousas santas na boca,como testimunhàram, os que tiveraõ
occasiaõ de o observar assim nas jornadas, como nas doenças, &
outras occasioens. Desde aquelle tempo se começou a levantar
antemanhã tres horas,& quando menos duas;& como era Mes-
tre dos Noviços tinha em Coimbra a chave do Noviciado ve-
lho para o coro da Igreja, & nelle passava em oraçaõ aquellas
horas da madrugada diante do Santissimo, sempre de joelhos
ou em pè.Em se dando sinal a se levantar a Communidade,se re-
tirava para o Noviciado,a continuar a sua oraçaõ com os mais.
Este santo costume foy nelle inviolavel por toda a vida,pois nem
occupaçoens,nem falta de saude lhe puderam algum dia tirar,
como affirmáram naõ só os Noviços, que criou, mas os Irmãos
espertadores nas casas onde assistio,os quaes por mais cedo, q se
levantassem, sempre o achavam em oraçaõ no coro da Igreja.

2 Preposito da Casa de S. Roque, & Provincial guardou o
mesmo estylo. O que mais he, estando gravemente doente na
Casa de S. Roque, & no Collegio de Coimbra,de dores em hũa
perna,de que finalmente se lhe originàram herpes,naquellas ho-
ra

s se assentava na cama, cuberto com a roupeta, & sem se enco-
ar, tinha a sua oraçaõ, com assombro dos que lhe assistiam, &
sim o achavam. Nas jornadas, quando visitava a Provincia,
em outros caminhos largos, sendo muyto o cançaço, as forças
ucas, a idade de velho, o sono era muy pouco, por naõ aver
ta na sua oraçaõ, & nella se lhe passava a mayor parte da
yte.

3 Nas tardes sendo Mestre tinha a oraçaõ com os Irmãos
oviços, & tambem quando o naõ era, os acompanhava. Alèm
sto, gastava meya hora diante do Sãtissimo, & meya diante da
nhora todos os dias. De modo; que computados os tempos,
e orava, tinha cada dia quatro para cinco horas de oraçam
ental. Isto era nos dias ordinarios, que nos de festa, a começa-
pela meya noyte atè amanhecer. Alèm deste, todo o mais
mpo, que podia furtar ás suas occupaçoens, ainda sendo Pro-
ncial, o gastava nas Capellas, ou na Igreja, & quem o naõ a-
ava no cubiculo, jà sabia onde elle estava. Testimunhàram
ssoas dignas de fé, q̃ no tempo da oraçaõ o viram levantado
terra, & arrebatado em extasi, todo absorto em Deos.

4 Para criar os Noviços com affecto à oraçaõ, nos dias
is solemnes, como por mimo, chamava alguns mayores, & os
ava comsigo ao coro, & tendo elles huma hora de oraçaõ, os
ndava recolher, & successivamente chamar outros, ficando
e sempre continuando com todos atè se dar final a levantar a
mmunidade. Alèm disto todos os annos fazia por mais dias
s ordinarios os exercicios espirituaes; nelles largando as velas
ua devoçaõ, gastava noytes, & dias com Deos, nam comendo
ordinario mais, que huma vez no dia, & essa à noyte. Foy es-
devotissimo Padre hum dos homens de espirito, que mais pe-
trou a profundidade de doutrina, que se contém no livro au-
, & divino dos Exercicios de Santo Ignacio: delle tirou a-
ella sua Arte de orar, cheya toda de santos artificios, para
ir as almas com Deos por meyo da oraçaõ.

5 Deste santo varaõ se pòde dizer sem escrupulo, que sem-
andava em oraçaõ, naõ apartãdo o seu pensamẽto de Deos:
alquer obra que fazia, lha offerecia antes, & em sahindo della
go a examinava; & no meyo recorria frequentemente ao Se-
or cõ ardentes jaculatorias, & suspiros ao Ceo, cõ tãta suavi-
de, & doçura, q̃ causava devoçaõ, & admiraçaõ; porq̃ ainda en-
os negocios de mais importãcia naõ parecia ter no pensamẽ-
outra cousa mais que a Deos. Para este santo exercicio da

presença de Deos,fez quatro tratadinhos que andam na sua Ar-
te de orar,que chamou da Infancia, Vida, Payxaõ, & gloria de
Christo,repartidos pelos quatro tempos do anno; em cada hum
divide os mysterios competentes pelas horas do dia, dando
a cada hora seu especial, para nelle se considerar na tal ho-
ra.

6 Estas divisoens ensinou aos Irmãos Noviços, onde quer
que se achava,& dava a hora,lhes perguntava,que passo corria;
& logo tirando o barrete,tomava com elles a consideraçaõ,que
estava assinada para aquella hora, que se seguia:& era para elle
grande falta,esquecerse algum Irmaõ Noviço do passo. Nem só
tinha este estylo com os Noviços,o mesmo guardava, quando
se achava com alguns nossos, com quem tinha authoridade.
Quando porèm estava com pessoa superior, ou que se naõ
ouvesse de accommodar a este seu santo exercicio, se recolhia
dentro de si,de maneyra, que quem advertisse,via que naõ fal-
tava naquella ordinaria devoçam.

7 Onde quer que encontrava os Noviços, lhes perguntava:
Que cuydais agora? & se os achava esquecidos de Deos, lho es-
tranhava com suavidade. Quando algum dos que elle criàra
lhe vinha fallar,lhe perguntava logo, que passo corria; & por
que sabiam desta sua pergunta, despertavam em si a lembranç
de Deos. Com este santo cuydado procurava apagar, nos qu
entravam,os pensamentos do mundo,& affeyçoar a Deos as po
tencias interiores,para que sò nelle descansassem.

8 Em tudo procurava ter a Deos presente, & como á vis
de quanto fazia,tomando sua composiçaõ de lugar, pelo modo
que nosso Santo Padre ensina na oraçaõ quieta: nas occupa
çoens,a composiçaõ era de algum passo dos que corriam, fazen
do logo sua oraçaõ preparatoria:& para se naõ descuidar, toma
va seu despertador, como Santo Ignacio deyxou encomendad
se avia de fazer pela manhã, para se avivar o affecto, que ca
hum quer exercitar. O que o Padre Diogo Monteyro toma
além dos quartos do relogio, era de ordinario trazer nas mã
as contas,ao modo que dizia David: *Anima mea in manibus me
semper.*

9 Via-se esta continua presença de Deos em todas suas a
çoens,& na moderaçaõ de suas palavras: quem o visse,ou pass
do por hum corredor, ou por huma rua; em casa, & fóra dell
facilmente advertiria como animava todas as obras com a pr
sença de Deos. Para lhe ser mais facil esta presença, se apr
veyta

ẏtava de todas as cousas, que podem levar a Deos, como da
musica, do Ceo estrellado, das boninas, & flores, & naõ sò destas,
ue de si mais convidam, mas ainda das que offendem, como o
artelar dos ferreyros, & outras semelhantes. Na sua Arte ajũ-
u varios modos, com que os Santos procuravão estas lem-
ranças, para que cada hum se aproveytasse do modo que mais o
udasse; mas o seu principal, era considerar a Deos realmente
n todas as suas obras, formando alguma Imagem, em que sen-
velmente se achava mais recolhido.

CAPITVLO XXXX.

Continuase a mesma materia do seu affecto às cousas santas.

1 HUm grãde favor de Deos se reconheceo aver espe-
cialmente no Padre Diogo Monteyro, que foy
rlhe o Senhor recreaçaõ nas cousas espirituaes. Daqui nascia
dizer, como muytas vezes se lhe ouvio, que naõ queria, que
eos lhe pagasse na outra vida, se alguma cousa fizera por elle
esta, mas só lhe naõ pedisse conta das mercès, que lhe tinha
yto: tantas eram as consolaçoens, que delle tinha recebido, &
m devedor se conhecia. Na oraçaõ eraõ suas lagrimas muy
ntinuas, misturadas com grande suavidade, & doçura espiri-
al. A quietaçam, com que orava, era a que podia ser; nunca
este tempo se ouvia escarrar, nem fazer movimento cõ o cor-
o, como que sentia as mordeduras das moscas, ou de outros a-
malejos: em huma palavra, na sua oraçaõ se embebia tanto em
eos, que parecia esquecerse totalmente de si.

2 Antes da oraçaõ nunca admittio outro negocio, nem sem
raçaõ entrou a tratar, ou fazer cousa alguma. Sẽdo Provincial,
stimunhou o Padre, que foy seu companheyro, que por mais
ave, que o negocio fosse, & por mais pressa, que pedisse, sem-
re antes, de meter a mão a elle o Padre Diogo Monteyro, avia
e ter as suas horas de oraçaõ, rezar as menores do Officio Di-
ino, & ter dito Missa, depois tratava, o que tinha entre mãos,
izendo, que assim entrava com mais animo, porque o Senhor
avia de ajudar. Indo buscar a huns grandes Senhores des-
Reyno, com quem tinha hum gravissimo negocio sobre
ividas á Companhia, na tarde, que chegou, os foy visitar tra-
ndo só de cousas de Deos, & no dia seguinte, porque alli nam

avia casa da Companhia, se foy a hum Convento de Religiosos,
teve a sua oraçaõ, disse Missa, rezou as Horas menores, & depois
tratou o seu negocio, que effeytuou como desejava.

3 Sendo Prefeyto das cousas do espirito em Coimbra, est-
tava hum dia de sueto para ir á quinta, & o fazia algumas vezes
indo com os Irmãos estudantes para os ensinar a gastar as re-
creaçoens com Deos; succedeo, que os Irmãos destinados para
seus companheyros tinhaõ servido a hum hospede secular, que
se agazalhou no Collegio, & por esta causa se recolhèrão à me-
ya noyte, & pela manhã naõ puderam ter a oraçaõ na hora co-
stumada: tangeo-se à quinta, acodiram por nam deyxarem em
falta ao Padre; perguntoulhes este, como costumava, se tinhaõ já
tido a sua oraçaõ. Respondèram, que naõ, & deram a causa, acre-
centando, que na quinta a terião, & que acodiram por naõ fal-
tar a sua Reverencia: entam disse o Padre Monteyro: Naõ vou
eu á quinta, com quem naõ tem tido a sua oraçaõ: & dizendo is-
to, ainda que estava já com o bordaõ na mão, se voltou para o
cubiculo, & naõ foy: deyxando-os avisados com esta acçaõ, de
quanto deviaõ estimar aquelle santo exercicio.

4 Depois de ser a primeyra vez Mestre dos Noviços, o man-
dáraõ para o Collegio de Braga aonde foy Reytor; pedio po
companheyros dous Noviços, & com elles foy a pè, & peregri-
nando. Vespora de hum dia solemne chegou a hum Mosteyro
de Conegos Regulares, chamado Grijò, succedeo faltar Prèga-
dor pediram-lhe os Religiosos, que pois Deos alli o trouxera
lhes avia de prègar: naõ pareceo razaõ faltar, a quem com tod
a caridade o tinha hospedado. Occorreolhe logo, visto ser tam
pouco o tempo, prepararse nō da oração: mas considerādo mai
em si, julgou era tentaçaõ do inimigo; & para a vencer mais á
claras, se foy ter a oraçaõ de joelhos na Igreja, depois disse Mis-
sa, deo a communhaõ aos Irmãos, gastou o tempo costumado
em dar graças, & ficandolhe sò meya hora para se preparar, prè-
gou tam bem, que confessou, em sua vida o naõ tinha feyto me-
lhor; assistindolhe Deos naquella acçam repentina, por elle nam
ter deyxado a sua oraçaõ.

5 As principaes praticas, que fazia assim na Capella do Col-
legio, como aos Irmãos Noviços, eram sobre a oraçaõ, dizendo
ser ella hum como atalho, pelo qual mais brevemente se che-
gaõ a alcançar as mais virtudes. Quando tratava com pessoas se-
culares lha inculcava, & varios modos accommodados aos offi-
cios, & estados de cada hũ, para por meyo della se darem a Deos

Vend

endo isto hum grande Prelado deste Reyno, & queelle con-
ıpou os melhores lugares,dizia por galantaria,que o P. Diogo
Ionteyro era nestas materias grande taful: assim ganhou a este
relado para Deos,que se veyo a mudar de sorte, que os outros
enhores grandes o estranhavam,& desconheciam.
6 Costumava dizer: Que aquelle era homem de solida, &
erfeyta santidade,que perfeytamente sentia da oraçaõ:& accre-
ntava, que sem oraçaõ naõ podia aver santidade. Inventava
uytos modos para excitar a devoçaõ: dia da Exaltaçaõ da
nta Cruz,levava os Irmãos Noviços à sala grande das Esco-
s do Collegio,alli fazia arvorar huma fermosa Cruz; depois
ava o seu cilicio, que trazia posto, & alli o tributava à Santa
ruz; o mesmo faziam os Noviços à imitaçaõ do Mestre; de-
ois de lhe offertarem os instrumentos de sua mortificaçaõ, lhe
ziaõ ternissimos colloquios,em que sempre era primeyro, co-
o nas mais cousas.
7 Convidando os Noviços á Sagrada Communhaõ por oc-
siaõ das duas festas,que vem em Agosto, a de Saõ Lourenço
s dez,& a de Santa Clara aos doze;repartio o Padre Montey-
estes dias aos Noviços, dando a escolher a cada hum o com-
ungar no dia, que fosse mais devoçaõ sua. Escolhèram os de-
otos da Santa o seu dia; & os de Saõ Lourenço, o deste Santo
artyr,& nelle lhes deo a communhaõ, ficando os outros para
ua festa de Santa Clara; mas quando esta chegou, o P. Mon-
yro deo a communhaõ tambem, aos que no dia de S. Louren-
tinhaõ recebido o Senhor, em premio da sua escolha, que fi-
ram do primeyro dia,dando por razaõ, que as cousas da alma
õ se devem differir para mais tarde, quando se podem fazer
ais cedo.

CAPITVLO XXXXI.

De sua singular devoçaõ aos mysterios do Senhor,& à Vir-gem Mãy.

1 FOy singular a devoçaõ,com que dizia Missa; para ella se preparava alèm das horas de oraçaõ, que dis-
mos,com a confissaõ,que fazia infallivelmente todos os dias,
ondo sempre o cilicio. Comunicavalhe Deos neste Mysterio
rticular devoçaõ,como denotavam as lagrimas perennes, em
ue acabada a Missa estava o lenço tam ensopado, como se o ti-

 rassem

rassem da agua; & na noyte do Natal de ordinario lhe naõ bas
tava hum sò lenço: tal era a ternura, que sentia em sua alma, qu
parece lhe sahia o coraçaõ desfeyto em agua pelos olhos.

2 A elle se deve muyta parte da devoçaõ, com que atè o pre
sente em os Noviciados, & Collegios de criaçaõ desta provin
cia se celebra a noyte do Natal. Elle consultando nisso ao Pa
dre Soares introduzio cõmungarem os Irmãos à meya noyte
elle os colloquios, em que acabada a Missa se gasta grande part
da noyte, começando ordinariamente pelo Superior, & Padre
mais graves, & depois os Irmãos. Para mais solemnidade, & ale
gria Religiosa de todos, os que assistiaõ, mandava cantar os seu
Noviços, & tambem aos mais, sendo Superior da Provincia; &
para que nem se escusassem, nem envergonhassem desta acçam
elle mesmo cantava, & com seu exemplo tam edificativo dav
animo aos demais. Por causa desta devoçaõ singularissima a
Menino Deos nascido no Presepe de Belem, na estampa, que d
ste Padre se fez em Roma, o delineáram com as mãos postas, l
grimas nos olhos diante de Deos nascido no seu Presepe ent
dous brutos animaes.

3 Em todas as Missas, & mais na da noyte do Natal mostr
va tal autoridade, & magestade, que parecia ser homem sober
no, infundindo devoçaõ, & hum respeyto sagrado naquelles, q
assistiam. Ordinariamente dizia Missa, ou antes da oraçaõ, ou n
tempo immediato depois que se acaba, excepto quando por s
Superior em algum dia solemne a celebrava mais tarde. O tem
po, que nella gastava, era, o que diz a regra; porèm às vezes
succedia, dizendo Missa antes da oraçaõ, tangerse à oraçaõ a t
po, que avia de consagrar, ou a tempo, que avia de receber o S
nhor, se detinha diante delle toda a hora antes de consumir: a
çaõ que se naõ ha ordinariamente de imitar, senaõ em que
tiver o sentimento espiritual, & espirito semelhante ao que t
nha este grande servo de Deos. E jà S. Joaõ Chrysostomo dey
xou escrito, que Missa muyto comprida, nem elle a aconselhav
nem a estranhava, porque dependia do que o Senhor alli dava
sentir. Sem preceder largo tempo de oraçaõ naõ dizia Miss
nem entre estas duas cousas admittia outra occupaçaõ, que nã
fosse espiritual.

4 Sendo Provincial, indo de Evora para Lisboa, chegou
sesta feyra antes do Domingo das quarenta horas a Aldea G
lega; foy tal naquelle dia, & no Sabbado a tempestade, que se nã
pode embarcar senaõ pela meya noyte; chegou à portaria de
Roq

Roque no tempo, que se tardia à oração, logo sem tirar a capa dos hombros, se foy direyto à Igreja, disse Missa, desencerrou o Senhor, deo a communhaõ a muyta gente, gastando nisto largas horas sobre as da noyte, que tinha levado no barco sem descançar. Tivera o servo de Deos grandes desejos de naquella manhã assistir ao Senhor em Saõ Roque, & elle mesmo alèm de hos cumprir, lhe dava estes alentos tam espiritosos, com que andando tam consumido podia com trabalho, que em tal occasiaõ era sobre as forças do seu corpo.

5 Nunca deyxou de dizer Missa, senaõ por achaque, que lhe naõ permittia levantarse, & em quanto este o naõ impossibilitava, naõ faltava em a celebrar. Sendo Reytor do Noviciado de Lisboa, lhe aconteceo beber com grande sede huma pouca de agua depois da meya noyte, sem primeyro advertir nas horas no dia seguinte fez sua penitencia, a qual lhe leo hum Irmaõ Noviço da cadeyra do refeytorio, estando o Padre em pè, & descuberta a cabeça: a fòrma era esta: Digo a culpa do Padre Diogo Monteyro, por beber fóra de tempo, & por isso naõ dizer Missa, e lhe dà em penitencia, que coma no cham. Depois de celebrar gastava meya hora em dar a Deos as graças, por lhe ter feyto aquella mercè quotidiana.

6 A sua devoçaõ para com o diviníssimo Sacramento foy conhecidamente muy singular. Diante delle gastava quasi todo o tempo da sua oraçaõ. Sendo Mestre dos Noviços em Coimbra tinha a chave do Coro da Igreja velha, & sendo Prefeyto espiritual do mesmo Collegio, tinha tambem com licença chave para o mesmo coro, & nelle hia fazer suas madrugadas diante do Senhor todos os dias, excepto os que eraõ da Senhora, porque entam as fazia na sua Capella. Na Casa de S. Roque fazia esta devoçaõ na Igreja, & quãdo era Reytor do Noviciado, humas vezes na Igreja, outras na tribuna, que cahe na Capella mòr, em que està o Senhor.

7 Nos dias, em que estava o Senhor exposto, ou fosse pelas quarenta horas, ou por algum outro Jubileo, ou necessidade occurrente, gastava diante delle todo o tempo, sem ir comer, senaõ depois que se tornava a encerrar. Na Casa de S. Roque, em que avia nos taes dias de assistir às confissoens, acabadas ellas se hia para o coro a estar diante do Senhor, & dalli se naõ apartava, em quanto estava exposto, depois se desjejuava. Pelas Endoenças gastava não só o dia, mas toda a noyte em oraçaõ, com tal perseverança; que fazendo-se observação, se achou assistir quatro

tro,& cinco horas no meſmo ſitio atam immovel, como ſe fora huma eſtatua. Alèm diſto todas as tardes gaſtava meya hora diante do Senhor,& outra meya diante da Senhora,a que elle chamava viſitas por ſemelhança daquellas, que os amigos fazem huns aos outros; encomendando aos que tratava, & criava,as fizeſſem todos os dias ao menos por eſpaço de hum quarto cada huma. Pode tanto eſta ſua devoçaõ, que della ſe introduzirão em os Noviciados com os meſmos nomes de viſitas do Senhor, & da Senhora; & tambem em os noſſos Irmãos eſtudantes do Recolhimento,que todos os dias por ſua devoçaõ as fazem em Communidade diante do Sãtiſſimo, acabados os eſtudos da tarde,& nos dias feriados em horas para iſſo deputadas. A perſeverança neſtas devoçoens dizia o Padre Monteyro ſer ſinal de averem os noſſos Irmãos de perſeverar no bem da virtude,& da Religiam;& a experiencia o moſtra, porque ordinariamente os que vem a deyxar a Companhia;pelo deſcuydo que tem neſtas couſas, começaõ a fazer agua,& dar principio ao ſeu naufragio.

8 Enſinava a fazer todos os dias oraçaõ vocal ao Sãtiſſimo, na qual lhe pediſſem graça,viſto eſtar nelle como em ſua fonte. Tambem moſtrava ſingular agrado, quando delle ſe fallava cõ fervor, No meyo da ſomana,ſendo Meſtre dos Noviços, quando os Irmãos Coadjutores commungavam,mandava concertar a Capella, exortando a todos ſe aproveytaſſem do favor, que Santo Ignacio fizera aos Irmãos daquelle eſtado, encomendandolhes commungaſſem no meyo da ſomana. Era liberal em dar licença aos Irmãos eſtudantes para commungarem no meyo da ſomana, como tambem para tomarem diſciplina nas coſtas, & fazerem outras penitencias publicas no refeytorio nas veſporas da Senhora,ſendo elle em tudo o primeyro.

9 A devoção da Senhora foy huma das ſuas principaes. Todos os dias lhe rezava o ſeu Roſario,& aos Irmãos mais deſoccupados por ſua profiſſam,como ſam os Irmãos Coadjutores, encomendava muyto a devoção do Roſario,as Ladainhas, & tres Ave Marias à honra de ſua pureza,antes,no parto, & depois do parto. Aos Irmãos eſtudãtes alẽ da viſita,q̃ diſſemos, lhe enſinava a rezar a Coroa cõ particular applicaçaõ,& devoção;& muytas vezes rezãdo-a dous alternadamẽte; & deſte modo a rezava elle nos caminhos cõ o cõpanheyro, acrecẽtando no fim de cada hũa das decadas as cõſideraçoẽs dos myſterios da Virgẽ Mãy,& às vezes o verſo Gloria Patri. Todos os Sabbados jejuava em

honra

onra desta Senhora,& muytas vezes a paõ, & agua. Nos mes-
nos dias elle, & os seus Noviços meditavaõ nas suas excellen-
ias. Correspondeo a Senhora como tam agradecida, que he, a
ste amor com singulares favores. Entre muytos se divulgou
or cousa certa, que lhe apparecèra cercada daquelle resplãdor,
magestade, com que no Ceo se deyxa gozar aos bemaventu-
ados, querendo com esta bella vista recrear, a quem tam de co-
açaõ a servia, & procurava que todos a servissem.

CAPITVLO XXXXII.

Da miudeza de sua consciencia, & exacta observancia das regras, & votos.

1 A Miudeza da sua consciencia foy das mais exactas, q se referẽ dos homẽs santos. Todos os dias á noyte e confessava; & porq naõ lhe esquecessem as faltas, trazia comigo hum caderninho, em que as apontava, & por este he, que zia a sua confissaõ, como dos tres annos que foy Provincial, ffirmou o Padre seu cõpanheyro, q era o seu Confessor; & que esta materia nada ensinou aos outros, que naõ guardasse comgo. Era dito seu: Ou isto he nada, ou he algũa cousa, se nada, dejo nam ficar em escrupulo, & se he algũa cousa; muyto, mais. elo mesmo caderno se confessava todos os mezes geralmente: & alèm disto, outras muytas vezes fazia estas confissoens geaes; dentro dos ultimos quatro mezes fez duas de sua vida. Na lareza das confissoens, & cõta, q dava de sua alma a seu Confessor, fazia ventagem aos mais exactos Noviços; nam se fiando ousa alguma de si nas materias, que lhe tocavam; lembrãdo-se requentemente do dito de Santo Ignacio, que nas cousas proprias naõ saõ os homens cõmummente bons juizes; isto, dizia o adre Monteyro, tinha especial lugar no Sacramento da penitencia, pois Christo dando poderes tam amplos aos Sacerdotes m ordem à absolviçam, & julgarem aos outros, & tantos ao seu Vigario na terra, só lhe naõ deo poder para nas confissoens serem juizes de si mesmos, senaõ que os sugeytou a outros homens.

2 A tam miudas confissoens precediam rigurosos exames le consciencia. O geral fazia todos os dias: era infallivel nas ornadas em cumprir com os dous exames assim do jantar, como da noyte, que manda a regra: até os dias, em que ella põem

excep-

excepçam no exame do jantar, & escusa delle, pontualmente o
fazia este servo de Deos, ainda que fosse o ultimo, que se levan
tava do confessionario: em Saõ Roque consta que nestes dia
de muyto confesso, por mais tarde, que viesse do confessionari
para o cubiculo, avia de fazer o seu exame de consciencia, ante
de ir à mesa. Nas jornadas, se acaso succedia fazerse com elle al
guma pessoa secular, em sendo tempo do exame, tambem tinh
modo, com que aquella pessoa se examinasse no mesmo tempo
A exemplo de nosso Santo Padre examinava todas as horas a
suas occupaçoens, & modo, com que se avia nellas, & isto enco
mendava muyto a todos, os que elle criava.

3 No exame particular, que Santo Ignacio tanto quiz er
seus filhos, naõ teve outro filho este Santo Pay, que delle fizess
mais estimaçaõ. Dizia, que se Deos lhe desse a escolher, ou
fazer este exame bem feyto, ou resuscitar hum morto; elegeri
antes fazer bem o exame; porque naõ sò recebia nisso favor d
Deos, mas tambem lhe fazia serviço, & se adiantava no apro
veytamento proprio. Era dito seu, que com tres cousas podi
hum Religioso alcançar em breve a perfeyçaõ: vinham estas
ser: Oraçao, devoçam de Nossa Senhora, & exame particular, &
deste em especial dizia muytas vezes bastava, para fazer a qua
quer homem santo.

4 Na observancia das regras teve summa exacçam ainda na
mais miudas. A sua modestia era venerada de todas as pessoa
seculares, com quem tratava, olhos fitos nam os poria em pesso
alguma. No vestir o fazia com tanta modestia, quanta insinuav
aos seus Noviços; a quem dizia, se aviam de vestir com tal com
postura, que o pudessem fazer no meyo da praça. No lavar o
pès assim aos hospedes, como a si mesmo, encomendava o me
mo recato, que tudo se fizesse debayxo do pano, cõ que se aviam
de enxugar. Para ensinar aos Irmãos Noviços dormir compo
tos, os visitava algumas vezes no veraõ, levando comsigo as di
ciplinas, & se achava, que algum com o sono tinha os braço
de fóra, o feria com a disciplina, & fazia compor.

5 A regra de tocar era huma das suas mais mimosas, com
tam necessaria, a quem professa imitar aos Anjos na pureza. S
avia de dar huma veronica a hum Irmaõ Noviço, lhe mandav
abrir a mão, & nella lha deyxava cahir. Assim como no dar cõ
ta de si a seu Padre espiritual era miudissimo, assim o era em
tomar aos mais, quando fazia officio de Prefeyto espiritual, po
cumprir com a sua regra. E quando Mestre dos Noviços tinh
ness

ſta materia ſingular exacçam, gaſtando nella o dia, nenhum ſe
e avia de paſſar, que naõ fallaſſe com todos, ou com a mayor
rte dos Noviços. Nos dias de quinta, & de recreaçam hia to-
ando conta pelo caminho, quando hia, & quando voltava, cha-
ando-os ſucceſſivamente; o meſmo fazia a huns, em quanto
gavaõ os outros, & ſe recreavam.

6 Naõ avia falta, que mais ſentiſſe, do que era a pouca ver-
ade, & clareza neſta materia, dizendo, naõ podia curar o Medi-
o ao doente, ſe foſſe defeytuoſo na informaçaõ, que dava de ſeus
haques: alèm de que eſte meyo era muy eſpecial da Compa-
nia, dado por Deos a noſſo Santo Padre, & o enſinam os Sã-
os, utiliſſimo para acodir ás tentaçoens, pois ſó de ſe ver o de-
onio deſcuberto, ſe dà por vencido. Facilitava eſta confiança
os ſeus ſubditos, com ſaberem ficavaõ com a cõta remediados,
mais ſeguros do amparo de ſeu Superior. Aſſim o experimẽ-
u entre outros hum Noviço, ao qual ſuccedeo hum caſo bem
rave, pelo qual merecia ſer deſpedido; & pondo ſe em conſulta,
ndo que era naquelle particular de culpa muy rigoroſo, diſſe,
ue o Noviço naõ avia de ſer deſpedido, porque dera conta da
onſciencia, & do ſeu defeyto, & por tanto merecia ſer perdoa-
o, como em effeyto ſe lhe perdoou, & o naõ deſpediram. O ſe-
redo, que neſtas materias guardava, era tanto, que nem nas pra-
cas dos Noviços, nem nas que fazia á Communidade, ſe lhe
uvia couſa, que ſe pudeſſe julgar, tocava em falta de alguem,
u em alguma, que ouveſſe na Communidade. A materia das
as exortaçoens era ordinariamente da oraçaõ, da caridade, &
niaõ com Deos.

7 A obſervancia dos votos era a medida da que guardava nas
ais obrigaçoens. Ainda nas couſas do ſeu officio, em que tinha
ais experiencia que os Superiores, aſſim ſe accommodava com
ſeu parecer, & diſpoſiçaõ, como ſe naõ entendèra outra couſa;
m nenhuma moſtrava contradiçaõ, ao que elles ordenavaõ: em
udo era a meſma ſugeyçaõ. Duas vezes o tiráraõ de Meſtre dos
Noviços, por queyxas que ſe davão aos Superiores das ſuas ex-
ravagancias, como lhe chamavaõ; mas elles depois conſideran-
lo a ſua modeſtia, & a falta q́ fazia naquella occupaçaõ, o tornà-
am a meterem nella. Naõ ouve couſa de trabalho, da qual, ſendolhe
rdenada, ſe eſcuſaſſe. Sò quando o fizeraõ Provincial, moſtrou
ãta repugnãcia, & ſe eſcuſou tam efficazmente, q́ foy neceſſario
dizerſelhe, que ſe mais repugnava, lhe poriam virtude de obedi-
encia.

8 Algu-

8 Algumas vezes perguntou aos que elle criava, que fariam se acaso por algum tempo se achassem sós em hum Collegio, & depois de varias consideraçoens, lhes ensinava, em como na ta occasião, quem assim se achasse sò, avia de tanger à oraçaõ, exa mes, mesa, & mais acçoens de Communidade, & acodir a ellas como se todos estivessẽ em casa, & ouvessem de acodir; & que as sim he que durava a observãcia das regras, & se via o amor, qu cada hum tinha de as guardar. Da pobreza foy tão amante, qu em sua vida nunca teve imagens, nem cousas de preço no seu cu biculo: dandoselhe por vezes Crucifixos, ou laminas de valor, lo go os dava, ou applicava a alguma Capella, como fez a huma lamina grande da Senhora de S. Lucas, que ficou do Padre Frã cisco Soares Granatense, a qual applicou ao Noviciado de Lis boa, aonde está; & com razaõ se deve conservar, por ser peça d dous homens tam santos. Depois de sua morte só se lhe achàra alguns poucos papeis velhos de praticas, ou prégações, as quae todas eram mais tiradas das suas meditaçoens, que dos livros que tinha nos cubiculos, onde morava.

CAPITVLO XXXXIII.

Da rara mortificaçaõ deste servo de Deos.

1 HOmem tam amigo da oraçaõ, jà se vè, que avia d ser mortificado. Axioma era de nosso Santo Pa triarca, que o homem de muyta oraçaõ, se ella he, qual deve ser he tambem homem de muyta mortificaçaõ. Dizia o P. Diogo Monteyro, que com a oraçaõ se mortificava cada hum a si to do, & em todas as suas partes, potencias, & sentidos. Porq fallan do das potencias da alma, o entendimento se mortifica estãdo a tado a meditar em certos pontos, & materias determinadas, sem andar vago ainda em outras materias de si boas, & santas. Co nhece a sua vileza, & as obrigaçoens, que tem de servir a Deos cortando por si: a vontade concebe hum grande desejo de se do minar, & hum santo odio, com que se persegue nas cousas, que lhe podiam ser de alivio, privando-se dellas.

2 Os sentidos exteriores tem sua violencia, porque os olhos se haõ de ter ordinariamente fechados, ou fitos em algũa imagẽ devota, ou no Ceo, ou na terra, sem andar com elles de hũa parte para outra. O ouvir se mortifica, por se escolher lugar retirado, fòra de qualquer estrondo, & de vozes, que divertem. As mãos

se

se haõ de ter levantadas,ou ao menos compostas: a postura do corpo ha de ser de joelhos,ou em pè,ou em terra,& pelo menos quando a necessidade naõ permittir outra cousa,em assento bayxo,& humilde. Ha-se de sofrer a molestia dos animalejos, com os quaes ás vezes o mesmo demonio procura desenquietar. Assim discorria o Padre Diogo Monteyro, acrecentando, que os cilicios,& disciplinas mortificavaõ huma só parte do corpo, como tambem outras penitencias, mas a oraçaõ era afflictiva de todo o homẽ interior,& exterior. E isto sẽ fallar nas securas, & descõsolações, cõ q̃ Deos prova muytas vezes neste sãto exercicio aos seus, para que se humilhem,& saybaõ que de si sò tẽ miserias: nas quaes occasioens padece muyto,quem persevera.

3 Como a oraçaõ do Padre Diogo Monteyro era tanta,della se vè,quam grande era a sua mortificaçaõ. Muytas vezes no tempo,que orava,foy visto,ser molestado das moscas,elle as naõ sacodia,nem ainda se confrangia,em final, de que sentia suas picadas. A postura era sempre de joelhos,ou em pè,& quando estava doente,se assentava no cham sem se encostar. O seu ordinario modo era dormir poucas horas no principio da noyte, & logo se levantava a ter oraçaõ.

4 Sendo a lingua hũa das cousas mais indomaveis q̃ o homẽ tem em si,a sugeytou o Padre Diogo Monteyro,quanto nam he explicavel em poucas palavras. Era elle de natureza viva,& sanguinea, propensa a se alegrar; mas depois que se entregou de todo a Deos,se lhe naõ ouvio palavra mais alta,ou agastada, nem de zombaria; muyto menos palavra,em que murmurasse de falta natural, ou moral de outros,ou que fosse de louvor seu. Por mais publicas,que fossem as faltas alheyas,& mais sabidas,naõ se ouviriam da sua boca; era grande estimador de todos, achando sempre nelles,que louvar,& nada que desfazer. Em os negocios era raro o seu silencio,as palavras todas como se as estivesse cõtando huma por huma. Por espaço de quarenta annos, excepto as materias,que precisamente pediam outras praticas, as deste naraõ do Ceo assim com os nossos, como com os seculares só haviam de ser de cousas santas. Deolhe Deos nesta materia grãde suavidade,por causa da qual nem molestia, nem enfado causava as pessoas,com quem fallava.

5 Nas visitas,que fazia por causa de ser Superior, & negocios,em que tratava com pessoas seculares, começando antes cõ Deos,depois cahia em o seu negocio,& dito sobre elle, o que era preciso, se tornava a meter nas praticas do Ceo, com as quaes

ſuavemente attrahia , & affeyçoava os coraçoens. Quem leſſ
huma carta ſua,leria nella não mais que devoção , & ſantidade
que a eſpiravão todas as palavras , com que eſtava eſcrita. Nel
tas materias de fallar de couſas ſantas ganhou tanta autoridade
que os mayores Senhores, & Prelados do Reyno,quando trata
vam com elle,jà ſabião,que eſte era o ſeu eſtylo, & que ſe avia
de accõmodar a elle ; & com eſte preſuppoſto o buſcavam.

6 A eſte meſmo fim encaminhava com grande deſtreza a
praticas,que ſe dirigiam a outro. Indo fazer Miſſaõ a huma ter
ra grande deſte Reyno, vieram encontrallo as peſſoas nobres d
terra,para lhe fazerem cortezia,& gazalhado; o Padre para da
hum còrte a vãos comprimentos,vendo à entrada o adro de hũ
Igreja,perguntou,que couſa era aquillo,como ſe o nam ſoubera
& reſpondendoſelhe,que era adro;replicou perguntando : Tam
bem neſta terra ſe morre? & tomando daqui occaſiam , fallo
da morte com tanto eſpirito , que os meteo a todos por dentro
& os edificou grandemente. Quando ſe achava entre peſſoa
que praticavam de couſas,que naõ eram de Deos,ſem ſerem pra
ticas roins; ou pela qualidade das peſſoas, ou pela circunſtanci
das couſas,naõ avia lugar a meter ſua coſtumada pratica , naõ ſ
ſe calava totalmente,mas lhe acontecia, virlhe facilmente ſono
como ſe conta de hum dos Padres do ermo.

7 Diſciplinava ſeu corpo todos os dias rigoroſamente ; a
guma vez certo Religioſo ſe parou junto donde o Padre Diog
Monteyro ſe açoutava, & por curioſidade começou a contar o
açoutes,contou atè trezentos, & como continuaſſe , o Religio
ſo ſe deyxou da ſua curioſidade enfadado de contar. El
introduzio nos Irmãos a diſciplina de todos os dias , que po
ſua devoçaõ toma cada hum nos ſeus cubiculos antes de ſe reco
lher. Tambem tomava muytas vezes diſciplinas nas coſtas n
refeytorio,do modo que entre nós introduzio a devoçaõ. Na
faltava com ella nas veſporas das ſolemnidades da Senhora , d
Santo do ſeu nome,& de outros Santos da ſua devoçaõ eſpecia
veſpora do dia em que entrou na Companhia,& do dia , em qu
profeſſou ſolennemente. Nunca ſem elle ſahiraõ com eſta p
nitencia ao refeytorio os Irmãos Noviços , quando era Meſtr
& ſendo Prefeyto eſpiritual , nunca , ſem elle os acompanhar
faziam os Irmãos eſtudantes ; o meſmo eſtylo guardava ſend
Superior. Quando eſtava doente, & com herpes em huma pe
na,tomava os açoutes na barriga da outra. Tal era , & a tan
chegava o deſejo de ſe affligir,ainda quando o atribulavam c
achaques.

8 Na

8 Naõ era menor a frequencia do cilicio ; todos os dias o
unha atè o tempo da Missa. Nos dias mais solemnes alèm de
trazer mais tempo,acrecentava outros cilicios,como nos bra-
os,& pernas,porque estava delles bem provido , dizendo que
stas eraõ as suas armas. Sò dia de Pascoa da Resurreyçaõ orde-
ava aos Irmãos Noviços , naõ puzessem o cilicio em honra da
loria do Senhor,& elle tambem aquelle dia o naõ trazia pela
nesma causa.

9 No trato de sua pessoa foy conhecidamente descuydado,
edindo no vestir sò, o que era necessario;porèm esta sua pobre-
a era muy limpa,& assim procurava fosse nos demais,que esta-
am a seu cargo. Elle foy o primeyro Mestre de Noviços , que
e vestio de pardo,& este seu bom exemplo seguiraõ depois , os
ue na Provincia fizeram o mesmo officio. E porque ensinava
os Irmãos Noviços,que nem estando cõ gente , nem assenta-
os na mesa,se encostassem, era nesta materia muy exacto : co-
no tambem o era,em deyxar sempre na mesa o melhor bocado,
ue como elle dizia aos Irmãos Noviços,se avia sempre de dey-
ar para o Menino Jesu. Na mesa ninguem lhe vio algum dia
edir cousa para si,ainda que por falta dos dentes , nam pudesse
omer,o que se lhe tinha posto para o seu sustento. Para se hu-
nilhar,& ensinar aos Irmãos, hia por vezes em corpo com al-
uns delles,& traziaõ ás costas , o que o Procurador comprava
ara casa. Outras,chamãdo-os a todos,& dispondo-os em roda,
nes beyjava os pès,& logo atraz delle hiaõ fazendo o mesmo,&
ela mesma fórma os Irmãos Noviços. Naõ avia cousa bayxa,
ue ensinasse com a palavra , que naõ exercitasse com o exem-
lo. Era inimigo de particularidades na mesa, muytas vezes pas-
ava sò com paõ duro,& negro,que se reparte aos pobres, comẽ-
o como hum delles.

10 Por vezes hia com alguns Noviços a comer com os po-
res da Portaria. Pediolhe hum Prior de S. Domingos de Lis-
oa seu amigo,que no dia do seu Santo Patriarca avia de ser seu
osped;tanto o importunou,que o Padre lhe deo o sim: no dia
o Santo vestido de pardo com dous Noviços foy comer com
s pobres à portaria do Convento de S. Domingos , & no fim
a sua mortificaçaõ,disse ao Porteyro, dissesse ao Reverendo P.
Prior,em como cumprira a sua palavra. O mesmo lhe succedeo
endo Preposito de Saõ Roque com o Padre Reytor do nosso
Collegio de Santo Antaõ; este o convidou para ser seu hospede
o dia de Santo Antaõ,& como aceytasse,se foy no dia em cor-

po com os Irmãos Noviços á portaria do carro, & depois de co
mer com os pobres,diſſe ao Porteyro, que da ſua parte ſignifi
caſſe ao Padre Reytor em como tinha feyto ſua obrigaçaõ, &
cumprido a palavra,que dera de ſer naquelle dia ſeu hoſpede.

11 Sendo o Padre Diogo Monteyro de natureza ſeco, & ca
lido,bem ſe deyxa ver, quam cuſtoſos lhe ſeriam os jejuns;ma
nem por iſſo deyxavaõ de ſer continuos: infalliveis eram toda
as ſeſtas feyras,& Sabbados do anno,as veſporas da Senhora, &
de outros Santos, que naõ tem jejum de obrigaçaõ: nos mai
delles, & nos jejuns da Quareſma naõ tomava á noyte a co
ſoada,que ſe coſtuma. Já fica dito o eſtylo,q̃ guardava nos dia
que eſtava recolhido em Exercicios,que era comer huma ſó ve
no dia,& eſſa á noyte,para mais deſembaraçadamente gaſtar o
dias em oraçaõ.O meſmo fazia outras vezes por cauſa das muy
tas confiſſoens,que ouvia,ou de prégaçoens de repente em avē
do qualquer neceſſidade.

12 Do ſono tirou muyto ao corpo com as continuas vig
lias,que ficam apontadas:alèm deſtas,muytas vezes ſe naõ dey
tava em cama; como nos dias mais ſolemnes,em q̃ começava
ſua oraçaõ pela meya noyte; porque encoſtando-ſe ſempre de
pois que a Communidade ſe recolhia,aquellas duas,ou tres ho
ras atè à meya noyte paſſava deſcanſando aſſentado na cadey
ra, ou veſtido ſobre as taboas da barra. A' medida deſte deſape
go,que tinha comſigo,era o de ſeus parentes, o amor para co
elles eſtava neſte bom Padre tam mortificado, como ſe naõ fo
ſe de carne,& ſangue. Prelados,& Senhores ouve de grande po
der no Reyno,que teriam por alvitre,pedirlhes alguma couſa
Padre Diogo Monteyro,por tāto naõ lhe era difficultoſo gra
gearlhes officios honroſos,& proveytoſos,porèm elle nunca e
couſa alguma tratou de os melhorar. Algum,que ſe achava co
muytos filhos, & tinha por eſta cauſa juſta razaõ de eſpera
delle,lhe fizeſſe com o ſeu patrocinio alguma caridade, ſe ch
gou a queyxar do Padre Diogo Monteyro; ao que elle reſpo
deo,com toda a clareza,& ſerenidade,que elle era filho de lavr
dor,& aſſim que naõ avia de melhorar ſeus parentes cō lhes grā
gear outras honras.

13 Muytas vezes lembrava aos Irmãos Noviços, deſſe
graças a Deos,como elle fazia,quando na meſa achava naõ ſò
que era neceſſario para paſſar a vida, mas outras couſas, co
que a Companhia acode de mais a mais a ſeus filhos, acrecen
tando tambem em certos dias mais eſpecialidade: alèm diſto f

zi

ia reflexaõ ſobre o ſaleyro , faca, garfo, colher,& outras miu-
lezas, que ſervem para o aceyo da meſa,que os homens ricos, &
oderoſos (dizia elle) naõ tem em ſua caſa,nem guardam com
eus filhos,como a Companhia o coſtuma fazer com os ſeus.
De tudo iſto tirava materia de ſe humilhar , & eſtimaçaõ do
rande bem,que tinha na Religiaõ. Aonde (dizia) me ſervem
aes peſſoas em virtude,letras,& outras partes,que ainda que eu
ora grande no mundo,naõ me aviaõ de ſervir a mim , antes eu
s avia de ſervir a elles.

CAPITVLO XXXXIV.

Do grande ſofrimento deſte ſervo de Deos , & notavel valor nas couſas do ſerviço de Deos, & bem da Religiaõ.

1 DE ſua tam rara mortificaçaõ naſcia hum ſofrimen-
to em nada inferior. Para prova delle ſobejava , o
ue fica referido,de quando ſe lhe ordenou nas veſporas da tra-
edia,a naõ fizeſſe ; que conſideradas bem as circunſtancias , &
nodo com que o Padre ſe ouve, foy aquelle ſofrimento na ma-
eria deſta virtude acto em tudo,quanto em ſi teve , muy heroi-
o,& abalizado. Nas occupaçoens,& officios, que teve,nam lhe
ltou materia de paciencia , aſſim em ſofrer queyxas mal fun-
adas,como as ſem razoens de alguns pouco contentes;que ſem-
re os ha nas Communidades grandes , para exercicio dos vir-
uoſos: por nenhũa deſtas occaſioens ſahio o Padre Diogo Mõ-
eyro em palavra agaſtada,ou que denotaſſe huns longes de im-
aciencia. O ſeu animo todos conheciaõ eſtar longe de quaeſ-
uer ſombras de vingança. Vio-ſe iſto alèm de outras vezes,no
ue lhe aconteceo com hum Meſtre dos Noviços,que ſuccedeo
o officio ao P. Diogo Monteyro:quiz poucos dias depois de o
rarem do Noviciado, fallar a hũ Noviço , que ſabia eſtar ten-
do;pedio para iſſo licença ao Meſtre , o qual lha negou. De-
ois como o Padre Monteyro tornaſſe para Meſtre dos Novi-
os,& ſuccedeſſe àquelle meſmo Padre , chamou a todos os Ir-
ãos Noviços,& lhes diſſe , que em quanto aquelle Padre eſ-
veſſe em caſa,podiam ir ao ſeu cubiculo,como a ſeu Meſtre de
Noviços,que elle lhes dava a todos licença para aſſim o faze-
em. Viſitando o Collegio de Evora , quando era Provincial,
via alli hum Religioſo , que ſem razaõ ſe dava por aggravado
o Padre Provincial, & delle ſe retirava. O Padre ſe foy ao ſeu

cubiculo,& poſto de joelhos,lhe pedio perdam , ſe acaſo o tinha offendido; com a qual acçam edificou a todos os que della tive- ram noticia, & com eſta ſua paciencia corregio as deſattéçoens daquelle ſubdito.

2 Diſſe hum Padre,que em vinte , & quatro annos , que co- nhecèra,nunca de couſa,que padeceſſe,o ouvira queyxar , ſendo que em vida tam auſtera , nam faltavam occaſioens de ſe doer. Sendo Provincial andou mais de hum anno com huma chaga em huma perna , na qual finalmente veyo a ter herpes , & dores que elles trazem comſigo,entre ellas nem ſe ouvio queyxar , nẽ ſe vio faltar nas obrigaçoens do ſeu officio , nem nas coſtuma- das horas de oraçaõ.

3 Entrava nos ſetenta annos de idade,quando o fizeraõ Pro- vincial;naõ quiz ter Irmaõ Coadjutor, que o acompanhaſſe, & ſerviſſe,como a regra concede aos que tem eſta occupaçaõ , fa- zendo elle a viſita da Provincia ſò cõ o Padre ſeu companhey- ro: mandou vender as mulas , em que andavam os Provinciaes para pagar alguns juros da Provincia,& ſe ficou ſem eſta cõmo- didade para os ſeus caminhos,fazendo-os em beſtas de aluguer com o diſcomodo,que ſe vè em tantas, & tam compridas jorna- das.

4 Foy verdadeyramente varaõ humilde , & deſprezador d honra: era venerado dos de caſa, & dos de fóra , entre toda eſt eſtimaçaõ,ſe lhe naõ ouviria palavra em abono ſeu. Jà acodi por ſi em materias de honra,naõ avia que ſonhar tal couſa. Hu ma vez diſſe ao Padre Nuno da Cunha ſeu companheyro ſend Provincial,& que fora ſeu Noviço, & era ſeu Confeſſor , & po eſta occaſiaõ lhe diſſe:Ora querovos dizer huma couſa : ſend Meſtre dos Noviços primeyra , & ſegunda vez, fuy muytas ve zes ſindicado a Roma, humas vezes de que com as vigilias , & penitencias fazia mal á ſaude dos Noviços , outras que com muyta oraçaõ,& trato com Deos lhes quebrava as cabeças ; em fim me tiràram a primeyra , & ſegunda vez de Meſtre do Noviços. Nunca eſcrevi palavra a Roma ſobre eſtas materia nem a outro Superior em minha defenſa , dizendo comigo: Se couſa he de Deos,elle a defenderà;& ſe eu me engano,naõ quer defender o meu erro. Iſto dizia eſte ſervo de Deos , & o effeyt moſtrou,que o ſeu eſpirito era de Deos , porque tres vezes o fi zeram Meſtre dos Noviços, & a eſte ſeu Magiſterio deve muy to toda eſta noſſa Provincia; que as ſuas boas , & ſantas inſt tuiçoens ſaõ as que hoje tem em ſeu ſer o perfeyto eſtado do

noſſ

nossos Irmãos Noviços,que he dos mais ajustados , que ha na Igreja de Deos. Da grande desconfiança de si teve principio a muyta confiança,que fez de Deos nas cousas, que emprendia, sem fazer caso algum de respeytos humanos. Nada temia em se persuadindo,que intervinha serviço de Deos, no que avia de fazer. Naõ faltáram contradiçoens a muytas cousas, que a sua devoçaõ introduzio: pareciam novas,& desuzadas,& por isso conciliavam poucos fautores,mas elle as levou adiante, & todas cedèram em grandes augmentos da virtude.

5 No anno de 1631.sendo Rey de Hespanha Filippe Quarto, por especial empenho do Valido quiz El-Rey fazer Bispo ao Padre Salazar. Ordenou o Padre Geral Mucio Viteleski aos Provinciaes das sinco Provincias de Hespanha, fossem todos a Madrid,sobre encontrar esta eleyçaõ tam prejudicial ao bem da Companhia. Foy a Madrid com os mais o Padre Diogo Monteyro,& naquelle negocio se ouve com o zelo, que pedia o bem commum da Companhia, sem attentar pela vontade do Valido,nẽ do Rey. No tempo, que esteve naquella Corte, dava todos os dias à noyte as meditaçoens no seu cubiculo, & muytos Padres homens de espirito concorriam a ouvillas, com grande consolaçaõ de suas almas pelo espirito,com q̃ elle as costumava dar. Neste mesmo tempo as noytes quasi gastava todas em oraçaõ,& porque a Igreja estava algum tanto desviada, o Padre Reytor lhe dava a chave da tribuna, que cahe na Capella mòr, para de noyte alli orar,como fazia diante do Senhor.

6 Tambem mostrou grande valor em cobrar as dividas, & desfazer os empenhos, em que esta Provincia estava posta por respeyto de alguns Senhores seculares.E tẽdo primeyro cõ elles os devidos cũprimentos,foy em pessoa á Villa de Azeitaõ pedir aos Duques de Aveyro,pagassem as dividas,ou as tomassem sobre si: & como lhe naõ deferissem, logo lhes pedio licença para os citar; & sahindo depois de o ter feyto com toda a resoluçam, disse ao companheyro o de Terencio: *De facto animo ego aggrediar*: dando a entender o animo, com que avia de levar adiante, o que começàra; & se bem o disse, melhor o fez. Logo moveo demanda á casa de Aveyro, & dentro de hum anno ouve sentença contra ella,& a executou,& arrecadou quarenta mil cruzados, que se tiràram logo de cambios; & para as mais dividas deyxou correntes os pagamentos, que os rendeyros daquella casa aviam de fazer á Companhia, sem ser mais necessario tornar a entender com aquelles senhores. Bem verdade he, que acaban-

cabando de ser elle Provincial, se desfez aquelle contrato, aceytando a Companhia outros modos de pagamentos, de que depois bem se arrependeo, & lidou, mas sem proveyto, de se porem os pagamentos, como o Padre Monteyro os deyxàra correntes.

7 Naõ sò com os senhores da casa de Aveyro mostrou a sua resoluçaõ, mas tambem com a casa do Conde de Linhares, do Baram, & outras, por causa das quaes a Companhia se tinha empenhado, por lhes ter buscado dinheyros. Assim mesmo tirou das occupaçoens, & castigou severamente aos Procuradores desta Provincia, das da India, & do Brasil, por se embaraçarem com negocios, & dinheyros para estes senhores seculares, com o qual fizeraõ, sem o pertenderem, muyto dano às Provincias; q o nosso Collegio de Santo Antam chorarà, em quanto as suas paredes estiverem em pè, como quem sentio tanta parte deste dano.

CAPITVLO XXXXV.

Do seu amor de Deos, & zelo do bem do proximo, & noticia de cousas occultas.

1 O Grande amor que teve a Deos, se vio no cuydado que poz em o naõ desagradar; q naõ faria cousa por minima, que fosse, entendendo, que nella podia aver alguma offensa sua. Naõ avia meyo mais efficaz para o fazer mudar de parecer sendo Superior, que descobrirse nisso qualquer cousa que offendesse a Deos levemente. Era Provincial, & visitando o Collegio de Evora, considerando as demandas, que avia annos duravam entre o Collegio, & o Arcebispo Dom Joseph de Mello sobre a jurisdiçaõ da Universidade, com as quaes contendas muyto se impediaõ os nossos ministerios, determinou grangear ao Arcebispo por todos os modos possiveis; alèm da humildade, & cortezia, com que se ouve com elle; por conselho de algumas pessoas, que desejavam quietaçaõ, assentou de naõ usar de huma sentença, que em Roma ouvemos contra elle, & lhe diziam homẽs letrados, q o podia fazer. Já este negocio se tinha tratado, & adjectivado cõ o Arcebispo, & o P. Provincial dado a sua palavra. Estãdo nesta resoluçaõ, lhe disse o seu Cõfessor, que sua Reverencia naõ podia tal cousa fazer, nem deyxar o direyto que a Companhia tinha adquirido por aquella sentença. Isto

bastou

bastou para naõ fazer, o que tinha determinado, tendo seu cumprimento com o Arcebispo, & dando as razoens, porque nam podia estar pela palavra, que dera.

2 Sendo Provincial dizia muytas vezes ao seu Confessor, que se visse nelle alguma cousa, ainda que minima, digna de emenda, o avisasse, porque em nenhuma queria descontentar a Deos. Com este cuidado, que sobre si tinha, alcançou tanta perfeyçam, que testimunhàram Padres, que o confessáram annos, naõ se achou nas suas confissoens cousa, que chegasse a peccado venial. Deste mesmo amor a Deos nascia hum grande valor, que teve, em cortar os membros podres da Religiaõ, sem attençoens a respeytos humanos; usando primeyro com elles toda a caridade, para os pór em razaõ; & vendo, que se naõ melhoravão, tratava de os cortar, por naõ fazerem mal aos saons.

3 A sua caridade para com o proximo se vio assim em attẽtar pelo seu bem temporal, como pelo espiritual. Aos seus Noviços tratou como o podia fazer a mais amorosa mãy; este cuydado se via em especial, quando algum adoecia: foy isto de sorte, que os mesmos, que diziam, que com as vigilias, oraçoens, & penitencias lhes tirava as forças, por outra parte notavam, que os criava com mimo A verdade he, que este bom Padre soube ajuntar a brandura, & cuydado de Mãy, com a severidade de Mestre; partes que igualmente o fizeram amar, & respeytar.

4 O seu affecto sendo Superior era o mesmo para com todos os seus subditos, amando tanto a huns como a outros; nem avia razoens humanas, que o inclinassem mais a estes, que áquelles: as melhores valias, que se lhe podiam meter, para alcançar delle alguma cousa, era terem oraçam na Igreja, assistir nos repousos, em que fallava de Deos, ou acompanhallo em outros actos de devoçaõ, & penitencia: & ainda que se dizia, que algũs por este caminho o enganavam, como o fazer obras de virtude se si he bõ, naõ eraõ estes os enganos, que ao bõ velho lhe davaõ mais pena. Sendo tantos annos Superior, em que necessariamẽte naõ podia dar gosto a todos, porque avia de castigar faltas, mandar varias cousas de pena, naõ ouve alguem, que duvidasse ser santo, & recto o zelo, com que obrava; & ainda os que se mostravam mais queyxosos, confessavaõ ser a sua intençaõ muy ajustada com Deos.

5 Foy homem, q̃ se naõ poupou na sua occupaçaõ, A segunda vez, que foy em Coimbra Mestre dos Noviços, era o numero delles setenta, a todos confessava, muytas vezes mais de huma

vez

vez na ſomana:todos os dias tomava conta a quaſi todos: alèm
diſto confeſſava, & era pay eſpiritual de muyta gente do Colle-
gio,& dava os exercicios eſpirituaes aos mais de caſa,&a peſſoas
de fòra,que os vinham tomar ao Collegio,como naquelles tem-
pos ſe uſou. Tudo iſto era alèm das praticas dos Noviços, que
elle fazia ſempre tres vezes na ſomana, praticando por vezes no
Collegio às ſeſtas feyras a toda a Communidade. Ouvia pelo
diſcurſo do anno muytas confiſſoens geraes aſſim dos Religio-
ſos de caſa,como de peſſoas de fóra, que movidos com a fama da
ſua virtude,bom modo,& deſtreza em encaminhar as conſcien-
cias,ſe vinhaõ confeſſar com elle:para mayor expediçam, com-
poz tres exames differentes para diverſos eſtados de peſſoas,que
imprimio na ſua Arte de orar.

6 Fazia muytas vezes a ſanta doutrina aos pobres,& a toda a
ſorte de gente em ſe lhe offerecendo occaſiaõ. Em Coimbra a
enſinou na praça,& outros lugares publicos amiudadamente ; o
meſmo fez em Lisboa ſendo Prepoſito,indo pela Cidade com a
cana da ſanta doutrina na mão. Nos caminhos ſendo Provin-
cial ſempre à noyte fazia doutrina no lugar , em que ſe achava
& nos dias Santos prègava;ſe acaſo diſſo avia occaſiaõ na Igreja
onde diaia Miſſa.

7 Aquelle coſtume antigo tam uſado dos noſſos primeyro
Padres de fazer os ſeus caminhos a pè , peregrinando , o exerci
tou algumas vezes o Padre Diogo Monteyro. Era Reytor d
Noviciado de Lisboa,foy neceſſario chegar ao Collegio de Co
imbra para certo negocio de muyta importancia, que requeri
ſua preſença : mandou diante tres Noviços ſeus em peregrina
çam atè Coimbra , & que alli eſperaſſem por elle ; chegou
Coimbra o Padre Monteyro,depois na volta para Lisboa, vey
a pé com os ſeus Noviços peregrinando , fazendo doutrinas
& vivendo das eſmolas , que pediam de porta em porta. Outr
vez ſendo Reytor do Collegio de Braga,& avendo congregaça
Provincial em Lisboa , veyo tambem a pè com hum bordaõ n
maõ fazendo doutrinas,& pedindo eſmolas, ſendo de Braga at
Lisboa ſeſſenta legoas Portuguezas,que ſaõ das mais eſtendida
que ha nas contas geometricas. Jà fica dito em como foy a p
com os Noviços para Braga , indo por Reytor daquelle Colle-
gio. Em todas eſtas peregrinaçoens naõ ſò moſtrava o deſejo d
ſe mortificar,mas o muyto que tinha do zelo das almas aſſim n
fallar de Deos pelos caminhos aos que encontrava , como na
doutrinas,& prègaçoens, que fazia. Eſtas meſmas jornadas a p

fo

ez outras vezes com a mesma edificaçaõ.

8 Sendo Mestre dos Noviços em Coimbra, & depois Prefeyto espiritual, naõ tinha repouzo com os Padres graves, mas ajuntava alguns Irmãos Theologos, Mestres, ou Cursistas, & com estes fallava de Deos, & dando algumas vezes a razaõ disto dizia: *Fratres meos quæro*, busco os meus Irmãos; cõtinuando nelles, o que tinha começado; & acrecentava como por graça, que já que naquelles tempos naõ podia fazer Missoens, vinha do Noviciado fazer Missaõ ao Collegio.

9 Por vezes sendo velho, & depois de ter sido duas vezes Mestre dos Noviços, fazendo officio de Prefeyto espiritual de Coimbra, foy a Missoens, & destas algumas vezes à Cidade de Vizeu, na qual fez muytos serviços a Deos, em particular na casa do Bispo Dom Joaõ Manoel, que morreo Arcebispo de Lisboa, & Viso-Rey deste Reyno, o qual depois que tratou com este servo de Deos, fez vida muy exemplar, tendo oraçaõ com toda a sua familia, & tomando disciplina na sua Capella com os mais de sua casa. Era o Bispo antes desta mudança muyto cortezam, tratando-se à ley de cavalheyro, & senhor grande, como era, mas ao depois se poz em tal estylo, que lhe dizia por graça hum grande seu amigo, que o Padre Diogo Monteyro o botàra a perder.

10 Digamos agora da noticia, que Deos lhe communicou de cousas occultas, como faz aos que saõ seus amigos: nesta materia foy opiniaõ de muytos, lhe descubrira Deos segredos, que naturalmente se naõ podiam saber. Estando em Coimbra, huma Senhora illustre chamada D. Leonor, mulher de Joaõ de Essa, que tratava com o Padre Monteyro as cousas de sua alma, teve noticia, que a Armada de Portugal no anno de 1626. dera à costa, & se perdéra nas prayas de França com huma cruel tempestade, & nella entre outros mancebos fidalgos morrèra hum seu filho, que ella muyto amava. Estava esta affligida mãy grandemẽte sentida naõ só pela morte corporal do filho, mas muyto mais pelos temores, que tinha de sua eterna condenaçaõ, por ser moço, soldado, na flor dos annos, & com morte tam insperada. Descobrio este seu sentimento ao Padre Diogo Monteyro, esperando ter nelle algum alivio por seu meyo: naõ se enganou; porque passados poucos dias lhe disse estas palavras: *Senhora, estay sem cuydado, & alegrayvos, porque o vosso filho vi virà perpetuamente no Ceo com Deos entre os bemaventurados, agora està no Purgatorio; & porque succederà, que esteja alli muyto tempo, procurai logo*

sem

sem detença de o aliviar das penas, que padece, fazendolhe dizer po sua alma muytas Missas. Tudo isto, logo que o ouvio ao Padr Monteyro, o escreveo aquella Senhora para consolaçaõ de sua lagrimas.

11 Faziaõ grande resistencia ás ordens de seu Prelado o Il lustrissimo Bispo de Coimbra certas Religiosas de hum Convê to daquella Cidade. O Sacerdote, que lhes servia de Confessor naõ podendo aquietar tantas desordens das Freyras determino de deyxar a occupaçaõ de ser seu Confessor, mas primeyr consultou ao Padre Diogo Monteyro nesta materia; o qua depois de o ouvir, lhe disse: *Deyxaivos estar, Padre, & so portay por amor de Deos com paciencia essa molestia, & sa bey, que as Religiosas, que recusarem sugeytarse à obedienci do seu Prelado, seram castigadas de Deos nosso Senhor, & a vòs an tes de hum mez vos offereceràm dous Priorados, dos quaes escolhe reis, o que melhor vos parecer.* Tudo se cumprio, porque duas Re ligiosas, que mais repugnavam, em breve adoecèram, & morrè ram apressadamente, sugeytando-se as demais; & o Sacerdote, d dous Priorados, que se lhe offerecéraõ, escolheo o melhor. E tu do o sobredito affirmou com juramento.

21 A dous seus Noviços, em tempo, que procediaõ bem, & t nhaõ amor à sua vocaçaõ, disse, que naõ aviaõ de perseverar n Companhia; viveram nella muytos annos, mas finalmente vi raõ a ser expulsos hum depois de vinte annos, outro depois d professo. Entaõ entendéraõ a certeza do espirito, com que se Mestre tantos annos antes lhes tinha dito, que naõ morreria na Companhia.

13 O Padre Alvaro de Cienfuegos na vida, que com esty de ouro escreveo de S. Francisco de Borja, traz em como o Pa dre Diogo Monteyro tivera tambem aquella admiravel revel çaõ do Santo Borja, de que se aviam de salvar todos os da Com panhia, que nella perseverassem atè a morte, nos primeyros tr seculos; que he huma das grandes consolaçoens, que temos, que vivemos na Companhia; & o sobredito Autor traz nes mesma materia tantas revelações de homẽs santos em abono profecia do Santo Borja, que he dar graças a Deos, pelo muyt que ama esta sua minima Companhia, a quem fez mercè ta singular.

CAP

CAPITVLO XXXXVI.

Da ultima doença, & morte do Padre Diogo Monteyro.

1 TEndo vivido tantos annos em rigor de vida tam austera,& penitente, he cousa de admirar pudesse egar a setenta, & dous de idade; que naõ saõ muytos os que vem mais fazẽdo por viver,& desviando de si tudo, o que lhes ôde diminuir os dias da vida. Depois que o Padre Monteyro abou de ser Provincial,ficou na Casa de Saõ Roque por Preyto espiritual da casa, tendo cuydado dos Irmãos Noviços, ie alli assistem para ajudar ás Missas. De S. Roque se retirou ra o Collegio de Coimbra, onde tinha sido a primeyra escola os seus adiantamentos espirituaes. Nelle dava as meditações, confessava a mayor parte do Collegio, fazẽdo officio de Preyto do espirito. Em quanto pode, hia fazer doutrinas à praça. ivera elle herpes em huma perna, da qual nunca ficou saõ de do,& carregandolhe o achaque, vendo que a morte andava rto,fez nos ultimos quatro mezes duas confissoens geraes de da a vida; naõ obstante confessarse todos os dias por escrito, mo fica dito. Parece, que o Padre teve revelaçaõ de que nam stava a sua ultima hora; porque indo fazer doutrina, como stumava,chegou à portaria do Mosteyro de Santa Cruz, mãou chamar ao Reverendo Padre Dom Antonio da Cruz, que ra Geral,& era grande amigo do Padre Diogo Monteyro: es. lhe disse, em como se vinha despedir delle, & que seria a ulma vez,que se veriaõ. Assim o referio depois aquelle autorizado Religioso.

2 Andava o Padre Monteyro de pé, mas jà estava aposentao na enfermaria;dizendo Missa,em quanto a perna lhe deo luar,& nos dias,em que o naõ dava,sempre commungou. Aos 25. e Mayo,que naquelle anno foy dia da Ascensaõ do Senhor, ncostado em hum bordaõ se foy à Capella dos enfermos, & ommungou depois de ouvir Missa. Recolheo-se à cama, porue jà o achaque naõ permittia outra cousa, assim passou na uinta,& sesta feyra,atè a manhã do Sabbado,que eraõ vinte & te de Mayo,quando de manhã entrando no seu cubiculo o enermeyro para lhe abrir a janella, levando comsigo hum Padre ara o cõfessar,o achou morto,deytado muyto composto sobre parte esquerda,ainda quente;que parece,naõ avia muyto, que

acabàra esta vida mortal. Entrando na vida,& felicidade immo
tal no Sàbbado da Senhora, de quem fora tam devoto, & na i
fra-octava da Ascensaõ do Senhor, do qual mysterio fora tan
bem especial devoto,por ter feyto nelle a sua profissaõ.

3 Foy sua morte aos 27. de Mayo de 1634. no Collegio
Coimbra,tendo setenta,& dous annos de idade, & sincoenta,
sete de Companhia,& dezasete de Mestre dos Noviços, offic
que fez por quatro vezes como fica dito: porém o nosso Pad
Telles na Chronica parte segunda livro 4.cap. 26. num. 3. d
que fora mais de trinta annos Mestre dos Noviços, & lhe ch
ma Pay universal de toda esta Provincia. Sabida a morte do P
dre Diogo Mõteyro,foy grande o sentimento de todos, por lh
faltar homem tam santo; & com morte inopinada sem assi
tirem a tomar a bençam,& ouvir as ultimas palavras daquell
que era pay de todos. Concorreo todo o Collegio a venerar s
corpo. Por voz commua de grandes,& pequenos,fez consulta
Padre Pedro da Rocha, & considerada a muyta virtude do d
funto,se resolveo,lhe fizessem as demonstraçoens de honra, q
se tinham feyto a outros varoens santos,como ao Padre Ignac
Martins, Jorge Rijo,Sebastiaõ Barradas, Antonio Moraes o C
go,& outros. Foy levado à Capella dos Irmãos, posto em hu
estrado,revestido com vestimenta rica,cuberto de flores, aon
de novo os nossos Religiosos beyjàram pès, & mãos do vener
vel cadaver: o mesmo fizeraõ os Doutores da Universidade,
Conegos da Sè, & os mais autorizados Religiosos das outr
Religioens, de quem o Padre Monteyro sempre fora tido p
santo.

4 Chegado o tempo de se lhe fazerem as exequias, foy l
vado atè a Igreja pelos Padres mais graves do Collegio de C
imbra,acompanhando os mais: á Igreja tinha concorrido gran
numero de gente da Cidade movida da fama de sua virtude. E
tando depois do officio para o meterem na sepultura, se leva
tou hum grande clamor, & gemido,significador do geral sen
mento de todos. Metido finalmente em hum cayxaõ foy dep
sitado em sepultura particular, dentro das gradinhas do alt
mór da Igreja velha,junto ao veneravel Padre Sebastiaõ Barr
das, da parte da epistola. No anno de 1641. desfazendo-se
Igreja antiga,se tirâram os ossos do Padre Monteyro, & os
outros homens insignes em virtude, & se puzeraõ em seus ca
xoens distinctos na Igreja nova,em lugar separado junto da C
pella de Nossa Senhora,na parte direyta do Cruzeyro, atè q
o P.

o Padre Nuno da Cunha, que ſendo Reytor os tirára da Igreja velha, fabricando, & ornando a Capella de Santo Antonio junto da portaria do Collegio; fez pòr em diverſos repartimentos na parede da dita Capella com ſeus letreyros os oſſos daquelles homens grandes em virtude, & entre elles aos do Padre Diogo Monteyro.

5 E porque digamos quanto deſte illuſtre varaõ achamos: foy o Padre Monteyro de feyçoens miudo, de compreyçam sanguinho, de eſtatura alta, & bem proporcionada: o roſto cõprido, alvo, & algum tanto còrado, mas com a muyta oraçaõ, & continua penitencia muy atenuado. Em ſua mocidade era de cabello louro, & que tirava para brãco, mas na velhice tinha a cabeça muyto calva, & o mais alto della moderadamente groſſa, & larga. Os olhos grandes, & alegres, de cor entre caſtanho, & branco, & com a penitencia ſumidos, & mortificados. O naris ſem deformidade comprido, & aquilino: a barba eſtreyta, & afilada, de cabellos nem muytos, nem raros, mas competentemente baſtos, tirando junto dos beyços de hũa, & outra parte, onde os naõ tinha, & faziam o eſtreyto da barba decentemente engraçada. Era muy compoſto, & modeſto em ſuas acçoens, & conſervava ſempre no roſto huma certa alegria, & ſerenidade, que bem denotava a quietaçam de ſua bemdita alma. Tinha a voz ſonora, o fallar muyto engraçado, & quando tratava das couſas eſpirituaes, que era de ordinario, o fazia com tanta graça, que roubava os coraçoens. Aſſim, & com eſtas meſmas palavras eſcreve a ſemetria de ſuas feyçoens o Padre Nuno da Cunha. Qual foſſe o interior ſe vè das virtudes eſcritas, & do que teſtimunhàram os Padres, que o confeſſáram geralmẽte, de que em ſuas confiſſoens naõ achàram nem duvida de peccado grave, nem peccados veniaes advertidamente; que he quanto ſe póde dizer em ſeu abono. A morte ainda que foy de repente, como a vida foy huma perpetua preparaçaõ para ella, bem ſe pòde contar entre as de homens Santos, q̃ morrèraõ de repente, de que ha nas hiſtorias muytos exemplos: nem eſtas mortes ſaõ formidaveis, ſenaõ quando a vida tem ſido perdida.

6 A vida do Padre Diogo Monteyro eſcreveo o Padre Nuno da Cunha, que foy ſeu Noviço, & companheyro ſendo Provincial, & depois Aſſiſtente da Companhia em Roma, homem de grande autoridade, por ſer das mais illuſtres familias do Reyno, & por ſer dos filhos mais honrados, que teve neſta Provincia a noſſa Companhia; ninguẽ lhe quiz mais que elle, nẽ mais a de-

 fendeo

fendeo nos ſeus apertos; por tudo lhe eſtamos eternamẽte obri-
gados;& por nos deyxar em memoria as virtudes deſte excellẽt
homem. Do ſeu manuſcrito, que me veyo às mãos, & de hum
breve compendio,que delle imprimio no principio das medita
çoens dos Attributos divinos do Padre Monteyro,recolhi eſt
vida, tirando algumas couſitas, que achey no livro das entra
das. Do Padre Monteyro faz mençaõ a Biblioteca da Compa
nhia. Euſebio tom.1. dos Varoens illuſtres. O Padre Nadaſi,&
o Agiologio Luſitano no dia em que faleceo. Imprimio ſend
vivo a ſua Arte de orar: depois de ſua morte o Padre Nuno d
Cunha lhe imprimio as Meditaçoens ſobre os Attributos divi
nos;em todas eſtas obras ſe vè hum grande eſpirito junto con
grande piedade,doçura,& eloquencia,que de tudo teve muyto
Padre Diogo Monteyro.

CAPITVLO XXXXVII.

Vida do Padre Gaſpar Moreyra;ſua entrada na Companhia,ſi gular obediencia, & zelo do bem do proximo.

Evora 3. de Julho de 1669.

1 O Padre Gaſpar Moreyra naſceo em a Cidade de La
gos no Reyno do Algarve, ſeus pays ſe chamàra
Vicente Moreyra,& Cecilia Rodrigues:entrou na Cõpanhia d
Jeſu em Evora aos oyto de Junho de 1614. tendo dezaſeis a
nos de idade. Paſſou o Noviciado com grande edificaçaõ ;
feytos os ſeus votos, começou o eſtudo das letras humanas, n
quaes fez muyto aſſinalados progreſſos;eſtes ſe deyxam bem cõ
ſiderar do ſucceſſo ſeguinte, que por ventura nam teve ſegund
exemplo em toda eſta Provincia.

2 Doze eraõ os condiſcipulos do Padre Gaſpar Moreyr
mas todos elles tam bons eſtudantes, q aviſando os Superior
a tres Meſtres de Latim para lhes preſidirem nas diſputas, t
dos,depois de ter lá ido cada hum ſeu dia, ſe eſcuſáram da occ
paçaõ, dizendo, que ſendo tam bons eſtudantes os preſidido
naõ tinhaõ elles tempo para acodir com eſplendor á preſide
cia,& ſatisfazer à obrigaçaõ de ſuas claſſes. Admittida a eſcu
& vendo-ſe em aperto os Superiores no provimento da occ
paçaõ, ordenàram ao Irmaõ Gaſpar Moreyra, que preſidiſſe
ſeus condiſcipulos;aſſim o fez com a ſatisfaçaõ, que delle ſe e
perava.

3 Nos eſtudos da Filoſofia,& Theologia ſempre ſe ouve
o c

o esplendor, com que se hão, os q̃ melhor penetram as subtilezas
deltas sciencias. Sendo Mestre de Latim em Evora, se applicou
cõ taõ excessiva tezidaõ a passar livros à pena, q̃ gastava neste es=
tudo, alẽ das horas do dia, muytas horas da noyte. Succedialhe de
puro cançasso encostarse vestido sobre a cama, & adormecendo
dar saltos com o corpo, & fazer taes movimentos, que desperta=
va todo cançado, & moido. Destes excessos se lhe originou por
entam o lançar muyto sangue pela boca, & ao depois por toda a
vida padecer muytos, & grandes achaques.

4 Foraõ geralmente sentidas estas suas indisposiçoens, por-
que com ellas se cortavam as bem fundadas esperanças, que ti=
nha a Companhia de honrar as suas cadeyras com as prendas do
Padre Gaspar Moreyra. Era muyto bemquisto de todos pela
grande modestia, & summissaõ com que se avia em todas as suas
acçoens; & por isso na conferencia, que se fez de suas virtudes,
disse hum dos Padres mais authorizados, que ao Padre Gaspar
Moreyra se podia accommodar com grande naturalidade o elo=
gio, que dam as letras divinas aos pays do Bautista: *Erant autem
justi ambo ante Deum, incedentes in omnibus mandatis, & justifi=
cationibus Domini sine querela.*

5 Sendo Mestre o arguhio diante de muytos hũ Religioso,
de que em huma das poesias que puzera em publico, tinha da-
do hum solecismo: calouse o Padre Moreyra, sem acudir por si
diante dos outros, mas depois em particular foy ao cubiculo do
Religioso, & com toda a modestia lhe mostrou o acerto da cou=
sa, que elle taxava por erro, & a deduçam da lingua Grega, don-
de tinha sua origem aquillo que se notára; em que naõ avia de=
feyto algum contra a lingua Latina, como claramente se deyxa-
va bem ver pelas razoens, que allegava, & tinhaõ sido o funda-
mento de elle ter praticado o tal uso.

6 Em todo este tempo de Mestre, & de Theologo era exa=
ctissimo na observancia das regras, naõ dando quebras algumas
neste rigor por respeyto de suas enfermidades. Sendo Theologo
o fizeram Ministro do Recolhimento, occupaçaõ que fez com
toda a inteyreza. Acabados os seus estudos, estando no terceyro
anno em o Noviciado de Lisboa, o mandou chamar o Padre
Provincial, & tambem a outro Padre para as Ilhas: entrou pri-
meyro o outro Padre, & avisando=o o Padre Provincial para ir
para a Ilha da Madeyra, elle acumulou tantas razoens, que o
P. Provincial mais por importunado, que por satisfeyto de tan=
tas escusas, o livrou da jornada: depois entrando o Padre Gaspar

Moreyra,lhe disse o Padre Provincial: Nada quero jà a Vossa Reverencia,pòde-se recolher para o Noviciado.

7 Aqui significou o Padre Moreyra a pena, que sua Reverencia lhe dava,em cuydar, que elle desdiria alguma cousa de sua vontade;& tanto instou,& com tam bons termos,que o Padre Provincial lhe disse: Meu Padre,chamey a Vossa Reverencia para o avisar para a Ilha da Madeyra, mas como vi, se escusou hum Padre de tam boa saude,nam tenho animo para avisar a Vossa Reverencia sendo taõ achacado. Entaõ lãçãdo-se a seus pès o Padre Moreyra, lhe disse: Na verdade meu Padre Provincial,que dos receyos de Vossa Reverencia cuydava eu, que me mandaria cousa mais difficultosa que essa; com o meu breviario,& a bençaõ de Vossa Reverencia estou a ponto para me embarcar. Edificouse o Padre Provincial; & foy mais louvavel esta resignaçaõ, porque occultamente o tinha avisado o Padre Reytor de Evora,de como fora proposto para no anno seguinte ler Filosofia naquella Universidade:porèm o Padre Moreyra era tam poucoaffecto a tudo,o que era honra propria,que antes significou a alguns,estimaria ler casos, para ter mais occasioens de encaminhar aos proximos para o Ceo.

8 Embarcouse para a Ilha daMadeyra,aonde esteve catorze annos,tido,& avido sempre por homem justo,assim dos de casa como de todos os seculares. Creceo esta boa opiniam, com o que affirmàram tres pessoas graves, que estando em a nossa Igreja, & dizendo Missa o Padre Moreyra; ao levantar da Hostia,o viram tambem a elle levantado do cham mais de hum palmo. Era naquella Ilha hum como refugio cõmum em todas as materias arduas; recorrendo a elle assim nos embaraços de suas consciencias,como em todas as outras difficuldades.

9 No anno de 1640.esteve toda a Ilha a ponto de se perder; acodio logo a esta perturbaçaõ o zelo deste bom Padre, & propòz taes razoens assim ao Governador,como aos do governo da Cidade,que tudo se aquietou: passados oyto dias tiveram noticias,& avisos do Reyno,& do rumo,que tinhaõ tomado as cousas publicas;& todos se persuadiram, que o Padre Moreyra tivera revelaçaõ de Deos das cousas,que passavam em Portugal, pois todas as razoens,que lhes dera, confrontavam com a nova mudança da Monarquia. Era grandemente inclinado a fazer Missoens,& porque no tempo literario naõ dava lugar a ellas a sua occupaçaõ de ler casos: no tempo das ferias, em que os outros Mestres descançam,hia o Padre Gaspar Moreyra em Mis-
saõ

aõ àquella parte, que chamam detraz da Ilha,terra aſpera , de
ouco cõmercio com a Cidade, & muyto falta de doutrina do
Ceo.
10 Em hũ lugar deſta regiam eſtando o P. Moreyra cõfeſ-
ndo à viſta de ſeu cõpanheyro em a Igreja,vio q̃ junto do Cõ-
eſſionario onde aſſiſtia o Padre ſeu cõpanheyro,eſtava hum da-
quelles animaes, de q̃ teve cuidado o filho prodigo,foſſando na
erra,como q̃ queria lãçar ao P. do Cõfeſſionario:admirouſe o
P Moreyra de que ſeu cõpanheyro naõ apartaſſe daquelle lu-
ar a tam importuno vizinho, & acabando de fazer huma Con-
ſſaõ,ſe levantou,para o ir lançar fóra:porém,quando no Con-
ſſionario nam vio ao animal,mas ſò ao outro Padre com hum
enitente aos pès, admirado do ſucceſſo tornou o Padre Gaſ-
ar Moreyra a aſſentarſe no ſeu lugar;acabadas as confiſſoens,
eram tambem por acabada a Miſſaõ naquelle lugar , & ſe pre-
arãram para ir para outro ; voltando para a caſa onde ſe hoſpe-
avam,diſſe o Padre Moreyra a ſeu companheyro , como nam
nha apartado daquelle lugar, onde confeſſava, a tam immũdo,
: deſenquieto animal , que não podia deyxar de o perturbar a
le,& aos ſeus penitentes.
11 Achouſe o Padre novo, & diſſe, que elle naõ tinha viſto
nto de ſi,nem ſentido tal couſa: entam ſe recolheo por hum
ouco o Padre Gaſpar Moreyra; depois diſſe a ſeu companhey-
o: He neceſſario meu P. q̃ nos detenhamos mais tempo neſte
gar: naõ póde o diabo deyxar de eſtar apoderado dos penitẽ-
s,quãdo aſſim procura lãçar fóra os Cõfeſſores. Logo tornou
cõvocar o povo,a fazer doutrinas,& a ouvir Cõfiſſoens, fazẽdo
xtraordinario fruto em as almas. Deo eſpeciaes graças a Deos
elo modo,q̃ tomou para fazer aquelle beneficio a gẽte taõ ne-
eſſitada ; & foy tam grande o goſto que por toda a vida teve
o fruto eſpiritual, que ſe fizera neſta occaſiam , que dizia,que
por elle tinha ſaudades da Ilha da Madeyra.
12 Depois de aſſiſtir tantos annos neſta Ilha , em que
m duvida obrou muytas couſas de grande edificaçaõ , &
naõ eſcrevem por falta de noticia; voltou para o Reyno ſem
ntervir alguma agencia,ou ſignificaçaõ ſua. Na nao dizia muy-
s vezes , que deſejava o cativaſſem os Mouros para ter mais
ue padecer,& ajudar aos pobres Chriſtãos , que eſtão apriſio-
ados em Argel: porèm que eſte ſeu deſejo ſe avia de cumprir
e ſorte , que nem hum dos que com elle navegavam correſſe
erigo algum: & quando lhe diziam,que como podia ſer cati-
va-

varem-no os Mouros, sem serem tambem cativos os demais; ref-
pondia sómente: A Deos nada he impossivel.

13 No Reyno continuou em varios Collegios a liçaõ d
Moral, & o ensinou por mais de vinte annos com muyto pro
veyto dos ouvintes, adquirindo nesta faculdade grande cabeda
de sciencia. Depois da profissaõ do quarto voto, pedio instante
mente a Missaõ da India; a qual se lhe naõ concedeo, tendo s
respeyto a seus muytos achaques, que naõ davam lugar a em
prender tam difficultosa jornada. Para consolar em parte est
sua ancia de Missoens, pedio ir em Missaõ pedanea ao Camp
de Ourique, aonde foy com outro Padre, & fez grande, fru
to.

14 Por certo disgosto, que tivera, cahio em desesperaçan
huma mulher em hum dos lugares do Campo de Ourique: d
noyte entre sonhos vio a dous Religiosos nossos, & lhe pa
recia ouvir huma vòz, que lhe dizia, fosse no dia seguinte pel
manhã á Igreja, & que aquelles lhe dariam remedio à sua dese
peraçaõ: assim o fez, & encontrando là aos nossos Religiosos, co
nheceo, que aquelles mesmos eraõ, os que tinha visto em so
nhos: confessouse com o Padre Moreyra, & sahio da desespera
çaõ, em que estava.

15 Em outro lugar o chamàram para confessar a hum mo
ribundo: estranhou o Padre chamarem-no tam tarde, & quand
o moribundo jà naõ estava capaz de se confessar: & respondeo
selhe, q̃ naquelle lugar era costume chamarẽ o Confessor sómẽ
te, quando o enfermo estava já desesperado dos Medicos: adm
rouse o P. de costume tam barbaro, & para o remediar, fallou c
o Medico, advertindo-o da obrigaçaõ, q̃ tinha, de naõ visitar te
ceyra vez aos enfermos sem os mãdar sacramẽtar: respõdeo est
P. muy bẽ sei isso; mas se eu ordenar logo no principio da enfe
midade, que se confessem, ninguem se curarà comigo, porq̃ es
gente se persuade, que avisallos para se cõfessar, he avisalos pa
morrer: elles Christãos sam, tratem de si, que eu naõ hei por e
les perder as minhas conveniencias. Ouvida esta reposta ta
barbara com o abuso, que se procurava exterminar, instou p
diante o Padre, & se concertàram, de que elle persuadisse n
Sermoens esta doutrina, & que se ella fosse aceyta pelo pov
que elle da sua parte naõ faltaria à sua obrigaçaõ: assim o fe
fallando tambem em particular aos principaes da terra; & tod
concordàram, em que dalli por diante, logo que o Medico lh
dissesse, que avia perigo na doença, tratariam de suas almas p
mey

neyo da Confiſſaõ, deſterrando aquelle mao abuſo, em que ſe inham criado.

16 Neſte meſmo tempo aſſiſtia naquella villa hum Fidalgo as primeyras qualidades do Reyno, & jà depois de os Padres ſe erem partido, lhe ſobreveyo hum accidente com terriveis do- es, que o puzeram em grande aperto: & ſabendo, que os Pa- res eſtavam jà diſtantes daquelle lugar duas legoas, a toda a reſſa mandou hum criado com duas mulas, pedindolhes, que lhe cudiſſem: aſſim o fizeram; chegados que foram, diſſelhe o Pa- re Gaſpar Moreyra: Sendo de tanto pezo o exemplo de Voſſa enhoria para com toda eſta gente, ha de ſer ſervido, de que a ura comece pelos Sacramentos, & aſſim ſe ha de confeſſar logo, comungar: em tudo veyo ſem repugnancia o fidalgo: & con- ſſouſe, trouxeramlhe o Senhor, que recebeo com grãde pieda- e; em acabando de commungar ſe achou ſam, & ſe levantou da ama: moſtrando Deos com eſte exemplo a todo aquelle povo nde que os Sacramentos nam tiravam, antes davam ſaude: to- os julgàram por prodigioſo eſte ſucceſſo, & ſe confirmáraõ na outrina, que lhes enſinàra o Padre Gaſpar Moreyra.

17 Teve grande dominio ſobre os eſpiritos malignos, que ſe poderavam dos corpos: muytos caſos lhe ſuccedèram neſta ateria, referirei ſò, o que lhe aconteceo neſta Miſſaõ. Tinha ſe demonio apoderado de huma pobre mulher; trouxeram-na Padre: fezlhe em primeyro lugar os exorciſmos da Igreja, & erſiſtindo o demonio em naõ deyxar o corpo, ſe poz o Padre m oraçaõ; depois tornou á empreza; & o demonio começou a aquear, dizendo, largava o corpo, & ſe apartava. Mandoulhe Padre que lançaſſe algum final: diſſe, que o final era hum alfi- te, que lançava pelos olhos: pelos olhos nam, acodio o Padre Ioreyra, que pòde ficar cega; ſeja por hum dedo do pè: entam ſſe o diabo ao Padre: No teu ſapato o acharàs: aſſim foy, to- ou-o o Padre, & o trouxe muytos annos pregado em o ourelo, om que ſe cingia, em final da victoria, que alcãçára. Divulgou- a fama deſte prodigio, & ſe acrecentou grandemente a opiniaõ virtude do Padre Miſſionario entre toda aquella gente.

18 Em hum lugar eſtavam jà na Igreja dous contrahentes ra celebrar o Matrimonio; confeſſáram-ſe primeyro com o adre, & achou terem impedimento; perſiſtiam em naõ deyxar ſolemnidade; a tudo occorreo o Padre com grande deſtreza, alhando a offenſa de Deos, ſem algum deſcredito dos dous cõ- ahentes, que em tudo ſe ajuſtàram com as razoens do Padre aſpar Moreyra.

19 Che-

19 Chegoufe a feus pès huma peffoa para fe confeffar, & vendo, que eftava indifpofta, a mandou fem abfolviçao, dizendo-lhe, que naõ communga ffe: ella lhe diffe entam: Meu pay me acompanhou atè a Igreja, & eftà alli defronte, & fe vir, que eu nam commungo, por certas prefumpçoens, que tem de mim, me ha de matarv. Vio-fe o Padre em grande fufpenfaõ, & depois de algum efpaço lhe difse, que fingindo lhe dava hum defmayo, quando lhe acodifsem com agua, tomafse alguma na boca, & a levaffe para bayxo: depois pondo-fe na mefa da communhaõ mandaffe perguntar ao Prior em voz, que ouviffe a outra gente: fe quem levàra para bayxo huma gota de agua, podia commungar. Acodio o Prior eftranhando a pergunta, & refolvendo, que naõ podia commungar: defta forte fahio aquella peffoa das angu ftias em que fe via.

CAPITVLO XXXXVIII.

Referem-fe outros exemplos do Padre Gafpar Moreyra, & fu[a] fanta morte.

1 COm o pezo do muyto trabalho veyo a enferma[r] na Miffaõ o Padre Gafpar Moreyra; & fe reco[lheo] lheo a cafa de hum Ecclefiaftico bem affecto à Companhia, o qual o teve de cama tres mezes, affiftindolhe com grande cari[-] dade: deo nefta occafiaõ tantas moftras de virtude, & edificaçam naquella cafa, que o hofpede efteve tam longe de fe enfadar, que dizia ao depois, que fó por lograr exemplos tam fantos, como os das virtudes do Padre Moreyra, o teria muytos annos com grande gofto em fua cafa: & naõ fe fartava ao depois de conta[r] aos noffos, que hiaõ áquella terra, os actos de virtude, que na quelle tempo da doença obfervára no Padre Gafpar Morey ra.

2 Tanto que a doença deo lugar, fe recolheo ao Collegio; & vendo os Superiores, quam debilitado eftava, o mandàram pa[ra] a Refidécia de Saõ Fins, para que alli fe refizeffe de forças: pou ca melhoria fentio com o novo clima; porèm effa, que tinha, empregava em fazer Miffoens pelos lugares circumvizinho[s] goftando muyto da eftancia, por fe fazer nella mais efquecid[o] de os Superiores porem nelle os olhos para alguma occupaça[õ] de efplendor.

3 Veyo ordem ao Superior de Sam Fins, para que o Pad[re]

Ga[-]

Gaspar Moreyra viesse para o Collegio de Coimbra; queria re-
plicar, por lhe parecer, naõ estava o Padre para fazer tam gran-
de jornada sem notavel detrimento da saude. A isto obstou o
Padre Moreyra, dizendo, que aos Superiores se avia de obedecer
sem demoras. Tinha elle especial amor a esta virtude, por isso
naõ sofria, que alguem em sua presença dissesse palavra alguma,
que fosse com pouco decoro dos Superiores. Naõ se sabe, que se
escusasse de alguma obediencia, excepto daquellas cõ que o mã-
davam ser Superior dos outros. Em Evora sahia elle de huma
occupaçaõ grave; & dizendolhe alguns Padres, que aceytasse o
ser Ministro do Collegio, respondeo, que se naõ atrevia com tal
occupaçaõ. E que farà Vossa Reverencia (lhe disseram) se o mã-
darem os Superiores? Entam (respondeo o Padre Moreyra) ca-
lar, & obedecer.

4 Foy ministro dos Collegios de Evora, & Coimbra; occu-
paçaõ, que fez com toda a inteyreza, zelo, & caridade, particu-
larmente para com os enfermos, a quem naõ consentia faltasse
cousa alguma. Nas penitencias, que por obrigaçaõ do officio
avia de dar necessariamente, sempre procurou, que se visse, o
fazia com zelo da observancia, mostrando-se muyto benigno
para com os penitenciados, mandandolhes á mesa seus mimos,
quando se offerecia occasiaõ de os ter. Na materia de dar licen-
ças foy sempre favoravel à Communidade: era nesta materia
tam escrupuloso sendo homem tam letrado, que ainda das licen-
ças, que podia dar, nam usava, sem especial concessaõ de seus Su-
periores. Depois de sua morte se lhe achou hum papel, em que
tinha escrito as licenças, que lhe concedèra o Padre Provincial,
sendo Ministro, & nellas estavam cousas tam miudas, que se ad-
miràram todos, os que as viram; louvando a Deos pela grande
santidade, que arguhia tanta miudeza em homem de tantas le-
tras.

5 Foy tambem Reytor do Collegio de Portalegre, cujas
fazendas adiantou, quanto pode. Sendo Prefeyto dos Irmãos do
Recolhimẽto em Evora, indo elles para o refeytorio, deo em hũ
delles huma aguda dor de colica, que apenas lhe deo lugar a se
recolher para dentro. foy ao cubiculo do Padre Prefeyto ansiã-
do com a dor; este lhe disse, sahisse para fòra do cubiculo, que
logo o chamaria: quando fechava a porta, vio que o Padre se
tinha de joelhos em oraçaõ; & em breve espaço se achou to-
talmente livre das angustias, em que se via; tendo aquella tam
esperada melhoria por fruto da oraçaõ do seu Padre Prefeyto.

6 Quan-

6 Quando fazia esta occupaçaõ, hum dia de manhã no tẽ-
po das classes, veyo ao seu cubiculo o Irmaõ Sacristam da Igre-
ja, pedirlhe, quizesse ir fazer huma confissaõ, porque naõ achava
outro Padre. Levantouse o Padre Moreyra dizendolhe: Ainda
quando ouver outros Padres me chame o Irmaõ Sacristam, que
tenho muyto gosto em ouvir Confissoens, pelo grande fruto,
que nellas se faz a Deos. Indo jà o Padre entrando para o Cru-
zeyro da Igreja pela porta da ante-Sacristia, ouvio na Igreja
hum grande estrondo, de que naõ fez caso; lançou os olhos pe-
lo Cruzeyro, naõ vendo pessoa alguma, se foy pelas Capellas
de huma parte abayxo, & como tam pouco apparecesse alguem
se foy às Capellas do outro lado, & chegando á porta da pri-
meyra, que he de S. Sebastiaõ, ouvio dentro tam excessivo
estrondo com os bancos que alli estavam, que parecia arruinar-
se a Igreja, & fazerem-se em pedaços todas as vidraças della; &
entre os estrondos ouvio huma vòz, que dizia: Lá se vay, là se
vay.

7 Ficou o Padre assombrado, atè que hum homem, que es-
tava na mesma Capella, o chamou com grande ansia, dizendo-
lhe: Venha Padre, venha. Chegouse a elle, & o miseravel come-
çou a contar suas desditas na fórma seguinte. Saberà, meu Pa-
dre, que ha muytos annos me naõ confesso, ainda que o desej
fazer: porque o demonio, que em figura humana me apparece
me tem desviado destes santos desejos com varios generos de di
vertimentos: ha dias me dispuz para a confissaõ, mas o demoni
me desviou com hum negocio, em que me meteo: hontẽ chegã
do á porta desta Igreja com os mesmos intentos, tanto me im
portunou, a que nam entrasse, que me deyxei vencer. A mayo
contenda foy hoje à porta desta Igreja, em que batalhou com
go naõ sò com rogos, mas com violencia impedindome a entra
da. Mas como eu visse, que o meu perigo crecia mais com a d
mora, resolutamente o desenganey, que me avia de confessar. E
trando para a Igreja, me veyo seguindo, & aqui esteve comig
dissuadindome do santo proposito, em que estava: & quand
vio, que vossa Paternidade vinha entrando para a Igreja, fez
quelle primeyro estrondo, para que vossa Paternidade amedro
tado se retirasse, & eu por falta de Confessor me fosse outra v
com o pezo de minhas culpas: mas como vio, que vossa Pate
nidade nam fazia caso daquelle primeyro estrondo; quando
vinha chegando, fez o segundo mais horrivel com estes banc
& se foy pelo espelho grande da Igreja; & eu fuy o que disse: I

se vay, là se vay : quando vi, se apartava de mim este cruel inimigo.

8 Este he, meu Padre, o miseravel estado, em que tenho vivido, agora espero na misericordia de Deos, que sahirei delle por meyo da Confissaõ. Deo o Padre graças a Deos pelo beneficio, que tinha feyto àquelle peccador em o ter livrado de tam abominavel escravidaõ; & ouvindo muyto de espaço os desmanchos de sua vida, o encaminhou de modo, q́ se reformou, & dalli por diante nunca mais o demonio se atreveo a entender com elle.

9 Em outra occasiaõ em dia de concurso se chegou aos pès do Padre huma mulher para que a ouvisse; porèm vinha muyto pouco disposta, & repugnava a se accommodar com os conselhos do Padre, & a se fazer capaz da absolviçaõ : tanto lidou, & batalhou com esta peccadora, que a reduzio a ter verdadeyra dor de suas culpas: quando o Padre lhe dava a absolviçaõ, vio, que do lugar donde estava a mulher, se levantava hum mono grande, o qual hia para a porta da Igreja fazendo muytas bugiarias, & tregeytos; & lhe parecia ao Padre Gaspar Moreyra, que as outras mulheres, que estavam na Igreja, afastavam as cabeças, quando passava por junto dellas o demonio naquella fea, & ridicula figura.

10 Na Universidade de Evora avia hum estudante de costumes notoriamente escandalosos, confessouse com o Padre Gaspar Moreyra, & dalli por diante fez huma vida muyto exemplar. E destas conversoens fez muytas, & era conhecido pelos estudantes por homem de tanta virtude, que lhe chamavam o Padre Santo. Neste tempo o fizeram Vice Reytor do Collegio de Evora, aceytou a occupaçaõ por se naõ desviar da vontade da santa obediencia : logo pedio a hum Padre, com quem tinha mais confiança, lhe dissesse tudo, o que se notava no seu governo para se emendar : mas como o carregassem muyto as enfermidades, representou a nosso Reverendo Padre as indisposiçoens, que padecia incompativeis com as molestias do governo. De que pedia a sua Paternidade o alliviasse: porèm a reposta foy mandarlhe patente de Reytor do Collegio de Coimbra.

11 Sem demora se poz a caminho, mas logo escreveo a nosso Reverendo Padre representandolhe muytas razoens, para que o escusasse daquelle governo : em quanto nelle esteve procurou com todas as veras adiantar aos nossos Religiosos na virtude, chamando ao cubiculo aos mais edificativos, dandolhe seus premios pelo exemplo, que davam. O segredo nelle era

inviolavel, particularmente nas faltas dos ſubditos : poucos dias antes de morrer, diſſe a hum Padre: Que muytos eſtavam na Cõpanhia, porq̃ as ſuas faltas tinhaõ dado nas ſuas mãos, a que elle puzera o remedio ſem detrimento da Companhia, & com grande proveyto dos defeytuoſos, a que lucràra para Chriſto, & que diſso tinha eſpecial conſolaçaõ.

12 Neſte governo de Coimbra tinha dado ordem ao Porteyro, que nenhum pobre ſe foſſe ſem eſmola: em anno de muyta neceſſidade mandou, que de nenhum modo ſe diminuiſſe a eſmola, que ſe coſtumava repartir nos annos mais abaſtados. Alèm das eſmolas, que ſe dam na portaria dos pobres, aos que ordinariamente as pedem, tinha aviſado os Porteyros, que quãdo vieſſem outros quaeſquer, lhe deſſẽ ſempre recado, para nam irem ſem eſmola. Hum anno paſsáram por Coimbra muytos priſioneyros, & ſe chegavaõ ao Collegio a pedir eſmola, a cada hum mandava repartir conforme a qualidade da peſsoa: paſsados dous, ou tres mezes, lhe diſſe o Porteyro: Muyta eſmola ſe tem dado eſtes mezes, Padre Reytor: Quanto teremos dado? lhe diſſe o Padre Gaſpar Moreyra. Reſpondeo o Irmaõ: Conforme os apontamentos, que fiz, neſtes mezes tem Voſſa Reverencia dado ſetenta, ou oytẽta mil reis de eſmola. Pois Irmaõ, diſse o Padre Reytor, todo eſſe dinheyro ſahio deſta bolſa, donde ſó tinha quatro atè cinco mil reis, que me tinhaõ dado para eſmolas, ſe Deos o acrecentou, bem empregado eſtá nos ſeus pobres.

13 Advertio o Padre Procurador do Collegio de Coimbra que o celleyro eſtava quaſi exhauſto pelas muytas eſmolas, que ſe davam, & tinhaõ dado; & naõ vendo donde lhe pudeſsem vir cento, & ſincoenta mil reis, que lhe eram preciſamente neceſsarios para o peyxe da Quareſma, que vinha chegando; ſe foy ao Padre Reytor entregandolhe as chaves da procuratura, dando as cauſas q̃ tinha para ſe naõ atrever a cõtinuar o officio: ouvidas as ſuas razoens, lhe diſse o P. Reytor q̃ cõfiaſſe em Deos; & q̃ as eſmolas ſe cõtinuaſsẽ como de antes. Neſte tẽpo buſcando algũs meyos para ſatisfazer ás queyxas do Procurador, veyo o Porteyro dar recado, que eſtava hum homẽ na portaria, que queria fallar a ſua Reverencia: indo là, o homem lhe entregou hũa bolſa de moedas de ouro dizendo, que aquillo era huma reſtituiçaõ, que ſe fazia áquelle Collegio: vindo para o cubiculo mandou chamar ao Procurador, & contar aquelle dinheyro: achouſe que ſomava cento, & ſincoenta mil reis; com que ficou remedia-

do

o o Procurador; tendo por milagre da esmola este tam inspera-
o provimento. Estas cousas contàra depois o Padre Moreyra
alguns Religiosos, que podiaõ vir a ser Superiores; dizendo-
es fossem sempre liberaes com os pobres, para que Deos o fos-
com as casas que governassem.

14 Os ultimos quatro annos viveo em o Collegio de Evo-
, tomando todo este tempo para ajustar a conta, que avia de
r a Deos. Gastava muytas horas em oraçaõ: quasi toda a
oyte se lhe hia neste santo exercicio, porque tirando alguns
oucos quartos, em que dormia, o mais tempo era para orar.
ez nestes annos muytas confissoens geraes de toda a sua vida.
aõ quero deyxar de referir o testimunho do Padre que foy
a Cõfessor estes quatro annos, & he por suas proprias palavras
seguinte: De sua oraçaõ sei, que era muyta, & que passava
uyta parte da noyte orando; & me disse, que no que mais con-
derava, era na conta, que avia de dar a Deos: & de quatro an-
os a esta parte, que o confessei, posso dizer geralmente, que
atava sempre de trazer sua alma tam ajustada com os conse-
os do Evangelho, que me confundia a miudeza, & formalida-
em suas confissoens, & me affirmou, que se nam atreveria a
metter hum peccado venial advertidamente; & se confessava
uyto amiude, & algumas vezes de toda a sua vida, que sem-
e foy muyto ajustada: pedindolhe eu me dissesse como a Cõ-
sor os sentimentos de sua oraçaõ, & alguns favores, que Deos
e cõmunicàra, se poz a chorar, & a dizer muytas confusoens
si, com que eu me retirei pelo naõ molestar. Atè aqui o testi-
unho de seu Confessor.

15 Andava penetrado de Deos; ainda nas praticas ordina-
s com os Religiosos, repetia muytas vezes: Seja Deos bem-
o, & louvado. Todos os successos, que lhe contavam, referia
mpre a Deos; em os prosperos dandolhe graças; em os ad-
rsos conformando-se com sua divina vontade. Do grande a-
or, que tinha á Companhia, nascia o grande gosto, que nelle
deyxava ver, quando lhe contavam, que tal, ou tal Religioso
era este, ou aquelle acto com esplendor seu, & honra da Cõ-
nhia; agradecendo, a quem lhe dava a nova, com palavras sig-
ficativas do mimo que com semelhantes novas lhe faziam. A
gumas pessoas de fóra mandou agradecer os bons respeytos,
e tinhaõ com a Companhia; & por esta mesma causa mandou
hum secular nosso affeyçoado huma pedra medicinal, a qual
e estimou tanto pela mão, donde vinha, que disse a avia de

mandar engaſtar em prata para a trazer comſigo por reliquia.

16 De todos fallava bem, & de ninguem murmurou, nem conſentio que em ſua preſença ſe murmuraſſe. Ao ſeu Confeſ- ſor diſſe muytas vezes, que ſe retirava dos repouſos para evita qualquer occaſiaõ de murmurar. Quando alguns Religioſos o viſitavam no ſeu cubiculo, perguntava logo pelas couſas d caſa, & pelos ſucceſſos do Reyno; & como algum por graceja o arguiſſe de curioſo, reſpondeo: Ahi ha menos murmuraçaõ aonde há mais materia para fallar, & quando as acçoens de ſaõ indifferentes, o fim as pòde fazer boas. Quiz certo Padr de propoſito experimentar nelle eſta virtude, & tratando-o po mais de dous annos, viſitando-o quaſi todos os dias, & dando e te, ou aquelle geyto nas praticas; ſempre o achou tam ſobre neſta materia, que nunca lhe cahio da boca palavra alguma, qu tiveſſe ſombra de murmuraçaõ.

17 Tambem eſtimou em muyto a virtude da ſanta pobre za; contentando-ſe com os bocados de paõ, que lhe ſobejavam: ſeu veſtido interior era tam pobre, que apenas eſtava capaz par ſe dar de eſmola a hum pobre da portaria. Hũa peça nova, qu lhe deram, andou mais de dous annos na enfermaria ſem a ve tir: quaſi tendo eſcrupulo de veſtir couſas novas, quando elle nam podia ſervir à Religiaõ. Quando dava alguma couſa de de voçaõ, advertia logo, que tinha licença para a dar, & que que a aceytava, tinha tambem licença para a receber; que era faze o beneficio ſem penſaõ.

18 Na virtude da paciencia chegou a ſer quaſi admiravel toda a ſua vida por cauſa dos muytos achaques foy hum perp tuo exercicio deſta virtude: muytas vezes chegou a ter o corp em chaga viva, ſem dar moſtras das agudas dores, que ſentia. Po cauſa de algumas inflãmaçoens, paſſava quatro, & ſinco dias ſe comer pezo de duas onças. Tambem outras vezes ſe cingia c huma cadea de ferro, entrandoſelhe alguns fuzis pela carne; ſe ſe apiadar de ſeu corpo, ainda que o tinha tam arraſtado com o achaques.

19 Hum anno antes de ſua morte, amanheceo o Padre Ga par Moreyra com a cara toda ferida, & lavada em ſangue; entrã do pela manhã o Irmão, que o ſervia, ficou admirado, pergunto ao Padre a cauſa daquella novidade: cuidando elle, que o Irmã galanteava, nam fez caſo da pergunta, atè que apalpando acho que fallava de veras; & diſſe, naõ entendia, que principio tiveſ aquellas feridas, porque elle paſſára a noyte em grande ſoſſego

& muyto melhor, que outras vezes. Tinha ficado a noyte antes huma quartinha cheya de agua na pedra da janella, estava pela manhã vazia, & no mesmo lugar; mas a cama do Padre toda ensopada em agua.

20 De todos estes effeytos, & circunstancias se conjecturou, que o demonio fora author daquellas feridas: dous dias antes de sua morte lhe perguntou hum Padre, que lhe declarasse, o como fora o successo desta noyte: respondeo, que elle naõ sabia como fora, nem se o demonio tinha sido o author desta desordem; mas que sabia, que elle era grande seu inimigo pelas muytas almas, que lhe tinha tirado das mãos.

21 Notouse mais, que tendo o Padre Moreyra atè aquelle tempo grandes temores da morte, pela conta, que avia de dar a Deos: dalli por diante já desejava morrer: & dizendolhe hum Religioso, como tendo antes tanto medo da morte, agora jà a desejava, respondeo: Naõ temo já a morte, porque estou apparelhado para a conta, & com as molestias, que padeço, vou pagando o que devo. Padecia tam grandes dores, que elle mesmo disse, que sò no dia do juizo se avia de saber a grande vehemencia dellas, dobràram-se estas mais na ultima enfermidade, encobrindo-as sempre, quanto podia; & alguma vez succedeo estando fallando dellas com dous Padres de confiança, olhar, nam os ouvisse alguem, porque naõ queria se divulgasse esta sua grande paciencia.

21 Ouve bastantes indicios para se cuydar, que tivera revelaçaõ de sua morte, pelo especial cuydado, que poz em se preparar para ella, & por dizer com grande certeza, que avia de ser naquella occasiaõ. Em dous mezes, que durou a enfermidade, nam gostava, lhe fallassem das cousas da terra; & a alguns, que lhe faziam mais graça, pedio lhe naõ fallassem no cubiculo, porque nam era bem divertir, a quem estava de caminho para a outra vida. Gastava o tempo em colloquios com Deos, fazendo muytos actos das virtudes principaes: pōdo amiudadamēte os olhos, ora em Christo Crucificado, ora em huma Imagem da Senhora.

22 Huma terça feyra perguntou a seu Confessor, quando era dia de S. Paulo; & respondendolhe, que no Sabbado seguinte: Pois na sua vespora, disse o enfermo, nos confessaremos; & receberemos os mais Sacramentos, & farà Deos, o que for servido: por esta ordem, & como quem tinha contado os dias, recebeo os Sacramentos, que pedira, respondendo elle mesmo, a quem os

administrava. Sempre conservou o seu perfeyto juizo, sem este variar cousa algũa; sendo as dores do corpo tam excessivas, que dous ou tres dias nam deram lugar, nem a se fazer a cama, nem a se voltar para alguma parte, de sorte, que estava quasi sem acçaõ vital para se mover, mas sò cõ o sensitivo esperto, para sofrer as dores, que o atormentavam.

22 Em huma terça feyra, que se contavam tres de Julho de 1669. mandou chamar seu Confessor, & lhe pedio, lhe applicasse a indulgencia da Companhia, que se costuma applicar aos moribundos: tẽdo-o deyxado descançar algum espaço de tempo, pelo meyo dia chamou a hum Irmaõ, & por elle mandou recado ao Padre Reytor, que morria: pedio logo a vela aceza; & como por causa do recado tivessem concorrido, reparàram em lhe dar a vela, porque naõ viaõ nelle os finaes, que costuma aver naquella hora; porèm o Padre a pedio com mais instancia, & apertando-a na mão com hum leve meneo da cabeça, & com os nomes Santissimos de Jesus, & Maria na boca, deo a alma a seu Creador. Ficou seu corpo tam composto, & alegre, que bem mostrava, fora morada de hũa alma ditosa: os circũstantes lhe beyjàraõ a mão, como a homem santo; & o mesmo fizeram, quando o metèram na sepultura. Muytos procuràram participar de suas pobres alfayas para as terem por reliquias. Foy enterrado na Capella da Senhora da Annunciada, antigamente de Santa Catherina, na sepultura da parte do Euangelho. De sua vida se fizeram conferencias, & dellas se escreveo, o que fica dito.

CAPITVLO XXXXIX.

Vida do Padre Antonio Fernãdes Missionario da Ethiopia, parte para Ethiopia, & como entrou nella, & visitou ao Emperador.

Em Goa 12. de Novembro de 1642.

1 O Padre Antonio Fernandes fervoroso Missionario de Ethiopia sobre o Egypto, foy natural da Cidade de Lisboa. Seus pays se chamàram Domingos Fernandes, & Joanna Jorge. Tendo dezaseis annos de idade entrou na Companhia em Evora aos vinte, & seis de Março de mil quinhentos, & oytenta, & seis, & nesta casa passou os dous annos do Noviciado. Depois ficou entre os Noviços por seu Soto-ministro; & jà Sacerdote foy companheyro do Padre Mestre dos Noviços; occupaçoens, que bem denotam seus santos procedimentos.

tos. Partio para a India no anno de 1602. naquella florentissima esquadra de Missionarios, que comsigo levou o Padre Alberto Laercio, que constava de sincoenta, & oyto Missionarios da Companhia.

2 Naõ se deteve muyto em Goa, porque o seu zelo o chamava para o grãde Imperio de Ethiopia, que era Missaõ naquelles tempos de grande expectaçaõ. Partio de Goa para Dio. Dalli com o Padre Francisco Antonio de Angelis, se fez á vela para Ethiopia em hum navio de Turcos. He de saber, que os Turcos por força de armas, & por causa das dissensoens, que entre si tiveram os Abexins, (assim se chamam as gentes desta Ethiopia) se fizeram senhores dos portos maritimos do Imperio dos Abexins, como sam a Ilha de Maçuá, & porto de Suaquem, que ficaõ no estreyto do Mar Roxo. Com isto os naturaes ficàram metidos pela terra adentro, sem entrarem nas suas terras, mais que aquelles, a quem os Turcos por suas conveniencias o permittem.

3 Por esta causa se difficultou muyto aos Missionarios a entrada em Ethiopia, vivendo os Turcos receosos, de que os naturaes tivessem communicaçaõ com os Portuguezes, & ajudados destes os desalojassem dos portos occupados com seus presidios. Com tudo vindo com negocios a Dio alguns criados do Governador daquelles portos, os Portuguezes lhe fizeram tam boas passagens; que lhe fizeram graça de levar em suas naos aos Padres com toda a segurança, até os pòr em salvo nas terras de Ethiopia.

4 Aos 24. de Março de 1604. partio de Dio o Padre Antonio Fernandes com seu companheyro. Dentro de vinte, & quatro dias avistáram o porto de Suaquem. Ahi tiveram hum grãde perigo por dar a nao em hum bayxo, o qual naõ era pedras, nem area, mas vaza; descarregàram-na, depois com reboques, & espias, que lançàram ao longe, a pozeram em agua, onde nadava. Como isto acontecia junto da Costa, & por naõ esperar a detença, que averia em recolher a fazenda, que se lançàra em huma ilhota, mandou o Turco vir cavalgaduras, em que elle, & os Padres se foram a Suaquem. O Governador os recebeo com agrado, & deo a cada hum sua cabaya, que era a mayor honra, que costumava fazer.

5 Depois lhe mandou dar embarcaçaõ, em que passáram a Maçuá. Tiveraõ nesta pequena jornada alguns perigos do mar, de que Deos os livrou. O Capitaõ da Ilha os hospedou bem, & deo

deo os soldados,q̃ pela terra a dẽtro lhe segurassẽ o caminho,atè os entregarem aos Portuguezes de Fremonà, a quem se tinha feyto aviso. No segundo dia se encontràraõ com os Portuguezes; despediraõ os Turcos com muytas significaçoens de agradecimento pela boa passagem,que lhes tinhaõ feyto. Em 13. de Julho do sobredito anno chegàraõ a Fremonà. Aonde os Catholicos os recebéraõ,como Anjos do Ceo.

6 Avia neste tempo grandes revoltas quanto ao dominio temporal do Imperio,que diversos procuravaõ usurpar. Favoreceo a fortuna a Seltaõ Segued, que foy homem affeyçoado aos Padres, & á Fè Catholica. No principio tiveraõ os Padres, & Catholicos justo temor, por quanto os Portuguezes tinhaõ seguido as partes de seu competidor: mas Deos, que tem na mão os coraçoens dos Reys,lhes affeyçoou o deste,de quem estavam temerosos.

7 Achava-se o Padre Antonio Fernandes em Dambeà: sabendo pois, que o novo Emperador se mudava para a Corte de Cogá,& que avia de passar por alli perto, se determinou de o visitar, para tomar noticias de que bordo estava, & ver que rosto mostrava aos Catholicos. Recebe-os com notavel alegria, estimando a lembrança, que delle, & de suas cousas tinhaõ. Mandoulhes de cear,&mais cinco vacas cevadas,das que assim engordam para comer. Depois assentando-se para cear, perguntou ao Veador,se tinha provido ao Padre,& a seu companheyro. Respondeo, que tudo lhe mandára, excepto vinho, por quanto os Padres tinhaõ vindo tarde,& o que avia fora repartido pelos fidalgos,que comiaõ dá mesa de Sua Alteza. A isto acodio o Emperador, dizendo: Naõ avieis de cõmetter tam grande erro, id logo,mandai aos Padres o vinho,que està para mim, & eu beberei agua. Sabendo os Padres esta fineza,fizeraõ della a devida estimaçaõ;& em final do seu agradecimento o foraõ acompanhando atè Cogà. Dalli se retiráraõ para hum lugar de Portuguezes.

8 Dahi a algum tempo o tornàraõ a visitar. Recebe-os com affabilidade, & perguntandolhes, em que lugar moravaõ, responderaõ, que naquella terra naõ tinhaõ lugar certo. Mandoulhes dar humas terras muy boas junto à alagoa de Dambeà,para terem casa, & Igreja em Gorgorrà. Depois pedio, fizessem aviso ao Padre Pedro Paes, que gostaria de o ver,porque delle lhe tinhaõ dito muytas cousas. Veyo o Padre, a quem tratou cõ singular affabilidade. Quiz que a doaçaõ das terras fosse perpe-

tua

tua; para isso ordenou, se desse posse aos Padres com todas as ceremonias, que naquellas terras costuma o direyto.

9 Retirando-se outra vez os Padres para Gorgorrà, dahi a hũ mez os madou chamar o Emperador. Foraõ navegando logo, pelo grãde lago, q̃ o Nilo faz em Dambeá, aõde algũas tres vezes hum cavallo marinho fez de si tiro à pequena embarcaçaõ; mas foy Deos servido, que sempre errou o golpe, atè q̃ chegando-se o barquinho á praya, naõ teve o monstro agua para nadar; & assim se livràraõ dos seus assaltos, com os quaes a cada passo alli fazem voltar os barquinhos.

10 Em chegando à Corte foram hospedados com agrado, & o Emperador por hum seu Irmaõ os convidou, para lhes dar hum banquete; que foy favor, que se faz a muy poucos; & he dos mayores, que costuma fazer o Emperador. Depois desta grande mercè ficou na Corte o Padre Pedro Paes. Por vezes visitava o Padre ao Emperador, & com elle conversava nas cousas da Religiaõ, atè que finalmente se declarou com o Padre, dizendo, que lhe dava Deos a sentir, se fizesse Catholico Romano com todo o seu Reyno. Para isto dizia, necessitar do soccorro de gente Portugueza, para se defender dos seus, & dos Gallas, que muyto infestaõ a Ethiopia, & tomar as praças maritimas, que occupavaõ os Turcos. Escreveo logo ao Papa, & a ElRey de Portugal sobre esta sua resoluçaõ: as cartas levou o Padre Paes ao Reyno de Tigrè, para dalli as encaminhar para a India.

CAPITVLO L.

Emprende o Padre Antonio Fernandes huma trabalhosa viagem, & do que lhe aconteceo.

1 LOgo que este Emperador tomou posse do governo, & começou a mostrar inclinaçaõ aos Catholicos, o Padre Pedro Paes informou a ElRey Filippe, que governava Portugal, & ao Summo Pontifice Paulo Quinto das boas esperanças, que dava este Emperador de fazer alguma grande mudança nas cousas da Religiaõ. Desta informaçaõ resultou escreverlhe ElRey, & o Summo Pontifice alegrando-se cõ as suas prosperidades. Fez destas cartas notavel estimaçaõ, & por causa dellas se resolveo a mãdar Embayxador a ElRey de Portugal, & ao Summo Pontifice; pois sem o soccorro dos Portuguezes, que o segurassem contra os Scismaticos, naõ podia elle introduzir

troduzir mudança na Religiaõ, nem esta seria de dura sem ser à sombra das armas; as quaes era bem, lhe fizessem costas, para rebater as primeyras furias, & a fé cobrar alentos.

2 Para se dar a este negocio mais esforço, determinou o Emperador mandar Embayxador, o qual ordenasse o caminho pelo seu Reyno de Nareá, & viesse sahir à Costa de Melinde, dalli passasse a Goa, & a Portugal. Parecialhe este caminho melhor por evitar os perigos de cahir nas mãos dos Turcos, q̃ se cheirassem, que mandava chamar Portuguezes, sem duvida matariam, aos que levassem tal aviso, & poriam mais cobro, em que nem huma sò pessoa entrasse na Ethiopia. Mas para que o Embayxador tivesse autoridade na India, & na Europa, pedio, se servisse algum dos Padres de o acompanhar. Era a viagem cheya de mil difficuldades, qualquer dos Padres se offereceo de boa vontade pelo serviço, que em a emprender, se fazia a Deos.

3 Cahio a sorte sobre o nosso Padre Antonio Fernandes. Nomeouse por Embayxador a Tecur Egzi, que era homem de ser, & bom Catholico. Bem previam o Padres as difficuldades do caminho por terra, que avia de ser entre naçoens incognitas. Disseram-se muytas Missas, para que Deos desse à jornada feliz successo. Mandou o Emperador dar gente, & o mais necessario para o caminho. No principio de Março de mil seiscentos, & treze partio o Padre de Dambeà para Gojam, aonde o esperava o Embayxador, que fora diante, para dispor as cousas de sua casa, q̃ alli tinha. Levava cõsigo dez Portuguezes, quatro q̃ se offerecèram de o acompanhar atè a India, & os seis atè o fim de Nareà, & dalli voltar para suas casas. Deram-selhe guias das naçoens, por onde aviaõ de passar, em quanto caminhassem dentro no Imperio.

4 Em 15. de Abril de 1613. se puzeraõ ao caminho, levavaõ em sua escolta atè quarenta homens de rodelas, & zarguncbos, armas ordinarias daquellas gentes. Brevemente começàraõ a descobrirse as impossibilidades do caminho. Depois de tres dias chegàram a Sinassé povoaçaõ principal dos Gongás gentios. Pediraõ alli da parte do Viso-Rey guardas para o restante do caminho, atè chegar ao Nilo naõ lhas quizeraõ dar: do q̃ bem se inferio, que os intentos eraõ, assaltallos no caminho, rouballos, & tirarlhes as vidas. E quando isto era nas terras, & vassallos do Emperador, bem se deyxava ver, o que seria em naçoens estranhas, & barbaras de Mouros, Turcos, & Cafres, poronde de necessidade aviam de passar. Logo se mandou hum Portuguez cõ

avis[o]

aviso ao Viso-Rey, o qual mandou logo tres Capitaens, para darem escolta ao Padre, & Embayxador, & castigarem aos Gongàs.

5 Sabendo elles do aviso, que se fizera ao Viso-Rey, deraõ as guardas, & com ellas chegàraõ atè o Nilo, num passo onde já volta para o Egypto, & vay muy engrossado. Naõ ha nestas terras barcos para passar, nem pontes, por tanto de paos mal atados rmàraõ huma jangada com algumas cabaças, que para isto traziam, que os ajudassem a ter sobre a agua. Hiam diante alguns nadando para guiar a jangada, & outros detraz, que a empuxaraõ. Hum dia gastàram nesta arriscada passagem.

6 Logo despediram hum homem a dar aviso ao Viso-Rey e como tinhaõ passado o Nilo, & como naõ era já necessaria ente. Deste passo caminhàram sempre direytos ao Sul, atè chegarem a Nareá. Neste caminho, que seria como de sincoenta egoas, os livrou Deos de varios assaltos dos Gallas, que os perendiaõ roubar. Depois entràram por terra de Cafres ainda sueytos ao Emperador; estes sahiam de seus covîs como feras, ara fazer preza nos caminhantes, os quaes faziaõ grandes proestos da parte do Emperador, mas o melhor protesto era porem-se em armas, & rebaterem as insolencias dos salteadores.

7 Por fim estes disseraõ, os deixariaõ passar livremente, se lhes essem alguma cousa. Contentàram-nos com algumas pedras de l, & algumas touquinhas, & continuàraõ seu caminho. O guia, ue os encaminhava, por naõ cahirem nas mãos dos salteadores, meteo por hum mato trabalhoso de passar, depois os fez ir or huma decida muy arriscada, atè chegarem junto da noyte rio Maleg. No dia seguinte buscàram passo para o vadear, & omo o nam achasem, entrâram em suspeyta, que o guia os ueria entregar, como jà fizera a outro Senhor grande, a uem por modo semelhante tinha metido nas mãos de seus inimigos.

8 Fezlhe o Padre bom tratamento, ordenando com tudo se giase com cuydado sobre elle, porque se naõ pudese ausenr. Finalmente acertàram com o vao do rio, & o pasàraõ. Enáram no Reyno de Nareà, subindo primeyro huma grãde ser. Chegáram à principal povoaçam, onde o Governador della recebeo com benevolencia. Este Reyno he o ultimo do Imerio, terá como trinta, ou quarẽta legoas de terra, confina com a afraria, q̃ se estende atè a Costa de Melinde. A gente he a meor de todo o Imperio, muy verdadeira, & o seu trato affavel,

fóra

fóra dos enredos dos Ethiopes. Atè nas feyçoens os fez a natur
za mais bem apessoados, porque as naõ tem tam grosseyras,co
mo as outras naçoens. A terra he abastada. He gente valente n
guerra,por isso sem ajuda do Emperador defendem o seu Rey
no,& o conservam livre das hostilidades dos Gallas, & outr
potentados, que tomaõ as armas contra o Emperador. A es
saõ tributarios mais por obsequio,que por necessidade, que del
tenham,nem medo,que os obrigue.

9 Daquella primeyra povoaçaõ dentro de seis dias cheg
raõ ao lugar, onde assiste o Governador de todo o Reyno. Es
os recebeo com alguma benevolencia, mas ao Padre naõ fez h
ra. A causa foy hum Scismatico, que era alli como Vigario G
ral do Prelado mayor de Ethiopia; cuydou este,que o Padre,
vinha privar do officio, & succederlhe nelle; por is
acodio ao Governador;& este se mostrou desgostoso. Sabendo
Padre a causa visitou ao Scismatico, & o desassombrou, & m
teo por valia com o Governador, para que os desembaraças
com brevidade.

10 Entrou o Governador em suspeytas acerca desta Em
bayxada,discorrendo sobre que seria; & ainda que o naõ pode
rar nem do Padre,nem do Embayxador,assentou comsigo, q
ella se ordenava a trazer Portuguezes da India, para obrigare
aos Ethiopes,a receber a Fè Romana; & que a entrada seria p
aquelle Reyno,& que o privariaõ do governo. Chamou os se
conselheyros, proposlhe a sua imaginaçaõ. Respondèram, q
naõ convinha,lhe dessem passo por aquella parte, que era o c
minho direyto,& mais facil; mas que os encaminhassem por o
tro muy difficultoso.

11 Depois desenganou ao Padre, que naõ aviam de ir p
aquella parte, mas se quizessem continuar, avia de ser pela o
tra,cujas terras se chamavam Balii. Por este Reyno era a jorn
da como impossivel; mas o desejo do Padre a tudo se afouto
Succedeo acharse alli hum Embayxador do Reyno de Gin
rò, por onde aviam de passar. Logo o Governador o desp
chou, & lhe encomendou levasse em sua companhia ao Padr
& Embayxador,& os defendesse. Aceytou elle este cuydado. N
fim do primeyro dia da sua jornada chegáram a hum lugar,
cujo Capitaõ ordenára o Governador, desse comboy aos pass
geyros. Deolhes oytenta homens, com elles caminhàram qu
tro dias a grandes jornadas por terras despovoadas, por me
dos salteadores. No quarto dia se voltáram os Nareàs,deyxan
a

aos caminhantes bem arriscados. Foraõ continuando, levando porèm sempre diante alguns batedores, para que avistando Gallas, que infestam os caminhos, lhes fizessem aviso, para se porem em cobro nos matos.

12 Indo decendo huma serra ingreme, lhes disse o Embayxador de Gingirò, que se escondessem nos matos até a noyte, & que de noyte continuariam, & passariam aquelles campos, em q̃ de dia andam os Gallas guardando suas vacas. Pelas quatro da tarde sobreveyo huma chuva, que fazendo recolher os Gallas a suas cabanas, deu bem molestia aos caminhantes sobre o cansasso do caminho. Foraõ de noyte proseguindo por hum mato fechado, que de dia seria molestissimo de passar, quanto mais em huma chuvosa, & escura noyte.

13 Pela meya noyte paráram junto de humas arvores para descansar, & tomar algum sustento. Fizeraõ grande fogo. Logo entràraõ com a cea, que se concluhio cõ alguma cevada torrada, que he o provimento dos caminhantes em Ethiopia. No dia seguinte passada huma grande serra chegàram ao rio Zebeè; o qual leva mais agua, que o Nilo. Despenha-se entre altas serras, & com os precipicios faz estrondo medonhissimo.

14 Porẽ o que aqui mais os assombrou, foy a ponte, por onde o aviam de passar. Constava esta de hum pao lançado de huma a outra altissima rocha, debayxo das quaes colava o rio. Olhar da ponte para bayxo, era ver hum inferno. O pao em se pondo sobre elle começava a ranger. Hum a hum foram passando com hum medo tamanho como o perigo. Postos da outra parte, naõ achavam modo para passarem as mulas. No dia seguinte vieram alli dous homens da terra, & pagandolhe bem, buscàraõ vao, por onde as mulas passáram.

15 Vencida tamanha difficuldade, chegàram a huma povoaçaõ, donde se fez aviso ao Rey de Gingirò: pedio o Padre licença para chegar à sua Corte, & entregar as cartas, que trazia do Emperador de Ethiopia. Avida a licença, entrou na Corte onde foy recebido com a cortezia, que naquellas naçoens barbaras se costuma. O Padre lhe mandou de presente alguns panos pretos da India, que alli por cousa rara tem grande estimaçam. Elle como em recompensa mandou ao Padre huma escrava filha de hum principal. Respondeo o Padre agradecendo a data, mas desculpouse de a aceytar, dizendo, que elle nam levava comsigo mulheres. Entaõ lhe mandou dar huma boa mula, & hum escravo, que o Padre recebeo, & depois fez Christam. Deolhe

 gente,

gente,que os comboyaſſe até tornarem a paſſar o rio Zebeè, & entrarem no Reyno de Combate.

16 Na primeyra jornada chegáram ao rio. O modo de o paſſar foy outro novo aſſombro, diverſo da ponte de pao, que fic dita,mas cheyo de nam menores ſuſtos. Foy a embarcaçaõ deſte modo. Esfoláram huma vaca, no couro metèram fato, depois o enchèram bem de vento. Sobre o couro amarràraõ dou varaes como de liteyra, de cada parte nas pontas dos varaes ſ pendurou hum homem,& aviam de ſer de pezo igual, para qu a balança foſſe em equilibrio. Diante hia hum valente nadado tirando de hum cabo atado no meyo dos varaes. Detraz hiam tambem dous nadadores, que empuxavam a fabrica. Sobre eſt perigoſa arquitectura foraõ paſſando o rio com o ſuſto,que pe ſi ſe deyxa bem ver. Todo hum dia gaſtàram neſta difficultoſ paſſagem,& foy Deos ſervido,que a balança foſſe ſempre direyta,porque o uſo os faz niſto bons meſtres.

17 O Reyno de Gingiró he pequeno. O rio Zebeè o cing de modo,que fica como hũa peninſula.Os coſtumes deſte Reyno,a eleyçam de ſeus Reys,& outras barbarias deſte gentiliſm eſcreve na ſua Hiſtoria de Ethiopia o Padre Balthezar Telle no livro quarto,tudo recolhido das relaçoens, que fez deſta ſu jornada o Padre Antonio Fernandes; & como eu ſò vou dand noticia do muyto,que neſta viagem padeceo o noſſo Padre Antonio Fernandes, naõ tenho porque me deter em contar as couſas,que vio,que no dito Autor as achraõ os curioſos,que della quizerem ſaber.

CAPITVLO LI.

Continua a meſma jornada, & como foy obrigado a voltar atraz

1 DO Reyno de Gingirò paſsou o Padre ao Reyno d Combate, cujo Rey ainda tinha qualquer reconhecença ao Emperador de Ethiopia. Confinam com o Reyno huns povos chamados Gurà Guès,que reconhecem por ſeu Senhor ao Emperador. Deteve=ſe alli o Padre alguns dias, por lh dizerem,avia naquella terra de aver huma feyra, & que podia fazer ſeu caminho com a gente, que della ſe recolheſſe a ſua caſas. Porèm o certo foy,ſer traça, para darem aviſo a outro povos,para que todos de mão cõmua aſsaltaſsem, & roubaſsem a cáfila do Padre.

2 Co

2 Começando pois a caminhar, muytos gentios dos povos Gurá Guès afsaltàram a Càfila, que fe defendeo muy bem, fò foy morto hum parente do Embayxador com huma feta ervada,& por iffo foy fem remedio a ferida. Pafsados efte, & outros encontros, chegàram ao lugar onde affiftia o Governador do Reyno, de quem ao principio foram bem recebidos por caufa das recomendaçoens do Emperador. Nefte tempo chegou alli hum Abexim com titulo de recolher o tributo Real, mas na verdade enviado de muytos grandes da Corte do Emperador inimigos da Fè Catholica: os quaes avifavam ao Governador, nam deyxaffe paffar adiante aquella gente, que hiam contra vontade do Emperador: que o fim da jornada era trazerem Portuguezes com efpingardas,& bombardas, que matam ao longe, tomarem o Imperio,& obrigarem a todos a deyxar a ley de feus pays.

3 Naõ fó encheo defte medo ao Governador, mas tambem a todos os Mouros, & Gallas vizinhos. Fez o Governador grandes exames, mas achando fer mentira, o que o Abexim dizia, lhes quiz dar licença; mas fez taes proteftos o Abexim, que o Governador determinou deter os paffageyros, atè faber, fe hiam, ou naõ por vontade do Emperador. A ifto mandou hum homem, o Abexim outro,& o Padre outro. Dalli a tres mezes, quando fe efperava a repofta, chegáraõ os menfageyros, dizendo que todo aquelle tempo eftiveram prezos em hum lugar diftante daquella terra tres dias de caminho.

4 Por efta caufa foy neceffario mandarem outros, os quaes chegàram á Corte. Recebeo o Emperador notavel fentimento de taes detenças, & fe pudera, fem duvida caftigàra os autores dellas; porẽ diffimulãdo a fua pena, mandou cõ cartas a hũ homẽ daquellas terras bẽ conhecido,& cõ prefẽte para o Governador, ordenoulhe, q̃ do feu tributo deffe ao P. quãto lhe foffe neceffario,& o recomẽdaffe aos Reys dos outros Reynos; & tambẽ mãdou o Emperador hũa Cabaya a hum Mouro chamado Alicò, que dominava nas terras, que fe feguiam ao Reyno de Combate.

5 Em Junho de 1614. chegou a Combate efte recado do Emperador. Deferio a tudo. Ao Embayxador deo fete cavallos, que entendeo feria o melhor prefente, que podia offerecer aos Reys, por cujas terras pafsafe. Fizeram-fe preftes para continuar: porèm algũs companheyros do Embayxador fe efcufàraõ, & livràram de mais o acompanhar, dando por razaõ, que elles naõ cuydàraõ fer o caminho tal, qual até alli o tinhaõ experimẽtado; & fe nas terras ainda fugeytas ao Imperio tinhaõ padecido

tanto,bem se via, o que lhes ficava por padecer entre naçoens indomitas, que apenas sabiam o nome de Ethiopia. Quatorze mezes avia,que tinhaõ partido da Corte, em que os perigos foraõ mais,que os passos que deraõ. O desejo que o Padre Antonio Fernandes tinha de fazer aquelle grande serviço a Deos, parece lhe nam deyxava considerar nos immensos trabalhos, & insuperaveis perigos,que avia em jornada tam fóra de caminho.

6 Logo que o Abexim, que detivera com seus enredos o Padre em Cõbate, entendeo,que o Governador o deyxava passar avante,escreveo ao Mouro Alicó, metendo grandes medos, & dando razoens, porque lhe convinha naõ deyxar ir adiante aquelles passageyros. Quando o Padre chegou à Corte de Alicò,o sentio carregado, posto que recebeo a cabaya. Dous dias depois chegou o negro Abexim,a quem o demonio tinha tomado por seu instrumento. Logo o Alicó mandou prender ao Padre,& Embayxador,& confiscarlhe o fato, mulas,& cavallos;& dãdo em tudo busca,só naõ permittio Deos achassẽ as cartas do Emperador,q̃ o P.levava atadas nos buchos dos braçoa;porq̃ se dessem com ellas,achariam de certo, a negociaçam de fazer vir Portuguezes, a qual atè alli sò tinham por conjectura. E sem duvida Alicó os mandaria matar, pois hum dos medos, que o Abexim lhe tinha metido na cabeça,era, que por suas terras entrariaõ os Portuguezes, & depois de as sugeytar, & destruir iriam adiante.

7 Temendo o Padre segunda vistoria,mandou vir fogo, significando como que queria tomar tabaco, que entre aquelles negros era jà cousa tam usual,q̃ disse o Padre,o estavaõ tomando de continuo. Trazido o fogo, como estava sò, queymou todas as cartas. Dez dias durou a prizaõ, tendo Alicô varios conselhos sobre a morte dos prezos, que o Abexim muyto solicitava.

8 Alguns dos principaes lhe estranhàram,ter obrado contra o direyto das gentes, por ter mandado prender ao correyo do Emperador,que lhe trouxera cartas delle,& as cabayas; que este foy o primeyro de todos, que meteo em prizaõ; vendo agora a sua sem-razaõ,o mandou soltar. Acerca dos mais tomou o conselho,que lhe deo hũ dos seus, homẽ de autoridade, que os nam matasse,antes fizesse voltar atraz,nam pelo Reyno de Combate, porque naõ succedesse,que por queyxas do Embayxador lhe fizesse guerra o Governador de Combate.

9 Sentio muyto o Abexim,que escapassem com vida, & j

qu

que naõ podia effeytuar a morte, persuadio a Alicó, deyxasse ficar no Reyno a tres Portuguezes, com pretexto de que lhe podiaõ servir muyto na guerra. Assim o fez, nem ouve razoens, que o tirassem deste proposito. Custou muyto ao Padre deyxar no meyo de tal barbaria a tam fieis companheyros, mas ouve de se accõmodar ao tempo. Despedio-se delles com incõsolaveis lagrimas, & começou a entrar em nova Iliada de trabalhos.

10 No mesmo dia, que o Padre sahio de Alabá, que era a Corte de Alicó, se ajuntáraõ alguns Mouros, para lhe sahirem ao caminho, roubarem, & matarem. Deos afogou este danado intento com hũa grossa chuva, por causa desta não sahiraũ de suas cabanas os Mouros, persuadidos, que com tal tempo nem os passageyros se poriam a caminho; porèm naõ foy assim, porque elles por debayxo da agua se apressàram por chegar a povoado; & assim ainda que bem molhados escapàraõ das mãos da morte.

11 Na povoaçaõ entràraõ em novos sustos, de que a noyte seria trabalhosa, porque viaõ aos Mouros fazer suas juntas. Succedeo porèm, que o Correyo do Emperador achou alli a hum Galla; perguntoulhe, se conhecia a outro Galla homem poderoso, & muyto seu amigo, chamado Amumá. Respondeo, que elle era seu criado. Pois dailhe aviso disso, que eu estou aqui, que lhe quero dar hum fermoso cavallo; foy o Galla correndo, & o amo veyo voando ao cheyro da dadiva. Conheceo a seu amigo, & tomou a todos debayxo da sua protecçaõ. Por este meyo se desvanecèraõ os depravados intentos dos Mouros.

12 Este Galla os conduzio dalli duas jornadas atè o lugar, onde habitava, nelle os hospedou, & tratou bem. Depois os acõpanhou mais tres jornadas adiante; & os livrou do susto, q̃ hũs Gallas armados lhes causáraõ estes os vieram demandar, imaginando vinha alli hum seu grande inimigo, mas achando-se com Amumà, os deyxàram passar livres. Mayor foy o outro perigo, que tiveraõ chegando a certa paragem, onde muytos Gallas faziaõ grandes festas aos seus idolos; chegando os passageyros, se foraõ a elles com as armas nas mãos, & vendo que eram Christãos, entràraõ em pensamentos de os sacrificarem a seus idolos, & o fizeraõ, se Amumà os naõ impedira. Finalmente tendo passado innumeraveis perigos, que se deyxaõ bem considerar dos que ficaõ referidos, chegou o P. a Ambà, povoaçaõ de Christãos nas terras do Emperador. Dalli lhe fez aviso do succedido, dizendo esperava ordem de sua Alteza, para ordenar a jor-

 nada

nada por outra via, já que por aquella tinha sido tam pouco a-
fortunada. Tal era o espirito deste Padre, que huns trabalhos o
alentavaõ para outros.

13 O Emperador o mandou vir à Corte com os companhey-
ros,& recebeo como a gẽte resuscitada. Agradeceolhes o traba-
lho,q̃ por seu respeyto,& serviço de Deos emprendèram. Hum
anno,& sete mezes gastou o Padre nesta ida, & vinda sem pro-
veyto mais que o do seu merecimento. Logo se lhe offereceo
occasiaõ de fazer hum singular acto de caridade Christãa. Man-
quer (assim se chamava aquelle mao Abexim) que ordira os en-
redos, com que a jornada naõ se proseguio; concluida a sua ma-
licia, se voltou à Corte, fiado nas valias, que o enviàram, & tam-
bem nas suas traças. Mandou logo o Emperador, que fosse
prezo, & perguntado dos seus delictos, chãmente negou tu-
do, mas convencido facilmente foy condenado à morte. Esta-
va entam o Padre Antõnio Fernandes no arrayal, foyse ao Em-
perador, & com as lagrimas nos olhos lhe pedio a vida para
Manquer. O Emperador muyto contra o que entendia, lha cõ-
cedeo.

14 Mas jà que os homens lhe perdoavaõ, Deos brevemente
o castigou. Foy desterrado para huma serra, no caminho fugio
das mãos, de quem o levava, & se lançou com os Gallas gran-
des inimigos do Imperio. Vindo estes fazer huma pilhagem, fo-
raõ rebatidos; & Manquer na fugida quebrou huma perna. Vẽ-
do os Gallas, que naõ podia ir adiante, porq̃ naõ penasse muy-
to, o matàraõ. Deste modo veyo a pagar seus delictos.

CAPITVLO LII.

*Do mais que aconteceo em Ethiopia ao Padre Antonio Fernan-
des atè ser entregue aos Turcos. dà-se huma noticia de suas
virtudes, & sua santa morte.*

1 DEpois nos annos seguintes os cuidados deste bom
Padre foraõ occuparse todo na salvaçaõ dos A-
bexins. Vio com seus olhos os tempos mais ditosos, que teve
Ethiopia. Vio convertido ao Emperador Seltam Segued. Nas
mãos lhe morreo aquelle grande servo de Deos o Padre Pedro
Paes, a quem Deos tomou por instrumento para a reduçaõ do
Emperador. Elle vio na Ethiopia ao Patriarca Affonso Men-
des reconhecido publicamente.

2 Hum

2 Hum dos mayores testimunhos,que de sua virtude nos ficàraõ,foy a opiniaõ,que della tinha o Patriarca,o qual indo huma vez visitar as Christandades, entre os mais Padres levou ao nosso Padre Antonio Fernandes. E he cousa digna de grande reparo,que padecendo o Patriarca muyto nesta visita, quando a referia , tudo era louvar o zelo dos Padres seus companheyros, em especial do Padre Antonio Fernandes , que naõ contente cõ o trabalho da visita nos lugares mayores, se hia só pelos lugares pequenos,naõ perdoando a molestia , nem trabalho por aproveytar a todos.

3 Em hum destes lugares lhe succedeo huma cousa notavel; recolheo-se em huma palhota,porèm obrigado de huma horrivel tormenta se passou a outra,que lhe pareceo mais acõmodada;apenas tinha entrado pela porta, quando cahio hum rayo na outra,& a reduzio toda a cinza com os boys,que nella estavam; & tambem consumiria ao Padre, se Deos lhe naõ dera aquelle impulso de passar para a outra casa. Nestas visitas com as fomes,& trabalhos se attenuou de sorte, que quando se recolheo a casa, apenas podia sustentar o corpo encostado a hum bordam, sendo que deste arrimo nam usára atè aquelle tempo.

4 Foy este Padre muy devoto do seu Anjo da Guarda , de cuja mão recebeo singulares favores ; hum delles foy , que em certa occasiaõ achando se junto a hum rio cõ seus companheyros , vendo que sem se despir naõ podia passar à outra parte, & o despirse,por ser modestissimo, lhe parecia cousa muy dura,recorreo ao seu Anjo,& de improviso,sem saber como,se achou da outra parte do rio. Por estes annos atè o de mil seiscentos , & vinte & oyto foy em Ethiopia grãdissimo o numero de conversoens. Padre ouve,o qual escreveo ,que elle sò numa Quaresma bautizàra mais de quarenta mil. No tal anno foy alli o auge das cousas de nossa Santa Fè,as quaes vieraõ a declinar, atè se arruinar de todo taõ numerosa Christandade,a quem promoviam agóra o Patriarca vinte , & dous Religiosos da Companhia. As origens,& successos desta lamentavel ruina refere largamente o Padre Balthezar Telles na sua Historia de Ethiopia. Nas calamidades que sobrevieram , em que tanto padecèram os Missionarios,teve boa porçaõ de trabalhos o Padre Antonio Fernandes.

5 Era elle o Vigario Geral do Patriarca , quando se lhes intimou o desterro,estava em Anfras com o Patriarca,Bispo Apolinar de Almeyda , & o Padre Francisco Rodrigues. Depois de

alli chegarem outros Padres, partiram todos de Anfras par
Fremonà povoaçaõ de Portuguezes. Começàram ſeu caminh
em vinte,& nove de Março de 1633. As vexaçoens, que todo
padecèram, roubos, falta de mantimento, & ſemelhantes que
mundo tem por infortunios, & os noſſos deſterrados contavan
por felicidades, ſaõ taes que atè a pedras podem fazer compay
xaõ, & as refere com miudeza o ſobredito Autor. Chegáram
Fremoná aos vinte,& quatro de Abril, depois de terem eſcapa
do de tantas mortes, quantos foram os paſſos que deram, inveſ
tidos por vezes dos ladroens,& roubados da ſua pobreza.

6 Naõ os deyxou alli viver o Emperador, mas ordenou ſa
hiſſem de toda a Ethiopia,& foſſem entregues aos Turcos, qu
eraõ ſenhores dos portos maritimos, para que diſpuzeſſem del
les, como melhor lhes eſtiveſſe. Tudo aſſim ſe executou. E
Suaquem eſtiveram a ponto de ſer todos ſacrificados a Mafoma
mas a cobiça do reſgate divertio eſte intento. Depois de vario
contraſtes, aſſentou o Turco com os Padres, que lhe deſſen
quatro mil patacas pelo reſgate de todos. Niſto convieram, a
vendo-as empreſtadas de mercadores Baneanes, que cõmercia
vam com Dio.

7 Temendo porèm o Turco, que deyxando ir todos, pode
ria faltarlhe o cõmercio de Dio por cauſa das queyxas, que lá f
zeſſem os Padres, mandou ficar ao Patriarca, & mais dous P
dres, que foraõ Diogo de Matos, & Franciſco Marques; os de
mais,& entre elles o noſſo Padre Antonio Fernandes paſſára
a Dio. Partiram de Suaquem em 26. de Agoſto de 1634. depo
de ſincoenta,& dous dias entràram na barra de Dio. Padecèra
neſta viagem notaveis incomodos, por ſer a nao de Turcos,
vir cheya de romeyros, que vinhaõ da caſa de Meca; & tinha
para ſi, que em vexar aos Chriſtãos, faziam ao ſeu profeta ſi
gular obſequio.

8 Atè agora tenho feyto hum como reſumo dos immenſ
trabalhos, que padeceo o Padre Antonio Fernandes, agora fa
larei das excellentes virtudes, com que Deos o enriqueceo. Se
Meſtre dos Noviços o Padre Franciſco de Araujo dizia dell
que fora verdadeyro Noviço da Companhia. Delle coſtumav
dizer o Padre Manoel de Almeyda grãde Miſſionario de Ethio
pia, que ſe admirava da conſtancia, & ſanta tezidam do Padr
Antonio Fernandes no caminho da perfeyçam, no qual nem h
ſó ponto afroxava.

9 Coſtumava dizer, q̃ quando fazia a trabalhoſa jornada d
Nareà

Nareà, que fica referida, se considerava como huma formiguinha em hum dilatado campo cercado de gente sem numero, onde a formiguinha sem attender a tanta gente continua a sua derrota, indo adiante com o seu grão de trigo. Por espaço de trinta annos trabalhou incansavelmente nas regioens da Ethiopia, colhendo de seus suores innumeraveis frutos. Em Goa fez a occupaçaõ de Prefeyto do espirito do Collegio de Saõ Paulo. Praticava muytas vezes á Communidade. Ao confessionario assistia com grande perseverança, ainda que padecia algum defeyto no ouvir, que a qualquer imperfeyto sobejaria, para se furtar a este penoso trabalho. No comer era muyto mortificado, & por isso padecia falta de calor natural.

10 Foy consũmado na virtude da oraçaõ, porque passado o primeyro sono, pelas duas horas da noyte se hia pòr de joelhos a orar diante do Santissimo Sacramento atè as quatro: entam se recirava ao seu cubiculo, a continuar com a Communidade o mesmo exercicio. Na sua Missa gastava exactamente meya hora no Altar. E depois em dar graças a Deos se detinha muyto tẽpo. Daqui se recolhia ao seu cubiculo, porq este era o seu caminho mais sabido. Depois de jantar na hora, que os mais falam, se punha em oraçaõ diante do Santissimo.

11 Indo buscallo ao seu cubiculo hum Religioso, como naõ respondesse, deo hũa volta pelo Collegio, sem o descobrir; depois tornou á porta do cubiculo, & naõ lhe acodindo, se resolveo entrar. Abrindo a porta, vio ao Padre em oraçaõ todo enleado em Deos, levantado dous covados da terra. Foy muy perseguido do demonio, por muytas vezes o procurou desenquietar em Ethiopia. Em Goa lhe enchia as paredes do cubiculo de nodoas, & mascarras. Daqui tomava o Padre occasiaõ para mais se dar á perfeyçaõ, dizendo, que aquellas nodoas eram significadoras de algumas, que ainda avia em sua alma. Tomou disto o demonio tanta ira, que huma vez lhe deo muy rijos golpes, & crueys pancadas.

12 Era tam mortificado, que mais parecia sombra de homẽ, que homem vivo. As disciplinas eram asperrimas, que logo tomava em se levantando de manhã. Jejuava Quaresmas, Adventos, quartas, sestas, & Sabbados de todo o anno; quinze dias antes da Assumpçaõ da Senhora, de quem era devotissimo, & outros quinze antes da festa de S. Miguel Arcanjo. Este rigor observou em Ethiopia, aonde se naõ acha peyxe, & naõ se permitem nos jejuns ovos, nem lacticinios. Na Quaresma se desjejuava

va ſó ao pòr do Sol,nos outros tempos pelas tres da tarde, para aſſim ficar mais expedito para os trabalhos de Miſſionario, que parecia milagre,podellos aturar.

13 Nas compridas jornadas, que fez,ſuccedia padecer dores agudas,hum ay ſe lhe nam avia de ouvir, tudo cozia comſigo. Naõ ſe ouvio de ſua boca palavra, que offendeſſe a outros nem que cheiraſſe a murmuraçaõ;ou em que deſabafaſſe a ira. Em tudo,quãto uſou,foy pobriſſimo,no veſtido, & mais alfayas preciſas. Premios,como Crucifixos,veronicas, & ſemelhantes curioſidades ſantas, naõ foraõ couſa em que puzeſſe o ſeu affecto;que nellas muytas vezes tem deſdouro o amor da ſanta pobreza. O breviario era muy velho, & com os muytos annos todo gaſtado,& enxovalhado. Do ſeu uſo ſó tinha tres, ou quatro livros eſpirituaes,& eſſes bem velhos. Nos papeis,em que eſcrevia, ſe naõ achou hum dedo de papel ſem eſcritura. A diſtinçaõ de huma a outra pratica nos ſeus cadernos ſõ era a que de ordinario fazemos nos paragrafos.

14 Sendo muy velho acabou ſua vida, mais por falta de calor natural,que de outra enfermidade. Eſteve alguns dias encoſtado na cama ſem tirar o veſtido,& depois de receber os Sãtos Sacramentos,deo ſua alma a Deos aos 12. de Novembro de 1642. no Collegio de Goa. De ſua virtude teve grande opiniam o Patriarca Affonſo Mendes,q̃ em Ethiopia o eſcolheo por ſeu Padre eſpiritual. Cõpoz varios livros para utilidade dos Ethiopes,dos quaes abayxo em ſeu lugar ſe farà mençaõ. Delle ſe faz na Biblioteca da Companhia hum honorifico elogio. Sua vida recolhi da Hiſtoria de Ethiopia do noſſo Padre Balthezar Telles,onde a tras miſturada com os ſucceſſos do Imperio,& por iſſo alli naõ avulta,quanto em ſi he.

CAPITVLO LIII.

Dos Padres Antonio Fernandes, Thomé Barreto, & Manoel Lameyra.

Em Dio 1 AJuntemos aqui alguma noticia de outro Padre Antonio Fernandes aſſim meſmo Noviço neſta caſa,& tambem Miſſionario de Ethiopia. Foy natural de Viana de Alentejo,entrou na Companhia aos 11. de Junho de 1614. No anno de 1619. paſſou à India, depois no anno de 1628. navegou

d

da India para Ethiopia, que naquelles tempos era Missaõ celeberrima pela reducçaõ do Emperador Seltam Segued, & era tanto em Portugal o fervor, que escreveo o Padre Provincial de Portugal ao Patriarca Affonso Mendes, que se là quizesse quarenta muy escolhidos operarios, para o ajudarem a recolher as redes, que logo lhos mandaria, porque os tinha santamente impacientes, por se naõ verem já na Ethiopia.

2 Em Mayo de 1628 chegou o nosso Padre Antonio Fernandes a Maçuá, Ilha pequena na Costa de Ethiopia, que era de Turcos, mas escala para aquelle Imperio. Atè alli foy a navegaçaõ prospera, mas na terra achàram os Padres, & mais outros quatro companheyros os trabalhos, que no mar naõ encontràram. Quatro mezes os fizeraõ esperar em Maçuà, que he Ilha de clima muy nocivo, & de grandissimas calmas. Duas causas teve esta demora; a primeyra, ser morto o Governador de Suaquem, para quem traziaõ formaõ, & foy necessario negociar outro, que lhes custou grossas peytas. A segunda foy hum falso testimunho, que lhe levantou o Governador, que acabàra em Maçuá, por se ver privado do lucro, que esperava dos Padres. Tinha-se passado para outra terra, & della escreveo, q̃ os Padres traziam quinhentas espingardas no poràm da nao, para lhe tomarem as suas fortalezas.

3 Esta mentira se desvaneceo com huma exacta vistoria, que se fez em toda a nao. Finalmente sahiram de Maçuà com hum Embayxador Turco, que o Governador mandava ao Emperador de Ethiopia, para renovar cõ elle a amizade antiga. Os trabalhos de Maçuà foraõ como ensayos daquelles, que encontràram, onde se naõ faziaõ com elles. Era Viso-Rey de Tigrè, que he o Reyno da Ethiopia, que confina com o mar, hum homem chamado Guerguis, genro segunda vez do Emperador, porque morrendolhe a primeyra mulher, casou com outra sua filha, muyto contra a vontade desta, que tinha diversos pensamentos. Como em Ethiopia as mulheres, quanto mais chegadas à Casa Real, vivam com mais liberdade, ella naõ estando paga de Guerguis, vivia descocadamente com outro. Sentia Guerguis este desforo, & estava muyto contra o Emperador, porque tam fóra esteve de lhe pòr remedio, que fez ao amancebado com sua filha seu Mordomo mòr.

4 Enfurecido Guerguis determinou rebellarse contra o Emperador, & perseguir a Fè Romana, que atè alli professava. Para isto se confederou com dous Ethiopes poderosos, que estavam des-

desgostados do Emperador. Ordenou o Emperador neste temp
a Guerguis,que se chegasse com sua gente atè as partes de Ma
çuá,& procurasse a sahida dos Padres,que alli estavaõ, avia me
zes. Para que fizesse isto de melhor vontade, lhe mandou hu
bom presente.

5 Tomou elle o negocio a seu cargo, mas com diversos in
tentos,pois os seus eraõ tirar a vida aos Padres,& os roubar.Di
vertio Deos este mao pensamento, porque o mesmo aviso fez
Emperador ao Bahar Naguays,ou Governador das terras conf
nãtes ao mar. Este era alẽ de bõ Catholico muy alentado,& l
vou comsigo tam boa gente, que o Viso-Rey de Tigrè se nã
atreveo ao rompimento, que meditava; antes mandou aos P
dres doze vacas,& para cada hum sua fermosa mula. Chegàra
os Padres a Fremoná no fim de Agosto de 1628.

6 O Viso-Rey foy assentar o seu arrayal naõ longe de Fr
monà,ordindo traças para matar a todos os Padres,& saquear
lugar. Esperava elle,segundo estylo,q̃ todos juntos o viessem a
li visitar,o que naõ succedeo, por estarem dous mal disposto
Foraõ os mais, & naõ lhes agradou, verem na barraca de Gue
guis lãças encostadas,& muytos recadinhos em segredo. Diss
ram-lhe os conselheyros,naõ ser conveniente matar sò aquelle
porque os que ficàram em casa,tendo noticia, se fechariaõ, &
Portuguezes defenderiaõ o lugar,& tudo seria sem effeyto.

7 Livres os Padres deste perigo, tomou Guerguis outro cõ
selho,& foy visitallos em pessoa, & entaõ executar sua malici
Tambem Deos,que tinha tanto a seu cuydado a estes seus se
vos,os livrou nesta occasiaõ. Na vespora do dia destinado para
visita,ou carnificina chegou hum Irmaõ do Viso-Rey, & e
tendendo, o que passava,lhe fez aviso a tempo, que jà estava
cavallo;de que advertisse, que naõ tinha gente bastante para
empreza de se declarar contra o Emperador;que os Padres, &
lugar de Fremoná sempre os tinha seguros,que tratasse de se r
forçar mais. Achou o Viso-Rey, ser o conselho acertado. Esc
souse com os Padres;& pedio,lhe mandassem dous, para se co
fessar,& commungar. Recebeo-os com dissimulaçaõ, & os P
dres se persuadiraõ,naõ aver nelle as malicias,que antes arrece
raõ.

8 Passados alguns dias, em que se refez de mais gente, av
sou aos Padres, que pois alli tinha tanta gente, fossem lá todo
para lhes prègarem,& administrarem os Sacramentos, & da
os repartir pelas Comarcas do Reyno de Tigrè onde a gente
ta

tava desejosa de ouvir a Doutrina do Ceo. Tinha jà esta treyçaõ dado de si muytos indicios, os quaes foraõ causa de os Padres lhe responderem, que por entaõ naõ lhes estava a conto sahirem de Fremoná.

9 Vendo elle assim illudidos seus pensamentos, & que lhos tinhaõ penetrado, foy aconselhado dos seus Monges hereges, que naõ avia porque mais se encobrir; que pois naõ pudera aver ás mãos os Padres, matasse ao seu Capellaõ, & Confessor chamado Jacobo; no qual, por ter sempre vivido, com os Padres, & ser posto pelo Patriarca, matava os Padres, & o Patriarca; & que assim ficava declarado, q̃ logo, os q̃ seguiam a fè de Alexandria, se aviaõ de ajuntar com elle; & que entam daria em Fremoná, mataria aos Padres, saquearia os muytos thesouros, que avia naquelle lugar, segundo era fama.

10 Assentando ser visto, o que mais cõvinha, mandou lançar hum pregàm, em que dizia, tornarse elle à fé de Alexandria. Ouve grandes vivas dos Scismaticos. Logo fez recolher todas as Cruzes, contas, & mais cousas de devoçaõ, que avia na gente, & feyta huma grande fogueyra, lhe mandou pòr o fogo. Depois fez prender ao seu Confessor Jacobo, & porque naõ quiz arrenegar, o atravessou com hum zarguncho; & os Scismaticos lhe deraõ como oytenta feridas, & assim acabou este glorioso Confessor de Christo. Naõ tardou o castigo de tantas perfidias, porque o Emperador encomendou a empreza a hum grande Catholico, muy alentado, que dando batalha ao rebelde o desbaratou, & prendeo, & foy morto por sentença publica, como seu atrevimento merecia.

11 De todos estes perigos livrou Deos ao Padre Antonio Fernandes em companhia dos mais Padres. Nos annos seguintes cultivou o Padre as Christandades, que cõforme a distribuiçaõ dos Superiores estavaõ a seu cargo. Avia grande bonança em Ethiopia; porque o Emperador Seltam Segued era Catholico, & prohibira os dogmas, q̃ em Ethiopia eraõ ley, & doutrina do Patriarca de Alexandria, a quem os Scismaticos antes eram sugeytos. Porèm o demonio meteo depois taes enredos, que o mesmo Emperador tornou a permittir as heresias, que antes prohibira; & como lhe sobreveyo a morte, succedeolhe seu filho Faciladàs, herege finissimo. Este mandou sahir de Ethiopia ao Patriarca, & que fosse com seus companheyros entregue aos Turcos, como fica dito na vida do outro Padre Antonio Fernandes. Todos os trabalhos, que alli sómente aponto, & foram

padecidos por aquelle ſanto eſquadraõ de homens deſterrados pela Fè, foraõ materia de merecimento a eſte ſervo de Deos, que nelles ſe achou.

12 Eſteve em Suaquem para ſer offerecido em ſacrificio à Mafoma com os outros companheyros. Ficando alli cativo o Patriarca, alguns Religioſos, & entre elles o Padre Antonio Fernandes paſſáram a Dio, aonde chegàram tam cortados dos trabalhos, que à gente olhava para elles, como para homens, que tinhaõ ſahido das mãos da morte, ou de muytas mortes. De todos os Padres, que foraõ deſterrados de Ethiopia, o primeyro, que morreo, foy o Padre Antonio Fernandes junior; aſſim o nomeavaõ para diſtinçaõ do outro do meſmo nome. Tẽdo de idade trinta, & tres annos, faleceo ſendo Vice-Reytor do Collegio de Dio. Era homem robuſto de forças corporaes, que todas deſejou ſempre gaſtar no ſerviço de Deos. Tambem era de gẽtil diſpoſiçaõ, a qual fazia ſahir mais ſua modeſtia, & muyta virtude. Naõ encontrei o anno, mez, & dia em que faleceo.

13 Foram tambem Noviços neſta caſa os Padres Thomè Barreto natural da Cidade de Evora, & Manoel Lameyra natural da Villa de Eſtremòs. Eſtes em companhia dos bemditos Padres Gaſpar Paes, & Jacinto Franciſco entràraõ na Ethiopia. Em Maçuà onde ſe detiveraõ dous mezes, foram taes os calores, que padecèram, que deſtes quatro, dous com a força do calor mudáraõ a pelle. Depois padecèraõ os meſmos deſterros, & oppreſſoens, que os mais Padres deſterrados pela Fé. Nem delles encontrei outra alguma noticia.

CAPITVLO LIV.

Vida do Padre Doutor Andre de Moura; ſua entrada na Companhia; & dà-ſe noticia de huma cruel peſte na Cidade de Faro, em que eſte Padre muyto ſervio.

Em Liſboa aos 19. de Novembro de 1674.

1 O P. Doutor Andre de Moura foy nas letras homẽ de enchemão, como nos coſtumamos explicar, & no ſeu tempo por tal foy tido, & avido. Com as letras ajuntou muytas virtudes religioſas. Foy ſua patria a Villa de Viana no Alentejo, entrou na Companhia em Evora aos 13. de Abril de 1630. tendo dezaſete para dezoyto annos de idade. Em Evora

paſſou

passou os dous annos do Noviciado,viveo sempre com singular inteyreza de costumes.

2 Seu zelo em acodir ao bem do proximo foy singular, & se vio com especialidade em Faro no Algarve no tempo, que alli se accendeo huma cruel peste,a qual fez notavel estrago, & ouve nella cousas muy estranhas,& indicios, de que naõ era effeyto de causas naturaes,mas açoute, com que Deos castigou de sobremão os peccados daquelle povo. Ouve, quem pouco tempo antes do mal vio em representaçaõ de noyte a Christo nosso Senhor debayxo de hum pallio vermelho,andar correndo as ruas da Cidade todo ensanguentado, como se o fossem por ellas açoutando, levado numa procissaõ, & que os mais chegados a Christo levavaõ espadas nuas nas mãos, & a demais gente vestida de luto; & era mayor o numero de mulheres, que de homẽs, sinal que das mulheres morreriaõ mais.

3 Ouve tambem,quem ouvio a campainha da Misericordia andar de noyte tangendo pelas ruas a horas, que naõ avia quẽ a tangesse. Hũ homẽ nobre estãdo em hũa recamera vio passar por diante de si huma mulher,que naõ avia em casa,nem elle nũca vira; ficou como suspenso do tal caso,mas dahi a tres dias foy ferido da peste. A certa pessoa alguns annos antes deste castigo appareceo Christo com a espada desembainhada na mão,dizendolhe, que se naõ emendassem as vidas, na mão tinha o castigo contra as quatro Cidades do Algarve.

4 Tambem precedèram algumas causas naturaes, mediante as quaes Deos mandou este castigo, como por vezes costumou fazer,como se diz nas Historias, em casos semelhantes. Quasi tres mezes continuos,Fevereyro, Março, & parte de Abril choveo sempre,que em terras do clima do Algarve he causa de corrupçaõ. Alguns attribuiraõ isto a huma setia, que viera de Castella,aonde entam este mal andava furioso. Ainda que examinado bem este ponto, se achou naõ aver fundamento para lhe dar tal origem. Por ventura ajudou para tamanha fatalidade huma balea,que no mez antecedente entrou pela barra dentro trazida com a força do temporal, & dando esta nao de carne perto da Cidade em seco,alli se esteve corrompendo,atè que o mar,que a vomitàra,a tornou a sorver,& recolher para si.

5 Aos 7. de Abril de 1649. foy o primeyro rebate do mal na Cidade de Faro. Morrèram dous mulatos, que he a primeyra gente,que a peste busca. Depois foram picando humas doenças com nome de febres malignas,com pintas, & mortes apres-

ſadas. Como a peſte coſtume deſtruir as caſas,& as curas trazerem pejo,a gente ſe encobria, & o mal hia lavrando a ſeu ſalvo. A huma caſa foy confeſſar o Padre Andre de Moura,& eſtando ouvindo a Confiſſaõ deo de repente em huma ama da caſa hum accidente,& abſolvẽdo-a o Padre já por ſinaes, morreo em breve. Começàram logo os moradores da rua a mudar de habitaçaõ,& foraõ a cauſa de o mal ſe diffundir pela Cidade.

6 Depois da Aſcenſaõ em 14. de Mayo ſe declarou huma Senhora principal, que daquella rua viera morar junto do Collegio. Confeſſava-ſe eſta Senhora com hum Conego, mãdou-o chamar, para que a vieſſe ouvir de Confiſſaõ, mas como o mal jà ſe fazia temido,o Confeſſor o temeo, & naõ quiz ir aonde o chamavaõ. Logo deraõ recado ao P. Andre de Moura,que a foy confeſſar,& conſolar no ſeu trabalho. Conhecido o mal na Cidade, foy a confuſaõ inexplicavel. Determinàraõ caſa da ſaude, os Religioſos Capuchos de Santo Antonio tomàraõ á ſua conta confeſſar na caſa da ſaude,em que deraõ grandes exemplos de caridade. Na junta,que ſe fez,para ſe acodir a tam grande dano, aſſiſtio o Padre Andre de Moura como Vice-Reytor, que era entam do noſſo Collegio; & ſe offereceo tambem aos do governo,para confeſſar na caſa da ſaude com os noſſos Religioſos: porém como foſſemos poucos, & o bem da Cidade mais univerſal, deyxàram as confiſſoens da Cidade,& termo à conta dos noſſos Religioſos.

7 Teve o Padre Andre de Moura como Vice-Reytor em lugar do Padre Miguel Brandam, que eſtava na Congregaçaõ em Lisboa,conſulta com os mais Padres ſobre o modo, que ſe avia de ter da noſſa parte na preſente calamidade. Pareceo retirarem-ſe dous Padres, & o Irmaõ Procurador a huma quinta, por naõ morrerem todos de hum golpe. E tambem porque ſaindo ſe muyta gente da Cidade para os montes, lào os poderiam ajudar eſpiritualmente,como na verdade ajudàraõ. Nem os que por ordem da obediencia ſe retiràraõ, tiveraõ na ſaude melhor ſucceſſo,que os que ficáram no Collegio, porque em Setembro ſe recolhèraõ a caſa todos doentes, & levàram muytas ſangrias, de que eſcapáraõ, os que ficàraõ no Collegio: eſtes foraõ o Padre Vice-Reytor Andre de Moura, o Padre Manoel Fernandes,que morreo ſendo Confeſſor del-Rey, & os Irmãos Franciſco Velozo,& Antonio Vaz.

8 Logo todos ſe preparàram para entrar neſta cruel batalha,na qual faziaõ conta de deyxar as vidas. A Igreja eſtava aberta

berta para as confissoens, que naquelle primeyro mez foraõ tantas, que todos os dias estavam Padres nos Confessionarios desde pela manhã atè depois do meyo dia: & por cahir este trabalho sobre o da Quaresma, era notavelmente molesto, mas o espirito destes dous Padres a nenhum trabalho se acanhava. Os que da Cidade se sahiam aos campos, primeyro se vinhaõ confessar á nossa Igreja. As confissoens quasi todas eram geraes: os soluços, suspiros, & lagrimas eram tantas na Igreja, que esta se podia com razaõ chamar valle de lagrimas.

9 Naõ teve esta peste hum só modo de tirar a vida, a huns salteava febre, que depois sahia em ingoas, a outros nasciaõ huns vergoens vermelhos nas coxas. A muytos se lhes fazia nos peytos, ou nas costas hum tumor duro como huma taboa. A outros nasciam humas negritas, & às vezes huma do tamanho da cabeça de hum alfinete matava dentro de vinte, & quatro horas. A alguns davam humas picadas interiores, & ordinariamente nam passavam do segundo dia Era a febre de outros com sangue pela boca, & narizes. Avia carbunculos abrazados. O final mais evidente da morte eram humas pintas roxas, negras, ou vermelhas. Com esta variedade de sinaes, & effeytos se dava a peste a conhecer, & fazia guerra, & estrago cruel.

10 Muyta gente se achava morta pelos lugares immundos. A hum lugar escuso se retirou hum moço ferido do mal; alli estava espirando, quando, ao que parece, levado por Deos, passou por aquelle lugar retirado o Padre Andre de Moura. Offereceolhe confissaõ, que elle fez geral de toda a sua vida. Acabada ella, fez o Padre, que o levassem a huma casa, que estava jà despovoada, chamoulhe barbeyro para o sangrar, deo ordem, que o levassem para a casa da saude, mas o mãcebo, que só esperava pela saude da alma, logo morreo.

CAPITVLO LV.

De algumas cousas notaveis, que succedèram nesta peste, & fervor, com que nella trabalhava o Padre Andre de Moura, & o mais atè sua morte.

1 ERam nestas doenças os frenesis vehementissimos, & muytos, sendo muyto para chorar, causavam riso. Da casa da saude sahiram huma noyte quatro a dançar (officio, que saõs exercitavam) & assim dançando morrèram. Ou-

tros imaginando-se saõs sahiam aos campos, & lá morriam.
Hum ouve, que tomando às costas a sua cama, sahio pela casa
da saude fóra, foy se ter a huma casa, onde a gente estava jà reco-
lhida; entrou causando grande terror, por cuidarem ser cousa
do outro mundo; mas vindo candea, achàram ser frenetico, levà-
ram-no para a casa da saude, & logo morreo. Outros sahiram
noutras furias, que seria largo referir.

2 Andando assim o mal delenfreado, sem os Medicos, & Ci-
rurgioens atinarem com a cura, de que elle necessitava, recorrè-
ram todos a Deos. Determinàram os Guardamores em nom
da Cidade fazer hum voto a Saõ Sebastiaõ, & a Saõ Roque, d
irem todos os annos no dia dos Santos, ou no que melhor lhe
parecesse, em procissaõ à Igreja de S. Sebastiaõ, onde se faria h
retabolo, em que ambos os Santos estivessem, averia Missa can-
tada, & prègaçaõ.

3 Para fazerem esta primeyra vez a procissaõ, escolhèraõ
dia de S. Roque. Mas querendo levar da Sè a Imagem de Sa
Sebastiaõ, algumas pessoas do Cabido fechàram as portas da S
dizendo, que a Imagem se naõ podia levar em procissaõ sem l
cença do Governador do Bispado. Dizendo o Capitaõ mór, q
que já a tinha, replicàram, que a mostrasse escrita. Ouve sob
isto de parte a parte algumas palavras desabridas. O Cura, q
entaõ servia, foy o que mais resistio. Meteo-se nisto o Padre A
dre de Moura, assegurandolhe tomar à sua conta fazer com
Vigario Geral, que era Governador do Bispado, & estava a
sente, ouvesse tudo por bem feyto, visto a occasiaõ, & a devoça
da gente ser tanta, que devia ser fomentada.

4 De nada fez caso o Reverendo Cura, que mostrava
tezo da tempera; mas brevemente com evidencia foy amolga
bem á sua custa, & com successo, que claramente se vio, despe
ra contra elle S. Sebastiaõ as suas setas, & Deos a sua ira: po
que no dia seguinte àquellas mesmas horas, estando o Cura a
sentado à porta da Sé no mesmo lugar, aonde estava, quando n
gou o concurso para obra tam pia, lhe deram os vomitos pre
gios da peste; & ao dia seguinte às proprias horas morreo se
confissaõ, sendo q́ a pedio muyto à pressa, & indo chamar ao P
dre Andre de Moura hum Clerigo, que o pudera confessar,
dar recado a outros, que moravaõ perto, nenhum lhe acodio,
quando o Padre chegou, estava morto.

5 Mas foy juizo de Deos, porque este homem sendo Cu
se gabava, que sò a dous feridos de peste confessára, a saber, hu
Con

Conego,porque o obrigárão,mas da porta ; & a hum soldado,a quem tinha dado hum accidente na rua : & huma pessoa grave, que entam servia de Juiz de fóra , mandou chamar de bem longe ao Padre Manoel Fernandes,& pela calma, dizendo , que lhe perdoasse a incomodidade,que lhe dava, que bem quizera escusarlhe o trabalho, mas que mandando recado ao seu Cura , que estava alli perto, elle o naõ quizera ir cõfessar. Todos estes descuidos bem mereciam castigo tam exemplar, & que naõ lograsse a vida,quem por Deos a naõ queria arriscar.

6 Naõ obstante esta teima dos Clerigos da Sè, se fez o voto a S. Sebastiaõ,disse Missa o Padre Andre de Moura cõ muytas lagrimas do auditorio,que estava disposto para grande commoçaõ,deo a communhaõ a muyta gente. E como este fosse o primeyro ajuntamento de povo , que ouve depois que a peste começára,olhavaõ huns para os outros como gente resuscitada, & vinda do outro a este mundo: & na prègaçaõ,que fez o Padre Manoel Fernandes , & depois della, as lagrimas explicáraõ bem o sentimento que partia os coraçoens.

7 Parece,que os Santos em parte ouviram a petiçaõ,porque o mal como se o afugentassem da Cidade , foy perseguir aos que moravaõ no campo, aonde a gente padeceo mais , que na Cidade. Era grande o rigor do Sol , delle se defendia a gente,ou em humas cabanas de junco , ou com hum lençol estendido. A falta do sustẽto era muyta, a qual naõ deyxou amadurecer uvas, nem outras frutas,tudo se comia verde. Vieraõ sobre os miseraveis taes cezoens,que morriaõ muytos. A estas cabanas hiaõ frequentemente confessar os dous Padres; onde se via,que a falta do necessario,era o mayor desemparo,que dizer se pòde; naõ avia quem vendesse,desconfiando huns dos outros ; porque os compradores cuydavam levar comsigo a peste,no que compravaõ;& os que vendiaõ,que os compradores lha deyxavam.

8 Andavaõ despidos , & descalços,nem avia quem lavasse roupa,por quanto nestas occasioens, os que a lavaõ,saõ dos primeyros,q̃ morrem. Naõ avia officiaes,que trabalhassem, tudo falta,& miseria. Os Padres chegàraõ a lavar com suas proprias mãos a sua roupa, como se lè, o fazia nosso Santo Padre Saõ Francisco de Xavier. Porèm nem estas, nem outras incõmodidades proprias lhes eraõ de tanta pena , quanto ver com seus olhos as miserias,que seus proximos padeciam, sem as poderem remediar.

9 Como se naõ bastasse o mal da peste , em os dezoyto de

Setem-

Setembro se armou do meyo dia atè as tres horas da tarde hũa tam horrenda tormenta, que os coriscos que despedio, matàram a algumas pessoas, & assombrárão outras, derrubárão casas, partirão arvores ; & junto do Collegio deo hum rayo numa palmeyra, & a secou; todos attribuiram isto a castigo do Ceo, por quanto a avareza do dono era tanta, que todos os annos fazia quinhentos reis nos ramos, que vendia para a Igreja no Domingo de Ramos; devendo entaõ as arvores gratuitamente concorrer para o triunfo de seu Creador.

10 Foy tal a inundaçaõ em tam breve tempo, que cobrio todos os campos, salvando-se sò os que puderam brevemente retirarse aos montes, & alguns doentes levados em braços ; porque os que naõ tinhaõ, quem os puzesse em salvo, neste diluvio acabáram em suas camas, como tambem muytas crianças arrebatadas pelas correntes atè dos braços das mãys. E como todos nesta occasiaõ andàraõ a nado, ficàraõ cheyos de corrimentos, & doenças de que hiaõ lentamente morrendo. A sustentaçam, que comsigo tinhaõ nas cabanas, se perdeo, & assim ficáram com dobrada fome. Como esta agua foy tam arrebatada, & os corpos mortos estavaõ mal enterrados, desẽterrou a muytos, que foraõ pasto dos caens, & dos corvos.

11 Sahiaõ os Padres pelos campos assim para as confissões, como para acodir á pobreza com esmolas segundo as possibilidades do Collegio, que nesta occasiaõ fez mais do que os seus cabedaes sofriaõ, dando esmolas continuas à portaria, & repartindo outras a pessoas desempara das no campo. Cortavalhes o coraçaõ ver tantos meninos orfãos de pays, & mãys; tantas viuvas, & tantos velhos sem hum pedaço de pão, nem donde o pedir, porque como a peste se encobria mais com os andrajos dos pobres, todos fugiaõ delles.

12 Nenhuma pessoa veyo ao Collegio buscar confissaõ, que se fosse sem ella. Para melhor se acodir às confissoens dormio algum tempo junto da campa o Irmão Francisco Vellozo, ao qual cõ o exercicio de acompanhar os Confessores se lhe esfolàraõ os pès. As freguezias todas ficàraõ à cõta dos dous Padres Andre de Moura, & Manoel Fernandes, porque os Parocos, ou fugiraõ, ou se negavam para as confissoens. Foy muy louvada de todos a caridade dos Padres. Num modo de Satira, que se fez, em q̃ se taxavaõ as desordens, que nesta materia entam succedèraõ, fallando dos da Companhia, se dizia : E se naõ foram os Padres, que andaõ a confessar, morreramos como brutos neste pestilente mal.

13 Admi-

13 Admirava-se a gente de ver o animo, com que os Padres se metiam nos perigos, usando por prevençaõ quando muyto de hum lenço de vinagre, que tinhaõ diante de si, quando cõfessavam. Entravaõ aos doentes, como se naõ ouvesse peste. A huma cabana foy o Padre Andre de Moura confessar hum dia pela força da calma, dentro da qual tinha hum pay tres filhas feridas, & estava fóra, & como fóra de si requerendo ao Padre da parte de Deos em voz alta, que naõ entrasse dentro. Com tudo entrou o Padre, confessou logo a mais velha, que morreo estando elle confessãdo a segunda; & em quanto esta se confessava, estava a outra terceyra Irmã lutando com a peste, mas animosa judava a bem morrer a mais velha com palavras tam devotas, & prudentes, que causavaõ muytas lagrimas aos pays, que estavaõ à vista. E em breve morrèraõ todas tres, & hum Irmaõ.

14 Confessou o Padre naquella occasiaõ treze pessoas, acrecentando a inclemencia do tempo o rigor do trabalho. Estava esta occasiaõ de longe vendo esta acçaõ huma Dignidade da Sè, que se edificou tanto deste animo do Padre Andre de Moura, que depois naõ acabava de o louvar, reprehendendo em si sua covardia, que estando taõ perto, se naõ atrevera, nem de longe a he acodir. Todos em altas vozes rogavaõ muyta gloria à alma do Illustrissimo Senhor Dom Fernaõ Martins Mascarenhas, por fazer casa aos Padres naquella Cidade.

15 Huma noyte vieraõ chamar ao Padre Andre de Moura para confessar hum ferido, & naõ se atrevendo os parentes a entrar dentro, o Padre entrou; & não fallando o doente, pegou delle, abalando-o, para ver se espertava do sono; mas achou ser o sono o da morte; estava jà frio, sem os que o tinhão à sua conta, saberem, que estava defunto. Outra noyte metèrão o Padre em huma casa às escuras, ficãdo-se de fóra, o que o viera chamar. Como o doente estava morrẽdo, era necessario ir fallando, & apalpando, para atinar com o lugar, em que jazia. Isto lhe succedeo muytas vezes. Acontecia entrar em huma casa, em que avia muytos doentes, & tal vez deytados todos na mesma cama, & era necessario chegar tanto a orelha ao ferido, que lhe servia não poucas vezes de porçolana, em que cuspia. Noutras occasioens lhe acontecia estar na mesma recamera com o empestado duas, & tres horas, assim para lhe ouvir a confissaõ, como para o ajudar na disposição de suas cousas, por não ter outra pessoa, de que se valer. Em fim estes bons Padres assim tratavão agora com os feridos, & lhes entravão em casa, como antes o fazião com os

saõs,

faõs, ſem medo,nem genero algum de ſoſobro.

16 Entre as couſas muy dignas de compayxão, que lhe paſ ſàraõ pelas mãos no meyo de tantas fatalidades, foy a morte d hum pobre avarento aſſaz digno de compayxão. Avia na Cida de hum pobre,que ſe ſuſtentava de eſmolas,que continuament pedia, & na meſma pobreza vivia a mulher, & filhos;eraõ eſ tes já defuntos na peſte,reſtava elle ſó com vida. Ferio-ſe,& foy a confeſſallo o P. Andre de Moura,& logo lhe derão recado,qu ſe ſuſpeytava,que aquelle homem tinha dinheyro enterrado,qu ſua Paternidade viſse,ſe ſe podia deſcobrir a mina.

17 Chegou o Padre, confeſſou-o, & tratando de fazer ſe teſtamento,deo conta,como em tal parte da caſa tinha duas pa nelas de dinheyro enterradas,& que nem ſua mulher o ſoubera Porèm os que deraõ o aviſo ao Padre,naõ lhe ſofrendo muyto paciencia,ſe foraõ logo cavar onde lhes occorreo poderia eſta o theſouro;a pouco trabalho deraõ cõ elle; & na rua á ſua viſt puzeraõ huma meſa, ajuntouſe com ridicula admiraçaõ muyt gente. Começàraõ a contar o dinheyro, moedas velhas aind por marcar,& bolorentas:furtouſe ao pobre muyto,aſſim os qu deſcobriram,como os que contavaõ,metiam pelos ſapatos, alg beyras,& mais eſcondrijos.

18 Repartio-ſe liberalmente com os enterradores, que aviam de levar á caſa da ſaude, & com quem deo o alvitre; & ferido vendo tudo iſto, que com naõ dar fè de ſi, a dava do ſe dinheyro. Achàram-lhe mais ao peſcoço embrulhados nun farrapos,que cuſtàraõ muyto a cortar,hum relicario de ouro, & algumas outras moedas,& em caſa eſpada dourada,& veſtido d veludo;& o miſeravel ſem ter nem hũ prato, em que comer;an tes dandolhe hum enterrador com o pè num caco, em que co mia,acodio elle: Maldito ſejas, que me quebraſtes o meu prato Tam deſapegado como iſto eſtava naquella hora das couſas d terra. Levàram-no logo à caſa da ſaude, mas no caminho mor reo, aproveytando-ſe de mais de duzentos mil reis que tinh quem nem huma Miſſa lhe mandou dizer pela alma,tendo ell vivido com tanta miſeria, que o dia antes de morrer, fora pedi eſmola à portaria do Collegio. Em caſa eſtava ſempre aſſentad ſobre o lugar onde tinha enterrado o ſeu negro dinheyro. A guns avarentos morrèrão neſta occaſião brutalmente, pois ne aviſados dos ſeus Confeſſores fizeraõ teſtamento, tendo viv do toda a vida famintos,para darem que comer, a quem lhes de ſejava a morte.

19 O que muyto cortava o coraçaõ aos Padres,era ver,que
nd.ndo a morte desenfreada, todavia ouvesse gente endurecida
os seus peccados. Avia odios,& desavenças,porèm estes cõme-
os difficuldade se tiravaõ,& assim o Padre Andre de Moura fez
migos ao Cirurgiaõ da casa da saude com outro , & ambos se
braçàram com grande edificaçaõ , dos que sabião a sua desa-
ença. Os que eram como enpedernidos no seu peccado , eram
s luxuriosos , & amancebados , & avia nesta materia muytos
scandalos de vinte,& trinta annos,& em pessoas que os deviam
rar,& ser de exemplo aos mais.

20 Sahiam-se da Cidade para as quintas levando comsigo
s seus grilhoens,sem o estrago da peste lhes fazer abrir os o-
hos. Destes mediante a graça divina tirou o Padre Andre de
Moura da miseria, em que viviam,a muytos,& os fez conhecer,
chorar suas culpas. Ainda que nesta Cidade assistia o Prela-
o,este vicio se tinha nella feyto muy forte;& era dito engraça-
o de alguns,que os amancebados viviam naquella Cidade de-
ayxo da artilharia. Ouve quem levou ao Ministro a condena-
aõ da visita em huma salva de prata cuberta de flores. Dizen-
o-se ao Meyrinho porque naõ apertava com semelhante gen-
: respõdeo,que naõ era bem,que os aggravasse, que estas eram
ovelhas,que o sustentavam. A mayor lastima era ver,que já
naõ envergonhavaõ de seus peccados,antes delles fazião gala,
donayre. Por ventura , que este desafogo em peccar , fosse , o
ue meteo nesta Cidade tal açoute de Deos.

21 Passados tantos tempos de tam rigorosa tormenta, este-
a Cidade quieta por hum mez,& jà se cuydava estar de todo
vre. Nos 18. de Junho ao pór do Sol se vio huma exhalaçaõ,
de noyte se foy accendendo de Oriente para o Poente levando
ante de si hum globo de fogo , & cortando ametade da esfera
eyxou por espaço de hum quarto sinalado com huma cinta
anca o caminho por onde corrèra , & notouse que para a par-
em que o globo paràra , começou a peste outra vez , que foy
n huma armaçaõ de atuns, aonde chamaõ Quarteyra. Os pri-
eyros feridos se vieraõ com todo o segredo meter na Cidade,
ra se curarem ; reparouse logo no mal; por tanto os fizeraõ
spejar,& voltar para a mesma armaçaõ , donde tinhaõ vindo.
hum barco destes foy confessar o Padre Andre de Moura; de
es feridos,que nelle avia,dous brevemente morrèraõ.

22 Por mais de hum anno,que durou a peste,andou o Padre
ndre de Moura metido neste incendio , exercitando todas as
carida-

caridades,que pediaõ as estranhas calamidades do tempo. A ne
nhum perigo por mais formidavel,que fosse,teve horror, tratã
do com os feridos com tãta confiança,como o fizera cõ os saõs
Em tudo se vio,que o seu espirito era agigantado,& mayor qu
a fraqueza humana. Foy Deos servido, que entrando-se tant
pelas chãmas,& terrivel incendio da peste, ella o naõ tocasse.
nesta peste foy cousa digna de reparo, que muytos, que se guar
dáraõ com demasiado recato,della vieraõ a morrer.

23 Depois de levantada a bandeyra da saude,se feriraõ aind
tres pessoas,huma das quaes foy hum moço,que com outros fo
ra á casa da saude,que estava aberta arejando-se, & começàraõ
representar por farça as peças da surgia. Hum se fez doente, ou
tro Cirurgiaõ,enfermeyros outros: quiz Deos,para castigo de
ta desatençaõ,que o que se fez doente de mentira,adoecesse log
de veras,& dentro de tres dias acabou a vida.

24 Neste mesmo tempo, para que este mal assim como co
meçou com monstro,que foy a balea,que sahio na praya, assi
acabasse tambem com monstro; sahio hum na praça da Cidac
depois de ferido com huma bala, era do tamanho de hum ho
mem,tinha bigodes, & em lugar de barbatanas humas com
mãos,& em cada huma sinco unhas como de bogio: a cauda e
ram duas espadanas como pàs: o focinho chato,& feo,cor de lo
bo,& alguns disseraõ,que o era marinho.

25 Depois que o Padre Andre de Moura servio com tant
zelo,& espirito nesta calamidade, ficando livre dos perigos, ao
quaes de nenhum modo se furtou, foy mandado ensinar Filoso
fia em Evora. Continuou depois em ler as Theologias por e
paço de dezaseis annos, sendo os ultimos quatro a cadeyra d
Prima na Universidade de Evora, aonde tinha ensinado os ma
annos. Tambem antes de entrar a ensinar as cadeyras em Evo
ra,leo Moral no Collegio de Portalegre, & assim mesmo o l
no de Faro a tempo, que a Cidade começou de arder em pest

26 Em todo o tempo, que este Padre viveo, guardou no
seus costumes huma religiosa uniformidade, qual se respeyt
nos homens santos. Depois de autorizar por tantos annos a
cadeyras, o mandou a santa obediencia governar o Collegio d
Santo Antaõ em Lisboa; no qual entrou vespora de Saõ Fran
cisco Xavier em Dezembro de 1672. Quando começou es
governo,estava muyto debilitado com achaques; & a tezida
dos estudos,q he lima consumidora, lhe tinha roido, & gastad
as forças. Entre estas affliçoens foy vivendo, ou morrendo e

P

pè atè que por causa de huma postema, que em Outubro ihe sobreveyo na face, se sugeytou à cama. Deste achaque melhorou; & começando-se a levantar em 14. de Novembro o acometeo hum grande tremor no corpo, & falta de respiraçaõ, com ameaços de apoplexia. Vendo nelle taes accidentes, logo os Medicos desconfiáram de sua vida, mandandolhe no mesmo dia, que tinha estado de pè, dar o Santo Viatico, & aos 16. a Extrema-Unçaõ. Recebeo estes Sacramentos com a piedade, que de sua santa vida se esperava. Faleceo aos 19. de Novembro de 1674. às quatro horas de madrugada, sendo actualmente Reytor do Collegio de Santo Antaõ.

CAPITVLO LVI.

Vida do Padre Balthezar Affonso grande Missionario em Angola; de algumas entradas, que fez pela terra, & dos idolos, que queymou.

1 NAsceo este ditoso Padre na Villa de Portel. Seus pays se chamáraõ Andre Affonso, & Leonor Pires. Entrou na Companhia em Evora aos 30. de Novembro de 1559. Foy mandado a Angola em cõpanhia do Padre Garcia Simões, indo por primeyro Governador do Estado Paulos dias de Novais no anno de 1574. Chegàram a Loanda em Fevereyro de 1575. A jornada se fez avendo nella muytas cousas de devoçaõ, & edificaçaõ, das quaes refiro na vida do Padre Garcia Simões. Nellas teve boa parte o Padre Balthezar Affonso, o qual viveo muytos annos em Angola.

Em Angola aos 29 de Março de 1603.

2 He cousa sem duvida, que foy hum dos illustres Missionarios, que ouve naquellas vastissimas regioens; nellas fez muytas entradas pela terra adentro, nas quaes os trabalhos, que padeceo, nam saõ explicaveis; para que isto se deyxe em parte entender, o direy aqui com as palavras do Santo Padre Balthezar Barreyra, que saõ as seguintes: Jà que toquei nas Missoens, quero neste lugar, antes que conte outras, referir para consolaçam de todos, & mayor fervor dos que desejaõ vir a estas partes, a maneyra, com q fazẽ os nossos estas sahidas, & a muyta materia, que nellas ha de enthesourar merecimentos; para o qual se ha de entender, que sendo o Sertaõ deste Reyno vinte, & trinta legoas de Costa abundantissimo de carnes, & mantimentos de toda a sorte, & tam fresco, & regado de suavissimas aguas, que todo pa-

rece hũ jardim,toda via para a banda do mar na distãcia, q̃ disse, he tam esteril de mãtimẽtos,& aguas,q̃ naõ podemos caminhar por elle,sem levar tudo,o que se requere para sustentar a vida.

3 E como naõ ha cavalgaduras, atè a agua que aveis de beber,& as vazilhas,em que se ha de fazer o comer, he necessario levar em hombros de negros,& o que haõ de comer,& beber os mesmos carregadores, & tenda para o campo, porque se he veraõ, saõ certos quasi cada dia as trovoadas;& se he inverno,saõ os frios muy penetrativos,& agudos, desde huma hora,antes q̃ q̃ se ponha o Sol,atè o outro dia hũa,& duas horas depois de sahido. O paõ ordinario,q̃ comẽ,assim quando caminhaõ, como quãdo estam em povoado,he farinha de milho fervida,& feyta a modo de grude,a q̃ chamaõ enfide; o conduto he, o q̃ levaõ cõsigo,em quanto lhes dura,ou alguma carne do mato defumada, quando a podem aver. Seu beber cõmum he agua, & algumas vezes certa beberagem feyta de milho,a q̃ chamam oalo,& respõde a cerveja,mas muy inferior;fóra disto,&de algũ peyxe defumado naõ tem outras delicias corporaes, & algumas vezes nẽ de raizes de boinho se vem fartos,porque disto se sustentam em algumas partes os negros,& os nossos naõ as podem aver facilmẽte,& se acertaõ de adoecer,naõ tẽ,em que pòr os olhos senaõ em Christo Crucificado,por cujo amor sacrificáraõ as vidas, & crucificáram os gostos temporaes. Atè aqui as palavras do Padre Barreyra,das quaes se vè em parte, quam custosas eram aos Missionarios de Angola estas jornadas pela terra dentro; nellas como diz o mesmo Padre era às vezes necessario sangrar aos doentes com a ponta de hum canivete, por naõ aver lancetas, com que o fazer.

4 Contarei aqui o que diz do Padre Balthezar Affonso o Sãto Padre Barreyra,q̃ por ser tal o elogiador,se devem muyto estimar suas virtudes. Diz pois assim o Padre Barreyra em hũa carta sua: O Padre Balthezar Affonso, a quem Deos tem dado especial dom contra os idolos desta terra, & instrumentos de suas idolatrias,na jornada, que fez a Songa, se vingou bem dos demonios,que estavam ainda em algumas povoaçoens de Christãos,por onde lhe disse,que passasse, detendo-se nellas, & ensinando as cousas de Deos. Da primeyra,que he muy grande, me escreveo huma carta,donde tirei,o que se segue.

5 Folgára de ter mais vagar, para dar conta a Vossa Reverencia do muyto, que foy o Senhor servido obrar com minha vinda nesta povoaçaõ,achey aqui hum grande feyticeyro, que

andava

andava em trajes de mulher, & por mulher era tido sendo homem, a cousa mais fea, & medonha, que em minha vida vi, todos aviam medo delle, & ninguem lhe ouzava fallar, porque era tido por Deos da agua, & da saude. Mandei-o buscar, & trouxèram-no atado. Quando o vi, fiquey atonito, & todos pasmàram de ver cousa tam disforme. Vinha vestido como Sacerdote da ley velha, com caraminhola feyta de seus proprios cabellos com tantos, & tam compridos monhos, que parecia o mesmo diabo.

6 Em chegãdo lhe perguntey, se era homẽ, ou mulher, mas naõ quiz responder a proposito. Mandeilhe logo cortar os cabellos, que faziaõ vulto de hum velo de là, & tirar os panos, em que estava vestido, até o deyxar em trajos de homem; & para que vissem, que naõ era Deos da chuva, pois vinha contra sua vontade. ordenou Deos, que estando nòs nisto, se deyxou vir hũa grande bategа de agua, com q̃ todos se alegràram, porque a desejavam muyto. Recolhemo-nos, os que ahi estavamos para a Igreja, & o deyxey a elle ficar á chuva, atè que confessou, que elle nacèra homem, mas que o demonio dissera a sua mãy, que o fizesse mulher, senaõ, que avia de morrer, & que até agora fora mulher, mas que daqui por diante, pois lhe dizia a verdade, queria ser homem. He jà tão velho, que tẽ a barba toda branca, a qual trazia rapada. Fiz logo com elle, que mandasse trazer alli todos seus feytiços, fello assim. Eram tantos, que causou em todos grande espanto.

7 Descobrio depois disso todos os feyticeyros da povoaçaõ, especialmente hum dos principaes fidalgos por nome Manicasange, que tinha huma cabra de muytos annos por seu feytiço. Mandeylhe atar as mãos atraz, & com toda a gente, que alli estava, fiz, que nos fosse mostrar a cabra, & as casas dos feytiços. Fomos a casa do Manicasange, o qual ficou tam pasmado, quando nos vio, que naõ sabia fallar. Puzemos-lhe fogo á casa de seus feytiços. Fomos buscar a cabra, queymamos a casa, em que a tinha. Em outras casas, que buscamos, achamos cousas, que se naõ podem escrever. Disse a todos, que avia de mandar matar a cabra, & que todos aviaõ de comer della, & Manicasange avia de ser o primeyro. Elle quando vio, que era descuberto, descobrio outros muytos.

8 Hoje depois de confessar algumas pessoas, & dizer Missa, lhes fiz a doutrina, & hũa pratica, no cabo da qual bautizei sessenta, & tres crianças, & dous adultos, que sabiaõ as oraçoens.

Depois do bautismo fiz trazer a cabra cozida, & com ella convidei a gente da teara, para tirar a supestiçaõ, que alguns ainda podiaõ ter. Estando para me partir, veyo huma trovoada taõ grande, que nos naõ deo lugar para isso. Parece, que o ordenou Deos assim, porque ha nesta povoaçaõ tantos idolos, que naõ bastam quatro dias para os queymar.

9 Aconteceo no principio, que ainda que mostravaõ os idolos, & folgáram de os queymar, naõ avia, quem ousasse tocar nelles, nem em seus feytiços, receando ainda morrer, como os seus feyticeyros lhe tinhaõ metido na cabeça, mas succedeo, que vindo os nossos moços carregados de idolos, puzeraõ na cabeça a hum menino da terra huma panela de feytiços, a qual elle trouxe muy quietamente, & passando por entre os seus a lançou na fogueyra, entaõ o chamei, & abracei, & lhe dei hum pano novo, para se vestir, dizendo aos outros, que vissem, se morria aquelle menino. Foy isto causa de ficarem crendo, que era mentira tudo, o que seus feyticeyros lhes tinhaõ dito, & de perderem de todo o medo, porque dalli por diante sem receyo algum tocavaõ os idolos, & feytiços, & os lançavaõ no fogo. Atè aqui o Padre Barreyra.

10 Nesta jornada converteo ao principal Senhor de Songa, a quem, para ser tudo com mayor solemnidade, foy bautizar o Santo Padre Barreyra, & quiz ser padrinho o Governador do Estado. Por ser este fidalgo sogro del Rey, fez grande abalo em todos sua converſaõ. Della diz o Padre Barreyra estas palavras: Tem feyto em todos a conversaõ deste fidalgo tanto abalo, por ser homem de dias, poderoso, & sogro del-Rey, & tido de todos por oraculo em seus cõselhos, que se naõ ouve outra cousa a todos, senaõ que querem ser Christãos, & assim pedem com muyto fervor, que os ensinemos, mas saõ os obreiros tam poucos, & a messe tam grande, que naõ sabemos, aonde acudamos, nem como nos repartamos dous Padres, & hum Irmaõ, que cà estamos. Atè aqui as palavras deste Santo Varaõ.

11 Naõ foy menor o estrago dos idolos, que fez em outras partes. Em huma para o mesmo Padre diz assim: Muyto folgàra de me poder communicar com Vossa Reverencia, se achára por quem escrever de Coanza, por onde andei perto de quinze dias com a mayor consolaçaõ, que tive depois que estou em Guinè & porque naõ posso escrever tudo, tocarei brevemente algumas cousas, das quaes nosso Senhor foy servido obrar, para que Vossa Reverencia tambem se console. Primeyramente parti daqui

ensinan

ensinando por todas as povoaçoens da Ilha grande : & pondo em rol todos,os que sabiaõ a doutrina,& todos os meninos, em cada povoaçaõ me detinha hum dia fazendolhe a pratica do bautismo. Ao Sabbado de manhã fiz pratica aos homens, de tarde às mulheres. No Domingo pela manhã disse Missa muyto cedo,& comecei o officio,que durou seis horas,por serẽ perto de quatrocentos, os que bautizei.

12 Seriaõ tres horas depois do meyo dia, quando acabei, & fiquei tal, que me naõ boli de huma esteira atè a noyte. Estivemos alli a segunda feyra seguinte, & á terça me parti com Mani Corimba para Coanza atè a derradeira povoaçaõ,q̃ lhe pertence,a qual he de hum fidalgo,que se chama Berlengo,que foy, o que livrou ao Irmaõ Constantino Rodrigues das mãos do Cassange, que o pertendia matar. Este me veyo buscar à Ilha grande,& me deyxou gente,que me carregasse. Quando là cheguei,tinha posta no seu terreyro huma fermosa Cruz.

13 Nesta povoaçaõ me consolei tanto, que o naõ sei dizer a Vossa Reverencia, porque em toda esta terra naõ achey gente tam desejosa de ser Christã, sem ter nunca visto Padres, nem Portuguezes. Logo á noyte mandou ajuntar todos seus idolos, & feytiços,& levar para junto da Cruz,& deitar pregaõ por todas suas povoaçoens, que todos fizessem o mesmo. Ao outro dia se ajuntou cousa de idolos, que era muyto para ver. Depois de lhes fazer hũa pratica, & lhes declarar,que cousa he Deos,& o mais,que devem crer,fiz hum bautismo de crianças, que duraria tres horas;depois do qual puzeraõ fogo aos idolos, dizendo com grandes vozes ao diabo,que sahisse de suas terras.

14 Huma filha deste fidalgo estava doente avia jà dias, pediram-me,que a fosse ver;fillo assim,& logo entendi, que naõ escaparia. Disse-me com grande fervor, que queria ser filha de Deos:& todas as mulheres,& homens, q̃ ahi estavaõ, me pediaõ de joelhos, que a bautizasse. Trateilhe primeyro algumas cousas da fé, & do bautismo,a que respondeo tam bem, como se fora instruida de muytos dias. Ella mesma pedio,que lhe puzesse por nome Maria. Bautizei-a, & foy o Senhor servido de a levar para si no dia seguinte. Depois de ordenar aqui, como se ensinassem as oraçoens, me parti pela Coanza abayxo. Vim em companhia de Mani Corimba correndo outras povoaçoens atè a barra de huma parte, & outra do rio,queimando todos os idolos,que nellas achavamos.

15 Espanteyme de ver por estas partes hũa sorte de gẽte,que

tem suas casas,& habitaçaõ debayxo das raizes dos mangues(ar-
vores do rio,que lãçaõ as raizes dos ramos para bayxo) alli vi-
vem estas gentes tam acompanhadas de caranguejos , que já os
naõ estranhaõ,porque quando comem , lhe andaõ por sima do
comer,& quando dormem,por sima dos corpos. Na barra disse
Missa dia de S. Simaõ,& Judas, & ao Domingo vim dizer Missa
a Corimba,& dahi me tornei a esta casa, para ter nella a festa de
todos os Santos. Como os moços descansarem,desejo dar huma
chegada ao Bengo,& depois a Cassanze, & aos Encobos,& a to-
dos os fidalgos , que me ficàraõ , aonde está a cabeça dos feyti-
ceyros,& os officiaes dos feytiços,porque como os queymar,fi-
cará este Sertam disposto para se converter.

CAPITVLO LVII.

*Dà-se conta de huma jornada,que o Padre Balthezar Affonso fe
ao rio Coança;cousas,que nella obrou,& trabalhos,
que padeceo.*

1 OUtra jornada fez o Padre Balthezar Affonso na
ribeyras do rio Coança,em que foraõ innumera-
veis os idolos,& feytiços,que abrazou, o muyto que padeceo,&
cousas novas,que vio. De tudo irei succinctamente dizendo a
guma cousa. Naõ pudera o Padre da primeyra vez,que alli fora
correr todos os lugares, & queymar todos os idolos , agora lh
tornou a dar outro assalto. Tinha deyxado alguns Mestres na
povoaçoens,& agora hia vendo , o que tinhaõ aprendido , & a
chava muyto proveyto,& que os negros aprendiaõ com cuida-
do as oraçoens. Tinhaõ suas cordinhas , & tanto que lhes ens
navaõ alguma palavra,davaõ nella hum nò,para se lembrarem

2 Estavaõ tam inclinados á fé , que ainda huma cousa ta
casual, como a morte de hum Elefante alli em sua terra , on
outra se naõ tinha visto,attribuhiaõ a seus feytiços,& idolos e
tarem queimados. Levàraõ o Padre a ver este grandissimo an
mal,ou castello de carne , o qual morrèra metido em hum at
leyro. Diz o Padre que era sua grandeza cousa muy estranha
que só a cabeça poderia carregar o seu batel; cada orelha era c
mo huma grande adarga ; o couro de tanta grossura , que disp
rando nelle huma espingarda, naõ fazia mais , que hum leve
nal nos cabellos. Da parte,que no atoleyro ficou para sima,tir
raõ os negros tanta carne,que fartou toda a terra, naõ lhe bo

raõ na parte,que ficou enterrada no lodo, nem em os ossos, os quaes eraõ taõ grandes, que huma canela era do tamanho de hum homem. A concavidade dos olhos era cousa, que se naõ póde crer,era como a copa de hum grande chapeo,& o olho em si muyto pequeno. Tinha hum só dente,que pezava hum quintal. Os dentes queyxaes carregavaõ huma pessoa.

3 Logo foy discorrendo pelas aldeas em companhia do senhor dellas, fazendo o caminho a pè junto do rio Coança, sendo muy grande a calma. Tinhalhes o Senhor mandado dizer, que estivessem preparados, que avia alli de ir com hum Padre, para lhes ensinar a verdade. He toda esta gente negra summamente coitada, & temerosa,ainda assim cõ este aviso os achou o Padre taõ assombrados,& cheyos de medo,que as mãys estavaõ às portas de suas casas tremendo com medo,& os filhinhos estavaõ muy apertados com ellas,como se a todos os ouvesse o Padre de comer. Naõ tiravaõ os olhos do chaõ, mais tristes que huma bem escura noyte,antes cada pessoa naõ parecia ter no coraçaõ, senaõ a noyte,que tinha nas cores.

4 Por mais que lhe disseraõ,que naõ ouvessem medo,& viessem tomar a bençaõ ao Padre, naõ se pode isto acabar atè o dia seguinte. Logo de manhã, antes que sahissem fòra a buscar de comer,os fez ajuntar o fidalgo. Entràraõ alguns Christãos pelas portas,& pelas casas;dellas, & dos campos tiràram todos os feytiços, que se ajuntáraõ diante de huma Cruz em hum grande terreyro;pondo-se todos de joelhos, lhes fez o Padre doutrina,& declarou,o que dalli em diante aviaõ de crer, & como seus idolos,& feyticos eram mentirosos.

5 Tendo o Padre dor delles,os mandou ir dizendo, que no dia seguinte lhes declararia as mais cousas. Compadeceo-se o Padre,por ver o modo,com que esta gente se mantinha,porque naõ comia outra cousa senaõ raiz de tabua, a mesma que em Portugal. Das raizes della he seu mantimento; comem-na crua,& assada,& seca ao Sol. Depois de pizada a fazem em farinha,& desta huma comida, que parece terra. Tambem comem de outra raiz de pao, que tem sua ponta de azedo. Com isto, & com azeyte de tubaràm, anda aquella gente tambem disposta, tam valente,& grande de corpo, que diz o Padre naõ tinha naquelle Guiné visto outra,que nisto a igualasse.

6 Antes do Padre alli chegar, como sabiaõ de sua ida, os feyticeyros velhos,que tinhaõ os mayores idolos,os escondèraõ, & de noyte os puzeraõ da outra banda do rio. Correndo o Padre

dre todas as casas, huns accusavaõ aos outros. Trouxeram-lhe hum velho,accusando-o, de que elle tinha escõdido o seu idolo, & dera sò os pequenos. Fez grandes espantos, que tal nam era. Como porfiassem com elle, & o Padre dissesse, que pouco hia em o encobrir, porque o idolo jà tinha perdido toda a sua força;entaõ confessou chãmente, que hum seu filho o escondè-ra,& o fez alli trazer. Os negros,que o traziaõ, deyxando-o diante do Padre,queriam fugir, porèm elle os fez ter mão, & os obrigoua o pizarem,& a lhe tirárem com pedras atè o lançarem no fogo.

7 O principal da povoaçaõ tambem tinha mandado esconder estes seus deoses alèm do rio, estando persuadido, que se os entregava,naõ tomaria mais peyxe algum.Dissielhe o Padre,que lhe faria huma Cruz para trazer em sua almadia (assim chamão a suas embarcaçoens) em lugar do idolo,& outra para sua casa; nem com isto o quiz descobrir. No dia seguinte prègando o Padre da falsidade dos idolos,abrio este negro os olhos, & vendo sua cegueira,disse, que elle mandava trazer os seus idolos. Vieram,& aos tirarem da almadia, os da povoaçam lhe deram huma grande apupada, de que se envergonhàram tanto, os que os traziaõ,que deyxando-os cahir em terra,deraõ em fugir. Ouve em todos muyta alegria,dizendo,q̃ jà os diabos estavaõ todos fóra,por serem todos descubertos, & que nenhum ficàra escondido.

8 Esta povoaçaõ estava em hum descampado junto à boca do rio Coança,o qual chega às casas;& da outra parte tem muytas arvores,a que chamão mangues,onde andam grandes crocodilos, & cavallos marinhos. Estes deram alli ao Padre bem de sustos,como os dão aos moradores. Tanto que he noyte sahem dentre os mangues a pastar,nem ha quem se possa com elles dar a conselho. Para a gente poder dormir, fazem as casas redondas, & muy pequenas,as portas ao longo do chaõ,pelas quaes entraõ de gatinhas,& antes do Sol posto as tapaõ com feyxes de tabua. Fóra da porta fazem fogo, & dentro tem outro fogo. Assim se metem dentro homens,mulheres,filhos,& filhas,& estam como em hum forno.

9 Em hũa destas foy o Padre agazalhado a primeyra noyte;foraõ tantos os mosquitos, que sobre elle,& os mais vieram, que em toda a noyte nada puderam dormir. Naõ foy só esta molestia do Padre,mas atè a gente da terra andava de noyte correndo pela aldea com humas pelles de cabra,que saõ os seus vestidos

idos, abanandoos moſquitos,dando pancadas nas coſtas, para
lellas os deſviarem. Por eſta cauſa as outras noytes foram em
uma almadia dormir alèm do rio ao longo do mar em hum
real,por lhe dizerem naõ avia là moſquitos; mas o caſo foy,
ue eraõ tantos,que naõ deyxavaõ aquietar; porèm com iſſo eſ-
ava alli menos mal,que nas caſas da povoaçaõ.

10 O que tambem alli muyto moleſtou foram os cavallos
arinhos,que a modo de ginetes ſahiaõ a eſcaramuçar na praya,
raõ elles quaſi como Elefantes na grandeza. Hum ſe veyo di-
eyto ao Padre Balthezar, & com a boca,que diz elle ſeria co-
no huma porta. Bem ſe vè o ſuſto, que lhe cauſaria tam enor-
ne monſtro,mas quiz o Senhor,que delle nenhum dano chegaſ-
e a receber. Deſta povoaçaõ foy o Padre a outras, tambem jun-
o ao rio Coança. Era couſa muyto para ver,como em chegan-
lo,logo todos traziaõ ſeus idolos,para que os queymaſſem. Que
em ſe via ter o Senhor dado a eſte ſeu ſervo virtude, & graça
ſpecial contra os idolos de todas as povoaçoens,a que chegava,
ois ſendo aquella negra gente criada neſtas ſupeſtiçoens,aſſim
s deyxavam, como ſe lhes entraſſe conhecimento do veneno,
ue tinhaõ em ſuas caſas.

11 Neſte tempo ſe queria o Padre voltar para Loanda,
uando teve aviſo do Governador,que eſperaſſe alli atè ſua che-
ada ao rio Coança. Vendo, que já naõ tinhaõ que comer, eſ-
ando a ponto de ſe partir,vio ao longe duas galeotas, que eram
s do Governador, logo puzeraõ certa bandeyra branca, pela
ual ſignificáraõ o lugar, por onde aviaõ de entrar as galeotas,
or eſtar a barra mudada,como alli ſuccede por cauſa das areas.
Logo que entràram,levantou o Padre huma Cruz no lugar,on-
le puzera a bandeyra, para que o idolo dos gentios perdeſſe a
orça,porque diziaõ elles,que ninguem por alli entrava, quan-
lo o ſeu deos naõ queria, mas que com a Cruz, já elle naõ po-
leria impedir a entrada.

12 No dia ſeguinte depois de dizer Miſſa, ſe deſpedio do
Governador,o qual continuou ſua derrota pelo rio aſſima, & o
Padre foy fazendo ſeu caminho a pè abrazando innumeraveis
dolos em todas as povoaçoens. Teve neſta jornada grandiſſi-
mo trabalho. Foy tanta a agua, & os trovoens, que nunca em
Guinè vira ſemelhante couſa. Molhouſe em tal fórma,que hum
ó fio lhe naõ ficou enxuto no corpo. Foy tal o pezo, q̃ a muyta
gua cauſou nos veſtidos,que os negros que o levavaõ, naõ po-
diaõ dar por diante hum ſó paſſo: entaõ ſe poz a pè,tirou ſapa-
tos,

tos,& meyas,& começou a caminhar a pè descalso.

13 Era a agua tanta pelos caminhos, que quasi lhe chegava ao joelho; alèm disso era tam fria, que tendo o servo de Deos andado como meya legoa, se achou quasi tolhido com o frio, nam podia fallar, nem abrir os dentes. Deste modo tirando forças da fraqueza caminhou duas legoas sem achar, onde se recolher. Hia com elle hum negro doente, imaginou, que alli lhe cahiria morto. Chegando à praya se meteo nas ondas do mar, & assim começou a tomar algum alento, & a fallar, que o pudessem entender. Depois foy andando cousa de meya legoa junto da praya atè chegar a huma povoaçaõ de gentios, os quaes o agasalhàraõ em huma cazinha, & cada hum lhe trazia seu pao para o fogo. Quiz o Senhor, que nenhum dos negros, que o acompanhavaõ, perigasse, sendo assim, que naõ ha cousa que mais os corte que o frio.

14 Neste grande trabalho sentia muyta alegria, que he o que trazem de ordinario os trabalhos, que se tomaõ por amor de Deos, & salvaçaõ das almas. A cea constou de alguma pouca farinha de milho, & essa molhada, & tres peixinhos salgados, que para o tempo foraõ hum grande manjar. Os mesmos negros estavaõ tam consolados, que diziaõ, que agora se lembrava Deos delles, porque lhes dava trabalhos depois do gosto que aviaõ tido, por queymar tantos idolos. Neste mesmo caminho passou o Padre hum braço de mar de dous tiros de espingarda, em hũa jangada de paos atravessados huns nos outros, a qual hia por bayxo da agua, & o Padre hia nella assentado com parte do corpo metido nas ondas.

15 Neste dia elle, & os que comsigo levava, naõ tiveraõ outra cousa, que jantar mais, que hum peyxe assado, que com hũa fisga se tinha tomado, seria de pezo de dous arrateis; este servio de paõ, & conduto a sete ou oyto pessoas, porque naõ avia outra cousa, de que lançar mão. E diz o Padre que em tanta falta era em todos a alegria muy grande, com esta lhe adubava o Senhor aquellas molestias. Apos esta navegaçaõ, & jantar se seguio andar huma legoa a pé descalso por terra cheya de espinhos, & cardos. Mas neste tempo, confessa elle mesmo, que passava com gosto pelo merecimento.

16 Aconteceo por este tempo, que sabendo hum fidalgo muy valido del-Rey do Congo o estrago, que o Padre tinha feyto nos idolos, & naõ se podendo vingar delle, mãdou dizer a certo fidalgo, que alli tinha levado o Padre; que pois tal cousa tinha

ha feyto sem sua licença, sendo elle o Principe dos feyticeyros,
avia muy bem de castigar, & que logo o fizera, se disso o nam
ivertira por entaõ à guerra, que hia fazer a hum seu inimigo.
laõ permittio Deos, que se puzesse em execuçaõ tam roim
nimo, porque na guerra ficou elle morto com todos, os que o
companhavaõ.

17 Pela festa do Natal chegou desta jornada à nossa casa de
oanda, aonde carregàraõ sobre elle, que era na casa o unico
acerdote, innumeraveis confissoens. Na vespora do Natal fo-
õ tantas, que o enfraquecèraõ, sobremaneyra. Acabada a
lissa do Gallo, lhe deo hum tal accidẽte, que naõ imaginou po-
eria dizer a segunda Missa. Pelos oyto dias seguintes padeceo
bres continuas.

CAPITVLO LVIII.

e como acompanhou aos Portuguezes em huma guerra, & como os ajudou.

1 ENtre outras sahidas fez huma pelo anno de 1580.
em companhia do nosso exercito, que hia conquis-
r as minas de prata, na qual gastou quatorze mezes, & foy de
ande proveyto ao bem das almas; & teve bem que merecer.
udo refere ao Padre Miguel de Sousa na carta seguinte: Ha
nto tempo, que naõ tenho escrito a Vossa Reverencia, que cõ
zaõ me póde ter já por morto neste Guinè, mas ouvindo-me
ossa Reverencia dirà, que naõ tenho culpa, & se julgar, que a
nho, de cá lhe peço, que me perdoe, mas por tanto morto me
ve, onde andei peregrinando hum anno, & dous mezes; que cõ-
r a Vossa Reverencia os trabalhos, & doenças, enfadamentos,
ortes, guerras, & trayçoens, que tivemos, & passamos todo es-
tempo, dirà Vossa Reverencia: Assim, assim pagareis a boa
da do Canal, & de Bragança, de Coimbra, & de Evora.

2 Com tudo digo a Vossa Reverencia, que naõ ha consola-
õ, que chegue a estes trabalhos tomados por amor daquelle q
o sua vida por nos dar a vida, & pela obediencia. Porque quã-
vejo, que os homens do mundo, que por cá andaõ, levaõ muy-
mayores trabalhos, & sofrem-nos com muyto gosto sòmente
las esperanças, que tem de quatro peças, & de huma pouca de
ata, que ainda està em velohemos, quanto mais consolaçoens
lhe

lhe parece a Vossa Reverencia que teriaõ os filhos da Com
panhia,que nada disto querem , nem pertendem,mas só nente
conversaõ de tantas almas,quantas ha neste Guinè?

3 Nesta folgàra de contar a Vossa Reverencia muyto mi
damente todas as particularidades , que nesta jornada passamo
o mais breve que puder , por naõ enfadar a Vossa Reveren
cia : mas como as de Vossa Reverencia naõ enfadaõ , sena
em serem breves,assim naõ me parece, que esta enfadará a Vo
sa Reverencia em ser comprida,porque bem sei, quantos enf
damentos,& desgostos por là nesse mundo velho seràõ passado
Queira nosso Senhor, por quem he, esteja tudo quieto , que
nada sabemos.

4 Aos 24. de Setembro de 1580. estando eu em companh
do Governador se partio o Padre Balthezar Barreyra para C
go,deyxando-me muyto doente pela terra dẽtro quinze legoa
escrevendo-me,que como pudesse , me puzesse a caminho pa
esta casa;mas nosso Senhor tinha ordenado outra cousa,que f
alevantarem-se os fidalgos , que estavaõ de redor de nòs, co
guerra contra nòs,& nos tapàraõ os caminhos, que ninguẽ pa
sasse para este porto , nem de cà nos fosse soccorro. Neste ter
po tinha jà o Governador trezentos Portuguezes comsigo,& a
guns duzentos escravos de Portuguezes. Avendo falta de ma
timento,o começàraõ a buscar pela ponta da espingarda , don
deram alguns quatro,ou sinco saltos,em que faziaõ grande de
truiçaõ,queimando,& assolando tudo,& trazendo infinidade
mantimento,que a todos faltou.

5 Aqui aconteceo , que indo hum pay com hum filho f
gindo dos nossos,vendo, que naõ podia salvar seu filho,se vir
para os nossos,& despedio quantas frechas tinha , atè que o m
táram,sem se querer bulir de hum lugar, para o filho se esco
der. Outro estava dentro em huma casa com duas mulheres ,
se defendeo de dentro tam fortemente , sem se querer dar, a
lhe porem o fogo à casa,& alli ardèram todos os tres. Poz i
tanto espanto a nossos inimigos,que toda Angola avia medo
nòs. Partimos daqui no fim de Setembro,posta toda a gente
ordem,com o fato todo no meyo, & gente miuda , que por
dos seriam mil , & duzentas almas. Passamos por todos es
Ambundos,que tudo estava cheyo, que naõ via homem sena
negragem. E só duas espingardas,que hiam diante , alimpava
o caminho. Tapáram-nos o caminho estreito entre hum gran
mato com estrepes, & espinhos , cuydando de nos tomarem
mã

mãos. Quiz nosso Senhor,que passassemos, sem nos frecharem ninguem,& os nossos lhe matáram alguns sete,ou oyto. A mim me tiràraõ duas frechadas de noyte,& me cahiram aos pès, sem me fazerem mal algum.

6 Chegados ao rio Coança se embarcou o fato em duas galeotas,& hum caravelaõ,& dous bateis, & fizemos nosso caminho ao longo do Coança, aonde avia muytos mantimentos pelos campos. Tudo largavaõ, tanto que nos viam. Fomos ter com hum fidalgo por nome Muchima Quitamgombe,que quer dizer,coraçaõ de touro. Este foy o primeyro,que veyo dar obediencia ao Governador, & que queria ser vassallo del-Rey de Portugal,trazendo muyto mantimento, pedindo lhe dessem ajuda contra hum seu inimigo,que elle em pessoa com todos seus vassallos ajudaria ao Governador contra o mesmo Rey Angola. E assim o fez.

7 No porto deste fidalgo estivemos quinze dias. E por serem muytas as chuvas, nos começou a adoecer muyta gente, principalmente os que tinhaõ vindo novamente do Reyno, & s doenças eraõ muyto perigosas. O que eu mais sentia, era naõ oder acodir a todos,por estar muyto doente, & de grandes dores. Para os confessar,me levavam nos braços dos negros, que em a cavallo me podia ter. Outros me traziaõ á cama, & eytados ambos em huma esteyra,os confessava tam morto,coo elles.

8 Neste comenos,o demonio como naõ dorme, & lhe pesa com tantas victorias, começou de semear silania no arrayal ntre as principaes pessoas,& Capitaens,Sargento mòr, & Alfees, que se ouveram de matar huns aos outros. Dando-me de oyte aviso,do que passava, me fiz levar às costas dos negros, ara fallar com os principais. Quiz nosso Senhor, que se ataasse huma grande desaventura. Ao outro dia estava para se omper guerra entre estes poucos Portuguezes.

9 Daqui nos alevantamos caminhando sempre ao longo do o, avisando-nos, que uos estava esperando huma grande guer de hum grande fidalgo,o qual tinha convocado muyta gente, outros fidalgos,para nos impedir o passo da sua terra. Alojan-se o arrayal em huma grande varzea, desmandando-se huns ldados pelos campos a buscar mantimento, deram os negros elles,& nos matàraõ dous soldados,& frechàraõ outros dous. endo isto o Governador,& soldados, no mesmo instante picàm a guerra. Sahiraõ todos armados, & repartidos: as compa-

nhias começàraõ de deyxar chegar os inimigos; emboſcando-ſe alguns ſoldados,atè ſe porẽ a tiro, começàraõ a derribar nelles,porque eſtavão os montes todos cubertos de inimigos,derão apos elles,puzeram-ſe em fugida,& nenhum mais appareceo.

10 Ao outro dia paſſamos pelas banzas deſte fidalgo, que ſaõ ſuas povoaçoens. Huma grande legoa, tudo eram caſarias, & huma eſtrada pelo meyo muyto grande, ſem apparecer viva alma,& deyxavão as caſas cheyas de mantimento;muytas gallinhas,& chibarros,& ovelhas, & carneyros, ſem levarem nada cuidando,que ſe deſmandaſſe a gente,para darem em nòs; porque tudo eram matos,& eſpinhos; mas o Governador mandou que ninguem ſe tiraſſe de ſeu lugar,& paſſamos adiante.

11 Alli nos deraõ de noyte grandes apupadas,dizendo,que ao outro dia nos aviaõ de comer a todos. Tanto que amanheceo ficando toda a gente miuda, & fato,& o Governador, & gente que o guardaſſe, determinàrão de vingar a morte de noſſos Irmãos. Repartidas as Capitanias cõ cento & ſincoenta ſoldados deraõ nas povoações,& terras deſtes fidalgos;& fizeraõ a mayor deſtruiçaõ,q̃ nunca Portuguezes fizerão. Alèm de matarẽ muytos,deram de ſubito na banza de hum fidalgo, & lhe tomáram cento,& tantas peças de eſcravos,& eſcravas. Começàraõ a pòr o fogo às caſas,& banzas,& ſaquear. Foy tão grande o deſpojo que entrou neſte arrayal, que puderam carregar duas naos da India. Foy tanto o mantimento nas ruas, & caſas,que não avia quem pudeſſe andar pelo arrayal.

12 Aqui ſe proveo todo eſte exercito de tudo, aſſim de panelas para cozinhar,como de pedras para fazer farinha, mel, azeyte,eſteyras,& infinidade de chibarros, gallinhas, carneyros, & muyto ſal;por eſta terra eſtar perto das minas do ſal, achavam caſas cheyas. Pondolhes o fogo,davam tam grandes eſtouros,que pareciam artelharia. Achàram huma caſa redonda,que chamam Dumbe,a qual tinha quarenta paſſos de roda, & toda cheya de mantimento com ſeus ſobrados, couſa muyto para ver. Aſſim como eſtava lhe puzeram o fogo,& poz tres dias em arder. Foy tam grande o eſpanto, que fez eſta deſtruiçam, que logo nos começáraõ a vir cõmetter pazes. Neſta terra puzemos hum fidalgo da noſſa mão, & lhe tornou toda a gente a obedecer. He agora muyto noſſo amigo.

13 Alevantados daqui,chegamos no meſmo dia a hum porto,aonde eſtivemos até agora, ſem podermos paſſar mais adiante,por aſſim o permittir noſſo Senhor por ſeus juſtos juizos,que

tr

tres dias mais, que foramos adiante, nos punhamos sobre as mi-
nas de prata, que estamos vendo as serras. Neste posto estivemos
oyto mezes, aonde foraõ tãtos os doentes, & mortos, que eu do-
ente, como estava, depois de os confessar, traziam-mos à Igreja,
& eu assentado em huma cadeyra os encomendava. E trinta
dias, cada dia enterrava dous assim brancos, como negros. Sò
dos brancos, neste lugar enterraria cem Portuguezes, & pretos
alguns quarenta.

14 Começando a aver fome no arrayal, ordenei se fizesse
hum Hospital, & repartidas as somanas pelas pessoas princi-
paes, tinha cada hum sua somana, & provia de tudo o necessario
a dez, doze doentes, que continuamente aviam no Hospital. Foy
esta huma obra, que atè a estes gentios pareceo bem, porque en-
tre elles como està hum doente, o desejaõ morto, nem o soccor-
rem com nada.

15 Aqui acontecèram algumas cousas notaveis neste tem-
po, que aqui estivemos, porque se fizeram algũas guerras; aon-
de os nossos sempre ouveram victoria, principalmente de hum
grande fidalgo, o qual era Senhor de muytos fidalgos, & terras,
que naõ obedecia ao Rey Angola, & se dava por nosso ami-
go. Este nos tinha armado huma grande trayçam, em que nos
avia de entregar ao proprio Rey, para nos matar a todos. Para
mais dissimulaçaõ provia o arrayal de mantimento. Sabendo a
certeza da trayçam, vindo elle com muyta gente a visitar o Go-
vernador, antes de passar hum rio, deytou sortes aos seus feyti-
ços, & sahiolhe a sorte, que se passasse à outra banda, o aviam de
matar. Naõ querendo passar, deram os nossos apos elle, & lhe to-
màraõ quarenta mulheres as principaes de sua casa, & lhe ma-
taraõ alguns homens.

16 Nesta passagem acõteceo aos nossos hũ grande desastre, q
metèram muyto depressa em hũa galeota muytos soldados,
& gente preta, para passarem o rio, pondo-se todos a huma ban-
da, se virou a galeota, & os levou todos debayxo; donde se afo-
garaõ dous Portuguezes, & dous pretos por cahir a artelharia
sobre elles, & toda a polvora, que avia, se molhou, que foy a ma-
yor perda, que podia acontecer, porque logo os inimigos sou-
beraõ o desastre da polvora, que nos faltava.

17 Avida esta victoria por a ver hum fidalgo muyto nosso
inimigo, & nos tinha tomado o passo, por onde aviamos de pas-
sar, mãdou lá o Governador cento, & tãtos soldados cõ seus Ca-
pitaens, aonde depois de terem feyto grande estrago nos inimi-

 gos,

gos,indo o Capitaõ mór, que era homem muy esforçado,com
quatro soldados,& alguma gente preta seguindo a victoria, fo
ram dar em humas furnas de covas,& grandes matos,onde esta
va o pezo da guerra dos inimigos, & cercados os nossos come
çáraõ a pelejar,& a matar nos inimigos, atè virem á espada, &
montante,que dizem fazer estrago nelles,cousa, que os mesmo
inimigos estavam pasmados, tiráraõ com huma azagaya ao Ca
pitaõ,o qual atravessado cahio logo no cham,& lhe cortáram
cabeça,& aos outros quatro. Quando a outra gente de guerr
soube o desastre,se recolheo:juntos todos em hum corpo se vie
ram retirando o melhor, que puderam. Deram-nos esta trist
nova à meya noyte,& que todos eraõ mortos; já se vè, que ta
estaria todo este exercito, com lhe terem morto a flor da ger
te.

18 Quiz nosso Senhor,que em amanhecendo chegou tod
a gente,& sómente oyto Portuguezes morrèraõ,& alguns vin
negros entre Christãos,& gentios. Com esta victoria tomára
tanto animo os nossos inimigos, & os nossos tanto medo, q
naõ ouve remedio passarmos adiante, mais por falta de polvor
& por certas occasioens,& esperanças de favor del-Rey de C
go,que mandava sessenta mil homens para nos ajudar, & ant
que chegasse a nòs, foy desbaratado dos inimigos,por onde n
se espera, senaõ o soccorro de nosso Senhor, que já naõ ha e
perança do dos homens,que o podiam dar.

19 Estamos à vista da terra de promissaõ,mas tenho med
que todos estes inconvenientes saõ por justos juizos de nos
Senhor,& por assim o merecerem nossos peccados; pois vem
com os olhos a mayor riqueza,que dizem aver no mũdo,a qu
se nosso Senhor for servido se chegue assima tres dias de can
nho,que pòde ser sinco legoas, daqui donde estamos vendo
serras,que dizem tudo ser prata, conquistarseha este Reyno,
seraõ todos sugeytos,& os feyticeyros velhos tirados da terra,
os meninos se creàram com a doutrina Catholica, & seràm b
Christãos, que sem isto nunca o seràm. Esta carta toda he
guerras, porq caminhavamos por entre inimigos, posto que e
tre elles nunca faltavaõ no arrayal as ajudas espirituaes.

20 Tinhamos feyto huma Igreja muyto boa,& fresca, ai
daque de palha, sempre aos Domingos, & festas se armava co
muytas palmas,& ramos frescos. Todos os Domingos avia c
fissoens,& communhoens. Fizemos todos os Officios da Sem
na Santa,aonde á Quinta feyra de Endoenças ouve mais de tr

ta commrunhoens, todos estavam jà confessados outra vez pela
obrigaçaõ;ouve procissaõ das Endoenças,& disciplinantes,q̃ foy
couſa nova em terra de gentios; ouve Resurreyçaõ com chara-
melas;mas digo a Vossa Reverencia que todos estes dias foraõ
antos os mosquitos,que passàraõ por disciplina.

21 Aqui bautizei muytas pessoas,& crianças, que estavam à
norte, as quaes hiaõ logo gozar de quem os tinha predestina-
os para a gloria, porque eraõ muytos tirados de entre esta gẽ-
ilidade,& nos braços das mãys, que para mim era grande con-
olaçaõ. Hum homem se veyo a mim hum dia estando eu jan-
ando,pedindo-me o fosse confessar,que me esperava na Igreja,
: vinha morrẽdo,fuy logo,& achey-o deytado ao pè do Altar;
omeçando de se confessar,lhe deo nosso Senhor tal juizo, que
ez confissaõ geral brevemente,acabando me perguntou,se o ti-
ha absolto,porque morria. Estando assim animando-o, fez seu
estamento de palavra,pedindo a todos o encomẽdassem a Deos,
o mesmo instante espirou ao pè do altar,aonde lhe fiz fazer a
ova,& o enterràraõ. Poz isto tãto espanto no povo,que vinhão
vello, como a milagre. Atè aqui parte da carta do Padre Bal-
hezar Affonso,o qual por estar enfermo foy para Loanda, in-
o em seu lugar o Padre Balthezar Barreyra.

22 Avendo dous annos que o Governador Paulos dias de
Novaes estava com os Portuguezes alojado em Mocumbe, le-
antando seu campo chegou à força de armas a Cambambe,
nde eraõ as minas de prata, começàraõ os nossos a fazer suas
oradas;o que sabendo El-Rey Angola ajuntou hum tal exer-
to,que se diz constar de doze centos mil homens, dos quaes se
cançou por oraçoens do Santo P. Balthezar Barreyra aquella
famada,& milagrosa victoria,de que trato em sua vida. Succe-
eo porèm,que imaginando muytos fidalgos, que ajudavaõ os
ortuguezes,ser impossivel sahir com a victoria,nos desempara-
m,& procuràram de se fazerem amigos del-Rey Angola.

23 Depois de alcançada a victoria, temendo, que o Gover-
ador os castigasse, se rebellàraõ contra os Portuguezes. Foraõ
tes obrigados a se retirar para hum lugar forte,porque lhes hia
ltando a polvora,sem a qual nada se podia obrar. Logo o Sã-
o Padre Barreyra ordenou ao Padre Balthezar Affonso pas-
sse de Loanda à Ilha de S. Thomè a buscar polvora, para se
romover a conquista. Partio de Loanda a dezaseis de Mayo
e 1684 Indo ao mar sincoenta legoas encontrou com hum na-
o da Armada,que vinha de Portugal, do qual soube o soccor-

 ro,

ro, que nella lhes mandava El-Rey.

24 Dahi a alguns dias encontrou com a Capitania, & Soto
Capitania, onde tambem vinha o Padre Jorge Pereyra, & outros
nossos, com os quaes se consolou, como quem avia dez annos,
que naõ via Padres da Companhia. Dando a todos conta do a-
perto, em que ficava a conquista por falta de polvora, & que se
apressassem, continuou para S. Thomè, onde por causa dos tē
pos arribàraõ as duas naos, mandando diante hum navio pe
queno com polvora, & gente, com que se entretivesse a con-
quista atè elles chegarem. Em Agosto voltou a Loanda, na qua
entrou como em triunfo com as naos do Reyno, & com os nos
sos Religiosos: em o porto os sahio a receber o Sãto Padre Bar
reyra em hum batel com muytas frautas, & instrumentos d
alegria. Logo no seguinte dia, porque o caso naõ era de demo
ras, se mandou soccorro ao Governador, com o qual foy tamben
o Padre Balthezar Affonso com hum Irmaõ Coadjutor.

25 Foy tal o trabalho, que sobre si tomàraõ com os doen
tes, que tambem adoecèram; tendo noticia disto o Santo Padr
Barreyra se partio para o nosso campo com o P. Diogo da Co
ta. Em chegando mandou voltar a Loanda para se curar ao Pa
dre Balthezar Affonso, & ao Irmaõ, que o acompanhára. Ouv
sobre estas minas de prata, de que se dizia serem as melhores d
mundo, muytas guerras, que naõ fazem ao meu intento, & s
toco nellas, em quanto he preciso para dar noticia dos serviços
que o Padre nestas emprezas fazia a Deos. Por fim de tudo el
las se naõ puderaõ de todo pór correntes, & desembaraçadas e
fórma, que a cobiça humana se aproveytasse dellas.

26 Teve o Padre Balthezar Affonso na Companhia o gra
de Coadjutor espiritual, & fez sua formatura em Abril de 158
tendo feyto a Deos muytos serviços, faleceo em Angola no an
no de 1603. aos 29. do mez de Março.

CAP.

CAPITVLO LIX.

Dos Irmãos Pedro Dias estudante, Francisco Alveres Coadjutor.

1 O Irmaõ Pedro Dias estudãte nasceo em o Pedrògaõ no Arcebispado de Evora. Seus pays se chamàram Luis Nunes,& Isabel Nunes. Foy elle o primeyro,que daquella terra fora estudar a Evora, & tambem o primeyro, que della entrou na Companhia; circunstancias,de que elle se valia, para cuydar, que Deos o guardava para algum grande bem. Andando na primeyra classe esteve quasi recebido na Companhia, porèm acodiram seus parentes, & à força o levàram. Depois continuando seus estudos,como naõ faltava por sua parte, tornou a fallar,& o recebèraõ do segundo curso, donde entrou em o Noviciado de Evora aos 10. de Mayo de 1612. tendo dezasete annos de idade. Na viagem da India a 24. de Junho de 1616

2 Deste tempo,que elle no mundo gastou, depois de Deos o chamar,tinha grande sentimento,& o significava algumas vezes aos Irmãos, mas tambem dizia, que o naõ tinha por pequena mercè de Deos,porque se da primeyra vez entrára, naõ sabe ria estimar,& conhecer a perfeyçaõ,que pedia o estado, que escolhèra. De tal sorte se accõmodou ao espirito, que a vida do Noviciado, que he tanto contra a natureza, lhe parecia cousa muy natural. De veras se abraçou com o estudo da perfeyçam.

3 Delle tem assim em huma carta o seu mestre dos Noviços: No que me escreve do Irmaõ Pedro Dias,que està em gloria, montarà muyto o testimunho publico dos que com elle se creàraõ,que o poderàm dar do seu exemplo. O que eu sei, he que naõ vi mais pura consciencia, cõ hum desejo incrivel de sua perfeyçaõ,o que mostrava na mortificaçaõ,& oraçaõ,a que era mais dado. Sobre tudo me pareceo sempre alma creada para o Ceo,porque no tempo,que estive nesse Noviciado, nunca nelle achei cousa,que parecesse payxaõ.

4 Sobre o mais notei nelle particular devoçaõ à Virgem Nossa Senhora, achava-o muytas vezes na sua Capellinha com tal postura,que me enternecia,& causava notavel devoçaõ. Entergavase-lhe mais,& eu tinha advertido,ǵ quando elle fallava, ou ouvia fallar de Nossa Senhora,se lhe enchia a boca de huma

certa

certa graça,& riso,que tresbordava no rosto com huma notavel mudança. Era muy miudo na pobreza, & era necessario atentar por elle,porque se lhe naõ davaõ as cousas,naõ as pedia.Era muy sugeyto,& obediente,muy pontual,& tinha tudo , o que se podia desejar em hum Noviço. Até aqui a carta do Padre seu Mestre.

5 Alguns mezes antes de acabar o Noviciado , foy mandado a continuar os estudos no segundo curso;depois de acabar os dous annos,conservou sempre aquelle seu fervor do Noviciado, que he final de huma grande perfeyçaõ. Procurava de tratar cõ os mais edificativos,procurando de imitar , o que nelles via de mayor perfeyçaõ.Sabendo, q̃ alguns Irmãos tomavaõ cada mez hũ dia,para se refazer no espirito,tratãdo nelle sòmẽte de examinar diante de Deos,se com os estudos se esfriavam , & como se deviaõ melhorar;& este santo costume usou elle tambẽ,& cõ elle sentia notavel proveyto em seu espirito.

6 No tempo de fallar,sò o fazia de Deos,& muytas vezes nestas praticas lhe cahiaõ dos olhos as lagrimas em sinal da consolaçaõ interior,que sentia em seu espirito. Diante do Sãtissimo gastava muytas horas de joelhos em oraçaõ. Como hum dia certo Irmaõ lhe começasse a dizer o bom conceyto,que avia de sua virtude, elle se perturbou , como outro o faria dizendoselhe huma grande afronta.

7 Por ser muy obediente,todos os Irmãos o queriaõ nas suas officinas,para os ajudar, porque a tudo o que ordenavaõ,se acõmodava,sem replicar. Nas quintas,que aos nossos estudantes se dam para o alivio , elle se retirava com alguns mais devòtos a tratar entre si de cousas espirituaes. Em huma palavra,a sua vida era de todos avaliada por irreprehensivel, sem nella se ver falta, que se pudesse taxar de culpa venial. Pertendeo com grandissima instãcia,ser mandado à India. Dia de Reys em especial se foy ao Superior allegando o exemplo dos Santos Reys , que deyxadas suas patrias,foraõ buscar a Deos,& que a elle lhe dessem a mesma licença. Esta veyo a conseguir, naõ sem difficuldade,porque além de ser a sua virtude , a que fica dito , o seu engenho , & saber era dos melhores , ou o melhor do seu tempo. Logo que o avisáram para a Missaõ,se meteo em exercicios,em ordem a melhor se dispor para a jornada. Vindolhe ao pensamento , se seria bem fazer huma confissaõ geral , se achou com tanta paz, & satisfaçaõ em sua cõsciencia, que julgou naõ avia porque nisso se occupasse.

8 En-

8 Entrando em a nao, era sua occupaçaõ huma de tres, ou estar recolhido com Deos, ou servindo ao proximo, ou fazendo a cozinha. Adoeceo gravemente; perguntado, a quem queria, se dessem os seus papeis, & outras cousinhas, que levava, respondeo, que nada tinha, que disso fizessem o que bem lhes parecesse. Estava abraçado com hum Crucifixo, a quem fazia repetidos colloquios, entre outras lhe dizia muy sentido estas palavras: *Quàm serò te dilexi Domine!* Senhor, quam tarde vos comecei a amar! Sua paz, & sossego de consciencia era admiravel, nenhum cuydado lhe dava o morrer. Dizendolhe os mais hum dia à noyte, que sentindo se afrontado os avisasse, elle se naõ cansou com isso, & quando foy pela madrugada, indo ver, como estava, o acháram falecido, mas ainda quente, final de que avia pouco, tinha espirado. Foy sua ditosa morte pelas tres da noyte aos 24 de Junho de 1616. Ouve delle geral opiniaõ de Irmaõ Santo, & todas suas acçoens nada outra cousa diziam.

9 O Irmaõ Francisco Alveres foy natural de Estremòs no Arcebispado de Evora, alli entrou na Companhia aos 24. de Novembro de 1561. tendo vinte hum annos de idade, o mais q delle pude aver, he o que tem o Menelogio da Companhia com as palavras seguintes: No Collegio da Bahia a morte do Irmaõ Francisco Alveres Coadjutor temporal, a quem o desejo de morrer martyr, como morreo seu Irmaõ, & Religioso nosso Manoel Alveres, tambem Coadjutor temporal, em companhia do bemaventurado Padre Ignacio de Azevedo, levàra ao Brasil. Foy este Irmaõ de grande caridade para com os pobres, sendo porteyro da portaria do carro, occupaçaõ, que teve por alguns annos, gastava o tempo, que lhe ficava do officio, em fazer tinteyros, & poeyras, que dava aos pobres, para os venderem, & remediarem suas necessidades, aprendendo para este effeyto o officio de torneyro. Na mortificaçaõ, & penitencia se mostrou sempre inimigo de seu corpo; na obediencia tam pontual, como o fora o Irmaõ Domingos Joaõ, a quem no Collegio de Coimbra teve por Mestre, & quiz vencer, em ser quarenta annos continuos cozinheyro no Collegio da Bahia, assim como elle o fora vinte no Collegio de Coimbra Morreo em idade de setenta, & seis annos, & sincoenta, & sete de Companhia. Atè aqui o Menelogio, o qual tem ser natural de Evora, como tambem o tem outros de seu Irmaõ; mas a patria, que fica dita, tem em ambos o livro das entradas do Noviciado de Evora, que no que lhe toca tem autoridade mais que nenhum outro Autor. Como estes Irmãos

Na Bahia 10. de Abril de 1617

mãos viviam no termo Evora,& alli entràraõ na Companhia, a voz commua era ſerem tidos por naturaes de Evora, ſendo elles de Eſtremòs.

CAPITVLO LX.

Vida do Padre Antonio Rodrigues.

Na viagem da India aos 22. de Agoſto de 1588.

1 O Padre Antonio Rodrigues foy natural de Monte-mor o novo no Arcebiſpado de Evora. Seus pays ſe chamàraõ Andre Mendes,& Catherina Alveres. Entrou na Companhia em Evora aos 18. de Fevereyro de 1571. tendo dezanove annos de idade. Indo antes pedir a Religiaõ de S. Domingos,lhe diſſe hum velho à portaria, que foſſe pedir à Companhia,q̃ là o receberiaõ. Tomou elle o dito como por oraculo, & o effeyto moſtrou,que o queria Deos na Companhia , onde procedeo ſempre como Santo. Nunca ſe eſcuſava de trabalho, tinha grande zelo das couſas da Religiaõ.

2 Sendo eleyto Biſpo de Japaõ o Padre Sebaſtiaõ de Moraes entam noſſo Provincial , depois de dizer Miſſa tomou os votos dos Religioſos , ſobre quem ſeria hum de ſeus companheyros. Os mais votos ſe deraõ ao Padre Antonio Rodrigues , & elle a cada voto ſe punha de joelhos,& levantando as mãos ao Ceo, o agradecia a Deos,& a quem lho dava. Ficou muy contẽte com tam boa eleyçaõ. Em o anno de 1588. ſe embarcou para a India em Companhia do Biſpo,& dos Irmãos Antonio Luis, & Gaſpar de Caſtro.

3 Sobrevieraõ em a nao grandes doenças , como refiro na vida do Biſpo , nas quaes o pezo das confiſſoens carregou ſobre o Padre Antonio Rodrigues. Morreo o Capellaõ da nao muy virtuoſamente em ſeu officio,& ao Biſpo ſe impedio pelos principaes da nao andar entre os enfermos , todo o pezo ficou ſobre o caritativo Padre.O que delle nos deyxou eſcrito o Padre Gaſpar de Caſtro,entaõ Irmaõ, que era hum dos companheyros do Biſpo , he o ſeguinte. Depois que noſſo Senhor levou o Padre Biſpo para o Ceo,alcançou delle , que ſe encurtaſſe o deſterro dos ſeus dous filhos, que mais aptos eſtavaõ , para com elle gozarem do repouſo eterno , & aſſim foy noſſo Senhor ſervido de levar para ſi o Padre Antonio Rodrigues em huma ſegunda feyra às duas horas depois do meyo dia, aos vinte , & dous de Agoſto, & vinte de ſua doença. Nẽ era poſſivel dilatarlhe Deos

mai

nais esta morte pelo muyto zelo, & amor, com que o servia: porque tanto que se passáram os primeyros dias do enjoamento, logo começou a exercitar os ministerios da Companhia inclinando a gente à devoçaõ, & bons costumes, como fazem todos os filhos da Companhia, que por esta carreyra passaõ.

4 Todo o tempo, que lhe restava de sua oraçaõ, & reza ordinaria, gastava em tratar cõ todos, & de os inclinar particular, & universalmente à confissaõ, & oraçaõ, & a irem pacificos. Isto fazía com tanto zelo, que a todos edificava sua muyta caridade. Todas suas praticas eraõ de Deos, cheyas de hum grandissimo fervor de padecer martyrio por amor de Deos. Cada dia na nao dizia as Ladainhas, & ao Sabbado dizia Missa, & as Ladainhas de Nossa Senhora se cantavaõ em canto de orgam. Ordenou huma Confraria de Nossa Senhora da boa viagem, em que entráram muytos Confrades, & dia da Visitaçaõ de Santa Isabel fez, que se armasse o castello da proa (porque alli era sua parochia, que a popa deyxou ao Capellaõ da nao) com alcatifas, sedas, & payneis, trombetas, & mais cousas.

5 Neste dia lhe cantou Missa, & foy officiada em canto de orgam. Prégou o Padre Bispo com muyta devoçaõ, & consolaçaõ de todos. Neste mesmo lugar fez que todos tirassem os Santos ao principio de cada mez. A primeyra vez lhe deo a cada hũ sua conta benta. Quando tomavaõ o Santo, se punhaõ de joelhos, & o beyjavaõ com muyta devoçaõ. Este exemplo tomàraõ elles do Padre Bispo. Dia de Santa Anna ordenou o Padre Antonio Rodrigues sua procissaõ muy solemne, em a qual levàraõ huma Nossa Senhora de vulto em hũa charola, que fez de seda, & tela muy rica, & levavaõ-na quatro meninos muy bẽ vestidos. Era muyta a devoçaõ, & commum dito de todos, que naõ se podia vir à India, senaõ onde viessem Padres da Companhia.

6 A Missa se festejou em canto de orgaõ. Da prègaçaõ do Padre Bispo sahio a gente muyto consolada, porque se esmerou muyto em nos persuadir, que se entregassem nas mãos da Divina Providencia, & que deyxassem fazer a Deos. Logo ao outro dia tivemos vento prospero, como desejavamos. Dia de S. Christovaõ, orago desta nao, fez o Padre outra procissaõ com Missa, & prègaçaõ como a passada, & o Padre Bispo levou huma reliquia do mesmo Santo nas mãos em hum relicario. Depois a deo a beyjar a todos.

7 Com tudo em espaço de treze dias lhe levou Deos tres Sacerdotes, sem ficar na nao, com quem se confessarem, o que todos

dos attribuhiaõ a ſeus peccados; pois lhes ficava muy difficulto-ſo o remedio de ſua ſalvaçaõ. Cada dia achava o Padre Antonio Rodrigues, quem confeſſar, & muytas vezes confeſſava de noy-te, por naõ baſtar o dia. A muytos poz em paz, & a todos con-ſolava, & ſoccorria em ſuas neceſſidades, aſſim de comer, como de veſtir; porque era tam cabido com todos, que naõ pedia cou-ſa, que naõ alcançaſſe.

8 Huma vez lhe encomendou o Padre Biſpo, que ouveſſe huma eſmola para os doentes, & de huma volta, que deo, trouxe vinte cruzados afóra outras muytas eſmolas, que todos lhe de-ram. Como ouve doentes, todos deſejavam de ſe confeſſar com elle; & como elles diziam, a cabeceyra de hum enfermo com hum Padre da Companhia he muy ſuave, & branda. Aſſim co-mo os doentes creciaõ, ſe aumentavaõ as confiſſoens, & elle com igual alegria perſeverava no ſeu trabalho. Todo o dia gaſtava em cõfeſſar, dar a Santa Unçaõ, ajudar, os que eſtavaõ para mor-rer, & encomendar os mortos. No meyo deſte fervor eſtando nòs perto da Ilha de S. Lourenço, & duzentas legoas de Mo-çambique, nos adoeceo o Padre Antonio Rodrigues levemente, & com duas ſangrias, & com huma purga ſe lhe foy a febre, & ſe ergueo hum dia, no qual adoeceo o Padre Biſpo, & ſe confeſſou com elle.

9 No meſmo dia, em que ſe ergueo, ſe achou mal, & cuydo, q̃ foy por cõfeſſar neſta tarde muytos doentes. Finalmẽte chegá-raõ todos os tres PP. a eſtar em cama, o P. Biſpo, o P. Antonio Rodrigues, & o Capellaõ da nao. O Irmaõ Antonio Rodrigues ſupria por todos, atè onde ſeu eſtado chegava. Dizia cada dia as Ladainhas, encomendava os mortos, alèm das doutrinas, que fa-zia Domingos, & dias Santos, as quaes fazia com muyta graça, & era ouvido com muyto goſto.

10 Neſte tempo os enfermos creciaõ, & faltava, quem os cõ-feſſaſſe; porèm como a caridade era grãde, ordenàraõ os Padres, ainda que com detrimento ſeu, que trouxeſſem os doentes aos camarotes, onde eſtavaõ deytados, & deſta maneyra ſe confeſ-ſáraõ todos, & os que naõ podiaõ per ſi, vinhaõ em braços de outros. Cauſava eſta miſeria hum laſtimoſo eſpectaculo; & à porta do Padre Antonio Rodrigues ſempre eſtavaõ mais. Che-gou eſtando já bem doente a confeſſar em hũa tarde treze peſ-ſoas. Aſſim ſe lhe aggravou tanto a doença, que nem com ſan-grias, & mezinhas, que lhe fizeraõ a ponto, abrandou, & pela bre-vidade do tempo, em que eſtivemos em Moçambique, & morte

do

do Padre Bispo,& elle mostrar alguma melhoria, naõ foy possivel levallo a terra.

11 Entam disse elle,que ao menos o puzessem, onde morréra o Padre Bispo. Por lhe fazermos a vontade o passamos para o camarote do Padre Bispo. Quando se vio nelle,todo cheyo de huma saudade alegre, naquelles dous dias repetia muytas vezes estas palavras: Quem me dera, que me enterráraõ aos pès do P. Bispo,para dahi ir logo à gloria? Oh se me enterràram aos pès do Santo! O principal de sua doença foy extraordinario fastio. Vendo jà perto sua hora dizia,que o deyxassem, & abertamente confessava, que Jesus estava com elle. Dizia,que Jesus o mãdára, Jesus quizera, que elle chegasse a tal estado, Jesus o nam desempararia.

12 Se lhe queriamos nomear algum Santo, dizia que Jesus bastava, que dos mais Santos elle escolheria. Muytas vezes repetia estas palavras: Bemaventurados os mortos, que morrem em o Senhor. Confessava,que nenhuma outra saudade tinha senaõ do Santissimo Sacramento, & que folgára de o enterrarem aos pès do P. Bispo, para logo ir para a gloria. Encomendavanos muyto,que lhe tirassemos logo a alma do Purgatorio. Chegando o Padre ao ultimo termo, o Irmaõ Antonio Luis lhe rezou a Ladainha diante de hum devoto Crucifixo, á qual elle respondeo muy distinctamente,& tendo a candea na mão espirou com o nome de Jesus na boca,& no coraçaõ. Foy huma segunda feyra tres dias depois da morte do P. Bispo, aos 22. de Agosto,& vinte de sua doença, depois de partidos de Moçambique dous dias de caminho.

13 Logo o amortalhamos em roupeta, & com as vestes Sacerdotaes,que na nao avia,convem a saber,hũa sobrepeliz,& hũa estola por naõ aver mais. Depois de o Irmaõ Antonio Luis o encomendar,o metemos em hum cayxaõ muyto forte, & fechado,por lhe fazermos a vontade,parecendo-nos,que lhe cumpria Deos seus desejos de ser enterrado aos pès do P. Bispo, por naõ serem mais que trinta legoas de Moçambique, & as aguas correrem muyto para lá. No tempo, que o traziamos para o convez amortalhado, sentiram alguns hum cheyro suavissimo, & todos louvavam a Deos. Neste mesmo dia entrando no camarote,onde morrèra, me deo hum cheyro suavissimo. Pelo amor,que lhe tinhaõ,era grande o sentimento,que mostràraõ todos de sua morte. Até aqui a narraçaõ do Padre Castro. O anno,em que faleceo,foy o de 1588.

CAPITVLO LXI.

Dos Padres Salvador de Soutomayor, Antonio Leyte, & Diogo Brandam.

1 A Este bemdito Padre levou Deos para si por agua, & fogo, & lhe deo occasioens de grandissimo sofri- mento sendo tido, & avaliado pelo que naõ era. Nasceo em E- vora de pays nobres, chamavam-se o Doutor Jeronymo Gon- çalves de Almeyda, & Dona Isabel de Valadares. Era parente conhecido de Santo Antonio por via dos Bulhoens, seu avò se chamou Fernaõ Rodrigues de Bulham. Antes de ser da Com- panhia era muy devoto de Nossa Senhora. Sabia bem as letras humanas, & tinha recopilado da sua letra, que era perfeyta, as o- bras de Cicero, em que era muy versado.

2 Entrou na Companhia na Casa de S. Roque aos 25. de Fevereyro de 1577. tendo 18. annos de idade; foy acabar seu No- viciado a Evora, quando se desfez ultimamente o da Casa de S. Roque por causa da peste do anno de 1579. Na Companhia procedeo muy exemplarmente. Sua grande bondade fez crer delle, ser mais facil, do que costuma a naçam, & modo Portu- guez. Por sua exhortaçaõ em Religiaõ muytos estudantes, & naõ poucos delles na Companhia. Substituindo em Lisboa na classe, onde andava Dom Joaõ de Alencastre filho do Cômen- dador mòr, com sua affabilidade, & bom exemplo se affeyçoou à Companhia, & nella entràra, se sua mãy tendo noticia deste seu pensamento, o nam desviàra de tam santo intento.

3 Foy muy amigo do Padre Diogo Monteyro, & ambos cô santa emulaçaõ hiam em Coimbra fazer penitencia nas covas que ainda hoje se vem na cerca do Collegio, cuja concavidade & solidam representa bem a penitencia dos Padres do ermo; a quem nossos primeyros Padres nestas covas, de que fallamos tanto imitàraõ, tendo alli oraçaõ, & castigando seus corpos. Des- ta conversaõ, & amizade com o Santo Padre Monteyro, ficou o Padre Souto-mayor muy affeyçoado á penitencia.

4 Em Coimbra lhe levantàram hum horrendo falso teste- munho. Era Reytor do Collegio o P. Doutor Nicolao Pimẽta quando o Padre Souto-mayor entre outros confessou a hum es- tudante de pouca idade, & bom parecer, com o qual tinha roim conversaçaõ hum estudante da Universidade; este para mais o

engo

engodar, lhe tinha dado huma bolſa de preço. Confeſſouſe o eſtudantinho, & diſſe fielmente, o que paſſava, & a bolſa, que como prenda tinha em ſeu poder. O Padre para totalmente o apartar daquelle roim trato lhe pedio a bolſa, para do preço della fazer eſmola aos pobres. Veyo niſſo facilmente o confeſſado, porque eſtava contrito. Entregou a bolſa ao Padre, o qual indo para o cubiculo, a poz ſobre a meſa, & alli a deyxou, quando foy para a claſſe. Vendo o agreſſor que o outro ſe retirava delle, fez por ſaber a cauſa do ſeu deſvio. Elle lhe contou, que ſe confeſſára com o Padre Souto mayor, & o que lhe tinha dito, & que lhe entregára a bolſa. Ouvindo iſto o louco amante, determinou de ſe vingar do Padre Souto-mayor. Vayſe ao Collegio, manda chamar ao Padre Reytor: fazlhe queyxa do Padre Souto-mayor, dizendo, que andava em roim trato com aquelle eſtudantinho, & que na ſua cella ſe acharia huma bolſa deſte, & aquelle modo, que o menino lhe tinha dado para lembrança de ſua peſſoa. A tanto deſaforo chega ſemelhante payxaõ.

5 Pareceo iſto fabula ao Padre Reytor, por ſaber muy bem, o que a Companhia tinha no Padre Souto-mayor, com tudo foy ao cubiculo do Padre, em effeyto achou nelle a bolſa. Voltando o Padre da claſſe, o mandou chamar, & lhe fez perguntas em ordem ao caſo. Entendẽdo o Padre, aonde iſto hia parar, reſpondeo, que a couſa era de confiſſaõ, que ſem licença do penitente naõ podia fallar, que lhe deſſe tempo para ſe ver com elle, & depois daria razaõ de ſi. Avida a licença, chamou o confeſſado, & com ſeu beneplacito lhe deſcobrio o perigo, em que eſtava por ſua cauſa; & que ouveſſe por bem dar ſeu conſentimento, para dar conta do que paſſava, ao ſeu Padre Reytor. O meſmo eſtudante foy dizer tudo ao Padre Reytor. Ficou elle muy deſabafado, & vendo-ſe com o facinoroſo lhe eſtranhou o ſeu deſaforo, como tam enorme fealdade merecia.

6 Baſtava eſte caſo para ſe naõ dar mais credito a ditos de ſeculares contra eſte bom Padre, a quem ſeus coſtumes livrávaõ das malicias, que lhe impuzeraõ: porèm Deos tem muytos modos de levar os homens para ſi; a huns leva por caminhos ſuaves, a outros por caminhos cheyos de deſabrimento, & aſſim levou ao Padre Souto-mayor; permittindo foſſe ſẽ culpa ſua afflicido no corpo, & magoado na fama. Foy o caſo deſta maneyra. Eſtava o Padre Souto-mayor no Collegio do Porto, & ſendolhe neceſſario mãdar hũ homẽ fòra, o lãçou pelo muro da cerca por huma eſcada de corda, por ſer em tempo de peſte. Foy viſ-

to,ou ſentido de hum mulato,que devia ter má vontade ao Pa-
dre,eſte,ou por aſſim ſe lhe afigurar, ou ſe vingar de algum ag-
gravo,que cuydava ter recebido do Padre, foy delatar ao Padre
Reytor Luis de Moraes, que o Padre Souto-mayor ſahira fóra
pela cerca. Taes cores deo a eſta maldade, que o Padre Reytor
aviſou logo ao Padre Provincial Chriſtovaõ de Gouvea, como
de caſo atròz,& tal era,ſe nelle ouvera verdade.

7 Foy logo mandado para Coimbra,& alli metido em hum
carcere com a eſtreiteza, que o caſo ſendo verdadeyro merecia.
Sentiraõ iſto muyto ſeus parentes, em eſpecial Frey Luis de
Souto-mayor da Ordem de S. Domingos,Lente de Eſcritura na
Univerſidade,& Frey Filippe de Souto-mayor ſeu Irmaõ intey-
ro,o qual ſe partio logo para Roma, para aver licença do Papa,
em ordem,a que o Padre Souto-mayor paſſaſſe da Companhia
para a Religiaõ de S. Domingos, couſa de que o Padre Souto-
mayor eſtava muy alheyo, por ter grande amor á Companhia.
Eſte Religioſo fazendo ſeu caminho a Roma faleceo em Ruaõ
de França.

8 Depois de eſtar algum tempo o prezo naquelle carcere
cortado da pena,& rigor, foy mandado ir para a Reſidencia do
Canal. Tendo Jeronymo de Almeyda Irmaõ do Padre Souto-
mayor noticia do que paſſava,como homem bravo,que era, &
tinha muytos annos militado na India, & actualmente era caſa-
do com huma Fidalga por nome Dona Joanna de Ataide,da ca-
ſa da Caſtanheyra, tendo digo noticia da prizaõ de ſeu Irmão,
logo que ſe pode deſembaraçar, foy a Coimbra levando com-
ſigo unicamente hum negro. Informou-ſe, & achou eſtar ſeu
Irmaõ no Canal.

9 Como naõ ſabia a terra,ſe foy pelo campo abayxo da par-
te de Monte-mòr. Tomando lingua da paragem, onde eſtava,
deyxou o negro, & cavallo em caſa de hum lavrador. Chegando
á borda do Mondego, ſendo junto da noyte, bradou pelo barco
do Canal, que o vieſſe tomar. Eſtava elle na ribanceyra do rio
prezo com hum cadeado. Vendo,que lhe naõ acodiaõ, paſſou o
rio a nado, quebrou o cadeado cõ hum ſeixo,voltou com o bar-
co a tomar os ſeus veſtidos, & eſpada. Voltando ao Canal com
a eſpada debayxo do braço,foy bater já de noyte à porta da noſ-
ſa caſa, fingindo ſer hum mercador, que queria comprar tri-
go.

10 Perguntandoſe-lhe,onde paſſára o rio,reſpondeo,que no
barco,o que o moço naõ podia crer;em quanto ſe pelejava com

o moço

o moço,por naõ ter o barco ſeguro,& eſte ponto ſe averiguava no corredor de bayxo,o Padre Souto-mayor,que eſtava no de ſima , conheceo a voz de ſeu Irmão , veyo logo abayxo , abraçàram-ſe ambos. Aqui creceo o eſpanto dos mais , & ſe deſcobrio ſer ſeu Irmão. Eſte depois de muytas ſaudades,& compayxoens, ſe deſpedio,& voltou aonde eſtava o negro com o cavallo. Deo logo o Superior da Reſidencia conta ao Collegio.

11 Andava o Padre Souto-mayor jà neſte tempo indiſpoſto,o Padre Reytor lhe ordenou ſe recolheſſe ao Collegio,aſſim pela indiſpoſiçaõ,como por arreceyos,de que ſeu Irmaõ , como era poderoſo, & arrojado naõ ſahiſſe em alguma extravagancia. Quando elle neſta occaſiaõ fallou cõ o Padre,ſe offereceo , para mandar matar ao Porto o mulato,que fora a origem deſta meada,& o fizera,ſe o Padre o naõ tirára deſta furia. Revelou Deos ao Padre Souto-mayor,que o fim de ſeus dias era chegado. No Collegio diſſe nomeadamente o dia , em que avia de morrer. A todos pareceo o dito couſa de ſonho , & em eſpecial ao Medico, que naõ lhe achando o pulſo fóra de regra,diſſe,que tudo aquillo era melancolia,porque nem ſinal de febre avia. Aqui reſpondeo o Padre: Senhor Doutor , iſto governaſe por outras regras ſuperiores , no dia ſeguinte naõ eſtarei neſte mundo Deſpedioſe o Medico na ſua opiniaõ de que tudo era triſteza. Quando veyo a noyte ſe deſpedio dos que o acompanhavaõ,ſem moſtrar ſinal de doença grave,& muyto menos da morte. No dia ſeguinte que eraõ vinte , & oyto de Outubro, dia dos Apoſtolos S. Simaõ,& Judas,indo de manhã o eſpertador ao ſeu cubiculo o achou morto. Foy ſua morte no anno de 1600. todos a ſentiram muyto,porque todos o amavaõ grandemente em o Senhor, & ſe magoavam das ſuas affliçoens. Ficou ſeu roſto tam bem aſſombrado,& as cores tam vivas , que naõ parecia eſtar morto. Entam deſcobriraõ ſeus Confeſſores a bondade de ſua vida,& a innocencia,com que padecèra tam grande calamidade , como verdadeyro imitador daquelle Senhor,que ſendo a meſma innocencia morreo em huma Cruz como malfeytor.

12 O Padre Antonio Leyte foy natural de Lisboa,entrou na Companhia em Evora aos 12. de Dezembro de 1596. Enſinou em Evora Filoſofia , & Thelogia eſpeculativa. Os mais annos ſervio nos miniſterios da Companhia. Foy muy dado à oraçaõ, para ella furtava muytas horas ao ſono. Teve grandiſſima devoçaõ á Senhora, em cujo obſequio compòz diverſas obras,como a Hiſtoria da Virgem da Lapa , hum volume da Conceyçaõ

Em Liſboa aos 6. de Dezembro de 1662.

çaõ da Senhora, que ficou por imprimir. Elle fez gravar em hũa pedra na Capella da Universidade de Coimbra, o juramento, que fazem as Universidades de defender a Conceyçaõ da Senhora, & foy acerrimo defensor deste mysterio.

13 Na observancia das regras era exactissimo. Quiz a Senhora fazerlhe huma grande mercé no dia da sua Conceyçaõ; porque falecendo na antevespora desta solemnidade no anno de 1662. no mesmo dia hũa pessoa de conhecida, & approvada virtude estando ouvindo Missa teve huma suspensaõ. E vio ao Padre Leyte diante de si vestido como cà andava, mas sem capa, com o barrete na mão, o qual lhe disse: Fulana, folgàra de saber no mundo, o que avia em vòs; quereisme dar parte dos vossos merecimentos? A isto nada respondeo a pessoa, por temer, nam fosse algum embuste do demonio. Tornoulhe o Padre a perguntar, que dizeis? Pòz ella o coraçaõ em Deos, & disse: Senhor, se valho algũa cousa comvosco, tudo vos offereço por esta alma. A estas vozes desapareceo dizẽdo: Dia de N. Senhora da Conceyçaõ me vou para o Ceo, dizei a vosso Confessor, que me encomende a Deos. Este caso se refere no livro dos Obitos da Casa de S. Roque, & o faz crivel a singular devoçaõ, que teve a este mysterio.

14 O Padre Diogo Brandaõ nos merece especial memoria por seus bons exemplos, & por ser insigne bemfeytor da Companhia. Nasceo em Lisboa de pays nobres, & ricos, chamavamse Ruî Brandaõ, & Violante Bota. Estudou Canones, & nelles se formou. Tinha de idade quarenta, & oyto annos, quando Deos o tocou para deyxar o mundo. O principio de tomar esta santa, & generosa resoluçam, foy o trato do bom Irmaõ Affonso de Proença esmoler da Casa de S. Roque, o qual vendo sua propensaõ, o encaminhou ao muy virtuoso Padre Fernan Guerreyro entam Vice-Preposito da casa. Este Padre foy homem de muyto espirito, & fez grande bem à Companhia, assim em inclinar a ella o Padre Brandam, como ao Irmaõ Lourenço Lombardor confundador do Noviciado, que temos em Lisboa.

Lisboa 29. de Outubro de 1619.

15 Pareceo aos Superiores, que o Padre Brandam a titulo de seu patrimonio se ordenasse, antes de entrar, ordenado, que foy de Sacerdote, o mandàraõ a Evora tomar a roupeta, alli entrou na Companhia aos 26. de Dezembro de 1608. deteve-se lá tam pouco, que o nosso Padre Manoel da Veyga deyxou escrito fizera seu Noviciado na Casa de S. Roque, avendo-se respeyto à sua idade, & enfermidade.

16 Te

16 Teve grandes occaſioens de ſofrimẽto na gota, cujas dores levava cõ notavel paciencia, & ordinariamente o affligia eſte mal. Era muy inclinado a ler livros eſpirituaes. Lendo hum, que tratava da perfeyçaõ, vida, & coſtumes, que ſe requerem nũ Sacerdote, ficou tam entrado deſta obrigaçaõ, que dizia, que ſe tivera lido eſte tratado, antes de ſe ordenar de Sacerdote, q̃ por nenhum caſo ſe atrevèra a tomar o tal eſtado, & ſe contentàra de ficar no humilde dos Irmãos Coadjutores, ſervindo à Religiaõ no que pudeſſe.

17 Fez grandes eſmolas à Caſa de S. Roque, em hum anno lhe deo ſeiſcentos mil reis do rendimento de ſua fazenda, & todos os annos lhe dava boas eſmolas das ſuas rendas, as quaes elle aplicou à Provincia da Companhia de Japaõ para dote de hũ Collegio, que nella ſe fundaſſe, ou para a ſuſtentaçaõ dos Operarios Evangelicos, que alli reſidiam em beneficio da Chriſtandade. Pela devoçaõ, que tinha de acodir à ſuſtentaçaõ dos ditos Operarios, fez, & lhe doou a quinta de Carcavellos, que he muy rendoſa. Melhorou-a de edificios, & gazalhados, para nella ſe recrearem, & convaleſcerem os Padres, & Irmãos da Caſa de Saõ Roque, em eſpecial nos tempos de peſte, & ſe lhe dar o neceſſario por conta da meſma fazenda. Teve penſamento de pòr eſta clauſula na applicaçaõ, que fez ao Japaõ, do qual ſe tirou, avendo iſto por eſcuſado, conſiderada a caridade da Companhia, que em tal obrigaçaõ naõ faltaria aos pobres do Senhor, quaes ſaõ os Padres, & Irmãos daquella caſa, que como os das profeſſas, ſó vivem de eſmolas dos fieis. Em quanto viveo, ſempre ſuſtentou os convaleſcentes, que hiaõ cobrar forças na ſua quinta. Faleceo ſantamente na Caſa de Saõ Roque aos 29. de Outubro de 1619.

IMAGEM DA VIRTUDE EM O NOVICIADO DA COMPANHIA de Jesus do Collegio de Evora.

LIVRO QUARTO,

No qual se continuam as vidas de outros homens de virtude, & se referem os Escritores de livros, que aqui foram Noviços.

CAPITVLO I.

Vida do Padre Antam de Proença, entra na Companhia, vai para as Missoens, trabalhar nellas com grande fruto, & he perseguido.

EmMadurè aos 14. de Dezembro de 1666

1 TREZE annos pouco mais, ou menos gastou o Padre Antam de Proença na gloriosa Missaõ de Madurè, aonde fez grandes serviços a Deos, & nos conservou com as suas cartas annuas, que escreveo aos Santos exemplos, que na cultura daquella bruta gentilidade nos deram no seu tempo os nossos Religiosos. As suas cartas sam as primeyras, que encontro com melhor distinçam das cousas, nomeando os sugeytos, que Deos tomou por instrumentos para as obrar. Porque as annuas antecedentes só se contentavam com dizer no principio os nomes dos Padres Missionarios, porèm quando vam à narraçam, fallam por termos communs, dizendo, hum Padre fez, hum Padre foy chamado, & semelhantes modos, dos quaes nam consta, qual dos Padres fosse. O que nam he pequeno desgosto, a quem lé. Bem sei, que aquelles santos homens, que assim escreviaõ, como elles tambem entravaõ na gloria daquellas boas obras, em que tinham grande parte, quereriam cõ este disfarce, como verdadeyros humildes, encobrir seus nomes; porq́ só tratavaõ da gloria de Deos; mas

o cert

o certo he, q́ tambẽ esta se vè no conhecimento dos instrumẽtos, que o Senhor escolheo para se glorificar. Se S. Lucas nos seus Actos dos Apostolos nos naõ nomeasse, quẽ eraõ, os q́ obravaõ taes, & taes cousas, bem se vè, quanto desprazer causaria, a quem lesse aquella Sacro-santa Historia.

2 O Padre Antaõ de Proença nasceo no lugar de Remella no Bispado, da Guarda, de pays nobres, cujos nomes eram Pedro Ozorio, & Luiza Ozorio da Fonseca. De pouca idade foy mandado estudar à Universidade de Evora. Alli no Collegio da Madre de Deos, fundado por seus progenitores, se criou, & estudou atè se formar de Bacharel em Filosofia. Tendo dezanove annos de idade entrou na Companhia em Evora aos treze de Julho de mil seiscentos quarenta & tres. Acabado o Noviciado, no seu primeyro anno de Recolhimento pedio as Missoens da India, & conseguindo sua petiçam, se embarcou para ellas no anno de quarenta, & sete.

3 Foy destinado para a Provincia de Cochim. Antes de ir para a Missaõ de Madurè, servio em Cochim em varias occupaçoens com satisfaçaõ de todos assim Religiosos, como seculares, que delle diziam mil louvores. Era rara sua mansidam, a cõdiçaõ huma cera, & a conversaçaõ a mesma alegria. Porque era tam bom, & santo o deo Deos por Operario à Missaõ de Madurè para consolaçaõ dos que nella trabalhavam; & muyto em particular do Veneravel P. Manoel Alveres, o qual era muy atormentado de escrupulos, & quando mais o molestavaõ, hia ter com o Padre Antam de Proença, com cuja pratica, & bons conselhos ficava seu espirito desabafado: & costumava elle dizer com muyta graça, que o Padre Antam de Proença era seu Mestre de Noviços. Naõ acho muyto, do que obrou nesta Missaõ, direi, o que me veyo ás mãos em algumas das Annuas de Madurè, & desse pouco se pòde ver o Apostolico zelo, cõ que se entregou ao grangeo das almas.

4 No anno de mil seiscentos sessenta, & dous gastou sinco mezes em discorrer no destrito da Residẽcia da Cidade de Madurè, que dà o nome ao Reyno, & a toda a Missaõ. Só no Reyno antigo de Tengangi, Provincia de Paleam, & terras do Maravà bautizou duzentas sincoenta, & duas pessoas. E se a condiçaõ dos moradores criados com o asco, & fama do nome Portuguez tam vizinho, naõ fora tal, seria muyto mayor o fruto do seu trabalho. He de saber, que aquellas gentes tem para si q́ naõ ha naçaõ mais vil, & abominãda do que qualquer das Europeas;

&

& isto sò porque comem carne de vaca,& bebem vinho; que he entre elles cousa execranda; & por conseguinte o mesmo con- ceyto formam da Ley, que seguem os Europeos, dizendo naõ póder ser boa a ley,que permitte cousas tam execrandas.

5 Sam tambem grande impedimẽto os seus Jogues,& Mes- tres das suas leys,como ministros do diabo, & que fazẽ suas ve- zes. Nesta occasiaõ huma povoaçaõ inteyra se abalou a ouvir o Catecismo;& para isto foram buscar ao Padre; logo os repartio em tres ranchos conforme o numero dos Catequistas,que com- sigo tinha. Todos com grande gosto começàraõ a ouvir as pra- ticas do Catecismo,quasi até o Sol posto,em que se aviaõ de re- colher a suas casas. Neste tempo se começou a perturbar o Ceo desfazendo-se em huma tempestade de agua, & vento. Ouve cõ isto grandes incõmodos; porque a tal casta de gente naõ podia entrar nas casas dos outros Xutres da povoaçaõ. Como esta gente he supersticiosa, tiveraõ logo a mao agouro,& ruim pro- nostico da sua conversaõ esta tormenta.

6 Muytos delles se recolhèraõ a huma ramada, na qual al- gum tanto se amparavaõ da chuva. Mas para mais se reforçar o seu agouro,de repente cahio por terra toda aquella ramada; & foy cousa notavel, que estando nella tantos Catecumenos, & compondo-se de madeyras grossas, de tal sorte cahiram, que a nenhum dos que estavam dentro, nem ainda levemente offen- deram. Ficou o Padre admirado deste successo, & entendeo ser tudo traça do demonio para resfriar os Catecumenos. Outros se tinham recolhido a hum curral de vacas,mas foy tal a inunda- çam de agua,que nelle entrou,que os tristes toda a noyte estive- ram ensopados em agua, & em pè. Amanheceo o dia mais sere- no;mas os Catecumenos estavaõ muy outros,porque à frialda- de dos corpos se ajuntou a das almas, vacillando todos em con- tinuar a ouvir as praticas do Catecismo. Succedeo outro desar cõ que de todo se confirmàraõ;& sem bastarem razoens algũas para os deter,se foraõ para suas casas.

7 O successo com que o demonio acabou de fazer a sua, he o seguinte. Entrando em hum menino filho do Mayoral,& ca- beça de todos os Catecumenos, o fez cahir cõ mortal acciden- te. Ainda que este afugentou aos demais, naõ pode desviar ao pay do menino,nem a sua familia,que vendo ao seu filhinho saõ contra o que esperavam,recebèraõ o santo Bautismo. Com es- ta consolaçaõ mitigou em parte o Padre Antam de Proença a grande dor,que teve, de que o demonio lhe fizesse perder tam bom lanço.

8 A pu

8 Apura Deos ordinariamẽte nesta Missaõ assim aos Chri-
stãos, como aos Prègadores da Fè com varias perseguiçoens. Pe-
lo anno de 1665. levantou o demonio huma muy trabalhosa
na Residencia de Tricherapalli, em que o Padre tinha feyto grã-
des serviços a Deos: com esta occasiaõ de sofrimento lhos quiz
o Senhor pagar, como faz a seus servos, a quem guarda toda a
coroa lá para o outro mundo.

9 Hum aduaneyro levantou todo este enredo, movido do
grande odio, que tinha aos Christãos. Chamava-se este mao ho-
mem Valêam, davalhe ouzadia o seu officio, que por ser rendo-
so, & elle saber dar, & peytar, quando lhe servia, naõ lhe faltavão
amigos. E como naquellas terras o interesse, he o que sempre
vence nos litigios, indo tam interessados os juizes nos requeri-
mentos de Valêam, elle se metia nelles, sempre ao seu parecer
com o jogo feyto. Determinou de huma vez acabar com os
Christãos, & com o seu Prègador. Naõ quiz que a facçam só
fosse sua, valeo-se da sua parentela, em que elle era o Capatás,
por ser rico, & elles todos gente pobre, que vivia de pescar, &
caçar.

10 Junto à Igreja de Tricherapalli avia hum bayrro intey-
ro desta casta de gente, sem que a vizinhança de quasi vinte an-
nos os fizesse affeyçoados aos Christãos. Vendo elles o parente
tam medrado, & que nunca as bonanças sabiaõ as suas portas;
por vezes se lhe queyxavam, de que naõ podiaõ sahir de mise-
ria. Destas queyxas repetidas tomou occasiaõ o aduaneyro, para
tramar o seu enredo, & os ter a elles por companheyros na boa
fortuna, com que jà se suppunha nas mãos.

11 Hum dia, que as queyxas eram mais, sendo melhor a op-
portunidade, lhes fallou assim em poucas palavras: Sendo eu a
pedra preciosa da nossa geraçaõ, & por razaõ de amizade outro
valido del Rey, & o valido por razaõ de seu officio outro Rey,
naõ he razaõ, que meus parentes sintam os effeytos da pobre-
za: porèm o naõ terdes atè agora ouvido minha palavra, he a
causa de eu naõ ter acodido á vossa falta. A isto acodiraõ os Am-
balagares, que assim se chamavaõ os cabeças dos caçadores, per-
guntando, em que cousa naõ tinham ouvido sua palavra. He, cõ-
tinuou o aduaneyro, em terdes atè agora sofrido a este Saniàz,
ou Religiozo Portuguez, & consentido, que a Ley de Deos se
promulgue, & entronize junto de vossas casas. Elles, que por este
caminho imaginavaõ, se lhes abria algum grosso thesouro; sem
discutir mais o ponto, porque o que Valèam dizia, era para elles

oraculo

oraculo pediram perdam do ſeu deſcuido,ajuntando , eſtarem
promptos,para ſeguir neſte negocio ſuas direcçoens.

12 Pareceolhe, que para correrem as couſas em tudo favo-
raveis,era neceſſario o beneplacito del-Rey, que elle prometti
conſeguir facilmẽte. Todos approvàram a diſpoſiçaõ. Como os
Ambalagares eram guardas, & proviaõ o paço de peyxe , nam
lhes era nelle a entrada difficultoſa, a qual tambem favorecia o
Guarda mór,a quem Valèam tinha jà muy bem peytado. A to-
dos pareceo pintado para eſte requerimento hum Bramane , o
qual cõ ſuas facecias, & chacorrices era grande parte do diverti-
mẽto del-Rey, que goſtava muyto dos ſeus donayres. E como
era tam intimo,& continuo, podia huma, & outra vez entre o
ſeu gracejar vomitar a ſua peçonha.

13 Depois de ſe ver bem peytado,tratou eſte farciſta de re-
preſentar o ſeu papel. Tomou o Rey tudo em graça, & facecia,
& nenhũ caſo fez, do que lhe dizia o Bramane. Naõ deſiſtio el-
le da empreza,porque os empenhados o untavam muyto a ſeu
prazer. Eſpreytou occaſiaõ, & julgou ſer muy a propoſito hũa,
em que o Rey paſſando de Tricherapalli para Maduré fez o
caminho por junto à Igreja dos Chriſtãos. Chegouſe a elle o
Bramane,affirmando,que do Saniaz Chriſtam,& dos ſeus diſci-
pulos ſe podia tirar boa ſoma de dinheyro. He eſte arbitrio neſ-
tas terras de grande effeyto para com os Principes, que todos
ſam a meſma avareza. Neſtas occaſioens ſempre o aduaneyro,
& a ſua patrulha andavam à eſpera da minima ſignificaçaõ del-
Rey,para ſerem della os executores.

14 Vendo o Rey a importunaçaõ do ſeu chacorreyro, o re-
meteo pela reſoluçaõ a certo fidalgo, que vinha mais atraz. A-
qui ſe deo o Bramane por victorioſo; mas o fidalgo ouvindo a
propoſta,entendeo ſer a couſa galantaria del-Rey; & reſpondeo
que em Madurè,para onde hiam , ſe trataria eſte ponto com o
valido,pois o negocio pedia mais conſideraçaõ, & vagar, que o
que tinha,quem hia de caminho.

15 Quando eſta tea ſe ordia em Tricherapalli, eſtava o Pa-
dre Antam em Candalur,aonde teve noticia de tudo. Logo poz
em cobro algum fato;& ſe deyxou eſtar alguns dias eſperando,
em que parava a conſulta, que ſe avia de fazer em Maduré. Co-
mo paſſaſſe tempo baſtante nem em Madurè, nem em Triche-
rapalli ouveſſe alguma perturbaçaõ, julgou, que tudo paràra
em nada. Por tanto tendo muytos bautiſmos , & confiſſoens, a
que acodir,ſe foy meter em Tricherapalli, aonde entrou a os
onze de Janeyro.

16 Entre

16 Entre os Catecumenos, succedeo serẽ quatro da casta dos caçadores ; dous maridos com suas mulheres. Tinha hum dos maridos a cabeça de doudo, & o coraçaõ de endemoninhado, & disseram ao Padre, que para sarar de hum, & outro mal, ouvia o Catecismo, movido dos conselhos de hum seu Irmaõ , que poucos mezes antes ouvindo o Catecismo , sendo quasi entrevado, & tam gago que apenas se lhe entendia palavra, de hum, & outro achaque fora saõ de todo para a sua aldea. Cuydou o Padre que o Catecumeno assistia com sinceridade; mas depois de a nuvem despedir o seu rayo , soube em como este doudo viera instruido pelos Ambalagares , que vendo-se mal despachados del-Rey, fizeraõ nova mina, para fazer voar ao Padre, & a sua Christandade.

17 Tanto que o Padre chegou , lhe foram apresentados os Catecumenos; dandolhes brevemente alguns conselhos, os mandou ir para o pateo exterior da Igreja, ordenando ao Catequista, que os instruisse. Quando o Sol se hia pondo, foram as duas mulheres mandadas ir para suas casas, ficando o Catequista cõtinuando em instruir os maridos. Como o doudo nada percebesse, do que se lhe dizia , por estar com o sentido na sua tramoya, apertou com elle mais o Catequista. Aqui vio o demonio tudo geytoso, para dar fogo á mina. Virando o doudo a cabeça para huma, & outra parte com a vista turbada, & medonha, se levantou de repente, & com passos apressados foy sahindo pela porta fòra: imaginando o Catequista ser isto furia do demonio, lhe lançou agua benta; & como tivessem mão nelle, começou a esbravejar, gritando descompostamente , de que lhe furtàram sua mulher.

18 Entam o largáraõ para ver se aquietava, màs elle vẽdose solto correo para a povoaçam, gritando justiça sobre o Padre, & traiçam de sua mulher. Naõ queriam outra cousa os Ambalagares , tudo se amotinou : acodindo hum Catequista a dar còrte a estas doudices, esteve a pontos de perder a vida: valeolhe hũ gentio caçador, homem prudente, o qual o aconselhou , que se retirasse, & naõ fizesse caso das gritarias, & despropositos de hũ homem tido, & avido por doudo; que a pureza do Padre era muy bem conhecida , & que della nenhum prudente duvidava. Esta reposta do velho desassustou ao Padre, com que ouvindo tudo, o que acontecèra ao Catequista, pode passar a noyte com menos receyo.

19 Amanheceo o dia , & os Ambalagares começáraõ a fazer

zer magotes,avaliando o ganho,que resultaria da prizaõ do Pa dre,& dos Christãos, nam menos, que em cem mil cruzados Por naõ gastar tempo,o aduaneyro,& o Guarda mór leváraõ ac doudo diante do Governador da Cidade, que em ausencia do Rey ficára com poder sobre todos os tribunaes. Era este homẽ de huma familia,em que era hereditario o odio á Ley de Deos & a seus sequazes. Tudo,quanto se lhe disse, deo logo por pro vado. Tendo o Padre noticia do seu perigo, sahio de casa com dous Catequistas,& foy passeando muyto de vagar atè outra ca sa,que tinha no Oriente da Cidade.

20 Hum quarto de hora nam tinha passado quando chega Valèam acompanhado de alguns soldados,& caçadores à Igre ja,donde o Padre sahira. Como viram as portas fechadas persua diram-se,estava o Padre dentro. Logo saltam as paredes da cer ca,gritam a vozes,que tragam ao Padre para fóra arrastado pe los cabellos,que o espanquem,& muytos diziam, que o matas sem. Todas estas gritarias eram acompanhadas de muytas afrõ tas,injurias, & infamias explicadas com palavras immundas, & dignas de taes bocas.

21 Porèm como Valèam vio,que se achava com nada, quã do se cuydava com tudo nas mãos, concebeo grande rayva con tra os Ambalagares,prendeo logo, & poz em grilhoens a dous delles,por naõ terem prezo o Padre,antes de o chamarem a elle Logo tomou a rol quanto avia em casa, que tudo vinha a ser o cavallo,ou sindeyro,& algumas pelles de veado, que servem de cama,& de cadeyras;porque o demais,como fica dito, estava em seguro. Feyta esta diligẽcia,se recolheo para a fortaleza,mandã do pôr guardas nos caminhos, para que o Padre, se estivesse na Cidade,se naõ pudesse retirar,sem ser prezo.

22 Como naõ puderaõ aver às mãos ao Padre, divulgàram delle culpas enormissimas por toda a Cidade,dizendo, que tu do,quanto diziam,estava provado com testimunhas de vista. Os mais,que taes cousas ouviam,lhe davaõ pleno credito,os menos vacillavaõ. Os gentios que tinham parentes Christãos, anda vam como corridos, & naõ se atreviam a apparecer em publico. Os Christãos recolhidos nas Igrejas,& oratorios choravam, & gemiam pedindo a Deos acodisse pela verdade.

23 Eram muytos de parecer, que o Padre se ausentasse da Cidade,porque segundo eram as diligencias exquisitas, naõ po dia encobrirse por muyto tempo. Mas considerando o Padre, que com a fama de ter fugido,confirmariam os inimigos, quan-

to diziam; & que lançando aquella fama mais raizes, nam seria facil extinguilla; & a visita do Rey em que librava suas esperanças, seria entam cousa difficultosa: a tudo se ajuntava ser a retirada cheya de perigo evidente, por causa das guardas, que nos caminhos, & povoaçoens estavam dispostas para fazer esta prisaõ. Para desviar este arreceyo, se offereciaõ muytos soldados Christãos. Mas isto mesmo naõ convinha, por naõ fazer mais estrondos. Ponderadas todas estas cousas, achou por mais seguro sahir a publico, & fazer rosto aos inimigos da verdade; que esta ainda sem lados, & desfavorecida nada tem de pusilanime; & nunca Deos a desempara totalmente, ainda que permitta ser vexada.

CAPITVLO II.

Como Deos o livrou das mãos de seus inimigos.

1 PReparou Deos para arrimo do Padre, & dos Christãos nesta occasiaõ ao Capitaõ geral da Cidade. Era este fidalgo aparentado com a Casa Real, a Capitania andava annexa à sua casa; hum seu tio, & predecessor tinha favorecido muyto ao nosso Padre Manoel Alveres. Sobre tudo era homẽ de boa indole, amigo da verdade, & da justiça. Porèm estavam todas as ruas tam cheyas de espias, que naõ era possivel, fallando humanamẽte, sahir de casa sem lhe cahir nas mãos. Por esta causa lhe naõ pode fallar, senaõ ao terceyro dia, depois que começára a tormenta. Já neste tempo os inimigos sabiam, aonde o Padre assistia, & tinham feyto avizo ao seu Capatás Valèam. Tambem os Christãos Pareás tinham agenceado com peytas o favor do Capitam Geral por meyo de hum seu criado.

2 Era o terceyro dia, qnando batem à porta da casa onde o Padre estava incluso. Persuadio-se ser Valèam, com a sua esquadra que vinham tomar a caça, que tinham descuberto; mas aberta a porta se achou cõ o criado do Geral, que em seu nome o mandava chamar. Foy o Padre acompanhado de dous moços, & pelas dez da noyte entrou no paço do Capitam, o qual estava como em corte rodeado de seus Capitaens, & soldados.

3 Recebeo o Capitaõ Geral ao Padre com grande honra, porque o fez assentar junto de si na mesma alcatifa, & com rosto alegre lhe perguntou, o que queria. O Padre em breves palavras lhe propoz o negocio; a que elle respondeo, que sem sosobro, se podia retirar, que no dia seguinte elle comporia tudo. A isto acodio o Padre, que naõ estava o negocio em alturas, que

se pudesse recolher para casa, sem primeyro se averiguar a verdade, & constar da sua innocencia, & ser publico a todos a falsidade dos calumniadores.

4 Nam instou o Capitam, mas deyxando ficar o Padre, tanto que amanheceo, mandou chamar ao aduaneyro; reprehendeo o seu atrevimento, mandoulhe, que fosse acompanhando ao Padre atè o pòr em sua casa, que lhe restituisse o cavallo, & o mais, que lhe tomàra. Por nam parecer, que o Capitam obrava sem ouvir ambas as partes, cõmetteo o negocio a alguns homẽs prudentes, a quem fez juizes na materia. Foy o Padre a esta audiencia, tratàram-no os juizes com honra, mandando-o assentar entre si; tambem mandàraõ assentar a Valèam, mas mais afastado dos Juizes. Como Valèam se vio em lugar onde só o havia de ter a verdade, q he o q a elle lhe naõ servia, começou a fallar cõ humildade, dirigindo a sua pratica ao P. & naõ aos Juizes; dizẽdo que elle como Ministro da justiça só procuràra examinar a queyxa q se lhe tinha feyto; & a poucas palavras se veyo a queyxar do P. pelo ter accusado ao Capitaõ Geral Depois de elle fallar, respõdeo o P. dirigindo sua falla aos Juizes, & naõ a Valéam.

5 Poucas palavras tinha o Padre dito, quando os Juizes mandàram a Valéam, que sem fallar mais palavra na materia, cumprisse à risca, o que lhe tinha ordenado o Capitaõ Geral. Nestes pontos parecia estar o negocio concluso; mas Valèam, que tinha previsto este bom despacho, tinha preparado outra armadilha, em que elle muyto se fiava. Vinha a ser o patrocinio do Governador, a quem elle tinha da sua mão. Por tanto sahio de casa do Capitaõ Geral acompanhando ao Padre, ajuntàram-se muytos Christãos, & gentios, que os seguiam; & sem o Padre o entender foy guiando pela porta do Governador; & junto a ella se adiantou a dar o recado. Manda logo o Governador, que seja o Padre trazido à sua presença. Dà logo por nulla a sentença do Capitaõ Geral. Manda q todos vaõ para as varandas do paço, aonde elle examinaria mais de vagar a causa. Ficou saltãdo de prazer o aduaneyro, dando-se por vencedor, pois alẽ de ter preparadas muytas testimunhas falsas, peytàra muy bem a hũ criado do Capitaõ Geral, que logo desemparou ao Padre.

6 Chegàram às varandas do paço, muy semelhantes em tudo às de Pilatos, pouco depois veyo o Governador. No semblãte carregado entendeo logo o Padre o odio, que tinha no coraçaõ; o qual se começou a descobrir, quando indo o Padre para se assentar junto delle, com a voz assanhada lhe mandou, que se

afastal-

afastasse. Alli o deteve atè as tres horas da tarde, quando já altos, & bayxos das varandas estavaõ cheyos de gente. Entam chegou hum Bramane, que era seu collateral, & companheyro no governo; & por este se deter, avia tambem demora em dar audiencia.

7 Mandou logo ao aduaneyro Valèam, que fallasse, & dissesse os crimes, que tinha contra o Padre. Era a voz, & estatura de Valèam em tudo ridicula, porque a voz era rouca, a estatura acatruzada, que tudo tinha de natural, & só esta parte lhe dera de bem inclinado a natureza. Em pè, & passeando com hum punhal na mão começou a fallar com a voz assanhada, & tanta dissoluçaõ, & espurcicia de palavras, que fazia pejo, & horror aos prudentes, & desapayxonados. Sò o Governador, & alguns inimigos se alegravam, como se dissesse bocados de ouro.

8 Depois de dizer quanto quiz com a sua voz roufenha, mas a seu parecer bem ouvida, & aceyta, fallou o Padre com grande modestia, & madureza, mostrando a bõdade da doutrina, que ensinava, jà examinada, & approvada naquelle Reyno pelos Principes, & Reys, & abraçada de homẽs de castas mais nobres que a de Valèam. Ajuntou outras razoens todas em si de pezo, mas entam de nenhum momento, porque os Juizes estavam de todo aversos ao Padre. Mandàram recado ao Capitaõ Geral, que abrisse mão de negocio, em que elle nenhuns interesses tinha, & a fazenda Real lucrava muytos mil cruzados. Logo começàraõ a pòr a rol todos os Christãos, que estavão presentes, principalmente aos moços, & Catequistas do Padre, a quem pelo menos intentava Valèam, se cortassem orelhas, & narizes.

9 Nestes apertos se vio mais o cuidado, que Deos tem dos seus. Tomou o Capitam Geral o negocio em caso de honra, não o tratando jà como negocio do Padre Antam de Proença, mas como cousa muyto sua, & em que hia sua honra, & credito. Mãdou logo dous criados às varandas do paço, para que resolutamente lhe trouxessem o Padre. Fizerão os criados, o que se lhes mandava, com tanto garbo, & determinaçam, que a nada resistio o Governador; além de deyxar ir ao Padre, mandou hum Bramane, que em seu nome fosse dar satisfação ao Capitão Geral. Porèm era tudo fóra de tempo, porque o Capitaõ em presença do Padre, & do Bramane desabafou a sua colera, dizendo ao Bramane, que da sua parte dissesse ao Governador, que era muy soberbo, & atrevido; & que injustamente queria roubar, & perseguir a

hum Religioso;dando com isto occasiaõ, a que os mais Pandarás penitentes, & ainda mercadores despovoassem a Cidade. Que se queria tirar dinheyro, naõ era bom caminho levantar crimes fallos. Alèm de que pouco proveyto podia tirar de Religiosos,pois sendo muytas vezes prezos com a cobiça de achar muyto,nada finalmente se lhes achava. E por resoluçaõ lhe dissesse,que o Padre estava à sua conta, que escrevesse á Corte, que tambem elle escreveria.

10 Nestes dares, & tomares se gastou aquelle dia; & logo na mesma noyte se despediram correyos para a Cidade de Madurè dirigidos ao Padrani,nome da dignidade,quegoverna todo o Reyno;porque aquelles Reys tem por costume, pôr todos os cuydados, & pezo do governo sobre os hombros de algum particular: para isto escolhem naõ o mais fidalgo, ou nobre,mas o mais fiel,prudente,& experimentado. No que era entam Padrani,naõ avia muyto,que fiar;porque nunca se mostràra affeyçoado aos Padres;bem verdade he, que tambem nunca se mostràra inimigo: mas como se fallava em tirar dinheyro,temia-se, que a cobiça o levasse atraz de si,sem atentar para a justiça, & razaõ.

11 Com tudo podeneste gentio mais a boarazaõ, & dictame da prudencia, do que o appetite do dinheyro. Respondeo, que os dous Governadores, & o Capitaõ Geral todos jũtos examinassem,& apurassem a verdade, & sem obrar cousa alguma lhe escrevessem,o que tinham achado, para conforme isso resolver. Esta reposta veyo ao Capitaõ Geral,que a mãdou mostrar ao Padre. Quiz o Geral tirar tudo a limpo nas mesmas varãdas, & publicidade,onde o Padre,& a sua doutrina foram afrontados, & mostrar a todo o mundo a innocencia do homem,a quem elle apadrinhava.

12 Mandou aviso aos Governadores, & a outras pessoas principaes, para que o acto fosse mais solemne; levou tambem comsigo grande acompanhamento. Antes de chegar ao paço, lhe apresentáram os dous Catecumenos marido,& mulher, que aviam de ser as principaes testimunhas. Entam indo muyto devagar os foy perguntando miudamente. O louco chãmente cõfessou,que os seus gritos naõ tiveraõ outra causa mais que o pegarem nelle; & as suas queyxas tudo foraõ effeytos da sua louquice sem outro algum fundamento. A mulher ainda fallou com mais clareza,dizendo, que tudo foram embustes, & falsidades,com que queriam desdourar a fama do Saniàz,& tambem a sua. Acrecentando,que em prova da verdade estava prompta

para

para meter a mão na manteyga fervendo: este genero de prova he muy ordinario naquelle Reyno, & he cousa maravilhosa como Deos acode pela verdade ainda entre os gentios, sahindo estes com a mão illesa.

13 Ficou o Capitaõ Geral alegrissimo com tam bom successo, & por outra parte aceso em ira contra Valèam. Succedeo, que a poucos passos andados o encontrou; & ainda que nas palavras era homem modesto, naõ podendo ter mão em si, disse a Valèam, quanto lhe veyo á boca; & com palavras tam afrontosas, que se Valèam fora homem de algum pejo, nunca mais se atreveria a apparecer diante de gente. Mas aduaneyros (como o Capitaõ contando tudo disse depois ao Padre) tem perdido o pejo, & a consciencia.

14 Finalmente chegou ao paço aonde já o esperavaõ os Governadores, fidalgos, & outra muyta gente, por ser o negocio de expectaçaõ. Requereo logo o Governador ao Capitaõ Geral, mandasse vir o Padre. Naõ he necessario, respondeo, nem diz cõ a sua autoridade, que venha estar em juizo com Valèam. Vendo o Governador o empenho do Capitaõ, & que naõ lhe servia examinarem-se testimunhas; disse, que naõ era necessario exame, que nem o Padre, nem quẽ o accusou, tinhaõ culpa, mas que cõvinha, que huns, & outros fossem desterrados.

15 Com hum riso mysterioso, & encostando-se cõ desdem no coxim, que junto de si tinha, applaudio o Capitaõ esta engraçada sentença. Pois a ambos fazia innocentes, & a ambos dignos de desterro. Naõ vim eu aqui, disse o Capitaõ, nem o Padrani nos mandou ajuntar, para o Saniaz ser desterrado nessa fórma: haõ de vir as testimunhas, & ha de ser castigado, quem o merecer. Logo jurou pela vida del-Rey, que às testimunhas se nam faria mal algum, para assim poderem dizer sem susto, o que avia em verdade, pois elle sò esta queria.

16 Foraõ chamadas as testimunhas, & querendo o Capitaõ fossem em primeyro lugar perguntados os dous Catecumenos, por onde todo este novello tivera seu principio, naõ veyo nisso o Governador, dizendo, que as testimunhas aviaõ de ser perguntadas conforme, & pela ordem, que a elle lhe tinhaõ vindo. Nam quiz o Capitaõ fazer nisto fincapè, & se deyxou ir com a vontade do Governador. Em primeyro lugar foy perguntado o famoso Valèam persuadindo-se o Governador, que de tantas cousas, quantas dissera contra o Padre em sua presença, pelo menos provaria alguma, senaõ com testimunhas verdadeyras, com algumas

fallas

falsas instruidas por elle mesmo. Perguntado pois o Senhor Valèam, sinceramente respondeo, que tudo, quanto obràra, fora por informaçaõ do Senhor Governador, & pelo, que lhe tinhaõ dito os Ambalagares. Vieraõ os Ambalagares, estes naõ tiveraõ de que se valer, senaõ das gritarias, que tinhaõ ouvido ao louco Catecumeno. Este, & sua mulher alli perante todos disseraõ, o que em particular tinhaõ já dito ao Capitam.

17 Logo que mandàraõ sahir as testimunhas, tomando a mão o Capitaõ Geral, arguhio de injustiça ao Governador; pois dera credito a ditos de hum homem conhecidamente louco, & isto só por cubiça de tirar dinheyro. Ficou o Governador tam confuso, que só respondeo, que o louco negára em publico, quãto lhe tinha dito em particular. Naõ fiquemos com esse escrupulo, disse o Capitaõ, venha outra vez o louco, diga o que negou, & porque o negou. Entra outra vez em juizo o triste homem, que se desejava jà dalli muytas legoas. Perguntoulhe o Governador, que razaõ tinha para agora negar tal cousa, que antes em particular lhe tinha dito. Respondeo a esta pergunta o louco estas formaes palavras: Nem eu vos disse nada, nem vos conheço.

18 Foy a reposta aceyta com hum grande riso do auditorio, & à medida deste foy o pejo do Governador, vendo-se assim avilitado, & sua reputaçaõ mordida. Valèam tomou outro caminho levando a cousa pela devoçaõ, porque levantando-se em pè com o rosto, & as mãos estẽdidas para hum Pagode, que dalli se via em huma serra, lhe pedio justiça, & que atentasse por quem o servia. Todo este processo se enviou ao Padrani. Foy a ultima sentença, que mãdassem ao P. para sua casa, & que os accusadores pagassem mil cruzados. Foy o fruto, que Deos lhe meteo em casa em premio da meada, que ordiram. Tratouse em casa do Capitaõ Geral de mandarem ao Padre com pompa para sua casa, como em semelhantes casos he estylo naquelles Reynos; assim o queriam os Christãos, nem o Capitaõ o negava. Mas o Padre considerou, que naõ tinha nisto conveniencia, assim por naõ irritar aos gentios, que facilmente fariam outra embrulhada, como tambem por entender, que o Capitaõ nam podia fazer estes excessos sem o Padre lhe dar boa suma de dinheyro; & quem nem ao Padre, nem ao Capitaõ servia esta fama, porque se diria, que o dinheyro, & naõ a verdade, fora o que conseguira a victoria; demais que as posses de hum pobre Religioso nam abrangiam a estas despezas. Aceytou sómente o

passear

passear em hum cavallo pelas ruas da Cidade acompanhado de dous criados do Geral,& de muytos Christãos. Nesta fórma aos sete de Fevereyro foy restituido á sua Igreja, tendo estado todo o tempo da revolta em casa do Capitaõ Geral: o qual por nam parecer,que o tinha prezo, o mandava sahir, & passear muytas vezes pela Cidade.

19 Resplandeceo muyto em tam grande aperto a Providẽcia que Deos tem de quem o serve. Pois huma hora mais que o Padre se detivesse em sua casa no principio da tormenta, seria prezo por seus inimigos, como tambem o seria, se o criado do Geral tardasse cousa de meya hora em o vir chamar; o que succedeo no ponto, que os Ambalagares estavam para dar sobre o Padre. Porèm no que sobretudo se deyxou ver a Divina Providencia foy,que tendo os Ambalagares em seu poder a Catecumena;& procurando jà com ameaças, já com promessas, & tambem descobrindo meyo cõ que ella ficasse com honra, para que testimunhasse contra o Padre, nunca quiz vir em tal cousa. Muytos gentios estavam neste tempo tanto pela innocencia do Padre, que publicamente disseram, que em defensa della meteriam a mão em manteyga fervendo. Quando foy ao ponto, nem o mao animo de Valèam,nẽ algũ dos muytos,ǵ tinha catequizado, & instruido para testimunhar contra o Padre, puderam dizer cousa contra a verdade. Consolou Deos nesta occasiaõ ao Padre,porque no mesmo tempo,em que a fama roim do Padre, & Christãos andava mais acesa, alguns gentios vieram buscar o Padre a casa do Capitaõ Geral para ouvirem o Catecismo,& serem batizados.

CAPITVLO III.

Outros trabalhos do Padre Antam de Proença: sua feliz morte, & incorrupçam de seu corpo.

1 Recolhido o Padre Antam de Proença á sua Igreja continuava na cultura das almas, nam sendo menor o fruto dos seus trabalhos;porque a perseguiçaõ sò foy como o arado, que corta,& revolve a terra para ella mais fructificar. Estava por entam o famoso Valèam como libreo assaymado roendo-se,& comendo-se por não poder fazer preza no Padre, & nos Christãos. Mas vivia em esperanças de fazer ainda algum lanço,com que recolhesse o dinheyro,que desembolçàra, & algum

gum mais. Esperava elle que o Rey se recolhesse à Corte, porque entam ficava diminuido o poder do Capitaõ Geral; & lhe parecia, que o seu partido resuscitaria com mayor esforço.

2 Teve disto noticia o Padre Antam de Proença. Julgou ser necessaria naõ só a segurança para o tempo presente, mas tambem para o futuro. Com estes intentos se partio a visitar o Rey, & alcançar delle novo formaõ, ou provisaõ. Naõ foy possivel ser admittido à visita, por estar o Rey em grande tristeza, de que era causa hum roim successo de suas armas. Por terceyra pessoa agenceou hum formaõ Real, na fórma, que o Rey velho lho tinha dado. Tudo effeytuou huma carta do Capitaõ Geral para hum seu sobrinho valido del-Rey. Dizia a carta: Jà tendes noticia da amizade, que ha entre mim, & o Saniàz de Roma, & quanto nosso tio favoreceo estes Religiosos. Pelo que tratando-o vòs com a mesma honra, & amor, o levai diante del-Rey, a quem mostrareis o formam del-Rey velho, que o Saniaz tem, & cõforme ao que nelle se contém lhe fareis dar outro novo, & avisaime, do que em favor deste Saniàz diante del-Rey obrardes. Atè aqui a carta do Capitaõ Geral, & no mesmo teor escreveo a hum seu Irmaõ, & a hum seu primo.

3 Com o novo formão se voltou o Padre a Tricherapalli, & mostrando-o ao Geral, este o fez ler em publico consistorio, para que ninguem puzesse nelle duvida. Com isto se cortàraõ por entaõ as traças do aduaneyro, que ficou mais refreado nos seus designios. E o Padre foy continuando em seus ministerios atè os fins de Mayo: nos quaes o Padre Balthezar da Costa tomou cuydado desta Residencia, & o Padre Antam por ordem da obediencia passou para Canjupati, para industriar na lingua, & estylos aos Padres, que de novo entravaõ na Missaõ.

4 O Valèam aduaneyro depois ordio taes enredos, que a se naõ ausentar o Padre Balthezar da Costa, sem duvida o prendera; mas tudo finalmente se veyo a compor; & o Valèam pagou os seus desatinos; porque no arrendamento novo, que se fez das aduanas Reaes, ouve quem fez mayor lanço, & elle ficou de fóra; & puxandolhe o competidor pelos atrazados deo com elle na cadeyra, aonde muy bem o espremeo, tirandolhe muyto dinheyro, & dandolhe muytas pancadas, com que as suas costas tomariaõ outra inclinaçaõ, ainda que nunca poderia andar direyto.

5 Neste triennio que o Padre Antam assistio na Residencia de Tricherapalli, bautizou mil, cento, & sete pessoas; destas no ultimo

ultimo anno da perſeguiçam bautizou quatrocentas, & trinta, & ſeis. Em Julho de 1666. era o Padre Antam Superior da Miſſaõ,& tinha a ſeu cargo em eſpecial a Reſidencia de Totiam, aonde Deos tinha determinado pôr fim a ſeus glorioſos trabalhos. Fica eſta Reſidencia ao poente de Tricherapalli hũa jornada de caminho. Naõ tinha ainda feyto alli caſa, mas aproveytando-ſe de huma Igreja, que eſtava junto do rio Colaram, determinava eſcolher outro lugar mais cõmodo, para acodir às caſtas bayxas; porquanto junto do rio avia povoaçaõ de Bramanes, & eſtes naõ cõſentem, que os de caſta bayxa cheguem às ſuas povoaçoens.

6 Por eſta cauſa era o Padre forçado acodir a todos os lugares onde habitavaõ os de caſta bayxa, q̃ eraõ trabalhoſos doentios, & de roins aguas. Porq̃ quãto o Paiz jũto ao rio he mais freſco, & habitavel, tanto pela terra dẽtro he mais aſpero, de grãdes ſerranias, & muy doentio. Tinha o Padre avia menos de hum anno padecido hũa enfermidade, q̃ o puzera ás portas da morte, da qual nam eſtava ainda bem convalecido. Como alli achou tam pouco, com que convalecer, & tanto que trabalhar, de puro trabalho lhe veyo a doença de que morreo.

7 Dandolhe ao Padre grande cuydado os Chriſtãos Pareàs, que ſam os da caſta mais inferior, aſſim por aver muyto tempo, que ſe naõ tinhaõ confeſſado, como por eſtarem muytos inſtruidos para receberem o ſanto Bautiſmo; ſe reſolveo, ainda que eſtava mal convalecido, & ſer o ſitio, aonde moravam, doentio, meterſe em algum lugar, no qual lhes adminiſtraſſe os Sacramentos. Para eſte fim aſſiſtio muytos dias com grande incomodo junto de hũa Serra. Poucos dias depois de deyxar aquelle lugar, cahio gravemente doente na cazinha, que diſſemos, tinha junto do rio. Aqui ſe vio o Padre em grande delemparo, porque tambem os moços, que tinha, adoecèraõ, chegando a nam ter, quem lhe cozeſſe hum pouco de arròz.

8 Conheceo o Padre a gravidade da enfermidade, & logo ſe perſuadio, a que morria, & aſſim o diſſe a hum Catequiſta. Teve aviſo o Padre Balthezar da Coſta, & lhe veyo logo acodir. Com a viſta do Padre ficou muy alegre, & conſolado; & põdo os olhos no Ceo deo graças a Deos, por lhe mandar tam boa companhia. Diſſelhe o Padre, que eſtiveſſe alegre, porque a enfermidade naõ era de conſideraçaõ, & a febre era pequena: & na verdade aſſim parecia no exterior. A iſto reſpõdeo: o P. ou grãde ou pequena, eu della acabo meus dias. Tal era a certeza, que

moſtrava

mostrava ter da sua morte. Em fim no quatorzeno de sua enfermidade, tendo recebido todos os Sacramentos, deo em bella pàz seu espirito ao Senhor aos quatorze de Dezembro de mil seiscentos sessenta,& seis ás sinco horas da manhã, tendo de idade quarenta,& dous annos, dous mezes, & doze dias, & sendo Superior da Missaõ.

9 Foy a morte do Padre Antam de Proença chorada de toda a Christandade, como se a cada hum lhe morrèra seu pay & na verdade elle era pay amoroso para todos. Significàram o seu amor, além das lagrimas, os jejuns, esmolas,& outras obras, que por elle fizeram. Era o Padre Antam algum tanto grosso do corpo,& por isso menos apto para viagens compridas, tinha disto grande pena,& dizia, que naõ era aquillo ser Missionario. Era homem de muyto exemplo, de condiçaõ suave, & alegre, que a todos o fazia singularmente amavel. Nunca se poupou ao trabalho, nos mayores era elle dos primeyros.

10 Naõ pode seu corpo ser sepultado na Igreja, por estar em lugar de Bramanes, q̃ tẽ por grande abominaçam enterrar os mortos nos templos: por tanto foy sepultado junto do rio em lugar decente, cõcorrendo às exequias grande numero de Christãos, que mais as solemnizàram com lagrimas, que com outros apparatos,& ceremonias. Naõ sofreo o coraçaõ a alguns Christãos mais fervorosos, que o corpo de seu Mestre estivesse sepultado no campo, & assim tres mais fervorosos, feytas primeyro entre si varias consultas, depois de vinte,& sete dias da morte do Padre, se resolvèram ao desenterrar,& sepultar na Igreja.

11 Fizeram elles isto com grande segredo no mayor silencio da noyte. Quando começàraõ a abrir a sepultura, estavaõ temerosos, de que o corpo estivesse jà corrupto, por aver tantos dias q̃ o tinhaõ sepultado. Mas descobrindo-o, foy grande a cõsolaçaõ, pelo acharẽ incorrupto,& sem lesaõ, taõ tratavel, como se estivera com vida. Logo com singular devoçaõ começàraõ a tirar delle reliquias. Bem podia ser, que o estar o corpo do Padre nesta fórma, procedesse de causa natural, porque tinhaõ lançado algum sal na sepultura, como he estylo daquellas terras, quando sepultaõ pessoas graves, & Religiosas; porèm constou, que da cintura para sima naõ tinha chegado o sal, porque antes que o deytassem, tinha cahido terra que cobrio o corpo. Foy enterrado na Igreja de Totiam, junto da qual em huma palhota deo ao Senhor seu ditoso espirito, depois de o ter servido muytos annos, & lhe ter convertido muytas almas. Escreveo o Padre

dre Antam de Proença sinco Relaçoens dos successos da M...
aõ de Madurè, nas quaes seguio o methodo, q fica dito no p...
ipio, & este seguiram depois as Annuas daquella Missaõ ... o
empo presente.

CAPITVLO IV.

Vida do Padre Andre Freyre; sua patria, grande espirito de Missionario, refere-se huma perseguiçam, que teve nas Missoens.

1 O Padre Andre Freyre Missionario em tudo cabal, & de grande espirito nasceo no lugar da Golegã no Arcebispado de Lisboa; seus pays se chamáram Matheos Fernã-es, & Maria Nogueyra, ditosos por certo em terem filhos de antas virtudes, & a sua patria mais feliz com este alumno, do ue o he com a fertilidade dos seus campos regados, & enrique-dos com as correntes do Tejo. Tendo dezanoveannos de ida-e entrou na Companhia em Evora aos quinze de Fevereyro e mil seiscentos quarenta, & quatro. No anno de mil seiscen-os sincoenta, & dous sendo jà Sacerdote navegou para as Mis-oens da India, com mais treze Religiosos da nossa Cõpanhia, uatro Italianos, & os mais Portuguezes. Na costa da Pescaria.

2 Na breve Relaçaõ, que fez das Missoens, & Missionarios Companhia, que no anno de mil seiscentos, & oytenta & seis via no Oriente, o Padre Gaspar Affonso, hoje Bispo de Saõ Thomè, fallando do Padre Andre Freyre, diz o seguinte: O Pa-re Andre Freyre, Superior que foy desta Missaõ, he natural da ldea da Golegã, passa de sessenta annos de idade, cõta de Mis-onario de Madurè trinta annos, em que tem bautizado por as mãos a mais de vinte mil. Por acudir à Christandade tem adecido muyto, de calmas, frios, & chuvas, nas jornadas, que z a pé, & descalso por serras, matos, & desertos, morto de sede, de fome, sendo muytas vezes prezo, & cruelmente atormen-do. Atè aqui o Padre Gaspar Affonso na sua succinta narra-m: bem se deyxa ver o muyto que nos diz em poucas pala-as. E eu mais diffusamente irei agora explicando, ajuntando anto pude aver de noticias das cousas deste grande Missiona-o, de quem he certo naõ posso dizer tudo; por naõ chegarem às inhas mãos as noticias de muytos annos, do que obràram os dres daquella Missaõ: mas esse tanto, ou quanto que escre-

 ver,

ver, bem moſtra o Apoſtolico eſpirito deſte ſingular ſervo de Deos.

3 No anno de 1665. pelo mez de Agoſto ſe achava o Padre Andre Freyre no Reyno de Ginja, aonde os Jogues, que ſaõ os Meſtres dos Gentios, levantáram contra elle huma brava tormenta, por cauſa de ſe ter convertido à fé hum famoſo Medico com muytos de ſeus parentes; aos quaes todos o Padre bautizàra. O Jogue principal depois de applicar todas as diligencias para perverter a Satianaden, que aſſim ſe chamava o Medico; como viſſe, que trabalhava de balde, voltou as armas contra o Padre, que o bautizàra. Tudo refere o Padre Andre Freyre em huma ſua carta para o Padre Antam de Proença, a qual he do teor ſeguinte.

4 Quando eſtava com penſamentos de eſcrever a Voſſa Reverencia hum diario da trabalhoſa viagem, que fiz a eſta Provincia de Xengamà, & Reyno de Ginja, me achei com hũa perſeguiçam de Jogues em caſa. Pudera ella ſer mayor, do que foy, ſe Deos a nam atalhàra: màs tambem nam chegàra ao que chegou, ſe com antecedentes aviſos a imaginaramos. Referirei com toda a brevidade a Voſſa Reverencia, o que nella ſuccedeo. Xãgarayam Jogue ſoberbo, aquelle que ha dous annos perſeguio cruelmente a Satianaden, por ter ouvido a Ley de Deos, como o anno paſſado eſcrevi a Voſſa Reverencia, vendo que muyta gente ouvia o Cateciſmo, & que a Ley de Deos era exaltada naquella Cidade, tratou de impedir com todas ſuas forças o fruto, que Deos alli vai colhendo com a converſaõ de muytas almas.

5 Eſte anno ſe reſolveo a pôr em execuçaõ ſeus danados intentos, ſem algum dos Chriſtãos ter noticia delles. Cheguei eu à fortaleza de Xengamà ao quinto dia depois que em Cangupati me deſpedi de Voſſa Reverencia, & dos mais companheyros. Informando-me do eſtado das couſas, achey tudo em bella pàz ſem contradiçaõ alguma, & aſſim parey alli, adminiſtrando os Sacramentos aos Chriſtãos, que bautizei o anno paſſado, & dizendo o Cateciſmo a couſa de vinte & ſinco peſſoas. Foy iſto em occaſiaõ, em que ſe celebrava huma feſta do Pagode, que durou muytos dias com grande concurſo das povoaçoens vizinhas.

6 Entre tanta multidam de gente ſe naõ reparou na dos Jogues, por ſer couſa ordinaria acodirem a ſemelhantes celebridades. Hum, ou dous dias tinha continuado a feſta, & Xangarayam eſtava no meyo do Concilio Jogual, dizem que novamẽ-

te

te acefo em ira pelo que hum Catecumeno indifcretamente ti-
nha dito contra o Pagode. Hum Mouro meu affeyçoado, & pa-
rente do Capitaõ da Fortaleza, tendo noticia do que fe tratava
na junta dos Jogues, me mandou avifar por hum Chriftaõ,
para que eftivefle com cautela: porém efte, ou fe efqueceo, ou
tendo para fi, que a coufa naõ chegaria a tanto, teve-a em fegre-
do fem ma communicar.

7 Aos 18. de Julho fefta feyra á tarde ao undecimo dia de-
pois da minha chegada, a tempo, que fe bem com muyto traba-
lho, com naõ pouca confolaçaõ minha, me affentava para conti-
nuar o Catecifmo a hum velho furdo, que o ouvia com grande
fè, me avifàram, que huma efquadra de Jogues me demandava.
Sahilhes ao encontro, & logo vendo, que na cortezia ordinaria
faltàram, alcancei, que a vifita era extraordinaria. Perguntando-
lhes o que queriam, hum delles propoz a fua embayxada, que
toda fe refumia em perguntar, qual fora a caufa, porque Satiana-
den largára o idolo Lingam, que adorava. A ifto dey a repofta
conveniente; & para que naõ paflaflem mais avante, lhes diffe,
que na prefença do Capitaõ refponderia ao demais, que fe ti-
nham alguma coufa comigo, que me feguiflem.

8 Eu me preparava para partir para a fortaleza, quando
dous foldados mandados pelos Jogues me vaõ levando o meu
cavallo, parece, que cobiçando-o mais pela cor, que pelos olhos.
Naõ lhes pude impedir a infolencia, mas fenti fer antes executa-
da em hum bruto, que em mim; que naquelle dia dedicado à
Payxaõ de Chrifto defejava padecer algũa coufa por feu amor;
mas com Deos me moftrar fómente o dia, & occafiaõ de pade-
cer, me fignificou, que naõ avia em mim merecimentos para tã-
ta gloria. Partido eu para a fortaleza me foy acompanhando a
fobredita efquadra de Jogues, naõ cõ intento de me feguirẽ atè
là, mas de me guiarem atè o feu Concilio, aonde todos os mais
me efperavam, naõ para me argumentar com razoens, mas (co-
mo praticavam entre fi) com outro eftylo bem diverfo. Eu que
lhes adivinhei o animo, divifando de longe toda aquella cana-
lha, fem impedimento algum dos Jogues me defviei delles, & to-
mey o caminho da fortaleza, ficando elles parados, fem me fe-
guirem avante.

9 Naõ achey na Fortaleza o Capitaõ, mas à porta della
hum Bramane, que na preeminẽcia lhe naõ he inferior, a quem
propùz as fem-razoens, que fe me faziam em terra aonde fe ad-
miniftrava juftiça. Sem me deferir a ifto, me começou a exami-

nar da doutrina,que prègava. E reſpondẽdolhe eu ſempre con
palavras comedidas,& com razoens, que baſtavam para convẽ
cer qualquer deſapayxonado entendimento; elle ſó tratava d
me impugnar mais com palavras de cego idolatra, do que cõ
razoens de homem bem entendido. E da pratica do Bramane,&
mais ſoldados,que ſe achàram preſentes,entendi,que tudo tinh
corrupto Xangarayam: confirmando-me depois neſte juizo
quando recolhendo-ſe o Capitaõ já de noyte, & dandolhe Sa
tianaden recado,que eu lhe queria fallar,reſpondeo, que naõ er
tempo,referindo de caminho algumas couſas, que os Jogues ti
nham dito contra mim. Com eſta repoſta me recolhi para caſa
confiando que Deos acodiria por ſua honra; & eſte era hum do
motivos de conſolaçaõ,que dava áquelles meus Chriſtãos, qu
eſtavam muy affligidos por ver, que podia eu ter alguma pe
na.

10 Junta eſtava toda a turba dos Jogues, & entre todos co
mo ſuprema cabeça o Jogue Xangarayam, & grandes eram a
injurias que diziam aſſim contra a Ley de Deos, como contr
quem a prégava; de que tudo me vinhaõ dar conta os Chriſtãos
que eſtavam diſſimuladamente entre os mais. Neſte tẽpo che
gou o Bramane aſſima dito para continuar com a feſta do Pa
gode. Demãda-o logo toda aquella canalha infernal, & lhe ped
encarecidamente,que acabe primeyro comigo, do que comec
com a feſta, moſtrando que nam tinham tanto deſejo de levar
ſeu idolo pela Cidade em prociſſaõ,como de me lançar fóra del
la com afronta.

11 Eſta foy ſua petiçaõ, a que logo ſe ſeguio o deſpacho
que pediam; porque o Bramane me mandou notificar por ſeu
ſoldados,que me foſſe da Cidade: vendo iſto Satianaden, ſe fo
ter com o Capitam,a lhe dar conta do que paſſava. Neſte mey
tempo tornou outra notificaçaõ do Bramane, & logo a do Ca
pitaõ,que a confirmava. Vendo eu as couſas neſtes termos, &
que prevalecia mais a inſolencia,que a razaõ,me reſolvi a ſahi
da Cidade; mas para iſto eſperei o terceyro aviſo,porque com
me nam perdèram nunca o reſpeyto neſtas embayxadas, qui
ver ſe podia fear atè pela manhã, como fiquey a pezar dos Jo
gues,que vendo, que eu naõ era partido, ſe deyxáram ficar n
Pagode com o mais povo amotinado,ſem deyxar ir comer nin
guem a ſua caſa. Em amanhecendo me parti para a Fortaleza
a fim de me fazerem largar o cavallo, que ainda os Jogues ti
nham reprezado.

12 Sabi

12 Sahia o Bramane neste tempo, & outro de caminho para outra povoaçam. Foylhe Satianaden fallar sobre o negocio, & achou jà nelles boas palavras, & mandou restituir o cavallo. Quando estava jà para me partir, me veyo demandar o Mouro, que assima disse, parente do Capitaõ, & com palavras de sentimento pelo succedido. Disse algumas injurias contra os Jogues, & que em todo caso antes de me partir avia de fallar com o Capitaõ. Condescendi com o que me pedio, assim por dar animo aos Christãos, como por desfazer as mentiras, que os Jogues tinham metido na cabeça ao Mouro contra mim. Effeytuouse a visita, & o Capitaõ me recebeo com honra, fazendo-me assentar à sua mão direyta.

13 Começou, & continuou a pratica por algum tempo, & toda se resolveo em perguntas das verdades de nossa santa ley, mas mais por modo de quem as queria impugnar, do que com animo de querer saber a sinceridade dellas. De algumas se fez capaz, ouvindo os dez mandamentos, que brevemente lhe expliquei. Finalmente me perguntou para onde me partia, & que em qualquer lugar podia estar á minha vontade, como graõ Monarca. Contra os Jogues naõ lhe disse nada, porq seria sẽ fruto. Deylhe hum abano da China, escusando de o presente ser tam pequeno, mas que o aceytasse como dadiva de hum Religioso pobre. Ao que elle respondeo muy cortezam, dizendo, que dadivas de pessoas grandes naõ mereciam o nome de pequenas. Cõ isto me despedio, levantando-se, & fazendo-me a costumada cortezia.

14 Despedime dos Christãos, deyxando ordem aos que estavam de todo catequizados me seguissem atè huma povoaçam, que dista dalli mais de meyo dia de caminho, aonde ha alguns Christãos. Logo me acompanhàraõ alguns Catecumenos, & os outros vieram dalli a dous dias. Entre todos bautizei a dezaseis a pezar dos inimigos da Ley de Christo, & de todo o inferno. Os Jogues vendo, que eu jà era partido, & os Christãos recolhidos a suas casas, com furor diabolico, tocando buzios, trombetas, & atabales determináraõ dar em casa de Satianaden; porèm o Capitam, que neste tempo tinha sahido da Fortaleza, acodio depressa a ter mão nelles, estranhandolhes com palavras pezadas tam grande desaforo, dizendo, que o que Satianaden seguia era muy superior a tudo, que nam entendessem com elle, & que cada hum seguisse, o que quizesse. Dizem mandàra ao Jogue Xangarayam com honra para sua casa, porque como esperava

delle hum cavallo muy fermoso, como dizem, que depois lhe deo, nam reparou em lhe fazer honras. E parece, que o Jogue à conta de dar o seu cavallo, se queria ficar senhor do meu. Esta he em suma a perseguiçaõ, que Xangarayam levantou contra a Ley de Deos; mas por mais, que elle, & semelhantes ladrem, sempre ella ha de prevalecer. Até aqui a carta do Padre Andre Freyre.

15 Na Residencia de Tanjaor assistia o Padre Andre Freyre no anno de 1666. mas era de tal sorte a sua assistencia, que andava sempre como de levante de humas em outras povoaçoens. Sam todos os gentios de Tanjaor muy dados ao culto dos seus idolos, & sobre todos lhes era affeyçoado o Rey, que entam governava; por esta causa eram necessarias grandes cautelas, & circunspecçoens no Padre, & nos Christãos por naõ darem occasiaõ a perseguiçoens. Neste anno recolheo o Padre copiosos frutos dos seus trabalhos no grãde numero de adultos, que bautizou. Tudo o bõ Padre attribue ao patrocinio da Virgem Mãy, a quem naquelle anno se tinha edificado huma Igreja no meyo do Reyno, em hũa povoaçaõ, que avia vinte annos pouco mais, ou menos toda era de gentios, & ao presente era quasi toda de Christãos. Via-se o Pagode, em que toda a aldea fazia antes grãdes faltas, cahido, & feyto casa de morcegos, & outras aves nocturnas, todas significativas, de quem alli tinha morado.

16 Nesta Igreja logo que o Padre poz nella a Imagem da Senhora, obrou huma singular maravilha, porque no mesmo dia choveo copiosamente, avendo muyto tempo, que o Ceo estava de bronze; & por esta causa as searas a olhos vistos se perdiaõ, & o temor da falta de frutos trazia assombrados aos moradores da terra. Mas a Senhora mostrou, que ella tomava morada na povoaçaõ, para ser o seu amparo. Apenas passáram tres horas depois de estar collocada no Altar, quãdo o Ceo se desfez em agua, & os coraçoens de todos em lagrimas de consolaçaõ.

17 Alèm de outras conversoens, com que Deos alegrou a seu servo, foraõ as de dous siganos marido, & mulher. He esta casta de gente naquellas terras muy semelhante nos embustes, & trato de vida aos de Portugal. Tem-se elles por homens adeosados, ou por parentes do Deos Xivem, que dizem tomàra por mulher a huma sigana, chamada Valiamal, de que tivera hum filho por nome Cumara Suami, que he outra divindade, que descrevem tam torpe como seu pay, & tam sigano como sua mãy. Por esta razaõ Valiamal he tida por deosa, & entre os siganos

ganos he a minha da ſua proſapia. Quando os ſiganos dizem a buena dicha a algum, para ſerem cridos juraõ primeyro pela deoſa Valiamal; o juramento fazem dando com hum ceſtinho, que para iſto trazem, ſobre a cabeça de quem os pergunta. Saõ naquella terra os ſiganos tidos por oraculos, & o ſeu modo de viver todo cheyo de embuſtes, por iſſo a ſua converſaõ he mais difficultoſa.

18 Antes de o Padre dar o bautiſmo a eſtes dous Catecumenos, os provou exactamente, & ſempre entendeo ſer a vocaçaõ de Deos; & a experiencia aſſim o moſtrou. No dia, que o Catecumeno ſe avia de bautizar, com ſer o frio grãde, ſe foy de manhã lavar todo no rio; & como lhe perguntaſſem, porque em tal dia fazia tal lavatorio, reſpondeo; porque avia de ſer bautizado, & que para iſſo queria ir limpo de corpo, & alma. Depois de bautizados, foy grande a deſconſolaçaõ, que tiveraõ, por naõ ſe lhe darem contas, que as naõ tinha o Padre. Mas logo a devoçaõ do Neofito acodio a eſta falta, vendeo hum dos jumentinhos, & com parte do preço, comprou contas para ſi, & ſua mulher. Depois deſte Neofito receber o ſanto Bautiſmo, o encontrou hum Bramane ſeu conhecido, & lhe diſſe: Como he iſto, de ſorte, que agora endoudeceſtes? Naõ ſenhor, reſpondeo o Neofito, dantes he, que eu eſtava doudo, & agora com a mezinha, que tomei, ſe me foy de todo a doudice. Naõ teve o Bramane, que dizer a repoſta tam cheya de alluſaõ, & tam ſignificadora da doudice, em que o Bramane vivia.

19 Foy muy celebrada entre Chriſtãos, & gentios a rara prudencia de hum menino Chriſtam, da qual o Padre Freyre tinha ſingular goſto, por ver quanto pode em poucos annos a graça de Deos. Chamava-ſe Jeſuriaõ, q́ quer dizer ſervo de Jeſu. Era de engenho vivo, ſendo de quatro annos, o mandou ſeu pay á eſcola; ſendo todos os condiſcipulos, & Meſtre Gentios, & fazẽdo muytas ſuperſtiçoens, nunca Jeſuriam ſe contaminou com ellas; parece que nos poucos annos jà Deos lhe tinha dado entendimento para diſcernir o bem, & o mal. Seis annos tinha, quando eſtando com os mais na eſcola, paſſou por defronte hũ minhoto de peſcoço branco, que os gentios alli adoram, como ao ſeu Deos Vixnù, cujo cavallo dizẽ ſer aquella ave, aſſim como o Ciſne de Brumà, o touro de Xivem, o pavaõ de Cumará, o caõ de Vayxavem, & o arganàs de Viceagem, que ſaõ deoſes deſtes gentios. Logo que paſſou o minhoto, aſſim Meſtre, como toda a eſcola ſe levantou a lhe fazer zumbaya; ſó Jeſuriam ficou muy

ſeſudo

sesudo no seu lugar, sem dar rumor de si. Reparando todos nisto, lhe perguntàram, porque naõ adorava a seu Deos, como elles. Ao que o menino respondeo: E bem? pòde ser Deos quem he ladraõ, levando nas unhas, quantos pintos pòde com ellas apanhar? nam adoro eu tal Deos como este. Foy a reposta muy festejada entre Christãos, & gentios, por sahir da boca de hum menino de tam poucos annos. Sendo de quatro annos sabia jà de cor todas as oraçoens, & boa parte do Catecismo, que tudo repetia na Igreja, com grande consolaçaõ dos Christãos, & do Padre, por ver tam bons frutos dos seus trabalhos.

20 Assima fica referida a perseguiçaõ, que no Reyno de Ginja levantàraõ os Jogues contra o Padre, por causa do Medico Satianade; nagora digamos, o como Deos castigou a todos os que nella intervieram, & se cumprio huma como profecia do Padre Andre Freyre. Quando se lhe restituhio o cavallo, como assima se disse, naõ quizeraõ os gentios dar o azorrague, que saõ as esporas que se usam naquella terra. Disse entaõ o Padre Freyre, que ficarlhe aquella peça na mão, era final, & pronostico do castigo, que Deos lhes tinha preparado. Diz o Padre contando este acontecimento, que elle fallàra pelas muytas experiencias, que avia naquellas terras, que nenhũ perseguira a Ley de Deos, que naõ tivesse delle grandes castigos. Dissimula tambem sua humildade com dizer, que Deos entam fallàra por sua boca, como pela da asna de Balam.

21 Vendo-se os Bramanes victoriosos por terem lançado fòra ao Padre, determinàram acabar de todo com os Christãos: para tudo correr à sua vontade sem contradiçaõ alguma, peytáram o Capitaõ Mouro, que assistia na Fortaleza. Deram logo como lobos sobre os cordeyros de Christo, prendèram a Satianaden, & a seu filho, que eram os principaes dos Christãos, metèram-nos em grilhoens, roubàram-lhes o que tinham em casa, depois lhe pediram grande somma de dinheyro. Porém os Confessores de Christo se resolvèram a dar animosamente suas vidas. Tinha o Capitaõ Mouro preparadas varas, & azorragues para os açoutar, metendolhes grãdes medos. No mesmo dia, que estava assinado para se executar esta crueldade, desceo hum Bramane com alguma cavallaria sobre a Fortaleza em demanda do Capitaõ Mouro, para o castigar por ter espancado, & tratado mal a hum seu irmão, que foy o Bramane, que mandàra restituir o cavallo ao Padre Andre Freyre.

22 Naõ se atreveo o Mouro ao esperar, logo fugio para o mais

mais alto de huma serra, que lhe ficava defronte: & assim ficàraõ os Christãos livres dos açoutes. Sabendo o potentado da serra, como tinha feyto aquellas prisoens, lhas estranhou muyto, & pedio, ordenasse aos soldados da Fortaleza dessem liberdade aos prezos, & lhes restituissem, quanto lhes tinham furtado. Tudo fez o Capitaõ Mouro obrigado das dependencias, que tinha do potentado. Mas tanto que se recolheo à fortaleza, intentou prẽder a Satianaden; porèm elle sentindo estes intentos, deyxou a Cidade; & de sua propria vontade se desterrou com sua familia.

23 Vendo o principal dos Jogues Xangarayam, que Satianaden se ausentàra da Cidade, se meteo de posse da sua casa, allegando para isso, que lha tinha deyxado certo Jogue penitente, que alli moràra, & se tinha retirado daquellas terras por nam poder sofrer a afronta, em q̃ fora apanhado, de comer carne; q̃ he nos Jogues penitentes o mayor vituperio, q̃ dizer se póde. Satianaden foy visitar o potentado da serra, que o livràra, levandolhe por presente hum vidro triangular, que para isso lhe dera o Padre Freyre. Estimou-o muyto por naõ ter visto tal cousa: fez hõra a Satianaden, & lhe deo o seu nome, que he huma das mayores honras, que naquellas terras se faz; assignandolhe lugar, onde com sua familia assistisse sem alguem o impedir. Alli esteve anno, & meyo vẽdo como de palanque os castigos, que Deos deo a todos, os que meneàram esta perseguiçam, conforme o tinha predicto o Padre Andre Freyre. E Deos nosso Senhor dispoz as cousas de modo, que os mesmos authores da perseguiçaõ foraõ o flagello com que mutuamẽte Deos os castigou.

24 Cinco foraõ os principaes, que intervieraõ nesta perseguiçam, a saber, o Capitaõ da fortaleza, o Bramane seu companheyro no governo, o Jogue Xangarayam, & dous cabeças da Cidade. Ordio-se o castigo nesta fòrma. Quando o Bramane companheyro do Capitaõ ordenou ao Jogue Xangarayam, & aos dous cabeças da Cidade, que restituissem o cavallo ao Padre, como repugnassem, os afrontou de palavra, dizendolhes que os mandaria açoutar com o azorrague com que açoutam os cavallos, que he genero este de grande injuria. Daqui lhe ficàraõ todos tres com odio entranhavel. Desejosos os dous cabeças de se vingar do Bramane, disseram contra elle muytas cousas ao Capitaõ, este o meteo em ferros, & lhe deo muyta pancada. Querendo castigar esta injuria outro Bramane seu Irmaõ, desceo cõ cavallaria sobre o Capitaõ Mouro, como fica dito; depois o accusou

cuſou à Corte, & mandando-ſe devaçar delle, foy a devaça cõmettida ao meſmo Bramane. Conſiderando-ſe o Capitaõ neſtes apertos achou por barato entregar a Fortaleza a outro ſenhor, como fez, & ſe acolheo ao ſeu patrocinio; mas naõ lhe valeo nada, porque o Bramane o perſeguio tanto, que o obrigou a andar fugitivo de ſerra em ſerra por naõ cahir nas mãos de ſeu inimigo.

25 Os dous cabeças, quebrando com o Capitam antes de ſe auſentar, & tendo com elle graves pendencias, ſe retiràraõ padecendo muyto, & perdendo muyta fazenda, que o Mouro lhes tomou. Neſta diſſenſaõ que ouve entre os dous cabeças, & o Capitaõ, ſe meteo o Jogue Xangarayam dãdo ao Mouro alvitres contra os dous, para os prender, & aver às mãos. Diſto tiveram noticia, & ficàram com reſoluçaõ de ſe vingar do Jogue. Tanto que o Mouro fugio da Cidade, os dous cabeças vieraõ para ſuas caſas. O meſmo foy entrarem na Cidade, que o Jogue ſe ſahir della com ſua caſa, & familia para o alto da ſerra, aonde eſteve eſperando algum tempo, que o chamaſſem para vir com honra, & ſegurança. Vendo porèm, que delle ſe nam fazia caſo, tomou por medianeyro ao potẽtado da ſerra, de que aſſima fallamos, para que eſcreveſſe aos da Cidade, para que vieſſem em buſca delle, & o levaſſem com honra.

26 A repoſta foy, que podia vir para a Cidade, que naõ poriam a iſſo impedimento. Naõ ſoube a repoſta bem ao Jogue, & vendo que as couſas eſtavam de mà digeſtam, & de catadura pouco ayroſa; naõ ſe dando alli por ſeguro, fez da neceſſidade virtude, andando em peregrinaçam de humas em outras terras ſem mais ſe atrever a tornar à ſua. A honra, que elle queria para ſi, deo Deos a Satianaden, porque os cabeças da Cidade o chamàram, deraõ grandes deſculpas de o terem perſeguido, paſmados dos grandes caſtigos, que tiveram todos, os que perſeguiraõ a Ley de Deos. Diſſeram-lhe, que podia eſtar ſem ſoſobro em ſua caſa; & que mandaſſe chamar ao Padre, que ninguem lhe faria mal. Neſta fòrma acodio Deos por aquelles affligidos Chriſtãos, & caſtigando aos autores da perſeguiçaõ fez andar por caſa de todos o azorrague, que para ſeu caſtigo tinhaõ deyxado em ſeu poder.

CAPI

CAPITVLO V.

Do que o Padre Andrè Freyre obrou em algumas Residencias.

1 COmo os Missionarios eram poucos, & muytas as Residencias, andavam de continuo de humas em outras bautizando, & administrando os mais Sacramentos. Por estar a Residencia tocante à Cidade de Madurè sem Padre, a foy visitar no anno de 1666. o Padre Andre Freyre. Tinha hum Catequista instruido a muyta gente, & com grande alvoroço esperavam pelo Padre para receber da sua mão o santo Bautismo. Nesta jornada o livrou Deos de ser prezo, & padecer algumas vexaçoens; por quanto hum Jogue principal daquella Provincia, chamado o Jogue do Machado, mais armado com o poder, que com o nome, arrendára por muyto dinheyro aos do governo, ser Superior de todos os Grus, ou Mestres que naquella terra tinham discipulos, com absoluto poder para os prender, & lhes tomar dinheyro.

2 Bem alheyo estava o Padre Freyre, de que lhe tinham dado tam honrado Superior. Como as entradas, & sahidas, que fazia, eram de noyte, naõ deraõ fé delle as vigias, que o Jogue tinha para o colher ás mãos. Estando o Padre em huma pequena povoaçaõ aonde mandára ir os Catecumenos, & Christãos, lhe disseram, como o Jogue prendèra ao seu Catequista, cuydando ser o Padre. Naõ deyxou de ficar receoso, sentindo a falta que o Catequista lhe fazia, temendo naõ viesse o Jogue dar no lugar, onde estava. Encomendouse a Deos, & foy continuando nos costumados ministerios. Eisque no dia seguinte, contra o que esperava, lhe entra por casa o Catequista com muytos Catecumenos. Contou a sua prizam, & tambem, que o Jogue o soltàra logo, persuadido ser elle criado de algum Governador; & que ficàra pezaroso de o ter preso, & que o despedira com honra.

3 Depois que fez naquella povoaçaõ muytos bautismos, determinou passar a Utamapaleam, que fica junto das serras do Malame, a visitar os Christãos, que alli eram como quinhentos, mas naõ lhe foy possivel por causa das guerras, que avia entre o Regulo, & alguns seus vassallos. Na volta, que o Padre fez de Madurè para a sua Residencia, lhe succedeo hum passo galante com hum gentio, que bem mostra a cegueyra em que todos elles vivem.

4 Hu-

4 Huma jornada de Madurè para a ſua Reſidencia hia o Padre caminhando com muyta gente de toda a ſorte. Entre elles hia hum em ſeu cavallo com muytos atraz, que o ſerviam. Pergũtando o Padre, q̃ homẽ era, lhe reſpondèram, q̃ era o ſuperintendente das rendas do Pagode celebre do Xoconaden, que está na Cidade de Madurè. Apanhou-os huma chuva, de que ficàram bem molhados, por iſſo foy neceſſario ao Padre recolherſe com elles a hum Pagode, que tinha hum alpendre capàz, aonde já eſtava muyta gente. Entre elles eſtava hum Jogue, que dizia vir de Laxe, que he como entre nòs dizer, que vem da terra Santa. Entre outras reliquias, que eſte Santarram trazia da ſua terra Santa, era hum Lingam; he eſte idolo couſa na figura tam torpe, que nam cabe em palavras honradas, & pudicas a ſua explicaçaõ, nem em olhos modeſtos a ſua figura, mas naquella terra he Deos tam querido, que o trazem ſeus devotos pendente do peſcoço, ornado conforme as poſſes de cada hum.

5 Queria o Jogue vender o ſeu Lingam, que trazia, & o ſuperintendente o queria comprar. Para eſte fim foy neceſſario ao Jogue tirar o idolo, que tinha envolto em hum pano com grande recato, & reſguardo; & quando o Padre cuydava ſeria na figura, como os que a cada paſſo ſe vem ao peſcoço dos idolatras da terra, vio ſer hum ſeyxo roliço, comprido, do feytio, & tamanho de hum grande melam ſem mais figura, que a que lhe deo a natureza. A varios o deo a beijar o Jogue, & de mão em mão veyo correndo atè o tomar nas ſuas quem o queria comprar: o qual naõ ſó o beyjou com grande devoçaõ, mas depois de o pòr ſobre os olhos, & cabeça, o dava ao Padre Andre Freyre, para que tambem lhe fizeſſe o meſmo, & participaſſe da indulgencia. Deolhe o Padre de mão, & lhe diſſe, que elle ſó adorava ao Senhor do Univerſo Creador de Ceos, & terra, & naõ a pedras, & couſas ſemelhantes. Com eſta publica confiſſaõ, que o Padre fez da fé, que profeſſava, ficàraõ todos entendẽdo, que o Padre era Prégador da Ley de Deos, do q̃ antes duvidavaõ. Quizeram-ſe concertar com o Jogue no preço, que lhe aviaõ de dar pela pedra, mas como elle pedia muyto por ella, pela ter trazido de tam longe, lha tornàram a dar: & na verdade, que ſe elle a tinha acarretado do lugar, que dizia, com muyto dinheyro lhe naõ pagavaõ ſó o carreto.

6 No anno de 1671 reſidia o Padre Andre Freyre em Collei no Reyno de Ginja, onde vio bem logrados ſeus trabalhos; entre outras jornadas, foy viſitar a Chriſtandade de Vetavalam, que

que dista tres dias de caminho de Collei. Por aver de tratar cõ os Christãos de castas bayxas, deyxou o povoado, elegendo para isso hum arvoredo junto de hum rio: alli concorrèram em grande numero assim Christãos, como Catecumenos, como gentios desejosos de ouvir a Ley de Deos. Diz o Padre Freyre que eram muyto para ver aquelles prados, que pareciam hum mercado, ou feyra espiritual, porque estavaõ dispostos como em diversos classes, a huns se ensinava como se aviam de confessar bem, & receber a Santa Communham; a outros se explicava o Catecismo; a outros se dava noticia de Deos, & dos seus mysterios.

7 A grande consolaçaõ, que o Padre tinha de tam agradavel espectaculo, lhe suavizava o excessivo trabalho, que alli era preciso: a este acreceo o incomodo, que o tempo trazia comsigo. Eram grandes as calmas; em quanto o vento assoprava, avia algum pouco refrigerio; mas em se aquietando, todo o arvoredo parecia huma fornalha acesa em chamas. Tambem era grande a molestia, que causavam os mosquitos, & certo genero de formigas, cujas mordeduras eraõ muy crueis; alèm de que naõ avia cousa, que naõ roessem, assim do alimento, como das mais alfayas. E diz o Padre Freyre, que naõ vira lugar mais accõmodado para fazer penitencia: & na verdade elle a fez alli bem grande, sofrendo por espaço de hum mez as importunidades do lugar, & o excessivo trabalho dos seus ministerios. Porèm, como elle diz, a consolaçaõ de ver tantos fervores cõ os neofitos, lhe fazia doces todas as fadigas, & molestias. Alli bautizou atè cento, & vinte pessoas.

8 Depois se partio para Cangibuco, que distava como tres dias de caminho, a fim de alimentar com os Sacramentos a hũa devota Christã, que avia treze, ou quatorze annos os nam recebia. Fora esta Christã bautizada em Tanjaor, & depois por causa da fome se fora para aquella terra com seu marido gentio. Padeceo ella crueis perseguições dos parentes, mas sempre esteve constante na Fè. He aquella Cidade entre os gentios hum como Sanctuario dos seus deoses, assim como na Christandade Roma, & Jerusalem, & outros lugares de grande devoçam. Succedia nesta occasiaõ fazerse certa festa, eram os concursos muy numerosos, & occupàraõ todos os lugares publicos, onde se costumavaõ hospedar os peregrinos. Por tanto naõ teve o Padre casa em que se hospedar; a Christã era pessoa pobre; & ainda q̃ fosse de posses, naõ podia ficar em sua casa, por ser o marido, &

mais parentes gentios. Tres dias inteyros esteve ao pè de huma arvore, naõ sentindo tanto os incõmodos, quanto naõ ter cõmodidade para dizer Missa, a fim de dar a Sãta Cõmunhaõ á Christã; mas admirou muyto a santidade, & pureza de consciencia daquella Christã, pois avendo tantos annos, que naõ vira Mestre espiritual, & vivendo na gema do gẽtilismo, se conservava pura, & illesa; de que deram testimunho varios parentes da mesma, que vieram ver ao Padre, & destes, quatro abraçáram a Ley de Christo. Assim consolou Deos aquella fiel serva sua, & alumiou aos quatro idolatras.

9 Por aver jà muyto tempo, que o Padre se apartàra de seus companheyros, & por lhe faltar o necessario para celebrar o Santo Sacrificio da Missa, foy obrigado chegar á Cidade de Saõ Thomè. Alli foy recebido com grande amor dos nossos Religiosos, & depois de oyto dias, voltou pelo mesmo caminho para a sua Residencia, assim para tratar de alguns negocios da Christãdade, como por tomar algũ pouco descanso da molestia dos caminhos por serem feytos à pressa, & a mayor parte delles a pè, & por terras despovoadas por causa da guerra, que tudo infestava. Neste tempo lhe chegou ordem do Padre Provincial, & do Padre Superior da Missaõ, que lhe mandavaõ se fosse à Cidade de Tricherapalli. Cinco jornadas distava de caminho àquella Cidade, que todas andou a pè, naõ obstante o cançasso dos caminhos, & jornadas, que ficaõ ditas, de que ainda naõ tinha respirado: mas a santa obediencia, em que tudo confiava, lhe deo forças para fazer jornada tam molesta.

10 Como avia de passar pelas terras do Regulo de Vetavalam, o quiz visitar de caminho por cumprir com a palavra, que jà disso lhe tinha dado. Chegando ao Castello do Regulo, este o mandou hospedar em huma fermosa casa distante alguma cousa da Fortaleza, onde costumava receber aos Bramanes, & gente nobre. Mandoulhe hum refresco de arròz, manteyga, legumes, & cousas semelhantes, dizẽdo, que descançasse alli, porque o queria visitar. Mandoulhe dizer o Padre que se naõ podia deter muyto, porque seus Superiores lhe ordenavam fosse depressa a Tricherapalli. Esperou aquelle dia, & o seguinte, ao terceyro veyo acompanhado de muytos soldados, porèm a pè, & sem fausto. Sahio o Padre a encontrarse com elle, recebeo com grãde cortezia, & sem usar de ceremonias, fez que o Padre se assentasse sobre a sua pele de veado, & elle sendo velho, & enfermo, se assentou sobre a terra nua, sem querer tapete, nem alcatifa.

Tanto

Tanto ſoy o reſpeyto, com que o tratou. O Padre o preſentou com hum rolo de cera branca,& outras couſitas de pouco porte,mas de eſtima,por ſerem novas naquella terra.

11 Perguntoulhe o Regulo muytas couſas;que tempo avia, que deyxára ſua patria;que vida,& profiſſaõ era a ſua, & couſas ſemelhantes. A tudo reſpondeo o Padre;o de que muyto ſe admirou o Regulo,ſoy de lhe dizer, que de pouca idade ſe fizera Religioſo;por quanto naquellas terras os Bramanes, que abraçam eſta vida,he depois que foram caſados,& quando já ſaõ velhos. Em geral lhe deo huma noticia da verdadeyra ley, pedindolhe,que quando ſeus inimigos a perſeguiſſem, naõ lhe deſſe ouvidos ſem primeyro ſe informar. Fez o Regulo conceyto das verdades,que ſe lhe diziam. Mandou chamar hum Catequiſta, que aſſiſtia naquella Provincia, & lhe deo de graça hum campo, para que o ſemeaſſe;& ao Padre deo alguns fanoens,moeda da terra,conforme eſtilam offertar os diſcipulos a ſeus meſtres; & repugnando o Padre,dizendo, que elle nam viera àquelles Reynos por ouro,ou prata,inſtou tanto o Regulo, que o Padre os ouve de receber a titulo de eſmola;porque ſe o naõ fizera,ſeria tido por ſoberbo,que deſprezava como couſas poucas as dadivas dos Reys.

12 Por fim da viſita lhe pedio, quizeſſe aſſiſtir nas ſuas terras,porque o queria tratar de eſpaço; que lhe mãdaria fazer caſa,onde mais lhe pareceſſe. De tudo lhe deo o Padre as graças, & rogou lhe mandaſſe fazer duas caſinhas em certo lugar, para nellas morar,quando alli tornaſſe,que por hora lhe naõ era poſſivel deterſe. Logo paſſou ordem para ſe fazer o dito hoſpicio: & com grande cortezia ſe deſpedio do Padre;& antes de chegar à Fortaleza lhe mandou hum preſente, em que vinha hũa pelle de tigre, que a hũ homem Religioſo he dadiva de conſideraçaõ. Servio eſta honra, para que a gente do povo olhaſſe com outros olhos,& reſpeytaſſe ao Padre,& a ley que enſinava; pois o Regulo lhe fazia tam ſingulares demonſtraçoens de reſpeytos.

CAPITVLO VI.

He o Padre Andre Freyre muy perseguido na Residencia de Sa-tiamangalam.

1 A Grande paz de que gozava a Residencia, & Chris-tãos de Satiamangalam, parecia ser firme assim pelos muytos annos, que contava, como por serem muytos os Christãos, & sem impedimento algum se celebrarem naquella Provincia as festas com grandes concursos, & atè com applauso dos gentios. Mas o demonio, que nam dorme, quando menos se cuyda, tudo pŏem em perturbaçaõ, como aqui succedeo no anno de 1673. em que o nosso Padre Andre Freyre governava esta barquinha, que foy milagre naõ se afundir com tormenta tão desmedida. Por causa de hum tecelam começou o demonio a ordir esta meada, na qual fez enredos, que só a mão de Deos os poderia desintricar, como em effeyto para gloria sua desembaraçou.

2 Muytos annos avia, que hum moço tecelam tinha recebido o santo Bautismo. Este no tempo de huma cruel fome esquecido de si, se tornou ao vomito, pondo ao pescoço o turpissimo idolo Lingam, persuadido, que por este caminho tiraria esmolas dos gentios. Passou a fome, & o miseravel tecelam com sua mulher continuavam no gentilismo com escandalo de toda a povoaçam, que era de Christãos quasi toda. Vindo alli o Padre Freyre, & sabendo este escandalo procurou remediallo. Falloulhes a ambos avisando-os de suas obrigaçoens. Em effeyto se reduziram, ao que entam parecia de coraçaõ, ainda que muytos, que os conheciaõ, duvidavam da sua constancia, & firmeza. Deytàram fóra o idolo Lingaõ, que traziam ao pescoço.

3 Souberam os Jogues Sectarios de Lingam o successo, & conversaõ destes dous seus discipulos, & todos se enchèram de diabolico furor. Saõ estes Sectarios tam aferrados à sua crença, & della tam zelosos, que succede às vezes enterrarem vivos aos que deyxam a sua seyta, & se passaõ a outra. Consultando os Jogues entre si sobre este caso, julgàraõ, naõ podiaõ ter melhor ocasiaõ de acabar por huma vez com a Ley de Deos, & com o Mestre, que a ensinava, porque tudo tinhaõ a pedir de boca. O Governador, & toda a gente de porte era da seyta do Lingam; nelle

nelle teriam mais favor, que no seu antecessor, que ainda que era da mesma seyta, nunca admittira as queyxas dos Jogues, & sempre favorecèra aos Christãos: dando licença ao seu Prègador para fazer Igreja na fortaleza de Satiamangalam.

4 Em primeyro lugar assentàraõ, que o tecelam avia de ser prezo, como se fosse qualquer dos seus discipulos, & levado a Satiamangalam, aonde se avia de conhecer a sua causa. Assim o fizeram, prendèraõ ao triste, & lhe deraõ muyta pancada; elle como covarde, & fraco, disse que naõ soubera, o que fizera em largar o idolo, & prometteo de o tornar a pòr ao pescoço, como em effeyto o pendurou; perdendo a gloriosa coroa de Martyr, que Deos lhe metia em casa.

5 Nesta occasiaõ estava dalli tres jornadas o mayoral dos Jogues, & Padre espiritual de todos, chamado Xaragandi. A este escrevèram tudo o que passava, encarecendo, quanto importava, que em pessoa se viesse a Satiamangalam, & se obrigavam a lhe fazer os gastos da jornada, & todos os que fizesse naquella Cidade. Logo que recebeo a carta, se poz a caminho com grande fausto, & apparato, porque vinha em hum palanquim em hõros de Jogues; he este genero de liteyra muy usado no Oriente: acompanhàram-no outros muytos com grandes tangeres de trombetas, & atabales. Deste modo como triunfante entrou em Satiamangalam, dando assim volta a toda a Cidade, para que se visse a sua pompa.

6 Com este seu grande Achilles ficàraõ os Jogues muy inchados, & soberbos, & o povo todo persuadido naõ poderiam os Christãos prevalecer. A cada passo diziaõ, ir em demanda do Padre para lhe cortar a cabeça, & queymar a casa, onde assistia. Todas estas cousas hiam os Christãos referir ao Padre Andre Freyre, que estava em hum lugar naõ longe de Satiamangalam Xarãgandi: tratou logo de visitar ao Governador, porèm estando este prevenido por alguns Christãos, que o serviaõ, & lhe tinhaõ dado conta das sem-razoens dos Jogues, naõ lhe deo entrada. Passaram-se alguns dias, nos quaes os Jogues unidos com alguns Sectarios de Vixnu, que he outro Deos opposto aos do Lingam, intentàram fallar ao Governador, quando sahia fòra, queyxando-se, de que os Christãos desprezavaõ aos seus deoses: mas nem assim foram ouvidos; antes por importunos algumas vezes foram lançados fóra às pancadas.

7 Entre os Jogues, que assistiam na Fortaleza, estava hum muy principal chamado Candarandi, & motor desta persegui-

çam, o qual avia tempo tinha na ſua mão hum livro do Catecíſmo eſcrito na lingua Tamul. Por ſer eſte Jogue na ſua ſeyta Meſtre de nome, & poeta afamado, ſe quiz fazer mais nomeado compondo hum livro contra o Catecíſmo, em que dizia blaſfemias horrendas, & abominaçoens contra os myſterios da fè, & em particular contra o da Encarnaçaõ, & Payxaõ do Senhor. Alèm diſto tinha em ſeu poder o treslado de huma cantiga, cõpoſta por hum poeta Chriſtam, que nella dizia as bayxezas, que elles meſmos confeſſaõ dos ſeus deoſes.

8 Armado o Jogue aſſim com o livro do Catecíſmo, como com o treslado da cantiga, que julgava ſer afrontoſa, ſe perſuadia, que ſobejava para o Governador deſterrar a Ley de Deos, logo que ſe lhe deſſem eſtas noticias. Com tudo para reforçar mais o ſeu partido, fez com os mais Jogues, que cada hum ſahiſſe, com o que tinha contra a Ley dos Chriſtãos. Porèm como nam tinham mais que mentiras, deſtas ſe ajudàram, ſendo tam enormes as culpas, que fingiraõ, que a ſerẽ verdade, qualquer ſó baſtava para ſe concluir o negocio a ſeu favor. Entre tantas couſas, que diziam, aſſentàraõ, que em tres pontos accuſaſſem conſtantemente aos Chriſtãos. Primeyro, que afrontavaõ aos ſeus deoſes por palavra, & por eſcrito. Segundo, que quebravam o ſeu idolo Lingaõ, & enſinavaõ a Ley de Deos, aos que o traziaõ. Terceyro, que tinhaõ quebrado hum touro de pedra, que he o cavallo do ſeu Deos Xiven, aſſim como o minhoto o he de Vixnu, & outros animaes de outros ſeus deoſes.

9 Forjada neſta fôrma a accuſaçam, fizeram grandes diligẽcias por fallarem ao Governador, mas como naõ foſſem admittidos per ſi, meneàraõ o negocio por via de alguns homens, que aſſiſtiaõ ao Governador. Eſtes lhe diſſeraõ, naõ ſer razaõ deyxar de ouvir os Jogues, porque ſe eraõ verdade as couſas, que diziaõ do Saniaz Romano, & da ſua Ley, bem merecia ſer caſtigado. Que o negocio era de grande pezo. Com eſta noticia ſe reſolveo o Governador mandar chamar ao Padre Andre Freyre. Foy logo no dia ſeguinte, & o viſitou. Diſſelhe o Governador, que as duas ſeytas de Xiven, & Vixnu em hum corpo lhe tinhaõ vindo fazer queyxa delle, & da ſua doutrina: que ſem eſtrondo era bem ſaber a verdade por meyo de huma pratica. A iſto reſpondeo o Padre, que elle era Prégador da verdade, & eſtimava muyto ter occaſiaõ de a maniſſtar: que da ſua parte naõ averia eſtrondo, pois bem ſe ſabia a qetaçaõ, com que vivia naquella terra, procurando fundar a ſua doutrina com razoens, & naõ cõ

eſtron-

estrondos. Com isto despedio ao Padre, que se foy para a casa, & Igreja, que tinha naquella Fortaleza, ficando o Governador de o mandar chamar a seu tempo.

10 Convocou o Padre aos Christãos, & lhes intimou, que por mais estrondos, & insolencias, que fizessem os gentios, elles estivessem quietos, como se tal cousa com elles naõ fosse; porque só elle bastava para conseguir a victoria, que esperava de Deos. Que naõ tivessem pena, porque tudo avia de acabar em bem. Que duas cousas em particular lhes encomendava, primeyra sofrimento, & paciencia: segunda, que de continuo fizessem oraçaõ a Deos por este negocio. As mesmas cousas encomendou logo pelos Catequistas, & outros Christãos a todos os neofitos daquella Provincia.

11 Depois do Padre visitar ao Governador, reforçàram os Jogues, & mais Sectarios o poder, porque como pertendiam levar mais o negocio às pancadas, que por razoens, queriam ter junto grande numero dos seus apayxonados. Logo o seu capatás Xarangandi sob graves penas avisou a todos os Jogues da Comarca, q̃ se ajuntassem em Satiamangalam, para acodir por seus deoses. Brevemente foram tantos os Jogues na Fortaleza, que os moradores se enfadavam com tanto pedinte, por naõ poderem sustentar a todos com esmolas. Assim juntos se mostravam muy animosos, davaõ o negocio por concluso. Sò diziam, lhes faltava fallar ao Governador, que todavia atè este tempo os nam admittira.

12 O seu principal arrimo, & mayor inimigo da Ley de Deos foy o Executor das causas, a quem os Jogues com grossa peyta fizeraõ seu protector, para que em tudo promovesse a sua causa. Era este homem immediato ao Governador, muy respeytado, & poderoso por seu officio, tido, & avido por recto, & que dava o seu a seu dono; alèm disto era acerrimo defensor da seyta do Lingam. Elle foy a mayor lança, q̃ os Jogues brandiram nesta perseguiçaõ: fez tal barafunda, que só a mão de Deos a podia frustrar, como finalmente frustrou para honra, & gloria da sua ley.

13 Cometteolhe o Governador o conhecimento desta causa, & que depois o informasse do que achàra. Depois de ter ouvido crimes enormissimos, que os Jogues lhe tinham dito, mandou chamar a Devasabayam Bramane Christam, que assistia com o Padre Andre Freyre, & era na fé hum diamante. Perguntoulhe em presença dos accusadores, se o livro do Catecismo, que

que aſſima diſſemos,era da ſua ley ;pegou o Bramane do livro, leo, & achando ſer o Catecismo breve, diſſe, que a doutrina da ſua ley era;porèm que nem ſabia, quem eſcrevera o livro, nem cujo era. Perguntoulhe mais, quem era o Deos, que adorava. Reſpondeo, que adorava hum ſó Deos verdadeyro Creador do Ceo,& da terra,& que a ley,que ſeguia,era a que eſte Senhor tinha dado aos homens, que he o verdadeyro caminho da ſalvaçaõ. E para lhe provar,que a verdade de hum ſó Deos nas ſuas ſeytas ſe achava,repetio huma autoridade dellas. Mas como alli a verdade eſteja miſturada com a mentira,logo depois deſta autoridade daquelle livro da ſua ley,ſe ſeguem outras, que dizem o contrario.

14 Diſſeram-lhe os que eſtavam preſentes, que pois repetia aquella autoridade,porque calava as mais,que ſe ſeguiam. A iſto reſpondeo: Eu do voſſo livro tiro, o que he mel ſuave, & deyxo a peçonha,& refinado veneno. Com eſtas palavras ficàram os Jogues eſtomacados,& o Executor das cauſas mais que todos;pegoulhe dellas para depois o caſtigar, dizendo que chamàra peçonha á ſua ley;& como ſe tivera dito huma grande injuria, mandou ao Eſcrivam, que fizeſſe hum termo daquellas palavras. Nam ſe canſou com mais diligencias,& deſpedindo os circunſtantes, foy dar conta ao Governador. Diſſelhe, que os Chriſtãos eram inimigos declarados dos ſeus deoſes,que diziam delles grandes blasfemias. Alèm diſto que ſeus Meſtres eraõ eſtes,& aquelles, & que por encantamento moſtrando hũ eſpelho enfeytiçavaõ a gente, para que os ſeguiſſe: porque naquelle eſpelho naõ ſey,dizia, ꝗ formas,ou figuras viam,que logo ficavão fòra de ſeu juizo,& ſe faziam ſeus diſcipulos. A iſto ſe ajuntou a informaçaõ do Meſtre eſpiritual do Governador, a quem o Executor inſtigou,& inſtruhio, ſendo que atè aquelle tempo ſe naõ tinha moſtrado contrario às couſas dos Chriſtãos.

15 Com eſtas tintas ficou o Governador tal, que hum dia ſahindo fòra,no meyo de muyta gente na praça publica diſſe do Padre grandes males,& afrontas chamando-o de embuſteyro,& enganador;& que ſe queria eſtabelecer a ſua ſeyta,porque cauſa avia de ſer afrontando as demais. Que iſto eram couſas dignas de cruel caſtigo;& que o menor,que lhe mandaria dar, ſeria mãdallo pór em hũ jumento,& depois de correr neſta fòrma toda aquella fortaleza,deſterrallo para ſempre das ſuas terras. Depois diſto olhando para os Jogues,que eſtavam juntos, & o ouviam com roſtoa,legre lhes diſſe: Vòſ-outros juntos com os da ſeyta

ta de Vixnu todos em hũ corpo vinde ter comigo daqui a quinze dias,& entregarvos-ai a este inimigo dos nossos deoses, para que vos vingueis delle, & com o punhal nos peytos lhe pedireis satisfaçam das blasfemias,que contra elles tem dito.

16 Com estas palavras cobàrraõ grande coragem os Jogues, alegrando-se muyto de ouvirem as afrontas contra o Padre, & esperando pelo fim dos quinze dias,para fartarem sua ira. Neste tempo estava o Padre Andre Freyre na sua casinha, aonde muy sentidos lhe hiam referir tudo os Christãos,aos quaes consolava,esperando pelo que Deos fosse servido, que sempre seria cousa de seu mayor agrado, & gloria. Passáram os quinze dias, & o Governador naõ dava comprimento ao dito. Os Jogues todos os dias hiaõ à porta do paço fazer motim, sem nunca o Padre lá apparecer, como se este negocio naõ entendesse com elle.

17 Meteo isto a todos em grande confusaõ, & mais ao Executor,que era homem,que pesava as cousas;o qual dizia aos que lhe assistiam: He possivel que com tam grande motim, & com tão grande ajuntamẽto das duas seytas principaes,nem este homem, nem alguns dos seus discipulos sahem a cam po? Que he isto? em que poder està fiado,que am descansado està, como es tudo isto naõ fora com elle? Estas cousas dizia o Executor, porque naõ conhecia o braço poderoso de Deos, em quẽ só nestes apertos, & nos mais punha o Padre a sua confian ça. Tinha elle para si, que o Padre sahiria a provar a falsidade dos crimes impostos, & entam teria elle occasiaõ de tirar dos Christãos grande summa de dinheyro.

18 Vendo pois os inimigos da Ley de Deos tanta paciencia,naõ he explicavel o muyto que se desaforàraõ, & provocàraõ aos Christãos. Pelas praças, & ruas diziaõ muytas blasfemias dos Mysterios de nossa Santa fé; particularmente da Encarnaçaõ,& Payxaõ do Senhor,& da Virgem Mãy. Eraõ estas cousas de grande pena aos Christãos,& antes desejavaõ mil mortes,que tal ouvir. Com tudo prevalecèraõ os santos conselhos do Padre em mostrarem entre tantas irritaçoens huma constãcia invencivel.Uniraõ-se entre si os Jogues de seytas tam oppostas,que quasi todos os dias andaõ às pancadas,por huns desfazerem nas seytas dos outros. Saõ os seus principaes deoses Brumà, Vixnu,Rutren,que por outro nome se chama Xiven,a fòra estes contaõ trinta, & tres milhoens de deoses, que na verdade se foraõ de moedas de ouro seria melhor provimento. Naõ só estes

gentios

gentios de diversas crenças se adunáraõ, mas tambem os Mouros, naõ obstante ser entre elles gente abominanda por comerem carne de vaca, entràraõ nesta liga convidados pelos mesmos Jogues. Tal foy o odio, & tanta a tempestade.

19 Procedèraõ as cousas nesta fórma alguns dias sem o Padre ser chamado, atè que finalmente o Executor por mandado do Governador, fez vir ao Padre, & ao Bramane Devasabayam, conforme diziam, para disputarem com os adversarios. Bē cuydava o Padre que o Governador assistisse, o qual por ser homem menos apayxonado, daria mais lugar à razaõ; porèm taes cousas lhe tinham dito do Padre, que nem dos olhos o queria ver. Por tanto o Executor foy o Presidente deste acto. No lugar, que para elle estava deputado, se ajuntáram os Mestres principaes de ambas as seytas. Da de Vixnu tres; & da de Xiven dez, ou doze de castas inferiores, dos quaes eram os Coriseos Xarangandi, & Candarandi; este segundo o principal motor da perseguiçam. Tinhaõ todos assentado entre si, que o melhor meyo para sahirem victoriosos, era naõ deyxarem fallar ao Padre.

20 Antes de começar a disputa, disse o Padre ao Executor, que seus inimigos, conforme ouvira, tinhaõ delle affirmado, & divulgado grandes crimes, por tanto lhe pedia, antes de outras questoens, que lhos mandasse provar; porque sendo qualquer delles certo, se queria sugeytar a todo o castigo, que merecesse. Mas como nada se podia provar, naõ fez o Executor caso desta proposta. Mas sò disse aos accusadores, que o accusassem de outras culpas diversas daquellas, que o Padre pedia se lhe provassem; & vinham a ser os tres Capitulos assima referidos, de lançar fòra o idolo Lingam, de quebrar o touro de Xiven, & das cantigas feytas em afronta dos deoses. Ainda, que nenhuma, destas cousas se podia provar, o Executor, sò com os Jogues as dizerem, as deo por provadas, & disso mandou fazer termo ao escrivaõ.

21 Depois o Jogue Candarandi, tratando ao Padre com desprezo, & chamandolhe por tu, lhe perguntou, qual era o fim, para que tinha vindo àquellas terras. Para ouvir, respondeo o Padre, injurias, & afrontas da vossa boca; & logo fazendo huma confissaõ da Fè que prégava, mostrou a todos o fim principal, porque tinha vindo àquelles Reynos. Feyta esta confissaõ, que os Jogues ouviram de mà vontade, por virem apostados a nam deyxar fallar o Padre, o mayoral dos Jogues Xarangandi, sem fazer caso, nem mençam do Padre, começou a dizer de si grandes

des loas,& proezas, & todos o exaltavaõ de ſabio,eſpiritual, & prudente. Finalmente dizendo,quam excellentes eram ſuas ſeytas,& os ſeus deoſes,& os muytos diſcipulos,que tinha;dirigindo a pratica ao Padre, diſſe, que era grande ſem razaõ tomarlhe os diſcipulos,que era tam grande culpa, como tomar a mulher a ſeu marido. E dizia niſto quaſi verdade,porque os Meſtres daquella infame ſeyta do Lingam, uſaõ muyto mal de ſeus diſcipulos,& para torpezas abominandas.

22 A iſto reſpondeo o Padre,q̃ elle naõ fazia força a alguẽ, para que foſſe ſeu diſcipulo;mas que ſe lhe vinham pedir conſelho nas materias de ſalvaçaõ,que elle o dava ſem algum intereſſe temporal,como era notorio a todos; & que iſto tam fóra eſtava de ſer ſem razaõ, que antes era obra de grande virtude. Acrecentou, que elle eſtava naquellas terras, & os mais Meſtres da Ley de Deos com licença eſcrita do Rey de Mayſur: & dizendo iſto exhibio o formam Real, acrecentãdo, que ſe os Reys nam lhe prohibiam a prègaçaõ da Ley de Deos, que ninguem lha podia prohibir. Ouvindo o Jogue ſoberbo eſtas palavras,diſſe,ſahindo fóra de ſi,que a todo aquelle, que lhe tomaſſe ſeus diſcipulos,mas que foſſe o proprio Rey, o avia de perſeguir atè o inferno, & que là lhe cortaria a cabeça. Logo chamando aos ſeus lhes ordenou,que aonde quer, que achaſſem alguns Chriſtãos,que antes tinhaõ ſido ſeus diſcipulos,os prendeſſem; & o meſmo ordenou aos da ſeyta de Vixnu.

23 Quando o Jogue ſoberbo dizia iſto, o Executor perguntou ao Padre,ſe era contente,que aſſim ſe executaſſe. Naõ poſſo,diſſe o P. nẽ poderei nunca vir, em que ſe faça força aos que movidos da razaõ tem recebido a minha doutrina: ſe vòs a tendes,para que elles me deyxem,que ſou ſeu Meſtre, & vos ſigam a vòs, que o foſtes ſeu antigamente, eſta lhe podeis propor ſe vos parecer;& nam fazer força,porque he contra toda a razam fazer força,ſem moſtrar razaõ,para que ſe ſiga eſta, ou aquella ſeyta. Porèm perſiſtindo elles, em que a couſa ſe avia de acabar como tinha dito o ſeu Jogue mòr,diſſe o Padre,ſorrindo-ſe para o Jogue:Em verdade, que tẽdo vòs tam grande poder,que aſſim ordenais as couſas deſte Reyno,ſois agora o Senhor abſoluto delle; porèm vede lá o que fazeis, porque cuido, que ſe ſe puzer em execuçam,o que tendes dito,averà grande motim neſta Provincia.

24 Iſto diſſe o Padre alludindo,a que ſe prẽdeſſem os Chriſtãos, muytos deſpovoariam a terra, que he o que nam querem

os

os Mayſures, porque ſe lhes diminuem as rendas. Porèm o Executor entendendo as palavras a ſeu modo, diſſe: que o Padre fiado nos muytos diſcipulos, que tinha, os ameaçava com guerra; & levantando-ſe muy enfadado deo fim ao acto, em que averia ſangue derramado pela Fè, ſe o nam impedira hum grāde amigo dos Chriſtãos, porque tendo os Bramanes grande odio a Devaſabayam, por ſer Chriſtão, & defender a Ley de Deos, lhe quizeram dar vindo ſobre elle eſpadas, & paos em grande numero: mas nem a elle, nem ao Padre quiz Deos dar a gloria do martyrio, porque de ambos ſe queria ainda ſervir muyto.

CAPITVLO VII.

Continua a meſma perſeguiçam, & como finalmente ſe acabou.

1 SAhiram os Jogues daquelle ajuntamento, publicando por toda a terra, & Provincia, que diſputàraõ com os Meſtres dos Chriſtãos, & que os convencèram. Que eram homens ignorantes, que nada ſabiam; que para os deſterrar de todo ſó faltava a ſentença do Governador; por tanto andàram pedindo a todas as caſtas ſe ajuntaſſem com elles, para todos em hum corpo findarē eſte negocio. He de ſaber, que naquellas terras as caſtas ſam ao ſeu modo como as tribus entre a naçaõ Hebrea; por iſſo os de humas caſtas, naõ caſaõ com os das outras, & ha niſto muytas particularidades, que naõ ha, porque deter em as contar.

2 A eſte pregaõ dos Jogues ſe ajuntàraõ os principaes das caſtas, & repreſentàram ao Governador a grande façanha, que faria em deſterrar aos Meſtres dos Chriſtãos, que tantas afrontas tinham dito, & diziam cada dia dos ſeus deoſes. Tomou o Governador ſeu conſelho; & como os principaes, que lho aviam de dar, eram dous homens ambos amigos dos Chriſtãos, chamados Elapanayque, & Hariapaên, eſtes lhe diſſeram a grāde perda, que teria a fazenda Real, ſe deſterraſſe da Provincia aos Meſtres dos Chriſtãos; porque eſtes pelo grande amor, que tinham a ſeus Meſtres, ſe iriam com elles: & que ſendo tantos os Chriſtãos, & pagando tanto a el-Rey, o detrimento ſeria muy conſideravel. Por tanto, que naõ convinha bolir com elles por cauſa de dous Bramanes ſoberbos, & quatro Jogues pedintes, os quaes tinhaõ levātado aquella poeyra por reſpeyto das ſuas utilidades temporaes, das quaes nam tratava o Meſtre dos Chriſtãos: pois

como

como tinhaõ alcançado no discurso de tantos annos, sò tratava de encaminhar seus discipulos pelo caminho da virtude, sem ter os olhos em interesses.

3 Movido destas, & outras razoens de pezo, naõ fez o Governador, quanto os gentios queriam; sò lhes deo licença, para que se alguns de seus discipulos tivessem ouvido a Ley de Deos no tempo do seu governo, que eram sinco annos, lançassem mão delles, & os fizessem seguir suas seytas. Com esta resoluçaõ posto que ao principio ficàram alegres os Sectarios, quando depois viram, que no tempo, que lhes assignou o Governador, nenhum seu discipulo avia, que se tivesse feyto Christam, ficàram muy tristes, & amofinados. Mas como se viam favorecidos, resolveram-se a prender os que antes daquelle governo avia vinte & trinta annos se tinham convertido. Com elles usàram notaveis crueldades, & grandissimas insolencias.

4 O primeyro, que prendèraõ, foy hum Christão chamado Xacarey, homem jà de idade, & de officio mercador; este fora antes da seyta do Lingam, & os Sectarios deste idolo he que agora o prendèram, & com tal furia, que o despiram sem lhe deyxar cousa algũa sobre o corpo; nesta fórma o foraõ levando aos empuxoens com grandes injurias, & afrontas. Correo hũ Christam a dar conta ao Executor, nam estava este em casa, mas a hum seu filho, que fazia suas vezes, contoulhe quanto passava. Logo a seu mandado vieram os Jogues com o prezo na forma sobredita; quando o filho do Executor vio ao homem em tal desnudez, se envergonhou muyto; mandoulhe, que o compuzessem, depois lhe perguntou a causa da sua prizaõ.

5 Respondeo brevemente dizendo, que sendo de pouca idade trazia o Lingam, o qual tinha lançado fóra pelo nam prenderem como faziam a outros Jogues naquella Fortaleza por hum grande crime, em q̃ eram culpados. E que depois, quando tudo estava já quieto, o seu Grû (assim chamaõ os seus Mestres) lhe quizera outra vez atar o idolo ao pescoço, mas q̃ se deyxàra daquella devoçaõ, porq̃ o Jogue lhe pedia tãto para vinho, tãto para carne, & para outras cousas, aos quaes gastos naõ abrangiaõ as suas posses; & q̃ depois ouvira a Ley de Deos, & a recebèra, sem nisso gastar hũ sò real. Quando o filho do Executor ouvio fallar em vinho, & carne, (cousa abominavel entre os Mayores da seyta do Lingam) chamando aos Jogues de homens vis, & bayxos que com semelhantes comidas, & bebidas afrontavam a sua seyta, os mandou, que fossem logo de sua presença,

& largassem ao Christam. Deste modo ficou Xacarey livre; &
os Jogues envergonhados diante de muyta gente sem terem
boca para negar,o que lhes impunham ; por ser cousa muy or-
dinaria entre elles,comer carne,& fartarse de vinho,mostrando
no exterior grandes hipocresias, & santidades fingidas.

6 Os Sectarios de Vixnù prendèram no meyo da praça a
outro Christaõ por nome Canagapen , fizeram lhe muytas in-
jurias,à medida do grande odio, que lhe tinham,por ser o prin-
cipal dos Christãos , & por cujas santas industrias muytos na-
quella Fortaleza se tinhaõ convertido. Alèm de o espancarem
lhe atàram os braços atraz tam fortemente , que os cordeis se
lhe metèram pela carne , causandolhe gravissimas dores. Levà-
ram-no a casa do Grù mòr. Alli foy perguntado por sua doutri-
na,pelo terem naquella Cidade por Mestre dos Christãos. Deo-
lhe cabal razaõ ; porèm elle sem attender a ella , o teve vinte
dias em seu poder ; sem o bom velho se dobrar nem com pala-
vras,nem com alguns maos tratamentos , dizendo sempre que
antes largaria mil vidas , que a santa ley,que professava. Final-
mente foy solto , por nisso intervir Elapanayque , amigo dos
Christãos,como assima fica dito.

7 Andando Jogues,& Vixnuvitas tam desaforados, consi-
derou o Governador que com a sua dissimulaçaõ se desmanda-
vam demasiadamente; porque diziam , que haviam de matar o
Padre,& pòr o fogo à sua casa , & Igreja. Vendo digo todas es-
tas cousas mandou chamar ao Padre. Tres mezes avia , que a
perseguiçam andava acesa , na qual por intelligencias secretas
soube o Padre, q̃ o Executor,& os mais tinhaõ traçado tornar a
chamar ao Padre,& ao seu Bramane Devasabayam; & depois de
os espancar muy bem, tirar ao Bramane as suas insignias , que
consistem na linha que de tiracolo trazem ao hombro , & gade-
lha,que na cabeça trazem lançada para traz , & depois cauteri-
zallo em todo o corpo cõ hum ferro , a que chamaõ pè de caõ;
com o que fica hum Bramane lançado fóra da casta Bramaneica
sem mais nella poder entrar.

8 Antes que o Padre fosse chamado do Governador , com
cujo consentimento se aviam de executar os castigos referidos,
chamou o Padre ao seu Bramane,& posto que elle desejava pa-
decer aquella ignominia pela Ley de Deos , mostroulhe o Pa-
dre,que nam convinha naquella occasiaõ,na qual só bastava que
elle como Mestre de todos se expuzesse ao perigo pela confis-
saõ da ley,que prègava. Por tanto hum dia antes de ir fallar com

o Go-

o Governador, fez retirar ao Bramane fòra da terra. No dia seguinte por aviso do Governador, foy a fallar com elle. Estavam assim Governador, como Bramanes, & Jogues em hũa grãde sala capaz para as disputas, q̃ pertendiam fazer. Quando viram q̃ naõ vinha o Bramane cõ o Padre, ficáraõ muy sentidos, & mais que todos o Executor, por naõ poder nelle effeytuar, o que tinha disposto. Fez grandes diligencias pelo aver às mãos, mas todas foram de balde. Logo por mandado do Governador começáraõ a disputar com o Padre alguns Bramanes, ou para melhor dizer, a inquirir a doutrina, que ensinava, & com riso, & escarneo a vituperar os mysterios de nossa Sãta Fè, dos quaes tinhaõ noticia pelo livro do Catecismo, que tinhaõ em seu poder.

9 A tudo o Padre foy respondendo por sua ordem, engrãdecendo, & elevando a misericordia Divina, que nelles resplandece. Nenhuma das duas linguas Tamul, & Telungo entendia bem o Governador, mas sò praticava na sua Canarà, de que o Padre tinha pouca noticia. Esta era a causa, porque a cada cousa, que dizia o Padre, pedia interpretaçam aos adversarios, que humas vezes lha davam a seu modo, outras se calavam, & passavaõ com riso. Vendo o Padre que os Bramanes levavam a cousa pela facecia, em lingua Canará se explicou com o Governador, dizendo, que aquillo nam era disputar entre homens, que se prezavam de entendidos, nem era justo, que tantos fallassem contra hum só. E posto que elle quiz atalhar esta desordem, nunca o pode fazer: porque todos a huma vóz naõ tratando de provas, nem razoens, sahiam nos seus disbarates.

10 Tinha o Governador prezo a quatro Christãos, porque lhe tinham dito, que quebràram o idolo Lingam, & cantàram a cantiga, que assima dissemos. A estes mandou o Governador trazer da cadea, & lhes perguntou se era verdade, o que lhes imputham. A isto respondèram elles com grande animo, estarem innocentes, como jà outra vez tinham confessado diante do Governador, & como lhe persuadissem, que deyxassem a Fé, respondèram, que antes deyxariam a vida.

11 Entre estes quatro estava hum Catequista, a quem por ser poeta, em particular accusavam que fizera versos em desprezo dos seus deoses. Isto era falso, porque outro, que naõ estava naquella Provincia, fora o autor dos versos. Nem os versos cõtinham outra cousa, senaõ o que elles mesmos confessaõ dos seus deoses, convem a saber, que Xivem tem mulher, & que tem esta na cabeça, & na lingua; dizem della, que he tam corporea

como as outras; condenavam ao Poeta a curiosidade de averiguar como podia aquella Senhora estar sempre em taes partes daquelle Deos com a limpeza devida a tam grãde divindade.

12 A este Catequista perguntou o Governador algumas cousas de nossa Santa Fè; como este fosse naturalmente timido no fallar, outro que tinha acompanhado o Padre, mancebo de vinte, & sinco annos, & homem de grande fé, audaz, & eloquẽte, sahio do meyo da gente, & soldados, que assistiam; & animãdo ao outro Catequista, lhe disse, que fallasse confiado, pois nam tinha, que temer em confessar a Ley de Deos. Pois fallai vòs, disse aqui o Padre, que o Senhor Governador vos ouvirà, já que estes todos me naõ querem ouvir; & chamou ao Catequista para junto de si. Em o Governador o vendo se lhe affeyçoou por ser tam vivo, & esperto, & lhe disse, que nam temesse, mas fallasse com elle com toda a confiança. A isto respondeo o Catequista, que os Governadores das Respublicas eram como pays; sendo isto assim, que medo hey eu de ter na presença de Vossa Senhoria, que me trata como filho, & eu respeyto a Vossa Senhoria como pay? Dizẽdo isto, começou a fallar em Telungo, que era a sua lingua materna, por ser Badagà de casta, & a dizer as verdades da nossa Santa Fè pela ordem do Catecismo, com tanta intelligencia, & clareza como se fora hum grande letrado.

13 Gostava o Governador de o ouvir, dizendo ao seu Secretario, que era Bramane, & o Telungo lhe era tambem lingua natural, que lhe fosse interpretando, o que lhe dizia o Catequista. Isto fazia o Bramane com toda a fidelidade, comendo-se entretanto, & roendo-se os inimigos da Fè, que muyto a seu pezar estavam calados, assim por ser fiel o interprete, como porque o Governador dava attençaõ, & assenso às verdades, que ellas, se o entendimento està desapayxonado, dam-se bellamente com a razaõ, de quem sam filhas legitimas. Quando o Catequista chegou aó Mysterio da Encarnaçaõ, & Payxaõ de Christo, lhe explicou sua grande excellencia com a distinçam das duas naturezas divina, & humana em hum supposto, (do modo que isto se pòde explicar a hum gentio) mostrando, quanto nisto resplandeceo a misericordia, & justiça Divina.

14 Com esta pratica, posto que por respeyto dos inimigos sempre o Governador contradizia, ficou tam trocado, que disse, dando a final sentença: Todos os que quizerem ouvir a ley, que prèga este Saniàz Romano, o façam; sò os que trazem o Lingaõ, & estam ferrados com o sinal de Vixnu, nam tem licença para

iſſo ; & daqui por diante nam haja mais motins, mas cada hum viva em paz. Com eſta ſentença foy grande o ſentimento, que tiveraõ os inimigos da Cruz de Chriſto : porque o menos que eſperavam, era que o Padre foſſe deſterrado com ignominia, como o Governador tinha affirmado em publico , & fica dito. Tambem era grande a ſua magoa, porque bem ſabiam, que naquella Provincia os menos, que ouviam a Ley de Deos, eram, os que a ſentença do Governador excluhia.

15 Doendo-ſe elles muyto, que das unhas ſe lhe foſſe a preza; quando jà o Governador, & os mais eſtavam em pè, hum Jogue mancebo, atrevido, & denodado (diſſeram, que por mandado do Executor) ſe arremeçou ao Padre, & o prendeo , & com juramento lhe diſſe, que logo alli lhe entregaſſe mil idolos do Lingam, que tinha quebrado. Vendo o Governador tam grande inſolencia, com palavras pezadas, ſendo iſto o menos que merecia o Jogue, o lançou de ſua preſença; & encolerizado olhando para os mais, que via eſtavam ainda amotinados , lhes diſſe, que viſſem lâ, o que faziam , porque em lhe ſubindo a colera, a ninguem guardava reſpeyto. Dando com iſto a entender, que ſe entendeſſem com o Padre, os caſtigaria ſeveramente. Logo chamou a alguns ſoldados da ſua guarda, & lhes mandou acompanhaſſem o Padre atè ſua caſa , & aſſim o deſpedio com palavras brandas, & cortezes.

16 Tanto que o Padre ſe deſpedio do Governador, muytos Chriſtãos, que eſperavam o ſucceſſo , o foram acompanhando, ficando os gentios admirados, de que o Padre tiveſſe tantos diſcipulos naquella Fortaleza. Os inimigos diziam: Bem eſtavamos nòs, que eſte Saniàz he hum grande embaucador , que ſò com a viſta traſtorna , & muda os coraçoens dos homens: eiſaqui, atè agora o Governador eſtava por nòs, & moſtrava querer, quanto lhe pediamos , mas logo que eſte inimigo dos noſſos deoſes fallou com elle, o perverteo, & fez inimigo noſſo, & amigo ſeu.

17 Tinha o Executor dito ao Governador, que aquelles dous gentios, que aſſima diſſemos, eſtavam peytados pelo Padre, por tanto naõ deſſe credito aos ſeus ditos; por iſſo atè entam eſtavam calados por naõ confirmarem a opiniaõ do Executor, mas tanto que as couſas chegàram a eſte eſtado , Elápanayque teve huma larga pratica com o Governadore, m que lhe encareceo o grande comedimento com que ſempre o Saniàz Romano, & ſeus diſcipulos ſe tinham avido, pois ſendo tantos naquella

la terra, nunca fizeraõ motins, nem desordens; o que bem se vira naquella occasiaõ, em que o Padre com elle praticàra, pois naõ dissera huma só palavra contra seus emulos, tratando só com modestas razoens de descobrir a firmeza da sua ley: tudo com estylo bem diverso ao que seguiam os Jogues, & Bramanes das suas seytas, que tudo queriam levar às pancadas, sem respeyto algum aos Governadores, como elle mesmo experimentára. Depois foy desenovelando tudo quanto tinha passado antes diante do Executor, a muyta malicia deste homem, porque nunca deyxàra fallar ao Padre, dando por provadas quantas mentiras os Jogues lhe diziam. Achouse o Governador novo em muytas cousas, porque o Executor só lhe tinha dito, o que fazia ao seu negocio, & ficou perdendo o conceyto, que antes tinha da rectidam daquelle homem, de quem se tinha fiado, cuidando naõ faltaria á verdade, & justiça, que elle só quizera, & naõ afrontar aos innocentes.

18 Quam alegres ficàraõ os Christãos, tam tristes ficáram com este successo seus inimigos, vendo o pouco, cõ que se achavam depois de tres mezes de lida, & naõ com pequena despeza. Com tudo naõ desistiraõ. Logo no dia seguinte fizeram mayor motim, que os passados, tomando occasiam das palavras, que hum Christão avia dito a hum delles avia tres dias; das quaes naõ tinhaõ feyto caso, por julgarem naõ ser necessario puxar por cousas poucas, quando se davaõ por vencedores; mas agora vendo, que jà naõ avia por onde pegar, como naufragantes se lançavaõ a qualquer taboinha, cuidando, que assim se teriaõ mão contra a onda, que os sumergia.

19 Sahiraõ pois os aggravados, assim Jogues, como Vixnuvitas, todos em hum corpo armados, huns com suas armas ordinarias de tridentes, bastoens, & azagayas, outros com espada, & rodela, com os sinaes, que naquella terra usaõ, os que sahem apostados a morrer: que saõ alguns limoens pendentes do cabello da cabeça. Postos em som de guerra, fazendo grandes algazaras, tangendo trombetas, buzios, & atabales, foram assentar o arrayal junto da porta da Fortaleza, por onde o Governador costumava sahir; desde pela manhã atè Sol posto tinham persistido naquelle lugar, quando sahio o Governador a cavallo; tanto que os vio sem fazer caso delles, foy passando com sembrante carregado. Depois quando se recolheo parando junto da porta da Fortaleza, perguntou aos que o acompanhavaõ, que queria alli aquella gente junta. Disseram-lhe a causa. Entaõ hum Bramane

mane affeyçoado aos Christãos lhe disse: Senhor, o vir esta gente hoje amotinada, depois de Vossa Senhoria hontem compòr as cousas, naõ he motim que fazem contra o Saniàz Romano, senaõ contra Vossa Senhoria. Ouvindo isto o Governador mãdou logo com grande colera, que despejassem o posto: mostràram elles qualquer obstinaçaõ, como quem se naõ avia de ir, atè se lhe naõ dar alguma satisfaçam; mas vendo que nenhum caso se fazia delles, pouco a pouco se foraõ já alta noyte.

20 Naõ deyxàram porèm os Principaes a sua teyma. Logo essa noyte se foram ver com o Governador, & depois de varias queyxas lhe disseraõ, que para ficarem elles, & os seus deoses desafrõtados, era necessario entregarẽ lhe nas mãos o Saniàz Romano, ou desterrarem-no daquella Provincia. Nem huma cousa, nem outra hei de fazer, disse o Governador. Pois, respondèraõ elles, iremos ter com el-Rey, para quem appellamos. Com estas palavras ficou muy sentido o Governador, & com grande agastamento lhes disse: Ide logo, & vinde pela manhã, para levardes a carta, que escrevo a el-Rey sobre este negocio: & com isto os despedio.

21 Sabendo elle, que o Executor era, o que fomentava estas cousas para ver se podia por algum caminho sahir com a sua: como tinha recebido tam grossas peytas, parecialhe mal ficarse com ellas, & os Jogues sem o negocio feyto, poz a cousa em conselho, no qual, tirando o Executor, os mais eram affectos aos Christãos. Propoz elle, o q̃ os inimigos da Fè lhe tinhaõ pedido, & logo perguntou a cada hum o seu parecer na materia. Todos, & atè o Executor respondeo, que naõ era justo conceder, o que os Jogues pediam, nem que o negocio fosse à Corte del-Rey. Entam disse ao Executor: Se assim o entendeis, porque apadrinhais os Jogues, & aos mais, que com elles estam unidos, & tudo por grossas peytas, que vos tem dado? andai, fazei vosso officio, como deveis. Dizendo isto a modo de enfadado despedio a todos. Com esta reprehensaõ ficou o Executor tam sentido, que muytos dias se lhe vio no rosto a molestia do animo. Deo logo de mão aos apadrinhados, dizendolhes, que lhe naõ fallassem mais palavra em tal negocio.

22 Vendo os inimigos da Fé tam descahido ao seu protector, & ao Governador declarado contra elles, totalmente desmayàram. Mas considerando ser grande descredito seu assim o nam seguir a appellaçaõ à Corte, como sahirse elles da Fortaleza, ficando nella o Padre; para que todos vissem, que naõ desis-

tiam

tiam da empreza,se detiveram mais dous mezes: nos quaes foram notaveis as traças,& meyos,que buscàram, para sahir com a sua,ou ao menos ficar com alguma reputaçaõ dos povos, que se a perdessem, poderiam tirarlhes as esmolas ordinarias, por ficarem tam pouco ayrosos.

23 Jà que ao perto nam podiam dizer, que ficavaõ vencedores,ao longe em muytas partes espalhàram,que o eraõ,divulgando que tinham cortado a cabeça ao Saniáz Romano, & destruido em Satiamangalam a Ley de Deos. Por fim dos seus trabalhos duas cousas tratàram de alcançar, mas nem huma, nem outra lhes succedeo. A primeyra foy pertenderem,que o Governador mandasse ao Padre juntamente com elles á Corte, para onde tinhaõ appellado. O seu intento era tiraremlhe a vida no caminho; mas o Governador,que os entendeo, lhes disse,fossem elles primeyro,que depois elle mandaria ir o Padre. A segunda cousa foy, que o Padre se sahisse primeyro que elles da Fortaleza para hum lugar,que ficava perto da Provincia de outro Governador: para isto peytàram a hum grande da Corte,que fizesse com o Padre, que fosse para aquella povoaçaõ. Pertendiam com esta occasiaõ divulgar, que o Padre fugira delles por medo,& se ausentàra. Mandou aquelle grande fallar ao Padre com capa de ser isso mayor bem seu. Mas o Padre penetrando bem, aonde atirava este zelo, naõ fez caso do conselho, & se deyxou ficar em Satiamangalam.

24 Vendo os Jogues,& Bramanes, que nenhuma traça lhes succedia,desesperando de acabar, ou alli, ou na Corte cousa alguma em seu favor, pouco a pouco se retirráaõ para suas casas, dizendo mal de suas vidas, & de quem fora causa de tantas consumiçoens,& de tantos gastos, quantos sem proveyto fizeram. Depois de todos partio o seu famoso Xarangandi, quebrado com os demais,porque lhe naõ tinhaõ dado o dinheyro prometido,posto que o fizeraõ muy bem com elle perto de seis mezes, que alli esteve.

25 Deste modo se abonançàraõ os mares. Os Christãos ficàram muy alegres,& radicados mais na Fè, vendo com seus olhos como Deos nos apertos acode pelos seus, & os defende por meyos,& caminhos naõ imaginados do entendimento humano. Logo o Padre Andre Freyre passou para a Igreja de Canacavarey,que he a principal da Residencia,aonde com seus Christãos se alegrou,& deo graças a Deos por tam grande victoria; com a qual os gentios ficàraõ notavelmente humilhados, sem se atrever

ver a fallar contra a Ley de Deos. Naõ foy a colheyta este anno tam copiosa por causa da perseguiçaõ, mas ainda assim bautizou o Padre cento, & trinta, & sinco pessoas.

CAPITVLO VIII.

Referem-se outros trabalhos do Padre André Freyre.

1 TEndo o Padre Andre Freyre padecido muyto na perseguiçaõ referida, depois que às cousas se puzeram de bom ar, lhe foy preciso passar as terras do Malabar, aonde se deteve por hum anno, para tratar da impressaõ dos livros do Padre Roberto Nobili de boa memoria em lingua Tamul, tam proveytosos para os que aprendem esta lingua, & tratam da conversaõ desta gentilidade. Em Abril de mil seiscentos setenta, & quatro se recolheo para a sua Missaõ, levando cõsigo ao Veneravel Padre Joaõ de Brito, glorioso martyr do Senhor na Missaõ de Madurè: na qual foy excellente Missionario, como largamente refiro na vida, que delle escrevi: aonde tambem miudamente conto esta jornada, em que muyto padecèram estes dous servos de Deos. No Padre Freyre eram semelhantes jornadas muy antigas, & muytas, por isso naõ ha, porque aqui as escrever, na vida do Veneravel Padre Joaõ de Brito se pòde ver, que foy a primeyra, que fez aquelle ditoso homem, & como ensayo das muytas, que nos annos seguintes caminhou.

2 Por ser muyta, & muy espalhada a Christandade pertencente à Residencia de Coley no Reyno de Ginja, que he hum dos que se incluem na Missaõ de Madurè, se dividio em duas, na de Coley, & de Cornapatu. Na de Coley ficou o novo Missionario; na de Cornapatu ficou o Padre Andre Freyre, & a teve muytos annos à sua conta, & nella fez a Deos singulares serviços entre immensos trabalhos, que padeceo, andando de humas em outras Christandades.

3 No anno de 1678 teve lugar de ir consolar os Christãos de Vetavalam, que avia seis annos, & mais, que muytos delles se nam tinham confessado; porque as revoluçoens do Reyno nam davam lugar nem a elles irem a Cornapatu, nem ao Padre, ou a outros Missionarios chegarem àquella terra. Para nesta occasiam os consolar o Padre Freyre nam teve pequeno trabalho. Fez o caminho a pè em traje de pedinte, por evitar as injustiças,

&

& roubos,que se executavam,em quem parecia ter algum cabedal. Esteve quasi hum mez nos matos, aonde eram continuos os sustos,que cansavaõ os tigres,& porcos montezes. Naquellas brenhas,que ficavam lõge de povoado,o vieraõ buscar os Christãos: tambem alli vieraõ alguns gentios com suas familias,nos quaes o Padre achou singular benevolencia. Estes vendo o incõmodo com que estava, lhe offerecèram hum alpendre de pedra muy antigo,que estava dentro de hum arvoredo, para que naquelle lugar pudesse doutrinar a seus discipulos.

4 Agradeceolhe o Padre a offerta,& lhe deo bons conselhos; & a Deos as graças pelo favorecer por meyo dos mesmos gentios,& lhe offerecer lugar tam accõmodado, para poder acodir aos Christãos de castas inferiores. Naquelle lugar fez o Padre seu assento,em quanto naquellas partes se deteve. Padeceo alli com os mais,que o acompanhavam, grandes faltas do necessario. Alèm de se nam achar agua boa para beber, naõ achavam folhas de certa arvore que se comem cozidas, & servem para levar o arròz;tal era a seca,que consumia tudo. O mayor trabalho,que o Padre teve,foy ver o esquecimento de muytos Christãos nas materias da salvaçaõ. Foy necessario a elle,& a tres Catequistas, que comsigo tinha, gastar dias, & noytes em os instruir de novo. Alli bautizou a muytos Catecumenos, que os Catequistas tinhaõ instruido.

5 Depois passou o Padre a Xangamá na Provincia de Tirunamaley. De caminho parou em huma povoaçaõ governada por hum gentio principal, que com grande cortezia lhe tinha escrito,o quizesse ver, quando passasse para Xangamà. Alguns de seus parentes tinhaõ mostrado querer ouvir o Catecismo. Recebeo elle ao Padre com sinaes de grande benevolencia, fazendolhe reverencia como discipulo a Mestre lançado peyto por terra,como he estylo naquelles Reynos. Porèm o demonio malogrou estas boas esperanças por via de hum Jogue, ou Andi,que alli morava. Com elle disputou o Padre nos dias,que alli se deteve,mas sem fruto;porque sò disputou o Jogue para impugnar,naõ para conhecer a verdade. Com tudo continuou o Principe nas costumadas cortezias atè o Padre se despedir, & passar a Xangamà. Antes desta Fortaleza como duas legoas, & meya,em huma povoaçaõ chamada Viranam, achou huma cazinha dos Missionarios de Maysur, onde assistem, quando acodem àquelles Christãos em tempo, que o naõ podem fazer os Padres da Missaõ de Madurè.

6 Alli o vieraõ a visitar muytos Christãos seus conhecidos, que avia dez, & doze annos o naõ tinhaõ visto. Entre todos foy singular a devoçaõ de huma Christã enferma, que mal se podia mover, veyo sempre arrimada a outra pessoa, alèm disto deo hũa queda no caminho, com que ficou peyor, ferida, & maltratada. Confessou-se, & cõmungou, & depois teve alentos para se voltar para sua casa. Na volta de Xangamà visitou outras Christandades, em todas fez grandes serviços a Deos; que por serem cousas identicas, & do continuo exercicio dos Missionarios de Madurè, naõ ha porque as repetir.

7 Acompanhava Deos a prègaçaõ do Padre com cousas muy raras. Porque os demonios a cada passo eraõ lançados fóra dos corpos, onde moravaõ avia jà muytos annos. A fé dos Christãos era tambem extraordinaria. Tinha hum Christão huma lingua das que se achaõ na Ilha de Malta, em memoria do milagre da vibora que mordeo em S. Paulo. Em hum dos braços a trazia atada, tendo por certo, que nenhum bicho peçonhento o morderia. Certo dia vendo huma cobra peçonhenta, quiz mostrar aos circunstantes a grande virtude daquella lingua, & a fé, que nella tinha. Com grande animo com a mão, em que tinha a lingua, pegou da cobra pelo meyo; a qual sem morder, abayxando a cabeça, lhe andava correndo com a boca o braço; depois fez alguns sinaes de ter medo da mão, que a detinha; o que vendo o Christão a largou, & ella dahi a pouco morreo. Contãdo o mesmo Christão este caso ao Padre, elle lhe louvou a Fè, mas naõ louvou semelhantes provas sem dellas aver necessidade.

8 No anno de 1681. contava jà o Padre Andre Freyre vinte, & sinco annos de Missionario, todos elles passados entre lidas semelhantes ás que ficaõ referidas: & diz elle em huma carta sua, que ainda entam começava a aprender a ser Missionario, com assaz confusaõ sua, pois em tam largo tempo tinha trabalhado tam pouco. Isto diz de si este homem em tudo grande, que aos grandes servos de Deos, quanto mais fazem, tanto menos lhes parece ter feyto: naõ medem as suas obras pelos serviços passados, só olhaõ para o muyto que lhes falta que fazer; por essa razaõ sempre o seu muyto lhes parece nada. Tinhaõ os trabalhos metido jà em casa do Padre Freyre naõ poucos achaques; mas o seu espirito naõ se rendia às enfermidades do corpo.

9 Andando o Reyno de Ginja, & de Velur cheyo de mortes,

tes,& latrocinios, era preciso ao Padre andar sempre como fugido de humas em outras partes com grandissimas cautelas; pois nẽ a Bramanes se perdoava, sendo este peccado naquellas terras hum dos mais horrendos, que dizer se podem. Mas foy Deos servido, que no tempo das mayores revoluçoens fazendo trabalhosas jornadas, de todas escapou com vida.

10 Tornando a visitar os Christãos de Vetavalam, se agazalhou no alpendre de pedra, que assima dissemos lhe offerecèraõ os gentios. Neste lugar foy visitado por vezes de hum Bramane superintendente de algumas aldeas, homem lhano, & de bom natural; mas como o dos Bramanes os leva sempre a pedir, vendo este, que estavaõ dous em companhia do Padre Freyre, persuadio-se lhes dava bom salario pelo acompanharem. Quiz ver, se podia tirar do Padre alguma cousa, por tanto lhe mandou pedir huma esmola para hum Bramane de pouca idade, a quem queria lançar a linha da sua nobreza, em cujas ceremonias, & banquetes avia de fazer alguns gastos, que elle, como dizia, por caridade andava mendigando por pessoas virtuosas, como era o Padre. A isto lhe respondeo o Catequista, com quem elle fallou, que o Padre era mais pobre, do que elle imaginava: porque alèm de ser Religioso pobre de profissaõ, era tam penitente, que com as ervas do mato se contentava: & dizendo isto lhe mostrou humas bem agrestes, que elle, & o Padre tinhaõ alli perto colhido para cearem.

11 Este era alli o seu sustento, sendo grandes os sustos continuos da bicharia daquelles matos, em que ha muytos tigres, & outros animaes ferozes, cobras, & escorpioens peçonhentissimos: por isso de dia, & de noyte era necessario estar com boa companhia, & grande vigia para evitar estes assaltos, & perigos. Huma noyte foraõ os soçobros extraordinarios. Tinha o Padre comsigo sinco Christãos, que lhe faziam assistencia. Choveo sobre o alpendre tam desmedidamente, que alèm de os molhar dentro, lhes apagou o fogo, que fóra ardia sempre em lenha grossa. Ficando às escuras, se entrou no alpendre huma cobra, das que alli ha peçonhẽtissimas. Com o fuzilar dos relampagos a descobrio hum Catequista. Atemorizado gritou, & encheo a todos de pavor. Logo se sobresaltou outro Christaõ dizendo, que lhe puzera o pé em sima. Tratou-se de ferir fogo; em quãto este se feria, com outro relampago vio o Padre Freyre a cobra, que estava queda junto delle; mudouse o Padre para outra parte com os mais, & a cobra se sahio para fóra naõ esperando

pela luz,com que logo a buſcáram.

12 Eſtavaõ com a candea aceſa poſtos em vigia,por quã-to com a chuva os bichos ſe recolhem aos lugares enxutos. Quando em breve tempo vè o Padre vir direyto a ſi hum medonho eſcorpiaõ,a eſte matáram ſem dano de alguem. Aſſim ſe paſſou toda a noyte com aſſaz incómodo da chuva,tempeſtade, & dos bichos. Depois de confeſſar aquelles Chriſtãos, que por ſua muyta pobreza faziaõ grande compayxaõ ao Padre, caminhou para Xangamà. Neſta jornada ſahindo antemanhã de hũa povoaçaõ, com os que o acompanhavaõ, perdèraõ o caminho, & ſe foraõ meter em hum lugar de grandes, & agudos eſpinhos, dos quaes hum ſe meteo ao Padre em hum pè tam fortemente, que teve trabalho em o arrancar. Continuou a jornada aquelle dia,em que andou mais de ſinco legoas: mas como o pè hia tam moleſtado,inchou de ſorte, que muytos dias naõ pode dizer Miſſa. Eſtando neſta affliçaõ o conſolou o Senhor com a preſença do Padre Simaõ Gomes Miſſionario da Miſſaõ de Mayſur; o qual chegou a Veranamaõ, povoaçaõ, em que eſtava o Padre Freyre, & lhe ajudou a confeſſar os Chriſtãos de Xangamà.

13 Tanto que ſe achou melhorado, ſe voltou pelo meſmo caminho,por onde tinha ido. Ao ſahir da povoaçaõ, que eſtà junto das ſerras,teve grande perigo com a viſta de hum grande Urſo,mas foy Deos ſervido de o livrar de ſuas prezas. Em fim com grande moleſtia chegou a Xitanangur,porque com as jornadas ſe tinhaõ renovado as dores do pè. Poucas horas avia, que tinha entrado na povoaçaõ,quando chegou tambem alli hũ gentio, q̃ vinha em buſca do P. trazẽdo cõſigo ſua mulher. Era eſte gentio Mayoral da ſua povoaçaõ, muy conhecido pela devoçaõ,que tinha aos ſeus deoſes,a quem conſagràra templos, & altares, que lhe edificou. Pedio ao Padre, que lançaſſe de ſua mulher ao diabo,que dizia, avia annos, que era delle atormentada; & que para iſſo lhe dava licença para ouvir o Cateciſmo.

14 Ainda que as dores do pé, & o cançaſſo, cõ que chegàra, naõ davaõ lugar a praticas compridas, com tudo fez hũa áquelle cego gentio, moſtrandolhe o engano, em q̃ vivia, & o bem da eternidade, que havia de procurar, conhecendo ao verdadeyro Deos Creador do Ceo, & da terra. Com a pratica do Padre ſe reſolveo a ouvir tambem o Cateciſmo,porém como era o principal da ſua aldea,naõ davaõ os ſeus negocios lugar a tantas de-

 tenças.

tenças. Pedio ao Padre mandasse com elle a hum Catequista, para que a elle, & a sua mulher lhes dissesse o Catecismo. Assim o fez o Padre, entendendo tambem, que a mulher naõ era endemoninhada, porq naõ dava sinaes disso; & que elle de veras queria ser Christão. Em chegando a sua casa, na qual tinha alguns idolos, começou a dizer: Diabos fòra, diabos fòra. E dizendo, & fazendo deo com os idolos na rua. Vendo isto os filhos, & parentes, naõ he crivel o odio, que concebèraõ contra a Ley de Deos: porq hum escrivaõ, q tinha trato com os Fràcezes na sua feytoria de Pudicheri, sita nas prayas do mar de Ginja, disse, que aquella ley era a ley dos Pranguis, isto he, de gente vil, & bayxa; por tal tem a todos os Europeos. Deraõ valente bataria ao Catecumeno, que estava firme; o que vendo se amotinàram em hum corpo, dizendo, que se tal fazia, perderia toda a estimaçam, que tinha, & seria tido, & avido por bayxo, & vil. A estes ameaços se rendeo o pobre homem, dizendo ao Catequista, que convinha dilatar, que tẽdo mais opportuno tempo, elle em pessoa iria a Cornapatu a ouvir o Catecismo; palavra, que nunca cumprio, porque era daquelles, que diz o Euangelho, que crem por algum tempo, mas faltam no tempo da tentaçaõ. Tem aquelles barbaros para si, que quem segue huma ley de gente na sua opiniaõ vil, & bayxa, fica perdendo a nobreza, & fica taõ vil, como os que seguem a tal ley.

15 No anno de 1680. teve o Padre muytos divertimentos, pelos quaes naõ assistio tanto tempo na sua Residencia de Cornapatu. Hum delles foy a doença do Veneravel Padre Joaõ de Brito em Xolamandalam, a quem assistio atè melhorar. O outro foy acodir à Residencia do Padre Superior da Missaõ, como abayxo se dirà, depois de referir alguns serviços, que nesta sua Residencia fez a Deos, & trabalhos, que padeceo.

16 A Christandade que lhe ficava ao Norte da sua Residencia, por algum tempo naõ pode ser soccorrida por causa das guerras, que avia em todo aquelle paiz. Era a contenda entre dous Senhores vassallos do Rey de Ginja, sobre qual delles avia de ser guarda de algumas Provincias. Mas ouvindo o Padre, que as cousas estavam cõpostas, se resolveo no mez de Junho a acodir aos Christãos daquellas partes no celebre alpendre de que assima por vezes tenho fallado. Logo que chegou vieraõ concorrendo os Christãos, tinha jà administrado a muytos os Sacramentos, quando se renovou a guerra com dous exercitos em campo; porque os do governo deram licença aos dous emulos,

ave-

averiguassem a sua demanda por força de armas,com tanto que naõ fizessem mal aos povos.

17 Isto he o que se dizia, & o effeyto mostrou alguns dias estarem os dous exercitos só para brigar,& nam para fazer mal aos moradores. Mas emfim as cousas se mudàram de sorte, que naõ brigando os dous exercitos,hum delles se apartou dalli duas legoas; & dividindo-se em doze mangas de mosqueteyros, & piqueyros deram huma noyte de repente nas melhores doze povoaçoens daquella Provincia,nam só saqueando-as, mas matando a alguns, & cortando os narizes a outros. Quando isto succedia em huma povoaçam distante meya legoa do alpendre, estava nelle o Padre Freyre muy desasustado com os seus Christãos sem noticia alguma de tam grande revolta. No dia seguinte sobrevindo alguns Christãos,de vinte,que na povoaçaõ avia, contàraõ o succedido. Vendo o Padre tam proximo o perigo, julgàram alguns Christãos,que o Padre se devia logo pòr em lugar mais seguro; outros de mais animo sentiram o contrario, á cujo parecer se acostou por entam o Padre fiado mais em Deos, que nas diligencias humanas. Deteve-se mais alguns dias, mas vendo,que as terras do Norte todas estavaõ infestadas com estas guerras;deyxando por esta causa de acodir aos Christãos de Xengamà,& do Reyno de Velur,fez sua derrota para o Nacēre.

18 Nesta jornada foy grande o risco,& o trabalho, porque todos hiam com receyo de cahir nas mãos dos que saqueàram as povoaçoens,& tinhaõ cortado os narizes;por esta causa eraõ as jornadas mais compridas. Tiveraõ naquelle caminho grande falta de agua,& grande Sol,que para o Padre,como elle confessa,foy mayor tormento, que o da sede. Depois de naquelle dia andar perto de oyto legoas, chegou junto do Sol posto a huma Campina, que fica junto de huns montes, aonde lhe tinhaõ dito, que avia alguma agua. Resolveo-se com os companheyros ficar aquella noyte no campo só a fim de matar a sede, que os consumia. Paràram junto de hum charco de agua barrenta,que era a de que bebiam as povoaçoens vizinhas. Cozeram algum pouco de arròz, q̃ era o seu mais ordinario comer. De noyte em quanto huns repousavam, vigiavaõ outros, por causa dos Ursos,que na terra naõ faltaõ.

19 No dia seguinte livre jà dos perigos dos soldados, & do tormento da sede chegou a huma povoaçaõ chamada Cotamagalam,que era o fim da sua jornada para aquelle rumo. Tinhaõ lhe dito,que os moradores desejavam ouvir,& receber a Ley de

Deos: falloulhes, mas achou, que estavaõ jà de outro parecer: respondèraõ, que se achavam muy bem com os seus deoses, por tanto que os naõ aviam de deyxar. O intento do Padre a estes se dirigia naquella jornada, mas Deos o encaminhava à conversaõ de doze de castas bayxas, que alli abraçàram a Ley de Deos. Deyxandolhes hum Catequista, que os instruisse, chegou à sua Residencia, & lugar de Cornapatù.

20 Alli lhe trouxeram hum endemoninhado, que avia mais de trinta annos era atormentado, o Padre lhe fez os exorcismos, & o demonio o deyxou livre no corpo, & alma, porque se converteo, & bautizou. Hum hortelam gentio se sentio opprimido de huma grande dor, que dizia lhe atravessava o lado direyto de parte a parte, como se fora huma espada. Naõ achou remedio para esta dor, & se persuadio, que aquillo era algũ feytiço, cousa ordinaria naquellas terras, quando naõ obraõ as mesinhas. Como desesperado se foy por esse mundo seguindo-o a mulher nesta peregrinaçaõ. Em fim foy dar em huma Cidade, aonde os da seyta de Vixnu lhe metèram na cabeça, que para se livrar do diabo se fizesse da sua confraria. Assim o fez o pobre, mas as dores eram de cada vez mayores. Disseram-lhe ser necessario fazer todos juntos algumas deprecaçoens, em que avia de intervir algum custo, & gasto de dinheyro, que neste vam de ordinario parar as devoçoens dos Bramanes, & Jogues. Em tudo veyo o triste, gastando algum par de tostoens, que tinha para o seu sustento: porẽ as dores hiam por diante. Por fim de contas, ou mesinhas, lhe deram cauterios de fogo, com que o pobre desfaleceo naõ tendo alento para sofrer curas tam violentas; porèm o effeyto de tudo eram dores sobre dores.

21 Depois que tornou em si, abafando jà com elle os seus Medicos, porque nam avia dinheyro, que dar, fingiram naõ sey que sonhos tetricos para o lançar fóra de si, como fizeraõ: porq̃ o coytado se recolheo para sua casa dando ays em Ceo, & em terra. A sua boa fortuna esteve em passar por Cornapatù; cõtou a hum Christaõ a sua Iliada de molestias, elle lhe disse, que o remedio estava em ouvir a Ley de Deos. Contentoulhe o remedio, foy à Igreja, & logo experimentou que algumas mesinhas, que se lhe applicàraõ, succediam ao pedir de boca: & assim depois de alguns dias se vio livre daquellas dores, de sorte, que foy para sua terra trabalhar na sua horta como antes. Depois de alguns mezes de experiencia vendo o Padre sua fè, & a de sua mulher os bautizou. Bem creyo eu, que a virtude, que tirou as dores

res a este homem, foy mais a das mãos do Padre Freyre, que applicou as mesinhas, do q̃ a virtude das mesinhas applicadas; mas os servos de Deos sempre buscam causas muy diversas de si, quando obram maravilhas, por evitar qualquer genero de estimaçaõ propria, que dahi se pòde seguir.

CAPITVLO IX.

Continuam-se os trabalhos do Padre Andre Freyre, & sua morte.

1 NO anno de 1679 desde Fevereyro atè à Pascoa assistio o Padre Andre Freyre na Residencia de Varugapati, por assim lho ordenar o Padre Manoel Rodrigues Superior da Missaõ. Alli foy grande o concurso de Christãos, porque naõ eraõ só os da Residencia, mas os de outras confinantes, que estavam sem pastor. Nestas occasioens, dias, & noytes se lhe hiam em confessar; he trabalho este tam continuo, que só para elle he necessario serem os homens de brõze; mas Deos, que às poucas forças do corpo dà alentos superiores, lhe assistia para poder abranger a molestia tam excessiva.

2 Depois tendo noticia, que o Veneravel Padre Joaõ de Brito estava muyto mal tratado dos peytos em Catur, tudo por causa do extraordinario trabalho da Quaresma, lhe foy assistir, como costuma a caridade mutua dos Missionarios nestes casos. Depois de o deyxar melhorado, foy visitar a sua Christandade de Cornapatu; neste tempo lhe chegou ordem do Padre Provincial, em que o mandava visitar toda a Missaõ de Maduré. Atè o fim de Novembro gastou nestas peregrinaçoens visitando, & consolando seus ditosos companheyros. Alẽ dos trabalhos cõmuns, & faltas do necessario, que se experimentam nestas jornadas, em a Residencia de Nandavanam o livrou Deos de alguns perigos. Alli se achava, quando a terra começou a arder em guerra viva; por esta causa elle com mais dous Missionarios se retiràraõ para huma Ermida com sua casinha, que para semelhantes apertos tinha feyto no mais interior dos matos o Padre Domingos de Almeyda, que corria com aquella Residencia.

3 Padeceo alli grande falta do alimento preciso, pois se naõ podia achar hum pouco de arrõz, nem folhas de certas arvores, de que tambem se ajudam a sustentar os naturaes. Estando nesta

pequena habitaçam todos tres, se levantou tam desmedida tormenta, q descõpoz as casas de toda a Aldea,& quasi arruinou a casinha,em que os Padres estavam. Depois que amanheceo,descobriram melhor o seu perigo; viraõ todas as paredes,que eram de terra,abertas,& rendidas por varias partes. Com grande trabalho lhe acudiraõ cõ alguns espeques,& amaynando a tempestade ficáraõ livres do perigo, que corriaõ,de lhe cahir em sima. E se viesse abayxo,difficultosamente teriaõ,onde se abrigar.

4 Nos fins de Novembro voltou o Padre para Varugapati,sempre no caminho com grandes sobresaltos de cahir nas mãos dos Mouros,que infestavaõ tudo com guerra. Tambem lhe deo grande trabalho a passagem do rio Cavêri,que difficultosamente se podia vadear. Logo que chegou foy tanto o cõcurso de Cõfissoens,como se fosse tempo de Quaresma. No espaço de hum mez confessou duas mil pessoas. Celebrou a festa do Natal com grande solemnidade. Depois continuou assistindo ao Confessionario com a mesma tezidam, sem dar tregoas ao trabalho, por acudir àquelles pobres Christãos, que com naõ pequena molestia tinhaõ vindo de longe, & muytos delles com os filhinhos nos braços,para lhos bautizarem.

5 Estando assim confessando dia dos Innocentes pela manhã a mais de cento sincoenta pessoas, tendo de noyte dado expediçaõ a grande parte delles,correo huma voz, que os Mouros tinhaõ passado o rio Colaraõ, & que vinhaõ saqueando toda aquella Provincia. A todos atemorizou esta nova por naõ distar o rio mais de huma legoa,& naõ avia lugar de escapar ao inimigo,que nos cavallos vinha como voando. Cadaqual tratou logo de se pòr em cobro;& o Padre de salvar as alfayas da Igreja, & de se retirar para a Residencia de Cutur; desconsolado por naõ ter lugar de administrar os Sacramentos a tantos Christãos,que os desejavaõ, como a terra sequiosa deseja as chuvas, que a refresquem,& fertilizem.

6 Antes da Quaresma de 1680. tornou o Padre para Varugapati. No caminho teve novas em como a sua casa, & Igreja foraõ saqueadas por mandado do Regulo Senhor da Provincia, & muytos dos Christãos foraõ prezos, & espancados. Com estas novas foy continuando o caminho, & chegando a huma povoaçaõ mais visinha à sua Igreja soube dos Christãos serem certas as novas. Alguns gentios de Varugapati tinhaõ accusado ao Padre,& Catequistas, de que tinham muyto ouro, & riquezas, & panos de seda, & que tudo estava naquella casa,& que o the-

sou-

ſoureyro era o Catequiſta; que ſe o prendeſſem, deſcobriria tudo. Veyo hum Bramane para fazer a execuçaõ; & como ſe entendeo, queria tambem prender os Chriſtãos, que ſe ajuntavam alli a fazer ſuas devoçoens, por iſſo tanto que chegou, diſſimulou ſeus intentos, atè ſe ajuntarem. Naõ faltou entre os gentios, quem deo ponto ao Catequiſta, o qual por conſelho de alguns Chriſtãos ſe poz em ſeguro. Como o Bramane vio, que o Catequiſta lhe eſcapàra, prendeolhe a familia, & aos Chriſtãos da Aldea. Depois arrombàram a porta da caſinha do Padre, para tirarem os theſouros. Todos elles vinham a ſer, hum pouco de arròz em huma panela, & em outra algum azeyte da Igreja, as taboas com algumas pelles de Veado, em que o Padre ſe coſtumava deytar, huns livrinhos do Catequiſta, & hum pano uſado. Como naõ achàram mais cabedaes, nem quem delles lhes deſſe noticia, por naõ irem ſem alguma couſa, multàraõ aos Chriſtãos em vinte, & tantas patacas.

7 Ficàram os pobretes atemorizados com eſta vexaçaõ, & o P. muy ſentido por naõ poder aſſiſtir naquelle lugar, que para os ſeus miniſterios lhe fazia grande commodo. Dalli pouco mais de huma legoa certo Chriſtam tinha feyto em huma horta ſua huma pequena Ermida. Reſolveo-ſe o Padre a ficar nella, para ao menos acodir a alguns Chriſtãos de caſtas nobres, porque os das caſtas inferiores por muytas razoens naõ podiaõ ir àquelle poſto. Naõ chegava alli a guerra, por iſſo teve lugar de aſſiſtir com quietaçam. Vieram a ſe confeſſar Chriſtãos de varias partes; & foy o trabalho do Padre inexplicavel. Deſte trabalho, da incomodidade do lugar, & da roim agua experimentou grandes moleſtias da dor de pedra, & outros achaques, os quaes o obrigàram a ſe retirar para Cutur. Nos fins do anno de 1681. & nos primeyros mezes do anno de 1682. teve o Padre André Freyre graviſſimos accidentes do mal de pedra, de que padeceo dores vehementiſſimas, querendo Deos provar a eſte ſeu ſervo naõ ſó com trabalhos, mas tambem com enfermidades.

8 Em Março de 1682. lhe foy preciſo acodir outra vez à Reſidencia de Varugapati, porque o Padre, que a tinha a ſeu cargo, ſe retirou por cauſa das guerras, & naquelle tempo eſtava muy doente. Nella aſſiſtio o Padre Freyre aliviado de ſeus achaques, que de outro modo ſeria impoſſivel poder com o trabalho ordinario, que era quaſi incrivel. As confiſſoens (ſaõ palavras do meſmo Padre) que aqui ouve foraõ ſem conto; porque alèm dos muytos Chriſtãos deſta Reſidencia concorrèraõ tam-

 bem

bem a ella os de Tricherapali,& Tanjaor, por lhes ficar o passo mais livre para aqui por razaõ das guerras. E naõ cessando as confissoens em todo o discurso do anno,como se fora Quaresma; só des-da somana da Payxam atè a ultima do tempo Pascal fiz mais de sinco mil confissoens, sendo-me necessario muytas vezes frequentar o Confessionario grande parte da noyte, por se lhes naõ poder dar expediçaõ só com a assistencia nelle de dia. Pois que direi dos bautismos, que aqui ouve pertencentes a esta Residencia? quando a ella cheguei no fim de Março,achey tinha o Padre bautizado no principio de Janeyro, em que despovoou,só a sete pessoas,& com estas foram as que se bautizàraõ alli atè o fim do anno mil sincoenta,& huma,que foram muytas para gloria de Deos, & confusaõ do diabo, ao qual esta povoaçam de Varugapati,em que assistimos com casa, & Igreja, està applicada,para de suas rendas se sustẽtarem os ministros de hum Pagode celebre,que fica na Provincia de Tricherapali. Estas as palavras do mesmo Padre.Bem se deyxa ver,que sendo tal o trabalho,& o corpo gastado, & consumido sem ter outro alimento mais que hum pouco de arròz cozido com ervas em agua pura, naõ se podia com tanto pezo, se o Espirito Santo naõ assistisse com seus especiaes alentos, & desse fortaleza a este barro debil em que vivemos,para que pudesse aturar a lida,que poderia render bronzes. Por certo, que estes exemplos saõ de grande confusaõ a todos aquelles,que em assistindo duas horas em hũ Confessionario,& isso de vez em quãdo,cuydam que tem feyto actos heroycos, & merecido muy bem o paõ, que lhes deyxàram os fundadores das casas,em que moram.

9 Alèm desta Igreja de Varugapati tem esta Residencia mais quatro;em duas assistio o Padre, em cada huma,cousa de hum mez,sendo o trabalho em tudo semelhãte ao referido. Cõsolava-se muyto vendo o fervor dos Christãos, que alli concorriam de duas,& tres jornadas de caminho, sem repararem nos perigos,& nas distancias,& mais incomodos. Estando nesta santa occupaçaõ,jà entrado o mez de Outubro lhe foy preciso chegar a Cutur,que dista tres dias de caminho; fez esta jornada a pè com grande trabalho, porque em algumas partes por causa das muytas chuvas mal se podia andar a pè; & em outras por nam ter chovido,nem agua achava para beber. O fim da jornada era receber aos Padres Jeronymo Telles,& Luis de Mello, que de novo vinham para a Missaõ. O desejo de ver,& se consolar com seus Irmãos lhe fez suavissimo qualquer trabalho,& todo o deo

por

por bem empregado. Oxalà, diz o meſmo Padre, que ſe reſolveſſem muytos a vir com elles, que eu ainda que fora de mais lõge, & com mayor trabalho, do que naquella occaſiaõ tive, os iria buſcar com muyto goſto. Depois de me recrear alli com ſua preſença alguns dias em o Senhor, voltei para eſta povoaçaõ, aonde no exercicio referido aſſiſti atè o fim do anno.

10 No tempo, que o Padre alli eſteve, nam deyxou de ter ſuas perturbaçoens, porque dous Senhores ſugeytos ao Nayque, ou Rey de Madurè, tiveram entre ſi algumas deſavenças, ſobre qual delles avia de ter o lucro de ſer Guarda de Varugapati. Como cada qual ſem attender à razaõ tratava o negocio por armas, a terra ſe pòz em arma fazendo ſeus fortins, & outros reparos. Neſte tempo teve o Padre occaſiaõ de fallar a ambos os Capitaens daquelles Senhores, que litigavam. O primeyro que era homem de boa indole praticando com o Padre diante de alguns Bramanes, & ſoldados, que o acompanhavam, quiz ſaber a verdade da primeyra cauſa, & do principio dos ſeus deoſes: o Padre lhe provou com razoens naturaes, & com o que elles dizem em ſuas hiſtorias, que ſó a primeyra cauſa he Deos, & os ſeus deoſes o naõ ſaõ. Moſtrou que lhe contentava a doutrina, & ſe deſpedio com agrado. E depois de ſe apartar do Padre fallando entre os ſeus ajuntou outras razoens tiradas das ſuas ſeytas, com que confirmou as verdades, que ouvira ao Padre. Mas ficouſe ſó com o conhecimento dellas para mayor ſua condenaçaõ.

11 O ſegundo Capitam, que era mais entendido, praticou menos com o Padre; mas bem inteirado da doutrina, & modo de proceder do Padre, de que alguns mezes antes o tinha informado hum Catequiſta, em nada o incomodou, ſendo elle o que ficou com o governo da povoaçaõ: antes de boa vontade dava licença aos ſoldados Chriſtãos, quando lha pediam para aſſiſtir na ſua Igreja. Trabalhando cõ outros nas obras daquella Igreja hum mancebo gentio de boa familia ſe reſolveo a ſeguir a Ley de Deos. Sabendo iſto o pay, que era tambem gentio, veyo logo à Igreja para o diſſuadir. Falloulhe o Padre com boas palavras, & razoens efficazes. Por nada deo o gentio, que eſtava mais bravo, que huma aſſanhada fera. Levado entam o Padre do zelo da honra de Deos lhe diſſe: Que Deos o havia de caſtigar pelo grave peccado, que cõmettia, em deſviar a ſeu filho do caminho da ſalvaçaõ: ditas eſtas palavras ſe recolheo o Padre para caſa, & o gentio por força levou comſigo ao filho: o qual

nunca

nunca desistio de seus intentos.

12 Naõ faltou Deos em cumprir a palavra do seu servo em castigar ao pay; porque naõ estando elle em casa, lhe cahio nella hum rayo, que a abrazou com tudo, quanto estava dentro della. Naõ abrio elle cõ tão evidẽte castigo os olhos; antes vẽdo, que nada podia effeytuar com o filho, quiz por companheyro a hũ seu genro tam perverso como elle: o qual nam podendo com palavras dobrar o cunhado, o entregou ao Maniagar, ou justiça da povoaçaõ, para que o fizesse retroceder. Como este visse, que nada faziam as palavras, passou às obras: mandou q̃ fosse cruelmente açoutado. Nada obràram os açoutes. Ordenou, que o metessem no carcere, & os pès no cepo. Assim o executáram, apertandolhe os pès tam fortemente com cunhas, que lhe inchàraõ muyto, & com dor excessiva. Cómo visse o Maniagar, que se cansava de balde, o mandou soltar, dizendolhe: Que vivesse na ley, que quizesse. Assim carregado de victorias se foy à Igreja, & depois de bem instruido, foy bautizado pelo Padre com a consolaçaõ, que bem se deyxa ver. Procedeo este mancebo dahi por diante como homem muy assistido de Deos. Para que o castigo, que o Padre ameaçou, naõ parasse só no pay, tambem abrangeo ao cunhado, porque dentro de poucos dias foy prezo pelos Ministros del-Rey; & esbulhado de quanto tinha de seu, ficou pobre, & miseravel.

13 Além de outras cousas foy ao Padre, & aos mais Christãos de singular consolaçaõ o favor, que a Virgem fez a huma Christã mulher de hum ferreyro. Estando pejada, & enferma a foy o Padre confessar; como a enfermidade era trabalhosa, tambem o foy o parto, pois nam só morreo o filho, que pario, mas ella ficou às portas da morte, & ninguem duvidava, que morreria, segundo estava destituida de seus sentidos. Neste tempo foy levada em visaõ a hum espaçoso campo, no principio do qual vio profundezas, & lugares medonhos, aonde se padeciam grandes tormentos. Depois vio a sua sepultura, & mais avante huns paços de tam grande perfeyçam, & artificio, que dizia, naõ aver neste mundo cousa, com que se pudessem comparar. Neste lugar lhe appareceo a Senhora em hum throno de immensa Magestade, & lhe disse, que se fosse, que nam era ainda tempo de ficar alli, que dahi a seis annos avia de morrer; & que para a doença, que tinha, colhesse taes, & taes ervas do campo, com as quaes ficaria sãa. Neste tempo despertou a enferma, que jazia mais morta, que viva, sem experimentar as dores, que antes a aperta-

apertavam: & como estivesse sãa, referio tudo a seu marido; & lhe pedio, que lhe fosse colher as ervas medicinaes, que a Virgẽ Senhora lhe ensinára, para cobrar de todo saude. Succedendo isto de noyte, logo pela manhã se levantou a tratar de sua casa, & familia com grande admiraçam de todos; & mais, quando viram, que tomando aquellas ervas moidas, ficára de todo sãa: porque naõ era mesinha, que se costumasse applicar a semelhãte mal, nem que para outras enfermidades se busque por cousa rara. Tudo como fica dito referio ella ao P. Andre Freyre, & dali por diante se mostrou muy agradecida à Virgẽ Mãy, visitando-a repetidas vezes na Igreja. Naõ me veyo à noticia a morte desta Christã; mas como o effeyto mostrou, em parte ser verdade, o que dizia, sem duvida o seria tambem quanto à morte, daquelle tempo a seis annos.

14 Moveo o Nayque, ou Regulo de Madurẽ huma terrivel perseguiçaõ cõtra os Christãos, nella foy prezo o P. Andre Freyre, & atormentado cruelmente. Porém Deos castigou brevemente ao tyranno, porque hum seu inimigo lhe cortou a cabeça. Naõ acho escritas as miudezas desta perseguiçaõ, & martyrios do Padre Andre Freyre, por isso a nam refiro com mais distinçam. Este bom Padre depois de tantos annos de Missam foy Provincial do Malabar. Acabado este governo ficou em huma Igreja da Costa da Pescaria. Alli lhe sobreveyo hũa erisipela na cabeça, da qual acabou seus ditosos dias com morte de santo. Por sua cãdidez assim de costumes como de cans lhe chamavam os Padres Missionarios Pombinha. E assim o Padre què lhe assistio à morte, escrevendo ao Veneravel Padre Joaõ de Brito dizia: O nosso Pombinha com santo, & ditoso transito voou ao Ceo. Tinha el-Rey nomeado a este santo velho por Arcebispo de Cranganor, ou dos Christãos da Serra, chegàraõ-lhe as letras depois de sua morte, cujo anno, mez, & dia nam pude saber.

CAPITVLO X.

Memorias dos Padres Balthezar da Rocha, Aleyxo Coelho, & Manoel Rodrigues.

1 O Padre Balthezar da Rocha nasceo na Villa do Vimieyro do Arcebispado de Evora; seus pays se chamavaõ Diogo Piteyra, & Anna Vidigal. Sẽdo estudante do primeyro Curso da Universidade de Evora, entrou na Companhia Em Macao 30. de Março de 1694.

aos

aos 16. de Fevereyro de 1650. tinha jà dezanove annos de idade. No anno de 1655. passou à India para gastar o restante da vida na salvaçaõ das almas. Era o Padre Balthezar da Rocha homem de grandes talentos, em especial para o pulpito, no qual honrou muyto a Companhia na Cidade de Macao, & nella a servio em todas as cousas de credito, & augmento seu, & bem dos proximos.

2 No anno de 1669. passou a Tunquim a tomar as alturas ao estado daquella Missaõ, que estava muy desemparada, por causa de serem desterrados della os Padres da Companhia. No anno de 1660. sabendo o Rey, que muytos milhares de seus Vassallos eram Christãos, & receando por isso perder o Reyno, sàhio cõ hũ decreto, pelo qual prohibia a Ley de Deos no seus estados, & desterrou delles a tres Padres da Companhia, que assistiam na sua Corte. Eraõ estes os Padres Onufrio Borges Italiano, o Padre Pedro Albiene, & Joseph Tissanver Francezes. Sendo estes Padres desterrados para Batavia, principal praça dos Olandezes, ficou a Missaõ sem Padres, mas bem provida de Catequistas da Cõpanhia para consolaçaõ da Christandade, em quãto durava a perseguiçam.

3 Foraõ os Padres payrando com a tormenta, esperando que amaynasse, & desse lugar, a que voltassem a Tunquim, para restaurar de novo, & alentar a Christandade. Anticipouse a entrar naquelle Reyno hum Clerigo Francèz chamado Frãcisco Deidier, vindo alli de Siam. Para trazer a si os Catequistas, & Igrejas da Companhia, se fingio Padre da Companhia, tomando o barrete redondo, de que usaõ os Padres Portuguezes. Com este fingimento grangeou o sequito da Christandade. Vendo porèm depois os Christãos, que este Missionario naõ guardava a modestia, que reconheciaõ nos Padres da Companhia, entràram em desconfiança; & tiveraõ para isso muytos fundamentos no desafogo do Clerigo: pois como qualquer soldado sahindo ao publico na Corte, dava carreyras a cavallo, ostentando bizarrias: as quaes tambem ostentava no meneo das armas, como se professasse ser Mestre de esgrima. Outras vezes sahia ao campo com a sua espingarda, a se desenfadar na caça das aves. Destas cousas se escandalizàraõ muyto os Christãos, & se começàram a afastar do seu trato; conhecéram finalmente o engano, em que estavaõ, quando o bom Clerigo começou a dizer mil males dos Padres da Companhia, a quem os Christãos, como a seus primeyros Mestres, amavam, & veneravam.

4 Estan-

4 Estando a Missaõ neste estado em Abril de 1669. em hum barco de Macao chegáram a Tunquim quatro da Companhia, os Padres Balthezar da Rocha, o Padre Domingos Fuciti Napolitano, o Padre Filippe Fiesqui Genovez, & o Irmaõ Ignacio Martins Tũquim de Naçaõ. Os Padres Rocha, & Fiesqui hiam no vestido ordinario, por isso foram logo conhecidos por Padres da Companhia. O Padre Fuciti, & Irmaõ Ignacio hiaõ disfarçados; & assim puderaõ occultamente meterse pela terra a dentro, & ficar entre os Christãos.

5 Os dous Padres Rocha, & Fiesqui naõ foram admittidos del-Rey, antes mandou queymar em publico os ornamentos sagrados, veronicas, contas, Imagens, & livros sagrados, que se lhe achàram. Em quanto o barco naõ voltava, estiveraõ os dous Padres por ordem del-Rey como em prizaõ em huma casa honrada, aonde o hospede os tratou benigna, & cortesmente. Alli eram dous Padres visitados muy frequentemente dos Christãos; & como naõ podiaõ manifestar seu coraçaõ com palavras, porquanto os Padres naõ sabiam a sua lingua, gastavam muytas horas com os Padres chorando, & suspirando.

6 Quizeraõ os Padres pelo menos consolallos com o Santo Sacrificio da Missa, mas nem isso puderam, por nem terem Missal, nem ornamentos: os ornamentos poderiaõ facilmente suprir; & porque no mesmo tempo tinha chegado àquelle porto hum Bispo Francèz, grande inimigo da Companhia, de cujas disposiçoens se seguiram lamentaveis desordens naquella Christandade, os Padres lhe mandàram pedir emprestado hum Missal, ou pelo menos os deyxasse tresladar huma Missa para consolarem os Christãos. Respondeo, que naõ queria. Naõ me pertence por hora referir o muyto, que este Bispo procurou infamar a Companhia para nos desaffeyçoar os Christãos, publicou de nòs hum libello infamatorio, com que muyto escandalizou aquella Christandade, que sabia muy bem a nossa innocencia. Deo ordens a muytos Tunquins homens idiotas, que fizeram o que de taes Sacerdotes se podia esperar. O Padre Balthezar da Rocha, & seu cõpanheyro, logo que chegou o tempo da mõçaõ se partiram para Macao.

7 Viveo este Padre os mais dos annos em Macao, por ser alli sua assistencia de muyto proveyto assim pela excellencia, com que autorizava os pulpitos, como tambem para com o seu conselho, & letras aproveytar ao proximo. No prègar era solido, ordenando seus discursos sò à reforma dos costumes, & nam a

vaons applausos dos ouvintes,que nẽ por isso o applaudiaõ menos. Veyo a Roma por Procurador da sua Provincia, voltou a ella; pediolhe o Bispo, que quizesse instruir aos seus Clerigos lendolhe moral; nam se escusou desta occupaçaõ, na qual aproveytou muyto a seus ouvintes. Era homem de solidas virtudes, & cheyo de merecimentos morreo santamente em Macáo aos 30. de Março de 1694. Sua morte foy geralmente sentida de toda a Cidade, & nella ouve grãde concurso de toda a sorte de gẽte. Os Clerigos tomàram à sua conta celebrarem suas exequias, & o fizeraõ em agradecimento do que deviam a este bom Padre, de quemtinhaõ recebido tam santa doutrina.

Padre Aleyxo Coelho.

8 O Padre Aleyxo Coelho nasceo na Villa de Viana de Alentejo; tendo dezoyto annos de idade entrou na Companhia em Evora aos 20. de Novembro de 1643. no anno de 1672. tendo já vinte, & oyto annos de Companhia se dedicou a servir a Deos nas Missoens da Provincia de Japaõ. Assistio muytos annos no Reyno de Siam, & no de Camboja. Em hum, & outro fez a Deos muytos serviços. Hum caso notavel fez notoria sua virtude, & santos costumes.

9 O Capitaõ mòr dos Portuguezes, que assistem em Camboja, sofrendo mal os avisos santos, que este bom Padre lhe dava para emendar sua mà vida, tratou de o infamar, & sendo já o Padre Aleyxo homem de 70. annos lhe quiz impor cousas naõ só alheyas da sua virtude, mas da sua idade. Quiz fazer o seu dito crivel cõ certidoens de outros homens tal como elle. Estava actualmente tirando as taes certidoens, quando entrou no seu tribunal hum gallo branco incognito, saltou na mesa, & com o bico, & esporoens desfez toda a papelada, em que se escreviaõ os falsos testimunhos contra a innocencia do Padre Aleyxo Coelho, ficando o homem assombrado de cousa tam estranha, mas como era peccador envelhecido, nos seus desatinos, & má vida, nenhuma emenda pòz nella a vista de tal aviso.

10 Mas brevemente o castigou Deos com huma morte impenitente. Foy este homem ao Reyno de Siam alli adoeceo mortalmente; hum seu filho chamou logo ao Padre Gaspar da Costa da Companhia, para que o confessasse. Eutrou o Padre, mas naõ lhe pode tirar da boca outra palavra senaõ a do Corvo; replicou o Padre propondolhe o seu perigo, & que poderia succeder naõ chegar á manhã. Porèm nenhumas razoens bastàram para o tirar da sua obstinaçaõ. Foy chamado o Padre Antonio Dias tambem da Companhia, & da mesma sorte respondeo

pondeo com o seu, á manhã. Assim mesmo chamàraõ a hum Religioso Agostinho, que teve a mesma reposta do enfermo. Finalmente chegoulhe a ultima hora, na qual acodindo o Padre Antonio Dias entre as lutas, & ancias da morte com que jà lidava, como desse huns taes, ou quaes sinaes, que davaõ ao Confessor qualquer fundamento para usar de opinioens provaveis, o absolveo *sub conditione*, & assim espirou com poucos sinaes de salvaçaõ.

11 Tambem pertenceo a esta parte do Oriente o Padre Manoel Rodrigues, por quanto nelle viveo os ultimos annos de sua vida, & nelle morreo. Ouve na India muytos Padres da Cõpanhia deste mesmo nome, & delles alguns foram homens de grande ser. Este de que escrevo foy homem em que as letras, virtude, fervor Apostolico se deram as mãos, & he cousa sem duvida, poderiam suas virtudes dar materia a larga escritura, se me viessem á mão Mas com recolher o que acho, satisfaço ao desejo, que me acompanha de eternizar as virtudes de meus Irmãos, & poderá succeder, que este meu pouco desperte a algum, que alcance noticias plenas destes homens, & que as tire a luz, que naõ serà pequeno lucro, & premio deste meu pequeno trabalho.

12 O Padre Manoel Rodrigues nasceo na Villa de Souzel no Arcebispado de Evora. Dezoyto annos tinha de idade, era estudante do primeyro Curso, quando entrou na Companhia em Evora aos 23. de Fevereyro de 1658. Os pays, que tam honrado filho nos deraõ, se chamavaõ Manoel Rodrigues, & Maria Alveres. No anno de 1667. se embarcou para a India aos 27. de Abril na nao chamada Saõ Bento. Hia destinado para a Provincia de Goa, & nella trabalhou incansavelmente na Missaõ do Reyno de Mayssur.

13 Na relaçaõ sũmaria, que faz das Missoens, que a Companhia tem no Oriente, o Padre Gaspar Affonso, que morreo Bispo de S. Thomè, referindo os sugeytos, que cultivàraõ a Missaõ de Mayssur, diz assim: Seja o primeyro o Padre Manoel Rodrigues natural de Souzel em Alentejo, de 45. annos de idade, & quinze de Missaõ, sugeyto em tudo cabal; assistente na Residencia de Cancanali, a que estam annexas tres Igrejas, onde o Padre com grande zelo se occupa, assim em converter gentios, & doutrinar Christãos, como em compor, & traduzir livros na lingua Canarà para mayor bem da Missaõ. He excellente Theologo, & sendo rogado para ler em Goa Theologia, mais

quiz os trabalhos da Miſſaõ, que os luſtres da cadeyra, tendo por melhor a da Cruz. Atè aqui eſte virtuoſo Padre, que em poucas palavras diſſe, quanto baſta para ſe entender, quam avantajado em tudo foſſe o Padre Manoel Rodrigues.

14 Eſtando elle em Mayſſur ſuccedeo huma fome cruelisſima, porque durou annos continuados, & nella acontecèraõ todas as eſtranhezas, que eſta fatalidade traz comſigo. Do que neſta occaſiaõ obrou o Padre Manoel Rodrigues, acho eſcrito o ſeguinte. Muyto obrou (diz o Padre que eſcreve as couſas daquelle anno) neſta occaſiaõ a grande caridade do Padre Manoel Rodrigues Viſitador entam deſta Miſſam, & o mais antigo operario della; ſugeyto abalizado nas letras, & na virtude, & hoje Miſſionario da China para onde partio eſte anno de 1689. deyxando a todos muytas envejas, & ſaudades.

15 Reſidia eſte Padre na Corte, aonde por aſſiſtir o mais rico, & luzido della, concorria grande numero de pobres, & famintos para ao menos das ſuas migalhas matarem a fome, que padeciaõ. Vendo o Padre o pouco que os ricos da Corte ſoccorriam a eſtes miſeraveis, concertou em ſegredo huma caſa, para nella como em hoſpital recolher, & ſuſtentar aos mais neceſſitados, & famintos; para eſta conduzio grande numero delles; & feyto ſeu Medico, & hoſpitaleyro lhes acodia com o neceſſario para os corpos, & peſcavalhes juntamente com a iſca do comer as almas; ajudando-o neſta empreza, & trabalho o Padre Franciſco Rodrigues ſeu companheyro naquella Corte com grande zelo, & louvavel emulaçam. Ao principio acodiaõ muytos a eſta caſa, mais por aliviar a fome, que por deſejarem ſalvar ſuas almas: mas os que vinhaõ ao principio ſó com deſejos de comer, movidos da caridade, & doutrina dos Padres achavam-ſe com deſejos grandes de ſe ſalvarem.

16 Hum gentio rico, & bem abaſtado dos bens da fortuna, de ſeu natural pio, & compaſſivo, & por iſſo muyto dado ao culto dos ſeus Pagodes, ouvindo referir grãdes couſas da caridade dos Padres para com os pobres veyo a noſſa caſa para ver com ſeus olhos, ſe era verdade, o que ſe dizia. Entrando nella hum dia de Paſcoa, & vendo o grande numero de offertas, que os Chriſtãos traziam, reparou, em que o Padre naõ tomando dellas nada para ſi, nem para os ſeus moços, as repartia todas pelos pobres, & viuvas, que alli ſe achavam; do que grandemente admirado começou a diſcorrer dizendo comſigo: Que homens ha no mundo ſemelhantes a eſtes, tam deſapegados das couſas delle, que
naõ

naõ aceytam nem ainda, o que lhes offerecem ſeus diſcipulos.

17 Que diverſos meſtres ſaõ eſtes dos noſſos, os quaes nos naõ enſinaõ ſenaõ pelo lucro, que tem de nos enſinarem, ſendo todo o diſpendio noſſo, & todo o lucro ſeu. Eſtes ſim, que alèm de naõ enſinarem por intereſſe, gaſtam, o que tem com os ſeus diſcipulos acodindolhes em ſuas neceſſidades, com tanta igualdade, & caridade, como aqui vejo com meus olhos. Eſtes ſaõ os verdadeyros Meſtres, eſtes enſinam a verdade, a eſtes hei de ſeguir.

18 Penetrado deſte diſcurſo ſe reſolveo a ouvir a Ley de Deos. Levou para a ſua aldea hum Catequiſta, que lha enſinaſſe. Vendo o diabo, que eſte gentio lhe eſcapava, começou a lhe fazer cruel guerra por meyo dos parentes. Deram conta ao ſeu Grù, ou Meſtre da ley, o qual acodio logo a toda a preſſa; como tinha por ſi ao Governador, lançou fóra ao Catequiſta, injuriou ao Catecumeno dizendo, merecia muy bem foſſem ſeus bens confiſcados, mas que lhe perdoava, por ſer a primeyra vez: mas que em pena do que tinha feyto, lhe avia de pagar certa quantia de dinheyro; que a iſto he que tirava o ſeu enfadamento. Deolho o Catecumeno por ſe ver livre delle: & por evitar as continuas batarias da mulher, & parentes ſe reſolveo a deyxar ſua caſa, & Aldea, & a ir ter com o Padre Manoel Rodrigues, o qual, depois de ſer bem inſtruido, o bautizou, & lhe deo o nome de Pedro, que bem o merecia a firmeza, que moſtràra na Fè.

19 Naõ ſe contentou o demonio com vexar a eſte Catecumeno, de cujo coraçaõ naõ pode arrancar as verdades de noſſa Fè. Convertèram-ſe alguns Gòlaros, que he certa caſta de gente, que em Mayſlur pòde muyto na Corte. Levàram elles muyto a mal eſtas converſoens de peſſoas da ſua caſta; & entre ſi conſpiràram, de pòr todo o esforço, que pudeſſem, para de huma vez deſterrar do Reyno aos Meſtres da Ley de Deos. Queyxàram-ſe a el-Rey dizendo muytas calumnias dos Padres; nada creo, do que ſe lhe dizia, porque tinha bem entendido a ſua innocencia, & o odio, que os Golaros tinham à Ley de Deos.

20 Vendo o roim ſucceſſo da ſua malicia, buſcàram novo enredo; dizendolhe, que os Padres faziam ouro em ſua caſa, & do muyto que tinham ſe podia ſua Mageſtade aproveytar. Tão pouco deferio el-Rey a eſte alvitre. Naõ deſiſtiram os Golaros, porque eſtavam muy empenhados em ſahir com a ſua. Tinha o Rey hum filho baſtardo muy valido, & favorecido do pay, & capital inimigo dos Padres: taes couſas lhe metèram na cabe-

ça, que o fizeram ſahir do paço acompanhado de gente armada, & ir a caſa do Padre Manoel Rodrigues, que era, o que reſidia na Corte: quizeram os Catequiſtas aviſar ao Padre da vinda do hoſpede a ſua caſa, porém foy tal a preſſa, & furia, com que entrou, que nam deo lugar a iſſo; antes eſpancou aos moços de caſa por lhe pedirem com toda a ſummiſſaõ, que eſperaſſe, atè ir dar recado ao Padre.

21 Naõ ſatisfeyto com iſto, ſe foy à Igreja, & blasfemando ſacrilegamente das Santas Imagens, que nella eſtavam, as tratou com grande irreverencia. Acodio o Padre Manoel Rodrigues a eſte rebate. Procurou o Padre com toda a cortezia, pollo em razaõ; porèm elle em repoſta diſſe ao Padre muytas injurias, & palavras deſcompoſtas, & deſcorteſmente lhe deo as coſtas, & ſe ſahio para fóra. Ficou o Padre admirado deſta novidade, nem della por entam alcançou a cauſa, occorendolhe, poderia ſer, porque pedindolhe eſte Principe certa couſa, o Padre lha nam deo, porq̃ a naõ tinha: mas a cauſa eram os Golaros, q̃ por todos os meyos procuravam arruinar aquella Chriſtandade.

22 Da Miſſaõ de Mayſſur, que tinha cultivado quaſi por eſpaço de vinte annos, & obrado nella couſas muy heroicas, paſſou eſte Padre ao grande Imperio da China, & là acabou ſeus ditoſos dias cheyo de ſantas virtudes, & grandes merecimentos.

CAPITVLO XI.

Vida do Padre Agoſtinho Lourenço Bemfeytor da Companhia, & do Irmaõ Joaõ Fernandes.

Em Sãtarem 25. de Março de 1695

1 O Padre Agoſtinho Lourenço naõ ſó nos deyxou muy virtuoſos exemplos, mas tambem para augmento da devoçaõ dos noſſos Irmãos Noviços deſte Collegio, lhes ornou a ſua Capella mayor, com a riqueza, & perfeyçam, que elles a gozam, & fica referido no principio deſta obra. Por tanto ſervirà eſta lembrança de ſignificaçaõ do muyto, que a tam liberal bemfeytor deſta Santa Caſa devemos. A patria deſte bom Padre foy a Villa de Terena no Arcebiſpado de Evora; ſeus pays ſe chamàram Joaõ Lourenço, & Ignes Gonçalves. Tinha elle dezanove annos de idade, andava no ſegundo Curſo, quando neſta caſa entrou na Companhia aos 18 de Janeyro de 1653. ſendo Meſtre dos Noviços o Padre Luis Lopes; aqui paſſou

passou a mayor parte dos dous annos, depois foy acabar o Noviciado em Lisboa.

2 No fim delle voltou para este Collegio de Evora, a continuar os seus estudos de Latim, & Filosofia. Depois foy Mestre na Ilha da Madeyra: & acabada a Theologia ensinou casos no Collegio de Faro, aonde com sua industria, que era muyta, adiantou grandemente as obras daquella Igreja, que no seu tempo se fazia. Estando nesta occupaçaõ foy mandado ler Filosofia no Collegio de Santo Antaõ. Antes de acabar os tres annos do magisterio, o deyxou, & por ordem da Sãta obediencia foy para Inglaterra com o Padre Doutor Bento de Lemos, a assistir no serviço da Serenissima Rainha Dona Catherina, filha del-Rey Dom Joaõ o Quarto de Portugal. Alli fez officio de Prègador da mesma Senhora por treze, ou quatorze annos. Nestes deram os tres da Companhia exemplos de grande observancia, vivendo com notavel recolhimento, & o mesmo repartimento de tempos para os seus exercicios espirituaes, que se guarda nos Collegios, em que se tinham criado.

3 Em quanto se deteve em Londres tomou por occupaçaõ, alèm das que tinha, compor hum Curso de Filosofia; & della imprimio tres Volumes, q̃ tiveraõ bõ gasto, & aceytaçaõ: mais deo à imprẽsa dous tomos de varias materias de Theologia, & hia continuando neste trabalho, quando voltou para Portugal. Nas suas cartas dizia, tomàra este divertimento da composiçaõ, para evitar a ociosidade, a que era muy contrario, dizendo, que se estes seus empregos naõ contentassem, antes queria ser tido por ignorante presumido, que por sabio ocioso. Là ajuntou hũa boa livraria, que por sua morte deyxou com licença ao Collegio de Beja. Dos acrescimos da sua congrua, que como era de tam liberal Senhora, para tudo dava, ornou aos Irmãos Noviços de Evora a sua Capella, por devoçaõ, q̃ tinha à Virgẽ Mãy na sua Veneravel Imagem, que na tal Capella se venera; dada como dissemos, de hum martyr, & pintada por outro.

4 Voltando para Portugal, residio a mayor parte desses annos, que lhe restàram, neste Collegio de Evora, que alèm da obra da Capella dos Irmãos Noviços, lhe deve a perfeyçaõ da obra da quinta de Valbom; porque ficando com o cuydado de a promover no tempo, que foy por Procurador da Provincia a Roma o Padre Doutor Bento de Lemos, que dava o dinheyro para a obra, o Padre Agostinho Lourenço se ouve com tanta industria, que julgando-se naõ poderia o dinheyro, que avia, fa-

zer

zer crecer a obra, mais que atè as primeyras abobodas, elle a chegou às ultimas perfeyçoens, em que hoje a logram os nossos Religiosos. Era muyto para ver o cuydado, com que andava com huma cana na mão, medindo, que pedras nesta, ou naquella parte podiam entrar, & quando eram necessarias, as tinhaõ promptas os officiaes, sem gastarem tempo, nem em as buscar, nem as affeyçoar; que luzem muyto estas, & outras industrias nas obras, & as fazem medrar com menos custo, como aqui se vio. Mostrava nestas obras o Padre Agostinho Lourenço ter grãde amor aos bẽs da santa pobreza, q̃ naõ queria se desperdiçassem, & tambem muyta caridade para com seus Irmãos em Christo, procurando tivessem bom commodo nas suas recreaçoens.

5 Foy o Padre Agostinho Lourenço dos homens, que tiveram amor de veras à Companhia; antes de ser professo do quarto voto, se lhe offereceo, sem culpa sua, huma occasiaõ de desgosto, & que jugava com a sua perseverança na Religiaõ, elle a sofreo com todo o valor religioso, assentando comsigo, que naõ averia cousa deste mundo, que fosse parte para deyxar a sua Religiaõ. Ainda nos ultimos annos lhe ordenàram certa cousa mortificativa, & deyxava-se ver, que a isso tirava aquella disposiçaõ; accommodouse, como o poderia fazer o mais comedido Noviço. Quando veyo de Inglaterra hum Senhor grande deste Reyno, que fora là Embayxador, pertendeo pagarlhe a sua porçaõ, para que ficasse em Lisboa, porèm elle por fugir de trato com Senhores grandes, & viver mais retirado, ainda que estimou o offerecimento, naõ o quiz aceytar; & sabia bem, que elle nam era por ceremonia.

6 O sofrimento foy virtude sua muy particular, assim nas molestias do animo, como nas do corpo: neste padeceo muyto da gotta, & de colicas agudissimas, que elle sofria com grande resignaçaõ na vontade de Deos, que as dava. Cousa era de edificaçaõ, aos que o visitavam, ver nestas ancias a benignidade, com que recebia a todos; se algum por mais moço, que fosse, lhe perguntava, como tinha passado, assim lhe dava conta de tudo, como ao Padre mais autorizado; sem mostrar nem ainda huns longes de enfadamento, antes significava com palavra a graça, que lhe faziam com aquella caritativa visita.

7 Ouvi dizer a hum Padre, que o confessàra, que o Padre Agostinho Lourenço era homem de consciencia muy pura, & santa, & assim o mostrava nas suas obras; no comer tinha grande

de parſimonia, reſervando tudo o que tirava da boca, para o empregar nas utilidades da ſua Religiaõ. Do amor, q̃ teve a eſta Māy, naſceo o deſapego para cõ ſeus parentes. Nẽ ſabemos, ainda q̃ eraõ pouco abaſtados, lhes fizeſſe algũa couſa, ſó meteo a expẽſas ſuas em hum Convento a hũa ſua ſobrinha, por entender fazia niſſo eſmola. Vivia eſte bom Padre naquella opiniam, de que por ſer filho da Companhia, lhe viera, o que tinha, por tanto que a meſma Companhia avia de ſer Senhora de tudo; que elle á Religiaõ naõ viera grangear vida a ſeus parentes.

8 Depois de eſtar alguns annos em Evora, o mandàram ſer Reytor do Collegio de Sãtarẽ, no qual veyo a morrer. Neſte tẽpo, q̃ governou, ſe vio nelle muyta benevolẽcia, & caridade para cõ os ſubditos, & grãde valor, quãdo a diſciplina Religioſa pedia tezidam. Para com os hoſpedes da Companhia, que ſaõ continuos naquelle Collegio, foy notoria em toda eſta Provincia a ſua caridade, tratando-os liberalmente, & com grandeza Religioſa; (fallo, como quẽ a experimentou) & dandolhe por iſſo as graças reſpondeo diante de muytos Padres: He o que fazemos a todos os noſſos, que paſſaõ, que no fim do anno naõ vem a importar couſa que và, nem que venha ao Collegio, que he abaſtado, nem os ſeus bens ſe podem empregar melhor, que no trato dos Religioſos, de quem ſaõ. Alguns ſubditos (o eſpirito elles o ſaberiaõ) delatàraõ eſta ſua franqueza ao Padre Provincial para com os que paſſavam; a iſſo reſpondeo cõ huma ſó palavra, que os do Collegio naõ eram mais filhos da Companhia, que os outros, & que para todos avia.

9 Naõ obſtante a lida, que tinha no governo do Collegio, & meneo das obras, que nelle ſe faziaõ, era continuo no Confeſſionario, no qual com ſeu exemplo hia diante dos mais. Promovia com ſua coſtumada induſtria as obras de pedra, & cal, mas ſuccedeolhe nellas huma ruina de notavel perda, vindo-ſe abayxo algumas abobodas, ſobre as quaes eſtando freſcas chovera muyta copia de agua. Alguns quizeram dizer, que da pena, que diſto teve, ſe lhe originou a morte. O certo he, que elle cahio na cama enfermo, & della ſe naõ levantou. Confeſſouſe, em quanto durou a doença, muytas vezes, & diſſe depois de ſua morte o Padre, que o confeſſára geralmente, para encarecer a limpeza de ſua conſciencia: Que nos treze annos, que eſtivera em Inglaterra, vivera tam ajuſtado, que em ſuas obras nam avia materia de abſolviçaõ: que na verdade he de louvor, quanto ſe pòde dizer neſte ponto, conſiderando, que o Padre Agoſtinho Lourenço

vivia

vivia na Corte de Londres,& tratava no paço de huma Rainha, fóra dos olhos dos Religiosos, & clausura dos Collegios,& com occasioens de outras largas, que de si influem qualquer liberdade ainda nos mais acautelados, & sem descuydos na perfeyçam.

10 Nesta doença eraõ muy frequentes,& fervorosos os colloquios,& muy ternos; final de quam penetrado estava de Deos; tambem fazia muytos actos de Contriçaõ. No fim chamando aos Religiosos,lhes pedio perdam, & os abraçou hum por hum como quem se despedia, fazendo todos estes actos com tanta piedade,que os enterneceo a todos. Tanto que cahio na cama, fez huma declaraçaõ acerca das suas cousas,como livraria,& dinheyros,aonde pertenciam por força das applicaçoens,que com licença do Padre Geral tinha feyto; fazendo nella protesto,de que era verdadeyro pobre,& como tal queria morrer, que nam fallava naquelles dinheyros,ou livros, como cousa sua, mas da Religiaõ, cuja dispoziçaõ pertencia aos Prelados della, que elle nam tinha vontade propria. Finalmente com todas as preparaçoens de bom Religioso, & com os Santissimos nomes de Jesus, & Maria na boca espirou aos vinte & sinco de Março entre as oyto,& nove horas da noyte no anno de 1695. Que parece lhe quiz a Senhora alcançar este favor de morrer em dia seu, pois tanto se tinha empregado em a servir, & tanto tinha despendido em seu obsequio,& a deyxava por sua principal herdeyra. Das devoçoens especiaes,que lhe fazia, nos naõ consta; só sabemos, que vespora da Conceyçaõ jejuava a paõ, & agua, como tambem nas de Santo Ignacio, & S. Francisco Xavier. Foy esta sua morte em tudo,como o saõ as dos homens justos: hum Religioso,que assistio a ella,para explicar os santos fervores,com que se ouve, dizia, que a sua morte lhe parecèra, como a de hum Saõ Paulo.

11 Isto he,o que pudemos alcançar das virtudes, & boas obras deste nosso bemfeytor, as quaes para mostras do nosso agradecimento,& lembrança deste Noviciado, em que isto se escreve,pareceo obrigaçaõ deyxallas em memoria, para q́ os vindouros se naõ queyxem de nòs,arguindonos,de que recebendo a mercè,a remuneramos com o esquecimento: para que este nam sepultasse entre os nossos Irmãos Noviços o nome do Padre Agostinho Lourenço,todas as segundas feyras o Irmaõ,que tem cuydado da Capella, encommenda aos outros, que digaõ certas oraçoens, que determina, pela alma do Padre Agostinho Lourenço,& mais bemfeytores do Noviciado.

12 O

12 O Irmaõ Joaõ Fernandes entrou na Companhia, para Coadjutor temporal, tendo vinte, & dous annos de idade. Era natural da Villa de Portel no Arcebispado de Evora: os pays se nomeàram Joaõ Fernandes, & esperança do Monte. Entrou neste Noviciado aos 4. de Dezembro de 1639. sendo Mestre dos Noviços o Padre Simaõ de Almeyda fundador do Collegio de Portalegre. Procedeo este bom Irmaõ sempre como verdadeyro Irmaõ da Companhia: por ser muy caritativo, foy muytos annos enfermeyro no Collegio de Evora.

13 Quando a Senhora Dona Catherina foy para Inglaterra, levou por seu Confessor ao Padre Doutor Antonio Fernandes da nossa Companhia pedio este para seu Companheyro ao Irmaõ Joaõ Fernandes, fazendo eleyçaõ delle por ser virtuoso; o que mostrou ser em Inglaterra usando de muyta caridade para com os pobres Catholicos; a estes acodia com esmolas, & quasi nestas se empregava a mayor parte do que lhe sobejava da Congrua, que lhe dava a Senhora Rainha. Tinha elle suas noticias de botica; & comprava, assim varias mesinhas, como ingredientes, de que as fazer, para dar aos pobres.

14 Depois que morreo o Padre Doutor Antonio Fernandes se ficou em Inglaterra com os Padres Doutor Bento de Lemos, & Padre Agostinho Lourenço, que foram de Portugal: quando estes depois de muytos annos voltàram para o Reyno, veyo tambem com elles seu companheyro o Irmaõ Joaõ Fernandes, que morou o restante da sua vida no Collegio de Evora, aonde fez algum tempo officio de Boticario. Huma virtude era nelle muyto notoria, que vinha a ser, o fallar de Deos; nem para elle avia outras praticas; porque sendo necessario fallarse de outras cousas, dizia as palavras necessarias, & logo se hia a materias santas: final evidente, de quanto tinha a Deos no coraçaõ, pois parecia naõ lhe poder sahir pela boca senaõ Deos, & mais Deos.

15 Ao Santissimo teve singular devoçaõ, & delle fallava cõ grande fervor. Commungava muytas vezes fòra das ordinarias; & nos ultimos rempos se lhe deo licença para commungar todos os dias, attendendo à sua grande virtude, vida innocente, & devoçaõ a este mysterio. Da Senhora era tambem particular devoto: por petiçaõ sua se poz no Altar mòr da nossa Capella da quinta de Valbom a Imagem da Senhora, a qual estava no Altar do lado do Euangelho; & a Imagem de S. Francisco Xavier era, a que estava no Altar principal, por ser a Capella dedicada

ao Santo. Quando o Irmaõ veyo de Inglaterra, & vio a Senhora em Altar inferior, pedio ao Padre Doutor Bento de Lemos, a cujo cargo estava o cuydado da Capella, fizesse passar a Imagem da Senhora para o Altar mòr; & como se lhe dissesse, que a Capella era dedicada ao Santo Xavier, & por isso estava naquelle Altar; instou o Irmaõ dizendo, que o filho de boa vontade largaria o seu lugar à Mãy. Vendo-se a sua instancia, & piedade se lhe fez o gosto.

16 Concorreo tambem este servo de Deos naõ pouco para enriquecer com boas peças a tal Capella; data sua he quasi toda a prata, que nella ha; que bem cuydo tem o Reyno poucas, ou nenhumas Capellas de campo, que com esta se possaõ comparar em cousa alguma. Tendo vivido sempre ajustadamente com o seu estado de Religioso, lhe sobreveyo hum accidente de apoplexia, de que morreo aos 13. de Julho de 1695.

CAPITVLO XII.

Vida do Padre Doutor Bento de Lemos, insigne Bemfeytor da nossa Companhia.

10. de Novembro de 1700.

1 DOs tres Religiosos nossos, que aqui foraõ Noviços, & em Londres assistiram no serviço da Rainha Dona Catherina, morreo ultimo o Padre Bento de Lemos, sendo que na Religiaõ era o mais antigo. Teve por patria a notavel Villa de Montemor o novo, ditosa patria do Glorioso Patriarca S. Joaõ de Deos. Seus pays se chamàram Mathias Mendes, & Isabel Rodrigues, que eram da gente honrada daquella nobre villa. Antes de entrar na Companhia se chamava Bento Preto. Era estudante de Grammatica na quinta classe da Universidade de Evora, quando entrou na Companhia neste Noviciado aos 23. de Junho de 1638. tendo quatorze annos de idade. Naquelles tempos em se conhecendo engenho, nam se fazia reparo em os admittir de classes inferiores, & nem por isso eram peyores; porque avendo habilidade, em tornando aos estudos se adiantam facilmente.

2 Era o Padre Bento de Lemos de engenho acre, natural vivo, & em tudo de primeyras prendas; por isso soube consumadamente as faculdades, que estudou. Na Universidade de Evora aprendeo todas as sciencias, que ordinariamente estudam os da Companhia. Na mesma Universidade ensinou letras humanas, &

& Rhetorica. Leo Filosofia no Collegio de Santo Antam. Depois ensinou por muytos annos Theologia em Evora, tendo-se formado Doutor na mesma faculdade. Estava elle Mestre da cadeyra de Vespera, no tempo, que faleceo em Inglaterra o Confessor da Rainha Dona Catherina; pedio a mesma Senhora, se lhe mandassem alguns Religiosos nossos, que suprissem a falta do seu Padre Confessor.

3 Foy mandado o Padre Doutor Bento de Lemos, & o Padre Agostinho Lourenço, partiram de Lisboa aos 29. de Abril de 1675. quando chegàram, jà a dita Senhora tinha eleyto por seu Confessor a hum Religioso de outra Religiaõ. Assistio em Londres com satisfaçaõ da Senhora Rainha, prègando na sua Capella, porque tudo fazia bem o Padre Bento de Lemos, & ajudando com seu conselho, & letras nas occasioens, em que a Rainha se aproveytava dos seus prestimos; & delle fazia muyta estimaçaõ, pela merecerem toda, a sua virtude, & letras. Os procedimentos, & recolhimento nestes annos era muy exemplar, & qual deseja a Companhia em seus filhos; & mais quando andam nos paços dos Reys, & entre hereges, aonde todas as cautelas saõ poucas; por serem os olhos dos que vem, demasiadamente perspicazes.

4 Na ultima doença, de que morreo el-Rey Carlos de Inglaterra marido da Rainha, porque protestou morrer na Fè da Igreja Romana, depois de se confessar com hum Religioso Bẽto, que lhe assistia, o Padre Bento de Lemos lhe trouxe da Capella da Rainha o Santo Viatico, & à porta da recamera del-Rey o entregou a huma pessoa de confiança do mesmo Rey, para que o Religioso lho administrasse. Tendo todos grande consolaçaõ, em que aquelle Rey morresse Catholico, ainda que atè àquella hora como homẽ fragil, por medo de perder o Reyno, tivesse vivido pelo menos externamente nos erros Anglicanos.

5 A principal occupaçaõ, q̃ nestes annos tomou o P. Bento de Lemos para gastar o tẽpo, q̃ lhe crecia das suas occupaçoens, & exercicios de virtude, foy a liçaõ das Escrituras, & Santos PP. na qual sciencia adquirio grãdes cabedaes. Fez muytos, & grãdes tomos de notados. Sò hũa queyxa naõ podemos deyxar de ter cõtra sua humildade, q̃ sendo seus trabalhos dignissimos de se imprimirem, & naõ lhe serẽ os gastos difficultosos, por ter muyto, com que os fazer, nunca pode acabar comsigo dar à imprensa os seus escritos; antes quando lhe fallavam nisto, o tomava em

graça, & ſe ria como por zombaria, de que occorreſſe tal couſa. De todos eſtes volumes, eſtava mais pago de hum, que fez ſobre todos os Pſalmos, que naõ era pequeno ſinal da obra ſer boa, pagarſe della ſeu Autor; mas quiz a fortuna, que eſta obra correſſe os riſcos em que tal vez cahem as boas: porque em hũa cheya, que teve o rio de Londres, entrou pelas caſas, em que morava o Padre Bento de Lemos, & entre outras couſas levou cõſigo eſte ſeu prezado manuſcrito; com que por ventura lhe afogou tambem o goſto de ſahir a luz cõ algum trabalho ſeu. Voltou de Inglaterra no anno de 1689. entrou em Lisboa aos 16. de Fevereyro do dito anno, avendo eſtado fóra de Portugal couſa de quatorze annos.

6 Depois que voltou para Portugal, naõ quiz ficar em Lisboa por fugir tratos de Senhores grandes, a que era conhecidamente averſo, & alli lhe naõ ſeria facil evitallos; como tambem por ſe retirar de entrar em couſas pertencentes a governo da Companhia, porque o Padre Bento de Lemos foy homem fóra de toda a ambiçaõ, & ſe vio em naõ poucas occaſioens. Veyo-ſe para o Collegio de Evora, em que ſe tinha criado, & por reconhecimento do bem, que delle recebèra, ſe fez ſeu inſigne bẽfeytor. Tinha de Londres mãdado dinheyros, com q̃ ſe obràraõ, & douràraõ os tres retabolos da quinta, & cõ q̃ ſe lançou à roda da Capella, hũa eſpaçoſa, & real varanda, no meyo da qual fica a Capella, que toda eſta obra junta he por ventura neſte genero a melhor, que em quinta alguma tem eſte Reyno de Portugal. Depois nos acrecentou o corredor, & cubiculos, fazendo ſobre eſta obra nova huma varanda, que a cobre toda, & nella huma Capellinha dedicada a Santo Ignacio, obrada com grande curioſidade de figuras, & targes. Elle fez de abobada a outra parte do corredor para ficar uniforme, & aperfeyçoou o refeytorio. A' ſua cuſta ſe nos poz todo aquelle edificio no aceyo, em que o gozamos. Na Igreja do Collegio, tambem à ſua cuſta ſe fez de talha toda a Capella de Santo Ignacio, & ſe dourou; que he obra rica, & grandioſa. Conſta que diſpendeo em utilidade deſte Collegio mais de vinte, & tantos mil cruzados.

7 A ſua livraria, que era grande, & muy precioſa, tinha elle applicado a eſte Collegio de Evora. No anno, que a Senhora Rainha de Inglaterra veyo a Villaviçoſa, por occaſiaõ de lhe aſſiſtir naquella terra o Padre Bento de Lemos, chegou ao noſſo Collegio de Elvas; diſſelhe neſta occaſiaõ o Irmaõ Pedro Dias Coadjutor temporal, que havia muytos annos eſtava em

Elvas;

Elvas; que sua Reverencia puzesse os olhos na pobreza daquelle Collegio, & q pelo menos lhe deyxasse por morte a sua livraria, pois em casa a naõ avia, & o Collegio de Evora naõ tinha della a necessidade, que o de Elvas; a mesma petiçaõ lhe fizeraõ os Padres. Naõ lhe descõtentou ao P. Bento de Lemos acodir cõ esta esmola áquelle Collegio, mas avia jà hũa naõ pequena difficuldade; q elle tinha fixado em hũa taboa em publico no cubiculo, onde estava a livraria, a licẽça, q tinha do P. Geral para applicar, com tençaõ, q ficasse para o Collegio de Evora: isto supposto, estava jà o Collegio como de posse. Recorreo-se nesta duvida a nosso Reverendo P. Geral; & de Roma se resolveo, podia ir a livraria para o Collegio de Elvas, para onde se cõduzio depois da morte do P. Bento de Lemos: ella se julgava valer como seis mil cruzados.

8 Na primeyra Congregaçaõ Provincial, que ouve, depois que veyo de Inglaterra, foy o Padre Lemos eleyto para ir a Roma por Procurador. Nesta occasiaõ levou muyto encommendado da parte dos Padres desta Provincia, tratar com o Reverendo Padre Geral Thyrso Gonçales, que restituisse os seus Noviciados aos Collegios de Coimbra, & Evora. Conseguio este negocio tanto do agrado de todos. Nelle se mostrou o Padre Geral muy benevolo; & ficou grandemẽte satisfeyto da pessoa do P. Bento de Lemos: mandoulhe, q fosse Reytor do Collegio de Evora: fez quanto pode da sua parte por se livrar deste cargo. Porẽ nada valèraõ as suas instancias; as quaes bẽ se entendeo naõ eraõ por ceremonia, mas nascidas de hũ grãde desapego, que nelle avia de tudo, o que podia ser honra. Fez o governo do Collegio de Evora com muyta utilidade assim no espiritual, como no demais; como quẽ só fazia aquelle governo por cumprir cõ suas obrigaçoens, sem attender a outros humanos respeytos.

9 Nesta occasiaõ mostrou seu grande comedimento na obediencia, que exercitou indo em pessoa dar certa satisfaçaõ ao Arcebispo, o qual sem razaõ alguma, se tinha queyxado delle ao Padre Provincial, por admittir huma appellaçam, que fez diante de sua pessoa, conforme direyto, o Corregedor da Cidade, em ordem a evitar humas censuras, que temia, fulminasse contra elle o Arcebispo em certa causa. O Padre Provincial por contemporizar com o Arcebispo, mais que por outra cousa, pois bem via a sem-razaõ da queyxa, lhe mandou, desse satisfaçaõ ao Arcebispo. Cortou por si, sendo que naõ lhe seria muyto difficultoso eximirse de tal mortificaçaõ, tendo por si a justiça. En-

trando a fallar com o Arcebispo, lhe disse a causa, que alli o trazia, & como vinha obrigado por seu Prelado, pelas queyxas, que sua Illustrissima lhe tinha feyto, do que fizera em seu desagrado: & acrecentou: Confesso a Vossa Illustrissima, que se eu fizera por agradar a Deos, o que faço por agradar a Vossa Illustrissima, me podiam pòr em hum Altar; mas ay de mim, que faço pelos homens, o que naõ faço por contentar a Deos. Estas palavras disse com tanto sentimento, que o Arcebispo se confundio, de ter dado occasiam de assim se mortificar tam autorizada pessoa; & como bẽ entendido naõ deyxou de ver a muyta virtude, que denotava esta submissam. Ainda que o Padre Bento de Lemos sempre se retirou de o tratar, que isto sentia elle, assim, porque como fica dito, era inimigo de tratos com pessoas Illuestres, como porque este Prelado era conhecidamente muy vidrento: & nestas occasiões he melhor, que elles se queyxem de que os naõ buscam, do que da muyta conversaçaõ, & obsequios se siga desprazer, & tal vez desprezo.

10 No tempo, que este mesmo Prelado entrou, era Reytor o P. Bento de Lemos; ordenouselhe hũa custosa Tragedia a expẽsas da Universidade. Estavam as cousas dispostas, mas naõ ainda naquella madureza, q̃ pediam, para se darẽ ao theatro; quãdo o P. Reytor mãdou, q̃ a tragedia, se fizesse em tal dia q̃ assignou: propuzeramselhe as difficuldades, que avia para se deter. Nam quiz vir nellas, & resolutamente ordenou, se fizesse no tal dia. Naõ se pode fazer o contrario. Succedeo tudo a pedir de boca, como dizem; porque o dia esteve sereno, sem bafo de vento; as figuras fizeraõ os seus papeis sem cespitar, sahindo todas as cousas a seus tempos, sem aver cousa que desdourasse o acto. O agrado assim do Prelado, como da Cidade foy à medida do successo. Logo naquella noyte começou a chover, & continuou a invernada nem menos, que por quarenta dias, ora mais, ora menos, & se no dia assinado se naõ representàra, seria notavel o discomodo, por estar o theatro preparado no patio da Universidade. O que tudo attribuiram muytos ás oraçoens do Padre Bento de Lemos, & ainda a sentimento, que Deos lhe dera, para não passar daquelle dia, por se naõ malograrem os gastos feytos, & a muyta paciencia, que elle tinha tido em algumas impertinencias, que no discurso destas preparaçoens, lhe deram bem que sofrer: & he o que estas funçoens costumaõ render, a quem as faz, & se mete nellas.

11 Antes de ir para Inglaterra assistio algum tempo na Cidade

dade de Tavira do Algarve, para tomar as alturas em a fundaçam do Collegio da Companhia, que alli se intentou, a qual naõ teve effeyto por desconfianças do Bispo de Faro Dom Francisco Barreto. Succedeolhe nesta occasiaõ huma cousa bem notavel, & he a seguinte. Vivia em Faro hum Herege, dos que alli vem aos seus contratos: por occasiam da ultima doença, em que este homem cahio, se tratou de o reduzirem: as diligencias se frustravam, porque nenhũas razoens o satisfaziam. Estando nestas lidas chegou a Faro o P. Bento de Lemos. Nessa noyte vio este herege em sonhos hũ homem, que devia ser o seu Anjo da Guarda, o qual apontando para hum Padre da Companhia, que tambem se lhe mostrava, dizia ao herege: Se te queres salvar, has de fazer, o que te disser aquelle Padre da Companhia. Despertou, & logo mandou se lhe chamassem Religiosos da Companhia; vieraõ, despedio-os o enfermo dizẽdo, nenhum daquelles era, o que se lhe tinha dito que o avia de encaminhar. Successivamente foram os mais, que avia em casa; & como a todos dissesse o mesmo; por fim se lhe respondeo, sò avia no Collegio hum Padre hospede, que a noyte antes alli chegàra: pedio, lho mandassem: dizendo-se ao Padre Lemos, o que passava, se foy a casa do enfermo: tanto que este poz nelle os olhos, disse: Este Padre he, o que a mim se me mostrou em sonhos: logo lhe descobrio todo o seu coraçaõ, & por meyo do Padre Bento de Lemos se desfizeram todas as nuvens, que o angustiavam. Reconciliouse com a Igreja, & brevemente espirou com sinaes evidentes, de que era hum do numero dos predestinados.

CAPITVLO XIII.

Das virtudes do Padre Bento de Lemos, & sua morte.

1 NO exercicio das virtudes se apurou muyto o Padre Bento de Lemos. Naõ soube, que cousa era carne, & sangue, por isso no amor dos parentes, que tam poucos bens traz aos Religiosos, foy desapegadissimo: para elle Pay, Mãy, Irmãos, sobrinhos, & mais parentes era a sua Religiaõ: daqui nasceo gastar na sua utilidade tam grossa summa de dinheyro, sendo, que o podia dar a seus parentes, pois tinha licẽças amplas de Nosso Reverendo Padre, para distribuir o que tinha, como melhor julgasse. Nesta materia dizia elle, que tudo, quanto lhe dava a Senhora Rainha, era por ser filho da Com-

panhia;por tanto,que ſò eſta Mãy,& ſeus Irmãos filhos da meſma Mãy tinhaõ direyto,ao que eſtava à ſua diſpoſiçaõ.

2 Caſo ouve, em que para elle dar hum habito a huma ſobrinha ſua,religioſa pobre, ſendo eſtas eſmolas de tanto ſerviço de Deos,foy neceſſario, o perſuadiſſe hũ Padre, que aquillo naõ era dar a parentes, mas fazer huma eſmola à quella ſerva de Deos,com que ſe veſtiſſe decentemente, pois naõ tinha, donde lhe vieſſe. Em outra occaſiaõ eſtando ainda em Inglaterra, lhe eſcreveo certo Religioſo noſſo ſeu parente, ſe lembraſſe de tal peſſoa,que lhe nomeava,couſa ſua muy chegada em ſangue, a qual ſendo antes abaſtada, por deſmanchos de quem governava a caſa,cahira em pobreza. Naõ differio a nada o Padre Lemos; atè que o Religioſo, pedindo algum dinheyro empreſtado, lho mandou dar, para ſe remediar: depois eſcreveo ao Padre Lemos,o que tinha obrado, que ſua Reverencia acodiſſe a pagar aquella divida, por ſerviço que niſſo fazia a Deos. Entam entendendo,que a neceſſidade naõ era fingida,pois ſe o foſſe, o Padre ſe naõ atreveria a tanto, ſatisfez cabalmente à divida, que ſe tinha contrahido.

3 Quando foy a Roma por Procurador, vendo hum Padre ſeu amigo,quam pouco provido hia para repartir com alguem, que lhe fizeſſe graça,lhe diſſe, que pois tinha tanto, levaſſe algum dinheyro,ou em ſer,ou em couſas, que là ſe eſtimam, que lhe poderia ſer neceſſario. Alterouſe o Padre Bento de Lemos, & cheyo de hum ſanto furor, reſpondeo eſtas palavras: *O Pater abſit à me*,iſſo nam,o que eu tenho, he para ſe gaſtar com o commum da Companhia, & naõ com os particulares. Tratava eſtes dinheyros como couſa alheya,por iſſo ſe avia nelles como mero Procurador da Religiaõ, tendo por eſcrupuloſas quaeſquer liberalidades neſta materia; & quando ſuccedia fallar delle,ſe explicava aſſim: Eſte dinheyro da Religiaõ; naõ lhe dando o nome de ſeu,porque o naõ tinha por tal.

4 Foy ſempre amigo de retiro, & contrario a gaſtar o ſeu tempo em viſitas eſcuſadas. Tambem nunca viſitou mulheres, & no trato deſtas foy grandemente recatado. Em tudo ſe accõmodava á Communidade, fugindo de ſingularidades. Na meſa nunca deſdenhou do comer,ſe hia,ou naõ hia bem preparado;ſe era de boa qualidade, ou menos ſadia. Em certa occaſiam lhe diſſe hum Padre, que reparava muyto, em que ſua Reverencia vindo algũas couſas à meſa,q̃ os outros naõ tocavaõ,por eſtarẽ pouco ſans, ſe metia nellas, & comia do meſmo modo, que as
que

que naõ tinham lesaõ. Respondeolhe com muyta graça : Padre, como eu sou Reytor, devem de me pòr tudo bom, & sem estes defeytos, que Vossa Reverencia là encontra no seu prato, & assim com tudo me accommodo bellamente, & tudo me sabe bem, & assim me soube sempre.

5 Vespora de Santo Ignacio, & de S. Francisco Xavier nam comia cousa alguma, nem hia ao refeytorio; & assim debilitado com este jejum tam rigurosو, que em o Padre Lemos, por ser de natural, & compleyçam ignea, ainda era mais trabalhoso, que o seria em outros, praticava sempre à Communidade nas vesporas do Santo Xavier, de quem era singularmente devoto. Tambem jejuava outros dias por suas particulares devoçoens.

6 Aos Serafins teve especial devoçaõ, de quem dizia ter recebido singulares favores: sabemos, que todos os dias era hũa das suas devoçoens, rezarlhes huma coroa nesta fórma; a cada conta dizia as palavras, que elles entoam a Deos na gloria: *Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus Sabaoth*, & logo ajuntava o verso *Gloria Patri*; por este modo corria em seu obsequio todas as contas. Outra coroa rezava às Almas do Purgatorio, de quẽ era muyto devoto, dizẽdo a cada cõta o versiculo, *Requiẽ æternam:* quando chegava a cada huma das contas, a que na reza ordinaria dizemos o Padre nosso, invocava particularmente os defuntos santos de alguma das Religioens, deste modo: *Sanctæ animæ defunctorum Societatis Jesu orate pro me*; & por esta fòrma em seu lugar, invocava os das outras familias santas. Além de outras devoçoens, que fazia em hõra da Senhora, corria tambem as contas, repetindo o versiculo: *Maria Mater gratiæ, dulcis parens clementiæ, tu nos ab hoste protege, & mortis hora suscipe.* Da sua devoçaõ ao Santissimo, naõ foy pequeno sinal escolher nas procissoens ir elle sempre com o thuribulo diante do palio incensando o Senhor.

7 Nunca o achariam ocioso, antes humas vezes lendo, outras rezãdo, outras tendo oraçaõ; a esta se entregou mais depois q̃ se retirou a viver na quinta de Valbom; gastava as tardes inteyras em oraçam na Capella, & fazẽdo alli suas devoçoens; de q̃ eraõ boas testimunhas todos os nossos Religiosos, que assistiam na quinta. O seu quarto de recolhimento em acçam de graças, acabada a Missa, era muytas vezes tempo esquecido, & observouse nelle hum modo, que denotava singular applicaçaõ das potencias interiores, que todas parecia estarem naquelle tempo unidas com Deos. Ainda que a sua vida na quinta eraõ huns quasi

ſi perpetuos exercicios eſpirituaes , todos os annos vinha ao Collegio recolherſe os dias da regra nos Exercicios de Santo Ignacio.

8 Da ſaude do corpo ſe moſtrou ſempre deſcuydado, nũca tratou de a poupar,que ſe o fizera,viviria por ventura mais annos,ainda q̃ naõ viveo poucos. Ainda nos tẽpos mais inclemẽtes cõ o frio,ſe levantava cedo, para ter ſẽpre a ſua oraçaõ nas horas determinadas:guardou eſte ſanto coſtume atè os ultimos annos, & dias de ſua vida;naõ obſtante,além de ſua idade, terem ſobre elle carregado os achaques ; & porque acaſo faltou hum dia neſte ſeu eſtylo,inferio hum Padre grave,que entam aſſiſtia com elle na quinta , que o Padre Bento de Lemos devia ter alguma grave indiſpoſiçaõ;pois as ordinarias nam eraõ baſtãtes, para afroxar naquelle ſeu inviolavel coſtume;& aſſim foy,porque della veyo a morrer,como diremos abayxo.

9 Na ſua converſaçaõ tinha notavel affabilidade ; era muy amigo de fazer bem:todos os que ſe valiam delle, experimentavam,que nelle avia entranhas de pay, acodindo , quanto eſtava na ſua mão. Quando a Rainha Dona Catherina veyo a Villaviçoſa,na retirada paſſou por Evora , aonde foy recebida com a grandeza , que convinha a tam Soberana Senhora : interveyo huma finta publica para os gaſtos; & como eſtas exacçoens por carregarem ordinariamente mais ſobre a pobreza ſejam a muytos de deſagrado; para que em nada o foſſe eſta Senhora tam eſmoler, & bemfazeja , como ſabe todo o Reyno ; là negociou o Padre Lemos de ſorte,que Sua Mageſtade mandou à Camera da Cidade toda aquella quantia de dinheyro , que tinha recolhido da finta,para que inteyramente ſe tornaſſe a reſtituir a cada hũ dos moradores aquella ſumma,que delles ſe tinha recebido, como ſe executou pontualmente: reconhecendo todos a Real piedade da Senhora Rainha, ainda que naõ foy notoria a caridade do Padre Lemos,em ſe fazer requerente dos pobres,que tinhaõ concorrido; porque a paga da ſua boa obra ſó a queria de Deos.

10 Teve grande ſofrimento em muytas occaſioens , que ſe lhe offerecèraõ de exercitar a paciencia,naõ ſó em os achaques, que lhe ſobrevieram na velhice ; mas tambem em outras materias , em que naõ ha , porque decer a caſos particulares. Se da quinta vinha a caſa , ſempre viſitava os enfermos. Vio-ſe a ſua ineſtimavel caridade aſſim para com os noſſos Religioſos,como para com a Companhia , em o que pedio a Deos na occaſiaõ ſeguinte. Adoeceo de febre maligna hum noſſo Religioſo,em tẽ-

po

po que mais podia honrar a Companhia com suas muytas letras,& mais prestimos; sentio o Padre Lemos muyto esta perda, por ser a doença das que naõ dam quartel à vida; pedio a Deos nosso Senhor,que pois era jà velho,& servia cà de pouco, aceytasse a sua vida em lugar da vida daquelle Religioso,de que a Companhia necessitava. E dizia o bom velho,quando contou a certo nosso esta sua petiçaõ, que naõ era explicavel a penua, que tinha,quando via semelhantes mortes, pelo muyto,que costumava perder a Religiam em sugeytos tam adiantados, q̃ a servem,honram,& autorizam. E ou Deos ouvisse este bom desejo, ou naõ,o caso foy, que o Religioso depois de desconfiado dos Medicos,recuperou a saude, & o Padre Lemos dentro de muy pouco tempo morreo.

11 Deste caso, & de outros muytos se deyxou ver o amor, que tinha à Companhia. Quem tocava nella,lhe feria as meninas dos olhos, porque nenhum era mais zeloso em patrocinar, & defender as suas izençoens. Meneando tanto,foy homem, em que se vio grande pobreza; pois podendo ter muytas curiosidades de preço,os cabedaes, que se lhe achàram depois da morte pertencẽtes à sua pessoa, eraõ como o costumaõ serós dos Religiosos pobres. Por suas mãos remediava muytas vezes os seus vestidos,por livrar de molestia aos officiaes de casa,a quem pertence este cuydado. Assim mesmo naõ pedia cousa,minima porq̃ fosse, sem licença; & por evitar occasioens de cõmetter algum defeyto leve contra a santa pobreza, tinha licenças especiaes para cousas miudas, & que occorrem frequentemẽte. Este mesmo amor mostrou no protesto, que fez em huns apontamentos, que elle ditou, & escreveo seu Confessor, para declaraçaõ das cousas,que estavam na sua mão:dizendo,que declarava,que naõ dispunha de cousa alguma: que queria morrer como pobre Religioso,& que tudo queria, ficasse ao beneplacito de seus Superiores, que nem elle tinha outra diversa da sua vontade.

12 Quando dizia Missa nestes ultimos annos, em que o achaque,que padecia em huma perna,lhe fazia muyto violento, & penoso o dobrar o joelho atè o cham, nunca deyxou de fazer neste Santo Sacrificio as genuflexoens, como antes de ter o tal achaque,cortando por sua molestia por naõ faltar a tam devido obsequio; irando-se algumas vezes santamente contra todos, os que por evitar qualquer molestia, nam dobravam na Missa o joelho atè o cham. Nem ainda nos ultimos annos, em que os achaques pediam alguma dispensaçaõ nos rigores, a usava cõsi-

go

go, por isso naõ permittia, que outrem lhe varresse o cubiculo fizesse a cama, ou qualquer outro ministerio pertencente ao serviço de sua pessoa. Ainda sendo Reytor varias vezes varria o corredor da quinta; & como alguns lhe quizessem tirar da mão a vassoura, para elles o fazerem, continuava sem a largar, gracejando com os que lha pertendiam tirar das mãos. Depois de varrer dizia: Graças a Deos, que temos merecido a cea: & com esta, & outras graças adoçava este seu acto de humildade; & alegrava aos presentes; porque o Padre Lemos tambem teve muyta graça no seu modo, sem por isso perder cousa alguma de sua autoridade.

13 O que mais he, que tendo nos ultimos annos huma fistula na perna, em quanto a pode curar com suas mãos, naõ quiz que outrem lhe fizesse este ministerio: alguma vez, que por ser preciso, lha curava hũ Religioso de menos annos, por lhe ficar mais a geyto, se pòz de joelhos; tal cousa naõ consentio o Padre, por mais que lhe dizia, estar naquella postura por mais cõmodo seu, & tambem de sua Reverencia. Por tanto o mesmo Padre Lemos buscou outra postura mais violenta para elle, de modo que a caridade se fizesse estando o Religioso assentado: ao qual entretanto o bom Padre pedia muytos perdoens pelo incommodo, que lhe dava, & agradecia com affectuosas palavras a caridade, que com elle exercitava.

14 Rogava a Deos lhe desse doenças, que só elle as sentisse, & quando fossem daquellas, que costumam dar molestia aos outros, lhe tirasse brevemente a vida, que elle a naõ queria, para enfadar a seus Irmãos. Assim o veyo a conseguir. Aos Superiores se tinha offerecido para praticar, & prègar, todas as vezes, que por algum incidente faltasse o Padre que estava determinado para fazer a tal funçaõ. Tinha o P. Lemos para esta faculdade muy boa queda, porque alèm do bom talento, de que Deos o dotou, descobria com novidade, & agudeza: autorizava tudo, o que dizia, com muyta liçam da Santa Escritura, cujos livros, capitulos, & numeros dizia sempre, que referia suas autoridades: ajuntava tambem muyta liçaõ dos Santos Padres, com que dava pezo aos seus conceytos.

15 Nos ultimos annos de sua vida viveo retirado na quinta de Valbom, para se preparar com mais cuydado para a ultima hora, que conforme seus annos naõ podia tardar. Neste tempo meteo grande devoçaõ da Senhora na gente, que serve na quinta, contandolhe seus exemplos ao Sabbado depois de terem todos

dos rezado alternadamente o ſeu terço na Capella. Eſtando tão diſpoſto, lhe chegou a ultima doença, teve alguns crecimentos, ſem ſe entregar, ſofrendo, para ver ſe paſſava: mas como naõ amaynaſſe, antes foſſe de mal em peyor, ſe declarou, recolhendo-ſe para o Collegio, & dentro de oyto dias arrezoou a final. Na doença nam pedia ſaude, mas que ſe fizeſſe a vontade de Deos. Em quanto lhe foy poſſivel naõ faltou em fazer as ſuas devoçoens. Neſte tempo o achàram muytas vezes fazendo colloquios a Chriſto Crucificado, & a ſua Mãy Santiſſima, chorando muytas lagrimas; & para o naõ verem chorar, cobria o roſto, & lá debayxo da roupa dava todas as largas a eſta ſua piedade.

16 Antes de tomar o Santo Viatico, fez hum devoto colloquio, entre as mais couſas que diſſe ao Senhor, lhe deo graças pela mercè, que lhe tinha feyto de perſeverar atè áquella hora na Companhia; a ſeu tempo ſe lhe deo tambem a Santa Unçaõ, & ſe lhe applicou a Indulgencia da Santa Cruzada, conſervando ſempre ſeu juizo. Finalmente em 10. de Novẽbro de 1700. com grande paz, & ſoſſego entregou ſua alma nas mãos de ſeu Creador. Faleceo no cubiculo ſexto da enfermaria do Collegio de Evora, pegado à Capellinha dos enfermos da parte do Euangelho; eſcolheo eſte cubiculo para gozar mais de perto do Sacroſanto Sacrificio da Miſſa, que ſempre ouvia da cama, pela janela, que para eſte effeyto eſtà aberta na parede do cubiculo em correſpondencia do Altar. Foy ſua morte de juſto, como fora ſua vida. Deram lhe ſepultura na Capella de Santo Ignacio da parte da Epiſtola; ſervindolhe a Capella, que ornou cuſtoſamente, de glorioſo Mauſoleo, & a nòs todos de lembrança perpetua do muyto, que devemos a tam inſigne bemfeytor, que nos enriqueceo com obras grandioſas, & nos edificou com exemplos tam illuſtres. Tinha ſetenta, & ſinco annos, & meyo de idade, ſeſſenta & hum annos, & meyo de Companhia, ſempre ſe entendeo viviria mais, ſe foſſe homem, que trataſſe de ſua ſaude; por ſer de natural rijo. He o que pude ajuntar dos homens, que o tratàram, em agradecimento do muyto, que lhe devemos.

CAPI-

CAPITVLO XIV.

Vida do Veneravel Padre Joam da Fonseca, de sua patria, & occupaçaõ, em que gastou a vida na Companhia.

1 O Padre Joaõ da Fonseca, que foy hum dos Religiosos de conhecida virtude, que nestes nossos tempos teve a nossa Companhia em Portugal, nasceo em a nobre Villa de Viana de Alentejo no Arcebispado de Evora: seus pays foraõ virtuosos, & honrados, & para o ser, lhes bastava terem hum filho tam santo: chamavam-se Bartholomeu Soudo, & Angela Coelha: criàram a seu filho com grande amor aos bons costumes; lograva-se toda esta boa educaçaõ ajudada do seu natural, & indole per si propensa a todas as obras de virtude.

2 Sendo de poucos annos lhe faltou o pay, & ainda que a falta destes he occasiam de muytos desacertos em os filhos; deyxou elle a este seu filho naquelles primeyros annos tam disciplinado, que se ajustava com suas obrigaçoens, como se em todas ellas tivesse por testimunha de vista a seu pay.

3 Já naquelles tenros annos se via nelle hum grande affecto a ajudar ás Missas, & a ouvillas, devoçaõ que em toda a vida foy sua muyto particular: & contava, nam sem aquelle sal, de que o dotou a graça; que sendo menino, & indo para a escola, o chamou hum Clerigo para lhe ajudar à Missa; receando-se de que o castigasse o Mestre por ir tarde para a escola, se escusou com estes receyos ao Clerigo, o qual o assegurou, de que nam seria castigado: fiado nesta palavra lhe ajudou á Missa, & acabada ella, se despedio do Sacerdote, nam sem aquelle seu primeyro receyo, no qual hia embebido; senaõ quando passando pela porta de huma tia sua, esta o chama, & lhe dà de almoçar: naõ foraõ bastantes os temores a lhe fazer perder a occasiam, de que se aproveytou muyto à medida do seu desejo. Quando depois de todas estas demoras chegou à escola, & cuidava, que vinha sobre elle a ira de Deos: perguntado porque viera tam tarde, respondeo, tudo o que lhe passára com o Sacerdote. Fizestes, o que eu esperava de vós, & quero façam todos os meus discipulos, lhe disse entam o Mestre; accumulando muytas razoens, & motivos para o persuadir a elle, & a todos ao santo exercicio de ouvir Missas.

4 Com esta reposta tam insperada, ficou sobre maneyra alegre,

gre,& dalli por diante com particular affecto ao Santo Sacrificio da Missa. E acrecentava o bom Padre,que atè para o corpo era proveytoso, como elle em si experimentàra nesta occasiam acodindolhe a tia,quando elle tal cousa naõ esperava.

5 Passados os annos da puerilidade, sua Mãy o mandou estudar à Universidade de Evora; na qual procedeo com a mesma bondade de costumes, com que se tinha criado. Em prova disto he, o que na conferencia que se fez de suas virtudes em Evora, disse hum Padre velho, que sendo menino concorreo com elle nos estudos: no tempo, que Joaõ Soudo (assim se chamava o Padre Fonseca antes de entrar na Companhia) era pertendente,& o dito Padre era Noviço, lhe perguntou o Padre Mestre dos Noviços,se conhecia a Joaõ Soudo, & a outro pertendente,que lhe nomeou; & que julgava das propensoens de cada hum;porque como era da mesma criaçaõ teria observado nas obras,& palavras em que a natureza desafoga com mais liberdade diante daquelles,que saõ dos mesmos annos, qual fosse o genio de cada hum, & aonde os levavam suas inclinaçoens. Respondeo o Noviço, que ambos os pertendentes conhecia muyto bem;& que Joaõ Soudo era dado à virtude,& que se entrasse,seria verdadeyro Noviço,& Religioso da Companhia,accommodando-se em tudo as obrigaçoens do seu estado: que do outro naõ podia prometter o mesmo, por quanto fora criado com demasiado mimo,que lhe parecia, que com qualquer dissabor,que se lhe desse, se avia de desgostar da Religiaõ. Quam acertado fosse o discurso deste Noviço, mostrou bem a experiencia em o Padre Joaõ da Fonseca, que no outro pertendente, por naõ entrar,naõ ouve occasiaõ de se ver;ainda que de tal educaçaõ nam se podia esperar cousa diversa da que pronosticava,ou de que se recreava o Noviço.

6 Estudando pois em Evora,vio hum dia,que dous Religiosos authorizados da Companhia entravam em casa de humas mulheres perdidas para tratarem de seu remedio espiritual;edificouse tanto desta caridade, que alèm de conceber huma grande opiniam da virtude dos Religiosos da Companhia, assentou comsigo de entrar nella,& a começou a pertender.

7 Veyo a conseguir seus desejos aos 19. de Janeyro de 1649. tendo dezasete annos de idade,& andando jà no primeyro Curso da Universidade de Evora: entrou em o Noviciado, que a Companhia tem em o Real Collegio de Evora,sendo Mestre dos Noviços o Padre Diogo Machado. Das particularidades de

ſuas virtudes eſtes dous annos nam ſabemos couſa alguma; mas ſe dos annos ſeguintes he bom o argumento, que ſe faz para os paſſados em os homens, que dos primeyros annos viveram em Religiaõ; do diſcurſo de toda a ſua vida ſe deyxa bem ver, qual foy a raiz, donde brotàram frutos tam precioſos. Os q̃ o conhecèraõ deſde os annos acabado o Noviciado, & o tratàraõ quaſi ſempre atè os ultimos, dizem, que nunca variàra de eſtylo no modo de proceder; que ſempre o conhecèram, & tiveram por Religioſo exemplar, & que de veras tratava de Deos, & da perfeyçam.

8 Naõ quero paſſar em ſilencio, o que lhe ouvi contar com muyta graça, lhe acontecèra com o ſeu Meſtre dos Noviços: chegouſe a elle o Irmaõ Joaõ da Fonſeca, & lhe manifeſtou hũa grande dor de cabeça, que o moleſtava, acrecentando, que algũas vezes là fóra lhe vinha ſemelhante dor. E que vos fazia, Joaõ, voſſa Mãy (diſſe o Padre Meſtre) quando vos inquietava eſſa dor? Reſpondeo com muyta ſinceridade: Padre, apertava-me a cabeça com hum lenço, & dava-me alguns confeytos, & com iſto ſe me deſpedia a dor. Senaõ he mais, que iſſo, (reſpondeo o Padre Meſtre) depreſſa eſtareis ſaõ; tirou hum lenço, apertou com ſuas mãos a cabeça ao Noviço; & abrindo hum almario, em que tinha com que em ſemelhantes neceſſidades acodir aos ſeus Noviços, lhe deo alguns doces, com que brevemente ſe lhe foram as dores de cabeça; & conheceo, que na Companhia os Meſtres dos Noviços os tratam com tanto, & mais amor, & mimo, do que os tratam ſuas mãys, & ſeus pays; & nem por iſſo a criaçaõ deyxa de ſer a melhor, que ha em todas as Religioens, porque com eſta ſuavidade cobram mayor amor á virtude, & eſta ſe torna quaſi, natureza nos deſte ſanto, & innocente eſtado, tendo por Mãy, Pay, & Irmãos aos que o ſam em Chriſto.

9 Acabado o Noviciado continuou os ſeus eſtudos na meſma Univerſidade, & dando os meſmos exemplos. As ſuas primeyras occupaçoens foram, as que o coſtumam ſer de quaſi todos da Companhia. Exercitava-ſe muyto em obras de humildade, & caridade. No tempo em que ſe levantou o infauſto ſitio, que os Portuguezes puzeram ſobre a Cidade de Badajòz, de que ſe retiràram inficionados de contagio, & o diffundiram por quaſi todo eſte Reyno, com mortee de muytos milhares de homens; ſe alojàraõ muytos ſoldados enfermos no Hoſpital dos eſtudantes da Univerſidade de Evora: os noſſos Religioſos reve-

zada-

zadamente lhes hiam fazer as camas, a consolar, & servir: era neste santo exercicio muyto fervoroso o Irmaõ Joaõ da Fonseca; avia outro nosso Irmaõ, cujo natural por ser de compleyçam mais delicada, sentia grande revoluçaõ nestes ministerios: este segurava, sempre que avia de ir, por companheyro ao Irmaõ Fonseca; o qual conhecendo bem a ansia, que aquelle Religioso sentia, tomava sobre si todo o trabalho; & a elle o punha em algum lugar, aonde estivesse sem molestia, em quanto elle compria com o seu, & com o trabalho do companheyro; de quem se compadecia nam menos, que dos enfermos, que estavam no Hospital.

10 Depois que se ordenou de Sacerdote gastou a vida em os ministerios da Companhia. Foy a Missoens às Villas de Abrãtes, Alcaçar do sal, Castello da vide, & à Cidade de Beja. Leo quatro annos Filosofia em a Universidade de Evora. Depois foy por Mestre dos Noviços para o Collegio de Coimbra, dalli o mandáram por Visitador do Collegio da Ilha da Madeyra; voltando ao Reyno foy Prefeyto dos Irmãos do Recolhimento em Evora, & Reytor do Noviciado de Lisboa: tornou a Coimbra a ser Instructor dos Padres do terceyro anno: estando nesta occupaçaõ, em Outubro de 1695. por ordem de nosso Reverendo Padre Geral se começou o estudo das letras humanas em o Noviciado de Lisboa; no qual aviam de ir estudando todos, os que acabavam o Noviciado em Coimbra, Evora, & Lisboa; passou logo por Prefeyto dos Irmãos Humanistas de Lisboa o Padre Joaõ da Fonseca; & tendo feyto aquella occupaçaõ quatro annos, o mandàram para o Collegio de Santo Antaõ a ser Prefeyto do Espirito: nesta occupaçaõ acabou santamente como diremos, depois de referir as muytas virtudes, que exercitou em todo o discurso de sua vida; & os santos documentos, com que instruhio àquelles, que a Religiaõ lhe entregou, para os criar, & promover no espirito da Companhia.

CAPITVLO XV.

Da devoçăo ao Santissimo, ao Nascimento do Senhor, & à Virgem Senhora.

1 EM a relaçaõ de suas virtudes, quero dar principio pela grande devoçaõ, que teve ao Santissimo Sacramento. Nasceo o P. Joaõ da Fonseca, como eu lhe ouvi dizer,

no tempo que na Freguezia ſe dava final a levantar a Hoſtia no Sacrificio da Miſſa: & eſte entre outros era hum dos motivos, que tinha para ſer devoto deſte myſterio: & aſſim como elle tivera a dita de naſcer debayxo de tam boa eſtrella, quiz tiveſſem tambem a meſma os livros eſpirituaes, que compòz: deſtes foy o primogenito a Inſtrucçam eſpiritual para antes, & depois da Sagrada Communhaõ, que conſagrou todo ao Diviniſſimo Sacramento.

2 Entre dia o viſitava muytas vezes; & coſtumava dizer, que eſtas viſitas naõ aviam de ter menos de quarto; as que elle fazia eram ordinariamente dilatadas. Zelava muyto a honra de tam excellente myſterio. Hum grande caſtigo, que certa Cõmunidade teve neſte Reyno, attribuhia o Padre Fonſeca ao pouco reſpeyto, cõ que ſe ouve em huma occaſiaõ para cõ eſte myſterio: duas vezes lhe ouvi referir aquelle caſtigo; & quando o contava, ſe enchia todo de hum furor ſanto, dizendo cõ grande energia de palavras: E vòs tomaiſvos com o Santiſſimo Sacramento, pois eſperai, o que vos ha de vir por caſa; neſtas materias naõ ha que zombar com Deos, que nellas naõ coſtuma diſſimular com os noſſos deſacertos. Logo referia outros muytos caſos, com que encarecia eſta materia Dizia todos os dias Miſſa, em quanto lhe era poſſivel, & iſſo ainda nas jornadas, ſe avia commodo para ella; ajuſtando-ſe, quanto ao tempo, com a regra dos Sacerdotes da Companhia.

3 Quando o Senhor eſtava expoſto, ou na noſſa Capella, ou na noſſa Igreja, alli era a ſua principal aſſiſtencia. Em o Noviciado de Lisboa o vimos com grande edificaçaõ, & confuſam noſſa, que ſendo de menos annos naõ faziamos outro tanto, ir por ſeu turno a aſſiſtir com a ſobrepeliz em companhia de hum Irmaõ Noviço diante do Santiſſimo, na fórma, que ſe uſa naquella ſanta caſa, quando eſtá o Senhor expoſto, ou na Capella dia do Corpo de Deos, ou na Igreja, quando nella ha Lauſperenne; que em ambas as partes fazia o Padre Fonſeca eſte obſequio ao Senhor; nam permittindo a ſua devoçaõ, que ſe fizeſſe naquellas ſolemnidades obſequio algum a ſua Divina Mageſtade, em o qual elle naõ entraſſe, ainda que pelo fazer, ſe ouveſſe de pòr no andar dos Irmãos Noviços.

4 Na ultima enfermidade pedio ao Irmaõ Sacriſtaõ, que lhe deſſe ſepultura diante do Santiſſimo Sacramento, como em effeyto ſe lhe deo no Cruzeyro da Igreja de Santo Antaõ. No Santo exercicio de ouvir Miſſas foy incanſavel: ſe entrava em al-

alguma Igreja,aonde avia Missas,as ouvia atè o fim; deque fomos boas testimunhas os Padres do terceyro anno: quando succedia encaminhar o exercicio a Santo Antonio dos Olivais em Coimbra,que era muytas vezes,se chegava em tempo, que ouvesse Missas,estas se aviam de ouvir.

5 Em o Noviciado de Lisboa sendo alli Prefeyto do espirito dos nossos Irmãos estudantes, tinha pedido ao Irmaõ Sacristaõ da Igreja, que todas as vezes, que ouvesse Missa,tangesse o sino; & logo acodia, ouvindo todas as que se diziam: & nesta devoçaõ gastava a mayor parte da manhã.Quando succedia acharse na Sancristia,& naõ aver ajudante, elle tomava a sobrepelis,&ajudava à Missa aos Clerigos,que a diziam.

6 Em Evora,quando adoecia, pedia sempre ao Irmaõ enfermeyro hum cubiculo junto da Capella dos enfermos, para de mais perto ouvir as Missas,que nella se dissessem, & poder lograr de todas sem molestia dos outros enfermos: porque naquellas enfermarias, de todas as camas dos doentes se vè o Sacerdote no Altar pelas janellas, que de huns em outros cubiculos com a proporçaõ necessaria vem a parar na Capella de frõte dos lados do Altar. Neste tempo quando commungava,sahia fóra da cama pondo-se de joelhos em terra, & com toda a devoçaõ recebia tam divino hospede: nem avia para elle achaque tam poderoso,que nesta occasiam o atasse à cama;como se verà no fim desta vida,quando fallarmos da ultima vez que recebeo o Santo Viatico: exemplo,que deviam imitar todos em suas enfermidades.

7 Da devoçaõ ao Santissimo passemos à que teve ao Santo Nascimento do mesmo Senhor: he este mysterio o mais terno, que tem a vida de Christo, em cuja consideraçaõ as almas pias experimentam grandes sentimentos,& jubilos espirituaes:& os deste bom Padre eram tam grandes, que a ninguem se occultavam. Nas vesporas desta solemnidade, em que nesta Provincia obra a piedade dos nossos Religiosos nas suas Capellas interiores muy primorosos presepios para fomentar, & levar adiante a devoçaõ,que a este mysterio nos deyxàram nossos antepassados, o Padre Joaõ da Fonseca todos os annos fazia hum presepiosinho no seu cubiculo, para isso trazia da cerca ramos de eras, & arvores, com que enlaçava,& vestia a tosquidam da santa lapinha;convidava a alguns,para que o ajudassem na obra;lendo todos em seu rosto,& palavras hum inexplicavel affecto a este santo mysterio.

8 Feyto já o seu presepio com todas as ternuras, que fazem amavel aquella santa tosquidam, diante delle gastava muyto tempo em oraçoens, & colloquios, dizendo muytos affectos a Deos menino; & fazia tambem, com que lhos dissessem os nossos Irmãos estudantes, que hiam ao seu cubiculo; todos gostavam de entender com o seu presepio, de dar cõsideraçoens santas sobre as alfayas delle, de ouvir ao bom velho, que nestas, & semelhantes occasiões era, & se mostrava para com todos muyto alegre, & desenfastiado.

9 A noyte do Natal passava quasi toda em vigia, atè à meya noyte passava em oraçaõ suspirando pela vinda, & nascimento de Deos menino; da meya noyte por diante dizia as suas Missas, & ouvia outras, se tinha disso occasiaõ. Na conferencia de Evora contou hum Padre, que sendo elle do terceyro anno, & Instructor o Padre Joaõ da Fonseca, dissera este huma Missa pela meya noyte; depois pedira ao Padre dissesse as suas tres, que elle ouvio; depois ouvio ainda outras, & disse as duas, que lhe restavam, de sorte, que toda a noyte atè pela manhã se lhe foy em dizer as suas Missas, & ouvir as dos outros.

10 Foy cousa de grande devoçaõ, & applauso dos circunstantes, o que lhe succedeo em huma doutrina, das muytas, que fez em Castello da Vide, quando alli assistio no tempo, que estavam alguns da Companhia naquelle povo por causa da fundaçaõ que nelle se intentou, & desvaneceo. Fallando o Padre de Deos Menino desabrigado no seu presepe, perguntou aos Meninos, quem queria dar alguma cousa a Deos Menino, com que reparasse, & cobrisse a desnudez, em que estava: Levantàraõ todos juntamẽte a vòz, dizendo: Eu, eu, Padre, quero soccorrer a Deos Menino: entre os demais levãtou a vòz hũ mais cõcertadinho, & bem vestido; apontando com a cana para elle o Padre, lhe disse: Ora Menino, jà que quereis dar alguma cousa a Deos nascido, despì essa cassaca para lha offerecer: o Menino cuydando, que já lha tiravam dos hõbros apertou os braços, & a apertou comsigo: vendo isto hum rustico, dos que ouviam a santa doutrina, tirou dos hombros com grandes mostras de piedade a sua capa, & a offereceo alli diante de todos, para se acodir com ella ao desabrigo do Menino Jesu. Causou esta piedade grande commoçam no auditorio, dando o Padre sobre ella muytas consideraçoens, exhortando à devoçaõ do Santo Mysterio do Nascimento, a que elle era tam affeyçoado.

11 Quem era tam devoto do Filho, jà se sabe, que o naõ avia

de

de ſer pouco da Mãy; na devoçaõ deſta Senhora ſe eſmerou muyto o Padre Joaõ da Fonſeca, procurando eſtiveſſem com todo o ornato aquellas Imagens em que era mais reſpeytada. Foy particularmente devoto de Noſſa Senhora da Graça, & da ſua Imagem, que em Capella eſpecial ſe venera na Igreja do Noviciado de Lisboa. Ha tradiçam, que diante deſta Santa Imagem revelàra Deos ao Santo Irmaõ Domingos da Cunha, aquelle famoſo Pintor, que pintou ao natural a Imagem de Saõ Franciſco de Xavier, que levou o Veneravel Martyr Marcello Maſtrilli ao Japaõ, & por meyo da qual ſe obráraõ as maravilhas, que ſe referem na ſua vida; que ſe avia de ſalvar; com o qual dito interior, alèm da alegria que teve o ſervo de Deos, reſultou mais devoçaõ à Santa Imagem.

12 Eſtava ella, ainda que em huma das principaes Capellas da Igreja com pouca riqueza, & ornato, ſem retabolo, por ſer pobre aquella caſa, & lho nam poder fazer a expenſas ſuas. Tinha o Padre Joaõ da Fonſeca grande ſentimento de naõ ver taõ Veneravel Imagem cõ a decencia, que merecia; & ſem mais poſſes, que as que lhe offerecia a ſua devoçaõ; ſendo Reytor da Caſa, deo ordẽ, a que a S. Imagem eſtiveſſe cõ mais algum ornato. Eſtava elle hum dia com a obra entre mãos diſpõdo, o que ſe avia de fazer, quando o veyo a viſitar ſeu grande amigo o muyto honrado Senhor Manoel Lopes de Lavra, bẽ conhecido em todo eſte Reyno por ſua ſingular bõdade, & piedade, & pela opulẽcia da ſua caſa, a quem elle fez hũa das grandioſas deſte Reyno.

13 Contoulhe o Padre Fonſeca os ſeus intentos, & a ſua impoſſibilidade. Nam tome voſſa Paternidade pena, (lhe diſſe eſte Senhor) mande logo chamar officiaes, & à minha cuſta ſe faça retabolo para eſte Altar: agradeceolhe a piedade, deo ordem á obra, a qual ſe fez, & durou com o primor, que hoje ſe vè: moſtrando Deos neſta, & em outras obras do ſeu culto, que o meter mão a ellas, he fazellas; porque ainda que os cabedaes, de quem as emprende, ſejam poucos, ſaõ muytos os de Deos, por conta de quem correm ſemelhantes obras.

14 Naõ parou aqui eſte ſeu devoto; para que o povo entendeſſe, quam digna de reſpeyto era eſta Santa Imagem: mandou fazer dous caſtiçaes de prata, os quaes cravados no retabolo aos pès da Senhora, eſtiveſſem com duas velas aceſas todos os Domingos, & dias Santos deſde pela manhã atè ſe fechar a Igreja depois da ultima Miſſa: & para que eſte culto da Senhora nam eſpiraſſe com o ſeu governo, applicou com approvaçaõ dos Superiores

periores

periores alguns dinheyros, que tem o Reytor do Noviciado pela administraçaõ de huma das Capellas da Igreja, para rendimentos da cera daquellas duas velas.

15 Andando os tempos, teve esta disposiçaõ algumas contradiçoens, quasi todas originadas da pobreza da casa, ajudada de outras razoens que traziam; & naõ ha porque deter em as contar. Com tudo sempre prevaleceo a posse da Senhora. Reytor ouve, que julgou, & ainda mandou, que nos tempos, em que era estylo accenderem-se as duas velas, em seu lugar estivessem acesas as dos castiaçes do Altar, attendendo, a que por este caminho se poupava cera, servindo a mesma ao culto da Senhora, & às Missas, que se diziam no Altar.

16 Naõ se pòde dizer em poucas palavras a pena que tomou de se regatear com a Senhora: dizendo que por este caminho se diminuhia o seu culto, cuja especialidade se deyxava mais ver, estando acesos os dous castiçaes, que estavam aos pès da Senhora, destinados só para aquelle ministerio. Pode tanto a sua piedade, que fez com que se puzessem as cousas na fórma, que elle as instituira; & nessa se conservam, & conservaràõ sempre, assim para o culto da Santa Imagem, como para lembrança da devoçaõ do Padre Joaõ da Fonseca.

17 Quando naquella casa era Prefeyto do Recolhimento, & tiveram as duas velas a principal contradiçaõ, contou hum Padre, que entam era Consultor, lhe entràra pelo cubiculo, todo magoado, & choroso pedindolhe com tantos encarecimentos, favorecesse o seu requerimẽto, que o Padre se enterneceo, & o ajudou quanto pode. Aos pès da mesma Imagem collocou a cabeça de S. Modesto, que trouxe de Roma, quando sendo Reytor do Noviciado là foy à Congregaçaõ, em que se elegeo nosso Reverendo Padre Thyrso Gonzales.

18 Em quanto alli vivi com elle, me lembra o grande cuydado, que tinha, de que andasse bem tratado o Altar da Senhora da Graça, dando ordem, cõ q os nossos Irmãos estudantes lhe fizessem seus arcos de flores de papel, & seus ramalhetes, com que estivesse ornado; mandando-os muytas vezes fazer oraçaõ diante desta Imagem; outras, quando sentiam alguma dor, untandolhes a parte molestada com o azeyte da sua alampada, achãdo-se elles brevemente alliviados, nam sem consideraçaõ, de que a melhoria era effeyto da virtude do seu Padre Prefeyto Joaõ da Fonseca.

19 A esta Senhora dedicou o livro intitulado, Sylva Moral,

ral,& hiſtorica,que imprimio;& quiz que o primeyro dinheyro,que ſe fez, foſſe para comprar alguns materiaes para ſe lhe fazerem ramalhetes. Depois que paſſou a morar no Collegio de Santo Antaõ,vindo ao Noviciado, a ſua primeyra viſita depois do Santiſſimo,ſe encaminhava à Senhora da Graça. Quando lá o viſitava algum morador do Noviciado,a couſa,que ſempre pedia,era que o encomẽdaſſem à meſma Senhora. No Collegio de Santo Antaõ gaſtava a mayor parte do dia na Capellinha diante do Santiſſimo,& da Senhora, em cujos Sabbados eram particulares os obſequios, queimando tambem muytos cheyros: & nas veſporas das feſtas de Chriſto,& da Senhora hia comer com os pobres á portaria, & a enſinarlhes a doutrina Chriſtãa: dava-ſe a Senhora por bem ſervida deſte ſeu devoto deſpachandolhe muytas petiçoens,que lhe fazia,aſſim em ordem ao bem proprio, como daquelles,que ſe valiam das ſuas oraçoens.

CAPITVLO XVI.

Devoção que tinha aos Santos.

1 A Eſta devoçaõ da Senhora acompanhava a que tinha muy eſpecial a muytos Santos, acodindo a elles com grande fé,& àquelles lugares,& nas occaſioens, em que eram mais venerados. Em Lisboa nos dias de Santo Antonio hia algumas vezes viſitar a caſa donde naſceo: nos de Santa Catherina hia à ſua Igreja. Na manhã de S. Joaõ em obſequio do Santo Precurſor tecia ſua capella de ramos,& hervas cheyroſas, & a punha em ſua cabeça;& todos os annos, que vivi com elle, lhe vi fazer,& pòr na cabeça eſta capella; & como eu, ſegundo minha lembrança,lhe perguntaſſe, que razaõ tinha para aſſim o fazer,me reſpondeo, que depois que fazia aquelle obſequio a S. Joaõ Bautiſta,lhe naõ vieram mais dores de cabeça, que antes o moleſtavam frequentemente.

2 Quando ſahia a fazer exercicio, ordinariamente o dirigia a algum lugar de devoçaõ, como em Coimbra a Santa Comba, ou a Santo Antonio dos Olivaes; & em Lisboa quando eſtava em o Noviciado, a noſſa Senhora das Neceſſidades em Alcantara;& quando em Santo Antaõ, a Noſſa Senhora do Monte,que eſtà em hum lugar alto de fronte do noſſo Collegio. Dava ſempre

pre

pre principio a estes exercicios com o Itinerario, que a Igreja dispòz, para os que andam em jornadas.

3 Excepto os dias precisos naõ dizia Missa de Requiem, ainda que applicava muytas pelas almas; dizendo-a do Santo occurrente, a quem naõ queria faltar com este obsequio no seu dia, porque entam vendo-se o Santo penhorado apresentaria a Deos em favor das almas aquella Missa, que toda era em proveyto dellas, & intercederia pelas tençoens do Sacerdote; & que julgava, que nos taes dias, a vontade das santas almas era, que se fizesse aquelle obsequio ao Santo, de que rezava a Igreja.

4 Da grande devoçaõ, que tinha aos Santos como a amigos, & validos de Deos, nascia o recorrer a elles nas occasioens com grande confiança, & era esta tam grande nelle, que pedia como quem estava certo de alcançar, & como quem pede a algum amigo, que sabe tem gosto de que lhe peçaõ.

5 Contarei nesta materia em primeyro lugar o que passou diante dos meus olhos. Vinha eu com elle de Coimbra para Lisboa, & dormindo em huma estalagem; na qual em outro aposento estava hum Religioso de Saõ Bento; este depois que nos recolhemos, por causa das dores, que lhe sobrevieraõ de huma retençaõ de ourinas, achaque de que padecia muyto, começou a dar gritos em Ceo, & em terra como dizem; & assim passou toda a noyte: pela manhã em se abrindo as portas, foy o Padre Fonseca àquelle aposento, saber de que nasciam aquellas ansias; achouse com o Religioso Bento, & perguntado este, que tinha; entre muytos ays, contou ao Padre os apertos, em q se via. Naõ tome vossa Paternidade pena, lhe disse, encommende-se a Saõ Liborio advogado dos que padecem este achaque; & eu vou rezar ao Santo a sua oraçaõ, que espero ha de aliviar a Vossa Paternidade. Dizendo estas palavras, voltou para o seu aposento, posto de joelhos rezou ao Santo a sua oraçaõ, & brevemente lhe rogou por aquella necessidade; & voltou a saber como estava o Religioso; o qual contentissimo lhe disse: Padre, estou livre, & descarregado desta oppressaõ; & foy assim, q em o Padre Fonseca rezando a oraçaõ do Santo se alliviou a natureza de toda a causa daquellas dores. Logo deo escrita a oraçaõ com sua antifona ao Religioso, para em semelhantes se valer de tam presente remedio. O que eu aqui admirei foy a confiança, & fê, com que lhe assegurou, se acharia logo melhor, & com que se recolheo a fazer oraçaõ: na qual ainda que o favor foy do Santo,

naõ

naõ se pòde negar,que ajudaria muyto diante de Deos,o ser negociado por homem tam virtuoso.

6 Do nosso Portuguez Santo Antonio,com quem tinha especial devoçaõ,recebeo singulares mercès. Indo em jornada, se perdeo no caminho,sem aver quem lho ensinasse, por ser erma a paragem, em que se achava; recorreo a Santo Antonio,se naõ quando lhe sahe ao encontro hum homem de traje agreste, & sem elles lhe perguntarem cousa alguma,os meteo no caminho, donde se tinham afastado.

7 Estando jà na mão do Impressor a Sylva Moral, & historica para se imprimir, foy là o Padre, & achou ao Impressor com grande cuidado, por se lhe aver desaparecido o papel, que continha as licenças para se dar à imprensa, & tendo-se feyto exactas diligencias,nam apparecia: entrou o Padre para huma casa, onde trabalhavam os officiaes, & lhes disse, buscassem o papel,em quanto fazia oraçaõ a Santo Antonio, cuja Imagem alli estava,& em effeyto se pòz de joelhos;entam se advertio em hum papel,que estava aos pès da Imagem, & abrindo-o, achou ser,o que se buscava.

8 Outro em parte semelhante referia o Padre Joaõ da Fonseca, succedèra, quando se revia por ordem do S. Officio a sua Escola de doutrina Christãa, q̃ tam proveytosa tẽ sido: estava em poder de hum Qualificador,q̃ sem saber della a dava jà por perdida; tanto, que o P. Fonseca vendo a tardança, pedio ao Tribunal lha mandasse expedir: logo se ordenou ao Qualificador a mandasse: respondeo, que aquelle livro lhe tinha dado grãde cuydado,porque sem saber como,se lhe desapparecèra, & suppunha,que se lhe furtàra: com este cuidado se pòz o Qualificador de joelhos diante de huma Imagem de Santo Antonio que tinha na cella, & como quem o importunava, começou a pegarlhe com as mãos, & com o movimento, que fez na Imagem,lhe cahio aos joelhos o livro do Padre Fonseca, que estava em huma abertura,que tinha a peanha do Santo; & desta sorte livrou assim ao Padre Fonseca, como ao Qualificador do susto, em que estavam.

9 Quando voltava de Roma,em Viterbo se achou indisposto hum dos companheyros;disselhe o Padre Fonseca,que se encõmendasse a Santa Rosa de Viterbo; & elle tambem o encommendou à Santa, que logo lhe impetrou de Deos saude para proseguir o caminho. Zelava com grande fervor tudo o que tocava ao culto, & honra dos Santos. Sendo naturalmente encolhido,

lhido,& que naõ daria pena a cousa viva , muyto menos a seus Prelados,a quem respeytava como a Deos ; com tudo advertindo,que huma vez por ordem,ou permissaõ de hum Superior , se naõ accendiam humas velas em a Novena , que os Irmãos faziam na sua Capella ao Santo Xavier nos dias antes de sua festa; usando das licenças,que lhe dava o officio de Admonitor, se foy ao seu cubiculo,& intrepidamente lhe estranhou aquelle descuido,que julgava , naõ era bem se permittisse proceder em menos culto de hum Santo,a quem deviamos tantos obsequios.

10 Ainda se mostrou mais animoso , quando visitandonos hum Arcebispo deste Reyno em o Noviciado de Lisboa, assistindolhe os Religiosos da casa,& o Padre Joaõ da Fonseca: tocou elle na pratica , que Santo Ignacio naõ soubera o dia de sua morte; & como a semelhantes pessoas se naõ responde a tudo;calando-se os demais , o Padre Joaõ da Fonseca com huma santa confiança lhe disse: Illustrissimo Senhor,quẽ diz isso, nam tem noticia das historias da Companhia , nem da vida de nosso Santo Padre; elle soube por revelaçaõ Divina o dia de sua morte,como referem , os que disto tratam. Depois cõtando-me elle, o que nesta occasiaõ tinha respondido , dizia com grande asseveraçaõ: Quando se falla em cousas tocantes aos Sãtos,& muyto mais aos nossos,& ellas cedem em alguma diminuiçaõ de sua virtude,avemos logo de acodir,fazendo pouco, ou nenhum caso de quaesquer respeytos humanos. Os que nesta occasiaõ estavaõ presentes, se admiràram , de como no comedimento do P. Joaõ da Fonseca coubesse huma reposta tam desafogada ; nam penetrando o zelo santo,de que nascia.

11 Por este mesmo respeyto , que tinha aos nossos Santos, quando prègava,ou praticava de suas virtudes,nunca se explicava pelo nome simplezmente,como fazem outros,dizendo:Ignacio,Xavier: mas nosso Padre Santo Ignacio, nosso Glorioso Padre S. Francisco de Xavier ; ou de outro modo honorifico. Assim mesmo , quando fallava da Senhora em semelhantes occasioens,nunca dizia este nome,Maria por si só.

12 Em Coimbra pergũtando o Padre Provincial em a Capella,aonde assistiam todos os Padres, se avia alguma cousa digna de se advertir para se emendar: notou o Padre Joaõ da Fonseca esta,de que os Prègadores pronunciassem per si só o Santo Nome de Maria , quando fallavaõ da Senhora,& os dos nossos Santos,quando se prégava delles; que lhe parecia mais decente, pronunciallos sempre com modo mais honroso , & que denotasse

taſſe reſpeyto em quem os proferia. A iſto ſe reſpondeo, que ainda que arguhia mayor veneraçaõ, fallar do modo, q̃ ſua Reverencia dizia, com tudo que os homens Santos, ſabios, & Religioſos ſe explicavam tambem pelo outro modo.

13 Naſcia deſte affecto a Deos, & aos Santos, deſejar grandemente, & procurar, que tudo, o que eſtava dedicado a ſeu ſerviço, no aceyo, & concerto pareceſſe couſa que tocava a Deos: offerecendo-ſe occaſiaõ inclinava as peſſoas pias, a que deſſem couſas para o ornato das Santas Imagens, ou Capellas, que delle neceſſitavam. Eſtando em grande pobreza a Capellinha dos moços do Noviciado de Lisboa, alcançou dos Superiores, que as latadas, que cobrem o patim, donde ella eſtà, rendeſſem para ornato da dita Capellinha, com a qual eſmola começou a ſahir da penuria, em que eſtava.

CAPITVLO XVII.

De ſua grande virtude.

1 AInda que as virtudes andam (como dizem, & he) encadeadas; com tudo algumas nos homens ſantos moſtram ter ſua mayoria, por ſer nelles mayor o exercicio dellas. Deſtas na minha opiniam, a que mais realçou em o Padre Joaõ da Fonſeca, foy a caridade para com o proximo; eſta lhe levou a mayor parte das attençoens, como ſe verà bem claramente das occaſioens, em que acodio ao proximo nas neceſſidades do corpo, & nas da alma: ſaõ tantos os caſos neſta materia, que dos poucos, que referir, ſe verà o muyto que obrou.

2 Viſitava frequentemente aos enfermos nos Hoſpitaes, & aos prezos nas cadeas, conſolando, & animando a todos; & quãto podia nunca a ſua viſita era ſó de palavras, ſempre levava algũa couſa, que lhes dar. Coſtumava dizer que naõ avia eſmola mais bem empregada, que a que ſe fazia aos prezos, que a nam podem negociar. Lembrame, que em hum anno de fome ſendo Inſtructor dos Padres do terceyro anno, com alguns toſtoens, que tinha dos ſeus livrinhos, comprou milho, & feytas boroas as partia em pedaços, & levava com os ſeus Padres do terceyro anno aos prezos da cadea. Outras vezes pedia eſmolas ao Padre Reytor, que lhas dava boas, & de boa vontade, & lhas levava.

3 Nem ſe fundava ſò em paõ, procurava de lho adubar com alguma outra couſa, jà comprando fruta, jà caſtanhas aſſadas,

ſardinhas,azeytonas,ſobre que pudeſſe cahir bem algum vinho que tambem às vezes comprava,& repartia entre elles ; & neſtas occaſioens tinha muyto que ver,& ouvir,nadando nas palavras a graça,de que a alma eſtava cheya. Via-ſe,que neſſe tanto, ou quanto,que lhe dava,lhe metia nas mãos o coraçaõ , em que os tinha a todos.

4 Contoume,que eſtando naõ ſei em que terra, & viſitando aos prezos,lhe diſſeraõ eſtes,que alli eſtava hum miſeravel, que ſó metia na boca,o que elles por ſua compayxaõ lhe davaõ,que bem ſe vè,o que podia ſer. Enterneceo-ſe o Padre , & porque ſe apartavaõ daquella terra, ſe concertou com huma padeyra , que lhe deſſe àquelle prezo hum paõ cada dia, atè fazer certa quantia,que era a do ſeu cabedal;a eſta deyxou em mão de hum amigo,para que a deſſe à padeyra em acabando de dar ao prezo os paens competentes ao dinheyro que deyxava.

5 Os prezos, que lhe eſtam obrigados como a ſeu perpetuo bemfeytor,ſaõ os da cadea de Coimbra, a quem naõ ſó em vida ſoccorreo tantas vezes , mas deyxou hum legado , para que os Padres Procuradores daquella cadea tiveſſem, com que expedir algum papel,& acodir a alguma mayor neceſſidade : formou eſte capital de huma eſmola , que para iſſo negociou de hum Fidalgo ſeu grande amigo , & de algum dinheyro, que tinha feyto dos ſeus livros. Moveo-ſe,como elle me diſſe,a deyxar eſte legado antes à cadea de Coimbra,que a outra;porque em nenhuma vira tanta neceſſidade,& por tanto alli era a eſmola mais aceyta. Neſta obra pia procurou com todas as cautelas occultar o ſeu nome , & quando como a viſinho , & Confeſſor communicava eſtes ſantos intentos , ſempre me pedia todo o ſegredo. Tinha tençaõ fazer outro legado para os prezos da cadea de Evora , & fez algumas diligencias para conſeguir huma eſmola para eſte effeyto,& ainda que naõ tiveraõ deſpacho as ſuas agencias cà na terra,lá diante de Deos teria por ellas ſem duvida grande premio.

6 Quando era Procurador deſtes miſeraveis, negociava com grande diſvelo as ſuas cauſas,dando premios aos eſcrivaens,para os ter da ſua mão , & promptos para os deſpachos. Na Ilha da Madeyra ſe valeo delle huma mulher preza com huma criança de peyto,a quem hum Contratador do tabaco tinha metido na cadea,por nam poder aver às mãos ao ſeu marido , comprehendido no delicto de fazer tabaco. Fallou o Padre huma, & muytas vezes ao Mercador,mas ſem effeyto; que eſta caſta de gente

gente costuma ter nestas materias as entranhas de bronze. Cousa notavel, dizia o Padre Joaõ da Fonseca; em sincoenta dias, que a pobre mulher esteve preza, andou à vista da Ilha a forcejar para entrar no porto hum navio daquelle Mercador, & em quanto ella naõ sahio da cadea, tam pouco pode o navio entrar no porto; mostrando Deos a olhos vistos, quanto lhe desagradava aquella vexaçam: & contava o Padre este successo, para mostrar, quanto descontentavam a Deos as iniquidades que os Ministros fazem na materia dos tabacos.

7 Melhor successo tiveram as valias do Padre Joaõ da Fonseca na protecçam de huma viuva em Villa-Nova no Algarve. Foram a sua casa tres Ministros da Justiça a fazer huma penhora; tinha ella huma só filha donzella, & ou fosse por este, ou outro respeyto, pegou da tranca da porta, dizendo resolutamente, que qualquer, que entrasse, avia de ficar alli com a cabeça aberta: desembainhàram as espadas, fizeraõ suas foscas para a atemorizarem, mas ella persistio no seu valor; & elles se retiràram fazendo auto de resistencia contra a pobre viuva.

8 Nestes apertos se valeo a viuva do Padre Joaõ da Fonseca, que fallou a hum dos tres, que era o principal, para que desistisse; & naõ o podendo dobrar per si, se valeo do Paroco, de quem elle tinha dependencias, & logo o fez mudar de parecer. Restava o Juiz inflexivel a todas as petiçoens, por mais que o Padre lhe dizia, ser descredito andar em autos, que huma mulher com hum pao nas mãos metera medo a tres homens com as espadas nuas: mas tanto lhe soube dizer o Padre, & taes razoens lhe subministrou a caridade, que o Juiz convencido lhe disse: Aqui estaõ os autos, veja meu Padre Joaõ da Fonseca as alturas, a que isto tem chegado, & como eu naõ posso ser bom a esta viuva. Aqui lhe entrego os autos, veja se descobre algum caminho, por onde eu lhe possa ser bom. Recebeo o Padre os autos, & vindo para casa, mandou à de hum amigo buscar o livro da Ordenaçaõ do Reyno, & vio o titulo que trata da resistencia, & começa: Todo aquelle, &c. nam quiz ver mais, vayse a casa do Juiz, & lhe disse: Senhor, na Ordenaçaõ naõ ha cousa contra esta mulher, porque nella só se diz: Todo aquelle; & naõ: Toda aquella. Adubou o Padre esta graça com taõ santo donayre, que o Juiz se pagou tanto delle, que exclamando, lhe disse: Tenho entendido, que o que Vossa Paternidade nam acabar, ninguem o effeytuarà: & atabafando-se tudo, ficou livre a pobre viuva.

9 Para com todos os pobres era geralmente caritativo: ne-

nhum lhe pedio esmola por amor de Deos, que lhe naõ desse alguma cousa, se a tinha; & quando naõ tinha algum vintem, ou moeda, lhe dava huma veronica, & algum bom conselho; porque naõ tinha coraçaõ para despedir de si a pobre algum, que lhe pedia por amor de Deos, sem lhe dar alguma cousa.

10 Na jornada, que fiz com elle para Lisboa, me deo perpetuos exemplos desta sua caridade. Pela manhã mandava pòr na boca dos alforges algumas cousas de comer, para repartir aos pobres, que encontrasse nas estradas; quando lhe occorria algum mais debilitado, alèm da esmola de outra cousa, lhe dava hum copo de vinho; dizendo que nas esmolas se avia sempre de attentar à necessidade actual, de quem pedia, & ao gosto do pobre.

11 Succedeo nesta jornada, pediremlhe alguns pobres esmola de tabaco, como jà hoje costumam; naõ os despedia com secura o Padre Fonseca; mas tirando algum pedaço de tabaco de folha, dizia ao pobre: Filho, eu naõ uso de tabaco de pò, se quereis de folha, de que uso por medicina, aqui o tendes: logo repartia com elle, & o despedia contente. Refiro estas miudezas, que consideradas à primeyra vista, parecem ter muyto de ninherias; mas quem visse, como eu vi, o affecto, & entranhas de caridade, com que este Padre fazia estas esmolas, avia nellas de venerar o grande preço, que disse Christo bem nosso tinha o real da pobre viuva do Euangelho.

12 Chegando à Villa da Azambuja pelo meyo dia, logo deo ordem á estalajadeyra, que lhe mandasse ao seu aposento todos os pobres, que viessem alli pedir esmola; vieram muytos, & com todos repartio do que avia. E reparei eu, que em toda esta jornada dando elle tantas esmolas, nunca faltou de que as dar, sahindo quasi tudo do religioso, & moderado provimento, que com toda a caridade se nos fez em o Collegio de Coimbra.

13 Em hum destes dias aconteceo naõ encontrar pobre algum no caminho, & por tanto aquella sua porçaõ, que pela manhã separava sempre, estava ainda intacta; quando ao pòr do Sol passando por huma Villa de Riba-Tejo deo com os olhos na cadea, endireytou logo para là, & dando a esmola aos prezos com alguns avisos santos, continuou o caminho. Sendo Prefeyto em o Noviciado de Lisboa, se hia pela cerca, & cõ licẽça apanhava os figos, de que alli se nam aproveytava a Communidade, por se cobrirem de bichos, & alimpando-os, os levava aos pobres

da

da portaria. Alguma vez, estando eu presente, pedio licença ao Superior, para aproveytar os taes figos para os pobres; & como estivesse mal acondicionado, sem attender ao que lhe pedia o Padre, o despedio com secura; elle com huma grande modestia abayxando a cabeça se retirou, deyxando-nos a todos edificados.

14 Sendo Reytor do mesmo Noviciado, dobrou a esmola de paõ, que se dà todos os dias á portaria dos pobres. Naõ consentia, que pobre algum se fosse da nossa porta sem esmola. A estas esmolas attribuhia o Padre Fonseca os muytos bens que Deos fizera àquella casa no tempo do seu governo. Pois sendo ella pobre de rendas, & ajuntando-se no seu tempo todos os Noviços da Provincia em o Noviciado de Lisboa, & muytos para as missoens, aos quaes vestia, & sustentava por oytenta reis cada dia; tam fóra esteve de contrahir dividas, que nesse tempo lhe veyo huma grossa esmola das Indias de Castella.

15 Acabado o governo naõ deyxou divida alguma. No seu tempo se fizeram os dous retabolos das Capellas collateraes da Igreja, & se douràraõ a expensas, o da Senhora, como dissemos, do muyto honrado Senhor Manoel Lopes de Lavra; o do Santo Christo a expensas do Padre Leopoldo Fues Confessor da Serenissima Rainha de Portugal, grande estimador da virtude do Padre Joaõ da Fonseca. Alèm destas fez outras obrinhas, que ainda que as posses da casa naõ davam para muyto, para tudo davam as suas esmolas, & todas estas obrinhas eram em cõmodo, & utilidade dos Irmãos Noviços, como foy o lavatorio de sima, o cercar de postes o jogo da quinta, & cobrillo de parreyras; & outras, que naõ ha porque gastar tempo em as referir.

16 Milagre foy das suas esmolas, o que lhe aconteceo em Castello da Vide no tempo, que alli tinha a Companhia Residencia; & contava o Padre todo o successo com muyto lepor. Hum dia se achàram só com dous paens, com beneplacito do companheyro se mandàram de esmola aos prezos, & a seu tempo deram dinheyro ao criado para ir comprar paõ para o jantar: este, que tinha repugnado levar os dous paens aos prezos, pelos naõ aver em casa; tomando o dinheyro, rogava a Deos, que o naõ achasse; & ou fosse por sua malicia, ou pelo naõ aver, foy a huma, & a outra parte sem o achar; voltando de cada vez a casa, como saboreando-se de o naõ trazer, & de que bem dizia elle; que tomassem, pois tam fóra de tempo, tinhaõ dado o que

aviaõ mifter. Repetia, & grozava o Padre Fonfeca eftes remoques,& tregeytos do criado,que era de poucos annos,cõ muyto fal,& com muyta graça.

17 Tornou-o a mandar terceyra vez a outra parte, & foy elle de mà vontade, rogando tambem a Deos,que o nam achaffe,para que ficaffem enfinados à fua cufta. No tempo que andava fóra, trouxèram aos Padres hum açafate de paõ muy bello, & aceado; voltou o rapáz fem nada, & muyto mais contente, (nam devia elle de ir intereffado na compra) & quando mais rofnava, lhe mandou o P. Joaõ da Fonfeca defcobrir o açafate, a cuja vifta emmudeceo;& o Padre lhe diffe: Daqui aprenderàs a nam defconfiar de Deos; nunca ouve falta, pelo que fe deo de efmola.

18 Nam era a cafa,donde lhe viera o paõ,daquellas, que na Villa coftumavam mandar mimos aos Padres: de tarde lhe foram dar as graças,por lhes acodir a tam bom tempo, contando elles à Senhora da cafa,tudo o que tinha paffado, & a falta, em que eftavam, entam diffe ella: Hoje me fahio effe pão muyto à minha vontade, & cà me deo dentro, que mandaffe a voffas Paternidades effe açafate:diffe eftes meus intentos a meu marido,o qual me diffuadia,dando por razaõ,que naõ fe mandava prefente de coufa,de que voffas Paternidades teriam abundancia: com tudo lhe repliquei,que o deyxaffe ir, que por ventura o naõ teriam: & agora dou graças a Deos, que fe quiz fervir da minha offerta, & da minha boa vontade. Attribuhia o Padre Fonfeca todos aquelles impulfos à virtude da efmola, que coftuma fer hum perpetuo milagre das mifericordias de Deos.

19 Em Coimbra lhe aconteceo fahindo fóra, comprar algum paõ, & metendo-o nas dobras da capa,& dando parte a feu companheyro, levallo aos prezos da cadea,que eraõ muytos em numero;hia tirando,& dando feu paõ a cada hum; como fe nam acabaffem,tornou a dar fegundo;admirando-fe elle mefmo,& o companheyro,donde lhe viera tãto paõ; & dizia o companheyro,que parecia,que as dobras da capa fe desfaziam em paõ; & fe perfuadio, que alli interviera alguma mifericordia de Deos; & mais,quando voltando para o Collegio, vio, que o Padre nam fazia outra coufa mais,que encomendarlhe,naõ differfe nada em cafa.

20 Em Evora fendo Prefeyto do Recolhimento,achou hum menino engeytado,era de poucos annos, & andava erradio;o P. Joaõ da Fonfeca o teve alguns dias em a varanda do Recolhimento

mento,(devia ser isto no tẽpo do veraõ)& cõ licença lhe trazia de comer,& agenceou hum vestidinho, com que o abrigou, & depois lhe buscou,aonde ficasse accommodado. Em Lisboa indo fazer as camas ao Hospital,avia hum cõ excesso asqueroso,a este tomava sempre à sua conta,& alimpava, como o pudera fazer a mãy mais amorosa. Vez ouve, em que estando o xergam de hũ pobre incapàz de servir,tirandolhe a palha,o levou a casa de hũs, que tẽ officio de os encher, & moraõ no rocio; depois de cheyo o tomou aos hombros, & o trouxe para o Hospital, com geral edificaçaõ dos que viam esta caridade.

21 Tinha o Padre Joaõ da Fonseca hum caderno da sua letra,em que tinha escrito,& escrevia alguns remedios faceis para os achaques mais ordinarios; & perguntado, que fim tinha naquella curiosidade, respõdeo, que o fazia para servirem aos pobres,que naõ tinhaõ cabedaes para os remedios, que custavam dinheyro: & succedia muytas vezes,quando no Collegio de Sãto Antaõ fazia doutrina aos pobres, antes de se lhes repartir a esmola ordinaria,encontrar cõ algũs, a quẽ serviaõ os seus remedios,& com toda a caridade lhos inculcava;dando cõ elles allivio ao corpo, assim como o dava às almas com a santa doutrina.

22 Pelo Natal,em o Noviciado de Lisboa, guardava com licença os doces, que se lhe punhaõ na mesa, & depois de ajuntar, os que nos dias mais festivos se lhe punhaõ, os levava aos prezos. Em S. Antaõ,quãdo na mesa, ou a elle,ou a algum visinho se trazia algum doce, pedia ao Refeytoreiro lho guardasse, & acabada a mesa, o levava aos pobres da portaria: indo huma vez com algum em a mão, lhe perguntou hum Mestre, a que fim levava aquelles doces. Respondeo, que os levava para as crianças de peyto, que aquelles docinhos lhe serviam em lugar de leyte, que as pobres mãys,por andarem faltas do sustento, lhe nam podiam dar com a sufficiencia necessaria.

23 Conhecendo alguns Padres estas suas entranhas de caridade,quando lhe vinhaõ alguns mimos das pessoas de fóra, repartiam com elle,para ter,que levar aos seus pobres. Algumas vezes lhe succedeo, quando hia ao Hospital, por naõ ter outra cousa,que levar aos doentes, levar alguns ramos de parra: perguntoulhe o companheyro, a q̃ fim levava aquelles ramos: respondeolhe: Irmaõ,já q̃ nam temos outra cousa,levemoslhe estes ramos,que lhe serviràm, para alegrar a vista,& enxotar as moscas;& nam cuyde,que he pouco refrigerio, a quem tem as molestias destes miseraveis.

24 Achando-se na portaria dos pobres do Noviciado, ao repartir da esmola com hum nosso Irmaõ estudante, lhe mandou, que chegasse ao refeytorio, & trouxesse alguns bocados de paõ, que tinha para isso licença: o Irmaõ tomando a palavra como soava, escolheo em o cesto do paõ todos os bocados, que avia, & se veyo com elles ao Padre: o qual vendo aquella intempestiva, & imprudente miudeza, o reprehendeo dizendolhe: Filho, quãdo se dà licença para alguns bocados de paõ para os pobres, entende-se tambem os pedaços mayores, & assim ficai advertido para a outra vez, que nestas materias nam querem os Superiores se apouquem tanto as suas licenças.

25 Quando alguma pessoa pia lhe dava algum dinheyro, para que o distribuisse aos pobres, buscava traça, com que fazer tambem sua a esmola, que era alheya: disse a hum Padre, que o acompanhava: Deram-me algum dinheyro, que repartir aos prezos, & já que a esmola nam he nossa, avemos de buscar modo, com que tenhamos merecimento especial em a repartir; & dizendo isto se foy á praça de Coimbra, comprou cousas de comer, que elle com o companheyro levàram nas pontas das capas aos prezos. Dictame por certo dignissimo de sua elevada caridade.

26 No testamento, que fez, quando professou solemnemente, nam deyxou as suas legitimas aos parentes mais chegados, mas aos que tinhám mais necessidade. Soube-se isto, porque nestes ultimos annos da vida do Padre Joaõ da Fonseca passando dous Religiosos da Companhia por Viana, lhe perguntàram humas pessoas, que feyto era do Padre Joaõ da Fonseca, & se vivia, dizendo: Esse Padre he hum homem santo, pois sendo nòs as que menos parentesco tinhamos com elle, nos deyxou o que tinha, com que remediamos a nossa pobreza.

27 Para com os Religiosos seus Irmãos, & da mesma mãy a Companhia, practicou a mesma caridade, assistindo, & consolando a todos. Sendo Reytor em o Noviciado, teve muytos mezes em casa sustentando com gallinhas a hum Religioso, que lhe tinhaõ dado para fazer huma occupaçaõ, & por seus achaques estava incapáz de a fazer: ordenou, se lhe naõ faltasse com nada: & sendo, que nisso teve a casa expensas consideraveis, & o Padre as pudera pedir, que se lhe aviam de pagar, como he estylo na Provincia, nunca fez disso mençaõ, dizendo: Nestas occasioens suppomos, que fazemos huma esmola, & em nenhuma cousa ella pòde ser mais aceyta a Deos, que em acodirmos com amor, &

carida-

caridade a nossos Irmãos; naõ saõ estes os caminhos por onde se atrazam as casas, & Collegios.

28 No mesmo Noviciado estava aposentado hum velho cego, a quem o Padre Fonseca indo pela cerca colhia da fruta, de que sabia gostar mais, & lha trazia ao cubiculo com grande affabilidade, & amor. Na Ilha da Madeyra fazendo officio de Visitador, lhe pedio hum Irmaõ velho algumas izençoens, que o ajudavam a passar com menos molestia os cançados annos da velhice; tinha elle jà, mas debalde, pertendido as mesmas cousas do Superior do Collegio; tudo lhe concedeo liberalmente: & como ouvesse, quem lhe advertisse, naõ largasse tanto a mão às importunidades daquelle velho: respondeo, que o deyxassem viver, que como tinha assáz que padecer no sofrimento de seus achaques, pedia a caridade lhe dessem todo o allivio, que nunca podia ser tanto, que elle naõ necessitasse de mais.

29 Em Evora alta noyte, fóra de horas, assaltàram a hum Religioso nosso humas gravissimas dores, & ansias mortaes, sem aver quem lhe acudisse, nem ter disso esperanças, por naõ ter visinhos, a quem chamar: estando nestas affliçoens lhe entrou pelo cubiculo o Padre Joaõ da Fonseca, fez tudo, o que conduzia para allivio das dores, & depois se foy recolher, ficando admirado o Religioso, pois naõ entendia como sem impulso superior pudesse em tal aperto acodirlhe o Padre Joaõ da Fonseca.

CAPITVLO XVIII.

Do zelo da salvaçam, & bem espiritual do proximo.

1 NAõ se atava a caridade deste bom Padre só ao bem corporal do proximo; naõ perdia occasiaõ, em que os pudesse promover no bem de suas almas, que o naõ fizesse. No tempo que assistio em Castello da Vide naõ se pòde dizer em poucas palavras, quanto grangeou os affectos daquelle povo, & o fruto que com suas doutrinas, & praticas fez em todos. Desterrou de tal sorte os jogos, que ninguem se atrevia a pegar em cartas pelo respeyto, que tinhaõ a este Santo varaõ. Em casa de hum homem dos principaes da Villa se ajuntavaõ os outros da mesma qualidade a jugar as cartas; foyse là o Padre Joaõ da Fonseca, & com aquelle seu bom modo, & termos, com que se fazia amado, & respeytado de todos, lhes disse: Senhor, he possivel, que vossa mercè dè casa de jogo? Ao que elle respondeo

com

com grande cortezia, & benevolencia: Que quer, meu Padre Joaõ da Fonseca, que eu faça, se vem aqui estes Senhores? diga Vossa Paternidade que se ha de fazer, & o que me ordena, que estou todo à sua obediencia. Senhor, (disse o Padre) vossa mercè lhes lea algum livro espiritual, & seja a vida de Saõ Joaõ de Deos, que sahio agora, & he de estylo elegante. Contentoulhe o divertimento, porque devia de ter o do jogo por inclinaçaõ natural: mandoulhe o Padre o livro da vida de S. Joaõ de Deos, que recebeo com agrado, & ajuntando-se na fórma costumada os homens nobres, lhes disse, que em sua casa dalli por diante se naõ avia de pegar em cartas, mas que em lugar destas, aviam de ler a vida de S. Joaõ de Deos, & esta acabada outras: como todos eraõ gente honrada, & favorecedora da santidade do seu Padre Joaõ da Fonseca, todos vieram, no que se lhes significava, com grande proveyto de suas almas.

2 Foy tam geral entre a gente grave este retiro do jogo das cartas, que nenhum se atrevia a jugallas. A casa de hum dos mais graves foy outro, & lhe pedio, que para se divertirem, jugassem huma mão, (como se costumam explicar os que versaõ o jogo das cartas.) Isso nam farei eu, respondeo o outro, salvo der licença o Padre Joaõ da Fonseca; & logo mandou hum criado a pedir licença ao Padre para se divertir em o jogo com aquelle seu amigo: à qual urbanidade respondeo o Padre Joaõ da Fonseca, estimando a hõra; que sua mercè era Senhor de sua casa, & q̃ tinha nelle hum servo, que sendo necessario lhe iria baralhar as cartas. Contava estas, & outras cousas semelhantes para mostrar a grande propensaõ à piedade, & virtude, que vira em aquella Villa, & do affecto, que lhe mostráram, & honra, que todos lhe fizeraõ, vivia muyto agradecido, & lembrado.

3 No Confessionario se gastava a mayor parte do dia, em que de ordinario gastavam atè às duas horas da tarde, passando todo este tempo em jejum. Hum dia destes se naõ tinha feyto em casa a prevençaõ necessaria para o jantar, porque parece, quiz Deos, que esta corresse aquelle dia por sua conta: tinha hum dos homens principaes hum prato de peyxe exquisito; & disse a sua mulher, que o mandasse aos Padres: respondeo ella: Ahi naõ ha outro peyxe em casa, se o mãdardes, vòs comereis o que comem os brutos: foram as palavras com que se explicou. Manday-o, tornou a instar o marido, que eu posso passar com outra cousa, & estes pobres estam a confessar toda a manhã, vem do Confessionario feytos em pedaços, & por ventura naõ teram peyxe,

peyxe, que jantar: & tudo paſſava como elle o dizia, & cõ aquelle prato ficàram remediados.

4 Tinha o Padre Fonſeca grande concurſo nas doutrinas, que fazia nos Domingos de tarde, & as fazia com tanta graça, & proveyto, que as tinha o povo todo por hum dos mayores divertimentos, & dellas tirava muytos frutos. Premio foy deſte ſeu zelo das almas a converſaõ de hum homẽ nobre, que cõ geral eſcandalo vivia com a occaſiaõ de portas adentro, avia tantos annos, que jà tinha della hum filho de treze annos. Servioſe Deos de o tocar, reſolveo-ſe de a tomar por mulher: & aſſim o fez, alcançando o Padre Fonſeca licença para ſe receber em caſa, & occultamente, porque nam queria ſe ſoubeſſe de antes. Reſultoulhe do caſamento, perder hum morgado, que era todo o ſeu remedio; & accommodouſe elle conſtantemente com eſta perda, por lucrar ſua propria alma. Avia clauſulas na inſtituiçaõ do morgado, que intervindo eſta, ou aquella razaõ, que aqui concorria, ſe perdeſſe o morgado, & ſe transferiſſe a outro poſſuidor: tudo iſto ſabia elle muyto bem, mas com a graça Divina por tudo cortou animoſamente.

5 Sendo dos mais ricos da terra, ficou dos mais pobres de bens temporaes, mas abaſtado dos eternos, como ſe crè de acto tam fervoroſo. Eſtas ſaõ as occaſioens, em que Deos moſtra, que naõ deſempara, aos que ſe desfazem de tudo por ſeu amor. Tinha elle hum grande amigo, cuja riqueza era dous tantos como o morgado, que perdera; era eſte ſolteyro, & ſe achava com hũa filha natural, a eſta caſou com aquelle filho, que diſſemos tivera no concubinado, & lhe dotou toda a ſua fazenda; com que dalli por diante teve bens, com que ſuſtentar a ſua caſa com a meſma grandeza que o fazia antes de perder o morgado.

6 Succedia muytas tardes convidarem ao Padre os mais nobres para ſahirem a eſpayrecer a algumas paragẽs amenas: aceytava, mas com huma condiçaõ, que haviam de levar hum *Contemptus mundi*, ou outro livro eſpiritual, & que là aonde paraſſem, ſe avia de ler, & diſcorrer ſobre as couſas, que ſe liam. Vinhaõ todos niſſo com boa vontade, pelo fruto, que tiravam deſtas converſaçoens, que ſe pareciaõ todas com as conferencias, que entre ſi coſtumaõ ter os homens, que profeſſaõ virtude. Aſſiſtindo em Villa-Nova de Portimam preparou para o tranze da morte tambem a hum mancebo Tangerino, que dizia o Padre morrèra como hum Anjo; & referia hum fervoroſo acto que fizera naquella hora, digno de que o imitem ainda os mais per-

perfeytos: ardendo elle à ſede, perguntou ao Padre Joaõ da Fonſeca, que lhe aſſiſtia à cabeceyra, ſe poderia beber hum pucaro de agua, porque ſe conſumia com a ſede que lhe excitava a febre maligna; & dizendolhe, que ſim, o mandou vir: neſte tempo, que ſe hia buſcar, lhe fallou o Padre da ſede, que o Senhor tivera na Cruz, dizendolhe q̃ ſe lembraſſe della, & q̃ lhe offereceſſe eſta ſua: chegou o pucaro de agua, & quando o tinha diante dos olhos, o mandou levar outra vez, dizendo, queria ſofrer aquella grande ſede em honra da que o Senhor tivera na ſua Cruz, pelo ſalvar. Depois perguntou ao Padre ſe ſeria bom deſpedir-ſe de ſua mãy: reſpondendo o Padre que ſim; como vieſſe, ſe deſpedio, & lhe diſſe, que ſe retiraſſe, que naõ queria alli mais, que ao ſeu Padre Joaõ da Fonſeca, em cujas mãos dalli a pouco tempo eſpirou com evidentes ſinaes de homem predeſtinado.

7 Achando-ſe o Padre Fonſeca em huma eſtalagem, em que ſe tinha furtado hum pouco de dinheyro a hũ dos paſſageyros, & começando-ſe todos a perturbar, & indo entrando a diſcordia, lançando huns a culpa aos outros, como ſuccede em ſemelhantes caſos; viriam às mãos, ſe o Padre naõ atalhàra tudo com eſta traça, que lhe ſuggerio a ſua caridade: pedio ſilencio, & diſſe, que elle entrava para hum ſotam, & que hum a hum lhe foſſem fallar todos, os que eſtavam na eſtalagem, para ſe naõ ſaber, quem era o delinquente; & que eſte lhe entregaſſe o dinheyro para o reſtituir a ſeu dono: a todos pareceo bem: & recolhendo-ſe o Padre, foram todos, & hum entregou o dinheyro, que logo ſe reſtituhio a ſeu dono, pondo-ſe todos em bella paz, & edificando-ſe da prudencia, cõ que dera còrte a algũa diſgraça.

8 Para atalhar o jogo, que ſe dava em caſa de hum ſeu conhecido, lhe eſcreveo, nam fizeſſe tal couſa; mas que ſe divertiſſe com ler livros devotos, & eſpirituaes, & para iſſo lhe mandou alguns, dos que elle tinha compoſto, deſtes tambem alguma vez deo aos prezos, para que ſe aproveytaſſem da liçaõ. E dizia, que a cauſa de os compor era para aproveytar às almas: acrecentando, que elle naõ compunha livros para homens politicos, & cultos, que nos livros ſó buſcaõ a folhagẽ do eſtylo, mas para gente ſincera, & que neſta liçam ſó trata do ſeu aproveytamẽto; & coſtumava explicarſe com o hemiſtiquio de Virgilio, dizendo: Tratamos ſó de fazer: *Gratum opus agricolis*: mas com elle formar eſte conceyto dos ſeus livros, eſtam elles tam cheyos de piedade, & ſemeados de tanta erudiçam eſpiritual, exemplos tam ſingulares,

lares,& a propoſito,que ſaõ dignos de que todos os revolvam.

9 O ſeu trato com ſeculares ſempre cheyrava a devoçaõ: obſervavaõ os que eram ſeus companheyros em as viſitas, que fazia a peſſoas de fóra,que armava a pratica de modo, que nella ſe trataſſe couſas de Deos: & diſto ſou eu teſtimunha, algumas vezes,que o acompanhey, & fazia eſtas digreſſons ſantas naõ ſó ſem faſtio,mas com goſto das peſſoas, com quem tratava. Se o viſitavam ſeculares,as ſuas principaes praticas eram de Deos. Recolhia-ſe huma vez da portaria, encontrouſe com hum Religioſo,a quem diſſe: Tres horas me deteve agora hum ſecular,& todas gaſtei em lhe fallar de Deos, tenho com elles eſte eſtylo, para que gaſtando deſtas praticas ,os aproveytemos; & ſe nam goſtarem,nos naõ tornem cà a gaſtar o noſſo tempo, que he precioſo,& o queremos para outras couſas de ſerviço de Deos.

10 Se indo fóra paſſava por alguma eſcola de meninos, naõ ſe podia ter,que naõ entraſse, pergunta ſſe as oraçoens, dèſſe veronicas,& bons conſelhos;& tudo iſto fazia alèm da edificaçaõ com hũ ſingular agrado de todos os que o viam,& ouviaõ:porque a virtude deſte bom Padre nada tinha de melancolia. Deſte meſmo agrado,que ſentia para com a innocencia dos meninos, naſcia,o que ſe via nelle,quando ſahindo ao campo, encontrava alguma manada de cordeyrinhos em os prados, brincando, & dando amoroſos balidos; quaſi ſe naõ podia conter,& virandoſe para elles imitava carinhoſamente com a vòz os balidos dos cordeyrinhos;em cuja candura ſingularmente reſpeytava a do Cordeyro immaculado:& era iſto nelle tam quaſi neceſſario neſtas occaſioens,que alguns,que o acompanhavam, hiam jà com olho ſobre o hombro para o verem ſahir naquella naturalidade, em que deſcobriam hum ſanto,& innocente lepor.

11 Contava elle,que indo de caminho, & entrando em huma eſtalagem achou, que a mulher, que a governava,eſtava apayxonada contra hum menino ſeu filho por algumas traveſſuras,que lhe tinha feyto; & lhe dizia muytas pragas:naõ paſſou o ſervo de Deos por eſta ſem-razaõ da mãy; & chamando para ſi ao menino,lhe começou a lançar mil bençaons, jà abendiçoando em nome de Deos, já da Senhora,jà dos Santos Apoſtolos;vendo tudo a mãy; que como as pragas naõ naſciam do coraçaõ,mas ſó do enfadamento,facilmente ſe abrandou, & cõpungio,tratando, & fazendo bom agazalhado ao Padre, o qual no dia ſeguinte querendo ſatisfazer, perguntou, o que ſe devia. Ay Padre, (diſſe ella) & eu lhe avia de levar alguma couſa,de-

pois de ter dado tantas bençaons a meu filho,& a mim tam santos avisos? Va-se com Deos, que lhe pagarà tam santa doutrina, de que eu me naõ esquecerei quando se offerecer occasiaõ.

12 Procurou o demonio encontrar alguma hora este santo zelo do Padre Joaõ da Fonseca, porque imprimindo hum dos seus livrinhos em Lisboa, estava a folha revendo-se,ou na mão do Padre Fonseca, ou do Clerigo Revisor da imprensa; & chegando hum que parecia ser o negro do Impressor, que a trazia, & levava, lha entregou revista, como as outras vezes. Indo essa tarde à imprensa,se naõ achou là tal folha,& o que mais he,naõ a tinha ido buscar o negro do Impressor, que constava naõ ter sahido da Officina aquelle dia: ficou o Padre enleado com este successo,& voltando para casa escreveo a folha quasi pelas mesmas palavras,como eu lhe ouvi dizer, & a remetteo à imprensa: continham-se nella muytas cousas tocantes à confissaõ; & por ventura quiz o demonio por este caminho impedir a impressaõ, pelo fruto,que temia se seguisse deste livro. Quando ouvi contar isto ao Padre,dizia elle,que nunca entendera, como aquillo fora,mas inclinava-se a julgar,que por alli andàra o inimigo infernal.

CAPITVLO XIX.

Zelo da honra do proximo, & suavidade em consolar tristes.

1 A Este zelo,que tinha do bem espiritual de seus proximos,ajuntemos,o que tinha da sua honra,da qual teve sempre mais cuydado, que da propria; acodindo por elles nas occasioens,em que via se tratava de suas cousas com menos caridade. Nestes ultimos annos que teve de vida,me lembra,lhe ouvi dizer diante de alguns Padres: Dou graças a Deos,que até o tempo presente nunca disse palavra,nem escrevi regra, que desdourasse a alguem.

2 Indo a huma Missaõ tres Religiosos da Companhia, hum dos quaes era o Padre Fonseca;hum dos tres, que suppunha ser Superior dos demais, em algumas cousas molestou ao Padre Joaõ da Fonseca;quando voltáram para o Collegio, vendo que o outro companheyro poderia dizer ao Superior as inadvertencias,com que se ouvera com o bom Padre: este com todos os encarecimentos lhe pedio pelo amor de Deos, que puzesse silencio em tudo.

3 Em hum dos nossos Collegios,em que se achava o Padre Joaõ da Fonseca, se inquiria de alguns descuydos do Superior; avia de informar hũ Religioso,q́ estava delle sentido: por obrar sẽ payxaõ no caso, em q́ tão difficultoso he q́ ella se naõ misture; consultou ao Padre Fonseca contandolhe os seus aggravos, os descuydos do Superior, & tambem algumas cousas dignas de louvor,que nelle concorriam;pondo-se todo nas suas mãos,porque queria obrar sem offensa de sua consciencia. Respondeolhe,que visto naquelle Superior concorriam acçoens de virtude,& dignas de se louvarem, no seu informe só fallasse destas; porque hum animo, que estava offendido, naõ era cousa facil cercearse tanto, que naõ desdissesse alguma cousa dos dictames da rectidam. Aproveytouse do conselho, como quem só perguntava para acertar.

4 Avia neste ditoso Padre huma singular indifferença de affecto,com que amava a todos em o Senhor;naõ se podia dizer, que era mais destes,ou daquelles;todos os que lhe communicáram suas cousas, o tinham por muyto seu. Alegrava-se com o bem de todos, & se entristecia com as suas molestias, mais do que o fizera com as proprias. Murmuraçaõ por nenhum caso se ouviria da sua boca, & se estando presente se encaminhava a pratica a tocar em o proximo, com grande destreza divertia a murmuraçaõ; & tinha nisto tambẽ modo,q́ a ninguẽ deyxava offendido, ou desgostoso, antes a todos igualmente advertidos que edificados.

5 Costumava elle dizer,que ninguem era tam mao,que não tivesse algumas cousas boas, & quando se fallava do tal sugeyto, destas boas avia de ser a nossa pratica, passando em silencio, as que o podiam deslizar. Deste santo affecto nascia hum grande gosto,& alegria, que se deyxava ver em suas palavras, quando fallava das acçoens publicas,& que se tinham feyto com esplendor;fazendo ordinariamente algum elogio do sugeyto, a quem pertenciam. Huma vez pelo tentar hum Religioso,& ver, com que effugio sahia,lhe perguntou, como podia estar com verdade,dar parabens a algum de que fizera bem o seu acto, quando nelle se tinha avido com pouca satisfaçaõ. A isto respondeo: Padre,aquelle pobrezinho fez da sua parte,o que pode,estudou, preparouse,quãto estava na sua capacidade;& tudo isto he muyto louvavel,& ao q́ ouve de louvor, he q́ dirigimos os parabẽs.

6 Fallando com outro Padre do vicio da murmuraçaõ, lhe disse com grande ternura de affecto: Quando Vossa Reveren-

cia ſe achar em alguma pratica,& ſe murmurar de alguem, acuda por aquelle,a quem ſe dirige a murmuraçaõ;deſculpe-o,buſque razoens,com que o defender, jà que elle naõ tem quem acuda por ſeu bom nome: pois he certo,que ſe eſtivera preſente, avia com muytas razoens desfazer toda aquella cenſura : & já que elle per ſi as nam pòde dar, Voſſa Reverencia allegue em ſeu abono, todas as que coſtuma ſuggerir a caridade Chriſtãa. Neſta materia aconſelhava, o que elle ſempre coſtumou praticar,porque neſtas occaſioens logo o Padre Fonſeca ſe punha em defenſa dos auſentes.

7 Mas patrocinava-os com zelo intrepido, quando eram Superiores, & via, que os ſubditos ſe atreviam a lhe taxar as ſuas diſpoſiçoens : enchia-ſe de hum ſanto furor, dizendo: Meu Padre, ou Irmaõ, naõ falle deſſa ſorte de ſeus Superiores,que elles tem muytas razoens occultas,pelas quaes ſanta, & prudentemente ſe governam; que ſe no las communicaſſem, nunca nos atreveriamos à cenſurar as ſuas diſpoſiçoens,as quaes como a couſa ſagrada devemos todos venerar.

8 Como tinha tanto amor ao proximo, avia nelle grande modo para conſolar,aos que lhe communicavam ſuas afflições, & faziam-no muytos ſempre cõ grandes intereſſes de ſeu eſpirito, & allivio de ſuas queyxas. Iſto experimentàram nas ſuas triſtezas,quaſi todos os que eſtiveram debayxo da ſua mão Hum deſtes contou de ſi,que tendo huma extraordinaria triſteza, ſe foy ao cubiculo do ſeu Padre Prefeyto, & em abrindo a porta, lá donde eſtava aſſentado lhe diſſe: *Quare triſtis eſt anima tua? ſpera in Deo,quoniam adhuc*:depois com tanta ſuavidade foy deſfazendo aquella nuvem negra, que o Irmaõ ſahio do ſeu cubiculo com mayor alegria,do que fora a penalidade, com que entràra.

9 Nas frequentes viſitas que fazia aos prezos da cadea,ſempre os animava com ſuas palavras, & conſolava nas affliçoens: ſuccedia muytas vezes depois de ſoltos, virem buſcar ao Padre Joaõ da Fonſeca, para ſe conſolar com elle, como quem ſabia, que nos ſeus allivios ſentia,& moſtrava goſto eſpecial: elle com ſuas palavras, & quando podia com alguma eſmola lhes acrecentava o contentamento,em que ſe viam. Lembra-me,que ao Noviciado de Lisboa ſendo alli Prefeyto, o veyo buſcar hum Clerigo,que tinha fugido do Aljube de Coimbra, & ſe viera a Lisboa a requerer a ſua cauſa em nome de terceyro;& como tiveſſe o deſpacho,que deſejava,nam ſe quiz voltar, ſem fazer ao

Padre

Padre Joaõ da Fonſeca participante do ſeu ſucceſſo,& goſto;eſte o alegrou;depois lhe deo ajuda de cuſto para o caminho;procurou aver eſmola de couſas de comer, & elle do refeytorio lhe trouxe com licẽça,paõ,& hum copo de vinho, com que o conſolou,& deſpedio cheyo de alegria.

10 Ao Collegio de Santo Antaõ ſe veyo pedir á portaria pelo menos hum pero,para ſatisfazer ao goſto de hum enfermo, que o appetecia: indo o Porteyro ao Padre Reytor , & repreſentando a petiçaõ , a repoſta foy : que em caſa nam avia fruta alguma,que muytas vezes ſe tinha jà ido à caſa da fruta , & que nada ſe achava là: eſtava preſente o Padre Fonſeca , & diſſe ao Padre Reytor : Sirva-ſe Voſſa Reverencia de nam deyxar ſem a ſua conſolaçaõ a eſte doente , mande dar outra volta à caſa, poderá ſer ſe deſcubra algũ pero:aſſim mãdou ſe fizeſſe,mais por condeſcender cõ a petiçaõ do P.que porq̃ ouveſſe eſperança de ſe achar. Foy aquelle,a quem tocava o cuidado daquella caſa, & achou dous peros muy ſaons,& bons,q̃ ſe deraõ logo,a quẽ os pedia;mas ficou admirado,& naõ ſem preſunçam,de q̃ Deos cõ eſpecialidade os mãdára pòr naquelle lugar,para dar moſtras,de quam agradavel lhe era a caridade deſte ſeu ſervo ; porque tendo o Irmaõ jà ido outras vezes á caſa da fruta, & naõ achando nella couſa alguma , agora achàra aquelles dous pomos em lugar,aonde,moralmente fallando,ſe naõ podiam occultar às diligencias,que tinha feyto em outras occaſioens.

11 Como tinha tantas intelligencias nas couſas eſpirituaes, tinha tambem grande deſtreza em conſolar,& aquietar eſcrupuloſos. Affligida dos eſtimulos de eſcrupulos ſe chegou a elle huma mulher pia,& devota rogandolhe a ouviſſe de Confiſſam, dando por cauſa ter huns eſcrupulos,que a atormentavam. Ouvindo iſto o Padre lhe diſſe com muyta graça: Diga voſſa mercè logo ahi tudo,quanto traz diante deſſa ſua criada,que lhe dou licença. Cauſou a repoſta riſo á criada,& confuſaõ à mulher; a quem o Padre ſem lhe ouvir couſa alguma diſſe: Filha , va-ſe com Deos,& naõ faça caſo diſſo,que a deſenquieta, que nam he couſa porque ſe aja de tomar pena : em ouvindo eſtas palavras lhe eſqueceo tudo,o que levava para dizer,& ſe achou tam conſolada em ſua alma,& tam quieta, como ſe tivera dito todos os ſeus eſcrupulos,& achado remedio cabal para elles : aſſim o cõfeſſou ella meſma,attribuindo eſtes effeytos à virtude do Padre Joaõ da Fonſeca.

12 Temos referido alguns dos exemplos , que nos deyxou,

& soubemos do amor para com Deos, & para com o proximo, que saõ os dous pontos, a que se reduz toda a Ley Divina: daqui por diante escreveremos os exemplos, que se puderam ajuntar dos muytos, que deo a sua virtude; começando pelos das virtudes, que constituem o estado Religioso, no qual foy varaõ consummado.

CAPITVLO XX.

De sua pobreza, & Angelica pureza.

1 A Sua pobreza foy qual della deram bom testimunho as alfayas do seu uso, que se lhe achàram depois da morte. Seja nesta materia o primeyro exemplo, o que deo, quando foy em Missaõ à Villa de Alcacere do sal; hospedàram-se nas casas da Misericordia, aonde alli se costumam hospedar os nossos Religiosos, que tem ido em Missaõ àquella Villa; porèm o trato dos Missionarios he com tanta grandeza, que os que tem mais virtude, & quizeram ser tratados como pobres, tem aversaõ a semelhantes Missoens, & por ventura he este hum dos motivos, de às vezes as negar a Companhia. Entrou pois o Padre Joaõ da Fonseca nos aposentos, & deo logo com os olhos em duas camas tam apparatosas, que naõ sabia, se pudessem ser melhores para el-Rey; descontentoulhe sobre-maneyra, o que via; & por naõ ser logo na primeyra entrada molesto aos hospedes, passou como pode a noyte fóra da cama; no dia seguinte disse aos que tinhaõ cuydado delles, que naõ aviam de consentir taes camas em tudo contrarias à pobreza Religiosa, & por tanto aviam de ser servidos de lhes prepararem outras, que dissessem melhor com o seu estado, & que para elle, & seu companheyro bastavam duas camas daquellas, que davam aos pobres do Hospital. Tudo se emendou por lhe darem gosto, & naõ saõ estas as acçoens, porq̃ aquelles, que os chamam, desgostam dos Missionarios, ainda que levados de razoens mundanas cuydem, que apoucarse o trato, he de hum certo modo apoucarem-nos a elles diante de seus naturaes.

2 Quando voltava da Ilha da Madeyra para o Reyno, o importunàram com muytas offertas das cousas da Ilha muytos dos que lhe tinhaõ cobrado amor, no tempo que alli esteve: a todas deo de maõ, sem admittir cousa alguma; dando com este desapego na despedida, nam menores exẽplos de virtude, do que

dera todo o tempo,ǭ alli aſſiſtio. As alfayas,de que uſava,aviaõ de ſer as preciſas, & ǭ todas moſtraſſem amor à ſanta pobreza. Comprando-ſe para uſo dos Religioſos alguns cobertores novos,vendo o Irmaõ Roupeyro, que ao Padre Joaõ da Fonſeca nam baſtavam os dous,que tinha,lhe levou hum novo, dos que ſe compráram;mas por mais,que o importunou,nam pode acabar com elle,que o aceytaſſe,dando por razam,que aſſim como os demais paſſavam com dous, tambem elle poderia paſſar; & como inſtaſſe o Irmaõ, lhe diſſe: Naõ quero ſer deſagradecido, deyxe embora eſſe cobertor,mas ha de levar hum dos dous,que eſtam neſſa cama,& aſſim ficarà tudo em pàz,que de outra ſorte nam virei,no que me pede:accommodouſe o Irmaõ,levando do ſeu cubiculo,alèm do cobertor, eſte bom exemplo de amor à ſanta pobreza.

3 Sendo Inſtructor do terceyro anno em Coimbra, com licença,que para iſſo tinha,pedio a hum Irmaõ Noviço alfayate,que reparava os veſtidos dos Noviços, lhe concertaſſe huma jaqueta,de que uſava: era ella tam velha,& gaſtada,que o Irmão lhe diſſe,naõ eſtava jà capàz de ſervir; & que ſómente pondo-lhe hum forro,poderia ter alguma pouca ſerventia.Eſta jaqueta, meu Irmaõ (diſſe o bom Padre) he todo o meu remedio, pois elle julga,que concertando-ſe neſſa fórma, me poderà ainda ſervir: eſpere com a obra, em quanto chego ao Padre Miniſtro, para que me alargue a licença,porque a que trazia,nam era para concerto de tanta fabrica; que ſem licença nem eu poſſo, nem quero, que ſe faça eſte reparo. Pedio a licença, reparouſelhe o melhor que pode ſer;& era ella tam antiga,que quanto ſe deyxava conjecturar, devia ſer a cabeça do ſeu morgado da ſanta pobreza; como he eſtylo de alguns homens amantes deſta virtude, conſervarem toda a vida, ou em quanto pòde ſer,alguma alfaya, em que eſpecialmente reluza o eſplendor da pobreza;ao modo, que os do mundo encorporam nos ſeus morgados algumas couſas raras,ainda que em ſi ſejam de pouco valor.

4 Quando dava a concertar os çapatos,nam os dava juntos, mas hum de cada vez, para que lhe naõ deſſem alguns novos. Dictame foy ſeu,& o obſervou ſempre, porque os que inculcava aos outros,os praticava elle em ſi;que nenhum homem Religioſo ſahindo fóra de caſa, avia de levar todo o veſtido novo, mas de tal ſorte,que ou no çapato,ou na capa,ou em outra qualquer parte, ſe viſſe, que naquelle homem naõ avia deſprezo da ſanta pobreza. Alguma hora entrando em palacio,reparou hum

Corte-

Cortezaõ nos muytos remendos, que levavam os çapatos do Padre Joaõ da Fonseca, & edificouse tanto daquelle indicio de virtude, que começou a fazer hum grande elogio da virtude deste servo de Deos: para que entendamos os Religiosos, que naõ somos mais bem vistos dos homens, quando no vestido fazemos caso do luzimento, que deviamos meter debayxo dos pès.

5 Estavam com as capas nos hombros para ir ouvir a prègaçaõ a S. Roque os Irmãos Humanistas com os Noviços; & tinha hum delles huma capa tam cheya de remendos, como saõ algumas das que trazem os pobres, que andam pelas portas: lançoulhe os olhos o Padre Joaõ da Fonseca, & disse com muyta graça ao Irmaõ estudante: E vòs cuydaveis, que a avieis de levar? nam virei eu em tal cousa; & dizendo, & fazendo lha tirou dos hombros, & a pòz nos seus; dando ao Irmaõ, a que elle tinha; & com ella se foy, & veyo da prègaçaõ.

6 Quando compunha os seus livrinhos, que assim os chamava sempre, o fazia em costas de cartas, & em themas; mas era tam aproveytador delles, que atè escrevia entre as regras, que os estudantes tinham escrito nos themas. Ao seu cubiculo sendo Prefeyto, foy hum Irmaõ estudante fechar huma carta; & como levasse capa, naõ sendo necessaria, (devia ser a carta para algum Religioso nosso) mandoulha tirar o Padre Joaõ da Fonseca, & que lhe puzesse chancella, na fórma, que costumamos; assim o fez; lançou maõ da tizoura q̃ estava na mesa, & começou a cortar a chancella, daquella meya folha, que servira de capa: aqui o Padre Prefeyto pondo as mãos na cabeça, o reprehendeo, dizendolhe: Irmaõ, essa he a vossa pobreza? assim estragais meya folha de papel, naõ vedes chancella nessa mesa? Cõ tanta miudeza queria se ouvessem todos, os que criava, em materia tam importante; na qual o caso, q̃ se faz dos poucos, he final de muyta perfeyçam.

7 Muytas vezes tem Deos mostrado com cousas mais, que ordinarias, quanto lhe desagrada, que os homens que professam pobreza, façaõ pouco caso de cousas minimas. A este proposito lhe ouvi contar, & ouviram outros muytos, huma cousa que com elle passára, & a referia por notavel. Pediolhe hum Noviço, sendo elle Mestre, licença para seis linhas, & pedindo-as ao Irmaõ Sotoministro, este lhe deo doze, que o Noviço aceytou, & dependurou todas detraz da porta do cubiculo, para dalli as tirar, quando lhe fosse necessario usar dellas; acaso lhe chegou com a candea acesa, & pegando o fogo nas linhas, das doze abrazou

brazou só seis, que deviam ser as que trouxèra sem licença, deyxando illesas as outras seis, sendo que estavam todas juntas, & sem intervir nisso prodigio, a nenhumas perdoaria o fogo. Admirado de cousa tam inopinada, a foy logo com as suas circunstancias referir ao Padre Mestre, que sobre isso lhe deo os avisos, que pedia a materia, & o successo.

8 Na pureza, que he a segunda virtude, que constitue o estado Religioso, com dizer que foy hum Anjo, temos dito tudo, o que se pòde dizer em seu abono: inimicissimo de tratar com mulheres de qualquer qualidade, que fossem. Occasiaõ ouve, em que algumas Senhoras da primeyra nobreza deste Reyno o mandàram chamar; estavam ellas na nossa Igreja, & o Sacristam lhe trazia o recado; pedio com lagrimas ao Irmaõ, que o livrasse de taes visitas: propunhalhe o respeyto, que se devia a gente tam grave; mas nenhuma razaõ foy bastante para que lhe fosse fallar; atè que o Irmaõ temendo, nam desconfiassem, se foy contar tudo ao Padre Reytor; o qual em pessoa indo ao cubiculo do Padre, lhe pedio, naõ faltasse com aquelle comprimento a Senhoras de tanta autoridade. Rendeo-se à vontade do Padre Reytor, mas fez a visita tam depressa, como se fora là só para voltar.

9 Do amor desta virtude tenho eu para mim nascia tambem, nunca em saudaçaõ alguma de secular pegarlhe em a mão, como permittem as leys da politica: mas nestas occasioens se avia de tal modo, que sem dar a mão, nam faltava com o devido comprimento. Aconselhava tambem aos que instruhia, & se criavam para Mestres, que nunca puzessem a mão sobre a cabeça de discipulo algum, nem ainda para o consolar em suas afflicçoens, que avia outros modos, com que sem se offender a regra, pudessem dar consolaçaõ aos discipulos.

CAPITVLO XXI.

De sua obediencia.

1 NA obediencia teve grande exacçaõ este observante Padre, conformando-se em tudo com a vontade das suas regras, & de seus Superiores; sem examinar as razoens porque isto, ou aquillo se lhe mandava. Occasiam ouve, em que da parte do Superior lhe intimàram, que fizesse certa funçam, que se naõ costumava encomendar jà aos do seu estado; & ao depois

depois constou fora equivocaçaõ de quem levou o aviso : bem via o Padre,que a cousa tinha seu desencaminho; mas sem dizer palavra alguma se preparou para a fazer. Quando o Padre Ministro advertio , o mandou retirar , edificando-se muyto do seu bom comedimento,& sugeyçam ; & mais quando lhe ouvio dizer: Padre,aos subditos naõ nos pertence examinar,se ha,ou naõ ha equivocaçoens,mas obedecer às cegas,& nada mais.

2 E observava este apothegma tanto à risca, que nem ainda dispensava nelle,quando reclamavam os seus achaques , pois sabemos,que depois de ser Mestre dos Noviços em Coimbra, lhe ordenàraõ fosse visitar o Collegio da Ilha da Madeyra; achava-se nestes tempos muyto maltratado de huma perna,achaque que nas Ilhas sẽpre vai de mal em peyor: naõ faltou, quẽ lhe dissesse, q̃ pois o achaque era de tal calidade,se escusasse, & q̃ naõ averia difficuldade em ser admittida a escusa:respondeo o P.E q̃ diriaõ os meus Noviços,a quẽ atè agora ensinei, q̃ se avia de obedecer ás cegas,se vissẽ,q̃ eu me escusava desta obediencia?vamos agora a ensinar com a obra,o que lhe ensinamos com a palavra.

3 Na Ilha da Madeyra roubou tanto os affectos de todos os moradores , que se ajuntou o Senado da Cidade em ordem a impedir a sua vinda para o Reyno , pela utilidade , que recebia toda aquella terra com a sua assistencia : teve o Padre noticia destes intentos, & lhe foy pedir,naõ continuasse tal pertençaõ; porque ainda que a Ilha com a muyta graça, que lhe tinha feyto,lhe merecia o affecto , que tinha de ser hum de seus moradores para servir a todos;nam queria hum ponto afastarse da vontade de seus Superiores, que o mandavaõ voltar para o Reyno; & muyto menos era contente , que as intercessoens dos de fóra divertissem as disposiçoens dos Superiores , cujo sinal da vontade elle sempre tivera por regra do seu querer. Com esta cortez, & santa reposta declinou as pertençoens daquelles Senhores , a cujo affecto viveo sempre muyto obrigado,& o confessava,quãdo disso se offerecia occasiaõ.

4 Hum dia fazendo exercicio pela cerca do Noviciado com outro nosso,acaso lhe cõmunicou seus achaques , & ainda algũa propensaõ , que sentia , para se retirar a hum dos Collegios da Provincia; dissellhe entam,o que o acompanhava,que se o Padre Provincial soubesse a sua vontade,satisfaria facilmente a seu desejo; & sem dizer nada ao bom Padre,cõmunicou este ponto , a quem o pudesse negociar:teve elle noticia desta agẽcia,& se foy ao cubiculo do que movera o negocio , & pondo-se de joelhos,

lhe

lhe pedio instantemente que logo tomasse a capa, fosse a S. Roque, que elle seria seu cõpanheyro, & que desfizesse tudo, o que tinha obrado em ordem à sua mudança: tudo se fez logo, & se puzeraõ as cousas à medida do seu desejo: todas as ansias do Padre Fonseca nesta occasiaõ topavam, em que por estes caminhos se desviava da vontade do Superior, sendo governado por negociaçoens humanas, que tam danosas sam à disciplina religiosa.

5 Se no Veraõ ao tempo, que se dá sinal à Ladainha, estava com algum secular á portaria em visita, lhe pedia cortesmente, fosse servido esperar, em quanto cumpria com aquella obediencia; & assim os deyxava, voltando depois de rezada a Ladainha; que naõ saõ estas as acçoens, porque elles se aggravaõ dos Religiosos; antes se edificaõ muyto, quando vem, que podem mais comnosco os respeytos divinos, que os humanos.

6 A estes meteo sempre debayxo dos pès, quando vio, que satisfazendo-se a elles, se avia de faltar aos divinos. Governando elle o Noviciado de Lisboa, veyo àquella casa hum Fidalgo da primeyra calidade com pensamentos de fallar com hum Noviço; cuydava elle, que esta permissaõ se devia naõ só à sua pessoa; mas tambem, que se attenderia, a que elle viera à Corte sobre os seus negocios, & que os pays do Noviço lhe tinhaõ pedido encarecidamente, lhe levasse novas de seu filho, & de se estava contente na Religiaõ: prometteolhe de o visitar, & como devia bons respeytos aos pays do Noviço, & tinha dado a sua palavra, nam se queria retirar sem satisfazer a esta obrigaçaõ. Tudo referio ao Padre Reytor Joaõ da Fonseca, pedindolhe a licença para fallar com aquelle Noviço: o Padre com boas palavras se desculpou, dizendo, q̃ naõ estava na sua mão dar estas licẽças: perturbouse o Fidalgo, como quem cuidava, que tudo se devia à sua pessoa: entam o Padre para o pòr em razaõ, lhe disse: Senhor, se el-Rey entregasse a Vossa Senhoria hũa Fortaleza com ordem cerrada, que naõ deyxasse entrar nella pessoa alguma, qualquer que fosse, sem sua licença; que faria? Naõ avia de deyxar entrar alguem, acodio elle: pois Senhor, disse o Padre Fonseca, dessa sorte me hey eu agora, eu naõ posso dar estas licenças, em S. Roque assiste o Padre Provincial, se elle às der, toda a casa està ao serviço de Vossa Senhoria. Com isto, & o bom modo, que em tudo tinha, se deo por satisfeyto o fidalgo; & se pedio a licença ao Padre Provincial, que a concedeo liberalmente, significando ao Padre Reytor, que com semelhantes pessoas, & em

taes

taes occasioens, naõ avia materia de tantos reparos. Mas a isto costumava responder o Padre Joaõ da Fonseca, que a elle só pertencia conservar em rigor as ordens dos Superiores; & que a elles he que tocava explicar, se nesta, ou naquella occasiaõ se aviam, ou naõ aviam de guardar; & isso muyto mais quando naõ avia perigo na demora, & sem muyto trabalho se podia saber delles, qual era a sua vontade.

7 Alguma occasiaõ para intimar a observancia da regra, que nos manda, que naõ se coma fóra dos tempos costumados, contava, que pagando huma visita a hum Religioso, este lhe apresentàra, como he estylo entre elles, algumas cousas de comer; escusouse o Padre urbanamente: mas elle, que naõ devia ser muyto avisado, tomou o caso em ponto de honra, & metendo mão a huma faca, & ameaçando com ella ao Padre lhe disse: Coma Vossa Paternidade, se naõ quer, que o atravesse com esta faca. Vendo o Padre Joaõ da Fonseca graça tam estolida, a declinou dizendo: Se vossa Paternidade me matar, serà obrigado a gravar na Campa de minha sepultura hum epitafio, em que diga, que morri martyr por nam quebrar huma das minhas regras: & a poucas razoens despedindo-se, nunca mais o tornou a visitar, ainda que se lhe offerecèraõ occasioens, em que parecia aver disso obrigaçaõ. E de caminho dizia, que o Religioso da Companhia se avia de retirar de visitas, em que corresse perigo a observancia desta regra, de que tanto depende o nosso bom nome.

8 Mayor exemplo foy ainda, o que nos deyxou, quando sendo chamado á Inquisiçaõ de Evora para instruir huma penitente, a mandàraõ vir à Capella; & vendo o Padre que o companheyro ficava fóra, & naõ á vista, como em semelhãtes visitas ordena a regra, disse ao Porteyro, que seu companheyro avia de estar à vista, por assim o ordenar a sua regra: foy o Porteyro dar este recado à mesa, & de là se respondeo, que aquelle era o estylo, mas que naõ queriam dar essa pena a sua Paternidade, & por tãto mandàram abrir huma janella, que cahe para huma grande sala, donde estava o companheyro, o qual ficou à vista; ficando aquelle Santo Tribunal muyto edificado de tam exacta observancia, & com mayor estimaçaõ da virtude do Padre Joaõ da Fonseca.

9 Na conferencia de Santo Antaõ disse o Sacristaõ daquella Igreja, que por mais vezes, que o chamasse para as Confissoens, nunca acodira com mostra alguma de enfado, antes com

toda

toda a pontualidade,& em chegando à Sacristia dizia sempre ao Irmaõ: Aqui estou: devia fazer esta advertencia, para que o Irmaõ soubesse, q́ se tinha acodido,& estivesse livre daquelle cuidado. Para se lembrar mais do que promettèra a Deos na profissaõ Religiosa,todos os dias na Missa, como se lè de nosso Padre S. Francisco Xavier, renovava os seus votos antes de commungar.

9 Temos referido os exemplos de que pudemos ter noticia, tocantes ás virtudes, que constituem o estado Religioso; agora apontaremos alguns das virtudes, que devem acompanhar a tão santo estado;& sejam os primeyros na Humildade, que he o solido fundamento, sobre quem com segurança se edifica o palacio,ou templo das virtudes.

CAPITVLO XXII.

De sua profunda humildade.

1 AQuelles actos exteriores de Humildade, com que os nossos primeyros Padres se apuravam no abatimento proprio,& de que nos edificamos, quando os ouvimos ler; os vimos com nossos olhos exercitar por este bom Padre, naõ huma,mas muytas vezes. Em o Noviciado de Lisboa sendo Reytor se entupiram com huma ruina os lugares cõmuns; elle por sua pessoa se occupou em os ajudar a desentupir; exercitando-se naquelles ministerios,de que ainda tinhaõ horror os trabalhadores mais humildes,& abjectos.

2 No mesmo tempo tinha jà impressos alguns dos seus livrinhos,q́ por sua humildade com este nome diminutivo os chamava sempre; & o Irmaõ Noviço pelo amor, q́costumam ter a seus Mestres,nos cayxilhos da livraria preparou hum, em que póz os livros do seu Padre Reytor com seu titulo por sima,como tem os demais Autores,& Escriptores de cousas espirituaes, para se acharem com facilidade. Quãdo o Padre Joaõ da Fonseca se vio entre os demais,& que os seus livrinhos estavam em cayxilho à parte com os dos veneraveis Padres Frey Luis de Granada, Alonso Rodrigues,& Padre Ponte; corrido daquella, que tinha por honrinha,chamou todos os Irmãos Noviços, & diante delles deo hũa severa reprehensaõ ao Irmaõ, q́ tinha cuidado da livraria,mandãdolhe,q́logo tirasse o seu nome daquelle cayxilho,& puzesse os seus livrinhos promiscuamente com os

que naõ tinhaõ aquella ſingularidade; dizendo de ſi, & de ſuas couſas tantas humildades,& desfazendo tanto nellas, que todos ſe edificàram grandemente do deſprezo, que tinha de ſi, & de ſuas couſas.

3 Aos Irmãos Noviços dizia, lhe notaſſem com confiança tudo aquillo, que viſſem, que em ſuas acçoens neceſſitava de emenda;& naõ faltou algum que lhe notou naõ ſey que miudezas:(que fia muyto delgado eſta gẽte,& por iſſo he tam perfeyta) agradeceolhe a caridade, & para dar ſatisfaçaõ aos Irmãos Noviços,tomou diante delles huma diſciplina nas coſtas,dizendo a ſua culpa,& as faltas,porque tomava aquelle caſtigo. Dando tacitamente a todos com ſeu exemplo hum aviſo, de que os homens, que tratam de perfeyçaõ, haõ de caſtigar em ſi os defeytos leves como ſe foſſem as mais graves culpas.

4 Muytas vezes levava a ſeus hombros o trigo deſde a caſa donde ſe eſcolhe,atè àquella donde ſe moe em o Noviciado de Lisboa. Sendo Prefeyto dos Irmãos,que como temos dito eſtudavam na meſma caſa, mais os enſinava com o exemplo, que com a palavra. Varias vezes o vi eu, que iſto eſcrevo, ir com hum dos Irmãos deſpejar o ceſto, em que ſe lançavam as varreduras do quarto,em que moravamos. Outras com hum Irmão Noviço levava a ſeus hombros dependurada de hum pao a caldeyra dos pobres deſde a cozinha atè à portaria do carro,aonde ſe reparte a eſmola: & por eſte modo fazia outros actos de humildade,que ſe a alguem parecerem pouquidades, experimente-as, & verà, que ſe naõ obram ſem actos de grande perfeyçaõ, & que ſaõ indicio evidente,de que a tem muyto elevada, quem aſſim ſe ſabe dominar,& abater.

5 Sendo Reytor do Noviciado,todos os annos, que là hia prègar algum noſſo Religioſo no dia da Aſſumpçaõ da Senhora,ſempre o Padre Fonſeca tomava a ſobrepeliz, & como ſe foſſe o Irmaõ Sacriſtaõ, hia acompanhar o Padre atè o pulpito, & ouvindo o Sermaõ da eſcada, depois ſe recolhia com o meſmo Prègador pelo modo,que uſa o Sacriſtaõ.

6 Por ſeus achaques, que com a velhice o carregàram mais, tinha neſtes ultimos annos licença para ſe levantar mais tarde, cumprindo com as obrigaçoens da oraçaõ entre dia; mas para que os Irmãos, naõ ſabẽdo a cauſa deſta diſpenſaçaõ,ſe naõ deſedificaſſem, diante de todos lhes diſſe: Filhos, naõ vos deſedifiqueis,o que faço he com licença, & os Prelados ſabem muyto bem as cauſas;o que me falta de oraçaõ, tenho em o diſcurſo do dia.

dia. Naõ eraõ para os Irmãos neceſſarias eſtas advertencias, que bem ſabiaõ de ſeus achaques, & que a oraçaõ era o ſeu paõ quotidiano, mas a ſua humildade, & ſumiſſaõ naõ lhe permittia o contrario, attendendo a que os homens que eſtaõ em occupaçaõ publica, tem por officio o dar bom exemplo, que nos outros he ſó exercicio de virtude.

7 Se acaſo dizia alguma palavra mais aſpera, & de que ſe podia entriſtecer algum Irmaõ, todo pezaroſo, do que tinha dito, o chamava ao ſeu cubiculo, & lhe pedia perdaõ, com palavras de tanta humildade, que ſe naõ podem facilmente explicar. De ſua profunda humildade naſceo a grande averſaõ que teve a governar: & vio-ſe em muytas occaſioens. Na Ilha da Madeyra em acabando de fazer a viſita, ſe depoz logo do officio de Viſitador, pondo-ſe no andar de ſubdito. Naõ deyxou ler a patente, que viera para ſer Reytor daquelle Collegio.

8 Quando era Prefeyto em o Noviciado, foy hum dos propoſtos para Prepoſito da Caſa Profeſſa de S. Roque; & hum Padre que com elle tinha alguma familiaridade, como gracejando lhe diſſe: Agora ſim, meu Padre Joaõ da Fonſeca, que teremos a Voſſa Reverencia Prepoſito de S. Roque. Nam ſe pòde explicar com a pena, quanto ſe alterou com eſtas palavras, & diſſe ao Padre com grande intimativa: Eu naõ quero governar; eu ſey, que naõ hei de ſer nada, & para que fuy eu a Roma? alludindo neſta ultima palavra, que o principal negocio, que là fizera, fora ſegurarſe com noſſo Reverendo Padre, que o naõ meteſſe em governos. E ſentio aquelle Padre, tinha o Padre Fonſeca tanta pena ſó de lhe fallarem em governo, quanto os Religioſos, que tem eſpiritos mundanos, ſe alegraõ, quando ſe vem promovidos aos cargos: & por tanto nunca mais ſe atreveo nem por ſombras a tocarlhe em ſemelhante materia.

9 Depois da morte do muyto exemplar, & virtuoſo Padre Leopoldo Fues Confeſſor da Sereniſſima Rainha de Portugal, do qual o Padre Joaõ da Fonſeca era Confeſſor, & como tal lhe tinha aſſiſtido na doença; & na morte, mandou Sua Mageſtade a Rainha, que o Padre Fonſeca foſſe a palacio. No tempo que eſtàva com o aviſo, entrei eu no ſeu cubiculo, & o achey aſſuſtado; & perguntada, & ſabida a cauſa da ſua triſteza, me acrecentou: Padre, eſtes dias tenho andado cà por dentro ſoſobrado com temores, de que avia de ter alguma pena grave; & he couſa para mim jà experimentada, que quando me ha de vir algum diſgoſto, ſinto eſtes impulſos dentro de mim, como ſinaes, ou

annuncios da tempestade, que està para vir; & todas as vezes, que os tive, me sobreveyo algum dissabor: por tanto em começando a picar, me preparo com os actos necessarios, para sofrer, o que ha de vir: estes dias antecedentes me tem molestado estes temores, & devia ser este aviso a causa delles.

10 Dizendolhe eu, naõ me parecia aver alli motivo para estas perturbaçoens; que cousa era ir a Sua Magestade, & darlhe conta da morte do seu Confessor, que era a causa de ser chamado, conforme significava o aviso? A isto respondeo: Padre, eu naõ quero nada de palacio, sendo aqui Reytor muytas vezes intentou o Padre Leopoldo Fues levarme comsigo a palacio, mas nunca jà mais pode acabar isto comigo.

11 Naõ disse mais nesta materia: foy a palacio, fallou com Sua Magestade, & na brevidade com que se despedio mostrou o pouco gosto, com que hia. Naquelle mesmo tempo ouve hum rumor entre os nossos, de que a Rainha tomava por seu Confessor ao Padre Joaõ da Fonseca: mas como o Padre naõ fallasse cousa alguma neste ponto, & todo se remetesse ao silencio; cuydamos, que Sua Magestade o mandàra sómente chamar, para lhe referir a morte de seu Confessor, & circunstancias della.

12 Depois da morte do Padre Joaõ da Fonseca, se soube, como Sua Magestade lhe pedira, quisesse ser seu Confessor; & que o Padre se escusára desta honra, que julgava mayor, do que permittia a sua humildade: foy esta escusa, quanto entendemos, com tam bòm modo, que Sua Magestade ficou dalli por diante muyto mais affeyçoada à virtude do Padre Joaõ da Fonseca, & se encomendava muytas vezes em suas oraçoens.

13 E porque esta cousa, q̃ he de tanto pezo, & de tanta honra para q̃ a virtude deste servo de Deos fique mais abonada, nam passarei em silencio o fundamento, que ha para se escrever. Ao Padre Gonçalo de Sequeyra, Reytor do Collegio de Coimbra, disse hum nosso Religioso, que elle sabia de certo, que o Padre Joaõ da Fonseca se escusára de ser Confessor da Rainha, & que o sabia com tanta certeza, que estava prompto para o jurar, sendo isso necessario.

14 Com ser este dito tam sem duvida em hum homem Religioso de bons procedimentos, & em materia desinteressada, se procurou aver mais alguma noticia por via do Confessor del-Rey o Reverendo Padre Sebastiaõ de Magalhaens da nossa Cõpanhia; o qual disse a outro Padre grave, que o consultava neste ponto, que estando elle com elRey, disse a Rainha, que a

determinassem a escolher por Confessor a hum de dous, ou ao Padre Joaõ da Fonseca, ou ao Padre Miguel Dias, porque de ambos tinha grande conceyto, & que vendo esta duvida, a deyxàram indecisa, dizẽdo, escolhesse Sua Magestade qual quizesse, que fazendo eleyçaõ de qualquer delles, obrára bem: & acrecentou o Padre Confessor, que só isto sabia, por passar em sua presença; & q̃ naõ sabia o q̃ depois obràra S. Magestade, se fallàra, ou naõ fallàra neste ponto ao P. Joaõ da Fonseca. Do qual testimunho tam abonado, se deyxa bem ver, q̃ naõ podemos duvidar, de ser verdade, o que aquelle nosso Religioso se atrevia a jurar, poderà ser o soubesse do mesmo Padre, ou por outra via indubitavel: nem he bem, que nós o calemos, quando este he o mais qualificado testimunho de sua grande humildade.

15 Fallando huma vez com hum nosso Padre acaso trouxe à pratica a occasiaõ, em que o mandàram ser Reytor do Noviciado; & disse, que a razaõ, porque aceytára aquelle governo, fora porque Deos lhe dera a sentir, que por seu meyo se avia alli de effeytuar huma cousa de grande serviço de Deos; & esta dizia elle ser a fundaçaõ do Collegio de Beja: a qual abayxo de Deos teve a sua primeyra origem em o Padre Joaõ da Fonseca, entam Reytor do Noviciado, fazer com o Padre Leopoldo Fues Confessor da Rainha, que persuadisse a Sua Magestade se fizesse Fundador do Collegio de Beja, como em effeyto se fez.

16 E dizia contando isto: Altissimos juizos de Deos: quem avia de dizer, que a esta janella, em hum repouzo se avia de concluir hum negocio de tanto bem das almas? tinham ambos naquella occasiaõ repouzo na janella que cahe para o mar, do corredor, q̃ serve para morarem os Padres do terceyro anno: & no mesmo lugar fallava o Padre sobre estas cousas sendo Prefeyto do Recolhimento, quando assim as referia àquelle Padre.

17 Teve sempre grande amor a este Collegio de Beja, ou fosse por aquelle sentimento, que Deos lhe dera, de que avia de ser obra de grande gloria de Deos, & proveyto das almas, ou pelo muyto que trabalhou em ordem a se vencerem grandes difficuldades, que embaraçavam, & podiam embaraçar esta fundaçaõ. Na qual depois da Serenissima Fundadora tem grande parte a piedade do Senhor Manoel Lopes de Lavra Thesoureyro da dita Senhora, que facilitou notavelmente o bom successo deste negocio, significando a Sua Magestade, que por falta de dinheyro naõ deyxasse de emprender obra tanto do serviço de

Deos,& gloria de Sua Mageſtade. Eſte meſmo amor para com o Collegio de Beja herdàram os filhos deſte muyto honrado Senhor,a quem a Companhia ſe reconhecerà ſempre devedora. Eſtimàram eſtes Senhores,como quem com o trato tinha della conhecimento,a virtude do Padre Joaõ da Fonſeca,& elle os amava a todos,como a couſa muyto ſua, attribuindo os grandes augmentos daquella caſa à piedade, que nella ouve, & ha para com Deos, & ás muytas eſmolas com que ſe ſoccorre aos pobres. Tocamos aqui iſto de caminho, porque naõ averà outro lugar,em que o poſſa a ter com mais cõmodo; ainda que naõ pertence à humildade, & repugnancia que o Padre tinha aos governos,mas por virmos a parar neſte negocio por occaſiaõ della,& para que fique dito de huma vez.

19 Indo a huma Miſſaõ cõ mais outros Padres,levava ordẽ para no tempo della ſer Superior, mas ſempre ſe tratou como ſubdito; tanto aſſim,que hum dos outros cuidou que era Superior, & tinha algumas razoens para imaginar, que o era; pelo que algumas vezes embicou,em que o Padre mandava parte da ſua porçam aos pobres, & como niſto moſtraſſe a ſuperioridade,que cuydava ter, & de hum certo modo eſtranhaſſe, o que via fazer ao Padre Joaõ da Fonſeca: eſte modeſtamente ſó lhe diſſe: Ora Padre,eu tenho licença para o que faço: mas nunca ſignificou a ordem,que tinha para ſer Superior dos demais.

CAPITVLO XXIII.

De ſua oraçam, & favores, que conſeguio por meyo della.

1 PAſſemos à virtude da oraçaõ,que foy o ſeu paõ, & mantimento quotidiano. Neſte ſanto exercicio foy muyto continuo,como viam todos, os que viviam com elle na meſma caſa. Aos Irmãos do Recolhimento diſſe algumas vezes com huma ſanta candura: Filhos, vòs dizeis, que ſentìs difficuldade em ter oraçaõ,he couſa em que eu nam acho difficuldade. Tanto ſe tinha habituado neſte devoto exercicio. Em Evora de tarde gaſtava muyto tempo na Igreja orando: em o Noviciado de Lisboa ſendo Prefeyto,na Igreja; & tambem no coro diante do Senhor.

2 Quando era Reytor em o Noviciado, ſuccedeo algumas vezes, que o Irmaõ que avia de deſpertar, ſe levantàra tal vez duas,& tres horas antes de ſe erguer a Communidade,& naõ ſaber

ber

ber que horas eram; & indo à tribuna que cahe na Capella mòr, achar alli em oraçaõ ao Padre Reytor, o qual por ser muyto cedo, o mandava recolher, tomando a seu cargo despertallo a suas horas.

3 Outra vez, quando era Mestre dos Noviços em Coimbra, se levantou jà alta noyte hum Irmaõ Noviço, nam sey com que escrupulo, & como quem só tratava de o tirar, se foy ao cubiculo do Padre Mestre, bateo, & como mandasse abrir, o achou de joelhos no cubiculo em oraçaõ. O mesmo conta, que a semelhantes horas o achàra em outra occasiam orando diante de hũ Jesus, que está na parede junto à campa do Noviciado. Orava com tanto affecto, que estes se lhe viam muytas vezes no semblante exterior: algum nosso observou, que estando o Padre em oraçaõ, admiràra no rosto huma grande variedade, já alegre, já triste, jà a modo de agastado, reverberando no rosto toda aquella variedade de affectos, em que a alma se exercitava na oraçaõ.

4 Assistio em Lisboa à morte de seu grande amigo o Senhor Manoel Lopes de Lavra, que a teve tam ajustada, como foy toda a sua vida, & huma das boas fortunas, que ella teve, foy a assistencia de homem tam santo; o qual algumas noytes, que foy preciso assistirlhe, gastava a mayor parte dellas em oraçaõ; & sempre, como disse o Irmaõ, que o acompanhou, rezava a Ladainha ao tempo pouco mais ou menos, que em casa se costumava rezar.

5 Por meyo desta virtude da oraçaõ negociou diante de Deos muytos favores para aquelles, por quem orava Em o Collegio de Santo Antaõ padecia hũa aguda colica hum dos nossos Religiosos; entrando a visitallo o Padre Joaõ da Fonseca, quando a dor estava mais no seu auge, por ser aquelle dia de S. Rosa de Lima, & concorrer no Irmaõ o mesmo sobrenome, lhe disse: Meu Irmaõ, pegue-se com Santa Rosa de Lima, em cujo dia estamos, & eu o vou encomendar a Deos: logo se foy pòr em oraçaõ na Capellinha, & voltando dahi a pouco tempo, o achoũ totalmente livre da dor, de que muyto se alegrou dizendo: Demos graças a Deos. Disse mais este Irmaõ, que sendo sugeyto a padecer os assaltos deste achaque, que lhe duravam muyto, nunca lhe duràram tam pouco, como nesta occasiam, & que atè o tempo, que isto depunha, lhe naõ tornàra a repetir, sendo já o intervallo do tempo muyto mayor do costumado.

6 Muyto semelhante a este, foy o que experimentou em si hum

hum dos Meſtres de Latim daquelle Collegio ; ardia eſte em huma intenſiſſima febre;entrando no ſeu cubiculo o Padre Joaõ da Fonſeca,& dizendolhe o doente, o fogo em que ardia : Bom animo,lhe diz o Padre Fonſeca;eu vou fazer oraçaõ a Deos, & eſpero,que ſe ha de achar alliviado. Logo foy à Capellinha, & poſto de joelhos diante do Santiſſimo, fez oraçaõ a Deos pela ſaude daquelle Meſtre ; o qual naquelle tempo , em que o Padre poderia começar ſua oraçaõ , ſe achou de ſubito livre daquelle ardor , que o conſumia ; & quando iſto me referio,dizia,que aquella melhora fora nelle tam repentina, como quando ſobre hum grande fogo ſe lança grande copia de agua,com que ſe apaga de repente. Tinha o doente comſigo hũa reliquia do Santo Xavier,de cuja protecçam ſe valia, a ella attribuhio a melhoria que ſentio : com tudo por concorrer neſte tempo a oraçaõ do Padre Joaõ da Fonſeca com circunſtancias tam eſpeciaes, nam deyxou de ter para ſi, que a protecçaõ do Santo Apoſtolo ſe apreſſára ſolicitada das oraçoens de homem tam virtuoſo, como na opiniam de todos era o Padre Joaõ da Fonſeca.

7 No meſmo Collegio ſe vio hum noſſo Religioſo apertado de huma terrivel tentaçaõ,de ſe ir da Companhia, por ſe lhe repreſentar,que ſó por eſte caminho poderia ſahir de hũa grande pena,que lhe penetrava o coraçaõ: foy Deos ſervido, de que ſe abriſſe com o Padre Joaõ da Fonſeca ; o qual ouvida a ſua pena,lhe diſſe: Filho, o remedio todo eſtà em recorrermos a Deos,eu tomo iſto à minha conta,nam deſconfie, nem ſe deſcõſole,que tudo com a ajuda de Deos ſe ha de pòr em bem: com eſtas,& ſemelhantes palavras o conſolou por alguns dias, em que ſentia nelle mayor deſinquietaçaõ. Entretanto encomendava o Padre eſte negocio a Deos. Quando menos o Irmaõ o imaginava,o mandàram chamar à Igreja, & nella lhe pediram perdaõ da grande pena,que lhe tinhaõ cauſado,& do perigo, em que injuſtamente o puzeram de perder a ſua Religiaõ. Logo cheyo de prazer foy contar ao Padre Joaõ da Fonſeca os jubilos de ſua alma, & cauſa delles,dandolhe juntamente as graças de o ter encomendado a Deos. Alegrouſe com elle o bom Padre,& lhe diſſe: Ora filho, vamos dar graças a Deos, & à Virgem Mãy,que tudo iſto ſaõ beneficios ſeus. Logo ſe entrou na Capellinha,& deo a Deos as graças pelo beneficio,que fizeram àquelle Religioſo.

8 Eſta efficacia de ſuas oraçoens,que ſentiram os noſſos,experi-

peri-

perimentáram tambem as pessoas de fóra, que se valèram dellas. Dona Mariana de Almada filha de Christovam de Almada, & mulher de Dom Bernardo de Noronha Irmaõ do Conde de Arcos, vivia em grande desconsolaçaõ, porque dandolhe Deos nove filhas lhe naõ tinha dado filho algum, que fosse herdeyro da sua casa: augmentava-se esta pena, porque sentindo-se pejada, com a longa experiencia que tinha, sentia em si todos os sinaes; porque antes de sair a luz os partos, se deyxa conhecer, que saõ do sexo feminino. Fallando hum dia com o Padre Joaõ da Fonseca lhe manifestou a sua tristeza, & tambem as causas della. O Padre para a consolar lhe disse: Naõ se afflija, Vossa Senhoria, faça huma novena a Nossa Senhora, & encomende-se a Saõ Francisco Xavier, que eu com as minhas oraçoens a ajudarei; & da sua parte lhe prometto, que terà deste parto hum filho, mas ha de porlhe o nome Frãcisco de Xavier. Tudo isso farei, respõdeo a fidalga; & se se cõprir a promessa, que Vossa Paternidade me faz, darei tambem huma pessa a nossa Senhora em agradecimento do favor recebido. Fez a sua novena, & a seu tempo pario hum filho, que reconhece, por mercè da Senhora, conseguido pelas oraçoẽs do Padre Joaõ da Fonseca. Depois de morto este ditoso Padre, vindo a dita Senhora ao nosso Collegio de Santo Antaõ, perguntou pela sua sepultura, & a respeytou com sinaes da veneraçaõ, que tinha á sua virtude.

CAPITVLO XXIV.

De sua paciencia, mortificaçam, & penitencia.

1 NA virtude da paciencia, que tam necessaria he, a quem vive em Religiaõ, pelas muytas occasioens, que se offerecem de a exercitar, deo os mesmos exemplos, que nas outras. Nos seus achaques do corpo, quando eram algumas, eram muyto moderadas as suas queyxas. Em Coimbra sendo Mestre dos Noviços, trouxe muytos tempos huma perna inchada com grandes molestias, as quaes cozia comsigo, acodindo a todas as funçoens da sua obrigaçaõ, como se nam tivera achaque algum.

2 Esta mesma paciencia tinha nas molestias do animo, deyxando tudo a Deos, sem acodir por si. Na Ilha da Madeyra depois de ter feyto a sua visita, & se ter absolto, como fica dito, da occupaçaõ de Visitador, & posto no andar dos demais subditos,

o Supe-

o Superior do Collegio levado,naõ ſey de que zelo indiſcreto, (que naõ lhe poſſo attribuir iſto a outra couſa, porque foy bom Religioſo,& por tal avaliado em quanto vive) hum dia, que os Padres comiam no chaõ, como he eſtylo entre nòs, ſubio à cadeyra do refeytorio,tirou hum papel, que elle tinha composto muyto de ſobremaõ, no qual ſe continha huma reprehenſaõ do Padre Joaõ da Fonſeca,que elle leo em vòz alta, & intelligivel, eſtranhandolhe algumas couſas, que ſó eram defeytos na ſua opiniam. Nada ſe aſſuſtou o Padre Joaõ da Fonſeca com tam repentina,& inopinada trovoada; calou, como verdadeyro imitador de Chriſto,ſem nem dizer, nem eſcrever huma ſó palavra em ſua defenſa;mas a ſua innocencia arrezoou tam bem por elle,que todos calculàram por imprudente, & pouco conſiderada a reſoluçaõ do Superior.

3 Naõ ſey ſe deſtas, ou de outras ſemelhantes capitulações vindo para o Reyno,o mãdàram os Superiores mayores, como em penitencia,para hum dos Collegios mais pequenos da Provincia,& em effeyto foy para o de Elvas: alli ſe achava, quando voltou de Roma da Congregaçaõ geral o Padre Doutor Joſeph de Seyxas Provincial deſta Provincia; & como jà em Roma eſtiveſſem inteirados da virtude, & innocencia do Padre Joaõ da Fonſeca : o Reverendo Padre Geral encomendou ao Padre Provincial Joſeph de Seyxas, que da ſua parte deſſe hum apertado abraço ao Padre Joaõ da Fonſeca pela modeſtia,& bom exemplo,com que ſe tinha avido neſta adverſidade, que ſem culpa tinha padecido. Chegando o Padre Provincial a Elvas, & indo o Padre Joaõ da Fonſeca ao ſeu cubiculo a darlhe as boas vindas; alli diante dos demais lhe diſſe o Padre Provincial: Meu Padre Joaõ da Fonſeca,ſua Paternidade me ordena, que da ſua parte abrace a Voſſa Reverencia. Aqui acodio o bom velho com algum lepor: Padre Provincial, declare Voſſa Reverencia bem eſſa palavra,abrace,ſe he com Z, ou com C, alegrando-ſe todos, & mais o Padre Provincial,lhe diſſe: He com C, & Voſſa Reverencia por certo aſſim no lo tem merecido pelo bom exemplo, que nos tem dado, & eu em nome de ſua Paternidade, & meu lhe dou eſte abraço,& a Voſſa Reverencia por livre de quaeſquer moleſtias,em que eſtava.

4 Nos tempos antes de ir para Elvas eſtava em Evora, como homem açoutado da adverſidade,dava-ſe muyto a Deos,cõ quem ſempre nos achamos. Neſta occaſiaõ metendo-ſe acaſo pratica do Padre Joaõ da Fonſeca,diſſe o Reverẽdo Padre Doutor

tor Manoel Correa entaõ lente da Universidade, & depois Reytor do Collegio de Coimbra, Provincial desta Provincia, & agora Assistente em Roma: O Padre Joaõ da Fonseca anda muyto desfavorecido dos homens, mas muyto favorecido de Deos, como quem he grande seu amigo: a nao com a onda mais empolada se chega mais ao Ceo.

5 Tambem foy para mim naõ pequeno indice desta sua paciencia, o silencio com que se ouve em hum livrinho, que pertendeo imprimir; meteo-se nos censores da Companhia, mas estes resolveraõ por razoens, que para isso teriam, que se naõ imprimisse: recolhe-o o Padre Fonseca, & sendo, que antes lhe ouvia fallar muytas vezes nelle, dalli por diante nem huma só palavra se lhe ouvio nesta materia, nem deo sinal algum de sentimento, que tivesse, de ver frustrado o seu trabalho; nem tam pouco fez mais diligencia algũa em ordem a conseguir a licença para se imprimir, que naõ seria difficultosa.

6 Naõ anda a paciencia senaõ acompanhada de grande mortificaçaõ assim das payxoens do animo, como do corpo. Sendo Prefeyto dos Irmãos em Lisboa, lhe vimos ainda trazer as contas, que chamamos da mortificaçaõ, de que usaõ os nossos Irmãos Noviços, & se naõ esquecem os Religiosos tam perfeytos, como o Padre Joaõ da Fonseca; as quaes servem, ou para apontar as faltas, que se cõmettem contra a virtude, de que se traz exame particular; ou (& he o seu mais ordinario uso) para os actos, que cada hum faz de mortificaçaõ; & contam-se, para pela multiplicaçaõ dos actos conhecer cada hum, quanto se adianta nesta virtude, tam necessaria para conseguir as outras.

7 Contam muytos dos seus Noviços, que o foraõ em Lisboa, que quando nos dias costumados com a roupa de linho se lhe traziaõ siroulas, chamava sempre algum Irmaõ, a quem julgava serem mais necessarias, & dandolhas, se ficava sem ellas. Em tudo queria o tratassem, & se tratava como Noviço; tinha dado ordem, que quando servissem á mesa, & na cozinha, se se desse porçaõ com alguma especialidade para elle, dessem huma volta ao copeyro, & lhe puzessem hũa, das que se levavam para os Irmãos Noviços, & a outra a puzessem, a quem succedesse.

8 Nestes annos ultimos em que o carregàraõ mais os achaques, em quanto lhe era possivel, nam comia carne em dias de peyxe; cortando pelo seu cõmodo, por naõ cortar pelo preceyto da Igreja, ainda que nelle dispensavaõ sem genero algum de

escru-

escrupulo os seus achaques. Refere-se delle na conferencia, que se fez de suas virtudes no Collegio de Santo Antaõ,& o depoem o Irmaõ, que era Sotoministro do Noviciado, quando o Padre Joaõ da Fonseca era Reytor,que hum dia faltando na mesa,foy ao seu cubiculo,& como naõ o mandasse abrir, se foy dar conta disso ao Padre Ministro; este como quem sabia a causa lhe disse: Deyxe-o,naõ lhe dè cuidado. Todos aquelles tres dias faltou na mesa: no fim delles indo o Irmaõ ao seu cubiculo o achou muyto contente,& alegre, sem saber, que causa tivesse para se retirar aquelles tres dias com tam rigurosa abstinencia. E segundo algumas especies em confuso, que tenho de elle me contar este successo, se recolheo aquelles tres dias para tratar só com Deos,retirado totalmente de todo o trato das creaturas, & esquecido atè do sustento do seu proprio corpo, a quem alimẽtou com a mortificaçaõ,& oraçaõ.

9 Sendo Mestre dos Noviços em Coimbra se observou, que nunca se lhe vira a cama feyta,nem indicios,de que a fizesse;& se persuadiaõ,que dormia sobre as taboas da barra. Tomava largas disciplinas,& isso alta noyte,& ainda em lugares escusos,para q̃ os seus Noviços o naõ sentissem,& o quizessem imitar com dano da saude. Neste tempo se ouvio dizer muytas vezes ao Padre Doutor Joseph de Seyxas então Reytor do Collegio de Coimbra, que tinha grande trabalho em ir á mão, & moderar ao Padre Joaõ da Fonseca nas suas penitencias.

10 Em Lisboa o sentiraõ muytas vezes, que recolhendo-se da tribuna depois de largas horas de oraçaõ,là sobre a manhã tomava grandes disciplinas. Vez ouve, em que se açoutou por tanto tempo,& rigor,que o Padre Ministro, que morava debayxo do seu cubiculo,sentindo a furia,& continuaçaõ dos açoutes, se veyo assima,& lhe bateo à porta,dizendolhe, q̃ parasse: a que respondeo de dentro: Deyxe-me Vossa Reverencia castigar este corpo,que bem o tem merecido.

11 Quando era Prefeyto em Lisboa, sendo que sabiamos muyto bem,que os seus achaques naõ permittiaõ grandes rigores corporaes, todos os dias antes de se recolher, lhe ouvia tomar a sua disciplina. Naõ faltava em se açoutar nas costas os dias,que a devoçaõ introduzio entre nós tomarse disciplina no refeytorio,depois della sempre beijava os pès a hũa,ou duas mesas de Religiosos. E naõ só nestas, mas tambem em outras occasioens usava desta mortificaçaõ: como de fazer os officios da cozinha,& lavar a louça no tempo da primeyra mesa. No refeytorio

torio sendo Reytor comia muytas vezes do paõ, que comiam os moços de casa, & era nelle mortificaçam muyto ordinaria.

12 Depois de ajudar a varrer os corredores aos seus Noviços, ajudava tambem a recolher as varreduras. Hia com elles à ribeyra, da qual trazia a seus hombros o peyxe, que se tinha comprado para a sua Communidade. Os cilicios foram nelle muy continuos, & muytas vezes usava de hum asperrimo, que avia em o Noviciado de Coimbra, a que chamavam Samarrinha, o qual era tam rigurolo, que parecia insoportavel.

13 Foy grande inimigo da ociosidade, que, como diz a nossa regra he origem de todos os males: esta virtude foy entre outras huma das causas, que teve, para se applicar à composiçaõ dos seus livrinhos, dando a esta todo o tempo, que lhe crecia dos seus exercicios de obrigaçaõ, & de devoçaõ. Perguntoulhe hum nosso Religioso, como podia cõpor tanto: respondeolhe: Padre, fazemos isto, fallando pouco, dormindo pouco, escrevendo pouco: alludindo nesta ultima palavra às poucas cartas, q̃ escrevia.

14 Tinha por dictame que todo o homem Religioso alèm das pensoens ordinarias, avia de ter entre mãos alguma obra especial, na qual se occupasse, quando as outras ou cessassem, como às vezes succede, ou quando davaõ algum lugar; & que servia esta diligencia assim para evitar a ociosidade, como tambem era hum refugio ao entendimento cansado, & enfastiado com outras lidas.

CAPITVLO XXV.

De como se ouve na boa educaçam dos Noviços, & do Recolhimento.

1 DAs cousas que atè aqui temos dito, se deyxa bem ver o exemplo, & edificaçaõ, com que criaria os Noviços; os quaes sempre veneràram nelle o amor de pay, & a virtude de Santo. Vestia como elles roupeta parda, só trazia preta em algumas festas solemnes: as contas eram como as dos Noviços. Muytas vezes em Coimbra hia com alguns a pedir esmola pelas portas para os prezos, & a fazer doutrina pelas praças. Quanto aos officios domesticos, procurava, que estivesse escrito com particularidade, o que cada hum avia de fazer, quando tivesse aquelle officio, para assim os fazerem com perfeyçaõ,

& mais facilmente ſe porem correntes nas obrigaçoens do tal officio.

2 Porque os que aviam de ir às peregrinaçoens, alèm das regras, que a Companhia tem para os que peregrinam, tinha ordenado hum directorio com muytas, & boas advertencias, para ſe averem com prudencia em todas as couſas, que coſtumaõ occorrer. Os ſeus aviſos eram accommodados aos ſugeytos a quem os dirigia; em os Noviços jà provectos na idade diſſimulava algumas couſas, pelas quaes naõ paſſava aos de menor idade, attemperando-ſe ao que pediaõ os annos de cada hũ. No ſanto exercicio de pedir as faltas em publico, como ſe coſtuma em os noſſos Noviciados, era ſantamente tam deſenfaſtiado, & as moralizava com tam boa graça, que a todos o fazia appetecido, & utiliſſimo em ordem a emendar os defeytos.

3 Aos Noviços tinha repartido em ſeus officios, & aos que ficavaõ ſem elle por pequenos, & de poucas forças, o officio, que lhes dava, era, que ſeriaõ obrigados a dar bom exemplo. Quãdo ſe ajuntava com elles na recreaçaõ, lhes hia perguntando como ſe tinhaõ avido nos ſeus officios, & dirigindo, como ſe aviaõ de aver: a graça era, vello entender com os de menos annos, & inquirir delles, como ſe tinhaõ avido no ſeu officio de dar bom exemplo; & ver como cada hum dizia os ſeus defeytos, & attendia ás direcçoens, & moralidades do Padre Meſtre; mas contam, os que tiveraõ a dita de ſer ſeus Noviços, que naõ avia para elles recreaçaõ de mayor goſto, que eſta, nem de mais proveyto eſpiritual.

4 Fazia grande cabedal de os inſtruir em ordem aos outros eſtados, que aviaõ de ter na Religiaõ, para que naõ cuydaſſem, que tudo era como em o Noviciado, no qual por naõ aver occaſioens, naõ ſe vè tanto, quem tem virtude cõ fundamento, ou ſuperficialmente. Conheciaõ todos nelle amor de pay, nem avia mãy mais amoroſa para com os filhos, que muyto ama, como o Padre Joaõ da Fonſeca para com os ſeus Noviços. Se tinhaõ algum achaque, elle com as ſuas mãos lhes preparava, & applicava a meſinha com todo o amor, & caridade; nem ha, porque neſta materia decer a caſos particulares, aſſim porque ſam muytos, & ſemelhantes, como porque da caridade, que uſava cõ todos, ſe deyxa ver, a que teria para com eſtes ſeus amados, & queridos filhinhos em Chriſto.

5 Com tudo entre tantos, quero apontar hum, em que ſe vè bem,

bem, como tomavaõ o ensino que lhes dava, & a caridade com que se avia para com elles. Encarecia muyto o bom Padre a modestia com que cada hum se devia aver comsigo, & por encarecimento dizia, que se fosse possivel, nem se avia de ver huma unha do pè: fez a doutrina tanta impressaõ em hum Noviço, que nascendolhe, naõ sei que fruncho em huma canela, & sentindo elle a dor, teve grande escrupulo de ver o que era; & assim passando com terriveis dores muyto tempo, por conseguinte se inflammou tanto, que se corrõpeo, & criou muyta materia, & està de tam mao cheyro, que nem o Noviço a podia sofrer; nestes pontos ainda com grande escrupulo se resolveo a ver a canela; & quando com seus olhos vio o estado, a que chegàra, se foy ao Padre Mestre, quasi levado mais do escrupulo daquella que elle julgava falta contra a modestia, & descobrindolhe o achaque, & vendo-o o Padre Fonseca, ficou pasmado; compadecendo-se, & estranhandolhe tam nociva modestia, logo mandou vir, com que o curar; & elle por suas mãos o curou todos os dias por espaço de alguns mezes; sendo tal o cheyro das materias, que o Noviço depois sendo Padre, quando isto contou, dizia, que era insofrivel; & chegando-se o tempo de professar, tendo-o o bom Padre curado, mas naõ saõ de todo, o propòz na consulta, & o achaque que tinha; mas assim temperou as cousas, que se lhe deraõ os votos; o que por ventura naõ conseguiria, se o bom Padre tivera fiado a cura dos Cirurgioens. Isto referio este Padre jà professo de quatro votos, para significar as obrigaçoens, em que estava ao Padre Fonseca; & sua grande caridade para cõ os Noviços.

6 Com o mesmo amor os procurava conservar na Companhia, quando lhe sobrevinhaõ achaques, ainda que estes pareciaõ muytas vezes, naõ melhorariaõ senaõ com a liberdade, que tem os que vivem fóra dos apertos da Religiaõ; & deste modo conservou muytos Noviços, que depois perseveràraõ com proveyto da Religiaõ. Em Coimbra teve muytos tempos hum Noviço, que todo o Collegio se persuadia, que estava tisico, reparando, & estranhando todos, que o naõ despedisse; mas a caridade do Padre Joaõ da Fonseca naõ se atrevia a tanto; & assim contra o parecer de todos teve mão nelle, & de tal modo o soube temperar, que cobrou saude, fez os seus votos, & se logrou com gosto seu, & de seu Mestre, & utilidade da Religiaõ. Absolutamente foy difficultoso em despedir, porque julgava, que com o tempo se melhorão muytos assim dos achaques do ani-

mo,arrependendo-se;& dos do corpo tornando em si.

7 A outro Noviço conservou por differente caminho ; & pelo que parece, o ajudava, & facilitava a deyxarnos. Dizia ao seu Instructor,que lhe dessem o vestido,que se queria ir da Cõpanhia:nenhumas razoens eram bastantes para o resfriar nos maos intentos, atè que o Irmão , que o instruhia , deo conta de tudo ao Padre Reytor;o qual o mandou logo vir ao seu cubiculo,& em entrando lhe disse com vòz desabrida: Filho,se vos quereis ir,logo vos mandarei dar o vosso vestido : foram tam efficazes estas palavras,que o Noviço se trocou com ellas, & desistio da sua tezidam. Tanto vai em saber o remedio,que se ha de applicar ao achaque;que aquelle, que às vezes parece que o exaspera,he o que o cura.

8 Se via que algum dos que pertendiaõ a Companhia,a poderia servir,o propunha na consulta huma , & muitas vezes, ainda que o Padre Reytor , & Consultores o rejeytassem. A hũ destes propòz algumas vezes,atè que de huma lhe disse o Padre Reytor: Ainda Vossa Reverencia nos torna aqui com esse pertendente?Sim,respondeo o Padre Joaõ da Fonseca ; & para que Vossa Reverencia veja, com quanta razaõ o favoreço, hontem vindo eu de fóra com alguns dos meus Noviços estava este pertendente à portaria ; & eu por galantaria lhe disse:Logo vos aceytarei,se vos atreveis a ir daqui atè à praça com a capa , & chapeo de hum destes Irmãos Noviços. Aceytou o partido , & tomando nos hombros a capa,& o chapeo na cabeça, se foy pela portaria fòra endireitando para a praça; deyxey-o chegar atè defronte da nossa Igreja , & parecendo-me que bastava de prova,o mandei chamar ; & este foy o motivo , porque o torno a propor. Contentou a todos o fervor do pertendente, & sem discrepar algum,o aceytàram todos;entrou na Companhia,& foy dos Missionarios da India.

9 Contava com grande desenfastiamento,como sendo Mestre em Coimbra, lhe viera pertender a Companhia hum Clerigo velho,de quem jà o mundo parece,que se enfadava; perguntandolhe o Padre que queria, respondeo,que elle estava jà cansado com os annos,que accõmodára hũa sua Irmã, & que vinha agora accõmodarse na Companhia , em que queria acabar em boa,& quieta velhice , sem cuidados de grangear hum bocado de paõ;que naõ estavaõ jà os seus annos para muytas andanças. Com estas prefaçoens se abonou o novo , & velho pertendente. Depois de o ouvir,& os pensamentos,que o traziam, o desenga-

nou

nou com muytos,& ſaons conſelhos,perſuadindolhe,que as Religioens naõ eram caſa de vida ocioſa, & que nellas ſe trabalhava,em quanto ſe andava em pè ; por tanto que vinha enganado no fim da ſua pertençaõ. Quando algum ſe queria ir da Companhia,ou por ſe naõ emendar,era forçado ao deſpedir , o mandava lançar fóra pela porta do carro,dizendo, que quem naõ tivera entendimento de homem para ſe conſervar , devia ſer deſpedido pela porta,por onde ſe ſerviam os brutos.

10 Sendo Inſtructor dos Padres do terceyro anno em Coimbra , quando ſe ouve de partir para Lisboa , ſe foy no tempo do repouſo à ſala , onde o tem os Irmãos , beyjou os pès a todos,pediolhes perdaõ da deſedificaçaõ,que tinha dado.Lembrame,que foram tantas as lagrimas,& ſoluços daquella innocente Communidade, que os ouvi no cubiculo aonde eſtava , & me admirou de quanto ſe tinha feyto ſenhor dos coraçoens daquelles ſervos de Deos,com os bons exemplos , que lhes dava, pois o viaõ todos os dias ter muytas horas de oraçaõ na ſua Capella;& deſte amor, que lhe tinhaõ os Noviços , que elle naõ criou,bem ſe infere, quam grande lhe teriaõ os ſeus. Em quanto foy Meſtre dos Noviços,todos os annos lhes dava de merendar na Dominga da eſmola , em honra da que Chriſto fez às turbas naquelle dia.

11 Para concluir eſta materia reſtava ajuntar aqui hum Catalogo de dictames ſantos , que lhes deo eſcrito , para ſe governarem nos Collegios , & pelos tempos adiante,em que lhes aviam de faltar as ſuas advertencias ; & eſtà elle tam cheyo de prudencia Religioſa , & ſanta , que para o intento ſe naõ pòde conſiderar couſa mais acabada. Por ſer comprido,o deyxo,baſta dizer,que tem ſido de grande utilidade.

12 Dos Irmãos Noviços paſſemos aos do Recolhimento, dos quaes foy Prefeyto em Evora,& em Lisboa:do tempo, que foy em Evora , como he couſa mais antigua , naõ temos tantas noticias,como deſtes quatro annos,que foy Prefeyto em o Noviciado de Lisboa. Determinou noſſo Reverendo Padre por razoens , que para iſſo teria , que os noſſos Irmãos nam eſtudaſſem Latim nos Collegios Academicos deſta Provincia , mas em o Noviciado de Lisboa,ſeparados do trato dos ſeculares,como ſe coſtuma em Roma.

13 Começou eſta ordem a darſe à execuçaõ em Outubro de 1695. concorrendo para aquelle Noviciado todos ,os que acabavam em Evora,& em Coimbra ; que deſtes ſe avia de for-

mar aquelle eſtudo, porque os que atè alli tinham acabado o Noviciado, & eſtudavam Latim nos Collegios, todos ficavam eſtudãdo nelles. Aos ſete de Janeyro de 1696. avendo já Irmãos, que pudeſſem animar a claſſe, ſe deo principio a ella. Viviaõ alli os Irmãos, quanto ao veſtido, da meſma ſorte, que os Noviços ſem differença alguma, no refeytorio ſe aſſentavam promiſcuamente; em tudo davam bom exemplo.

14 A' conta do Padre Joaõ da Fonſeca eſtava o tratar, & ter cuydado de os conſervar, & promover no eſpirito; como cõſervou, & promoveo todo o tempo que teve eſta occupaçaõ de Prefeyto do eſpirito. Todos os Domingos lhes fazia huma exortaçaõ eſpiritual por eſpaço de meya hora, & como fallava de coraçaõ, & ao coraçaõ, diziaõ os Irmãos, que a ouviam, lhes era muyto proveytoſa. Nos Domingos de tarde ſe fazia outro exercicio de virtude, que me pareceo pòr aqui, porque delle ſe tirava muyto fruto, & ſe via o cuydado, que os Irmãos tinhaõ do ſeu aproveytamento eſpiritual; & ſó entam o vi por aquelle modo praticado neſta provincia; dizem, que em Roma, ſe eſtila, aſſim na educaçaõ dos Irmãos Noviços, como nos do Recolhimento, que ſe criam tambem em o Noviciado de Roma ao modo, que neſta occaſiaõ, de que fallamos, ſe meteo neſta Provincia, & nas outras da Companhia.

15 O modo, que ſe obſervava, vinha a ſer, que ſe punha em lugar determinado huma cayxa, a modo daquellas que ſe põem nas Igrejas para recolher as eſmolas; & cada Irmão lãçava nella todas as ſemanas hum eſcritinho ſem nome, & com a letra mudada, em que referia os principaes actos de virtude, que tinha feyto aquella ſemana; ao Domingo de tarde ſe ajuntavaõ os Irmãos com o ſeu Padre Prefeyto, & hum delles abrindo a cayxa, hia lendo os eſcritinhos; & o Padre Prefeyto, aonde o pedia a occaſiam, moralizando as couſas, que ſe liam.

16 Eſte ſanto exercicio fomentou ſempre muyto o Padre Joaõ da Fonſeca, porque dizia, que era de grande utilidade eſpiritual: occaſiaõ ouve, em que por certo negocio urgente, lhe tinha pedido hum Padre de caſa, o quizeſſe acompanhar hum Domingo de tarde, & pedia o negocio foſſe por companheyro o Padre Joaõ da Fonſeca, para ter melhor ſucceſſo com a ſua interceſſaõ: vendo eſte Padre que ſe o Padre Fonſeca fazia aquelle exercicio, ſe perderia a jornada, por ſaber, que o Padre ordinariamente gaſtava nelle tempo conſideravel, lhe pedio, que por aquella vez o deyxaſſe; a que elle reſpondeo: Eu naõ ſou de

parecer,

parecer, que se falte a este santo exercicio, porque o tenho por muyto frutifero, para tudo averà tempo, Deos nos ajudarà; que era palavra nelle muyto ordinaria, & em quasi todas as cousas metia sempre estas palavras, Deos nos ajudarà.

17 Agradava-se tanto da caridade para com o proximo, que quando algum Irmaõ dizia no seu escritinho, Esta somana fiz proposito de naõ dizer palavra, em que offendesse a alguem, & assim o cumpri: acodia logo o bom Padre: Esse Irmaõ, quem quer que he, tem tantas horas do meu Officio Divino por sua tençaõ; & assim lhe dava Matinas, Laudes, ou algumas das outras.

18 Nas suas instrucçoens fazia grande esforço em os radicar no sofrimento Religioso, dizendo se naõ aviaõ de alterar com qualquer cousa de pena, que isso era de animos covardes: & huma vez lhes explicou, com o que elle observàra da sua janella. Passava, dizia, hum grande rafeyro, a quem ladrava hum gozo; porèm o rafeyro, como se a cousa naõ fora com elle, apenas olhava para traz com grande senhoria, & continuava o seu caminho, fazendo nenhum caso dos latidos que soavam junto delle, como se todos se encaminhassem a outro, & naõ a elle: desse modo, moralizava, nos aviamos de aver, quando nos mordessem, & perseguissem.

19 Quando pelos tempos adiante se achassem em algum banquete, ou mesa de secular, & se brindasse á saude, nunca fizessem a razaõ; mas dissessem, que em lugar daquella correspondencia, rezariam huma Ave Maria por tençaõ de quem lhes fazia aquelle comprimento; dizendo, que em declinar este genero de obsequios, tinha grandes interesses a modestia Religiosa Seria cousa larga, se quizessemos huma por huma referir as miudezas, a que attendia; do Catalogo, que fez de avisos santos, se vè bem, quam advertido, & miudo era, porque o que alli se contèm em poucas palavras, he o que elle nas suas exortaçoens dizia em muytas.

20 Procurava, que antes da Santa Cõmunhaõ, todo o tempo gastassem em se preparar: alguma vez hum Irmaõ pouco advertido, lhe foy pedir naõ sey que licença antes da Cõmunhaõ; reprehendeo-o severamẽte, estranhandolhe a pouca preparaçaõ que mostrava ter para receber o Senhor, pois em tal tempo se divertia com ir pedirlhe aquella licença.

21 Assim mesmo naõ queria, que quando se hiaõ confessar, depois da confissaõ lhe pedissem licenças para cousas tocantes

ao corpo,como de veſtido,papel,& ſemelhantes ; & coſtumava dizer,q̃ os q̃ guardavaõ as licenças para eſta occaſiaõ , eraõ como os homens do campo,q̃ ſe vem pelas feſtas ſolemnes confeſſar à Cidade,& guardam para aquelles dias a compra de todas as couſas,que lhes ſaõ neceſſarias para ſuas caſas,& officios;que parecia mal,que os Religioſos de hum certo modo imitaſſem as ruſticidades dos Camponezes; que cada couſa tinha ſeu tempo.

22 Tambem aconſelhava , que antes da Cõmunhaõ ſe confeſſaſſem ſempre, ainda que nem defeytos veniaes ſentiſſem em ſuas almas : que tinha eſta ſanta prevençaõ muytas utilidades, como era o mayor reſpeyto ao Senhor , que ſe avia de receber; o augmento da graça pelo Sacramento ; & que ſervia para nam ſermos faceis em diſſimular nos defeytos proprios,em q̃ muytas vezes nos illude o amor de nòs meſmos. Neſte conſelho , que dava,foy tam exacto,que todos os dias ſe confeſſava;& ainda naquelles,em que naõ dizia Miſſa , como em ſeſta feyra ſanta , & Sabbado da Alleluia, como depòz em Evora na cóferencia hum Padre,que foy ſeu Confeſſor.

23 Em todas as couſas lhes enſinava a buſcar incentivos de devoçaõ. Quiz elle reparar huns canteyros de flores , que eſtavaõ desbaratados,& repartillos entre os Irmãos , para terẽ cuydado delles ; para que a couſa ſe fizeſſe com motivo ſanto , pòz aos canteyros nomes de Santos , depois eſcrevendo eſtes nomes em eſcritinhos, fez delles ſortes,para que aquelle,a quem cahiſſem,os fabricaſſe em honra do Santo,cujo nome tinha o canteyro: mas eſtas , & ſemelhantes ſolemnidades acompanhava de muytas conſideraçoens ſantas , & moralidades muyto proveytoſas.

24 Em ia dde S. Joaõ Bautiſta foy o Padre Reytor do Noviciado à cerca com os Irmãos do Recolhimento, & com os Irmãos Noviços , levando comſigo a Imagem do Santo para là ſe fazerem conferencias de ſuas virtudes : diſſe o Padre Reytor que os que deſſem melhores conſideraçoens, eſſes aviaõ de levar o Santo : eſteve a ſentença quaſi dada a favor dos Irmãos Noviços,quando ſe levantou hum Irmaõ do Recolhimento , & deo huma conſideraçaõ , que excedeo a todas ; & aſſim lhe foy entregue o Santo,& o trouxeraõ ao cubiculo do Padre Fonſeca com grande alegria;elle os recebeo com a meſma, dizendolhes, que quando eſtavaõ na conferencia, lhe viera grande deſejo de que elles trouxeſſem ao Santo,& que levantando-ſe da cadeyra, fora

fora ao coro fazer oraçaõ para este effeyto: entam combinando os Irmãos o tempo, se persuadiraõ que aquella consideraçaõ, que tirou toda a duvida, fora alcançada pelas oraçoens do bom Padre. Logo fazendo escrever em escritinhos as virtudes do Santo, mandou a cada hum que tirasse por sorte, para o imitar, na que lhe sahisse; & fazendo sua conferencia espiritual, os mandou muy fervorosos.

25 Quando os levava à quinta, ou a espayrecer pelo campo, sempre tomava a bençaõ à Senhora na Capellinha de bayxo rezando algumas oraçoens: no principio do caminho rezava-se tambem o Itinerario, & este costumava sempre dizer o Padre Joaõ da Fonseca, quando hia a exercicio, ainda que os companheyros fossem Sacerdotes. O termo do exercicio avia de ser algum lugar de devoçaõ, este era ordinariamente Nossa Senhora das Necessidades em Alcantara: tenho para mim, que fazia isto para observar aquelle seu inviolavel dictame, de que hum Religioso sempre que sahisse de casa, avia de fazer alguma obra de serviço de Deos; & como nestas occasioens só occorria visitar algum Santo, naõ faltava nesta devoçaõ: alli mandava às vezes fazer a algum Irmaõ hum colloquio à Senhora, & rezava tambem as antiphonas, & oraçoens de cõmuni aos Santos, cujas Imagens estavaõ nos Altares: ensinando cõ todas estas acçoens aos nossos Irmãos a devoçaõ, com que se deviaõ aver para com Deos, & para com os seus Santos.

26 Quero concluir esta materia com a mercè, que Deos lhe fez nesta casa, dandolhe a entender o feliz estado de hum Irmaõ do Recolhimento, que morreo naquella casa: segundo minha lembrança foy o primeyro dos Irmãos do Recolhimento, que alli morreo, chamava-se Amaro Ferreyra, era natural de Moledo no Bispado de Viseu, foy Irmaõ edificativo, & de natural propenso á virtude: deram-lhe bexigas, & dellas veyo a morrer com morte de justo; faleceo de noyte; pela manhã entràraõ alguns Irmãos no cubiculo do seu Padre Prefeyto, sentidos de lhes faltar tam bom Irmaõ. Naõ ha porque ter sentimento, disse o Padre Joaõ da Fonseca, porque o Irmaõsinho era muyto servo de Deos, & que o estaria gozando: esta noyte, acrecentou o Padre Fonseca, estando eu dormindo, sentì, me pegavam neste braço, & me despertavaõ, & acordando vi passar por diante de mim huma fermosa luz, que hia para o Ceo. Todos assentàraõ, succedèra aquillo no tempo, que a alma daquelle virtuoso Irmaõ partia a gozar da vista de Deos. Depois fallando diante

dos

dos Irmãos em occasiaõ, que tinha despedido a hum, disse: Filhos, o lobo nos levou hum, porèm Deos nos consolou com a santa morte de outro: & contou, o que fica dito, de como o despertàram, & vira a luz, em que suppunha hia para o Ceo a alma, de quem vivera, & morrèra tam santamente.

CAPITVLO XXVI.

De algumas cousas notaveis, que lhe acontecèram.

1 DE todos os exemplos, & obras santas, que tenho apontado, se vè bem o grande cabedal de virtude, que avia neste servo de Deos; agora referirei algumas cousas raras, que lhe acontecèram, as quaes ainda que na minha opiniam naõ sejaõ tam qualificados testimunhos de sua santidade, como o exercicio das virtudes, & estudo da perfeyçaõ, saõ com tudo, & os avaliaõ todos ordinariamente por finaes de santidade especial; & naõ quiz Deos, que alguns destes abonos faltassem à do Padre Joaõ da Fonseca.

2 Foy cousa notavel, a que lhe succedeo sendo Mestre dos Noviços em Coimbra. Entrou de noyte, & fóra de horas hum Noviço pelo cubiculo, dizendo, tinha feyto, o que Sua Reverencia lhe mandàra: & como o Padre Mestre lhe naõ tivesse mandado cousa alguma; querendo saber, o que alli avia, perguntou ao Noviço a modo de quem sabia: Bem està, mas dizeime Irmaõ, como fizestes, o que dizeis? Respondeo: Padre, fuyme pòr diante do Santissimo, & tive huma hora de oraçaõ pelo Padre fulano, como Vossa Reverencia me ordenou. Naõ inquirio mais, mandou recolher o Noviço; ficando cuidando no que naõ deyxava de ter novidade. No dia seguinte às mesmas horas, veyo o Noviço bem como no dia de antes dizendo o mesmo: dahi a pouco morreo o Padre por quem o Noviço fazia oraçaõ. Persuadio-se, que o Anjo da Guarda daquelle Religioso em figura do Mestre dos Noviços mandava ao Irmaõ fizesse oraçaõ por aquelle Religioso em ordem a alguma necessidade, & aperto, que tivesse naquella hora, em que o inimigo de nossas almas faz o ultimo do poder.

3 A elle ouvi contar, lhe dissera o Padre Matheos Carvalho seu discipulo, natural de Villa-nova de Portimaõ: Meu Padre Mestre, Vossa Reverencia me ha de assistir à morte. Era este Religioso de Santos, & amaveis costumes, viveo alguns annos nas en-

enfermarias de Evora com o achaque da tisica, de que finalmẽte veyo a morrer alguns annos depois que tinha dito ao seu Padre Mestre, que lhe avia de assistir à morte. Quando chegou a ultima hora, tinha o Padre Joaõ da Fonseca chegado de hũa Missaõ, & ainda tinha a capa nos hombros, quando ouvindo o sinal da campa a convocar a Cõmunidade, para assistir ao moribundo, sabendo quem era, assim como estava se foy à enfermaria; mas como se dilatasse a morte, retirouse a Communidade, ficando entre outros o Padre Joaõ da Fonseca; & como dissesse ao moribundo algumas palavras santas, abrio este os olhos, como que o conhecia; & disse huma palavra, que jà se naõ percebia, o que era; mas dizia o Padre Joaõ da Fonseca, que tinha para si fora como dizer: Agora he chegado o tempo: & fazendolhe o Padre os colloquios lhe espirou nas mãos; cumprindo-se, o que annos antes lhe tinha dito. Era este Padre Religioso de vida inculpavel, geralmente amado de todos pela suavidade de seus bons, & santos costumes.

4 Para confirmar o cuydado, que se avia de ter em acodir a tempo com os Sacramentos aos enfermos, dizia, como assim he, que hum effeyto delles era afugentar o demonio daquelle lugar, aonde estava o doente: & eu sey hum Padre (dizia, & quando assim fallava, já sabiamos ser elle o Padre) que assistindo em hum cubiculo, donde entrava o Sacerdote a dar a Extrema Unçaõ, vio sahir pela janella huma nuvem negra. Perguntoulhe o Religioso, que lhe ouvia referir isto: Pois Padre, que vinha a ser essa nuvem? Que avia de ser Irmaõ? (respondeo o Padre) era o demonio, que fugia da presença do Sacramento, que se administrava.

5 Tinha o Padre Joaõ da Fonseca assistindo em Coimbra por Mestre dos Noviços, grande desejo de tratar com outro Padre seu amigo; quando hum dia pela manhã lhe entra este pelo cubiculo, fallàram entre si por algum tempo; & despedindo-se o hospede, disse ao Padre Joaõ da Fonseca: Amigo ficayvos embora: & juntamente lhe deo hum abraço tam apertado, que naõ o podendo sofrer, lhe disse, que pelo amor de Deos o deyxasse: quando isto disse lhe occorreo, que aquelle Padre avia tempo, que era falecido em Evora: mas quiz Deos por este modo satisfazer ao desejo, que tivera de communicar com elle suas cousas: & acrecentava, que fora tanta a força do abraço, que lhe ficáraõ impressas em o corpo as mãos daquelle Padre. Tudo isto lhe ouvio referir hũ nosso

ſo Irmão,& notou, que depois de o ter dito, ſe moſtràra como alcançado,& corrido de tal couſa lhe ter ſahido pela boca.

6 Naõ tem menos novidade, o que lhe ouvio outro Religioſo noſſo,& vem a ſer,que quando era meſtre de Filoſofia em Evora,morrèra em o Collegio de Santo Antam em Lisboa hũ noſſo Meſtre, o qual de noyte apparecèra ao Padre Joaõ da Fonſeca, fazẽdo-o ſabedor do feliz eſtado,em que ſe achava de ſalvaçaõ;& que deſpedindo-ſe, lhe dera hum apertado abraço, do qual lhe reſultou huma grande dor, que lhe durou por algum tempo em ſinal,de que era ſonho,mas verdade; & o Padre o contava como couſa ſem duvida para gloria de Deos,& honra daquelle ſeu ſervo: tambem ficariamos mais obrigados ao Padre Joaõ da Fonſeca,ſe aſſim como referio iſto, nomeàra o Religioſo;& a quem lho ouvio contar,ſe lhe perguntàra, como ſe chamava.

7 Em o Noviciado de Lisboa,ſendo elle Reytor da caſa, ſe levantou antemanhã hum Irmaõ, & indo à Capella de ſima, chegando á porta, vio eſtendida huma alcatifa no meyo da Capella com duas fileyras de velas brancas aceſas pelos lados da alcatifa. Ficou aſſuſtado,& advertio, que o Veneravel Padre eſtava de joelhos,& lhe fazia ſinal com a mão, para que ſe foſſe: aſſim o fez retirando-ſe tanto mais admirado,porque ſabia nam aver na Capella tal alcatifa,nem tanta cera,& caſtiçais, nem via a que fim,& a taes horas ſe ordenava aquelle apparato; & ſem duvida teve para ſi,que alli avia alguma couſa mais, que humana,& que Deos no meyo daquellas luzes fazia algum grande favor a eſte ſeu ſervo. Confirmouſe neſte penſamento, quando dahi a algumas horas,encontrando-ſe com o Padre,eſte lhe perguntou, ſe vira alguma couſa. A que o Irmaõ reſpondeo com palavras,que davaõ a entender, que fizera daquillo pouco, ou nenhum caſo. Bem fazeis,diſſe o Padre, & aſſim aveis de fazer; & ſe foy andando.

8 Andava hum Irmaõ com huma das faces inchada por cauſa das grandes dores de dentes,que o maltratavam, encontrouſe com o Padre Joaõ da Fonſeca, & ſabendo delle a cauſa das ſuas dores,lhe pòz o Padre a mão no tumor da face, dizendo: Filho, iſto naõ he nada: no meſmo tempo levado aquelle Irmaõ da fé, que tinha no Padre Joaõ da Fonſeca, lançando a ſua mão à do Padre que eſtava ſobre a face, com ella a esfregou dizendo: Pois Voſſa Reverencia diz que naõ he nada,aſſim eſpero o ſerá, viſto Voſſa Reverẽcia lhe pòr a mão: aqui ſe ſorrio alegremente

te o Padre,& ſe foy andando, & o Irmaõ começou a ſentir allivio,& em breve tempo ſe desfez o tumor da face.

9 Indo de Evora para Santarem em companhia de dous Religioſos noſſos, que por ſeus achaques hiaõ em liteyra, em hum dia da jornada caminhavaõ jà quando as trevas apenas deixavaõ ver aonde ſe punhaõ os pès,& como foſſe diante a liteyra,a quem ſeguia o Padre Joaõ da Fonſeca, eſte levado de hum grande impulſo interior, diſſe em vòz alta,que paraſſe a liteyra, que elle ſe apeava, para apalpar o caminho, porque naõ deſſem em algum precipicio. Vio-ſe logo que o impulſo fora do Anjo da Guarda,porque a poucos paſſos chegou o Padre a hum deſpenhadeyro, do qual ſe tinha com a cheya deſpegado huma ponte de madeyra, & terra, por onde ſe paſſava hum ribeyro, que alli corria: deo logo aviſo aos companheyros do perigo,em que infallivelmente cahiriaõ; deraõ graças a Deos pelo favor, & tomàraõ outro caminho.

CAPITVLO XXVII.

Noticia que Deos lhe communicou de couſas futuras, auſentes, & dos interiores. E opiniam,que ouve de ſua virtude.

1 PAſſàraõ com elle muytas couſas,das quaes ſe deyxa ver,que Deos lhe deſcobria ſucceſſos futuros, & o que paſſava nos interiores. Hum Padre companheyro do Padre Reytor do Noviciado tinha entre mãos hum negocio de pezo, & de muytas contingencias: pedio ao Padre Joaõ da Fonſeca, que lho encomendaſſe a Deos: aſſim o fez, & dahi a pouco tempo o animou,dizendolhe,que o negocio teria bom ſucceſſo,que eſtiveſſe de bom animo,que Deos ajudaria: aſſim foy tudo,porque brevemente teve noticia, de que o negocio eſtava bem parado,& livre de contingencias.

2 Em o Collegio de Santo Antaõ ſahio fóra huma tarde com outro Padre, o qual hia com tençaõ de viſitar hum ſecular,com quem tinha hum negocio de importancia; naõ obſtante iſto,ſe foy ao Hoſpital a fazer as camas aos doentes, & ſe entreteve em outras obras de caridade,guardando o ſeu tam praticado dictame,que nenhum Religioſo,quando ſahiſſe fóra de caſa,avia de deyxar de fazer alguma couſa de eſpecial ſerviço de Deos. Fazia-ſe tarde,& inſtava o Padre, que lhe era preciſo fallar com aquelle ſecular. Reſpondeolhe o Padre Fonſeca: Iſto

he tarde,& eu estou molestado desta perna,de que padeço muyto,vamos para o Collegio , confie Vossa Reverencia em Deos, q ainda ha de fallar cõ essa pessoa. Vieraõ para casa, porq o Padre se nam atreveo a lhe replicar,considerando a pena , que disso poderia ter. Entraõ no Collegio de Santo Antaõ , sobem ao corredor de sima,nelle estava o secular,cõ quem o Padre muyto à sua vontade tratou o seu negocio, & tanto mais ficou admirado deste successo, quanto menos aquelle homem frequentava o nosso Collegio,ao qual vinha muyto raras vezes. Contou o referido a alguns Padres, que o tiveraõ por cousa mais que ordinaria, & mercè,que Deos fizera ao Padre Fonseca,para mostrar, quãto lhe agradavaõ as obras de caridade, em que gastàra a tarde,& com aquella noticia lhe quizera forrar a ida a casa do secular,de que sentia tanta molestia.

3 A Senhora Rainha de Portugal Dona Maria Sofia,mulher segunda del-Rey Dom Pedro o segundo , confessava dever às oraçoens do Padre Joaõ da Fonseca a saude do Senhor Dom Antonio seu filho : & a mim me lembra ouvir dizer ao Padre Joaõ da Fonseca: Aqui andaõ com grande cuydado sobre a saude deste menino, elle ha de ser muy bem disposto,& ter boa saude,como for crecendo, se verá, o que digo. Dava o Padre Joaõ da Fonseca algumas razoens naturaes da debilidade do Senhor Dom Antonio nos primeyros annos,as quaes dizia , aviam de cessar em crecendo mais. Estas razoens naõ me lembra,que as ouvisse dizer a outros , sendo que se fallava muytas vezes desta materia:mas o Padre Fonseca nisto dizia o seu sentir com tãta certeza,que dava a entender a tinha muyto grande , & por ventura se lhe communicou na oraçaõ , que fez muytas vezes pela saude de Sua Alteza;a qual atè o tempo , que isto se escreve,em nada discrepa do referido.

4 A certo homem nobre seu conhecido, que por suas indisposiçoens comia carne na Quaresma,& nem por isso sentia melhoria,aconselhou,que comesse peyxe,que logo se avia de achar melhor ; como tinha conceyto da virtude deste servo de Deos, seguio o seu cõselho,& melhorou,& por esta melhoria lhe veyo a dar as graças.

5 Outro estava muyto pensativo , perguntou o Padre que tinha;respondeo por dissimular , que nada. Senhor,lhe disse entam o Padre Fonseca , quando tiver tal,& tal cousa , que lhe dè pena,ha de applicar tal,& tal remedio: vendo o homem , que o Padre lhe lia o coraçaõ , pois as cousas em que punha exemplo

eraõ,

eraõ,as que elle ſentia, applicou o remedio, & allivioa da pena.

6 Muytas vezes ſuccedia aos noſſos Irmãos do Recolhimento,& diſſo lhe ouvi contar varios caſos em couſas miudas, que quando hiam pedir licença,antes de dizerem palavra algũa, o Padre Fonſeca lhes dizia: Eu vos dou licença para pedir tal couſa:& nomeava aquella,para q̃ elles vinhaõ pedir licença.Sẽdo Reytor em Lisboa tinha entre outros hum Noviço Irmaõ Coadjutor,ao qual amava muyto pela grande devoçaõ, que tinha a Noſſa Senhora;& lhe diſſe,que ſoubeſſe, que por aquella devoçaõ avia de morrer na Companhia, mas que antes avia de padecer trabalhos grandes, & graves. Quando iſto referia para abono da virtude do Padre Fonſeca,ſe tinha comprido em parte, o que lhe tinha vaticinado,porque chegou a pontos de perder a Religiaõ,vendo-ſe naquelles apertos de que poucos ſahem para ficar na Companhia: quando nelles ſe vio, lhe occorreo logo o dito de ſeu ſanto Meſtre, & ſe valeo da protecçam da Senhora, fundando nella todas as ſuas eſperanças, que conforme eſtavam as couſas,naõ podiaõ ſer muytas, mas o dito de hum homem, que os naõ dizia no ar, o alentava a procurar com mais calor o patrocinio da Senhora.

7 O caſo foy,que tendo padecido muytos mezes aquelle ſobreſalto,na noyte antecedente ao dia, em que avia de amanhecer a ſua felicidade,ſonhou muytas vezes com a Senhora, & ſonhava que lhe metia nas mãos hum ramo de oliveyra: acordou algumas vezes,& tornando a pegar no ſono,ſe tornava a repetir o meſmo ſonho com tanta vehemencia, que ficou cançado tanto della, que quando de manhã veyo o deſpertador o achou dormindo,ſendo que nos outros dias ſe anticipava ao deſpertador; acordando-o,lhe deo a nova unica,que deſejava,da ſua perſeverança, & foy em o dia da Expectaçam da Senhora. E acrecentou eſte Irmaõ,que agora ſe encomenda muytas vezes a ſeu ſanto Meſtre,tendo para ſi que gozava de Deos, & que là lhe alcãçaria a perſeverança final na Companhia, que cà lhe profetizou,& que no Padre Fonſeca tinha elle grandes eſperanças.

8 Hum diſcipulo do Padre Fonſeca, Prior na Igreja de Santiago de Beja,affirmou in verbo Sacerdotis, como eſtudãdo Canones em Coimbra,lhe vieram grandes deſejos de entrar na Cõpanhia para as Miſſoens da India. Communicou iſto ao Padre Fonſeca entam Meſtre dos Noviços em Coimbra. Eſte lhe diſſe: Filho Antonio,(aſſim lhe chamava ſempre)bom,& ſanto

zelo he eſte,mas o martirio dá Deos a quem he ſervido, & muytos foraõ para a India, & o naõ cõſeguiraõ, continuai os voſſos eſtudos,q̃ cà no Reyno fareis a Deos muytos ſerviços, & Deos vòs ajudarà. Aceytou o conſelho; depois de formado foy Deſẽbargador da Relaçaõ do Arcebiſpo de Evora: tres vezes foy mãdado viſitar o Arcebiſpado, em q̃ fez grandes ſerviços a Deos, tãto que pelas terras por onde andou o appellidavaõ o Viſitador ſanto; outros o chamavaõ hũ Frey Antonio das Chagas, que foy hum Religioſo Franciſcano de grande nome neſte Reyno. Depois foy promovido a duas Igrejas, nas quaes foy de proveyto a muytas almas que tirou dos vicios; comprindo-ſe muyto á riſca, quanto ſeu Meſtre lhe tinha vaticinado.

9 Huma mulher em Lisboa com duas filhas donzellas, eſtava em grande deſconſolaçaõ, porque ſeu marido ſe auſentàra para o Braſil a buſcar fortuna, de là eſcrevia, que depreſſa viria, mas nunca acabava: communicou eſta ſua anſia ao Padre Joaõ da Fonſeca, dizendolhe: Padre Meſtre Joaõ da Fonſeca, fulano, nomeando a ſeu marido, virà eſte anno para o Reyno? nam me encomendarà a Deos eſte negocio? O Padre lhe reſpondeo: Pois naõ ha de vir, filha? ſim virà; faça huma novena ao S. Xavier; aſſim o fez, & na frota ſeguinte veyo ſeu marido: attribuindo ella tudo ás oraçoens do Padre Joaõ da Fonſeca.

10 Queria o Irmaõ, que tem cuydado da quinta do Noviciado de Lisboa, por ſua devoçaõ levantar huma Capellinha no meyo da quinta, como agora ſe vè, mas ainda q̃ a obra naõ era de grãde fabrica, os cabedaes eraõ poucos, ou nenhũs; cõmunicou eſta ſua devoçaõ ao P. Joaõ da Fonſeca, o qual lhe diſſe, q̃ começaſſe, que eſperava em Deos, que lhe avia de ſobejar dinheyro: animouſe, emprendeo a obra, que ſe fez das eſmolas, que ſe lhe deram, & lhe creceo dinheyro.

11 No que ſe vio cõ evidencia, que Deos ſe explicava muytas vezes pela boca deſte Padre, foy no caſo, que ſe refere na conferencia, que de ſuas virtudes ſe fez no Collegio de Santo Antam. Certo homem de negocio tinha grandes, & graves diſſabores com outro, cujas fazendas confinavam com as ſuas. Determinou de lhe tirar a vida: encomendou a execuçaõ deſta maldade a dous homens perdidos: ajuſtado tudo, ſe retirou para a Cidade, por naõ ſer culpado na morte, de que elle era toda a cauſa.

12 Na manhã do Domingo, em q̃ ſe avia de fazer o homicidio, ſe achou eſte homẽ na meſa de hũa Cõfraria, de q̃ era protector

o Ve-

o Veneravel P. Joaõ da Fonſeca,& como eſtiveſſe pẽſativo,todo embebido na maldade,que por ſua ordem ſe avia de effeytuar aquelle dia: virando-ſe para elle o Padre Fonſeca com vòz, que os aſſiſtentes naõ percebeſſem,lhe diſſe: Senhor,que tem de que eſtá penſativo? ouça eſta hiſtoria: Em Italia avia hum homem rico,& poi aggravos, que tinha recebido de hũ vizinho ſeu,que cõ elle tinha emulaçoens,determinou de lhe mãdar tirar a vida, & aſſim o fez: ſuccedeo porẽ,q̃ no tẽpo,em q̃ os Aſſaſſinos eſtavaõ eſperãdo occaſiaõ, & hora determinada,eſtava aquelle homẽ,que mandàra fazer o homicidio,ouvindo hũa pratica eſpiritual a hum Religioſo,que nella encareceo o muyto,que Deos aborrece aos vingativos,& o muyto, que eſtima a piedade dos que perdoam injurias;com eſta pratica(dizia o Padre Fonſeca) trocado o coraçaõ daquelle homem,mandou logo ſuſpender a execuçaõ;& Deos lhe pagou de tal modo,que ao depois aquelle, a quem mandava matar,foy o ſeu mayor amigo, & delle recebeo grandes favores: & aſſim Senhor, nam nos avemos de affligir, que Deos tudo põem em bem.

12 Neſtes pontos attonito aquelle homem, tudo era olhar para o roſto do Veneravel Padre,(como elle affirmou) dizendo dentro de ſi: Valhate Deos Padre, com quem, ou de quem fallas? Acabada a conferencia da Irmandade,ſe levantou da meſa o homem cheyo de hum labyrinto de penſamentos, & aſſim confuſo,ſe pòz a paſſear no adro da noſſa Igreja: batalhando no ſeu coraçaõ as propenſoens à vingança com a força da inſpiraçaõ divina,que pelas palavras daquelle Padre ſe lhe communicàra; repreſentandoſelhe muyto ao vivo os grandes caſtigos, que juſtiſſimamente podia temer, ſenaõ cortaſſe o paſſo a ſeus deſatinos.

13 Em fim pode mais a inſpiraçaõ divina: recolhe-ſe a caſa: mandou logo a toda a preſſa hum aviſo àquelles perdidos, que tinhaõ tomado a execuçaõ à ſua conta,que ſem nova ordem ſua nenhuma couſa obraſſem em o negocio, que lhes encarregàra. Em deſpedindo ao criado com o aviſo,foy couſa notavel (como elle contava) que deſabafou logo ſeu coraçaõ, & ſahio como de improviſo das innumeraveis ondas, que o ſoſobravam. Sobreveyo-lhe logo hũ grãde pezar da maldade,q̃ cõcebèra,& fez propoſito firmiſſimo de nunca mais fazer mal àquelle homem; admirando-ſe,de que o Padre Joaõ da Fonſeca tanto ao certo viſſe,o que paſſava no ſeu coraçaõ;pois em tudo, o que diſſera, ſó ouve diverſidade na palavra,Italia,& nada mais.

14 E para que se visse, que a historia naõ só fora narraçaõ, do que actualmente succedia, mas profecia, do que avia de succeder: passados alguns dias veyo aquelle homem acompanhado de seus amigos a buscar a este cavalheyro, & diante de todos lhe pedio perdaõ dos aggravos passados, & se offereceo por seu cordeal amigo, & servidor para os tempos futuros: & confessou, que delle tem recebido singulares obsequios em penhor da amizade, que lhe promettèra: cumprindo se à risca tudo quanto dissera o Padre Joaõ da Fonseca, a quem nam nomeava senam pelo Meu Padre Santo: & disse ao Padre Luis Gonzaga, a quem referio todo este successo, que assim como o contava, o juraria tambem, sendo isso necessario.

15 Com a innocencia de seus costumes, & santos exemplos grangeou huma geral opiniaõ entre os de casa, & os de fóra, que o tratavam, de homem virtuoso. O Reverendo, & exemplar Padre Leopoldo Fues Confessor da Rainha entam reynante, quãdo o Padre Joaõ da Fonseca veyo de Coimbra por morador para o Noviciado, disse, que tinha por grande favor de Deos trazerlhe para aquella casa ao santo Padre Joaõ da Fonseca, para ter na morte a consolaçaõ de o ter à sua cabeceyra, como jà o tivera em outra doença. Teve este bom Padre grande familiaridade com o Padre Fonseca, porque concordavaõ muyto os costumes de hum, & outro. Esta sua opiniaõ infundio elle na Rainha, que em muytas occasioens pedindo com especialidade as oraçoens do Padre Joaõ da Fonseca, significou a estimaçaõ, que fazia da sua virtude.

16 Hum secular nobre, & que tinha grande amor, & respeyto ao Padre Joaõ da Fonseca, o visitava algumas vezes a titulo de tratar, & conversar com hum homem santo; & para esse effeyto trouxe comsigo a outro seu grande amigo, para que o cõversasse, & visse com seus olhos aquelle Padre, cuja virtude lhe tinha louvado tantas vezes. Este secular, que era de respeyto por suas occupaçoens, & letras, fallando acaso com alguns Religiosos nossos, disse: A Companhia sempre teve homens grandes, & de muyto ser, mas nestes tempos entre todos o principal he o Padre Joaõ da Fonseca, cujas virtudes saõ na verdade muyto escolhidas, & singulares.

17 Fallava este homem pelo que tinha experimentado nas praticas, & conversaçoens santas, que com elle tinha tido: & he muyto de reparar, que ordinariamente eraõ cheyas de huma urbanidade alegre, & agradavel, & adubadas com muyto sal; & sendo

ſendo que eſtes accidentes às vezes parece naõ darem tam boa cor à virtude na opiniaõ, dos que a querem ſombria; com tudo ella no Padre Joaõ da Fonſeca roubava os affectos animada com eſtas cores. Em o Noviciado entrava para ſer Noviço hum eſtudante, a quem acompanhava hum ſeu Irmaõ ſecular; veyo à portaria a fallarlhes o Padre Joaõ da Fonſeca, que os tratou cõ a ſua ordinaria aprazibilidade, da qual ficou tam pago o ſecular, que diſſe ao depois, que aquelle Padre era hum Santo, & que o ar, que nelle via, naõ eſtava ſem muyta virtude; & em nada ſe enganou, que à virtude deo Deos huma graça muyto viſtoſa, & ſem dizer palavra, ſe dá a conhecer, por quem he.

18 Os Irmãos do Recolhimento tinhaõ delle pelo que vião, & lhes enſinava com exemplo, & palavra, conceyto de homem ſanto, & como a tal o tratavam: muytos ouve, que depois de virem para os Collegios, lhe eſcreveraõ; ſó, como elles diziam, com intento de q̃ lhes reſpondeſſe, para conſervarẽ a carta por reliquia ſua. Algum ouve, que conſervou hum pedaço de hum ſeu barrete, & o eſtimava como alfaya de homem ſanto. Os impulſos, com que ſe fazem eſtas couſas, bem ſe deyxa ver donde nacem. Quando o Reverendo Senhor Preſidente da Inquiſiçaõ de Evora ouvio dizer, que era morto o P. Joaõ da Fonſeca, a quem elle conhecia, a primeyra palavra, que lhe ſahio da boca, foy dizer: Eſſe Padre era homem ſanto; que eſte conceyto tinha formado de ſeus virtuoſos, & muy ajuſtados procedimentos. Nas conferencias, que ſe fizeraõ em Santo Antaõ, diſſeram hũs, que fora verdadeyro Iſraelita, em quem naõ coube engano, nem dobrez, mas que ſempre ſe venerou nelle huma amavel ſinceridade, de que coſtuma fazer gala a virtude. Outros que fora verdadeyro filho da Companhia, Religioſo perfeyto, exercitado em todas as obras de virtude. Outros, que fora homem penetrado de Deos, varam ſanto, & de coſtumes em tudo exemplares.

19 E ſe entre ditos tam ponderoſos pode ter lugar o meu teſtimunho, cinco annos tratei familiarmente a eſte virtuoſo homem, hum em o terceyro anno em Coimbra, & quatro em o Noviciado de Lisboa, & fuy teſtimunha de mayor parte das couſas, que delle eſcrevo. Sempre tive para mim, que nelle avia virtude mais que a ordinaria; confirmeime neſte conceito, quãdo ouvindo ler à meſa as vidas dos noſſos Varoens illuſtres, via no Padre Joaõ da Fonſeca, o que ouvia ler dos outros, & nelle com muytos exceſſos a alguns: eſte foy o motivo, que entre

a muyta

a muyta lida da minha occupaçaõ, me obrigou a ir apontando alguns exemplos,& ditos santos,que nelle observava;& muytas cousas,que às vezes me referia como historias, que com elle tinhaõ passado,exercitando acçoens de caridade, & outras obras de virtude;ainda que elle as naõ contava como taes, nem a esse intento,de que cedessem em seu abono. Huma só pena tenho, quãdo isto escrevo,& he,de nam começar mais cedo a apontar estas suas cousas de edificaçaõ, q̃ se o fizera, sem duvida estaria esta vida mais referta de successos doutrinaes, q̃ lhe ouvi muytos, mas o que se nam escreve a tempo, esquece, & quando se quer escrever fóra de tempo, jà a memoria dà as noticias truncadas,& defectuosas, & por tanto pouco seguras. Tambem das suas alfayas conservei duas cartas, que me escreveo, & julguei que a sua virtude merecia esta estimaçam. E bem merece a sua esta estimaçaõ,pela que fez dos outros: pois sendo Mestre dos Noviços,como lhe ouvi contar, marginava os livros do seu officio,pondo nestas margens alguma acçam de virtude,que sabia do sugeyto, de que alli se fallava: como tambem nos seus livros metia algumas cousas memoraveis de homens do seu tempo ainda de outras Religioens;que a virtude naõ he só para si, para que em caso que outrem as naõ escrevesse, naõ ficassem em esquecimento.

CAPITVLO XXVIII.

De sua morte, & circunstancias della.

1 AGora entraremos a contar a morte de hum homẽ tam innocente nos costumes, que chegou a confessar de si,que atè ser Confessor, naõ entendera, como pudesse aver odios,& que os Christãos se naõ amassem huns aos outros. Tam conforme com a vontade de Deos,que em qualquer sorte de successos, se naõ desviou della, sendo palavra sua muyto ordinaria: Faça-se a vontade de Deos. Tam inimigo de faltas,que nestes ultimos annos sendo hũ Irmaõ chamado pelo P. Reytor, para inquirir delle naõ sei que cousa,que se avia de emendar, & cõmunicando isto ao Padre seu Prefeyto, disse este: Graças a Deos,que depois que estou na Religiaõ nunca fuy chamado pelos Superiores para semelhantes inquiriçoens; & a causa disso devia ser sem duvida,porque se naõ dava materia para ellas, aonde assistia o Padre Joaõ da Fonseca. Tam lembrado da hora

da morte,que disse huma vez, que se acaso morresse de repente,sendo depois de Missa,que naõ morria sem o Santo Viatico, porque quando na Missa commungava, sempre era por modo de Viatico,& como quem o fazia a ultima vez.

2 Quem por toda a vida se preparou tam exactamente, nam tinha muyto que arrecear,ainda que de ordinario estes sam os que mais temem esta hora, porque tem mais considerada a inteyreza do juizo, em que vam cahir. Deo o Padre Joaõ da Fonseca nesta ultima doença muytos indicios de que tivera revelaçaõ da sua morte. Entrou pois a ter os Exercicios de nosso Santo Padre em tempos bem incomodos por causa dos calores: os quaes acabados, foy ao refeytorio com disciplina nas costas, como se estila entre nòs no fim dos Exercicios: depois lhe sobreveyo huma pontada, que por ventura teve seu principio daquella mortificaçaõ,que para os seus annos, & achaques foy demasiadamente rigurosa.

3 Nam se queyxou logo,porque sempre foy muyto sofrido: porèm como fosse crecẽdo a dor,se veyo a persuadir,que a morte era chegada; da qual parece teve noticias do Ceo, quanto se deyxa ver de quasi todas suas obras, & palavras. Quando vio, que a dor crecia,& que era preciso meterse nas mãos dos Medicos; antes de o fazer, se foy ao cubiculo do seu Confessor, que entaõ era o Padre Manoel Dias; confessouse geralmente. Depois lhe disse a indisposiçaõ, em que se achava, que no dia seguinte viria o Medico,que o mandaria sangrar;mas que aquella avia de ser a ultima doença.

4 Querendo o Padre seu Confessor alentallo cõ esperanças de vida,lhe disse o Padre:Isto està acabado, quando muyto durarà atè Domingo.O successo mostrou a certeza,com que fallava: veyo o Medico, & o mandou sangrar: a tudo se sugeytava para cumprir com a sua regra, dizendo algumas vezes: Isto he cousa escusada, porque estarei atè Domingo. Applicandoselhe por ordem dos Medicos algumas medicinas,disse: Façam,o que quizerem,que tambem Santo Ignacio sabia, que às medicinas lhe nam aviam de aproveytar,& mais deyxava obrar tudo,o que ordenavam os Medicos.

5 Augmentando-se o mal, lhe disse hum Padre que avia de dizer ao Padre Reytor, que mandasse chamar outros Medicos, como em taes apertos estila fazer a caridade da Cõpanhia para com os seus enfermos,aos quaes assiste a todo o custo, em que se naõ repara,para o que he de sua utilidade, & consolaçaõ. O

Padre

o Padre lhe pedio com todo o enca recimento nam fizeſſe tal couſa, dizendo: Para que he iſſo, & para quem? Deſte meſmo deſprezo, que tinha de ſua peſſoa, lhe naſceo hum como ſinal de ſentimento, quando ſe vio viſitado dos Medicos extraordinarios, ſignificando ſe naõ deviam uſar com elle ſingularidades.

6 Neſte tempo mandãdo o Conde Baraõ, grande affeyçoado ſeu, ſaber de ſua ſaude, pedio o Padre a hum Religioſo, que alli ſe achava, lhe fizeſſe graça fallar com quẽ trazia o recado, & da ſua parte lhe diſſeſſe, que agradecia o cuydado, que ſua Senhoria tinha daquelle ſeu ſervo, em que naõ avia melhoria: que atè o Domingo ſeguinte daria fim a eſta vida, que hia muyto lembrado de ſua Senhoria, que là o encomendaria a Deos. Foy iſto na quinta feyra, logo no dia ſeguinte veyo o Conde Baram viſitar a eſte ſeu grande amigo, & pondo-ſe de joelhos junto à cama do doente lhe beyjou a mão, & abraçou com aquelle grande amor, que ſempre lhe tivera.

7 Querendo eſte Senhor naõ ſò com palavras, mas ainda com obras moſtrar ſeu affecto, lhe rogou com grandes inſtancias, ꝗ lhe deyxaſſe encomẽdado alguma couſa ſua, & ſe tinha algum parente, que o tomaria à ſua conta: agradeceolhe o Padre a offerta, & deſpediram-ſe. Sahindo o Conde do cubiculo diſſe ao Irmão enfermeyro, fizeſſe da ſua parte a meſma inſtancia com o Padre, a quem tinha deſejo de ſervir. O enfermeyro tornou a tocar neſte ponto ao doente, encarecendolhe a boa vontade do Conde: reſpondeolhe o bom Padre: Filho, nam falle niſſo, que mais ſentido eſtou eu de elle me fallar em parentes. Tambem outro Padre vendo-o com algum ſentimento, lhe perguntou a cauſa; a que reſpondeo, que nenhuma outra tinha mais que fallaremlhe em parentes naquella hora.

8 Aggravando-ſe cada hora mais a enfermidade pedio o Sãto Viatico, & quando o avia de receber, ſe fez tirar da cama, & ſe pòz de joelhos ajudado de alguns Religioſos, & depois de fazer ao Senhor hum devoto colloquio, o recebeo cõ grande ternura. Com a meſma piedade pedio a ſeu tempo a Extrema-Unçam, que recebeo reſpondendo com os que aſſiſtiam. As ſuas mais ordinarias palavras eram repetir Pſalmos, ou fazer colloquios à Virgem Senhora, cuja eſtampa tinha diante de ſeus olhos, & a tinha em grande eſtimaçaõ pela poſſuir deſde o tempo de ſeu Noviciado.

9 A eſta Senhora tinha pedido muytas vezes o levaſſe em dia

dia, que lhe fosse consagrado, & teve despacho a sua petiçaõ. Chegado o Sabbado, descahio com notavel diminuiçaõ das poucas forças, que tinha: porèm a todo o tempo, que lhe apontavaõ algum Psalmo, logo o continuava em quanto a fraqueza lhe dava lugar; & quando naõ fallava, levantando os olhos os punha naquella sua estampa da Senhora, dando sinal, que fazia affectos no coraçaõ.

10 Pouco depois das nove horas da noyte lhe deo a morte a primeyra investida, que esperou com grande paz de sua alma, & sossego do corpo. Rezouselhe o officio da agonia, & em todo esse tempo se vio nelle a mesma tranquillidade, & sinaes de que se recreava com os santos colloquios, que se lhe estavaõ fazendo. Hum quarto antes que espirasse, disse hum dos Padres, que assistiam, para o outro, vendo o sossego daquella bemdita alma: Padre, parece-me, que se lhe apontarem algum Psalmo, ainda o ha de continuar. Jà agora, se o fizer, respondeo o outro, serà milagre: entam se chegou aquelle Padre ao moribundo, & lhe disse estas formaes palavras: Padre Mestre, *Benedictus Dominus:* & o Padre respondeo em vòz, que todos ouviram: *Deus Israel, quia visitavit nos.*

11 Hum pouco depois levãtou os olhos, & os pòz na Imagem da Senhora, & tornando-os a fechar pòz as mãos sobre o peyto, & com grande serenidade, & sossego entregou sua ditosa alma nas mãos de seu Creador, como piamente se crè de tam sãta vida. Morreo ao primeyro de Outubro do anno de 1701. na noyte do Sabbado aos tres quartos para as onze da meya noyte. Ficou seu rosto com aquella composiçaõ, & serenidade, com q̃ se ouvera nesses poucos dias, q̃ teve de enfermidade; a qual parece naõ durou muyto por petiçaõ do mesmo servo de Deos, por naõ enfadar, ou molestar com enfermidade prolongada, aos que lhe aviam de assistir. Tinha elle pedido a hum Padre que fora seu Noviço, lhe assistisse, quanto pudesse, porque teria grande consolaçaõ de se achar à hora da morte com algum Padre seu Noviço à cabeceyra, & porque a este, como mais obrigado, se faria menos molesta aquella assistencia.

12 Ao Domingo pela manhã sabendo de sua morte o Illustrissimo Senhor Dom Antonio Botado Bispo de Hipponia, da Ordem de Santo Agostinho, veyo visitar seu corpo, trazendo muytas flores, que espalhou sobre elle; & o mesmo fez de tarde, quando se avia de enterrar: destas flores recolheraõ muytos dos que assistiam, como cousa preciosa, por ter tocado o corpo de hum

hum homem de conhecida virtude : quiz tambem a Senhora com esta honra pagar a seu grande devoto o cuydado, com que sendo vivo, apanhava na cerca as flores para lhe ornar o seu Altar.

13 Assistiram ao seu enterro, que foy dia de Nossa Senhora do Rosario, que naquelle anno cahio em Domingo, muytas pessoas principaes; outras sentiram o naõ terem noticia de sua morte, para lhe assistirem no enterro. Concorrèram os nossos Religiosos das outras casas ao officio, & o Padre Provincial Miguel Dias, que tinha sido Confessor da Rainha, pelo grande cõceyto, que tinha da virtude do Padre Joaõ da Fonseca, diante de todos na Igreja lhe beyjou o pè, & a mão, & depois o meteo na sepultura.

14 Tiveram singular estimaçaõ todas as pobres alfayas, de que se servia, & muytos recolhèraõ dellas estimandoas como preciosas reliquias ; & tambem para satisfazer à devoçaõ de muytos, que procuravam ter cousa sua, se desfez alguma roupa, de que usára, & se repartio naõ só pelos que assistiam em Lisboa, mas por outros, que dos Collegios fóra da Corte pediam aos amigos lhe ouvessem alguma cousa, de que tivesse usado o Padre Joaõ da Fonseca. Nem isto he de admirar, quando sendo ainda vivo, ouve quem estimasse cousas suas como reliquias, como jà fica tocado.

15 O Serenissimo Rey Dom Pedro o Segundo com aquella grande piedade, que nelle reconhecèram todos os seus Reynos, & vassallos, por via de seu Cõfessor o Reverendo P. Sebastiaõ de Magalhaẽs da nossa Cõpanhia, procurou se lhe trouxesse algũa cousa, de que tivesse usado este servo de Deos, & se lhe levàram as contas, por onde rezava, que o piedoso Rey recebeo com aquella estimaçaõ, que sempre fez dos homens virtuosos. Tambem significou o desejo, que tinha de visitar ao corpo, que fora morada de alma tam ajustada com as leys da perfeyçam: mas naõ davam a isso lugar os precisos negocios, em que se achava.

16 Morreo o Padre Joaõ da Fonseca no Collegio de Santo Antam em Lisboa, no cubiculo do Padre Prefeyto do espirito, cuja occupaçaõ elle fazia : foy sepultado no Cruzeyro da Igreja do mesmo Collegio, na sepultura do numero primeyro. Viveo na Companhia sincoenta, & dous annos, menos tres mezes, morreo de sessenta, & nove de idade menos os mesmos tres mezes.

17 Depois da ſua morte ordenou o Padre Provincial Miguel Dias, grande eſtimador da virtude do Padre Joaõ da Fonſeca, que ſe lhe fizeſſem conferencias nos tres principaes Collegios da Provincia, no de Coimbra, Evora, & Lisboa, aonde tinha gaſtado a mayor parte da vida, & aonde avia homens, que em todos os tempos o conhecèram; & do que ſe diſſe nas ditas conferencias, & ao depois ſe recolheo do que teſtimunhàraõ muytos particulares, ſe compòz eſta vida, como aqui fica eſcrita, em que ſe procurou toda a verdade, que pedia couſa tam ſeria. Aſſim em vida como depois da morte nunca ouvi fallar deſte bom Padre, que naõ diſſeſſem os que delle fallavam, que era homem ſanto. E ſe neſtes tempos baſtàra a vòz do povo para canonizar, como antigamente baſtou, naõ carecèra deſta honra a virtude do Padre Joaõ da Fonſeca, como tambem ouvi dizer a muytos; & algum Padre ouve, que ſabendo de ſua morte, pelo conhecimento que tinha da ſua virtude, julgava dentro de ſi, que nam era neceſſario dizer por ſua alma as Miſſas, que manda a Religiaõ, por lhe occorrer, que vida tam ajuſtada naõ podia levar muyto que ſatisfazer no Purgatorio, em caſo que là tiveſſe ido: mas como no juizo de Deos ſe fia mais delgado, do que cà ſe cuida, o mais ſeguro he ſempre acodir a todos com os ſuffragios.

18 E nòs os da Companhia temos muytas graças que dar a Deos por nos dar tam ſantos homens, que em vida nos edificàram, & depois da morte com os ſeus bons exemplos nos enſinaõ, & alentam a ſer como elles foram: & eſſe he o fim, com que os eſcrevemos. Imprimio o Padre Joaõ da Fonſeca nove livros eſpirituaes, em que deyxou retratada a ſua propenſaõ às couſas de Deos; o eſtylo he qual o eſtima a virtude, nelle ſe vè a candura de quem os compoz, todos elles eſpiram ſantidade. Ficàram dous ainda por imprimir; os titulos de todos eſtaõ em hum breve poema, que ſe imprimio no principio do ſeu Soldado; que aſſim chamava a hum Dialogo muyto util, & aprazivel, que compoz entre hum Soldado; & hum Ermitaõ em ordem a deſterrar vinganças, & odios, & foy o ultimo, q́ imprimio. Nem he bem, que deyxemos em ſilencio hũa obſervaçam, que eu tive ſempre por milagre das ſuas eſmolas, que ſendo as impreſſoens tam difficultoſas, & cuſtoſas em Portugal, & tam poucos os cabedaes do P. Joaõ da Fonſeca, imprimio todos os livros, que quiz, affeyçoando Deos aos livreiros, & impreſſores a lhos tomarem; & algumas vezes, quanto ao parecer, com poucas eſperanças de

lucro, ainda que como eraõ livros, que corriam por conta de Deos, todos tem tido muyto bom gasto; & nestes ultimos tempos mandandolhe alguns Religiosos, que foraõ seus Noviços, pedir lá da India taes, ou taes dos seus livrinhos, já os naõ achava em quem os tinha impresso, por se terem gastado todos. Tem elles feyto, & fazem muyto fruto nas almas, porque todos se encaminhaõ a dirigillas, & esse foy o unico fim que teve nestes seus trabalhos, & devem ter todos os filhos da Companhia para mayor honra, & gloria de Deos.

CAPITVLO XXIX.

Vida do Padre Bartholomeu Duarte.

Villa-Nova 31. de Dezembro de 1701.

1 O Padre Bartholomeo Duarte nos merece todas as boas lembranças assim pelos muytos, & Religiosos exemplos, que nos deo em quanto viveo, como pelo magnifico edificio do Collegio de Villa-Nova, em que gastou a mayor parte de sua vida, sempre com edificaçam daquella nobre Villa, & de todos os nossos Religiosos, que alli viveraõ com elle: & para que ficassem em memoria suas virtuosas acçoens, encomẽdou o Padre Provincial se fizessem diligencias, inquirindo daquelles, que o tratàram, tudo o que nelle viram de exemplo, & edificaçaõ.

2 Nasceo o Padre Bartholomeo Duarte na Villa de Monchique no Reyno do Algarve, de pays ricos, & dos principaes daquellas terras; mas o que he mais de estimar, eram de santos, & virtuosos costumes; sua Mãy, & huma Irmã que teve o Padre Bartholomeo Duarte, foraõ tidas, & avidas por gente santa em Villa-Nova, donde vivèram, & morrèram: & com esta mesma santidade de costumes criàram ao Padre Bartholomeo Duarte, do qual diziam os homens velhos de Villa-Nova, que o conhecèraõ nos primeyros annos, que sempre fora tido dos outros do seu tempo por estudante virtuoso, & exemplar.

3 Sua Mãy foy mulher tam pia, & devota, que tudo, o que lhe crecia de suas rendas, gastava em esmolas, ou em fazer peças, que servissem para o culto Divino: alèm de outras cousas, ella deo a Imagem do Santo Xavier do Collegio de Villa-Nova, em testimunho da grande devoçaõ, que tinha a este Santo: dos seus bens foy herdeyro o nosso Collegio, & ainda que deyxou algumas cousas a seus parentes, foy só em vida delles, & que depois

depois viessem ao Collegio. Conta-se della por cousa muyto singular a devoçaõ, que tinha ao Santissimo Sacramento: nos dias, que commungava, & o fazia frequentemente, depois de receber o Senhor, se revestia de huma alegria tam extraordinaria, misturada com tanta gravidade, que parecia cousa sobrenatural, & tam venerada de todos, que muytas pessoas nos dias que certamente sabiam avia de commungar, procuravam naquelle tempo acharse na Igreja, unicamente para verem pelo respeytoso semblante daquella grave, & santa matrona, os effeytos que obrava em sua alma o Santissimo Sacramento.

4 Depois de o Padre Bartholomeo Duarte estudar os primeyros rudimentos em a Cidade de Sylves, o mandàram seus pays estudar à Universidade de Evora: alli sendo estudante da quarta classe, aos 18. de Abril de 1643. tendo 16. annos de idade entrou em a Companhia., na qual assim em letras, como em virtude deo sempre boa conta de si. Fez particular estudo das Mathematicas, & as ensinou: estas lhe foram utilissimas para a arquitectura do Collegio de Villa-Nova, a cujas direcçoens se deve toda a boa disposiçaõ, & fermosura daquelle Collegio, que fez edificar com todos os primores da arte, & cõmodo dos que o ham de habitar. Nam faltou quem alguma vez julgou por escusada obra tam sumptuosa, & de tanto custo, & isso em hum povo tam retirado, como he o de Villa-Nova: a que satisfez o Padre Bartholomeo Duarte com hũa prudente, religiosa, & caritativa reposta; dizendo que esses motivos, porque pareceria escusado alli taõ grandioso edificio, eraõ os que elle tinha para o fazer tam amplo, & liberal: porque se os longes, & pouco cõmercio faziam menos appetecida a estancia de Villa-Nova, lhe desse algum sabor a grandeza, & aceyo do Collegio; & que jà que, aos que alli assistiam, lhe faltavam outras muytas conveniencias, que tinham em outras partes, naõ pedia nem a razaõ, nem a caridade, lhes faltasse huma boa casa, em que vivessem muyto à sua vontade.

5 Foy o Padre Bartholomeo Duarte de natural generoso, & de grande capacidade para os governos, em os quaes o naõ occupou a Companhia por lhe ser necessario para encaminhar as obras daquelle novo Collegio, & adiantar as rendas de que se ha de sustentar. O Padre Paulo Mouram vindo com o Padre Provincial da visita daquelle Collegio, em que tinha tratado ao Padre Bartholomeo Duarte, & visto o acerto de todas as suas disposiçoens em ordem aos adiantamẽtos daquella fundaçaõ, disse

diante de alguns Religiosos nossos, que o Padre Bartholomeo Duarte era hum dos homens, que tinha encontrado, de mayor esfera para governar, que achàra nelle grande comprehensaõ, & direcçam muyto singular em todas as suas cousas.

6 Experimentàram nelle parte destes seus talentos esses poucos Religiosos, que assistiram com elle, & á sua obediencia em Villa-Nova: porque fazia grande confiança dos subditos, a todos tratava bem, & lhes assistia com toda a liberalidade, a que se estendem, & dam lugar as leys da Religiaõ: & costumava elle dizer, que os bens desta, eram mais para se empregarem nas paredes vivas, isto he, nos Religiosos, que para se consumirem em obras de pedra, & cal: & que examinando elle os livros da razaõ, & conferindo os tempos, em que se assistia bem aos Religiosos, com outros tempos atraz, em que tinha avido escaceza; achava em tudo muyto mais medradas todas as cousas do Collegio, quando se praticava mais liberalidade com os Religiosos, do que quando se faltava a estes, com intuito de por este caminho acrecentar os bens temporaes.

7 Era austero no trato de sua pessoa; nunca nelle se desviou cousa algũa da observancia religiosa, nẽ admittio cousa, q̃ tivesse sombra de singularidade. Hum dia por causa de suas indisposiçoens lhe mandou o Mestre do Latim, sem o Padre o saber, preparar cea de carne, sẽdo q̃ os mais tinhaõ peyxe; porẽ nunca pode acabar com elle ceasse cousa diversa daquillo, què outros tinhaõ: isto lhe succedeo algumas vezes, atè que o Mestre se desenganou, em que nesta materia nam avia, que apertar com o Padre Bartholomeo Duarte, que para comsigo era indispensavel em tudo, o que achava aver particularidade no trato de sua pessoa.

8 Por mais, que fossem os seus achaques, nam comia carne no tempo da Quaresma; & quando via, que o peyxe lhe poderia ser nocivo, por assim lho dizerem os Medicos; là se remediava como podia sem tocar peyxe, nem comer carne toda a Quaresma. E conta hum Religioso, que andando o Padre achacado todo o tempo da Quaresma, dizendolhe os Medicos, que comesse carne, & que tivesse escrupulo de assim o nam fazer; nunca já mais se pode acabar com elle viesse nisso; pelo que passou toda a Quaresma sem comer todos os dias mais, que humas migas de pam: & este foy por toda ella o seu sustento, sem querer afroxar naquelle seu santo proposito, por mais causa, que para isso lhe sobejava.

9 Em

9 Em Villa-Nova assistia hum mancebo Herege, ao qual fallou muytas vezes hum nosso Religioso em ordem ao converter, & tirar dos erros em que vivia; por mais voltas que lhe deo nada veyo a conseguir, persistindo sempre o Herege em seus erros: atè que fallou sobre a mesma materia com o Padre Bartholomeo Duarte, & logo pouco a pouco começou a afroxar na sua obstinaçaõ, da qual finalmente veyo a ceder, dizendo, que elle experimentava com as palavras do Padre Bartholomeo Duarte huma moçam interior tam vehemente, que lhe naõ podia resistir; & assim abjurados os desatinos da sua seyta, se abraçou de todo o coraçaõ com as verdades, que ensina a Igreja Romana.

10 Todos os dias infallivelmente dizia Missa com grande devoçaõ, & affecto; a qual tambem despertava nas pessoas, que lha ouviam, como ellas mesmas o confessavaõ; tendo particular gosto de lha ouvir, pelos effeytos de santa devoçam, que em si experimentavam. Era grandemente inclinado a fazer bem; por nenhum caso diria palavra de que alguem se pudesse justamente molestar. Para com os foreyros do Collegio alguns o tiveram por demasiadamente compassivo, sempre lhes dava grandes esperas, outras vezes lhes remittia alguma cousa da divida, quando eram pobres; & sempre procurou de que nenhum se apartasse de sua presença com algum genero de dissabor: dando facilmente credito a todas as necessidades, que elles diziam ter, por razaõ das quaes naõ podiam satisfazer cabalmente aos foros, de que estavam devedores.

11 Teve o Padre Bartholomeo Duarte muytas occasioens de sofrimento, em todas ellas se ouve sempre com grande igualdade de animo; & a mais aspera palavra que nestas occasioens lhe sahia da boca, era dizer: Bemdito Deos: & com isto se calava sem dizer palavra alguma, em que mostrasse queyxa ou sentimento.

12 Tinha grande caridade para com todos os nossos Religiosos, & se acaso avia algum defeyto, que chegasse á noticia de Superior mayor, sempre procurou de patrocinar ao culpado, fazendo quanto estava na sua mão para que se resarcisse o decoro da Religiaõ, com honra do que tinha cõmettido o defeyto, em ordem a que naõ vivesse nella desconsolado.

13 Foy recatadissimo no trato com mulheres, nunca as visitou por mais graves, que fossem; porèm quando a obrigaçaõ era tanta, que quasi naõ podia escusar a visita, entaõ fazia o seu cõ-

primento buſcando a ſeus maridos, on filhos, ou qual quer homem dos de ſua obrigaçam: & jà ellas meſmas tinhaõ entendido, que aquelle era o modo, de que uſava o Padre Bartholomeo Duarte, nem avia mais que eſperar delle. Sendolhe preciſo dar as boas feſtas a huma das principaes da terra, a qual naquelle tempo tinha hum filho em Lisboa; indo a ſua caſa, diſſe a quem veyo tomar o recado, que lhe ſoubeſſe da Senhora da caſa, que novas tinha de ſeu filho, que eſtava em Lisboa; & que da ſua parte lhe deſſe as boas feſtas, que deſejava com todas as felicidades.

14 Na aſſiſtencia do Confeſſionario foy incanſavel, nam ſe levantãdo delle em quanto avia alguma peſſoa, que ſe quizeſſe confeſſar: aos dias Santos dizia ordinariamente Miſſa pela huma hora, tendo gaſtado toda a manhã em pezo em ouvir confiſſoens. Deſta continuaçaõ ſe lhe originàram os achaques, que padecia; mas ainda que eſtes lhe acrecèram, nam afroxou elle couſa alguma daquelle ſanto miniſterio.

15 Na materia de conſolar aos affligidos teve dom muyto ſingular, pelo que muytas peſſoas o buſcavam nas ſuas moleſtias, porque ſabiam que as ſuas palavras tinhaõ grande efficacia para dar alivio a quem ſe via opprimido de affliçoens. Todos os da villa lhe tinham grande reſpeyto, & por ſeus conſelhos, & ſantos aviſos ſe atalhàram muytas vezes grãdes diſcordias.

16 Tinhaõ delle, & de ſua virtude tam bom conceyto os ſeculares, que ſe alguem dizia palavra, que cedeſſe em menos credito do Padre Bartholomeo Duarte, elles o defendiam, tẽdo por couſa fóra de toda a boa razaõ, fallar com menos cautela de homem, que na opiniam de todos, os que o conheciam, era tido por homem inculpavel. Ouve hũ noſſo Religioſo, que ou por inadvertencia, ou com menos circunſpecçam, do que devoçaõ, fallando com o Vigario Geral do Biſpado, & vindo à pratica o Padre Bartholomeo Duarte, começou a fallar delle, dizendo, que eſtava jà velho, & que caducava, & iſſo por modo de quem desfazia no Padre: aqui acodio o Vigario Geral: Meu Padre, Voſſa Paternidade, ſe ſe naõ quer fazer celebre, deyxe de ſentir, & fallar deſſa ſorte do Padre Bartholomeo Duarte, de quem todos temos muyto ſubido conceyto, & querer pòr nelle taxa, he querer pòr nodoa em o Sol. Palavras, com que o noſſo, bem à ſua cuſta aprendeo de hum ſecular, & como ſe avia de aver, & o decoro com que era bem fallaſſe daquelles homens, cujos procedimentos acreditam a Religiaõ.

17 O

17 O quam mortificado fosse este bom Padre, se deyxa bẽ ver da paciencia, com que se avia nos achaques habituaes que padeceo, que levava com grande sofrimento, como tambem de algumas vezes, que se lhe diziam palavras, de que qualquer outro se sentiria; mas elle nestas occasioens se avia, como se tal cousa nam tocasse em sua pessoa, & se fazia sempre desentendido. Huma cousa minima, mas que arguhia grande mortificaçaõ, notàraõ no P. Bartholomeo Duarte, alguns dos q viveraõ cõ elle; & foy, que sendo muytas em Villa-Nova as savandijas, que nas terras humidas, & quentes, & que saõ porto de mar, se criaõ com mais abundancia, & com suas continuas picadas molestam o corpo humano, & naõ deyxaõ aquietar, aos que andaõ cheyos desta praga; nunca já mais lhe viram fazer acçam, com que desviasse as picadas destes importunos animalejos; foy isto tanto mais admirado dos que o notàram, quanto mayor vexaçam sentiram em si, & que lhes parecia naõ poderiam ter hora de sossego, se se ouvessem com aquella mortificaçaõ, que viaõ no Padre Bartholomeo Duarte.

18 Algumas vezes na mesa comia só paõ com sal, & ainda que elle dava outras razoens disto, na verdade era para se mortificar. Foy muyto agradecido para com todos os que lhe faziam algum bem, retribuindo por todos os modos, que podia. Vivendo alguns 40. ou mais annos em Villa-Nova, naõ se sabe, q pessoa algũa se queyxasse delle; antes, como temos dito, lhe tinhaõ grande respeyto, & veneraçaõ. Quinze annos que alli ensinou Latim, o fez com tanta satisfaçaõ, & aproveytamento dos discipulos, que sempre na terra se conservou, & conserva huma honrada memoria da perfeyçaõ, & utilidade assim nas letras, como na virtude, cõ que fez este magisterio: & naõ he menos indicio de sua grande virtude ter paciencia para aturar tantos annos exercicio, que quanto mais dura, mais enfada: & servia elle a Companhia tam esquecido de si, que senaõ foram alguns seus affeyçoados, que lembràraõ aos Superiores o obrigasse a vir a Evora, a por-se corrente com os exames necessarios para a profissaõ, se deyxàra ficar sem ser professo do quarto voto, porque nos seus santos procedimentos tinha elle a melhor profissaõ em ordem a sua perseverança; com tudo ouve de acodir à vontade do Superior, & fez, o que se lhe ordenou com tanta satisfaçam, que se vio, que o que em outro podiaõ ser temores, nelle era virtude, & hum desapego de si mesmo, & de tudo aquillo, que cheirava a honra propria, da qual sempre o conhecèram descuydado.

19 Este

19 Este mesmo descuydo mostrava em algumas occasioens, que era necessario acodir por si, & desfazer alguma cousa, que por cartas se lhe notasse diante dos Superiores; & algum caso ouve, em que o Padre Bartholomeo Duarte mostrou tanta izẽçam em semelhantes materias, que lha chegàram a estranhar; a que respondeo, se ouvera daquelle modo, porque do contrario se poderia cuydar, que elle estava aferrado, ou desejoso de estar em Villa-Nova, por ser quasi patria sua; que pelo que tocava à sua pessoa, só levava gosto nas disposiçoens da santa obediencia.

20 Foy grandemente inimigo da ociosidade, sempre o achariam occupado em alguma cousa. Amava tambem muyto a sãta pobreza, elle com suas proprias mãos reparava os seus vestidos; & fazia moldes, para que os alfayates obrassem as roupetas com decencia, & gravidade conforme ao nosso modo, para os Religiosos de casa. O seu trato sempre foy de Religioso pobre. Huma tença, que conforme as licenças, que entam se davaõ, reservou quando fez a profissaõ do quarto voto, toda a gastava em utilidade do Collegio de Villa-Nova; por isso dizia algumas vezes, que naõ tinha escrupulo, se por ventura lhe tivesse succedido administrar alguma cousa do Collegio sem aquella circunspecçaõ, & cautela, cõ que todos o devem fazer; porque gastava sempre no Collegio tudo aquillo, que licitamente podia dispender em outras cousas.

21 Naõ dizia o Padre isto, porque em si conhecesse, & permittisse omissoens culpaveis; mas para mostrar o amor, que tinha ao patrimonio, & bens da Religiaõ, que elle administrava, & queria sem o minimo detrimento. A devoçaõ para com o Santissimo Sacramento mostrou no singular exemplo, que naquelles principios em quanto o naõ impediram seus achaques, deo a todo aquelle povo; pelas Endoenças, em quanto o Senhor estava exposto, assistia o Padre Bartholomeo Duarte na Igreja da Freguesia em hum cayxaõ dos que as Irmandades costumaõ ter nas Igrejas; & alli gastava todo o tempo em oraçaõ diante do Senhor exposto, com rara edificaçaõ de Villa-Nova, que ainda hoje vive muyto lembrada deste seu bom exemplo, & assistencia, que fazia ao Santissimo.

22 Em defender as izençoens, & privilegios da Companhia tocantes aos cõmodos temporaes do Collegio, foy acerrimo; & nesta materia foy homem, que nem perdoou a passos, nem a gastos alguns, fazendo todas as diligencias necessarias em or-

dem

dem a lograr o bom ſucceſſo do ſeu negocio, & conſervar em ſeu vigor todos os ſeus privilegios.

23 A virtude do Padre Bartholomeo Duarte foy tam grande, que naõ ſómente teve por ſi o teſtimunho dos homens, mas tambem o do meſmo demonio. Foy o caſo, que a hum homem de Villa-Nova indo à ſua vinha, que eſtà em a rocha do mar, lhe appareceo hum negro, o qual ſe avançou a elle para o lançar pela rocha abayxo; teve-ſe quanto pode, atè que o negro lhe diſſe, o largaria, ſe lhe quizeſſe dar de cear aquella noyte; veyo niſſo facilmente por ſe livrar de ſuas mãos, & ſe recolheo com o negro hoſpede para caſa; o qual ſe lhe meteo no corpo, & começou a cauſar nelle os effeytos, que coſtuma em ſemelhantes occaſioens. Fizeram-lhe alguns Sacerdotes os exorciſmos, porèm nenhum effeyto obràraõ: mandouſe chamar hum Padre ao Collegio; mas hum, a quem mandava o Padre Bartholomeo Duarte, ſe eſcuſou, naõ ſe atrevendo a ir là, com temor de que o demonio lhe diſſeſſe algum disbarate, como coſtuma fazer muytas vezes áquelles que entendem com elle. Entam tomou o Padre Bartholomeo Duarte a ſua capa, & ſe foy a caſa do endemoninhado; em entrando pela porta levantou o demonio a vòz, & diſſe: Com eſte me naõ atrevo eu: & aſſim o deyxou logo: o Padre o perſuadio, a que ſe confeſſaſſe, & o meſmo Padre o diſpòz, & ouvio de Confiſſaõ; com que ficou totalmente deſaſuſtado, & o Padre com grande opiniam de virtuoſo naquella Villa.

24 Finalmente lhe ſobreveyo huma ſuppreſſaõ, na qual foy muyto o que padeceo, & nella ſendo as dores tam vehementes, como coſtumaõ ſer neſte achaque, ſe ouve com grande ſofrimento, & conformidade com a vontade de Deos; depois de recebidos os Sacramentos no ultimo de Dezembro de 1701. deyxou eſta vida mortal para ir receber o premio de ſuas ſantas, & virtuoſas obras. Tinha ſetenta, & tres annos de idade, dos quaes viveo na Companhia ſincoenta, & ſete, & os mais delles em Villa-Nova. Fizeram-lhe as honras funeraes os Clerigos daquella Villa de ſua propria vontade, como quem tinha recebido delle tam bons exemplos, & aviſos. Foy enterrado na Igreja velha da parte do Euangelho entre dous Confeſſionarios; querendo Deos que ſeu corpo aſſiſtiſſe depois de morto junto daquelles lugares, donde gaſtàra tam grande parte da vida, & donde encaminhàra tantos para o Ceo. Nem faltou ao Padre Bartholomeo Duarte aquelle teſtimunho, que o he grande dos homens virtuoſos, de ſe procurarem couſas das ſuas alfayas, para ſe

con-

conſervarem com a eſtimaçaõ de reliquias; porque muytos ſeculares pediram ao noſſo Meſtre do Latim, que lhes deſſe alguma couſa do veſtido deſte Padre, para o conſervarem com a eſtimaçaõ, em que ſe tem as couſas ſantas.

CAPITVLO XXX.

Ditoſa morte do Irmaõ Franciſco Pacheco.

Evora 22. de Junho 1705.

1 O Irmaõ Franciſco Pacheco foy hum, dos que em poucos annos de Religiaõ ſe ſoube adiantar tanto no aproveytamento, que como a fruto muy ſazoado, o recolheo o Ceo para ſi poucos mezes depois de acabar o Noviciado, com huma morte tam ſanta, que foy das couſas, que tenho viſto com meus olhos, mais dignas de envejar neſta materia. Naſceo eſte ditoſo Irmaõ na Villa de Souſel do Arcebiſpado de Evora. Na Univerſidade da meſma Cidade era eſtudante da ſegunda claſſe, quando Deos o tocou a ſer da Companhia, á qual muyto ſe affeyçoou: naõ obſtante ter dous Irmãos em outra Religiaõ, que tem Convento em Souſel, & querer huma peſſoa rica, que o amava muyto por ſua boa indole, fazerlhe todos os gaſtos para que foſſe da Religiaõ de ſeus Irmãos, nunca a iſſo ſe inclinou. Por evitar qualquer obſtaculo, que da dita peſſoa ſe lhe pudeſſe originar, tambem naõ quiz, quando ouve de entrar, ir a Souſel, deſpedirſe de ſeus pays, nem daquella peſſoa, que a todos ſeus Irmãos tinha feyto muyto bem.

2 Era o ſeu natural brando, & de ſi amavel, & propenſo a obrar bem: jà ſendo eſtudante cingia ſeu cilicio; & no dia, que entrou em a Companhia, tambẽ o trazia ſobre ſeu corpo. Quinze annos contava de idade, & mais alguns mezes, quando entrou em o Noviciado de Evora aos 24. de Março de 1703. logo foy dando moſtras de quam bom Noviço avia de ſer, porque em tudo ſe ajuſtava com as obrigaçoens, & miudezas de tam ſanto eſtado. No Outubro do meſmo anno foy mandado com outros dous Irmãos Noviços para o Noviciado de Lisboa; fazendo ſeu caminho a pè, enſinando a doutrina, & vivendo de eſmolas, como he coſtume. Naquella ſanta caſa paſſou atè os os fins de Fevereyro de 1705. em que o mãdàraõ acabar o ſeu Noviciado em Evora. Fez os ſeus votos aos 25. de Março. Entrou nos eſtudos de Latim. Era muy applicado, & com o deſejo, que tinha de ſaber, ſuccedia cortar muyto pelo ſono da noy-

te;

te; & por ventura que deste excesso tivesse em parte seu principio a terrivel febre, de que morreo.

3 Avendo naquelle tempo doentes nos Irmãos do seu estado, & alguns de febres malignas, ou a isso proximas; este bom Irmão era hum dos que mais assistiaõ aos enfermos, no que bem mostrava sua muyta caridade. Aconteceo, logo que acabou de ser Noviço, tomarem ordens menores os Irmãos que as naõ tinham. Entrãdo todos para este effeyto na Capella interior da casa do Prelado, disse o sobrinho de Sua Illustrissima para o Padre, que acompanhava aos Irmãos: A Capella, & o lugar està pedindo hũ colloquio: & como o P. lhe respondesse, alli estavaõ todos prõptos, elegesse Sua Senhoria: como naõ viesse nisso, cahio a eleyçaõ sobre o mais moderno, q̃ era o Irmaõ Pacheco: logo se pòz de joelhos: fez hum muy pio, & devoto colloquio, no qual pedio a Deos muytos bens para toda aquella casa, & para aquelle Senhor, que tãto gostava das cousas de devoçaõ. Tiveraõ todos muyto agrado da piedade do Irmaõ, & o fidalgo estimou o asseyo com que se accommodou à occasiaõ presente, dizendo, que estava bom, que era prègaçaõ com circunstancias, que de repente era mais de estimar. No dia de *Corpus Christi*, que cahio em onze de Junho: dos dous Irmãos, que na Capella do Recolhimento, como he costume, fizeram seus colloquios ao Senhor na procissaõ, foy hum o Irmaõ Pacheco; & alèm da ternura, com que o fez, acabou com as ultimas clausulas, que tem o hymno da Missa nesta festa: *Qui nos pascis hic mortales, tuos ibi commensales, cohæredes, & sodales fac Sanctorum civium.* Que parece foram hum tacito pronostico da mesa da gloria, em que tam depressa, sem o cuydar, se avia de ver.

4 Poucos dias depois cahio doente, & logo a febre deo de si indicios daquellas, que ou trazem a morte, ou nos avizinham a ella. Nada se sosobrou este bom Irmaõ, porque nem tinha amor à vida, nem horror à morte: o que bem se vio da grande conformidade, com que todo se pòz nas mãos de Deos, sem querer mais, que o que elle quizesse. Por estar acaso fóra de casa o seu Padre Prefeyto, pedio lhe assistisse o Padre Mestre dos Noviços. Confessouse geralmente, sendo que a sua consciencia andava tam posta em seu lugar, como se cada instante ouvesse de ir para a outra vida. Com qualquer argueirinho se desenquietava, como o fazem as meninas dos olhos, a sua consciencia fiava em tudo muy delgado.

5 Começando a se preparar com actos de contriçaõ, antes de

de dar principio à Confissaõ, dizendo: Pezame Senhor de vos ter offendido; vẽdo q̃ na alma naõ sentia aquella dor penetrãte, que quizera, disse muy sentido: Jesus, que parece naõ passa isto que digo da garganta; & tornava a repetir com grande ahinco, como quem queria que sensivelmente a dor lhe arrancasse o coraçaõ. Depois recebeo o Santissimo Viatico, em que fez seu devoto, & affectuoso colloquio, com edificaçaõ dos que assistiam, que nas suas palavras divisavam muyta ternura, & piedade.

6 He de saber, que o Irmaõ Pacheco, depois que cahio na cama, naõ tomava outra cousa na boca, senaõ palavras de Deos, sentia grande pena em ouvir outras praticas, que naõ fossem de Deos. Disse ao Padre Mestre dos Noviços, lhe mandasse dous Noviços, que elle nomeou, por serem mais fervorosos para lhe fallarem de Deos, & da gloria; porque tinha grande pena em ouvir outras praticas. Ajuntando-se muytos Irmãos no cubiculo, & acaso metendo-se pratica destes successos de guerras, que andam nas conversas, disse o enfermo: Jesus, nam me fallem aqui dessas cousas: que tenho eu cà com guerras? fallemme de Deos, & da gloria. Ficou só com elle hum Irmaõ, & como lhe fallasse do Ceo, & fosse repetindo com elle o versiculo: *Maria Mater gratiæ*, & semelhantes ternuras, entrou o seu Padre Ministro, & lhe perguntou, que fazia. Respondeo o enfermo: Padre, estou aqui com este Irmaõ, que me està dizendo humas cousas tam santas, que me regala: isto he o que eu quero, & naõ outra cousa. Quando repetia estes affectos santos, o fazia muy pausado, como quem hia gostando, & saboreando-se no que dizia.

7 Pergũtoulhe hum Padre se amava a Deos: acodio logo: Amo a Deos, amo-o muyto, muyto, muyto; & quando repetia estas, & semelhantes repostas, o fazia com tal ahinco, q̃ denotava sahirem aquellas palavras de hum coraçaõ todo abrazado em Deos. Com a mesma efficacia dizia, ter grandes desejos da gloria, & de ver a Virgem Mãy, a Santo Ignacio, & o Santo Xavier. Disse tambem ao seu Padre Ministro, que se lhe naõ dava de morrer, porque se persuadia estar em graça de Deos, nem tantas ansias de o ver denotavam outra cousa. Tambem entre as ansias da febre disse a hum Padre: Eu ainda que estou desta sorte, cà por dentro sinto grande paz, & alegria.

8 Continuamente estava a fallar com Deos: & se entendia fazer isto assim pelo gosto, que tinha de ter na boca, a quem tanto tinha no coraçaõ; como tambem por nam dar lugar, a que lhe

lhe pudessem occorrer alguns outros pensamentos. Acaso vendo hum Padre tanto fervor, tantos desejos de ver a Deos, disse para os presentes, persuadindo, naõ daria fé o doente: Naõ sei, que o Beato Luis fizesse nesta occasiaõ actos mais fervorosos. Percebeo elle o dito, & com notavel sentimento levãtou a vòz, & lhe disse: Padre naõ diga tal cousa. Entam por divertirlhe a pena, se acodio com algumas palavras illusorias, que davaõ a entender naõ era, o que elle cuydava. Com que algum tanto ficou mais sossegado. Mas como fosse grande a contençaõ com que fallava com Deos, receoso, de que se lhe pudesse misturar algũa vaidade, pedio aos parentes se fossem todos, & o deyxassem só com o Padre que lhe assistia.

9 A sua postura ordinaria era estar abraçado com hum Santo Crucifixo, fallando com elle, dandolhe osculos ora nos pès, ora no lado, jà apertando-o comsigo, & chegãdo-o à sua face, como quem o queria meter no coraçaõ. Muytas vezes fallava contra o demonio dizendolhe, q̃ se fosse dalli, que naõ tinha que fazer, que Deos era infinitamente misericordioso: estas palavras dizia com hum modo explicativo, de que là dentro tinha formado hum grande conceyto da grandeza da misericordia de Deos. Como vise hum Padre tam grande lida, que tinha contra o demonio lhe disse: Que tem agora, Irmaõ Pacheco? por ventura o demonio està aqui? Respondeo: Eu Padre naõ o vejo, mas elles por aqui haõ de andar agora; mas se Deos està por mim, & a sua misericordia, que he infinita, que tem este caõ, que fazer agora comigo? & com esta palavra he, que ordinariamente o tratava.

10 Pedio com grande fervor a Santa Unçaõ dizendo, que queria viesse logo, porque assim avia de ficar mais forte, & mais alentado: em quanto lha deraõ, se póz muy sesudo, & quieto, sem fallar huma só palavra; respondia porèm com os mais. Depois de a receber ficou muy alegre, & tornou a pedir o seu Crucifixo, com que se abraçou, & continuou a fallar com Deos: nem desistia deste fallar, senaõ quando por se considerar o podia molestar, lhe mandavam se calasse: bem verdade he, que brevemente se esquecia do que se lhe mandára; & tornava a fazer os seus actos santos, em que estava tam habituado, que naõ podia estar sem os fazer. Tambem applicandoselhe, naõ sei que fomentaçam, disse ao seu Padre Ministro: Para que he isto? eu morro. Este foy o modo com que este bom Irmaõ passou estes dias, que a maligna o teve em seu juizo. Porèm he certo, que as minhas

palavras naõ podem abranger a explicar,o que neste devoto Irmão viram os olhos,& os ouvidos ouviram; porque se via , ou quasi se apalpava huma alma toda penetrada de Deos , toda ansias de se ver com Deos na gloria.

11 Depois que a maligna o alienou dos sentidos , tambem as cousas,que dizia,eram santas;porque como dentro naõ tinha outros habitos,estes puxavam sempre para o que he seu. Assentava-se às vezes na cama,& com huma vòz,que metia por dentro,a modo de Prègador dizia muytos desenganos aos presentes; como que se aproveytassem do tempo; que fizessem pouco caso desta vida;que Deos lhe mandava dizer aquillo;& cousas semelhantes a estas;& ainda que estava delirante , fallava com tanto acerto nestas materias , como se estivera em seu ser. Depois de ter sete , ou oyto dias de cama , em 22. de Junho deste anno de 1705. sendo quasi pelo meyo dia acabou de viver entre os homens,para viver como piamente cremos entre os Anjos. O seu semblante ficou aprazivel ; os Irmãos depois de amortalhado lhe lançáram no esquife muytas flores , & cravos,de que todos se agradàraõ muyto, por ellas dizerem tam bem em quem de si dera tam suave cheyro de virtudes. Foy enterrado seu corpo na Capella de S. Vicente no mesmo Carneyro , ou aboboda , em que antigamente estiveram depositados os ossos do Veneravel Padre Manoel Fernandes,primeyro Martyr da Companhia em Europa.

12 O seu P.Mestre dos Noviços em Lisboa,em hũa carta declara a sua opiniaõ deste servo de Deos por estas palavras:Eu estimava muyto ao Irmaõ Pacheco pela virtude, q̃ nelle conhecia, pela sinceridade,& cãdura com q́ procedia,& manifestava os minimos de sua consciencia,& de todos presumia bẽ,& desculpava, sendo por isso de todos os Noviços amado , & venerado. Sey, que era perfeyto Noviço , muyto amigo de Deos. Nas penitencias lhe fuy muytas vezes à mão,continuamente as pedia , & novenas. De argueyros fazia escrupulos , & logo vinha pedir confissaõ. Deos nos dè muytos como elle. Atè aqui as palavras da dita carta. Logo ajunta , o que dissera hum Irmaõ Noviço, que fora seu Instruido : & vem a ser,que estando o dito Instruido rezando o Officio da Senhora , lhe dera o riso , tentaçam muy ordinaria nos Irmãos Noviços. Entam o Instructor , que era o Irmaõ Pacheco, lhe disse: Irmaõ de que ri? A esta pergunta,apertou com elle mais o riso. Nestes pontos lhe tornou o Instructor a dizer com muyta brandura : Irmaõ , venha cá , & olhe

olhe para esta Imagem de Nossa Senhora, como està modesta, & grave. Nem assim cessou a tentaçaõ do riso. O que vendo o Irmaõ Pacheco, o levou a huma Imagem de Christo Crucificado, dizendolhe: Olhe Irmaõ, se temos neste Senhor, senaõ materia de sempre chorar; olhe o rosto, os olhos, o peyto; & indolhe dizendo visse as mais partes do Senhor, & seus martyrios, se pòz de joelhos a chorar: vendo o Irmaõ Instruido tal piedade, posto tambem de joelhos começou a chorar: assim estiveraõ ambos algum tẽpo: & o Instruido se levantou sentindo dalli por diante particular affeyçaõ à virtude. Tanto pòde o bõ modo, & bõ exẽplo. Muytas vezes era tambẽ visto o Irmão Pacheco andar pelos corredores com os olhos arrazados em lagrimas, final de quanto sua alma estava penetrada de algum passo mavioso da Payxaõ do Senhor, que era materia muy ordinaria da sua presença de Deos. Assim mesmo nos dias de confissaõ de tal sorte sentia antes de se confessar os seus defeytos, que era visto pelos outros Irmãos derramar copiosas lagrimas, mostras evidentes de sua singular piedade, & devoçaõ.

13 Naõ quero por conclusaõ deyxar em silencio hum seu dito, que muytos homens, consideradas bẽ as circunstancias, naõ tiveraõ por acaso. Este servo de Deos, em quanto a força da maligna o naõ alienou dos sentidos, nũca cõsentio, q̃ se lhe fallasse, senaõ de Deos; & como por occasiaõ de Carlos Terceyro Rey de Castella, os que assistiam metessem praticas de guerras, elle mostrava desprazer. Depois que a força do mal o tirou de seus sentidos, prègava muytos desenganos na fórma, q̃ fica dito, fallando com certeza, entre outras cousas disse estas palavras: *Carlos Terceyro ha de entrar em Castella, este Reyno ha de ser feliz, & eu me vou para a gloria.*

14 Succedeo, que indo a relaçaõ de sua morte ao seu Padre Mestre dos Noviços em Lisboa, elle a mandou ler á mesa, causando muyta devoçaõ, nos que a ouviraõ, & chegou às mãos do Padre Confessor del Rey Dom Pedro Segundo, que a ouvio ler com grande consolaçaõ sua, & fez impressaõ nos animos o dito referido, o qual se escreveo a el-Rey Carlos Terceyro; & ainda que já naquelle tempo a força do mal o tinha alienado, com tudo naõ deyxava de parecer, que avia nelle alguns lucidos intervallos. O certo he, que a morte foy das mais santas, que dizer se podem, toda cheya de Deos, de quem a sua vida na Companhia foy muy cheya. A ultima clausula do seu dito, a fazem verdadeyra suas virtudes, & dellas se faz muyto de crer; as outras só o successo as pòde mostrar.

CAPITVLO XXXI.

Dos Irmãos estudantes Domingos Carrilho, Manoel Nogueyra, & Ignacio Carvalho.

1 O Irmaõ Domingos Carrilho soube em tres annos, & dez mezes & meyo de Religiaõ grangear tanto os agrados de Deos, que o roubou para si no mesmo dia, em que a Senhora subio cõ glorioso triunfo aos Ceos; a qual quiz que este seu devoto lhe fizesse cõpanhia, & tivesse parte nos seus applausos. Nasceo este bom Irmaõ na Villa da Povoa no Bispado de Portalegre, & se criou na Villa de Niza em casa de huma Irmã de sua mãy, por quanto os pays lhe falecèram ambos sendo pequenino, sem lhe deyxarem Irmaõ algum. Deolhe a boa tia hũa criaçaõ em tudo muy ajustada; & como tinha boa indole, se lhe imprimiram as boas propensoens, como lhas queria, quem o criava.

Evora 15. de Agosto 1705.

2 Logo que foy tempo, o applicou aos estudos de Grammatica, & era muy escolhido estudante. Succedeo neste tempo ir prègar a Niza hum Religioso da Companhia, que assistia em Portalegre; pagouse tanto o nosso estudante do seu bom modo, & ar que tinha no pulpito, que assentou comsigo, avia de ser Religioso da Companhia, & começou nesta materia a fazer todas as diligencias; para estas se lograrem mais depressa, passou a estudar a Portalegre, aonde cõtinuou, & concluhio a sua pertençam. Por ser bom estudante se lhe dispensou na idade hum anno, & veyo a entrar de quatorze annos, & alguns mezes. Neste Noviciado de Evora em cinco de Outubro de 1701. entrou na Companhia. Succedeo, que em hum dos dias da jornada o assaltou huma quartã, ou fosse pela mudança das aguas, ou por outra causa occulta: quando chegou, vinha com os beyços arrebentados, sinal da febre, que tivera. Persuadido o Padre Mestre dos Noviços, que aquella febre seria causada da agitaçaõ da jornada, que foy grande, & em huma criança de tam poucos annos, & compleiçaõ delicada, o recolheo em o Noviciado, despedindo-se alguns parentes seus, que o trouxeraõ.

3 Passado hum, ou dous dias lhe tornou a vir a quartã, & tornandolhe a terceyra, se entendeo que eram quartans. Como jà estava em casa, & os parentes se tinhaõ ausentado, foyse tratando dos remedios da medicina. Vio-se nesta occasiam, que

Deos

Deos o queria para si; por quanto, se antes de entrar ouvesse certeza, que eram quartans, o deteriam: & se os parentes se naõ tivessem retirado, tambem lho tornariam a entregar, atè cobrar saude; & por qualquer modo, que fosse, por ventura naõ voltaria, considerada a grande demora que fizeram as quartans em se despedir; & que o Irmaõ Domingos tinha muy bom patrimonio, de que viver.

4 Duràram as quartans desde o mez de Outubro atè as vesporas de nosso Santo Patriarca: por esta causa naõ lhe foy possivel fazer no principio a oraçaõ, & prègaçaõ, que representam diante dos Padres, os que entraõ, para dar mostras do seu talento. Nestes mezes tomou varias medicinas, alguns oytavarios da Quinaquina, que he medicamento bem aspero, & desabrido ao gosto: mas o Irmaõ o tomava com grande generosidade, & sem se alterar: porque de si era naturalmente generoso, & animoso: em todo este tempo, indo-se com as medicinas, & voltãdo outra vez as quartãs, se ouve este servo de Deos cõ tal modo, & modestia, & em tudo taõ sobre si comedido, & quieto, q̃ parecia ter sido muytos annos Noviço, quãdo a importunidade do mal naõ dava lugar às primeyras tintas, & instruçoens de Noviço: tanto podia a sua boa indole, & boa criaçaõ, com que viera. Despedidas as quartans, tendo jà dez mezes de Noviciado, assim se avia em tudo, que naõ parecia terlhe feyto a doença alguma falta, & mais sendo como foy no principio, em que de necessidade doenças costumam atrazar muyto as instruçoens em os Noviços.

5 Por todo o mais tempo do Noviciado procedeo como verdadeyro Noviço da Companhia; & isto basta para dizer delle muytas virtudes; que as tem quem he verdadeyro Noviço nosso. Feytos os seus votos, entrou nos estudos de Rhetorica, & poesia, nos quaes aproveytou tanto, que nenhum de seus condiscipulos lhe fazia ventagem. Era por seu bom modo naturalmente agradavel a todos: hũa cousa, & nella muytas dizem uniformemente todos os Irmãos do Recolhimento, & o seu Padre Ministro: que o Irmaõ Carrilho a ninguem foy molesto em cousa alguma, & que nenhum delle tivera a minima queyxa; porque sem offensa da observancia a todos procurava dar gosto. Tendo elle por officio avisar aos outros Irmãos para fazerem nas disputas os problemas; quando algum por este ou aquelle motivo se escusava naõ o querendo fazer, a reposta do Irmão Carrilho era: Seguro, que o faça. Mas depois tomava elle so-

bre si o trabalho, & deyxava ao outro livre delle, por lhe nam dar molestia.

6 Algum tempo teve cuydado de distribuir, & trazer da rouparia do Collegio as cousas necessarias para o Recolhimento. Na officina do Collegio quando pedia, o que avia de trazer, o fazia com tal modestia, procurando naõ ser importuno, que nisso dava edificaçaõ ao Irmaõ, que tem a seu cargo a rouparia. Tambem nas suas devoçoens era muy pontual, particularmente no officio da Senhora. Succedialhe, por causa de occupaçoens, chegar algumas vezes à noyte cansado, & molestado; com tudo isso nunca se avia de recolher sem rezar o seu officio da Senhora, & cumprir com as suas devoçoens. No apontar os seus defeytos, & no exame particular era muy cuydadoso; para este effeyto trazia cõsigo o caderninho do exame particular, & foy a unica cousa, que se lhe achou em huma algibeyra, quando estava na ultima doença.

7 No tempo, que deram algumas febres malignas nos Irmãos do Recolhimento, era o Irmaõ Carrilho Prefeyto da saude: assim chamamos ao Irmaõ, que tem cuydado, de que em nada se falte aos enfermos. Fazia este officio com todas as exacçoens, que elle de si pede, acodindo a todos; porque o Irmam Carrilho era de todos, sendo nesta caridade incansavel, andando de huns em outros, & indo frequentemente às enfermarias do Collegio, & mais officinas, donde fosse necessario trazer alguma cousa para os enfermos. No mesmo tẽpo lia no Refeytorio á segunda mesa, & o fazia com grande acerto, & perfeyçam: naõ obstante ter nisso grande molestia por ser fraquinho, se sugeytava a este trabalho, por naõ ser enfadonho com suas desculpas ao Padre Lente de Escritura; o qual disse, naõ ter encontrado Irmaõ mais comedido; & quando representava as razoens, que tinha para naõ ler, o fazia com hum modo tam cortès, & que denotava taõ boa criaçaõ, q̃ lhe ficava o Padre Lente muy obrigado, & muy affecto a tam bom termo.

8 Finalmente querendo Deos levallo para si; depois de ter servido, & assistido aos outros Irmãos doentes de febre maligna, esta se lhe pegou; procurou logo de se dispòr, ainda que a sua vida na Religiaõ fora toda hum continuo apparelho para esta ultima hora. Fez seu testamento, & deyxou as suas legitimas áquella tia, que o criàra, dizendo lhas deyxava, em agradecimento da boa criaçam, que della recebèra. Assim mesmo deyxou, se desse dos seus bens huma boa esmola para se empregar no orna-

to da Capellinha de Nossa Senhora da Modestia deste Noviciado, da qual sendo Noviço fora muyto tempo Sacristam: dãdo tambem por razaõ tinha esta lembrança do Noviciado, pela santa criaçam, que nelle lhe deo a Companhia. Confessouse geralmente algumas vezes: recebeo o Santo Viatico; & melhorou de sorte, que se chegou a levantar da cama. E todos cuydavam tinha vencido, quando tornou outra vez a recahir, & se aggravou a doença mais, a respeyto de achar o corpo debilitado, & pouco aturador de medicinas violentas, quaes a doença demandava. Vendo que a passos apressados caminhava para a morte, pedio a Santa Unçaõ, & a seu tempo lhe foy dada, fazendo sempre nos entremeyos da doença muytos affectos santos, atè que a força do mal o alienou de seus sentidos; mas assim fóra de si, nunca sahio em palavra menos acertada, & menos religiosa; que nestas occasioens he bom indicio dos habitos santos, que ha na alma.

9 Tendo passado nesta fórma alguns dias, chegou o da Assumpçaõ da Senhora; & neste, pelas nove horas do dia com grãde paz, & sossego entregou sua alma nas mãos de Deos, querendo a Virgem Mãy, como parece, pagarlhe atè nesta vida a devoçaõ, que lhe tivera, com lhe agencear a morte no dia do seu mayor triunfo. Foy a morte deste bom Irmaõ sentida de muytos pelo bom modo, com que se tinha avido assim na vida estando saõ, como na doença estando enfermo; & tambem pelas boas esperanças, q̃ dava por causa da sua boa indole, & bõ engenho. Foy seu falecimento, como fica dito, em 15. de Agosto de 1705. Os Irmãos lhe lançàram sobre o corpo muytas flores, symbolo todas de sua virginal pureza, & muytas virtudes. Foy enterrado no Carneyro, ou aboboda da Capella de S. Francisco Xavier.

10 O Irmaõ Manoel Nogueyra em pouco tempo de Religiaõ teve muytos annos de virtude, porque desta tratou de veras. Sua patria foy o lugar chamado Fartel no Bispado da Guarda. Estudou Latim em Portalegre, alli pertendeo fervorosamente ser admittido na Companhia. Merecia seu bom engenho, & procedimentos esta mercè de Deos. Entrou na Companhia em Lisboa aos 28. de Junho de 1702. No mez de Novembro do seguinte anno foy mudado para o Noviciado de Evora, aonde passou o mais tempo, que lhe faltava dos dous annos, & fez os seus votos.

Em Evora aos 8. de Nov. de 1704.

11 Os seus costumes eraõ cheyos de santidade, de consciencia

cia

cia muy pura,& que com qualquer argueyro se desenquietava; naõ cahia em faltas,se acaso advertia primeyro, a podia aver no que obrava. Tinha escrito em papel muytos propositos santos, dos quaes se naõ afastava: vinham ellesa ser: A ninguem offenderei com palavra,nam fallarei de faltas alheyas, nem das penitencias, que aos outros se dam: & por este teor eram os mais propositos; & por conclusam acabava com estas palavras: Tudo isto hei de fugir. Nam avia para elle cousa mais molesta que em sua presença fallarse de faltas, & defeytos alheyos.

12 Foy devotissimo das santas almas do Purgatorio, & lhes tinha applicado as satisfaçoens das suas obras. A satisfaçaõ das obras do Sabbado tinha destinado toda para aquella alma, que estando no Purgatorio,fora em vida mais devota da Virgem Senhora nossa. Frequentemente fazia oraçaõ por todos aquelles, que concorrèram, para elle ser admittido na Companhia, & o ajudàram nesta santa pertençam.

13 Absolutamente foy muy inclinado a todas as cousas de devoçaõ. Naquelle papel, em que escrevèra seus propositos santos,tinha apontado,em como huma vez depois da cea, tivera huma representaçam da morte tam vehemente, que por algũmas horas estivera cheyo de hum santo horror, & tremor. Na ultima doença,como o visitasse hum Padre, a quem sendo Noviço descobrira sua consciencia, lhe quiz communicar naõ sei que escrupulo: quando hia para fazer isto,parou, & perguntou ao Padre,se avia naquillo alguma falta contra a regra;a sua razaõ de duvidar,era;porque o tal Padre nam era seu Prefeyto espiritual. Dizendolhe,que naõ avia materia de escrupulo, communicou a sua cousita,que vinha a ser muy ligeyra.

14 Encomendoulhe o Padre,que se confessasse, em quanto a doença o tinha menos embaraçado. Respondeo: Padre, eu nam faço outra cousa mais, que examinar minha consciencia, mas nada acho, de que me remorda. Os seus pensamentos tinha postos sòmente em Deos. Causou grande admiraçaõ,o que nelle se vio, depois que a força do mal o alienou de seus sentidos. Fazia colloquios santos com extraordinario affecto, & fervor, porèm com humas palavras tam certas,& concertadas, queem seu juizo nam fallaria nem mais culta, nem mais devotamente. As palavras sahiam de hum coraçaõ abrazado em Deos.Humas vezes fallava com a Senhora,outras com S. Joseph, & com outros Santos,pedindolhes,que o naõ desemparassem,nem se apartassem do seu lado.

15 Em

15 Em quanto esteve em seu juizo, nem pedio a Deos vida, nem morte. A sua palavra era: O que Deos quizer, isso quero. Creceolhe huma grande parotida, a qual lhe tomava a garganta: nenhuns medicamentos lhe foram de effeyto algum. Depois lhe saltàram herpes em hum pè, sofria com grande paciencia todas as dores. Avendo de lhe dar algumas ventosas sarjadas, pedio hum Crucifixo, & abraçado com elle, sofreo as sarjaduras, sem dar sinal de quem se dohia. Recebeo o Santo Viatico com grande ternura, & piedade. Finalmente depois de receber a Santa Unçam acabou esta miseravel vida no Collegio de Evora aos 8. de Novembro de 1704. Tinha elle pedido a nossa Senhora lhe alcançasse de seu Santo Filho, que o levasse para si em hum dia dedicado à mesma Senhora: assim o conseguio, porque foy sua morte em hum Sabbado.

16 Os primeyros annos costumam ordinariamente ser mostradores dos que haõ de vir; & delles se inferem os procedimẽtos futuros. Dos moços de juizo assentado, & de boas, & santas inclinaçoens se costumam pela mayor parte fazer os velhos, a quem as virtudes mais que os annos fazem dignos de respeyto. Muyto nos promettia nos seus primeyros annos o virtuoso Irmaõ Ignacio de Carvalho. Era de feliz engenho, indole em tudo amavel. Foy Deos servido de o levar para si com poucos annos de Companhia, porèm com muytos de virtude, que mostrou em suas acçoens.

Em Evora aos 19. de Dezembro de 1706.

17 Nasceo este bom Irmaõ na Freguesia de S. Bento do Matto quatro legoas distante da Cidade de Evora. Era estudante da segunda classe de Rhetorica da Universidade, quando entrou na Companhia em o Noviciado de Evora aos 4. de Fevereyro de 1701. tendo de idade 14. annos, & mais alguns mezes. Accõmodouse todo ao modo dos Noviços sem muyta difficuldade; porque a modestia lhe vinha nacendo, & as suas boas propensoens o levavam aos exercicios de virtude.

18 Sobrevieram-lhe algumas doencinhas, & ouve seu temor de entisicar, porque a constituiçaõ das forças dava disso alguns indicios. Servio a doença, para se ver, & apurar a virtude do Irmaõ Ignacio. Nella mostrou sempre modestia, & paciencia, edificando muyto a todos. Fizeram-se todas as boas diligencias para convalecer; cobrou saude. Passou o demais tempo do Noviciado com a mesma innocencia de costumes; & fez os seus votos com grande jubilo de sua alma, por assim ficar mais unido o m Deos.

19 Logo que mudou de eſtado ſe entregou de veras ao eſtudo das letras humanas,as quaes ſoube,como aquelles,que bem as aprendem. Nas compoſiçoens os ſeus themas tinham lugar entre os melhores. Como era tenue de forças,& muy applicado ao eſtudo,eſte o enfraqueceo mais, & como lima ſurda o foy gaſtando. Por tanto o mandáram interromper o eſtudo da Filoſofia,& tratar da ſaude. Porèm de cada vez mais ſe foy confirmando na tiſica ſem eſperanças de cobrar as forças perdidas.

20 Sempre os ſeus procedimentos foram ſantos. Fugia de faltas,& chegava-ſe muyto a Deos. Nas quintas, & em caſa, & nos tempos da recreaçaõ tinha ſempre cõſigo algũ livrinho, em cuja liçaõ gaſtava grande parte daquelle tempo. O ſeu Confeſſor diſſe delle,que tinha grande pureza de conſciencia, que era muy eſcrupuloſo, & de hũa innocencia Angelica. Tambem teve notavel amor à virtude da mortificaçaõ, cortando ſempre por ſi, & procurando domar ſeu corpo. O natural era algum tanto riſpido,& comichoſo, porèm elle o quebrava com a ſanta mortificaçaõ,& paciencia, humilhando-ſe a todos, & em tudo. Moſtrava em todas as acçoens muyta cortezia para com as peſſoas,com quem tratava; virtude,que o fez ſingularmente agradavel,& amado aos mais Religioſos.

21 Na ſanta obediencia ſe eſmerou com ſingular eſtudo, ajuſtando-ſe em tudo com o que ella ordenava. Quanto lhe mandou o ſeu Confeſſor,executava pontualmente. Das ſuas devoçoens a mais aſſinalada foy a da Senhora, a quem amava como Mãy, & com eſte nome de ordinario fallava della. Deramlhe os Superiores licença para aſſiſtir em caſa de ſua mãy, por ver ſe com os ares patrios tinha maõ na vida, & tornava à ſua primeyra ſaude. Alli adoeceo, & chegou a termos de receber o Santo Viatico. Depois que foy trazido para o Collegio, confeſſou,que a mayor pena,que tivera,foy o imaginar, que poderia morrer fóra do Collegio,& da preſença de ſeus Irmãos. Depois que veyo para o Collegio ſe ſentio com mais alentos. O ſeu cuydado era a outra vida, para a qual ſe preparava com todas as diligẽcias. Algumas vezes era viſto eſtar aſſentado rezãdo pelas contas, correndolhe em fio dos olhos as lagrimas, as quaes enxugava com o lenço.

22 Em quanto ſe pode ſervir per ſi,o fazia, dizendo aos que lhe aſſiſtiam, que naõ perdeſſem o ſeu tempo; que elle faria, o que pudeſſe. Acaſo fallando com elle hum Irmaõ de couſas ſantas,elle entre outras couſas diſſe, que dava muytas graças a

Deos pelas doencinhas, que sempre lhe dera; porque estas o reprimiam; acrecentando, que ninguem se lembra da morte em quanto tem saude. Lembrava-se muyto do Irmaõ Domingos Carrilho, cuja vida fica escripta, o qual fora instruido do Irmaõ Ignacio em o Noviciado; & dizia que o avia de ir a ver. Eram ambos muy semelhantes nas virtudes, por essa causa tinham entre si esta santa benevolencia.

23 Quando a doença se hia mais avizinhando à morte, disse a quem lhe assistia, que se o vissem agoniado, lhe nomeassem cousas de Deos. Pedio a Extrema Unçaõ; como lhe dissessem, que ainda podia escapar, respondeo, que o deyxassem aparelhar para a morte, que elle só queria o que Deos quizesse. Enterneceo muyto a todos, quando depois de ungido, pedio perdam das desedificaçoens que tinha dado. Frequentemente invocava o nome da Senhora: dizia, que nenhuma cousa lhe custava mais, que ter offendido a Deos. Fez varias confissoens geraes, por ver se aquietavam os escrupulos, que o molestavam. Finalmente tendo feyto muytos actos de virtude, deo sua alma a Deos aos 19. de Dezembro de 1706. em o Collegio de Evora; foy sepultado na Capella das onze mil Virgens da parte da epistola. A doença, de que faleceo, foy tisica, que pouco a pouco o comeo, & consumio.

CAPITVLO XXXIII.

Vida do Irmaõ Joseph Soares Coadjutor temporal.

1 O Irmaõ Joseph Soares pòde servir de exemplo a todos os Irmãos do seu estado; porque nelle se viram todas as virtudes, que a Companhia deseja, nos que professaõ semelhantes obrigaçoens. Nasceo este bom Irmaõ na Villa de Cazevel no Campo de Ourique Arcebispado de Evora. Os pays eram lavradores, & se chamavam Gaspar Vaz, & Maria Soares; o filho teve o mesmo modo de viver que os pays. Viveo alguns annos casado com huma lavradora de innocentes costumes, como eraõ os de seu esposo. Estando ella junto da morte lhe deo a entender, que depois de ella acabar sua vida, ficaria elle mais expedito para de todo se entregar a Deos, & abraçar a virtude, a que o natural o levava. Nam se enganou a devota lavradora neste seu pensamento. Logo que o Irmaõ Soares se vio desembaraçado das obrigaçoens, que o detinham, deliberou de

Faro 29. de Outubro de 1707.

ser

ser Religioso da Companhia de Jesu.

2 Teve esta sua pertençam muyto que vencer assim pela idade,que era de trinta,& quatro annos , como por outras razoens,que bem se deyxam considerar. Tudo venceo a sua constancia,& boa prova,que de si deo nas experiencias,que se lhe fizeram. Foy mandado vir para Evora,& trabalhar na quinta do Collegio,onde a Communidade vai ter suas ordinarias recreaçoens. Alli servio por alguns tempos , como se fosse qualquer outro trabalhador,suando , & tressuando,ou cavando a terra cõ huma enxada , ou lavrando-a com hum arado ; & fazendo os mais serviços,que se lhe ordenavam.

3 Em fim estas duras,& exactas experiencias inteiràram aos Superiores do bom espirito do Irmaõ Soares. Alèm disto se vio ser muy inclinado a ler livros santos, & rezar pelas suas contas. Nisto se occupava nos dias de guarda,& no tempo , que o seu trabalho lhe deyxava desoccupado. Ao primeyro dia de Agosto de 1691. entrou na Companhia com grande gosto de seu espirito,como quem se via na felicidade , que tanto desejàra. No tempo do Noviciado se entregou de veras à perfeyçaõ , assim por meyo da oraçaõ,a q̃ muyto se dava,como da mortificaçaõ, & penitencia. Todos os dias tomava duas disciplinas,huma pela manhã,outra à noyte. Aos dias de festa usava de hum cilicio muy aspero, a q̃ os noviços chamaõ Samarrinha;& os Mestres raras vezes daõ licença para se usar delle.

4 Pouco depois do Noviciado o mandàram para o Collegio de Faro,ao qual foy de grande utilidade , & com o seu suor, & trabalho teve muytas melhoras o patrimonio da santa pobreza. Foy tam dado à virtude da oraçaõ,que vindo à noyte do seu trabalho da quinta, se punha de joelhos na Igreja , onde gastava quasi todo o tempo atè horas de mesa. Sendo nisto tam pontual,que ou viesse molhado, ou cortado de outra molestia , na oraçaõ tomava o seu alivio.

5 A seu corpo nam tinha algum amor; sò o queria para servir,& trabalhar sem excepçam de serviço, nem trabalho. Quando avia na quinta que fabricar, & cultivar, todos os dias de manhã hia ter este cuydado. Em chegando , por bom principio do dia tomava huma rija disciplina, cousa que muyto edificava aos trabalhadores, que muytas vezes ouviram o seu estrondo. Depois lavrava,cavava,podava, & acodia aos outros serviços entre os trabalhadores,sem nisso ter differença. Daqui se seguiam assim os lucros da fazenda,pois com tal exemplo cada homem no

trabalho valia por mais,q̃ hum homem; como tambẽ andarem os trabalhadores com circunſpeçam nas ſuas praticas, & fallares, que eram muy honeſtos attendendo à companhia do Irmaõ Joſeph Soares.

6 Pela manhã, de caſa levava hum pedaço de paõ, & algum conduto groſſeyro, como uſavam os ſeus trabalhadores. Nam foy homem, que jà mais ſe lhe ouviſſe palavra em materia de comer, porque ſe accommodava como o mais paciente mendigo o podia fazer. Quando na quinta dava de comer aos trabalhadores, comia juntamente do meſmo prato, ou como elles pela ſua fraze ruſtica chamam, do meſmo barranham. Se lhe mandavam de caſa o ſeu jantar, o repartia com aquelles, que melhor trabalhavam. De tudo naſcia terem delle os ruſticos grande eſtimaçam, & tratarem-no com mais reſpeyto, & amor. Quando à noyte ſe recolhia para caſa, ſempre diante de ſi trazia ſobre a cavalgadura hora hum feyxe de erva, hora hum ſaco de fruta, jà outras couſas ſemelhantes, que avia na quinta, & eram em caſa neceſſarias.

7 Se os rendeyros traziam o trigo ao Collegio, elle era o primeyro em o deſcarregar, tomando a ſeus hombros os ſacos, & deſpejando-os no celleyro. Tudo quãto neſta materia ſe pòde dizer de humildade, & mortificaçaõ, ſem encarecimento ſe achou no Irmaõ Soares. Por iſſo depois de ſua morte eſcrevendo o Medico do Collegio a hum ſeu filho, que eſtudava em Evora, dandolhe a nova da morte do Irmaõ Joſeph Soares, dizia: Filho, morreo o Irmaõ Joſeph, & era o melhor negro, que tinha o Collegio.

8 O ſeu tratamento era muy deſprezivel; porque no veſtido, ſe naõ attentaſſem por elle, o deyxaria por gaſtado, & roto chegar a indecente. Eſcarpins, nem ſiroulas jà mais os quiz uſar; dizendo, que naõ era bem, uſaſſe na Religiaõ couſas, que nunca uſou là no mundo. O demais veſtido interior era todo como coſtuma ſer o dos ruſticos trabalhadores em nada mimoſo, & em tudo groſſeyro. Era iſto tam notorio naõ ſó aos de caſa, mas a toda a gente da Cidade, que huma Senhora grave Irmãa da Cõpanhia, dizia como por graça, que ella naõ ſe atrevia a chamar ſeu Irmaõ, ao Irmaõ Soares, como chamava aos mais Padres, pelo ver andar tam roto, & deſprezivel. Eſta ſanta toſquidam lhe grãgeou hum honrado nome em toda a Cidade de Faro, aonde geralmente era tido de todos por homem ſanto.

9 Quando eſtava em oraçaõ diante da Imagem do ſeu San-

to Joſeph, de quem por extremo era devoto; fallando com o Santo, ſe lhe ouviram eſtas palavras: Meu S. Joſeph, vòs com o voſſo trabalho ſuſtentaveis ao Menino Deos, & a Virgem Mãy, aſſim eſpero me heis de conſervar as forças, para que eu com o meu trabalho ajude a ſuſtentar eſte Collegio, de quem ſou ſervo. E na verdade o foy bem fiel, pois de tudo dava aos Superiores muy miuda conta, do que deſpendia, & recebia: porque teve ſingular amor à ſanta Pobreza, cujas couſas meneava com eſcrupulo. Succedeo, que ſahira a comprar peyxe com hum Padre Caſtelhano, que viera tomar ordens a Faro; por fazer troco, lhe empreſtou o Padre couſa de hum, ou dous vintens. Partioſe o Padre, ſem o Irmaõ ter ſatisfeyto a divida, porque lhe paſſára por alto. Foy muy anguſtiado ao Padre Reytor a pedir licença para mandar ao Padre aquelle groſſo cabedal; nem aquietou, atè que o meteo em huma carta, & lho enviou a Andaluzia.

10 Deolhe Deos algum tempo hum Superior, o qual depois foy expulſo da Companhia; eſte tratava ao Irmaõ Soares com modos, & palavras deſabridas, irando-ſe contra elle, chamandolhe de inerte, pouco preſtimo, & outros elogios, que mais diziam com o Superior, que com o Irmaõ Soares. Nunca o bõ Irmaõ lhe diſſe palavra, que o deſgoſtaſſe: calava-ſe, encolhia os hombros, & ſofria eſtas injurias, como vindas da mão de Deos. Algumas couſas lhe fez, que muyto cuſtàraõ ao bom Irmaõ, por ver o ſeu trabalho mal aproveytado. Rompera elle com o ſeu braço hum brejo da quinta, & nelle fizera hum fermoſo meloal, de que eſtava muy pago, por ter tam bom refreſco para os Religioſos, para elle tanto mais goſtoſo, quanto mais o tinha adubado com o ſeu ſuor. Succedeo pois, que quando a fruta eſtava lograda, o Superior a mandou apanhar, & poſta em huma carreta fez della preſente a ſeus parentes, com ſumma deſconſolaçaõ do Irmaõ Soares, que dizia ſentir por extremo ter ſuado, & trabalhado, para quem nada merecia à Companhia. O meſmo deſgoſto experimentava, quando o meſmo Superior às vezes hia com algum parente ſeu à quinta, & lhe comia os frangos, que elle criára para os doentes da caſa, & quãdo eſtes faltaſſem, para os ſaons. Mas eſtes, & ſemelhantes modos de proceder, cõ que tanto exercitou a paciencia deſte ſervo de Deos, finalmente os veyo a pagar, desfazendo-ſe a Companhia de ſugeyto tam pouco edificativo.

11 Nas ſuas palavras foy muy ajuſtado, porque nunca o ouviram

viram murmurar de pessoa alguma. Quando o reprehendiam, ou fosse com razaõ,ou sem ella,nada se alterava,nem acodia por si,mas com hum riso alegre mostrava o bom animo, com que aceytava a reprehençaõ. Na obediencia se ajustou sempre com a vontade do seu Superior, nem mostrou ter vontade encontrada às suas disposiçoens; qualquer palavra bastava para obedecer à risca. Tinha varias devoçoens, a que naõ faltava. Certos dias por suas especiaes devoçoens naõ comia porçaõ,senaõ mandando-o o Superior,vendo, que taes abstinencias se naõ compadeciam com o seu trabalho. Esmerouse muyto na devoçaõ da Senhora. Vindo do seu trabalho muytas vezes molhado, & sempre cansado,a visitava por largo tempo no seu Altar, que com titulo da Encarnaçaõ, està na Igreja do nosso Collegio. Tinha grande confiança no seu patrocinio: succedeolhe nesta materia huma cousa,que foy de grande admiraçam. Era o Irmaõ Soares molestado com humas terçans pegajosas, & que naõ avia remedio despedirem se. Quiz o Medico applicarlhe certa mezinha; entam lhe disse o Irmaõ Soares, que se naõ cansasse, porque se elle quizesse,logo teria saude. Perguntoulhe o Medico, de que sorte? respondeo, que pedindo-a a Nossa Senhora. Disseramlhe entam,que pois assim era, & tinha tanto à maõ o remedio, lha pedisse. Entendeo-se,que assim o fizera; porque nunca mais lhe tornou a sezaõ.

12 Depois de ter servido o Collegio de Faro por onze, ou doze annos,dando muytos exemplos de virtudes Religiosas, & sendo tido em opiniam de homem justo naõ só dos de casa,mas tambem de toda a cidade,lhe sobreveyo a ultima doença. Parece,que os Medicos a naõ conhecèram, pois lhe nam applicàram algum remedio. O fastio naõ lhe deyxava levar para bayxo algum genero de sustento. Confessouse geralmente. Sempre disse,que sem duvida morria; & como hum Religioso lhe perguntasse,se tinha disso pena; respõdeo, que a tinha de nam ser mais depressa. Recebeo o Santo Viatico, & Extrema Unçam com singular piedade. Atè dous credos antes de espirar sempre fallou,repetindo os colloquios,que se lhe faziaõ. Finalmente num Sabbado das tres para as quatro da tarde aos 29. de Outubro de 1707. entregou nas mãos de Deos seu espirito com grande paz, & sossego. Alguns advertiram, que seu rosto ficàra com huma certa alegria,que naõ parecia ser cousa ordinaria. Foy sua morte sentida naõ só dos nossos Religiosos, mas tambem dos seculares; dizendo todos,perdia muyto o Collegio com a falta deste

Irmaõ,pela boa intelligencia,que tinha das couſas do campo,& cultura das fazẽdas;& porque muytos attribuhiam a proſperidade,que tinham as ſearas do Collegio,a ſuas devotas oraçoens, pois nellas ſe viam melhoras,ainda quando as ſearas alheyas ſe malogravam. Religioſo ouve,que de noyte ſe lembrava muytas vezes deſte ſervo de Deos, conſolando-ſe com ſua memoria como com a de hum bemaventurado, & amigo de Deos, qual elle conſiderava a eſte bemdito Irmaõ. Succedeo nam aver entam eſquife em caſa, por eſta cauſa foy ſeu corpo levado à ſepultura numa alcatifa,como coſtumam levar os meninos, que morrem depois de bautizados antes de ter uſo de razaõ, a quem o vulgo chama Anginhos;& na verdade os ſeus coſtumes eram taes,que bem merecia o nome de Anjo, & ſer levado à ſepultura, como aquelles corpinhos, morada que foram de tam innocentes almas.

CATALOGO,

NO QVAL SE REFEREM OS RELIGIOSOS Compositores de livros, que nesta casa foraõ Noviços.

NAM he bem passemos em silencio os nomes dos Escritores da nossa Companhia, que aqui foram Noviços; neste Catalogo, que assim lhe posso chamar pela brevidade, com que delles trato, se contèm muytos, que por suas singulares virtudes mereciam lugar entre os mais de q́ se trata nesta Historia. Dos quaes jà q́ tam pouco nos veyo às mãos, servirà esse pouco, de significar o muyto de virtude, que nelles ouve: saõ os seguintes pela ordem do Alfabeto.

A

PAdre *Agostinho Lourenço*, nasceo na Villa de Terena no Arcebispado de Evora, entrou na Companhia em Evora, esteve muytos annos em Inglaterra, voltando para Portugal residio alguns annos em Evora, aonde ornou, & dotou em obsequio da Senhora a Capella dos Irmãos Noviços, depois sendo Reytor do Collegio de Santarem o levou Deos para si aos 25. de Março. Imprimio em Liegi tres volumes de Filosofia, que saõ muy estimados, mais dous tomos de Theologia impressos na mesma Cidade; o demais se diz na sua vida.

Padre Alvaro Semedo, natural da Villa de Niza no Bispado de Portalegre, entrou na Companhia neste Noviciado aos 30. de Abril de 1602. estudando Filosofia alcançou licença para ir para a India; acabou os estudos em Goa, dalli passou à China: là trabalhava na conversaõ dos gentios na Cidade de Nanquim, quando no anno de 1617. se levantou huma terrivel perseguiçaõ; nella cõ outros da Companhia foy prezo, & tratado cruelmente, & levado à cadea publica, dandolhe muytas pancadas cõ os bambus, que saõ humas canas grossas, em tempo, que o Padre

padecia huma aguda febre : mas tudo lhe era suave, por ser tal a causa porque se via tam vexado. De Nanquim metido como fera em huma gayola de ferro foy levado a Cantam, & desta Cidade inviado a Macao.

Era a gayola tam estreyta, & curta, que naõ podia nella estender o corpo; rarissima vez o tiravam fóra della algum tantico: assim levou trinta dias de jornada, dandoselhe apenas o que bastava de sustento para nam morrer. Alèm disso vinha escrita a causa do seu castigo com letras Sinicas, que toda se resumia em ser elle Prègador da Fè de Christo. A vexaçaõ dos que o conduziam era grandissima, por saberem que nisso davam gosto ao Mandarim, que os desterrava, & era inimicissimo de Christãos.

Chegado a Macao cobrou saude: depois sabendo ser morto aquelle Mandarim, mudado o nome, & traje tornou a entrar na China, em que fez grandes serviços a Deos convertendo muytas almas, & confirmando na Fè as jà convertidas. Neste tempo os Padres da China o elegèraõ por seu Procurador a Roma, veyo a Europa, fez os negocios da sua Vice-provincia, voltou para a China com muytos, & escolhidos Missionarios. Era o Padre Semedo homem de conhecida virtude, de muyta oraçaõ, penitencia, & desprezo das cousas do mundo: a conversaçaõ tam suave, que atè os hereges com quem navegou muytas vezes, o respeytavam, & amavam.

Chegando à China o fizeram Provincial, & Visitador daquellas Missoens, & lidando com estas fadigas, veyo a morrer na Cidade de Cantam no anno de 1658. tendo setenta & tres de idade, & de Missionario quarẽta & seis. Escreveo cartas annuaes de 1622. & 623. Relaçoens da propagaçaõ da Fè nos Reynos da China. Relaçaõ do grande Imperio Sinense. Prosodias das linguas Portugueza, & Sinica; Sinica, & Portugueza, com esta obra estava entre mãos, & morreo sem a acabar; que na verdade seria muy util para os Missionarios Portuguezes, que entram a trabalhar naquella Missaõ.

Padre Andre Luis, natural de Evora, aqui entrou na Companhia no anno de 1590. de 16. annos de idade. Ensinou letras humanas, & Rhetorica, & nellas foy excellente, & por tal avido nos seus tempos. Leo Theologia Moral nesta Universidade, & nella foy Prefeyto; fazendo todas as suas occupaçoens com grãde satisfaçaõ. Morreo neste Collegio de Evora aos 28. de Dezembro de 1639. Tinha escrito, & ordenado dous tomos de to-

da

da a erudiçaõ, com o titulo de Moyses Aulico, Pastor, & Orador, a qual obra ficou por imprimir, porque lhe sobreveyo a morte, que naõ deo lugar à impressaõ, & diligencia, para ella necessarias.

Padre Antonio Collaço, natural da Vidigueyra no Arcebispado de Evora, aqui entrou na Companhia aos 16. de Novẽbro de 1586. tendo 18. annos de idade. Nesta Cidade servio aos empestados com toda a caridade, sem o mal se lhe pegar. Depois sendo professo de quatro votos assistio muytos annos na Corte de Madrid por Procurador Geral desta Provincia, & das ultramarinas, o que fez com bom nome de muyta bondade, & virtude. No tempo da acclamaçaõ delRey Dom Joaõ o Quarto, se achava o Padre Collaço em Madrid, & naõ lhe sendo possivel voltar para o Reyno, là acabou os dias de sua vida aos 29. de Novẽbro de 1647. Imprimio as Annuas da India, & Japaõ dos annos 1601. 1607. & 608. Additamento à Historia de Ethiopia, que escreveo o Reverendo Padre Frey Luis de Urreta. Tambem escreveo, mas com nome alheyo, a vida do nosso Veneravel Padre Gonçalo da Sylveyra. Mais hum compendio das vidas, & mortes gloriosas dos nossos tres Martyres do Japaõ já canonizados, sem nelle pòr nome algum.

Padre Antonio Fernandes, natural de Lisboa, homem de grãdes virtudes, que em seu lugar ficaõ referidas, aqui entrou na Companhia aos 26. de Março de 1586. nesta casa passou os dous annos Navegou para Ethiopia, & della foy desterrado pela Fè. Compòz muytos livros para utilidade dos Ethiopes. Hum que intitulou: Flagello de mentiras, em que refuta todos os erros dos Abexins, & do seu livro Haymanot Abbau; onde se contẽ os delirios desta naçam nas cousas da Religiaõ. Este se imprimio em Goa com caracteres Abessinos, que de Roma mandou Urbano VIII. ao Patriarca Affonso Mendes. Mais a petiçam do Emperador na lingua Ethiopica, hum livro *de opere sex dierum*. Outro da Immunidade Ecclesiastica. Instruçaõ para os Confessores. A Vida da Senhora, a qual morrendo deyxou ao Patriarca, como cousa que muyto prezava, esta mandou o mesmo Patriarca imprimir em Goa. Verteo na lingua dos Ethiopes o Ritual Romano, o Missal, o Calendario das festas conforme o computo do anno Ethiopico, o livro dos Synodos. Emendou em parte o livro, que se intitula, *Fides Patrum*, & lhe tirou os erros, que tinha. Compòz mais hum tratado sobre o jejum, no qual mostra os erros dos Ethiopes nesta materia.

Padre

Padre Antonio Francisco Cardim, natural de Viana de Alentejo, por obsequio de S. Francisco de Xavier, ao seu nome acrecentou o de Francisco. O que de sua vida, & virtudes pude aver, em seu lugar fica relatado. Vindo da India imprimio anno de 1643. a gloriosa morte dos quatro Embayxadores Portuguezes, que foraõ de Macao a Japaõ, & dos mais sincoenta, & sete companheyros, que com elles morrèraõ pela Fè em Nangazaqui. Em Roma offereceo impressa ao Papa Innocencio Decimo no anno de 1645. a Relaçaõ da sua Provincia. Tambem imprimio em Latim com estampas o Ramalhete dos Martyres da Companhia em Japaõ, no anno de 1646. O mesmo se imprimio depois em Portuguez em Lisboa no anno de 1650. Imprimio mais no anno de 1646. hum Catalogo geral de todos, os que no Japaõ deraõ suas vidas pela Fè. Tornou a imprimir, mas em Latim, a Relaçaõ, que em lingua Portugueza tinha impresso, da morte dos quatro Embayxadores.

Padre Antonio Franco, natural de Montalvaõ no Bispado de Portalegre, entrou na Companhia aos 26. de Julho de 1677. tendo quinze annos, & meyo de idade. Ensinou letras humanas, & Rhetorica dous annos na Ilha de Saõ Miguel, depois tres annos atè à primeyra classe em Evora. Ultimamente sinco annos as mesmas faculdades em o Noviciado de Lisboa aos nossos Irmãos humanistas, quando alli estudàram. Por esta occasiam compòz, & imprimio na Imprensa de Miguel Deslandes Impressor del-Rey, no anno de 1699. o Promptuario de Syntaxe, que depois se imprimio outras vezes na mesma Officina. Com seus discipulos em humas ferias fez Lusitano Latino o Indiculo Universal do Padre Pomey para uso do fallar em Latim, ainda se naõ imprimio, mas està corrente com todas as licenças. Depois foy Mestre dos Noviços em Evora, Reytor do Collegio de Setuval, Prefeyto dos Irmãos do Recolhimento em Evora, & Instructor dos Padres do terceyro anno em Lisboa, & Coimbra. Compòz a Historia dos Varoens Illustres dos tres Noviciados desta nossa Provincia de Portugal em quatro volumes; este do Noviciado de Evora, outro do de Lisboa, dous do de Coimbra com titulo de *Imagem da Virtude*. Mais dous volumes intitulados, *Imagem do primeyro seculo da Companhia de Jesu em Portugal*, & o primeyro da *Imagem do segundo seculo*. Nestes tres se contèm pela ordem dos annos os successos, & cousas mais illustres dos primeyros 150. annos desta Provincia. Mais huma devoçaõ para os 13. dias de Santo Antonio com titulo de *Ima-*

gem do Collegio Apoſtolico, & foy a primeyra, que neſta fórma ſe ordenou.

Padre Antonio Leyte, natural de Lisboa, aqui entrou na Cõpanhia aos 12. de Dezembro de 1596. tendo 15. annos de idade. Neſta Univerſidade leo Filoſofia, Theologia eſpeculativa. Foy Reytor do Collegio da Ilha de S. Miguel; os mais annos ſe occupou nos miniſterios da Cõpanhia: duas & tres horas furtava de noyte ao ſono, & as gaſtava em oraçaõ: morreo em Lisboa aos 16. de Setẽbro de 1662. cõ mais de 80. de idade. Imprimio a Hiſtoria da admiravel appariçaõ de Noſſa Senhora da Lapa no Biſpado de Lamego. Tinha entre mãos a Hiſtoria deſta Provincia, para a qual ajuntou algumas poucas couſas, deſtes manuſcritos hum achey na Caſa de S. Roque, outro no Collegio de Portalegre. Compòz mais hum livro grande muyto erudito, intitulado, *Eſcudo de Portugal*, em honra da Conceyçaõ da Senhora, guarda-ſe manuſcrito no Cartorio de Coimbra, & approvado pela Religiaõ, para ſe imprimir, mas parece, que ficou aſſim por morte de ſeu Autor.

Padre Antonio de Vaſconcellos, natural de Lisboa, de pays de grande nobreza, chamavam-ſe Bartholomeo Froes, & Sueyra de Vaſconcellos, entrou neſte ſanto Noviciado aos 13. de Setembro de 1570. tendo 16. annos de idade. Foy homem em tudo grande. Neſta Univerſidade leo Filoſofia, & foy Prefeyto, & depois Reytor. A elle ſe deve o famoſo Santuario da Igreja, para o qual concorreo com muytos cuſtos ſua propria mãy, Senhora grandemẽte pia, & liberal. Foy Prègador de nome, Prepoſito da Caſa Profeſſa de Faro, q̃ depois ſe mudou em Collegio, Reytor do Collegio de Portalegre, & Porto, & Viſitador dos das Ilhas.

Deolhe Deos muyto que padecer nos ultimos annos, porque o carregáram os achaques, eſpecialmente o da gotta, eſta o teve entrevado os ultimos dez annos de ſua vida, dizendo notaveis exemplos de ſofrimento: quando o achaque lhe dava algumas tregoas, ſe occupava em eſcrever, ou ditar muytas das ſuas obras. Imprimio o livro intitulado, Anacephaleoſes, em que ſe contèm as acçoens dos Reys de Portugal, com effigies muy primoroſas dos Reys, obra que acreditou muyto as couſas deſte Reyno, & he bem celebre entre os eſtrangeyros, porque como he em bom Latim, a todas as naçoens ſe fizeraõ notorias as couſas dignas de memoria da noſſa naçaõ. Imprimio tambem na lingua Portugueza dous tomos ſobre o Anjo da Guarda. Faleceo ſantamente em Evora aos 12. de Julho de 1622.

Padre

B

PAdre *Bautista Fragozo*, natural da Alagoa no Bispado de Sylves na Freguesia de nossa Senhora da Luz, entrou na Companhia neste Santo Noviciado aos 9. de Janeyro de 1577. tendo 18. annos de idade; aqui teve tambem o terceyro anno. Ensinou Latins seis annos; muytos Theologia Moral em Evora, Lisboa, os mais em Braga. Foy Qualificador do Santo Officio, homem de costumes innocentes, de sabedoria admiravel; morreo em Braga aos tres de Outubro de 1639. com mais de 80. annos de idade; atè a ultima hora conservou seu perfeyto juizo, acabou com todos os Sacramẽtos, & actos de verdadeyro Filho da Companhia. Imprimio hum tomo do governo da Republica Christã para o foro externo, & interno. Outro para os Principes, & Prelados Ecclesiasticos de suas obrigaçoens, & jurisdiçoens. Terceyro tomo da economica entre pays, filhos, & domesticos: todas estas obras saõ muy estimadas no mundo.

Padre Bento Fernandes, natural da Villa de Borba no Arcebispado de Evora, aqui entrou sendo estudante da terceyra classe, a 20. de Janeyro de 1578. tendo 15. annos de idade: teve outro Irmaõ na Companhia do mesmo nome, que morreo martyr no Japaõ, como fica dito em sua vida: depois de estudar ensinou muytos annos as letras humanas, & Filosofia em Evora, deyxadas as Universidades se entregou todo ao bem espiritual do proximo, como fica referido em seu lugar; compòz tres tomos sobre o Genesis, que se imprimiraõ. Mais hum sobre o Euangelho de Saõ Lucas, que se guarda no Cartorio de Evora. Faleceo santamente na Casa de S. Roque aos 7. de Dezembro de 1630.

Padre Bento de Sequeyra, natural de Arronches no Bispado de Portalegre, aqui se alistou na milicia de Christo aos 12. de Março de 1602. tendo 16. annos de idade, & sendo estudante da quinta classe. A mayor parte de sua vida gastou nos ministerios da Companhia: governou os Collegios de Portalegre, Funchal, Santo Antaõ, & Coimbra; foy Provincial da Provincia de Alentejo, & depois Vice-Provincial da mesma. Tambem foy dos eleytos a Roma para a oytava Congregaçaõ geral. Era de genio amavel, & por isso bemquisto dos subditos. Imprimio varios Sermoens avulsos prègados em varias partes do Reyno. Tendo oytenta annos de idade faleceo em boa, & santa velhice no

no Collegio de Evora aos 20. de Junho de 1664.

Padre Bartholomeo Guerreyro, natural de Almodouvar no Campo de Ourique, aqui foy contado entre os discipulos de Christo aos 7. de Dezẽbro de 1578. com 18 annos de idade. Ensinou letras humanas em Evora, & foy Prefeyto da Universidade. Dezasete annos andou em Missoens por todo este Reyno, em que fez grandes frutos nas almas. Foy muy aceyto aos Serenissimos Duques de Bragança; por esta causa assistio muytos annos em Villaviçosa. Imprimio hum Sermaõ de S. Thomè. Huma oraçaõ funebre na morte do Duque Dom Theodosio II. A expediçam Portugueza para recuperar a Bahia. A Coroa dos Martyres da Companhia que morrèraõ neste Reyno, & suas Conquistas. Morreo finalmente cheyo de merecimentos na Casa Professa de S. Roque aos 24. de Abril de 1642.

Padre Braz Viegas, natural de Evora filho de Pedro Palha, & Violante Viegas, neste santo Noviciado entrou aos 15. de Fevereyro de 1569 tendo 16. annos de idade. Foy homem em tudo grande, particularmente na sciencia das Divinas letras. Ensinou muytos annos letras humanas, & soube com toda a perfeyçaõ as linguas Grega, & Latina; depois de ser Lente de Escritura no Collegio de Coimbra, & na Universidade de Evora, com fama de Mestre excellente, escreveo os Commentarios sobre o Apocalypse, muy louvados de todos os homens doutos, & particularmente do Sapientissimo Padre Francisco Soares Granatense; foram impressos depois da morte de seu Autor primeyramente em Evora no anno de 1601. depois em Colonia, Leaõ de França, Veneza, & outras partes. Deyxou algumas obras, como foraõ, sobre os Profetas menores, sobre Ezechiel, sobre a Epistola *ad Hebræos*. Hum tratado da Victoria do Messias; estas atè o presente se naõ imprimiram. Verteo em Portuguez as Meditaçoens do Padre Bruno, & se imprimiraõ Morreo no Collegio de Evora aos 22. de Agosto de 1599. deyxando a todos muy sentidos de sua morte, porque alèm de ser homem de raro engenho, facil, prompto, & prestes para tudo, era affabilissimo, & muy benigno. Foy orador, & Prègador excellente, singular poeta, Doutor em Theologia muy afamado. Com este grande cabedal de Sabedoria ajuntava huma innocencia de costumes admiravel, & amavel a todos; por isso de todos os bons foy sua morte sentida pelo detrimento, que com ella tinhaõ as sciencias, & virtudes, que de todas era espelho perfeytissimo.

Padre

D

P*Adre Diogo Antunes*, natural do Crato, entrou na Companhia em Evora aos 4. de Março de 1570. tendo 18. annos de idade. Passou à India no anno de 1579. Foy Coadjutor espiritual. Viveo em Macao. Escreveo, como tem a Bibliotheca da Companhia, as Annuas da Missaõ da China do anno de 1603.

Padre Diogo de Areda, o mais velho, porque ouve outro de que diremos, foy natural de Arrayolos, aqui entrou a 25. de Mayo de 1584. com 16. de idade, chamouse em o Noviciado Diogo da Sylveyra, depois mudou o sobrenome em Areda. Foy sua habilidade, quando entrou, avida por muy singular, & depois sendo discipulo, & Mestre, se vio, que as esperanças, que delle se tiveraõ, foraõ bem fundadas. Ensinou Filosofia em Santo Antam, & muytos annos Theologia em Coimbra com fama de grande letrado. Depois foy para S. Roque, aonde se occupou em confessar, & prègar com zelo incansavel.

O seu estudo em todo o genero de erudiçaõ assim nos livros Theologicos, Casuistas, Canonicos, & Legistas, como nos Escripturarios, Sãtos Padres, & Historicos, foy taõ cõtinuo, q̃ se pòde dizer delle, que viveo estudando. Admiravam-se todos de como podia acodir a tantas occupaçoens, por ser muy consultado de tribunaes Ecclesiasticos, & seculares, & innumeraveis pessoas particulares, que com os seus pareceres, por serem tam doutos, & seguros, se acquietavam em suas consciencias. Tudo supria com dormir poucas horas de noyte. Disse muytos annos continuadamente assim no Veraõ, como Inverno, a primeyra Missa.

Em S. Roque foy de grande credito à Companhia assim com suas prègaçoens, como com os seus pareceres; & de muyto proveyto à pobreza daquella casa, avendo boas esmolas de pessoas illustres. Alcançou por alguns annos cem mil reis de Moradias, assim mais todo o pao vermelho, & preto cõ que se guarneceo a tea da Igreja. Ouve esmolas com que se forrou de bordo a Capella de nosso Santo Padre Ignacio, & dourou o arco da Capella Mòr da Igreja; & outras esmolas de grande consideraçaõ, que se referem no Memorial da dita casa, a quem por sua morte deyxou huma boa, & copiosa livraria, dizendo que gostàra, fosse

ſe mayor, para lhe deyxar. Morreo ſantamente na Caſa de Saõ Roque aos 12. de Dezembro de 1641. com 73. annos de idade. Imprimio varios Sermoens avulſos, como o das exequias do Inquiſidor Geral Dom Fernaõ Martins Maſcarenhas: da profiſſaõ de Dona Franciſca de Lacerda: tres do lamentavel furto do Senhor de Santa Engracia, & outros.

Padre Diogo de Areda, ſobrinho do primeyro, & natural tambem de Arrayolos, aqui ſe entregou a Deos na Companhia aos 27. de Mayo de 1615. com 16. annos de idade. Acabados os eſtudos paſſou à India para ſe empregar na ſalvaçaõ das almas: porèm foy obrigado a enſinar Theologia em Goa por alguns annos. Era Confeſſor do Viſo-Rey, & por ſeu mandado veyo ao Reyno ſobre negocios de grande pezo, os quaes concluidos voltou para a India. Là foy Reytor do Collegio de Chaul, & companheyro do Padre Provincial.

Segunda vez foy obrigado a voltar a Portugal: queria terceyra vez emprender a navegaçaõ para a India, porèm julgouſe, q̃ nẽ ſeus annos, nẽ achaques permittiaõ emprẽder eſte trabalho, pelo que ficou no Reyno, aonde cobrando melhoria ſervio com bom nome: foy o primeyro Reytor do Collegio de Setuval: os mais annos gaſtou na Caſa de S. Roque, alli fez officio de doutrineyro, que he das occupaçoens de mais autoridade que ha na caſa; neſta occupaçaõ, & na de confeſſar, & prègar o alcançou a morte cheyo de boas obras, & merecimentos, aos 18. de Dezembro de 1671. com 72. de idade. Imprimio varios Sermoens avulſos, do Acto da Fè que prègou em Goa, de S. Thomè na Capella Real diante delRey Dom Joaõ o Quarto, das exequias do Sereniſſimo Senhor Dom Duarte Irmaõ del-Rey D. Joaõ, o qual prègou na Sé de Evora: a fóra eſtes imprimio outros, teve para os pulpitos ſingular talento.

Padre Diogo Lopes, natural da Villa de Bringel no Arcebiſpado de Evora, ſendo de 17. annos andando na primeyra claſſe de Lisboa, là foy aceyto para a Companhia, & veyo aqui a entrar aos 4. de Abril de 1608. Enſinou Filoſofia no Collegio de Santo Antam, & no de Coimbra, depois Theologia neſta Univerſidade, em que foy Lente de prima; & acabada ella, paſſou a ſer Lente de Eſcritura; tambem foy muytos annos Cancellario. Fez muytas, & varias Miſſoens pelo Reyno, prègava com grande zelo, & fervor. Morreo na caſa de S. Roque aos 10. de Agoſto de 1649. tendo 58. annos de idade. Imprimio a Harmonia da Eſcritura Sagrada.

Padre Diogo Monteyro, bem nomeado entre nòs por ſuas raras virtudes, naſceo na Freguefia de Noſſa Senhora da Graça, no termo da Cidade de Evora; neſte Noviciado ſe deo à Companhia aos 6. de Janeyro de 1577. tendo 15. annos, & oyto mezes de idade, foy homem de ſingulares virtudes, as quaes ficam ditas em ſua vida, & por iſſo aqui ſe nam repetem. Imprimio a Arte de orar. Depois em Roma lhe imprimio o Padre Nuno da Cunha, que fora ſeu Noviço, & companheyro ſendo Provincial, as Meditaçoens ſobre os Attributos Divinos, com a vida do meſmo Padre Monteyro. Faleceo no Collegio de Coimbra aos 27. de Mayo de 1634. Seus oſſos ſe guardam com eſpecial honra na Capella de Santo Antonio do meſmo Collegio.

E

PAdre *Eſtevam Cardeyra*, natural de Alvito, aos 18. de Dezembro de 1634. entrou neſte Noviciado. Depois neſta Univerſidade enſinou Latins, Filoſofia, & Theologia Moral; depois foy Lente de Eſcritura, & Doutor na Santa Theologia. Viveo muytos annos em o Collegio de Coimbra, & por mais de 14 foy Confeſſor da Communidade; era de converſaçaõ aprazivel, & agradavel: finalmente em boa velhice, em que já contava 74. annos, morreo em Evora a 9. de Março de 1694. tinha preparado para dar à imprenſa hum tomo de Sermoens.

Padre Eſtevam Fagundes, bem celebre por ſeus doutiſſimos livros, he hum dos grandes eſplendores deſte ſanto Noviciado, nelle ſe aliſtou na Companhia aos 13. de Janeyro de 1594. tendo 17. annos de idade. Sua patria era a muy nobre, & notavel Villa de Viana do Minho no Arcebiſpado de Braga; foy grande Religioſo, & leo muytos annos Moral, na qual faculdade foy eminente, como ſe vè de ſeus eſcritos. Faleceo em Lisboa na Caſa de S. Roque a 13. de Janeyro de 1645. contando 68. de idade. Imprimio ſobre o Quinqualogo, & ſe deo a luz em Leaõ de França, & Moguncia; depois imprimio huma Apologia para ſobſtabelecer a opiniaõ acerca dos ovos, & lacticinios no tẽpo da Quareſma, por ſer muy impugnada. Imprimio mais dous tomos ſobre o Decalogo. Outro de Juſtitia, & finalmente de Juſtitia, contractos de acquiſiçaõ, & tranſacçaõ do Dominio. Todas as ſuas obras ſaõ das que naquellas materias, & faculdades tem, & merecem nome grande.

Padre

F

PAdre *Fernam Guerreyro*, natural de Almodouvar no Cãpo de Ourique, tendo 17. annos de idade entrou neſte ſanto Noviciado aos 22. de Janeyro de 1567. Neſte Collegio fez os votos acabado o Noviciado: depois de eſtudar ſe occupou nos ſantos miniſterios de confeſſar, & prègar. Fez muytas Miſſoens pelo Reyno, & com grande fruto das almas. Governou os Collegios de Bragança, & da Madeyra, foy Viſitador dos Collegios das Ilhas. Ultimamente ſe retirou à Caſa de S. Roque, da qual foy Vice-prepoſito, & companheyro do Padre Provincial.

Tinha grandes deſejos de ver autorizada a noſſa Companhia, por eſta cauſa tomou à ſua conta fazer os compendios das cartas, que os noſſos Padres mandavam das Miſſoens, em que trabalhavam, como de Angola, Cabo-Verde, India, China, & Japaõ, & deſtes andaõ impreſſos muytos com o ſeu nome. Era actualmente Superior na caſa do mõte Olivete, quãdo lhe ſobreveyo hum prioriz tam rijo, que foy levado para a Caſa de S. Roque, alli ſe lhe applicàram todos os remedios ſem effeyto, recebeo os Sacramentos, & depois ſantamente deo a alma a ſeu Creador aos 28. de Setembro de 1617. tendo 67. de idade, & 50. de Companhia.

Padre Fernam Rebello, natural de Caria Biſpado de Lamego, entrou na Companhia em S. Roque aos 20. de Mayo de 1562. dalli em Outubro ſeguinte veyo para eſte Noviciado aonde cõtinuou. Neſta Univerſidade enſinou quatro annos Filoſofia, & depois dous annos em defeyto de Meſtre; foy Doutor na Theologia, q̃ enſinou doze annos, & oyto fez o officio de Cancellario: governou o Collegio do Porto. Em quanto foy Lente, nunca em ſeus argumentos ſe lhe ouvio palavra de menos ſofrimẽto, antes neſta materia foy conhecidamente tam manſo, que entre os Academicos era conhecido pelo nome de Job paciente. Nas mais virtudes foy Religioſo perfeyto, & tãto, q̃ parecia naõ ter nelle peccado Adam. Compòz das obrigaçoens de Juſtiça, Religiaõ, & Caridade; ſó a primeyra parte ſe imprimio em Leaõ de França, no meſmo anno, em que morreo; as outras, como lhe faltou ſeu Autor, ficàraõ eſcritas de mão, ſem ſe imprimir. Morreo no Collegio de Evora a 20. de Novembro de 1608.

Padre Francisco Aranha, natural de Arronches no Bispado de Portalegre, tendo quinze annos, aqui entrou aos 24. de Dezembro de 1618. ensinou seis annos humanidades, & Rhetorica. Nesta Universidade leo por nove annos Filosofia, & casos de consciencia. Foy Prefeyto dos estudos do Collegio de Coimbra, Reytor do Collegio de Elvas, no qual meteo a agua, que tem; era a obra tam difficultosa pelos lugares por onde passava, que só o Padre Aranha com a sua boa graça podia vencer as difficuldades, que nisso avia: alcançou elle dos Senhores da Camera, se lhe desse alguma agua da da Cidade; concedèramlhe, quanta pudesse correr pelo vam da circumferencia de hum vintem; aceytou o Padre a mercè, & correo por sua conta buscar o vintem, là achou hũ do tempo del-Rey Dom Sebastiaõ tam fermoso, que parecia hum tostaõ, apresentou-o com tam boa graça que alegrandose todos de tal vintem, por elle regulàram a agua, que lhe deram para o seu Collegio. Foy nelle a graça natural tam particular dom, que lhe naõ sahia palavra pela boca que naõ fosse aprazivel: costumava elle dizer: Eu naõ digo graças, digo com graça: & assim era: este lepor todo era sem offensa de alguem, porque de ninguem murmuraria. Inimicissimo da ociosidade, sendo jà velho pedia aos Superiores, lhe dessem praticas na Capella. Padeceo muyto de asma, & della veyo a morrer com doença apressada, mas andava elle bem preparado, como quem sabia, que o seu achaque he, dos que metem a morte em casa, quãdo menos se cuyda. Faleceo a 16. de Mayo de 1677. neste Collegio de Evora. Imprimio hum Commentario de Virgilio, huma prègaçaõ de preces pelo successo das armas Portuguezas. Huma serie dos Reys Portuguezes, com suas patrias, idades, & mortes. Escreveo mais o sitio, & restauraçaõ da Cidade de Evora, a qual obra se naõ imprimio; està applicada ao cubiculo do Padre Ministro do Collegio de Evora, onde se conserva.

Padre Francisco Barreto, natural de Monte-mòr o novo no Arcebispado de Evora, tendo quatorze annos, & meyo de idade entrou aqui na Companhia aos 22. de Abril de 1614. No fim dos seus estudos conseguio ser Missionario da India, em Goa leo Filosofia, & Theologia. Governou os Collegios de Coulam, & de Cochim. A Provincia do Malabar o elegeo por seu Procurador a Roma; estando là assistio à oytava, & nona Congregaçaõ Geral. Voltando para a India foy Provincial da Provincia do Malabar, & depois Visitador, & tambem da de Goa. Sempre

mostrou grande prudencia,& a tinha especial para os governos; alèm de muy observante,era naturalmente brando, & pacato; dotes,que o faziam amado, & respeytado. Nos ultimos annos foy designado Bispo de Cochim, & Arcebispo de Cranganor; porèm a morte,que tudo diverte,o desviou destes cargos, foy ella em Goa a 26. de Outubro de 1663. Estando em Roma imprimio em lingua Italiana huma relaçaõ das Missoens,& Christandades da sua Provincia no anno de 1645.

Padre Francisco Freyre, natural da notavel Villa de Estremòs no Arcebispado de Evora, tendo 14. annos de idade entrou neste santo Noviciado aos 25. de Janeyro de 1611. Em Evora estudou latins, & Filosofia, depois ensinou Latim dous annos em Coimbra, nestes compòz sinco livros dos Symbolos dos Heroes mais celebres, estes se guardam em Roma. Por ser homẽ de singular engenho foy mandado a Roma estudar Theologia, neste tempo presidia tambem aos estudos do Collegio Germanico;explicava aos Seminaristas as controversias da Fè. Neste mesmo tempo compòz o Officio de Santa Isabel Rainha de Portugal,& dous livros da vida,& milagres da mesma Santa, em Latim, & Portuguez com nome de hum seu Irmaõ chamado Braz de Pina Freyre. Compòz mais das excellencias, & grandeza do Imperio da Casa de Austria. Outro tomilho das Musas Christans,mas em prosa.

Voltãdo para Portugal no terceyro anno de Noviço,escreveo hũ livrinho da Arte de bẽ morrer. Depois ensinou Filosofia em Evora,da qual faculdade compoz hum volume em que a resumio, & o deyxou capaz da imprensa. Leo Theologia Moral muytos annos com grande opiniam, & com a mesma prègava; porque a tudo abrangia a sua esfera. Nas confissoens assistia em quanto avia penitentes. Nestes tempos hia juntamente compondo huma Catena Aurea sobre os 4. livros dos Reys, obra que se interrompeo com a sua morte, a qual foy aos 16. de Agosto de 1644 no Collegio de Santo Antam,em que era lente de Moral: nesta faculdade era homem tam completo, & nos direytos,que homens letrados, insignes Juristas, & Canonistas, consultãdo-o se admiravaõ,de que naquellas faculdades,que naõ eram da sua profissaõ, fosse tam eminente, como o era nas que professàra toda a vida. A' instancia de Dom Francisco de Mello Marquez de Ferreyra compòz huma Apologia da justiça, & direyto,que tinha a este Reyno a Real Casa de Bragança, esta se imprimio em Amsterdam no anno de 1642.

Padre Francisco de Gouvea, natural de Lisboa, entrou na Companhia em Coimbra aos 15. de Fevereyro de 1556. veyo para este Noviciado, nelle continuou, & acabou: andando os tẽpos foy o primeyro Lente de Moral da segunda cadeyra desta Universidade, tendo 98. annos de idade morreo na Casa de Saõ Roque aos 17. de Novembro de 1638. Homem em tudo completo, & porque a sua vida fica escrita entre as dos Mestres dos Noviços, só me resta dizer, que compôz hum tratado, que chamou Antinavarro, & por causa delle o celebre Doutor Navarro retractou muytas das suas opinioens.

Padre Francisco Leytam, natural da notavel Villa de Castello da Vide no Bispado de Portalegre, entrou aqui na Companhia aos 20. de Novembro de 1647. tendo 16. annos de idade. Nesta Universidade estudou as sciencias, & as ensinou todas, Latins, & Rhetorica, Filosofia, Theologia Moral, & especulativa, em que se formou Doutor. Sendo Lente de Vespora foy mandado ser Revisor da Companhia em Roma, & nesta occupaçaõ assistio mais de vinte annos: antes de ir cõpôz, & imprimio em vulgar hum livro espiritual, que se intitula, Remedio de peccadores. Em Roma compôz, & imprimio alguns, como saõ Judeo Convicto; outro com titulo de Clypeo da dignidade Pontifical, & outro com titulo de Synopse da Igreja militante. Mais hum da Conceyçam da Senhora, & outro da opiniaõ provavel. Estes dous ficáram por imprimir. Morreo em Roma aos 11. de Setembro de 1705. quasi no mesmo dia, em que no Reyno o elegeram por primeyro substituto para là assistir na Congregaçaõ, em caso, que faltasse algum. Foy homem de grande bondade, & de costumes sinceros, sem genero algum de engano, nem refolho.

Padre Francisco Salgueyro, natural de Tangere em Africa, entrou na Companhia neste Noviciado aos 12. de Julho de 1676. ensinou Humanidades, & Rhetorica em Angra, & as mesmas em Evora, onde foy Mestre da primeyra. Depois ensinou Filosofia em Coimbra. Leo casos na Universidade de Evora, & alguns annos Escritura, alli tomou o grao de Doutor em Theologia; & lè agora a cadeyra de Noa. Imprimio em Evora hum Sermaõ, que prègou nas exequias, que a Sè fez a elRey Dom Pedro o Segundo.

Padre Francisco Valente, natural de Lisboa, aqui entrou aos 13. de Janeyro de 1594 Seis annos ensinou letras humanas, quatro Filosofia, cinco Theologia, outros tantos foy Revisor em

Roma.

Roma. Foy Reytor dos Collegios de Angra, Braga, & duas vezes Preposito da Casa de S. Roque, onde faleceo em santa velhice aos 23. de Novembro de 1662. Teve grande zelo da observancia Religiosa, & foy muy douto em nosso instituto. Compòz a Cõcordia do direyto Canonico, & Civil, & da Theologia entre si. Imprimiose em Pariz no anno de 1654.

G

PAdre *Gabriel de Mattos*, natural da Vidigueyra no Arcebispado de Evora, entrou na Companhia neste Noviciado ao 1 de Dezembro de 1587. com 16. annos de idade. Pouco depois de acabado o tempo de noviço, pedio, & alcançou ir para a India; & tendo estudado em Goa, passou a Japam, aonde trabalhou fervorosamente até o anno de 1617. em que foy mãdado por Procurador a Roma. Accendeo nesta Provincia tanto amor das Missoens com suas praticas, & cartas, que só no Collegio de Coimbra, consta se lhe offerecèram atè setenta de todos os estados para a Missaõ de Japaõ: mas os Superiores por naõ despovoar a Provincia de todos os que pediam, só lhe concedèram doze; com estes se embarcou, & chegàram todos com vida a Goa; depois passou a Macao, naõ se diz se entrou em Japaõ, ou se ficou naquelle Collegio, que elle jà tinha governado; porèm se navegou ao Japaõ, voltou sem duvida outra vez a Macao, porque alli acabou sua santa vida aos 9 de Janeyro de 1633. Escreveo duas cartas Annuas dos progressos das Christandades de Japaõ, a primeyra do anno de 1603. a segunda do anno de 1613. Foy professo de quatro votos.

Padre Gaspar Cardozo, natural de Fronteyra no Bispado de Elvas, aqui entrou aos 23. de Dezembro de 1577. com quasi 18. annos de idade. Fez profissaõ solemne de tres votos. Ensinou muytos annos Latim, era homem edificativo, & operario, por esta causa o Arcebispo Dom Theotonio, quando visitava o Arcebispado, o levava comsigo. Foy Reytor do Collegio da Ilha da Madeyra, & Procurador Geral desta Provincia em Madrid: era homem de sinceridade columbina, o genio em tudo aureo, amigo das cousas de Deos, & da oraçaõ. Compòz hum livro de Meditaçoens para todos os dias do anno. Tambẽ póz em ordem o Calendario Romano para a reza do Officio Divino, & para celebrar a Missa, & o fez perpetuo para o uso das

casas,

casas,& Collegios da Companhia. Finalmente veyo a morrer em Evora a 23. de Setembro de 1638. com quasi 80. annos de idade.

Padre Gaspar Correa, natural de Olivença no Bispado de Elvas,entrou neste Noviciado aos 2. de Mayo de 598. tendo 15. annos de idade, foy homem de virtude, & muy zeloso do bem cómum deste Reyno, por esta causa teve muyto que padecer no tempo de Filippe Quarto,o qual o mandou ir a Madrid,mas achando-se,que naõ avia porque se lhe dar vexaçaõ algũa, voltou para o Reyno,& no Collegio de Evora viveo,& morreo em boa,& santa velhice com mais de 70. annos aos 30. de Mayo de 1654 Foy muy devoto das almas, & para despertar os Fieis a que as favorecessem com suffragios,deyxou apto para a imprẽsa hum tratado das penas, que padecem, o qual se conserva no Cartorio do Collegio de Evora.

Padre Gaspar Fernandes, natural da Cidade de Beja, aqui foy admittido na Companhia a 31. de Janeyro de 1602. Acabados os seus estados ensinou por oyto annos letras humanas, & Rhetorica. Por alguns annos foy Prefeyto desta Universidade, Doutor Theologo, & Lente de Escritura: no talento para os pulpitos foy excellente, & por isso Prègador dos Serenissimos Duques de Bragança, os quaes lhe quizeram imprimir os seus Sermoens; a isto respondeo o Padre Gaspar Fernandes dizendo ao Serenissimo Duque, que se avia sua Excellencia de mandar tambem imprimir o talento, com que os representava, porque sem este se imprimir,nam avia porque tratar dos Sermoens: cõ esta cortez reposta declinou a honra,que se lhe fazia. O seu espirito era Apostolico, fez muytas Missoens pelo Reyno com grande fruto de seus trabalhos. Indo prègar a Beja sua patria lá o levou Deos para si aos 22. de Junho de 1640. pouco antes da ditosa acclamaçaõ do Serenissimo Rey Dom Joaõ o Quarto, que sempre fez todo o caso deste seu Prègador. Deyxou quando morreo jà aptos para se darẽ à imprensa doze tomos de prègações. Foy successor na cadeyra de Escritura do Sapientissimo P.Francisco de Mendõça,& determinou continuar os Cõmentarios,que elle deyxou interruptos sobre os livros dos Reys;começou este seu pensamento pelo Sceptro de David; este deyxou composto quando morreo; a Universidade de Evora lho imprimio no anno de 1685. Averia jà muytos annos se teria dado a luz senaõ morrèra o grande Padre Antonio Mascarenhas,Mecenas de todos os homens letrados da Companhia do seu tempo,

po, o qual tinha jà dispostos os gastos da impressa, que em Portugal saõ as mayores difficuldades, & desejava grandemente, que se continuasse a obra do Padre Mendoça, que he das mais illustres, que tem sahido a luz sobre as santas Escrituras.

Padre Gaspar Luis, natural de Portel no Arcebispado de Evora, entrou neste Noviciado a 15. de Mayo de 1602. Leo Rhetorica em Lisboa, & depois na Universidade de Evora: pedio a Missaõ da India, para ella se embarcou em companhia do Padre Gabriel de Matos. Navegou a Japaõ, aonde trabalhou na conversaõ das almas por muytos annos, foy Vice-Provincial dos mais Religiosos da Companhia de Japaõ; depois sendo necessario para os negocios da sua Provincia vir a Goa, nesta Cidade lhe deo Deos o premio de seus trabalhos levando-o para si. Escreveo varias cartas Annuas, huma da Provincia de Goa do anno de 1619. outra das Missoens de Cochinchina de 1621. outra do Japaõ de 1624. as quaes depois se imprimiram.

H

P*Adre Jeronymo Alveres*, natural da Cidade de Evora, entrou aos 15. de Fevereyro de 1578. Nesta Universidade veyo a ensinar Filosofia, nella se formou de Doutor, & foy Lẽte de Escritura. Tudo, o que pude aver de suas virtudes, jà fica dito, quando tratamos dos Mestres de Noviços. Morreo em Evora aos 20. de Janeyro de 1624. Deo à imprensa a vida do nosso Beato Luis Gonzaga, que vertera em lingua Portugueza.

I

P*Adre Ignacio de Carvalho*, nasceo em Monte-mòr o Novo no Arcebispado de Evora, aqui foy recebido na Companhia aos 24. de Dezembro de 1651. tendo 15. annos de idade, andando no primeyro Curso. Nesta Universidade estudou, ensinou em Lisboa as letras humanas com nome de excellente nesta faculdade, como na verdade o era, alli defendeo conclusoens humanistas com singular esplendor; depois ensinou Rhetorica em Evora, & Filosofia, & ultimamente tomou o grao de Doutor em Theologia, & foy Lente de Escritura. Todas as obras do seu engenho foram tidas, & avidas por singulares,

res,os ſeus poemas,& oraçoens elegantiſſimas,as ſuas poſtillas, ou de Filoſofia,ou de Eſcritura tam conſũmadas,como as que o ſam. Nos coſtumes foy verdadeyro Religioſo da Companhia. No anno de 1682. avendo neſte Collegio humas febres malignas,que parecèram ramo de contagio,ſe lhe pegàram; logo que ſe ſentio cõ doença ſe preparou para a morte, & o fez tam ſem ſoſobro, como ſe ſe preparaſſe para alguma jornada muyto de ſeu goſto:os actos que neſta occaſiaõ fez,todos foram exemplariſſimos,& lembra-me, que naquelle tempo ſe contavam neſte Collegio por couſa de grande edificaçaõ,Religiaõ, & deſapego deſta vida temporal. Faleceo com morte de juſto aos 13. de Dezembro de 1682. Compendiou a Logica Conimbricenſe, que imprimio à ſua cuſta a Univerſidade de Evora, de que hoje ſe uſa vulgarmente em os noſſos eſtudos.

Padre Joaõ Coutinho, natural do Pombal no Biſpado de Coimbra,entrou em o Noviciado de Lisboa aos 7. de Setembro de 1660. aqui foy algum tempo Noviço: compòz, & imprimio tres tomos de diſcurſos predicatorios, que intitulou, *Stromas predicaveis*. Foy Reytor do Collegio de Setuval, & Inſtructor dos Padres do terceyro anno. Faleceo em Coimbra aos 24. de Abril de 1709.

Padre Joaõ da Fonſeca, natural de Viana de Alentejo,entrou aqui na Companhia aos 19. de Janeyro de 1649. Tudo o que ſabemos de ſuas occupaçoens,& virtudes, que foram de varam todo de Deos,& muy eſclarecido em ſantidade, fica dito em ſua vida,& nam ha porque repetir;là ſe podem ler. Agora ſó digamos dos livros que compòz,todos eſpirituaes como ſeu Autor. Imprimio os livros ſeguintes: Norte eſpiritual da vida Chriſtã. Inſtrucçam eſpiritual para antes,& depois da Sagrada Cõmunham. Eſcola de doutrina Chriſtã. Eſpelho de penitentes. Guia de enfermos, & moribundos. Sylva Moral, & hiſtorica. Alivio de queyxoſos. Antidoto da alma. Satisfaçam de aggravos, & confuſam de vingativos; eſte foy o ultimo que deo à imprenſa: deyxou manuſcritos outra Sylva Moral, & hiſtorica pelo teor da que ſe imprimio: mais humas Meditaçoens dos Exercicios de noſſo Santo Patriarca. Morreo como homem juſto no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa ao 1. de Outubro de 1701. Perguntandoſelhe huma vez,como podia eſcrever tantos livrinhos, q̃ eſte he o nome,com q̃ elle chamava aos ſeus, reſpondeo: Padre,fazemos iſto, fallando pouco,dormindo pouco, eſcrevendo pouco: ſignificando neſta ultima palavra as poucas cartas,

que

que eſcrevia, empregando a ſua penna ſó em eſcrituras ſantas, & que foſſem de utilidade ás almas, & aos pobres, a quem dava algum lucro, que dos ſeus livrinhos lhe vinha, como fica dito mais miudamente em ſua vida.

L

PAdre *Luis Cardeyra*, que padeceo martyrio em Ethiopia, natural da Fregueſia de N. Senhora das Neves no termo da Cidade de Beja, he hũa das mayores glorias deſte ſãto Noviciado, nelle entrou aos 25 de Dezẽbro de 1600. cõ 15. de idade, paſſou a Ethiopia, aõde morreo por Chriſto aos 12. de Abril de 1640. Tudo o q̃ toca à ſua ſãta vida, & morte glorioſa, fica referido em ſeu lugar, o que aqui pertence ſaõ as couſas, que cõpòz, vẽ ellas a ſer: O Calendario das feſtas mudaveis cõforme o cõputo do anno Ethiopico accõmodado ao Romano, na lingua Ethiopica mais vulgar. Na lingua Amarinà, que he na Ethiopia a da Corte, cõpòz hũa informaçaõ, & inſtrucçaõ do jejum Eccleſiaſtico. Em companhia do Padre Luis de Azevedo verteo o teſtamento novo na meſma lingua da Corte.

Padre Doutor Luis Cardeyra, natural de Alvito neſte Arcebiſpado ſegundo o livro das entradas, mas quanto me lembra lhe ouvi dizer, que elle naſcèra nas Olivelas, que he huma pequena aldea nam muy diſtante da Villa de Alvito; aqui entrou na Companhia aos 13. de Março de 1633. tendo 16. para 17. annos de idade, andando na primeyra deſta Univerſidade. O ſeu engenho foy feliciſſimo, o talento para o pulpito muy ſingular. Teve grande amor à Companhia: occaſiam ouve em que hum Religioſo entre os ſeus autorizado, o convidou com grandes partidos, para que ſe paſſaſſe para a ſua Religiam; ſentia elle aver naquella occaſiaõ alguns deſgoſtos no Padre Cardeyra, & por iſſo julgava ſer accõmodada para aquelle emprego, em que a ſua Religiaõ teria cõ tal ſugeyto grãdes lucros. Porèm o Padre Cardeyra eſteve tam fóra de ſemelhante penſamento, que lhe eſtranhou graviſſimamente tomar para com elle tal confiança, dizendo que mais eſtimava andar na Companhia debayxo dos pès de todos, que em outras Religioens ſobre as cabeças.

Huma couſa lhe ſuccedeo, em que ſe deyxa ver o cuydado, que Deos tem dos ſeus: acabàra elle de fazer huma prègaçaõ com notavel applauſo, entre outros, que no fim della ſe achàram

a darlhe o parabem, eſtava hum homem, que moſtrava ſer lavrador; eſte querendo ter parte nas glorias da funçam preſente, diſſe, tivera eſpecial goſto de o ouvir, por ſer elle, o que em menino o tinha bautizado, por aſſim ſer neceſſario logo que naſceo. Entrou o Padre em eſcrupulo, & o começou a examinar, de como proferira as palavras do Sacramento, & o mais que fizera: o homem como tendo pejo, ſe começou a meter no eſcuro: examinado bem o ponto achou o Padre Cardeyra, que atè àquelle tempo, ou naõ eſtava bautizado, ou que tinha diſſo todas as preſunçoens, que baſtavam para iterar os Sacramentos, que tinha recebido; como em verdade aſſim o fez, tornando-ſe a bautizar na fórma que em caſos de duvida ſe coſtuma: eſte acontecimento lhe ouvi eu referir a elle meſmo, & o contava por favor de Deos.

Enſinou o Padre Cardeyra Theologia Moral em Evora, ſem ter lido Filoſofia; depois foy Lente de Eſcritura na meſma Univerſidade, Decano de Theologia em Coimbra; governou a caſa profeſſa de Villa-viçoſa, & o Collegio de Santarem. Morreo no Collegio de Evora aos 28. de Julho de 1684. com 68. de idade. Ao officio, & honras da ſepultura concorrèram muytos Conegos, & hum em eſpecial, que eſtimava ſingularmente ao Padre Cardeyra, & fora ſeu intimo amigo, tomou à ſua conta celebrarlhe o officio com a muſica da Sè, & peſſoas de fóra, o que ſe fez com grandes moſtras da ſua amizade, & eſtimaçam que fazia deſte Padre, como de homem grande; & na verdade elle o foy nas letras, & predica. Imprimio ſendo Lente de Eſcritura hum Sermaõ da Soledad da Senhora prègado na Miſericordia de Evora. Depois de ſua morte ſe imprimio hum pequeno tomo com alguns Sermoens ſeus, dos quaes nem todos ſahiram a luz com a valentia, que ſeu Autor lhes dava; porque como eſtavam muy riſcados, & a letra era pouco legivel, outra maõ ſe meteo a ſuprir eſtas faltas, que nunca podia de todo ajuſtar as couſas, como o faria o P. Cardeyra; mas ainda aſſim ſe julgou era bem ſe imprimiſſe, para que pelo menos ficaſſem algũs veſtigios de tam ſingular Prègador.

Padre Dom Luis de Cerqueyra, natural da Villa de Alvito no Arcebiſpado de Evora, filho de Pedro de Cerqueyra, & Antonia Souda, tendo quatorze annos, & meyo de idade entrou neſte ſanto Noviciado aos 14. de Julho de 1566. depois chegou atè Doutor, & Lente de Theologia neſta Univerſidade; foy eleyto Biſpo do Japam, que eſtes Biſpados, que ſó tẽ por rendas muy-

tos

tos trabalhos, ſaõ os que aceyta a Companhia: paſſou a Japam, là morreo ſantamente em Nangaſaqui aos 15. de Fevereyro de 1614. com 62. de idade, 48. de Companhia, 20. de Biſpo, 16. de aſſiſtencia no Japam. O mais que toca a ſuas virtudes, fica dito na ſua vida. Eſcreveo as mortes de ſeis glorioſos Martyres do Japam do anno de 1604 & dous no anno de 1605. Huma carta hiſtorica das couſas de Japam para o Reverendo Padre Claudio Aquaviva. Manual de caſos de conſciencia. Outro da adminiſtraçam dos Sacramentos para o uſo dos Parochos de Japam.

Padre Luis Fernandes, natural de Lisboa entrou aqui na Cõpanhia aos 29. de Mayo de 1580. tendo de idade trinta annos pouco mais, ou menos. Nos dias, em que entráram na Companhia, me vou ſempre ajuſtando com os livros do Noviciado, que tenho diante de mim, & ſaõ neſtas materias os textos mais ſeguros, porque em outros livros impreſſos acho às vezes diſcrepãcias, que ſe eſcuſaõ com erros de imprenſas, & equivocações, que a quem eſcreve, ſuccedem muytas vezes em couſas miudas, & principalmente em cifras de algariſmo. Era jà Sacerdote, & Meſtre em Artes, levado do deſejo de ſalvar almas, pedio, & alcançou a Miſſaõ da India, & para ella partio: là foy obrigado à ſer Reytor do Collegio de Baçaim; mas para fugir de ſemelhãtes governos, que naõ eraõ a droga, que fora buſcar na India, agenceou a Miſſaõ das Ilhas Malucas; nellas teve ainda mayor penſaõ, que aquella de que fugira, porque foy conſtrangido a ſer Superior de todos os da Companhia, que reſidiam naquellas Ilhas. Alli trabalhava, quanto podiam as ſuas forças, quando no anno de 1609. foy Deos ſervido de o levar a gozar na gloria o premio de ſeus trabalhos, tẽdo quaſi trinta annos de Cõpanhia. Eſcreveo a carta annua de 1603. das Ilhas Malucas em q̃ faleceo.

Padre Luis Figueyra, natural de Almodouvar no campo de Ourique, neſte Noviciado foy admittido na Companhia aos 22 de Janeyro de 1592. tendo 17. annos de idade. Sendo jà Religioſo ſe embarcou para o Braſil com o deſejo de ſalvar as almas, que alli careciaõ da verdadeyra luz. Naquella regiaõ elle com o Padre Franciſco Pinto entráraõ pelos matos a prègar aos Tapuyas, gente tam inhumana, que ſe alimentava do mantimẽto, que mais aborrece a noſſa natureza, qual he o da carne humana: padecèraõ muyto atè chegar ao termo da ſua jornada, gaſtado o calçado faziaõ o caminho a pè deſcalço, o ſuſtẽto eraõ as frutas das arvores agreſtes: o fim deſta Miſſaõ foy, q̃ os Bar-

baros tirâram a vida ao Padre Francifco Pinto. Efcapou da morte o Padre Luis Figueyra, para gaftar o reftante da vida, como gaftou na cultura das almas. Governou o Collegio de Pernambuco; depois o mandàraõ por Superior das Miffoens do Maranhaõ: daquelle Eftado veyo a Portugal a convidar Miffionarios, & os achou muy efcolhidos. Com quinze voltou para a fua Miffaõ, dos quaes dous morrèraõ na viagem; mas chegando a nao a huma Ilha na foz do grande rio das Amazonas, fez naufragio; & os que delle efcapàraõ, foraõ comidos pelos Barbaros. Succedeo efta calamidade no principio do mez de Julho de 1643. Compòz o Padre Luis Figueyra huma Arte da Lingua Brafilica, que fe imprimio em Lisboa, & foy muy util para todos os que de novo entram nas Miffoens do Brafil.

M

PAdre *Manoel Dias*, nafceo na Villa de Alpalham no Bifpado de Portalegre: aos 30. de Dezembro de 1576. contando 16. annos de idade foy admittido à Cõpanhia nefte fanto Noviciado. Navegou para a India a falvar almas no anno de 1585. fofreo grandes miferias em o naufragio, que teve a nao entre a Ilha de S. Lourenço, & as coftas de Sofala: & faindo a terra em companhia do Padre Pedro Martins Bifpo do Japam, tambem da noffa Companhia, foy cativo dos Barbaros, em cujo poder eftiveraõ alguns tempos padecendo, quanto em poucas palavras fe naõ póde dizer: o naufragio entre os celebres, que que tem avido na viagem da India, anda efcrito por varios efcritores.

Na India fe ordenou de Miffa, & foy Superior da Refidencia de Taná, & Chaul, & depois companheyro do Apoftolico Varam, & muy celebre Vifitador da Companhia na India, & Japaõ o Padre Alexandre Valignano. Paffou depois o Padre Manoel Dias para a Provincia de Japaõ. Duas vezes foy Reytor do Collegio de Macao. Refidio muytos annos dentro na China, trabalhãdo na falvaçaõ das almas na grande Cidade de Nanquim: por duas vezes foy Vifitador de todos os da Cõpanhia, que eftavaõ no Imperio da China. Jà o Padre Manoel Dias fe achava no ultimo quartel da vida, quando a obediencia lhe mandou foffe Vifitador de Japaõ, & China; nefta occupaçaõ o alcãçou a morte na Cidade, & Collegio de Macao aos 20. de Julho de

de 1639. com 79. de idade, tendo grandes merecimentos assim pelo zelo, com que trabalhou nas Missoens, como pelo muyto, que servio a Deos, & à Companhia nos governos, em que o occupàram; teve para elles grandes talentos, por ser muy affavel, & generoso, sem abafar ainda nas mayores difficuldades. Escreveo duas cartas Annuas com as noticias das Missoens da China dos annos de 1618. & 1625.

Padre Manoel Dias, sobrinho deste que fica assima, tambem natural de Alpalham, entrou na Companhia neste Noviciado aos 19. de Janeyro de 1608. tendo 17. annos de idade, & jà acabados os estudos de Filosofia. Hia no sexto anno de Companhia quando desejoso de imitar a seu tio na empresa das Missoens, as pertendeo, & foy para a Provincia do Malabar. Là ensinou Filosofia, & Theologia, & foy Reytor do Collegio de Cochim. Alèm de outras sciencias, em que este Padre foy grande Mestre, tambem o foy nas Mathematicas. Observou estãdo em Cochim o Cometa de 1618. & fez hum tratado contra os que julgam, que os Cometas saõ sublunares, & elementares: o mais de sua vida fica dito em seu lugar.

Padre Manoel Fialho, natural da Cidade de Evora, entrou neste Noviciado aos 15. de Julho de 1659. com 13. annos de idade, por engano, como succede ás vezes; foy continuar o Noviciado a Lisboa, depois veyo fazer aqui os seus votos. Por sua boa industria, & serviço, que nisso fez grande à Religiaõ, pòz corrente a alagoa do Collegio de Faro, que he hum paùl, que estava inutil, alagado, sem vasaõ alguma, & agora he a principal fazenda daquelle Collegio. Tem composto hũa obra que intitulou, *Evora illustrada*, em quatro volumes comprehende tudo, o que se pòde dizer desta Cidade, obra chea de infinitas noticias, & muy honrosa naõ só para a Cidade, mas para o Reyno, & para todas as Religioens, que tem casas em Evora. Do nosso Collegio compòz hum dos quatro tomos, em que abraça tudo o que delle, & de suas cousas pode ajuntar: ainda hoje em 1705. anda com esta obra entre mãos, acrecentando as cousas, que de novo vam apparecendo. Tambem fez em Latim hum compendio dos seus quatro volumes.

Padre Manoel de Goes, natural de Portel no Arcebispado de Evora, a 31 de Agosto de 1560. foy admittido na Companhia neste santo Noviciado, tendo 18. annos de idade. Era menino de doze annos, quando levado com o desejo de estudar, fugio da casa de seu pay para Castella; là estudou quatro annos Latim, &

Rhetorica,& dous Filosofia. Voltãdo depois a casa de seus pays, estes o mandàram estudar em Evora, aonde pertendeo a Companhia,& nella foy recebido. Aperfeyçoouse nos latins, & depois os ensinou por 8. annos; soube as letras humanas com todo o primor,& na lingua Latina foy dos homens mais cheyos, que teve a Companhia,como se deyxa ver das suas obras. E dizem que o nosso P. Pedro Maffeo, q̃ compòz a Historia da India,quando veyo de Italia a Portugal chamado por ElRey D. Henrique, & teve conhecimento da grande eloquencia do Padre Manoel de Goes,dissera,que avendo cà tal homem,era escusado meterem-no a elle naquella obra. Foy o Padre Goes eminente tambẽ nas mais sciencias,que estudou. Dez annos ensinou Filosofia,com opiniaõ de excellente Mestre, acodindo nas suas faculdades a qualquer aperto repentino tam plenamente, como se estivera preparado de muytos tempos. Com esta sabedoria ajuntou outra mais elevada, que he a do estudo das virtudes, a que se entregou de veras; homem de costumes inculpaveis, & em todas suas acções Religioso muy ajustado. Faleceo no Collegio de Coimbra aos 13. de Fevereyro de 1593 com 51. de idade. Escreveo o P. Manoel de Goes a principal parte do Curso Conimbricense; sobre os livros dos Fisicos de Aristoteles, sobre os livros dos Ceos,dos Meteoros, & Ethicos: estes se imprimiram sendo elle vivo. Deyxou para se imprimirem os livros da Alma,& os de Geraçaõ,& Corrupçaõ,que depois sahiram a luz com applauso geral de todos os Sabios de Europa: nelles veneraõ as Universidades naõ só o selecto, & seguro de suas resoluçoens,mas a torrente de eloquencia,que parece de hum daquelles antigos,& mais excellentes Pays,& Mestres da lingua Latina. Foy este Padre Irmaõ inteyro do Irmaõ Gaspar de Goes,que na viagem do Brasil foy martyrizado em companhia do Padre Pedro dias.

Padre Manoel Martins, natural de Alvito no Arcebispado de Evora, foy aqui Noviço, entrou aos 25. de Março de 1615. tendo 17. annos de idade. Acabado o Noviciado estudou;& depois sendo Mestre de Latim pedio fervorosamente, & alcançou a Missaõ da India; para ella navegou no anno de 1624.destinado para a Provincia do Malabar: sua vida fica escrita. Escreveo este grande Missionario na lingua Tamul para uso dos seus Christãos os Opusculos seguintes. Meditações muy devotas. Hum Dialogo entre hum Christaõ,& hum Gentio. Hum tratado do Mysterio da Santissima Trindade. Ramalhete de flores espirituaes.

tuaes. Collar de margaritas espirituaes. Do desprezo do mundo. Varias vidas de Santas. Verteo a Cartilha de Bellarmino, & a do P. Mestre Ignacio. Hum Espelho de exemplos: todas estas obras deyxou acabadas, outras ficàraõ imperfeytas. Tudo o que fica escrito se refere na Bibliotheca da Companhia: que o recolheo da narraçaõ, que destas cousas imprimio em Roma o P. Jacintho de Magistris Procurador da Provincia do Malabar.

Padre Manoel Monteyro, natural da Villa de Monforte no Bispado de Elvas, tinha 18. annos, & meyo, quando entrou neste Noviciado aos 2. de Fevereyro de 1617. Applicouse ao estudo das linguas, sete annos ensinou Grego, & Hebreo em Coimbra. Governou sendo Reytor os Collegios de Angra, S. Patricio, & o de Santarẽ; foy Preposito da casa de S. Roque, & ultimamente Provincial. Em tudo se ouve sempre como Religioso de virtude, amigo de Deos, & inimigo da ociosidade: ainda depois de ter sido Provincial, & padecendo muyto de achaques, especialmente de lançar sangue pelos olhos, prègava frequentemente; & se algũa vez o P. Ministro na repartiçaõ dos Sermoens se fazia esquecido delle, attendendo às razoens, que nelle concorriam para ter qualquer izençaõ no trabalho, o sentia muyto, & com huma santa importunaçaõ o obrigava a lhe dar Sermoens. Ajũtou huma boa livraria, que em vida mandou para o Collegio de Portalegre. Morreo santamente em S. Roque aos 18. de Julho de 1680. com mais de 80. annos de idade. Imprimio dous tomos de Meditações. Outro com titulo de zelo da Fè, & Concordia contra a cegueyra dos gentios. Elogios cõpendiosos de S. Ignacio, S. Francisco Xavier, & Padre Joseph de Anchieta. Trazia entre mãos, quando morreo, os Elogios dos homens de virtude desta Provincia pelos dias do anno, à imitaçaõ do Padre Nadasi: este manuscrito se conserva na Casa de S. Roque, & de là mo emprestou o P. Preposito Miguel Dias.

P. Manoel de Morais, natural de Portel Arcebispado de Evora, entrou neste Noviciado aos 6. de Novẽbro de 1630. com 20. annos de idade. Foy Reytor do Collegio de Portalegre, pay dos prezos em S. Roque. Sendo jà muyto velho, & falto de vista sempre dizia Missa na Capella interior do Collegio, & foy muy devoto deste Sacro-santo Mysterio: era este P. irmaõ de hum Cavalheyro, que fundou o Convento dos Capuchos da Villa de Moura. Faleceo no Collegio de Evora aos 27. de Agosto de 1683. Teve estreita amizade com o P. Luis Dias natural da Villa de Serpa, homem de santa virtude, que depois de sua mor-

te, teſtimunhou ſeu Confeſſor, que fallava com elle S. Joſeph na Imagem, que eſtà na Capella dos enfermos de Evora, *toties quoties, tamquam amicus ad amicum.* Compóz o Padre Morais hum livrinho, que intitulou, Flores de Dezẽbro, eſte ſe imprimio depois de ſua morte em Lisboa com nome de Tacito Ferreyra.

Padre Manoel Pimenta, natural da notavel Villa de Santarẽ no Arcebiſpado de Lisboa, entrou neſte Noviciado de Evora aos 17. de Agoſto de 1560. Eſtando em os Exercicios eſpirituaes de S. Ignacio, antes de fazer os votos, ſe lhe declarou por parte do P. Provincial, que a Companhia o aceytava para Irmaõ Coadjutor temporal: ao que reſpondeo, que iſto queria elle meſmo, & que aſſim lho dava Deos a ſentir. Naõ obſtante eſta reſoluçaõ, depois ſe tomou outra. Foy Sacerdote, fez profiſſaõ ſolemne de tres votos. Acabado o ſeu tempo de Noviço ſe aperfeyçoou nos latins, faculdade em que ſahio excellente. Seis annos enſinou letras humanas com toda a ſatisfaçaõ; & por ſer tão eminente neſta faculdade, o fizeraõ Prefeyto dos noſſos eſtudos de Coimbra; occupaçaõ que tambem fez muytos annos em a Univerſidade de Evora. No officio de Prefeyto foy tam recto, q̃ o tinham por Areopagita, & Radamanto. Sendo geralmente eſtimado por hum dos melhores poetas do ſeu tempo; com ſer iſto aſſim, nunca pode acabar comſigo dar á imprenſa as obras, que compuzera, julgãdo-ſe a ſi, & a ellas por indignas deſtes applauſos. Nas virtudes Religioſas a todos ſervio de eſpelho, & de exemplo, & por iſſo de todos era venerado como homem juſto, & obſervante à riſca dos apices mais miudos das ſuas regras: 16. annos ſe occupou em prègar, & confeſſar no Collegio de Evora, & no Confeſſionario era tam continuo, que mais parecia morar nelle, que no ſeu cubiculo. Delle ouvia as prègaçoens, eſperãdo, que acabadas ellas ouveſſe alguma confiſſaõ. Finalmente cheyo de merecimentos faleceo em o Collegio de Evora ao 1. de Outubro de 1603. Depois de ſua morte ſe imprimiraõ dous tomos dos ſeus poemas, que merecem todas as eſtimaçoens, porq̃ nelles concorrem os primores da poezia latina, como nos que bem a ſouberam. Seus ſaõ os epigrãmas, que o P. Vaſconcellos traz no ſeu Anacephaleoſes dos Reys de Portugal. Deyxou capàz da imprenſa huma grande elegia da Purificaçaõ da Senhora, he paraphraſe da hiſtoria do Euangelho.

Padre Mathias Samgermam, natural de Monſaràs no Arcebiſpado de Evora, entrou na Companhia aos 12. de Junho de 1681. Enſinou letras humanas em Evora, acreſcentou a Proſodia

do

do P. Bento Pereyra, q̃ ſe imprimio em Evora no anno de 1697. deſte trabalho, que foy grande, entiſicou, & morreo no meſmo Collegio. Era Padre de muyta virtude, & de feliz engenho.

Padre Doutor Miguel Tinoco, natural da Cidade de Elvas, aqui foy recebido na Companhia aos 23. de Fevereyro de 1603. com 16. annos de idade, ſendo eſtudante do primeyro curſo; em Evora eſtudou, enſinou latins, Filoſofia, & Theologia atè ſer Lente de Prima, & Cancellario. Foy dos grandes letrados do ſeu tempo, & por eſta cauſa muy conſultado, & as ſuas reſoluçoens avidas por ſolidas, & ſeguras: Prelado ouve Eccleſiaſtico, q̃ apparecendo diante delle parecer do P. Miguel Tinoco, eſſe ſe avia de ſeguir, & naõ outro. Sò foy Reytor do Collegio do Porto, & Provincial da Provincia de Alentejo, quando no Reyno eraõ duas: foy tambem Vice-Provincial da Provincia de Portugal; amiciſſimo de conſervar na Cõpanhia aos ſubditos, a nenhum deſpedio no tempo, que governou; por ventura naõ avia, quem o mereceſſe, porque ſendo tam letrado, & virtuoſo nam diſſimularia em materias, que prejudicaſſe ao bem commum da Companhia, que por eſte meyo ſe alimpa, & conſerva. De todos foy tido por boniſſimo, amigo de fazer bem, homem ſem genero algum de dobrez nem em obras, nem em palavras. Depois de Provincial ſe recolheo a S. Roque, aonde fez o officio de Reſolvedor dos caſos de conſciencia: alli o alcançou a morte aos 11. de Dezembro de 1667. com 80. de idade. Compòz de Juſtitia, & Jure: eſta obra, ou mãdando-a para ſe approvar em Roma, ou jà approvada, para ſe imprimir em o Norte, em o naufragio, que fez o navio, ſe perdeo, com grande ſentimento do bom Padre, que nella gaſtàra muytos annos, & agora os via mal-logrados.

P

P*Adre Pedro de Almeyda*, natural da Cidade de Evora entrou na Companhia aos 21. de Dezembro de 1683. enſinou letras humanas, & Rhetorica em Lisboa, & hũ anno a primeyra de Rhetorica em Coimbra, outro anno as meſmas faculdades em o Noviciado de Lisboa aos noſſos Irmãos humaniſtas. Compóz em Latim hum erudito Commentario ſobre os Emperadores de Suetonio, que ſe eſpera, ſahirão a luz.

R

PAdre *Rodrigo de Figueyredo*, natural da Villa de Coruche no Arcebispado de Evora, tendo 14. annos de idade, & andando no primeyro Curso da Filosofia, foy admittido neste Noviciado aos 17. de Fevereyro de 1608. depois do Noviciado começou instantemente a pertender a Missam da India: concorria nelle tam subido engenho, que os Superiores naõ quizeram deferir à sua petiçaõ; nem por isso desistio, porque queria Deos se visse por este caminho, que elle era o que o chamava: leo alguns annos Latim: depois o mandàraõ estudar Theologia a Roma. Gostou muyto desta jornada, naõ por ver as grandezas, & singularidades daquella santa Cidade, nem por dar mostras do seu engenho naquelle Gèral da Sapiencia de Roma, aonde se ajuntaõ a estudar muytos dos mais luzidos estudantes de todas as Provincias da Companhia de Europa; mas porque estando mais à falla com o Reverendo Padre Geral, podia conseguir a sua tão solicitada petiçaõ. Naõ se enganou, porque o P. Geral vendo q̃ instancias taõ repetidas naõ podiaõ deyxar de ser todas de Deos, sem attender à repulsa, que os Superiores da Provincia lhe tinhaõ dado, lhe concedeo a licença. Logo sem demoras se fez na volta de Portugal, & se embarcou para a India no anno de 1618. Em Goa acabou os estudos de Theologia, & no anno de 1622. se fez á vela para a China, na qual entrou, como em seara, para onde Deos o chamàra.

Trabalhou muytos annos na Cidade de Hamcheu. Depois o mandou a obediencia para a Provincia de Honam com o cuydado de ser tambem Superior dos mais Missionarios da Companhia, que nella avia: nesta Provincia fez grandes frutos à Igreja em 12. annos, que nella viveo. Succederam-lhe grandes perigos por causa de guerras naquelle paiz: Deos o livrou sempre, & muytas vezes quasi milagrosamente. Foy o P. Rodrigo homẽ de singular virtude, da qual deo muytos exemplos ainda antes de ir para as Missoens. A sua hora de oraçaõ logo de manhã a teve sempre sem fallencia de joelhos no meyo do cubiculo cõ as mãos levantadas ao Ceo. Os dias das 40. horas, em que o Senhor està exposto, quasi os levava de joelhos diante do Santissimo, com admiraçaõ de todos, os que o viam. Quãdo alguem tinha necessidade, de que lhe varressem o cubiculo por estar impe-

dido acodia a este serviço com notavel caridade. Servia muytas vezes na cozinha occupãdo se em alimpar, & esfregar os caldeyroens, & outras alfayas do serviço daquella officina. Na modestia, & compostura mostrava, que Deos morava dentro em sua alma, porque as suas acçoens andavam todas em seu lugar. Com este exercicio de virtudes mereceo aquelle espirito de glorioso Missionario, com que por tantos annos se empregou no bem das almas entre os povos da China, & lá deo seu espirito ao Senhor aos 9. de Outubro de 1642. Compòz na lingua da China dous tomos de oraçoens, & varias devoçoens: quatro livros dos Mysterios da Fè em nome de hum China authorizado, & de sangue Real. Mais verteo na mesma lingua os livros de Aristoteles, que tratam dos Ceos.

S

PAdre Doutor *Sebastiaõ de Abreu*, natural da Villa do Crato, Priorado do mesmo nome, neste Noviciado entrou aos 2. de Janeyro de 1610. tendo 15. annos de idade, sendo estudante do primeyro anno de Filosofia. Na Universidade de Evora, andando annos, ensinou Filosofia, & logo Theologia por 15. annos com fama de grande letrado. Das cadeyras passou por ordem da obediencia a Roma a fazer o officio de Revisor, no qual se deteve por oyto annos. Voltando para o Reyno fez por 14. annos officio de Cancellario na Universidade de Evora. Era rigido comsigo, & mortificado, alèm da oraçaõ da Communidade, tinha elle outras muytas horas jà no seu cubiculo, jà na Capellinha da Conceyçam, aonde era visto com olhos arrazados em lagrimas no tempo, que orava. Usava de asperos cilicios, & tomava rigurosas disciplinas. A alfaya que possuhia de mais estima no seu cubiculo, era huma grande cortiça, sobre a qual dormia frequentemente. As exortaçoens espirituaes que fazia à Communidade na Capella, pareciaõ de hum dos Santos Padres da Igreja, cheyas de tanta devoçaõ, pezo, & autoridade, que se pòde dizer delle, que *Erat potens in dicendo:* davalhe muyta alma com a austeridade da sua observancia, que era de Religioso em tudo cabal, & perfeyto.

Fez muyto bem ao Collegio de Evora, que com razaõ o pòde contar entre os seus singulares bemfeytores: elle para a recreaçaõ dos convalescentes ladrilhou á sua custa, & guarneceo de

de azulejo a fermoſa varanda das enfermarias. Deo á Capella da Conceyçaõ hum ornamento de tèla. A ſua principal obra foy a Capella da quinta de Valbom, que ſem duvida he das melhores que ha em caſa de campo em todo eſte Reyno. Jà eſtava fechada a aboboda, quando deſdizendo huma das paredes ſe veyo ao chaõ. Acodio o Padre Sebaſtiaõ de Abreu ao eſtrondo da ruina,(morava entam no cubiculo mais vizinho) & vendo a ſua obra por terra, diſſe unicamente: Se Deos quizer, ainda averá para a levantarmos ſegunda vez. Logo mandou ſeparar os materiaes, para ſe meter mão á obra. Quando aſſiſtia a eſta ſeparaçaõ, lhe chegou nova do Collegio em como entrando grande copia de agua em huma caſa, aonde tinha os ſeus Parocos, lhe lançàra a perder numero conſideravel. Todas eſtas perdas, que elle ſó ſentia pelo detrimento q́ niſſo teria a Religiaõ, nenhum abalo, nem ſoſobro lhe cauſàram. O coraçaõ do Padre Abreu foy conhecidamente de esfera tam eſpaçoſa, que quaeſquer deſgoſtos, por grandes que foſſem, ſe arrumavaõ nelle ſem deſenquietar a caſa, nem dar ſinaes, de que eſtavaõ dentro. A obra da Capella ſe tornou a levantar, & a fazer de todo, como eſtava, quando ſe veyo abayxo. Morreo o Padre Sebaſtiaõ de Abreu de hum accidente de apoplexia, o qual lhe deo lugar a receber todos os Sacramentos, & elle andava tam prevenido para eſta hora, como quem ſó tratava da outra vida. Foy ſeu falecimẽto em 18. de Outubro de 1674. com 80 annos de idade: dizia eſte Padre que hũ dos mayores favores, q́ Deos lhe fizera, julgava elle ſer, o naõ ter ſido Superior. Imprimio o livro, q́ ſe intitula, *Paroco perfeyto*, obra q́ teve grãde aceytaçaõ, & muyto gaſto, & com os lucros della fez as obras, que ficaõ referidas. Tambem imprimio a Vida do Padre Joaõ Cardim da noſſa Companhia; deyxou ſete, ou oyto tomos de materias de Theologia promptos para ſe darem à impreнſa, o que ſe naõ fez atè o preſente.

Padre Doutor Sebaſtiaõ de Couto, natural da notavel Villa de Olivença no Biſpado de Elvas, da principal nobreza daquelle povo, tendo quinze annos de idade, & andando na quinta claſſe deſta Univerſidade, foy recebido na Companhia aos 8. de Dezembro de 1582. Naquelles tempos tambem entravaõ de claſſes de Grammatica, quando eram de engenhos conhecidos, porque em avendo eſtes, o demais facilmente ſe ſupre. Eſtudou o Padre Couto, & tudo ſoube, como os que naquellas faculdades tem as primeyras eſtimaçoens. Compôz a Logica do Curſo Conimbricenſe, que ſe imprimio. Imprimio tambem hum Ser-

maõ

maõ do Auto da Fè. O demais fica dito em ſua vida.

Padre Sebaſtiaõ Barreto, natural de Loure termo de Aveyro no Biſpado de Coimbra, entrou na Cõpanhia em Evora aos 18. de Mayo de 1585. de 17. annos de idade. Foy profeſſo de quatro votos. Paſſou à India. Trabalhou em diverſos lugares. Foy Reytor do Collegio de Goa, morreo em Goa no anno de 1625. Eſcreveo, como tem a Bibliotheca da Companhia, as Annuas da Provincia de Goa do anno de 1624.

Padre Sebaſtiam Gonçalves, de Ponte de Lima, entrou aos 29. de Março de 1574. paſſou à India, là compòz tres tomos da Hiſtoria da Companhia da India, & huma Hiſtoria dos Varões, inſignes em virtude, & letras, que florecèraõ na India: faleceo em Goa aos 23. de Março de 1619. delle fica eſcrito no livro ſegundo deſta obra.

Padre Valentim Carvalho, natural de Lisboa, entrou na Cõpanhia em Evora aos 4. de Dezembro de 1576. com 17. annos de idade. Enſinou letras humanas ſete annos. Tres Filoſofia em Lisboa. Eſtando na flor dos ſeus eſtudos, em que era de grande engenho, & talentos, deyxando todas ſuas eſperanças de magiſterios eſplendidos, foy para Japaõ no anno de 1594. com o Biſpo Dom Luis de Cerqueyra. Enſinou Theologia em Macao. Foy por oyto annos Reytor daquelle Collegio. Por ſeis annos Provincial de Japaõ. Morrendo o Biſpo ficou por Governador do Biſpado. Morreo na Provincia de Goa no anno de 1631. Eſcreveo o ſupplemẽto das Annuas de Japaõ do anno de 1600. que ſe imprimio em Roma.

Padre Sebaſtiam Gonçalves, de Ponte de Lima, aqui entrou, & foy Meſtre dos Noviços, paſſou à India, là compôz os livros, & Hiſtoria da India, como fica dito em outro lugar neſta obra.

A Univerſidade de Evora, tambem he razaõ tenha aqui ſeu lugar. Foy fundada por elRey Dom Henrique, que a entregou toda à Companhia no anno de 1559. conſta de oyto claſſes de Latim, & Rhetorica, quatro de Filoſofia, duas cadeyras de Moral, quatro de Theologia, huma das quaes he de Eſcritura, dous ſubſtitutos de Theologia; tem actualmente cadeyra de Mathematica; tem mais duas eſcolas, huma de ler, outra de eſcrever. Nella tem florecido homens em letras excellentes. Nella teve principio a *Sciencia Media*, como ſe diz na vida do Padre Luis de Molina. O noſſo Collegio he hum dos mais numeroſos da Companhia. Tem annexo a ſi outro grande Collegio chama-

do

do da Purificaçaõ, de Theologos seculares, governado pela Cõpanhia. O seu Reytor alèm destes dous Collegios he Reytor da Universidade, & Superior de outro Collegio chamado da Madre de Deos, onde põem Reytor secular. Traduzio a Universidade em Latim, & imprimio hum livro de Homilias feyto pelo Serenissimo Cardeal Rey seu Fundador.

Estes saõ os Escritores, de que pude ter noticia, muytos outros por ventura passarei em silencio por falta de noticia delles. Nesta narraçam segui o costume dos que escrevem Bibliothecas, que he dar noticia do Autor, ainda que a obra, que deo a luz, fosse muy pequena, como hum Sermaõ, huma devoçaõ, & semelhantes escritos de menos volume, pois tudo he em honra de Deos, & utilidade do bem commum.

LAUS DEO.



INDICE

DE ALGVNS EXEMPLOS DAS virtudes: o primeyro numero ſignifica a pagina, o ſegundo o paragrafo, que às vezes começa na pagina antecedente.

A

B

C

D

E

F

G

H

I

L

Maria,

M

N

O

P

R

S

T

V

Z